

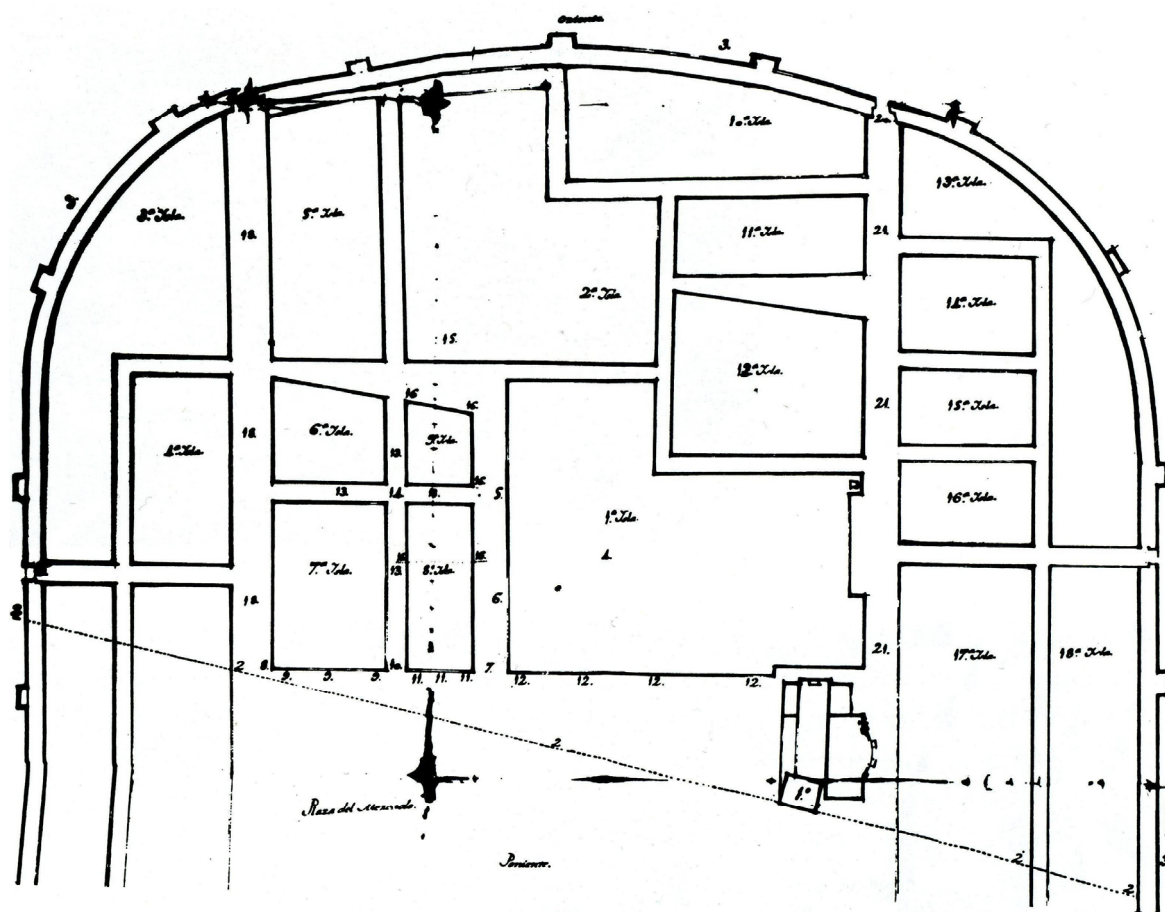
A Universidade na Cidade.

***Urbanismo e Arquitectura Universitários na Península Ibérica
da Idade Média e da Primeira Idade Moderna***

RUI LOBO

Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra

2010



A Universidade na Cidade.

***Urbanismo e Arquitectura universitários na Península Ibérica
da Idade Média e da Primeira Idade Moderna***

RUI LOBO

Dissertação de Doutoramento em Arquitectura
(especialidade de Teoria e História da Arquitectura)
apresentada à Universidade de Coimbra
2010



Programa Operacional Ciência e Inovação 2010

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



ORIENTADORES:

Professor Doutor Paulo Varela Gomes

(Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra)

Professora Doutora Hilde de Ridder-Symoens

(Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, Universiteit Gent)

Resumo

A dissertação visa analisar os processos de implantação urbana das universidades ibéricas ao longo dos primeiros quatro séculos do fenómeno universitário na Península. Visa igualmente esclarecer o desenvolvimento dos modelos tipológicos da arquitectura universitária ibérica, tanto colégios como edifícios-sede das escolas. Analisa-se o texto de Alfonso X, o Sábio, na segunda das *Siete Partidas*, dedicado ao estudo geral e à sua situação ideal. Faz-se a cartografia do processo de instalação dos primeiros estudos gerais medievais nas diversas cidades, desde logo em Salamanca. Recolhem-se os primeiros indícios de um urbanismo universitário programado. Estuda-se o processo de conformação espacial das primeiras grandes operações universitárias *ex-novo* à escala europeia – a construção do bairro universitário de Alcalá de Henares (a partir de 1499) e a abertura da rua da Sofia em Coimbra (nos anos seguintes a 1537). Salientam-se os edifícios universitários marcantes no contexto europeu, na transição da Idade Média para a Idade Moderna. Sistematiza-se a organização funcional e tipológica dos primeiros e mais significativos edifícios universitários ibéricos. Faz-se uma avaliação crítica da genealogia dos modelos vigente e procede-se à sua revisão em face das conclusões dos estudos de caso realizados. Finalmente, e a partir de um tronco comum, procede-se à sistematização dos vários tipos de edifícios universitários, no contexto do surgimento de novas academias (por vezes centradas num único edifício, o “*colegio-universidad*”) ao longo do século XVI.

Palavras Chave

arquitectura universitária

colégio

urbanismo universitário

Salamanca / Valladolid / Coimbra / Alcalá de Henares

Península Ibérica

Abstract

The dissertation aims to analyse the location of the Iberian universities amongst their urban setting, during the first four centuries of the universities' existence in Spain and Portugal. It also aims at clarifying the development of the typological models of Iberian university architecture, both colleges and central schools buildings. We analyse the theoretical text of King Alfonso X of Castille and León, in the second of the *Siete Partidas*, concerning the *studium generale* and its ideal location. The cartography of the settlement processes of the first medieval *studia generalia* is presented, starting with Salamanca. The first data of a prefigured university geography is tracked down. The first major *ex-novo* urban projects, related to the university at an European scale, are also studied, both Alcalá de Henares' new university quarter (from 1499) and the later *rua da Sofia* (Sofia Street), in Coimbra, opened around 1537. The most significant university buildings from the medieval and early modern periods (and in a wider continental context) are pointed out. We systemize the functional and typological organization of the first, most relevant, Iberian university buildings. A critical revision of the current genealogy of Iberian university architecture is put forward, based on the conclusions of the selected case studies. Finally, we proceed with the classification of the various types of university buildings in the broader context of the sixteenth century, during which a significant number of new universities were created, some of them consisting of one sole central building, both residential and for teaching, the "*colegio-universidad*".

Key Words

university architecture

college

university geography

university planning

Salamanca / Valladolid / Coimbra / Alcalá de Henares

Iberian Península

Agradecimentos

Ao Professor Paulo Varela Gomes agradeço a supervisão atenta e empenhada da presente dissertação, os comentários sempre valiosos e estimulantes, e a visão desimpedida sobre outros horizontes (desde logo sobre o que se passa aqui ao lado, em Espanha). Deve-se, sobretudo, à sua sugestão de enquadrar a arquitectura e urbanismo universitários de Coimbra num pano de fundo mais vasto, a tese que aqui fica.

À minha co-orientadora Professora Hilde de Ridder-Symoens (da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Ghent) expresso a minha gratidão por me ter aceite como seu orientando a partir de um simples e-mail, enviado em 2004, com o meu projecto de dissertação. Queria agradecer-lhe as valiosas referências bibliográficas na fase inicial da pesquisa, os comentários que fez ao trabalho e a sua hospitalidade – muito apreciei as conversas com o seu marido, Leo, e o livre acesso à sua magnífica biblioteca pessoal dedicada à história das universidades

Quero agradecer à Fundação para a Ciência e Tecnologia a atribuição de uma bolsa de doutoramento que permitiu suportar as despesas de um trabalho deste tipo, que implicou percorrer, num par de anos, quase toda a Península Ibérica, por entre universidades históricas, bibliotecas e arquivos. Sem esse apoio decisivo esta dissertação não seria, de modo algum, possível.

Agradeço também à Fundação Calouste Gulbenkian o apoio concedido na fase inicial da pesquisa, importante para ajudar a balizar, com maior rigor, o tema e os objectivos deste trabalho.

Outros agradecimentos são devidos. Desde logo ao Professor Alexandre Alves Costa, meu orientador nas provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, que defendi em 2000, professor da cadeira de História da Arquitectura Portuguesa, de quem fui assistente ao longo de vários anos no Departamento de Arquitectura da FCTUC (e de quem sou novamente assistente, no seminário de investigação em arquitectura). Com ele aprendi a interpretar espacialmente e através do desenho – dir-se-á arquitectonicamente

– a história dos edifícios e das cidades. Com ele desenvolvi, nas aulas práticas de *HAP*, a metodologia (julgo que frutuosa) que empreguei nesta e noutras pesquisas.

Ao Professor Michael Kiene da Universidade de Colónia, devo produtivas discussões sobre a arquitectura universitária europeia (que ele, melhor que ninguém, conhece) quer numa visita que lhe fiz à Alemanha, quer pelo constante contacto por correio electrónico. Agradeço-lhe vivamente ter disponibilizado uma colecção dos seus mais importantes e valiosos artigos científicos à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Da Universidade de Salamanca, quero sobretudo relevar o Professor Angél Vaca Lorenzo, com quem tive uma simpática conversa no seu gabinete da Faculdade de Geografia e História e que me cedeu, em primeira mão, uma cópia de um seu importante artigo (na altura, ainda em publicação), sobre as localizações do estudo medieval salmantino; e também a Professora Nieves Rúperez, sempre disponível, e com quem discuti sobre a vasta bibliografia de sua autoria, dedicada à arquitectura e ao urbanismo universitários de Salamanca. Obrigado também a Carlos Macarro Alcalde. Ao arquitecto Eduardo Dorado Diaz, dos serviços de infra-estrutura e arquitectura da universidade, agradeço a facultação de diverso material gráfico.

Quero agradecer igualmente as agradáveis e estimulantes conversas sobre o tema desta dissertação com os Professores Alfonso Álvarez Mora (na Escola Superior de Arquitectura de Valladolid, que me cedeu um belo conjunto de reproduções de planos antigos daquela cidade), Felipe Pereda (da Universidade Autónoma de Madrid, que me indicou valiosa bibliografia), Ramon González Navarro (investigador e profundo conhecedor da história de Alcalá de Henares e da sua universidade) e Amadeo Serra Desfilis (da Universidade de Valência, e que tem feito a ponte entre a Espanha e a península Itálica).

Uma palavra especial é devida ao Arquitecto Carlos Clemente San Román (da *Oficina Técnica* da nova Universidade de Alcalá de Henares) por todo o apoio prestado nas minhas frequentes visitas a Alcalá. Muito agradeço todo o material disponibilizado, desde as publicações da universidade, a material

gráfico de levantamento dos edifícios. Com ele fotografei a magnífica maqueta de reconstituição de Alcalá de Henares em finais do século XVII.

Novamente em Coimbra estou particularmente grato a mais três pessoas. Ao Professor José Luís Brandão da Faculdade de Letras, que me ajudou com as traduções de textos latinos para português a quem agradeço a total disponibilidade e competência. À Dr^a (em breve, “Doutora”) Graça Simões, da biblioteca do Departamento de Arquitectura que conseguiu sempre, em tempo útil, a bibliografia de que precisava, por entre os nem sempre fáceis procedimentos dos empréstimos inter-bibliotecários. Ao meu amigo e colega de longa data, Nuno Nina Martins, pela disponibilidade nos momentos sempre críticos das fotocópias e encadernações.

Uma palavra de apreço é também devida aos meus colegas do Departamento de Arquitectura, e aos alunos e funcionários, pelo estímulo sempre novo de todos os dias e por me concederem uma existência profissional alternativa “para além” da dissertação.

Quero ainda expressar o meu reconhecimento à Comissão Científica do Departamento de Arquitectura da FCTUC por me ter dado as condições necessárias (em termos de dispensa de serviço docente previsto na lei) ao desenvolvimento do presente trabalho.

Aos meus pais agradeço o apoio constante ao longo de mais esta etapa. Obrigado também aos meus irmãos, Susana e João.

Finalmente, uma palavra especial para a Sandra, a quem mais devo, por todas as razões e por ter suportado a “rectaguarda” em nossa casa, ao longo das minhas frequentes (e nem sempre curtas) *sortidas* por Espanha. Ao Pedro, à Filipa e à Mariana espero compensar-lhes, no futuro próximo, algum do tempo que lhes retirei na realização deste trabalho.

Dedico esta dissertação a meu pai, Lélío Quaresma Lobo, cujo percurso de vida cedo levou a familiarizar-me com as universidades, em Lourenço Marques, em Oxford e, por fim, em Coimbra.

Sumário

Introdução, p.19

- a) Tema da dissertação e sua delimitação, p.21*
- b) Estado da arte e pertinência da tese, p.23*
- c) Sinopse da bibliografia geral, p.28*
- d) Sinopse da bibliografia específica, p.34*
- e) Metodologia e organização do trabalho, p.36*
- f) Estudos gerais ibéricos, p.41*
- g) Objectivos, p.50*

1. A Universidade na Cidade, p.53

1.1. A universidade nas cidades europeias da Idade Média e da transição para a Idade Moderna, p.55

- a) “Universidade” e “Estudo Geral”, p.55*
- b) Os primeiros indícios de um urbanismo universitário, p.60*
- c) Bolonha e a visão ideal de Buoncompagno da Signa, p.61*
- d) Paris e o Quartier Latin, p.67*
- e) Outras universidades e cidades europeias, p.73*
- f) O século XV e o impulso decisivo para um urbanismo universitário, p.87*

1.2. As «Siete Partidas» de Alfonso X, o Sábio, p.91

- a) As Siete Partidas, o Fuero Real e o Espéculo, p.91*
- b) A política universitária de Alfonso X: Salamanca, Sevilha (e Valladolid?), p.95*
- c) O título XXXI da segunda «partida», p.98*
- d) A localização ideal das escolas, p.102*
- e) Um estudo fundado por Sancho IV, p.106*

1.3. Salamanca: implantação urbana da mais destacada universidade ibérica, p.109

- a) *Fundação do estudo geral*, p.109
- b) *Cidade e universidade. Espaços adstritos ao estudo no claustro da sé*, p.114
- c) *Escolas de cânones e escolas de leis. As Escuelas Mayores*, p.118
- d) *Escuelas Menores*, p.123
- e) *Hospital do estudo*, p.124
- f) *Livreiros*, p.126
- g) *Colégios universitários seculares (sécs. XIV-XV)*, p.127
- h) *Conventos e colégios de religiosos (sécs. XIII-XV)*, p.130

1.4. Valladolid, uma universidade sem instalações próprias até meados do século XV, p.135

- a) *Fundação*, p.135
- b) *Locais de funcionamento do estudo geral – a colegiada de Santa Maria*, p.138
- c) *A capitalidade de Valladolid*, p.141
- d) *A nova sede da calle de la Librería, na transição de Quatrocentos para Quinhentos*, p.143
- e) *Os colégios de Santa Cruz e de San Gregório*, p.147

1.5. Lisboa e as quatro sedes do seu estudo, p.155

- a) *Fundação do estudo geral português e as primeiras instalações em Lisboa*, p.155
- b) *O bairro dos escolares trecentista*, p.160
- c) *A sede henriquina (1431)*, p.163
- d) *A sede manuelina (1503)*, p.171
- e) *Os colégios*, p.182

1.6. Lérida / Lleida e o nascimento de um primeiro “bairro dos escolares”, p.189

- a) *Fundação*, p.189
- b) *O bairro universitário*, p. 192
- c) *As escolas*, p.198
- d) *Os colégios*, p.204

1.7. Coimbra e a dotação de um precoce “palácio” universitário, p.207

- a) *O bairro dos escolares na Almedina, p.207*
- b) *A sede do estudo dionisino, p.212*
- c) *Outras localizações das escolas, p.220*
- d) *O projecto quatrocentista de estabelecimento de uma segunda universidade portuguesa, p.222*

1.8. Outras fundações universitárias dos séculos XIV e XV, p.225

- a) *Perpignan, 1350, p.225*
- b) *Huesca, 1354, p.229*
- c) *Barcelona, p.233*
- d) *Palma de Maiorca, p.238*
- e) *Sigüenza, 1489, p.243*
- f) *Valencia, 1501, p.249*

1.9. Alcalá de Henares e o moderno bairro universitário do cardeal Cisneros, p.257

- a) *Uma nova universidade centrada nos estudos teológicos, p.257*
- b) *A escolha de Alcalá de Henares, p.263*
- c) *A fundação da universidade e o início da construção do colegio Mayor de San Ildefonso, p.269*
- d) *Melhoramentos urbanos, doações patrimoniais e o desenvolvimento de uma política imobiliária, p.280*
- e) *Imprensa e livreiros, p.286*
- f) *A construção de casas de estudantes e dos colégios de pobres em redor do colegio Mayor de San Ildefonso, p.288*
- g) *O centro e a imagem do bairro universitário, p.298*
- h) *Desenvolvimentos posteriores ao falecimento de Cisneros, p.307*

2. Colégios e Sedes do Estudo, p.319

2.1. Tipos arquitectónicos: colégios e edifícios-sede dos Estudos, p.321

- a) Colégios, p.322
- b) Sedes dos estudos, p.354

2.2. O collegio di Spagna, em Bolonha.

O primeiro edifício colegial «ex-novo» da Europa, p.373

- a) Fundação, p.373
- b) Organização funcional, p.377
- c) Um exemplar de arquitectura civil, p.387

2.3. O colégio de Santa Maria ou de Domingo Pons.

Um colégio construído de raiz em Lérida, p.393

2.4. O colégio de San Bartolomé, em Salamanca.

O primeiro dos Colegios Mayores espanhóis, p.401

2.5. Escuelas Mayores de Salamanca I.

O edifício anterior à reforma de inícios de Quinhentos, p.411

- a) Origem da actual sede da universidade, p.411
- b) A conformação de um edifício tendencialmente quadrado, p.413
- c) A reforma conduzida pelo mestre-escola Alfonso de Madrigal, “El tostado”, p.420
- d) A construção da biblioteca sobre a nova capela e a conclusão do pátio, p.422
- e) A descrição das escolas por Lúcio Marineo Sículo, p.428

2.6. O colégio de Santo Antonio Portaceli em Sigüenza:

o primeiro “colegio-universidad”, p.435

2.7. O colégio de Santa Cruz de Valladolid. A magnífica obra do cardeal Mendoza, p.449

- a) Fundação, p.450
- b) Construção, p.454
- c) Organização funcional, p.460
- d) O pátio, p.467
- e) A construção das galerias altas do pátio por Domingo de Ondategui, em 1744-45, p.469

f) O segundo andar alto: reflexão sobre a volumetria original do colégio, p.478

g) Outras transformações setecentistas, p.483

h) Conclusão, p.485

2.8. O colégio de San Gregório de Valladolid, e a arquitectura autónoma de um colégio religioso regular, p.487

a) Fundação, p.487

b) Os dominicanos e a Universidade, p.489

c) Distribuição dos espaços do colégio, p.493

d) Conclusão, p.498

2.9. Escuelas Mayores de Salamanca (II).

A nova biblioteca e a “fachada rica” de poente, p.501

a) Uma ampliada capela das escolas, p.502

b) O projecto definitivo para a “Catedral Nueva” de Salamanca, p.504

c) A obra da nova biblioteca da ala poente, p.507

d) A monumental “portada rica”, nova fachada da universidade, p.510

e) Conclusões, p.514

2.10. O colegio Mayor de San Ildefonso, em Alcalá de Henares.

O primeiro edifício e o notável teatro académico, p.519

a) A construção do colégio-universidade, p.519

b) Organização funcional e tipologia, p.522

c) Um novo equipamento universitário: o teatro académico ou “paraninfo”, p.527

d) O pátio de contínuos, p.530

e) A nova fachada de pedra, p.534

f) Outros desenvolvimentos posteriores, p.537

3. Os séculos XVI e XVII, uma síntese, p.541

3.1. Universidades Ibéricas fundadas nos séculos XVI e XVII, p.543

3.2. As universidades ibéricas na cidade (1531-1650), p.549

- a) *A localização ideal das escolas, por Luís Vives, p.549*
- b) *O «patio de Escuelas» e a conformação do bairro universitário de Salamanca, p.551*
- c) *Operações urbanas para a instalação da universidade portuguesa em Coimbra, p.560*
- d) *Alcalá de Henares, p.580*
- e) *Evolução urbana das restantes universidades medievais, p.586*
- f) *Implantação das novas universidades quinhentistas, p.590*
- g) *O impacto dos jesuítas – tema para o urbanismo universitário ibérico do século XVII, p.607*

3.3. Arquitectura universitária – colégios e sedes dos estudos, p.609

- a) *Edifícios sede dos estudos, p.611*
- b) *Escolas menores e colégios das artes, p.630*
- c) *Colégios Mayores, p.639*
- d) *Colégios seculares, p.651*
- e) *Colégios de ordens militares, p.667*
- f) *Colégios regulares, p.672*
- g) *Colégios-universidade, p.681*
- h) *Seminários-universidade, p.715*
- i) *Conventos-universidade, p.718*

Conclusões, p.739

Bibliografia, p.757

Anexos, p.807

Anexo I. *Excerto da «Rethorica Novíssima», Buoncompagno della Signa, c.1235, p.809*

Anexo II. *«Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso», Segunda Partida, Título XXXI, p.812*

Anexo III. *Código do direito civil, Livro IV, Título XIII, «Nova constituição de Frederico», p.819*

Anexo IV. *Código do direito civil, Livro XI, Título XVIII, «Dos estudos liberais na cidade de Roma e na de Constantinopla», p.821*

Anexo V. *Excerto da descrição do collegio di Spagna, por Juan Ginés de Sepúlveda, 1542, p.823*

Anexo VI. *Contrato entre o colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid e Domingo de Ondategui, para reconstrução do pátio do colégio, 26 de Junho de 1744. Archivo Historico Provincial Valladolid, Protocolos, Legajo 3.416, p.825.*

Anexo VII. *Excerto do «De Disciplinis», Juan Luís Vives, 1531, p.831*

Abreviaturas utilizadas

AGMM	– <i>Archivo General Militar, Madrid</i>
AGUCM	– <i>Archivo General de la Universidad Complutense de Madrid</i>
AHNM	– <i>Archivo Historico Nacional, Madrid</i>
ANTT	– Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa)
AUC	– Arquivo da Universidade de Coimbra
AUSa	– <i>Archivo de la Universidad de Salamanca</i>
CSIC	– <i>Consejo Superior de Investigaciones Científicas</i>
FCG	– Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa)
FCT	– Fundação para a Ciência e a Tecnologia
FCTUC	– Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
FLUC	– Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
FLUP	– Faculdade de Letras da Universidade do Porto
MNMC	– Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra)
UC	– Universidade de Coimbra

Introdução

a) Tema da dissertação e sua delimitação

A presente dissertação de doutoramento em arquitectura (especialidade de teoria e história da arquitectura) pretende estudar o urbanismo e a arquitectura universitários na Península Ibérica, desde a origem do fenómeno (em inícios do século XIII) até ao seu desenvolvimento pleno, ao longo do século XVI e inícios do século XVII.

Por um lado, pretende-se fazer a história do surgimento de um **urbanismo universitário** na Ibéria. Ou seja, analisar e documentar o processo de consolidação de uma prática e de uma teoria relativas à implantação urbana, quer dos espaços lectivos necessários ao funcionamento dos primeiros estudos gerais, quer dos espaços de residência das comunidades escolares.

Faremos já aqui a distinção sumária entre “universidade” e “estudo geral”, entendendo o primeiro termo como comunidade ou agremiação de pessoas, de formação mais ou menos espontânea (nestes casos a “universidade dos estudantes” ou a “universidade de mestres e estudantes”), e o conceito de estudo geral como o de uma entidade reconhecida universalmente, em princípio pelo Papa, e que atribuía graus válidos para toda a Cristandade. Com o tempo a primeira designação iria incorporar a segunda. Voltaremos, mais à frente, a estas duas noções.¹

Particularidade dos estudos gerais ibéricos (como também discutiremos mais à frente) foi a de terem sido todos de fundação pré-determinada. Não houve, na Península, nenhuma universidade de formação espontânea, como ocorreu em Bolonha, Paris, Oxford, Cambridge, Montpellier ou Pádua, para citarmos os casos mais famosos e antigos. Como veremos, os vários estudos gerais ibéricos tiveram também um funcionamento original variado, em razão de se tratar de fundações de índole também diversa – régia, episcopal ou municipal, ou ainda resultantes da associação eventual destes poderes. Neste sentido, e nos reinos peninsulares, foi frequente a instalação dos primeiros locais das aulas em claustros de catedrais ou de igrejas-colegiadas, em casas correntes ou ainda noutro tipo de edifícios civis. Frequentemente, era também determinado um perímetro urbano em torno destes espaços centrais, um

¹ Veja-se o capítulo 1.1, secção a), da presente dissertação.

“bairro universitário”, onde poderia residir a comunidade universitária usufruindo de determinadas condições, em particular no que toca ao preço controlado das habitações. Paralelamente, podemos observar, em meados do século XIII, a fixação de uma produção teórica sobre os locais onde se deveriam implementar as escolas, consagrada nas *Siete Partidas*, código legislativo do Rei de Castela e Leão Alfonso X, no que constitui uma outra característica do contexto universitário ibérico.

O desenvolvimento da complexidade das universidades em número de alunos, de professores e de cadeiras, implicou a cada vez maior necessidade de utilização de espaços mais alargados e mais preparados para as funções a que se destinavam. O aumento das dotações económicas proporcionadas pelos patrocinadores, tornou também possível um incremento das condições físicas de instalação das escolas e das comunidades universitárias. Assim, poderemos observar como de pressupostos espaciais relativamente limitados e modestos, se passou a equacionar a construção de novos conjuntos de edifícios e inclusivamente de novas áreas urbanas. O caso mais marcante desta evolução foi, sem dúvida, o da fundação universitária de Alcalá de Henares patrocinada pelo cardeal Jimenez de Cisneros a partir de 1499, naquela antiga vila do centro de Castela, caso notável à escala europeia. Tanto mais que se tratou de uma tentativa de reestruturar toda uma área urbana, dedicando-a ao funcionamento da universidade, pela construção de novos edifícios lectivos e de novos colégios e habitações para mestres e estudantes.

Por outro lado, pretende-se também analisar nesta tese o desenvolvimento paralelo de uma **arquitectura universitária** específica, a partir do momento em que se alteravam e/ou adaptavam determinados edifícios pré-existentes para as funções lectivas ou para residência das comunidades universitárias. Este processo levaria à definição de tipologias arquitectónicas para os dois géneros fundamentais de edifícios universitários – os colégios, ou seja, edifícios residenciais instituídos por determinados fundadores e dotados de rendimentos próprios; e as sedes das escolas, onde ocorriam as actividades lectivas. Neste registo, deve relembrar-se o enquadramento hispânico do primeiro colégio construído de raiz na Europa, o *colegio de San Clemente*, dos estudantes

espanhóis de Bolonha (Itália) levantado entre 1365 e 1367, actualmente conhecido por *collegio di Spagna*. Na Península Ibérica surgiriam também sedes universitárias instaladas em edifícios reformados e renovados, progressivamente maiores e mais complexos, evolução de que as *Escuelas Mayores* de Salamanca constituem o caso mais representativo. A partir de finais de Quatrocentos, desenvolver-se-iam também os colégios-universidades, edifícios que aglomeravam as funções de centro lectivo da universidade e de residência de mestres e de estudantes, que se tornariam recorrentes nas novas universidades espanholas de pequena dimensão.

O espaço do estudo desenvolvido na dissertação é o da Península Ibérica, incluindo abordagens breves aos casos de Perpignan (cidade que esteve integrada na coroa aragonesa, em geografia de evidente proximidade territorial e cultural) e ainda de Palma, na ilha de Maiorca. Faremos também uma visita obrigatória e mais atenta a Bolonha e ao *colegio de San Clemente*, em consequência das notáveis particularidades deste imóvel. Não trataremos dos estudos gerais dos territórios da coroa aragonesa (Nápoles, Catânia) exteriores ao espaço peninsular.

O tempo de análise é o da origem do fenómeno universitário na Península Ibérica, desde a efémera fundação do estudo geral de Palência, estabelecido em inícios do século XIII, até à conclusão da primeira fase de implantação da universidade de Alcalá de Henares, que coincidiu com a morte do cardeal Cisneros, em 1517. Abordaremos, assim, detalhadamente, o período longo de transição da Idade Média para a Idade Moderna. Faremos ainda, na terceira e última parte da dissertação, uma síntese dos desenvolvimentos do urbanismo e arquitectura universitários ao longo do restante século XVI e primeiro terço do século XVII.

b) Estado da arte e pertinência da tese

Da identificação e do enquadramento temáticos que acabámos de realizar poderá resultar a ideia de que a história do urbanismo e da arquitectura universitários na Península Ibérica estará já estabelecido nas suas linhas mais

gerais e nos seus marcos mais relevantes. Sendo esta afirmação em parte verdadeira, deverá dizer-se, também, que em parte o não é.

Se, por um lado, existe grande abundância de estudos de caso (edifício a edifício, ou dentro do âmbito concreto de cada cidade universitária, em períodos temporais latos) por outro, e no que toca ao desenvolvimento tipológico dos colégios, de acordo com Felipe Pereda (que fez, em 2000, um importante estado da questão) “*no existe ningún trabajo sistemático sobre el problema español*”.² Não havendo um estudo aprofundado de conjunto, o mesmo autor, “a modo de introdução”, remete para os ensaios de Lampérez y Romea e de César Martinell, dedicados ao tema.

Com efeito, Vicente Lampérez y Romea reserva um capítulo inteiro da sua *Arquitectura Civil Española* (1922) aos “*Edificios de Enseñanza*”, e em particular às universidades e colégios.³ Trata-se de uma primeira abordagem especificamente arquitectónica sobre os edifícios universitários de Espanha, em que se estabelece a diferença entre as sedes das escolas e os colégios. Baseando-se ambos num programa comum (o do sistema de ensino da época, que não era outro “*que el de la lectura del libro de texto concertado por el profesor*”) Lampérez distingue o programa dos colégios esclarecendo que é o mesmo do das sedes universitárias, apenas “*con las adiciones inherentes a las becas o internado: dormitorios, refectorios, cocinas, bodegas, etc, etc, y habitaciones de preceptores y fámulos*”.⁴ Partindo do reconhecimento, feito por Alfonso X nas *Partidas*, da necessidade de edifícios próprios para os estudos, faz também uma primeira seriação dos mais notáveis edifícios universitários espanhóis constatando, desde logo, que “*Cuenta España, para gloria de su Arquitectura, con copiosa serie de magníficos edificios de enseñanza, de los siglos XIV a XVII, en contraste con la escasez que de ellos hay en otros países, Francia principalmente*”.⁵ César Martinell, em artigo publicado (1948)

² Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, p.23, nota 11. O livro corresponde a uma tese de doutoramento defendida na *Universidad Autónoma de Madrid*, em 1996.

³ Vicente LAMPÉREZ Y ROMEA, *Arquitectura Civil Española*, Tomo II, Madrid, 1922, p.139-170.

⁴ *Ibidem*, p.143.

⁵ *Ibidem*, p.139.

na revista *Cuadernos de Arquitectura*,⁶ retoma a matéria, na senda das linhas mestras definidas pela obra de Lampérez, aprofundando pontualmente o contexto específico da Catalunha, e em períodos mais recentes.

No campo das monografias específicas reservadas a determinados edifícios, devemos sobretudo destacar (e para além do próprio livro de Felipe Pereda, dedicado ao edifício central da universidade de Salamanca) o mais recente livro de Nieves Rupérez (2003)⁷ que revela importantes dados de investigação relativos ao primitivo edifício (já desaparecido) do *colegio Mayor de San Bartolomé* de Salamanca, levantado a partir de 1413, fundamental para a compreensão da fase inicial do processo tipológico e formal.

Do ponto de vista das análises das implantações urbanas dos edifícios universitários existem também vários estudos dedicados a cada uma das cidades ou vilas universitárias que estudaremos mais adiante. Quanto a estudos de análise comparada e de síntese, o panorama é bastante mais limitado. Neste campo, devemos referir-nos a um artigo, publicado em 1996, de Consuelo Gómez López (autora também de uma monografia, que naturalmente citaremos, dedicada ao urbanismo universitário de Alcalá de Henares) e que trata de vários casos seleccionados de entre as universidades espanholas – “La «*Renovatio Urbis*»: poder, ciudad y universidad en el siglo XVI”.⁸

Regressando a uma visão mais geral, podemos observar como nos anos de 1970, 1980 e 1990, alguns investigadores estrangeiros tiveram oportunidade de se referirem ao caso da Península Ibérica e/ou aos estudos em falta para este contexto geográfico específico. Konrad Rückbrod, que pela primeira vez tratou, em profundidade, do tema da arquitectura e do urbanismo universitários europeus no seu livro *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*

⁶ César MARTINELL, “Las antiguas universidades y colegios españoles como monumentos arquitectónicos”, Barcelona, *Cuadernos de Arquitectura*, 9, 1948, p.3-20.

⁷ Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.

⁸ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, “La «*Renovatio Urbis*»: poder, ciudad y universidad en el siglo XVI”, *Espacio, Tiempo y Forma, Serie VII – Historia del Arte*, Tomo 9, Madrid, 1996, p.53-76.

(1977)⁹ não se refere, por motivos de operatividade da análise, ao caso da Península Ibérica. Como o próprio refere:

*“A abundância de material sugeria uma restrição de casos característicos (...) Deste modo estabeleceu-se um primeiro quadro de análise e desenhou-se uma fronteira. Assim, os colégios e universidades espanhóis e portugueses, que teriam apenas contribuído para uma subsequente confirmação da tese, não foram tratados”.*¹⁰

O também alemão Michael Kiene, provavelmente a maior autoridade em arquitectura colegial e universitária europeia, em particular no que se refere ao contexto italiano (com abordagens igualmente profundas aos casos francês e britânico) refere-se, por outro lado (em inícios dos anos 90), à falta de estudos de síntese sobre a realidade espanhola:

*“Il cortile loggiato italiano [o do collegio de San Clemente de Bolonha] fu imitato in Spagna, il cui prototipo de collegio fu il Colegio de San Bartolomé de Salamanca. (...) La copiosa imitazione nell'architettura spagnola dei collegi non è mai stata studiata sinora; È questo un deficit che anche questo contributo non può colmare”.*¹¹

Mais à frente, no mesmo texto que acabámos de citar, refere-se também às sedes do estudo e aos colégios-universidades:

*“Il fine architettonico del «palazzo universitario» connobbe il sviluppo più ricco in Italia e in Spagna (dei cui esemplari però qui non si è trattato per mancanza di studi di base)”.*¹²

A este propósito, devo citar ainda uma outra frase de Kiene, da sua tese de doutoramento, de 1981:

“O colégio tornou-se – como na Escócia e na Polónia – o edifício-sede da universidade. Determinou-se, deste modo, uma organização

⁹ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.

¹⁰ *Ibidem*, p.6: “Die Fülle des Materials legte eine Beschränkung auf charakteristische Beispiele nahe, deren Rang als stellvertretend jedoch erst erkannt werden musste. Dadurch wurde ein Rahmen gezogen und damit auch eine Grenze gesetzt. So wurden die spanischen und portugiesischen Universitäten und Kollegien, die nur zur weiteren Erhärtung der These beigetragen hätten, nicht behandelt”.

¹¹ Michael KIENE, “L’università nelle città europee: l’architettura universitaria”, in Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger (Eds.) *Le università dell’Europa. Gli uomini e i luoghi – secoli XII-XVIII*, Milão, Silvana Editoriale, 1993, p.21-49, p.34.

¹² *Ibidem*, p.48.

*renovada – i.e. a fusão entre o «Colegio Mayor» e o «Colegio Universidad». Esta situação complexa, mas bem interessante, deverá ficar reservada para uma investigação futura, que não poderemos desenvolver aqui, face a diferentes circunstâncias”.*¹³

A conclusão que se pode retirar deste conjunto de observações que viemos recolhendo é a de que o estudo dos casos ibéricos é deficitário, tanto no campo do aprofundamento de uma visão de conjunto da matéria em causa – a arquitectura e urbanismo universitários – como no campo de uma análise mais integradora em relação ao resto da Europa. Daí, julgamos, a pertinência principal da dissertação, ainda que devamos matizar estes primeiros dados do problema com a já mencionada grande quantidade de estudos de caso existentes e com um eventual grau de desactualização das observações que registamos, produzidas que foram há já alguns anos.

Valerá a pena alertar que tão pouco pretendemos dar resposta final às questões deixadas em aberto – desde logo, face à abrangência do tema. Visamos, sobretudo, contribuir para uma leitura actualizada da arquitectura e urbanismo universitários ibéricos nas primeiras fases do seu desenvolvimento. Por seu lado, também faltará ao estudo do caso português (de expressão necessariamente mais limitada que a do caso espanhol) uma visão integradora face ao que se passava no conjunto dos reinos vizinhos, que compartiam a unidade geográfica (e cultural) relativamente bem definida que é a Península Ibérica. Sucede que a própria história das instalações do estudo geral português, na primeira fase da sua existência – ou seja, antes do estabelecimento definitivo em Coimbra, a partir de 1537 – carece também de um estudo de fundo que abarque o tema, em continuidade, por entre as sucessivas épocas, implantações distintas (de Lisboa a Coimbra, e vice-versa) e outras vicissitudes por que passou a universidade. Bastará dizer que é muito frequente, mesmo nos textos mais recentes, a confusão entre o imóvel cedido

¹³ **Michael KIENE, *Die englischen und franzosischen Kollegientypen. Universitätsbaukunst zwischen Sakralisierung und Säkularisierung*, Münster, edição do autor, 1981, p.239: “Das Kollegium wurde – wie in Schottland und Polen – zum Universitätsgebäude. (...) Mithin ist nochmals eine erneute Umbildung, nämlich die Fusion von Colegio Mayor und Colegio Universidad, festzustellen. Diese verwickelte, aber höchst interessante Situation soll einer zukünftigen eigenen Untersuchung vorbehalten sein, die hier aufgrund verschiedener Umstände nicht erfolgen kann”.**

à universidade, junto do castelo de Lisboa, pelo infante D. Henrique em 1431 e o edifício – distinto (como julgamos poder demonstrar) – cedido por D. Manuel, um pouco mais abaixo, em Alfama, cerca de 1503. Neste sentido, julgámos que seria também oportuno e produtivo, o enquadramento da realidade portuguesa no contexto mais geral da realidade ibérica, agora que se pretende contribuir para o referido estudo de síntese em falta.

c) Sinopse da bibliografia geral

Entendemos por bibliografia geral a que trata da história da arquitectura e do urbanismo universitários no quadro mais alargado da realidade europeia, bem como a bibliografia de base sobre a história das universidades e sobre o fenómeno universitário, quer na Europa, quer na Península ibérica. Não faremos aqui uma elencagem exaustiva de todas as obras consultadas, no quadro de uma já de si vasta bibliografia, associada ao tema genérico da história das universidades. A ideia subjacente foi a de dar uma noção geral da grande diversidade de âmbitos de onde se puderam retirar informações úteis e operativas para o tema específico da dissertação.

Fizemos já referência, nas linhas anteriores, a algumas contribuições de síntese, importantes para o campo específico da história da arquitectura e do urbanismo universitário na Europa. Citamos alguns estudos de Rückbrod e Michael Kiene. Por ser anterior a estes contributos, deveremos mencionar ainda a contribuição fundadora de Nikolaus Pevsner com o seu artigo “Universities Yesterday”, publicado na *Architectural Review*, em 1957,¹⁴ que contém algumas referências, ainda que impressionistas, ao caso espanhol.

Por outro lado, são muitas e abundantes as histórias das diversas universidades por essa Europa fora (em particular das de maior renome) e que contêm quase sempre referência aos edifícios universitários e às implantações urbanas dos mesmos. De facto, não há praticamente nenhuma universidade europeia que não disponha de uma, relativamente recente, história própria. Há ainda as ocorrências felizes de universidades que contam com uma história arquitectónica autonomizada, de que talvez o caso mais significativo seja a da

¹⁴ **Nikolaus PEVSNER**, “Universities Yesterday”, *Architectural Review*, 122, 1957, p.234-239.

Architectural History of the University of Cambridge, de Willis e Clark, publicada pela primeira vez no já longínquo ano de 1886.¹⁵ Citaremos estas e outras obras relevantes sempre que necessário, em particular nos capítulos de enquadramento e de síntese, dedicados ao urbanismo e à arquitectura universitários na Europa tardo-medieval e moderna.

Obras de carácter geral e de consulta obrigatória foram também as diversas histórias gerais do fenómeno universitário na Europa a começar, desde logo, pelas contribuições de Hastings Rashdall, com a sua notável *The Universities in Europe in the Middle Ages* (1ª edição de 1886),¹⁶ e de Stefan D'Irsay, esta da década de 1930.¹⁷ Em épocas menos distantes no tempo, devemos destacar os trabalhos de autores como Jacques Verger¹⁸ ou ainda as publicações periódicas *CRE-Information*¹⁹ ou *History of Universities*,²⁰ que contêm contribuições pontuais para os aspectos que temos vindo a tratar, por entre estudos que tratam preferencialmente de outras realidades do fenómeno universitário. Devemos mencionar também algumas actas de conferências e colóquios sobre as universidades europeias²¹ e sobre os colégios.²²

Referência recente e incontornável para qualquer tema universitário é a utilíssima *A History of the University in Europe*, (traduzida para português com o título de *Uma História da Universidade na Europa*) de que saíram já os dois volumes dedicados aos tempos que mais nos interessaram, ambos

¹⁵ Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history of the University of Cambridge*, Cambridge, Cambridge University Press, 3 vols., 1886.

¹⁶ Hastings RASHDALL *The Universities in Europe in the Middle Ages* (1895), edição de F.M. Powicke e A.B. Emden, Londres, Oxford University Press, 1936, reedição de Oxford, 3 vols., 1988.

¹⁷ Stefan D'IRSAY, *Histoire des universités françaises et étrangères des origines à nos jours*, Paris, Auguste Picard, 1933-35.

¹⁸ Entre outros, Jacques VERGER, *Les Universités au Moyen Âge*, Paris, PUF, 1973.

¹⁹ Publicação periódica trimestral da *Conférence Permanente des Recteurs, Présidents et Vice-Chanceliers des Universités Européennes (CRE)*, Genève (primeiro número de Setembro de 1965).

²⁰ *History of Universities*, Amersham, Avebury (Vols I-III) e Oxford University Press (a partir do Vol. IV), publicada anualmente desde 1981.

²¹ Entre outras, AAVV, *Les Universités Européennes du XIVe au XVIIIe Siècle. Aspects et Problèmes. Actes du Colloque International à l'occasion du VI^e Centenaire de l'Université Jagellone de Cracovie (1964)*, Genève, Droz, 1967. Ou, mais recentemente, Gian Paolo BRIZZI, Jacques VERGER (Coord.), *Le Università Minori in Europa (secoli XV-XIX)*, *Convegno Internazionali di Studi, alghero*, 1996, Catanzaro, Rubbettino Editore, 1998.

²² Domenico MAFFEI, Hilde DE RIDDER-SYMOENS (Eds.), *I collegi universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo. (Atti del Convegno di Studi della Commissione Internazionale per la Storia delle Università, Siena-Bologna, 1988)*. Milão, Guiffrè Editore, 1990.

coordenados por Walter Ruegg e por Hilde de Ridder Symoens.²³ Desde logo, um aspecto importante é o da consolidação dos critérios segundo os quais determinadas instituições – num leque de grande diversidade – se podem ou não considerar de nível superior, ou seja, quais se podem considerar, de facto, universidades no sentido moderno do termo. A obra oferece-nos, pois, uma seriação completa e actualizada das universidades e estudos gerais europeus em funcionamento desde a Idade Média (muitos entretanto desaparecidos) com indicação do ano de fundação, do ano de início da actividade, ou ainda da data do reconhecimento régio ou pontifício. É esta listagem, elaborada por Jacques Verger²⁴ e Willem Frijhoff²⁵ (nos volumes I e II, respectivamente) que utilizaremos como referência para o nosso estudo, ainda que com interpretação crítica, no que se refere às fundações ibéricas.

Para além de um significativo esforço de enquadramento do tema da realidade universitária e de sistematização e de actualização dos conceitos, são abordados em profundidade, nesta obra, os vários aspectos associados ao surgimento das universidades e dos estudos gerais, às relações de poder em jogo, à formação e aos conteúdos lectivos, à gestão quotidiana e à vida académica, passando também pelas questões infra-estruturais, embora estas se documentem de modo bastante limitado, por razões evidentes de economia da edição, reflectidas na ausência de elementos gráficos.

Finalmente, e sobretudo pela riqueza da documentação iconográfica, deve-se ainda destacar a colecção de seis volumes *Le Unniversità dell'Europa*, editada por Jacques Verger e por Gian Paolo Brizzi.²⁶ Ricamente ilustrada, ensaia um conjunto de cortes transversais por várias realidades universitárias, desde a

²³ **Walter RÜEGG, Hilde DE RIDDER-SYMOENS, *Uma História da Universidade na Europa*** (Vols. I e II, 1992-1996), Lisboa, Conselho de reitores das Universidades Portuguesas/Fundação Engº António de Almeida / Imprensa Nacional Casa da Moeda, Vols. I e II, 1996-2002.

²⁴ **Jacques VERGER, “Modelos”, *ibidem*** (Vol. I, *As Universidades na Idade Média*), p.33-71.

²⁵ **Willem FRIJHOFF, “Modelos”, *ibidem*** (Vol. II, *As Universidades na Europa Moderna, 1500-1800*), p.39-102.

²⁶ **Gian Paolo BRIZZI, Jacques VERGER (Eds.), *Le Unniversità dell'Europa***, Milão, Silvana Editoriale, 6 Vols, 1990-1996. Os títulos de cada volume são Vol. I, «*La nascita delle università*», 1990, Vol.II, «*Dal Rinascimento alle Riforme Religiose*», 1991; Vol. III, «*Dal Rinnovamento Scientifico all'Età dei Lumi*», 1992; Vol IV, «*Gli Uomini e i Luoghi. Secoli XII-XVIII*», 1993; Vol. V, «*Le Scuole e i Maestri. Il Medioevo*», 1994; Vol. VI, «*Le Scuole e i Maestri. L'Età Moderna*», 1995.

época medieval ao final de Antigo Regime, sendo que um desses perfis²⁷ se traça precisamente sobre os locais e edifícios universitários, contando com contribuição (aliás, já por nós citada²⁸) de Michael Kiene.

Reportando-nos ao espaço ibérico e à história geral das universidades peninsulares, deveremos mencionar, como bibliografia de base geral, a original *Historia de las universidades, colegios y demás establecimientos de enseñanza en España*, obra oitocentista de Vicente de la Fuente²⁹ e, sobretudo, a monumental *Historia de las Universidades Hispánicas*, de Cândido Maria Ajo,³⁰ que apesar do estilo laudatório, do raio de acção demasiado abrangente e da visão ultrapassada da história, não deixa de ser um vasto manancial, ordenado e sistematizado, de informação valiosa sobre o tema.

Para uma visão geral do fenómeno universitário no país vizinho interessou também a leitura da *Historia de la Universidad Española*, ensaio de Alberto Jimenez Fraud.³¹ Para o período medieval foi-nos bastante útil a colectânea de textos de vários autores, *Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*,³² e o reconhecido resumo de Andrés Barcalá Muñoz dedicado às universidades espanholas medievais.³³ Outras obras relevantes que consultamos, dedicadas ao fenómeno universitário espanhol na época moderna, sobretudo nas suas vertentes sociológica e académica, foram as teses de Richard Kagan,³⁴ de Ana Carabias Torres,³⁵ ou ainda as actas dos

²⁷ *Ibidem*, Vol IV, «Gli Uomini e i Luoghi. Secoli XII-XVIII», 1993.

²⁸ *Vide supra* nota 11.

²⁹ **Vicente DE LA FUENTE**, *Historia de las universidades, colegios y demás establecimientos de enseñanza en España*, Madrid, Imprenta de la Viuda e Hija de Fuentenebro, 4 Vols., 1884-1889. Interessaram para o nosso trabalho os dois primeiros volumes (1884-1885).

³⁰ **Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA**, *Historia de las Universidades Hispanicas. Orígenes y desarrollo desde su aparición a nuestros días*, Madrid-Ávila, 11 Vols, 1957-1977. Interessaram-nos sobretudo o Vol. I, «Medievo y Renacimiento Universitario», 1957, e o Vol. II, «El Siglo de Oro de Universitario», 1958.

³¹ **Alberro JIMÉNEZ FRAUD**, *Historia de la Universidad Española*, Madrid, Alianza Editorial, 1971.

³² **AAVV**, *Estudios sobre los orígenes de las Universidades españolas*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1988.

³³ **Andrés BARCALÁ MUÑOZ**, “Las universidades españolas durante la Edad Media”, *Anuario de Estudios Medievales*, nº15, Barcelona, 1985, p.83-126.

³⁴ **Richard L. KAGAN**, *Universidad y Sociedad en la España Moderna*, Tecnos, 1981.

³⁵ **Ana Maria CARABIAS TORRES**, *Colegios Mayores: centros de poder. Los Colegios Mayores de Salamanca durante el siglo XVI*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca / Diputación Provincial de Salamanca, 3 Vols., 1986.

congressos de história das universidades hispânicas, realizados desde 1987.³⁶ Obra geral de consulta foi também a *Historia de la Educación en España y América*.³⁷ Finalmente, cabe destacar as edições anuais mais recentes da *Miscelánea Alfonso IX* (do *Centro de Historia Universitaria* da Universidade de Salamanca), coordenadas por Luís Rodríguez-San Pedro Bezares e Juan Luís Polo Rodríguez,³⁸ às quais, contudo, falta ainda uma abordagem disciplinar e sistemática nos campos da arquitectura e do urbanismo universitários.

Relativamente às questões específicas do urbanismo, tentámos seguir sempre as mais recentes investigações locais sobre a evolução histórica das cidades ou vilas universitárias em causa, bibliografia específica que irá sendo mencionada ao longo do trabalho. Para um enquadramento geral serviu, sobretudo, o primeiro volume da *Historia del Urbanismo en España*,³⁹ enquanto aguardamos pela saída do segundo volume dedicado à Idade Moderna. Consultamos também, entre outras contribuições de âmbito lato, a síntese de Fernando Marías, “Las Ciudades del Siglo XVI y el Urbanismo Renascentista”,

³⁶ Veja-se, sobre o conjunto destas actas, o prólogo de **Luís E. RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES**, “Las universidades hispanas en la Edad Moderna. Un balance”, in Luís E. Rodríguez San Pedro Bezares (Ed.), *Las Universidades Hispánicas: de la monarquía de los Austrias al Centralismo Liberal (V Congreso Internacional sobre Historia de las Universidades Hispánicas. Salamanca 1998)*, Salamanca, Universidad de Salamanca / Junta de Castilla y León, 2 Vols., 2000.

³⁷ Em particular, os dois primeiros volumes, **AAVV**, *Historia de la educación en España y América. La educación en la Hispania Antigua y Medieval*, Madrid, Fundación Santa María, 1992; e **Buenaventura DELGADO CRIADO (Coord.)**, *Historia de la educación en España y América. La educación en la España Moderna*, Madrid, Fundación Santa María, 1993.

³⁸ Em particular, **Luís E. RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES**, **Juan Luís POLO RODRÍGUEZ (Eds.)**, *Universidades clásicas de la Europa Mediterránea: Bolonia, Coimbra y Alcalá. Miscelánea Alfonso IX 2005*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006; **Luís E. RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES**, **Juan Luís POLO RODRÍGUEZ (Eds.)**, *Universidades hispánicas. Modelos territoriales en la Edad Moderna (I): Santiago, Toledo, Sevilla, Barcelona y Huesca. Miscelánea Alfonso IX 2006*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2007; **Luís E. RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES**, **Juan Luís POLO RODRÍGUEZ (Eds.)**, *Universidades hispánicas. Modelos territoriales en la Edad Moderna (II): Valencia, Valladolid, Oñate, Oviedo y Granada. Miscelánea Alfonso IX 2007*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2008; **Luís E. RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES**, **Juan Luís POLO RODRÍGUEZ (Eds.)**, *Universidades hispánicas: colegios y conventos universitarios en la Edad Moderna (I). Miscelánea Alfonso IX 2008*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2009 – última que tivemos oportunidade de consultar.

³⁹ **Manuel MONTERO VALLEJO**, *Historia del Urbanismo en España*, Madrid, Cátedra, Vol.I («Del Eneolítico a la baja Edad Media»), 1996.

publicada no magnífico álbum das vistas das cidades espanholas de Anton Van den Wyngaerde, dirigido por Richard Kagan.⁴⁰

Já as várias histórias da arquitectura espanhola ou portuguesa tiveram para nós uma utilidade limitada – excepto, talvez, a já cinquentenária (mas ainda referencial) *Ars Hispaniae*, em particular o seu volume décimo primeiro, dedicada à arquitectura do século XVI e que recua ao final do século anterior, às obras da família Mendoza e do seu arquitecto Lorenzo Vázquez.⁴¹ De resto, acabam por ser as variadas histórias das universidades ibéricas (publicadas ao longo das últimas décadas) a conter as referências mais importantes à arquitectura e história da arquitectura dos edifícios universitários e à implantação urbana dos mesmos. Salamanca (com pelo menos duas compilações históricas da universidade publicadas nos últimos 20 anos⁴²) e Valladolid⁴³ serão talvez os casos mais evidentes a salientar, com referência ao período temporal que pretendemos tratar. Também a antiga universidade de Alcalá de Henares foi recentemente alvo de um grande número de monografias e de estudos, muitos dos quais tratam, objectivamente, dos aspectos da história urbana e da história da arquitectura daquela universidade, na senda do recente re-estabelecimento do ensino superior naquela cidade castelhana.⁴⁴ De resto, praticamente todas as universidades ibéricas dispõem de publicações recentes que fazem a história das instituições, desde a sua fundação ou incidindo nalgum período específico da sua existência. Evidentemente, será feita menção a estes trabalhos ao longo da dissertação.

Para o âmbito português, e dada a continuidade institucional da universidade lusa (independentemente da sua localização variável entre Lisboa e Coimbra,

⁴⁰ Fernando MARÍAS, “Las Ciudades del Siglo XVI y el Urbanismo Renascentista”, in Richard L. Kagan (Dir.), *Ciudades del Siglo de Oro. Las Vistas Españolas de Anton Van den Wyngaerde*, Madrid, Ediciones del VISO, 1986.

⁴¹ Fernando CHUECA GOITIA, *Ars Hispaniae, Historia Universal del Arte Hispánico, Vol. 11 – Arquitectura del Siglo XVI*, Madrid, Plus-Ultra, 1953.

⁴² Manuel FERNANDEZ ALVAREZ (Dir.), *La Universidad de Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2 vols., 1989-1990; e Luis E. RODRÍGUEZ SAN PEDRO BEZARES (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, 3 Vols., Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 3 vols., 2002-2006.

⁴³ Jesús María PALOMARES IBÁÑEZ (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2 Vols., 1989.

⁴⁴ Remetemos a menção a estes trabalhos para os capítulos dedicados a Alcalá de Henares (ou a algum dos seus edifícios) e para a bibliografia geral.

na fase inicial da sua existência), valerá sobretudo mencionar a *Historia da Universidade Portuguesa*, publicada em 1997,⁴⁵ e que contém também informação no âmbito dos aspectos específicos da presente tese.

Bases de trabalho que devemos também citar foram as compilações documentais, particularmente as relativas à história da universidade de Salamanca, como o *Cartulário de la Universidad de Salamanca*, organizado por Vicente Beltran de Heredia,⁴⁶ ou a publicação das constituições dos colégios salmantinos, por Sala Balust,⁴⁷ ou ainda, e relativamente à universidade portuguesa, o *Chartularium Universitatis Portugalensis*, começado a editar por Artur Moreira de Sá, em 1970.⁴⁸

d) Sinopse da bibliografia específica

Entendemos como bibliografia específica a directamente relacionada com o tema da dissertação, e com o espaço e tempo definidos para a mesma. Evidentemente, não pretendemos explanar, de seguida, uma listagem completa das obras consultadas, mas apenas caracterizar os vários tipos de abordagens que cabem neste conceito de bibliografia específica, em relação directa com o objecto do nosso estudo.

Desde logo, os trabalhos que ensaiam umas primeiras seriações de edifícios universitários notáveis em Espanha, como a já citada *Arquitectura Civil Española*, de Vicente Lampérez e Romea, publicada no já distante ano de 1922, que desenvolve um capítulo sobre as sedes das universidades e os colégios,⁴⁹ ou o artigo subsequente sobre a mesma temática (também já referido) de César Martinell.⁵⁰ Mais recentemente, e para além de um par de artigos de Antonio Bonet Correa, que procuram fazer uma revisitação da

⁴⁵ **AAVV, *História da Universidade em Portugal***, Lisboa-Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian / Universidade de Coimbra, 2 vols., 1997.

⁴⁶ **Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Cartulario de la Universidad de Salamanca (1218-1600)***, Salamanca, Universidad de Salamanca, 6 Vols., 1970-1973.

⁴⁷ **Luis SALA BALUST, *Constituciones, estatutos y ceremonias de los antiguos colegios seculares de la Universidad de Salamanca*** - Edición crítica, Universidad de Salamanca, 4. Vols, 1962-1966.

⁴⁸ **Artur Moreira de SÀ, Francisco da Gama CAEIRO (Coord.), *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)***, Lisboa, Instituto de Alta Cultura / INIC / JNICT, 14 vols., 1966-2001.

⁴⁹ Vicente LAMPÉREZ Y ROMEA, *Arquitectura Civil...*, 1922, Tomo II, p.139-170.

⁵⁰ César MARTINELL, "Las antiguas universidades...", 1948, p.3-20.

matéria que acabamos de citar, enquadrando-a num quadro temporal mais longo (até ao século XX) e espacial mais vasto,⁵¹ devemos voltar a mencionar, no campo do urbanismo universitário, a primeira tentativa de síntese referente ao urbanismo universitário ibérico, no século XVI, realizada por Consuelo Gómez López.⁵²

Bibliografia específica usada foram também as histórias urbanas das diversas cidades universitárias estudadas, que citaremos oportunamente. Ou ainda os trabalhos dedicados aos locais onde funcionaram os estudos no período medieval e pré-moderno, caso dos de Angel Vaca Lorenzo ou José Ramón Nieto González, para Salamanca, de José Augusto Vieira da Silva, para Lisboa, de Josep Lladonosa ou (mais recentemente) Joan Busqueta Riu, para Lérida, ou ainda de Maria Helena Cruz Coelho, para Coimbra, só para citarmos alguns.⁵³

Devemos fazer também referência aos trabalhos dedicados ao património artístico e arquitectónico das universidades, como por exemplo, o de Julián Alvarez Vilar, dedicado à universidade de Salamanca,⁵⁴ e sobretudo, ao vastíssimo número de monografias, artigos e estudos que versam sobre a história e a história da arquitectura dos edifícios universitários, tanto sedes de estudo como de colégios. Neste campo, e para uma ideia da quantidade de informação potencialmente disponível, bastará pensar em imóveis tão emblemáticos como o *colegio de San Clemente* (ou *collegio di Spagna*) de Bolonha, as *Escuelas Mayores* de Salamanca, o *colegio Mayor de Santa Cruz*

⁵¹ **Antonio BONET CORREA**, “Arquitectura y Urbanismo: la Universidad como «Palacio de las Musas» y «Ciudad del Saber»”, in Luis Miguel Gutierrez Torrecilla (Coord), *La Universidad de Alcalá*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, Universidad de Alcalá de Henares, 1990, Vol. II, p.91-121; e **Antonio BONET CORREA**, “De la Ciudad del Saber a la isla universitaria”, in Carlos Clemente, Joaquín Ibañez (Coord.), *La Ciudad del Saber. Ciudad, Universidad y Utopía, 1293-1993*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1995, p.49-61.

⁵² Consuelo GOMEZ LÓPEZ, “La «*Renovatio Urbis*»...”, 1996, p.53-76.

⁵³ Bibliografia que irá sendo mencionada ao longo da dissertação. Duas contribuições importantes, de **Angel VACA LORENZO**, “Le campus de l’Université de Salamanque au Moyen Âge: besoins fonctionelles et réponses immobilières”, e de **Maria Helena Cruz COELHO**, “Coimbra et l’université: complémentarités et oppositions”, podem encontrar-se em colectânea internacional de textos, pertinente para o campo específico do nosso estudo - **Patrick GILLI, Jacques VERGER, Daniel LE BLÉVEC (Coord.)**, *Les universités et la ville au Moyen Age*, Leiden, Brill, 2007(p.9-53 e p.309-326, respectivamente).

⁵⁴ **Julián ALVAREZ VILLAR**, *La Universidad de Salamanca. Arte y tradiciones*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1973, dedicada aos aspectos artísticos e arquitectónicos da universidade.

de Valladolid, ou o *colegio Mayor de San Ildefonso*, de Alcalá de Henares, ainda que os tratemos, em profundidade, apenas até ao estado que aparentavam no final do primeiro terço de Quinhentos.

Pontualmente, no âmbito deste último tipo de trabalhos, podem ainda encontrar-se ensaios (mais ou menos aprofundados) de enquadramento tipológico e formal das obras, na série mais larga dos edifícios universitários ibéricos. Destacamos as sistematizações realizadas por Javier Rivera (em colectânea de estudos dedicada ao colégio valissoletano de Santa Cruz⁵⁵) e, sobretudo, por Felipe Pereda (no âmbito do seu livro dedicado às *Escuelas Mayores*, edifício sede da universidade de Salamanca⁵⁶) e Amadeo Serra Desfilis (em texto de 2006 dedicado ao *Collegio di Spagna*⁵⁷), que faz já referência a conclusões de outros estudos recentes, como o de Nieves Rupérez sobre o antigo *colegio de San Bartolomé* de Salamanca⁵⁸. Face aos desenvolvimentos destes trabalhos, que agora mencionamos, pretendemos dar também um novo contributo com a presente dissertação.

e) Metodologia e organização do trabalho

A metodologia de trabalho empregue passou, desde logo, pela visita às cidades universitárias visadas e aos respectivos edifícios académicos, do período de tempo considerado, que chegaram aos nossos dias. Passou também, fundamentalmente, pela recolha bibliográfica sistemática da informação referente ao urbanismo e arquitectura universitários em Espanha e Portugal, bem como da bibliografia específica referente a cada um dos casos de estudo. Neste sentido privilegiou-se a consulta das fontes indirectas, na medida em que a informação documental sobre a qual se trabalhou foi já

⁵⁵ Javier RIVERA, “El Colegio de Santa Cruz de Valladolid y la arquitectura civil española entre la Edad Media y el Renacimiento”, in Salvador Andrés Ordax, Javier Rivera (Coord.), La Introducción del Renacimiento en España. El Colegio de Santa Cruz (1491-1991), Valladolid, Instituto Español de Arquitectura / Universidades de Alcalá y Valladolid / Colegio Oficial de Arquitectos de Valladolid, 1992, p.77-99.

⁵⁶ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, Capítulo 1, p.17-75.

⁵⁷ Amadeo SERRA DESFILIS, “El Colegio de España en Bolonia y la Arquitectura Universitaria del Renacimiento en Italia y España”, in José Luis Colomer e Amadeo Serra Desfilis (Dir.), España y Bolonia. Siete siglos de relaciones artísticas y culturales, Madrid, Fundación Carolina / Centro de Estudios Europa Hispánica, 2006, p.17-30.

⁵⁸ Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé...*, 2003.

anteriormente revelada, em grande parte, e dentro de cada contexto específico, por outros autores.

Carecendo a história das universidades ibéricas de um estudo aprofundado, no que se refere ao urbanismo universitário e à arquitectura e evolução tipológica das sedes de estudo e dos colégios, pareceu-nos possível produzir, deste modo, uma síntese original relativa ao tema apresentado. Desde logo porque para realizar a referida síntese se tornava necessário sistematizar informação por entre copiosa bibliografia, de natureza muito variada e complexa, digna da mais inexplorada e espessa documentação arquivística. Essa enorme abundância de dados levou-nos também a optar por interromper a análise mais aprofundada no arranque do século XVI (por razões de disponibilidade do tempo de escrita da tese) apesar de termos recolhido informação suficiente para a prossecução do trabalho até ao final do Antigo Regime.

Um dos motivos para nos termos detido mais na época medieval e nos inícios da Idade Moderna prendeu-se, também, com o facto de nos termos deparado com hiatos ou ausências importantes na historiografia e caracterização de diversos edifícios, significativos para a história conjunta que pretendíamos montar. Muitas vezes faltavam explicações convincentes para determinados aspectos e particularidades, aos quais não se havia dado a devida atenção, e para os quais a informação já publicada fornecia (a nosso ver) pistas explicativas possíveis ou interpretações alternativas, conducentes a novas soluções. Outras vezes, as fontes primárias encontravam-se reproduzidas em bruto (como por exemplo no *Chartularium Universitatis Portugalensis* ou em outras obras de organização e transcrição documental) faltando-lhes ainda a adequada análise e tratamento no âmbito da especificidade do estudo que encetámos. De qualquer modo, acabamos por ter de consultar, efectivamente, alguma documentação histórica em primeira mão, não publicada ou apenas parcialmente reproduzida, como por exemplo no arquivo provincial de Valladolid, quando estudamos as alterações seiscentistas e setecentistas ao imóvel do *colegio Mayor de Santa Cruz* daquela cidade.

Por fim, realizámos também uma análise através dos elementos gráficos disponíveis (desenhos, gravuras, vistas urbanas, plantas e alçados dos

imóveis) e através da produção de novos elementos gráficos, de reconstituição e de interpretação da evolução urbana dos bairros universitários e da arquitectura dos edifícios-sede das escolas e dos colégios.

Organizou-se o trabalho em três unidades fundamentais de análise e de exposição da matéria. Dedicou-se uma **primeira parte** ao fenómeno urbano, na qual são apresentados os dados históricos fundamentais relativos a cada estudo geral (processo e data de fundação, tipo de organização académica, começo da actividade lectiva) e na qual se procura registar a implantação urbana das infra-estruturas universitárias desde a entrada em funcionamento até ao final do primeiro terço de Quinhentos, limite que nos permite acompanhar o processo de constituição original do bairro universitário de Alcalá de Henares. Será dada atenção ao registo da evolução urbana da própria cidade ou vila em que se implantou o estudo geral, no período de tempo considerado. Tentaremos cartografar as localizações das casas ou dos espaços onde primeiro funcionaram as classes, onde tiveram lugar as cerimónias solenes, onde se implantaram as primeiras residências dos estudantes, os primeiros colégios, e os primeiros edifícios universitários construídos de raiz e destinados às aulas. Sempre que necessário entraremos ainda em detalhe na arquitectura de alguns edifícios mais relevantes, que não foram seleccionados para a análise tipológica sequencial da segunda parte da dissertação.

As várias cidades e vilas serão ordenadas conforme a data de fundação dos respectivos estudos gerais, aspecto a que nos referiremos mais adiante. Antes, dedicaremos um primeiro capítulo desta primeira parte a um enquadramento com a realidade europeia extra-peninsular, e um segundo capítulo será reservado ao título XXXI da segunda das *Siete Partidas* de Alfonso X, que trata dos estudos gerais e da localização preferencial das suas escolas, de modo a tentarmos perceber o contexto e influência desta produção teórica, se não original, pelo menos clarificadora quanto aos conceitos predominantes na época.

Na **segunda parte**, focalizada na arquitectura e tipologia dos edifícios, estudar-se-ão os tipos dominantes de edifícios universitários. Falaremos dos colégios,

de carácter sobretudo residencial, e das novas sedes dos estudos, onde, a partir de determinado momento, passaram a estar centralizadas as aulas universitárias. Serão seleccionados, para esta análise, os imóveis cuja arquitectura represente um avanço ou contributo tipológico ou formal, em determinado aspecto, para a arquitectura universitária ibérica. Serão pois seriados os edifícios que, a nosso ver, representem um elo de ligação importante na cadeia evolutiva para a definição de uma arquitectura universitária ibérica.

Como já mencionámos, faremos uma incursão exterior à Península Ibérica, ao *Colegio de San Clemente* de Bolonha, o primeiro edifício universitário na Europa a ser construído de raiz, por ordem do cardeal espanhol Egídio Albornoz, e que constitui para muitos a origem da arquitectura universitária espanhola, e em particular a castelhana. Não obstante (e como veremos) a transposição do modelo não terá sido directa, limitada pela distância geográfica, e terá tido dois focos iniciais, um em Lérida (o já desaparecido *colegio de Domingo Pons*), outro em Salamanca (o antigo *colegio de San Bartolomé*). Seguiremos a linha evolutiva a partir deste último imóvel, numa sequência que tentaremos actualizar, fazendo uso de elementos importantes já revelados por outros autores, perante a complexidade acrescida de tratarmos paralelamente os dois tipos de edifícios já referidos – os colégios e as sedes de estudo.

Existem, evidentemente, dificuldades associadas ao emprego das estratégias de exposição seleccionadas, sobretudo as relacionadas com a primeira parte do trabalho, dedicada às cidades e vilas universitárias. Nesta fase, e sempre que passemos a um novo caso de estudo, teremos necessariamente de voltar atrás no tempo, em relação ao ponto onde ficámos (o início do século XVI) na análise do caso anterior. Esperamos contar, neste aspecto, com alguma boa vontade do leitor no acompanhamento das matérias expostas, ainda que tenhamos ordenado os capítulos de acordo com as datas aproximadas de entrada em funcionamento do estudo geral ou universidade. Deste modo, os desfasamentos temporais que mencionamos serão atenuados à medida que avancemos neste sector do trabalho. Algumas abordagens sincrónicas terão,

naturalmente, de ser adiadas para o capítulo das conclusões. A grande vantagem, por outro lado, é a de podermos tratar cada situação local com alguma continuidade e profundidade, sem cedermos a constantes interrupções que seriam necessárias de modo a podermos acompanhar contextos paralelos. Privilegia-se, pois, uma aproximação caso a caso, cidade a cidade.

Tentaremos também, nesta fase, enquadrar minimamente os edifícios aos quais dedicaremos capítulos específicos na segunda parte de análise, de forma a garantir o desejável relacionamento entre as duas primeiras partes da dissertação. Deste modo, a aproximação “geográfica” da primeira parte cederá lugar a uma abordagem “cronológica” complementar (na segunda parte) no sentido em que procuraremos seguir uma linha evolutiva estabelecida pelas datas de construção dos imóveis singulares em causa.

Questão certamente discutível, é a do corte (talvez um tanto brusco) dos processos de análise sistemática nos começos de Quinhentos (a data exacta varia ligeiramente de caso para caso) justamente num momento que corresponde ao impulso inicial de uma época de grande vigor para o urbanismo e arquitectura universitários ibéricos. Foi, em primeira análise, o ponto até onde foi possível desenvolver, com maior profundidade, o material recolhido. Foi também, contudo, o momento no qual estavam já ensaiadas as bases fundamentais para os importantes desenvolvimentos do século XVI, e que correspondeu, a nosso ver, a um primeiro ponto de chegada de todo um processo (iniciado três séculos antes) que pretendemos retratar. Foi, de facto, no início do *Siglo de Oro* que se lançou e concluiu a primeira fase do já citado projecto universitário do cardeal Cisneros em Alcalá de Henares, momento alto do urbanismo universitário espanhol e europeu. Por outro lado, e no campo da arquitectura universitária, foi também o primeiro momento de consolidação dos tipos arquitectónicos do colégio universitário castelhano (com o *colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid*), do colégio-universidade (com o *colegio de San Antonio Portaceli* de Siguenza e o *colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá*) e em que se termina a renovação da mais emblemática sede de estudo ibérica (as *Escuelas Mayores* salmantinas, após a construção da nova biblioteca e da fachada monumental). É, pois, um momento charneira, no qual pretendemos

fixar o tempo, por meio de um corte transversal que percorre as várias universidades ibéricas e os seus edifícios.

Às duas primeiras partes da dissertação, dedicadas a análises mais aprofundadas de casos de estudo concretos, seguir-se-á uma **terceira parte**, conduzida por metodologia diversa – faremos uma síntese de base alargada dos desenvolvimentos do século XVI (período de consagração dos modelos) e de parte significativa do século seguinte. Daremos continuidade, dentro desta mesma parte do trabalho (e em capítulos distintos), à separação entre urbanismo e arquitectura universitários. Tentaremos incluir aspectos tão relevantes como a conformação do conjunto das *Escuelas Mayores*, *Escuelas Menores* e novo hospital universitário de Salamanca, ou a criação dos colégios *mayores* de Oviedo, Cuenca e do Arcebispo Fonseca e da restante rede de colégios salmantinos. Ou a transferência definitiva da universidade portuguesa, de Lisboa para Coimbra, em 1537, e os projectos de instalação de escolas e de vários colégios em zonas distintas da cidade, em parte realizados. Ou ainda, a consolidação ou estabelecimento das redes colegiais em Salamanca, Alcalá de Henares, Coimbra, Lérida, Valência, Barcelona, ou Saragoça, para citarmos algumas das cidades universitárias mais importantes. Ou ainda, e finalmente, a profusão do fenómeno dos “*colegios-universidad*”, na fundação das pequenas e algo numerosas universidades de província. No seguimento desta visão panorâmica, serão apresentadas as conclusões da presente dissertação.

f) Estudos gerais ibéricos

Como referimos, ordenaremos os estudos de caso, na primeira parte do trabalho, de acordo com a data de fundação dos estudos gerais. Utilizamos como referência a já mencionada listagem cronológica dos estudos gerais apresentada por Jacques Verger em *Uma História da Universidade na Europa*, sujeita a leitura crítica, para os casos ibéricos. As datas de fundação, dado não ter havido universidades de formação espontânea na Península Ibérica, parecem constituir, à partida, um dado seguro para a organização da análise. Não obstante, há estudos gerais importantes (como o de Valladolid) dos quais não se conhece a data exacta de fundação. Outros tiveram existências

demasiado efémeras para que possamos dedicar-lhes mais que umas breves linhas. Há também outros estudos gerais dos quais se conhecem cartas de fundação dadas por Reis, e bulas de confirmação dadas por Papas, que não entraram em funcionamento efectivo senão largos anos depois, às vezes mais de um século.

De qualquer modo, e à luz do critério de Alfonso X o Sábio (1221-1252-1284), Rei de Castela e Leão, bastava a qualquer estudo, para ser considerado como um estudo geral, que tivesse sido instituído por algum monarca, sendo que neste caso os graus que conferiam teriam reconhecimento mais limitado (em relação aos validados em Roma), no âmbito restrito dos reinos a que pertenciam. De facto, para o Rei Sábio

“Estudio es ayuntamiento de maestros e de escolares que es fecho en algun lugar, con voluntad, e entendimiento de aprender los saberes. E son dos maneras del. La una es la que dizen estudio general, en q. ay maestros de las artes assi como de Gramática, e de Lógica, e de Retórica, e de Aritmética, e de Geometria, e de Astrologia. E otrosi en que ay maestros de Decretos, e señores de leyes. E este estudio deve ser establecido por mandado del Papa o de Emperador, o del Rey”.

A segunda maneira era a do estudo particular, estabelecido pelas autoridades locais (civis ou eclesiásticas) ou por personagens ou entidades privadas. A nossa análise limitar-se-á aos estudos gerais, excluindo naturalmente os outros tipos de escolas, por razões operativas e em esforço de aproximação ao conceito actual de universidade. Contemporaneamente, os critérios utilizados para a consideração dos estudos gerais (que passam sobretudo pela validade mais ou menos universal dos graus conferidos pelas instituições) são também suficientemente abrangentes para admitir organizações de dimensão e complexidade variada, nomeadamente no que se refere à variedade das matérias leccionadas.⁵⁹

Importa ainda referir que este critério de seriação das cidades universitárias, pela data da fundação ou do estabelecimento dos estudos gerais, poderia não ter sido o único, num trabalho com o tema da presente dissertação. De facto, o

⁵⁹ Veja-se novamente Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996; ou ainda Willem FRIJHOFF, “Modelos”..., 2002.

funcionamento de um estudo geral não é sinónimo da existência de edifícios próprios. Neste sentido, existem instituições mais tardias que dispuseram de arquitectura e de presença urbana mais notável antes de outros estudos, de origem aparentemente mais precoce. Entendeu-se, porém, que esta falta de instalações adstritas e dedicadas foi quase sempre uma característica dos primeiros tempos da universidade medieval, pelo que seria importante ir dando conta desta realidade na abordagem adoptada, caso a caso, contexto a contexto.

Vejamos então os estudos gerais estabelecidos na Península Ibérica entre o início do século XIII e cerca de 1500 (**fig.1**) e que nos mereceram atenção especial no contexto da análise do urbanismo e da arquitectura universitários, âmbito específico da presente dissertação.

Começamos por referir, porém, um caso que não foi alvo de estudo particular da nossa parte – o estudo geral de Palência, o primeiro a nível ibérico – dada a sua relativamente fugaz existência. *Studium* herdeiro da escola catedralícia local,⁶⁰ não é claro quando terá sido elevado a estudo geral por Alfonso VIII de Castela (1155-1158-1214), aparentemente por solicitação do bispo Tello Téllez de Menezes. Beltrán de Heredia apontou o intervalo de 1208 (quando D. Tello foi feito bispo) a 1214 (falecimento do Rei), como período provável do estabelecimento do estudo geral.⁶¹ Outros autores precisam a data de 1212 sem, contudo, a justificar.⁶² Em 1220, o Papa Honório III concedia rendimentos ao estudo, reconhecendo o direito de se leccionarem as cadeiras de teologia (matéria central do estudo), leis, decretos (cânones) e gramática. No entanto, o

⁶⁰ Segundo Beltrán de Heredia, a escola catedralícia de Palência fazia inclusivamente de escola metropolitana antes da conquista de Toledo aos mouros, em 1085. **Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes de la Universidad de Salamanca***, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1953, p.7.

⁶¹ *Ibidem*, p.8-9. Candido Ajo contestou esta hipótese, antecipando a criação do estudo geral para finais do século XII (Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.195-199), tese que não foi, aparentemente, aceite. De facto, um autor espanhol mais recente como Bernabé Bartolomé chega a questionar o funcionamento efectivo de um estudo geral: “*En la práctica creemos que nunca se despegó de su condición de escuela catedralícia*”, **Bernabé BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, “Universidades y colégios universitários”, in AAVV, *Historia de la educación en España y América. La educación en la Hispania Antigua y Medieval***, Madrid, Fundación Santa María, 1992, p.554-604 (p.557).

⁶² “*El Estudio de Palencia debió tener carácter particular catedralicio, hasta que Alfonso VIII de Castilla lo transformó, hacia 1212, en Estudio general o universidad*”. **Ramón HERNÁNDEZ MARTIN, “Contribución de los dominicos”, in AAVV, *idem***, p.487-499 (p.487).

estudo de Palência já não estaria em actividade por volta de 1250.⁶³ Por outro lado, não terá tido expressão urbana, em termos arquitectónicos, pois careceu de edifício próprio, tendo funcionado em dependências anexas ao claustro da catedral.

Assim, o primeiro caso tratado será o do estudo geral de Salamanca, fundado por Alfonso IX de Leão (1171-1188-1230) no inverno de 1218-1219, o mais antigo da Península Ibérica ainda em actividade. Foi reconhecido pelo Papa Alexandre IV em 1254, após a unificação definitiva de Castela e Leão (sob Fernando III, em 1230) e a instâncias de Alfonso X. Este mesmo Rei terá fundado um outro estudo geral em Sevilha, no final desse mesmo ano,⁶⁴ com cátedras de árabe, latim e de medicina e para o qual *“gestionó cierto edificio próximo al Alcázar”*.⁶⁵ Segundo Verger, *“este studium poderá não ter sido uma universidade autêntica”*.⁶⁶ De qualquer forma, teve uma existência muito breve (da qual restam muito poucos dados documentais) tendo desaparecido cerca de 1270, pelo que se dispensou a análise em capítulo específico. Registe-se apenas, e para o tema que nos interessa, que foi aparentemente o monarca a conseguir um edifício próprio para as escolas.

Do estudo de Valladolid desconhece-se a data de entrada em funcionamento. Presume-se que terá iniciado actividade ainda no reinado de Alfonso X (1252-1284).⁶⁷ Sabe-se que em 1293, o seu sucessor Sancho IV (1258-1284-1295) estendia os privilégios deste estudo a um outro que tentava fundar na vila de Alcalá de Henares, pertencente ao arcebispado de Toledo. O estudo vallisoletano seria reconhecido oficialmente pelo Papa apenas em 1346, mas em Castela e Leão, e no entendimento da época, bastava a fundação ou o reconhecimento régios para ser considerado um estudo geral, como veremos.

⁶³ Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.51. Uma nova bula de 1263, do Papa Urbano IV, concedia ao estudo geral palentino os privilégios de Paris, não o conseguindo, contudo, fazer reviver. Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.220-221.

⁶⁴ Por carta régia de Burgos de 28 de Dezembro de 1254. Veja-se o capítulo 1.2., secção b).

⁶⁵ Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.206.

⁶⁶ Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.59.

⁶⁷ Elena SÁNCHEZ MOVELLÁN, “Los inciertos orígenes de la Universidad de Valladolid (S.XIII)”, in *AAVV, Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Valladolid, Servicio de publicaciones de la Universidad, 1988, p.11-30. Veja-se os capítulos 1.2 e 1.4.



Fig.1.
Estudos gerais ibéricos anteriores
a 1500 (entre parêntesis,
fundações goradas ou adiadas).

Estudaremos Valladolid com atenção, na sequência de Salamanca, mas não dedicaremos especial atenção a Alcalá nesta fase dos acontecimentos, pois considera-se pouco provável que as escolas tenham funcionado com nível superior neste período.⁶⁸

Estudaremos seguidamente a universidade portuguesa em Lisboa, estabelecida oficialmente por D. Dinis, em 1290,⁶⁹ e reconhecida pelo Papa nesse mesmo ano.⁷⁰ Para o estudo geral português optamos por separar a análise dos espaços onde funcionou em Lisboa da dos espaços onde funcionou em Coimbra (onde esteve sediada em 1308-1338 e em 1354-1377), embora juridicamente a instituição fosse sempre a mesma. Pelo meio veremos o caso de Lérida, primeiro estudo geral estabelecido pela coroa catalano-aragonesa, por solicitação dos *paers* (ou autoridades locais) da cidade feita a Jaume II. Obtida uma autorização papal, genérica, em 1297, apenas em 1300 concederia o monarca o privilégio fundacional, especificando a fixação da universidade em Lérida.⁷¹

Só depois de Lérida observaremos a implantação urbana do estudo geral luso em Coimbra, para onde passou pela primeira vez em 1308, para onde regressou segunda vez em 1354,⁷² para regressar definitivamente em 1537, transferência última cujos aspectos urbanos descreveremos apenas na terceira parte do trabalho.

Temos assim já introduzidas as quatro universidades peninsulares de “tempo longo”, Salamanca (Leão), Valladolid (Castela), Lisboa-Coimbra (Portugal) e Lérida (Catalunha-Aragão) e que eram as principais universidades de cada um dos reinos peninsulares, ainda que Leão e Castela se encontrassem unificados desde 1230, e que o Rei de Aragão fosse também senhor de Montpellier,

⁶⁸ Dedicamos algumas linhas a esta questão no âmbito dos capítulos 1.2, secção e) e 1.9, secção b).

⁶⁹ Carta de D. Dinis ampliando os privilégios concedidos ao Estudo Geral de Lisboa, de 1 de Março de 1290. Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, Vol.I, Lisboa, 1966, p.8-12. Veja-se também o capítulo 1.5.

⁷⁰ Bula de Nicolau IV aprovando o pagamento de salários aos professores do Estudo Geral de Lisboa e concedendo privilégios aos mestres e alunos, de 9 de Agosto de 1290, Nicolau IV. *Ibidem*, p.12-15.

⁷¹ Veja-se o capítulo 1.6.

⁷² Veja-se o capítulo 1.7.

cidade do sul de França onde surgira anteriormente uma importante universidade espontânea.⁷³

Os estudos gerais que surgiriam seguidamente na Península Ibérica, a partir de meados de Trezentos e durante o século de Quatrocentos, foram sobretudo de carácter municipal, quase todos pertencentes a territórios da coroa catalano-aragonesa, onde as autoridades locais se mostraram de grande dinamismo na promoção de níveis superiores de ensino (tal como sucedera em Lérida, como mencionámos). Não obstante, os recursos disponibilizados eram escassos, sendo que a coroa se limitava normalmente a reconhecer os vários estudos, sem que desviasse ou assinasse rendimentos específicos para sustento dos mesmos.⁷⁴ Nesse sentido, percebe-se facilmente que não tivessem surgido edifícios significativos ou que o funcionamento periclitante dos estudos tivesse tido pouco impacto na fisionomia das respectivas cidades. Optamos assim por integrar uma série de fundações num capítulo único que tratará resumidamente das implantações urbanas dos estudos gerais de Perpignan (1350) Huesca (1354) Barcelona (1450) Palma de Maiorca (1483) Sigüenza (1489, estudo geral pertencente a Castela) e Valência (1500).⁷⁵

Em 1350 Pere IV, o Cerimonioso, rompia a exclusividade de Lérida como estudo geral do reino da Catalunha-Aragão, fundando o estudo de Perpignan, na Catalunha transpirenaica. Compensava de algum modo os estudantes do Rossilhão pela passagem de Montpellier (e da sua universidade) à coroa francesa e a cidade pela perda de capitalidade do reino independente de Maiorca, anexado no ano anterior (1349). O estudo seria confirmado pelo Antipapa Clemente VII em 1379. O mesmo monarca fundaria o estudo geral de Huesca pouco depois, em 1354 (em rigor o primeiro estudo aragonês, visto Lérida e Perpignan se situarem na Catalunha) fundação que não seria confirmada pelo Papa numa primeira fase. Aparentemente tratava-se de um

⁷³ “As escolas de medicina de Montpellier – cuja existência já na década de 1130, pelo menos, está comprovada, mas cuja origem permanece obscura – tornaram-se uma «universidade de medicina» genuína no decurso do século XIII”. Recebeu estatutos do Papa em 1220. Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.49.

⁷⁴ Veja-se Andrés BARCALÁ MUÑOZ, “Las universidades españolas...”, 1985, ou ainda **Salvador CLARAMUNT, “Origen de las universidades catalanas medievales”,** in AAVV, Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas, Valladolid, Servicio de publicaciones de la Universidad, 1988, p.97-111.

⁷⁵ Veja-se o capítulo 1.8.

estudo geral régio, na senda dos estudos gerais já mencionados de Valladolid e de Alcalá de Henares, em Castela, projectado para conferir graus válidos dentro dos territórios da coroa respectiva.

Não estudaremos o caso de Calatayud, elencado por Ajo,⁷⁶ tentativa frustrada de criação de um estudo geral pelo Antipapa Bento XIII – o aragonês Pedro de Luna (1328 -1394-1423) – em torno da colegiada local de Santa Maria.⁷⁷ Fundado e dotado em 1415, perdeu as condições para o seu desenvolvimento quando o Rei aragonês negou obediência ao pontífice de Avignon. De resto “*se mantiene la duda de si se trataba de una escuela de artes o de un estudio general*”.⁷⁸

Tão pouco trataremos, nesta fase, dos casos de Girona e de Saragoça, seriados na listagem de Jacques Verger como fundações quatrocentistas. Girona, apesar do reconhecimento régio (Alfonso V de Aragão, 1446) e de uma tentativa coeva de obtenção do reconhecimento papal, só na segunda metade do século XVI começou efectivamente a funcionar.⁷⁹ O mesmo terá sucedido em Saragoça, onde apenas se conseguiu instituir um estudo geral de Artes por meio de privilégio de Sisto V, de 1474, a favor do cancelário das escolas de artes locais para que pudesse outorgar graus de bacharel. Apesar do favorecimento régio de Joan II (1476) permitindo a elevação a estudo geral, não se verificou a implementação de um estudo de nível superior. A universidade propriamente dita só funcionaria mais de cem anos depois, a partir de 1583, 41 anos após o privilégio imperial de fundação de 1542.⁸⁰

Pela mesma ordem de razões que as aludidas para Girona não deveríamos focar o caso de Barcelona pois o estudo geral só entrou efectivamente em

⁷⁶ Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.295.

⁷⁷ Sobre a tentativa de estabelecimento deste estudo geral veja-se **Vicente BELTRÁN DE HEREDIA**, “**El Estudio general de Calatayud. Documentos referentes a su institución**”, *Revista Española de Teología*, n. XVII, Madrid, 1957, p.205-230.

⁷⁸ Bernabé BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, “Universidades...”, 1992, p.565.

⁷⁹ **Joan B. TORROELLA**, *El Estudi General ó Universitat Literaria de Girona*, Girona, P. Torres, 1906, p.25-49

⁸⁰ “*El Estudio General de Artes no fue una universidad, pero si el punto de arranque de la zaragozana, que aún tardaría sesenta y ocho años en fundarse como tal y ciento nueve para empezar su efectiva labor*”. **Fernando SOLANO COSTA**, “**La Universidad de Zaragoza en la Edad Moderna**”, in **AAVV**, *Historia de la Universidad de Zaragoza*, Madrid, Editora Nacional, 1983, p.53-238 (p.87). Veja-se também Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.319-324.

funcionamento em 1536, após um novo reconhecimento oficial, desta feita por Carlos V, datado de 1533. Há porém matéria interessante relativa aos locais onde se pensou instalar as escolas quando o conselho municipal aprovou finalmente a criação de um estudo geral, em 1450, logo reconhecido por Alfonso V e pelo Papa, ainda que sem consequências práticas nessa ocasião – isto para já não falar nos motivos que levaram a cidade a recusar ofertas régias anteriores (de Martí V, em 1398 e 1408). Voltaremos, assim, a este caso de estudo no capítulo 1.8., já mencionado.

Do mesmo modo, foi longo o processo de consolidação da universidade em Palma de Maiorca. Ainda no século XV, os jurados da cidade solicitaram ao Rei de Aragão Fernando II o Católico autorização para a criação de uma universidade luliana, ou seja, um estudo geral que desenvolvesse as interpretações teológicas e místicas do filósofo franciscano Ramón Llull (1232?-1315), natural de Maiorca. O Rei concederia privilégio para a fundação em 1483, dando deste modo dignidade universitária às cátedras lulistas postas em funcionamento nos anos imediatamente anteriores. No entanto, estes cursos não lograram constituir-se em universidade, nem obtiveram reconhecimento papal nesta primeira fase.⁸¹ Também aqui, interessou-nos a gestão das expectativas locais quanto aos locais mais apropriados para se instalar o estudo.

Faremos ainda uma abordagem ao estudo geral castelhano de Sigüenza, fundação modesta reconhecida em 1489 (mas com um processo de gestação anterior) e da qual nos interessou sobretudo o imóvel central do *“colegio-universidad”*, a que dedicaremos um capítulo próprio na segunda parte da dissertação.

Universidades de maior dimensão viriam a ser as de Valência e de Alcalá de Henares, estabelecidas precisamente no final do período que pretendemos analisar. A cidade de Valência contou com escolas de artes importantes após a conquista cristã (1238). Um estudo geral chegou a ser ratificado por Inocêncio IV em 1245. Após um ressurgimento quatrocentista, a universidade valenciana foi oficialmente reconhecida em 1501 pelo Papa Alexandre IV (e logo

⁸¹ **Álvaro SANTAMARIA, *La promoción universitária en Mallorca***, Universitat de Palma de Maiorca, 1983. O reconhecimento papal só seria obtido quase duzentos anos depois, em 1673.

reconhecida pelo Rei, em 1502).⁸² Não obstante, a decisão para adquirir um conjunto de casas pré-existentes e transforma-las em novo edifício das escolas foi tomada pelo município com anterioridade.⁸³ Neste sentido resulta natural que vejamos o caso de Valência juntamente com os restantes estudos gerais aragoneses e antes do caso notável de Alcalá de Henares, universidade fundada, ou refundada, em 1499, e com a qual finalizaremos a primeira parte do nosso estudo, dedicando-lhe um – plenamente justificado – capítulo próprio.

g) Objectivos

Dentro do quadro geral em que definimos a razão de ser e as motivações do presente trabalho, os objectivos desta dissertação serão vários.

O primeiro, o mais imediato e, talvez, o principal, será o de sistematizar, de modo operativo e dentro dos quadros temático e espacio-temporal estabelecidos, todo um manancial abundante e disperso de informação já publicada e disponível, ao qual juntaremos novas hipóteses de elaboração própria resultantes da análise encetada. Pretendemos, pois, realizar o estudo aprofundado da arquitectura e urbanismo universitários na Península Ibérica (pelo menos, para os primeiros 300 anos do fenómeno) cuja falta tem sido mencionada por vários autores, dentro e fora da península.

No âmbito da história do urbanismo universitário, haverá um conjunto de questões que pretendemos clarificar. Desde logo, tentaremos perceber a evolução das implantações urbanas das universidades ibéricas, na verificação de eventuais padrões e/ou variantes, ilustrando a passagem de uma lógica de implantação das valências relativamente casuística e accidental, para um urbanismo universitário cada vez mais consciente e programado. Neste sentido, tentaremos produzir elementos gráficos esquemáticos (na medida dos meios disponíveis) das implantações das universidades nas respectivas cidades e vilas, de modo a contribuir para uma base gráfica relativa ao tema.

⁸² Pode ver-se um bom resumo desta questão em Bernabé BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, “Universidades...”, 1992, p.564-565.

⁸³ Mais concretamente, em 1492. Veja-se **Amadeo SERRA DESFILIS**, “**Las escuelas medievales y la primitiva obra del Estudi General (1245-1502)**”, in Daniel Benito Goerlich (Coord.), *La Capilla de la Universitat de València*, Valencia, Universitat de Valencia, 1990.

Por outro lado, e dada a existência de uma elaboração teórica e ideal da universidade, delineada por Alfonso X nas *Siete Partidas*, que acompanhou toda a fase inicial do processo universitário ibérico, procuraremos constatar a relevância prática da mesma. Tentaremos, também, aferir da importância dos modelos urbanos desenvolvidos nas universidades ibéricas, no contexto europeu da Idade Média e da primeira Idade Moderna

No âmbito da história da arquitectura universitária, teremos como objectivo caracterizar a evolução progressiva dos tipos arquitectónicos de “colégio” e “sede universitária” na Península Ibérica, procurando os modelos fundamentais destas cadeias. Trata-se de uma “linhagem” já traçada na generalidade, mas que necessitará de actualizações, mais o menos relevantes, de acordo com algumas das conclusões a que chegamos. Paralelamente, tentaremos integrar e relacionar os modelos encontrados no quadro mais alargado da arquitectura universitária europeia.

Um último objectivo da dissertação será naturalmente o de integrar a expressão urbana e arquitectónica da universidade portuguesa do período estudado, na realidade mais alargada da universidade ibérica, sem dúvida o contexto mínimo e natural de inserção do fenómeno nacional, sem a consideração do qual as conclusões esboçadas serão sempre, a nosso ver, demasiado limitadas.

1. A Universidade na Cidade

1.1. Universidades europeias da Idade Média e da transição para a Idade Moderna

A universidade, instituição de génese europeia, foi na sua origem um fenómeno urbano – como notou Rückbrod, a universidade vive “em simbiose” com a cidade.¹ Segundo Jacques Verger, foi sobretudo na região sul da Europa que se preparou “...o terreno privilegiado para o aparecimento das universidades, o que se deveu aos seus graus de urbanização mais elevados, às suas tradições de lei escrita e, possivelmente, ao progresso ali conseguido mais cedo pelos elementos laicos da sociedade”.² A primeira universidade, a de Bolonha, constituída em finais do século XII, surgiu, precisamente, no contexto da “renovação particularmente precoce da vida nas cidades do Norte da Itália”.³

a) “Universidade” e “Estudo Geral”

Importa, antes de mais, relembrarmos o significado da designação “universidade” e a distinção entre “universidade” e “estudo geral” ou, para utilizar os termos latinos, entre *universitas* e *studium generale*.

O termo *universitas* utilizava-se, na Idade Média, para designar todos os tipos de comunidade ou de corporação. Com o tempo, passou a designar uma corporação particular – a corporação dos escolares (*universitas scholarum*) ou dos mestres e escolares (*universitas magistrorum et scholarum*). Tratava-se de uma comunidade independente, de uma pessoa moral,⁴ que se dotava de selo e estatutos próprios. Os estados e a Igreja cedo perceberam a utilidade potencial destas agremiações, ligadas ao ensino e à transmissão do saber, para a formação das novas classes dirigentes.

Foi precisamente neste enquadramento específico que se consolidou o conceito de estudo geral. Um *studium generale* (citando novamente Jacques

¹ “Die Universitas lebte in Symbiose mit der Stadt”. Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977, p.37

² Jacques VERGER, “Modelos”, in Walter Rüegg, Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.I, Lisboa, CRUP/FEAA/INCM, 1996, p.33-71 (p.53).

³ *Ibidem*, p.45.

⁴ *Ibidem*, p.36.

Verger) é “uma instituição de ensino superior fundada, ou, de algum modo, confirmada no seu estatuto, por uma autoridade de natureza universal – tal como o Papa ou, com menos frequência, o Imperador – cujos membros gozavam de um certo número de regalias, também elas de aplicação universal, que transcendiam todas as divisões locais (tais como cidades, dioceses, principados, estados)”.⁵ A mais importante dessas regalias conferidas pelo estudo geral era a *licentia ubique docendi*, ou seja, a licença para ensinar em qualquer outro local da Cristandade, que vinha normalmente associada à atribuição dos títulos académicos de doutor e de mestre, outorgados por delegação da autoridade papal.⁶

Neste sentido, é evidente que o conceito de *studium generale* surgiu depois do de *universitas*, como nos dão conta as diversas confirmações papais ducentistas tardias de universidades pré-existentes – Montpellier (1289), Bolonha (1291), Paris (1292), sendo que uma universidade como a de Oxford nunca recebeu esta confirmação oficial específica, ainda que tenha recebido uns primeiros estatutos papais logo em 1214.⁷

Torna-se também evidente, por definição, que as primeiras universidades surgiram por geração espontânea. Em Bolonha, no final do século XII, desenvolveu-se uma universidade de estudantes, uma *universitas scholarum*. Os estudantes, vindos de fora de cidade em busca do ensino do direito (ministrado em diversas escolas privadas), associaram-se tendencialmente em “nações” de acordo com a sua proveniência. Com frequência passaram a contratar os mestres que os deveriam ensinar. Na realidade, desenvolveram-se duas “universidades” de “juristas”,⁸ a ultramontana (que agrupava as “nações” dos estudantes italianos) e a cismontana (dos restantes estudantes). Em Paris, nos inícios do século seguinte, surgiu uma universidade de mestres e de estudantes (uma *universitas magistrorum et scholarum*) a partir do enquadramento mais ou menos oficial (e em paralelismo com as escolas

⁵ *Ibidem*, p.33. Veja-se também, sobre a distinção entre universidade e estudo geral, Aleksander GIEZYSTOR, “Gestão e recursos”, in Walter Rüegg, Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.I, Lisboa, CRUP/FEAA/INCM, 1996, p.107-141 (p.107-108).

⁶ Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.34.

⁷ *Ibidem*, p.34 e p.49.

⁸ Cerca de 1230-1240. *Ibidem*, p.46.

eclesiásticas tradicionais) de uma série de escolas privadas abertas por mestres independentes.⁹ Dois modelos distintos de organização, portanto, embora devamos sobretudo registar as matérias preponderantemente ensinadas em cada uma destas universidades. Em Bolonha ensinava-se o direito, em particular o direito civil, de que resultava um carácter mais laico da universidade. À beira Sena estudava-se a teologia, donde um teor mais eclesiástico do grémio parisiense.

Outras universidades precoces surgiram de modo mais ou menos espontâneo no dealbar do século XIII, casos das de Oxford, originada por um grupo de mestres e escolares associados segundo o modelo de Paris,¹⁰ ou de Montpellier, onde as escolas de medicina locais deram lugar a uma “universidade médica”, com estatutos atribuídos em 1220, por um legado papal.¹¹

Outras universidades ainda, foram constituídas por grupos de mestres ou de escolares que migraram das primeiras universidades já referidas. A de Cambridge formou-se entre 1209 e 1214 por iniciativa de mestres e estudantes refugiados de alterações ocorridas em Oxford. Pádua (1222) e uma série de outras universidades italianas menos relevantes (algumas de existência efémera) tiveram como origem grupos dissidentes de estudantes de Bolonha.¹² As de Orleães (c. 1236) e Angers (c.1250)¹³ resultaram do êxodo de mestres e estudantes de direito de Paris, após a interdição do ensino do direito civil naquela universidade, decretada pelo Papa Honório III em 1219.¹⁴

Paralelamente, e a partir do início do século XIII, começaram a surgir também fundações universitárias *ex-novo*, ou *ex-privilegio*, constituídas por iniciativa ou por interferência directa dos Reis e dos Papas. Foi na Península Ibérica que surgiram algumas das primeiras “universidades” (leia-se “estudos gerais”) deste tipo. Não obstante, e como referimos anteriormente, a instituição do estudo

⁹ *Ibidem*, p.47.

¹⁰ “A localização da primeira universidade inglesa nesta pequena cidade-mercado, que nem sequer era sede de bispado é algo surpreendente e o acaso deve ter tido alguma influência”. *Ibidem*, p.49.

¹¹ As escolas de medicina existiam em Montpellier desde, pelo menos, 1130. *Ibidem*, p.49.

¹² *Ibidem*, p.50.

¹³ Ambas reconhecidas oficialmente como *studia generalia* apenas no século XIV, em 1306 e 1364, respectivamente. *Ibidem*, p.43 e p.59.

¹⁴ Aleksander GIEZYSTOR, “Gestão e recursos”..., 1996, p.110.

geral de Palência beneficiou da existência prévia de uma escola catedralícia que o Rei de Castela Alfonso VIII terá elevado a estatuto superior, entre 1208 e 1214,¹⁵ garantindo o pagamento dos salários dos professores.¹⁶ O ensino centrava-se nas áreas da teologia e das artes liberais, entrevendo-se aqui uma evidente influência parisiense.¹⁷ Como notou Barcalá Muñoz, foi Honório III que designou pela primeira vez a escola palentina com a palavra “*studium*” ao confirmar-lhe os privilégios em 1220, já depois da morte do monarca.¹⁸ O estudo, porém, teve duração limitada no tempo, pois deixou de funcionar por volta de 1250. Já o estudo geral de Salamanca, no vizinho reino de Leão, seria fundado por Alfonso IX no inverno de 1218-1219. O “*studium generale*” seria reconhecido pelo Vaticano alguns anos mais tarde, em 1255,¹⁹ a instâncias de seu neto Alfonso X, que no ano anterior atribuíra umas primeiras constituições à “*universidad del estudio de Salamanca*”.²⁰ Confirma-se, com este caso concreto, a tendência progressiva para a sobreposição dos termos “universidade” e “estudo geral”.

Regressando ao quadro europeu, podemos ver como o estudo geral de Nápoles foi fundado em 1224 pelo próprio Imperador Frederico II em alternativa potencial às escolas superiores de Bolonha, no espaço do sul da Itália. Seria contudo uma instituição de fraca notoriedade no quadro das universidades do tempo. Mais relevante foi sem dúvida a de Toulouse, criada em 1229, por acordo entre o Rei de França e o Papa, com vista a consumir a repressão dos hereges cátaros no sudoeste francês. Pensada inicialmente como estudo geral

¹⁵ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1953, p.7. Hernández Martín aponta para a data aproximada de 1212. Ramón HERNÁNDEZ MARTÍN, “Contribución de los dominicos”, *AAVV, Historia de la Educación en España y América*, Vol.I, Madrid, Ediciones SM / Morata, 1992, p.487-499 (p.487).

¹⁶ Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.51.

¹⁷ “En fin, Salamanca y Palencia son dos Universidades de contextura antitética. Esta reproduce el molde parisiense, mientras la salmantina es un reflejo de la boloñesa”. Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes...*, 1953, p.12.

¹⁸ O mesmo Papa designaria o mesmo estudo por “*scholae*” em bula do ano seguinte (1221) termo mais corrente para uma escola catedralícia. Veja-se Andrés BARCALÁ MUÑOZ, “Las universidades españolas durante la Edad Media”, *Anuario de Estudios Medievales*, nº15, Barcelona, 1985, p.83-126 (p.87-88).

¹⁹ Bula de Alexandre IV, de 6 de Abril de 1255.

²⁰ Carta régia de 8 de Maio de 1254. Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes...*, 1953, p.21 e seguintes.

teológico, desenvolveu-se sobretudo a partir da década de 1260 como agremiação predominantemente jurídica.²¹

Nos finais do século XIII, outros estudos gerais ibéricos contribuíram precocemente para o registo de fundações “oficiais”. Falamos do de Valladolid, em Castela (que ocuparia o espaço deixado vago pela efêmera fundação palentina), do de Lisboa (fundado c.1290) em Portugal, e do de Lérida (instituído em 1300) em Aragão. Como referiu Verger,

*“foi indiscutivelmente na Península Ibérica que, a partir do século XIII, as autoridades políticas interferiram mais directamente no desenvolvimento das universidades, um facto que se pode explicar, provavelmente, pela tendência que os soberanos da Espanha tinham para tomarem nas suas mãos o encargo da organização dos seus reinos à medida que estes eram constituídos graças à Reconquista”.*²²

Os vários estudos gerais criados na Península Ibérica (exceptuando o de Palência) seguiram o modelo de Bolonha. Não era o caso, porém, de terem surgido como universidades de estudantes. Seguiram o modelo bolonhês na atenção preferencial dada ao ensino do direito civil (matéria que mais interessava ao poder real instituidor) e na importância relativa dada à organização dos discentes. Estes, entre outros aspectos, tinham faculdade de escolher (de entre eles) um ou mais reitores.

No século XIV surgiram ainda as novas fundações “nacionais” na área de influência do Sacro Império: Praga, 1347/8 (com o apoio do Papa e do próprio Imperador Carlos IV), Cracóvia (1364) e Viena (1365). Todas estas fundações de carácter imperial, régio ou ducal (reconhecidas mais cedo ou mais tarde pela Cúria romana), ou régias e pontifícias (como Toulouse), eram, à partida e simultaneamente, estudos gerais e universidades. Todas as “universidades” passaram a ser deste tipo a partir dos meados do século XIII, ainda que podendo ser resultado de iniciativa de autoridades locais ou municipais, sempre com o apoio ou consentimento do Rei e o reconhecimento do Papa. Os dois termos, “universidade” e “estudo geral”, passaram, pois, a designar o

²¹ Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.51.

²² *Ibidem*, p.51.

mesmo tipo de instituição, uma das mais originais criações da civilização ocidental – a universidade, tal qual a conhecemos hoje.

b) Os primeiros indícios de um urbanismo universitário

Como se organizaram no espaço urbano as primeiras universidades? Existiram diferenças de fundo entre a implantação física das universidades “espontâneas” e dos estudos gerais de fundação (régia, eclesiástica, municipal) *ex-novo*? Houve evolução notória, na relação entre universidade e cidade, da idade média para a primeira idade moderna?

Numa fase inicial, e segundo Rückbrod – autor de estudo pioneiro e fundamental sobre a implantação das primeiras universidades na cidade – **não se descortina uma intencionalidade urbana** na escolha dos locais para as aulas, de reunião e de residência dos universitários. Estas localizações permaneceram espalhadas pela cidade, revelando um quadro sempre provisório de soluções.²³ Daí terem resultado as características de flexibilidade e de adaptabilidade das primeiras universidades, de que advinha também uma maior autonomia, que admitia, inclusivé, o recurso à ameaça extrema de traslado da comunidade universitária para outra cidade, quando não satisfeitas determinadas condições.

Não obstante, o mesmo autor pôde antever (em Bolonha e em Paris) o desenhar de uma determinada ordenação urbana dos locais universitários nos finais do século XIII.²⁴ **A concentração no âmbito de bairros urbanos específicos ou ao longo de determinados arruamentos** passou a ser regra aceite, tal como sucedia com ruas adstritas a determinadas corporações de profissionais ou de artesãos. É pois vulgar surgirem as ruas “das escolas”, “dos livros”, ou “dos livreiros”, tal como existiam ruas “dos sapateiros”, “dos padeiros”, “dos oleiros”, ou outras.

²³ “A certain intention in the location choice of the different premises for teachings, meeting and accommodation, or a separation of the different universities or faculties from each other into certain ranges, is not, in the origin, to be observed. The classrooms lay scattered in the city”. Tradução livre para inglês do texto original em alemão, Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.37.

²⁴ “With the progressive process of gradual establishment and adjustment of the universities, the tendency developed to (...) aim at a visible order towards the end of the 13th century. A concentration on certain boroughs became generally accepted”. Tradução livre para inglês do texto original em alemão, *Ibidem*, p.37.

Porém, não havia propriamente edifícios universitários. As aulas decorriam muitas vezes ao ar livre, em determinadas ruas ou praças, ou em casas ou salas arrendadas por mestres ou pelos alunos, ou por vezes ainda, em igrejas paroquiais ou nos conventos. Mestres e estudantes residiam igualmente em casas pré-existent. Estes últimos tendiam a arrendar habitação em grupo – surgiram assim os *hospicia* parisienses, os *halls* de Oxford, ou os *hostels* de Cambridge, antecessores dos colégios. As sessões solenes, que incluíam as tomadas de posse dos reitores, a abertura solene das aulas, a atribuição de graus académicos e ainda uma série de festas religiosas, tinham lugar nas catedrais, em igrejas paroquiais ou dos mosteiros, em particular os das ordens mendicantes, que cedo mostraram interesse em participar na vida das universidades. Assim, *“per lungo tempo (...) non è esistito uno specifico edificio universitario (...). Fu soltanto alla fine del Medioevo, e soprattutto nella prima età moderna che apparvero e si svilupparono dei veri e propri edifici universitari, idonei ad accogliere le rispettive funzioni”*.²⁵ A presença universitária na cidade era, pois, e sobretudo, *“uma presença de homens”*.²⁶ Veremos seguidamente, ainda que de forma resumida, o caso de algumas cidades universitárias importantes da Europa – deixaremos a análise (mais detalhada) dos casos ibéricos para os capítulos seguintes.

c) Bolonha²⁷ e a visão ideal de Boncompagno da Signa

“Existiram escolas privadas de direito em Bolonha desde a segunda metade do século XI”.²⁸ De entre os primeiros professores de renome, destacaram-se Irnério, que leccionou entre (pelo menos) 1112 e 1125 e que foi o reestruturador do direito romano que havia sido codificado, no século VI, pelo Imperador Justiniano. E ainda Graciano, activo pelos anos de 1140, que fez

²⁵ **Gian Paolo BRIZZI, Jacques VERGER, “Introduzione”,** in Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger, *Le Università dell'Europa. Gli Uomini e i Luoghi – secoli XII-XVIII*, Milano, Silvana Editoriale, 1993, p.9.

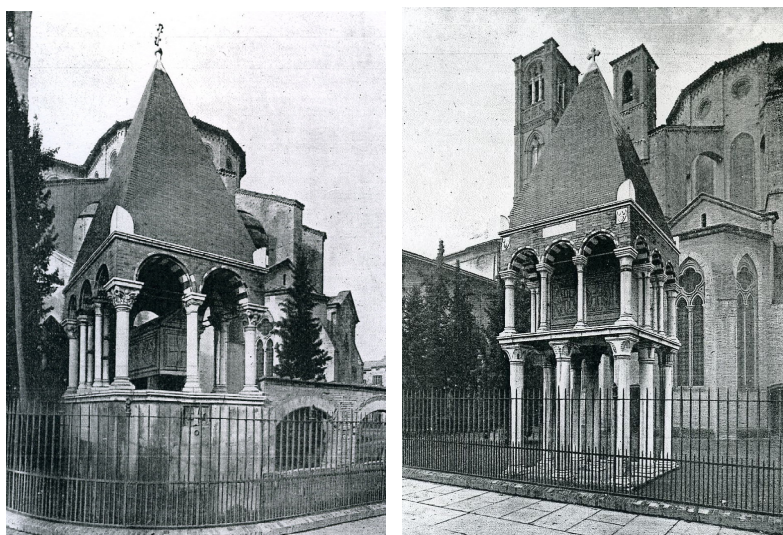
²⁶ *“Ma la presenza universitaria nella città era soprattutto presenza di uomini...”*, *Ibidem*, p.9.

²⁷ Sobre a localização das escolas superiores na Bolonha medieval consultamos sobretudo Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977. Veja-se ainda **Albano SORBELLI, *Storia della Università di Bologna***, Vol.I, Bologna, Nicola Zanichelli Editore, 1944.

²⁸ Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.45.

trabalho de base comparável para o direito canónico, codificando os decretos.²⁹ Irnério leccionou na igreja monástica (benedictina) de *San Procolo*, dentro de muros e junto da porta da cidade com o mesmo nome. Aqui surgiria o bairro próprio das duas “universidades” de juristas – ultramontanos e cismontanos. Já o monge Graciano leccionava o direito canónico fora de portas, na escola conventual de *San Felice*.³⁰ O Direito canónico era também ensinado nas dependências da catedral de *San Pietro*, que cedo se tornou o centro da “universidade”.³¹ Junto da catedral fixou-se o “colégio dos doutores”, ou seja o agrupamento autónomo dos professores. Assim, era na sé que decorriam as cerimónias de atribuição dos graus, entre outro actos solenes da universidade, que incluíam também as tomadas de posse dos reitores.³²

Outro professor famoso, Búlgaro, dava aulas (em meados do século XII) na sua magnífica casa na zona central da cidade. A escola de direito de Piacentino funcionava, cerca de 1185, no palácio da família Castelli. Já Alberico, ex-aluno de Búlgaro, tinha tantos alunos que estava dependente das salas comunais postas à sua disposição, as “*Scolae Sancti Ambrosi*”. Situavam-se num ex-palácio da comuna, junto da igreja de *San Ambrogio*, do lado nascente da antiga *piazza Maggiore*. Nestas escolas viria também a ensinar Odofredo (**fig.2**), depois de 1200.³³



Figs.1.2
Bologna.
Arcas tumulares dos
professores Acúrcio
e Odofredo
(fonte: Sorbelli).

²⁹ *Ibidem*, p.45.

³⁰ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.65-66.

³¹ *Ibidem*, p.76.

³² *Ibidem*, p.74.

³³ *Ibidem*, p.67.

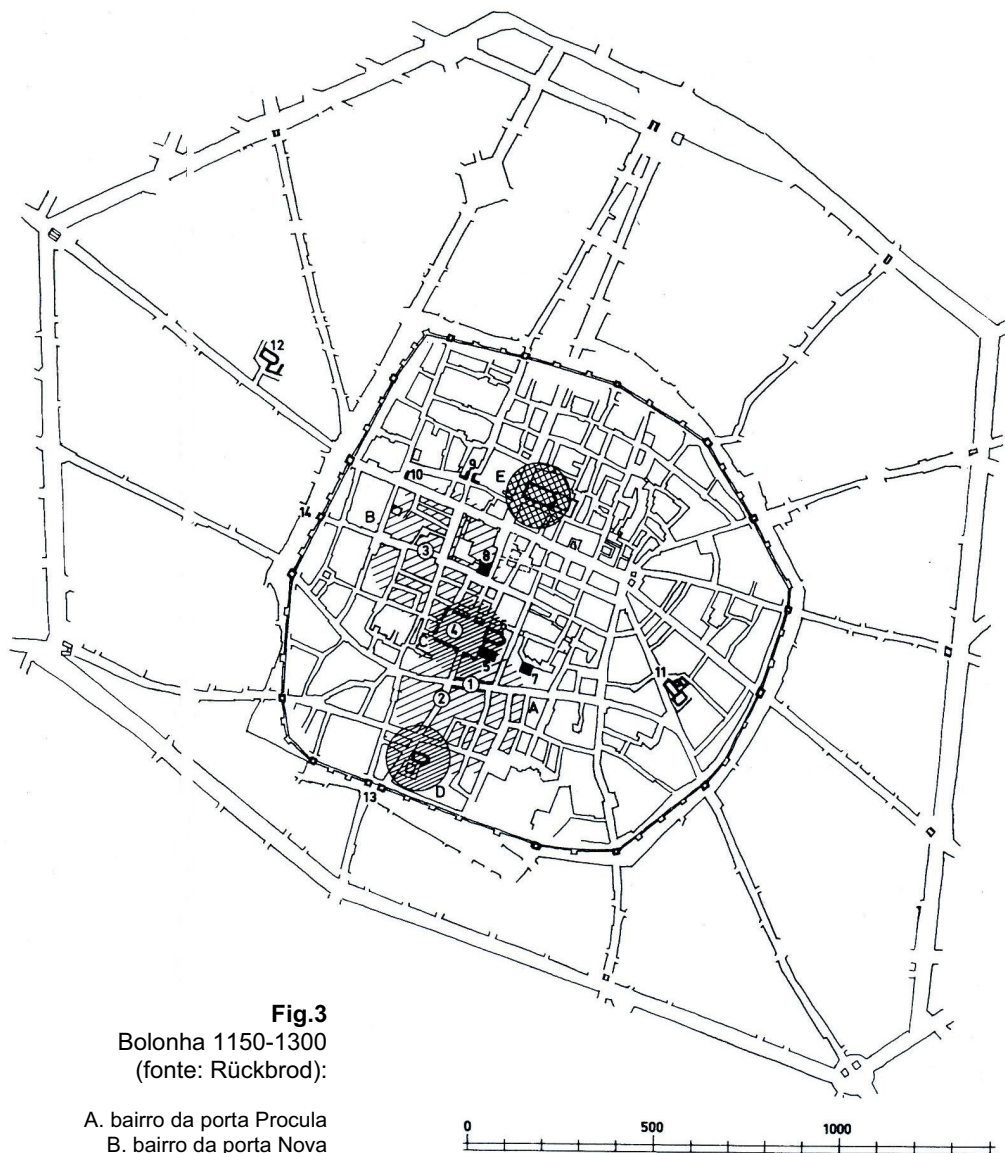


Fig.3
Bolonha 1150-1300
(fonte: Rückbrod):

- A. bairro da porta Procula
- B. bairro da porta Nova
- C. zona da antiga Piazza Maggiore
- D. igreja de San Proculo
- E. Catedral de San Pietro
- 1. via dei Libri
- 2. via San Mamolo
- 3. via Porta Nova
- 4. Piazza Maggiore (antes de 1250)
- 5. Palazzo del Comune "Curia Sancti Ambrosii"
- 6. San Ambrogio; casa e escola de Odofredo
- 7. casa e escola de Bulgaro
- 8. casa e escola de Acúrcio
- 9. casas dos Castelli
- 10. casas dos Storlitti
- 11. convento de San Stefano
- 12. convento de San Felice
- 13. porta Procula
- 14. porta Nova

Na viragem do século, a *piazza Maggiore* seria deslocada para um novo espaço, um pouco mais a nordeste. Um novo palácio da comuna seria aí levantado na frente poente, enquanto as já referidas salas de *San Ambrogio* se situavam agora do lado sul. Cerca de 1260, o advogado Acúrcio (**fig.1**) leccionava na sua casa paredes-meias com o novo *Palazzo del Comune*.³⁴ Como notou Rückbrod, “*uma certa concentração no centro da cidade pode observar-se no primeiro período do Estudo em Bolonha*”³⁵ – veja-se a **fig. 3**. O próprio Acúrcio elogiava a situação central e privilegiada das escolas.³⁶ Sucede que anos antes, cerca de 1235, um outro advogado, Boncompagno da Signa,³⁷ se referiu à situação ideal das escolas, na sua obra *Rhetorica Novíssima*,³⁸ em termos claramente distintos:

“*Seja a casa da disciplina escolástica construída ao ar livre e puro. Seja afastada da presença das mulheres, do clamor de fora e do barulho dos cavalos, da navegação, do ruído dos carros.*”³⁹

Refere ainda (depois de elencar algumas características da sala de aula ideal) que as janelas deviam permitir uma vista sobre os jardins e paisagem vizinhos, factor que supostamente ajudava a reavivar a memória. Boncompagno defende, pois, **uma implantação das escolas periférica e/ou no limite da cidade**. Estes comentários só podem ser entendidos, a nosso ver, como uma crítica face à situação das escolas em Bolonha, em particular face à tendência

³⁴ *Ibidem*, p.67.

³⁵ “*Damit ist schon in der Frühzeit des Studiums in Bologna eine gewisse Konzentration auf das Stadtszentrum zu beobachten*”. *Ibidem*, p.66.

³⁶ “*...die zentrale Stadlage des Hörsaals von Accursio gerühmt wurde*”. *Ibidem*, p.67.

³⁷ Boncompagno nasceu em Signa, pequena comunidade distante sete milhas de Florença, em data incerta, entre 1165 e 1180. Fez os primeiros estudos na cidade do Arno até que se transferiu, ainda novo, para Bolonha onde ensinou, como *magister*, gramática e retórica. Faleceu depois de 1240. **Patrizia CECCHI, Boncompagno da Signa** in <http://www.comune.signa.fi.it> consultado em 22.05.2009.

³⁸ **BUONCOMPAGNO DA SIGNA, *Rethorica Novíssima***, Manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana, Borghese 97 – referência em Amadeo SERRA DESFILIS, “El Colegio de España en Bolonia y la arquitectura universitaria del primer Renacimiento en Italia y España”, in José Luis Colomer, Amadeo Serra Desfilis (Dir.), *España y Bolonia. Siete siglos de relaciones artísticas y culturales*, Madrid, Centro de Estudios Europa Hispánica / Fundación Carolina, 2006, p.17-30 (p.29).

³⁹ Agradecemos ao Professor José Luis Brandão (FLUC) a tradução do texto latino original para português. A tradução integral pode ver-se no **anexo I**, no final da presente dissertação, tal como o original latino extraído de **Anneliese MAIER, “Un manuale per gli studenti di diritto in Bologna del sec. XIII-XIV”**, *Archiginnasio*, Bolonha, n.44-45, 1949-1950, p.161-169.

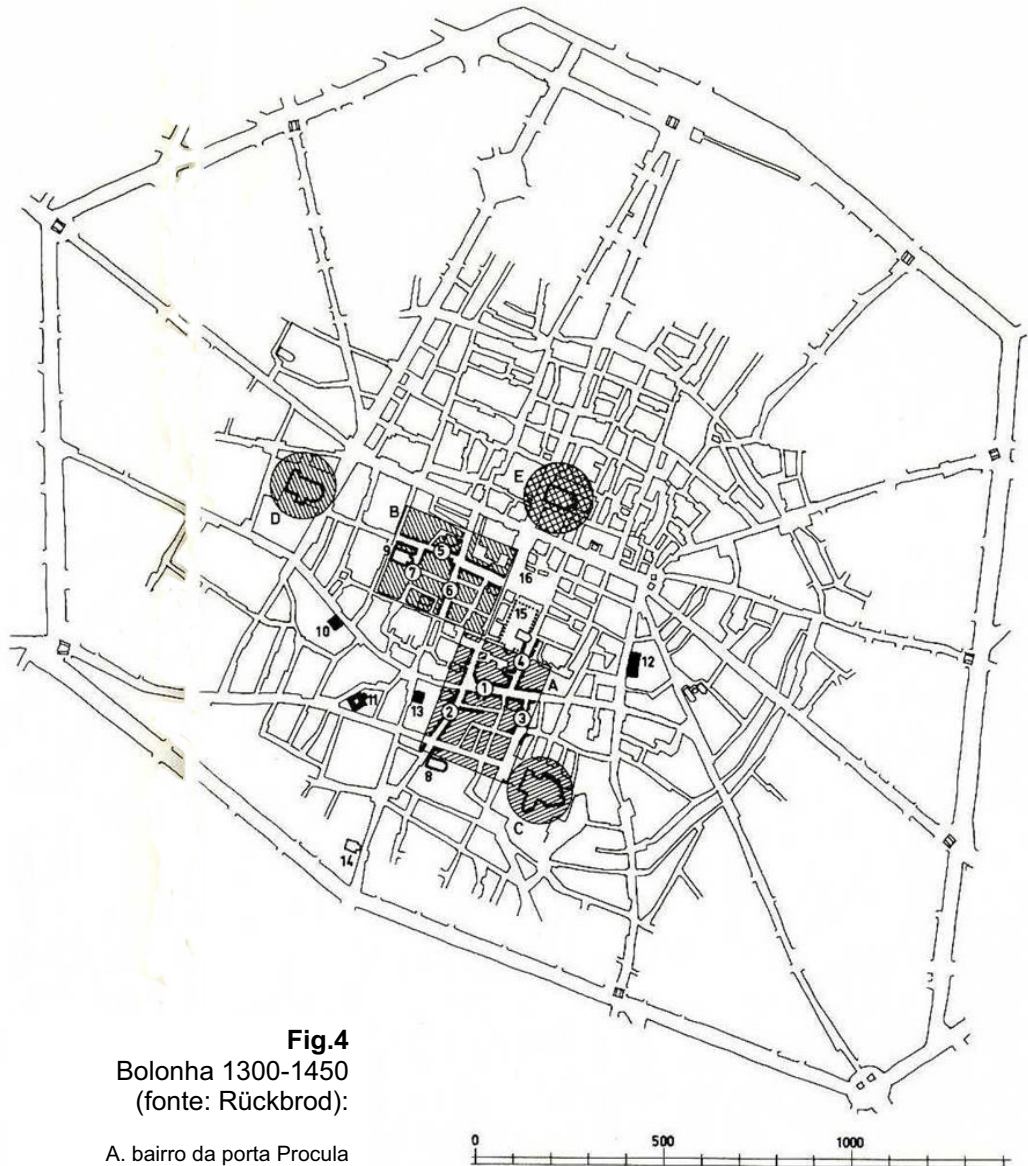


Fig.4
Bolonha 1300-1450
(fonte: Rückbrod):

- A. bairro da porta Procula
(universidade dos juristas)
- B. bairro da porta Nova
(universidade dos artistas)
- C. San Domenico
- D. San Francesco
- E. Catedral de San Pietro
- 1. via delle Scuole ou dei Libri
- 2. via San Mamolo
- 5. via porta nova
- 8. igreja de San Procuolo
- 9. convento de San Salvatore
- 10.12.13. colégios
- 11. collegio di Spagna
- 15. igreja de San Petronio (em
construção desde 1390)
- 16. Piazza Maggiore (localização
depois de 1250)

do seu estabelecimento em áreas centrais e concorridas daquela urbe.⁴⁰ É, pois, provável que Boncompagno tivesse em mente a implantação urbana distinta (que trataremos um pouco mais adiante) de uma outra renomada universidade da Europa do tempo – a de Paris.

Regressando ao estudo de Rückbrod sobre a implantação urbana da “universidade” em Bolonha, podemos observar uma evolução nos finais do século XIII (**fig.4**). Neste período as duas universidades dos juristas tendem a agrupar-se em torno do bairro da *porta Procola*, sendo que são infra-estruturadas uma série de salas de aula de ambos os lados de duas importantes vias que cruzam o bairro – a *via delle Scuole* ou *via dei Libri*, correndo na direcção leste-oeste, e uma perpendicular a esta, a *via San Mamolo*, que saía da *Piazza Maggiore*, em direcção a sul. Em 1280 surgiu uma terceira “universidade”, a dos médicos e artistas. As salas de aula tenderam também a agrupar-se ao longo de uma artéria, a *via Porta Nova*, rua que atravessa o bairro homónimo onde universitários médicos e artistas passaram a instalar-se. Rückbrod entreviu nestes processos o que classificou de **urbanismo “consciente”**⁴¹ – a fixação de salas de aula de ambos os lados de “ruas de guilda”, que por sua vez atravessavam bairros bem identificados⁴² e adstritos a determinadas corporações universitárias.

Devemos referir também o progressivo ascendente das ordens mendicantes sobre as corporações universitárias, desde que aquelas chegaram à cidade, em inícios do século XIII. De facto, as igrejas conventuais de São Domingos e de São Francisco (situadas na proximidade de cada um dos bairros universitários) cedo se afirmaram como estruturas centrais das universidades

⁴⁰ Dos professores famosos, apenas Graciano havia ensinado (cem anos antes) fora das antigas muralhas, no convento de San Felice. Já a igreja onde Ilnério ensinara, de *San Procolo*, se situava intramuros, perto da porta homónima da primeira muralha. Todos os outros professores que mencionamos tinham as suas escolas bem no centro da cidade.

⁴¹ “*Hierin kann man eine bewußte, wenn auch verspätete Planung sehen*” – “*Herein one can see a conscious, even if late, planning*”. Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.71.

⁴² Rückbrod refere especificamente as ruas que definiam os limites de cada bairro. *Ibidem*, p.69-70. Veja-se também a fig.4 (retirada do mesmo trabalho).

dos juristas e dos médicos/artistas,⁴³ respectivamente. Coexistiram com a catedral de *San Pietro*⁴⁴ como estruturas de referência na vida universitária. Finalmente, registemos o fim da organização universitária em torno de bairros específicos ocorrida entre meados do século XV e do século XVI. De facto, cerca de 1450, a “*Gabella grossa*” (o comité financeiro da universidade, controlado pela comuna⁴⁵) decidiu estabelecer um novo edifício para as escolas dos juristas – as escolas de *San Petronio*,⁴⁶ junto da magnífica obra da igreja de *San Petronio*, que se ia levantando, desde 1390, no lado sul da nova *piazza maggiore*. Com a construção deste novo edifício central das escolas de direito (de que se desconhecem os aspectos arquitectónicos) desapareceu o bairro dos juristas da *porta Procula*. Mantiveram-se, neste tempo, os artistas e médicos no seu bairro da *porta Nova* até à construção do novo *Archiginnasio*, (em substituição das mencionadas escolas de *San Petronio*), imóvel que passou a ser (após 1563, data da sua conclusão) edifício sede da nova universidade de Bolonha, finalmente unificada.

d) Paris e o Quartier Latin

Podemos observar, por outro lado, como a situação de implantação das escolas em Paris era distinta da de Bolonha. Para além das escolas eclesiásticas tradicionais, das quais a principal era a do cabido da catedral de *Notre Dame*⁴⁷ (escola de teologia onde ensinaram, entre outros, Pedro Lombardo⁴⁸), surgiram a partir final do século XI uma série de escolas privadas

⁴³ A igreja monástica de São Domingos (construída entre 1235 e 1350) servia para as assembleias-gerais das universidades dos juristas, bem como para as cerimónias de abertura do ano lectivo e actos de eleição dos reitores. Na sacristia estavam os arquivos, guardavam-se os privilégios, estatutos e selos das universidades. Do mesmo modo era usada a igreja de São Francisco (erguida entre 1236 e 1263) pelos médicos e artistas. *Ibidem*, p.75-76.

⁴⁴ Na catedral de *San Pietro* estava sediado o colégio dos doutores. Aí tinham lugar as cerimónias solenes da universidade, atribuíam-se os graus e tomavam posse os reitores. *Ibidem*, p.74.

⁴⁵ *Ibidem*, p.22.

⁴⁶ Também mencionadas como “*Scuole grande*” (1447) ou “*nuove i grandi Scuole*” (1455). *Ibidem*, p.71-72

⁴⁷ Levantada entre 1163 e cerca de 1260.

⁴⁸ Pedro Lombardo, (c.1100-1160).

abertas por mestres independentes.⁴⁹ Estas últimas não se implantaram nas áreas centrais da cidade.

Abelardo (1079-1142), o mais notável destes mestres, fixara-se na *rive gauche*, no sopé do monte de Sainte Geneviève, fora da autoridade episcopal. Outros mestres seguiram-no ou fixaram-se frente ao *Petit Pont*, que ligava a ilha da *Cité* à margem esquerda do Sena.⁵⁰ Nesta época, a *rive gauche* – que havia sido o local de implantação da Lutécia galo-romana⁵¹ – era uma área parcialmente rural, desprovida da protecção de uma muralha, e cujo território estava ocupado, em grande medida, pelas cercas de variados estabelecimentos monásticos. Não se registava, de resto, um desenvolvimento urbano significativo, excepto junto às pontes sobre o Sena e num ou noutro burgo próximo, casos dos de *Saint-Germain* e de *Saint-Marcel*.⁵² *“Docenti e scolari trovano quindi facilmente la possibilita di alloggio in questa zona, controllata dal re e dal vescovo in modo molto meno rigoroso della Cité, molto meno cara e più tranquilla della riva destra, la cui vocazione al commercio e all’artigianato era già evidente”*.⁵³

Jacques Verger cita o testemunho de John de Salisbury, que frequentou as escolas entre 1140 e 1160, e que louvava a liberdade e consideração que os filósofos gozavam em Paris, enaltecendo ainda a sua qualidade de vida.⁵⁴ Guy de Bazoches, cerca de 1180, pintava também o cenário idílico da universidade parisiense – *“nel cuore di una valle di delizie, circondata di colline che Cerere e Bacco non smettono di decorare, (...) la dimora perpetua delle arte liberali,*

⁴⁹ Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.47. Estes mestres eram obrigados, “pelo menos depois de 1150, a solicitar uma «licença para ensinar» ao chanceler de Notre-Dame (...). O conteúdo dos cursos leccionados nas escolas privadas era (...) variado, pois – apesar da sua especialidade ser a Dialéctica – nelas também se ensinava Gramática, Direito e Medicina”. *Ibidem*, p.47.

⁵⁰ Jacques VERGER, “Studenti e maestri nella vita cittadina”, in Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger, *Le Università dell’Europa. Gli Uomini e i Luoghi – secoli XII-XVIII*, Milano, Silvana Editoriale, 1993, p.51-79 (p.57).

⁵¹ Foi a meados do século III que ocorreu “la destrucción casi total de la ciudad gallo-romana de la iberia izquierda por las primeras incursiones de los pueblos germánicos (...). La consecuencia fue un nuevo repliegue, casi total, en las nueve hectáreas de la isla de la cité, fortificada con una sólida muralla y densamente ocupada por edificios públicos, una gran basílica civil y las casas particulares. Maurice GARDEN, “Paris”, in Jean Luc Pinol (Dir.), *Atlas histórico de ciudades europeas*, Barcelona, Salvat / CCCB, 1996, p.27 e seguintes (p.28).

⁵² Jacques VERGER, “Studenti e maestri ...”, 1993, p.57.

⁵³ *Ibidem*, p.57.

⁵⁴ *Ibidem*, p.57.

laddove si insegnano anche le leggi e i decreti, ladove sorge la fonte salvifica della Sacra Scrittura".⁵⁵ Também os *goliards* forçavam, nas suas letras, o paralelismo "*Paris*" / "*Paradisus*". Citando novamente Verger, para os intelectuais do final do século XII, Paris não era "*più semplicemente la sede di un numero eccezionale di scuole di alto livello, ma un vero e proprio posto in cui vivere, il luogo per eccellenza in cui poteva espandersi una certa forma di felicità imana legata alla pratica collettiva dello studio*".⁵⁶ Insistimos, pois, aqui, na repetição destas referências, porquanto nos ajudam a explicar o quadro mental em que surgiram as elaborações teóricas de Boncompagno (no contexto bolonhês) e de Alfonso X (no contexto ibérico, à qual nos referiremos mais adiante), em meados do século seguinte.

No entanto, e apesar da condição semi-rural da margem esquerda do Sena no período de desenvolvimento inicial das escolas parisienses, o enquadramento urbano de fundo (a relação com a *Cité* e com a margem direita plenamente urbanizadas e o processo de urbanização em curso na margem esquerda) foi fundamental para o sucesso da universidade. Com efeito, a *rive gauche* seria amuralhada por iniciativa própria do Rei Philippe Auguste (r.1180-1223) no início do século XIII (vinte anos depois da margem direita)⁵⁷ devido, em grande medida, à presença prévia das escolas. Nos anos seguintes, a transformação da margem esquerda seria profunda – "*La affluencia de estudiantes procedentes de toda Francia y de toda Europa occidental creó una situación extraordinaria en este barrio de París aún poco construido, pero protegido ya por unas murallas*".⁵⁸

Por outro lado, foi já notado que o próprio Abelardo tentou transferir, sem êxito, as suas escolas para a região da Champagne (cerca de 1125). "*È chiaro che gli era stato impossibile far vivere in aperta campagna una comunità di tal tipo (...). Essi [os estudantes] avevano bisogno delle comodità cittadine...*".⁵⁹ Daí que uma situação periférica da universidade, **simultaneamente apartada e**

⁵⁵ *Ibidem*, p.57

⁵⁶ *Ibidem*, p.57

⁵⁷ A construção da muralha da cidade da margem direita fora levada a cabo na última década do século XII (também sob Philippe Auguste) por iniciativa dos burgueses de Paris. Maurice GARDEN, "Paris"..., 1996, p.32.

⁵⁸ *Ibidem*, p.32.

⁵⁹ Gian Paolo BRIZZI, Jacques VERGER, "Introduzione" ..., 1993, p.8 (c.1125).

dentro da cidade, se revelará, nos textos citados, como a mais indicada. Verificámos, portanto, que os casos de Bolonha e de Paris são distintos, em termos da lógica de implantação dos bairros universitários, no sentido em que o bairro universitário parisiense, o famoso *Quartier Latin*, se constituiu em área particular e apartada da cidade.

No entanto, podemos também dizer que existiram traços comuns. De facto, podemos constatar como em Paris as aulas eram dadas ao ar livre ou em salas arrendadas pelos mestres em vulgares casas urbanas. Com o tempo, e tal como em Bolonha, certos quarteirões e ruas (dentro do bairro alargado do *Quartier Latin*) serviram de âmbito ao ensino das várias matérias (**fig.5**).

Destacaremos em particular as classes da faculdade de artes dadas (por vezes a céu aberto) em duas localizações junto do *Petit Pont* – a *Place Maubert* e a *Rue du Fouarre*. Este arruamento específico ganharia protagonismo como a “rua-guilda” da faculdade de artes,⁶⁰ na qual decorriam as aulas (ao ar livre ou em salas arrendadas) e onde as várias “nações”⁶¹ de estudantes passaram a arrendar casas. O nome da rua, “*du Fouarre*”, em português “rua da palha”, deriva precisamente dos fardos de palha que os estudantes – de fracos recursos – usavam como assento para assistir às lições.⁶² Esta via manteve a sua importância universitária até finais do século XV, época em que as actividades lectivas se haviam transferido definitivamente para o interior dos novos colégios.⁶³

A faculdade de direito (canónico) estabeleceu-se, por sua vez, mais a sul, na zona do *Clos Bruneau*.⁶⁴ As lições de teologia tiveram também locais adstritos, embora tivessem variado no tempo. Começaram por ter lugar no capítulo da

⁶⁰ “Die «Zunftstrasse» [em inglês «guild-street»] der Artistenfakultät war die Rue du Fouarre”. Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.88.

⁶¹ As nações da faculdade de artes formalizaram-se cerca de 1220 e eram quatro: francesa, picarda, normanda, e inglesa. Sobre universidades, faculdades e nações, veja-se Aleksander GIEZYSTOR, “Gestão e recursos”..., 1996, p.107-141.

⁶² Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.88. Veja-se também, sobre a faculdade de artes e a *Rue du Fouarre*, **André TUILIER, *Histoire de l'Université de Paris et de la Sorbonne***, Paris, Paris, G.-V. Labat Éditeur, 1994, Tomo I, p.55-57.

⁶³ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.88.

⁶⁴ *Ibidem*, p.90. Já a faculdade de medicina surgiu originalmente associada à faculdade de artes, autonomizando-se em 1274 e organizando-se na proximidade das escolas dos artistas. Em 1470 adquiriu um imóvel-sede na *rue de la Boucherie* que manteve até à Revolução. *Ibidem*, p.89.

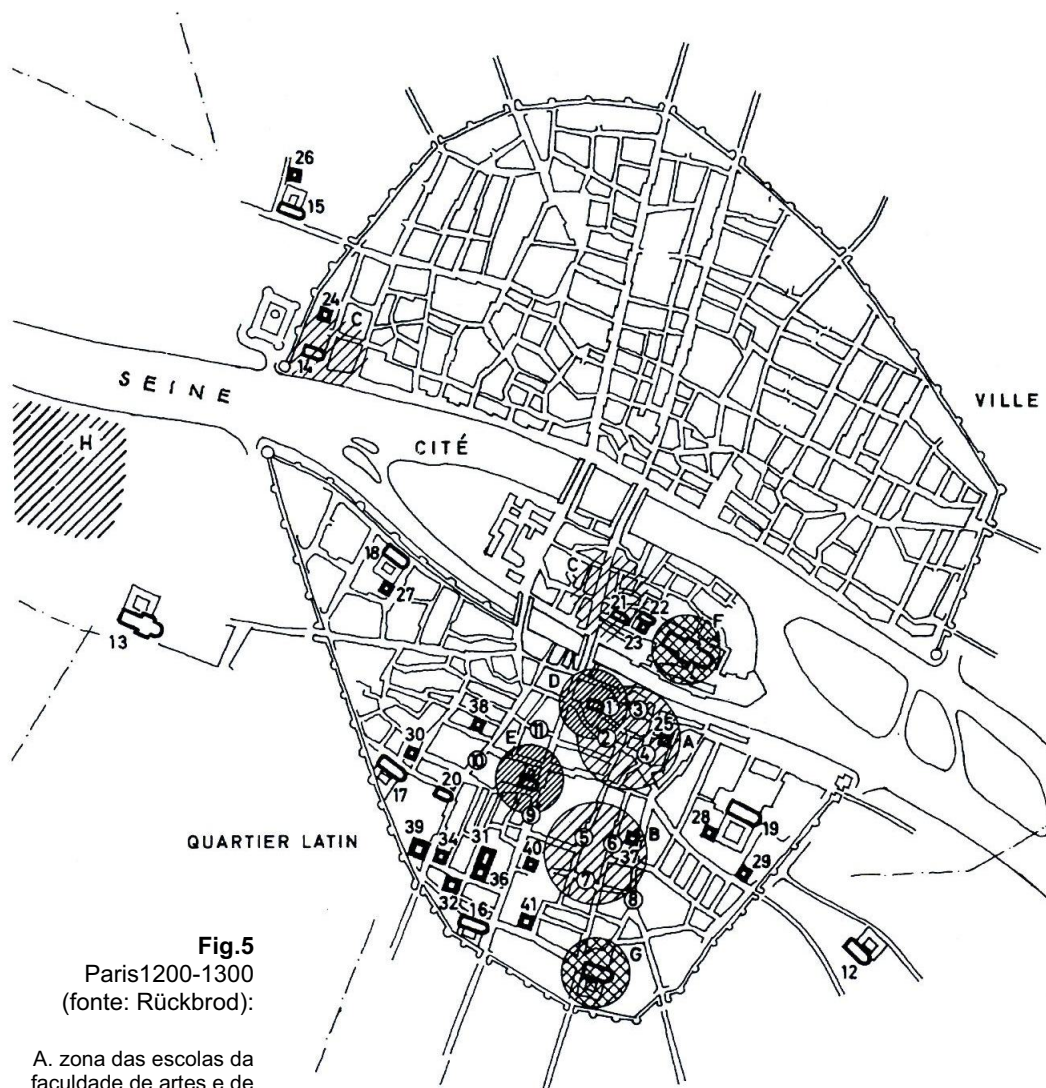


Fig.5
Paris1200-1300
(fonte: Rückbrod):

- A. zona das escolas da faculdade de artes e de medicina
- B. "Clos Bruneau", zona das escolas da faculdade de direito canónico
- C. zona das escolas da faculdade de medicina a partir do séc. XIII
- D. Saint Julien le Pauvre
- E. Saint Mathurin (centro administrativo da universidade)
- F. Catedral de Notre Dame
- G. Abadia de Sainte
- H. Pré-aux-clerics
- 1. Rue du Fouarre
- 3. Rue de la Bucherie
- 9. Rue St. Jacques
- 16. Dominicanos
- 17. Franciscanos
- 18. Agostinhos
- 19. Les Bernardins
- 23. Collège des dix-huit (1180)
- 24. Collège St.Thomas/St. Nicholas du Louvre (1186)
- 31. Collège de Sorbon (1257)



Notre Dame, tendo passado mais tarde à igreja trinitária dos *Mathurins*, já na *rive gauche*, até que se fixaram no recém-fundado colégio de Sorbonne, cerca de 1270. Os graus académicos eram outorgados na catedral de *Notre Dame* (os de doutoramento) ou na abadia de *Sainte Geneviève* (os de mestre em artes). Já as assembleias gerais da universidade e das diversas faculdades, bem como as missas e sessões solenes, foram tendo lugar em diversas igrejas do *Quartier Latin*, em particular Saint Julien le Pauvre (a primeira sede da universidade), *les Mathurins* e, depois de 1300, nos conventos de dominicanos e franciscanos (veja-se outra vez a **fig.5**).⁶⁵ Dentro deste quadro geral que vimos traçando, o carácter especificamente universitário da margem esquerda do Sena resultava, sobretudo, do facto de mestres e estudantes viverem no mesmo bairro onde estavam as escolas.⁶⁶ Os estudantes, evidentemente mais numerosos, juntavam-se em *hospicia* ou *pedagogies*, residências universitárias estabelecidas de modo mais ou menos espontâneo em casas urbanas particulares. No entanto, foi em Paris que surgiram em força os primeiros colégios, estruturas que se distinguiam das anteriores por terem sido fundadas por figuras beneméritas que os dotavam de estatutos e, mais importante, de rendimentos próprios, o que admitia o prolongamento destas instituições no tempo. De acordo com Rückbrod, aos 12 colégios abertos no século XIII, juntaram-se-lhes outros 37 no século XIV, e ainda mais 11 no século XV. Em

⁶⁵ Rückbrod refere que na igreja beneditina de *Saint Julian le Pauvre* decorriam as assembleias-gerais da faculdade de artes e de toda a universidade até cerca de 1300. Também a primeira parte do exame para mestre de artes tinha aqui lugar – a segunda parte tinha lugar, por sua vez, na igreja abacial de *Sainte Geneviève* ou na catedral de *Notre Dame*. Já as atribuições dos graus de doutor ocorriam na catedral. No claustro do convento trinitários dos *Mathurins* estavam os arquivos da universidade (o selo estava em *Sainte Geneviève*). Depois de 1300 a universidade passou a reunir nos conventos dos dominicanos (*Jacobins*), dos franciscanos (*Cordeliers*), na casa do capítulo dos *Bernardins* ou ainda no refeitório dos *Mathurins*. As missas da universidade celebravam-se nas igrejas dos franciscanos, dos dominicanos ou ainda na capela do novo *collège de Navarre*. Em *Saint Julian* continuaram as assembleias dos artistas. Os arquivos (provenientes dos *mathurins*) e a arca com o selo da universidade (que estava em *Sainte Geneviève*) passaram a guardar-se na capela do *collège de Navarre*. Não obstante, o convento dos *Mathurins* manteve-se como centro administrativo da universidade parisiense e sede/residência do reitor: “At the end of the 15th century one ranked the monastery of les Mathurins among the three most famous buildings of Paris: the cathedral of Notre Dame as seat of the bishop, the Palais Royal as seat of the king and parliament and les Mathurins as seat of the university” – tradução livre para inglês do texto original em alemão. Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.93-94.

⁶⁶ Jacques VERGER, “Studenti e maestri nella vita cittadina”..., 1993, p.58.

Fig.6
O Quartier Latin,
meados do séc. XVI
Detalhe do plano de
Truschet et Hoyau
(1553)



1500 havia cerca de 60 colégios em Paris.⁶⁷ No início de Quatrocentos o número de estudantes da universidade ascendia a 3000 ou 4000 estudantes, dos quais cerca de mil pertenciam às faculdades superiores.⁶⁸ Concluiu Jacques Verger que em nenhum lugar como no *Quartier Latin* de Paris “*la simbiosi tra la metropoli e l’ateneo rinomato e frequentato si realizzò in modo così stretto*” (fig.6)⁶⁹

e) Outras universidades e cidades europeias

Não é simples sistematizar as implantações universitárias nas diversas cidades europeias da Idade Média. As universidades variavam de importância bem como era variável a dimensão das cidades onde estas se sediavam.⁷⁰

⁶⁷ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.95-96.

⁶⁸ Jacques VERGER, “*Studenti e maestri nella vita cittadina*”..., 1993, p.58.

⁶⁹ *Ibidem*, p.55.

⁷⁰ Jacques Verger ensaiou uma seriação com base nas combinações possíveis destes dois factores: universidade pequena em cidade grande (o caso “menos interessante”); universidade

Em Inglaterra, por exemplo, as duas famosas universidades de **Oxford**⁷¹ e **Cambridge** (ambas de inícios do século XIII) desenvolveram-se em cidades de pequena dimensão, cuja razão de ser passou a ser, rapidamente, a própria universidade. Nesse sentido, as zonas universitárias passaram também a ser as zonas predominantes da cidade. Foi sobretudo, a partir de meados do século XV que os novas construções dos colégios começaram a impor uma nova matriz planimétrica, bem como um perfil de certa monumentalidade na cidade – em particular os novos colégios de grande dimensão como o *New College* (f. 1379) e o *Magdalen College* (f. 1448) de Oxford (**fig.7**) ou a grande capela do *King's College* (i. 1446) de Cambridge.

Para a implantação do projecto alargado deste último colégio, e também do contemporâneo e relativamente próximo *Queens' College* (1448), tanto o Rei Henrique VI (1421-1471) como a jovem Rainha, sua esposa, Margarida d'Anjou

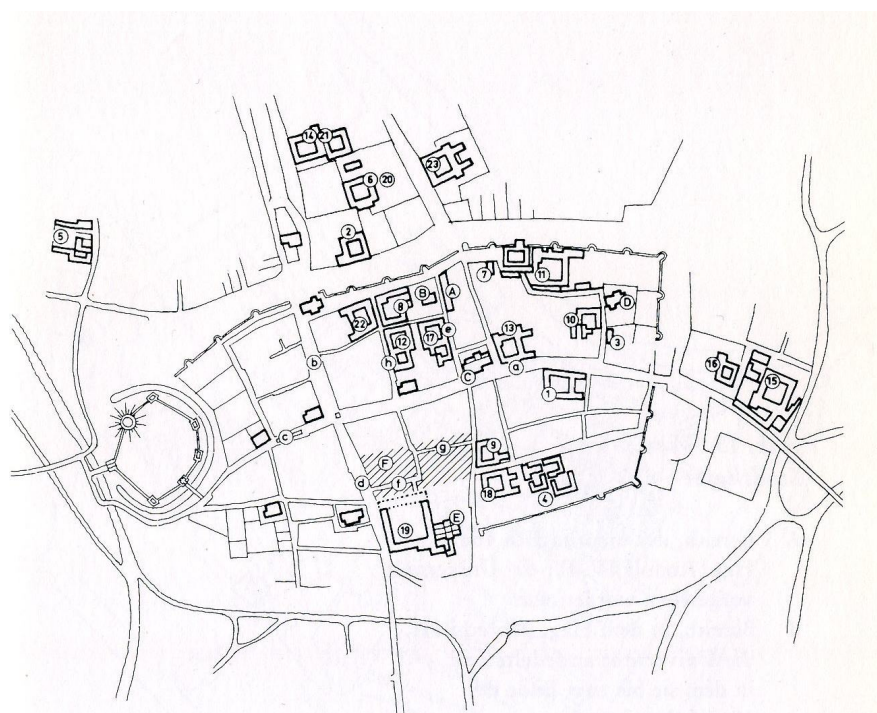


Fig.7
Oxford em 1600
(fonte: Rückbrod):

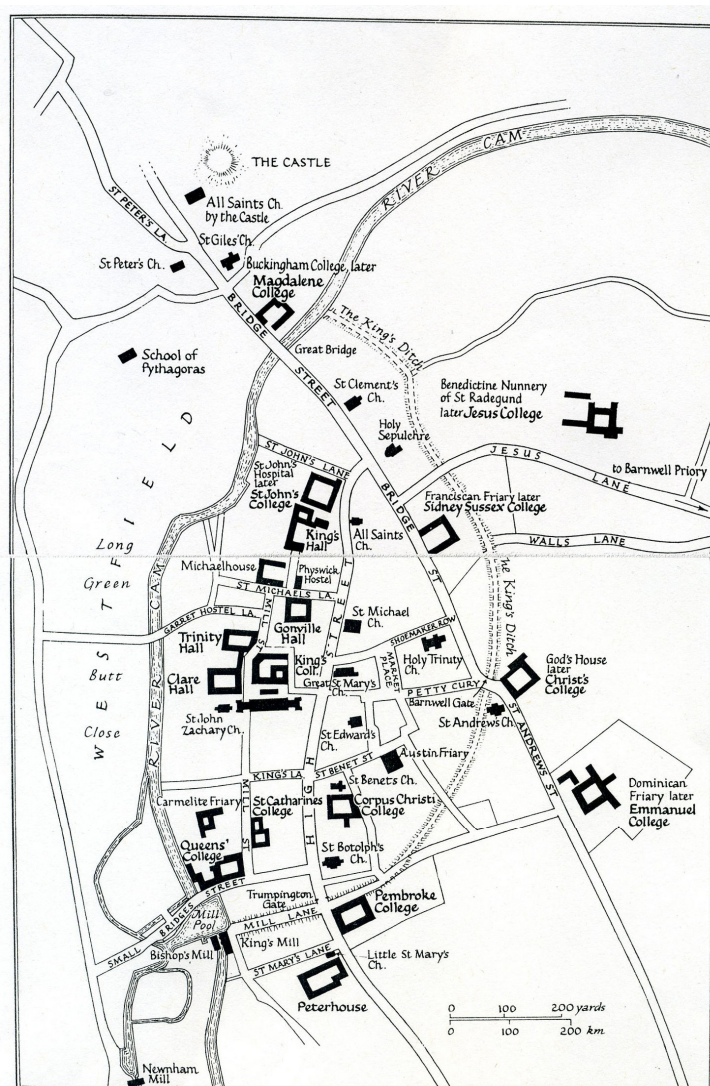
- A. Old School of Arts
- B. Divinity School (teologia)
- C. St. Mary's Church (igreja da universidade)
- F. Zona das escolas jurídicas (final do séc. XV)
- a. High Street
- 3. St. Edmund's Hall (1269)
- 4. Merton College (1263)
- 11. New College (1379)
- 13. All Souls College (1438)
- 16. Magdalen College (1480)

pequena em cidade pequena; a grande universidade em pequena aglomeração; e a grande universidade implantada numa grande cidade. Jacques VERGER, "Studenti e maestri nella vita cittadina"..., 1993, p.51-79. Ainda que estimulante, esta abordagem interessou-nos menos do que a questão do desenvolvimento mais o menos espontâneo, mais ou menos programado, de determinada universidade, pelo que preferimos seguir esta última linha de análise.

⁷¹ "A localização da primeira universidade inglesa nesta pequena cidade mercado, que nem sequer era sede de bispado, é algo surpreendente e o acaso deve ter tido alguma influencia", Jacques VERGER, "Modelos"..., 1996, p.49.

Fig.8
Cambridge em 1500
(fonte: Morgan)

Note-se o corpo alongado da capela (1446-1515) do *King's College*, no centro da figura. Imediatamente a norte pode ver-se o núcleo original do colégio régio (o *Old Court*, i.1441) agregado ao pequeno quadrângulo das *Common Schools*. A sul estava o terreno regularizado onde Henrique VI pensou implantar o novo edifício do colégio (projecto de 1446).



adquiriram e mandaram derrubar uma série de casas entre o rio Cam e a *High Street*.⁷² Ainda que o projecto do *King's College* não tenha sido concretizado para além da construção da magnífica capela, deu-se, com esta operação, o passo decisivo para a constituição da "linha de colégios" de Cambridge (**fig.8**) sobre a mencionada *High Street*, que incorporava alguns colégios pré-existentes e que teria continuidade no século XVI com o estabelecimento (um pouco mais para norte) dos importantes colégios de St. John's (f.1511) de Trinity (f.1546) – "*the line of colleges is above all a monument to the fifteenth and sixteenth centuries*".⁷³

⁷² Christopher BROOKE, "The buildings of Cambridge", in Victor Morgan (Ed.), *A History of the University of Cambridge*, Cambridge University Press, 2004, Vol.II, p.13-62 (p.13).

⁷³ *Ibidem*, p.21.

Em **Pádua**, universidade surgida em 1222 (quando o bispo Giordano e Giovanni Rusca, importante elemento da comuna, acordaram dar guarida a um grupo de estudantes e de mestres exilados de Bolonha⁷⁸), não houve, até finais do século XV, uma sede única e estável. As escolas estavam espalhadas por diversos pontos da cidade e os professores pagavam o aluguer dos espaços lectivos a partir do rendimento que tiravam das lições.⁷⁹

Poderemos descortinar, por outro lado, regras de implantação urbana nas primeiras fundações universitárias *ex-novo*? A resposta não é linear. Em **Toulouse**, cuja universidade se fundou em 1229, mas que apenas se desenvolveu a partir de 1260 como universidade predominantemente jurídica, podemos notar o desenvolvimento de uma área mais propícia aos estudos no novo arrabalde a norte da cidade, justamente o que cresceu em torno da nova e magnífica igreja românica, de peregrinação, de *Saint Sernin*.⁸⁰ Vários autores se referiram a este novo burgo, integrado no perímetro medieval da cidade, como um “autêntico” *Quartier Latin*.⁸¹ Para Henri Gilles, a escolha desta área para a instalação das escolas e dos colégios foi natural: “*le bourg, formé au haut Moyen Age, hors les murs de la cité romaine, autour de la basilique de Saint-Sernin (...) offrait, beaucoup plus que l’antique cité, des larges espaces libres, où, parallèlement à l’université (...) s’installent au même moment communautés religieuses et collèges universitaires*”.⁸² Temos assim definida uma área religiosa e académica relativamente apartada do núcleo comercial da cidade – cidade que terá de se considerar, em qualquer época, de razoáveis dimensões.

⁷⁸ **Lucia ROSSETTI**, *L’Università di Padova. Profilo Storico*, Milano, Fratelli Fabbri Editori, 1972, p.3.

⁷⁹ *Ibidem*, p.16-17,

⁸⁰ *Saint Sernin*, igreja de peregrinação (onde se guardavam as relíquias de Saint Sernin e ponto importante no caminho de Santiago) foi levantada a partir de 1080, dando origem a um novo bairro, integrado posteriormente na nova muralha da cidade. A catedral permaneceu sendo *Saint Etienne*. **Robert MARCONIS**, “*Toulouse*”, in Jean Luc Pinol (Dir.), *Atlas histórico de ciudades europeas*, Barcelona, Salvat / CCCB, p.231-255

⁸¹ “*En 1229, con el fin de velar por la ortodoxia, se fundó en la ciudad una universidad, y numerosas órdenes religiosas se establecieron en un auténtico barrio latino, considerado como burgo, en torno a la iglesia de Saint-Sernin*”. *Idem*, obra citada, p.234

⁸² **Henri GILLES**, *Université de Toulouse & enseignement du droit. XIIIème-XVIème siècles*, Toulouse, SEDUSS, 1992, p.341.

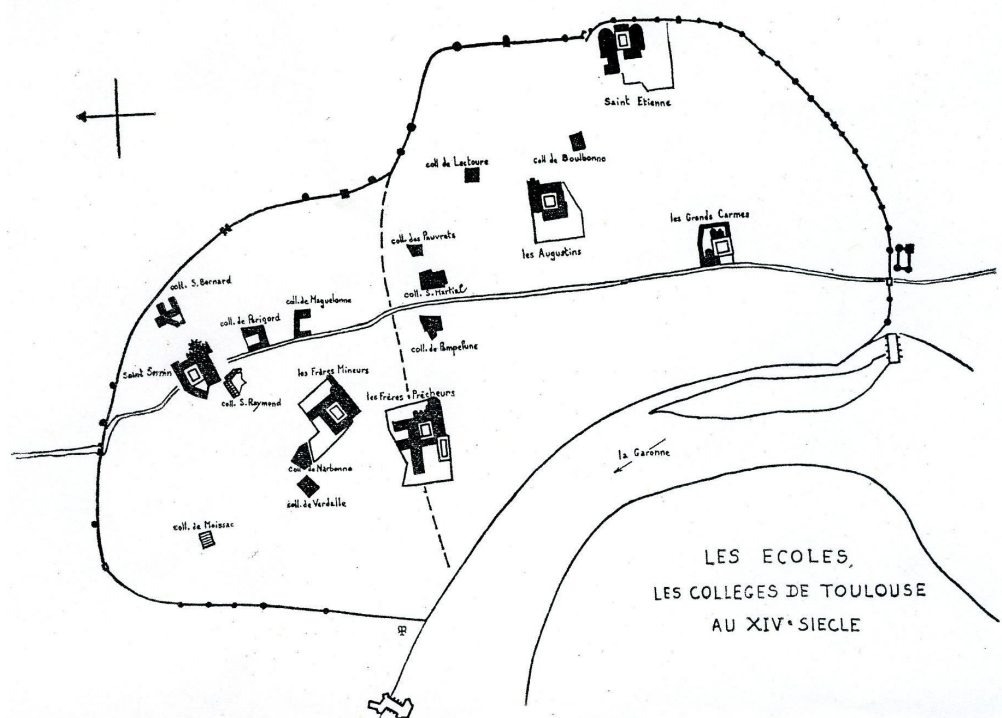


Fig.10 Toulouse (fonte: Faury)

Não obstante, e apesar da fundação de raiz da universidade, o desenvolvimento do bairro universitário deu-se de forma relativamente espontânea, potenciado pela disponibilidade do espaço no burgo (pré-existente) de *Saint Sernin*. Existiu um edifício próprio para o ensino da teologia, na rue Deville, que segundo uma inscrição antiga, citada por Catel, fora construído em 1327 e se situava na “*carrera scholarum Decretorum ante fratres minores*”.⁸³ Havia, pois, uma rua das escolas de decreto, ou de direito canónico. Já para as aulas de direito civil, e em meados de Quatrocentos, eram três as salas em funcionamento agrupadas também na proximidade do *couvent des Cordeliers* (o convento dos franciscanos), num arruamento que ganhara o nome apropriado de *Rue des Lois*. Estas escolas seriam substituídas por um novo imóvel albergando outros três auditórios, construído entre 1518 e 1526, por iniciativa dos *capitouls*, entidades municipais. A localização era próxima das anteriores,⁸⁴ justamente sobre a antiga *rue de l’Université*, perpendicular à mencionada *rue des Lois*. Também os diversos colégios universitários se foram

⁸³ **Guillaume de CATEL, *Memoires de l’histoire du Languedoc***, Toulouse, 1633, citado por Henri GILLES, *Université de Toulouse...*, 1992, p.342.

⁸⁴ Veja-se Henri GILLES *Université de Toulouse...*, 1992, p.341-365 e p.406-407. O edifício das escolas de direito ou da universidade subsistiu até inícios do século passado.

instalando preferencialmente no burgo de *Saint Sernin*, a partir de finais do século XIII e ao longo do século seguinte (**fig.10**).⁸⁵

Terminaremos este périplo por algumas outras universidades europeias, referindo-nos às da Europa Central, mais recentes que as ibéricas, surgidas a partir de meados do século XIV – Praga (fundada em 1347), Cracóvia (fundada em 1364, refundada em 1397) e Viena (fundada em 1365).

A primeira delas, a universidade criada pelo Imperador Carlos IV na sua cidade residencial de **Praga**, não foi dotada, de início, de edifícios nem de bairro próprio. A Igreja de Todos-os-Santos, junto do palácio imperial (no topo do monte sobre a margem esquerda do Vltava) serviu originalmente, segundo Rückbrod, para as assembleias gerais e para as aulas de teologia. Mais tarde, em 1366 (e após as fundações universitárias de Cracóvia e Viena), o próprio Imperador fundaria um colégio para os mestres de artes,⁸⁶ o *Collegium Caroli*, originalmente dotado de uma casa no gueto de Praga, junto do limite da cidade antiga, na margem direita do rio. O seu filho Venceslau IV doaria o palácio de uma família abastada, os Rotlevs, para nova sede do colégio, em 1383 – o actual *Karolinum*, situado na coroa exterior da cidade antiga (**fig.11**) e que se tornaria, mais tarde, sede da própria universidade.⁸⁷ Também os juristas (em 1371) e os médicos (c.1380) conseguiram espaços próprios para as suas aulas.

⁸⁵ Refiram-se os colégios seculares de *Vidal Gaultier* (fundado em 1243), de *Montlaurun* (1319), de *Verdalle* (1337), de Pierre Béranger e de Narbonne (ambos de 1341), de *Saint Martial* (fundado em 1359 pelo Papa Inocêncio VI), ou ainda os regulares/monásticos de *Saint Bernard* (1281), de *Moissac* e o de *Boulbonne* (ambos de 1286-90). **Jean FAURY**, “*Les collèges à Toulouse XIII siècle*”, *Cahiers de Fanjeaux* 5 – *Les universités du Languedoc au XIIIe siècle*, Toulouse, E. Privat Editeur, 1970, p.274-293. Outros colégios, fundados ainda no século XIV, eram os de *Pèrigord* (1360), de *Maguelonne* (1363), e o de *Pampelune* (1382). Por sua vez, o pré-existente hospital de *Saint Raymond* seria transformado em colégio em 1403 (e dotado do novo e actual imóvel cerca de 1523). Mais tarde fundou-se ainda o *collège* de *Foix* (antes de 1457). Veja-se **Michael KIENE**, *Die englischen und französischen Kollegientypen. Universitätsbaukunst zwischen Sakralisierung und Säkularisierung*, 1981, Münster, tese de Doutoramento (edição do autor), 1981, p.83-112.

⁸⁶ O colégio devia servir de residência a 12 mestres da faculdade de artes – a maior da universidade – e cuja obrigação era ensinar as sete artes liberais, de acordo com a carta de fundação. Pelo menos dois dos mestres deveriam prosseguir os seus estudos em teologia. **Michael SVATOS, Jan HAVRANEK**, “*University colleges at Prague from the fourteenth to the eighteenth centuries*”, in *Domenico Maffei, Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), Collegi Universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo*, Milano, Guiffrè Editore, 1991. p.143-154 (p.143-144).

⁸⁷ A reconstrução terminaria em 1386. A nova sede continha acomodação para os mestres, capela, salas de aula, residência reitoral, biblioteca e prisão universitária. *Ibidem*, p.144.

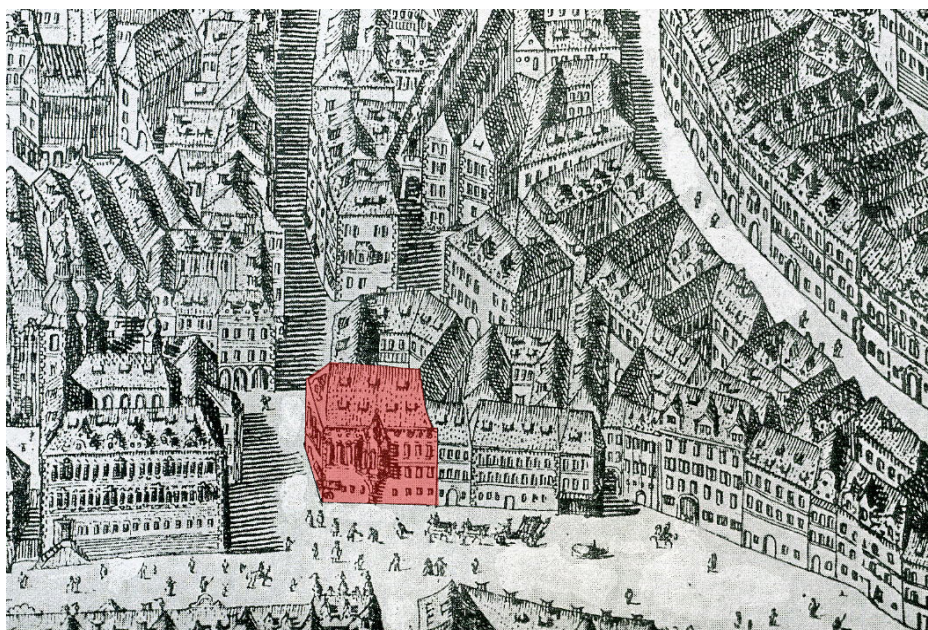


Fig.11
O Karolinum
numa vista de
Praga antiga

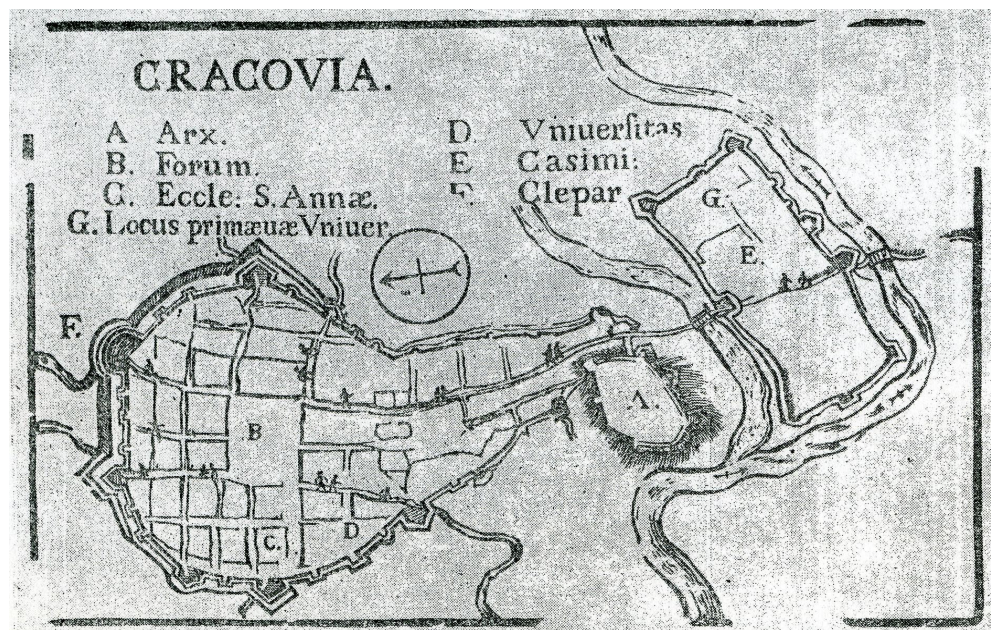
Os casos de Cracóvia e de Viena são particularmente interessantes. Tanto o Rei da Polónia, Casimiro o Grande, como o duque austríaco Rudolfo IV pensaram dotar as suas novas universidades de enquadramentos urbanos apropriados.

Segundo o cronista quatrocentista Jan Dlugosz, Casimiro previu criar um complexo de novos edifícios/colégios para residência dos mestres e escolares e ainda para as salas de aula da sua universidade na cidade nova de Kazimierz (**fig.12**), satélite de **Cracóvia**, que o próprio Rei havia fundado anos antes, em 1335:⁸⁸ *“Por mais de mil passos se estendia o terreno com o edifício para a nova universidade, belas casas, espaços, salas de aula e numerosas habitações para professores e mestres das escolas mencionadas”*.⁸⁹ Aparentemente, chegou a iniciar-se a construção de um “colégio” no sector nascente de Kazimierz, em 1361, antes mesmo de se solicitar a autorização papal para a fundação da universidade. Esta seria concedida a 1 de Setembro

⁸⁸ Sobre Kazimierz, pode ver-se **Henryk STACHOWSKI (Ed.), Cracow. A Journey in the past – Kazimierz**, Warsaw-Krakow, Panstwowe Wydawnictwo Naukowe, 1987.

⁸⁹ Tradução livre da transcrição em alemão de um excerto do texto de Dlugosz, em Michael KIENE, *Die englischen und französischen...*, 1981, p.231 (*“sich über tausend Schritte hinziehenden Gelände mit dem Bau einer neuen Universität; schöner Häuser, Räume, Hörsale und zahlreicher wohnungen für die Professoren und Meister der genannten Schule”*).

Fig.12
Localização da
universidade
em Kasimierz (G)
e em Cracóvia (D)
(gravura de
Buchowski, 1703).



de 1364.⁹⁰ No entanto, o Papa não atribuiria à nova universidade a desejada faculdade de teologia (de que dispunha o estudo geral imperial de Praga) pelo que a obra do novo edifício foi abandonada, tal como a hipótese de situar a universidade fora do centro urbano da capital. Para Wyrozumski “...c’étaient surtout les études de théologie qui exigeaient une structure collégiale”.⁹¹ Já o papel da faculdade de artes passaria a ser desempenhado pela escola paroquial de Nossa Senhora de Cracóvia.⁹² O próprio projecto universitário seria interrompido (o Rei faleceria em 1370) para ser retomado apenas em 1400, após acordo final com a Santa Sé relativamente ao ensino da teologia.⁹³ O novo *Collegium Maius*, residência de doutores e mestres e sede das aulas da universidade, surgiria a partir da transformação de uma primeira casa, doada em 1400, e de outras posteriormente adquiridas⁹⁴ em quarteirão intramuros, junto da igreja de Santa Ana (veja-se novamente a **fig.12**).⁹⁵

⁹⁰ Jerzy WYROZUMSKI, “Les collèges et les internats de l’Université Jagellonne aux XVe et XVIe siècles”, in Domenico Maffei, Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), *Collegi Universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo*, Milano, Guiffrè Editore, 1991. p.131-142 (p.133).

⁹¹ *Ibidem*, p.133.

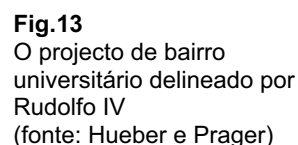
⁹² *Ibidem*, p.133.

⁹³ *Ibidem*, p.134.

⁹⁴ Uma segunda casa foi adquirida em 1415, outra ainda em 1417. *Ibidem*, p.135

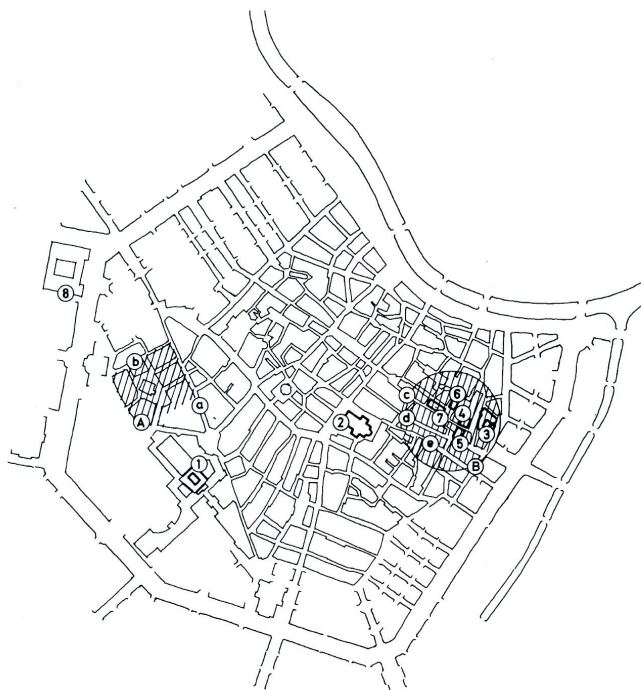
⁹⁵ O edifício actual resulta grandemente da intervenção tardo-gótica iniciada em finais do século XV. Sobre este imóvel deve consultar-se em particular Karol ESTREICHER, *Collegium Maius. Uniwersytetu Jagiellońskiego w Krakowie*, Warszawa, Wydawnictwo Interpress, 1971.

RUDOLFINISCHES UNIVERSITÄTSPROJEKT
R. PERGER - F. HUEBER WIEN, 1985



⁹⁸ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.109.

Fig.14
 Viena (fonte: Rückbrod):
 A. Zona prevista pelo Duque
 Rudolfo IV para a universidade
 B. Zona onde Alberto III
 implantou a universidade
 (e onde esteve até finais do
 séc. XIX)



dominicanos, no meio de vendedores e de artesãos, e onde se desenvolveu até finais do século XIX.⁹⁹

Dos quatro casos que vislumbramos, resultantes de fundações *ex-novo* (Toulouse, Praga, Cracóvia, Viena), podemos notar em duas delas – Cracóvia e Viena – a intenção documentada da criação de uma espécie de campus ordenado de edifícios universitários (escolas e colégios) a levantar expressamente para o efeito. No entanto, e como vimos, os projectos não saíram (infelizmente) do plano das ideias. Assim, pouco mais se poderá adiantar, para além da constatação relevante de que se pretendia a constituição de bairros universitários separados e com certa autonomia da cidade. Devemos também registar nestes dois casos o carácter régio ou ducal das iniciativas. De facto, era apenas o poder político central que teria capacidade para levar avante acções infra-estruturais de monta, como as que acabamos de mencionar.

No rescaldo geral (e passando por cima, por falta de concretização, do que parecem ter sido alguns ambiciosos projectos urbanos) podemos verificar a

⁹⁹ O *Herzogskolleg* ou *Collegium Ducale* foi aí fundado por Albrecht III em 1384 – era um colégio para os mestres das faculdades de teologia e de artes (2 doutores em teologia e 12 mestres de artes, estudantes de teologia). Instalações próprias para os juristas (o *collegium juristarum*) e para os médicos tomariam forma a partir de 1385 e 1419 respectivamente. Kurt MÜHLBERGER, “Die Gemeinde der Lehrer...”, 2001, p.375-376.

constituição de áreas universitárias de modo mais ou menos casuístico, de carácter aberto, situadas em pleno âmbito urbano, ainda que por vezes (como em Toulouse) em sectores recentemente integrados na cidade. Neste sentido repetem-se os processos de agregação que verificamos para as universidades de “geração espontânea”. Da acção centralizadora das autoridades destacam-se sobretudo a dotação de estruturas arquitectónicas relevantes (as escolas de direito levantadas pelos *capitouls* de Toulouse, o *Collegium Ducale* Vienense, o *Karolinum* de Praga ou ainda o *Collegium Maius* de Cracóvia, entre outras), muitas vezes a partir de edifícios pré-existentes e desprovida de qualquer articulação urbanística, a maior escala, de ordenamento da função universitária como um todo.

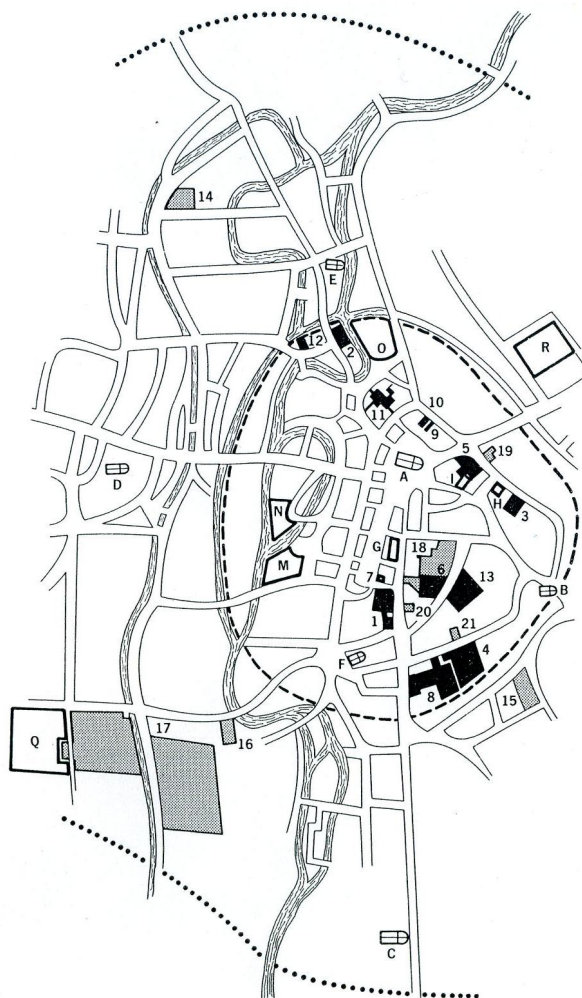
A partir de finais de Trezentos, e com o advento do Grande Cisma (1378-1417), verificou-se a proliferação das universidades na Europa. A falta de unidade da Igreja facilitou o reconhecimento e atribuição de regalias às mais diversas instituições. Das cerca de 28 universidades existentes em 1378 passou-se às mais de 60 em funcionamento em 1500.¹⁰⁰ A maioria das novas universidades entretanto surgidas tinha, pois, carácter regional, resultantes da acção empenhada de autoridades municipais ou eclesiásticas locais. Em sentido inverso tornou-se mais rara a instituição directa de novas universidades pelos poderes políticos centrais ou nacionais, pelo que não haverá praticamente casos relevantes (para o tema dos modelos do urbanismo universitário) a acrescentar aos que já aqui, sumariamente, tratamos – fora da Península Ibérica e até à viragem do século XV para o XVI.

Noutro registo podemos suspeitar de uma tendência para o desenvolvimento de importantes universidades em cidades de pequena dimensão, como os já mencionados casos de Oxford e de Cambridge. Também Lovaina, Alcalá de Henares, ou a Coimbra renascentista se podem contar entre o conjunto de cidades pequenas cuja vocação passou a ser, quase exclusivamente, universitária – nestes últimos três casos a partir de determinado momento bem

¹⁰⁰ Jacques VERGER, “Modelos”..., 1996, p.54.

Fig.15
Lovaina c.1530
(fonte: De Maesschalck)

- 1-13. colégios
- 14-21. propriedades dos colégios e outras
- A. igreja de St. Peter
- B-E. outras igrejas paroquiais
- F. capela da universidade
- G. sede da universidade
- H. vicus
- I-L. pedagogias
- M-R conventos



definido (1425, 1499 e 1537, respectivamente), substituindo anteriores vocações, entretanto perdidas. É paradigmático o caso de **Lovaina (fig.15)**, em que a universidade veio literalmente substituir a moribunda indústria dos panos como actividade principal da urbe, tomando o próprio imóvel dos fabricantes de tecidos (no centro da cidade) para sua sede.¹⁰¹

De qualquer modo, o sucesso destas universidades (implantadas em pequenos centros urbanos) e mesmo a sua evidente expressão arquitectónica e urbana, gradualmente afirmada, não pode obviar a consideração paralela dos casos em que universidades de renome se implantaram no âmbito de cidades de média

¹⁰¹ Foi sobretudo o Conselho da Cidade (associado ao capítulo da igreja colegial de São Pedro) que pretendeu trazer a universidade para Lovaina com o intuito de garantir o prestígio futuro da cidade. **Edward DE MAESSCHALCK**, "The Relationship Between the University and the City of Louvain in the Fifteenth Century", *History of Universities*, Oxford, Oxford University Press, Vol.IX, 1990, p.45-71 (p.47).

(Bolonha, Salamanca, Toulouse, Valladolid) ou de grande dimensão (Lisboa, Praga, Cracóvia) e das quais Paris constitui caso extremo e excepcional.

Da mesma forma, o desenvolvimento de muitas destas universidades (Paris, Valladolid, Praga, Cracóvia) vem em contrário à tese de uma certa incompatibilidade entre universidade e capitalidade ou sede da Corte. Não obstante devem citar-se a favor da referida tese – para além das capitais europeias que não dispuseram de universidade até tempos mais recentes (Londres, Amesterdão, Milão) – as transferências da principal academia toscana de Florença para Pisa (em 1472, tendo-se fundido com a universidade local¹⁰²) e da universidade portuguesa de Lisboa para Coimbra (por mais que uma vez), motivadas sobretudo pela vontade de conferir um mais adequado enquadramento urbano às actividades docentes.

Finalmente, deve-se ainda acrescentar a todas estas situações a recusa expressa por algumas grandes cidades em albergar universidades. Foi o caso de Barcelona, cujo *Consell de Cent* recusou a instalação de uma universidade pelo menos duas vezes (após propostas do Rei Martín I de Aragão, em 1398 e 1408), a primeira das quais com o argumento de que “*serien mes los perills, é scandols que se podien seguir, que los profits, é honor*”.¹⁰³ Para Claude Carrère e Fernández Luzón,

*“Tal vez sería más plausible explicar la desafección del Consejo Municipal hacia la universidad porque ésta no se adaptaba a las necesidades culturales de la urbe, más interesada en la enseñanza de las matemáticas aplicadas, la cartografía y la jurisprudencia marítima y mercantil, que en un estéril saber escolástico que había dejado de ser un factor de progreso y fermentación intelectual”.*¹⁰⁴

¹⁰² Jacques VERGER, “Studenti e maestri nella vita cittadina”..., 1993, p.53.

¹⁰³ Arquivo Municipal de Barcelona, *Cód. Deliberations...*, 1395-1398, f.140, documento citado por Cândido María AJO G. Y SÁINZ DE ZUÑIGA, *História de las Universidades Hispanicas*, Vol.I, Madrid, 1957, p.308 e nota 553. O Rei fundaria um estudo geral de Medicina em 1401 (ao qual acrescentaria uma faculdade de artes no ao seguinte) mas após nova recusa de acolhimento de uma universidade completa pela cidade, em 1408, abandonaria a direcção do projecto. António FERNÁNDEZ LUZÓN, *La Universidad de Barcelona en el siglo XVI*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2005, p.29-32.

¹⁰⁴ Claude CARRÈRE, “Réfus d’une création universitaire et niveaux de culture à Barcelone: hypothèses d’explication”, *Le Moyen Age*, p.245-273, citado por António FERNÁNDEZ LUZÓN, *La Universidad de Barcelona...*, 2005, p.30.

O *Consell* mudaria finalmente de ideias em 1450, pelo que Alfons V o Magnânimo, e logo depois o Papa Nicolau V, oficializariam a fundação do estudo geral. Ainda assim, a universidade completa não ganhou vida, tendo começado efectivamente a funcionar apenas em meados do século seguinte.¹⁰⁵

Foi também o caso de Bruxelas, cujas autoridades permitiram o assentamento em Lovaina (1425) da academia fundada por Jean IV, duque do Brabante, em detrimento da escolha da sua própria cidade – “*Les Bruxellois déclinent l'honneur d'abriter la future université par souci de la vertu de leurs filles*”.¹⁰⁶

Denominador comum do panorama complexo e variado que aqui ensaiamos é, sem dúvida, a constatação de que “*Le più antiche università europee (...) non si possono concepire al di fuori della città*”.¹⁰⁷

f) O século XV e o impulso decisivo para um urbanismo universitário

Quando poderemos, então, falar de um urbanismo universitário? Na prática, quando passa a haver uma distribuição da função universitária e dos equipamentos universitários na cidade segundo determinadas características e traços comuns, tal como notou Rückbrod, para os finais do século XIII. Como vimos, este autor pôde identificar, nas universidades mais antigas (Bolonha e Paris em particular), a organização das agremiações universitárias e das faculdades por determinados quarteirões urbanos e por arruamentos específicos, à imagem do que sucedia com as guildas profissionais medievais. Os edifícios utilizados (quando os havia) eram os correntes: casas para residência dos docentes e alunos e as suas salas de maiores dimensões para as aulas. Por outro lado, os espaços de algumas igrejas e conventos pré-estabelecidos eram utilizados para efeito das sessões solenes e assembleias. Podemos, pois, falar de um urbanismo universitário sem o desenvolvimento de edifícios especificamente universitários

Aspecto fundamental, nesta fase, é, a nosso ver, **o surgimento de uma teoria urbana** para a implantação ideal da universidade ou estudo geral. Referimos

¹⁰⁵ *Ibidem*, p.32-34.

¹⁰⁶ **AAVV, L'Université de Louvain 1425-1975**, Louvain-la-Neuve, Presses Universitaires de Louvain (UCL), 1976, p.27.

¹⁰⁷ Jacques VERGER, “*Studenti e maestri nella vita cittadina*”..., 1993, p.53.

alguns comentários de intelectuais medievais a favor da situação das escolas na paisagem urbana rarefeita da *rive gauche*. Citámos a elaboração teórica do advogado bolonhês Boncompagno (veja-se outra vez o **anexo I**), escrita por volta de 1235 e que advogava uma localização tranquila e relativamente separada das escolas em relação à agitação da vida citadina. Alfonso X, Rei de Leão (r.1252-1284), repetiria no seu código legislativo conhecido como as *Siete Partidas* (de cerca de 1260 e de que falaremos em maior detalhe, mais adiante) a ideia de um relativo isolamento do Estudo face à cidade (aprofundando um pouco mais esta noção), para além de que definia com rigor o conceito de “estudo geral” e o modo como se deveria organizar.

No entanto, a noção de um urbanismo universitário ganharia alento particular precisamente no século XV. Para Hastings Rashdall “o séc. XV é a era dos edifícios universitários”.¹⁰⁸ Ainda que edifícios universitários importantes tivessem surgido no decorrer da centúria anterior – em particular, uma série de novos **colégios** que permitiram a configuração de determinados “tipos” arquitectónicos (os colégios de Toulouse, o Collegio di Spagna em Bolonha, os colégios de Oxford e de Cambridge¹⁰⁹) – foi sobretudo no século de Quatrocentos que se estabeleceram os novos **edifícios-sede** das universidades. Trataremos a questão do desenvolvimento das tipologias na segunda parte da dissertação (em particular no capítulo 2.1.).

Importa salientar, noutro sentido, que o surgimento dos edifícios especificamente universitários, e com uma certa monumentalidade associada, veio em razão inversa da autonomia das universidades. Reis, prelados, autoridades municipais, dotaram as universidades de novas escolas e de novos

¹⁰⁸ “It is curious to observe how universally the fifteenth century is the era of ‘university buildings’. About the year 1440 the universities all over Europe were endeavouring to provide themselves with buildings of their own”. Hastings RASHDALL, *The Universities of Europe in the Middle Ages* (1895), Oxford, Oxford University Press, 3 Vols, 1936, Vol.3, p.167.

¹⁰⁹ Já os colégios de Paris, como mostrou Kiene, não lograram distinguir-se da arquitectura residencial corrente. Veja-se a tese de doutoramento de Michael KIENE, já citada (Michael KIENE, *Die englischen und französischen...*, 1981) ou vários artigos do mesmo autor: - Michael KIENE, “Die Grundlagen der europäischen Universitätsbaukunst”, *Zeitschrift für Kunstgeschichte*, München-Berlin, Deutscher Kunstverlag, nº46, 1983, p.61-114; - Michael KIENE, “L’Università nelle città europee”, in Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger, *Le Università dell’Europa. Gli Uomini e i Luoghi – secoli XII-XVIII*, Milano, Silvana Editoriale, 1993, p.21-49.

colégios de forma a poderem melhor controlar o seu funcionamento.¹¹⁰ Deste processo resultou, de facto, a fixação definitiva das universidades. Nas já existentes, os novos edifícios garantiram uma expressão de monumentalidade arquitectónica de que as universidades não haviam disposto, até à data. Podemos também notar, em consequência, a definição de novos padrões urbanos definidos pela repetição sistemática dos novos imóveis, como podemos observar em Oxford e Cambridge.

Nas novas fundações, para as quais havia edifícios a levantar, a necessidade de equacionar a relação espacial entre os novos imóveis, e entre estes e a cidade pré-existente, implicou o surgimento de um urbanismo universitário cada vez mais consciente, ou seja, cada vez mais programado e pré-estruturado. Referimos já as tentativas falhadas de estruturação dos novos *campi* de Kazimierz (nos arredores de Cracóvia) e de Viena, que vinham muito provavelmente neste sentido. Já bem entrada a época moderna, as universidades da Península Ibérica desempenhariam, neste aspecto particular (e como veremos), um papel de primeira linha.

¹¹⁰ *"It is more than an accidental coincidence that this was about the period at which the universities began to lose their independence and to fall more and more under the control of their respective governments. In their poverty had been their strength".* Hastings RASHDALL, *The Universities of Europe...*, 1936, Vol.3, p.167.

1.2. As «*Siete Partidas*» de Alfonso X, o Sábio

Referimos já, no sub-capítulo anterior, a exclusividade de fundações universitárias *ex-novo*, ou *ex-privilegio*, na Península Ibérica.¹ Desenvolveremos as implantações urbanas das universidades ibéricas, caso a caso, nos capítulos seguintes do trabalho. Devemos entretanto notar o surgimento de uma importante elaboração teórica sobre o modo de constituição, organização e de implantação do estudo geral, contida nas 11 leis do título XXXI da segunda das *Siete Partidas*, o código legislativo do Rei Alfonso X *el Sábio* (1221-1252-1284) de Castela e Leão. O título XXXI trata precisamente “**De los estudios en que se aprenden los saberes, e de los maestros: e de los escolares**” e surge no fim da segunda partida, que versa, nas entradas anteriores, sobre o poder temporal dos Imperadores, Reis e outros grandes senhores, sobre a origem e fim do exercício poder, e ainda sobre a família real e os direitos de sucessão. Reproduzimos integralmente o referido título XXXI da segunda *partida*, no final da tese (**anexo II**).

a) As *Siete Partidas*, o *Fuero Real* e o *Espéculo*

Não tem sido pacífica a datação das mencionadas *Siete Partidas*, uma por cada letra do nome “Alfonso”. Parece hoje aceitar-se que terão sido começadas a escrever nos finais de 1256, depois de Alfonso X ter recebido a embaixada da cidade de Pisa que lhe pedia que se candidatasse a Imperador do Sacro Império, na condição de neto do falecido Frederico II (f.1250). Nesse mesmo ano terá reconvertido o projecto de unificação jurídica dos reinos de Castela, de Leão e dos novos territórios conquistados aos mouros, em torno de um documento que já então preparava, o *Espéculo* ou *Espejo de las Leyes*, num novo texto que acompanhava já as novas aspirações imperiais – precisamente as *Partidas*.

Face aos reparos a esta tese, levantados pelo historiador de direito Garcia Gallo, entre os quais o de que não se compreendia, neste contexto, a redacção

¹ Jacques VERGER, “Modelos”, in Walter Rüegg, Hilde de Ridder-Symoens (Coord), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.I, Lisboa, CRUP/FEAA/INCM, 1996, p.33-71 (p.51).

em castelhano, e não em latim, do novo código,² parece responder a observação de Aquilino Iglesia de que Alfonso X não tratava de *“hacer una ley para el imperio, sino de una ley para sus reinos, pero digna de un emperador”*.³

Outros problemas recorrentes, para além da datação, parecem ser o da atribuição da paternidade do texto ao próprio Alfonso X (sempre rodeado de uma série de conselheiros jurídicos)⁴ e o da fidelidade ou infidelidade dos textos conhecidos, relativamente a uma suposta redacção original do código. A primeira redacção das *Partidas* terá sido concluída em 1265,⁵ nove anos depois de iniciada a empresa. Se por um lado, como notou Alfonso Otero, *“no hemos logrado todavía una edición crítica de las Partidas”*,⁶ já de acordo com Aquilino Iglesia, *“algo parece indudable: - que se trata de una obra alfonsina, redactada en siete libros, y que, en lo esencial, el texto editado por Gregorio Lopez es reflejo de la obra originaria de Alfonso X”*.⁷ Foram precisamente duas republicações da edição quinhentista de Gregório Lopez (Salamanca, 1555), impressas em Valladolid (1587-88) e em Mainz /Madrid (1610-11), que tivemos oportunidade de consultar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.⁸

² **Alfonso GARCÍA GALLO**, *“La obra legislativa de Alfonso X: hechos y hipotesis”*, *Anuario de Historia del Derecho Español*, tomo LIV, Madrid, 1984, p.97-161 (p.114). García Gallo defendeu a tese de que as *Siete Partidas* teriam sido escritas na fase final do reinado de Alfonso X, ou mesmo depois de falecido o Rei, pelos seus ex-conselheiros na Corte de Sancho IV.

³ **Aquilino IGLESIA FERREIRÓS**, *“La labor legislativa de Alfonso X el Sabio”*, in *España y Europa. Un pasado histórico común*, Murcia, 1986, p.455-456, citado por **Manuel GONZÁLEZ JIMENEZ**, *Alfonso X el Sábio*, Palencia, Diputacion Provincial / Editorial La Olmeda, 1993, p.262.

⁴ Manuel GONZÁLEZ JIMENEZ, *Alfonso X el Sábio...*, 1993, p. 262.

⁵ *Ibidem*, p. 262-263. Neste sentido alinhava já o texto de **JERRY CRADDOCK**, *“La cronología de las obras legislativas de Alfonso X el Sábio”*, *Anuario de Historia del Derecho Español*, tomo LI, Madrid, 1981, p.365-418 (p.373 e 418).

⁶ **Alfonso OTERO VARELA**, *“Las Partidas y el Ordenamiento de Alcalá en el cambio del ordenamiento medieval”*, *Anuario de Historia del Derecho Español*, tomos LXIII-LXIV, Madrid, 1994, p.451-547 (p.457).

⁷ Manuel GONZÁLEZ JIMENEZ, *Alfonso X el Sábio ...*, 1993, p. 263.

Já Garcia Gallo refere, sobre as edições de Diaz de Montalvo (Sevilha, 1491) e de Gregório Lopez, que *“su utilización (...) sólo puede hacerse com reservas”*, Alfonso GARCÍA GALLO, *“La obra legislativa...”*, 1984, p. 101.

⁸ **Alfonso X, Las Siete Partidas del sabio Rey don Alonso el nono**, *nuevamente glosadas por el licenciado Gregório Lopez* (1555), 4 Tomos, Valladolid, Casa de Diego Fernandez de Cordova, 1587-1588; e **Alfonso X, Las Siete Partidas del sabio Rey don Alonso el nono nuevamente glosadas por el licenciado Gregório Lopez (1555), 4 Tomos, Mainz, Balthasar Lippius / Madrid, Casa de Juan Hasrey, 1610-1611. Todos os excertos provêm do primeiro.**



Fig.1
Alfonso X
Escultura de J. Alcoverro,
1882, *Biblioteca Nacional*
de España, Madrid

Subjacente à elaboração das *Partidas* (e, do mesmo modo, ao inconcluso *Espéculo*) esteve, como dissemos, a unificação jurídica dos vários reinos e territórios de que era soberano Alfonso X. De facto, as *Siete Partidas* foram pensadas como uma obra de referência geral, doutrinária, apoiada no direito romano canónico, suplementar aos novos foros atribuídos a Castela e às *Extremaduras* que tinham como modelo, por sua vez, o também novo *Fuero Real*.⁹ “Alfonso X consentía y quería que siguiera usándose el Derecho tradicional, para lo cual recogió en el Fuero Real, pero suponía que no era suficiente ni, a veces, adecuado, por lo cual redactó un texto, las Partidas, para que sirviera de complemento y fuera reflejo del buen derecho”.¹⁰

Não obstante, o carácter iminentemente doutrinário das *Partidas* fez com que apenas fossem consagradas como lei vinculativa, e com aplicação prática, no

⁹ O *Fuero Real* (1254-55) foi mesmo a primeira obra legislativa de Alfonso X, e serviria de referente jurídico municipal ao reino de Castela e às *Extremaduras* castelhana e leonesa, áreas desprovidas de lei geral. Consagrava sobretudo o princípio do monopólio legislativo do Rei, face às veleidades em legislar dos municípios e concelhos daqueles seus territórios. Deste modo Alfonso X passou a atribuir novos foros, ainda que tendo em conta o enquadramento das realidades locais e o direito consuetudinário prevalecente, plasmado nos antigos foros municipais. Em 1255 foi atribuído o *Fuero Real* a Aguilar de Campoo e a Sahagún; em 1256 a Palencia, Peñafiel, Soria, Cuellar, Atienza, Buitrago, Alarcón, Burgos, Trujillo e Ávila; em 1257 a Plasencia, Talavera, e subsequentemente, ao longo da década de 1260 a uma série de outras cidades e vilas. Manuel GONZÁLEZ JIMENEZ, *Alfonso X el Sábio* ..., 1993, p.258-260.

¹⁰ Alfonso OTERO VARELA, “Las Partidas y el Ordenamiento de Alcalá...”, 1994, p.529.

século seguinte à sua elaboração, por acção de Alfonso XI (bisneto de Alfonso X) no ordenamento resultante das cortes de Alcalá, de 1348.¹¹ As *Partidas* passavam a constituir um direito subsidiário das leis dos foros – ou seja, apenas quando algum aspecto jurídico não fosse contemplado nas leis locais, se deveriam aplicar as leis das *Partidas*.¹²

As aspirações imperiais de Alfonso X e a demora na consagração legal das *Partidas* levaram alguns autores a pôr em causa a sua relevância concreta, observando, entre outros aspectos, que estas “*tienen menos interés del que se les ha dado para la historia de la Universidad de Salamanca o de cualquier otra universidad castellana*”.¹³ No entanto, e independentemente do carácter idealista de algumas disposições, dificilmente concretizáveis,¹⁴ as *Partidas* tiveram, a nosso ver, uma influência importante e duradoura para as universidades ibéricas.

Desde logo porque constituem um reconhecimento ao mais alto nível do papel do estudo geral na estrutura dos estados. Depois, porque **fixam pela primeira vez, num texto geral de referência**, o modo como se devem instituir, organizar e como devem funcionar os estudos gerais, recolhendo dos exemplos concretos e de fontes escritas os aspectos que se consideravam mais relevantes e centrais, quer para a definição do conceito, quer para o seu ordenamento jurídico, em termos das regalias e privilégios a conceder a estudantes, mestres, funcionários e fornecedores.

Ainda hoje é corrente aplicar-se o critério afonsino (“*Ley I: Que cosa es estudio*”) que distingue entre estudo geral (“*establescido por mandado del Papa o del Emperador, o del Rey*”) e Estudo Particular (“*quando algun maestro muestra en alguna villa apartadamente, a pocos escolares. E tal como este pueden mandar fazer perlado o concejo de algun lugar*”), para atestar ou refutar

¹¹ Veja-se sobre este assunto, *ibidem*.

¹² *Ibidem*, p.459.

¹³ **Antonio GARCIA Y GARCIA**, “**Génesis de la Universidad, siglos XIII-XIV**”, in Luís Enrique San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, vol. I, p.20-38 (p.30).

¹⁴ Antonio Garcia y Garcia relembra, a este propósito, os quatro privilégios que o título XXXI da segunda partida, na lei 8ª, atribuía aos mestres de leis – que pudessem intitular-se de mestres, cavaleiros ou senhores de leis; que devessem ser convidados pelos juízes a sentarem-se a seu lado nos julgamentos; que tivessem entrada livre ante o Rei ou Imperador; que tivessem o título de Conde após 20 anos de docência – “*de que no hay vestigio alguno de que alguien pensara en llevar a la practica en Castilla*”. *Ibidem*, p.30.

o carácter universitário de determinadas fundações,¹⁵ ou para estabelecer as datas de início de funcionamento de alguns estudos gerais mais antigos, que tiveram fundação régia (ou que foram reconhecidos pelo monarca do tempo) algumas décadas antes do reconhecimento papal.

b) A política universitária de Alfonso X: Salamanca, Sevilha (e Valladolid?)

Para aferir da maior ou menor relevância do título XXXI das segunda *partida* importa desde logo enquadrar a sua aparição, tanto no panorama dos estudos gerais existentes na Península Ibérica da época, como no âmbito da política de ensino superior do próprio Alfonso X. O panorama dos estudos gerais ibéricos, nos meados do século XIII, não é difícil de resumir. O estudo geral de Palência estaria já moribundo e apenas o de Salamanca, fundado por Alfonso IX (avô de Afonso X) em 1218-1219, funcionava com alguma repercussão nas dependências anexas da antiga catedral românica da cidade.

Quanto à política universitária do Rei sábio, sobressaem duas acções significativas (que, pela proximidade temporal entre si, estariam aparentemente concertadas) que iriam ter tradução directa no texto subsequente das *Partidas*. Referimo-nos à “refundação” do estudo geral de Salamanca e à instituição *ex-novo* do estudo geral de Sevilha, ambas de 1254, apenas decorridos dois anos após a subida ao trono de Alfonso X.

Em carta régia enviada de Toledo, a 8 de Maio de 1254,¹⁶ Alfonso X atribuía umas constituições escritas ao estudo geral de **Salamanca** – as mais antigas conhecidas até hoje. De tal modo que é considerado como o “segundo fundador” do grémio salmantino. O fundador de facto, Alfonso IX, havia dotado

¹⁵ Veja-se, por exemplo, o critério utilizado recentemente para a elaboração da lista de universidades europeias da Idade Moderna: “São consideradas universidades todas as instituições de ensino superior fundadas ou reorganizadas como universidades ou academias de nível equivalente pelas autoridades públicas dos respectivos territórios que em qualquer momento do período entre 1500 e 1800 conferiram graus reconhecidos pelas autoridades eclesiásticas e/ou pelas autoridades soberanas civis ou pelos seus legítimos delegados”. Willem FRIJHOFF, “Modelos”, in Walter Rüegg, Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.II, Lisboa, CRUP/FEAA/INCM, 2002, p.39-102 (p.75).

¹⁶ O documento original não se conserva. Conhece-se por uma cópia do século XVII. Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1953, p.22.

o estudo de rendas próprias e de uma incipiente organização.¹⁷ Os privilégios originais seriam confirmados pelos sucessores, Fernando III, em 6 de Abril de 1243,¹⁸ e pelo próprio Alfonso X, a 9 de Novembro de 1252. A mencionada carta régia de 1254, expedida a pedido dos “*escolares* (os mestres e estudantes) *del Estudio de la Universidad de Salamanca*”, sendo que era a primeira vez que ocorria o termo “Universidade” num privilégio real castelhano.¹⁹ Segundo Águeda Rodríguez Cruz, era também a primeira vez em toda a Europa que se empregava a designação com o significado actual.²⁰

Já quanto às novas posturas, destacava-se sobretudo a instituição dos conservadores do estudo com a função de controlarem os preços das habitações garantindo, por essa via, as necessárias residências para mestres e estudantes.²¹ O Rei garantia também a dotação das cátedras (com especial menção para as de pendor jurídico) para além de que pagaria a um “estacionário”, com a função de vender os livros necessários ao estudo. Dotava também o estudo de um mestre de órgão, um apotecário (farmacêutico) e ainda dos mencionados conservadores, em número de dois.

Paralelamente, Alfonso X solicitou o reconhecimento do estudo geral junto do Papa Alexandre VI, que seria outorgado por bula de 6 de Abril de 1255. Na senda deste reconhecimento papal, surgiria a bula de 15 de Julho do mesmo ano autorizando a universidade a ter selo próprio, e novas bulas, datadas de 22 de Setembro, também de 1255, conferindo validade universal aos graus da

¹⁷ **Águeda RODRÍGUEZ CRUZ**, “*La Universidad de Salamanca en el alba de su historia*”, in *AAVV, Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1998, p.29-42 (p.37).

¹⁸ O primeiro privilégio real dado à Universidade que se conserva. Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes...*, 1953, p.21. O monarca tomava sob sua protecção os membros do estudo geral e seus bens. Em Março de 1252, pouco antes de falecer, Fernando III outorgava nova carta de privilégios em que concedia isenção de impostos sobre os bens e a protecção na viagem aos universitários. Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, “*La Universidad de Salamanca...*”, 1988, p.37-38.

¹⁹ **Candido Maria AJO**, *Historia de las Universidades Hispánicas*, Madrid, 1957, Vol. I, p.237-238 e também Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes...*, 1953, p.22.

²⁰ Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, “*La Universidad de Salamanca...*”, 1988, p.38.

²¹ “*Mando e tengo por bien que los escolares de Salamanca no aloguen las casas que los otros escolares toviere alogadas por poco nin por mucho, ni anden sobre ellas por gelas sobremontar d’aquello aloguero por que las toviere alogadas. E otrosi mando que los conservadores del Estudio que estimen las casa de la villa por derecho aloguero, así aquellas que son de los ciudadanos como aquellas que son de los canongos e de los clerigos, e que la mayor estimación sea fasta dies e siete maravedís e non más*”. Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes...*, 1953, p.25-26. Sobre as outras posturas veja-se também este texto.

universidade (a *licencia docendi*)²² e submetendo o estudo geral salmantino à jurisdição exclusiva do mestre-escola²³ (um elemento do cabido da catedral) que respondia directamente perante o Papa.

Por um outra carta régia, escrita em Burgos a 28 de Dezembro do mesmo ano de 1254, Alfonso X criava o estudo geral de **Sevilha**, de que fariam parte escolas gerais de latim e árabe.²⁴ O Rei garantia a segurança de estudantes e mestres que se deslocassem para a capital andaluza, isentando-os de pagarem portagens pelos seus bens. No mês de Agosto seguinte concedia edifício próprio, próximo do Alcazar, aos “físicos” para que estes aí residissem e ensinassem a medicina. À semelhança do que fizera para Salamanca, Alfonso X solicitou também a confirmação pontifícia, que seria expedida por Alexandre VI ainda na década de 1250.²⁵ Pouco mais se sabe, infelizmente, sobre o funcionamento efectivo – que não é seguro – deste estudo geral, que acabaria por não deixar rasto. A cidade apenas voltaria a contar com estudos de nível universitário a partir de inícios do século XVI.²⁶ Não obstante, no caso da fundação do estudo geral andaluz, inaugura-se uma prática, uma “*tradición hispánica*” nas palavras de Cândido Maria Ajo, que se revelará chave para a lógica subsequente da rede universitária ibérica: a de dotar de um estudo geral todos os territórios recém incorporados na “*hispanidad*”.²⁷

Deve fazer-se referência ainda a um outro estudo que terá talvez começado a funcionar ainda no reinado de Alfonso X, precisamente o de **Valladolid**.²⁸ O facto de não se ter solicitado (aparentemente) o reconhecimento papal, como sucedera com os estudos de Salamanca e Sevilha, pode estar relacionado (a nosso ver) com uma eventual substituição do estudo geral de Palência que, por

²² Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, “La Universidad de Salamanca...”, 1988, p.39.

²³ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes...*, 1953, p.27.

²⁴ Cândido Maria AJO, *Historia de las Universidades...*, 1957, Vol. I, p.205-207.

²⁵ *Ibidem*, p.206.

²⁶ Inclusivamente, as histórias da Universidade de Sevilha tendem a omitir esta fundação precoce.

²⁷ Cândido Maria AJO, *Historia de las Universidades...*, 1957, Vol. I, p.293.

²⁸ “El estudio se remontaría, quizás, al reinado de Alfonso X”. Elena SANCHÉZ MOVELLÁN, “Los inciertos orígenes de la Universidad de Valladolid (S. XIII)”, in AAVV, *Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1988, p.11-30 (p.23). Veja-se, sobre este assunto, o capítulo 1.4.

volta de 1250, já estaria inactivo.²⁹ De facto, o estudo geral de Valladolid veio a ocupar o lugar do antigo estudo palentino no âmbito dos limites tradicionais do reino de Castela. Seria finalmente confirmado pelo Papa Clemente VI em 1346 (dotando-se os graus com a *“licentia ubique docendi”*) a pedido de Alfonso XI.³⁰

c) O título XXXI da segunda «partida»

Feito o registo das acções “no terreno” de Alfonso X, no que respeita a uma política para as universidades, é talvez oportuno que passemos ao título XXXI da segunda *Partida* e à listagem e organização geral das suas onze leis, para uma visão geral da estrutura do texto:

“Título XXXI: De los estudios en que se aprenden los saberes, e de los maestros: e de los escolares”.

“Ley I. Que cosa es estudio, e quantas maneras son del, e por cuyo mandado deve ser fecho”.

“Ley II. En que logar deve ser establescido el estudio, e como deven ser seguros los maestros”.

“Ley III. Quantos maestros deven ser en el estudio general, e a que plazos deven ser sus salarios, e de cómo deven ser pagados”.

“Ley IV. En que manera deven los maestros mostrar a los escolares los saberes”.

“Ley V. En que logares deven ser ordenadas las escuelas de los maestros, e de los escolares”.

“Ley VI. Como los maestros, e los escolares pueden fazer ayuntamiento, e hermandad entre si, e escoger uno que los castigue”.

“Ley VII. Quales juezes deven judgar a los escolares”.

²⁹ A hipótese de trasladação do estudo palentino, admitida por alguns autores (desde logo Elena Sánchez Movellán, que face à permanência desta ideia na cultura popular, considera que *“hay que concederle cierta verosimilitud”*, *ibidem*, p.16) é, contudo, recusada por outros como Margarita Torremocha (*“Efectivamente, Salamanca y Valladolid no debieron sus orígenes a la escuela catedralicia palentina”*, Margarita TORREMOCHA HERNÁNDEZ, **“Valladolid y Salamanca: dos universidades «mayores» del Antiguo Régimen”**, in Luís E. Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca* (Vol.III, *Saberes y confluências*), Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006, p.1029-1040 (p.1030). Por isso empregamos o termo “substituição”.

³⁰ Veja-se, novamente (mais à frente), o capítulo 1.4.

Fig.2
Capa da re-edição de
Valladolid (1587)
das *Siete Partidas*
publicadas por
Gregorio López (1555)



“Ley VIII. Que honrras señaladas deven aver los maestros de las Leyes”.

“Ley IX. Como deven provar al escolar que quiere ser maestro ante que le otorguen licencia”.

“Ley X. Como todos los escolares del estudio ayan un mensajero a que llaman bedel, e qual es su oficio”.

“Lei XI. Como los estudios generales deven aver estacionarios, que tengan tiendas de libros para exemplarios”.

A partir desta elencagem, podemos observar, de facto, como várias destas leis correspondem às posturas das constituições salmantinas de 1254. Desde logo (e como tivemos oportunidade de referir) a primeira postura das constituições, que protegia os escolares que tinham casa arrendada de serem despejados, obviando a que os proprietários pudessem arrendá-la novamente a outros escolares e a melhor preço. Os conservadores, por sua vez, deviam avaliar o valor correcto a dar de renda pelas casas, impedindo a inflação dos preços.³¹

³¹ *“Mando e tengo por bien que los escolares de Salamanca non aloguen las casas que los otros escolares tovieran alogadas por poco nin por mucho, ni anden sobre ellas por gelas sobremontar d’aquello aloguero por que las tovieran alogadas. E otrosi mando que los conservadores del Estudio que estimen las casas de la villa por derecho aloguero, así aquellas que son de los ciudadanos como aquellas que son de los canongos e de los clerigos, e que la mayor estimación sea festa dies a siete maravedis e non más”.* Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes...*, 1953, p.25-26.

Este aspecto encontrava-se plasmado quase na íntegra na segunda parte da lei quinta, ainda que seja omissa a referência aos conservadores.³²

Já as leis sexta e sétima fixam uma série de aspectos relativos à organização institucional e jurídica do estudo geral, da figura do Reitor aos juizes que tinham faculdade de julgar os escolares (ou seja, a definição do foro universitário) aspectos que se encontravam já alinhavados nas constituições de Salamanca. Em particular na quinta postura, e seguintes, quando Alfonso X encomenda aos alcaides “*la custodia de los privilegios de la Universidad «enquanto pertenesce a los derechos del Rey»*”.³³

Por outro lado a significativa dotação de cátedras que Alfonso X fizera ao estudo geral de Salamanca é tida como modelar para a doutrina das *Partidas*, tanto na listagem das cadeiras essenciais a um estudo geral (leis, decretos, gramática, lógica e retórica – lei terceira³⁴) como no precedente consumado de que “*los salários de los maestros deven ser establecidos por el Rey*”. Também a figura relevante do estacionário do estudo, cujo salário Alfonso X garantia para Salamanca, teria direito a uma lei própria no título XXXI, a 11ª e última.

O título XXXI das *Partidas*, redigidas supostamente entre 1256 e 1265, surge, assim, como complemento e registo *a posteriori* das acções do monarca, em particular a “refundação” do estudo geral salmantino. Como escreveu Agueda Rodríguez Cruz, “*La primera legislación española en matéria universitária la encontramos en las Partidas que parecen recoger lo que se practicaba por entonces en Salamanca...*”.³⁵

No que toca às questões de implantação do estudo geral, a mesma autora observou como a cidade universitária das *Partidas* teve como paradigma a própria Salamanca – “*Pensando en ella escribió más tarde Alfonso el Sabio en las Partidas, que los lugares elegidos para establecer estudios generales*

³² Veja-se o **anexo II** no final da tese.

³³ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes...*, 1953, p.28-29.

³⁴ Em relação às cadeiras do estudo geral de Salamanca, dotadas pelo Rei, não se referiam as de decretais e de medicina. *Ibidem*, p.31

³⁵ Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, “La Universidad de Salamanca...”, 1988, p.41. De facto, as *Partidas* são o primeiro texto legal ibérico que aborda os ensino superior. Note-se que no texto do *Espéculo*, cuja redacção se abandonou após a recepção de Alfonso X aos embaixadores da cidade de Pisa, em Março de 1256, não chegou a incorporar-se nenhuma disposição sobre o estudo geral.

debían ser «de buen aire e de hermosas salidas».³⁶ Este era efectivamente o caso de Salamanca, situada sobre a romana *Via de la Plata* e acessível pela magnífica ponte sobre o Tormes, desde o sul. A vila considerada apta para receber o estudo geral devia ainda ser “*abondada de pan e de vino e de buenas posadas*”, aspectos que mais uma vez se adequavam a Salamanca. Estes lugares comuns seriam recorrentemente revisitados pelos cronistas ibéricos dos séculos seguintes para justificarem, *a posteriori* (e nem sempre com total acerto – veja-se o caso do ambiente confirmadamente insalubre de Alcalá), a escolha das suas cidades para sedes das respectivas universidades. Não obstante, as *Partidas* vão bem mais longe em termos da implantação e disposição ideal das escolas do que contêm estas pequenas passagens da lei segunda (“*En que logar deve ser establecido el estudio...*”), pois dedica-se integralmente uma outra lei, a quinta, ao desenvolvimento deste tema (“*En que logares deven ser ordenadas las escuelas de los maestros, e de los escolares*”), como veremos de seguida. Neste sentido criavam um campo de acção novo que não fora particularmente atendido pelas acções concretas do monarca. De facto, após a intervenção sobre o estudo geral de Salamanca, este continuou a funcionar nas dependências da antiga catedral (como também veremos) não tendo sido tentada uma reorganização dos espaços.

Tão pouco sobre o caso de Sevilha (projecto de que escasseiam os elementos e aparentemente sem continuidade) se pode verificar aplicação prática da teoria espacial das escolas. Assim, a repercussão factual da obra de Alfonso X centrou-se sobretudo no campo jurídico (e menos no da organização espacial do estudo), quer sobre a organização e dotação dos estudos gerais, quer no seu reconhecimento formal por parte das autoridades locais e pelo papado.

Chegados a este ponto, cabe talvez perguntar se devemos, de facto, retirar importância às *Partidas*, no âmbito das suas consequências práticas para as universidades ibéricas, em função dos paralelismos que temos vindo a registar entre as constituições dadas ao estudo geral de Salamanca e o título XXXI da segunda *partida*, redigido depois das constituições? Julgamos que não. Desde logo, porque as *Partidas* seriam uma fonte certamente mais divulgada e

³⁶ Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, “La Universidad de Salamanca...”, 1988, p.35.

acessível do que as constituições de Salamanca, como demonstra o número de exemplares manuscritos das *Partidas* que chegaram até hoje.³⁷ Por outro lado, porque fixam pela primeira vez, como dissemos, uma doutrina sobre este tema, suportada, em alguns aspectos importantes, pela prática do próprio monarca. Neste sentido, o título XXXI das *Partidas* e a política universitária de Alfonso X são inseparáveis, são dois braços do mesmo corpo. Neste sentido também, a influência das *Partidas* para as universidades ibéricas foi, pois, a nosso ver, central e duradoura.

d) A localização ideal das escolas

Interessa, porém, referir ainda que o título XXXI inclui uma **articulação de conjunto original** (as já elencadas onze leis) que trazem à colação noções suplementares às que temos vindo a tratar, de vária proveniência. Com efeito, as fontes a que Alfonso X e os seus conselheiros recorreram para a elaboração final do título XXXI são diversas, não se esgotando num único filão, nem se encontrando esclarecidas na totalidade – as mesmas dúvidas perpassam, aliás, a organização e conteúdo de toda a segunda partida afonsina³⁸ considerada, em certa medida, um texto novo.³⁹ Tratando-se de um conjunto inédito de disposições, podemos, pois, falar, a propósito do título XXXI, de um campo de acção novo, com maior alcance no que se refere a possíveis rebatimentos de uma reflexão (ou de uma nova teoria) sobre o estudo geral.

Regressemos às fontes. Se as passagens da lei segunda relativas à segurança dos escolares e mestres (que surgem também nos privilégios concedidos pelos monarcas antecessores de Alfonso X) parecem derivar de uma adenda do Imperador Frederico I ao título XIII (*“Ne filius pro patre”*) do livro IV do *Corpus*

³⁷ Ainda que segundo Craddock, *“no existe que yo sepa ningún códice copiado en vida de Alfonso X”*, pelo que os manuscritos existentes terão sido todos copiados depois de 1284. JERRY CRADDOCK, *“La cronología de las obras...”*, 1981, p.389. Sobre o número de manuscritos das *Partidas*, ou contendo apenas parte delas, tome-se como referência os que foram utilizados para a edição da *Real Academia de la Historia* espanhola, de 1807. Anteriores edições são a de Alonso Díaz de Montalvo (Sevilha, 1491) com 8 reimpressões até 1528, e a já mencionada de Gregório López (Salamanca, 1555), que consultamos, com 15 reimpressões até 1855, http://es.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_de_las_Siete_Partidas, 22.05.2009.

³⁸ *“Mientras tanto, debo confesar que sigo sin sospechar siquiera de donde salió la segunda Partida”*. Alfonso OTERO VARELA, *“Las Partidas y el Ordenamiento de Alcalá...”*, 1994, p.497.

³⁹ Uma das vertentes do programa legislativo de Alfonso X era precisamente a da renovação do direito. Manuel GONZÁLEZ JIMENEZ, *Alfonso X el Sábio...*, 1993, p.257.

Iuris Civilis dos romanos, como demonstrou Rafael Zurita Cuenca,⁴⁰ já as disposições sobre os locais e implantação das escolas (lei quinta) misturam aspectos do *Corpus Iuris* (título XVIII do livro XI: “*De los estudios liberales en la ciudad de Roma y en la de Constantinopla*”)⁴¹ com algumas ideias que vimos já reflectidas no texto do italiano Boncompagno.

Com efeito a nova constituição de Frederico, acrescentada em 1158, concede “*a todos los escolares, que viajan a causa de sus estudios, y principalmente a los profesores de las leyes divinas y de las sagradas, este beneficio de nuestra piedad que vayan a los lugares en que se hacen los estudios literarios, así ellos como sus mensajeros y habiten con seguridad en los mismos*”.⁴² Dá ainda aos escolares a faculdade de, quando demandados, se defenderem “*ante su señor o maestro, ò ante el obispo*”, sendo excluída a possibilidade de recurso a outro juiz por parte dos queixosos.⁴³ O texto da lei segunda inclui, na sua segunda parte, a transcrição quase directa destes termos (veja-se novamente o **anexo II**, no final da tese).

A ideia das *Partidas* de que “*deven ser las unas escuelas tan apartadas de la otras, que los maestros non se embarguen, oyendo los unos, lo que leen los otros*” (lei quinta), parece ser também directamente retirada do *Corpus Iuris*, do mencionado título XVIII do livro XI, em que se traçam as directivas para as escolas a erguer em Constantinopla: “*...que a cada uno [dos mestres] se le asignen locales especialmente destinados, a fin de que los discípulos o los maestros no puedan perturbarse unos con otros, o para que la mezclada confusión de lenguas ó de voces no aparte del estudio de las letras los oídos o la inteligencia de algunos*”.⁴⁴

Mas a mesma lei quinta, dedicada especificamente aos lugares “*en que (...) deven ser ordenadas las escuelas*”, dá um passo mais adiante ao desenvolver

⁴⁰ Rafael ZURITA CUENCA, “*Títulos de las Siete Partidas y del Corpus Iuris Civilis*”, *Revista de la Facultad de Derecho Universidade Complutense*, Madrid, Julio 1985, p.129-155.

⁴¹ *Ibidem*, p.134.

⁴² Ildefonso GARCIA DEL CORRAL, *Cuerpo del Derecho Civil Romano* (Ed. de Kriegel, Hermann e Osenbrügenn), Barcelona, Jaime Molinas, «*Código*», Tomo I, 1892, p.428-429. Para o texto integral da disposição, veja-se o **anexo III** no final da presente dissertação.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ Ildefonso GARCIA DEL CORRAL, *Cuerpo del Derecho Civil Romano* (Ed. de Kriegel, Hermann e Osenbrügenn), Barcelona, Jaime Molinas, «*Código*», Tomo II, 1895, p.614-615. Para o texto integral do título, veja-se o **anexo IV** também no final da tese.

a noção do isolamento desejável das escolas, face à cidade, ainda que aquelas se devessem organizar em grupo, com o já mencionado e necessário afastamento entre elas:

*“Las escuelas de estudio general **deven ser en un lugar apartado de la villa**, las unas cerca de las otras. Porque los escolares, que ovieren labor de aprender, ay na puedan tomar dos liciones, o mas si quisieren, e en las cosas que dubdaren puedan preguntar los unos a los outros. Pero deven ser las unas escuelas tan apartadas de las otras, que los maestros non se embarguen, oyendo los unos, lo que leen los otros”.*

A ideia do **“lugar apartado de la villa”** merece comentário. A expressão, traduzida à letra, refere-se a um lugar afastado da cidade, fora da cidade.⁴⁵ Não se pode deixar de observar, contudo, que este conceito entra em certa contradição com a ideia de vila onde se deve estabelecer o estudo (lei 2ª), que pressupõe que o estudo geral seja de alguma forma inserido no âmbito urbano. O encontro possível deste aparente desfasamento de termos é precisamente o da implantação do estudo numa franja da cidade, em lugar relativamente “apartado” das actividades urbanas primárias, como que constituindo uma espécie de bairro escolar. Para o mesmo enquadramento apontava aliás o texto de Boncompagno (c.1235, um pouco anterior ao das *Partidas*) que mencionamos no capítulo precedente, e que voltamos a citar:

*“(…) Seja a casa da disciplina escolástica construída ao ar livre e puro. Seja afastada da presença das mulheres, do clamor de fora e do barulho dos cavalos, da navegação, do ruído dos carros”.*⁴⁶

Por outro lado, e segundo este mesmo autor, *“le finestre vanno disposte in maniera tale da permettere uno sguardo sui giardini e sui paesaggio vicino”*, donde se retira uma implantação das escolas numa situação periférica, sobre a muralha da cidade ou num arrabalde da mesma, como tivemos oportunidade

⁴⁵ **“Apartar:** 1.Separar, desunir, dividir (...) 2. Quitar a una persona o cosa del lugar donde estaba, para dejarlo desembarazado (...) 3. Alejar, retirar (...) / **Aparte:** (...) 1. En otro lugar (...) 2. A distancia, desde lejos 3.(...) Separadamente, con distinción”. **Diccionario de la Lengua Española**, Madrid, Real Academia Española, 1970, 19ª edição, p.100.

⁴⁶ **BONCOMPAGNO DA SIGNA, *Rhetorica Novíssima***, Manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana, Borghese 97, de cerca de 1235. Veja-se, sobre este texto, o capítulo anterior.

de observar.⁴⁷ De facto, é até bastante provável que o texto afonsino incorpore as ideias de Boncompagno, seguramente conhecidas de um dos seus principais consultores jurídicos com participação na redacção das *Partidas*, o famoso mestre italiano Jacopo de las Leyes.⁴⁸ Importa referir ainda que no texto das *Partidas* se evita a referência à localização central das escolas da Roma imperial, no monte do Capitólio, ou do *Campidoglio*, citada precisamente no *Corpus Iuris Civilis*, na primeira parte do título XVIII do livro XI.⁴⁹

Não obstante, a situação iminentemente urbana, ainda que periférica, do estudo geral idealizado nas *Partidas* é também corroborada pela referência a um aspecto importante e já mencionado, abordado logo de seguida na lei quinta – o da residência da comunidade universitária: “*Otrosi dezimos, que los escolares deven guardar, que las posadas o las casas, en que moraren los unos, no las loguen los otros en quanto en ellas moraren e ovieren voluntad de morar en ellas*”. A necessidade de garantir pousadas para mestres e escolares através da regulação do preço das mesmas (como vimos nas constituições de Salamanca) será sempre uma das principias preocupações dos instituidores dos estudos gerais e que amarrará as universidades medievais e modernas a uma existência citadina.

Nestes aspectos – o critério da implantação das escolas e o da regulamentação dos aposentos para os escolares – julgamos que a influência e contribuição das *Partidas* terá sido, de facto, relevante para as universidades ibéricas, fundadas depois do reinado do Rei Sábio. Veremos como em Lisboa o Rei D. Dinis, neto de Alfonso X, sediou primeiramente o estudo em casas novas construídas para o efeito, no arrabalde ocidental extramuros,

⁴⁷ Veja-se novamente o capítulo anterior.

⁴⁸ A alternativa evidente a esta hipótese é a de que ambas as reflexões sobre os locais das escolas (as da *Retórica Novíssima* e as das *Partidas*) terão uma fonte comum, todavia não encontrada – situação que não pode deixar de reforçar a hipótese de que o texto da primeira tenha influenciado a segunda.

⁴⁹ Ildefonso GARCIA DEL CORRAL, *Cuerpo del Derecho...*, «Código», Tomo II, 1895, p.614-615. O monte Capitolino, elevação rochosa no centro de Roma, era considerado o centro espiritual do Império. No seu topo sul situava-se o templo de Júpiter, Juno e Minerva, esta última filha do primeiro e deusa da sabedoria. Na base do monte, a nascente, e junto ao *Forum* ficava o edifício do *tabularium*, o arquivo estatal romano. Era pois lugar propício ao desenvolvimento dos estudos liberais da cidade.

aparentemente em consonância com as *Partidas*.⁵⁰ Veremos também como a exemplar fundação da universidade cisneriana de Alcalá, na transição dos séculos XV para XVI – cuja análise culminará a primeira parte do nosso estudo – cumpre quase plenamente (excepto na já mencionada questão dos ares saudáveis), mais de duzentos anos depois, os preceitos afonsinos quanto à implantação dos estudos.

Pelo meio, observaremos ainda a delimitação por decreto régio de bairros próprios dos escolares em Lérida e em Coimbra, nos primeiros anos de Trezentos, com vista a resolver, sobretudo, o problema da instalação de mestres e estudantes. Pode dizer-se que as *Partidas*, e antes destas, as constituições salmantinas de 1254, antecipam, em certa medida, o tipo de preocupações a que a definição antecipada de perímetros “académicos” procura dar resposta.

e) Um estudo fundado por Sancho IV

Finalmente, podemos notar como Sancho IV (1258-1284-1295), filho e sucessor de Alfonso X, foi um continuador da política universitária do pai, criando o estudo geral de **Alcalá de Henares**. De facto, conhece-se a carta régia de 20 de Maio de 1293⁵¹ na qual Sancho IV instituía o estudo geral de Alcalá, a instâncias do Arcebispo de Toledo, com os privilégios do estudo geral de Valladolid.

Pelos poucos dados disponíveis, podemos apenas conjecturar que Sancho IV se terá limitado a apoiar-se no direito consagrado nas *Partidas*, que o colocava como fundador legítimo e suficiente do estudo geral de Alcalá, desconhecendo-se se o monarca solicitou o paralelo reconhecimento papal (incontornável para a validação dos graus fora dos domínios régios) supondo-se, porém, que não o tenha feito. Podemos notar, neste caso, o prosseguimento da política afonsina de estabelecimento de estudos gerais nos territórios recém-incorporados na

⁵⁰ Como notou Walter Rossa. **Walter ROSSA, *Diver[sc]idade. Urbanografia do espaço urbano de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade***, Coimbra, FCTUC, p.499-500.

⁵¹ Curiosamente redigida em Valladolid. Candido Maria AJO, *Historia de las Universidades...*, 1957, Vol. I, p.203.

coroa,⁵² em particular no caso do estudo geral de Alcalá, implantado no território do antigo reino de Toledo.⁵³

Enquanto que o estudo vallisoletano teve continuidade, começando por funcionar associado à colegiada maior local, pouco se sabe (também) sobre o funcionamento efectivo da primeira fundação alcalaína, que o terá tido embora, provavelmente, sem nível superior.⁵⁴

⁵² *Vide supra*, nota 27. Note-se o prosseguimento desta política na esfera de influência do reino de Aragão.

⁵³ O Reino de Toledo era uma das taifas que se autonomizou do califato de Córdoba no século XI e que teria correspondência, após a reconquista, nas dioceses de Toledo e Cuenca. O território passou a designar-se por Castela Nova com os Reis Católicos, hoje também conhecido por *Castilla-La Mancha*.

⁵⁴ Veja-se, sobre este tema, **José GARCIA ORO**, *La Universidad de Alcalá de Henares en la Etapa Fundacional (1458-1578)*, Santiago de Compostela, Independencia Editorial, p.47; **Ramón GONZÁLEZ NAVARRO**, “Los Estudios Generales de Alcalá de Henares”, Antonio Castillo Gómez (Coord.), *Alcalá de Henares y el Estudio General*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1996, p.59-101; e **Enrique M. PÉREZ**, “Los Estudios Generales de Alcalá de Henares”, *Alcalá de Henares, páginas de su historia. XII curso de historia, arte y cultura*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 2003, p.151-161. Veja-se ainda o capítulo 1.9 da presente dissertação, secção b).

1.3. Salamanca:

implantação urbana da mais destacada universidade ibérica

a) Fundação do estudo geral

Alfonso IX de Leão (1171-1188-1230) fundou a Universidade de Salamanca nos finais de 1218 ou logo no início de 1219.¹ Segundo Vicente Beltrán de Herédia, foram três os factores prévios que contribuíram para a criação do estudo na cidade da antiga “extremadura” leonesa: a criação anterior de um estudo geral na cidade castelhana de Palência, a actividade da escola catedralícia metropolitana de Santiago de Compostela e a existência de uma escola capitular salmantina.

A elevação da escola da catedral de Palência a estudo geral, cerca de 1212,² sob Alfonso VIII de Castela (1155-1158-1214), veio beneficiar o surgimento de instituição paralela no reino vizinho de Leão. Aproveitando um momento de primeira crise de funcionamento no estudo castelhano e de encerramento das aulas – após a morte de Alfonso VIII – Alfonso IX de Leão foi lesto em receber alguns catedráticos que aí leccionavam (parte dos quais estrangeiros) criando assim o estudo salmantino. A existência de uma cosmopolita escola catedralícia em Santiago de Compostela (à sombra do cabido “*más culto de Castilla y León*” do século XII³) havia permitido, por outro lado, a consciência das vantagens da criação de uma instituição universitária junto da corte leonesa, ainda que estabelecendo-se noutra cidade, “*pues no convenía hacerlo*

¹ “La fundación (...) tuvo lugar a finales de 1218 o principio de 1219”, **Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, Los orígenes de la Universidad de Salamanca**, Universidad de Salamanca, 1953, p.17.

² **Ramón HERNÁNDEZ MARTÍN, “Contribución de los dominicos”, in AAVV, Historia de la educación en España y América, Vol.I, Madrid, Fundación Santa María, 1992, p.487-499 (p.487). Bernabé BARTOLOMÉ MARTINEZ, “Instituciones docentes. Universidades y colegios universitarios”, in AAVV, *idem*, p.554-604 (p.555).** A data avançada por estes dois autores encontra-se dentro do intervalo de tempo proposto por Beltrán de Heredia, entre 1208 e 1214. **Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, Los orígenes de la Universidad...**, 1953, p.8-9.

³ *Ibidem*, p.12.

en Santiago”.⁴ Finalmente, a escola da catedral salmantina, com quase um século de existência, garantiria a infra-estrutura básica da nova academia.⁵

A unificação dos reinos de Castela e Leão em 1230, sob Fernando III o Santo (1199-1217-1252), filho de Alfonso IX, acabaria por favorecer o estudo geral de Salamanca em detrimento da efêmera fundação palentina.⁶ A este factor “se añadirían tal vez consideraciones de índole política y geográfica, la vecindad con Portugal, la mayor población de Salamanca, tan celebrada en la «Crónica general» de Alfonso el Sabio, el distinto plan de estudios, más amplio y sobre todo más acomodado a las necesidades del reino...”.⁷

Pedro Chacón, primeiro historiador da Universidade (1569), diz, por sua vez, que Alfonso IX de Leão ordenou fazer escolas no seu reino “y escogió para asunto de ellas, la ciudad de Salamanca, por ser lugar sano, de buenas aguas y proveído de muchos y buenos bastimientos; que son la qualidad que el Sábio Rey Don Alonso pone en sus Partidas, que he de tener el lugar donde estudio general se hiciere”.⁸

Como vimos anteriormente, Alfonso X o Sábio (1221-1252-1284) descrevera do mesmo modo, nas *Siete Partidas*, as condições inerentes à cidade que recebesse uma universidade:

“De buen ayre, e de fermosas salidas, deve ser la villa, do quisieren establecer el estúdio, porque los maestros, que muestran los saberes, e los escolares, que los aprienden, vivan sanos en el: e puedan folgar e recibir plazer, en la tarde, quando se levantaren cansados del estudio.

⁴ *Ibidem*, p.15. “La Universidad de Salamanca fue en cierto modo un transplante de la escuela y personal académica de la iglesia compostelana”.

⁵ Ainda que para Beltrán de Heredia a escola catedralícia representasse “un refuerzo secundario” (*ibidem*, p.15), Ángel Vaca não exclui a hipótese de que a escola capitular se tivesse convertido, ela própria, no Estudo Geral, uma vez que dispunha, à época, de um corpo docente relativamente alargado e variado. **Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque au Moyen Âge: besoins fonctionnelles et réponses immobilières”,** in Patrick Gilli, Jacques Verger, Daniel Le Blévec (Eds.), *Les universités et la ville au Moyen Âge*, Brill, Leiden/Boston, 2007, p.9-53, p.13.

⁶ Esteve activa até meados do século XIII.

⁷ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes de la Universidad...*, 1953, p.11.

⁸ **Pedro CHACÓN, *História de la Universidad de Salamanca***, 1569, edição de Ana María Carabias Torres, Universidad de Salamanca, 1990, p.51-52, citado por Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.11, nota 9.

Otrosi, deve ser abõdada de pan e de vino, e de buenas posadas, en que pueden morar, e passar su tiempo, sin gran costa".⁹

Neste caso, uma cidade de primeira retaguarda que era preciso povoar, situada no centro de um vasto termo próprio, propício à agricultura, em particular dos cereais, e à criação de gado.¹⁰ Foi com o Rei das *Siete Partidas* que a academia se dotou de umas primeiras constituições que reorganizaram e consolidaram a estrutura ainda incipiente que até então funcionara.¹¹ Foram redigidas em carta patente,¹² outorgada em Toledo a 8 de Maio de 1254,¹³ onde pela primeira vez se atribuiu à instituição a designação de "universidade" – *"y probablemente es la primera vez que se emplea en Europa, según algunos"*.¹⁴

Uma das medidas mais importantes a que alude o documento refere-se à necessidade de controlar os preços da habitação dos estudantes, nomeando-se para isso dois conservadores do estudo (designados pelo próprio Rei), estabelecendo-se medidas de protecção para que os escolares não pudessem ser despejados das casas que arrendassem.¹⁵ Outro aspecto fundamental refere-se à dotação de cátedras (para as quais se consignava um rendimento

⁹ Segunda Partida, Título XXXI, Lei II, conforme a edição que consultamos – **ALFONSO X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alonso el nono, nuevamente glosadas por el licenciado Gregorio López*** (1555), Valladolid, Casa de Diego Fernández de Córdoba, Tomo I, 1587, fol.114-116.

¹⁰ Ver sobre este assunto **Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, "La Universidad de Salamanca en el alba de su historia"**, in *Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Universidad de Valladolid, 1988, p.31-42 (p.35-36).

¹¹ Não se conhecem estatutos anteriores. Alfonso IX, o fundador, havia dotado o Estudo de rendas próprias e de uma primeira organização. Fernando III, o Santo, confirmaria (a 6 de Abril de 1243) os privilégios outorgados pelo pai, tomando sob seu patrocínio o grémio académico, pessoas e bens – o gérmen do foro universitário. Outorgou ainda, em Março de 1252, nova carta de privilégios, com isenção de impostos sobre os bens dos escolares que entrassem ou saíssem da cidade, garantindo a sua liberdade e segurança ao viajarem pelo reino. Alfonso X confirmaria também todos os privilégios anteriores ao subir ao trono, nesse mesmo ano de 1252. A 9 de Novembro escreveu ao concelho de Salamanca para que guardasse e defendesse o Estudo. Dados retirados de Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, "La Universidad Salamanca en el alba de su historia"..., 1988, p.37-38.

¹² A designação (em francês "*lettre patente*") é de Ángel VACA LORENZO, "Le campus de l'Université de Salamanque...", 2007, p.17.

¹³ O documento original, de 1254, não se conserva – conhece-se por uma cópia do século XVII. Vicente BELTRÁN DE HERÉDIA, *Los orígenes de la Universidad...*, 1953, p.22.

¹⁴ Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, "La Universidad Salamanca en el alba de su historia"..., 1988, p.38.

¹⁵ Vicente BELTRÁN DE HERÉDIA, *Los orígenes de la Universidad...*, 1953, p.26.

anual de 2500 maravedis¹⁶), cujo número “*quizá se duplicó*”.¹⁷ Preconizava-se que houvesse um mestre em leis (500 maravedis de salário anual) assistido por um bacharel, um mestre em decretos (300 maravedis anuais), dois outros de decretais (500 maravedis cada um), dois de lógica, dois de gramática e ainda dois de “física”, ou seja de medicina (200 maravedis cada).¹⁸ Dotava-se ainda o estudo de um “estacionário”, que deveria fornecer os livros, de um mestre de órgão, de um “apotecário”, para além dos já mencionados conservadores.

Realce-se a predominância dada às disciplinas jurídicas (direitos civil e canónico, o que diz muito do interesse da corte de Alfonso X e do próprio monarca) no que Salamanca se aproximava da primeira universidade europeia, a de Bolonha, por oposição à Universidade de Paris, iminentemente teológica.¹⁹ Ainda que a Universidade de Salamanca apresentasse “*una forma académica muy distinta, por su carácter régio*”,²⁰ seguiu também a congénere bolonhesa na designação de um reitor discente, embora em Salamanca fosse eleito em claustro pelos docentes.²¹

¹⁶ As rendas deveriam provir, segundo Beltrán de Heredia, das chamadas “terças de fábrica”, que eram a terça parte das rendas eclesiásticas, neste caso da diocese de Salamanca. Chegariam a 10.000 maravedis no final do século. *Ibidem*, p.36-37.

¹⁷ *Ibidem*, p.30.

¹⁸ A Universidade organizava-se em torno de quatro faculdades (direito civil, direito canónico, medicina e artes), seis matérias (direito civil, decretais, direito canónico, medicina, lógica e gramática), onze cadeiras (duas de direito civil, duas de decretais, uma de direito canónico, duas de medicina, duas de lógica e duas de gramática) e quatro serviços. Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.18. Sobre a estrutura dos cursos e as necessidades funcionais da Universidade, na sua primeira fase, veja-se também **Ángel VACA LORENZO, “Capacidad docente y necesidades funcionales de la nueva feria de los estudios y letras. La Universidad de Salamanca en la Edad Media”, in *La Península en la Edad Media, treinta años después. Estudios dedicados a José-Luís Martín*, Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca, 2006, p.347-369.**

¹⁹ A teologia só passaria a fazer parte da oferta lectiva da academia salmantina a partir das reformas do Cardeal Pedro de Luna (futuro Papa Bento XIII) nos finais do século XIV.

²⁰ Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, “La Universidad Salamanca en el alba de su historia”..., 1988, p.40-41.

²¹ O reitor estudante era uma característica das agremiações universitárias de “estudantes”, como Bolonha. Inversamente, o reitor das universidades “de mestres”, como Paris, era eleito de entre os docentes. Não obstante, o elo de ligação entre Salamanca e Bolonha provinha da preponderância dos estudos jurídicos e não do mesmo tipo de origem, de associação estudantil, da Universidade. Sobre o cargo de Reitor da Universidade, veja-se **Águeda María RODRÍGUEZ CRUZ, *El oficio de rector en la Universidad de Salamanca y en las Universidades Hispanoamericanas***, Universidad de Salamanca, 1979.

Finalmente, Afonso X solicitou também o reconhecimento do Vaticano, concedido por Alexandre IV, por bula de 6 de Abril de 1255, desde Nápoles,²² na qual se referiu à universidade salmantina como “*una de las cuatro lumbreras del mundo*”.²³ Outro documento pontifício, desse mesmo ano, permitia à universidade o privilégio de dispor de selo próprio. Por bula de 22 de Setembro, o Papa concedia a desejada *licentia ubique docendi*, que conferia a validade universal dos graus salmantinos, excepto em Paris e Bolonha.²⁴

Atentemos ainda à consolidação do foro universitário – ou seja, de uma justiça própria da comunidade universitária²⁵ – submetido à relevante figura do “*maestrescuela*” do cabido catedralício que desempenhava, simultaneamente, o papel de cancelário da universidade, responsável pela atribuição dos graus. Do ponto de vista institucional, e em abordagem mais ampla, Monsalvo Antón notou que foi mínima a influência da cidade, e do seu conselho, sobre o estudo e sobre os seus órgãos de governo. “*Fundada por la Monarquía y fuertemente respaldada por el Papado, puede decirse que la Universidad salmantina del periodo medieval estuvo más bien ubicada que enraizada en la ciudad*”.²⁶

²² Publicada por **Vicente BELTRÁN DE HEREDIA**, *Bulario de la Universidad de Salamanca (1219-1549)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1966, Vol. I, Doc. n.10.

²³ Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, “La Universidad Salamanca en el alba de su historia”..., 1988, p.39. As outras seriam as Universidades de Paris, Bolonha e Oxford cujos estatutos o Papado já havia reconhecido por bulas de 1246, 1253 e 1254, respectivamente. Para uma visão geral, veja-se **Jacques VERGER**, “*Modelos*”, in Walter Rugg, Hilde de Ridder-Symoens (Coord), *Uma História da Universidade na Europa. As Universidades na Idade Média – Vol.I*, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 1996, p.33-71.

²⁴ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Bulario...*, 1966, Vol. I, Doc n.15. No século seguinte, outra bula, datada de 2 de Dezembro de 1333 (*Bulario*, Vol. I, Doc. n.28), concertada com o poder real, outorgava ao Mestre-escola capacidade para conceder graus válidos para toda a cristandade, sem as limitações de Paris e Bolonha. **José Maria MONSALVO ANTON**, “*El Estudio y la ciudad en el período medieval*”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Trayectoria y Vinculaciones – Vol. I*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p.435-465, p.446,

²⁵ Vimos já (*vide supra* nota 11) como Fernando III, por documento de 6 de Abril de 1243, tomou a academia sob patrocínio régio. A 15 de Julho de 1255, o Papa Alexandre IV declarou o pessoal universitário salmantino como estando sob sua jurisdição eclesiástica directa. A 22 de Setembro conferia poder ao Mestre-escola para absolver qualquer universitário da sentença de excomunhão. Águeda María RODRÍGUEZ CRUZ, “La Universidad Salamanca en el alba de su historia”..., 1988, p.39.

Mais de cem anos depois, uma carta régia de 1391 (Enrique III) ratificava o Mestre-escola, e não a justiça secular, como tendo autoridade civil e criminal sobre os escolares e seus familiares. José Maria MONSALVO ANTON, “*El Estudio y la ciudad...*”, 2002, p.453.

²⁶ José Maria MONSALVO ANTON, “*El Estudio y la ciudad...*”, 2002, p.464.

b) Cidade e Universidade. Espaços adstritos ao estudo no claustro da sé

Salamanca encontrava-se em pleno processo de consolidação urbana,²⁷ quando se criou o Estudo Geral, no início do século XIII. Decorrera já um século sobre a acção de repovoamento lançada pelo Conde D. Raimundo de Borgonha, genro de Alfonso VI de Castela e Leão (1047-1065-1109). As primeiras intervenções infra-estruturais relevantes tiveram lugar apenas no reinado de Alfonso VII (1105-1126-1157), com o arranque da construção da sé românica (entre 1140 e 1150²⁸) e a reconstrução simultânea do troço oriental da muralha do núcleo primitivo (a partir de 1147) que reintegrava, no reduto central, a área de implantação da nova catedral.²⁹

Na área de expansão extramuros, foram-se instalando grupos de povoadores externos em torno de novas igrejas paroquiais (cerca de 26 nos finais do século XIII³⁰). Resultaram conjuntos de traçados viários radioconcêntricos, cuja aglomeração progressiva deu origem a um traçado geral irregular, cortado pelas vias de atravessamento. Consequência ulterior do repovoamento foi,

²⁷ A *Salmantica* romana ganhou importância como *mansio* da “Via da Prata”, que ligava *Asturica* (Astorga), a norte, a *Emerita* (Mérida) no sul. Uma primeira muralha celtibérica, reutilizada no período romano, terá cercado o núcleo primitivo da cidade sobre a margem direita do Tormes, afluente do Douro. Para atravessamento do rio, uma nova ponte foi construída sob o Imperador Trajano, que ainda subsiste. Segundo Ángel Vaca Lorenzo, entrava-se pelo *postigo ciego* (designação medieval) seguindo-se depois pelo antigo *Cardo* da cidade romana, que este autor defende ser a actual *calle librerías* (na qual se apoiou a sede universitária desde o século XVI), conhecida anteriormente por *Rúa Nueva*.

Não existem vestígios arqueológicos da ocupação deste núcleo nos períodos visigótico e árabe, pelo que se tem considerado a hipótese da deslocação dos habitantes para um dos arrabaldes, nomeadamente junto do rio. No tempo da reconquista uma muralha abreviada incluiria um núcleo mais reduzido (a “*Peña Celestina*”) com maiores possibilidades de defesa, deixando de fora o lugar da actual Sé, segundo hipótese lançada recentemente. Sobre estes aspectos veja-se, sobretudo, Ángel VACA LORENZO, “La Vía de la Plata a su paso por Salamanca”, *Salamanca, Revista de Estudios*, n.48, 2002, p.13-50 José Luís SÁNCHEZ IGLESIAS, *Salamanca y su Alfoz en la Edad Media (siglos XII y XIII)*, Diputación de Salamanca, 2003; e Ángel VACA LORENZO, “La puerta del río (o de Anibal) de Salamanca y sus inciertos orígenes”, *Papeles del Novelty*, Salamanca, n.15, 2006, p.9-30.

²⁸ Pablo NUÑEZ PAZ, Pablo REDERO GÓMEZ, Juan VICENTE GARCÍA, *Salamanca. Guía de Arquitectura*, Colegio Oficial de Arquitectos de León - Delegación de Salamanca, 2001, p.63.

²⁹ No período alto-medieval terá havido uma retração da muralha primitiva, deixando de fora a plataforma (a nascente) onde hoje assentam as catedrais (*vide supra* nota 27).

³⁰ Veja-se principalmente, sobre o repovoamento da cidade dos séculos XII-XIII, JÚLIO GONZÁLEZ, “Repoblación de la «Extremadura» Leonesa”, *Hispania. Revista Española de Historia*, Madrid, n.XI, 1943, p.195-273. e Manuel GONZÁLEZ GARCÍA, *Salamanca: la repoblación y la ciudad en la baja edad media*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1973.

pois, a construção, a partir dos inícios do século XIII,³¹ de uma nova e alargada cerca de muralhas que albergava a muito considerável área de 110 hectares, incluindo a área preferencial de expansão (o patamar natural elevado, a Norte) e o núcleo urbano antigo, recentemente “restaurado”, com cerca de 20 hectares. A nova cerca incluía ainda, a cada lado do aglomerado inicial, duas depressões perpendiculares à margem direita do Tormes por onde corriam as águas das chuvas – as ribeiras de *los Milagros* e de *Santo Domingo* (fig.1). Tratou-se de uma verdadeira “*fundación de una ciudad nueva*” criada a partir da base material e topográfica preexistente.³²

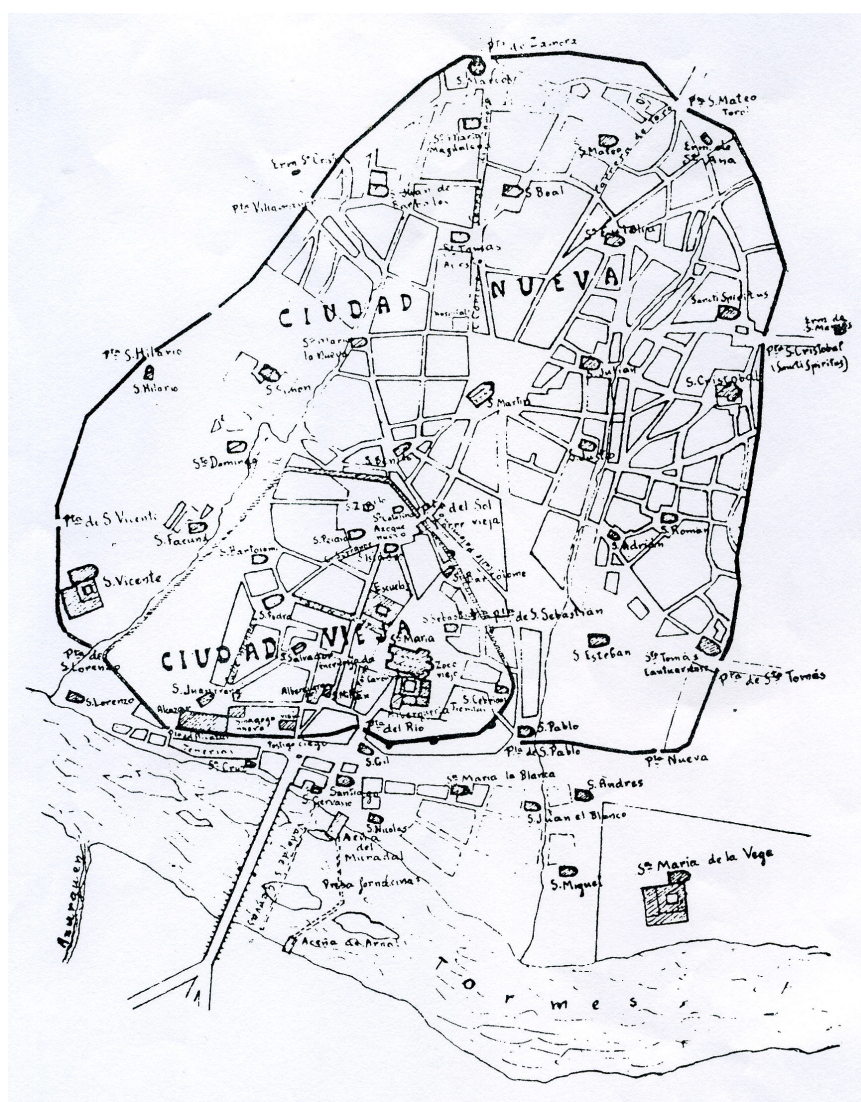


Fig.1
Salamanca cerca de
1230 – planta
de reconstrução
(fonte: Júlio González)

³¹ José Luís SÁNCHEZ IGLESIAS, *Salamanca y su Alfoz...*, 2003, p.211-212.

³² Nicolás BENET, Ana I. SÁNCHEZ GUINALDO, “Urbanismo medieval de Salamanca: ¿continuidad o reconstrucción?”, *Codex Aquilarensis*, 15, Aguilar de Campoo (Palencia), 1999, p.119-152, p.134.

A instalação da nova valência dos estudos no interior do primeiro recinto urbano, constituiu mais um factor de fomento da consolidação urbana em curso. A catedral românica garantiria o enfoque físico de referência para a nova Universidade, desde logo pela existência anterior da escola capitular. As aulas tinham lugar em diversos espaços em redor do claustro catedralício. Também as cerimónias de atribuição dos graus ocorriam na capela claustral de Santa Bárbara, que ainda hoje existe, sob autoridade eclesiástica do mestre-escola, elemento do cabido da sé que era designado pelo bispo – a figura mais importante da universidade, paralelamente à do reitor. Esta capela de Santa Bárbara seguiria sendo usada para actos académicos até meados do século XIX. Nos primeiros tempos do Estudo, outra capela do claustro da sé, a de *Santa Catalina* (**fig.2**), serviu para as reuniões de maior lotação, em particular para banquetes e ocasiões festivas.³³

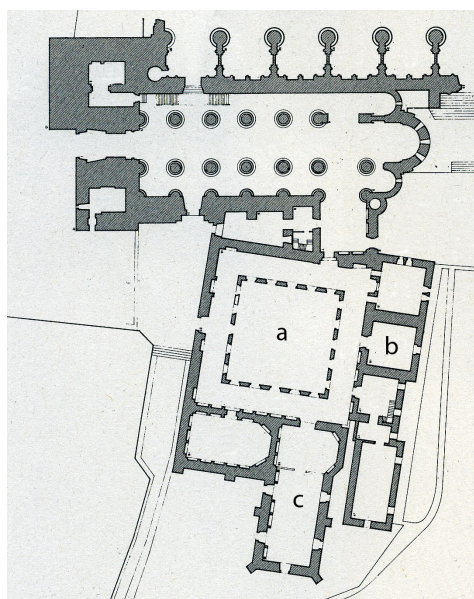


Fig.2
Catedral vieja de Salamanca:
a. claustro da catedral
b. capela de *Santa Bárbara*
c. capela de *Santa Catalina*

³³ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus de la Universidad de Salamanca: las Escuelas Mayores”, *Salamanca – Revista de Estudios*, 1999, n.43, p.143-169, p. 145. Veja-se também, sobre esta matéria, Daniel SÁNCHEZ Y SÁNCHEZ, “Catedral y Universidad, una relación secular”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Trayectoria y Vinculaciones* – Vol. I, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p.405-433.

A capela de *Santa Catalina* receberia, entre 1484 e um pouco antes de 1570, a biblioteca catedralícia. Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, p.64.

De facto, a Universidade careceu de espaços próprios para a sua função docente até meados do século XIV.³⁴ Quando os locais em torno do claustro catedralício deixaram de ser suficientes, face ao crescente número de alunos, a solução encontrada foi a de sub-arrendar várias câmaras para as aulas, em casas pertencentes ao cabido, na proximidade da catedral. Do mesmo modo os estudantes arrendavam quartos e habitações na mesma área. Foi-se assim estabelecendo, espontaneamente, uma espécie de primeiro bairro universitário, no qual apareceriam também os primeiros colégios, o de “*Pan y Carbón*” (1386) e o de *San Bartolomé* (1401).

Em sentido inverso, as actividades comerciais tenderam a concentrar-se na zona de expansão, já cercada, para norte da linha da primeira muralha. Sinal disso foi a perda de importância do açougue velho, na *plaza de Santa Maria*, adjacente à sé românica, cuja actividade seria transferida primeiro para junto da antiga *puerta del Sol* da cerca velha (do lado interior), e posteriormente mais para norte, para o largo de *San Martín* (por detrás da igreja homónima) antecedente da actual *plaza Mayor*.³⁵ Esta deslocação do centro comercial da cidade fez-se paralelamente ao desvio da maior parte do trânsito de atravessamento do núcleo histórico, no sentido sul-norte, ou seja do percurso entre a undecentista *puerta del Río*³⁶ (a sudoeste) e a *puerta del Sol* da muralha antiga (a nordeste).³⁷ O trajecto preferencial passou a realizar-se contornando o núcleo primitivo pelo lado nascente, entrando-se na cerca nova (pelo sul) pela *puerta de San Pablo*, e subindo depois pela *calle* homónima, de pendente suave, até ao largo de *San Martín*. Daqui, partiam dois eixos divergentes em direcção às portas de Zamora, a norte, e de Toro, a nordeste (veja-se novamente a **fig.1**).

³⁴ Ángel VACA LORENZO, “Origen y formación del primitivo campus...” 1999, p.144-145

³⁵ Nicolás BENET, Ana I. SÁNCHEZ GUINALDO, “Urbanismo medieval de Salamanca...”, 1999, p.143-144.

³⁶ Ángel VACA LORENZO, “La puerta del río...” 2006, p.9-30.

³⁷ Ángel VACA LORENZO, “La Vía de la Plata a su paso por Salamanca”..., 2002, p.13.

3. Escolas de cânones e escolas de leis. As Escuelas Mayores

Sobre os locais onde passaram a desenrolar-se as aulas, baseamo-nos nos estudos fundamentais de Ángel Vaca Lorenzo dedicados a este tema,³⁸ ainda que desenvolvamos uma proposta própria, no que se refere à evolução do imóvel das *Escuelas Mayores*,³⁹ a partir dos dados recolhidos por aquele autor. Destacaremos, em síntese, a utilização de espaços sub-arrendados em casas pertencentes ao cabido e localizadas na vizinhança da catedral, formando três núcleos distintos (classes de cânones, de leis e de gramática), conquanto se desconheça a localização das classes de lógica e de medicina.

As escolas de decretais, as mais concorridas pelos estudantes, tiveram lugar até finais do século XIV nas *Escuelas Viejas* de cânones, cuja localização exacta é desconhecida.⁴⁰ Em data posterior a 1378 passariam para uma casa do cabido arrendada ao bedel Alfonso Fernández, próxima da catedral (na *plaza de Santa Maria*), na frente oriental das futuras *Escuelas Mayores*⁴¹ (veja-se a **fig.3**). O espaço lectivo, devidamente acondicionado de bancos e púlpitos, deveria ter capacidade para cerca de 200 alunos.⁴²

A escola de decreto, por sua vez, situava-se – em 1383 – numa câmara propriedade do cabido, arrendada sucessivamente aos clérigos Pedro Gómez e Pedro Fernández de Cuenca, próxima da “venda dos peixes”.⁴³ Vaca Lorenzo localizou esta “venda dos peixes” ou “*casas de los peçes*” na *plaza de Santa Maria* ou do Açougue Velho, a norte da catedral românica, já quase sobre a via (“*al cantón de la calle*”)⁴⁴ que a nosso ver é a que se designava por “*calle pública del Rey*”, citada em vários documentos, e que ligava a *plaza de Santa*

³⁸ Ángel VACA LORENZO, “Origen y formación del primitivo campus...” 1999, p.143-169, e Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.9-53.

³⁹ Que apresentaremos, em detalhe, no capítulo 2.5.

⁴⁰ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.145. A propósito destas *Escuelas Viejas de canones*, vide *infra* nota 61.

⁴¹ *Ibidem*, p.145-146.

⁴² *Ibidem*, p.146 e nota 11.

⁴³ *Ibidem*, p.146.

⁴⁴ Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.31, nota 66: “En 1499 on document sur la «Plaça de Santa María unas casas al cantón de la calle, frontero de las Escuelas Mayores [en marge: «que se llaman de los Peçes»] a mano derecha” – *Libro de las posesiones del cabildo y de los capellanes del coro*, manuscrito do Arquivo Catedraliício, fol.XIV.

María com a *puerta del Sol*.⁴⁵ Outros documentos do século XV confirmam esta localização das “casas dos peixes”, pois estas surgem sempre como “*fronteras de las [Esc]uelas Nuevas*”.⁴⁶ A escola de decreto estaria, portanto – muito provavelmente – a norte, e na sequência, das escolas de decretais referidas anteriormente. Como se pode observar na **figura 3** o conjunto destas instalações da faculdade de cânones ocuparia já grande parte da frente nascente das actuais *Escuelas Mayores*.

Para as classes de leis, ou de direito civil, tinha a universidade sub-arrendada uma “câmara sobradada”, devidamente mobilada, situada a nascente da catedral, na *calle de Acre*.⁴⁷ Já as escolas de gramática localizavam-se (em 1413) em casas perto da actual *calle de la Plata*, implantadas no terreno que serviu posteriormente para a construção das *Escuelas Menores*, ou muito próximas deste,⁴⁸ em quarteirão a sudoeste das actuais *Escuelas Mayores*. Nada se sabe sobre os locais das escolas de lógica e de “física” (medicina), como foi já referido.⁴⁹

Foi a princípios do séc. XV que a universidade deu impulso a uma distinta política imobiliária, sob influência do cardeal aragonês Pedro de Luna, o Antipapa Bento XIII (1394-1417). Em vez de arrendar espaços a universidade passaria a adquirir terrenos para a construção dos seus próprios edifícios. Segundo Ángel Vaca Lorenzo,⁵⁰ um primeiro *campus* universitário começava a

⁴⁵ “Sin embargo, sí existía una calle *sin denominar*, hoy de Francisco de Vitoria y antes de la Estafeta, que unía la catedral, Escuelas Mayores e iglesia de San Sebastián con la iglesia de San Isidro. Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.156, nota 45. Veja-se a **fig .3**.

⁴⁶ “...el 9 de marzo de 1422, el Cabildo salmantino arrendó al canónigo Luis Nuñez «por su vida, las casas de los peçes, que son en esta çibdat, (...) fronteras de las [Esc]uelas Nuevas». *Ibidem*, p.146.

⁴⁷ “El primer arrendatario [Fernando Martínez de Logroño, falecido em 1378] *había habilitado tan adecuadamente “una cámara sobradada” para la docencia de estos estudios jurídicos, con la dotación de todo el mobiliario preciso, que sirvió de modelo a las reformas introducidas por el bedel Alfonso Fernández al local alquilado para las antes referidas escuelas de Cánones*”. Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.148.

⁴⁸ *Ibidem*, p.149-150.

⁴⁹ *Ibidem*, p.151.

⁵⁰ Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.35.

ganhar forma em resposta às novas necessidades funcionais⁵¹ resultantes da acção empenhada de Pedro de Luna.

Antes, enquanto legado papal em Espanha de Clemente VII (1378-1394), em pleno início do Cisma – e após ter ajudado a convencer Juan I de Trastâmara (1358-1379-1390) no apoio àquele Papa de Avignon⁵² – favorecera o estudo salmantino, conseguindo o aumento do número das cátedras (em particular três – de “prima”, de “véspera” e de “bíblia” – de uma nova faculdade de teologia⁵³) e dos respectivos salários, para além de ter redigido novas disposições para reforma do estudo. Já Papa, depois de 1394, continuou a apoiar o estudo no intuito de “*convertir la Universidad de Salamanca en una de las más importantes del Occidente Medieval*”,⁵⁴ projecto que teve como ponto alto as constituições de 1411.⁵⁵ De tal modo que Alvarez Villar lhe chamou o “*tercer fundador de la Universidad, tras los reyes Alfonso IX y Alfonso X, fundador, uno, y famoso protector de Estudio el outro por su Carta Magna de 1254*”.⁵⁶ Aspecto principal desta intervenção papal foi a consagração de novas receitas à universidade,⁵⁷ que permitiam o pagamento dos salários do alargado quadro de professores (no âmbito da reforma global dos cursos ocorrida neste período, que aumentava o número de matérias de 6 para 14 e de cadeiras de

⁵¹ “*Je pars donc de le thèse que le campus universitaire fut la réponse que l’université accorda à ses besoins fonctionnels et que, de ce fait, c’est cette fonction qui est à l’origine de l’espace universitaire*”. *Ibidem*, p.10.

⁵² Juan I tomara o partido de Clemente VII (em detrimento de Urbano VI) em conselho real realizado, precisamente, em Salamanca a 19 de Maio de 1381.

⁵³ A teologia era dada anteriormente, desde inícios de Trezentos, nos conventos dominicano e franciscano, que estavam incorporados na Universidade. As primeiras cátedras de teologia dadas na sede universitária (uma de “prima” e outra de “véspera”) terão sido implementadas entre 1393 e 1396. Nas constituições de 1411 surge acrescentada uma outra cadeira, de “bíblia”, ainda antes da oficialização da nova faculdade teológica, em 1416. Ángel VACA LORENZO, “Capacidad docente y necesidades funcionales...”, 2006, p.359-360.

⁵⁴ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.154.

⁵⁵ Constituições redigidas em Peñíscola, a 26 de Julho de 1411. Podem consultar-se em **Pilar VALERO GARCÍA, Manuel PÉREZ MARTÍN, “Pedro de Luna y el Estudio Salmantino”, *Studia Histórica / Historia Moderna*, Salamanca, VIII, 1990, pp.131-149.**

⁵⁶ **Julián ALVAREZ VILLAR, *La Universidad de Salamanca. Arte y tradiciones*, Universidad de Salamanca, 1973, p.68.** Pilar Valero García e Manuel Pérez Martín acrescentam que o Estudio se encontrava “*en un grado de postración próxima al coma*” e que a actuação de Pedro de Luna “*fue como darle nueva vida y dotarla de capacidad para suportar esfuerzos camino de una gloria memorable*” (Pilar VALERO GARCÍA, Manuel PÉREZ MARTÍN, “Pedro de Luna y el Estudio...”, 1990, p.137).

⁵⁷ Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.36.

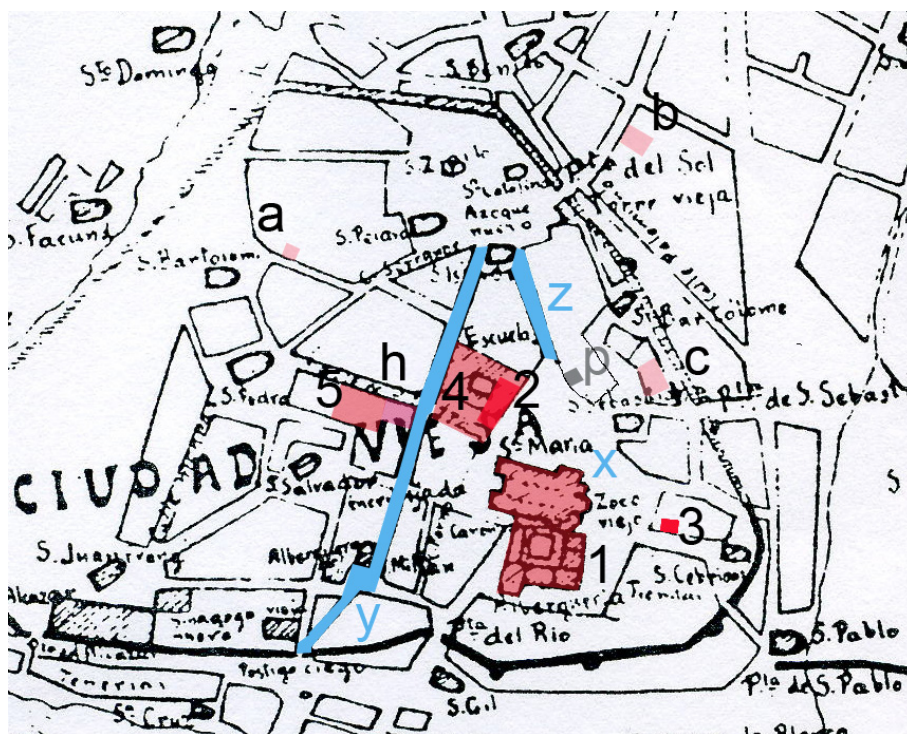
11 para 25⁵⁸) e ainda dispor de um excedente para o levantamento dos novos edifícios, que se iriam tornar necessários.

Com efeito, nas referidas constituições de 1411 **instava a universidade a construir sete novos gerais** com os rendimentos que sobrassem do salário dos professores. A universidade reagiria em claustro pleno, a 1 de Dezembro de 1414, de modo a escolher os locais mais convenientes para a construção das novas salas de aula⁵⁹ – que pressuporiam, necessariamente, um aumento considerável de instalações. A escolha terá recaído sobre as casas da *Rua Nueva* e os respectivos terrenos, situados imediatamente por detrás do conjunto das escolas de cânones,⁶⁰ que por sua vez seriam reaproveitadas e integradas na nova infra-estrutura.

Fig.3

Detalhe da planta de Salamanca, c.^a 1230 de Julio González, com introdução das localizações universitárias do século XV:

1. Sé e claustro
2. Escolas de cânones (decretos + decretais)
3. Escolas de leis
4. *Escuelas Mayores*
5. Escolas de gramática / *Escuelas Menores*
- a. Colégio de placentinos (?)
- b. *Colegio Viejo* ou de *Pan y Carbón*
- c. Colégio de *San Bartolomé*
- h. Hospital do estudo
- p. Casa dos peixes
- x. Açougue Velho / *Plaza de Santa Maria*
- y. *Rúa Nueva*
- z. *Calle publica del Rey*



⁵⁸ Já em 1496 atingiam-se as cifras de 19 matérias e 36 cadeiras leccionadas (confronte-se com os dados da nota 18). Veja-se o cabal e completo enquadramento destes números em Ángel VACA LORENZO, "Capacidad docente y necesidades funcionales...", 2006, p.352-360 e Ángel VACA LORENZO, "Le campus de l'Université de Salamanca...", 2007, p.15-24.

⁵⁹ Ángel VACA LORENZO "Origen y formación del primitivo campus...", 1999, p.155.

⁶⁰ Ángel Vaca (Ángel VACA LORENZO, "Le campus de l'Université de Salamanca...", 2007, p.31) sugere que em 1414 as escolas de cânones se estendiam já até à *Rúa Nueva*, pois uma suposta parte das escolas era já vizinha de uma *casa de la Parra*, situada sobre a referida *Rúa Nueva*. No entanto, a fonte documental mencionada apenas refere, segundo julgamos perceber, as "*casas de la Parra, (...) de que son linderos las escuelas de los canones*" (Ángel VACA LORENZO "Origen y formación del primitivo campus...", 1999, p.147, nota 16), o que poderia simplesmente significar uma vizinhança de traseiras com traseiras, como julgamos ser mais provável.

Falaremos da evolução física deste novo edifício, as **Escuelas Nuevas**,⁶¹ cujas obras se iniciaram em 1415, em capítulo próprio.⁶² Ocuparia a parte central do quarteirão compreendido entre a antiga *plaza de Santa María*, a nascente, a *Rúa Nueva* (actual *calle Libreros*), a poente, a igreja de *San Isidro*, a norte, e as antigas casas do bispo (o actual paço episcopal) a sul.⁶³ Contrariamente ao que tem sido proposto, defenderemos a tese de que as *Escuelas Nuevas* (que tendencialmente se constituíram na sede do Estudo salmantino) mantiveram a orientação preferencial para nascente, quadrante por onde se continuaria a fazer a entrada principal do imóvel até inícios de Quinhentos.

Por ora, importará apenas referir que se terão sucedido as intervenções, conquanto existam referências de que estaria parte do imóvel terminada em 1420, outra parte em 1433. Sabe-se também que entre 1429 e 1433 se preparou uma capela do Estudo. Pelo menos desde 1443, as escolas eram já conhecidas pela designação que hoje se mantém – as **Escuelas Mayores**.⁶⁴ Seguiram-se ainda novas intervenções, nas décadas de 1450 e 1460, e a construção de uma nova biblioteca, abobadada, em substituição de uma anterior, entre 1474 e 1479. O melhoramento significativo das instalações acompanhou, pois, o crescente número de alunos da Universidade, que passou de cerca de 600 para cerca de 3000, ao longo do século XV, de acordo com a estimativa de Beltrán de Heredia.⁶⁵

⁶¹ A designação de *Escuelas Nuevas* corresponderá, objectivamente, à reacção da Universidade ao repto de Bento XIII e às constituições de 1411. Por sua vez, as *Escuelas Viejas* de cânones, de localização exacta desconhecida, continuaram a ter utilização para actos universitários colectivos, como reuniões de claustro, em 1414 e 1421 (Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.31, nota 67).

⁶² Capítulo 2.5.

⁶³ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.155-156. Convém lembrar que estava ainda por edificar a nova e imponente catedral, levantada no século XVI, a norte da sé românica (e que ocupou parte da antiga *plaza de Santa María* ou do Açougue Velho), e que ainda não estavam abertas a travessa que hoje delimita as *Escuelas Mayores* pelo norte, nem tão pouco a *calle Nueva*, actual *Calderón de la Barca*, que cerca o edifício pelo sul, aberta para criar um ponto de vista para a nova fachada catedralícia, entre 1598 e 1602.

⁶⁴ *Ibidem*, p.162.

⁶⁵ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Cartulário de la Universidad de Salamanca (1218-1600)*, Universidad de Salamanca, Vol II, 1970, p.39-40.

d) Escuelas Menores

As escolas de Gramática não foram incorporadas neste novo edifício central – as *Escuelas Nuevas* – pelo que continuaram a decorrer nas “escolas velhas de gramática”, em casas situadas na proximidade da actual *calle de la Plata*. Nas constituições dadas por Martinho V em 1422, para além de se instar a universidade a aperfeiçoar e reparar as escolas centrais com o dinheiro sobran­te dos salários, sugeria-se a construção de três novos gerais para a gramática e a lógica.⁶⁶

Só em 1463, no entanto, surge referência documental às novas *Escuelas Menores*,⁶⁷ situadas na *calle de las Cadenas*, sobre a qual também se localizava o hospital do estudo (de que falaremos seguidamente). Este arruamento constituía um antecedente do actual *patio de las Escuelas*, que resultou do alargamento seiscentista. Estamos pois já em presença da implantação das *Escuelas Menores* que hoje subsiste, com acesso pelo flanco norte, mas preservando o primitivo acesso pela *calle de la Plata*, a sul, ainda que o edifício actual seja em grande medida resultante de reformas ocorridas na década de 20 do século XVI.⁶⁸ Ángel Vaca admite, porém, que a definição de uma estrutura de apenas um andar, rodeando um grande pátio central trapezoidal, dotada de galerias de distribuição e de salas de aula, terá tido lugar ainda no século de quatrocentos.⁶⁹ Em 1510, no entanto, a construção ameaçava ruína, pelo que o edifício actual terá substituído o anterior. Faremos outra vez referência a estas novas *Escuelas Menores* mais à frente nesta dissertação.

⁶⁶ Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.47, citando **Pilar VALERO GARCÍA, Manuel PÉREZ MARTÍN, *Constituciones de Martín V***, Universidad de Salamanca, 1991.

⁶⁷ Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.47.

⁶⁸ **Ana CASTRO SANTAMARÍA, *Juan de Álava. Arquitecto del Renacimiento***, Salamanca, Caja Duero, 2002, p.429-435.

⁶⁹ “Mais, tout comme son grand frère, le bâtiment fut en constante métamorphose, à cause des changeants besoins fonctionnels, comme on peut le déduire de l’achat en 1483 des maisons limitrophes de Gabriel Garcia contre 70.000 mrs. en vue de son extension”. Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.48.

e) Hospital do Estudo

Ainda no início do século XV surgiu outra valência importante adstrita à universidade. Em 1413, a petição do reitor, mestre-escola e doutores da universidade, Juan II (1406-1454) fazia doação de uma casa, a *casa del Midrás* (lugar de oração e de estudo dos judeus), e de outras casas em redor, na *rúa Nueva*, para que se fizesse um hospital, dedicado a São Tomás de Aquino, que acolhesse os doentes pobres do estudo.⁷⁰ No entanto, a *casa del Midrás* esteve apenas disponível a partir de 1476, pelo que esta casa em particular não parece tratar-se da origem da instituição.⁷¹ O hospital deve ter existido na vizinhança imediata desde pelo menos 1422, pois o Papa Martinho V já se lhe refere nas constituições que, nesse ano, deu ao estudo.⁷²

Em 1428 a universidade procedia a trocas de casas de sua propriedade por outras na proximidade das casas do hospital. Ainda nesse ano e em 1431 adquiriram-se mais casas próximas.⁷³ Em 1429, D. Sancho, Bispo de Salamanca autorizava o estabelecimento de uma capela no interior do hospital.⁷⁴ Parece claro que se programava uma ampliação da instituição preexistente. Não obstante, a construção de um novo imóvel teve lugar apenas a partir de 1472,⁷⁵ novamente a instâncias da universidade (era mestre-escola Juan Ruiz de Camargo) continuando a compra de casas pela década de 1480.⁷⁶

Segundo um inventário de 1507 sabe-se que era constituído por nove quartos, mais uma câmara para a ama, outra para o capelão, uma câmara baixa, cozinha e capela.⁷⁷ Grande parte do piso baixo tinha utilização (em 1506) como “*panera*” (celeiro) da universidade.⁷⁸ Não estava ainda dotado de uma sala

⁷⁰ Teresa SANTANDER, *El Hospital del Estudio*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1993. p.17 e p.187, documento n.1.

⁷¹ José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores, Menores y Hospital del Estudio, siglos XIII-XX”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Estructuras y Flujos* – Vol. II, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, p.375-455, p.450.

⁷² Teresa SANTANDER, *El Hospital del Estudio...*, 1993, p.22.

⁷³ *Ibidem*, p.22.

⁷⁴ *Ibidem*, p.22.

⁷⁵ José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.451.

⁷⁶ Teresa SANTANDER, *El Hospital del Estudio...*, 1993, p.23.

⁷⁷ *Ibidem*, p.23-29. A descrição original encontra-se em AUS. 4, f.268-271.

⁷⁸ *Ibidem*, p.30.

ampla servindo de enfermaria, à maneira dos grandes hospitais que iam surgindo um pouco por toda a Península, e como a que surgiu ao nível do primeiro andar, da campanha de obras realizada entre 1539 e 1542.⁷⁹

Da intervenção quatrocentista resta apenas o portal, anterior a 1492 (não ostenta o selo do reino de Granada, conquistado esse ano), e parte do átrio de entrada que hoje se conserva. O edifício actual, com a sua fachada de dois andares em pedra, que se levantava sobre a antiga *calle de las Cadenas* (hoje *pateo de las Escuelas*), é, porém, e em grande medida, resultado de já referida intervenção, realizada entre 1539 e 1542,⁸⁰ pelo que também voltaremos a este imóvel ao abordarmos as intervenções do século XVI. A capela, à esquerda da entrada, foi igualmente alvo de remodelação no século XVI⁸¹ ainda que o tecto mudéjar com decoração gótica, tenha levado Nieto González a atribuí-la à campanha de obras pós 1472.⁸²

Vimos que a primeira doação régia de casas se destinava a um hospital que albergasse estudantes doentes e pobres. Desta forma, pretendia-se que funcionasse como centro de caridade e assistência, ao modo dos restantes hospitais que no final da idade média proliferavam em Salamanca.⁸³ Com a particularidade que este se dirigia à comunidade universitária, num período em que, à excepção dos colégios de *Pan y Carbón* (fundado em 1386) e de *San Bartolomé* (fundado 1401), não existiam praticamente colégios que acolhessem os estudantes. Já nos inícios do século XVI “*funcionaba como albergue para necesitados, tanto sanos como enfermos, y incluso como hospedaria*”.⁸⁴ Em 1508 o claustro universitário reafirmava que o hospital se destinava a estudantes enfermos mas só mais tarde, em 1529, surgiriam os primeiros

⁷⁹ *Ibidem*, p.31-37.

⁸⁰ *Ibidem*, p.31-34.

⁸¹ Entre 1540 e 1542. *Idem*, obra citada, p.40-41.

⁸² José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.454. “*La capilla – no se concebía un Hospital medieval sin ella - existió desde sus principios, pero se renovó también en la campaña constructiva que vengo exponiendo, ya que su renovación se habla en 1539 y consta que estaba finalizada en 1546*”. *Idem*, obra citada, p.452.

⁸³ Em 1581, quando foram agrupados em torno de duas estruturas centrais, existiam em Salamanca, para além do hospital do Estudo, outros 19 hospitais destinados a acolher doentes e pobres. Teresa SANTANDER, *El Hospital del Estudio...*, 1993, p.19-20.

⁸⁴ Aí residiu e instalou a sua oficina o pintor Juan de Flandres, em três das câmaras, onde pintou o retábulo da capela da Universidade, entre 1505 e 1508. *Idem*, obra citada, 1993, p.29.

estatutos da instituição, que fixavam o número de estudantes pobres e/ou doentes em treze.⁸⁵

Importa finalmente olhar novamente para a situação urbana do hospital do estudo, autêntica charneira entre os núcleos complementares das *Escuelas Mayores* e das *Escuelas Menores*, situados em quarteirões distintos. Podemos constatar que foram a escolha do sítio do hospital, num primeiro momento, e a sua conformação progressiva, seguidamente, que permitiram que a ideia de um “contínuo” universitário mais amplo começasse a ganhar forma no âmbito urbano, concretizado mais tarde (no século XVI) por intermédio da articulação das renovadas fachadas dos três edifícios, e já no século XVII, pela abertura do *patio de las Escuelas*. Ainda que nos finais de Quatrocentos nem as *Escuelas Mayores*, nem as *Escuelas Menores*, nem tão pouco o hospital do estudo, apresentassem a monumentalidade actual, começava definitivamente a ganhar forma, nesse tempo, o magnífico conjunto dos edifícios centrais universitários, que hoje conhecemos.

f) Livreiros

Recorda Beltrán de Heredia que o “estacionário”, mencionado por Alfonso X nas constituições de 1254 – o livreiro ou fornecedor de livros do Estudo – teria tido a sua primeira loja (ou “estação”) nas proximidades da catedral românica,⁸⁶ quando as classes decorriam ainda no respectivo claustro.

Passados dois séculos e meio, em 1509, o *Libro de las Posessiones del Cabildo*⁸⁷ refere uma série de casas de livreiros, propriedade do cabido da catedral, na proximidade das escolas universitárias: - “*Tres libreros, al menos, vivían en la Plaza de la Catedral, otros cinco en la calle Traviesa, tres en la Rúa Nueva, otro en la calle del Torno, y aún quedan noticias de otros dos (...). En total más de catorce familias vivían en Salamanca de esta actividad*”.⁸⁸ Se tivermos em atenção que a *calle Traviesa* é uma curta perpendicular à antiga

⁸⁵ *Ibidem*, p.31.

⁸⁶ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes de la Universidad...*, 1953, p.48

⁸⁷ Documento do *Archivo Catedralicio de Salamanca (Libro de las Posessiones del Cabildo*, Cx^a 67, fol^o CLXXXVII), citado por José Luís MARTÍN MARTÍN, “**Estructura demográfica y profesional de Salamanca a finales de la Edad Media**”, *Provincia de Salamanca / Revista de estudios*, n.1, 1982, p.15- 33, p.31.

⁸⁸ *Ibidem*, p.33.

Rúa Nueva podemos concluir que estava já em marcha o fenómeno da concentração dos livreiros ao longo desta última artéria – que levaria à alteração do seu nome para *calle de Libreros* no decurso do século XVI.

Terá sido com a instalação das escolas de decreto sobre a *Rúa Nueva*, na transição de Trezentos para Quatrocentos, que o provável antigo *Cardo* da *Salmantica* romana⁸⁹ se potenciou como eixo de instalação de novas actividades económicas directamente ligadas à Universidade – mais ainda com a abertura de uma segunda entrada das *Escuelas Mayores*, a poente, documentada, pelo menos, desde 1469.⁹⁰ Significativo parece ter sido o estabelecimento do italiano Juan de Junta (Giovanni di Giunta) nessa via, junto ao hospital do estudo e em frente à universidade, a partir de 1514.⁹¹

g) Colégios universitários seculares (sécs. XIV-XV)

Nos séculos XIII e XIV, a maioria dos estudantes seculares que frequentavam o estudo geral, que não eram naturais de Salamanca, recorriam ao arrendamento de casas e quartos, na proximidade das escolas, para resolver o problema da habitação. Vimos já que Alfonso X, na carta patente de 1254, nomeara dois conservadores do estudo, cuja principal função era proteger os estudantes da acção indiscriminada dos proprietários (em particular no que tocava aos despejos) bem como da especulação imobiliária, procurando garantir o preço justo pelas pousadas, impedindo a inflação das rendas.

É de modo a contornar o problema sempre pertinente da residência dos estudantes, que surgem em Salamanca, tal como nas principais cidades universitárias europeias, os primeiros colégios, instituições que são estabelecidas por um fundador benemérito, e que sobretudo, são dotadas de um rendimento adstrito que permitia o sustento de determinado número

⁸⁹ Ángel VACA LORENZO, “La Vía de la Plata a su paso por Salamanca”..., 2002, p.48-49.

⁹⁰ Ainda que este acesso possa ter existido logo desde 1420, ou apenas a partir da importante intervenção ordenada pelo Mestre-escola *El Tostado* (1446-1454), recordemos que o primeiro dado documental que refere objectivamente a existência de um acesso do lado poente à nova sede da Universidade (pelo que nos é dado ver) é citado por Vaca Lorenzo e tem a data de 1469: “... la otra puerta de la Rúa Nueva”, Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.165.

⁹¹ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.158 (Este autor cita, por sua vez, Lorenzo RUIZ FIDALGO, *La Imprenta en Salamanca (1501-1600)*, 3 vols, Madrid, 1994 e Marta DE LA MANO GONZÁLEZ, *Mercaderes y impresores de libros en la Salamanca del siglo XVI*, Salamanca, 1998).

(normalmente reduzido) de estudantes. Em termos arquitectónicos, os primeiros colégios caracterizam-se pela utilização de casas pré-existent, não se distinguindo, por isso, no âmbito dos conjuntos de arquitectura de habitação corrente em que se encontravam inseridos.

Parece ser esse o caso do *colegio de Placentinos*, na rua deste nome, a ocidente do núcleo antigo e da catedral, de que fala já Villar y Macias na sua *Historia de Salamanca*, e que terá existido cerca de 1336.⁹² E foi esse, confirmadamente, o caso do *colegio de “Pan y Carbón”*, o primeiro colégio secular salmantino de que se tem notícia segura.

A 3 de Março de 1381 dava o então bispo de Oviedo, D. Gutierre de Toledo (f. Oviedo, 1388/1390)⁹³, um *ordenamiento*, ou regimento provisório,⁹⁴ para um novo colégio que pretendia fundar em Salamanca. O colégio, seria definitivamente erigido e dotado (de estatutos e de rendas) em 27 de Janeiro de 1386, e é essa data que consta como de fundação.⁹⁵

Para as instalações, deu o bispo umas casas com jardim na *calle de la Rua*, artéria estruturante, que ligava a porta do Sol da primeira cerca ao largo de *San Martín*, mais a norte. As casas, contudo, tinham frente para outros arruamentos, pelo que o fundador proibira o uso da porta principal para a

⁹² “Escasas son las noticias referentes al Colegio denominado de Plasencia: sus alumnos eran llamados los Placentinos, nombre que conserva la calle donde parece que estuvo situado; ya era denominado así en las escrituras del año 1336”. Manuel VILLAR Y MACÍAS, *Historia de Salamanca*, Livro I, 1887, p.476, citado por Luis SALA BALUST, *Constituciones, estatutos y ceremonias de los antiguos colegios seculares de la Universidad de Salamanca*, Tomo I, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Patronato «Menéndez Pelayo», 1962, p.17. Este autor considera que a existência deste colégio “no es del todo segura”.

⁹³ “Estudió en Paris, donde se doctoró y fue maestro. Vuelto a España, Enrique II de Trastámara le nombró capellán mayor de su esposa doña Juana. Más tarde, Juan I le nombrará oidor del rey y su Consejo. Disfrutó de buenos beneficios en la diócesis de Palencia”. Tomou posse do Bispado de Oviedo em 1377. Santiago NOGALEDO ALVAREZ, *El Colegio Menor de “Pan y Carbón”, primero de los Colegios Universitarios de Salamanca (1388-1780)*, Universidad de Salamanca, 1958, p.17-18.

⁹⁴ Luis Sala Balust, *Constituciones, estatutos y ceremonias...*, Tomo I, 1962, p73, citando Antonio VIÑAYO GONZÁLEZ, “El colégio asturiano de Pan y Carbón”, *Boletín del Instituto de Estudios Asturianos*, nº20, 1953, p.10 e seguintes, artigo onde se publicou primeiramente o documento original “*Ordinatio Collegii pauperum scholarium civitatis Salamantinae*” do arquivo da Catedral de Oviedo.

⁹⁵ “Sobre la fecha, pues, de la fundación no cabe la menor duda. Y para que siempre los colegiales la tuvieran fresca en su memoria, en una lapida de la fachada del Colegio se leía, en el siglo XVIII, grabado en piedra: «Memoria de D. Gutierre de Toledo, obispo de Oviedo. Año de 1386». Y en otra: «Colegio Viejo de Oviedo. Año de 1386». Santiago NOGALEDO ALVAREZ, *El Colegio Menor de “Pan y Carbón”...*, 1958, p.19-20, citando Bernardo DORADO, *Compendio histórico de la ciudad de Salamanca...*, Salamanca, 1776, p.269.

referida *Rua* em função do bulício daquela via, recomendando em alternativa o uso da entrada pela *calleja* que levaria, mais tarde, o nome porque ficou conhecido o colégio: *Pan y Carbón*.⁹⁶ Nas casas pré-existentes mandava o *ordenamiento* de 1381 que se definissem seis quartos duplos (supõe-se que com dormitório e zona de estudo), um para cada um dos seis estudantes pobres⁹⁷ que deveriam habitar o instituto, estudando cânones na Universidade.⁹⁸ Deveriam existir um graneiro, uma cozinha comum, livraria, esta separada do corpo principal como medida de prevenção contra os incêndios. Existiu ainda uma capela privativa, referida no regimento e noutros documentos do tempo do funcionamento do instituto.⁹⁹

As casas seriam destruídas por um incêndio em 1460, tendo sido o colégio restaurado no mesmo local (ainda que com menor área) em 1484, ano em que voltou a haver colegiais.¹⁰⁰ Sobra ainda hoje uma casa do antigo colégio na referida viela ou *calleja* (**fig.4**).¹⁰¹ O instituto não se recompôs, no entanto, perdendo progressivamente a autonomia até 1780, quando foi unido (com outros dois colégios) ao seminário de Salamanca.¹⁰²



Fig.4
Imóvel do colegio de Pan
y Carbón na actualidade.

⁹⁶ Desconhece-se a invocação original do colégio, “... *al principio se llamou «Colegio del Obispo de Oviedo don Gutierre»; debido al privilegio, dado por una reina, sobre el pan y carbón, se le conocía por el nombre de «Colegio de la Reina»; más tarde, motivado por el cobro de dicho impuesto, se llamaba «Colegio de Pan y Carbón»; en las escrituras y oficialmente era el «Colegio Viejo», «Colegio Antigo», «Colegio Antigo de Oviedo», para distinguirlo del de San Salvador, o Mayor de Oviedo, fundado en 1513 por el obispo asturiano don Diego de Muros*”. Santiago NOGALEDO ALVAREZ, *El Colegio Menor de “Pan y Carbón”*..., 1958, p.21-22.

⁹⁷ *Ibidem*, p.26.

⁹⁸ *Ibidem*, p.37.

⁹⁹ *Ibidem*, p.26. No inventário de 1652 fala-se de um documento autorizando a celebração de missa no colégio.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p.72.

¹⁰¹ *Ibidem*, p.26.

¹⁰² *Ibidem*, p.73-76.

Já com o *colegio de San Bartolomé*, o primeiro *Colegio Mayor* de Espanha, a história foi distinta. Fundado em 1401 pelo então bispo de Salamanca D. Diego de Anaya, em casas próximas ao paço episcopal (junto, pelo sudoeste, da catedral), como agremiação de estudantes, cedo foi dotado de um novo edifício próprio, para o qual o prelado compraria, em 1413, um conjunto de casas ao cabido, junto à antiga igreja de *San Bartolomé*, a norte da sé. Em 1418 estaria já pronto o novo edifício, construído sobre as casas preexistentes, e que terá sofrido influência, no partido tipológico,¹⁰³ do então recente *colegio de San Clemente*, de Bolonha (também conhecido por colégio dos Espanhóis ou por *collegio di Spagna*), o primeiro edifício *ex-novo* levantado para colégio na Europa,¹⁰⁴ entre 1365 e 1367, a instancias de um outro prelado espanhol, o cardeal Gil Carrilho de Albornoz. Trataremos devidamente deste importante colégio salmantino, na época também conhecido por *colegio Nuevo* (em oposição ao *colegio Viejo* - o de “*Pan y Carbón*”), em capítulo próprio.¹⁰⁵

Ainda antes do fim do século XV estabeleceu-se o colégio do Arcebispo de Toledo, D. Alfonso Carrillo de Acuña,¹⁰⁶ para doze estudantes,¹⁰⁷ que viviam numa casa à maneira dos colegiais de *San Bartolomé*, e para os quais em 1479 se redigiu uma “forma de viver”.¹⁰⁸ Pouco mais se sabe sobre este instituto, que terá ocupado umas casas preexistentes sem localização determinada e que terá desaparecido a inícios do século seguinte.

h) Conventos e colégios de religiosos (sécs. XIII-XV)

Para que tenhamos um quadro completo da presença urbana da Universidade em Salamanca, nos primeiros três séculos da sua história, importa tratar ainda dos colégios das ordens religiosas, alguns estabelecidos com anterioridade relativamente aos colégios seculares que acabamos de tratar.

¹⁰³ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.27-31.

¹⁰⁴ “*Der erste Neubau eines Kollegiums, in dem das Raumprogramm eine eindeutige funktionelle und formale Gestalt annahm, ist das Spanische Kollegium in Bologna.*” **Konrad RÜCKBROD, Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977, p.123-124.

¹⁰⁵ Capítulo 2.4.

¹⁰⁶ Luis SALA BALUST, *Constituciones, estatutos y ceremonias...*, Tomo I, 1962, p.20.

¹⁰⁷ Seis deveriam estudar na Universidade cânones, quatro teologia e dois medicina. *Ibidem*, p.20.

¹⁰⁸ Publicada em *Ibidem*, p.99 e seguintes.

Em termos arquitectónicos ou tipológicos esta abordagem não contribuirá para o tema da definição de um tipo de edifício colegial, que pretendemos tratar, pois estes “colégios” correspondiam ao sentido original do termo, ou seja, de conjuntos de estudantes (neste caso de frades) que viviam em conjunto para estudar. Não foram definidas, por isso, regra geral, estruturas arquitectónicas próprias, distintas do enquadramento geral na arquitectura conventual das diferentes ordens religiosas – o mesmo já não se passará a partir do século XVI. Ainda que beneditinos e agostinhos se implantassem na cidade do Tormes desde o século XII, as primeiras ordens que se estabeleceram em Salamanca à sombra do estudo foram dominicanos e franciscanos, que a partir do diploma de 6 de Abril de 1243, de Fernando III o Santo (que esboçava já o foro académico), se encontraram definitivamente vinculados à universidade.¹⁰⁹ São Domingos enviara os seus primeiros frades a cidades universitárias (Paris, Bolonha, Oxford) para que a predicação fosse fundada sobre as melhores bases doutrinárias.¹¹⁰ Em Salamanca instalaram-se primeiro (antes de 1229) junto da igreja moçárabe de *San Juan el Blanco*, na beira rio, para se transferirem depois, em 1256, para junto da Igreja de *San Estebán*, arruinada, onde construiriam igreja nova e o seu convento,¹¹¹ antecedente do actual, do século XVI.¹¹² Em 1299, o estudo do convento seria elevado à condição de estudo geral da ordem, onde se dava formação e se conferiam graus académicos a dominicanos vindos de toda a Espanha.¹¹³ Cadeira mais importante era a teologia, que não era leccionada, à data, na universidade. De tal modo que era dado ensino aberto ao exterior, como também sucederia com os franciscanos. Após a organização definitiva de uma faculdade de teologia na universidade, em 1416, os dominicanos manteriam uma cátedra da teologia,

¹⁰⁹ **Isaac VÁZQUEZ JANEIRO**, “El convento y Estudio de San Francisco”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Trayectoria y Vinculaciones* – Vol. I, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p.613-633 (p.614-615),

¹¹⁰ **Ramón HERNÁNDEZ MARTÍN**, “El convento y Estudio de San Esteban”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca...*, Vol.I, 2002, p.589-612 (p.589).

¹¹¹ *Ibidem*, p.590.

¹¹² A igreja do convento actual construiu-se entre 1524 (iniciada por Juan de Alava) e 1610.

¹¹³ *Ibidem*, p.592.

incorporada na academia¹¹⁴ (nas *Escuelas Mayores* funcionavam as cátedras de prima e de véspera e de bíblia¹¹⁵).

Os franciscanos instalaram-se, por sua vez, junto da ermida de *San Hilário*, tendo passado depois para a Igreja de *San Simón*, ambas localizadas na zona ocidental da área urbana rodeada pela cerca nova, na encosta a poente da ribeira de *los Milagros*. Estariam já em Salamanca desde a década de 1230, eventualmente antes.¹¹⁶ Em 1243 são citados no referido diploma de Fernando III. Em meados do século XIV a ordem reconhece os estudos do cenóbio como estudo geral franciscano,¹¹⁷ que mantinha também uma cátedra teológica incorporada na universidade.

Cabe aqui referir que nem todos os estudantes dominicanos e franciscanos viviam na comunidade. Muitos residiam fora do convento (em particular os que provinham de outros conventos e de outras províncias), por sua conta, em habitação própria. As reformas das ordens religiosas de finais de Quatrocentos e dos primeiros anos de Quinhentos acabariam com esta situação pouco rigorosa.¹¹⁸ Os estudantes dominicanos passariam obrigatoriamente a residir no convento da ordem, ainda que pudessem assistir a classes na sede universitária (nas *Escuelas Mayores*).¹¹⁹ Os franciscanos, após terem-se retirado dos concursos para as cátedras universitárias (em finais de Quatrocentos) acabariam, em função da reforma da regular observância, por retirar-se por completo do sistema corporativo da universidade¹²⁰

Benedictinos e cónegos regantes de Santo Agostinho, instalados em Salamanca desde meados do século XIII, apenas no século XVI albergariam nos seus conventos (de *San Vicente* e de *Santa María de la Vega*) “colégios” universitários. Outras ordens como os agostinhos (em convento fundado na

¹¹⁴ *Ibidem*, p.594-596.

¹¹⁵ *Vide supra* nota 53.

¹¹⁶ Isaac VÁZQUEZ JANEIRO, “El convento y Estudio de San Francisco”..., 2002, p.613.

¹¹⁷ *Ibidem*, p.617.

¹¹⁸ Sobre este tema, veja-se Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “Las órdenes religiosas en la Edad Moderna. El contexto”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca...*, Vol.I, 2002, p.563-588 (p.564)

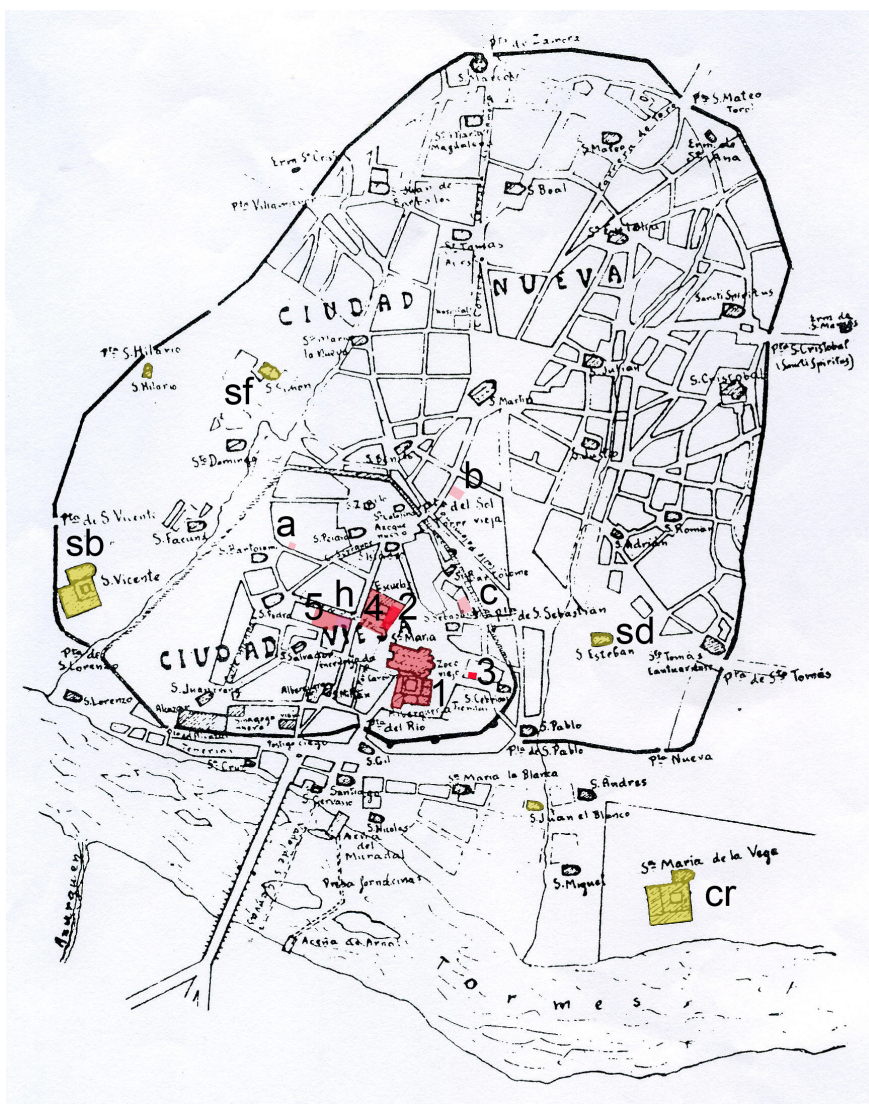
¹¹⁹ *Ibidem*, p.564-567.

¹²⁰ “*Estúdio sí [dentro do convento]; pero grados académicos no*”. Isaac VÁZQUEZ JANEIRO, “El convento y Estudio de San Francisco”..., 2002, p.625. Veja-se também Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “Las órdenes religiosas...”, 2002, p.567-569.

antiga judiaria, na cidade histórica, junto da igreja de *San Pedro*, com estudo pelo menos desde 1377¹²¹) e, relativamente mais tarde, os carmelitas (no convento de *San Andrés*, mencionado pela primeira vez como *studium* da ordem em 1482¹²²), também se associaram à universidade, estes últimos já no final do período histórico que terminamos de sintetizar.

Fig.5
Planta de Salamanca
“cerca de 1230”
(fonte: Júlío González),
com localizações
universitárias do
século XV:

1. Claustro da Sé;
 2. Escolas de cânones; 3. Escolas de leis;
 4. *Escuelas Mayores*;
 5. Escolas de gramática / *Escuelas Menores*
- a. *Colegio de Placentinos* (?);
b. *Colegio Viejo* ou de “Pan y Carbón”;
c. *Colegio de San Bartolomé*;
h. Hospital do estudo
sb. Beneditinos;
cr. Cónegos Regrantes;
sd. Dominicanos;
sf. Franciscanos.



¹²¹ Ver Teófilo VIÑAS ROMÁN, “El convento de San Agustín y el colegio de San Guillermo”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca...*, Vol.I, 2002, p.635-666 (p.637-638).

¹²² Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “Las órdenes religiosas...”, 2002, p.579.

1.4. Valladolid, uma universidade sem instalações próprias até meados do séc. XV

a) Fundação

Não é clara a origem da universidade de Valladolid, nem tão pouco se conhece uma data precisa de fundação. Segundo Elena Sanchez Movellán, *“la Universidad de Valladolid era una realidad ya en el último cuarto del siglo XIII y gozaba de la protección regia”*.¹ De acordo com a mesma autora *“el Estudio se remontaría, quizás, al reinado de Alfonso X (1252-1284)”*.²

São dois os dados documentais conhecidos que permitem fazer estas afirmações. Desde logo, o documento régio de fundação de um outro estudo castelhano, o de Alcalá de Henares (que não terá chegado a funcionar, neste tempo, como estudo superior³), datado de 1293 e assinado por Sancho IV,⁴ refere-se ao estudo de Valladolid como modelo da nova instituição que se pretendia criar – o que implicava, evidentemente, o reconhecimento por parte do Rei da agremiação vallisoletana. O documento citado indica também, segundo Elena Sanchez Movellán, que o estudo de Valladolid *“debería tener ya un grado relativo de perfeccionamiento y una cierta antegüedad”*,⁵ sendo anterior a 1293, portanto.

Existe, porém, um outro documento que permite antecipar o funcionamento do estudo vallisoletano a tempos mais recuados. Falamos do testamento do bispo do Porto, D. Sancho Peres (ou Pires) Pereira, falecido a 7 de Janeiro de 1300,⁶

¹ Elena SÁNCHEZ MOVELLÁN, “Los Inciertos Orígenes de la Universidad de Valladolid (S.XIII)”, *Estúdios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Valladolid, Servicio de Publicaciones de la Universidad, 1988, p.11-30 (p.21).

² *Ibidem* (p.23).

³ Veja-se, sobre este tema, o capítulo 1.9, secção b).

⁴ Desconhece-se, aparentemente, a localização actual deste documento. Elena SANCHÉZ MOVELLÁN, “Los Inciertos Orígenes ...”, 1988, p.23, nota 55.

⁵ *Ibidem*, p.23.

⁶ Bispo do Porto desde 1296, participou na delegação régia portuguesa que acompanhou D. Dinis na assinatura do tratado de Alcanices com Fernando IV de Castela, a 12 de Setembro de 1297. Sobre a biografia conhecida do prelado veja-se cónego J. Augusto FERREIRA, *Memórias Archeologico-historicas da Cidade do Porto*, Braga, Cruz e Comp^a. Editores, 1923, p.276-279; Joaquim Veríssimo SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca I (1250-1550)*, Lisboa, 1962, p.23-24; ou ainda José MARQUES, “A Universidade de

em que o prelado refere ter estudado, quando jovem, em Salamanca e Valladolid:

“Item. Mandamus cuidam mulieri quae nobis servivit Salamantice xv morabitos legionis –

Item. Mandamus quod sciatur veritas de illo quod debemus vallis oleti quando ibi fuimus in studio. uidelicet. de penssione domorum et solvatur totum”.⁷

Desconhecendo-se a data de nascimento do prelado, e a idade com que faleceu, pode presumir-se, no entanto, que terá sido estudante nas décadas de 1250 ou 1260,⁸ situação que faz, de facto, recuar o funcionamento do estudo geral vallisoletano em cerca de 30 anos, a inícios ou meados do reinado alfonsino.

Paralelamente a estes dados, Elena Sanchez Movellán sistematiza três hipóteses de formação do estudo geral vallisoletano, que têm sido apontadas por variadas fontes anteriores.⁹ A primeira, abundantemente citada por autores oitocentistas e novecentistas (na senda do que afirmavam já os estatutos da universidade impressos em 1650¹⁰) é a de que o estudo terá tido origem num traslado do estudo geral de Palência, hipótese que não se sustenta em documentos coevos factuais, mas à qual *“como toda tradición (...) hay que concederle cierta verosimilitud”*.¹¹ Uma segunda possibilidade é a da origem num estudo abacial desenvolvido no âmbito da igreja colegiada de *Santa Maria la Mayor*, fundada pelo conde Ansures em 1095, estudo abacial do qual tão

Salamanca e o Norte de Portugal, nos séculos XV-XVI”, *Península – Revista de Estudos Ibéricos*, Porto-FLUP, nº.0, 2003, p.87-105.

⁷ O texto original do testamento pode consultar-se em **Biblioteca Pública Municipal do Porto, Censal do Cabido da Sé do Porto**, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, p.430-442 (o excerto transcrito é da p.440). O testamento data de cerca de dois anos antes, *ibidem*, p.664-666.

⁸ Joaquim Veríssimo SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca...*, 1962, p.23.

⁹ Elena SANCHÉZ MOVELLÁN, “Los Inciertos Orígenes...”, 1988, p.12-22. Veja-se também da mesma autora, **Elena SÁNCHEZ MOVELLÁN, “La Época medieval”**, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. I, p.25-71 (p.25-30).

¹⁰ Elena SANCHÉZ MOVELLÁN, “Los Inciertos Orígenes...”, 1988, p.13.

¹¹ *Ibidem*, p.16. Elena SANCHÉZ MOVELLÁN, “La Época Medieval...”, 1989, p.27. Outros autores, no entanto, como Margarita Torremocha, parecem excluir liminarmente esta possibilidade (da mesma forma que não aceitam a hipótese do traslado de estudo de Palência como origem da universidade salmantina). **Margarita TORREMOCHA HERNÁNDEZ, “Valladolid y Salamanca: dos universidades «mayores» del Antiguo Régimen”**, in Luís Enrique Rodríguez – San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, Vol.III, 2006, p.1029-1040 (p.1030)

pouco existe certeza de que tenha existido. Uma terceira hipótese, de formulação mais recente, colocada ultimamente por Adeline Rucquoi,¹² defende a origem municipal do estudo, que terá sido depois protegido pelos sucessivos monarcas castelhanos. Com efeito, diversa documentação da primeira metade de Trezentos comprova a delegação da administração das rendas do Estudo, por parte da coroa, às autoridades concelhias.¹³ Também nos séculos XIV e XV, os conservadores que administravam as referidas rendas eram, ao mesmo tempo, membros do conselho municipal.¹⁴

Evidentemente, o recuo do início de funcionamento do estudo de Valladolid a tempos de Alfonso X, na sequência imediata da cessação de funcionamento do estudo geral de Palencia (que em 1250 estaria inactivo, como já referimos¹⁵) aponta para que um estudo seja herdeiro do outro, dentro do espaço geográfico do antigo reino de Castela. O que não implica necessariamente uma trasladação sendo, talvez, mais apropriado falar-se de uma substituição,¹⁶ admitindo-se, simultaneamente, a hipótese (também provável) da origem municipal ou concelhia. Citando novamente Elena Sanchez Movellán, *“Valladolid, a mediados del siglo XIII albergaría un Estudio Particular de carácter secular, que se transformaría en Estudio General con la protección de la Corona y más tarde del Papado”*.¹⁷ Seria finalmente reconhecido pelo Papa Clemente VI em meados do século seguinte (em 1346¹⁸) que lhe outorgou a *Licentia Ubique Docendi*, a instâncias do Rei Alfonso XI (1311-1312-1350). Confirmava-se, deste modo, o estatuto de estudo geral.

¹² Adeline RUCQUOI, *“Sociétés urbaines et Universités en Castille au Moyen Age”*, *Milieux urbaines et mentalités au Moyen Age*, Paris, 1987, p.103-117.

¹³ Em particular uma missiva de Fernando IV (1285-1295-1312), de 24 de Maio de 1304, na qual o monarca escreve ao Conselho de Valladolid e aos oficiais do município para que recolham e entreguem ao Estudo as rendas concedidas pela Coroa. Outros documentos, de Alfonso XI, datam de 1323, 1333 e 1342. Elena SANCHEZ MOVELLÁN, *“Los Inciertos Orígenes...”*, 1988, p.20-21

¹⁴ *Ibidem*, p.22 e nota 50.

¹⁵ Veja-se a introdução da presente dissertação, secção f)

¹⁶ Veja-se, no capítulo 1.2, a nota 29.

¹⁷ Elena SANCHEZ MOVELLÁN, *“Los Inciertos Orígenes...”*, 1988, p.23.

¹⁸ Bula *“In Suprema Specula”*, de 31 de Julho de 1346.

b) Locais de funcionamento do estudo geral – a colegiada de Santa Maria

São praticamente desconhecidas as referências documentais à localização do estudo geral no primeiro século da sua existência.¹⁹ Terá sido no interior da colegiada de *Santa Maria Mayor* e/ou na sua proximidade imediata, que começou a funcionar.²⁰ Clemente VI, na bula de reconhecimento do estudo, designara o abade da colegiada como cancelário,²¹ responsável pela atribuição dos graus académicos. Estes ocorriam na capela trecentista de *San Llorente* da colegiada tendo-se mantido este espaço como palco frequente de cerimónias académicas, até pelo menos meados de Quinhentos.²² Também as capelas de *San Juan* e *San Tomás* do claustro da colegiada albergaram, por uma ou outra vez, reuniões do colégio universitário.²³ Segundo Maria José Redondo Cantera, e de acordo com uma adenda ao mais antigo livro de claustros,

*“...los estúdios de Latín y de Sagradas Escritura se impartían en capillas del claustro de la Iglesia Mayor, pero que la alteración del silencio en el recinto sacro que ello suponía, por una parte, y el deseo de mantener en secreto las deliberaciones de las reuniones del Claustro académico, por otra, promovieron el traslado de la sede docente a un edificio de los alrededores, donde las enseñanzas se ampliaron con la incorporación de otras disciplinas, como fueron el Derecho Civil y la Medicina”.*²⁴

¹⁹ **Adeline RUCQUOI**, *Valladolid en la Edad Media* (1987), 2 vols, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1997, Vol. II, p.38-39.

²⁰ **Maria José REDONDO CANTERA**, *Una Casa para la Sabiduría. El Edificio Histórico de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2002, p.10-17. A abadia ou colegiada de *Santa Maria Mayor* remonta ao tempo do fundador de Valladolid, o Conde Ansures (segunda metade do século XI). A igreja, românica, recebeu acrescentos no século XIV, que ainda subsistem em parte. O claustro, gótico, datava da centúria de Trezentos. A cabeceira da igreja dava para a *plaza de Santa Maria*.

²¹ A outra importante figura do estudo, o reitor, ganharia, porém, maior peso institucional em Valladolid que em Salamanca. Eleito de entre o claustro universitário (e não de entre os estudantes) detinha, entre outras, a importante missão de juiz do foro universitário, independente das outras justiças, em particular da ordinária. Margarita TORREMOCHA HERNÁNDEZ, “Valladolid y Salamanca...”, 2006, p.1029-1040. Em Salamanca estava o foro universitário sob jurisprudentia do cancelário ou mestre-escola, cargo que cabia a um elemento do cabido da sé, designado pelo bispo.

²² “Hasta 1547 los grados continúan dándose en la capilla de San Llorente dentro de la Iglesia Mayor”. Elena SÁNCHEZ MOVELLÁN, “La Época medieval ...”, 1989, p.45.

²³ **Juan AGAPITO y REVILLA**, “El edificio antiguo de la Universidad de Valladolid”, *Boletín de la Sociedad Castellana de Excursiones*, Ano VIII, nºs.89-91, 1910, p.389-393, 413-417, 437-444 (p.390).

²⁴ **Maria José REDONDO CANTERA**, *Una Casa para la Sabiduría...*, 2002, p.14.

De facto, e em finais de Trezentos, o estudo contava já com sete cátedras (de direito e de artes) às quais Enrique III (1379-1390-1406) acrescentaria, em 1404, outras três.²⁵ Uma de filosofia (da área das artes) e duas cadeiras que prenunciavam novos campos de saber – física (medicina) e teologia, matéria esta que os Papas de Avignon sempre quiseram manter como monopólio da universidade parisiense, até ao fim do Grande Cisma (1417).²⁶ Por isso, só em 1418 houve em Valladolid um primeiro catedrático de teologia, o dominicano local *fray* Luís, após a necessária autorização pontifícia de Martinho V, datada de 8 de Fevereiro do mesmo ano.

Um documento de venda de uma adega, de 1433, citado por Adeline Rucquoi, menciona objectivamente uma localização autónoma das escolas pois refere que aquela se localizava “*aqui en la dicha villa de Valladolid, en la calle que disen de Francos çerca de las escuelas*”²⁷ – sendo que a *calle de Francos* se situava a nordeste da igreja colegiada de *Santa Maria Mayor*, como se vê pelo plano da cidade de Ventura Seco, de 1738.²⁸

A igreja de *Santa Maria Mayor* e o seu claustro²⁹ seriam progressivamente demolidos com o início da construção da nova colegiada, em 1527, e com o retomar das obras, a partir de 1589, já segundo o famoso projecto de Juan de Herrera (**fig.1**).³⁰ A não conclusão da nova igreja (promovida a sé catedral em 1595³¹) permitiu que algumas dependências da antiga colegiada permanecessem de pé na actualidade (**fig.2**), entre as quais a referida capela de *San Llorente* (**fig.3**), acessível a partir do antigo claustro, bem como uma série de

²⁵ Das sete cátedras existentes antes de 1404, cinco eram de direito (duas de cânones, duas de leis e uma de decretos) e duas de artes (uma de lógica e outra de gramática). Elena SÁNCHEZ MOVELLÁN, “La Epoca medieval ...”, 1989, Vol.I, p.47.

²⁶ Etienne DELARUELLE, “La politique universitaire des Papes d’Avignon – spécialement d’Urbain V – et la fondation du Collège Espagnol de Bologne”, in Evelio Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol.II (*Studia Albornotiana XII*), Bologna, Publicaciones del Real Colegio de España, 1972, p.7-39 (p.12-15).

²⁷ Adeline RUCQUOI, *Valladolid en la Edad Media...*, 1997, Vol. II, p.39.

²⁸ Veja-se a figura 18 do capítulo 2.7.

²⁹ A igreja colegiada de *Santa Maria Mayor* remonta ao tempo do fundador de Valladolid, o conde Ansures (finais do século XI) tendo sido progressivamente edificada até ao século XIV. A cabeceira, dirigida a oriente, dava para a antiga *plazuela de Santa Maria*.

³⁰ Sobre estes dois projectos, distintos, veja-se Fernando CHUECA GOITIA, *La Catedral de Valladolid*, Madrid, Instituto Diego Velázquez / CSIC, 1947.

³¹ Valladolid ganhava, finalmente, o estatuto de cidade. O novo bispo substituiria o abade na função de cancelário da universidade.

dependências contíguas aos pés do antigo templo.³² Por esta altura, como veremos, já a universidade de Valladolid conseguira para si própria uma nova e cada vez mais ampla sede.

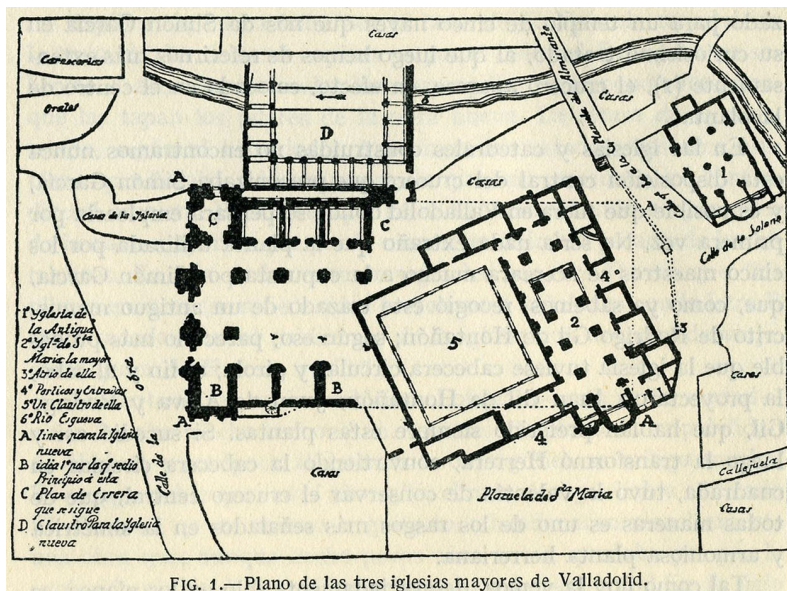


FIG. 1.—Plano de las tres iglesias mayores de Valladolid.

Fig.1.

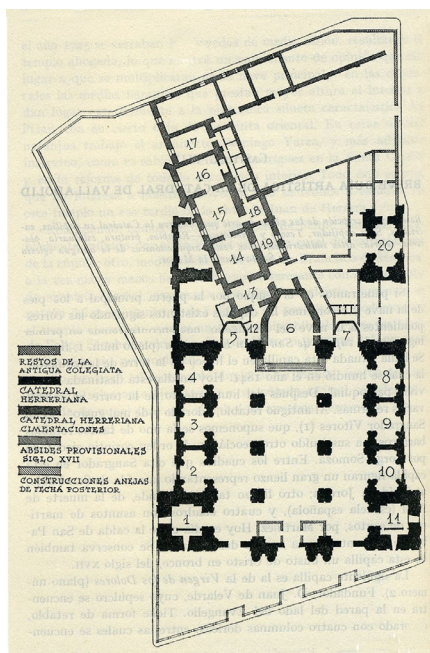
Planta conjunta antiga das três igrejas maiores de Valladolid, publicada por Juan Agapito y Revilla, no *Diário Regional* de Valladolid, 28.04.1943 (fonte: F. Chueca Goitia).

Fig.2

Planta dos restos da antiga colegiata de Santa Maria Mayor e da nova catedral. A capela de San Llorente é o espaço com o num.14 (fonte: F. Chueca Goitia).

Fig.3

Capela de San Llorente na actualidade.



³² As figuras 1 e 2 correspondem às figuras 1 e 41 publicadas por Fernando CHUECA GOITIA, *La Catedral de Valladolid...*, 1947, p.34 e 196.

c) A capitalidade de Valladolid

A universidade de Valladolid apenas ganharia expressão urbana, materializada em edifícios de alguma notoriedade, em função da acrescida importância da cidade, residência assídua da corte a partir de inícios do século XV. Embora sejam conhecidos alguns casos de trasladação de universidades de cidades capitais para cidades de menor importância política, em busca de melhores condições de funcionamento dos estudos³³ (podendo suspeitar-se mesmo de uma certa incompatibilidade entre a localização da universidade e da corte), o caso que agora tratamos é paradigmático de como a capitalidade de uma cidade influenciou, de modo positivo, o desenvolvimento da sua universidade.

Valladolid é um aglomerado de criação relativamente recente, estabelecido na sequência do processo da reconquista da Península Ibérica, pelo conde Pedro Ansures, dignatário a quem Alfonso VI de Leão e Castela (1047-1065-1109) cedeu a área de confluência entre os rios Pisuerga (afluente do Douro) e Esgueva, na segunda metade do século XI. A sua situação central no âmbito do reino unificado de Castela e Leão, a sua posição mais a sul relativamente às antigas capitais de Burgos e León e sobre a principal via de ligação entre Burgos e Toledo, as boas condições climáticas do sítio, viriam contribuir para o favorecimento progressivo da nova urbe.³⁴

Foi no reinado de Juan II (1405-1406-1454) que a Corte passou a garantir presença quase permanente na cidade. A rainha-mãe e regente Catarina de Lencastre fixara aí residência durante a menoridade do monarca, chegando mesmo a mandar derrubar uma fiada de casas, anexas ao convento dominicano de *San Pablo*,³⁵ para a construção de uma residência de raiz, as «*Casas del Rey*», frente às quais se preparou um amplo terreiro – ainda que o

³³ Veja-se o capítulo 1.1.

³⁴ Sobre a evolução urbana de Valladolid, no período que aqui nos interessa, veja-se fundamentalmente **Jesús GARCIA FERNANDEZ**, *Crecimiento y estructura urbana de Valladolid*, Barcelona, Los Libros de la Frontera, 1974; **José Luis SAINZ GUERRA**, *Cartografía y ciudad. Las huellas de la ciudad en la cartografía de Valladolid hasta el siglo XIX*, Valladolid, Ayuntamiento de Valladolid, 1990; **Alfonso ALVAREZ MORA y Carmen ALCORTA**, “Valladolid”, in Manuel Guardiola, Francisco Javier Monclús, José Luis Oyon (Dir.), *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, Salvat / CCCB, 1994, p.267-288; Adeline RUCQUOI, *Valladolid en la Edad Media* (1987)..., 1997;

³⁵ O convento dominicano estabeleceu-se a nordeste da primeira muralha, em 1261, um ano depois dos franciscanos terem assentado na área a sul do recinto amuralhado – zona onde se edificaria mais tarde, a partir de 1561, a actual *Plaza Mayor*.

conjunto não tivesse a expressão de um verdadeiro palácio.³⁶ Tão pouco Juan II permaneceu muito tempo nestas dependências preferindo antes hospedar-se nas casas dos nobres da corte.³⁷ Não obstante, e como sublinhou Alfonso Alvarez Mora, a iniciativa da rainha (1411) consagrou a escolha de Valladolid como assento da família real.³⁸ A praça de *San Pablo*, fronteira à igreja do convento dominicano, converter-se-ia no centro do novo bairro aristocrático que se iria desenvolver a nordeste da primeira muralha da cidade, ainda que com particular expressão monumental apenas no século XVI.³⁹

Também a chancelaria real ou audiência, tribunal supremo do reino, criada por Enrique II em 1371, e após uns primeiros anos de itinerância, se fixaria progressivamente em Valladolid.⁴⁰ Já aqui se encontrava em 1378, datando de 1400 um documento que revela que o Rei Enrique III se decidira anteriormente

³⁶ Sobre este projecto, veja-se **Juan AGAPITO Y REVILLA**, “*El Colegio de San Gregorio*”, *Boletín de la Sociedad Castellana de Excursiones*, V, 1911-1912, p.255, nota 1: — “*el palacio ó alcazar (...) no sería otra cosa que una ampliación de habitaciones de la vivienda que los reyes, desde tiempos remotos, tenían en el convento de San Pablo*” Também Adeline RUCQUOI refere que “*la «posada» de San Pablo no pudo y no podía desempeñar el papel de los antiguos palacios reales, símbolos visibles de la autoridad real y de la presencia física del soberano dentro de la villa*”. Sobre o terreiro ou praça refere ainda que “*servió esencialmente como liza para justas y torneos*”, Adeline RUCQUOI, *Valladolid en la Edad Media...*, 1997, Vol. II, p.25-26.

³⁷ Desde que Valladolid começou a ganhar importância como núcleo urbano, foi costume a família real pousar em diversos conventos e mosteiros da vila. “*En el siglo XV, el Rey de Castilla se aloja en las casas de los grandes o de los principales «funcionarios» del reino*” (*ibidem*, Vol.II, p.26). Mesmo depois da construção das casas de *San Pablo* (que o próprio Juan II cederia em 1432 ao favorito D. Álvaro de Luna) continuou a família real hospedando-se nas várias casas religiosas e nos cada vez mais amplos (e numerosos) palácios das famílias nobres. Num deles, e já em época posterior, nasceria o futuro Filipe II, a 21 de Maio de 1527.

³⁸ Alfonso ALVAREZ MORA y Carmen ALCORTA, “Valladolid”..., 2000, p.274-275; **Alfonso ALVAREZ MORA**, *La construcción histórica de Valladolid. Proyecto de ciudad y lógica de clase*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2005, p.77.

³⁹ A partir de inícios de Quinhentos destacar-se-ia, frente à porta da igreja dominicana de *San Pablo*, o palácio de D. Francisco de los Cobos, comendador-mor de Leão e Secretário de Carlos V, construído entre 1522 e 1528. Seria mais tarde (no tempo de Filipe III) palácio real, aquando da efémera tentativa conduzida pelo duque de Lerma de trazer de volta a capitalidade a Valladolid (1601-1606), perdida por decreto de Filipe II, em 1559. É o actual palácio da Capitania. Outro grande palácio, que cabe destacar, é o dos condes de Benavente, construído a partir da década de 1510. Noutro palácio, que também subsiste, o de D. Bernardino Pimentel (mais tarde dos condes de Ribadavia), nasceria Filipe II a 21 de Maio de 1527. Veja-se sobre este tema **Juan José MARTIN GONZALEZ**, *Monumentos civiles de la ciudad de Valladolid* (1976), Valladolid, Diputación General, 1983; e também Alfonso ALVAREZ MORA, *La construcción histórica...*, 2005, p.65-89.

⁴⁰ “*...en el momento de su creación, estaba destinada a tener sus sesiones alternativamente en Medina del Campo y Olmedo al norte de la Sierra central, y en Madrid y Alcalá de Henares al sur de esta, antes de pasar a Segovia «por ser lugar en medio de nuestros reynos...»*”. Adeline RUCQUOI, *Valladolid en la Edad Media...*, 1997, Vol.II, p.22.

pela sua permanência na vila.⁴¹ Nela esteve de facto sediada durante praticamente todo o século XV, salvo uma ou outra itinerância pontual. Tal como a família real, não dispôs de edifício próprio até ter sido estabelecida, em finais da centúria, no palácio confiscado de D. Alonso Pérez de Vivero,⁴² visconde de Altamira, por ordem dos Reis Católicos. Situava-se igualmente na área de expansão nordeste da cidade, junto à porta de *San Pedro* da segunda muralha, trecentista.

A necessidade de bons oficiais administrativos (para a corte) e de justiça (para a chancelaria) levaria ao incremento natural da universidade. A permanência das famílias nobres e das altas figuras do estado, por outro lado, potenciaria o surgimento de mecenas dispostos a financiar os novos edifícios de âmbito universitário que começavam, agora, a tornar-se necessários. Mecenas e novos edifícios não tardariam, de facto, a aparecer.

d) A nova sede da calle de la Librería, na transição de Quatrocentos para Quinhentos

Em 1482, o almirante de Castela Alfonso Enríquez deixava uma doação em testamento para que “*se faga en las escuelas mayores de esta villa de Valladolid una capilla fasta 60.000 maravedíes adonde puedan los estudiantes cada día oír misa sin se apartar ni distraer de su estudio*”.⁴³ A capela seria efectivamente construída, mas apenas três décadas mais tarde, entre 1509 e 1517.⁴⁴ A universidade situava-se já sobre a sua localização actual, na antiga *calle del Olmillo*. Esta rua, que arrancava do largo por detrás da igreja colegiada (a *plazuela de Santa Maria*) em direcção a Sul, passou a designar-se *calle de la Librería*, desde inícios de Quinhentos, em função do novo sítio da universidade e do negócio dos livros que aí se terá instalado.⁴⁵ Segundo Maria José Redondo Cantera, “*parece que las Escuelas ya estaban aquí al menos desde 1469, pero no tendrían todavía un edificio suficientemente dotado de*

⁴¹ *Ibidem*, Vol.II, p.30 e 32.

⁴² Neste mesmo palácio casaram-se Isabel a Católica e Fernando V de Aragão, a 14 de Outubro de 1469. Veja-se, sobre o imóvel, Juan José MARTIN GONZALEZ, *Monumentos civiles...* (1976), 1983, p.15.

⁴³ Adeline RUCQUOI, *Valladolid en la Edad Media...*, 1997, Vol. II, p.39.

⁴⁴ Maria José REDONDO CANTERA, *Una Casa para la Sabiduría...*, 2002, p.23.

⁴⁵ *Ibidem*, p.11.

amplitud y representatividad".⁴⁶ Para Juan Agapito y Revilla, é provável que a nova sede da universidade tivesse sido encetada no tempo dos Reis Católicos (a partir de 1479) e antes de 1492.⁴⁷

O primitivo edifício universitário já não existe, pois foi demolido em 1909 para a construção de um novo imóvel, que respeitou apenas a majestosa fachada da adição barroca voltada à *plazuela de Santa Maria*. Sobram somente alguns registos gráficos (plantas, desenhos, fotografias) que nos permitem ter ideia de como se desenvolvia. Entre eles uma gravura de Ventura Pérez, de finais de século XVIII,⁴⁸ com a representação do portal gótico da universidade (**fig.4**). A ausência do símbolo de Granada no escudo de Castela e Leão, que juntamente com os de Aragão e da universidade figuravam no tímpano do portal, pressupõe a sua construção no intervalo de tempo (1479-1492) citado.⁴⁹ A fachada onde se inseria esta entrada, sobre a referida rua dos livreiros, terá sido a primeira parte da nova sede a ser levantada.⁵⁰ Fez-se recuada em relação ao alinhamento da rua, de modo a definir um pequeno átrio exterior, defronte do portal, que lhe garantia o necessário desafogo visual. Delimitou-se este espaço por quatro colunas de pedra, ligadas aos pares por correntes de ferro, demarcando a propriedade e a jurisdição universitárias.

O portal dava acesso directo ao pátio da universidade, que estava descentrado em relação aquele. As arcadas do pátio eram de construção posterior, já do século XVI, sendo possível que sofressem alguma influência estilística do pátio do vizinho *colegio de Santa Cruz*, entretanto levantado.⁵¹ O pátio, não obstante, era de arquitectura bastante modesta, desenvolvendo-se originalmente apenas

⁴⁶ *Idem, obra citada*, p.19. De facto, nesse ano de 1469 a abadia-colegiada cedia umas casas na referida *calle del Olmillo* à Universidade, cujo terreno terá servido para a construção da nova sede. **Amalia PRIETO CANTERO**, "**El antiguo edificio de la Universidad**", in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. II, p.645-648.

⁴⁷ Juan AGAPITO y REVILLA, "El edificio antiguo de la Universidad...", 1910, p.391-392

⁴⁸ Gravura incluída no manuscrito de Antolínez de BURGOS, *Historia de la M.N. y Leal Ciudad de Valladolid*, original do Archivo Histórico Nacional, em Madrid (Elena SÁNCHEZ MOVELLÁN, "La Época medieval...", 1989, Vol.I, p.45 e p.70, nota 14).

⁴⁹ Juan Agapito y Revilla baseou a sua análise numa fotografia antiga do portal universitário, que o mostra numa situação distinta da original. Na gravura de Ventura Pérez, que Agapito desconhecia, vê-se ainda um escudo imperial coroado por cima do portal. Este foi colocado posteriormente, em 1575. María José REDONDO CANTERA, *Una Casa para la Sabiduría...*, 2002, p.23.

⁵⁰ María José REDONDO CANTERA, *Una Casa para la Sabiduría...*, 2002, p.20.

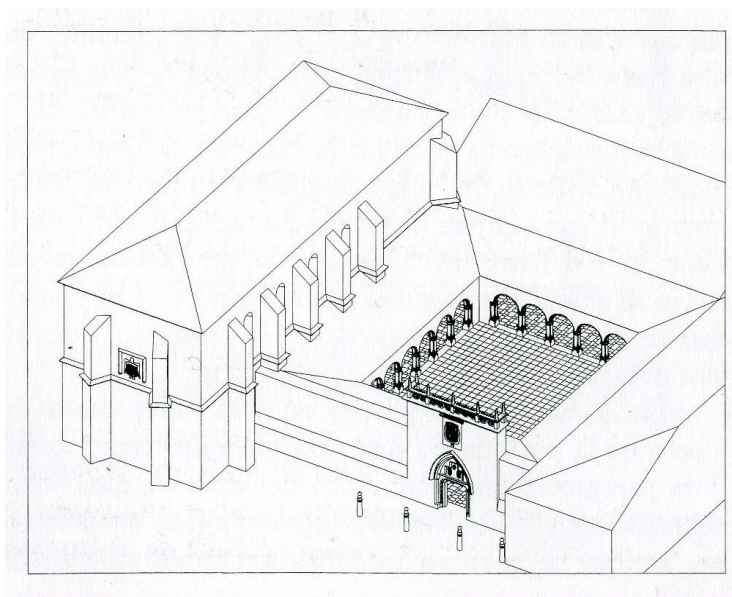
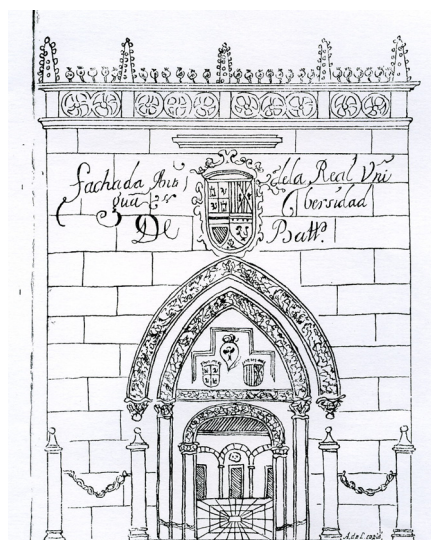
⁵¹ *Ibidem*, p.29.

por um piso de altura⁵² (tal como o primitivo pátio da sede salmantina) constando de sequências de cinco arcos nas alas nascente e poente, e de seis nas restantes duas (**fig.5**). Foi construído pelo pedreiro Hernando de Entrambasaguas, a quem se pagavam obras desde, pelo menos, 1528.⁵³ Em redor das alas deste primeiro pátio dispunham-se as diversas dependências escolares, com destaque para a capela pelo lado sul, conforme se pode ver na **fig.5** ou na planta do edifício universitário levantada pelo arquitecto Teodósio de Torres antes da demolição novecentista, que apresentamos na terceira e última parte da dissertação (capítulo 3.3, fig.1).

Fig.4
Desenho de Ventura Pérez (séc. XVIII) do antigo portal da já desaparecida sede do estudo geral de Valladolid. (fonte León Corral).

Note-se a representação do pátio interno, de um só piso.

Fig.5
Reconstituição do edifício sede do estudo geral de Valladolid, em inícios de Quinhentos, segundo Maria José Redondo Cantera



⁵² *Ibidem*, p. 29. A gravura de Ventura Pérez (**fig.4**) confirma, aliás, esta ideia.

⁵³ *Ibidem*, p.30. Veja-se a transcrição do registo de alguns destes pagamentos em Juan José MARTÍN GONZÁLEZ, *Monumentos civiles...*, 1976, p.125.

Não é linear a reconstituição dos espaços que rodeavam o claustro primitivo na primeira metade de Quinhentos, período que mais se aproxima do momento que, por agora, nos interessa – o final do século XV e a transição para o século XVI. Destacaremos aqui as conclusões da análise realizada (em 1989) por Maria José Redondo Cantera.⁵⁴ No lanço norte, para além do geral de cânones (que veio a ser, após ampliação de 1583, o maior da Universidade) terão existido um geral de lógica (da parte da *calle de la Librería*) e outro de filosofia (a poente do de cânones). Presume-se que ao longo do lanço ocidental do pátio tenham funcionado originalmente as salas dos cursos de medicina, leis e teologia, como de facto vieram a funcionar a partir de inícios do século XVII. O ensino da gramática terá funcionado no geral do ângulo sudoeste do quadrilátero universitário, que se ligava por uma porta às *Escuelas Menores*, anexo levantado entre 1535 e 1541⁵⁵ nos terrenos por detrás das escolas.

A edificação da capela do estudo, entre 1509 e 1517, como referimos, terá antecedido a construção das arcadas do pátio, ao qual acompanhava pelo lado sul. Dedicada a São João Evangelista, foi levantada em registo do gótico final, com nave única de seis tramos, com a cabeceira voltada à *calle de la Librería*. Também utilizada para as reuniões de claustro e como sala de graus e de actos solenes,⁵⁶ seria alvo de importante reforma no século XVII (entre 1622 e 1627) na qual se substituiu a abóbada nervurada da nave por uma nova, de desenho clássico, em meio canhão.⁵⁷

Na *calle de la Librería*, entre o volume da capela e portal gótico da universidade situava-se ainda (desde, pelo menos, inícios do século XVI) a casa do bedel (não representada na figura) que “*tenia su propia entrada y constaba de dos pisos*”.⁵⁸

⁵⁴ **Maria José REDONDO CANTERA**, “El edificio de la Universidad durante los siglos XVII y XVIII, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. II, p.649-672 (em particular as p.652 a 655).

⁵⁵ Levantadas por Hernando de Entrambasaguas. María José REDONDO CANTERA, *Una Casa para la Sabiduría...*, 2002, p.23.

⁵⁶ Na reforma dos estatutos da Universidade sancionada por Carlos V (cerca de 1517-1523) indicava-se a realização de exames e outorga dos graus académicos na capela das escolas. Juan AGAPITO y REVILLA, “El edificio antiguo de la Universidad...”, 1910, p.437

⁵⁷ *Ibidem*, p.23-25.

⁵⁸ María José REDONDO CANTERA, “El edificio de la Universidad...”, 1989, p.661.

e) Os colégios de Santa Cruz e de San Gregório

No final do século XV surgiam os dois primeiros colégios de Valladolid – o de *Santa Cruz*, secular, e o de *San Gregorio*, dominicano. Ambos conformariam instituições relevantes associadas à universidade, dotadas de edifícios próprios, que se revelariam marcantes no quadro alargado da arquitectura universitária espanhola.

Embora a criação destes institutos supusesse um engrandecimento da universidade e um reforço da actividade lectiva na cidade, a verdade é que significou para a corporação universitária, no imediato, uma diminuição do seu poder e autonomia. Como refere Elena Sánchez Movellán, “...la fuerza que toma la Universidad vallisoletana en los albores de la Edad Moderna quedará paliada por la creación de una serie de colegios a finales del siglo XV, como el de Santa Cruz y el de San Gregorio, que cortarán las fuerzas de este crecimiento y chuparán la savia de la Universidad”.⁵⁹ Desde logo porque, fundados por altas personalidades do estado, cedo garantiram o funcionamento de aulas e de cursos próprios para os membros dos respectivos colégios. Neste registo, o Papa Sisto IV concederia ao recém-criado *colegio de Santa Cruz* a faculdade de atribuir graus superiores autonomamente, por bula de 17 de Julho de 1484.⁶⁰ Já o *colegio de San Gregorio* funcionaria como primeiro estudo particular da ordem dominicana em Espanha – “se le consideró como la segunda Universidad de Valladolid, y era estimadisimo y venerado”⁶¹

Data de 29 de Maio de 1479 a bula de Sisto IV autorizando o cardeal D. Pedro González de Mendoza (Guadalajara, 1428 – 1495) a fundar um colégio com capela, à imagem do de *San Bartolomé* de Salamanca, em Salamanca ou em Valladolid. Pedro de Mendoza, cardeal e chanceler do reino, arcebispo de Sevilha, decidir-se-ia por Valladolid. Nesse sentido, e já como arcebispo primaz de Toledo (desde 1482), tomaria posse como abade da colegiada de *Santa Maria* de Valladolid (em 1483) tornando-se simultaneamente cancelário do estudo – sinal evidente de que optara, com anterioridade, pela vila castelhana

⁵⁹ Elena SÁNCHEZ MOVELLÁN, “La Epoca medieval...”, 1989, Vol.I, p.35.

⁶⁰ **María Angeles SOBALER SECO**, “El Colegio Mayor de Santa Cruz (1484-1793)”, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. I, p.335-354 (p.335).

⁶¹ Juan AGAPITO Y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio...”, 1911-1912, p.259

para a fundação do seu colégio.⁶² Curiosamente, redigira-se no ano anterior (1482) a já mencionada disposição testamentária do almirante de Castela, deixando à universidade dinheiro para a construção de uma capela própria. Não é claro se esta resolução seguia já a opção do cardeal por estabelecer o seu colégio em Valladolid ou se de algum modo foi o legado do almirante que conduziu à escolha do sítio da fundação cardinalícia.

Em 20 de Setembro de 1483, o representante do cardeal e o reitor da universidade, reunidos na capela de *San Juan* da colegiada, acertavam o enquadramento institucional do novo colégio, pelo que em 21 de Novembro desse ano redigia o cardeal Mendoza, em Vitória, o documento fundacional do colégio de Santa Cruz. Começaria a funcionar logo em Fevereiro do ano seguinte (1484) com alunos provenientes da universidade de Salamanca,⁶³ instalados em casas do bairro de *San Esteban*. Simultaneamente, adquiriam-se casas próximas da sede da universidade para o levantamento de um novo edifício, cuja obra se começou em 1486, com o derrube das citadas casas.

O edifício construir-se-ia em tempo relativamente curto, não sem antes ter ocorrido o conhecido episódio de suspensão da obra, iniciada em registo gótico. Foi provavelmente ao acompanhar o regresso dos Reis Católicos a Valladolid, em Setembro de 1488, que o próprio cardeal Mendoza terá tomado, finalmente, contacto com o estaleiro que patrocinava. Desgostou-se, porém, com o aspecto que ia tomando o edifício.⁶⁴ Alterou-se o projecto pela integração, na fachada, de elementos do novo estilo que vinha de Itália. Concluído em 1491, o *colegio de Santa Cruz* é por muitos autores considerado o primeiro edifício renascentista castelhano.⁶⁵ Sólido quadrilátero de pedra organizado em torno de um pátio interno, verdadeiro “palácio” do saber, constituiria simultaneamente (em função da organização dos seus espaços ou, por outras palavras, da sua “tipologia”) modelo acabado para os subsequentes

⁶² **Salvador ANDRÉS ORDAX, *Santa Cruz, arte e iconografía. El Cardenal Mendoza, el colegio y los colegiales***, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2005, p.26

⁶³ María Ángeles SOBALER SECO, “El Colégio Mayor de Santa Cruz...”, 1989, p.336.

⁶⁴ Pedro de SALAZAR Y MENDOZA, *Crónica de El Gran Cardenal de España*, Toledo, s.d., p.266, citado por **Luis CERVERA VERA, *Arquitectura del Colegio Mayor de Santa Cruz en Valladolid***, Valladolid, Ediciones de la Universidad de Valladolid, 1982, p.64 e p.88, nota 353.

⁶⁵ Voltaremos a este tema no capítulo 2.7, dedicado exclusivamente ao colégio de Santa Cruz.

colégios universitários espanhóis – e para vários “colégios-universidades” quinhentistas – como teremos ocasião de verificar.

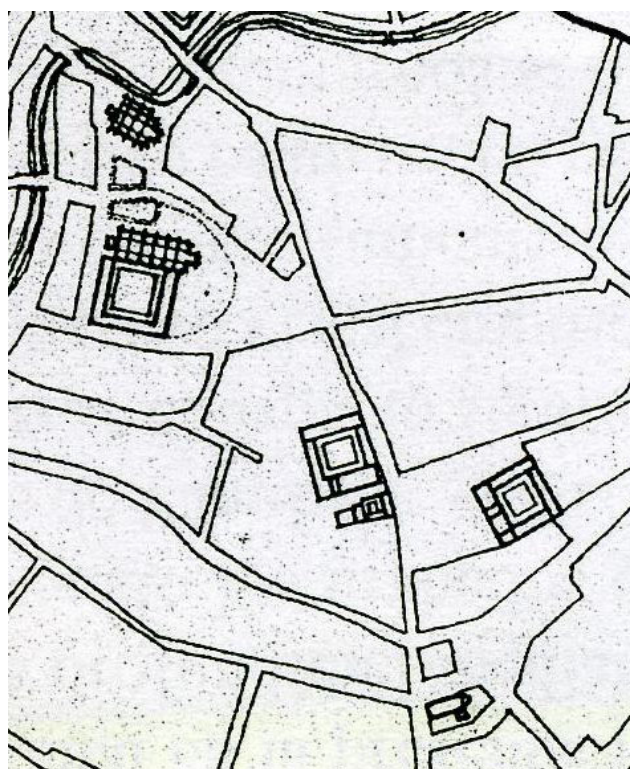
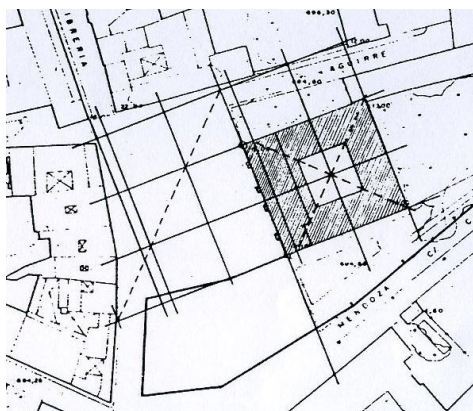
Situado um pouco mais a sul da sede universitária, do lado oposto da rua dos livreiros, “*El sitio en que se labró el colegio es el mas cõviniente, y mas acomodado que se pudo escoger en Valladolid*”.⁶⁶ A proximidade com o local de implantação da Universidade, que por esses tempos iniciava também a construção do seu edifício próprio (**fig.7**), parece confirmar o propósito de consolidação de um novo eixo universitário, a já mencionada *calle de la Libreria*. Ao longo desse eixo, porém, seria claro o protagonismo adquirido pelo novo colégio, em particular pelo ordenamento de um amplo e desafogado espaço urbano – uma praça de proporções albertianas (**fig.6**)⁶⁷ – diante da majestosa fachada colegial, portadora da nova linguagem do Renascimento.

Fig.6.

Esquema de proporções da praça diante do *colegio Mayor de Santa Cruz*, segundo D. González Lasala

Fig.7.

Detalhe da planta de reconstituição de Valladolid em 1500, de José Luiz Sainz Guerra, com a implantação da igreja colegiada de *Santa Maria Mayor*, do edifício sede da universidade, e do *colegio Mayor de Santa Cruz*.



⁶⁶ P. SALAZAR Y MENDOZA, *Crónica de El Gran Cardenal...*, s.d., p.265, citado por Luis CERVERA VERA, *Arquitectura del Colegio Mayor de Santa Cruz...*, 1982, p.37.

⁶⁷ Desenhou-se a nova praça repetindo a profundidade do imóvel colegial. Por outro lado, a altura da fachada do colégio, “*incluyendo su balaustrada, es la tercera parte de la anchura de la plaza medida frente a la entrada del colégio, literalmente la recomendación de Alberti*”. **Diego GONZÁLEZ LASALA**, “*La Plaza y el Colegio de Santa Cruz en el espacio urbano de Valladolid*”, in Salvador Andrés Ordax, Javier Rivera (Coord.), *La Introducción del Renacimiento en España. El Colegio de Santa Cruz (1491-1991)*, Valladolid, Instituto Español de Arquitectura / Universidades de Alcalá y Valladolid, 1992, p.159-175 (p.165).

Como refere González Lasala, a definição da praça não atendia apenas ao propósito de marcar de forma clara o limite jurisdicional do colégio – pela colocação de um conjunto de postes de pedra interligados por correntes defronte do imóvel. Acima de tudo convertia o edifício num “*objetivo perspectivo*”.⁶⁸

Outro novo colégio que temos vindo a mencionar, o colégio dominicano de *San Gregorio*, situar-se-ia, por sua vez, junto do convento de *San Pablo*, da mesma ordem religiosa, em local diverso do núcleo urbano – precisamente o bairro aristocrático que se conformava a nordeste da primeira muralha. Foi seu fundador o bispo de Palência e confessor dos Reis Católicos, *fray* Alonso de Burgos. De entre os motivos que levaram à escolha de Valladolid para a implantação do colégio, destacou *fray* Gonzalo de Arriaga tratar-se de um dos “mais insígnies” lugares do reino (assento de Reis e da corte), de pertencer à diocese palentina e de albergar a segunda mais importante universidade do país.⁶⁹ A escolha do âmbito do convento de *San Pablo* não foi acidental, porquanto *fray* Alonso se aplicaria também na reedificação da igreja e do convento.⁷⁰

Fray Alonso obteve uma primeira licença para a fundação do seu colégio por bula do Papa Inocêncio VIII, de 15 Dezembro de 1487. Levantou-se o novo imóvel entre 1488 e 1496, ano em que entraram os primeiros colegiais, provenientes de diversas casas dominicanas de Espanha. A nova construção aproveitava parte do terreiro defronte das antigas e já mencionadas «*Casas del Rey*» que a Rainha D. Catarina mandara levantar cerca de oitenta anos antes.⁷¹ Desenvolveu-se a nordeste da cabeceira da igreja de *San Pablo*, ao longo da rua que seguia para a porta de *San Benito* da muralha exterior, mais tarde conhecida por *calle de las cadenas de San Gregorio*, por causa das

⁶⁸ *Ibidem*, p.160.

⁶⁹ **Gonzalo de ARRIAGA**, *Historia del colegio de San Gregorio de Valladolid* (c.1647), editada, corregida e aumentada por Manuel Maria Hoyos, Valladolid, Tipografía Cuesta, 1928, p.79-81.

⁷⁰ Sobre as obras no convento veja-se **Filemón ARRIBAS**, “**Simón de Colónia en Valladolid**”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, 1933-34, p.153-166.

⁷¹ “*Sobre parte de ese terreno se hizo el Colegio de San Gregorio*”, Juan AGAPITO Y REVILLA, “*El Colegio de San Gregorio...*”, 1911-1912, p.255, nota 2.

correntes que interligavam uma série de pilares (que chegariam a 35!) alinhados diante da frontaria.⁷²

O ponto de arranque do imóvel foi a antiga capela *del Crucifijo*, convertida em capela colegial, situada num dos topos do transepto da igreja conventual,⁷³ espaço por onde se faria o acesso principal à referida capela – não existia o actual acesso directo (oitocentista) a partir da *plaza de San Pablo*, quadrante em que se situava a antiga sacristia.⁷⁴

Sensivelmente a meio da frente de rua da *calle de las cadenas*, sobre a porta do colégio propriamente dito, levantou-se uma monumental peça de fachada, ao alto, de pedraria exuberantemente decorada, “*en el más desenfrenado estilo gótico de los Reyes Católicos*”,⁷⁵ e que obrigaria à definição de uma pequena praça fronteira para contemplação do majestoso portal do novo instituto (**fig.8**).

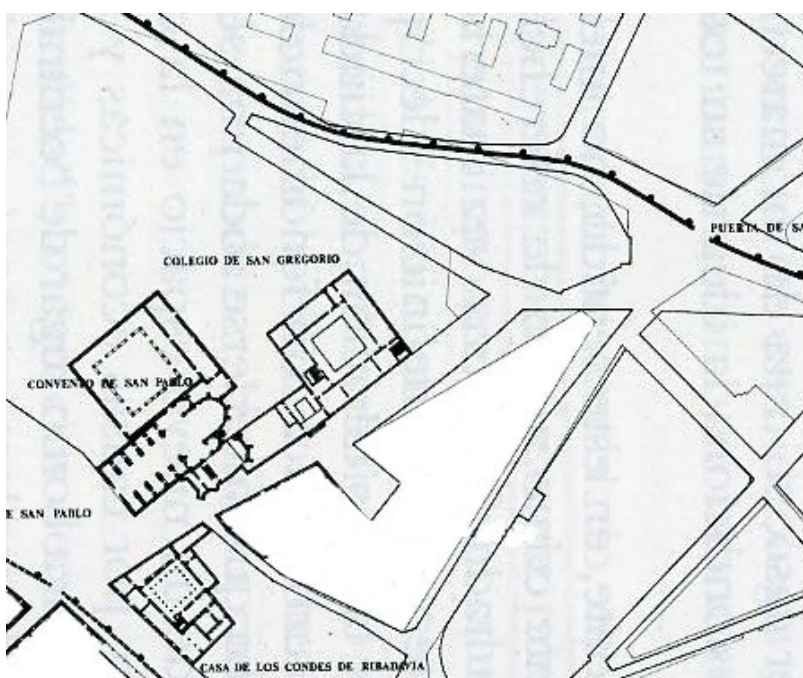


Fig.8
Implantação do *colegio de San Gregório* e do *convento de San Pablo*.
Planta de reconstituição da situação em inícios de Quinhentos (feita a partir de esquema de A. Alvarez Mora).

⁷² “Se llamó así la calle, porque hasta el siglo XIX llegaron los pilares que en número de 35 á manera de lonja ó atrio, corrian por delante de la fachada del Colegio, sostenientes aquéllos de fuertes cadenas de hierro”, Juan AGAPITO Y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio...”, 1911-1912, p.271, nota 1.

⁷³ *Ibidem*, p.255, nota 1.

⁷⁴ *Ibidem*, p.270.

⁷⁵ **LUÍS CERVERA VERA**, “La construccion del Colégio Mayor de Santa Cruz de Valladolid”, in Salvador Andrés Ordax, Javier Rivera (Coord), *La Introducción del Renacimiento...*, 1992, p.118. Veja-se, neste mesmo registo, a própria fachada da renovada igreja conventual de San Pablo, que se realizava pelas mesmas datas (Filemón ARRIBAS, “Simón de Colónia...”, 1933-34, p.153-166).

O *colegio de San Gregorio*, praticamente contemporâneo do de Santa Cruz, não o acompanhava, porém, na novidade de uma arquitectura formatada pelos mais recentes desenvolvimentos estilísticos da época. Também a sua planta era menos “ideal”, desenvolvendo-se assimetricamente por dois pátios, um pequeno (atrás do portal do colégio) e outro de maiores dimensões, ambos de dois pisos de altura. Estudaremos a arquitectura e a caracterização tipológica destes dois importantes colégios mais adiante, na segunda parte do trabalho.⁷⁶ Também outros colégios surgiriam em Valladolid, ao longo do século XVI, que enumeraremos também oportunamente. Não obstante, podemos tentar aferir desde já, e para finais do século XV, o carácter mais ou menos universitário desta urbe castelhana. Ou, por outras palavras, indagar se estaremos, ou não, em presença de uma localidade universitária. Na Valladolid da transição de Quatrocentos para Quinhentos, pousada frequente da corte e das grandes famílias do reino, sede da chancelaria, espaço de fixação de diversas casas religiosas, aglomerado comercial de importantes feiras e mercados, a universidade não deixaria de ser apenas uma valência mais, uma de várias partes de um todo – como se retira da magnífica planta de reconstituição realizada por José Luís Sainz Guerra (**fig.9**) relativa ao ano de 1500.⁷⁷ Apesar do facto, a função universitária lograria, por força da arquitectura dos imóveis a ela associados – e muito particularmente dos que agora aqui tratamos – um impacto indelével naquela que foi a primeira capital moderna de Espanha.

Fig.9

Planta de reconstituição de Valladolid em 1500 (José Luís Sainz Guerra).

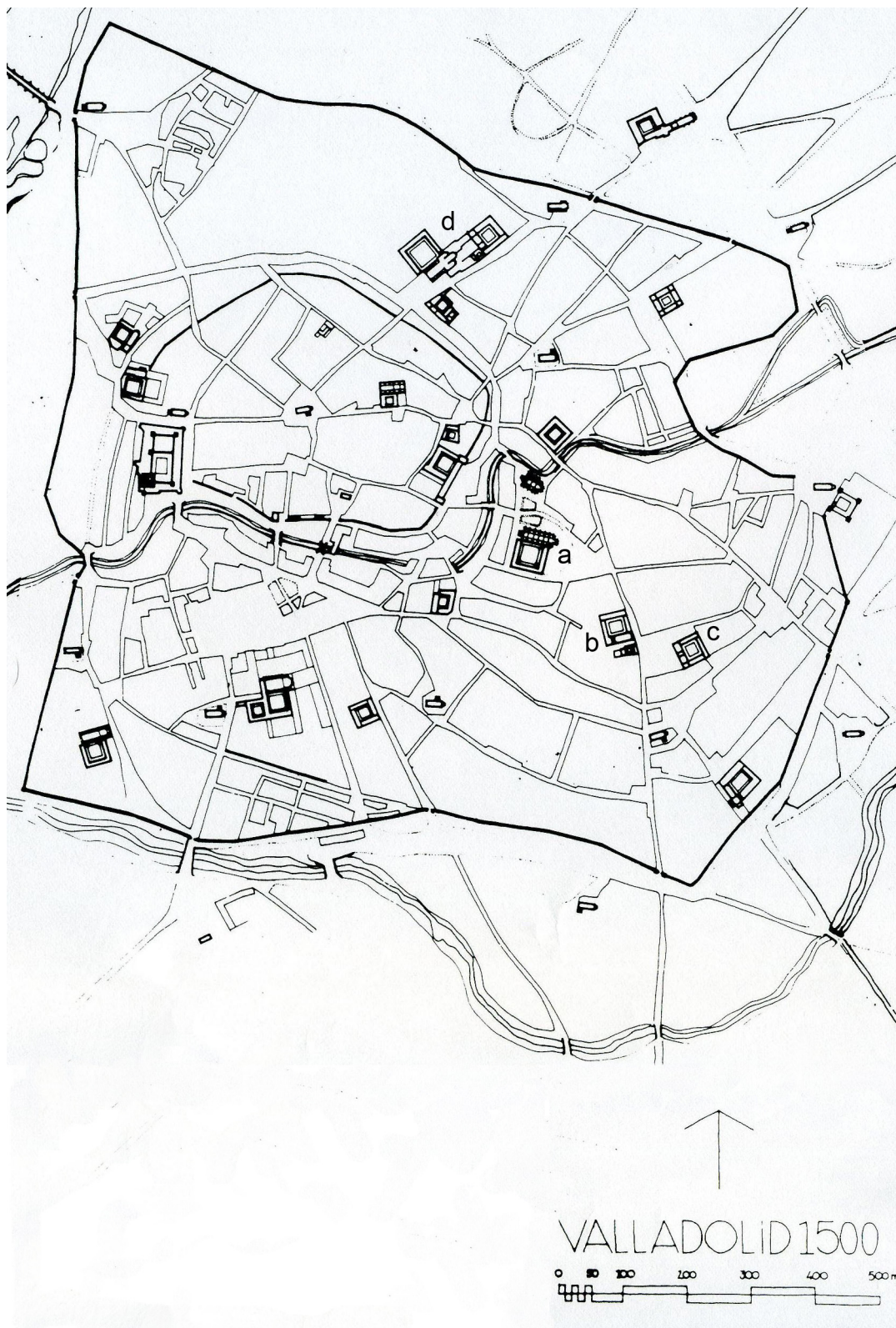
A universidade na cidade:

- a. Igreja colegiada de *Santa Maria Mayor*
- b. Edifício-sede da universidade
- c. *Colegio Mayor de Santa Cruz*
- d. *Colegio de San Gregorio* e convento de *San Pablo*.

A terceira muralha (de finais do século XIII) englobava uma área de quase 150 hectares.

⁷⁶ Capítulos 2.7 e 2.8, respectivamente.

⁷⁷ José Luís SAINZ GUERRA, *Cartografía y Ciudad...*, 1990, p.132.



1.5. Lisboa

e as quatro sedes do seu Estudo

a) Fundação do estudo geral português e as primeiras instalações em Lisboa

O estudo geral português caracterizou-se, nos primeiros 250 anos da sua existência, pela mobilidade.¹ Fundado em Lisboa no reinado de D. Dinis (1261-1279-1325) em 1288 ou 1289, foi transferido para Coimbra pelo mesmo monarca em 1308². D. Afonso IV (1291-1325-1357), seu filho e sucessor, levaria o estudo de novo para Lisboa em 1338 para logo o trazer de volta para a cidade do Mondego em 1354. Em 1377, D. Fernando (1345-1367-1383) conduziu a universidade novamente para Lisboa, onde permaneceu 160 anos até à transferência definitiva para Coimbra, em 1537.³

¹ Já vários autores tiveram oportunidade de reforçar este aspecto, a começar por Heinrich Denifle: *“este instituto occupa um lugar completamente à parte na historia das universidades da idade-média, precisamente por causa das suas frequentes mudanças de sede”*. **Heinrich DENIFLE**, *Die Universitäten des Mittelalters bis 1400*, Berlim, Weidmannsche Buchhandlung, 1885, excerto citado e traduzido por **José Maria RODRIGUES**, *“A Universidade de Lisboa-Coimbra. Capítulo de uma obra alemã”*, Congresso Pedagógico Hispano-Portuguez-Americano (Secção Portuguesa), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1892, p.3-28. Também Hastings Rashdall se refere a este aspecto: *“While, however, the Portuguese university has ever since maintained a certain historic continuity, it has changed its local habitation more frequently than any other university in the world, with the exception of the ever migratory university of the papal court”*, **Hastings RASHDALL**, *The Universities of Europe in the Middle Ages* (1895), Londres, Oxford University Press, 1997, Vol.II, p.109,.

² **António de VASCONCELOS**, *“Estabelecimento primitivo da Universidade em Coimbra”*, *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol.II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913, p.604-636.

³ A bibliografia que faz referência à história da universidade portuguesa até 1537, resulta em lista extensa. Destacaremos, sobretudo, as recolhas documentais no **Livro Verde da Universidade de Coimbra (cartulário do século XV)**, pertencente ao Arquivo da Universidade de Coimbra (publicado por A.G. da Rocha Madaíl, Coimbra, 1940), e em **Artur Moreira de SÁ e Francisco da GAMA CAEIRO (Coord.)**, *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, 14 vols., Lisboa, Instituto de Alta Cultura / INIC / JNICT / FCT, 1970-2001. E ainda as obras de síntese que versam, em maior ou menor medida, sobre o período em causa: **Francisco Leitão FERREIRA**, *Notícias chronologicas da Universidade de Coimbra* (1729), 5 Vols., Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937-56; **Francisco Carneiro de FIGUEIROA**, *Memórias para a história da Universidade de Coimbra* (1ª metade do século XVIII), Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937; **Teófilo BRAGA**, *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Pública Portuguesa*, 4 vols., Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1892-1902; **Mário BRANDÃO**, **Manuel Lopes d’ALMEIDA**, *A Universidade de Coimbra – esboço da sua história*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937; **António de VASCONCELOS**, *Escritos vários relativos à Universidade Dionisiana*, 2 vols, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1938-41; de edição mais recente, devemos sobretudo citar **AAVV**, *História da Universidade em Portugal*, Vol. I, Tomo I, Lisboa/Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian/ Universidade de Coimbra, 1997. Outros estudos, de carácter circunscrito a diversos aspectos relevantes da instituição, irão sendo indicados com o texto.

Não obstante, e paradoxalmente, o estudo geral português seria o primeiro da Península Ibérica a dispor de edifícios próprios, tanto em Lisboa (c.1290) como em Coimbra (c.1308), como bem notou Walter Rossa.⁴ Verificaremos, no entanto, a diferente natureza das primeiras sedes universitárias em ambas as cidades. Verificaremos também que em Lisboa, a primeira sede dionisina (instalada numa casa nova) teve existência pouco mais que efémera, sendo que se conhecem três outras localizações na capital portuguesa onde se sediou a universidade em períodos subsequentes. Nas linhas que se seguem procuraremos abordar e actualizar este tema, primeiramente tratado com profundidade por Augusto Vieira da Silva em 1919,⁵ análise que complementaremos com o registo gráfico da implantação urbana variável das sedes universitárias, do bairro dos escolares e dos dois ou três colégios que chegaram a ser fundados em Lisboa.

D. Dinis confirmaria a fundação do estudo geral por documento de 1 de Março de 1290, dois anos após a petição dirigida ao Papa Nicolau IV pelos prelados de Alcobaça, de Santa Cruz de Coimbra e de outras casas religiosas e igrejas portuguesas, reunidos em Montemor-o-Novo, a 12 de Novembro de 1288:⁶ *“houvermos por bem ordenar na Real Cidade de Lisboa, um Estudo Geral”*.⁷ Concluiu Mário Alberto Nunes Costa que *“à data [1290], o Estudo Geral estava (...) já criado e dotado, não apenas com pessoal docente, como ainda com disposições regulamentares que privilegiavam a instituição”*.⁸ A 9 de Agosto de 1290, Nicolau IV dirigia finalmente a bula *“dilectis filiis”* à universidade dos

⁴ **Walter ROSSA, Diver[s]idade. Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade**, Coimbra, Tese de Doutoramento apresentada à FCTUC, 2001, p.498.

⁵ **Augusto Vieira da SILVA, Locais onde funcionou em Lisboa a Universidade dos Estudos**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.

⁶ Hoje só se conhecem traslados deste documento, em particular o existente no, *Livro Verde*, AUC, fl. 4 vº e 5, publicado por **Artur Moreira de Sá (Coord.), Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537), Vol.I**, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1966, Docs. 2 (versão latina original) e 3 (tradução para português), p.6-9: *“Petição dirigida ao Papa por alguns prelados portugueses....”*.

⁷ **António de VASCONCELOS, “Um documento precioso”, Revista da Universidade de Coimbra**, Coimbra, Imprensa da Universidade, Vol.I, 1912, p.363-392 (texto latino, p.364-365). Veja-se também Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, docs.4 (latim) e 5 (português), p.10-12: *“Carta de D. Dinis ampliando os privilégios concedidos ao Estudo Geral de Lisboa”*.

⁸ **Mário Alberto Nunes COSTA, Reflexão acerca dos locais ducentistas atribuídos ao Estudo Geral**, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1991, p.8. O mesmo autor conclui que a universidade deveria já estar em funcionamento desde 1288 ou 1289. *Ibidem*, p.8.

mestres e estudantes de Lisboa, aprovando a consignação de rendas para os pagamentos dos salários dos docentes e concedendo privilégios aos escolares.⁹

Tem-se chamado a atenção para o modelo adoptado pelo estudo lisbonense, derivado em grande medida da “universidade de estudantes” de Bolonha. Com efeito, no aspecto organizativo, existiram normalmente em Lisboa dois reitores estudantes até finais do século XIV.¹⁰ No aspecto curricular, tal como no estudo bolonhês, cedo se afirmou a preponderância dos estudos jurídicos, tanto de direito civil como canónico.

José Mattoso refere que o surgimento do estudo geral português pertenceu ainda à primeira fase das fundações universitárias em que tanto mestres (Paris), como estudantes (Bolonha), ou ambos, “*havião conseguido impor os seus direitos a autoridades comunais, a bispos, a reis e até ao imperador*”.¹¹ Porém, e simultaneamente, o estudo geral português constituiu um dos primeiros fundados por soberanos (depois da fundação do de Nápoles em 1224 pelo Imperador da Alemanha Frederico II, e dos de Palência e Salamanca, que já mencionamos) como sublinhou o mesmo autor.¹² De apoiante de uma iniciativa de base¹³ amparada por alguns prelados portugueses (apoio que culminaria com o documento régio de fundação do estudo de 1290) o Rei passaria a interventor principal nas decisões relativas à vida do estudo, como a primeira transferência para Coimbra confirmaria, logo em 1308. Daí também uma relação mais próxima com o caso, de fundação régia, de Salamanca.¹⁴

Segundo um documento de 22 de Julho de 1291, D. Dinis doava a D. Martim Gil umas casas “*em aquel terreno meu da par da padreyra, hu eu mandey fazer*

⁹ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, docs.6 (latim) e 7 (português), p.12-15: “*Bula de Nicolau IV aprovando o pagamento de salários aos professores do Estudo Geral de Lisboa e concedendo privilégios aos mestres e alunos*”.

¹⁰ Jacques VERGER, *Les universités au moyen age*, Paris, Presses Universitaires de France, 1973, p.39, citado por José MATTOSO, “*A universidade portuguesa e as universidades europeias*”, in AAVV, *História da Universidade em Portugal*, Lisboa/Coimbra, FCG/UC, 1997, Vol. I, Tomo I, p.3-29 (p.25). Estes autores chamam também a atenção para a mesma designação – “*colletae*” – dada às contribuições pagas pelos alunos para custear em parte o ensino, e que acresciam às rendas reais e eclesiásticas”.

¹¹ *Ibidem*, p.9.

¹² *Ibidem*, p.11.

¹³ “*Basista*”, segundo António Pimentel. António Filipe PIMENTEL, *A Morada da Sabedoria*, Coimbra, Almedina, 2005, Vol. I, p.42.

¹⁴ Walter ROSSA, *Diver[s]idade...*, 2001, p.495.

as casas para as escolas”.¹⁵ Por outro documento, datado de 21 de Agosto de 1303, sabe-se que o mesmo Rei aforava a Judas Navarro “*minhas casa novas da pedreira as quaes foram escolas com sseu canpo*”.¹⁶

Este local da “pedreira” onde primeiramente se instalaram os estudos permaneceu questão muito debatida e relativamente obscura até 1939, ano em que Gustavo Matos Sequeira publicou o estudo intitulado *O Carmo e a Trindade*. Nesta obra, logrou o autor identificar a “pedreira” citada nestes e noutros documentos dionisinos com a colina a poente da baixa pombalina da cidade (**figs.1 e 18**) por onde se desenvolve a actual Rua Garrett.¹⁷ Augusto Vieira da Silva (1940-1941)¹⁸ e mais recentemente Mário Nunes Costa, em sistematização fundamental sobre o assunto (1991),¹⁹ vieram corroborar a tese de que foi de facto nessa área da cidade que D. Dinis primeiro estabeleceu as escolas.²⁰

O Rei ordenara, portanto, o levantamento de umas casas para funcionamento do estudo em zona à época relativamente isolada, fora da primeira muralha da cidade (a cerca moura²¹), e que só viria a estar plenamente integrada após a construção da nova e alargada cerca fernandina, quase cem anos depois, entre 1373 e 1375.²² Já Walter Rossa chamou a atenção para o facto desta localização acompanhar as recomendações de Alfonso X o Sábio, nas *Siete*

¹⁵ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, doc.10, p.23-24: “*Carta de D. Dinis doando duas casas, sitas na Pedreira, onde existiam as casas para as escolas*”.

¹⁶ *Ibidem*, doc.21, p.35-36: “*Carta de foro das casas onde funcionaram as escolas, na Pedreira, em Lixboa*”.

¹⁷ A “*estrada, caminho, ou rua da Pedreira*” corresponde, grosso modo, à actual Rua Garrett. Gustavo Matos FERREIRA, *O Carmo e a Trindade*, Lisboa, Câmara Municipal, 1939, Vol.I, p.17.

¹⁸ Augusto Vieira da SILVA, *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2ª.ed., 2 vols, 1940-1941.

¹⁹ Mário Alberto Nunes COSTA, *Reflexão...*, 1991.

²⁰ É de notar que na gravura de Lisboa publicada em Georg BRAUN, *Urbium Praecipuarum Mundi Theatrum Quintum*, Colónia, s/d (1599) – desenhada em 1566 ou 1567 (*vide infra*, p.174, nota 91) – surge representado o convento do Santo Espírito com a seguinte legenda: nº 128. “*Templum Sancti Spiritu da pedreira*”.

²¹ Augusto Vieira da SILVA, *A Cerca Moura de Lisboa* (1899), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 3ª.ed, 1987.

²² Sobre esta nova linha de muralhas, veja-se Augusto Vieira da SILVA, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2 vols, 1949 (1ª ed.). Na sua versão final envolvia uma área de cerca de 110 hectares. A cerca moura anterior, que incluía a alcáçova e a medina antigas limitava uma área de apenas 16 hectares, significativamente mais restrita. Maria CALADO, Vítor Matias FERREIRA, Margarida SOUZA LOBO, “Lisboa”, in Manuel Guardiã, Francisco Javier Monclús, José Luís Oyón (Dir.), *Atlas Historico de Ciudades*



PERSPECTIVA CONJECTURAL DO TERRITÓRIO DA PEDREIRA, NOS FINS DO SÉCULO XIII

Vê-se no primeiro plano, ao centro, o Convento do Espírito Santo da Pedreira (Armazéns do Chiado), à margem do declive para o vale, já povoado de casas; em frente, em direcção ao Poente a estrada de Santos, depois «rua pública da Pedreira» (a Rua Garrett de hoje); à esquerda o Convento de S. Francisco e os Mártires; mais ao longe, o paço que foi dos Condes de Ourem (Escritórios da Companhia do Gás); à direita, o Estudo Geral (liceu) e, mais ao fundo, o Convento da Trindade.

(Desenho de Alberto Sousa).

Fig.1

Reconstituição da zona da Pedreira em Lisboa – actual Chiado – vista desde o nascente, com as casas do estudo geral de D. Dinis (fonte: Gustavo de Matos Sequeira).

Partidas, no sentido das escolas se situarem apartadas da cidade.²³ Parece ser essa, de facto, a ilação mais relevante a retirar e que nos interessará para as conclusões deste estudo. Sobre as instalações em si, nada mais revelam as fontes a não ser de que se tratava de casas novas levantadas para o efeito.²⁴ A localização escolhida não terá contribuído para os resultados esperados. Segundo Mário Nunes Costa, o estudo geral terá transitado muito provavelmente para as “casas da moeda”, também fora do primitivo núcleo muralhado, mas agora a oriente, na freguesia de Santo Estêvão em Alfama,

Europeas – Península Ibérica, Barcelona, Salvat / Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1994, p.95-125 (p.97).

²³ “De maior relevância para nós é a recomendação de que as escolas devem estar concentradas e separadas da vila, pois este precoce conceito de campus universitário parece ter estado por trás da opção dionosina da implantação e construção das primeiras instalações em Lisboa. O local, no actual Chiado, estava fora daquilo que era o perímetro urbano efectivo da cidade naquela época”. Walter ROSSA, *Diver[s]idade...*, 2001, p.499-500.

²⁴ Ainda que não se possa estabelecer, em rigor, nenhum tipo de relação directa com as casas novas do estudo, importará talvez deixar em nota que as duas casas doadas por D. Dinis a D. Martim Gil, segundo o documento já mencionado de 22 de Julho de 1291, no terreno da propriedade real “da par da padreyra” teriam cada uma delas “em longo viij.º braças e v. em ancho”, o que nas medidas actuais daria cerca de 17,6 metros de comprimento por 11 metros de largura.

“ainda no final do século XIII ou, pelo menos, antes de 21 de Agosto de 1303”,²⁵ data do segundo documento régio que havíamos citado. Apesar do primeiro registo documental relativo a esta localização datar apenas de 1377, como veremos, o mesmo autor aventava a possibilidade da instituição ter funcionado nas “casas da moeda”, ou junto a estas, antes mesmo de 1308, quando da primeira transferência do estudo para Coimbra.²⁶ Com a mudança para a cidade do Mondego **pretendeu D. Dinis evitar os recorrentes conflitos entre as comunidades académica e local**, afastando mestres e estudantes para outra cidade que não a buliçosa Lisboa.²⁷ Provavelmente, foi também nas “casas da moeda” que terá funcionado o estudo no seu breve primeiro regresso à beira Tejo, entre 1338 e 1354.²⁸

b) O bairro dos escolares trecentista

Em 1377, após segunda estância em Coimbra, e por ordem de D. Fernando, regressou novamente a universidade a Lisboa. Em documento datado de 3 de Junho, em que o monarca regulamentava a instalação do estudo na capital e lhe confirmava os privilégios, era referido o motivo da transferência: *“alguus lentes que de outros Regnos mamdamos vijñr **nom queriam leer senom na cidade de lixboa**”*.²⁹

No mesmo documento respondia positivamente às solicitações elaboradas pelo bacharel Lopo Esteves, em representação dos “reitores e universidade”, no que tocava à questão da transferência. *“Primeiramente nos pedio que fosse nossa*

²⁵ Mário Alberto Nunes COSTA, *Reflexão...*, 1991, p.57.

²⁶ *Ibidem*, p.59.

²⁷ Como se depreende do próprio texto da bula de Clemente V (26.02.1308) que autorizava a transferência de Lisboa para Coimbra: *“Ora, como se tivessem depois registado graves dissensões e escândalos entre os cidadãos daquela cidade, por um lado, e os estudantes, por outro, não podendo assim o Estudo funcionar convenientemente naquela cidade”*. Tradução de documento latino para português em **Manuel Augusto RODRIGUES (Ed.), Os Primeiros Estatutos da Universidade de Coimbra**, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1991, p.XI. O documento original, em latim, encontra-se publicado em Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol. I, 1966, doc.23, p.41-42: *“Bula de Clemente V autorizando a transferência do Estudo para Coimbra e confirmando-lhe os privilégios e graças concedidos por Nicolau IV”*.

²⁸ Mário Alberto Nunes COSTA, *Reflexão...*, 1991, p.59.

²⁹ Documento do *Livro Verde*, AUC, fl. 34-36vº, publicado por **Artur Moreira de Sá (Coord.), Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537), Vol.II**, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1968, doc.299, p.5-8 (*“Carta de D. Fernando, rei de Portugal, a transferir o Estudo Geral de Coimbra para Lisboa, regulamentando a sua instalação e confirmando-lhe os privilégios que tinha recebido”*) e por Mário Augusto Nunes COSTA, *Reflexão...*, 1991, p.113-119.

merçee de darmos bairro ao dito studo hu o ante soiya aveer convem a saber des a porta do sol adiante e des a porta dalfama adiante e des a porta de santo andré adiante”.³⁰ Estamos, portanto, diante de **uma primeira referência a um bairro da cidade afecto aos escolares**, exterior (pelo nascente) à primitiva cerca moura mas já inserido no perímetro das recém levantadas muralhas fernandinas (**fig.2**).³¹

“Outrosy nos pididrom que ffose nosa merçee que mandassemos dar scollas ao dito studo na moeda velha hu ante soiya destar”.³² As casas da moeda designavam-se agora por “moeda velha”, pois a cunhagem da moeda fazia-se já noutras instalações e noutra localização.³³ Depreende-se também, como notaram vários autores, que durante a segunda permanência do estudo em Lisboa, entre 1338 e 1354 (e talvez ainda antes, nos primeiros anos de Trezentos, como aventou Nunes Costa) a sede das escolas funcionara já nestas casas.³⁴



Fig.2

Detalhe da planta de Lisboa de J.N. Tinoco, de 1650, com a área aproximada do “bairro dos escolares”.

Portas da cerca moura:

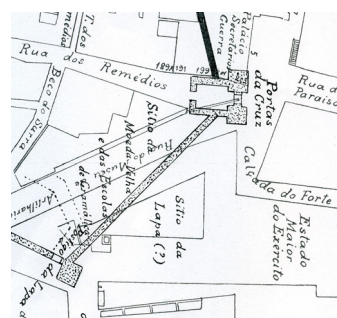
1. Porta de Santo André
2. Porta do Sol
3. Porta de Alfama

Cerca fernandina:

4. Casas da moeda velha (porta da Cruz).

Fig.3

Casas da moeda velha junto à porta da Cruz. Reconstituição de Augusto Vieira da Silva.



³⁰ “...a esto Respondemos e mandamos que nos prazia e praz de lhe ser dado o dito bairro pela guisa que per elle foi pedido ou em outro lugar honde for mais convinhavel”, *ibidem*.

³¹ As antigas porta do Sol (mais a norte) e porta de Alfama (mais a sul) pertenciam à antiga cerca moura da cidade. A de Santo André pertencia já à cerca fernandina, situada na proximidade do ângulo nordeste do castelo – veja-se a **fig.2**.

³² Artur Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.299, p.5-8.

³³ Augusto Vieira da SILVA, “Locais onde funcionou em Lisboa...”, 1919, p.10

³⁴ Mário Alberto Nunes COSTA, *Reflexão...*, 1991, p.58-59.

*“Outrosy nos pedio que ffosse nossa merçee que se per ventura no dito bairro nom ouvesse taaes casas livres em que coubessem todollos scollares que ao dito studo fossem studar que o conservador que lhes per nos ffose dado fizesse dar casas avoondo em que morassem e as fizesse livrar a sseus donos”.*³⁵ Acedia ainda o Rei, no documento, a nomear taxadores (um do estudo e outro da vila) para a definição dos preços justos dos arrendamentos das casas dos escolares bem como a permitir que o estudo tivesse no seu bairro padeiros, vinhateiros, pescadeiras e carniceiro próprios.³⁶ Dando sequência ao estipulado, logo a 1 de Julho seguinte (de 1377) nomeou D. Fernando para conservador do estudo a Afonso Martins Alvernaz,³⁷ oficial que tinha como função (definida já desde o tempo de D. Dinis) fazer “conservar” as imunidades, privilégios e liberdades da Universidade e dos seus membros.³⁸ Muniu-se também, o Rei, da necessária autorização papal para a transferência, passada a 7 de Outubro de 1377.³⁹ A nova mudança de cidade enquadrava-se no plano mais vasto de uma reforma fernandina do estudo, *“esguardando como a nos pertence de nossa terra ser acreçentada de letrados taes que seja bem Regrada em direito E em Justiça...”*.⁴⁰ Para isso pretendeu o Rei contratar novos mestres, alguns estrangeiros que, como vimos, não queriam vir senão para Lisboa. Já depois de reinstaladas as escolas, conseguiu inclusivamente do Antipapa Clemente VII nova bula de fundação para o estudo geral.⁴¹

³⁵ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.299, p.5-8 (*“Carta d D. Fernando, rei de Portugal, a transferir o Estudo Geral de Coimbra para Lisboa...”*) e Mário Alberto Nunes COSTA, *Reflexão...*, 1991, p.113-119.

³⁶ *“Outrosy os carniceiros talhasem a carne hu a soyam a talhar en tempo que outra vez steve o studo na dita çidade de lixboa convem a saber em logo que chamam a Rigueira”.* *Ibidem*.

³⁷ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.300, p.9.

³⁸ Normalmente eram dois os conservadores do Estudo. O cargo havia sido criado pela *Charta magna privilegiorum* de D. Dinis, de 15 de Fevereiro de 1309. Ver **Artur Moreira de Sá, O Infante D. Henrique e a Universidade**, Lisboa, CECQCMIDH, 1960, p.16-17.

³⁹ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.301, p.10 (*“Bula do Papa Gregório XI concedendo ao Estudo Geral de Lisboa a faculdade de conferir, com as solenidades do costume, as insígnias de doutor, mestre, licenciado e bacharel, em qualquer das faculdades autorizadas”*).

⁴⁰ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.299, p.5-8 (*“Carta d D. Fernando, rei de Portugal, a transferir o Estudo Geral de Coimbra para Lisboa...”*) e Mário Alberto Nunes COSTA, *Reflexão...*, 1991, p.113-119.

⁴¹ Bula de 7 de Junho de 1380 de Clemente VII de Avinhão, Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.351, p.89-90 (*“Bula do antipapa Clemente VII autorizando a fundação de um Estudo Geral em Lisboa”*). A nova bula, *“uma ficção jurídica, cujo valor real não passou do reconhecimento por Clemente VII duma Universidade que não cessara de funcionar”* (Mário BRANDÃO e Manuel Lopes d’Almeida, *A Universidade de Coimbra...*, 1937,

Poucos anos depois, o papel central desempenhado pelos juristas da universidade, em particular de João das Regras e de Martim Afonso, na legitimação do mestre de Avis, futuro D. João I (1358-1385-1433) como regedor e defensor do Reino, em plena crise de sucessão dinástica (1383-1385) e face às pretensões de Juan I de Castela, viria em grande medida dar razão aos intuitos gerais da reforma fernandina.⁴²

3. A sede henriquina (1431)

A 3 de Outubro de 1384, no dia seguinte à reunião de *“todollos fidalgos e gentes da cidade”*, realizada no mosteiro de São Domingos ao Rossio, donde saíra como “regedor e defensor do Reino”, expedia o mestre de Avis cinco cartas de privilégio à universidade⁴³ em reconhecimento pelo apoio recebido.

No primeiro desses documentos, confirmava todos os privilégios e prerrogativas do estudo, dados pelos Reis anteriores. No segundo, pretendeu fixar definitivamente a Universidade: *“que stee perpetuamente o dito studo em a dita cidade de lixboa e nom se mude della para a dita cidade de coimbra nem para outro nenhuu lugar”*.⁴⁴ Por alvará de 15 de Outubro, estendeu ainda os privilégios a estudantes e oficiais. Já Rei, depois da vitória de Aljubarrota, confirmava os privilégios dados como regedor e defensor do reino, em diploma de 23 de Setembro de 1385.⁴⁵

A 2 de Maio de 1389 mandava entregar ao estudo geral as *“casas da moeda velha”* livres de aluguer *“porque nom teem casas em que leeam os leedores*

p.111) serviu também para se conseguir o reconhecimento do *jus ubique docendi*, equiparando os graus concedidos com os de outras universidades (Teófilo BRAGA, *História da Universidade de Coimbra ...*, tomo I, 1892, p.122-123).

⁴² António Filipe PIMENTEL, *A Morada da Sabedoria...*, 2005, p.45.

⁴³ Os cinco diplomas encontram-se trasladados no AUC, *Livro Verde*, fls.43v-47 e em Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, docs. 376-380, p.117-123. Ver sobre este assunto Artur Moreira de Sá, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.26-31.

⁴⁴ AUC, *Livro Verde*, fls.44v-45v e Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc. 377, p.118-119 (*“Carta de D. João. Mestre de Avis, determinando que o Estudo Geral ficasse perpetuamente em Lisboa e não mudasse para Coimbra nem para qualquer outro lugar do Reino”*).

⁴⁵ AUC, *Livro Verde*, fls.48v-49 e Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc. 389, p.133 (*“Carta de D. João I de confirmação geral dos foros, usos e costumes e privilégios do Estudo Geral de Lisboa”*),

delle”.⁴⁶ M. A. Nunes Costa pondera a hipótese “com grande probabilidade” de se tratar de uma ampliação de instalações anteriores.⁴⁷ Contraditoriamente, em 1393, a 25 de Fevereiro, fazia nova doação das mesmas “casas que chamam da moeda velha que som (...) junto com a porta da cruz em que sooe destar as escollas” ao mestre da Ordem de Santiago, para a construção de um paço para os mestres.⁴⁸ Esta referência à porta da Cruz, da nova cerca fernandina, permitiu a Augusto Vieira da Silva localizar com rigor as casas da moeda velha (fig.3⁴⁹).

Reclamou a universidade e reconsiderou D. João I a seu favor, em carta de 31 de Outubro do mesmo ano (1393): “E dizem que querendo ora elles leer nas ditas casas da dita moeda velha e estar em ellas per poder da doaçam que lhes asy fez o dito Rey nosso irmão [D. Fernando] (...) Teemos por bem e mandamos que elles ajam e logrem e possuam as ditas casas pella guisa que ataaquy fezerom (...) pera leerem em ellas como dito he”.⁵⁰ Esta última afirmação, “pella guisa que ataaquy fezerom”, parece confirmar que as escolas funcionavam, de facto, nestas casas da moeda velha, pelo menos desde 1389, senão mesmo desde os tempos de D. Fernando.

O alojamento dos estudantes constituía também por essa época problema sério,⁵¹ e também nesse campo o Rei atalhava caminho, ordenando aos conservadores “que com acordo dos ditos Rectores desse studo dedes aos scollares que hij chegarem logo sem outra detença ssuas pousadas por sseus

⁴⁶ AUC, *Livro Verde*, fls.64v-65 e Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.418, p.172 (“Carta de D. João I ao almoxarife de Lisboa João Vasques mandando-lhe entregar ao Estudo Geral de Lisboa as casas da Moeda Velha que, pelo Reitor e lentes, fossem escolhidas para nelas se instalarem os Estudos”).

⁴⁷ Mário Alberto Nunes COSTA, *Reflexão...*, 1991, p.59

⁴⁸ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.473, p.215-216 (“Carta de D. João I doando a D. Mem Rodrigues de Vasconcelos as casas que chamavam da Moeda Velha, junto da Porta da Cruz, onde funcionavam as Escolas”).

⁴⁹ Augusto Vieira da SILVA, *A Cerca Fernandina de Lisboa* (1949) Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1987 (2ª ed.), Vol.II, mapa XVIII.

⁵⁰ AUC, *Livro Verde*, fls. 65 e 65v e Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.480, p.220-221 (“Carta de D. João I determinando que o Estudo Geral de Lisboa haja, logre e possua as casas da Moeda Velha, apesar da doação que anteriormente havia feito ao Mestre de Santiago”).

⁵¹ Artur Moreira de Sá, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.48

allugueres segundo he contheudo nos privilegios desse studo de guisa que ataa tres dias primeiro segujmtes sejam aposentados...”.⁵²

A autonomia universitária, reforçada por toda a série de privilégios régios entretanto reforçados e renovados (que prosseguiriam em 1408 com a confirmação do foro universitário novamente por D. João I⁵³) culminaria em 1431 com a auto-atribuição (pela última vez, diga-se) de uns estatutos próprios pela Universidade, firmados na sé de Lisboa, a 16 de Julho.⁵⁴ Não obstante, e no sentido inverso, surgiria a figura do “encarregado” ou “protector do estudo” na pessoa de um homem de confiança do monarca, cujas atribuições se foram ampliando e que ganharia importância acrescida nos inícios do século XV.⁵⁵ Foram protectores do estudo João das Regras (até falecer, em Maio de 1404), Gil Martins (também doutor) tendo-lhe provavelmente sucedido o infante D. Henrique, possivelmente em 1431 (segundo Moreira de Sá) ainda que comprovadamente só tenha utilizado a designação a partir de 1436.⁵⁶ Este último desempenharia papel relevante em aspecto particular que pretendemos aqui tratar – o das instalações.

⁵² AUC, *Livro Verde*, fls. 65v e 66 e Artur Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.515, p.248 (“Carta de D. João I dirigida ao Conservador do Estudo Geral de Lisboa determinando que não fizesse as audiências na Sé mas perto do Estudo e estabelecendo um prazo para dar alojamento aos escolares que lho requeressem”, de 23 de Abril de 1397).

⁵³ AUC, *Livro Verde*, fls. 69v e 70 e Artur Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium...*, Vol.II, 1968, doc.595, p.323-324 (“Carta de D. João I dirigida ao Corregedor João Afonso Fuseiro recomendando a observância dos privilégios concedidos por D. Dinis e posteriormente confirmados, segundo os quais era ao conservador da Universidade que pertencia conhecer os feitos crimes e cíveis, praticados pelos estudantes”, de 4 de Maio de 1408). Sobre o foro universitário veja-se **António de VASCONCELOS**, “Génese e evolução histórica do fôro académico da Universidade Portuguesa” (1917), *Escritos vários relativos à Universidade Dionisiana*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1937, Vol.I, p.297-334.

⁵⁴ Estatutos reproduzidos em **Artur Moreira de SÁ (Coord.)**, *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol.IV, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1970, doc.949, p.15-19 (“Estatutos do Estudo Geral da Universidade de Lisboa”) e em Manuel Augusto RODRIGUES (Ed.), *Os Primeiros Estatutos...*, 1991, p.15-25. Sobre este assunto veja-se também Artur Moreira de SÁ, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.55-62: “Segundo o diploma, estes estatutos foram jurados, como era hábito, à porta da Sé pelo reitor, professores, conservadores, etc...” (p.56). Na sé de Lisboa realizavam-se as cerimónias religiosas do estudo geral bem como os actos decorrentes da outorga dos graus de licenciado e de doutor. O cancelário do estudo, responsável pelos graus, era aliás o bispo de Lisboa. Nos estatutos, entre outros aspectos, eram definidos os trajes dos lentes e dos estudantes.

⁵⁵ Artur Moreira de SÁ, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.39-41. Veja-se, também, o capítulo dedicado ao surgimento desta figura universitária em António Filipe PIMENTEL, *A Morada da Sabedoria...*, 2005, p.50-65.

⁵⁶ Artur Moreira de SÁ, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.49-52.

Duas ordens de factores terão contribuído para intervenção empenhada do Infante nesta área, nomeadamente o aumento pretendido do número de matérias e disciplinas a leccionar no estudo (que implicava necessariamente uma infra-estrutura alargada de espaços lectivos) bem como a inexistência, de base, de instalações condignas para as escolas.

Logo em 1431, a 12 de Outubro, comprou o infante *“huuns paços, e assentamentos de casas com seus pardieiros e chãos (...) na freguezia de S. Tomé”*⁵⁷ a João Anes e sua mulher para as doar, no mesmo dia, à universidade. No documento de doação justificava a cedência porque

“ella [universidade] nom tijinha casas próprias em que leessem, e fizessem seus actos scolasticos de todas as sciencias, ante andava sempre por casas alheas, e de aluguer, como cousa desabrigada e desalojada”, “...entendendo que se a dita universidade tevesse morada e casas de seu, que esto seria azo de mais seu assesego...”.⁵⁸

Seguidamente, fazia descrição detalhada das instalações, estabelecendo uma primeira distribuição das disciplinas – *“todas as sciencias aprovadas pella Santa Madre egreja”* – pelos diferentes espaços do complexo, indicando imagens e símbolos a colocar em cada sala:

“Scilicet, as sete artes liberaes. Scilicet gramática, lógica, Retórica, Aresmetica, Musica, geometria, Astrolegia; e estas todas ordeno que se leeam em a casa pequena, que esta a par da grande térrea cujas Portas saaem à clasta,⁵⁹ e hi stem pintadas as sete artes liberaaes, afora a gramática, que he de grande aroido, a qual mando que se leea na casa de fora, que he das pertenças das ditas casas; e a Lógica se leea na logea, que se corre também de fora per o quintal: e a Medicina se leea na outra loja parede em menos com esta, que se corre pera dentro, e hi

⁵⁷ AUC, *Livro Verde*, fls100-101. Documento publicado por José Maria RODRIGUES, “O Infante D. Henrique e a Universidade”, *O Instituto*, Vol. XLI (1893-1894), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1894, p.485-508 (p.494-496) e por Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.IV, 1970, doc.955, p.26-27 (*“Carta de venda ao Infante D. Henrique de umas casas, sitas à freguesia de S. Tomé, destinadas à Universidade do Estudo de Lisboa”*).

⁵⁸ AUC, *Livro Verde*, fls101-102v. Documento publicado por José Maria RODRIGUES, “O Infante D. Henrique...”, 1894, p.496-498 e por Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.IV, 1970, doc.956, p.28-30 (*“Carta de doação das casas que o Infante D. Henrique comprou para a Universidade”*, 12 de Outubro de 1431).

⁵⁹ Não é totalmente claro quais as portas que davam para a “clasta”, se as da casa grande, se da pequena., se eventualmente de ambas.

*Seia pintado Gualliano. Nos sobrados destas, no primeiro se leea a santa Theologia, a hij este pintada a santa Trijndade: e no segundo se leea de degretaaes, e hi este pintado huum Papa; e no de sobre as Artes se leea de Philosophia natural e moral, e hii estee pintado Aristóteles: E na salla parede menos com esta, que estaa sobre o Alpendre da Crasta, se lêem as leis e hij estee pintado huum Emperador: E em a salla grande da metade estee huma cadeira e bancos pera reguardo de algum leente se creçer pera se em ella fazerem os Autos solenes. E em a casa pequena, que estaa da mão esquerda desta casa more o bedel, e huum Casejro, que tenha as ditas casas limpas, e as abra e çarre, quando comprir, e stee em as ditas casas huuma campainha, aqual se tanga quando ouverem de fazer conselho ou algum trautado commum”.*⁶⁰

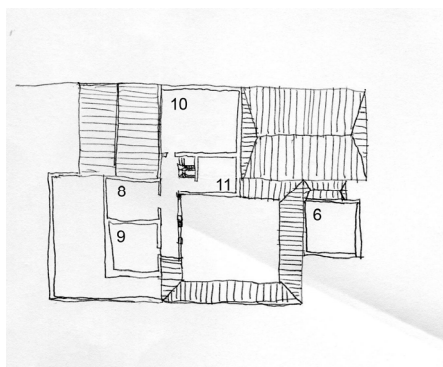
Sobre as instalações poucas conclusões definitivas se poderão adiantar. Aparentemente, as escolas compunham-se de cinco/seis casas associadas umas às outras, umas térreas, outras sobradadas:

- a “casa grande térrea”, correspondente à sala de actos, espaço central das novas escolas e que se previa devidamente equipado;
- a “casa pequena” (que estava “a par” da casa grande) e que albergaria as artes liberais no pavimento térreo e aulas de filosofia moral no andar superior. Neste andar deveria incluir-se um acrescento, correspondente à classe das leis, sobre o “alpendre da crasta”;
- uma “casa de fora”, que dava também para o quintal, que albergava a ruidosa classe de gramática;
- uma(s) outra(s) casa(s) que incluiria(m) duas lojas no piso térreo (classes de lógica e medicina) e duas salas no piso superior (classes de teologia e de decretais/cânones);
- uma “casa pequena” para residência do bedel e do caseiro, que deveria ter dois andares, dotada de um campanário, situada “à mão esquerda” da casa da sala dos actos, muito provavelmente junto da entrada das escolas;

⁶⁰ Vide supra nota 58.

Haveria uma claustro, ou pátio, dotada de galeria em pelo menos um dos lados (“alpendre” sob o geral de leis) sendo também possível inferir pela descrição que as dependências escolares não rodeavam todos os lados da referida claustro. Mandava o Infante, ainda no documento de doação, que se pusesse uma lápide sobre a porta das escolas “*pera sempre*”.⁶¹

Com base nestes elementos tentámos uma reconstituição da sede henriquina, necessariamente conjectural (**figs 4-6**), dada a falta de informação objectiva sobre aspectos relevantes – desde logo, sobre o quadrante da entrada nas escolas. Serve a reconstituição para ter uma ideia geral das instalações, nas quais se nota, sobretudo, a adaptação a partir de uma série de imóveis pré-existent e a ausência de uma capela própria do estudo. Servia de capela da universidade a paroquial de São Tomé, hoje desaparecida, e que estaria adstrita à instituição desde 1414.⁶² O conjunto implantava-se naquela antiga freguesia, como aliás refere o documento de compra das casas.



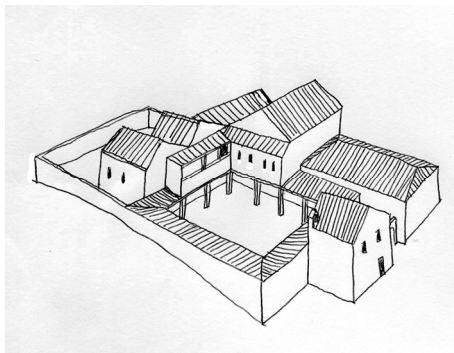
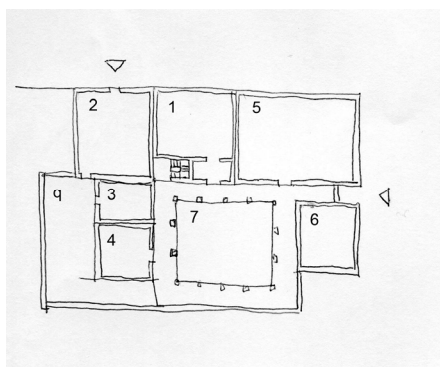
Figs.4-5

Reconstituição conjectural da sede henriquina do estudo geral de Lisboa. Plantas dos pisos superior e térreo (desenho do autor):

1. “Casa pequena” (classe de artes liberais);
2. “Casa de fora” (classe de gramática);
3. “Loja” (classe de lógica); 4. “Loja” (classe de medicina); 5. “Casa grande térrea” (sala de actos);
6. Casa do bedel e do caseiro; 7. “Crasta” (pátio);
8. Classe de teologia; 9. Classe de decretais;
10. Classe de filosofia natural e moral;
11. Classe de leis; q. Quintal

Fig.6

Reconstituição conjectural da sede henriquina do estudo geral de Lisboa. Vista geral (desenho do autor).



⁶¹ Citação do documento citado na nota 58, notada por António Filipe PIMENTEL, *A Morada da Sabedoria...*, 2005, p.53. Paralelamente, o infante D. Henrique instituiu a obrigação de todos os lentes e escolares se deslocarem em préstito para celebrarem missa por sua alma na igreja do convento da Graça, todos os anos a 25 de Março.

⁶² “Em 1414, a Universidade de Lisboa terá tomado posse dela, ignora-se a que título”. Eduardo SUCENA, “S. Tomé (Igreja de)”, in Francisco Santana, Eduardo Sucena (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994, p.825-826

Fig.7

Detalhe da planta de Lisboa de J.N. Tinoco, de 1650, com a área onde esteve implantado o antigo estudo geral henriquino, junto dos muros do castelo de São Jorge.



Sobre a sua localização específica ajuda-nos sobretudo a referência feita por Damião de Góis, em 1567, na *Chronica do felicíssimo Rei D. Manuel*: “mudou as Scholas geraes de Lisboa, que stavão acima da Egreja de Sam Thomé contra ho muro velho...”.⁶³ A sede henriquina da universidade situava-se, portanto, entre o actual pátio de D. Fradique e as calçadas dos cegos e do Menino de Deus (**fig.7**), encostada ao muro nascente da alcáçova lisbonense. Contudo, não é hoje possível fazer corresponder a descrição atrás reproduzida com alguma zona particular da actual situação, repartida entre um conjunto de casas em ruína parcial (na área mais a sul) e a respeitável mole edificada da igreja e convento setecentistas do Menino Deus (na área mais a norte) que substituiu construções pré-existentes, a partir do início da sua construção, em 1711.⁶⁴

As disciplinas elencadas pelo infante – doze – na carta de doação (1431) representavam um acréscimo relativamente às oito que faziam parte do curriculum em 1400 e 1418, como notou Moreira de Sá.⁶⁵ Notou também este autor a criação de três novas cadeiras (a aritmética, a geometria e a

⁶³ **Damião de GÓIS, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*** (1567), Nova edição, conforme a primeira, anotada prefaciada por Joaquim Teixeira de Carvalho e David Lopes, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, Vol. IV, p.204.

⁶⁴ **Manuela BIRG, “Menino Deus (Igreja do)”**, in **Francisco Santana, Eduardo Sucena (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa***, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994, p.574-575. Sobre o que existia anteriormente, refere-se que “Nesse local existiam em princípios do séc. XVIII umas casas com capela que os mantelatos da Ordem Terceira de S. Francisco de Xabregas adquiriram para aí fundarem um hospital”.

⁶⁵ Disciplinas constantes em 1400 e 1418: leis, decretais (cânones), gramática, lógica, física (medicina), filosofia, teologia, música. Matérias mencionadas na carta de doação de 12 de Outubro de 1431: leis, decretais (cânones), gramática, lógica, medicina, filosofia natural e moral, teologia, música, retórica, “Aresmética” (aritmética), geometria, “Astrolegia” (astronomia). Artur Moreira de Sá, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.66.

astronomia) com aplicação prática e directa na empresa dos descobrimentos.⁶⁶ Cabe, a propósito deste crescimento, fazer referência a Salamanca. Vimos que foi no também início do século XV (1415-1433) que se definiram as primeiras instalações universitárias próprias, igualmente como resposta a um aumento do elenco de matérias e disciplinas, em número não muito superior ao que se pretendeu fazer em Lisboa.⁶⁷ Curiosamente, como vimos também, na nova biblioteca das *Escuelas Mayores* (c.1479) repetir-se-iam os motivos das artes liberais, desta feita associados dos signos do zodíaco, pintados em fresco no famoso “*Cielo de Salamanca*”.

Importa referir ainda a afectação de dez marcos de prata, de rendimentos da ilha da Madeira, à cadeira de *prima* de teologia feita pelo infante em 1448,⁶⁸ dotação aumentada para doze marcos, em 1460.⁶⁹ O ensino da teologia (que se processara logo desde os primeiros tempos de funcionamento do estudo geral, como parece ter demonstrado José Antunes⁷⁰) tinha lugar em escolas públicas dos conventos franciscano e dominicano (tanto em Lisboa como em Coimbra) e por vezes nas sedes do estudo.⁷¹ Com o apoio financeiro do Infante à nova cátedra dava-se um passo importante em direcção à centralização

⁶⁶ *Ibidem*, 1960, p.67.

⁶⁷ Entre 1381 e 1411 passou-se de um total de 11 cátedras de 6 matérias (leis, decretais, decreto, medicina, lógica e gramática) para 25 cátedras em 14 matérias (leis, decretais, decreto, teologia, medicina, lógica, filosofia, gramática, retórica, música, astrologia, geometria, aritmética e de hebraico, caldeu e árabe). **Ángel VACA LORENZO**, “**Capacidad docente y necesidades funcionales de la nueva feria de los estudios y letras. La Universidad de Salamanca en la Edad Media**”, *La Península en la Edad Media. Treinta años después*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006, p.358. No início do século XV a universidade de Salamanca teria cerca de 600 alunos o que permite pensar que o número de estudantes no estudo geral de Lisboa fosse um pouco inferior.

⁶⁸ **Artur Moreira de Sá (Coord.)**, *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol.V, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1972, Doc.1421, p.59-61 (“*Carta do Infante D. Henrique estabelecendo uma pensão perpétua de dez marcos de prata anuais para manter a cadeira de prima de Teologia na Universidade de Lisboa e impondo diversas obrigações ao respectivo lente*”, de 25 de Março de 1448). Uma das obrigações do lente de *prima* de teologia era a de proferir a oração de sapiência no início de cada ano. Veja-se também Artur Moreira de Sá, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.69-70.

⁶⁹ **Artur Moreira de Sá (Coord.)**, *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol.VI, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1974, doc.1947, p.177-178 (“*Carta do Infante D. Henrique estabelecendo uma pensão perpétua de doze marcos de prata, anuais, para o lente de prima de Teologia do Estudo Geral de Lisboa e ainda algumas outras obrigações*”, de 22 de Setembro de 1460).

⁷⁰ **José ANTUNES**, “**A Teologia**”, in *AAVV*, *História da Universidade em Portugal*, Coimbra/Lisboa, UC/FCG, 1997, p.237-269.

⁷¹ Veja-se o quadro “*Leitores de Teologia na Universidade e nos Conventos (séculos XIII a XVI)*”, *ibidem*, p.265-269.

efectiva do ensino de todas as matérias universitárias numa única infraestrutura. Concomitantemente, o próprio *studium* teológico do convento de São Francisco de Lisboa (que havia sido elevado á condição de *studium generale* franciscano em 1340⁷²) foi incorporado na universidade em 1453,⁷³ escassos cinco anos após a dotação henriquina. Citando Moreira de Sá, “a Universidade de Lisboa, devido à acção do Infante, alcançou uma posição que jamais tivera”.⁷⁴

Sucederam-se ao infante D. Henrique como protectores do estudo, e após a morte deste em 1460, o seu filho adoptivo infante D. Fernando (filho de D. Duarte, que falecera em 1438, e pai do futuro Rei D. Manuel) que herdara o cargo, D. Rodrigo de Noronha, bispo de Lamego e sobrinho de D. Afonso V, em 1476 (nomeado pelo Rei) e D. Jorge da Costa, o “cardeal Alpedrinha”, a partir de 1479 – cuja “eleição” fora encomendada pelo mesmo Afonso V (1432-1438-1481). Depois, e a partir de D. João II (1455-1481-1495), foram protectores os próprios Reis. Da acção deste monarca registe-se a colocação de um relógio nas escolas, instrumento fundamental para o quotidiano do estudo⁷⁵

d) A sede manuelina (1503)

Data de 1 Setembro de 1443 a carta de venda feita por D. Álvaro de Castro, senhor de Cascais, e de sua mulher de umas casas “na cidade de lixboa no

⁷² *Ibidem*, 1997, p.245

⁷³ A. Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.V, Doc.1711, p.353-354 (“Bula do Papa Nicolau V ordenando que o Estudo Geral de S. Francisco de Lisboa fosse incorporado na Universidade de Lisboa”, de 26 de Junho de 1453). Veja-se também José ANTUNES, “A Teologia” ..., 1997, p.245 e p.258. Segundo este autor, e a partir da referida incorporação, os franciscanos que pretendiam estudar teologia passaram a frequentar as aulas da Universidade. Já os dominicanos providenciaram lentes de teologia tanto para as classes universitárias como para o seu estudo próprio, que mantiveram. A partir de finais do século XV, também os graciosos (eremitas de Santo Agostinho) ocuparam com frequência as cátedras teológicas da universidade (p.265-269).

⁷⁴ Artur Moreira de Sá, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.81.

⁷⁵ **Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol.IX**, Lisboa, INIC, 1985, doc. 3396, p.14 (“Carta de D. João II determinando que não se dispensasse importância alguma do dinheiro da Universidade de Lisboa, a não ser para os fins que indica”, de 19 de Fevereiro de 1491). Veja-se também **António Santos PEREIRA, “A Universidade do período dos descobrimentos: aspectos do quotidiano no bairro dos escolares em Lisboa de finais de quatrocentos e primórdios de quinhentos”, *Actas do Congresso «História da Universidade»*, Coimbra, COCHU, 1991, Vol.3, p.227.**

bairro dos escolares...” ao infante D. Henrique.⁷⁶ “*E vallas vendemos com seu quintall E çircuito E com todo seu bairro E senhorio*”.⁷⁷ A carta de venda é omissa relativamente à função a que se destinavam as casas, embora registre no verso uma inscrição que reporta terem sido destinadas à universidade.⁷⁸ Contudo, a utilização destas casas para sede das escolas está apenas documentada a partir de uma carta régia de 8 de Janeiro de 1503, data em que foram efectivamente doadas à universidade pelo Rei D. Manuel (1469-1495-1521) que, no entanto, teve de as comprar aos herdeiros do infante D. Henrique,⁷⁹ falecido em 1460. Um documento anterior de 1492 refere-se a uns “Paços do Infante” que existiam no bairro dos escolares⁸⁰ sendo de admitir que se tratasse das mesmas casas compradas em 1443 e que o infante D. Henrique as adquirira para seu paço. Documentação quinhentista, que referiremos de seguida, vem confirmar a tese (já defendida por Vieira da Silva⁸¹) de que as casas terão servido a universidade, de facto, mas apenas a partir da doação de D. Manuel.

⁷⁶ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.IV, doc. 1322, p.396-397 (“*Carta de venda ao Infante D. Henrique, por D. Álvaro de Castro, de casas no Bairro dos Escolares que aquele destinou à Universidade de Lisboa*”, de 1 de Setembro de 1443).

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ “*Compra que o infante dom Anrique conpro umas casas pera a universidade en lisboa*”. Artur Moreira de Sá baseou-se neste elemento para referir que o infante “*dotou a Universidade com casas próprias, o que fez em duas ocasiões diferentes*” (em 1431 e 1443, portanto - Artur Moreira de Sá, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p. 63-64 e p.89). O que julgamos não foi o caso, como se expõe no texto. De resto, a inscrição no verso parece ser de época posterior ao documento como se infere da grafia da palavra “lisboa” em vez de “lixboa”, como era usual no tempo.

⁷⁹ Documento citado por Artur Moreira de Sá, *O Infante D. Henrique...*, 1960, p.64. Nesta missiva D. Manuel “*diz ter comprado «cassas que estam no dito bairro que foram do Iffante dom amrrique e ora eram do Condeestabre meu sobrinho», e delas fez «doaçam deste dia pêra todo o sempre e universidade do dicto studo»*” – documento que não surge elencado no *Chartularium Universitatis Portugalensis*.

⁸⁰ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol. IX, doc. 3452, p.61 (“*Emprazamento onde se faz referência às casas que o Mosteiro de S. Vicente de Fora tinha no Bairro dos Escolares, abaixo dos Paços do Infante*”, de 4 de Abril de 1492).

⁸¹ “*Voltando porém ao meiado do século XV, vemos que o Infante D. Henrique, por escritura de 1 de Setembro de 1443, comprou a D. Álvaro de Castro, senhor de Cascais, e a sua mulher D. Isabel, umas casas com um quintal no bairro dos Escolares, que partiam com outras casas do mesmo Infante. Faz notar Leitão Ferreira que dessa escritura não consta que o Infante tenha doado essas casas à Universidade, mas como ela foi arquivada no cartório da mesma, daí se originou o engano de vários autores, que sobre o assunto teem escrito, de dizerem que o Infante D. Henrique havia entregue à Universidade, os seus Paços no sítio das Escolas Gerais,...*”. Augusto Vieira da SILVA, *Locais onde funcionou...*, 1919, p.12-13.

Desde logo uma interessante passagem dos estatutos manuelinos,⁸² de data desconhecida, mas provavelmente do mesmo ano de 1503, onde refere D. Manuel que

*“ho Iffante dom Emriquee, de boa memoria, meu tio fez doaçam ao dicto studo de casas em que leessem (...) e nos por fazermos o que devemos a nosso oficio e dignidade real (...) e nobrecimento da dicta cidade [de Lisboa] fazemos mercee e doaçam aa dicta universidade **doutras casas** em lugar que parece mais conveniente edificadas em forma e disposiçam de scollas geraees”.*⁸³

Alguns anos depois em acta do conselho da universidade, realizado a 23 de Fevereiro de 1510, refere o bedel João Afonso que **“avia sete ou viij [8] años que a univssidade Era mudada a estas scolas”**.⁸⁴

Deste modo, D. Manuel **“mudou as Scholas geraes de Lisboa, que stavão acima da Egreja de Sam Thomé contra ho muro velho, & has fez de novo abaixo de Sancta marinha, onde eram hos Paços do infante dō Henrique seu tio”**, como esclarece o relato, já aqui citado, de Damião de Góis.⁸⁵ O Rei deslocou pois a universidade das casas junto à alcáçova do castelo (doadas em 1431) para os paços do infante D. Henrique (as casas que este comprara para si em 1443) situadas a cota mais baixa no bairro de Alfama, ou seja no mesmo “bairro dos escolares”. Trata-se, no entanto, **de duas localizações e de dois conjuntos edificadas distintos**, facto que nem sempre tem sido devidamente salientado.

Notou António dos Santos Pereira que junto da paróquia de Santa Marinha haveria escassa pressão demográfica, *“sendo raros os edifícios que se elevam em mais de um piso e mesmo muito frequentes as casas térreas, usufruindo algumas de largos quintais”*.⁸⁶ Situação natural se nos lembrarmos que o desenvolvimento urbano de Lisboa se fazia preferencialmente no sentido

⁸² Estatutos publicados em Manuel Augusto RODRIGUES (Ed.), *Os Primeiros Estatutos...*, 1991, p.27-41.

⁸³ *Ibidem*, p.29.

⁸⁴ Mário BRANDÃO (Ed.) *Actas dos Conselhos da Universidade de 1505 a 1537*, Vol.I, Coimbra, 1968, p.117-118: 23.02.1520 – “Conselho em que se determina que se façam casas para o bedel...”

⁸⁵ Damião de GÓIS, *Crónica do Felicissimo Rei ...* (1567), 1926, Vol. IV, p.204.

⁸⁶ Aí se concentravam artífices ligados à construção naval, António dos Santos PEREIRA, “A Universidade no período dos descobrimentos...”, 1991, p.221-222.

oposto, sobre a área poente da cidade, com o loteamento e construção da Vila Nova de Andrada e do Bairro Alto, já para lá da cerca fernandina, a partir de 1498.⁸⁷ No bairro dos escolares refugiavam-se ainda foragidos à justiça e “mulheres de mau viver” tirando partido da zona de jurisdição universitária, como sugere carta de D. Manuel à universidade instando-a a resolver o problema.⁸⁸

As casas que o Infante comprara junto a Santa Marinha constituíam uns paços dotados de um relativamente amplo pátio central, de que chegaram vestígios construídos aos nossos dias – o actual pátio dos Quintalinhos (**fig.8**⁸⁹), com acesso pela rua Direita das Escolas Gerais. Este conjunto, que sofreu obras de melhoramento importantes na adaptação às escolas, como veremos, surge representado e bem visível na gravura de Lisboa publicada por Braun (em detalhe, na **fig.9**) na obra *Urbium Praecipuarum Mundi Theatrum Quintum* (Colónia, s/d - 1599⁹⁰), com direito a número e legenda própria: “23. Scholae generales ubi antiquite Scientie profitebãte nunc sunt Conimbrie”. A gravura, desenhada por Hoefnagel em 1566 ou 1567,⁹¹ corresponde a período posterior à transferência definitiva da universidade para Coimbra (1537), dá-nos ainda uma ideia muito clara (e a nosso ver, bastante aproximada) do que terá sido a última sede da universidade em Lisboa⁹² – voltaremos a ela mais adiante.

⁸⁷ Sobre o desenvolvimento urbano de Lisboa na época manuelina veja-se **Hélder CARITA, Bairro Alto. Tipologias e Modos Arquitectónicos**, Lisboa, Câmara Municipal, 1990 e **Hélder CARITA, Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)**, Lisboa, Livros Horizonte, 1999, em particular as p.53-80 e p.91-108

⁸⁸ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol. IX, Doc. 3615, p.198: 28.02.1496: “Carta de D. Manuel determinando que sejam expulsas do bairro dos Escolares as pessoas de mau viver”.

⁸⁹ Detalhe de planta do **Atlas da Carta Topographica de Lisboa**, levantada em 1856, 1857 e 1858 por ordem de Sua Magestade, sob direcção do Conselheiro Filipe Folque, Brigadeiro graduado do Exército, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, Chorographicos Hydrographicos do Reino, por Carlos Pezarat, Francisco Goullard e César Goullard, 1859. Corresponde a um total de 65 folhas à escala 1:1000, sendo a que representa a área em análise a folha nº 44. O levantamento foi editado recentemente: **Inês M. VIEGAS, Alexandre A. TOJAL (Coord.), Atlas da Carta Topographica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque (1856-1858)**, Lisboa, Câmara Municipal, 2000.

⁹⁰ “O quinto volume, aquele que a Portugal mais interessa, não tem data de edição, mas sabe-se que viu a luz da publicidade no ano de 1599. As estampas portuguesas, Coimbra, Lisboa e Braga, aparecem neste volume, nem sempre por esta ordem...”, **Armando Carneiro da SILVA, Estampas Coimbrãs**, Coimbra, Câmara Municipal, 1964, Vol. I, p.2.

⁹¹ *Ibidem*, p.7-8 e p.18.

⁹² O detalhe com o edifício do Estudo Geral manuelino foi já publicado em **Rómulo de CARVALHO, História do Ensino em Portugal**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986,



Fig.8
Detallhe da planta
nº44 da *Carta
topographica de
Lisboa*, de 1856-58,
com indicação do
“Páteo dos
Quintalinhos”, antiga
sede do estudo
geral manuelino

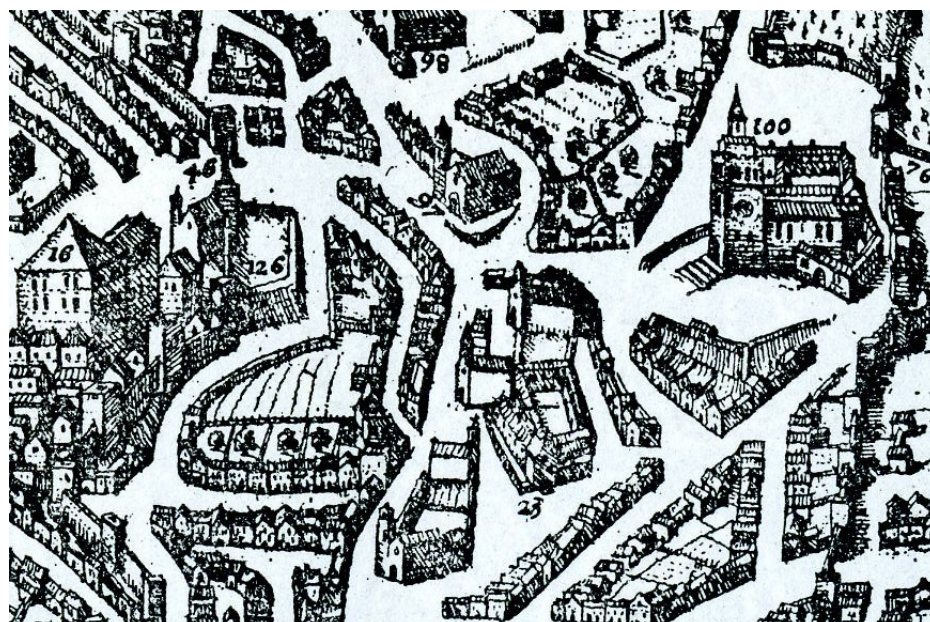


Fig.9
Detalhe da vista de
Lisboa de Hoefnagel
/ Braun (cª1566-67)
com o edifício do
estudo geral
manuelino (nº23)
junto ao convento
de São Vicente de
Fora (nº100).

Importa notar na documentação da universidade de Lisboa quinhentista, em particular a publicada no primeiro e único volume editado das *Actas dos Conselhos da Universidade de 1505 a 1537*,⁹³ as referências a uma capela, à casa do bedel, à casa do vigário de Santa Marinha e ainda a uma livraria.

p.155 e por Joaquim PARRO, “A Universidade medieval portuguesa e a sua localização em Lisboa”, *Diário de Notícias* – suplemento *Cultura*, 15.11.1984, p.32-33.

⁹³ Não tivemos oportunidade de consultar e sistematizar (no âmbito dos limites deste trabalho) documentação inédita relativa às actas dos conselhos da universidade, no último período da sua permanência em Lisboa, e que se encontra guardada no Arquivo da Universidade de

A grande novidade relativamente à sede henriquina parece ser o aparecimento de um espaço exclusivo para o culto, de **uma capela** associada ao próprio recinto das escolas – conquanto a igreja paroquial de São Tomé funcionasse provavelmente, e com anterioridade, associada à universidade.⁹⁴ É conhecida a nomeação de João Gil para (primeiro?) capelão da universidade em conselho de 20 de Outubro 1506.⁹⁵ Podemos também registar que a capela foi construída, em parte, sobre a antiga casa do vigário da igreja de Santa Marinha, como deixa transparecer a acta do conselho universitário de 6 de Novembro de 1512 em que se propõe precisamente reparar o prejuízo imposto ao pároco: *“foy acordado e determinado q o dco Rdor fizesse a dita casa no chão que o studo tem detrás as escolas no cabo delo juto cõ as casas de pero de santiago da grãdura q era a casa q se tomou da dita Egja pera someter a capela do dco studo”*.⁹⁶ Apesar de se tratar aparentemente de uma nova estrutura, *“a velha [sic] capela onde chovia, foi coberta de novo”* alguns anos depois.⁹⁷

Paralelamente, podemos também acompanhar a construção de **uma casa para o bedel**, no seguimento das recomendações feitas por D. Manuel nos próprios estatutos: *“Item ordenamos que ho bedel more nas casas que pera elle sam deputadas nas escolas geraees ...”*.⁹⁸ Contudo, apenas a 12 de Janeiro de 1510 se refere, em conselho universitário, a construção de uma casa para o bedel.⁹⁹ E só em nova reunião efectuada mais de dois anos depois, a 25 de

Coimbra. Mário Brandão, publicou somente o primeiro volume das *Actas dos Conselhos...*, Coimbra, 1968, que recolhe informação a partir de 1505 e apenas até 1513.

⁹⁴ Vide *supra* nota 62.

⁹⁵ Mário BRANDÃO (Ed.), *Actas dos Conselhos...*, 1968, p.5: 20.10.1506 - “Conselho de conselheiros em que foi eleito capelão João Gil”.

⁹⁶ Mário BRANDÃO (Ed.), *Actas dos Conselhos...*, 1968, p.218: 06.11.1512 – “Conselho em que se determina a construção da casa para o vigário geral de Santa Marinha”.

⁹⁷ Joaquim Teixeira de CARVALHO, “Pedro de Mariz e a Livraria da Universidade de Coimbra”, *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, Vol.I, p.389-398, p.438-446, p.482-494, p.533-542 (p.534). O autor não especifica o documento nem a data onde se refere a obra da nova cobertura da capela.

⁹⁸ Manuel Augusto RODRIGUES (Ed.), *Os Primeiros Estatutos...*, 1991, p.35.

⁹⁹ “Acordará todos os ditos Sres nemjne discrepãte q avendo respeito aas escolas por ser edeficio nobre e Real & bem asi o bedel por ser official da univsidade por ñ avere~ de ter mães de hu~ sobrado por se ñ tirar o lume das frestas, determinarã que todo o chão e casa q o dco fernã daº reqre se meta nas casas pera o dco bedel”, Mário BRANDÃO (Ed.), *Actas dos Conselhos...*, 1968, Vol.I, p.112-113: 12.10.1510 – “Conselho em que se determina que se construa uma casa para o bedel”.

Agosto de 1512, se especificava como deveria ser feita a casa daquele oficial do estudo:

*“madarã logo a fernã daº Rdor. [Fernando Afonso Recebedor] do dcho studo q psente stava q dese orde~ como as casas do bedel fosem fcas [feitas] no lugar (...) *q pera isso foy ordenado* E as casas foram estas .s. huã casa dianteira & huã câmara *fora de* & hu scptoreo e huã cozinha & estas casas todas sobradadas & bem repartidas cõ suas chaminés...”*¹⁰⁰

Meteu o recebedor mãos à obra mas logo no ano seguinte recusava-se a fazer um cano para escoar água da cobertura da livraria. Fernando Afonso, que *“tinha fetas todas as obras das escolas”*,¹⁰¹ *“começara a edificar de taipa sobre, paredes velhas e podres”* as casas do bedel, *“sem atender ao que convinha a sua honra [do bedel] e à de tal Universidade”*, segundo esclarece Teixeira de Carvalho. O conselho universitário mandara Fernando Afonso derrubar a obra feita afastando-o da gestão das obras mais importantes – pelo que este recusava também a gestão das mais simples.¹⁰²

É também feita referência frequente, na documentação conhecida, a **uma livraria** ou **biblioteca**,¹⁰³ função que ganhava o maior relevo nos outros edifícios universitários peninsulares (como em Salamanca), acompanhando naturalmente o aumento exponencial do número de livros, decorrente do advento e expansão da imprensa. De resto, parece ter existido com anterioridade um espaço de livraria na sede henriquina como se infere da seguinte passagem de um documento escrito pelo bedel e datado de 17 de Fevereiro de 1513: *“...o dicto Rdor [recebedor] nos etregou cicoenta e oyto volumes de livros (...) que leyxou o Ldº. Diº lopez por sua morte ao dito studo todos ecadernados & bem asi etregou setenta livros de toda stientia “q stavã na dita livraria nas escolas velhas...”*¹⁰⁴

¹⁰⁰ Mário BRANDÃO (Ed.), *Actas dos Conselhos da Universidade...*, 1968, Vol.I, p.213: 25.08.1512 – *“Conselho em que se determina como deve ser feita a casa bedel”*.

¹⁰¹ Documento de 12.02.1513 em AUC, *Livro I dos Livros da Universidade de Lixboa, de 1506 até 1526*, Caderno 1º, fol. 119, citado por Joaquim Teixeira de CARVALHO, *Pedro de Mariz e a Livraria...*, 1914, p.391.

¹⁰² *Ibidem*, p.391-392.

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p.397.

Relativamente à livreria da sede manuelina, de que se conhecem referências, pôde Teixeira de Carvalho situa-la (em interessantíssimo estudo) numa casa ou dependência térrea, mal construída e afectada pela humidade.¹⁰⁵ Para fazer face a estes problemas pretendia a universidade levantar uma nova biblioteca, sobradada, sobre a antiga, em Março de 1535, período em que já se devia reear a iminente transferência da universidade para Coimbra.¹⁰⁶

Não é claro e seguro que se tenha realizado esta importante obra de melhoramento. Na opinião daquele investigador a obra fez-se, “*apesar de por esse tempo se tratar com actividade [o Rei] da mudança dos Estudos Gerais para Coimbra, ao que pretendiam obstar-se os lentes*”.¹⁰⁷ O avanço da obra prender-se-ia, naturalmente, com a referida oposição da corporação. Teixeira de Carvalho apoia a sua hipótese no inventário dos livros da biblioteca assinado pelo bedel Nicolau Lopes, existente no Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC) ao qual atribui a data de 1536.¹⁰⁸ Este inventário organiza-se de acordo com um conjunto de 24 estantes convenientemente dispostas, 12 a cada lado de um corredor central,¹⁰⁹ certamente perpendiculares ao comprimento da biblioteca e intercaladas por janelas, como era canónico na época:

¹⁰⁵ Comprovam esta situação uma série de documentos. Em 12 de Fevereiro de 1513, em conselho universitário, ordenava o reitor que o recebedor Fernando Afonso “*mãdasse fazer o cano da livreria p^a lançar agoa fora e así lhe dise q mãdasse fazer as cadeas p^a os livros da livreria do studo p^a q os ditos livros stem e~ sua ordem p^a studare~ por eles...*” (AUC, *Livro I dos Livros da Universidade de Lixboa, de 1506 até 1526*, Caderno 1^o fol. 118, citado por Joaquim Teixeira de CARVALHO, *Pedro de Mariz e a Livreria...*, 1914, p.389-390). Passados alguns anos, a 30 de Julho de 1530, e de modo a resolver de vez problemas estruturais, dava o conselho ordem para que “*a parede da livreria se faça de man^{ra}. q fique seg^a p^a sempre...*” (AUC, *Tomo II dos Livros da Universidade de Lixboa, de 1526 até 1537*, fol. 82v^o, citado por Joaquim Teixeira de CARVALHO, *Pedro de Mariz e a Livreria...*, 1914, p.536).

¹⁰⁶ Efectivamente, em 5 de Março de 1535, Gonçalo Vaz, Francisco Gentil e mestre Gil, em nome da universidade, requeriam a D. João III que confirmasse os privilégios da universidade e, entre outras coisas, “*q sua A de lugar q o Estudo possa levâtar ha cassa da livreria e sobradar por quãto estado terea de man^{ra} q esta se danaffica a livreria cõ a umidade*” (AUC, *Tomo II dos Livros da Universidade de Lixboa, de 1526 até 1537*, fols. 314-315, citado por Joaquim Teixeira de CARVALHO, *Pedro de Mariz e a Livreria...*, 1914, p.537-539).

¹⁰⁷ *Ibidem*, p.539.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p.540.

¹⁰⁹ “*Avermtayro da livreria do studo*” realizado pelo Bedel Nicolau Lopez, datado de 8 de Junho de 1536 (AUC, *Tomo II dos Livros da Universidade de Lisboa de 1527 até 1536*, fols.62-63, publicado por Joaquim Teixeira de CARVALHO, *Pedro de Mariz e a Livreria...*, 1914, p.482-486), inventário que terá sido feito, segundo Teixeira de Carvalho, precisamente por ocasião da remodelação da livreria do estudo (p.533-540)

*“A obra deve ter-se feito, e dela e da melhor e definitiva organização dos livros deve ter resultado o inventário em que Nicolau Lopes passou o recibo (...). A pormenorização das estantes indica; neste inventário, ter-se feito a obra que a Universidade pedira”.*¹¹⁰

Não obstante, António Pimentel, em estudo recente, não parece reconhecer a realização desta nova obra.¹¹¹

Independentemente desta questão – da efectiva construção, ou não, de uma nova livraria sobrelevada, em 1535-1536 – observemos em maior detalhe o edifício das escolas (**fig.10**) representado na gravura de Lisboa de Hoefnagel, publicada por Braun,¹¹² em que podemos notar três partes constituintes distintas: **o pátio** relativamente amplo, aparentemente desprovido de galerias e rodeado por um edifício aparentemente de dois andares; **a capela**, a noroeste do pátio e com entrada externa independente, pela rua das Escolas Gerais (a poente); e o que parece ser a mencionada **casa do bedel**, a sul do quadrilátero escolar, sobre a rua Direita das Escolas Gerais, também de dois andares.

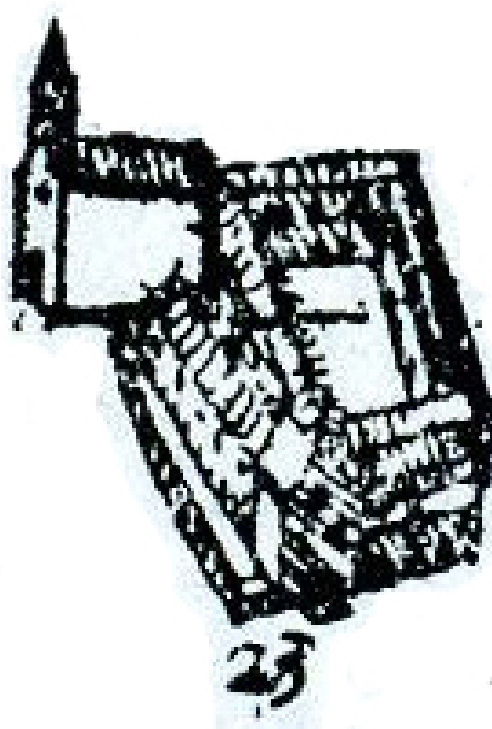


Fig.10
O edifício do estudo
geral manuelino tal
como se apresenta
na vista de Lisboa
de Hoefnagel / Braun
(c.º1566-67).

¹¹⁰ *Ibidem*, p.539.

¹¹¹ “Cento e vinte e oito volumes, pois, na totalidade, que no novo edifício, oferecido por D. Manuel I, a corporação instalaria numa casa térrea, em 24 estantes...”. António Filipe PIMENTEL, *A Morada da Sabedoria...*, 2005, p.456.

¹¹² *Vide supra*, notas 90 e 91.

Se esta última correspondência é, face aos dados conhecidos, necessariamente especulativa (embora possamos recordar em sua defesa a “*casa dianteira*” especificada na acta do conselho em que se projectou a sua construção), já a identificação da **capela** universitária parece mais segura em função da análise topográfica da gravura.¹¹³ Embora muitas igrejas desta zona da cidade estejam identificadas na legenda (casos da de Santo André, nº98; de São Tomé, nº 97; de Santo Estêvão, nº 101; de São Miguel, nº 103; de São Pedro, nº 104; de Santa Luzia, nº 126) as três igrejas que surgem representadas na proximidade do estudo não o estão. Comparando, por exemplo, com a planta de Lisboa, anterior ao terramoto, de João Nunes Tinoco (de 1650, **fig.18**), é forçoso identificar na panorâmica a sede paroquial de Santa Marinha com a igreja imediatamente acima (a norte) das escolas, e a igreja do convento de São Salvador com o templo não identificado a sudoeste, já em quarteirão distinto, e que tem correspondência na topografia seiscentista. Por exclusão de partes, a capela universitária é necessariamente a que referíamos.

Podemos, assim, observar as instalações da Universidade, no seu último período de permanência em Lisboa, à luz da nova dignidade pretendida para as escolas desde logo por D. Manuel que as transferiu para lugar mais conveniente, “***edificadas em forma e disposiçam de scollas geraees***”,¹¹⁴ como já tivemos ocasião de sublinhar. Neste mesmo registo deveremos ver a própria atitude do conselho universitário de mandar derrubar (em 1512-1513) a obra já iniciada da casa do bedel, realizada com paredes de taipa pelo recebedor, pois o conselho tinha decidido edifica-las “*avendo respeito aas scolas por ser edeficio nobre e Real & bem asi o bedel por ser official da univsidade*”.¹¹⁵

A mesma universidade, já no tempo de D. João III, em meados da década de 1530, com a ameaça da trasladação a pender sobre si, terá tido fôlego para

¹¹³ Julgamos ter sido Joaquim Parro que identificou, olhando para a gravura publicada por Braun, a capela universitária. **Joaquim PARRO, “Escolas Gerais (Sítio das)”**, Francisco Santana, Eduardo Sucena (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994, p.348-349.

¹¹⁴ Manuel Augusto RODRIGUES (Ed.), *Os Primeiros Estatutos...*, 1991, p.29.

¹¹⁵ Mário BRANDÃO (Ed.), *Actas dos Conselhos...*, 1968, Vol.I, p.112-113: 12.10.1510 - “*Conselho em que se determina que se construa uma casa para o bedel*”.

avancar com uma remodelação do imóvel na qual se refez a capela e respectivo altar, se adquiriu novo relógio¹¹⁶ e se construiu eventualmente (como discutimos) nova livraria.

Da antiga sede universitária resta hoje apenas o já mencionado pátio dos Quintalinhos (**fig.12**), à rua Direita das Escolas Gerais, conquanto no século XIX ainda existissem duas portas antigas de volta redonda (**fig.11**), uma das quais tinha sobreposta “uma pedra com esculpturas bastante gastas pelo tempo, mas que ainda deixam distinguir uma figura humana sentada”,¹¹⁷



Fig.11

O antigo edifício do estudo geral manuelino, em meados do século XIX (fonte: *Archivo Pittoresco*).

Fig.12

O pátio dos Quintalinhos na actualidade (foto do autor)



¹¹⁶ Joaquim Teixeira de CARVALHO, *Pedro de Mariz e a Livraria...*, 1914, p.534. “O cuidado com o relógio dava para uma monografia de historiador moderno, amigo de pittoresco”, *ibidem*, p.536.

¹¹⁷ Inácio Vilhena BARBOSA, “Paços da Universidade”, *Archivo Pittoresco*, Lisboa, Vol.5, 1862, p.334-336.



Figs. 12-15
Pedras figuradas
do antigo estudo
geral manuelino
(fonte: *Archivo
Pittoresco*)

certamente uma sapiência. Duas outras pedras sobrepunham-se a outras tantas portas no interior do edifício.¹¹⁸ Destas lápides, e do estado do antigo edifício das *Escolas Gerais*, publicaram-se figuras (**figs.13,14 e 15**), em 1862, no *Archivo Pittoresco*.¹¹⁹

e) Os colégios

Durante a permanência do estudo geral em Lisboa não se desenvolveu uma infra-estrutura colegial significativa e duradoura de apoio às escolas. No sentido da sua criação escreveu o infante D. Pedro a famosa “carta de Bruges”, em 1426,¹²⁰ para o seu irmão e herdeiro do trono o Infante D. Duarte. Escrevia-lhe “que a Universidade da vosa¹²¹ terra devia ser emendada”:

“Primeiramente, que na ditta Universidade ouvesse dez¹²² ou mais colégios em os quaes fossem mantheudos escolares pobres e outros

¹¹⁸ “Sobre outra porta, que fica no interior do edificio, e para a qual se sobe por uma estreita escada de pedra, d pouco degraus, está uma lapida mais pequena (...) tendo esculpida no meio em baixo relevo uma figura humana, em pé, vestida de roupas talaes, com uma inscripção por baixo em caracteres gothicos um pouco apagados representando estarem gravados n’uma fita. Por cima de outra porta, na mesma escada, encontra-se ainda uma terceira lapida igual a esta, e também com uma inscripção. Representariam sem duvida essas figuras a Sapiência”. *Ibidem*.

¹¹⁹ A gravura do antigo edificio das Escolas Gerais surge no *Archivo Pittoresco*, Lisboa, Vol.5, 1862, p.317.

¹²⁰ O original perdeu-se. A cópia mais antiga conhecida, do século XVI (*Livro da Cartuxa de Évora*, Torre do Tombo, Ms da Livraria, nº1298, fol.XXIIIJ a XXXIV), foi publicada integralmente em Artur Moreira de Sá, “A ‘Carta de Bruges’ do Infante D. Pedro”, *Biblos*, XXVIII, 1952, p.33-54 e também em Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, Vol.III, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1969, doc.856, p.311-319 (“Carta do Infante D. Pedro enviada a D. Duarte, de Bruges, sobre a reforma da Universidade de Lisboa e instituição de colégios universitários”, 1º terço de 1426).

¹²¹ Noutra cópia do documento surge a palavra “nossa”, talvez mais apropriada. Ver Artur Moreira de Sá, “A ‘Carta de Bruges’...”, 1952, p.41.

¹²² Noutra cópia do documento são dois e não dez os colégios propostos, o que não condiz com a sequência do argumento. *Ibidem*, p.37 e p.41.

*ricos vivessem dentro em eles aas suas proprias despesas, e todos morassem do collegio adentro, e fossem regidos per o mestre que de tal collegio tevese carregio. A ordenança desto he tal em a çidade de Lixboa e em seu termo: ha da universidade cinco ou seis igrejas e em aquestas se podiam bem fazer outros tantos collegios, e a cada hum que tivesse hum vigayro que dese os sacramentos, e dessem a este mantimento pertencente da igreja: e o mais fose pera os scolares que para aquele collegio fosem deputados, e estes dormisem em **hum paço que tyvesse çelas** e comesem juntamente em hum lugar, e fossem çarrados de so hua clausura. Aquestes, senhor, despois que ouvisem dous annos em a universidade, fossem graduados e lessem por juramento; e avendo eles tal criação, com ajudorio de graça de deus serão bem acostumados eclesiásticos. E ainda os bispos, com seus cabidos, poderão fazer cada huns, collegios pera seus naturães; e os monges pretos outrosy pera sy, e os conegos regrantes outro, e os monges brancos outro. E ordenase se estes collegios por maneyra dos de uxonia [Oxford] e de paris, e asy creçerão os leterados e as sçiências...”¹²³*

O plano do infante, como resumiu Joaquim de Carvalho,

*“sem dúvida importaria um câmbio profundo na estrutura da Universidade, pela substituição do modelo de Bolonha e de Salamanca, sob cuja ascendência havia nascido e crescido, pelo modelo de Oxford. De organismo corporativo, governado predominantemente pelos estudantes, passaria a ser uma instituição gravitando em torno dos interesses e competições scientificas e morais, sob a autoridade dos principais dos colégios”.*¹²⁴

E algum tempo depois, já regressado do seu périplo de dez anos pela Europa e Terra Santa (1418-1428), enxertava no texto da *Virtuosa Benfeitoria* a passagem de que se corrigiria o reino “*mandando que cada huu~ bispado e religiom ordenassm certos collegios, e os studantes que em elles ouvessem,*

¹²³ Vide *supra*, nota 117.

¹²⁴ **Joaquim de CARVALHO**, “**Instituições de Cultura – II parte**”, Damião PERES (Dir.), *História de Portugal*, Barcelos, Portucalense Editora, Vol. IV, 1932, p.245.

recebendo seus graaos fossem leentes por certos annos segundo se costuma e paris, e em uxonya...".¹²⁵ Insistia pois D. Pedro em dois tipos fundamentais de colégios. Uns para o clero secular, a fundar pelos bispos de cada diocese. Outros para o clero regular, a fundar pelas ordens religiosas. Em qualquer dos casos, colégios focados no ensino teológico e na formação do clero, o que pressupunha a substituição da preponderância curricular das leis e do modelo bolonhês e salmantino de universidade.

À data, haviam existido em Lisboa algumas estruturas colegiais embrionárias, mas que não passaram de existência relativamente efémera. Logo em 1291, e acompanhando a própria fundação dionisina do estudo geral, o bispo de Lisboa D. Domingos Anes Jardo (f.1293) instituía na sua nova fundação do hospital dos Santos Paulo, Elói e Clemente, na freguesia de São Bartolomeu, provisão para seis escolares necessitados. Dois dos estudantes deveriam seguir teologia (ou um teologia e o outro direito) e os restantes quatro gramática, lógica, filosofia natural e medicina.¹²⁶ Nesta vertente do apoio, parece tratar-se de uma espécie de "proto-colégio", estabelecido em casas pré-existentes e dotado de rendas próprias por um fundador, inserido numa estrutura benemérita de acção mais alargada.¹²⁷ Não é claro durante quanto tempo funcionou, sabendo-se que em 1464 (já depois da cedência do hospital aos Lóios¹²⁸) ainda se aplicavam rendimentos "*no auxilio e alimento de certos escolares*".¹²⁹ O **hospital de D. Domingos Jardo** situava-se, pois, em Alfama,

¹²⁵ **Infante D. PEDRO, Frei João VERBA, *Virtuosa Benfeitoria*** (S/d), Edição Crítica de A. de Almeida Calado, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1994, Liv. II, Cap.22, p.134, excerto também reproduzido em **Manuel Augusto RODRIGUES, "O Infante D. Pedro e a Universidade"**, *Biblos*, Vol. LXIX, Coimbra, 1993, p. 345-365 (excerto p.353-354)

¹²⁶ **Maria Helena Cruz COELHO, "As Finanças"**, in *AAVV, História da Universidade em Portugal*, Lisboa/Coimbra, FCG/UC, 1997, Vol I. Tomo I, p39-67 e José Antunes, "A Teologia"..., p.243-244.

¹²⁷ D. Domingos Jardo destinara o Hospital para dez sacerdotes e determinado número de pobres, para além dos referidos seis escolares. **António Domingues de Sousa COSTA, "Hospitais e albergarias na documentação pontifícia da segunda metade do século XV"**, in *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a idade média (Actas das 1^{as} Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval)*, Lisboa, 1972, p.259-327.

¹²⁸ Data de 1440 (28 de Setembro) uma "*Súplica do Infante D. Pedro pedindo, para os cônegos Lóios de Vilar de Frades, o colégio ou albergaria de S. Paulo, S. Clemente e Santo Eloi, outrora fundado pelo bispo de Lisboa, D. Domingos Jardo, chanceler do Rei D. Dinis, para pobres e escolares, na cidade de Lisboa*", Artur Moreira de SÁ (Coord.) *Chartularium...*, Vol. IV, doc.1222, p.296-297.

¹²⁹ António Domingues de Sousa COSTA, "Hospitais e albergarias...", 1973, p.262-263.

sobre a via mais tarde conhecida por rua dos Lóios, em frente da empena lateral da já desaparecida igreja de São Bartolomeu (**figs.16 e 18**).

No segundo período de permanência do estudo em Lisboa (1338-1354) um tal mestre Pedro de Lisboa chegou a estabelecer um mantimento para estudantes pobres.¹³⁰ Já depois de novo regresso do Estudo, no final do reinado de D. Fernando, D. Afonso Correia bispo da Guarda obteve autorização (28 de Março de 1383¹³¹) para aplicar rendas na criação de um colégio com livros e camas para doze escolares pobres. É de supor que não tivesse concretizado o projecto face aos tempos atribulados que se seguiram.

Na primeira metade de Quatrocentos, tão pouco as recomendações da carta do infante D. Pedro produziram efeito. Nem no reinado de D. Duarte (1391-1433-1438), a quem se dirigira a referida missiva, nem durante a regência do próprio D. Pedro (1439 -1446 no período de menoridade de D. Afonso V) quando poderia ter interferido nos destinos do estudo - de que era protector o seu outro irmão, Henrique. Não obstante, surgiu uma tentativa mais séria de fundar um estabelecimento colegial protagonizada pelo **doutor Diogo Afonso Mangancha**, lente de leis na universidade. Criava-o por testamento de finais de 1447,¹³² aplicando-lhe todos os seus bens e de sua primeira mulher, associando-lhe rendimentos e destinando-lhe as casas de sua propriedade “*da morada da beira de Ssam Jorge*”. O novo colégio, segundo o testamento (“*simultaneamente instrumento e regimento de fundação*”¹³³), deveria albergar dez escolares pobres e quatro servidores (“*mordomo*”, “*comprador*”, “*cozinheiro*”, “*lavador*”) ficando o reitor do colégio sob autoridade do da universidade. O fundador doou ainda os seus livros para que “*se posessem em huma livraria per cadeas dentro nas ditas casas*” e solicitava aos colegiais que celebrassem regularmente missa, não sendo claro se em capela própria do

¹³⁰ A que se referem ainda documentos de finais do século XV. António Domingues de Sousa COSTA, “Hospitais e albergarias...”, 1973, p.263-266 e António dos Santos PEREIRA, “A Universidade no período dos descobrimentos...”, 1991, p.222.

¹³¹ Artur Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium...*, Vol. II, 1968, doc.370, p.111 (“*Carta de D. Fernando deferindo a petição de D. Afonso, Bispo da Guarda, para poder dispor de bens para a criação de um Colégio para 12 escolares pobres*”).

¹³² Artur Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium...*, Vol. V, 1972, doc. 1413, p.46-49 (“*Testamento do Doutor Diogo Afonso Mangancha pelo qual criou um Colégio Universitário em Lisboa para dez estudantes pobres*”, de 9 de Dezembro de 1447).

¹³³ Joaquim de CARVALHO, “Instituições de Cultura”..., Vol.IV, 1932, p.246

colégio, a levantar, se na referida sede paroquial de São Jorge.¹³⁴ Estatuía apenas duas refeições diárias internas e que cada colegial tivesse a sua câmara, com cama e “estudo”, ou seja mesa para escrever.¹³⁵ Para além dos dez quartos deveria existir uma sala (que funcionaria como refeitório), cozinha, despensa, adega, celeiro e casa para os servidores,¹³⁶ ainda que muitos destes espaços se terão pensado em função da possibilidade de adaptação das casas pré-existentes.

O colégio chegou mesmo a funcionar, a partir de Janeiro de 1448, após a morte do fundador, mas poucos anos volvidos, em 1459, estava já inactivo, tendo ficado a universidade com as casas.¹³⁷ Sabe-se por outro documento, do tempo da fundação, que as casas que o doutor Mangancha doava para o colégio “*sam à porta principal da egreya de ssam Jorge*”.¹³⁸ Esta igreja, antiga sede de paróquia, muito danificada pelo terramoto de 1755 (hoje desaparecida), situava-se “*na Rua Direita que vai de Santa Maria Mayor [a sé] para o Limoeiro à parte direita*”¹³⁹ com frente para um pequeno largo que se abria transversalmente à citada rua Direita. As casas do colégio situavam-se, pois, na frente oposta do largo face à porta principal da igreja de São Jorge – vejam-se a **fig.17** (detalhe da planta de reconstituição de Lisboa anterior ao terramoto, de Valentim de Freitas¹⁴⁰) e a **fig.18**.

Figs. 16-17

Detalhes da planta de reconstituição de Lisboa anterior ao terramoto de 1755, de J. Valentim de Freitas (meados de Oitocentos), com o antigo convento de Santo Elói e a desaparecida igreja de São Jorge.

¹³⁴ O texto do documento refere “*todos os dias que nom lerem diga hum capellom dos dez hua missa na dicta capella*”, sendo que o único templo referido anteriormente no texto é o de São Jorge.

¹³⁵ Como notou Joaquim de CARVALHO, “Instituições de Cultura”..., Vol.IV, 1932, p.246

¹³⁶ “*Porem eu asy ho mando convem a ssaber que nas dictas cassas se hordenem dez câmaras e em ellas se armem dez leitos de madeira e dez estudos affora a ssala e cozinha e despensa e adega e çeleioper pom e azeite e a cassa pera dormirem os servidores a estrebaria se alugue*”. Artur Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium*..., Vol. V, 1972, doc. 1413, p.46-49.

¹³⁷ Joaquim de CARVALHO, “Instituições de Cultura”..., Vol.IV, 1932, p.246

¹³⁸ Artur Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium*..., Vol.V, 1972, doc.1416, p.52 (“*Instrumento lavrado pelo notário Fernão Afonso autenticando o testamento feito pelo Doutor Diogo Afonso Mangancha*”, de 4 de Janeiro de 1448).

¹³⁹ **S/a “S. Jorge (Igrejas de)”**, Francisco Santana, Eduardo Sucena (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994, p.805-806.

¹⁴⁰ A planta de reconstituição de José Valentim de Freitas (1791-1870) é de meados de Oitocentos, cem anos posterior, portanto, ao sismo de 1755. Existem várias versões na Biblioteca Nacional de Portugal. A que utilizamos tem a cota de D.107 R.



Finalmente em 1517 foi fundado novo colégio, agora em âmbito monástico, pela mão do próprio D. Manuel.¹⁴¹ Tratou-se do **colégio de São Tomé**,¹⁴² estabelecido no convento de São Domingos ao Rossio, para catorze frades dominicanos e seis jerónimos que estudassem as artes e a teologia. Instalou-se em dependências novas do convento, mandadas fazer e custeadas pelo Rei, embora não se tratasse, aparentemente, de edifício autónomo. Seria o único instituto colegial do tempo da universidade de Lisboa que passaria para Coimbra (após curta estadia no convento dominicano da Batalha entre 1538 e o final de 1539¹⁴³) e que passaria efectivamente a dispor de edifício novo e próprio (o colégio de São Tomás) anexo ao também novo convento dos pregadores, cuja construção se iniciava pela década de 1550 na cidade do Mondego.

A questão dos colégios, ou da montagem de uma estrutura colegial de base que enquadrasse a universidade, seria precisamente a pedra de toque da transferência das escolas para Coimbra, como já foi diversas vezes assinalado, e como constataremos novamente.

¹⁴¹ **Francisco da Gama CAEIRO (Coord.), *Chartularium Universitatis Portugalensis***, Vol.XI, Lisboa, JNICT, 1993, doc.4719, p.455-457 (“*Carta de D. Manuel, a dotar, com o subsídio anual de 130 mil reais, 20 moios de trigo e 20 pipas de vinho, o colégio que a expensas suas fizera no mosteiro de S. Domingos em Lisboa e se destinava à frequência de 14 dominicanos e 6 jerónimos*”, de 26 de Abril de 1517)

¹⁴² **Francisco da Gama CAEIRO (Coord.), *Chartularium...***, Vol.XI, 1993, doc.4743, p.482-485 (“*Súplica de D. Manuel, rei de Portugal, sobre a confirmação apostólica da fundação de um colégio universitário, intitulado de S. Tomé, no convento de S. Domingos de Lisboa, para catorze dominicanos e seis Jerónimos que quisessem estudar Artes e Teologia*”, de 10 de Julho de 1517).

¹⁴³ **António de VASCONCELOS, *Os Colégios Universitários de Coimbra***, Coimbra, Coimbra Editora, 1938, p.36-39.

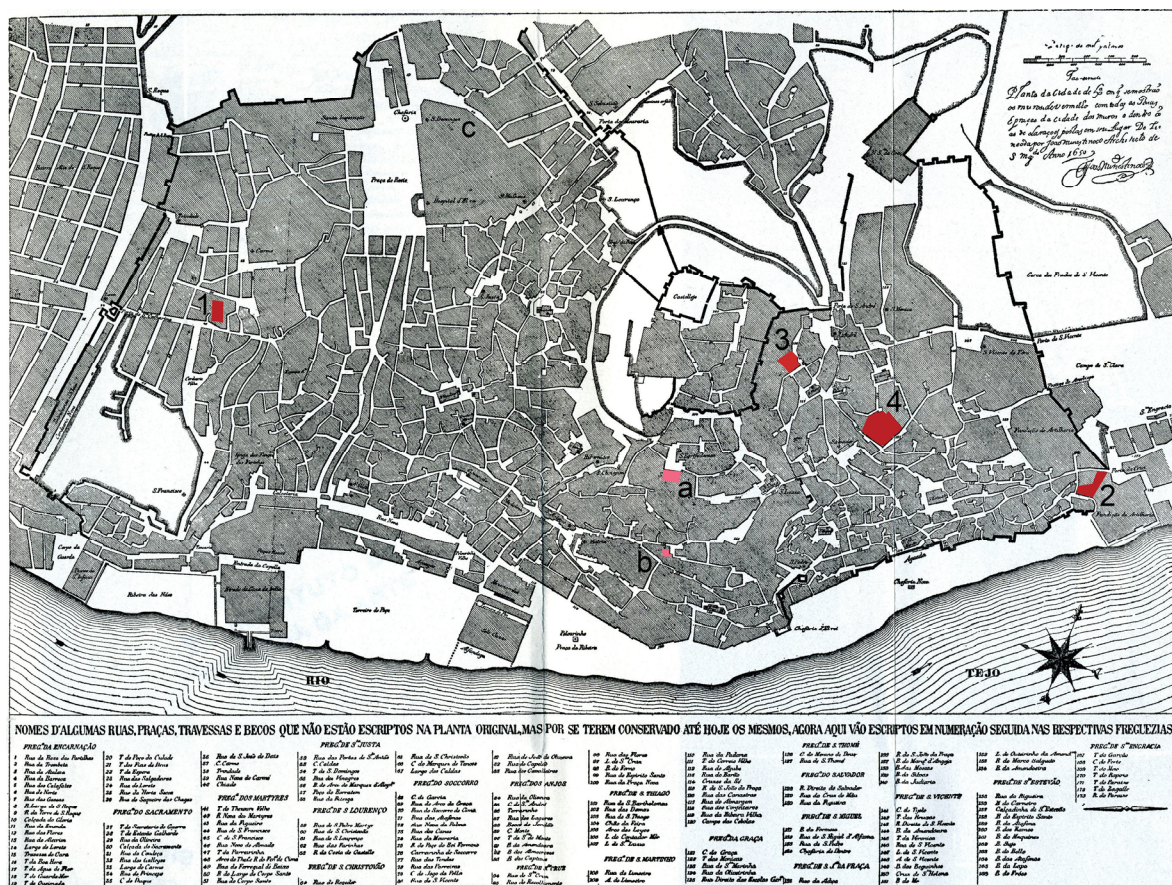


Fig.18
Planta de Lisboa de João Nunes Tinoco, de 1650, com a representação das várias localizações importantes relacionadas com o estudo geral. Sedes das escolas: 1. Pedreira; 2. Moeda Velha; 3. Sede Henriquina (localização aproximada); 4. Sede Manuelina; Colégios: a. Hospital de Domingos Jardo; b. Colégio do Doutor Mangancha; c. Colégio de São Tomé;

1.6. L rida / Lleida

e o nascimento de um primeiro “bairro dos escolares”

a) Fundação

Em Março de 1293 os *paers* de L rida, autoridades municipais, reunidos em conselho geral, decidiram solicitar ao Rei de Aragão Jaume II (1267-1291-1327) a concessão de um estudo geral para a sua cidade.¹ O monarca reencomenhar a o pedido ao Santo Padre Bonifácio VIII que aprovou a criação de uma universidade aragonesa, com todos os privilégios de que gozavam os estudantes da universidade de Toulouse, por bula de 1 de Abril de 1297, sem especificar, contudo, o local de implantação.²

Três anos depois, a 1 de Setembro de 1300, outorgou Jaume II o privilégio fundacional do novo estudo geral, especificando a sua instalação em L rida,³ que justificava pela fertilidade e bom ambiente da cidade.⁴ A estes factores deve acrescentar-se a posição central da cidade no âmbito das terras catalano-aragonesas.⁵ Determinava ainda que fossem quatro as escolas a criar – direito civil, direito can nico, medicina e filosofia e artes. O documento régio, como notou Denifle, inspirava-se no documento fundacional da universidade de Nápoles, primeira a ser criada *ex-novo* na Europa, dado pelo Imperador do Sacro Império Frederico II em 1224, do qual não é mais que uma transcrição e reprodução parcial da introdução.⁶

¹ Uma embaixada composta por dois franciscanos do convento de L rida, fra Pere d’Espluges e fra Jord , foi encarregada de levar o pedido junto de Jaume II. **Joan J. BUSQUETA RIU, *Hist ria de Lleida, Vol. III, Baixa edat mitjana***, Lleida, Pagès Editors, 2004, p.136.

² Arxiu de la Corona d’Aragó, Cancellaria. Buttles, lligall 21, pergami 282. Refer ncia em **Joan J. BUSQUETA RIU, Elena GONZÁLEZ COSO (Coord.), *L’Estudi General de Lleida. Ciutat i Universitat en els documents de l’Arxiu Municipal de Lleida***, Lleida, La Paeria – Ajuntament de Lleida / Universitat de Lleida, 2000, p.15.

³ Arxiu Municipal de Lleida, Fons Municipal, pergami 68. Refer ncia em Joan J. BUSQUETA RIU, Elena GONZÁLEZ COSO (Coord.), *L’Estudi General de Lleida...*, 2000, p.23-24.

⁴ “...velut ortem fertilitatis et fecundatis conclusum, ac fontes deliciarum signatum”.

⁵ **Josep LLADONOSA i PUJOL, *Hist ria de Lleida***, T rrega, Camps Calmet Editor, 1972, Vol. I, p.420.

⁶ **Heinrich DENIFLE, *Die Entstehung der Universitaeten des Mittelalters bis 1400***, Berlin, Weidmannsche Buchhandlung, 1885, extracto traduzido para o espanhol em S/autor, “Notas sobre el Estúdio General de Lérida. Extracto traducido del alemán, de la obra de Denifle”, in *Miscelanea de trabajos sobre el Estúdio General de Lérida*, Lérida, CSIC / Instituto de Est dios llerdenses, 1949, Vol. I, p.125.

No dia seguinte, o Rei expedia um privilégio de ordenações e imunidades que serviu de regimento provisório do estudo.⁷ Segundo Denifle “ningún rey español ha concedido nunca una carta de privilegios tan detallada a una Universidad”.⁸ Entre outros aspectos, definia o modo de eleição do reitor,⁹ conselheiros e bedéis, a cargo dos estudantes de cânones e leis, e estendia a equiparação das prerrogativas dos estudantes às vigentes no estudo geral de Bolonha, permitindo ao reitor fazer estatutos. Os graus seriam conferidos pelo chanceler, cargo vitalício que recairia num cônego da sé. Definia uma jurisdição própria para os estudantes, mestres e doutores, referindo-se a uma zona de residência universitária. Isentava também os universitários do pagamento de uma série de impostos.¹⁰

Serviram estas disposições de base aos primeiros estatutos, elaborados pela própria universidade poucos dias depois, a 28 de Setembro do mesmo ano,¹¹ “documento capital da história universitária europeia”.¹² Nesse mesmo dia, na igreja paroquial de *Sant Martí*, havia sido eleito o primeiro reitor do estudo, o arcediogo maior de Lérida, Pere de Cabrera.¹³ Foram inaugurados os estudos nesse mesmo Outono. Antes, a 21 de Setembro, a *paeria* deliberara proceder à demarcação dos limites de um **bairro universitário**, assunto a que já regressaremos. Outro aspecto importante foi a ratificação da exclusividade de

⁷ Arxiu Municipal de Lleida, Fons Municipal, pergami 69. Referência em Joan J. BUSQUETA RIU, Elena GONZÁLEZ COSO (Coord.), *L'Estudi General de Lleida...*, 2000, p.28 e p.30.

⁸ Heinrich DENIFLE (1885), *Die Entstehung...*, 1949, p.125. Diz mais: “No hay ninguna constitución de universidad en el siglo XIII que pueda compararsele; en el siglo XIV solo la iguala la carta de Rodolfo para la universidad de Viena.” Denifle designa o documento por “Magna Carta” da universidade.

⁹ O reitor não poderia ser natural de Lérida, nem tão pouco os eleitores estudantes. Era eleito para um mandato de apenas um ano lectivo, e deveria ser, alternadamente, um catalão ou um aragonês. Ver sobre este assunto, Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1972, Vol. I, p.422-423 e Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de la Ciutat de Lleida*, Barcelona, Curial, 1980, p.95.

¹⁰ Ver, sobre este assunto Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de la Ciutat...*, 1980, p.94-99.

¹¹ Arxiu Capitular de Lleida, calaix 151, lligal 5. Veja-se a reedição recente de Joan J. BUSQUETA RIU (Ed.), *Llibre de les Constitucions i Estatuts de l'Estudi General de Lleida. Els Estatuts Fundacionals* (1300), Lleida, Universitat de Lleida, 2000.

¹² Joan J. BUSQUETA RIU, Elena GONZÁLEZ COSO (Coord.), *L'Estudi General de Lleida...*, 2000, p.28.

¹³ O reitor eleito, Pere Cabrera, interveio na redacção dos estatutos juntamente com o cônego Desvalls e o jurista Bonet. O sacristão e cônego da sé Joan de Torrefeta foi nomeado por Jaume II primeiro chanceler do estudo. Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1972, Vol. I, p.423

Lérida como centro universitário aragonês, por diploma régio de 5 de Setembro.¹⁴

A universidade de Lérida dedicou-se especialmente ao estudo dos direitos civil e canónico tendo havido ainda ensino da medicina e das artes. O ensino da teologia funcionou de modo contínuo apenas a partir de 1429, sendo que os franciscanos sustentavam com anterioridade (pelo menos desde meados do século XIV) uma aula pública teológica, na igreja paroquial de *Sant Joan*, na baixa da cidade.¹⁵ Podemos, pois, novamente notar a matriz do estudo geral de Bolonha, no que toca à predominância das matérias leccionadas (direito) e a uma certa democraticidade da instituição (eleição do reitor, estatutos elaborados pela própria agremiação) ainda que estejamos perante uma clara fundação real, sem qualquer indício de florescimento antecedente e espontâneo.

Não teve vida fácil o estudo nos primeiros anos de funcionamento. Basicamente porque, como foi notado, o Rei evitou comprometer-se com a questão do financiamento. *“Jaime II concedió un gran honor a la ciudad de Lérida; pero puso sobre las espaldas del municipio la carga de su mantenimiento”*.¹⁶ De tal modo que deixou de funcionar nos finais de 1305 para estar encerrado durante os cinco anos seguintes¹⁷ Os estudantes chegaram a pedir ao Rei a mudança do estudo para outras cidades do reino de Aragão, casos de Girona, Huesca e Montblanc.

Após novo arranque das classes no ano lectivo de 1310-1311, e após posterior desentendimento entre a *paeria* e o bispo e o cabido (1312),¹⁸ o município acabaria por impor um novo imposto, em 1319, a *Livra del Studi*, ou “libra do estudo”, aplicado sobre o vinho que se vendia no termo da cidade, que também

¹⁴ Arxiu Municipal de Lleida, Fons Municipal, pergamí 70. Referência em Joan J. BUSQUETA RIU, Elena GONZÁLEZ COSO (Coord.), *L'Estudi General de Lleida...*, 2000, p.23 e p.25.

¹⁵ Deve notar-se que na catedral havia também ensino teológico para formação dos futuros cónegos, aparentemente desde 1402. Ver, sobre o ensino da teologia em Lérida, Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de la Ciutat...*, 1980, p.102-105.

¹⁶ Frase de Rubió e Balaguer citada por **José-Ramón JULIÁ VIÑAMATA**, **“El Estúdio General de Lérida a finales del siglo XIV: las reformas de Martín el Humano”**, *Miscellània. Homenatge a Josep Lladonosa*, Lleida, Institut d'Estudis Ilerdencs, 1992, p.346. O modelo da universidade a cargo das autoridades municipais seria aliás recorrente no Levante Ibérico

¹⁷ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1972, Vol. I, p.426-427.

¹⁸ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1972, Vol.I, p.426-427.

os estudantes foram obrigados a pagar¹⁹ – o que entrou, naturalmente, em contradição com as isenções de que gozavam, conferidas pelos decretos régios de fundação. Situação que logo conduziria a novos conflitos, só parcialmente resolvidos com a ratificação régia da iniciativa municipal (Pere IV, o Cerimonioso, 1319-1336-1387) em 1347²⁰ e com a reforma do Rei Martí I, o Humano (1356-1396-1410), já no final do século.²¹

b) O bairro universitário

A Lérida medieval amuralhada constituía-se de três áreas fundamentais, todas dentro de muros. A cidadela de origem árabe, ou *Suda*,²² à cota alta, que englobava a sé e os paços real e episcopal, alcandorados no extremo nordeste, sobre os penhascos da elevação natural onde se haviam implantado. A cidade baixa, junto ao rio Segre (afluente do Ebro), onde desembocava a ponte, na continuidade da estrada proveniente de Barcelona e da restante Catalunha. E ainda uma terceira zona, a sudoeste, sobre uma encosta com alguma pendente, e que estabelecia ligação entre as restantes duas áreas, já referidas.

Segundo Josep Lladonosa, a universidade surgiu na Lérida medieval, centro manufactureiro de tecidos de lã e de criação de gado, quando a cidade havia já passado o ponto alto da sua pujança económica.²³ Em 1300, na sua zona alta, eram comuns as casas vazias. Os habitantes haviam partido para as recém-conquistadas cidades do sul, casos de Valência e Múrcia²⁴ Não obstante, a

¹⁹ Os estudantes pagavam já outros impostos directos, dentro das próprias aulas, como o *bancatge* (sobre o uso dos bancos, recolhido pelos *bancarís*) e a *collecta*, que era recolhido pelo mestre a cada aluno, para completar o seu salário. Joan J. BUSQUETA RIU, *Història de Lleida...*, 2004, Vol.III, p.154.

²⁰ Posteriormente à implementação do imposto da *Livra de l'Estudi* surgiram os *clavarís*, administradores das rendas do estudo, inicialmente dois cidadãos e dois elementos do cabido da sé. Juntaram-se mais tarde dois representantes da própria universidade. No início do século XV passariam a ser apenas três oficiais, um representante de cada parte. Joan J. BUSQUETA RIU, *Història de Lleida...*, 2004, Vol.III, p.154.

²¹ Reforma levada a cabo em 1399. Ver José-Ramón JULIÁ VIÑAMATA, "El Estúdio General de Lérida...", 1992, p.323-348.

²² Josep LLADONOSA i PUJOL, *Las Calles y Plazas de Lérida a traves de la Història*, Lérida, Ayuntamiento de Lérida, 1976, Vol.IV, p.243.

²³ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1972, Vol.I, p.419. Daí poder inferir-se que a escolha da cidade para sede do estudo geral catalano-aragonês derivou também, e em parte, de uma medida de contra-ciclo ou de natureza compensatória.

²⁴ Joan BUSQUETA RIU, *Història de Lleida...*, 2004, Vol.III, p.140-141.

criação do estudo geral, em 1 de Setembro desse ano, colocou imediatamente o problema da instalação dos estudantes que começaram a aportar a cidade para frequentar os novos cursos.²⁵ Os *paers*, reunidos em conselho geral no dia 21 daquele mês, na *Seo Vella*,²⁶ tomavam uma série de deliberações para resolver o problema da sua acomodação.

Primeiramente, comprometeram-se a observar os privilégios da recém-criada universidade e a pagar os salários dos professores. Obrigavam-se a edificar **quatro salas de aula**, em lugar conveniente, para as “quatro faculdades” de direito canónico e direito civil,²⁷ com as respectivas cátedras para os professores e bancos para os alunos.²⁸ Decidiram oferecer casas aos doutores catedráticos dos direitos e ao mestre de medicina, gratuitamente, por períodos de cinco anos. Comprometeram-se ainda a construir casas novas em número suficiente, e a reparar as existentes, para os escolares. E, sobretudo, resolveram fixar os limites de um **bairro universitário**, no qual estabeleciam um regime para o arrendamento de casas, particularmente favorável aos estudantes e draconiano para com os proprietários²⁹ – uma indicação de que já não deveriam ser muitos os proprietários residentes nas casas da zona alta da cidade. Dentro do bairro as rendas seriam controladas pelos taxadores, dois estudantes e dois cidadãos. No ano seguinte (6 de Agosto), Jaume II nomearia um “aposentador” dos estudantes,³⁰ com a incumbência de agilizar melhor estes processos.

²⁵ “*Una extraordinária concurrencia de forasteros, venidos de todos los âmbitos de los reinos confederados, invade las silenciosas calles de la ciudad. El apacible remanso urbano se convierte, en pocos dias, en hervidero bullicioso de multitudes juveniles*”. **Ramón GAYA MASSOT**, “**El problema de la Vivienda en la Universidad de Lérida**”, *Ciudad*, Vol. VI, Cuaderno VIII, Lérida, 1954, p.117.

²⁶ O conselho geral da *paeria* foi presidido pelos *paers* Pere Vaca, Pere Cesviles, e Balaguer de Queralt.

²⁷ Estas “quatro faculdades” de direito canónico e civil explicam-se provavelmente, a nosso ver, em função das duas *nações* principais que se organizaram no estudo geral de Lérida, no período inicial: a dos estudantes catalães e a dos aragoneses.

²⁸ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1972, Vol.I, p.443

²⁹ “*A tenor de estas prescripciones, todo estudiante estaba facultado para elegir, dentro de dichos limites, cualquier casa que le pluguiese, excepto las pertenecientes a los eclesiásticos, bien fuese habitada o deshabitada, y tomarla en arriendo aun contra la voluntad del propietario*”. Ramón GAYA MASSOT, “*El problema de la Vivienda...*”, 1954, p.117.

³⁰ Foi ele Pedro de Cirera, Ramón GAYA MASSOT, “*El problema de la Vivienda...*”, 1954, p.117.

O limite do bairro universitário é conhecido por documento posterior, de 17 de Fevereiro de 1328,³¹ em que o Rei Alfons IV (1299-1327-1336) confirmou os privilégios do estudo, referindo-se à existência do referido bairro, **criado para maior sossego dos estudantes**. Compreendia toda a parte alta da cidade, a já mencionada cidadela ou *Suda* (**fig.1**). Incluía ainda uma zona imediata, fora daquele recinto, a poente do *portal de la Suda*, entre as igrejas paroquias de *Sant Martí* e *Sant Andreu*, cujo limite seguia uma linha precisa desde o *portal de Boters* da muralha exterior, passando pela *calle Boters*, *calle Galera*, *plaça de la Cadena* e pela *plaça de Sant Andreu*³² (veja-se a **fig.11**). O bairro universitário ocupava assim, de facto, a zona mais despovoada da cidade, habitada fundamentalmente por eclesiásticos dada a proximidade da sé.

Segundo Lladonosa, o núcleo principal da residência dos estudantes era, na primeira metade do século XV, a paróquia de *Sant Andreu*, sobretudo a rua e a praça do mesmo nome, fora da cidadela, e a *plaça de la Suda* e o *carrer de Bonaire*, no interior da cidade alta.³³ Habitavam casas arrendadas a particulares ou um dos frequentes albergues de zona. As escolas, de que já falaremos, localizavam-se fora da *Suda*, justamente diante do *portal de la Suda*, no enfiamento da rua principal da cidadela. Também fora da cidadela, a igreja românica paroquial de *Sant Martí* (que hoje ainda se preserva) foi cenário, durante as primeiras décadas,³⁴ para algumas reuniões e actos importantes da universidade, desde logo a já mencionada eleição do primeiro reitor, ocorrida em 28 de Setembro de 1300.

No início do século XV os actos solenes de atribuição dos graus académicos (bacharelatos, licenciaturas, doutoramentos) ocorriam na casa da chancelaria,

³¹ Arxiu Municipal de Lleida, Fons Municipal, pergamí 88 bis. Referência em Joan J. BUSQUETA RIU, Elena GONZÁLEZ COSO (Coord.), *L'Estudi General de Lleida...*, 2000, p.23 e p.26.

³² Josep LLADONOSA i PUJOL, “La Zona Universitaria de Lérida”, in *Miscelanea de Trabajos sobre el Estúdio General de Lérida*, Lérida, CSIC / Instituto de Estudios Ilerdenses, 1950, Vol. II, p.12-13. São também tomadas no referido conselho geral do ano 1300 uma série de medidas relativas à limpeza e asseio do novo bairro universitário, em particular a limpeza dos terrenos exteriores às muralhas da cidadela ou *Suda*. Joan BUSQUETA RIU, *Història de Lleida...*, 2004, Vol.III, p.140-141.

³³ Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430 al 1524*, Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, 1970, p.26. A referência são os censos de 1429.

³⁴ A universidade estabeleceria uma capela própria, a capela de *Sant Iu* (Santo Ivo), no edifício das classes de direito aparentemente em meados do século XV, que substituiria a igreja de *Sant Martí* como capela universitária.

residência do chanceler do estudo, cargo que recaía, a título vitalício, num cónego da catedral. Surge primeiramente referenciada nos censos de 1429 e localizava-se numa proeminência da plataforma mais elevada da *Suda*, conhecida por *La Roqueta*, e mais tarde por *Llengua de Serp*. Em 1438, estando em más condições, foi reparada pelo chanceler Nicolau de Montsoriu (1432-1454) que fez uma porta nova e acondicionou a sala maior e a *sala sobirana*, onde decorriam as sessões académicas. No entanto, após a retirada do chanceler para Valência, o deão Pelegrí, não tomaria mais conta da casa (que se degradaria novamente) fazendo celebrar os actos na sala capitular da sé ou por vezes numa outra casa, a *casa d'Almoina*. Do mesmo modo procederiam os chanceleres seguintes, pelo menos até 1487, ano em que se pretendeu recuperar novamente a casa.³⁵ Em meados do século XVI (1552) os actos solenes de atribuição de graus decorriam novamente na casa da chancelaria.³⁶

Junto à igreja de *Sant Martí*, e segundo os estatutos de 1300, devia situar-se a loja do estacionário, oficial citado por Alfonso X nas suas *Siete Partidas*, e que tinha como função a venda de livros, textos e papéis diversos para as aulas do recém-criado estudo.³⁷ No campo das actividades de apoio ao estudo cabe ainda referir o surgimento da imprensa em Lérida no final do período de que nos ocupamos, pela mão do alemão Eric Bothel, activo entre 1479 e 1498.³⁸

Importa finalmente referir o desaparecimento de grande parte do antigo bairro universitário, em particular a área compreendida no interior da antiga cidadela árabe, a sudoeste da sé. Os próprios limites da cidadela foram sendo alterados em consequência dos sucessivos conflitos que tiveram Lérida como palco. Desde logo a guerra da Catalunha (1462-1472) contra o Rei de Aragão Joan II que cercou e bombardeou a cidade em 1464. No século XVII, entre 1641 e

³⁵ Sobre a casa da chancelaria ver fundamentalmente Josep LLADONOSA i PUJOL, "La Zona Universitária...", 1950, p.25-26, Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.14-17 e p.29-30, e Josep LLADONOSA i PUJOL, *Las Calles y Plazas...*, 1976, Vol.IV, p.346-348.

³⁶ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida*, Tàrraga, Camps Calmet Editor, 1974, Vol. II, p.237-238 e p.310.

³⁷ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1972, Vol.I, p.424.

³⁸ Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.72-74. Depois deste período no qual se imprimiram os primeiros livros em Lérida só se voltou a estampar uma obra na cidade em 1566. Ver também, do mesmo autor, Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1974, Vol. II, p.34-38.

1645, foi feita nova cidadela de perímetro mais apertado, segundo a lógica do sistema abaluartado,³⁹ período em que se demoliu e despovoou grande parte da zona alta. Novo cerco em 1707, durante a Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1714), faria do antigo bairro universitário de Lérida uma zona de “terra de ninguém”, como mostra a planta francesa daquele mesmo ano (**fig.7**) que reproduzimos um pouco mais adiante.

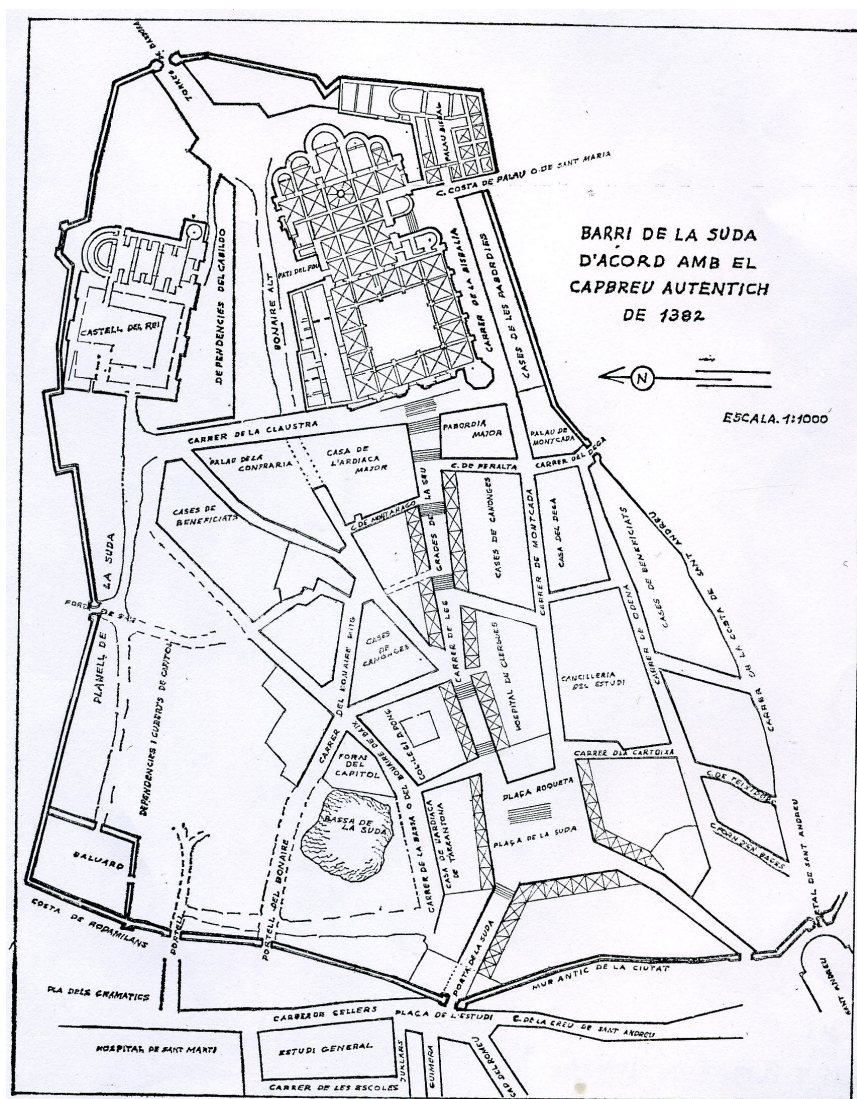


Fig.1
Planta de reconstituição do bairro da Suda em 1382, com indicação das localizações do “*Estudi General*” (fora da cidadela, em baixo / a poente), e do “*Collegi de D. Pons*” (ao centro).

Fonte: J. Lladonosa i Pujol (1976).

Fig.2
Gravura hipotética de reconstituição do bairro da Suda, na mesma época. Desenho de Garsaball (fonte: J. Lladonosa i Pujol, 1983).

³⁹ Pelo engenheiro francês Saint Pol e pelo general português Gregório de Brito, às ordens do Rei de Espanha durante a Guerra de Independência da Catalunha ou Guerra *dels Segadors* (1640-1648). Josep LLADONOSA i PUJOL, *Las Calles y Plazas...*, 1976, Vol.IV, p.264 e p.400.



Daí a importância das várias reconstituições realizadas por Josep Lladonosa i Pujol, a partir de continuada e persistente análise documental, de que deveremos destacar a planta de “*La Zona Universitária de L rida en 1429*”, primeira tentativa publicada em 1950,⁴⁰ a planta do “*Barri de la Suda d’acord amb el Capbreu aut ntich de 1382*” (**fig.1**) publicada em 1976⁴¹ (que corrige em certos aspectos a anterior) e a correspondente gravura perspectivada “*Lleida Medieval*” desenhada por Garsaball (**fig.2**) publicada em 1983,⁴² elementos que necessariamente reproduzimos para o presente trabalho. Ou ainda a planta esquemática referente à situação de 1560 (publicada em 1970⁴³ e 1974) que apresentamos um pouco mais adiante (**fig.11**).

Da estrutura viária da antiga cidadela deve fazer-se, sobretudo, referência   via principal que entrando pelo *portal de la Suda* passava tangencialmente ao espaço principal do recinto – a *plaza de la Suda* (mais tarde conhecida por *Plaza de la Roqueta*) – para depois ascender em direc  o ao claustro da s ,

⁴⁰ Josep LLADONOSA i PUJOL, “La Zona Universit ria...”, 1950, p.32-33.

⁴¹ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Las Calles y Plazas...*, 1976, p.256-257.

⁴² Josep LLADONOSA i PUJOL, *Els carrers i places de la Lleida actual amb més p s hist ric*, Lleida, Ajuntament de Lleida, 1983.

⁴³ Planta “*Els l mits de l’Estudi l’any 1560*”, publicada em Josep LLADONOSA i PUJOL, *L’Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.27.

claustro cuja construção se iniciou em 1310.⁴⁴ Uma ampla escadaria constituía o troço final desta via, conhecida por *Grades Majors de la Seu*.⁴⁵

c) As escolas

Após a primeira fase, atribulada, da existência do novo estudo geral, o Rei de Aragão Alfons IV (no já mencionado documento de 17 de Fevereiro de 1328 em que se referiu ao bairro universitário da zona alta da cidade e aos seus limites) comprometeu-se a mandar construir, às custas do município, as quatro aulas para a leitura dos cânones e das leis que os *paers* haviam prometido no conselho geral de 1300.

Apesar de desaparecidos, conhece-se hoje razoavelmente bem a implantação e os aspectos arquitectónicos dos edifícios que serviram de infra-estrutura às classes do estudo geral ilerdense.⁴⁶ O edifício principal, sede das classes de cânones e de leis, situava-se já fora da *Suda* justamente diante do *portal de la Suda*, sobre o troço inicial do *carrer de Sellers*, actual *carrer Sant Martí*.⁴⁷ Concluiu Josep Lladonosa que o edifício sede das classes de cânones e de leis (posto parcialmente a descoberto em 1954, **fig.6**) não era de novo traçado,⁴⁸ em vista da sua planta irregular, de forma trapezoidal (**fig.3**). Tratava-se, muito provavelmente, de um antigo armazém municipal de cereais (*bladeria*), adaptado para as funções escolares, situado nas proximidades do *Almudi*, o mercado de grão da cidade.

⁴⁴ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Las Calles y Plazas...*, 1976, p.329

⁴⁵ Josep LLADONOSA i PUJOL, "La Zona Universitária...", 1950, p.26-29 e Josep LLADONOSA i PUJOL, *Las Calles y Plazas...*, 1976, p.329-338.

⁴⁶ O conhecimento dos edifícios escolares de Lérida deve-se fundamentalmente a escavações arqueológicas (as mais relevantes realizadas no ano de 1954) e ao aturado trabalho de Lladonosa i Pujol, que começou por publicar os resultados das escavações em cinco artigos da revista *Acento* de Lérida, de Fevereiro a Julho de 1958. Os edifícios, hoje desaparecidos, encontram-se ainda representados em algumas peças gráficas do século XVIII, que citaremos oportunamente no decorrer da presente análise.

⁴⁷ Nos desenhos de reconstituição feitos depois dos trabalhos arqueológicos de 1954, Lladonosa i Pujol colocou a fachada das escolas de direito sobre o *Carrer de les Escoles* (Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.15). Contudo, a implantação desta via, paralela ao *Carrer de Sellers*, seria corrigida em desenhos de reconstituição topográfica posteriores (*Las Calles y Plazas...*, 1976, p.256-257) pelo que a fachada das escolas de direito se situaria, de facto, sobre o antigo *Carrer de Sellers*.

⁴⁸ Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.11-15.

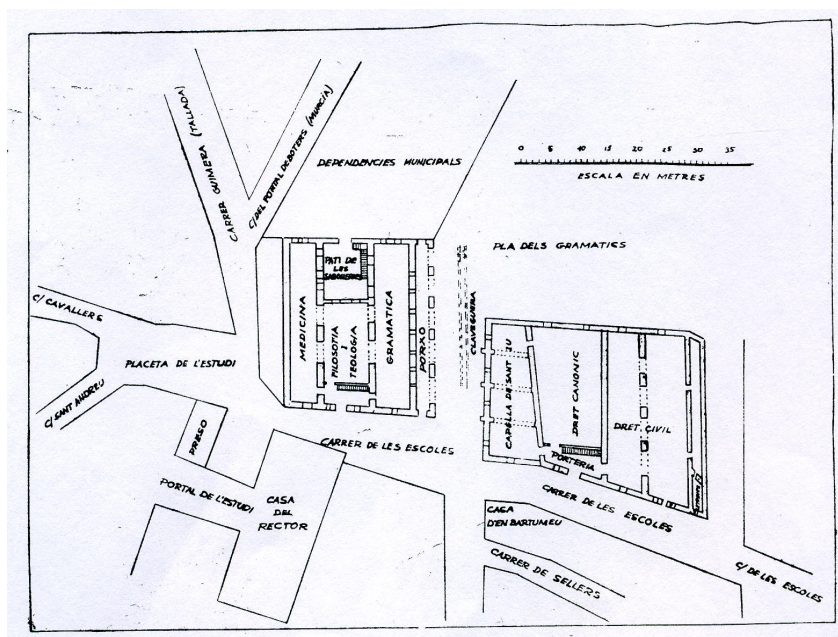
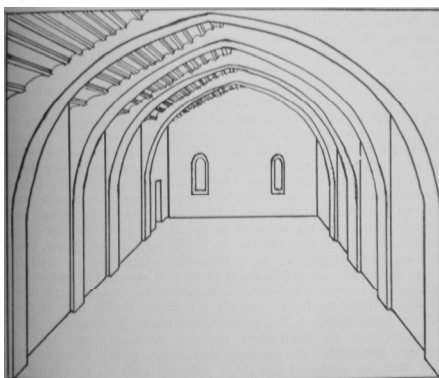


Fig.3
Planta de
reconstituição dos
edifícios
do estudo geral de
Lérida
(fonte: J. Lladonosa i
Pujol, 1974).

Fig.4
Reconstituição da
fachada do edifício
principal do estudo
geral
(fonte: J. Lladonosa i
Pujol, 1972).

Fig.5
Geral ordinário de
cânones / Capela de
Sant Iu
(fonte: J. Lladonosa i
Pujol, 1972).

Fig.6
Fotografia das
escavações
arqueológicas de
1954.



O edifício esteve cercado por espaço público pelos quatro lados.⁴⁹ Para trás (para sudoeste) existia uma plataforma, a *pla dels Gramàtics* (inicialmente conhecida por *pla del Mur*)⁵⁰ e que se converteu em recinto próprio da universidade, embora se mantivesse como espaço semi-público durante várias épocas. Seria finalmente cercado cerca de 1628.⁵¹

A fachada do edifício medieval (**fig.4**) situava-se, de facto, sobre o referido *carrer de Sellers* (veja-se novamente a **fig.1**) que seguia encosta acima até à igreja sede paroquial de *Sant Martí*. As escavações de há cinquenta anos permitiram verificar a existência de duas portas, uma mais a sul, gótica, que servia um compartimento de entrada e distribuição, e outra, românica, que servia directamente uma das aulas de leis. Escudos da cidade estariam aplicados sobre as portas das escolas.⁵²

O interior seria quase sempre de apenas um piso e teria quatro salas principais para as aulas: - duas salas emparelhadas, dedicadas ao direito civil, separadas por uma arcaria longitudinal; e duas salas para o direito canónico, uma para a “aula maior de cânones” e outra para a “cátedra ordinária de cânones”⁵³ que era simultaneamente a capela de *Sant Iu*, capela da sede do estudo. Este último espaço, que persistiu ainda integrado nuns antigos quartéis setecentistas demolidos precisamente em 1954 era composto por um conjunto de três arcos transversais apontados, espaçados entre si (**figs.5 e 6**), e é possível que tenha sido acrescentado ao edifício primitivo.⁵⁴ Conhecem-se, porém, referências à capela pelo menos desde 1447.⁵⁵

⁴⁹ “D’aquesta manera l’Estudi major restaria limitat per quatre calçades que coneixem amb tota precisió”, Josep LLADONOSA i PUJOL, *L’Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.12.

⁵⁰ *Ibidem*, p.13.

⁵¹ Josep LLADONOSA i PUJOL, “La Zona Universitària...”, 1950, p.41-43 e Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1974, Vol. II, p.419. Nas plantas da zona, de 1707, 1770 e 1785, o edifício das escolas surge novamente exento, em função das destruições ocorridas na área e do encerramento da Universidade em 1717

⁵² Josep LLADONOSA i PUJOL, *L’Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.12.

⁵³ Josep LLADONOSA i PUJOL, *L’Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.13.

⁵⁴ *Ibidem*, p.13.

⁵⁵ *Ibidem*, p.14. Outra referência à capela do Estudo, de 1458, é citada na mesma obra, p.13, nota 4.

Já as escolas de medicina foram instaladas em edifício praticamente imediato, propriedade do estudo, situado na *pla dels Gramatics*,⁵⁶ enquanto que as classes de gramática e de filosofia natural tinham lugar, pelo menos desde 1429,⁵⁷ num edifício propriedade municipal, arrendado à universidade,⁵⁸ e que era simultaneamente fábrica de sabão, de cera e de velas, designado justamente por **saboneries**. Situava-se também na proximidade imediata das escolas de direito, com frente para a **pla de l'Estudi**, diante do *portal de la Suda*. Não é claro, por outro lado, onde decorreram as primeiras classes de teologia, matéria cujo ensino fora autorizado no estudo de Lérida a partir de 1429.⁵⁹

Podemos pois observar como as autoridades locais, perante a impossibilidade material de se levantarem edifícios de nova planta, cederam a utilização de vários armazéns municipais para o funcionamento da universidade. Edifícios que permitiam o ajuntamento do elevado número de estudantes que acorriam às aulas, sem necessidade de grandes obras de adaptação.

Após o cerco de Joan II (1398-1458-1479) a Lérida (1464) e o final da guerra (1472), de que resultou a destruição de parte do bairro universitário, foram realizadas obras nas escolas de direito (que haviam ficado danificadas e sem mobiliário) e reparações menores nas *saboneries*, também danificadas e no qual foi necessário albergar as aulas de medicina (face à destruição do edifício que havia albergado o ensino médico) e da teologia, que assim se juntaram às classes de lógica e gramática no mesmo imóvel.⁶⁰ As *saboneries* teriam aparentemente dois andares. É o que se depreende do contrato de 1517 pelo qual a *paeria* vendia o edifício a mestre Barberá,⁶¹ com a condição de que “les

⁵⁶ A referência é dos censos (“*capbreus*”) de 1382. Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.14. e Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1972, Vol.I, p.444 e 539.

⁵⁷ Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.13.

⁵⁸ Cujas rendas revertiam a favor do Hospital de Santa Maria, Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1974, Vol. II, p.137

⁵⁹ Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de la Ciutat...*, 1980, p.103

⁶⁰ Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.13 e Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1974, Vol. II, p.137.

⁶¹ Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.25-26.

aules situades als baixos, podrien continuar llur funció docent".⁶² Garantiu-se assim algum dinheiro para investir no equipamento das classes.

Outra infra-estrutura universitária importante, a casa do reitor,⁶³ situava-se encostada ao *portal de la Suda* e em frente da empena lateral da capela de *Sant lu* das escolas de direito, defronte também das *saboneries*, situadas do outro lado da *pla de l'Estudi*. A hipótese de reconstituição topográfica do conjunto das escolas e da casa do reitor (situadas imediatamente fora do *portal de la Suda*, como temos referido) realizada por Josep Lladonosa (**fig. 3**)⁶⁴ pode ser hoje completada com a observação das plantas topográficas do século XVIII, nomeadamente, a planta francesa de 1707 (**figs.7 e 8**)⁶⁵ e ainda a planta de um projecto de 1770 (**fig.9**)⁶⁶, publicadas mais recentemente, no *Atlas de Lleida*.⁶⁷ Lembremos ainda a planta da zona de 1785, realizada por Blondel,⁶⁸ e que Lladonosa utilizou como base para a reconstituição efectuada (**fig.10**).

A planta francesa de 1707 contém de facto informação gráfica valiosa, permitindo uma visão global da área que agora estudamos e da cidade em geral, em pleno período da Guerra da Sucessão de Espanha. Contudo tem algumas legendas equivocadas,⁶⁹ pelo que não devem servir para identificar os edifícios que nos interessam. Estão lá representados, sem grande margem

⁶² Josep LLADONOSA i PUJOL, *Història de Lleida...*, 1974, Vol. II, p.138

⁶³ Tratava-se de uma casa de alguma dimensão pois permitiu a instalação provisória da comunidade dominicana cujo Convento fora destruído, depois da guerra de 1640-1648. Josep LLADONOSA i PUJOL, "La Zona Universitária...", 1950, p.40.

⁶⁴ Josep LLADONOSA i PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430...*, 1970, p.15.

⁶⁵ "Plan de la Ville et Château de Lerida en Espagne", Ministère de la Defense, Bibliothèque du Génie («Recueil des plans d'Espagne contenant des notes historiques sur les sièges», Fol.107) publicada por **Bernat CATTLE**r e **Pere ARMENGOL**, *Atlas de Lleida, S.XVIII-XX*, Lleida, Col·legi d'Arquitectes de Lleida, 1987, p.83.

⁶⁶ "Copia del plano que manifiesta el Proyecto de extensión en la Plaza de Boteros de la Ciudad de Lérida, formado por el Señor Don Pedro Zermeno en el año de 1770", Biblioteca Central Militar, Servicio Histórico Militar, Madrid, Plano nº 9404 (sign.G.2.23), hoja 1.

⁶⁷ Bernat CATTLEr e Pere ARMENGOL, *Atlas de Lleida...*, 1987, p.83 e p.143

⁶⁸ "Establecimientos de solares en el llano de los Gramáticos, 1785 – Copia de un plano existente en el Ayuntamiento", Josep LLADONOSA i PUJOL, "La Zona Universitária...", 1950, p.41.

⁶⁹ Basta notar, desde logo, que a igreja paroquial de *Sant Martí* (P) está identificada como sendo "P - St. Laurent Parroisse".

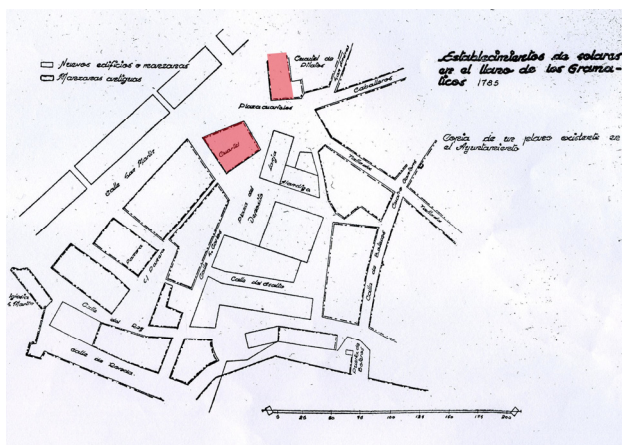
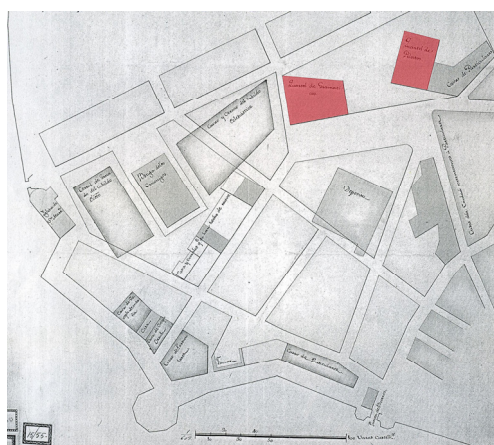
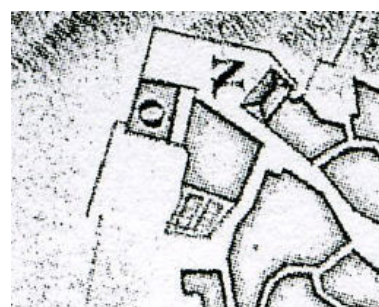
para dúvida, os três edifícios de que falávamos⁷⁰ – escolas de direito (O),⁷¹ casa do reitor (N),⁷² e entre destes dois edifícios, e sem letra, as *saboneries*.

Fig.7
Lérida. Detalhe da planta francesa de 1707 (fonte: *Atlas de Lleida* / Ministère de la Defense, Bibliothèque du Génie).
A vermelho assinalamos os três edifícios universitários centrais:
O. Estudo Geral (cânones e leis)
Sem Legenda. *Saboneries* (gramática, filosofia, medicina e teologia?)
N. Casa do reitor
P. Igreja de *San Martí*

Fig.8
Detalhe da figura anterior.

Fig.9
Detalhe de um projecto urbano, 1770 (fonte: *Atlas de Lleida*).
A vermelho os antigos edifícios universitários (já não existem as *saboneries*)

Fig.10
Planta de 1785
(fonte: J. Lladonosa i Pujol, 1950).



⁷⁰ 700 aniversari. *Universitat de Lleida*, Lleida, Universitat, 2000(?), p.41-42.

⁷¹ Erradamente legendadas como "O – St Martin, ancienne parroisse"

⁷² Erradamente legendada como "N – Droit Canon" (legenda que deveria identificar o edifício anterior, com a letra O).

Já a planta de 1770 permite claramente identificar as escolas de direito com o “*Quartel de Gramáticos*” que é designado apenas por “*Cuartel*” na planta de urbanização de 1785. Parece também ter sido essa a interpretação de Josep Lladonosa pois o contorno deste volume edificado corresponde ao contorno do edifício reconstituído por este autor, após os já mencionados trabalhos arqueológicos da década de 1950. Quanto à casa do reitor, não pode haver dúvidas (como já havia notado Josep Lladonosa⁷³) de que se integrava no “*Quartel de Pilatos*” legendado na planta de 1785. Situação que é confirmada pela representação anterior de 1770 (onde surge já a legenda “*Quartel de Pilatos*”) e pela comparação com a planta, ainda mais antiga, de 1707.⁷⁴ Depreende-se também, pela análise das plantas, que as *saboneries* foram destruídas durante a Guerra da Sucessão, ou pouco depois.

d) Os colégios

Aspecto importante da história do estudo geral de Lérida é o de ter surgido, no seu âmbito, o primeiro colégio da universidade espanhola. Falamos do colégio de Santa Maria Virgem, fundado cerca de 1372, durante o reinado de Pere IV (1336-1387), pelo cónego da sé de Lérida Domingo Pons – pelo que é também comumente conhecido por *collegi de Domenec Pons*.

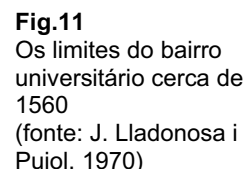
Esta instituição resulta ainda mais relevante atendendo ao facto de que o fundador a dotou de um novo e amplo edifício, de dois andares, com pátio ou claustro interno, construído expressamente para o efeito. O edifício, de que aprofundaremos os aspectos arquitectónicos em secção própria (capítulo 2.3), parece ter sofrido assim alguma influência do notável *collegio di Spagna*, verdadeiro protótipo de colégio à escala europeia, que o cardeal espanhol Gil Carrilho de Albornoz havia fundado e construído poucos anos antes em Bolonha (1365-1367).⁷⁵ Foi criado para albergar 12 clérigos que pretendessem prosseguir os estudos universitários, em particular o direito canónico. O colégio

⁷³ Josep LLADONOSA i PUJOL, “La Zona Universitaria...”, 1950, p.39.

⁷⁴ Lladonosa, nos desenhos de reconstituição, apresentou a casa do reitor flanqueando o *portal de la Suda* pelo lado norte. Informa-nos também que a referida porta só foi ultimamente demolida em 1875 (Josep LLADONOSA i PUJOL, *Las Calles y Plazas...*, 1976, p.244) pelo que, da observação dos elementos gráficos citados, a antiga porta deveria estar incluída na mole construída do quartel de Pilatos.

⁷⁵ Veja-se, sobre este colégio, o capítulo 2.2.

No século XVI (1559) surgiria também um importante novo colégio, de tipo seminarista (para padres e não para frades) tal como o colégio de Domingo Pons: tratou-se do *Collegi de la Concepció*, que seria também conhecido por *Collegi Nou*, para se distinguir do anterior, que passaria a designar-se por *Collegi Vell*. Teremos ocasião de nos referirmos a este instituto e aos outros colégios das ordens religiosas oportunamente.



1.7. Coimbra

e a dotação de um precoce “palácio” universitário

Na breve incursão que agora faremos, sobre as instalações que ocupou o estudo geral português nas duas estâncias trecentistas em Coimbra (1308-1338 e 1354-1377), regressaremos a um tema tratado recentemente (e de forma complementar) por vários autores, em particular Maria Helena Cruz Coelho,¹ Saúl António Gomes² e Walter Rossa³ e estudado primeiramente, com profundidade (no que a um provável edifício central diz respeito) por António de Vasconcelos⁴ no princípio do século passado. A sistematização dos elementos conhecidos, incluindo referência a aspectos ainda não clarificados, afigura-se-nos útil em função do quadro comparativo que pretendemos estabelecer com outras realidades universitárias ibéricas coevas.

a) O bairro dos escolares na almedina

Vimos anteriormente como o estudo geral reconhecido por D. Dinis (1261-1279-1325) em Lisboa, em 1290, passou, por decisão régia, para a mais pacata Coimbra em 1308. Refere António de Vasconcelos que *“lembrou-se então D. Denis de criar uma cidade universitária”*.⁵ O motivo teve aparentemente a ver com desacatos entre universitários e os burgueses da já então capital do reino.⁶ Citou Saul Gomes a bula de Clemente V autorizando a

¹ **Maria Helena Cruz COELHO**, “Coimbra Trecentista. A Cidade e o Estudo”, *Biblos*, Vol. 68, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992, p.335-356; **Maria Helena Cruz COELHO**, “Condições materiais de funcionamento - as finanças”, in *AAVV*, *História da Universidade em Portugal*, Lisboa/Coimbra, FCG/UC, 1997, Vol.I, Tomo I, p.39-67.

² **Saul António GOMES**, “Escolares e Universidade na Coimbra Medieval”, *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, p.511-530

³ **Walter ROSSA**, *Diver[s]idade. Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Coimbra, tese de doutoramento apresentada à FCTUC, 2001

⁴ **António de VASCONCELOS**, “Estabelecimento primitivo da Universidade em Coimbra”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, Vol.II, 1913, p.604-636. Reeditado em António de VASCONCELOS, “D. Denis, decorridos 18 anos sobre a fundação da Universidade, fixa em Coimbra a sede da mesma”, *Escritos Vários relativos à Universidade Dionisiana*, Coimbra, 1938, Vol.I, p.67-106.

⁵ António de VASCONCELOS, “Estabelecimento primitivo...”, 1913, p.615.

⁶ Como já tivemos ocasião de referir (capítulo 1.5., nota 27), citando a própria bula de Clemente V que autorizava a transferência para Coimbra, publicada em **Artur Moreira de SÁ (Coord.)**,

mudança e que refere a descrição régia de Coimbra como “*locus magis accomodus et conveniens*”.⁷ Este autor chama também a atenção para um factor de ordem económica uma vez que “*a maior parte das fontes de rendimento que passam a financiar o funcionamento da Universidade se encontram estabelecidas na diocese de Coimbra*”.⁸

No ano seguinte (15 de Fevereiro de 1309) passava o monarca a designada “*Charta Magna Privilegiorum*”,⁹ provisão régia de atribuição de privilégios cujo texto tem sido extrapolado como constituindo os primeiros estatutos da universidade.¹⁰ Nela fundava e plantava “*irradicavelmente*” o estudo geral em Coimbra. Referia as faculdades e matérias a ensinar,¹¹ remetendo o ensino da teologia para os conventos dominicano (no arrabalde) e franciscano (do outro lado do rio Mondego). Reconhecia, entre outros, o direito dos estudantes elegerem um reitor e da universidade elaborar estatutos próprios, autorizando que a corporação tivesse arca e selo próprios. Entre outros aspectos, ordenava que fossem designados dois homens do concelho e dois escolares (os taxadores) com a tarefa de fixarem os preços justos que os escolares deviam pagar pelas casas (tal como estipulara Nicolau IV na bula de 9 de Agosto de

Chartularium Universitatis Portugalensis, Vol. I, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1966, doc.23, p.41-42: 26.02.1308 – “*Bula de Clemente V autorizando a transferência do Estudo para Coimbra e confirmando-lhe os privilégios e graças concedidos por Nicolau IV*”.

⁷ Saul António GOMES, “Escolares e Universidade...”, 2001, p.516 citando o documento mencionado na nota anterior.

⁸ *Ibidem*, p.516: “*A igreja, especialmente a Conimbricense, garantia o grosso do financiamento efectivo da Instituição. A vinculação de terças dizimistas das igrejas de Pombal e Soure, sediadas nesta diocese (...) ao Estudo é um dos indicadores mais claros desta atribuição à Ecclesia Colimbriensis dos deveres de subsídio para com a Universidade*”, *ibidem*, p.517. Ver também, sobre este assunto, Maria Helena Cruz COELHO, “Condições materiais...”, 1997.

⁹ O documento original, em latim, encontra-se transcrito em Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, doc.25, p.43-47: 15.02.1309 – “*Carta de D. Dinis fundando e estabelecendo em Coimbra o Estudo Geral e concedendo-lhe privilégios*”. Veja-se também a edição crítica, que inclui tradução para português, em **Manuel Augusto RODRIGUES (Ed.), Os Primeiros Estatutos da Universidade de Coimbra**, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1991.

¹⁰ Os primeiros estatutos devem ter sido elaborados pela própria comunidade universitária (como lhe estava consignado por esta provisão régia) uns anos depois: “*Em 1316 reitores, escolares e oficiais elaboram, para seu regimento, umas constituições, que D. Dinis confirma em 27 de Janeiro de 1317*”, **António Filipe PIMENTEL (2002), A Morada da Sabedoria**, Coimbra, Almedina, 2005, p. 41 e p.47 (nota 81). Tanto estas constituições como a carta de confirmação de D. Dinis se perderam.

¹¹ Direito canónico (decretos e decretais), direito civil (leis), medicina, e dialética e gramática (artes): as mesmas faculdades indicadas na bula de fundação do estudo geral de Nicolau IV, de 1290.

1290 reconhecendo o estudo de Lisboa). Instituíam ainda o foro académico,¹² impedindo que os estudantes fossem julgados pela justiça secular. Paralelamente, criava o cargo de conservador, para o qual designava dois homens de confiança,¹³ que tinham como missão fazer valer os privilégios dos escolares e do estudo geral. Isentava ainda os estudantes e os seus haveres do pagamento de portagens quando se deslocassem de ou para Coimbra. Já antes, havia determinado que os escolares pudessem ter açougues, carnicheiros, vinhateiros, padeiras e almotacés próprios.¹⁴

D. Dinis escolhera para “bairro universitário” (embora não se lhe referisse nestes termos) toda a cidade intramuros, ou seja, a Almedina. Dois documentos datados de 25 de Maio de 1312 referem-se precisamente a medidas régias com vista a procurar resolver o sempre latente problema do alojamento. No primeiro, dando resposta a queixa da universidade em como **“per reza de mimgoa de casas que há em esse logo na almedina leixam alguus scollares do meu Senhorio de fora de viinr ao studo”**, ordena ao alcaide e alvazis de Coimbra que **“constrangades todos que pardieyros e casas derribadas ouverem des a porta dalmedina acima (...) que faça logo essas casas ou dem se lhes mais aprouver a quem as faça”**.¹⁵ No segundo documento ordena também ao alcaide e alvazis de Coimbra que **“constragades todos aquelles que della porta dalmedina acima teem casas pera alugar que as aluguem aos escolares”**.¹⁶ Curiosamente, ambos os documentos foram redigidos durante a permanência do monarca na cidade. Como já notaram

¹² Sobre o foro académico veja-se **António de VASCONCELOS, “Génese e evolução histórica do foro académico”**, *Boletim da Faculdade de Direito*, Coimbra, Faculdade de Direito, 1917, nº28, p.379-404. Reeditado em **António de VASCONCELOS, “Génese e evolução histórica do foro académico; Extinção do mesmo”**, *Escritos Vários relativos à Universidade Dionisiana*, Coimbra, 1937, Vol.I, p.297-334.

¹³ Martim Anes, Almoxarife em Coimbra, e João Domingues, cidadão. António de VASCONCELOS, “Génese e evolução...”, 1917, p.386.

¹⁴ A. Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, doc.24, p.42: 27.11.1308 – “Carta de D. Dinis determinando que os escolares do Estudo Geral de Coimbra possam ter açougues, carnicheiros, vinhateiros, etc”.

¹⁵ A. Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, doc.39, p.61-62: 25.05.1312 – “Carta de D. Dinis determinando que se façam casas para os escolares do Estudo Geral de Coimbra”.

¹⁶ A. Moreira de SÁ (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, doc.40, p.62-63: 25.05.1312 – “Carta de D. Dinis ordenando que aluguem casas aos escolares do estudo Geral de Coimbra”.

vários autores ficava, pois, da “*porta de Almedina acima*”, o bairro universitário bem delimitado.¹⁷

A Coimbra medieval (**fig.1**) compunha-se de duas áreas urbanas distintas: a almedina e o arrabalde.¹⁸ Dentro do circuito de muralhas¹⁹ (que cercava uma área aproximada de 30 hectares) estava a mencionada Almedina. No topo, sobre o planalto da cidade amuralhada, situavam-se o paço real (correspondente ao *alcácer* árabe²⁰) a poente, e o “castelo”, a nascente. O “castelo”, formado por um par de torres, uma delas com mais de 36 metros de altura,²¹ dominava a porta do Sol, ponto de mais fácil acesso à cidade alta. A poente do paço real e já em plena encosta, elevava-se a sé românica a meio da via que descia desde o paço episcopal (antigo fórum romano) à cota alta, até à porta e torre de Almedina, entrada à cota mais baixa das cinco que pontuavam a muralha urbana.

Defronte da porta de Almedina espalhava-se a segunda área de que falávamos: o arrabalde, cidade extramuros que se expandia sobre a margem direita do Mondego e onde se desenvolviam as actividades económicas. Atravessava-o a estrada litoral, coluna vertebral que desde os romanos ligava o norte e o sul do

¹⁷ De facto, quase todos os historiadores da universidade se referem a estes documentos. Também António de Vasconcelos (António de VASCONCELOS, “Estabelecimento primitivo...”, 1913, p.623) refere que existem “a este bairro, essencialmente académico, o bairro latino coimbrão, várias referências nos diplomas dionísianos do Livro Verde” (códice manuscrito do século XV, pertencente ao Arquivo da Universidade de Coimbra).

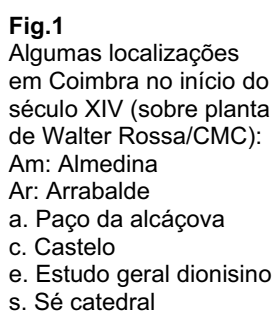
¹⁸ Sobre a Coimbra Medieval ver entre outros Maria Helena Cruz COELHO “Coimbra Trecentista...”, 1992, Walter ROSSA, *Diver[sc]idade...*, Coimbra, 2001, e o recentíssimo livro de Jorge ALARCÃO, *Coimbra. A montagem do cenário urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2008.

¹⁹ Sobre as muralhas de Coimbra, veja-se António de VASCONCELOS, *A Sé Velha de Coimbra* (1930), 2 Vols, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1993, Vol.I, p.83-88, Vergílio CORREIA e António Nogueira GONÇALVES, *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1947, p.XVI-XVIII e p.1-9, Leontina VENTURA, “A muralha coimbrã na documentação medieval”, *Actas das 1^{as} Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, GAAC, 1979, p.43-56, Walter ROSSA, *Diver[sc]idade. Urbanografia do espaço de Coimbra...*, Coimbra, 2001, p.65-84 e p.238-241, António Filipe PIMENTEL (2002), *A Morada da Sabedoria...*, 2005, p.195-199 e, sobretudo, Jorge ALARCÃO, *Coimbra. A montagem...*, p.193-267, que nos dá o actual estado da questão.

²⁰ Sobre a origem (árabe) do paço real e sua transformação ulterior (séc. XVI) em sede da universidade, veja-se António Filipe PIMENTEL (2002), *A Morada da Sabedoria...*, 2005.

²¹ Das torres do castelo, uma tinha secção quadrada e era do tempo de D. Afonso Henriques. Outra, “quinária”, de secção pentagonal fora construída no tempo de D. Sancho I e tinha mais de 120 palmos de alto. Vergílio CORREIA e António Nogueira GONÇALVES, *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1947, p.1-3. Veja-se ainda o levantamento, em planta, realizado por Elsdon, quando das obras da Reforma Pombalina da Universidade.

Temos, por isso, que a almedina era fundamentalmente a cidade do bispo e dos clérigos, que albergava a corte nas suas estâncias cada vez menos frequentes em Coimbra. O arrabalde era cada vez mais a cidade civil e das actividades económicas, área onde se implantou a meados do século XII (1131) o mosteiro agostinho de Santa Cruz e, a meados do séc. XIII (c.1227), o convento de São Domingos. Outros conventos mendicantes (São Francisco, Santa Clara²²) foram instalar-se do lado de lá do rio, a seguir à ponte, dando origem ao burgo de Santa Clara.



211

Ultrapassada a insegurança dos tempos da reconquista e da formação da nacionalidade, a almedina, sobre a encosta, de acesso mais difícil, ressentiu-se naturalmente no número de habitantes, que diminuía em razão inversa do aumento demográfico do arrabalde. Ressentiu-se também da perda da capitalidade de Coimbra consumada com a deslocação da corte para Lisboa, no tempo de D. Afonso III, acompanhando o avanço progressivo do país para sul. O palácio real servia agora apenas de residência periódica. Quis pois D. Dinis estancar essa perda de habitantes, que tinha também efeitos negativos do ponto de vista estratégico e militar, instalando os escolares na Almedina e sedeando o Estudo Geral em edifício aparentemente construído para o efeito, junto do seu paço.

b) A sede do estudo dionisino

Segundo consta de um alvará de D. João III, de 16 de Janeiro de 1554, procedia-se à construção do colégio de São Paulo “*nos Estudos velhos da dita cidade*”.²³ Que este edifício havia substituído a antiga sede universitária (entretanto adaptada para escolas de gramática) permaneceu do conhecimento da comunidade universitária, sendo feita referência ao facto logo no próprio auto de inauguração do colégio (em 1563²⁴) e mais tarde nos estatutos manuscritos da universidade de 1598²⁵ e ainda na introdução dos estatutos, impressos, de 1653.²⁶

Face a um conjunto de vestígios arquitectónicos que chegaram até à contemporaneidade, António de Vasconcelos admitiu (em 1913) que a sede do

²³ **Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III***, Coimbra, Universidade, Vol. IV, 1941, doc, 687, p.201-202 – 16.01.1554: “*Alvará sobre a despesa das obras do Colégio de São Paulo*”. A construção inicial do Colégio de São Paulo, sob patrocínio de D. João III, decorreu entre 1549 e 1563. O edifício (muito danificado pelo terramoto de 1755) foi adaptado no século XIX (1838) a teatro académico. Foi posteriormente demolido (1889) dando lugar ao primeiro edifício da Faculdade de Letras, já no século XX. Este último foi transformado na Biblioteca Geral da nova cidade universitária do Estado Novo, que hoje subsiste.

²⁴ Pode ver-se o auto em António de VASCONCELOS, “*Estabelecimento primitivo...*”, 1913, p.623-626; Veja-se também **Margarida BRANDÃO, *O Colégio de S. Paulo***, 2 Vols., Coimbra, edição da autora, 1973, Vol.II, p.167-174.

²⁵ “*Numa brevíssima notícia histórica acerca da Universidade, que se lê no códice manuscrito dos estatutos de 1597*”, códice do Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC). Margarida BRANDÃO, *O Colégio de S. Paulo*, Coimbra,, Vol.I, p.71.

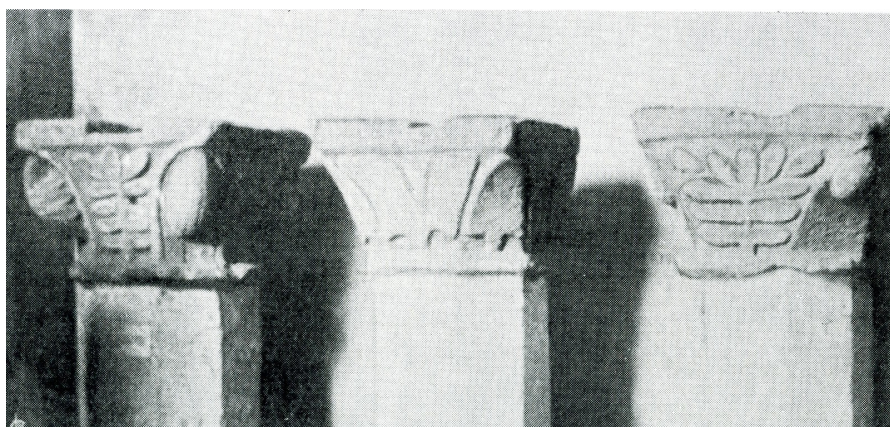
²⁶ ***Estatutos da Universidade de Coimbra (1653)***, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1987, p.3. Todos estes aspectos foram apontados por António de VASCONCELOS, “*Estabelecimento primitivo...*”, 1913, p.623

estudo geral dionisino, junto do paço real, correspondesse a uma construção com alguma dignidade que ***“se fez probabilissimamente de propósito para ali se instalar o estudo”***.²⁷ Referiu-se este autor a um conjunto de colunas, com seus capitéis de decoração vegetalista, retiradas dos alicerces do colégio de São Paulo, quando da demolição deste em 1889 e guardadas hoje no Museu Nacional Machado de Castro (**figs.2 e 3**).²⁸ E ainda a uma estátua da sapiência, que havia desaparecido, mas que se sabe esteve colocada num nicho da sala de aula do referido colégio, que se dizia (sem fundamento, como veremos) tratar-se de uma sala do antigo edifício dionisino.²⁹ As referidas colunas e capitéis parecem ser, comprovadamente (de acordo com todos os estudos dos últimos anos), vestígios da referida sede do estudo trecentista.



Figs.2-3

Capitéis e colunas do edifício do estudo geral dionisino de Coimbra. (Museu Nacional de Machado de Castro).
Fonte: António de Vasconcelos.



²⁷ “Estas reliquias são de molde a constituírem prova de que o edifício foi construído em tempo de D. Denis; donde não é temerária a ilação de que a construção se fez probabilissimamente de propósito para ali se instalar o estudo”. António de VASCONCELOS, “Estabelecimento primitivo...”, 1913, p.626.

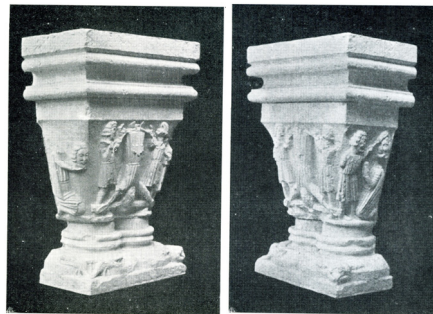
²⁸ *Ibidem*, p.630-631.

²⁹ *Ibidem*, p.626-630.



Figs.4-7

Capitéis do claustro do mosteiro de Celas, provavelmente provenientes do edifício do estudo geral dionisino.



Menos pacífica tem sido a atribuição, feita por António de Vasconcelos no mesmo artigo, da proveniência das colunas e dos famosos capitéis decorados (**figs. 4-7**) do claustro do mosteiro cisterciense feminino de Celas, a nordeste da cidade, ao edifício primitivo do estudo dionisino.³⁰ Esta ligação ao mosteiro de Celas resultou de uma referência a uma provisão régia, incluída numa listagem de documentos seiscentista (coligida por frei Bernardo d'Assunção), segundo a qual D. João III fez “*mercê das colunas, vazas, e capiteis, que estavam na claustra do Collegio Real [o de São Paulo?] ao mosteiro de Cellas. Anno 1553*”.³¹

Importa referir que o conjunto daqueles elementos arquitectónicos, que “*não tem correspondente em todo o país*” como notou Pato de Macedo,³² preenche apenas dois dos lanços do claustro de Celas (actualmente com apenas um piso) sendo que as restantes alas correspondem ao tipo de claustro de alçado composto por tramos de dupla arcada renascentista separados por contrafortes, corrente em Coimbra no século XVI.

A hipótese de António de Vasconcelos foi entretanto refutada, e mais recentemente, novamente defendida. Não cabe aqui retomarmos nos detalhes a questão. Bastará talvez lembrar que Torquato de Sousa Soares (1953), identificando num dos capitéis as figuras de São Bento e de São Bernardo

³⁰ *Ibidem*, p.631-636.

³¹ Fr. Bernardo d'ASSUNÇÃO, *Mosteiro de Celas. Index da Fazenda*, (s/d), publicado por Joaquim Teixeira de CARVALHO, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921, p.90.

³² Francisco Pato de MACEDO, *A Arquitectura Gótica na Bacia do Mondego nos séc. XIII e XIV*, Coimbra, Prova de Capacidade Científica - FLUC, 1988, p.68. A decoração e nível artístico (segundo Pato de Macedo) devem-se forçosamente atribuir a uma encomenda régia

(entre outros aspectos), defendeu que os referidos capitéis e colunas se teriam feito para o próprio convento de Celas, no reinado de D. Afonso III ou de D. Dinis³³. Na senda deste autor escreveu também Maria do Rosário Morujão (1991)³⁴.

Recentemente, Walter Rossa (2001³⁵), e na sequência de um artigo publicado conjuntamente com Paulo Varela Gomes (1996³⁶), regressou à primeira hipótese, com base em dois argumentos principais. O primeiro, de que a análise estilística realizada entretanto por Francisco Pato de Macedo (1988³⁷) se inclinava para a encomenda régia das peças e, fundamentalmente, para a não adequação do tipo de imagens dos capitéis, na sua globalidade, a um claustro cisterciense. O segundo, de que o cenóbio de Celas teria sido relativamente modesto em termos de dimensão da comunidade religiosa e da sua infra-estrutura arquitectónica durante todo o período medieval³⁸ e até meados do século XVI, época em que sofreu reforma construtiva significativa e ampliação das instalações. Defende, pois, Walter Rossa,³⁹ tal como anteriormente António de Vasconcelos,⁴⁰ que as colunas e capitéis que estão hoje em Celas teriam feito parte de um claustro do edifício primitivo do estudo geral.⁴¹

Pensamos ser esta possibilidade plausível. Aspecto não esclarecido, porém, é o significado da referência feita ao “*Colégio Real*” donde provinham as “*colunas, vazas, e capiteis*” para aplicar no claustro de Celas. Lembrou

³³ Torquato de Sousa SOARES, “A origem do antigo claustro do Mosteiro de Celas”, *Actes du Congrès International d'Histoire de l'Art*, Lisboa, 1953, Vol.II, p.5-9. Por outro lado refere que as colunas cedidas por D. João III deveriam provir do Colégio “Real” das Artes e teriam sido aplicadas nas duas alas quinhentistas do claustro, a norte e a nascente.

³⁴ Maria do Rosário MORUJÃO (1991), *Um Mosteiro Cisterciense Feminino. Santa Maria de Celas (Séculos XIII a XV)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2001, p.31-34.

³⁵ Walter ROSSA, *Diver[sc]idade...*, Coimbra, 2001, p.502-504.

³⁶ Paulo Varela GOMES e Walter ROSSA, “A rotunda de Santa Maria de Celas, um caso tipológico singular”, *Monumentos*, nº4, Lisboa, Março 1996, p.56-65.

³⁷ Francisco Pato de MACEDO, *A Arquitectura Gótica...*, 1988, p.66-70

³⁸ Argumentos classificados de “não incontroversos”. A. Filipe PIMENTEL (2003), *A morada da sabedoria...*, 2006, p.48 (nota 96)

³⁹ Walter ROSSA, *Diver[sc]idade...*, Coimbra, 2001, p.504

⁴⁰ “Deviam fazer parte da arcaria de um lindíssimo claustro”, António de VASCONCELOS, “Estabelecimento primitivo...”, 1913, p.632.

⁴¹ Deve referir-se que subsistem um total de dez capitéis isentos, com decoração a toda a roda, e oito meios capitéis, que se encontram encostadas a pilares (centrais e de ângulo) do actual claustro. Veja-se a listagem dos capitéis em Vergílio CORREIA e António Nogueira GONÇALVES, *Inventário Artístico...*, 1947, p.69.

Margarida Brandão (1973) que em 1553, data da desaparecida provisão régia de cedência das colunas e capitéis, nenhum dos colégios (o de São Paulo ou o colégio das Artes) a que coube o epíteto de “Real” (em conjunturas distintas) era designado desse modo, nos documentos régios, pelo próprio D. João III – ainda que possamos contrapor que a designação de “Colégio Real das Artes” fosse por várias vezes empregue, em documentação da época, que não a régia, para o segundo daqueles edifícios.⁴² Nesta linha de raciocínio, concluiu Margarida Brandão que a descrição do conteúdo do documento fora feita por Frei Bernardo d’Assunção, que escreveu o *Índex* de Celas em meados do século XVII.⁴³

A atendermos a esta consideração, o emprego do termo “Colégio Real”, no contexto do período em causa (século XVII), teria forçosamente de referir-se ao colégio de São Paulo, levantado no local do antigo estudo dionisino. Que o colégio de São Paulo em meados de Seiscentos poderia ser designado, sem risco de confusão, apenas por “Colégio Real”, confirma-se por documentos da época, pertencentes ao acervo daquele colégio, que consultamos.⁴⁴ Quanto ao colégio das Artes (após a sua incorporação pelos jesuítas e a sua transferência para a parte alta da cidade) podemos constatar como era designado apenas

⁴² Veja-se sobre a questão específica das designações do Colégio das Artes as linhas escritas por **Mário BRANDÃO, O Colégio das Artes**, Coimbra, Imprensa da Universidade, Vol.I, 1924, p.354-361, e por **Francisco RODRIGUES, História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**, Porto, Apostolado da Imprensa, Tomo I, Vol.II, 1931, p.336-337, nota 1, donde retiramos os seguintes excertos: “Nos primeiros documentos oficiais emprega-se mais comumente a denominação de «Colégio das Artes» (...) menos vezes a de «Colégio Real» (...). Contudo Diogo Mirão quando tratava de o receber para a Companhia [1555], deu-lhe sempre o nome de «Colégio Real» (...). Outros nomes ainda lhe deram vulgarmente, mas prevaleceu afinal o de «Colégio das Artes»”.

⁴³ “É claro que se conhecesse a provisão original, ou cópia, não haveria motivo para dúvidas, pois nelas o Colégio viria mencionado pelo verdadeiro nome, já que nos documentos régios daquela época nem mesmo ao Colégio das Artes se dá o epíteto de Real, e muito menos ao de São Paulo, ainda por organizar. Por consequência a denominação de Colégio Real atribuída naquele índice ao Colégio onde se encontravam as pedras, foi-lhe indubitavelmente aplicada pelo cartorário Fr. Bernardo”. Margarida BRANDÃO, *O Colégio de S. Paulo...*, 1973, p.75-76.

⁴⁴ Por exemplo, um recibo referente a “6600 rs. q recebeo Miguel Antunes de tijolo q deu p^a as obras do **Colégio Real**”, assinado a 15 de Outubro de 1661 (AUC, Est. 7, Tab.1, n^o29 - Cx^a, “obras”, 1661). Ou outro documento, datado de 20 de Agosto do ano seguinte (1662), texto de um contrato em que “Por este por mim assinado digo eu Joao Bautista pedreiro morador na villa de Ançam q eu me obrigo por minha pessoa e bens a arrinacar, e mandar ao Sr. Reitor e mais Sres. Collegiais do **Col^o. Real** desta Un.de toda a pedra q for necessaria na forma do Rol q lhe der Manuel Mendes mestre de obras...” (AUC, Est. 7, Tab.1, n^o29 - Cx^a, “obras”, caderno de contas - “pertensem ao Agente mel. Piz dagiar o velho” - última folha, 1662).

por “Colégio das Artes”⁴⁵ ou simplesmente como “Noviciado” do colégio de Jesus,⁴⁶ a partir de finais do século XVI e durante todo o século seguinte, pelos próprios jesuítas. Enfim, trata-se de questão complexa, e para a qual não há resposta absolutamente segura.

Finalmente (e focando outro aspecto – o da localização precisa do estudo dionisino) pretendemos apresentar uma análise que realizamos a um documento, datado de 15 de Abril de 1549, que concretiza uma troca de terrenos com vista à construção do referido colégio de São Paulo. Trata-se de uma *“Escritura de escambo entre a Universidade e o prior e beneficiados da Igreja de S. Pedro de propriedades para a construção do edifício do Colégio”*, publicada por Margarida Brandão,⁴⁷ e do qual reproduzimos excerto importante na legenda da **figura 8**. Pensamos ter logrado a identificação dos terrenos e casas cedidos à universidade (por troca com outros) para a construção do colégio, descritos no referido documento, conforme se vê na figura citada. Essa identificação foi possível confrontando o texto do documento com o levantamento da cidade de 1873-74,⁴⁸ em que surge ainda representado o hoje desaparecido edifício do colégio de São Paulo (instituição que fora entretanto extinta) e que albergava então o teatro académico. O cadastro e muros divisórios das várias parcelas e quintais representados permitem fazer corresponder, com bastante rigor, os lotes constantes no documento com os lotes visíveis no terreno, resultantes de um parcelamento que pouco se terá alterado em mais de trezentos anos.

Deste exercício pudemos retirar, com razoável dose de objectividade, a identificação dos terrenos descritos no documento, situados a sul da antiga

⁴⁵ Baltasar TELES, *Chronica da Companhia de Iesu da Província de Portugal*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, Vol.II, 1647, capítulos 18,19,20 e 44-45. O Colégio das Artes da baixa é também muitas vezes referido por “*escholas menores*”.

⁴⁶ António FRANCO, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra*, Évora, Oficina da Universidade, Tomo I, 1719.

⁴⁷ Margarida BRANDÃO, *O Colégio de S. Paulo...*, 1973, Vol.II (*Documentos*), p.269-275 (documento original do AUC, *Escrituras da Universidade*, 1546 [?], Tomo 2, Livro I, fols. 84v-88).

⁴⁸ Planta de Coimbra dos Irmãos Goullard, 1873-1874 - conjunto de 21 folhas coloridas, à escala 1/500, faltando hoje as n. 8 e n.9. Os originais, em mau estado de conservação, guardam-se no Arquivo Histórico Municipal de Coimbra. Existe uma versão cópia das folhas em linha de cor sépia.

escola dionisina⁴⁹ e que terão sido necessários incluir para a construção do colégio de São Paulo. Não é possível concluir, a partir da reconstituição do cadastro que efectuamos (e não se conhecendo outra documentação relativa a aquisição de outros terrenos para a construção do colégio quinhentista), que espaço ocupava, de facto, a antiga sede do estudo. Pudemos delimitar, porém, e com maior aproximação, a área em que esta se situava – além de que se torna possível readmitir a hipótese de que pudesse ocupar, de facto, toda a frente norte do quarteirão em causa, sobre a rua Larga.⁵⁰

Outros dados, contudo, parecem induzir que o edifício do Estudo dionisino seria relativamente exíguo,⁵¹ não dando conta de todas as necessidades funcionais da universidade, como veremos. Independentemente da maior ou menor dimensão do edifício da sede conimbricense do Estudo Geral, e da extensão do conjunto de elementos arquitectónicos que possamos considerar como dele provenientes, estaremos provavelmente em presença de uma construção que constituiria um tipo alternativo – um mediano paço – às casas novas que D. Dinis mandara edificar para o estudo, cerca de 1291, no sítio da Pedreira, a ocidente de Lisboa.

Nesse sentido alinhou já António de Vasconcelos referindo-se às relíquias “*que remontam à época em que D. Denis fez construir ali, junto do seu paço [o paço real], um edifício especial para a sua querida Universidade, e que removem a hipótese de se ter instalado o Estudo em quaisquer casas, que já anteriormente lá houvesse*”.⁵² “*Edifício condigno e belo*”,⁵³ tratava-se provavelmente da **primeira sede universitária** (digna desse nome) **construída de raiz** da Península Ibérica.

⁴⁹ Entre os quais um “quintal” onde se havia já começado a construção do novo refeitório do colégio.

⁵⁰ De facto, e face ao desenho de reconstituição dos lotes apresentado, é possível readmitir-se novamente esta hipótese – que a análise anterior do documento de escambo feita por Margarida Brandão punha quase definitivamente de parte (Margarida BRANDÃO, *O Colégio de S. Paulo...*, 1973, p.77).

⁵¹ Walter ROSSA, *Diver[s]idade...*, 2001, p.510.

⁵² António de VASCONCELOS, “Estabelecimento primitivo...”, 1913, p.630.

⁵³ *Ibidem*, p.636.

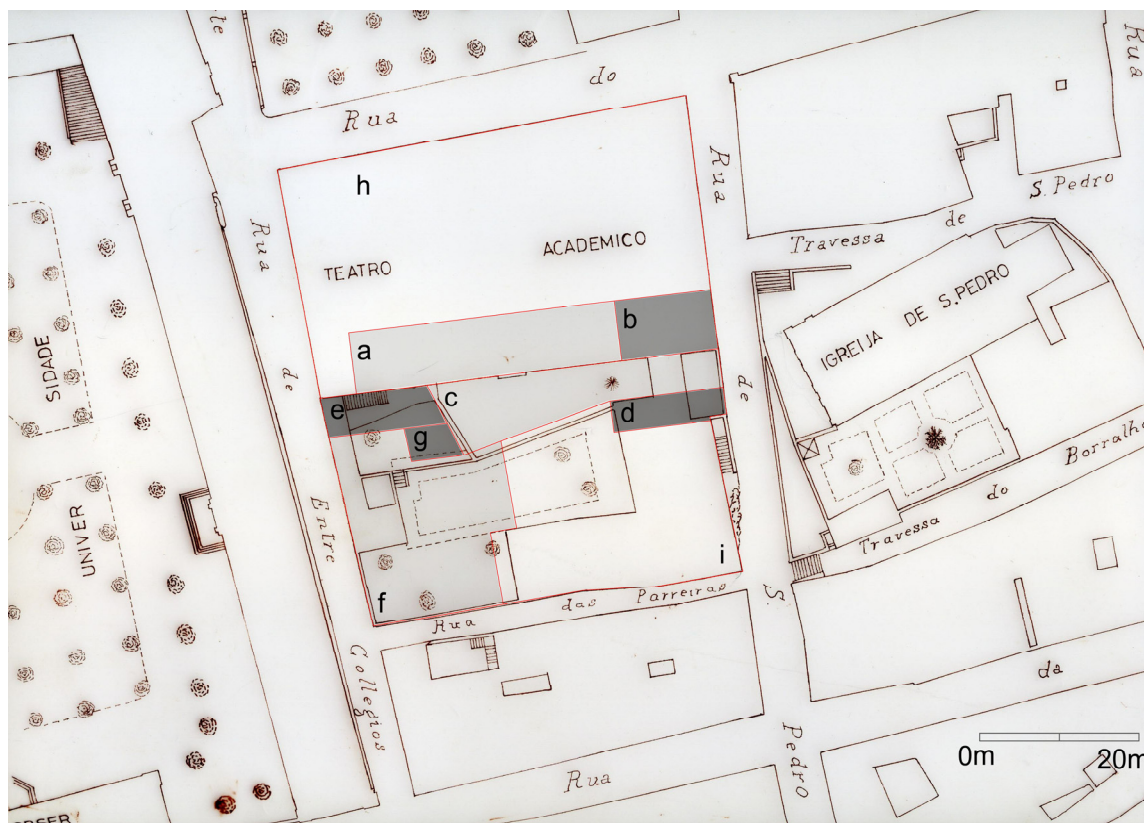


Fig.8

Reconstituição do cadastro a sul do antigo edifício do estudo geral dionisino (que ocupava, total ou parcialmente, o lote do “teatro Académico”) com base no contrato de permuta de terrenos celebrado entre a universidade e a igreja de São Pedro para a construção do colégio de São Paulo (15 de Abril de 1549), sobreposto a excerto da planta de Coimbra de 1873-74.

Segundo o documento, “as quaes propriedades são scilicet hum quintal [a] com hua casa térrea [d] de fronte da porta principal da dita Igreja [de São Pedro] que parte com adro e casas de Christovão da Cunha e quintal [i] e da outra parte com o mesmo Colegio [h] e com casas da dita Igreja que traz Lopo Galego [e,g] e o quintal [a] tem de largo da parte dos paços del Rei três braças e mea [7,7 metros] e de comprido vinte braças e oito palmos [45,76 metros] e a casa em que já esta feito o Refertouro [b] tem de larguo contra a igreja três braças e quatro palmos [7,48 metros] e o quintal [c] que parte com as casas que traz o dito Lopo Galego tem quatro braças e meia de largo [9,9 metros] e da parte contra a igreja tem de largo duas braças e dous palmos [4,84 metros] e de comprido tem dezasseis braças e sete palmos e meo [36,85 metros] e a casa terea [d] tem de comprido ate a faze da rua da porta da igreja com ho pardieiro que esta detrás seis braças e mea [14,3 metros] e de largo tem huma braça e oito palmos [3,96 metros] a qual propriedade estava toda junta [a+b+c+d] pella repartição atrás scripta he toda livre da dita igreja e estava emprazada em vidas a Gaspar Gonçalves porteiro da Camara de sua alteza...”

“(…) e asi diserão mais os ditos Senhores Reitor [Frei Diogo de Murça] e deputados que tinham outro si necessidade pera o dito Colégio de humas casas [e+g] e quintal [f] da dita igreja junto com a propriedade atrás declarada da mesma igreja que vai sair a **rua dos Paços** [na planta “Rua de Entre Collegios”] que trazia em fateosim o dito Lopo Galego e ora as possui Ellena da Costa sua filha (...) e mais hum pedaço de quintal da dita igreja (...) e partem com ruas publicas e com casas de Christovão da Cunha [i] e tem a casa que esta feita [e] de largo com a grosura das paredes duas braças e tres palmos [5,06 metros] e de comprido com a mesma grosura das paredes seis braças e sete palmos e meo [14,85 metros] e o quintal [f] de comprido das casas para baixo tem onze braças [24,2 metros] e de larguo sete braças e mea [16,5 metros] na rua embaixo e em cima pegado com as casinhas tem nove braças e mea de largo [20,9 metros] e hua casinha [g] que esta no quintal tem duas braças de largo [4,4 metros] e com a grosura das paredes e de comprido três braças [6,6 metros]”.

Nota: o comprimento da casa do refeitório em construção [b] retira-se das plantas do colégio levantadas no século XVIII. De qualquer modo, e pela análise do cadastro, o quintal [a] incluiria dentro do seu comprimento, de vinte braças e oito palmos [45,76 metros], a obra do refeitório.

c) Outras localizações das escolas

Questão importante – e que introduz um conceito aparentemente contraditório com a noção da existência de uma sede universitária – tem sido a da eventual dispersão dos locais das escolas, na cota superior da almedina de Coimbra. Maria Helena Cruz Coelho⁵⁴ mostrou que existiam efectivamente diversos locais onde decorria o ensino, quer na área a nascente do paço real, junto ao suposto paço universitário, quer para poente, sobre a encosta, entre o paço real e a sé:

“No tombo de Coimbra de 1395, quando o Estudo havia quase duas décadas já se tinha transferido para Lisboa, ao arrolar-se a propriedade régia urbana da rua, que começava no adro da Sé e ia aos açougues para terminar nos paços da alcáçova [actual Rua da Ilha], citava-se uma casa, sótão e sobrado «a par da escola que foy de Gramática», uma casa térrea «em que se lêem a Gramática» (aqui parecendo estar no activo este ensino básico da Gramática) e ainda outra casa térrea que partia «com casas que foram da escola da Gramática». E nessa mesma rua, do lado esquerdo, duas casas lindavam com uma casa «que foi escola das Lex» e com outra «que foi das Degreetaes». Ao precisar a localização de uma casa que estava na freguesia de São Pedro, diz-se que estava «na rua que vai da feira para o açougue do vinho» e que “sohia de seer escola das Leix”. Finalmente, situava-se também na mesma rua, uma casa térrea «que he ante a feira» e «que sohiaa a ser escola da Lógica».”⁵⁵

Saul Gomes (2001) fez referência ainda a outro diploma, de período anterior, datado de 1325,⁵⁶ em que se alude “a uma «Escolla de degreetaes» onde leccionava Mestre Borovelho, e ao «Estudo de Coimbra», onde se lia Leis”.⁵⁷ Esta alusão ao “Estudo de Coimbra” parece referir-se (pela terminologia

⁵⁴ Maria Helena Cruz COELHO, “Condições materiais ...”, 1997, p.39-67.

⁵⁵ *Ibidem*, p.42-43 citando o *Tombo de Coimbra* (1395), ANTT – Fundo Antigo, nº287, fls.19v, 20, 21v.

⁵⁶ Arquivo Distrital de Braga, *Colecção Cronológica*, Caixa 10, doc. 419, citado por Saul António GOMES, “Escolares e Universidade...”, 2001, p.519 e p.528-529.

⁵⁷ Saul A. GOMES, “Escolares e Universidade...”, 2001, p.519.

utilizada e no contexto em que é feita⁵⁸) a um espaço físico concreto, aparentemente a sede dionisina da Universidade. Não esgotaria, contudo, em termos de instalações, as necessidades de espaços funcionais de docência, como se infere.

Por sua vez Walter Rossa (também em 2001) questionou se parte das instalações referidas no tombo de Coimbra não *“poderiam ser instalações suplementares da própria Universidade e/ou resíduos da velha escola da Sé, ali tão próxima”*,⁵⁹ fazendo simultaneamente referência ao ensino ainda activo da gramática. Por outro lado, e julgamos que com razão, admite que alguns dos espaços referidos (os da freguesia de São Pedro) fossem espaços da própria sede universitária,⁶⁰ pelo que, a nosso ver, o papel central deste edifício na infra-estrutura física do estudo geral não deve ser menorizado. Parece poder conciliar-se, enfim, a ideia de um edifício representativo da universidade, dotado de alguma dignidade – a sede do estudo geral dionisino – com outras instalações complementares dispersas, não demasiado distantes, que albergassem actividades de docência excedentes para a capacidade da sede, em particular o ensino dos decretais (cânones) e da gramática.

A proximidade do paço real da alcáçova levaria a que D. Afonso IV (1291-1325-1357) mandasse o Estudo de regresso a Lisboa em 1338 porque **precisava das casas para instalar a corte na cidade** (*“Eu como a mim convem de fazer morada gram parte do ano na Cidade de Coimbra...”*⁶¹) e, sobretudo, para evitar *“voltas e peleias grandes”* entre os escolares e os seus oficiais.⁶² Como notou Walter Rossa, *“Corte e Universidade parece que nunca terão partilhado com sucesso o mesmo núcleo urbano”*.⁶³ Posteriormente, o mesmo Rei trasladaria de novo o estudo para Coimbra (em 1354), *“sem que desta feita sejam conhecidos os motivos”*,⁶⁴ mas com o desfecho previsível de ter

⁵⁸ “Esse dia mesmo eessa hora e mês e Era. o dicto Stevam coelho fez leer e publicar e notificar o dicto processo perdante Maestre Goncalo das leys no estudo de Coimbra”. *Ibidem*, p. 528-529.

⁵⁹ Walter ROSSA, *Diver[sc]idade...*, 2001, p.510.

⁶⁰ *Ibidem*, p.510, nota 596.

⁶¹ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, Lisboa, 1966, doc. 109, p.131-132: 17.08.1338 – “Carta de D. Afonso IV transferindo o Estudo Geral, de Coimbra para Lisboa”.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ Walter ROSSA, *Diver[sc]idade...*, 2001, p.505.

⁶⁴ A. Filipe PIMENTEL (2003), *A Morada da Sabedoria...*, 2005, p.43.

novamente contribuído para o povoamento da alta conimbricense, preocupação sempre associada à capacidade de defesa militar da cidade.

O bairro universitário continuou a ser, *lato sensu*, toda a almedina, como se depreende de um documento, no qual D. Pedro I (1320-1357-1367) escrevia ao alcaide e alvazis de Coimbra confirmando “*des a porta dalmedina pera dentro*” a sua delimitação.⁶⁵ Respondia assim a solicitação dos escolares que se queixavam outra vez da falta de pousadas e do seu bairro ser “*muy streyto*”.

Na década de 1360 continuou o problema da residência dos estudantes na ordem do dia,⁶⁶ acentuando-se outros conflitos, de vária natureza, com os moradores.⁶⁷ De tal forma que D. Fernando (1345-1367-1383) chegou a programar, a pedido da universidade, a construção de novas instalações no arrabalde (1370),⁶⁸ antes de se decidir finalmente por nova transferência para a capital do reino (1377) com o já referido argumento de que os mestres estrangeiros, que pretendia contratar, “*nom queriam leer se nom na cidade de lixboa*”.⁶⁹

d) O projecto quatrocentista de estabelecimento de uma segunda universidade portuguesa

Durante os 160 anos em que a universidade permaneceu em Lisboa (1377-1537) cabe ainda referir a tentativa de criação, em 1443,⁷⁰ de uma segunda

⁶⁵ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, doc. 217, p.228: 11.04.1361 – “Carta de D. Pedro restabelecendo o couto anteriormente concedido ao bairro dos escolares, da porta de Almedina para cima”. Documento citado por Maria Helena Cruz COELHO, “Coimbra trecentista...”, 1992, p.348 e por Walter ROSSA, *Diver[sc]idade...*, 2001, p.501.

⁶⁶ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, doc. 233, p.253: 22.02.1365 – “Carta de D. Pedro determinando que ninguém dificulte o alojamento dos escolares no bairro que especialmente lhes fôra destinado” (dirigida ao “alcayde e alvazis da cidade de coimbra”).

⁶⁷ Veja-se Maria Helena Cruz COELHO, “Coimbra trecentista...”, 1992, p.348.

⁶⁸ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium...*, Vol.I, 1966, doc. 272, p.292: 14.10.1370 – “Carta de D. Fernando mandando o conservador do Estudo Geral de Coimbra preparar, no arrabalde da cidade, casas convenientes para as Escolas e pousadas para habitação dos escolares, como havia quando o Estudo se encontrava no bairro alto da cidade”.

⁶⁹ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. II, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1968, doc.299, p.5-8: 03.06.1377 – “Carta de D. Fernando transferindo o Estudo Geral, De Coimbra para Lisboa...”. Como medida compensatória para a Almedina (e com a necessidade de fixar população sempre presente) aprovou D. Fernando a criação de uma feira junto ao Paço Real, possivelmente a nascente do mesmo. Maria Helena Cruz COELHO, “A Feira de Coimbra no contexto das Feiras medievais portuguesas”, *Ócio e Negócio*, Coimbra, Inatel, 1998, p.1-45 e Walter ROSSA, *Diver[sc]idade...*, 2001, p.512.

⁷⁰ Artur Moreira de Sá (Coord.), *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. IV, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1970, doc.1329, p.401-403: 31.10.1443 – “Carta do Infante D. Pedro,

universidade portuguesa pelo Infante D. Pedro, duque de Coimbra e regente do reino (1439-1446),⁷¹ com o argumento de “*que o Estudo de lixboa nom abasta pera todos*”. Para isso pensou recuperar o edifício da antiga sede universitária. Um ano após da morte de D. Pedro em Alfarrobeira (1449), D. Afonso V (1432-1438-1481) refundava a nova universidade,⁷² nomeando reitor⁷³ e conservador,⁷⁴ garantindo novamente como sede o edifício dionisino, no qual terá mandado colocar uma lápide (**fig.9**).⁷⁵ Não terá passado de um simples *studium artium*⁷⁶ e escola de gramática,⁷⁷ apesar do conjunto de documentação relativa ao “*Estudo*” expedida até finais do século XV.⁷⁸

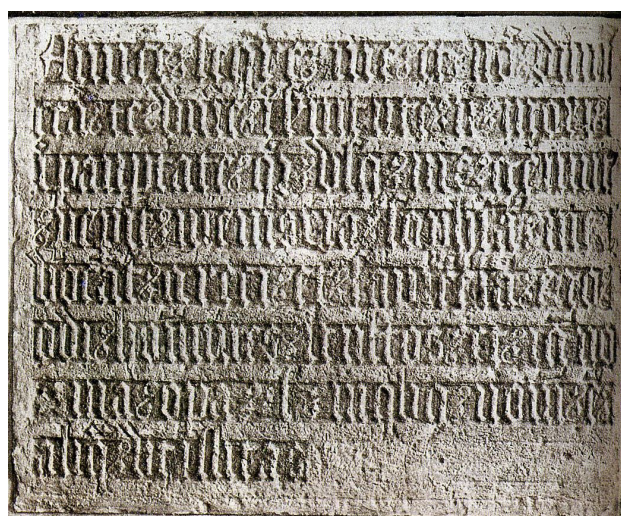


Fig.9
Lápide do estudo geral projectado
por D. Afonso V, c^a 1450
(Museu Nacional de Machado de Castro)

como Regente, criando o Estudo Geral de Coimbra, de que seriam protectores o próprio Infante [como Duque de Coimbra] e o arcebispo de Braga”. Não se conhece confirmação papal.

⁷¹ Ver sobre este tema, **Artur Moreira da Sá, O Infante D. Henrique e a Universidade**, Lisboa, CECQCMIDH, 1960, p.82-85 e **Manuel Augusto RODRIGUES, “O Infante D. Pedro e a Universidade”**, Biblos, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1993, Vol. LXIX, p.345-362.

⁷² **Artur Moreira de Sá (Coord.), Chartularium Universitatis Portugalensis, Vol. V**, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1972, doc.1557, p.198: 22.09.1450 - “Carta de D. Afonso V criando novamente o Estudo Geral de Coimbra, com os mesmos privilégios que tinha o de Lisboa”. “Uma vez mais, porém, não parece ter chegado a bula pontifícia”, António Filipe PIMENTEL (2002), *A Morada da Sabedoria...*, 2005, p.55.

⁷³ *Ibidem*, doc. 1558, p.199: 30.09.1450 - “Carta de D. Afonso V nomeando Frei Álvaro da Mota, mestre de Teologia, reitor do Estudo Geral de Coimbra”

⁷⁴ *Ibidem*, doc. 1559, p.200: 30.09.1450 - “Carta de D. Afonso V nomeando João André [“nosso vassallo e servidor”] conservador do Estudo Geral de Coimbra”.

⁷⁵ Lápide primeiramente atribuída à iniciativa de D. Pedro (**António Nogueira GONÇALVES, “Sapiência – Identificação da lápide da Sapiência”**, Biblos, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1993, vol. LXIX, p.363-365) e, mais recentemente, ao período de D. Afonso V – António Filipe PIMENTEL (2002), *A Morada da Sabedoria...*, 2005, p.56 e p.63 (nota 156).

⁷⁶ Saul António GOMES, “Escolares e Universidade...”, 2001, p.516.

⁷⁷ António de VASCONCELOS, “Estabelecimento primitivo...”, 1913, p.626.

⁷⁸ **Artur Moreira de Sá (Coord.), Chartularium Universitatis Portugalensis, Vol. IX**, Lisboa, INIC, 1985, doc.3436, p.45-46: 04.12.1491 – “Carta de D. João II nomeando o Bacharel Cosme Anes conservador do Estudo de Coimbra”.

1.8. Outras fundações universitárias dos séculos XIV e XV

a) Perpignan, 1350

O estudo geral de Perpignan foi instituído pelo Rei de Aragão Pere / Pedro IV, o Cerimonioso (1319-1336-1387), por carta régia de 20 de Março de 1350,¹ a pedido dos conselheiros da cidade e do bispo de Elna. Dotava-se com os privilégios do estudo de Lérida e com todas as faculdades excepto, aparentemente, a de medicina. Deste modo, acabava com a exclusividade do estudo geral de Lérida no âmbito catalano-aragonês. Note-se porém que o senhorio de Montpellier (incluindo a sua universidade) havia pertencido à coroa aragonesa até 1349, ano em que Jaume II de Maiorca vendeu a cidade ao Rei de França, colocando-a definitivamente sob o domínio francês. Nesse sentido a fundação do estudo geral de Perpignan, logo no ano seguinte, seria uma medida de compensação concedida à cidade e ao Rossilhão, em função do corte com Montpellier.²

Por outro lado compensava-se também Perpignan, então a segunda cidade da Catalunha, com cerca de 17000 habitantes (logo a seguir a Barcelona),³ pela recente perda da capitalidade⁴ em função da integração do efémero reino de Maiorca (de que fora capital) nos domínios aragoneses. No entanto, e como observou Aymat Catafau, a universidade não entrou em funcionamento logo nesse ano de 1350, nem tão pouco nos anos seguintes. A grande mortandade provocada pela peste negra terá sido o motivo principal.⁵ Só quase trinta anos

¹ Não é incomum encontrar a referência à fundação do estudo geral no ano imediatamente anterior, de 1349. A questão da datação terá sido resolvida por Jean Gabriel GIGOT, "Un problème de diplomatique: la datation de l'acte de création, par Pierre IV, de l'Université de Perpignan", *Congrès d'Elne*, 1969 e Idem, "La création de l'Université médiévale de Perpignan", *Cahiers ligures de préhistoire et d'archéologie*, nº18, 1969, p.66-70. Ambas as referências estão citadas em Aymat CATAFAU, "**L'Université de Perpignan au Moyen Âge**", in Paul Carmignani (Dir), *L'Université de Perpignan (1350-2000). Tradition humaniste et modernité scientifique*, Université de Perpignan, 2001, p.25-56.

² **Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA**, *Historia de las Universidades Hispánicas*, Madrid, Vol.I, 1957, p.242

³ Aymat CATAFAU, "L'Université de Perpignan...", 2001, p.30.

⁴ **Pierre VIDAL**, *Histoire de la Ville de Perpignan*, Paris, H. Welter, 1897 (reedição de Marselha, Laffitte, 1975).

⁵ Do mesmo modo a obra da catedral de Saint Jean esteve interrompida entre 1344 até pelo menos 1378, Aymat CATAFAU, "L'Université de Perpignan...", p.28-29. Segundo Salvador Claramunt foram sobretudo as más relações com o Papado que atrasaram a fundação. **Salvador CLARAMUNT**, "**Origen de las universidades catalanas medievales**", in AAVV,

depois, em 1379, houve novo sinal de vida por meio do reconhecimento do estudo geral feito por Clemente VII, Papa de Avignon,⁶ por bula de 28 de Novembro – logo no ano seguinte ao do Cisma (1378), portanto. Terá sido relevante o papel do príncipe herdeiro e duque de Girona, o futuro Joan I, apoiante activo do Antipapa.⁷ Este, contudo, não concedeu o direito de ensinar teologia, pretendido originalmente pelo Rei. Foi o mesmo infante e governador geral do reino que no 1º de Março de 1380 solicitou aos cônsules da cidade para que fizessem uma estimativa dos edifícios, casas ou dos terrenos necessários, para se estabelecerem as aulas e para residência dos mestres e estudantes da universidade.⁸ Tratou-se das aquisições seguidamente.

Não é claro se para a sede foi comprado um edifício pré-existente ou se se fez um novo imóvel, mas esta última hipótese parece ser mais provável. Sabe-se que a universidade se instalou na freguesia periférica de Saint Mathieu, “*qui bord au nord la colline où s’élève le château royal, et sur laquelle se trouvent encore, «extra-muros», de nombreux espaces non bâtis*”,⁹ mais precisamente na rua (ou caminho) entre a Igreja paroquial de Saint Mathieu e o castelo real, no topo da colina. A rua, naturalmente, tomaria o nome de *carrer del estudi*. Podemos ver a localização do imóvel da universidade numa planta da cidade de meados de Seiscentos publicada por Pierre Vidal (**fig.1**). A entrada principal das escolas fazia-se pelo lado poente, como veremos.

Foram também elaborados uns estatutos, cerca de 1389,¹⁰ “*de los más antiguos que la fortuna ha conservado de las universidades hispánicas*”.¹¹ O chanceler era vitalício e nomeado pelo Rei. O reitor, que não podia ser natural de Perpignan, era eleito pelos 12 conselheiros da universidade e era o juiz do foro universitário. Os doutores eram pagos pelos cônsules municipais. Havia

Estudios sobre los orígenes de las universidades españolas, Universidad de Valladolid, 1988, p.97-111 (p.104).

⁶ Eleito a 20.09.1378

⁷ Aymat CATAFAU, “L’Université de Perpignan...”, 2001, p.31.

⁸ Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.243 e Aymat CATAFAU, “L’Université de Perpignan...”, 2001, p.32.

⁹ *Ibidem*, p.32.

¹⁰ *Llibre dels quatre clous*, Médiathèque de Perpignan, ms 87, f.28 e segs., *Ibidem*, p.34-35.

¹¹ Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.243.

tesoureiro, bedel e estacionário, que cuidava dos livros.¹² No final de 1394 a universidade contava já com uns notáveis 380 alunos, de acordo com um *rotulus* apresentado ao Antipapa Bento XIII, que mencionava supostamente todos os bacharéis e estudantes de Perpignan.¹³

Local importante para o funcionamento do estudo era também a catedral de *Saint Jean*, onde se celebravam os actos solenes da universidade. Os exames tinham lugar na capela *la Funeraria* anexa ao cemitério da catedral, ou no adjacente palácio episcopal.¹⁴

Desenvolvimento posterior foi a autorização de uma faculdade de teologia dada pelo Papa Nicolau V, em 1447. Ficaria a cargo dos dominicanos¹⁵ Já a faculdade de medicina nunca se impôs verdadeiramente dada a relativa proximidade e notoriedade da de Montpellier.¹⁶ De resto, há pouca informação sobre o funcionamento do estudo nos séculos XV e XVI, presumindo-se que tenha entrado em certa decadência no século de Seiscentos dada a concorrência dos jesuítas.¹⁷

No início do século XVIII, e já sob a dominação francesa (1659), foi construído um novo “hotel” para a universidade,¹⁸ na zona central da cidade. A antiga sede, em mau estado, reverteu para a casa da moeda, ou *atelier monétaire*, tendo subsistido até aos anos de 1970, quando foi finalmente demolida. Restam pelo menos duas plantas antigas do *atelier monétaire* (do rés-de-chão e do primeiro andar) e uma secção transversal (**figs.2-4**)¹⁹ que dão alguma ideia de como era o imóvel no tempo em que nele se fez moeda. São muito

¹² Sobre os estatutos veja-se novamente Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.243-247, e Aymat CATAFAU, “L’Université de Perpignan...”, 2001, p.34-44.

¹³ *Ibidem*, p.47-48.

¹⁴ *Ibidem*, p.33

¹⁵ *Ibidem*, p. 54

¹⁶ *Ibidem*, p.48

¹⁷ O colégio dos jesuítas foi estabelecido em 1614. Jean SAGNES. “L’Université de Perpignan, une institution”, in Raymond Sala, Michelle Ros (Dir.), *Perpignan une et plurielle*, Canet, Editions Trabucaire, 2005.

¹⁸ Ver, sobre este edifício, Jean SAGNES (Dir.), *L’Université de Perpignan au XVIIIe siècle*, Université de Perpignan, 1996.

¹⁹ Bruno COLLIN, Jocelyne JOUSSEMET, F. BOMBRÉ, *L’Atelier Monétaire de Perpignan de 1710 à l’époque révolutionnaire*, Perpignan, Musée Joseph Puig, 1989, p.6-7. Segundo B. Collin, o levantamento, guardado nos *Archives de la Monnaie de Paris*, corresponde ao intervalo 1720-1730 (p.9). Uma fotografia antiga também publicada (p.17), mostra uma porta principal. No entanto, parece tratar-se da entrada, pelo lado nascente, da casa de J-B Cazals, comprada e anexada (pelo lado norte) ao *atelier monétaire* em 1716 (*Ibidem*, p.14, 17 e 19).

interessantes estes elementos gráficos, independentemente do facto de que o edifício terá sofrido algumas transformações em relação à funcionalidade universitária anterior, que é a que nos interessa.

Podemos observar que o imóvel se constituía por uma área anterior, de dois andares, disposta em torno de um pátio principal. Um pátio posterior era ladeado por dois volumes anexos, um a cada parte, também de dois andares. Era ainda provável que a antiga sede do estudo geral tivesse capela própria, sendo que é mencionado um sino nos estatutos.²⁰ Talvez o aspecto mais relevante a registar (se o imóvel não sofreu, de facto, transformações demasiado profundas) é a aparente ausência de arcarias e de galerias em torno do pátio principal, aspecto que julgamos com interesse para a arquitectura das sedes universitárias catalãs. Veja-se, por exemplo, o mesmo tipo de pátio nas sedes quinhentistas de Barcelona e de Girona.²¹

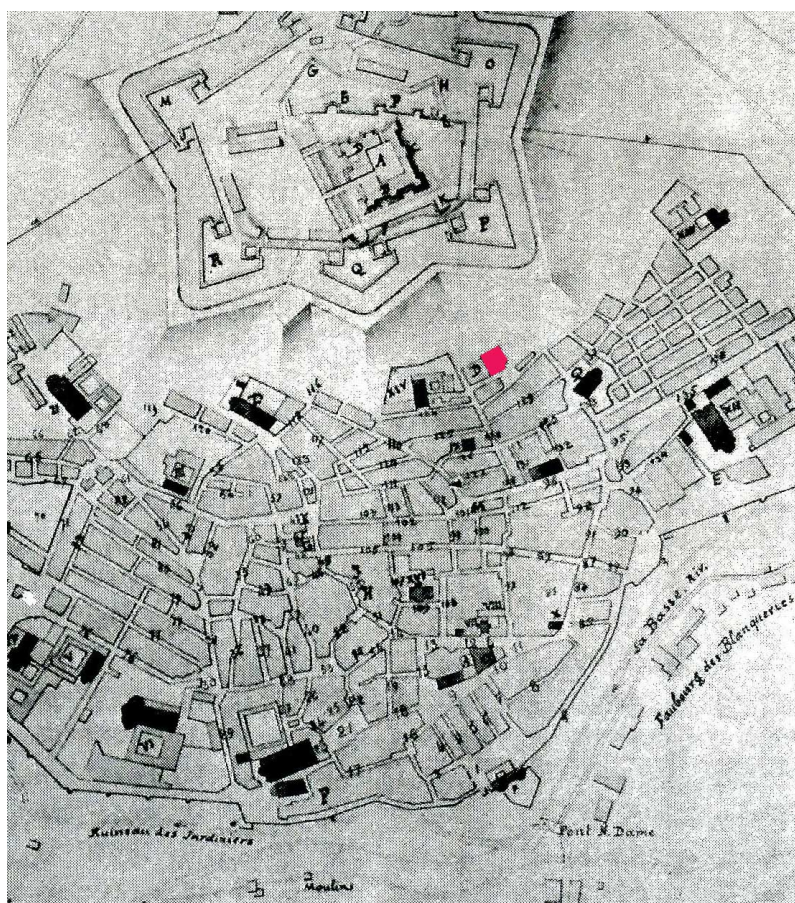


Fig.1

Excerto da planta de Perpignan de meados do século XVII (fonte: Pierre Vidal) com a localização da sede da universidade medieval.

²⁰ Aymat CATAFAU, "L'Université de Perpignan...", 2001, p.33.

²¹ Veja-se no capítulo 3.3., as figuras 3 e 8.

exclusividade de Lérida como sede do estudo-geral da coroa.²⁴ Note-se, porém, que enquanto Lérida se situava na Catalunha, Huesca pertencia ao território original de Aragão. Uma das razões principais da fundação foi precisamente para que os aragoneses não tivessem que estudar fora dos limites do seu reino. Aliás Huesca não terá sido a única cidade aragonesa a pretender albergar uma nova universidade. A sua concorrente directa, Saragoça, terá sido prejudicada face à maior lealdade de Huesca para com a posição régia na questão sucessória.²⁵

Por outro lado, não se conhece nenhuma confirmação papal, nem nenhuma solicitação da mesma, nesta primeira fase.²⁶ Pela carta de fundação, o Rei colocava o estudo nas mãos da gestão dos jurados e do município, que teriam de dota-lo de condições de funcionamento. Neste sentido foram criados impostos municipais, que contudo não produziram o efeito esperado.²⁷ O estudo geral de Huesca enfrentou, pois, sérias dificuldades para entrar em funcionamento. Outros contratempos foram a guerra com Castela e a peste, que assolou, por estes tempos, o reino. De tal modo que não foi possível dar continuidade ao estudo – *“a mediados del siglo XV, la universidad oscense, fundada por Pedro IV, era poco más que un recuerdo”*.²⁸ Subsistia apenas a escola de gramática.²⁹

Cerca de 1460 o conselho municipal decidiu retomar a actividade do estudo geral, para o qual se deveriam contratar professores. Restabelecido o ensino, Joan II de Aragão (1398-1458-1479) confirmava os privilégios da universidade, solicitando, desta feita, a confirmação papal. Paulo II, por bula de 24 de Abril de 1464, nomeava como conservadores da universidade os abades de Monte-Aragão, de *San Juan de la Peña* e o Prior da Senhora do Pilar de Saragoça.

²⁴ Segundo Ajo, a carta fundacional derogava o privilégio do estudo geral ilerdense. *Ibidem*, p.250.

²⁵ Veja-se **Macario OLIVERA VILLACAMPA**, *La Universidad de Huesca, entre la memoria y el futuro*, Huesca, 2000, p.46-47.

²⁶ Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.408. É possível, pois, que o estudo geral tenha sido pensado como estudo de exclusiva fundação régia.

²⁷ *Ibidem*, p.250-254.

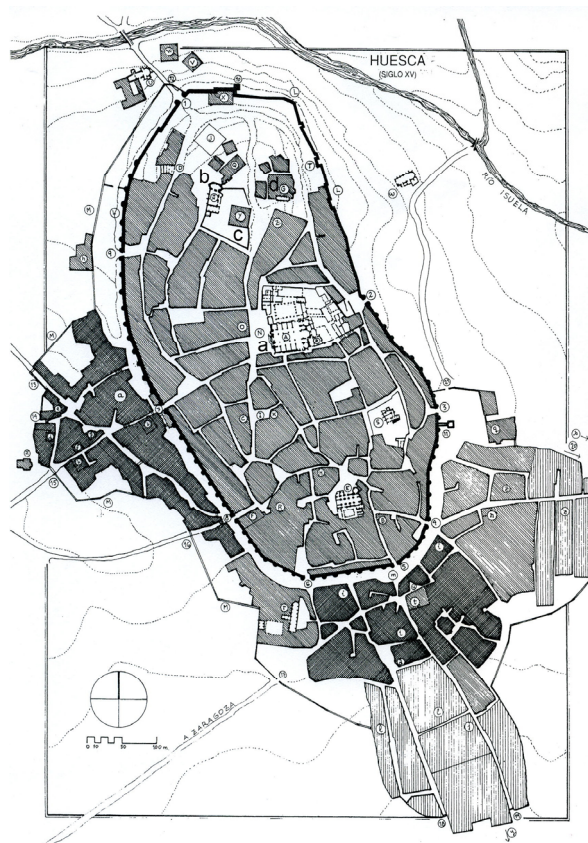
²⁸ **Federico BALAGUER**, “La Universidad y la cultura en la Edad Moderna”, in Carlos Lailena Corbera (Coord.), *Huesca. Historia de una ciudad*, Huesca, Ayuntamiento de Huesca, 1990, p.273-292 (p.275).

²⁹ *Ibidem*, p.275.

Por nova bula de 19 de Outubro reconhecia o estudo geral de Huesca com todas as faculdades (teologia, direito canónico e civil, medicina, filosofia e artes) e concedendo-lhe os mesmos privilégios dos de Toulouse, Mérida e Lérida.³⁰ O primeiro chanceler, o cónego e logo bispo de Huesca Antonio de Espés, resolveu, em parte, o problema económico pela concessão (em 1473) de rendimentos eclesiásticos da sé catedral ao estudo. Novos rendimentos se associaram, em 1488.³¹

Sobre os locais onde funcionaram as aulas, “Arco Garay piensa que en esa primera época [a da fundação de Pedro IV] se darían las clases en dependencias del palacio, pues entonces los reyes iban poco a Huesca”.³²

Fig.5
Reconstituição da planta de Huesca no século XV (fonte: Ramon Beltran Abadia):
a: Catedral
b: Paço Real
c: Localização estimada da universidade medieval
d: Igreja de Santa Cruz



³⁰ Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.409-411. A 19 de Janeiro do ano seguinte confirmava o reconhecimento, depois de se ter assegurado dos antecedentes do funcionamento do estudo.

³¹ Federico BALAGUER, “La Universidad y la cultura...”, 1990, p.275. “Resueltos en parte los problemas económicos pudieron establecerse tres cátedras de Cánones, tres de Leyes, dos de Medicina, teología y Filosofía, a parte del estudio de Arte” (...). “Parte del profesorado se reclutó en la Universidad de Lérida”, *ibidem*, p.275-277.

³² A referência é a Ricardo del Arco y Garay, historiador da cidade de Huesca, citado por **Antonio NAVAL MAS, Joaquín NAVAL MAS, Huesca Siglo XVIII, reconstrucción dibujada**, Zaragoza, Caja de Ahorros de Zaragoza, Aragón y Rioja, 1978, p.61.

Macario Olivera acrescenta que *“hay motivos para pensar que fue en el propio palacio real, en el patio de armas, donde estuvieron las primeras aulas de la Universidad de Huesca”*,³³ referindo que o palacio real era basicamente *“una gran torre de planta hexagonal y un bloque de proporciones alargadas”*.³⁴

Relativamente ao período após a restauração quatrocentista, diz-nos Federico Balaguer que

“En cuanto a los locales para impartir las enseñanzas, se utilizaron las antiguas aulas del Estudio de Artes, situado en la plazuela de la Zuda [actual praça da universidade, junto do antigo palácio real] dentro del barrio de Espada. Sabemos que las cátedras de Cánones se daban cerca de la iglesia de Santa Cruz, templo utilizado en ocasiones para las reuniones del Consejo de la Universidad. El estudio de Gramática se hallaba cerca de las murallas, a mi juicio, donde hoy se encuentra la casa Amparo”.³⁵

Para a visualizarmos a situação urbana de alguns destes locais juntamos uma planta de reconstituição de Huesca no século XV (**fig.5**), realizada por Ramón Betrán Abadía³⁶

Cerca de 1509-1512, reconstruiu-se o estudo de gramática. Seguidamente, em 1513, concertavam-se as obras necessárias para “se lerem as diversas facultades” junto do palácio real, obras que estariam bastante adiantadas em 1516.³⁷ A julgar por um documento do final do século (1599), e se admitirmos que o edificio era o mesmo que o resultante da intervenção de 1513-1516, havia pelo menos um bloco compacto de salas de aula, composto de aulas de teologia, cânones e medicina no piso térreo, e de três salas para a filosofia e artes no piso superior.³⁸ Eventualmente, em 1611, o edificio do palácio passaria para a posse da própria universidade. Mas isso é assunto para ser tratado no contexto de outra época do fenómeno universitário ibérico.

³³ Macario OLIVERA VILLACAMPA, *La Universidad de Huesca...*, 2000, p.89.

³⁴ Ibidem, p.89

³⁵ Federico BALAGUER, “La Universidad y la cultura...”, 1990, p.275.

³⁶ Ramón BETRÁN ABADÍA, *La forma de la ciudad. Las ciudades aragonesas en la Edad Media*, Zaragoza, Colegio Oficial de Arquitectos de Aragón, 1992, p.170-171.

³⁷ Federico BALAGUER, “La Universidad y la cultura...”, 1990, p.277-278.

³⁸ Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.III, 1959, p.222-223.

c) Barcelona

A criação e o estabelecimento da universidade de Barcelona é uma história complexa. Ao longo do final do século XIV e princípios do século XV as autoridades municipais foram confrontadas, por várias vezes, com a possibilidade de fundação de um estudo geral na cidade, hipótese que sempre recusaram. Por fim, em 1450, os conselheiros da cidade decidiram avançar com a fundação. Contudo, e apesar do apoio do Rei de Aragão, tão pouco nesta ocasião se criaria o estudo. Só com a construção de um novo imóvel para as escolas, a meados do século seguinte – em período subsequente ao que temos vindo a estudar – se instituiu, de facto, a universidade. Não obstante, o processo, que em linhas muito gerais acabamos de resumir, incluiu várias considerações sobre a eventual localização dos estudos na cidade, pelo que terá interesse tratarmos aqui do caso de Barcelona por entre as fundações universitárias ibéricas do século de quatrocentos.

A bibliografia relativa a este tema também não é curta.³⁹ Foi-nos particularmente útil o trabalho mais recente de Antonio Fernández Luzón⁴⁰ que, embora dedicado à universidade do século XVI, faz uma síntese informada das diligências dos períodos antecedentes. Como nos refere este autor, *“lo que los gobernantes barceloneses no querían era una institución privilegiada como la universitaria, que pusiera en peligro la paz urbana en una época ya de sí conflictiva”*.⁴¹

A primeira ocasião de se estabelecer uma universidade na cidade condal ocorreu em 1377. No entanto, o conselho municipal não mostrou interesse em acolher uma possível transferência, de que se falava, do estudo geral de

³⁹ Consultamos **La Universidad de Barcelona**, Barcelona, 1950; Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.308-313 e Vol.II, 1958, p.346-351; **Ricardo GARCÍA CÁRCCEL**, *“la Universidad en el Siglo XVI”*, in *Estudis*, nº.8 (1979/80), Valencia, 1982, p.23-34; e **Salvador CLARAMUNT**, *“La fundación de la Universitat de Barcelona”*, in *AAVV, Història de la Universitat de Barcelona, I Simposium (1988)*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 1990, p.639-645. Não tivemos oportunidade de consultar as obras Antonio DE LA TORRE, *Reseña histórica y guía descriptiva de la Universidad de Barcelona*, 1929; e Antonio DE LA TORRE, Jordi RUBIO Y BALAGUER, *Documentos para la historia de la Universidad de Barcelona (1289-1451)*, 1971, citadas por Ricardo García Cárcel, e que ficam aqui referenciadas.

⁴⁰ **Antonio FERNÁNDEZ LUZÓN**, *La Universidad de Barcelona en el siglo XVI*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2005.

⁴¹ *Ibidem*, p.28.

Lérida. O próprio Rei, Pedro IV, opôs-se ao projecto. Em Barcelona, de resto, havia já escolas de gramática catedralícias e outras *escoles majors o generals* financiadas pela cidade, onde se ensinavam o trivium e o quadrivium. Segundo Fernández Luzón, outras matérias como matemáticas aplicadas, práticas mercantis ou a cirurgia, podiam aprender-se recorrendo a preceptores privados.⁴² Estudos de teologia eram ministrados nos conventos dominicano e franciscano, desde finais do século XIII, em ciclo fechado, para aquelas comunidades religiosas.⁴³

Vinte anos mais tarde, em 1398 é o próprio Rei, Martí I (1356-1396-1410), que se propõe apoiar a fundação de um estudo geral em Barcelona. O *Consell de Cent*, ou conselho municipal, rejeitaria a proposta, argumentando que seriam “...*més los perils e escàndels que se’n podien seguir que’ls profits ne les honors que se’n podien reportar*”.⁴⁴ Para Claude Carrère, a universidade “*no se adaptava a las necesidades culturales de la urbe, más interesada en la enseñanza de las matemáticas aplicadas, la cartografía y la jurisprudencia marítima y mercantil que en un estéril saber escolástico*”.⁴⁵

Inconformado com a situação decidiu Martí I fundar um estudo geral de medicina, a 10 de Janeiro de 1401, com os privilégios de Montpellier.⁴⁶ No ano seguinte (1402) juntava-lhe uma faculdade de artes – basicamente, autorizava os mestres médicos graduados em artes a darem graus de mestre ou de bacharel em artes, nível base para se prosseguirem estudos em medicina.⁴⁷

Em 1408, Martí I voltou a propor a instauração de um estudo geral completo. O conselho da cidade desta vez agradece, mas recusa novamente a oferta, pois

⁴² *Ibidem*, p.28-29

⁴³ *Ibidem*, p.29.

⁴⁴ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.308. Antonio FERNÁNDEZ LUZÓN, *La Universidad de Barcelona...*, 2005, p.30.

⁴⁵ Claude CARRÈRE, “Refus d’une création universitaire er niveaux de culture à Barcelone. Hypothèses d’explication”, *Le Moyen Age*, Num.85, Bruxelles, 1979, p.245-273, citado por Antonio FERNÁNDEZ LUZÓN, *La Universidad de Barcelona...*, 2005, p.30.

⁴⁶ Não recolhemos informação segura sobre os locais onde funcionou este estudo de medicina na primeira fase da sua existência. O ensino teria lugar nalgum espaço situado possivelmente no *raval*, o arrabalde, a sudoeste do núcleo urbano primitivo, onde se situavam já alguns hospitais e onde o colégio dos médicos se veio a sediar.

⁴⁷ Salvador CLARAMUNT, “La fundació de la Universitat...”, 1990, p.641.

“no es bo ne profitós a la ciutat”, pelo que o monarca desistiu de vez do seu intento “y abandonó la dirección personal del Estúdio de Medicina”.⁴⁸

Só em 1448 o tema da criação da universidade voltaria a ser debatida no conselho municipal, em contexto distinto. Desta feita, o estudo geral era visto como forma de contrariar o marasmo económico e demográfico que, entretanto, havia afectado a cidade.⁴⁹ Dois anos volvidos, a 21 Abril de 1450, delibera-se avançar com a criação do novo estudo geral porque *“...en moltes parts on ha ciutats grans y famoses hi hage studis generals”,* apontando-se já um local para a sua instalação, *“...vers les parts de Natzareth, qui es loch assats apartat”.⁵⁰* Por fim, decide-se solicitar ao Rei e ao Papa apoio na obtenção dos necessários reconhecimentos.

O local mencionado situava-se na proximidade do priorado cisterciense de Natzaret, no bordo sul do *raval*, ou arrabalde, junto à porta de *Sant Antoni*⁵¹ da nova muralha que circundava esta também nova área da cidade (veja-se a **fig.6**). Note-se, novamente, a preocupação das autoridades municipais em situar a universidade em zona periférica (ainda que acessível) e longe dos espaços urbanos centrais.

O Rei, Alfons V o Magnânimo (1396-1416-1458), aprovaria o novo estudo geral com todas as faculdades e com os privilégios dos de Lérida e Perpignan, por privilégio de 3 de Setembro de 1450, após ter recebido em Nápoles os dois enviados do conselho barcelonês. Seguir-se-ia a aprovação papal, datada de 30 de Setembro, na qual Nicolau V equiparava os privilégios do novo estudo aos de Toulouse. *“Sorprendentemente...”*, como notou Fernández Luzón, *“...Barcelona no fue capaz de erigir la Universidad”,⁵²* quer fosse pela oposição de Lérida (que levou o Papa a expedir uma bula, a 19 de Novembro do mesmo ano, suspendendo a bula anterior de criação do estudo de Barcelona), quer

⁴⁸ Antonio FERNÁNDEZ LUZÓN, *La Universidad de Barcelona...*, 2005, p.31.

⁴⁹ *Ibidem*, p.32.

⁵⁰ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.309. Os excertos são do documento da deliberação do conselho da cidade, guardado no Arquivo Municipal de Barcelona.

⁵¹ Salvador CLARAMUNT, *“La fundació de la Universitat...”*, 1990, p.642.

⁵² Antonio FERNÁNDEZ LUZÓN, *La Universidad de Barcelona...*, 2005, p.33.

fosse pela falta de recursos económicos necessários ao financiamento, que a guerra civil de 1462-1472 não fez mais que agravar.⁵³

Só no século XVI haveria progressos. Em Novembro de 1507 os conselheiros da cidade promulgavam uns estatutos proibindo as escolas privadas na cidade e ordenando a unificação das escolas de artes no *Studi de les arts liberals*, que seria presidido pelo chanceler do estudo de medicina. Esta junção das escolas de artes com o estudo dos médicos viria a converter-se “*en el embrión del que surgió la futura universidad*”.⁵⁴ Segundo os estatutos revistos de 1508, “*...el Estudio se ubicaría en el lugar donde se acostumbraba a leer medicina y locales circunvecinos, probablemente en una torre de la Boquería donde tenía su sede el colegio de médicos*”.⁵⁵ Ou seja, novamente no *raval*, neste caso em lugar próximo da *rambla* e não muito longe do recentemente criado *Hospital de la Santa Creu*. Não obstante, o estudo não veio a dispor de local próprio, pelo que as aulas eram dadas em várias casas arrendadas.⁵⁶

“1533 ha sido considerado tradicionalmente como el año de la fundación de la Universidad de Barcelona”.⁵⁷ Com efeito, a 3 de Outubro, o Imperador Carlos V confirmava os privilégios do estudo de artes, unificado sob a autoridade do chanceler do estudo de medicina, que haviam sido dados por Fernando II o Católico, em 1488. Pelo seu lado, o município teve finalmente condições para levar a cabo o projecto da universidade completa. Aspecto decisivo foi a deliberação, tomada a 8 de Agosto de 1536, para que “*...en la rambla de la dita ciutat, en lo loch ahont se pesaba la palla, sai construída y edificada una casa per lo studi general, ab una capella...*”.⁵⁸ A 18 de Outubro lançava-se a primeira pedra, para no mesmo dia, exactamente três anos depois (em 1539), começarem as aulas na nova sede da universidade.⁵⁹

⁵³ *Ibidem*, p.34.

⁵⁴ *Ibidem*, p.36.

⁵⁵ *Ibidem*, p.38.

⁵⁶ “El centro carecía de un local propio, por lo que las clases se impartieron en casas de alquiler hasta la construcción del nuevo edificio en 1536-1539”. *Ibidem*, p.38.

⁵⁷ *Ibidem*, p.39.

⁵⁸ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.II, 1958, p.347-348, citando o documento original.

⁵⁹ Antonio FERNÁNDEZ LUZÓN, *La Universidad de Barcelona...*, 2005, p.41 Os estatutos só seriam redigidos mais tarde, em 1559.

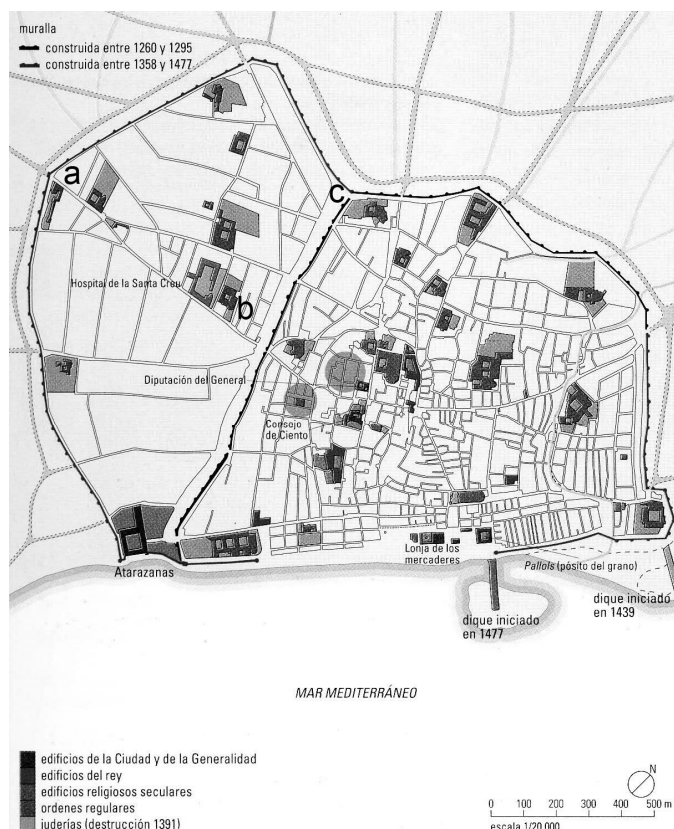


Fig.6

Barcelona no s3culo XV
(fonte: A. Garcia Espuche,
M. Guardi3 i Bassols, *Atlas Hist3rico
de Ciudades Europeas*):
a. Porta de Sant Antoni.
b. La Boquería, local da sede do
col3gio de m3dicos.
c. Local da sede da universidade,
levantada em 1533-1536.

Fig.7

Antiga sede da universidade de
Barcelona, no topo norte da *Rambla*,
em meados do s3culo XIX, quando
funcionava como caserna militar
(fonte: Lu3s Almerich).



Do edifício, demolido em meados do s3culo XIX, falaremos mais à frente neste trabalho (capítulo 3.3). Interessante, para nós, é a disposi33o do novo edifício justamente no topo noroeste da *rambla* (**fig.7**), antiga vala de escoamento de águas pluviais tangente à muralha ducentista, encanada ainda no período medieval.⁶⁰ Tratava-se de uma posi33o visualmente dominante em local que se

⁶⁰ Sobre a Rambla de Barcelona, pode ver-se **Luis ALMERICH, *La Rambla de Barcelona, su historia urbana y sentimental***, Barcelona, Libreria Millà, 1945; **Jaume CARRERA I PUJAL, *La Barcelona del Segle XVIII***, Vol. II, Barcelona, Bosch, 1951; e **Albert GARCIA I ESPUCHE,**

assumia como uma nova centralidade, junto a uma das antigas portas da cidade (a *porta de Santa Anna*, que passou também a chamar-se *porta de los Estudios*), no que se distinguia das localizações periféricas ou resguardadas que o conselho municipal havia procurado (em fases anteriores) para instalar o estudo.

Veremos, seguidamente, indícios de uma modificação idêntica de critérios em relação à implantação urbana dos estudos, no âmbito da instalação do modesto estudo geral da cidade de Palma, na não muito distante ilha de Maiorca.

d) Palma de Maiorca

- *“El proceso de gestación del Estudio General de Mallorca facultado en 1483 [por Fernando II, o Católico] fue de ritmo tan lento y sobresaltado como el de los otros Estudios Generales establecidos en la Corona de Aragón y en la Monarquía Española en el cuatrocientos, con la única excepción del Estudio General de Valencia. El privilegio de 1483 fue confirmado por el propio Fernando el Católico en 1503, por el Emperador Carlos en 1526 y por Felipe II en 1597, pero la venia apostólica otorgada por Clemente V y necesaria para oficializar los estudios se obtuvo en 1673, aunque el Estudio General sólo cristalizó en la Universidad Luliana tras la elaboración del proyecto de Estatutos de 1693 promulgados por Carlos II en 1697 y editados en 1698”*.⁶¹

Dado o conteúdo do resumo que acabamos de citar, resultará discutível a inserção do caso de Palma de Maiorca no âmbito de um estudo sobre as implantações urbanas dos estudos gerais ibéricos até aos primeiros anos do século de Quinhentos. Não obstante, as expectativas criadas no final do século

Manuel GUÀRDIA I BASSOLS, “Barcelona”, in *AAVV, Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, CCCB/Salvat, 1994, p.63-93.

⁶¹ Álvaro SANTAMARÍA, *La promoción universitaria en Mallorca. Época de Fernando el Católico (1479-1516)*, Palma, Universitat de Palma de Mallorca, 1983, p.174-175 As principais informações deste subcapítulo foram retiradas desta obra, que aprofunda e actualiza a contribuição anterior (que também consultamos) de Jaime LLADÓ Y FERRAGUT, *Historia del Estudio General Luliano y de la Real y Pontificia Universidad Literaria de Mallorca*, Palma de Maiorca, Ediciones Cort, 1973.

XV e princípios do século seguinte vieram abrir o debate público sobre a localização ideal do estudo geral, cujos contornos nos interessam analisar.

Por outro lado, podemos observar como a licença para se fundar um estudo geral nas ilhas baleares concedida pelo Rei Católico, em Córdoba, a 20 de Agosto de 1483, veio no seguimento das fundações “para-universitárias”⁶² de cátedras lulistas promovidas por duas senhoras da alta sociedade catalã (Beatriz de Pinós) e maiorquina (Agnès Pax de Quint), nos anos imediatamente anteriores (1478 e 1481, respectivamente⁶³). Aparentemente terá sido o padre e mestre Pere Daguí, primeiro docente da cátedra teológica da senhora Quint e emissário do *Gran i General Consell* de Maiorca junto da Corte, a encetar diligências para se conseguir o privilégio régio de fundação universitária.⁶⁴

As interpretações teológicas e místicas do beato Ramón Llull (1232?-1315), natural de Maiorca, e que passou período considerável de tempo em recolhimento espiritual no *Puig de Randa*, ermo daquela ilha, constituíam um aspecto cultural central na identidade maiorquina da época. É também reconhecido a Ramón Llull um papel decisivo na consolidação da língua e gramáticas catalãs, pelo que a instituição de cadeiras de teologia e de artes baseadas na sua obra constituía um embrião evidente de um estudo geral dotado de um quadro de matérias e de cadeiras leccionadas mais alargado. Registemos, nesse sentido, que “*se impartían en 1497 enseñanzas de Artes y Humanidades (enseñanza media) subvencionadas por la Administración y en 1500 para complementar la Cátedra Luliana Agnès de Quint la Administración dotó otras de Teología e de Leyes*”.⁶⁵ Ao passo que esta cátedra de teologia terá funcionado com certa normalidade, a de leis só avançaria em Fevereiro de 1512 para ser logo cancelada em Março do ano seguinte, “*acaso por falta suficiente de audiência*”.⁶⁶

⁶² A designação é do próprio Álvaro Santamaria. *Ibidem*, p.61

⁶³ Veja-se sobre este assunto, *ibidem*, p.49-83.

⁶⁴ “...*puede deducirse que Daguí se ausentó de Mallorca en el primer semestre de 1483, para promover el privilegio de creación del Estudio General...*”. *Ibidem*, p.88.

⁶⁵ *Ibidem*, p.177. Veja-se também, em maior detalhe, as p.133-139.

⁶⁶ *Ibidem*, p.139 e p.178.

Interessa-nos, ainda, citar novamente Álvaro Santamaría, que relativiza, em parte, o excerto com que iniciámos esta secção, sobre o tempo longo da fundação do estudo geral maiorquino:

- “...en 1585, los jurados reconocen ante el Consell General que «may era posat en execució» - el privilegio de erección del Estudio General - «per no trobarse en Mallorca tanta abundància de bons doctors ni tanta afectió ni còpia de estudiants». La información importa matizarla: el Estudio General funcionaba aunque sólo parcialmente (algunas cátedras de Artes y de Teología) y sin efectos académicos oficiales, dado que al faltar licencia apostólica no se podían otorgar grados”.⁶⁷

Finalmente, poderemos também já adiantar que foi a terceira sede das escolas lulianas, adquirida em 1540, a que reverteu para sede da universidade, donde a evidente linha de continuidade entre as duas instituições.

Com estes dados de partida revisitemos então a discussão em torno da localização ideal do estudo geral em projecto que remonta, de facto, a 1483. Em Junho desse ano o síndico Francesc Axartell elaborava um primeiro documento com as linhas gerais da proposta de criação de um estudo geral de artes e de teologia a apresentar ao Rei. Sobre a sua localização adiantava que

“...el Estudio podría instalarse en una iglesia ubicada «prop lo mur de la ciutat iuxta la porta vulgarmente dita de Santa Fe», que era de patronato real, en cuya área urbana, en zona también de realengo, existian «moltes cases enderrocade e de tot arruïnades», que el monarca, propietario directo del área, podía ceder, dejando a salvo los intereses de particulares «si alguns n'haurà», con miras a remodelar el sector , a su juicio – a juicio de los prohombres de las villas foráneas – muy adecuado por estar «molt apartat e desert»”.⁶⁸

Por outro lado, as “Escoles de la Sciència de mestre Ramón Llull”, onde se lia a cátedra luliana⁶⁹ patrocinada pela senhora Agnès de Quint, situavam-se, desde

⁶⁷ *Ibidem*, p.142-143.

⁶⁸ *Ibidem*, p.85-87. Esta localização corresponde, aparentemente, à actual *plaça de Santa Fe* (*ibidem*, p.124, nota 111), a nascente do local onde veio a implantar-se mais tarde (na segunda metade do século XVI) o colégio de Montesión da Companhia de Jesus – veja-se a **fig.8**.

⁶⁹ Dagui tomou conta da cadeira de teologia logo após o convénio de dotação da senhora Quint em 30 de Agosto de 1481 (*ibidem*, p.76). Ausentou-se de Maiorca em 1483, tendo sido

cerca 1483 (novamente segundo Álvaro Santamaría⁷⁰), numa casa que a administração municipal havia adquirido, possivelmente

*“en la ciudad alta, en el área parroquial de Santa Eulalia (...) en un sector marginal de la parroquia, hacia el Este de la misma, por los entornos del Temple, acaso en las cercanías del lugar que el síndico Francesc Axartell consideraba por estar «molt apartat»”.*⁷¹

Foi para esta sede, na cidade alta (**fig.8**), que o *Consell General* aprovou a aquisição de uma casa vizinha, em Janeiro de 1500, *“per que los studiants puguen haver més spay per fer lur studi”*.⁷² A compra fez-se em Outubro seguinte. Porém, em Janeiro de 1501 (após o falecimento de Pere Dagui, no verão anterior), o conselho autorizava a aquisição da casa de *mossèn Gontard*, em lugar totalmente distinto, para se instalar a cátedra de Ramón Llull.⁷³ Como notou Álvaro Santamaría, o entendimento sobre a localização ideal das escolas havia sofrido uma alteração radical:

- *“A comienzos de 1501 el tema de la idoneidad del lugar se contempla desde una óptica y una filosofía novedosa y distinta: el Estudio General no debe radicar – porque no es operativo – en zona urbana apartada (...) sino en sector urbano céntrico, para propiciar un ambiente cultural convivencial, abierto a la comunicación y al trato de las gentes. Desde esta óptica la primera ubicación de las Escuelas – por quedar a trasmano – ya no parecía adecuada, por lo que se consideraba la perentoriedad de trasladarlas, «per la major avinantesa» – razonaban los jurados ante el Consell General – «per los qui iran hoir la ciencia (de Mestre Ramon Llull)», a un lugar más transitable y más concurrido”.*⁷⁴

De facto, e ao mesmo tempo que se colocavam à venda as casas da primeira sede, necessitadas de obras, comprava-se uma casa na cidade baixa, situada *“prop la Riera”*, ou seja, na proximidade da ribeira de escoamento de águas que ladeava a cidade antiga pelo ocidente. Segundo Santamaría *“la segunda*

substituído por outro regente. Regressaria apenas em 1499, para falecer em meados do ano seguinte, com cerca de setenta anos (ibidem, p.111).

⁷⁰ Ibidem, p.122.

⁷¹ Ibidem, p.123-124

⁷² Ibidem, p.123.

⁷³ Documento 20, de 8 de Janeiro de 1501. Ibidem, p.246-247.

⁷⁴ Ibidem, p.125-126.

sede del Estudio General no solo se encontraba «prop» la Riera – en el sector del actual Paseo del Born – sino que colindaba con la Riera (...). Situava-se, mais precisamente, “entre el Born y las actuales calles de Jovellanos, Pelaires y Constitución”⁷⁵ – veja-se outra vez a **fig.8**.

O estudo geral luliano seria novamente transferido para uma nova sede em localização ainda mais central, na *Almudayna*, junto à sé catedral. Tratava-se de umas casas (hoje desaparecidas) no cruzamento da *calle de San Roque* com a rua que seria mais tarde conhecida por *calle del Estudio General* (**fig.8**), cuja ordem de aquisição data de 1 de Dezembro de 1540.⁷⁶ Era a esta sede que os membros do *Gran i General Consell* se referiam em 1597, quando avançaram com nova proposta para tentar normalizar o funcionamento da universidade, referindo-se ao trabalho já feito pelos antecessores, que...

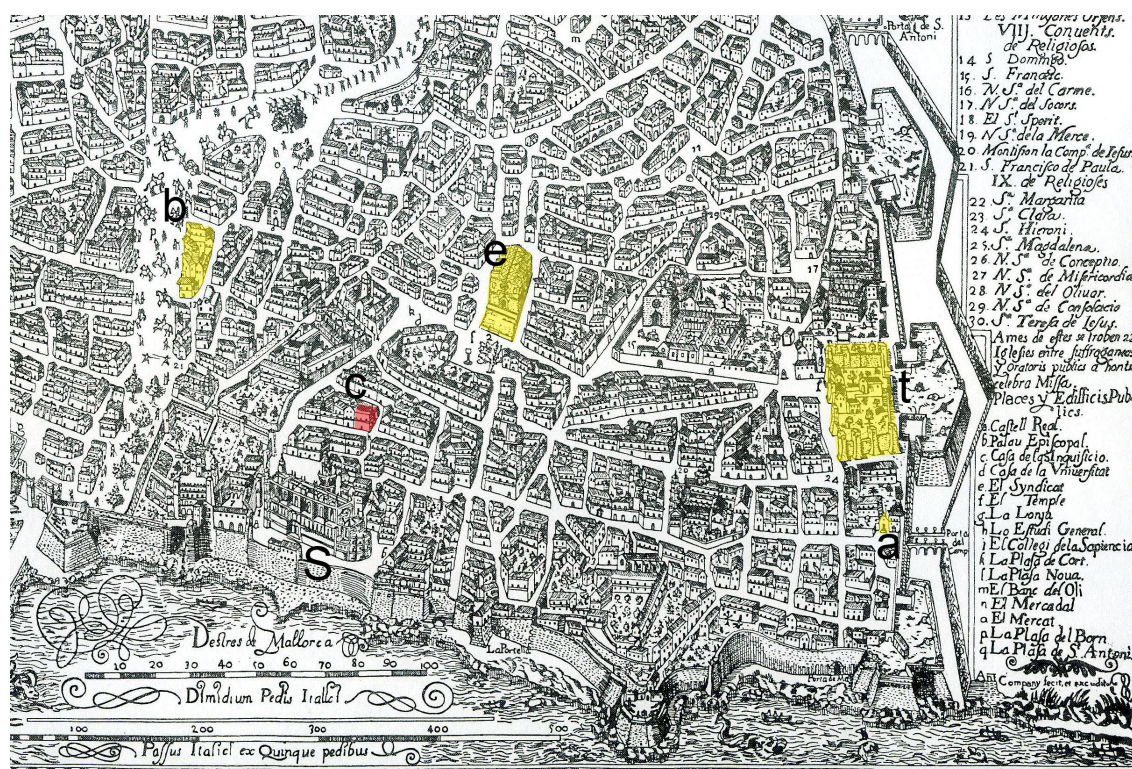


Fig.8: Excerto da planta de Palma de Maiorca, de Antonio Garau, de 1644 (fonte: D. Zaforteza y Musoles): a. Capela de Santa Fe, próximo da qual se pensou (em 1483) instalar o estudo geral; b. Quarteirão para onde se transferiram as escolas lulianas em 1501 (casa de mossèn Gontard) c. Sede da universidade da *calle de San Roque* (1540); S. Sé catedral; e. Igreja paroquial de Santa Eulália; t. *El Temple*

⁷⁵ *Ibidem*, p.126-127.

⁷⁶ *Ibidem*, p.127, nota 112.

- "...compraren unas Casas en la Almudayna per ferne Studi General y obtingueren Privilegis de poder agraduar y doctorar en esta Ciutat que are no falta sinó obtener confirmación dells, de Se Santedad".⁷⁷

Como vimos anteriormente, o reconhecimento Papal seria afirmado apenas em 1673, sendo que a universidade terá sido efetivamente "re-fundada" em 1697, com a aprovação régia dos novos estatutos e com a edição dos mesmos no ano seguinte. Funcionou a nova *Universidad Literaria* de Maiorca na referida sede da cidade baixa (adquirida, como vimos, em finais de 1540) até à sua supressão, em 1842.

e) Sigüenza, 1489

Em 4 de Julho de 1476 autorizava o cardeal Franco, núncio papal em Valladolid, a fundação do convento de *San Antonio Portaceli* extramuros da cidade de Sigüenza, com igreja e campanário próprios, destinado à ordem dos franciscanos.⁷⁸ A pretensão era solicitada por Juan López de Medina, arcediogo de Almazán e provisor da sé seguntina, que havia comprado um terreno na colina em frente à cidade, do outro lado do curso, escasso, do rio Henares. Nessa data, e como notou José Júlio de la Fuente, o convento estaria já em construção.⁷⁹ Paralelamente, previa-se o funcionamento de três cátedras, de teologia, cânones e filosofia, "*para que los religiosos se dedicasen, no sólo a la vida de retiro y contemplación, sino también al estudio*", segundo as palavras de Isidoro Montiel.⁸⁰ O estudo assim instituído deveria servir, também, a outras pessoas.⁸¹

Quem era Juan López de Medina (**fig.9**)? Sabe-se que terá nascido cerca de 1410 e que era filho ilegítimo. Sobre a sua filiação, o investigador local Gomez-Gordo coloca pelo menos três hipóteses, sendo a que considera "mais lógica e

⁷⁷ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.II, 1958, p.367.

⁷⁸ José Júlio DE LA FUENTE, *Reseña histórica del Colegio-Universidad de San Antonio de Portaceli en Sigüenza con algunas noticias acerca de su fundador D. Juan López de Medina*, Madrid, Fuentenebro, 1877 (reedição de Librería Rayuela, Sigüenza, 1996), p.13. O documento publica-se no apêndice num.3, p.47-49.

⁷⁹ *Ibidem*, p.13-14.

⁸⁰ Isidoro MONTIEL, *Historia de la Universidad de Sigüenza*, Maracaibo, Universidad del Zulia, 1963, p.16.

⁸¹ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.II, 1958, p.327.

aceitável” a de que era filho bastardo da meia-irmã do marquês de Santillana, doña Aldonza de Mendonza y Castilla, neta do Rei Enrique II de Castela.⁸² Segundo Juliá Martínez, “*no era personaje vulgar*”.⁸³ Não restam dúvidas de que era familiar próximo de Pedro González de Mendoza (1428-1495), quinto filho do primeiro marquês de Santillana D. Iñigo Lopez de Mendonza, bispo de Sigüenza desde 1467, cardeal e chanceler do reino em 1473, arcebispo de Sevilha em 1475 e arcebispo de Toledo a partir de 1482.⁸⁴ Registemos, pois, esta relação de proximidade pessoal com o influente cardeal Mendoza, mais novo, que apoiou os projectos do seu familiar e amigo.

D. Juan López de Medina era licenciado em cânones, não se sabendo onde estudou, possivelmente em Salamanca. Era amigo de Francisco della Rovere, mais tarde Papa Sisto IV (1471-1484), que terá conhecido quando foi embaixador do Rei Enrique IV junto do papado, em Bolonha, em 1465. Ali ter-se-á familiarizado com o colégio dos estudantes espanhóis de *San Clemente*.⁸⁵ Mais tarde, em 1477, foi também embaixador dos Reis Católicos junto de Luís XI de França.

Enquanto homem da igreja e filho natural de gente importante, foi acumulando diversos benefícios ao longo da carreira acompanhando, muitas vezes, o percurso do seu familiar Pedro de Mendoza. Tesoureiro da sé de Salamanca (1453), mestre-escola de Calahorra, cônego de Santo Domingo de la Calzada, arcipreste de Ayllón, cônego da catedral de Toledo (1465), passou a residir em permanência em Sigüenza, a partir de 1468, em função da dignidade de arcediago de Almazán, que havia obtido em 1463.⁸⁶

⁸² Juan A. MARTINEZ GOMEZ-GORDO, “D. Juan López de Medina, fundador universitario del Renacimiento”, in *Anales Seguntinos*, num.6, 1990, p.37-49 (p.39).

⁸³ Eduardo JULIÁ MARTÍNEZ, *La Universidad de Sigüenza y su Fundador*, Madrid, 1928, p.19.

⁸⁴ Veja-se Quintin ALDEA VAQUERO, Tomás MARÍN MARTÍNEZ, José VIVES GATELL, *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Vol.II, Madrid, Instituto Enrique Florez / CSIC, 1972, p.1036-1037

⁸⁵ Juan A. MARTINEZ GOMEZ-GORDO, “D. Juan López de Medina...”, 1990, p.41.

⁸⁶ Sobre o percurso de Juan López de Medina, veja-se José Júlio DE LA FUENTE, *Reseña histórica...*, 1877, p.7-12, Eduardo JULIÁ MARTÍNEZ, *La Universidad de Sigüenza...*, 1928, p.19, nota 3 e Juan A. MARTINEZ GOMEZ-GORDO, “D. Juan López de Medina...”, 1990, p.42.

Fig.9
 Juan López de Medina
 (c.1410-1488),
 arcediano de Almazán,
 fundador do *Colegio*
de San Antonio Portaceli
 de Sigüenza



- “...bajo la prelación de Mendoza [bispo de Sigüenza a partir de 1467], Don Juan López de Medina, como Dignidad importante entre los Capitulares seguntinos, Abogado del Cabildo, Provisor y Vicario general, pasa a convertirse así en el rector de todo el gobierno de la ciudad y de la Diócesis entera”.⁸⁷

Em meados do século XV, Sigüenza era uma pequena cidade (**fig.10**), sede de bispado da província eclesiástica toledana, dominada por um imponente castelo. A respeitável sé românico-gótica, cuja fábrica se ia concluindo, situava-se a meia encosta e abaixo do núcleo urbano, sendo dotada de muralha própria.⁸⁸ Juan López de Medina teve participação social activa, tendo feito parte – conjuntamente com o seu amigo capelão-mor do cabido (até 1484), um tal “*bachiller Gonzalo*”, nada menos que o futuro cardeal Jiménez de Cisneros, protegido, também, do cardeal Mendoza – da comissão que elaborou as ordenanças municipais da cidade.⁸⁹

⁸⁷ *Ibidem*, p.45.

⁸⁸ A frente sul da muralha da catedral seria derrubada por ordem do Cardeal Mendoza, um ano antes (1494) de falecer, para construção da nova e acolhedora *plaza Mayor*, onde passou a realizar-se o mercado. **Francisco Javier DAVARA**, “La ciudad renascentista y barroca”, *Anales Seguntinos*, num.1, 1984, p.77-88 (p.77-78). Veja-se também **Francisco Javier DAVARA**, *Sigüenza. Guía Histórica Ilustrada*, Sigüenza, Ediciones Rayuela, 2003, p.26-27.

⁸⁹ Eduardo JULIÁ MARTÍNEZ, *La Universidad de Sigüenza...*, 1928, p.20. Juan A. MARTINEZ GOMEZ-GORDO, “D. Juan López de Medina,...”, 1990, p.45.

Segundo Juliá Martínez, “*carecía Sigüenza del auxilio de casas en la que se viviese en religión perfecta*”,⁹⁰ e por isso pensou López de Medina em fundar um convento onde os frades pudessem também dedicar-se ao estudo, em lugar sossegado, “*lejos del mundanal ruido*”.⁹¹ Outra motivação importante era fazer-se sepultar na igreja do novo convento, conforme especificaria no seu testamento, escrito a 26 de Janeiro 1488, uma semana antes de falecer.⁹²

Este projecto inicial daria origem a um esquema mais complexo. Assim, na carta de aprovação outorgada pelo cardeal Mendoza, bispo de Sigüenza, a 1 de Dezembro de 1477,⁹³ “*le encontramos ya corregido y aumentado*”.⁹⁴ Com efeito, e de acordo com o documento, o fundador havia deixado “*exclusivamente para convento la casa construída y no lejos de éste hizo construir outra – Palatium Scholarum –, donde habrían de tenerse los cursos dichos, a las que añadió outro edificio com destino a colegio, o sea: las tres cosas que pensaba en una, separadas*”.⁹⁵ Trata-se da primeira referência documental objectiva à constituição de um colégio paralelo ao convento, que se destinava a residência de 12 colegiais pobres, à frente dos quais estaria um reitor (13º colegial) segundo uns estatutos básicos desde logo delineados.⁹⁶ Para sustento do instituto, com o mesmo patrono do convento, o cardeal Mendoza associava-lhe um total de 28 benefícios,⁹⁷ concedendo ao fundador faculdade para redigir constituições.

Em documento de 1479 pode perceber-se que ainda não estava habitado o convento e que o instituidor pensava em atribuí-lo aos jerónimos, pois os franciscanos não se haviam mostrado interessados no projecto.⁹⁸ Aqueles aceitaram o convento em capítulo geral de 1483, estabelecendo-se a primeira comunidade no ano seguinte, com *fray Juan de Toledo* como prior.⁹⁹

⁹⁰ Eduardo JULIÁ MARTÍNEZ, *La Universidad de Sigüenza...*, 1928, p.27.

⁹¹ *Ibidem*, p.39.

⁹² Veja-se o texto do testamento em *ibidem*, documento num.4, p.63-75.

⁹³ José Júlío DE LA FUENTE, *Reseña histórica...*, 1877, apêndice num. 4, p.50-53.

⁹⁴ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.328.

⁹⁵ *Ibidem*, p.328-329.

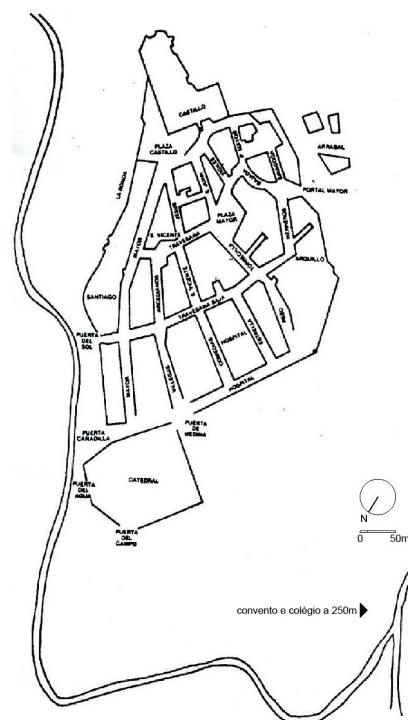
⁹⁶ *Ibidem*, p.329.

⁹⁷ Isidoro MONTIEL, *Historia de la Universidad...*, 1963, p.17.

⁹⁸ José Júlío DE LA FUENTE, *Reseña histórica...*, 1877, apêndice num. 5, p.54-55.

⁹⁹ Isidoro MONTIEL, *Historia de la Universidad...*, 1963, p.16.

Fig.10
Sigüenza no século XV
(fonte: F. Javier Davara)
com indicação da zona de
implantação dos convento
e colégio de San Antonio
Portaceli



A fundação colegial, por sua vez, seria aprovada por breve de 26 de Setembro de 1483,¹⁰⁰ assinado por Sisto IV, amigo de Juan López de Medina, Papa que aprovaria ainda a constituição de um hospital, no imóvel do colégio, onde se albergassem idosos pobres, para que os colegiais praticassem a caridade.¹⁰¹ As constituições seriam apresentadas ao cabido da catedral seguntina em finais de 1485.¹⁰² Regia-se o instituto pelo reitor e seus conselheiros (eleitos de entre os colegiais) sendo o governo controlado externamente por dois patronos – o prior do convento anexo e um elemento do cabido da sé. Para além dos 13 colegiais pobres, oriundos das dioceses onde o fundador havia obtido prebendas, previam-se ainda quatro familiares estudantes que estariam ao serviço dos colegiais.¹⁰³ Sempre que houvesse dúvida na interpretação dos estatutos deveria recorrer-se aos estatutos do *colegio de San Bartolomé* de Salamanca.¹⁰⁴

¹⁰⁰ Veja-se o texto do documento em José Júlio DE LA FUENTE, *Reseña histórica...*, 1877, apêndice num. 6, p.56-59.

¹⁰¹ Ibidem, p.17.

¹⁰² Isidoro MONTIEL, *Historia de la Universidad...*, 1963, p.17.

¹⁰³ José Júlio DE LA FUENTE, *Reseña histórica...*, 1877, p.15-17.

¹⁰⁴ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.332.

Falecido o fundador a 3 de Fevereiro de 1488, logo o reitor e os colegiais (apoiados pelo cardeal Mendoza) se dirigiram ao novo Papa Inocêncio VIII de modo e que se pudessem conferir graus académicos no colégio. Pediam também autorização para se mudarem para outro edifício a construir no interior da cidade de Sigüenza. O Papa aprovaria estas pretensões por bula de 30 de Abril de 1489, autorizando a concessão de graus de licenciado, mestre e doutor.¹⁰⁵ No fundo, aprovava a fundação de uma nova universidade, desiderato que, objectivamente, não constava da perspectiva inicial do fundador. Nas palavras de Cândido Ajo, “*con ello quedaba inaugurado en la Hispanidad el nuevo estilo de colegio-universidad*”,¹⁰⁶ recorrente ao longo de todo o século XVI, sobretudo na fundação de várias universidades de pequena dimensão.

Como referimos, tanto o convento, como a casa contígua para as cátedras, como depois o colégio, foram erguidos fora da cidade, do outro lado do Henares, em sítio isolado e deserto para sossego do estudo. O lugar, não longe do rio e na base de uma encosta, era húmido e malsão, sendo frequentemente fustigado por aluviões de lama e pedra aquando da época das chuvas.¹⁰⁷ Mas a razão para a solicitada mudança era a maior comodidade dos mestres, dos clérigos seculares e, sobretudo, de todos os outros alunos externos que, a partir da elevação a universidade, se esperava viessem a frequentar o novo centro de estudos. A nova universidade iria precisar de uma implantação urbana para prosperar, como desde logo se aperceberam o reitor, os colegiais e o cardeal Mendoza, principal responsável pelo novo impulso dado à fundação do falecido Juan López de Medina – recordemos que por estes tempos (1486-1491) se levantava em Valladolid o novo *colegio Mayor de Santa Cruz*, também patrocinado por Pedro González de Mendoza e que pressupunha, também, um novo alento conferido à universidade vallisoletana. Os jerónimos, naturalmente, opuseram-se à transferência do colégio anexo ao seu convento para dentro da cidade. Segundo Isidoro Montiel, “*se dice en un*

¹⁰⁵ Archivo Histórico Nacional de Madrid, Sección Universidades, Universidad de Sigüenza, legajo 583.

¹⁰⁶ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.333.

¹⁰⁷ Isidoro MONTIEL, *Historia de la Universidad...*, 1963, p.72.

documento que no se concedió por haberse echado un fraile a los pies de Isabel la Católica rogándole que tuviese en cuenta la mente del Arcediano de Almazán en esta fundación”.¹⁰⁸ Só em meados do século XVII, e face ao mau estado de conservação dos edifícios, passariam a sede da universidade e o convento jerónimo para Sigüenza (veja-se, sobre este novo edifício, o capítulo 3.3., secção g).

Assim, foi apenas um novo esquema de funcionamento interno, consagrado nas constituições reformadas de 1490,¹⁰⁹ que resultou da criação da universidade. O reitor do colégio passava a ser também o reitor da universidade. O bispo de Sigüenza nomeava-se chanceler,¹¹⁰ pelo que os graus de licenciado se dariam efectivamente na sala capitular, e os de doutor na catedral.¹¹¹ Durante o primeiro meio século de existência teve a universidade de Sigüenza cerca de 40 alunos por cada uma das três faculdades iniciais, teologia, filosofia (artes) e cânones.¹¹²

Nada resta actualmente dos edifícios antigos do convento e colégio de *San Antonio Portaceli*. O terreno onde ambos se implantavam é, desde finais do século XIX, ocupado pela estação de caminho de ferro. Tentaremos precisar a implantação do conjunto e esclarecer, na medida do possível, os aspectos arquitectónicos do colégio no capítulo 2.6.

f) Valencia, 1501

Em 1245, sete anos após a reconquista cristã da cidade de Valência, conseguiu Jaime I de Aragão o reconhecimento papal de Inocêncio IV para a fundação de um estudo geral na cidade.¹¹³ Este primeiro estudo, se chegou a existir, teve vida fugaz.¹¹⁴ Com efeito, e como notou Candido Ajo, o

¹⁰⁸ *Ibidem*, p.75-76.

¹⁰⁹ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.333.

¹¹⁰ José Júlio DE LA FUENTE, *Reseña histórica...*, 1877, p.20-21.

¹¹¹ *Ibidem*, p.21.

¹¹² **Jesus DE LAS HERAS MUELA**, “La Universidad de Sigüenza, obra de la Iglesia”, *Anales Seguntimos*, Num.6, 1990, p.51-68 (p.59-61).

¹¹³ Bula de 10 de Julho de 1245. **Amadeo SERRA DESFILIS**, “Las escuelas medievales y la primitiva obra del Estudi General (1245-1502)”, in **Daniel Benito Goerlich**, *La Capilla de la Universitat de València*, Universitat de València, 1990, p.107-123 (p.109).

¹¹⁴ “Aun cuando esta primera Universitat de València pasara de ser «una condición jurídica, un conjunto de privilegios e intenciones» como señala Burns, es muy probable que no dispusiese

reconhecimento da exclusividade do estudo geral de Lérida, pelo decreto régio de Jaime II (5 de Setembro de 1300), significava que não havia – pouco mais de cinquenta anos depois – um estudo em funcionamento em Valência.¹¹⁵

Não obstante, houve sempre uma forte tradição de escolas municipais, de nível intermédio. Em várias ocasiões (1373, 1411, 1417) o conselho municipal comprou ou arrendou albergues urbanos de forma a tentar reunir, numa infraestrutura central, as escolas mais importantes da cidade, entre as quais as escolas do cabido.¹¹⁶ Apesar destas tentativas, em finais de Quatrocentos, são ainda mencionadas três escolas principais em Valência – as *Escoles de Valldigna* (situadas na *calle de la Mare Vella*, junto à antiga muralha islâmica, a sudeste da cidade), as de mestre Tristany (citadas em 1481) e as de la Vallada (referidas em 1493).¹¹⁷

Finalmente, a 10 de Outubro de 1492, o *Consell* acorda “*que sien comprades unes cases que seras bones e sufficients per obs de fer hun estudi general en la present ciutat de Valencia*”.¹¹⁸ Desta feita não se tratava apenas de conseguir reunir as escolas da cidade, como notou Serra Desfilis – o governo da cidade pretendia criar e instalar um novo estudo geral. A 1 de Abril de 1493 a cidade comprava à viúva Isabel Saranyó e à sua filha um *hospitium*, com dois hortos e dois pátios, localizado sobre o traçado da antiga muralha islâmica (**fig.11**) em zona que havia feito parte da antiga judiaria da cidade. O *hospitium* estava limitado pelos actuais *carrer de la Universitat* (correspondente à antiga linha da muralha) e *carrer de Salva*. Ocupava, portanto, parte do actual lote da

de sede propia”, *ibidem*, p.109, citando Robert I. BURNS, *El Reino de Valencia en el siglo XIII*, Vol.I, Valencia, Del Cenia al Segura, 1982, p.238-247.

¹¹⁵ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.286.

¹¹⁶ A 4 de Março de 1373 o conselho municipal comprava um primeiro albergue para juntar as escolas da cidade e do cabido. Seria depois vendido ao mestre Gil Ramirez que o conservou como sede da sua escola até 1398. Em 1411 o conselho acertava a cedência de outra casa, a de Pere de Vilaragut e sua mulher, para alojar as escolas da cidade. Estas casas foram também, pouco depois, vendidas, pelo que o conselho arrendaria novamente (em 1417) o albergue de Gil Ramirez – as *Escoles de Valldigna* – para sede das escolas da cidade. Amadeo SERRA DESFILIS, “Las escuelas medievales....”, 1990, p.109-110. Veja-se também, sobre este assunto, **Vicente VIVES Y LIERN, Las Casas de los Estúdios en Valência**, Valência, Vda de Emilio Pascual, 1902.

¹¹⁷ Destas 3 escolas iriam os estudantes passar ao novo estudo geral em 1499. Amadeo SERRA DESFILIS, “Las escuelas medievales....”, 1990, p.111.

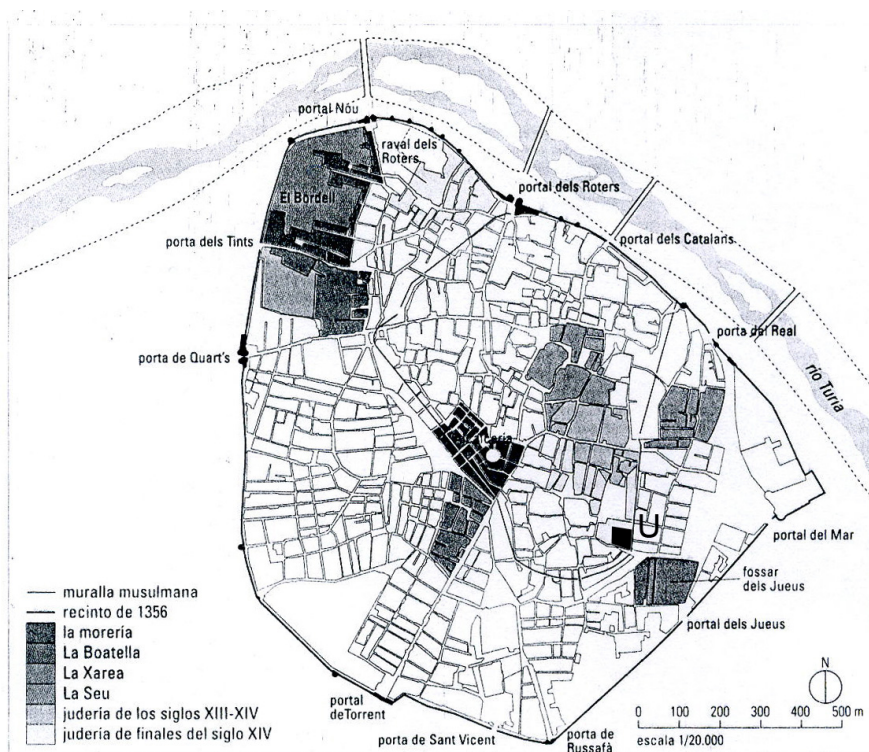
¹¹⁸ *Ibidem*, p.115.

sede da universidade.¹¹⁹ A parte vendedora impôs que a entrada do estudo se fizesse pela praça a sudeste, pois ficava com casas e um banho público na parte oposta, sobre uma terceira via, a calle de la Nau. De resto, e sobre esta compra, não se conhecem argumentações documentadas em relação a uma localização ideal proposta para o novo estudo geral. O critério parece ter sido a proximidade em relação às escolas anteriores, em particular as de Valldigna, que se situavam um pouco mais para norte.

Logo após a compra dos imóveis fizeram-se umas primeiras obras de adaptação, em particular na “*sala del studi general*”. Em Maio, e de acordo com Serra Desfilis, faziam-se de novo outros quatro gerais ou salas de aula, trabalhos dirigidos pelo mestre arquitecto Pere Compte e pelo mestre Marti Menor.¹²⁰ Estas obras não terão sido suficientes porquanto a 16 de Agosto de 1498 os *jurats*, como representantes do município, e os mestres-arquitectos Pere Compte e Pere Benio, assinavam um contrato para a construção da nova

Fig.11

Planta da Valência medieval com o traçado das muralhas islâmica e trecentista (fonte: Luís Perdigón, Manuel Pérez Montiel, Juan Luís Piñon, in *Atlas Histórico de Ciudades Europeas*) e localização das casas da universidade (U) adquiridas em 1493.



¹¹⁹ Sobre a área de implantação destas casas veja-se **Maria de Jesús TEIXIDOR**, “L’entorn geogràfic del barri de la Universitat”, in **Vicenç M. Rosselló i Verger (Dir.)**, *La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001, p.13-42.

¹²⁰ Amadeo SERRA DESFILIS, “Las escuelas medievales....”, 1990, p.116.

fábrica do estudo geral. Como notou Daniel Benito Goerlich,¹²¹ assinava-se este contrato dois dias depois dos jurados terem decidido redigir umas constituições para a nova universidade¹²² que, recordemos, não estava ainda em funcionamento ou, sequer, oficializada. Segundo Amadeo Serra,

*“Se preveía construir nuevas aulas o «generals» y parte de los muros perimetrales debían rehacerse respectando el arco de piedra del ingreso. La reforma parece haber afectado particularmente al piso alto: allí tenían que cubrirse las galerías con ladrillo y vigas de madera y debían habilitarse nueve «cambres» y un corredor protegido por antepechos («apitradors»). Las galerías o «nayas» se apoyaban en cinco arcos de piedra que debían ser robustecidos o, eventualmente, reconstruidos. Una escalera subía desde la planta baja hasta el piso superior de las galerías y las cámaras o «cambres». Asimismo era preciso modificar los tabiques interiores de las «cambres» y las tres «generals», pavimentar unas y otras, y adaptar la distribución de los vanos a la nueva estructura interna...”*¹²³

Não é claro qual seria a distinção funcional entre os *generals* e os *cambres*. Ainda que os primeiros, os gerais, se tratassem de compartimentos certamente mais espaçosos, é possível que os segundos, as câmaras, se dedicassem também a funções lectivas. Ou então a outras funções, administrativas ou talvez residenciais (de mestres?; de estudantes?; de funcionários?) – não se sabe.

Em Maio de 1499 o arcebispo de Valência benzia a sede do novo estudo¹²⁴ e *“En lo mes de Agost del dit any foren tots los estudiants de les escoles de Valldigna, de mestre Tristany y de la Vallada al Studi General...”*¹²⁵ Não obstante as obras prosseguiriam, nesta fase, até 1502, altura em que o estudo Geral de Valência era já uma realidade oficial. Com efeito, o Papa valenciano

¹²¹ Daniel BENITO GOERLICH, “De l’Estudi General a la Universitat de València”, in Vicenç M. Rosselló i Verger (Dir.), *La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001, p.275-304 (p.278)

¹²² Seriam proclamadas a 30 de Abril do ano seguinte.

¹²³ *Ibidem*, p.117-118. O texto do contrato pode ver-se em Daniel BENITO GOERLICH, *La Capilla de la Universitat de València*, Universitat de València, 1990, p.139-140.

¹²⁴ Amadeo SERRA DESFILIS, “Las escuelas medievales...”, 1990, p.119.

¹²⁵ *Ibidem*, p.111.

Alexandre VI (Borja) aprovara a fundação por bula de 23 de Janeiro de 1501, após solicitação do cardeal Vives, arcebispo de Valência.¹²⁶ Fernando II, o Católico, confirmaria o estudo geral por real cédula de 16 de Fevereiro de 1502, desde Sevilha, após as diligências de uma delegação do conselho valenciano.

Como era, então, o edifício do novo estudo geral valenciano, resultante desta primeira fase de obras? Citando novamente Serra Desfilis, parece que se organizavam as estâncias principais em torno de um pátio principal. Haveria ainda um pátio traseiro, mais pequeno. Haveria uma ou várias galerias no piso alto, pelas quais se acedia às câmaras. O arco de pedra da entrada, e o emprego generalizado daquele material, dava a entender tratar-se de uma casa nobre.¹²⁷ É possível que existisse também um pequeno espaço adaptado a capela, embora os documentos não o mencionem. Como conclui o autor que temos vindo a citar, o imóvel das escolas não se distinguia particularmente das casas nobres valencianas da época:

- *“El contrato de 1498 deja intuir que el edificio objecto de la reforma emprendida por Compte y Benia correspondia a los modelos propios de la arquitectura doméstica local. Conforme a los critérios de la época se trató de regularizar unas líneas del edificio para conferirle un aspecto más noble. Mientras otras ciudades emprendían la construcción de edificios de nueva planta para albergar sus Universidades, el Estudi General de Valencia continuó la tradición de los hospitia medievales y la Univeristat arrastraría a lo largo de los siglos posteriores la falta de un proyecto unitario para su sede”.*¹²⁸

Um dos estudantes mais ilustres do novo estudo geral foi o humanista Luís Vives, que frequentou o novo edifício entre 1507 e 1509, antes de prosseguir os seus estudos em Paris. Do imóvel deixou-nos a seguinte descrição (não sem uma ponta de ironia) num texto de 1514:

¹²⁶ O Arcebispo de Valência era designado de chanceler do estudo, que se criava com faculdades de Teologia, direitos, medicina, artes e letras e com os privilégios das universidades de Roma, Bolonha e Salamanca.

¹²⁷ *“...el difunto marido de Isabel Saranyó era, en efecto, cavaller”.* Amadeo SERRA DESFILIS, “Las escuelas medievales....”, 1990, p.121.

¹²⁸ *Ibidem*, p.123.

- “Hay un lugar, sólo entrar en las escuelas, que es bueno de enfangarse con la lluvia, el polvo y el pisoteo de los estudiantes. De repente que lo pasas, te enciende a unas altas escaleras que llevan a unas habitaciones muy ordenadas y en las aulas donde se enseña, un lugar muy bien provisto por los mejores profesores que, espero, llegarán. La entrada a menudo está en penumbra, pero los pórticos no son desagradables”.¹²⁹

Por outro lado, chegaram até nós algumas imagens do antigo edifício da universidade, sobretudo no âmbito de vistas gerais (em voo de pássaro) da cidade. É o caso do plano perspectivado de Valência de António Mancelli, de 1608, e de outro plano do mesmo género do padre Tomás Vicente Tosca de 1704, que foi reelaborado postumamente, com correcções, cerca de 1738.¹³⁰

Cabe, evidentemente, referir que estas representações correspondem a épocas mais recentes que a da primeira fase de obras do edifício. Em relação à época da primeira gravura, a de Mancelli, de 1608 (**fig.12**), deve notar-se a existência de um volume amplo destinado à capela universitária (antecedente da actual) resultante da adaptação do primitivo geral de cânones em 1515-1517.¹³¹ Outros melhoramentos foram a construção de uma nova sacristia¹³² e a compra de um relógio, também em 1515.¹³³ Ao longo de todo o século XVI foram compradas mais casas.¹³⁴ Pela representação de Mancelli, muito simples e esquemática, a frente para o *carrer de la nau* (em baixo na figura) é ainda composta de uma sequência de casas urbanas, algumas das quais pertenceriam já à universidade. De resto, pode distinguir-se o que parece ser o volume da antiga capela, a meio do quarteirão urbano ocupado, em parte, pela universidade.

¹²⁹ Luís Vives, *Virgínia Dei Parentis Ovatío*, 1514, citado por Daniel BENITO GOERLICH, “De l’Estudi General a la Universitat...”, 2001, p.279-280 e nota 1 (a passagem do texto de valenciano para castelhano é de nossa responsabilidade).

¹³⁰ Veja-se as reproduções destas imagens urbanas em Maria de Jesús TEIXIDOR, “L’entorn geogràfic...”, 2001, p.29 e p.32. As escolas da vista de 1738 podem ver-se no capítulo 3.3. da presente dissertação, fig.2.

¹³¹ “La Capela fou resultat de l’adaptació d’un espai ja existent, l’aula destinada a les lliçons de canons”. Daniel BENITO GOERLICH, “De l’Estudi General a la Universitat...”, 2001, p.280.

¹³² *Ibidem*, p.281.

¹³³ *Ibidem*, p.283.

¹³⁴ *Ibidem*, p.283.

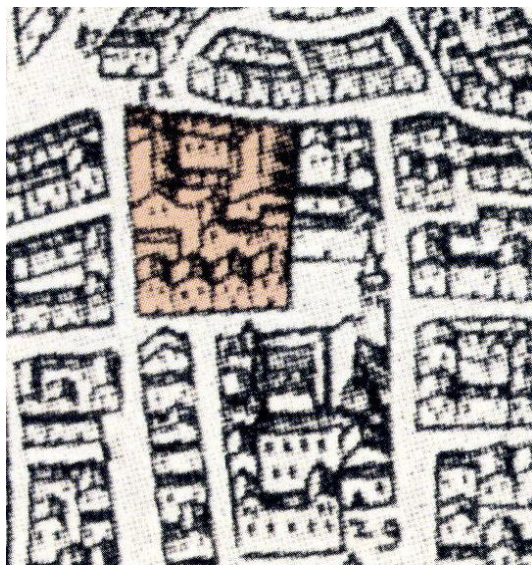


Fig.12

Sede da universidade de Valência. Fragmento da vista de Mancelli de 1608 (fonte: M^a. de Jesus Teixidor).

Fig.13

Sede da universidade de Valência. Fragmento da vista de Tomás Tosca de 1704. (fonte: M^a. de Jesus Teixidor): a) entrada do estudo; b) capela; c) sala de actos.

Representação mais realista é a do padre Tosca, de 1704 (**fig.13**). Nela pode observar-se bem a organização do imóvel por dois pátios, um principal e outro secundário, correspondentes ao actual pátio central e ao pátio reitoral. Em torno do pátio secundário pode observar-se a antiga capela (que seria reformulada em 1736-1737¹³⁵) e o volume do teatro académico, espaço que é referido a partir de 1599.¹³⁶ Ambos os espaços tinham acesso pelo mencionado pátio secundário.

O pátio principal, rodeado de corpos construídos de dois níveis, surge desprovido de arcadas e de galerias em qualquer dos andares, pelo menos no seu lado sul, que nos é dado ver. Assim, parece que o pátio principal se tratava de um grande espaço vazio central, sensivelmente quadrado, rodeado sobretudo por blocos compactos, dotados de algumas portas e janelas. Como, então, explicar a galeria ou os “pórticos”, situados aparentemente ao nível do primeiro andar, mencionados no contrato de obras de finais de Quatrocentos e na descrição de Luís Vives, de inícios do século XVI? É, pois, possível que a galeria (os “pórticos”) mencionada se situasse sobre o lanço de entrada, talvez pelo lado interno (o lado do pátio), que não é observável na vista urbana do

¹³⁵ *Ibidem*, p. 289.

¹³⁶ *Ibidem*, p.287.

padre Tosca. Com efeito, é isso que sugere a representação do imóvel primitivo das escolas em construção, patente na imagem de fundo de um quadro de *Sant Vicent Ferrer* (**fig.14**), de autor anónimo e que remonta a meados do século XVII. A cena parece decorrer na rua, vendo-se alguns mestres(?) conversando diante da porta da universidade em construção, marcada pelo arco de pedra citado nas fontes. No piso superior vêem-se pedreiros a finalizar o que aparenta ser a galeria ou os pórticos citados pelos documentos.

O edifício da sede da universidade valenciana foi um imóvel em constante alteração ao longo dos seus mais de cinco séculos de existência. Apesar do facto, ou talvez por isso mesmo, não deixa de ser um imóvel estimulante, por detrás de uma capa de uma elegante uniformidade dada pelas intervenções mais recentes. Uma destas modificações foi precisamente a obra do porticado do pátio principal, realizada entre 1844 e 1845. Como nos diz Daniel Bento Goerlich, finalmente, *“D’aquesta manera la Universitat anava veient acomplida la seua aspiració antiquíssima al claustre porticat, que perveien els estatuts fundacionals”*.¹³⁷



Fig.14

A sede da universidade de Valência em construção.
Detalhe do retrato de *Sant Vicent Ferrer*, de autor anónimo, meados do século XVII
(fonte: D. Benito Goerlich)

¹³⁷ *Ibidem*, p.298.

1.9. Alcalá de Henares e o moderno bairro universitário do cardeal Cisneros

a) Uma nova universidade centrada nos estudos teológicos

O processo de instalação da universidade em Alcalá de Henares pelo cardeal Francisco Jiménez de Cisneros, na viragem do século XV para o XVI, foi alvo de uma grande quantidade de estudos nos últimos 30 anos. Elencaremos sumariamente, nas linhas seguintes, as contribuições a nosso ver mais relevantes que tratam, sobretudo, os primeiros anos da fundação e que serviram de base para a nossa sistematização.

Desde logo, duas originais monografias de Miguel Ángel Castillo Oreja, de inícios dos anos 80, dedicadas ao processo de construção do *Colégio Mayor de San Ildefonso*¹ e ao aglomerado urbano de Alcalá de Henares.² Ainda dos anos 80 destacaremos o estudo de Juan Meseguer Fernández sobre “*El Cardenal Cisneros y su villa de Alcala de Henares*”,³ a publicação das constituições originais do colégio de *San Ildefonso* por Ramón González Navarro,⁴ e também dois artigos (entre outros de interesse para o tema) publicados nos *Anales Complutenses* sobre o processo de implantação do colégio central do projecto cisneriano.⁵ Da década de 1990 faremos referência a três importantes trabalhos, de José García Oro,⁶ Consuelo Gómez Lopez⁷ e

¹ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares. Génesis y desarrollo de su construcción, siglos XV-XVIII*, Madrid, Edascal, 1980.

² Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Ciudad, funciones y símbolos. Alcalá de Henares, un modelo urbano de la España moderna*, Alcalá de Henares, Ayuntamiento, 1982. Do mesmo autor destacaremos um pequeno artigo: Miguel Angel CASTILLO OREJA, “Alcalá de Henares, ciudad «reformista»”, *Actas del Segundo Simposio «Urbanismo e Historia Urbana en el Mundo Hispano»* (1982), Madrid, Universidade Complutense, 1985, Tomo II, p.727-747.

³ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros y su villa de Alcalá de Henares*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1982.

⁴ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones Originales Cisnerianas*, Alcalá de Henares, 1984.

⁵ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones a medio siglo de construcción universitaria en Alcalá de Henares (1510-1560)”, *Anales Complutenses*, Vol. I, 1987, p.135-166; e José GARCÍA ORO, “El primitivo solar académico complutense”, *Anales Complutenses*, Vol. II, 1988, p.71-82.

⁶ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares en su etapa fundacional (1458-1578)*, Santiago de Compostela, Independencia Editorial, 1992.

⁷ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá de Henares en los siglos XVI y XVII: El planteamiento de una idea de ciudad*, Madrid, UNED, 1998

de Ramón González Navarro,⁸ que dão relevantes contributos para os aspectos urbanísticos e arquitectónicos da nova fundação universitária. Também dos anos 90 é um artigo de Fernando Marías sobre o cargo de *maestro mayor* das obras do colégio de San Ildefonso.⁹ Outros trabalhos que mereceram a nossa atenção, se bem que com objectos de estudo laterais ao tema que pretendemos tratar (versando fundamentalmente épocas mais adiantadas da realidade universitária), foram as teses de Cármén Román Pastor, dedicada à arquitectura conventual alcalaína,¹⁰ e a muito recente de Roberto González Ramos consagrada à encomenda artística do *colegio Mayor de San Ildefonso*.¹¹

Finalmente, e para a nossa investigação, foi absolutamente fundamental a consulta do interessantíssimo e utilíssimo artigo de Antonio de la Torre, dedicado à localização da casa do ilustre latinista e professor Antonio de Nebrija,¹² datado de 1945,¹³ que contém valiosa informação topográfica e que permite, a nosso ver, reconstituir, com bastante segurança, aspectos centrais do projecto universitário cisneriano no que à organização espacial e urbana se refere. cremos, assim, poder avançar, no âmbito da presente dissertação, com uma nova ideia geral e com um novo “desenho” do bairro universitário alcalaíno, a partir da sistematização da grande quantidade de dados já divulgados e das interpretações avançadas pelos vários autores.

⁸ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía: El Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares (1495-1565)*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 1998

⁹ Fernando MARÍAS, “El Arquitecto de la Universidad de Alcalá de Henares”, *La Universidad Complutense y las artes*, Madrid, Universidad Complutense, 1995, p. 125-135. Deste autor é também um artigo dedicado à renovação da fachada do colégio-universidade (obra começada em 1537) e que se refere a algumas particularidades da fachada primitiva – Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomía universitaria: la fachada de la Universidad de Alcalá de Henares y Luis de Vega”, *Goya - Revista de Arte*, Madrid, N°217-218, Julho-Outubro de 1980, p.28-40.

¹⁰ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual de Alcalá de Henares*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1994.

¹¹ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares y las Artes. El patronazgo artístico de un centro de saber. Siglos XVI-XIX*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2007.

¹² “Elio” Antonio de Nebrija, 1441-1522, famoso humanista e latinista espanhol, autor da primeira *Grammatica Castellana*, publicada em Sevilha, em 1492.

¹³ Antón de la TORRE, “La casa de Nebrija en Alcalá de Henares y la casa de la imprenta de la «Biblia Poliglota Complutense»”, *Emerita*, Madrid, Tomo XIII, 1945, p.175-212.



Fig.1
Cardeal Francisco
Jiménez de Cisneros
(1436-1517)

Centraremos, pois, a nossa atenção nos aspectos urbanísticos e arquitectónicos do estabelecimento da universidade de Alcalá de Henares (no período de 1495 até cerca de 1517, ano do falecimento do cardeal Cisneros) no sentido em que o projecto urbano de Cisneros é o corolário do processo de relação entre a universidade e a cidade que temos vindo a estudar ao longo da presente dissertação. É também, simultaneamente, a fundação universitária ibérica que estabelece a charneira com o século XVI, o *Siglo de Oro* espanhol, que tão significativo foi para as universidades hispânicas, e que deixaremos, assim, entreaberto com esta última visitação.

Foi a 11 de Outubro de 1495¹⁴ que tomou posse como arcebispo de Toledo Francisco Jiménez de Cisneros (Torrelaguna, 1436 - Roa, 1517; **fig.1**) sucedendo no cargo ao Cardeal Pedro González de Mendoza, falecido no dia 11 de Janeiro anterior. E foi logo desde esse primeiro momento que o novo titular da mais relevante sede metropolitana das Espanhas se lançou na preparação de um complexo e ambicioso projecto pessoal – o da fundação de uma nova universidade de primeira linha, centrada nos estudos teológico-filosóficos, na então vila de Alcalá de Henares.¹⁵

¹⁴ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.25.

¹⁵ Sobre as várias acções encetadas por Cisneros após tomar posse como arcebispo toledano veja-se **Miguel Ángel CASTILLO OREJA**, “La Universidad de Alcalá en las empresas de

Porquê, desde logo, uma universidade teológica? O contexto ibérico de finais do século XV era o da renovação geral da espiritualidade, alinhada com uma maior exigência de rigor na formação de base pretendida tanto para o clero secular como para o clero regular.¹⁶ Neste sentido, em 1491, o Papa Alexandre VI facultava poderes alargados aos Reis Católicos e à Igreja espanhola de modo a avançarem com a reforma das ordens monásticas.¹⁷ No ano seguinte, decretava-se a expulsão dos judeus de Espanha, na sequência do projecto em curso de unificação ideológica e de centralização do estado moderno em torno da coroa. E em 1497, novamente Alexandre VI encomendava aos Reis Católicos a visita e reforma das universidades de Salamanca, Valladolid e restantes da Espanha, indicando os nomes de Cisneros e de frei Diego de Deza como visitantes-reformadores.¹⁸

Por outro lado, vimos já como as principais universidades de Castela e Aragão, embora dotadas de faculdades teológicas (Salamanca, Valladolid, Lérida) eram universidades orientadas fundamentalmente para os estudos jurídicos. Neste sentido o projecto da universidade teológica de Cisneros pretendia introduzir uma entidade nova no contexto ibérico do tempo, baseada sobretudo no modelo de Paris, que excluía o ensino do direito civil.¹⁹ Paralelamente, o processo de reforma do clero secular e regular constituía, de facto, o principal enquadramento operativo da fundação cisneriana de Alcalá.²⁰

Certamente não terão sido estranhos ao germinar desta ideia o longo percurso do próprio Jiménez de Cisneros no seio da igreja castelhana²¹ e o seu

Cisneros”, *La Universidad Complutense y las artes*, Madrid, Universidad Complutense, 1995, p.27-40.

¹⁶ AAVV (Buenaventura Delgado Criado, coord.), *Historia de la Educación en España y América. Siglos XVI-XVIII*, Madrid, Fundación Santa María / Ediciones Morata, 1993, p.21-25.

¹⁷ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.3.

¹⁸ Breve *Inter Caetera*, de 1 de Agosto. “No consta que Cisneros haya intervenido personalmente en la reforma de alguno de los estudios generales y de las universidades existentes entonces. Es muy posible que las visitas giradas por otros durante los años siguientes se realizasen por delegación de Cisneros y Deza”. José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.422.

¹⁹ *Ibidem*, p.425.

²⁰ *Ibidem*, p.427-428.

²¹ A figura de Cisneros contou com duas importantes biografias, editadas ainda no decurso do Antigo Regime: - Alvar GÓMEZ DE CASTRO, *De rebus gestis a Francisco Ximénio arceyepiscopo toledano*, Alcalá de Henares, 1569; e Pedro de QUINTANILLA Y MENDOZA, *Archetypo de virtudes: espejo de prelados; el venerable padre y servo de Dios F. Francisco Ximenez de Cisneros*, Palermo, 1653.

conhecimento profundo das instituições eclesiásticas do tempo. Natural de Torrelaguna (1436), pequena vila a norte de Madrid, graduara-se como jurista em Salamanca, tendo viajado posteriormente a Roma onde foi ordenado sacerdote.²² Regressou a Espanha e à sua região natal devido à morte do pai, em 1465. Alguns anos depois teve uma desavença com o arcebispo toledano em funções, Alonso Carrillo de Acuña (1410-1446-1482), devido ao benefício de arcipreste de Uceda, que lhe havia sido concedido pelo Papa e que lhe valeu um período de encarceramento. Aparentemente em 1477, estava já na catedral de Sigüenza como capelão-mor.²³ Em 1484 ingressava na ordem franciscana, mudando o seu nome de baptismo de Gonzalo para Francisco. Permaneceu nos conventos de Salceda e de Castañar,²⁴ tendo sido eleito vigário provincial dos franciscanos observantes de Castela em 1494. Dois anos antes, em 1492, fora apontado por Isabel a Católica (1451-1474-1504) como seu confessor, facto que lhe terá aberto as portas ao lugar de Arcebispo de Toledo (o ponto mais alto da hierarquia eclesiástica espanhola), que tomou em 1495, como referimos. Faltava apenas o barrete cardinalício, que receberia, por fim, em Maio de 1507.

Importante para o despontar do projecto universitário cisneriano terá sido o convívio, no tempo passado em Sigüenza, com o seu colega e amigo Juan López de Medina (1410-1488), provisor da sé local, que havia concretizado a fundação de um colégio fora dos muros daquela cidade (reconhecido como universidade em 1489). García Oro apontou já as semelhanças entre as fundações alcalaína e seguntina, que passavam pela centralidade pretendida para os estudos teológicos e pelo ensejo inicial de associação aos franciscanos.²⁵ Não obstante, os primeiros dez anos de existência do estudo

²² **AAVV, *Enciclopedia de la Religión Católica***, Barcelona, Dalmau y Jover, 1951, Tomo II, p.730-733.

²³ Data avançada por Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.22. Não é totalmente claro quanto tempo, e porque razão, esteve Cisneros preso. Juan Meseguer refere que o arcebispo Carrillo ainda lhe reconheceu benefícios eclesiásticos em 1473, pelo que, confirmando-se a estadia em Sigüenza na referida data de 1477, não poderia ter estado preso seis anos como referem as fontes mais antigas. Pedro de Quintanilla (1653), porém, refere a data de 1480 para o início da morada naquela cidade. Ibidem, p.22-23.

²⁴ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.29, citando Pedro de QUINTANILLA Y MENDOZA, *Archetipo de virtudes...*, 1653, p.10.

²⁵ “*El parentesco espiritual entre la fundación seguntina y la complutense tiene varios aspectos significativos: la relación personal entre los fundadores y amistad mutua con el Cardenal*

seguntino terão sido suficientes para que Cisneros se apercebesse das exigências (não correspondidas) do modelo de fundação seguido e do logro que a implantação fora da cidade representou, desde início.²⁶

Não menos importante (e ainda no tempo de Sigüenza) terão sido os contactos de Cisneros com a personalidade de Pedro González de Mendoza, seu antecessor no cargo de arcebispo de Toledo (1482-1495), titular por inerência da diocese seguntina. Recordemos a erecção do *Colegio Mayor de Santa Cruz* de Valladolid (construído entre 1486 e 1491), o mais importante edifício colegial da época em Espanha, projecto pessoal deste prelado. Ao mesmo tempo (talvez instado pelo próprio Cisneros²⁷) avançou o cardeal Mendoza com o plano de instalação de um estudo de nível superior em Alcalá de Henares (com cátedras de teologia, de direito canónico e de direito civil, “enxertadas” no estudo de artes franciscano que havia sido criado anteriormente pelo arcebispo Carrillo) para o qual obteve aprovação de Inocêncio VIII a 27 de Março de 1487. Organizava-se academicamente conforme os estatutos da universidade de Salamanca, e segundo García Oro estaria em funcionamento quando Cisneros se tornou arcebispo.²⁸ Voltaremos, um pouco mais adiante, a esta questão.

No programa pensado pelo arcebispo Cisneros para a sua nova universidade, pretendeu-se que o ensino teológico – convertido em área central dos estudos – fosse direccionado numa via humanista incorporando, para além do tomismo e do escotismo, as correntes mais modernas do nominalismo, que convidava ao estudo dos textos religiosos a partir das fontes originais.²⁹ Daí também a importância dos estudos filosóficos e sobretudo das línguas clássicas, que teriam como ponto alto a publicação patrocinada por Cisneros da *Bíblia*

Mendoza; el intento primitivo de vincular la fundación seguntina a la Observancia franciscana y sobre todo la orientación teológica de ambas academias, con frenos a un futuro desarrollo de los estudios jurídicos. José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.158-159 (nota 4).

²⁶ Sinal deste facto foi que o próprio Cardeal Mendoza tentou mudar o colégio para dentro da cidade, logo após o falecimento de Juan López de Medina, transferência que não se logrou dada a oposição dos frades Jerónimos que acabaram por habitar o convento anexo, em substituição dos franciscanos.

²⁷ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.50.

²⁸ *Ibidem*, p.50.

²⁹ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO (Ed.), *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.28 p.125-127 e Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.6.

Poliglota, editada em seis tomos entre 1514 e 1517 – “*monumento científico y joya tipográfica incomparable del renacimiento español y Cristiano*”.³⁰

Era toda uma vasta estrutura de base necessária para os estudos teológicos. Simultaneamente, e na condição de arcebispo de Toledo, a sua nova universidade teria sempre que ambicionar ser das mais renomadas do tempo. De acordo com Juan Meseguer, Cisneros projectou converter Alcalá num “centro académico de primeira categoria”.³¹ Como desde já se depreende, a infra-estrutura requerida não era pequena – e o espaço físico necessário para a instalar também não.

b) A escolha de Alcalá de Henares

A escolha de Alcalá de Henares para lugar de implantação da nova universidade terá sido quase imediata e óbvia, fruto de uma feliz conjugação de factores. Em primeiro lugar, tratava-se de uma vila pertencente à mesa arcebispal toledana, onde os arcebispos possuíam uma importante residência de verão desde finais do século XIII.³² O próprio Cisneros trataria de remodelar o palácio arcebispal, que ocupava toda a zona noroeste do burgo, logo em 1496-97, de modo a receber a estância dos Reis Católicos em Novembro deste último ano.³³

Por outro lado, a vila tinha uma significativa actividade comercial, ganadeira e também agrícola, gozava de mercado semanal e acolhia a realização de feiras, situando-se sobre a principal via que atravessava a Península Ibérica, de nordeste para sudoeste.³⁴ Estaria assim garantido, à partida, o necessário substrato de actividade económica de apoio à nova academia.

³⁰ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.60.

³¹ *Ibidem*, p.35.

³² “*Pero esta precisa fecha de jueves, 8 de enero de 1271, parece ser el hito desde el que hay que mirar a la Alcalá arzobispal. La adquisición en bloque de estas moradas espaciosas con sus huertos obedece sin duda a un plan amplio de instalación arzobispal en Alcalá que va a sellar su futuro. De hecho se construyó en la villa la mejor morada arzobispal del señorío...*”, José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.41-42.

³³ No início do mesmo mês de Novembro de 1497, Cisneros acolhera no palácio o primeiro sínodo arcebispal sob os seus auspícios. Os Reis permaneceriam em Alcalá até finais de Abril do ano seguinte. Isabel a Católica residiria novamente no palácio entre Janeiro e Julho de 1503. Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.40-41 e nota 42.

³⁴ Veja-se sobre as condições oferecidas por Alcalá de Henares, entre outros, Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso ...*, 1980, p. 37-38, Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.403-404 ou Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El*

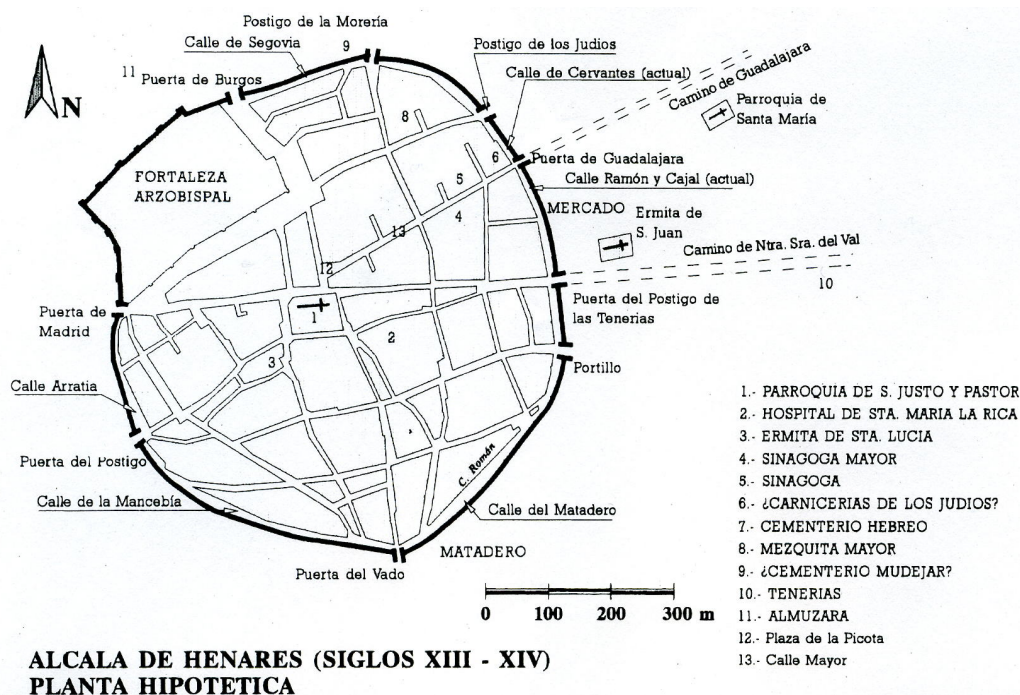


Fig.2. Planta hipotética de Alcalá de Henares nos séculos XIII-XIV
(fonte: Cármen Román Pastor)

Registava-se ainda o facto de haver um novo ensanche urbano a oriente da cidade, e que fora integrado numa ampliação da cerca urbana medieval realizada em inícios do século XV.³⁵ Para além de uma densidade mais rarefeita nesta zona específica da vila, dava-se a particularidade de que o edifício dominante e maior proprietário da zona era o convento franciscano de Santa Maria de Jesus, fundado no tempo do arcebispo Carrillo, em 1453,³⁶ ou

urbanismo de Alcalá..., 1998, p.9-10. Veja-se também, sobre a vila medieval, **Antonio CASTILLO GÓMEZ**, *Alcalá de Henares en la Edad Media. Territorio, sociedad y administración 1118-1515*, Alcalá de Henares / Madrid, Fundación Colegio del Rey, 1989.

³⁵ Ampliação que terá sido mandada fazer, provavelmente, por ordem do arcebispo Sancho de Rojas (1415-1422). Sabe-se apenas que em 1424 haveria já duas cercas pois um documento faz referência (nessa data) às “*cercas et muros de la dicha villa, viejo et nuevo...*”. **Carmen ROMÁN PASTOR**, “El recinto amurallado de Alcalá de Henares en la Edad Media”, *Acervo*, nº3-4, 1993, p.40-44, e **Carmen ROMÁN PASTOR**, “Parámetros urbanísticos medievales”, *Alcalá de Henares, páginas de su historia. XII curso de historia, arte y cultura*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 2003, p.191-220.

³⁶ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.57-59. O arcebispo Alonso de Carrillo cedeu a igreja paroquial de Santa Maria la Mayor para a edificação do convento franciscano de Santa Maria de Jesus. A sede paroquial foi por isso transferida para a ermida de San Juan de los Caballeros, no topo sul da Plaza del Mercado. José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.43-46.

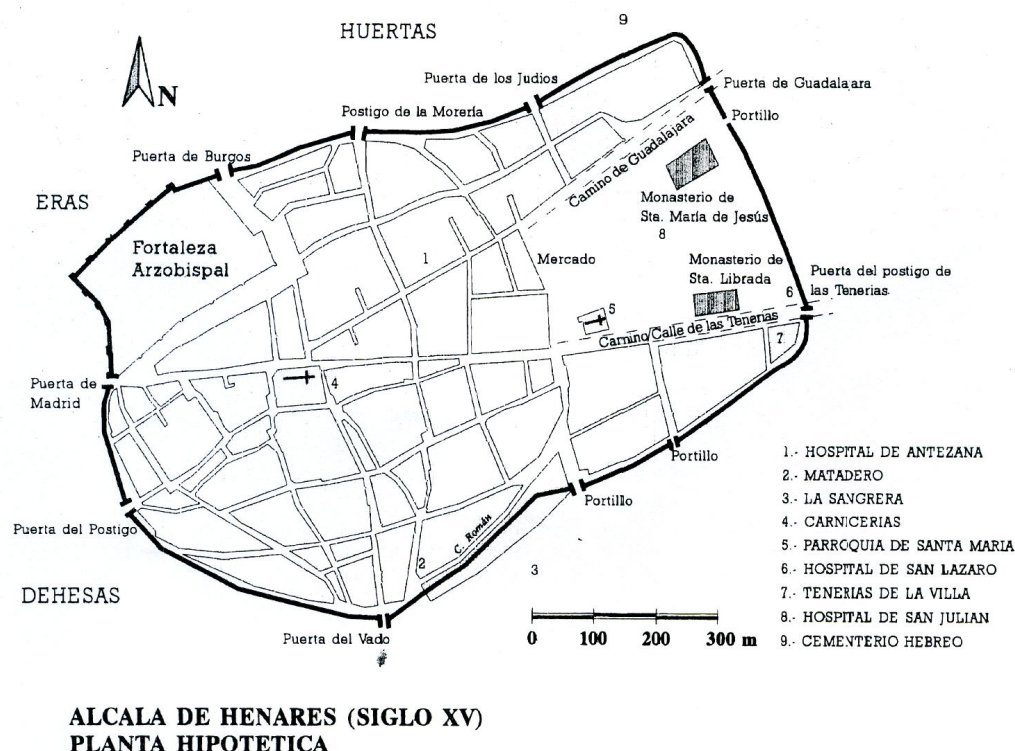


Fig.3. Planta hipotética de Alcalá de Henares no século XV
(fonte: Cármén Román Pastor)

seja um cenóbio da ordem religiosa a que pertencia Cisneros. A área sujeita aos frades recebia correntemente a designação de “*Tierra Nueva y corraliza de San Francisco*”.³⁷ Incluíam-se ainda neste “âmbito franciscano”³⁸ as casas envolventes, entre as quais as casas e terreno do recolhimento de beatas de *Santa Librada*, estabelecido em 1481,³⁹ e elevado a mosteiro da ordem terceira de São Francisco, poucos anos passados, em 1487.⁴⁰

Podemos, pois, observar, na planta hipotética de reconstituição de Alcalá nos finais do século XV, proposta por Cármén Román Pastor (**fig.3**),⁴¹ o traçado alargado da cerca da cidade bem como as localizações aproximadas do mosteiro de Santa Maria de Jesus, do recolhimento de *Santa Librada*, e da nova sede paroquial de *Santa Maria la Mayor*, implantada sobre o topo sul do terreiro do mercado – na **fig.2** podemos ver a reconstituição hipotética, de

³⁷ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.256.

³⁸ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.15.

³⁹ Antonio CASTILLO GÓMEZ, *Alcalá de Henares en la Edad Media...*, 1989, p.91.

⁴⁰ Carmen ROMÁN PASTOR, 1994, p.76.

⁴¹ Carmen ROMÁN PASTOR, “El recinto amurallado de Alcalá...”, 1993; *Idem*, *Arquitectura conventual...*, 1994, fig.70; *Idem*, “Parámetros urbanísticos...”, 2003, p.220.

mesma autora, do traçado primitivo da cerca do burgo alcalaíno.⁴² A área de expansão quatrocentista integrava precisamente o terreiro do mercado, originalmente extramuros, e era irrigada, no sentido poente-nascente, pelas duas vias principais da vila medieval – a *calle Mayor* (também conhecida, no seu último segmento, por “*calle Mayor de la puerta de Guadalajara*”⁴³) e a sequência *calle de Escritorios / calle de las Tenerías*. Ambas as vias divergiam a partir da igreja paroquial dos Santos Justo e Pastor, implantada no centro do aglomerado. Do ponto de vista urbanístico, e apesar da existência no local de diversos núcleos habitacionais,⁴⁴ a referida nova área urbana não estava ainda consolidada quando Cisneros decidiu avançar com o seu projecto universitário.⁴⁵

Notemos ainda, como fizeram já vários autores,⁴⁶ que a escolha da área de expansão alcalaína para a implantação da universidade, para além de beneficiar da conjunção de factores favoráveis já mencionados, dava também resposta às condições ideais solicitadas por Alfonso X nas *Siete Partidas* para a instalação de um estudo geral, em particular que “*Las escuelas de estudio general deven ser en un lugar apartado de la villa, las unas cerca de las otras*”.⁴⁷ Diziam ainda as *Partidas* (como vimos) que “*De buen ayre, e de fermosas salidas, deve ser la villa do quisieren establecer el estudio porque los maestros (...) e los escolares (...) vivan sanos en el (...); Otrosí debe ser*

⁴² Carmen ROMÁN PASTOR, “El recinto amurallado de Alcalá...”, 1993; Idem, *Arquitectura conventual...*, 1994, fig.69; Idem, “Parámetros urbanísticos...”, 2003, p.218. A hipótese de traçado da muralha medieval proposta por esta autora difere ligeiramente, no sector sul, da de Antonio CASTILLO GÓMEZ, *Alcalá de Henares en la Edad Media...*, 1989, fig.14, que retoma a interpretação anterior de Jesus GARCÍA FERNÁNDEZ, “Alcalá de Henares. Estudio de geografía urbana”, *Estudios Geográficos*, Madrid, nº 47, Maio de 1952, p.299-356, fig.1.

⁴³ António de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.178.

⁴⁴ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.13, nota 10.

⁴⁵ “El empleo de designaciones como «detrás de Santa Librada», «al cabo de Santa Librada», «junto a San Francisco», etc., pone de manifiesto que el territorio aún no se hallaba organizado desde el punto de vista urbanístico más que en unos mínimos rasgos”. *Ibidem*, p.17.

⁴⁶ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.37-38; Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.16; Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.11 e p.248

⁴⁷ ALFONSO X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso nuevamente glosadas por el licenciado Gregorio López* (1555), segunda partida, título XXXI, lei V (“*En que logares devem ser ordenadas las escuelas de los maestros, e de los escolares*”). Consultamos a reedição em 4 tomos, Valladolid, Casa de Diego Fernandez de Córdoba, 1587-1588.

abõdada de pan e de vino, e de buenas posadas en que pueden morar...”,⁴⁸

Esta correspondência mais geral encontra, evidentemente, algumas dificuldades. Desde logo, dadas as alusões ao carácter relativamente insalubre de Alcalá, situada a cota baixa, em plena veiga do rio Henares, aspecto que foi também já várias vezes mencionado, e a que o próprio Antonio de Nebrija (1441-1522) terá tido ocasião de se referir.

“A Nebrija le disgustaba el sitio donde Cisneros había edificado la universidad y esto por dos razones: porque la consideraba insana debido a la proximidad del río (...) y también por estar bajo la autoridad de los Cardenales de Toledo, sobre los que había frecuentes roces sobre jurisdicción (...). Al preguntar a Nebrija [Cisneros] qué opinaba respecto de la naciente universidad, la consideró excelente y amplísima, pero que desearía las dos cosas señaladas, a saber: un lugar más saludable para los cuerpos y que perteneciera a su patrimonio para que pasara luego a sus herederos”.⁴⁹

Como nos diz Miguel Ángel Castillo Oreja,

“El aludido carácter insalubre de la villa y su carencia de los más elementales servicios, nada extraño en las ciudades de aquella época, obligó al cardenal amén de drenar los terrenos elegidos para la elección del Colegio Mayor y Universidad en los primeros momentos de ejecución de las obras, a ordenar a sus maestros de obras la ejecución de un sistema de alcantarillado que recogiese las aguas e inmundicias de la ciudad, evitando estancamientos y mitigando las inundaciones a que era propensa por lo llano de su terreno; a urbanizar la vía principal de la ciudad [Calle Mayor], y a ordenar el trazado y empedrado de nuevas calles, algo poco normal por aquellas fechas, y a construir puentes,

⁴⁸ *Ibidem*, segunda partida, título XXXI, lei II (“En que logar se deve ser establecido el estudio, e como devem ser seguros los maestros”).

⁴⁹ **Alvar GÓMEZ DE CASTRO**, *De las hazñas de Francisco Jiménez de Cisneros* (séc.XVI), edição, tradução e notas de José Oroz Reta, Madrid, 1984, p.232, citado por **Felipe PEREDA**, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, p.53.

*cercas y caminos para facilitar el acceso a la misma, e incluso a repoblar forestalmente los cerros próximos a la ciudad”.*⁵⁰

Por outro lado, a disponibilidade de boas habitações para mestres e escolares não seria, julgamos, factor a ter em demasiada conta, mais ainda na área urbana contida pela cerca nova da vila, ainda em processo de consolidação, como referimos. As “boas pousadas” (tal como os “bons ares”) teria de ser a acção do próprio Cisneros a providenciar – e como veremos, tratou efectivamente de o fazer, de forma avisada e metódica.

Sublinhemos, a favor de uma influência positiva das *Partidas*, como a questão (a nosso ver central) da implantação “em lugar apartado da vila” estaria garantida à partida. O bairro universitário, na localização pensada por Cisneros, constituiria parte integrante, mas relativamente autónoma e geograficamente bem definida, de uma povoação abastecida, articulada com o território envolvente e que constituía ponto de passagem obrigatório de um dos principais itinerários da Ibéria. A nosso ver, estes terão sido os aspectos fundamentais (para além da sujeição mencionada ao arcebispado de Toledo) que mais terão pesado na escolha de Alcalá, na hora da decisão.

Finalmente, dava-se ainda uma outra particularidade a que já aludimos ao longo deste trabalho – o facto da vila de Alcalá contar com “antecedentes” universitários. Recordemos a autorização dada por Sancho IV, em 1293, para que se fundasse um estudo geral em Alcalá com os mesmos direitos e privilégios do estudo de Valladolid (como mencionámos no capítulo 1.2). Não é seguro, como vimos, que este estudo tenha sido mesmo implementado, e que as “*escuelas viejas*”, citadas num par de documentos de finais de quatrocentos e localizadas na zona ocidental da vila,⁵¹ tivessem albergado estudos de nível superior. Recordemos ainda as três novas cátedras que o arcebispo Carrillo procurou implementar no convento franciscano de Santa Maria de Jesus, para as quais obteve autorização papal em 1459, ainda que só em 1473 duas delas

⁵⁰ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.38-39.

⁵¹ “*Todos estos indicios documentales parecen indicar que los antiguos estudios de Alcalá se situaron hacia la actual calle del postigo, entre la plaza de la Victoria y la puerta de Santa Ana*”. Enrique M. PÉREZ, “*Los estudios Generales de Alcalá de Henares*”, *Alcalá de Henares, páginas de su historia. XII curso de historia, arte y cultura*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 2003, p.151-161 (p.161).

(gramática e lógica) funcionassem e em regime público.⁵² Constituíam um *studium litterarium*, ou uma faculdade pré-universitária de artes,⁵³ que o próprio Cisneros, enquanto jovem, terá frequentado.⁵⁴ Relembremos, por último, o projecto universitário do Cardeal Mendoza (a que já fizemos referência anteriormente), aprovado por Inocêncio VIII a 27 de Março de 1487, e que juntava outras três cátedras (de teologia, de cânones e de direito civil) às anteriores criadas por iniciativa de Carrillo, em estrutura académica que se regia de acordo com os estatutos da universidade de Salamanca.⁵⁵ Como notou José García Oro, este estudo geral terá mesmo funcionado, com alunos e mestres documentados,⁵⁶ até ter sido integrado no plano mais vasto de Cisneros. Tratava-se, por outro lado, do primeiro estudo geral da observância franciscana em Espanha.⁵⁷

c) A fundação da universidade

e o início da construção do colegio Mayor de San Ildefonso

Logo que Cisneros dispôs da mitra arcebispal toledana, em finais de 1495, começaram os preparativos para as obras, antes mesmo da nova universidade estar formalmente instituída. Nesse final de ano, livraram-se cerca de 825.000 maravedis das rendas do partido de Alcalá “*para pagar las casas del colegio e pagar las obras, e para comprar censos y otras cosas*”.⁵⁸ Note-se a referência ao “colégio”. Em 1496, criava-se a receptoría arcebispal de Alcalá, com um receptor residente na vila, evitando-se o constante recurso a Toledo e

⁵² “*Habría cátedras de Gramática y de Lógica abiertas al público y además existiría una cátedra conventual*”. José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.48.

⁵³ *Ibidem*, p.49.

⁵⁴ Alvar GOMEZ DE CASTRO, citado por Enrique M. PÉREZ, “Los estudios Generales de Alcalá...”, 2003, p.159. Cabe aqui perguntar se esta ligação pessoal de Cisneros a Alcalá e às suas escolas não terá constituído mais um factor de peso a favor da localização da nova universidade nas margens do rio Henares.

⁵⁵ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.50.

⁵⁶ “*Existió por tanto una academia complutense anterior a Cisneros. Consta que en ella hubo profesores y alumnos. Los primeros se documentan en 1488 (...); Los segundos han dejado sus huellas en las mismas ‘Cuentas de Cisneros’ en las que figuran desde 1495 partidas destinadas a ‘estudiantes en el estudio de Alcalá’*”. *Ibidem*, p.50.

⁵⁷ *Ibidem*, p.51.

⁵⁸ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.36, José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.77 (AGUCM, *Alcalá y Madrid. Documentos varios y antiguos*, vol 2, f.12v.)

agilizando-se os processos de pagamentos e de aquisições.⁵⁹ Nesse mesmo ano teve início a compra de materiais para as obras, em particular, de madeira.⁶⁰

Os terrenos escolhidos para a implantação inicial de um colégio universitário eram os anexos ao convento franciscano de Santa Maria de Jesus,⁶¹ para sudoeste. A rua que dava acesso, desde a praça do mercado, ao convento franciscano seria também a rua de acesso ao novo colégio, como veremos. Data de 22 de Setembro de 1496 uma *“carta de compra quel concejo de Alcalá otorgó al cardenal de una calle çerca del monasterio de San Francisco para hazer el colegio”*⁶² – tratava-se muito provavelmente, e a nosso ver, de uma outra rua pública que saía do mercado em direcção a nascente (paralela, pelo sul, à rua anteriormente citada) e que passou a funcionar como serventia privada (um *“callejón”*) para o sector recuado do colégio,⁶³ a sul do quadrângulo principal do novo edifício (vejam-se, mais adiante, as **figs.5 e 6**). A 12 de Fevereiro de 1497 nova escritura formalizava a compra de mais umas casas *“donde se hace el colégio”*.⁶⁴

Em 1498, segundo García Oro, fala-se pela primeira vez de um *“colegio mayor”*.⁶⁵ Nesse mesmo ano Cisneros enviava a Roma uma embaixada, composta por Fernando de Herrera, abade da colegiada de San Justo y Pastor, y por Juan de Astudillo, seu criado. Apresentaram ao Papa o projecto universitário, na forma das famosas “preces” cisnerianas. Alexandre VI concederia uma primeira bula a 15 de Março do ano seguinte, autorizando o

⁵⁹ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.36

⁶⁰ Figuram importancias pagas *“para las cosas que se compraron para el colegio”* nas contas de 1496 e *“para en cuenta de lo que han de haber de la maderá que han de traer para el colegio”*, nas de 1497. Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, 36-37 (AGUCM, Alcalá y Madrid. Documentos varios y antiguos, vol 2, f.52r, f.143r)

⁶¹ O próprio Cisneros o confirmaria: nos *“corrales que se compraron en Sant Francisco, donde se fundó el dicho nuestro colegio”*, documento de 5 de Fevereiro de 1509, José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.78 (AHNM, *Universidades*, lib.1096F, f.36r).

⁶² José GARCÍA ORO, *“El primitivo solar...”*, 1988, p.74 (AHNM, *Universidades*, lib. 1092F, f.116r).

⁶³ Sector sobre o qual se ergueu, mais tarde, um outro pátio - o *“patio de Continuos”*, começado no final dos anos 20 e acabado cerca de 1535. Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.65-67.

⁶⁴ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.256.

⁶⁵ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.78. Este autor recorda, a propósito, a influência do título de *Colegio Mayor* recebido pela fundação do Cardeal Mendoza (antecessor de Cisneros), o colégio de Santa Cruz de Valladolid. *Ibidem*, p.158.

Arcebispo de Toledo a fundar um colégio e a dar-lhe estatutos.⁶⁶ Outras três bulas, de 13 de Abril, fundavam oficialmente, em 1499, o novo colégio-universidade de Alcalá de Henares. Facultava-se ao colégio de San Ildefonso – era este santo toledano o escolhido para orago do novo instituto – o direito a conferir graus académicos, assim que os alunos cumprissem os estudos.⁶⁷ Estabelecia-se o foro académico com juízes conservadores.⁶⁸ Finalmente, aprovava-se o projecto de um colégio universitário, em Alcalá, orientado para o estudo das ciências sagradas.⁶⁹ Concedia-se ao colégio a opção de levantar capela própria.⁷⁰

Nesta fase, parece que ainda não havia iniciado a construção do colégio de San Ildefonso. Entre 1496 a 1499 ter-se-á trabalhado fundamentalmente na preparação do terreno para a obra. Parece ser neste último ano, coincidindo com a emissão das bulas de Roma, que se começou a erguer o edifício novo⁷¹ – pagavam-se 1.583.000 maravedis “*en las obras que se hizieron de fundaciones en Alcala*”.⁷² O projecto corria sob a direcção do arquitecto alcalaíno Pedro de Gumiel, “*maestro mayor de las obras del arzobispado de Toledo*”,⁷³ uma espécie de mestre privado do próprio Cisneros.⁷⁴ Terá iniciado a carreira como pintor, na capela de don Álvaro de Luna na catedral de Toledo e, depois, dirigindo as pinturas da biblioteca do novo *Colegio Mayor de Santa Cruz* de Valladolid,⁷⁵ patrocinada pelo Cardeal Mendoza. Introduziu-se, deste modo, na edificatória universitária, contexto particular do nosso estudo. Segundo Castillo Oreja, a sua acção, de raio extenso, seria mais a de projecto

⁶⁶ Bula *Considerantes*. Veja-se, sobre as bulas fundacionais, *ibidem*, p.162.

⁶⁷ Bula *Etsi cunctos*, *ibidem*, p.162

⁶⁸ Bula *Militanti Ecclesiae*, *ibidem*, p.162

⁶⁹ Bula *Inter caetera*, *ibidem*, p.25

⁷⁰ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.25.

⁷¹ Fernando MARÍAS, “El Arquitecto de la Universidad...”, 1995, p.127.

⁷² José GARCÍA ORO, “El primitivo solar...”, 1988, p.72

⁷³ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.40 e nota 11.

⁷⁴ “*Debió de haber entrado al servicio del Cardenal Cisneros en 1495, en la tradición contemporánea de maestros «privados» de reyes, nobles o prelados de importancia, aunque su nombramiento como su maestro de obras no date hasta 1498*”, Fernando MARÍAS, “El Arquitecto de la Universidad...”, 1995, p.127.

⁷⁵ *Ibidem*, p.127

e de supervisão do que a de mestre-de-obras.⁷⁶ Em suma, uma acção de “arquitecto”, na leitura renascentista (e actual) do termo.⁷⁷

Questão não esclarecida é a data da cerimónia de lançamento da primeira pedra. Sabe-se que foi a 14 de Março – de 1499, referem alguns autores; de 1501, defendem outros. A última parece ser a mais provável.⁷⁸ Também em 1501, contratava-se a “pintura do colégio”.⁷⁹ Para Castillo Oreja tratava-se provavelmente da pintura dos arcos dos tectos da capela.⁸⁰ Marias, no entanto, e em sentido diverso, propõe esta mesma data como a de início de construção da própria capela⁸¹ – autónoma do quadrângulo principal, situada um pouco mais para poente, sobre a rua que vinha do mercado. Poderia ser, simplesmente, que as primeiras salas (ao nível do piso térreo) começavam a estar prontas, e tornava-se necessário ir tratando da pintura das mesmas. E de facto, em 1501-1502, trabalhava o canteiro Juan Gil na escada do átrio de entrada – o “*zaguán*”.⁸²

Enquanto se levantava o colégio central prosseguiam as operações imobiliárias e urbanísticas na envolvente imediata. As compras e aquisições obedeciam ao projecto geral traçado por Pedro de Gumiel. Em 1497 compravam-se as casas

⁷⁶ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.40, nota 11.

⁷⁷ No seu epitáfio latino, “*situado en la capilla colegial y realizado en fecha desconocida (...) por primera vez se empleó el término «architectus» para referirse en España a un artífice*”. Fernando MARIAS, “El Arquitecto de la Universidad...”, 1995, p.127.

⁷⁸ Foi Juan Meseguer que primeiro levantou a questão (Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.38 e nota 31), inclinando-se mais pela segunda data (na cerimónia terá intervindo um mouro convertido por Cisneros, quando da sua permanência em Granada na viragem de 1499 para 1500). Ramón González segue esta interpretação (Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.147, nota 20). Não deixaria de ser estranho, por outro lado, que ocorresse a cerimónia precisamente na véspera da emissão da primeira das bulas fundacionais, a 15 de Março de 1499.

⁷⁹ A Francisco Guillen se le pagaron 25.000 mrs «para cuenta y parte de los 75.000 que el dicho Francisco Gyllen a de haver del destajo de la pintura del Colegio, los cuales se libraron en el dicho partido de Toledo en las rentas de 1501 años». Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.42. nota 12

⁸⁰ A informação sobre o início da obra da capela é escassa. De qualquer modo, a data de 1501 para a contratação da pintura dos tectos da capela parece ser precoce. Sendo que o mesmo autor refere que “*la construcción de la Iglesia de San Ildefonso, que servía de capilla al Colegio Mayor, hay que situarla en los mismos años que la del primitivo patio principal o un poco después*” Ibidem, p.48.

⁸¹ Fernando MARIAS, “El Arquitecto de la Universidad...”, 1995, p.127.

⁸² Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.42 (AGUCM, *Alcalá y Madrid. Documentos varios y antiguos*, vol 2, f.16v).

de Troylos Carrillo,⁸³ defronte da futura porta principal de *San Ildefonso*, o que pressupunha o início da aquisição da frente oposta da rua de acesso ao colégio. Já na zona posterior do colégio, abria-se, em 1500, a *calle Nueva de Santa Librada*, provavelmente uma perpendicular à frente norte da antiga *calle de las Tenerias*⁸⁴ A própria *calle de las Tenerias* terá sido reformulada (possivelmente alargada e pavimentada), pois parece-nos que a “*calle Nueva de Santa María a la Portería de Santa Librada*”, citada pelos documentos,⁸⁵ não deve ser senão um troço daquela mesma via (veja-se, mais à frente, a **fig.5**).⁸⁶ Em 1506, Pedro de Gumiel enviava a Cisneros um desenho com o traçado da “*calle nueva que se mandó hazer para las oficinas del monasterio*”.⁸⁷ É muito interessante este documento gráfico (**fig.4**), o único que se conserva do período de estabelecimento do bairro universitário, pois mostra claramente o espaço livre imediatamente a nascente ao colégio de San Ildefonso (este, na base do desenho) onde se levantaria, logo de seguida, o colégio franciscano de *San Pedro y San Pablo*, paredes-meias com o colégio central. Estava ainda de pé um geral (um “*general*”, imóvel interrompido pelos limites do desenho),

⁸³ As casas terão sido compradas por um oficial à ordem de Cisneros, em 1497, por 45.000 maravedis (Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.59, nota 102) a quem se terá reposto a referida quantidade em 28 de Abril de 1499 (Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.264, nota 330).

⁸⁴ “*Hacia los años de 1499 y 1500, (...) las monjas compraron tres casas aledañas y dos corrales a la espalda, con los que se trazó una nueva calle, llamada Santa Librada*”. Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.77. Não está totalmente esclarecida a localização exacta desta rua, embora pareça tratar-se da perpendicular à frente norte da *calle de las Tenerias* que terá sido necessário abrir-se, a nosso ver, em função da compra da rua pública (a sul do quadrilátero original do colégio) já mencionada em 1496. Neste sentido, é muito provável que corresponda à “*Calle de la Portería de Santa Librada que va al Monasterio de San Francisco*” referida em documentos posteriores (Veja-se Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, p.21, quadro 1, ou Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.264-265, nota 333).

⁸⁵ Documentação de 1509-1513 (Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, p.21, quadro 1; Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.264-265, nota 333). Por “Santa Maria” deve entender-se a igreja de Santa Maria, no sector sudeste da *Plaza del Mercado*. Recordemos, por outro lado, e de acordo com Carmen Román Pastor, que a portaria de Santa Librada dava para a *calle de Tenerias*. Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.78.

⁸⁶ Parece querer confirmar esta correspondência o facto de um documento posterior citar a localização do colégio-convento de *la Merced Calzada* (estabelecido em 1518) na “*Calle de Santa Librada, frente al antiguo beaterio*”, ou seja sobre a *calle de las Tenerias*, frente ao próprio recolhimento de Santa Librada, onde de facto se situava. Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, p.21, quadro 3.

⁸⁷ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.31. O mesmo autor data o desenho de 1506, *ibidem*, p.64, nota 114 e apêndice nº8 (desenho arquivado no AGUCM, *Alcala y Madrid. Documentos varios y antiguos*, Mass.1, num.5, fol.86).

situado diante de frontaria conventual, e que seria um dos espaços lectivos do antigo estudo associado ao cenóbio franciscano. Não é linear que a “*calle nueva*” em questão (para as oficinas do mosteiro) se tratasse já da comunicação pública entre o largo fronteiro ao convento franciscano e a *calle Nueva de Santa Librada*, mais a sul, aberta pouco tempo antes. É bem possível que se tratasse de uma serventia particular do convento, que justificaria o “dente” no contorno desta frente conventual que subsiste na planta de Alcalá de 1836 (**fig.13**). Se foi este o caso, a rua de ligação entre o largo de São Francisco e *Santa Librada* terá sido definida logo de seguida, com a edificação do mencionado *colegio de San Pedro y San Pablo*, traçada, a nosso ver, sobre o referido “*general*” e a adjacente “*cocina de los moços*”.⁸⁸

Chegou finalmente o verão de 1508, altura em que se instalaram no *Colegio Mayor* os primeiros colegiais – “*San Ildefonso abria sus puertas*”.⁸⁹ Segundo García Oro, e num primeiro momento, os colegiais a que os documentos fazem referência seriam 24, para além de 17 porcionistas, “*cifra ciertamente inferior a la realidad pues existen colegiales no incluidos en estas listas*”.⁹⁰ Estes primeiros colegiais eram bacharéis provenientes de Salamanca, tal como os vinte primeiros colegiais do *colegio Mayor de Santa Cruz*, que haviam chegado em 1484, por iniciativa do Cardeal Mendonza, a Valladolid.⁹¹

A actividade lectiva abrangente não terá tido início imediato, pois não há registos de salários pagos a professores.⁹² “*Es un hecho por lo demás bien comprobado que durante este año y los siguientes los agentes de Cisneros buscaban maestros prestigiosos en Flandres, en París y en Salamanca con los que honrar su nueva academia...*”.⁹³ Ter-se-á estabelecido um primeiro ensino

⁸⁸ Em 1509 surge já mencionada, na documentação, uma “*calle de la portería de Santa Librada que va al Monasterio de San Francisco*”. Veja-se Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, p.21, quadro 1 ou Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.264-265, nota 333.

⁸⁹ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.166

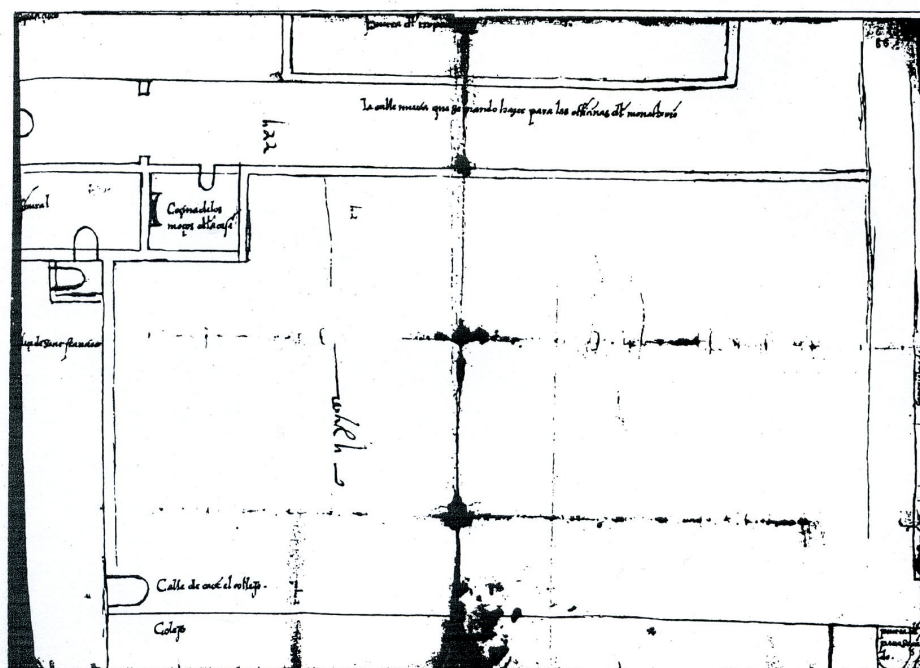
⁹⁰ *Ibidem*, p.195

⁹¹ *Ibidem*, p.197

⁹² *Ibidem*, p.196.

⁹³ *Ibidem*, p.196.

Fig.4.
 Desenho
 de Pedro
 Gumiel
 1506
 (AGUCM)



de carácter informal.⁹⁴ Mais tarde, em Outubro de 1511, podia-se, por fim, escrever que “*ya se proveyeron las cátedras como v. Señoria mandó*”.⁹⁵

Qual a situação do edifício colegial em 1508-1509? Para Castillo Oreja, estariam terminados dois terços da obra do colégio.⁹⁶ O edifício, quadrado, desenvolvia-se por dois andares. A fachada (que não é a actual) de desenho simples, era aparentemente limitada por dois blocos-torre não muito elevados, um a cada lado, como nos propõe Fernando Marías.⁹⁷ Ao centro, destacava-se o portal toledano, “*con frontispício de vuelta redonda, flanqueado por dos columnas talladas «a la antigua»*”.⁹⁸ Acedia-se pelo já mencionado “*zaguán*” que, por sua vez, comunicava com uma escada de pedra. O pátio desenvolvia-se também por dois andares, limitado por arcarias e pilares oitavados de tijolo,⁹⁹ embora não estivesse provavelmente terminado pois, segundo González Navarro, em 1510 trabalhava-se ainda numa das alas.¹⁰⁰ Em 1511

⁹⁴ *Ibidem*, p.196.

⁹⁵ “*De Stº Tomás hay XIII oyentes. De Escoto XV. Súmulas más de CC. Lógica más de C*”. Carta de Martínez de Cardeña para Cisneros, citada por Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.77, nota 141.

⁹⁶ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.47

⁹⁷ Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomía...”, 1980, p.33-34.

⁹⁸ *Ibidem*, p.47

⁹⁹ *Ibidem*, p.47

¹⁰⁰ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.147

pavimentava-se o chão e branqueavam-se as paredes.¹⁰¹ O refeitório, na ala poente (à direita de quem entra) estaria a funcionar desde a entrada dos primeiros colegiais.¹⁰² Voltaremos, em mais detalhe, à arquitectura original do *colegio Mayor de San Ildefonso* em capítulo próprio.¹⁰³

Também a capela, apartada (para poente) em relação ao quadrângulo colegial, não estaria concluída em finais de 1508. Em Fevereiro de 1510 contratava-se a execução do órgão.¹⁰⁴ Em 1512 ter-se-á terminado a capela-mor.¹⁰⁵ Trabalhava-se no campanário e na tribuna sobre a entrada.¹⁰⁶ Os ornatos da nave concluir-se-iam um pouco mais tarde, cerca de 1516,¹⁰⁷ embora a capela estivesse aberta ao público desde, pelo menos, 1513.¹⁰⁸

Da parte contrária do quadrângulo principal, a nascente, avançara-se com a construção do colégio franciscano de *San Pedro y San Pablo*, designado nos primeiros documentos por “*quarto de los frayles*”,¹⁰⁹ começado a levantar nesse mesmo ano de 1508. Estaria quase terminado em 1511.¹¹⁰ “*Tenía una estancia «de la cátedra», rectorio, biblioteca, patios y su pequeña capilla, que estaba provista de diversos retablos*”.¹¹¹ Esta última, situava-se no primeiro pátio, com

¹⁰¹ *Ibidem*, p.147.

¹⁰² José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.195.

¹⁰³ Veja-se o capítulo 2.10

¹⁰⁴ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.51;

¹⁰⁵ Em finais de 1511 terminava-se a grade que separava a nave da capela-mor. *Ibidem*, p.51; A 16 de Abril do ano anterior fez-se pagamento adiantado da obra do retábulo maior, sendo que “*el 22 de octubre de 1512 el retablo estaba ya acabado y colocado en su lugar*”. Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares y las Artes...*, 2007, p.40.

¹⁰⁶ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.281.

¹⁰⁷ EM 1512 trabalhava-se nos gessos da igreja, tarefa pela qual ainda se faziam pagamentos em 1515-1516, Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares y las Artes...*, 2007, p.32. Em 1513 estabeleceram-se as condições para a realização dos retábulos da capela, Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.51; Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares y las Artes...*, 2007, p.44.

¹⁰⁸ Aparentemente, o primeiro documento que comprova o funcionamento da capela é datado de 23 de Janeiro de 1513: “*todas las fiestas principales concurre mucha gente en la dicha iglesia y continuamente se celebra en ella el culto divino*”. Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.45, nota 62 (AHNM, *Universidades*, lib.1100F, fols.364v-365r).

¹⁰⁹ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.225.

¹¹⁰ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares y las Artes...*, 2007, p.59.

¹¹¹ *Ibidem*, p.59.

a sua sacristia e campanário.¹¹² O colégio dispunha ainda de 15 celas¹¹³ para os frades colegiais franciscanos, os primeiros dos quais entrariam em 1513.¹¹⁴ A 22 de Janeiro de 1510, oficializava o cardeal Cisneros as primeiras constituições do *Colégio Mayor de Santo Ildefonso* e da universidade, um ano e meio depois de terem sido admitidos os primeiros estudantes. Compõem-se de 72 capítulos.¹¹⁵ Por elas se definia o número de colegiais da fundação, nada menos que 33¹¹⁶ (os anos de vida de Cristo), que deveriam ser acompanhados de doze capelães (simbolizando os apóstolos), três dos quais “capelães maiores” que administrariam os sacramentos aos habitantes do colégio.¹¹⁷ Sobre os bolseiros escreveu Cisneros: “queremos que el que ha de ser admitido a la prebenda de nuestro Colegio tenga por lo menos veintiséis años, haya oído súmulas y sea completamente lógico y pobre”.¹¹⁸ Por outro lado, não podia ser mestre em teologia (a não ser que fosse regente de artes ou de teologia), nem canonista ou médico,¹¹⁹ nem ser natural de Alcalá, nem parente próximo de alcalaínos. Não podia também ser casado nem professar outra religião.¹²⁰ Devia pois seguir estudos em artes e/ou teologia, sendo que a prebenda tinha uma duração de oito anos.¹²¹ Previa-se ainda a existência de “porcionistas”,¹²² em número não especificado, que pagavam estância no colégio por vinte ducados ao ano. Podiam ser estudantes de súmulas, lógica, física ou teologia e ter menor idade que os 26

¹¹² Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.149.

¹¹³ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.231

¹¹⁴ *Ibidem*, p.227

¹¹⁵ Sobre as constituições cisnerianas de 1510 veja-se Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.70.

¹¹⁶ Constituições, capítulo primeiro. Este número de colegiais, como observou Kagan, era superior ao estabelecido nos outros Colegios Mayores, de fundação anterior ou pouco posterior: San Bartolomé de Salamanca, 15; Santa Cruz de Valladolid, 27; Santiago el Zebedeo (de Cuenca), Salamanca, 20; San Salvador (ou de Oviedo), Salamanca, 18; do Arcebispo (Fonseca), Salamanca, 22; **Richard L. KAGAN, *Universidad y Sociedad en la España Moderna***, Madrid, Tecnos, 1981, p.187 (citado por Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.89).

¹¹⁷ Um outro seria o sacristão maior, enquanto os restantes se distribuíam por outras actividades espirituais e administrativas associadas à vida do colégio-universidade.

¹¹⁸ Constituições, capítulo VII, citadas por Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.90.

¹¹⁹ Parece que em 1528 já se havia transgredido nesta última precisão. *Ibidem*, p.90, nota 74.

¹²⁰ Constituições, capítulo VII, citadas em *ibidem*, p.90-91.

¹²¹ *Ibidem*, p.94.

¹²² Constituições, capítulo XIII, citadas em *ibidem*, p.101.

anos mínimos dos colegiais.¹²³ Previam-se ainda a residência de “fâmulos” ou criados, em número de doze,¹²⁴ e ainda de “cameristas”, “sócios” ou “estudantes pobres”.¹²⁵

Governava o reitor, designado nas constituições, como “*Cabeza y Rector de todo el Colegio y Universidad*”.¹²⁶ Reitor e três ajudantes “consiliarios”, eram eleitos todos os anos em claustro reunido na véspera de São Lucas, de entre os 33 prebendados da fundação.¹²⁷ Já o governo da universidade, entidade que se confundia com o próprio colégio, era feito também pelo reitor, coadjuvado por outros três “consiliarios”, desta feita escolhidos (pela equipa governamental de *San Ildefonso*) de entre os estudantes universitários exteriores ao colégio.¹²⁸ Previam-se também um chanceler, que presidiria às cerimónias de atribuição dos graus, na igreja colegiada de San Justo e Pastor, no centro da vila de Alcalá.¹²⁹

Aspecto inovador das constituições, e com evidentes implicações do ponto de vista urbanístico, foi o do estabelecimento de uma rede de colégios satélites do *Colégio Mayor de Santo Ildefonso*. Cisneros previu a instituição de um total de dezoito colégios para estudantes pobres:

*“Hemos decretado erigir además de este nuestro Colegio principal... otros doce colegios en honor de los doce Apóstoles para los tales escolares. En cada uno de los cuales sean colocadas doce personas pobres que se dediquen a las disciplinas liberales y a la Sagrada Teología. Y de modo semejante otros seis colegios en honor a los setenta y dos discípulos de Nuestro Señor Jesucristo, en los cuales moren otros setenta y dos escolares pobres”.*¹³⁰

¹²³ Constituições, capítulo XIII, citadas em *ibidem*, p.101-102.

¹²⁴ Constituições, capítulo I. Um era cozinheiro, outro despenseiro menor. Os restantes estavam ao serviço do colégio, Era também um fâmulos o responsável pelo abrir e fechar quotidiano das diferentes portas do colégio. *Ibidem*, p.105-107.

¹²⁵ Constituições, capítulo XIV, citadas em *ibidem*, p.108.

¹²⁶ Constituições, capítulo XLIV, citadas em *ibidem*, p.71.

¹²⁷ *Ibidem*, p.78-84.

¹²⁸ Constituições, capítulo LXV, citadas em *ibidem*, p.139.

¹²⁹ “...debe ser un maestro de gran talla, llamado a dar peso al estamento eclesiástico, tanto frente al concejo como frente a la propia academia”, José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.292, de acordo com as constituições, capítulo XLIII.

¹³⁰ Constituições, capítulo XXXIII, citadas em Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.147.

Temos pois condensados, neste excerto, os dois aspectos diferenciadores da fundação universitária alcalaína em relação a todas as demais da península. Passavam pela especialização teológica, na senda da universidade de Paris, e pela montagem de um efectivo e alargado sistema colegial de apoio. Somando as 33 bolsas do *colegio Mayor*, aos 144 lugares dos doze primeiros colégios para pobres (artistas, médicos ou teólogos), aos outros 72 lugares dos restantes colégios (para estudantes de gramática latina), teríamos um total de 249 vagas para estudantes na nova universidade. Isto sem contar com os porcionistas, cameristas e outros estudantes a quem seria permitido residir nos colégios, para já não falar dos 12 capelães de *San Ildefonso* e de outros 33 previstos para servirem nos colégios menores.¹³¹

Por entre toda esta simbólica numérica pensou-se, inclusivamente, nos títulos a dar a cada um dos 18 colégios.¹³² Os estudantes dos colégios de pobres (para além de um número fixo de vagas que estava adstrito à coroa, a vários titulares da nobreza e eclesiásticos, a familiares de Cisneros e a outras entidades¹³³) seriam seleccionados em cada ano pelo reitor e consiliarios de *San Ildefonso*,¹³⁴ facto que mais acrescentava ao poder e controlo do *Colégio Mayor*. Tinham também de ser comprovadamente pobres, para além de solteiros. Pretendeu Cisneros erguer em Alcalá, de raiz e de um único jacto, uma academia émula da parisiense – grémio de geração espontânea, como vimos, e que levava largas décadas, senão mesmo séculos, a consolidar-se. Quinze anos depois de ter sido encetado, revelava-se finalmente, na sua plenitude, o ambicioso projecto universitário cisneriano.

¹³¹ Constituições, capítulo XXXIII, citadas em *ibidem*, p.154.

¹³² Os doze primeiros colégios de pobres seriam dedicados a *San Pedro y San Pablo, Santiago el Mayor, San Andrés, San Juan Evangelista, San Felipe, San Bartolomé, San Mateo, San Tomás, Santiago el Menor, San Tadeo, San Simón Cananeo e San Matías*. Já os seis restantes, para estudantes gramáticos, deveriam evocar *San Lucas, San Marcos, San Esteban Protomártir, San Bernabé, San Eugenio e San Justo y Pastor*. Veremos que, com o tempo, surgirão outros títulos, fora desta lista. Constituições, capítulo XXXIII, citadas em *ibidem*, p.147-148.

¹³³ Para ver a lista completa das vagas predeterminadas, veja-se *ibidem*, p.151-152.

¹³⁴ *Ibidem*, p.151

d) Melhoramentos urbanos, doações patrimoniais e o desenvolvimento de uma política imobiliária

Tivemos já ocasião de apontar alguns melhoramentos urbanos realizados por ordem de Cisneros de forma a modernizar a vila de Alcalá e a melhor adequa-la ao novo programa universitário. Vejamos em maior detalhe em que consistiram essas operações.¹³⁵

No centro do burgo medieval, foi demolida e totalmente reerguida de nova planta (inspirada na sé catedral de Toledo) a igreja matriz dos santos Justo e Pastor, entre 1497 e 1514.¹³⁶ Numa primeira fase, estabeleceu-se a igreja de *San Justo y Pastor* como sede das cerimónias universitárias.¹³⁷

Na área urbana imediatamente envolvente, também reestruturada, foi instituído (cerca de 1508-1509) o mosteiro feminino e hospital de *San Juan de la Penitencia*. Ocupou umas casas (logo remodeladas) sobre a via que sai desde a igreja matriz para norte, em direcção ao palácio arcebispal, “*consagraba la caridad y la misericordia en Alcalá*”.¹³⁸ Foi também aberta a *calle de Santiago*, uma quase paralela à *calle Mayor*, pelo norte, e que ligava o palácio arcebispal com o nascente e com o topo norte da nova zona universitária, atravessando a antiga mouraria.¹³⁹ Sensivelmente a meio desta via instituiu-se a igreja de Santiago, no lugar da anterior mesquita, e que seria elevada a terceira paroquial da vila em 1501.¹⁴⁰ Na cerca nova, e segundo Castillo Oreja, abriram-se duas portas, uma a norte (a *puerta de Santiago*), outra a sul (a *puerta Nueva* ou de *las Tenerias Nuevas*, mais tarde *puerta del Teatro*) que punham em

¹³⁵ Para uma síntese, pode ver-se Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Ciudad, Funciones y Símbolos...*, 1982, p.62-67 e Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.59-74.

¹³⁶ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.68-72; Veja-se também A. de MORENA BARTOLOMÉ, “**Nueva obra documentada de Anton y Enrique Egas: la iglesia Magistral de Alcalá de Henares**”, *Anales del Instituto de estudios Madrileños*, 16 (1979), p.65-68; e Miguel Ángel CASTILLO OREJA, “**Documentos relativos a la construcción de la iglesia magistral de San Justo y Pastor de Alcalá de Henares**”, *Anales del Instituto de estudios Madrileños*, 16 (1979), p.69-84.

¹³⁷ “La ceremonia [de licenciatura] (...) era solemníssima y según la costumbre parisiense, no debía celebrarse más que cada dos años. Se realizaba en la Colegiata de San Justo y Pastor. Allí, presentes Rector y Canciller presidiendo el acto, y todo el cuerpo universitario en pleno, se iniciaba la ceremonia”, Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.138. Veja-se ainda José GARCÍA ORO, *La Universidad de...*, 1992, p.72.

¹³⁸ *Ibidem*, 1992, p.69. Veja-se também as p.115-125

¹³⁹ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Ciudad, Funciones y Símbolos...*, 1982, p.60-64.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p.65.

comunicação o novo bairro universitário com o exterior da vila,¹⁴¹ nos referidos quadrantes, como resultado de duas operações urbanas “simétricas”, como notou Consuelo Gómez López.¹⁴²

Operação importante (que aparentemente terá tido o patrocínio directo de Cisneros) foi a da implantação das casas do município na frente poente da *plaza del Mercado* nos primeiros anos do século XVI.¹⁴³ Por toda a vila foram empedradas as vias principais, entre as quais a *Calle Mayor*,¹⁴⁴ uma típica “*rua castellana*”, dotada de galerias de circulação coberta a um lado e outro – por baixo dos andares superiores das casas, apoiados em pilares de madeira ou de pedra.¹⁴⁵ Meseguer Fernández citou dois contratos de empréstimo celebrados entre Cisneros e o município, em 1498 e 1501, precisamente para prover esta tarefa geral de pavimentação.¹⁴⁶ Empedravam-se também, por sistema, todas as ruas novas abertas na zona envolvente do *Colégio Mayor de San Ildefonso*.¹⁴⁷ Ordenou também Cisneros a criação de novos sistemas de esgotos para melhorar o escoamento das águas sujas da vila, que teria já a má fama de insalubre, como vimos.¹⁴⁸ “*También edificó de nueva planta el pósito, com capacidad para varios miles de fanegas de grano, las tenerías nuevas, y el horno de la villa*”.¹⁴⁹

Paralelamente a todas estas acções, desenvolvidas na vila ao mesmo tempo que se fundava o colégio-universidade e se começava a sua construção, pensou Cisneros numa estratégia de subsistência própria do colégio-universidade, que permitisse que este lhe sobrevivesse. Parte dela assentava numa série contínua de doações em dinheiro, concedidas enquanto arcebispo

¹⁴¹ Segundo este autor a *puerta de Santiago* terá sido aberta logo nos primeiros anos do arcebispado de Cisneros. Já a *puerta Nueva*, “no nos queda ninguna duda de que fuera construida en 1512”. *Ibidem*, p.74-75.

¹⁴² Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.51.

¹⁴³ *Ibidem*, p.72.

¹⁴⁴ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Ciudad, Funciones y Símbolos...*, 1982, p.66.

¹⁴⁵ Prosseguiu-se, no século XVI, com a substituição gradual de postes de madeira por outros de pedra, tarefa iniciada por ordem do arcebispo Pedro Tenório, no século XIV. *Ibidem*, p.51.

¹⁴⁶ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.51.

¹⁴⁷ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Ciudad, Funciones y Símbolos...*, 1982, p.66; José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.105 e p.112; Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.31; Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.281.

¹⁴⁸ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Ciudad, Funciones y Símbolos...*, 1982, p.66.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p.66.

de Toledo. A garantia de futuro, porém, iria fazer-se, sobretudo, pela titulação de um conjunto de rendimentos canalizados por Cisneros para a fazenda própria do *Colégio Mayor de San Ildefonso*. Em 1501-1502 o prelado toledano conseguiu da Coroa, por compra, uma série de benefícios (confirmados por carta real de privilégio de Agosto de 1502) que lhe permitiram começar a constituir o património do colégio-universidade.¹⁵⁰ Em 1505, pediu autorização ao Papa para fazer doação testamentária a favor do colégio, autorização novamente pedida (e concedida) após ter sido elevado a cardeal (em Maio de 1507).¹⁵¹ Legaria todos os seus bens pessoais à universidade em testamento passado a 14 de Abril de 1512,¹⁵² não sem antes conseguir, a 24 de Fevereiro, a carta real de privilégio que equiparava a nova universidade complutense às de Salamanca e de Valladolid.¹⁵³

Antes, em Fevereiro de 1509, fizera várias outras importantes dádivas ao colégio, desde uma cedência de benefício de juros,¹⁵⁴ passando, sobretudo, por uma doação de grande quantidade de casas e de terrenos, analisada por Ramón González Navarro e que valerá a pena aqui resumir, citando as cedências mais importantes, em particular as situadas no novo âmbito universitário, na vizinhança do *colegio Mayor*:¹⁵⁵

- “13 pares de casas chicas y grandes con tres casyllas (...) en la acera [frente] del mercado, desde la esquina del Colegio hasta la esquina de la calle Mayor”;
- “17 pares de casas con sus tiendas e cámaras en la calle que va de las Tenerias, que alindan unas con las otras”;
- “4 pares de casas que alindan unas con otras que son en la calle de la porteria de Santa Librada que va al Monasterio de San Francisco”;
- “4 casas de colegiados en la dicha calle en la acera junto al colegio”;
- “10 pares de casas que están en la calle Nueva que va de Santa Maria a la portería de Santa Librada que alindan unas con otras”;

¹⁵⁰ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.130.

¹⁵¹ *Ibidem*, 1992, p. 155.

¹⁵² *Ibidem*, p.83 e 155

¹⁵³ *Ibidem*, p.170 (AHNM, *Universidades*, lib.1093, nº.3 e lib.1151F).

¹⁵⁴ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.247, nota 292 (AHNM, *Universidades*, lib.1096F, f.34)

¹⁵⁵ *Ibidem*, p.264-265, nota 333 (AHNM, *Universidades*, lib.1096, p.34-40).

- (...);
- “Casa de Troylos con 3 pares de casas pequeñas que son de la misma casa”;¹⁵⁶
- “Otras casas, esquina de San Francisco”;
- “7 pares de casas juntas desde la calle del Tinte hasta la puerta del Pórtigo que se dezia de los judios”;
- (...);
- E ainda, entre outros, uma série de casas e “corrales” “detrás de Santa Librada”, cuja localização exacta não é fácil precisar, e que tanto podiam estar (pelo que nos é dado ver) nas frentes norte e/ou nascente do quarteirão ocupado por este convento feminino, ou nas frentes opostas dos quarteirões contíguos;

A partir destes dados disponibilizados por González Navarro, e de outros, avançados por outros autores, procurámos fazer uma reconstituição, necessariamente esquemática, do traçado viário da envolvente do colégio no ano de 1509 (**fig.5**).

Aspecto central para a descodificação de parte importante desta informação parece ser (outra vez) a localização da portaria de *Santa Librada*, que aparentemente se situava sobre a *calle de las Tenerias*, a ocidente da igreja conventual (disposta ao longo da mesma rua e com acesso lateral, como era comum em igrejas de comunidades femininas), de acordo com os dados revelados por Carmen Román Pastor.¹⁵⁷

Uma outra doação relevante, datada de 5 de Agosto desse mesmo ano de 1509, realizada por Cisneros em Valladolid – “documento importantísimo para el futuro del Colegio”¹⁵⁸ – fazia reverter para o *colegio Mayor* um juro comprado ao Reis Católicos, no valor de um milhão de maravedis e, ainda, todo um conjunto de terrenos (no total de 149 propriedades¹⁵⁹) entre os quais

¹⁵⁶ Casa defronte do terreno escolhido para se fazer o colégio e que fora adquirida, como vimos, logo em 1497. Ver *supra*, nota 83.

¹⁵⁷ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.78 e p.181. A cabeceira da igreja do *colegio de San Bernardo*, colégio que terá integrado na sua nova estrutura a antiga igreja de Santa Librada, estava no extremo oriental da frente conventual.

¹⁵⁸ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.257 (AHNM, *Universidades*, lib.1096F, p.38 e segs).

¹⁵⁹ “90 censos, 48 casas, 5 corrales, 2 solares, 1 huerta, 1 calle e 1 molino”, *ibidem*, p.257.

figuravam os lotes centrais onde se fundara o colégio, e que o cardeal havia adquirido, paulatinamente, desde o início do projecto:

- *“E ansy mismo vos fago donación de solares e sytios e casas en que esta fundado el nuestro collegio segund e como se sygue: la calle del Consejo de esta villa de alcala que nos hizo donación: de los corrales que se compraron de San Francisco donde se fundó el dicho nuestro Colegio”*.¹⁶⁰

Aquisições posteriores (1512, por exemplo) concentraram-se, naturalmente, em áreas menos atendidas pelas primeiras compras, casos da *“calle Mayor junto a la puerta de Guadalajara”*, da *“acera en frente del Colegio”*, ou ainda *“en el barrio de la puerta de las Tenerias”*.¹⁶¹ Em operação final mandou Cisneros adquirir todas as dependências anexas ou que constituíam o próprio convento de *Santa Librada*, num total de 27 casas, em 1516.¹⁶² A comunidade religiosa passaria a outra zona da cidade, sob nova regra, a de Santa Clara, e fundando novo convento.

Para além de todas estas aquisições e doações de que temos vindo a dar conta, terão começado, paralelamente, obras de acondicionamento ou de remodelação de várias casas, em distintas localizações, para melhor receber os estudantes que, desde o verão de 1508, começavam a afluir à universidade. De acordo, novamente, com Ramón González Navarro, *“el año de 1509-1510 es el primero que nos informa de los alquileres de casas (...)*. Las ubicaciones se centran en los siguientes barrios principales: *calle de Santiago, puerta de Guadalajara – calle Mayor y plaza de Mercado, aledaños de la puerta da las Tenerias viejas, calle principal del Colegio y la acera frontera a la puerta principal del Colegio”*.¹⁶³ Levantar-se-iam, também, uma série de casas novas nalguns dos novos terrenos à disposição do *colegio mayor*. Veremos, um pouco mais adiante, como se conduziram estas operações. De todo o modo, e

¹⁶⁰ *Ibidem*, p.257, nota 313. Segundo González Navarro, *“se puede asegurar que se hace con todo el área colindante al edificio ya inaugurado del Colegio”*. Incluía-se novamente nesta doação a casa de Troylos, ainda que se situasse fora (em frente) do quarteirão do colégio principal.

¹⁶¹ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.267.

¹⁶² *Ibidem*, p.268. Veja-se também Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.80.

¹⁶³ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.265.

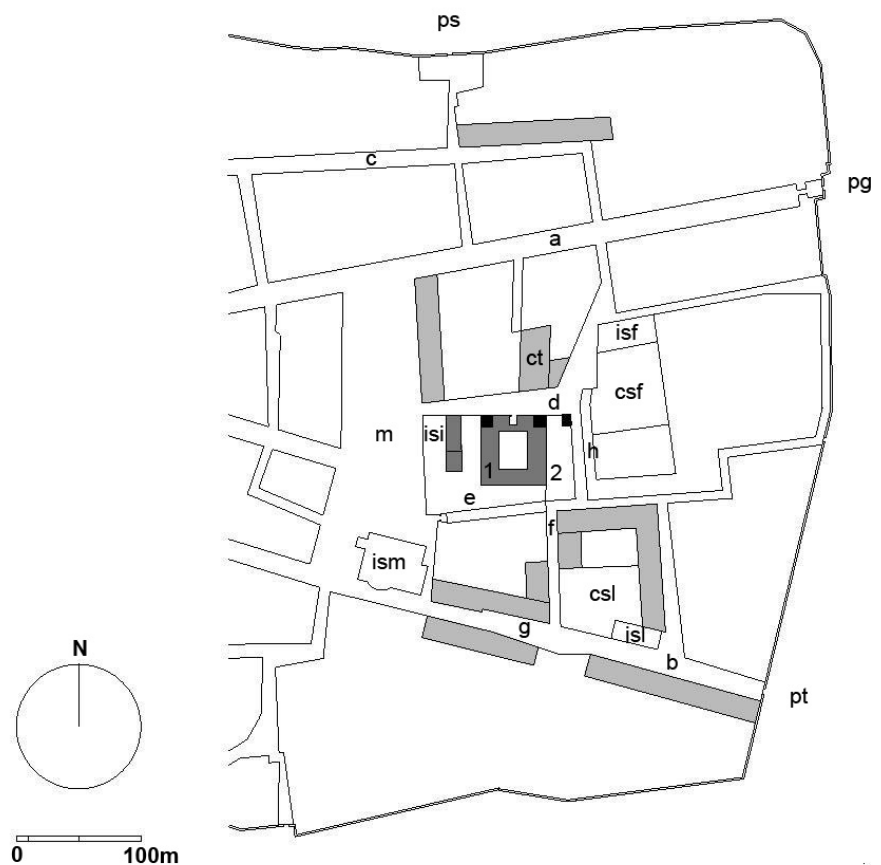


Fig.5.
Bairro universitário
de Alcalá de Henares.
Reconstituição hipotética em 1509:

- a. calle Mayor / calle de Libreros
- b. calle de las Tenerías
- c. calle de Santiago
- d. calle del Colegio
- e. "calle cerca del monasterio de San Francisco para hazer el colegio" (1496)
- f. "calle Nueva de Santa Librada" / "calle de la porteria de Santa Librada que va al Monasterio de San Francisco".
- g. "calle Nueva de Santa María a la Portería de Santa Librada"
- h. "calle nueva que se mandó hazer para las officinas del monasterio"
- m. plaza del Mercado
- ps. puerta de Santiago
- pg. puerta de Guadalajara
- pt. puerta de las tenerías
- ct. casas de Troylos
- csf. convento de São Francisco
- isf. igreja de São Francisco
- isi. igreja de San Ildefonso
- ism. Igreja de Santa María la Mayor
- csl. convento de Santa Librada
- isl. igreja de Santa Librada
- 1. colegio Mayor de San Ildefonso – quadrângulo principal
- 2. colegio de San Pedro y San Pablo

A cinzento claro: casas doadas por Cisneros
ao colegio Mayor de San Ildefonso em 5 de Fevereiro de 1509.
Localização aproximada, segundo dados divulgados
por Ramón González Navarro

para Consuelo Gómez López, “a partir de 1511 el colegio comenzó a gozar de una próspera situación económica”,¹⁶⁴ situação que a análise paralela e detalhada de González Navarro vem aprofundar e confirmar.¹⁶⁵

Assim, e como notou Castillo Oreja, a grande operação imobiliária realizada por Cisneros em Alcalá de Henares...

“...respondió a tres líneas básicas de actuación:

- hacerse con la propiedad de todos los terrenos situados al Este de la Plaza del Mercado, para homogenizar y dotar de relativa independencia a la ciudad universitaria, calculando su futuro desarrollo;
- contar con cierto número de viviendas habitables, mientras se concluía el plan edilicio pensado para el recinto universitario;
- y legar al Colegio Mayor un patrimonio inmobiliario urbano, que junto con las fincas rusticas, constituyera el núcleo fundamental de las rentas universitarias”.¹⁶⁶

Enquadrada nesta última linha de acção, estará a casa ampla comprada pelo cardeal na *calle Mayor*, logo depois trespasada ao *colegio de San Ildefonso*, subdividida em seis novas moradas (destinadas sobretudo a uma actividade mercantil) no decorrer de 1512 – estudo de caso que o mesmo González Navarro aprofundou.¹⁶⁷

e) Imprensa e livreiros

Expressamente relacionada com a actividade universitária, foi a promoção da imprensa e dos livreiros em Alcalá, que teve aparentemente dois impulsos distintos. O primeiro impressor a ter actividade na vila parece ter sido Arnaldo (ou Arnaud) Guillen de Brocar, logo no ano de 1500.¹⁶⁸ Um outro impressor, Estanislau Polono, foi chamado a Alcalá, para publicar a *Vita Christi* de

¹⁶⁴ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.29.

¹⁶⁵ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.333-34.

¹⁶⁶ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Ciudad, Funciones y Símbolos...*, 1982, p.78.

¹⁶⁷ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.273-275.

¹⁶⁸ “Parece confirmarlo lo hecho de que Arnaldo Guillén de Brocar imprima en este año, en su casa de Alcalá, «in domo Arnaldo Guillermi Brocarii», el Libellus de dolore beatissimae Virginis Mariae”. José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.383.

Landulfo da Saxónia em quatro volumes, o que fez entre 1503 e 1504.¹⁶⁹ Só depois de um interregno de alguns anos sem publicações voltou a haver edições regulares, cerca de 1511, novamente por intermédio de Arnao Guillen de Brocar, que publicaria a famosíssima *Bíblia Poliglota* (seis volumes, entre 1514 e 1517).¹⁷⁰

Este impressor recebeu local de trabalho gratuito por parte do *colegio Mayor*. Segundo Antonio de la Torre “*la casa de los tintes*”, ou seja a oficina da tinta,¹⁷¹ “*aparece dedicada para la imprenta desde el año de 1511-1512.*”¹⁷² De acordo com a documentação analisada por aquele autor, só em 1518 -1519 se diz explicitamente que “*la casa de la enprenta tienela Arnao Guillen, gratis*”.¹⁷³ Não obstante, já desde os anos anteriores (1512-1513) se refere que “*la (...) casa, que es de los tintes, tienen los ynpresores, grátis*”,¹⁷⁴ numa muito provável alusão à empresa daquele técnico. Antonio de la Torre pôde igualmente precisar a localização das “*casas del tinte*” ou “*casa de la enprenta*”,¹⁷⁵ justamente no ângulo do prolongamento nascente da *calle de Santiago* (actual *calle Nebrija*¹⁷⁶) com a “*calle que vuelbe hasia san Francisco*”,¹⁷⁷ pelo lado da cerca da vila (veja-se, mais adiante, a **fig.7**).

Já os livreiros passaram a instalar-se sobretudo (e depois de 1508) na frente sul da *calle Mayor* (também por isso designada, no seu sector mais a nascente, de *calle Libreros*) e na rua de acesso ao colégio (“*calle de la yglesia colegio*”¹⁷⁸

¹⁶⁹ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.43; José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.384.

¹⁷⁰ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.60; José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.392-395.

¹⁷¹ A oficina da tinta terá sido instalada nuns “*corrales*” adquiridos cerca de 1499. Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.62.

¹⁷² António de la TORRE, “*La casa de Nebrija...*”, 1945, p.195.

¹⁷³ *Ibidem*, p.195.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p.193.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p.193

¹⁷⁶ “*...la actual calle de Nebrija se decía «calle de los tintes hasta 1513-1514 y de la «enprenta» a partir de 1514-1515, figurando de ordinario reunidas bajo el epígrafe de «calle de Santiago e de la enfrenta»*”, *ibidem*, p.178.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p.179.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p.181.

ou simplesmente, e doravante, *calle del colegio*¹⁷⁹), precisamente na linha de casas oposta à capela de *San Ildefonso* e ao *Colégio Mayor*.¹⁸⁰

f) A construção de casas de estudantes e dos colégios de pobres em redor do Colegio Mayor de San Ildefonso

Iniciou-se, em 1510,¹⁸¹ a demolição das casas antigas que davam para a *plaza del Mercado*, pertencentes ao quarteirão central do *Colegio Mayor de San Ildefonso*, de modo a substituí-las por outras de nova construção. Como demonstrou Ramón González Navarro, o objectivo desta operação foi o da formulação de uma nova frente urbana sobre a mencionada *plaza del Mercado*, desde logo na parte correspondente ao referido quarteirão central. Este novo alçado dividia-se em dois tramos, divididos ao meio pelo *callejon del colegio*, reminiscência de um anterior arruamento público que funcionava agora como acesso de serviço ao *Colégio Mayor*.¹⁸² Particularidade muito interessante era que esses troços de frente para a *plaza del Mercado* eram pontuados e limitados por pequenos torreões nas extremidades, dotados de açoteias no último piso.

Observando os dados levantados por González Navarro, um dos tramos constituía-se por cinco casas, das quais as duas dos extremos eram dotadas das referidas torres-açoteias – na esquina com a *calle del colegio* e na esquina com o mencionado *callejón*.¹⁸³ Já o tramo que seguia do *callejón* para sul era composto por outras quatro casas e, pelo menos, mais uma torre no ângulo junto da *calle de las Tenerias* (por detrás da igreja paroquial de *Santa Maria la Mayor*).¹⁸⁴ Estes trabalhos de construção iriam durar até cerca de 1515.¹⁸⁵

¹⁷⁹ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.152.

¹⁸⁰ Veja-se também, sobre os viveiros em Alcalá, José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.386-389 e Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.46, p.48 (fig.6) e p.87 (fig.10).

¹⁸¹ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.149-150; Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.278-279.

¹⁸² Dava para as traseiras do quadrângulo principal, onde se veio a edificar mais tarde um outro grande pátio, o pátio de Contínuos. Veja-se *supra*, notas 62 e 63.

¹⁸³ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.152; Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.279.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p.282.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p.283; José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p. 251.

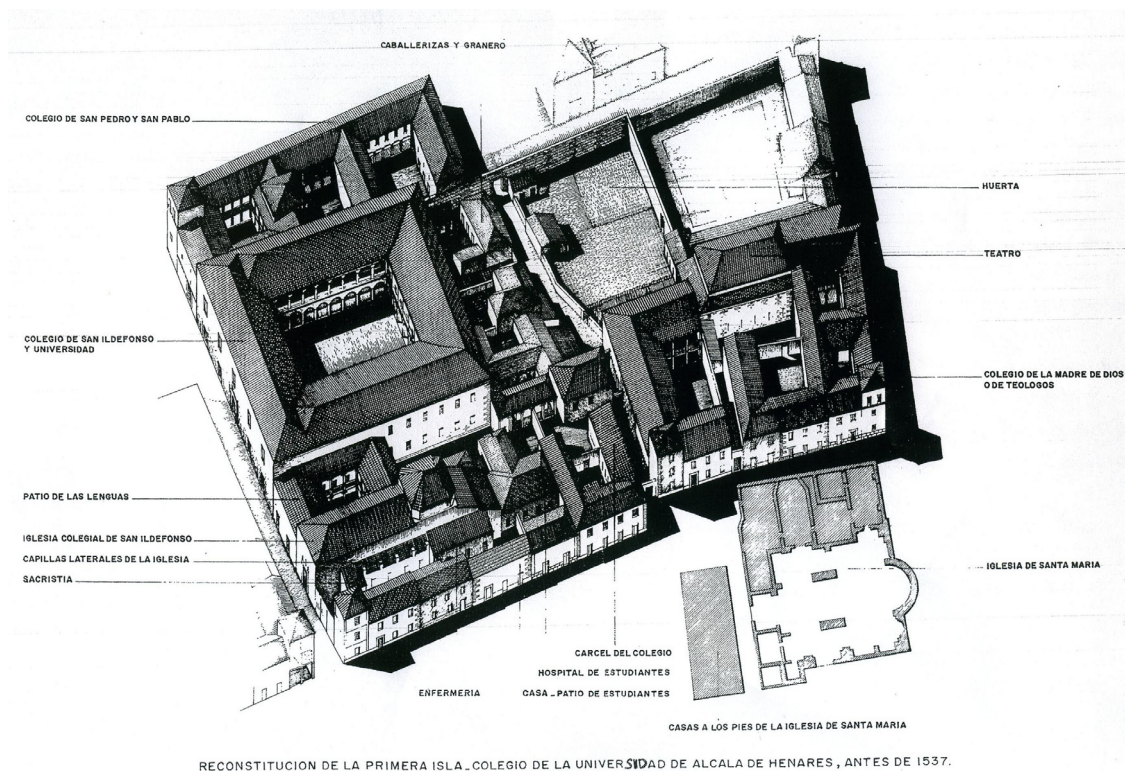


Fig.6. *Colegio Mayor de San Ildefonso* cerca de 1518-1520
Desenho de F. Bedova (fonte: Ramón González Navarro)

Recordemos, por outro lado, que o colégio franciscano de *San Pedro y San Pablo*, cuja obra se ia terminando em 1511, localizado do lado oposto do *Colegio Mayor*, era também dotado de uma torre-açoteia, desta feita no seu ângulo nordeste.¹⁸⁶ Consuelo Gómez López retira de um documento (ainda que sem indicar datas) referências a uma açoteia “*cabo San Francisco*” e a outra “*cabo Santa Maria*”.¹⁸⁷ Estas menções clarificam a noção de que as torres se programaram originalmente de forma a marcarem os ângulos do quarteirão do *Colegio Mayor*, como mostra a proposta de reconstituição de Gonzalez Navarro, desenhada por Francisco Bedoya (**fig.6**).¹⁸⁸ Noutro registo, e como já mencionámos, também a largura da fachada do quadrângulo principal do *colegio Mayor de San Ildefonso* estaria delimitada por duas torres,¹⁸⁹ aspecto não representado na figura. Outras torres pontuavam ainda particularidades

¹⁸⁶ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.149; José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.226.

¹⁸⁷ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p28 (AHNM, *Universidades*, lib.744).

¹⁸⁸ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.286-287.

¹⁸⁹ Fernando MARIAS, “Orden arquitectónico y autonomia...”, 1980, p.33-34.

topográficas do quarteirão, como era o caso da torre junto do mencionado acesso de serviço ao colégio, sensivelmente a meio da frente “lateral” dos terrenos colegiais, que representava, simultaneamente (e daí, a nosso ver, a sua importância) o limite do alçado desimpedido sobre a *plaza del Mercado* (veja-se a **fig.9**). Sobre a *calle de las Tenerias* não é claro quando foram edificadas as duas torres (de um total de três incluindo a já mencionada da esquina, por detrás da igreja de Santa Maria) mais a nascente – se com a instalação do teatro académico e do colégio da *Madre de Dios* (1516-1518), se mais tarde, com a construção do novo pátio do *colegio Nuevo* (1564-1570).¹⁹⁰

Deixemos para mais tarde as possíveis implicações de leitura deste sistema de novas frentes enquadradas por torres nos extremos que, como tentaremos demonstrar, abrangeria uma área um pouco mais alargada que o “reduto” do quarteirão colegial central. Destaquemos para já, como o fizeram vários autores,¹⁹¹ a noção da uniformidade pretendida para as frentes das novas casas (neste caso do quarteirão colegial), lisas, traçadas “a cordel”, com uma cêrcea normalizada de dois pisos, em que se empregaram, muito provavelmente, os mesmos tipos de vão e os mesmos materiais construtivos¹⁹² – no que se aproximava de uma “arquitectura de programa” – ainda que as casas não fossem todas de igual dimensão, pois respeitavam, aparentemente, algumas imposições do cadastro antigo.¹⁹³

No caso da frente do mercado importa ainda referir novos ajustes a que as casas foram sujeitas durante o processo da sua reconstrução. Com efeito, em 1512, faziam-se pequenas demolições nas traseiras das mesmas de modo a conseguir-se espaço para se levantar a sacristia colegial, anexa à capela.¹⁹⁴ A sacristia seria concretizada entre 1515 e 1517.¹⁹⁵ Tomavam-se também duas

¹⁹⁰ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.77-78.

¹⁹¹ Veja-se, sobretudo, Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.25-28.

¹⁹² “De hecho, sabemos que en su construcción fueron empleados los mismos materiales – ladrillo, yeso y madera –, y que en todas ellas se realizaron estructuras de doble altura en las que se incluía un patio, escalera, varias cámaras y chimenea”, Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.28.

¹⁹³ Veja-se as rendas das casas da plaza del Mercado, apresentadas por González Navarro, Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.150, nota 31.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p.149-150; Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.271-272.

¹⁹⁵ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.52.; Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares y las Artes...*, 2007, p.33.

casas¹⁹⁶ desta feita no tramo junto à igreja de Santa Maria, para instalação do hospital universitário.¹⁹⁷

Façamos agora uma breve incursão noutra área da zona universitária onde também se construía por estes anos, como seja a próxima dos conventos de São Francisco e de *Santa Librada*, a nascente do quarteirão do *Colégio Mayor*. De acordo com González Navarro, estavam em construção, em 1510, uma série de casas de estudantes junto à parede (julgamos que a parede sul) do convento franciscano (as “*casas de la huerta de los estudiantes*”¹⁹⁸) e outras ainda “*detrás de Santa Librada*”¹⁹⁹ (a norte ou a nascente deste recolhimento de freiras) cujos trabalhos prosseguiam em 1511-12.²⁰⁰ Em 1514 continuavam as obras nas casas de “*detrás de la Iglesia de San Francisco*”,²⁰¹ referência topográfica a que voltaremos, no final deste subcapítulo.

As casas que aqui referimos não teriam o mesmo impacto, em termos de imagem urbana, que a operação das casas da frente do mercado. O seu registo era sobretudo funcional e destinava-se a garantir habitação suficiente para os estudantes e, principalmente, a prover um dos aspectos centrais do projecto cisneriano: a criação dos colégios para estudantes pobres.

Recordemos o projecto plasmado nas constituições do *Colegio Mayor de San Ildefonso*, em Janeiro de 1510, nas quais que se previa a criação de doze colégios, cada um com lugar para doze colegiais pobres, e mais outros seis colégios (que se destinaram a estudantes de gramática) que deveriam acolher um total conjunto de 72 colegiais. A 14 de Abril de 1512, o cardeal Cisneros, no seu testamento, incitava a universidade complutense para que prosseguisse na

¹⁹⁶ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.272.

¹⁹⁷ O hospital dotava-se de pátio próprio, que estaria empedrado em 1514 (Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.154). Terá durado pouco tempo nesta localização pois foi substituído pelo colégio de teólogos da *Madre de Dios*, estabelecido em 1516. Parecem confirmar esta situação, um documento citado por Garcia Oro (José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.251) que refere umas casas novas “a la calle de las Tenerías, junto a la casa que se hizo para hospital” e uma noção veiculada no século XVII por Quintanilla (Pedro de QUINTANILLA Y MENDOZA, *Archetipo de virtudes...*, 1653, p.178-179, citado por Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.43 e nota 13) que se refere ao “*Hospital de Estudiantes, que hoy es el Colegio Teólogo*”.

¹⁹⁸ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.278.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p.279.

²⁰⁰ *Ibidem*, p.280.

²⁰¹ *Ibidem*, p.283

criação de novos colégios para pobres, empregando nessa tarefa todas as rendas disponíveis.²⁰² Por essa altura (1512) apenas estaria levantado o edifício do colégio de *San Pedro y San Pablo*. De acordo com González Navarro, preparavam-se terrenos para edificar os colégios novos.²⁰³ Este autor levantou a possibilidade de que já funcionavam os “colégios” como agrupamentos de estudantes, ainda que essas comunidades não estivessem instaladas nos edifícios finais²⁰⁴ – a universidade havia aberto as suas portas no verão de 1508, como referimos.

Não é totalmente claro quando estavam prontos os primeiros imóveis dos colégios de pobres. Em 23 de Março de 1513, Cisneros elaborou umas primeiras constituições destes colégios.²⁰⁵ É possível que dois edifícios colegiais, os de *San Isidoro* (ou *San Isidro*²⁰⁶) e de *San Eugénio*, ambos colégios de gramáticos, estivessem prontos a meados desse ano.²⁰⁷ García Oro propõe, porém, uma data um pouco posterior, 1515.²⁰⁸ E de facto, a 1 de Agosto desse ano eram apresentadas os estatutos especiais dos colégios gramáticos.²⁰⁹

Segundo documentação de 1517 analisada por este último autor, o colégio de gramáticos de *San Isidoro* localizava-se defronte de “*tres patios de casas (....) que llegan desde la calle de Trás Santa Librada hasta la calle que [va?] a la puerta de las Tenerias*” casas estas que estavam “*junto con las casas que estan a par de la cerca*”.²¹⁰ Esta passagem contém informação bastante

²⁰² José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.86.

²⁰³ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.282. “*En noviembre de 1512 se le hace un pago a Estebán de Córdoba «para en cuenta de las symas [valas para as fundações] que ha de hacer en los colegios nuevos»*”.

²⁰⁴ *Ibidem*, p.182

²⁰⁵ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.42 e p.147-148. José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.157

²⁰⁶ Sobre este colégio refere González Navarro que “*frecuentemente se le llama Isidro, aunque se especifica doctor de «las Españas»*”, Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.159.

²⁰⁷ Segundo Consuelo Gómez López, em 1513 teriam já junto da porta principal os escudos do cardeal. Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.38.

²⁰⁸ “*En 1515, está a punto de terminarse el «colegio de gramáticos de San Isidro». Un poco más retrasado va probablemente el de San Eugenio*”, José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.186. Mais à frente refere que “*En concreto, las obras de San Isidro estaban seguramente ultimadas ya en enero de 1516*”. *Ibidem*, p.222.

²⁰⁹ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.157-158. José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.185.

²¹⁰ *Ibidem*, p.218.

importante (que tem passado, julgamos, algo despercebida) pois situa especificamente o colégio de *San Isidoro* na frente norte da rua que passava por detrás (a norte) de *Santa Librada*,²¹¹ ou seja, a sudeste do quarteirão ocupado pelo convento franciscano de *Santa Maria de Jesus* (**fig.7**). Vejamos a descrição do colégio de *San Isidoro* proposta por Oro, que resumimos:

“San Isidro consta de dos patios. El primero se abre, pasada la puerta de entrada. (...) En la parte baja, está el general con sus poyos hincados, sus peldaños de madera y sus dos puertas y ventanas que dan acceso y ventilación. Una cámara pequeña hace de capilla aderezada para celebración de la misa diaria. Otras dos cámaras bajas (...) sirven para cocina y comedor, éste con mesas alrededor. Una escalera (...) conduce a la planta superior (...). Es un paso directo para 17 cámaras altas con sus puertas y ventanas individuales, cuatro de las cuales dan a un corredor (...).

Un segundo patio se cuadra hacia el estanque y goza de mayor espaciosidad. En su parte baja se distinguen dos cuartos de refectorio con las mesas instaladas a lo largo del muro (...). La cocina, con su chimenea, tiene igualmente dos portas y dos ventanas. El resto del espacio bajo se ocupa con 12 cámaras residenciales y un general (...). Subiendo a la planta alta (...) enumeramos 17 cámaras con sus accesos y luces (...).

*Al exterior de este recinto también se delata la presencia de la mansión colegial. Una puerta de dos hojas coronada con un arco de campanario, del que cuelga la minúscula campana, y en el centro del semicírculo una imagen de piedra dorada. Todo dice que se trata de un recinto colegial. No tardará en llegar la norma de que estas fachadas diseñadas con cierta uniformidad figuren también las armas del Cardenal fundador”.*²¹²

Já o colégio de *San Eugénio* situava-se noutro sector do bairro universitário, a norte do *Colegio Mayor de San Ildefonso*, mais precisamente “enfrente de la

²¹¹ Apenas Cármen Román Pastor aponta esta localização, aparentemente fundamentada neste documento, ao tratar do processo de instalação do colégio dos trinitários, a partir de 1525. Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.191.

²¹² José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.219-220.

Imprenta, en la calle que iba desde la calle de Santiago a la Placeta de San Francisco”²¹³ (fig.7).

“Se trata de un conjunto más amplio y más capaz, articulado en torno a cuatro patios. Situados en el primer patio que da a la Calle (...), registramos su planta baja en que están dos generales (...). En su lugar, está la cocina de chimenea (...) En el centro del patio, no falta el pozo con su brocal de piedra. Por las escaleras se asciende a la primera planta en la que están instaladas diez cámaras, cuatro de las cuales dan a corredores abalconados.

Algo más reducido resulta el patio principal (...). No falta tampoco aquí el general para las actividades académicas, cocina con su chimenea y tres cámaras de vivienda y sobre todo la capilla del colegio aderezada para los usos litúrgicos. En el patio preside el pozo con su brocal. Unas escaleras amplias conducen a la parte alta en donde funcionan ocho cámaras, tres de las cuales dan a corredores (...).

Un tercer patio de dimensiones mayores se organiza igualmente en torno a un cuadrilátero irregular en cuyo centro está el pozo (...). Carece de aula o general. Tiene en cambio un amplio refectorio con dos puertas y dos ventanas, una cocina con su chimenea en comunicación con un zaguán adyacente. En otras seis piezas bajas, llamadas cámaras o camarillas, no hay uniformidad (...). Por la escalera que lleva a la planta alta, se accede a las diez cámaras altas de vivienda estudiantil (...). Viene todavía un cuarto patio: el de los estudiantes pobres (...) Cinco cámaras bajas con sus respectivas puertas y luces y 11 cámaras altas (...).

La imagen exterior está aquí también definida. Puerta amplia de acceso, con dos hojas de gran dimensión. Campanario de arco (...). Y la acostumbrada imagen del Santo titular en piedra dorada”.²¹⁴

²¹³ **Ramón GONZÁLEZ NAVARRO**, “El Colegio Trilingüe o de San Jeronimo: aproximación a la historia de sus comienzos en el siglo XVI”, *Actas del III Encuentro de Historiadores del Vale del Henares*, Guadalajara, 1992, p.231-250 (p.240).

²¹⁴ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.220-221.

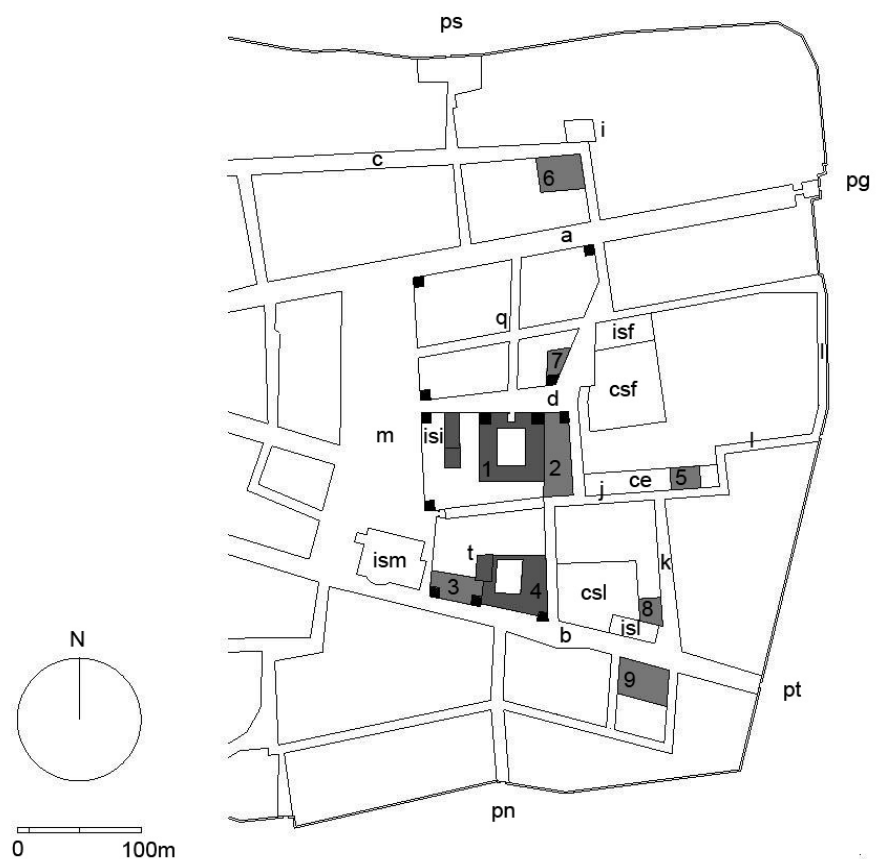


Fig.7.
Bairro universitário
de Alcalá de Henares.
Reconstituição hipotética em 1518.

- a. calle Mayor / calle de Libreros
- b. calle de las Tenerías
- c. calle de Santiago
- d. calle del Colegio
- i. imprensa da Universidade
- j. "calle de Trás Santa Librada"
- k. calle de Gramaticos
- l. "calle de las espaldas de la huerta de San Francisco"
- m. plaza del Mercado
- q. "cuatro calles"
- t. teatro académico
- ps. puerta de Santiago
- pg. puerta de Guadalajara
- pt. puerta de las Tenerías
- pn. puerta Nueva ou puerta de las Tenerías Nuevas
- csf. convento de São Francisco
- isf. igreja de São Francisco
- isi. igreja de San Ildefonso
- ism. Igreja de Santa María la Mayor
- csl. convento de Santa Librada
- isl. igreja de Santa Librada
- ce. "casas de la huerta de los estudiantes" (?)
- 1. colegio Mayor de San Ildefonso – quadrângulo principal
- 2. colegio de San Pedro y San Pablo
- 3. colegio de la Madre de Dios
- 4. colegio Nuevo
- 5. colegio de San Isidoro (localização provável)
- 6. colegio de San Eugenio
- 7. colegio de Santa Balbina
- 8. colegio de Santa Catalina (localização hipotética)
- 9. Casas do colegio de N.S. de la Concepción (mercedários)

Como notou Ramón González Navarro, “no pude decirse, a la luz de lo encontrado hasta ahora, que estos edificios tuvieron una especial configuración arquitectónica”.²¹⁵ A estrutura destes dois edifícios aproximava-se, em linhas gerais, da dos “patios de vecindad”, ou “corrales de vecindad”, tipo de habitação comum em Alcalá, normalmente de dois pisos, e nas quais um pátio (ou uma sequência de pátios) com acesso pela rua, dava acesso a várias habitações. Assim, apenas se tornou necessário operar pequenas adaptações funcionais a este tipo de construção de modo a instalar adequadamente as comunidades de estudantes.²¹⁶

Segundo as constituições revistas dos colégios pobres, datadas de 17 de Outubro de 1517,²¹⁷ tanto o colégio de *San Isidoro* como o de *San Eugénio* se destinavam a “gramáticos” latinos e gregos – 30 latinistas e 6 helenistas cada um.²¹⁸ Os colégios de gramática representariam um primeiro nível de ensino, serviriam de viveiro de colegiais para o colégio principal e de estudantes para a universidade.²¹⁹ Pelos estatutos especiais dos colégios de gramática, de 1515,²²⁰ haveria quatro tipos de estudantes (colegiais pobres, porcionistas, camaristas e estudantes externos, os “martinetas”) e três níveis de estudo (de menores, de medianos, de maiores) o que pode ajudar a perceber a organização por vários pátios, com cozinhas e refeitórios próprios, a que deveriam corresponder diversos grupos de estudantes. Estes colégios ministravam cursos próprios, “con enseñanzas concretas, especializadas”.²²¹ Daí a necessidade dos gerais (que nos outros colégios de pobres serviam apenas para as repetições das matérias dadas no *colegio Mayor*²²²). Aparentemente, e numa primeira fase, a cada colegial correspondia uma câmara própria para dormir e estudar.²²³ Os colégios de gramáticos, eram

²¹⁵ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “El Colegio Trilingüe...”, 1992, p.235.

²¹⁶ Ibidem, p.235. Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.39.

²¹⁷ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.38 e p.149.

²¹⁸ Ibidem, p.150.

²¹⁹ Ibidem, p.159.

²²⁰ Vide supra, nota 209.

²²¹ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.162.

²²² José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.222.

²²³ O número de alunos matriculados nos dois colégios gramáticos, no final da década de 1540, ainda que contando com alunos externos, certamente não permitiria a manutenção destas condições. Veja-se Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “El Colegio Trilingüe...”, 1992, p.243.

governados por um principal, normalmente um mestre de Artes, nomeado pelo *colegio Mayor*, sem limite de tempo de desempenho, e que tinha por função a administração da casa, a nomeação dos regentes e a avaliação dos candidatos que pretendiam frequentar o colégio.²²⁴

Os colégios de estudantes pobres, por sua vez, seriam regidos por um vice-reitor eleito de entre os próprios colegiais.²²⁵ Tal como os colégios de gramáticos, dependeriam do *Colegio Mayor de San Ildefonso* em termos económicos.²²⁶ De acordo com as referidas constituições revistas dos colégios de pobres, de 1517, Cisneros assentava provisoriamente o seu projecto numa rede mais realista de estabelecimentos, cada um aumentado na capacidade de acolher estudantes em relação ao inicialmente previsto em 1510:

- colégio de *San Pedro y San Pablo*, para 13 religiosos franciscanos e 2 servidores;
- colégio da *Madre de Dios*, para teólogos;
- colégio de *Santa Catalina* para físicos (24 físicos e 24 metafísicos);
- colégio de *Santa Balbina*, para 24 lógicos e 24 sumulistas;
- colégio de *San Isidoro*, para 30 “gramáticos” e 6 “gregos”;
- colégio de *San Eugenio*, para 30 “gramáticos” e 6 “gregos”;
- colégio-hospital de *San Lucas*, para estudantes enfermos;²²⁷

Pretendia montar-se definitivamente o “rosário de colégios” (na feliz expressão de Garcia Oro²²⁸) em torno do *colegio Mayor de San Ildefonso*. Como vimos, o colégio franciscano e os de gramáticos já funcionavam. Desde 1516 trabalhava-se no colégio da *Madre de Dios*,²²⁹ que se instalava no ângulo sudoeste do próprio complexo do *colegio Mayor de San Ildefonso*, junto da igreja de Santa Maria, onde se tinha implantado originalmente o hospital. Em 1518 estaria pronto.²³⁰ Da localização do colégio de *Santa Balbina*, em obras

²²⁴ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.161-162.

²²⁵ *Ibidem*, p.156.

²²⁶ *Ibidem*, p.153.

²²⁷ *Ibidem*, p.150.

²²⁸ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.224-225.

²²⁹ *Ibidem*, p.222.

²³⁰ *Ibidem*, p.222.

em 1517,²³¹ falaremos um pouco mais à frente. Já o de *Santa Catalina*, cujos trabalhos estariam um pouco mais atrasados,²³² seria implantado nas proximidades do convento de *Santa Librada*.²³³ O hospital universitário, ou “colégio” de *San Lucas*, depois de “despejado” pelo novo colégio dos teólogos, terá passado para outras instalações, a sul do quarteirão central (na nova via depois chamada de *calle del Teatro*²³⁴) e depois para uma nova sede também junto de *Santa Librada*.²³⁵ Voltaremos às localizações dos colégios de estudantes pobres, no quadro do bairro universitário, um pouco mais adiante.

g) O centro e a imagem do bairro universitário

Vejamos agora uma outra operação urbana significativa (no quadro temporal de meados da segunda década de Quinhentos) que teve implicações importantes. Falamos da “encruilhada”, ou das “*cuatro calles*”, que eram na realidade duas, definindo um traçado em cruz, e que se abriram no quarteirão fronteiro ao *Colegio Mayor de San Ildefonso* – quarteirão que era delimitado pelo convento de São Francisco, a oriente, pela *calle Mayor / calle de Libreros*, a norte, e pela *plaza del Mercado*, a ocidente. De facto, “*la antigua calle de Francisca Ramirez (...) al ser comprada por el colegio abre una nueva vía que pone en contacto a la calle Mayor con la fachada del Colegio frente a la puerta principal*”.²³⁶ Esta nova via passaria a designar-se por “*calle nueva que va dar a la puerta principal del colegio*”.²³⁷ A rua nova perpendicular a esta última era a

²³¹ *Ibidem*, p.222.

²³² *Ibidem*, p.222.

²³³ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “El Colegio Trilingüe...”, 1992, p.240; Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.40.

²³⁴ “En la documentación [de 1520] se cita entonces entre las casas de la ‘Calle del Teatro’ una especial: ‘la que era hospital’” José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.252. Não é totalmente claro qual era a *calle del Teatro* – uma outra designação para a antiga *calle de las Tenerías*, ou, mais provavelmente, a nosso ver, a rua perpendicular a esta que seguia para sul, justamente no enfiamento do teatro académico, equipamento a que nos referiremos mais adiante.

²³⁵ *Ibidem*, p.251-252 e nota 265. “La carencia en Alcalá de las condiciones necesarias de salubridad (...) fue una de las causas más importantes de las «ausencias» por enfermedad de los colegiales”. Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.38.

²³⁶ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.283.

²³⁷ António de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.179.

“calle nueva que va del Mercado a San Francisco”.²³⁸ Subdividia-se, assim, um quarteirão inteiro em quatro mais pequenos (**fig.7**).

A abertura da *calle Nueva* implicou a demolição de uma das casas da frente norte da *calle del Colegio* (a rua tangente à fachada do *Colegio Mayor*), situada em frente da porta do colégio-universidade. A documentação publicada por António de la Torre²³⁹ mostra ter sido a casa e loja pela qual o livreiro de origem francesa Pedro Rigao (ou Pierres Rigaud) pagava renda anual no valor de 1125 maravedis, e que surge mencionada pela última vez na relação de alugueres (daquela frente de casas) de 1514-1515.²⁴⁰ Neste sentido, a *calle nueva* terá sido aberta definitivamente no verão de 1515, como de resto se percebe na interpretação esquemática que realizamos, a partir dos dados divulgados por aquele autor (**fig.8**).²⁴¹ Em Setembro de 1516, como que rematando toda esta operação, *“Fco Hormero asentaba una cruz de piedra sobre el tablamento de la puerta principal del Colegio”*.²⁴²

A nascente da abertura da *calle Nueva* ficavam as já mencionadas casas de Troylos, ao passo que para poente da mesma rua se preparou uma habitação de maiores dimensões, por iniciativa do colégio, para residência do renomado mestre António de Nebrija quando se fixou definitivamente em Alcalá, após 1514.²⁴³ Para além destes dados com interesse (veja-se novamente a **fig.8**) outras conclusões relevantes de podem retirar da análise cuidada dos documentos divulgados por Antonio de la Torre. Desde logo, a referência a uma torre-açoteia no ângulo da frente norte da *calle del Colegio* com a frente da *plaza del Mercado*, e que estaria assim a par (na marcação da entrada da *calle del Colegio*) com a torre-açoteia do ângulo noroeste do quarteirão do *colegio Mayor de San Ildefonso*. Vimos anteriormente que esta última se

²³⁸ Rua conhecida no século XVII como *calle del Toril*. *Ibidem*, p.181.

²³⁹ A documentação principal revelada (AHNM, *Universidades*, libs.744F-747F) consiste na relação dos valores recebidos anualmente pelo *colegio Mayor* em função do arrendamento das casas da frente norte da *calle del Colegio* entre 1511-1512 e 1527-1528. António de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.202-209.

²⁴⁰ *Ibidem*, p.204

²⁴¹ Seleccionamos os dados referentes aos anos de 1513-1514, 1515-1516 (antes e depois da abertura da *calle Nueva*) e ainda de 1521-1522. *Ibidem*, p.202-209.

²⁴² Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.284.

²⁴³ Antonio de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.183-193; Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987, p.152-153.

começou a levantar em 1510,²⁴⁴ sendo que surge já mencionada na listagem de arrendamentos de casas de 1511-1512, porquanto se referem objectivamente “*las casas que fueron de Caçeres, al canton efrente del açutea junto com la yglesia de santo Elifonso*”.²⁴⁵ Por outro lado, estas casas ou “*casa que fue de Caçeres*” surge novamente arrendada em 1512-1513, mas no ano seguinte (1513-1514) somos informados que “*...no se alquilo este año, porque se labra*”. Depois de um par de anos de intervalo surge finalmente referência (em 1515-1516) a “*una casa frontero de la yglesia del colegio*”, arrendada aos bacharéis Bartolomé Corral e Pedro de Sylva, que se diz especificamente ser “*la del açutea*”.²⁴⁶ Pode, pois, retirar-se destes dados que esta outra torre-açoteia se levantou entre 1513 e 1515.

Deste modo, ganha corpo a hipótese de que terá havido também, nesta ocasião, uma reformulação da frente que os quarteirões das “*quatro calles*” faziam para a *plaza del Mercado*, à semelhança do que havia sucedido com as frentes do quarteirão do *Colegio Mayor* para a mesma praça. A representação à vista de pássaro de Alcalá de Henares, de Anton Van den Wyngaerde, produzida em 1565 (**fig.9**), bastante fidedigna, é disso testemunha. Percebe-se bem na gravura o impacto da nova frente nascente, uniformizada, da *plaza del Mercado*, estendendo-se desde a igreja paroquial de *Santa Maria* (a sul, à direita na figura), até atingir, precisamente, a esquina da *calle Mayor* (a norte, à esquerda) marcada por nova torre-açoteia. A meio desta frente urbana, surgem as duas torres-açoteias emparelhadas que definiriam a abertura da *calle del Colegio*, abertura que, contudo, não é visível, uma vez que se faria sob um arco enquadrado por essas mesmas torres – arco que a gravura dá a entender que já existia em meados do século XVI.²⁴⁷ Apesar da data mais avançada da gravura do ilustrador holandês (1565) tudo leva a crer que foi na segunda década do século XVI (e, provavelmente, ainda em vida de Cisneros)

²⁴⁴ *Ibidem*, p.150.

²⁴⁵ Antonio de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.203.

²⁴⁶ *Ibidem*, p.204.

²⁴⁷ Da mesma forma, não surge representada no desenho a abertura de rua que deveria sair da mesma praça em direcção à fachada da igreja do convento franciscano, uma das referidas “*quatro calles*” - é possível que houvesse uma passagem aberta na referida frente construída, ainda que não marcada por torres (como sucedia com o acesso, certamente mais significativo, da *calle del Colegio*). Ou podemos estar, simplesmente, perante uma falha na representação.

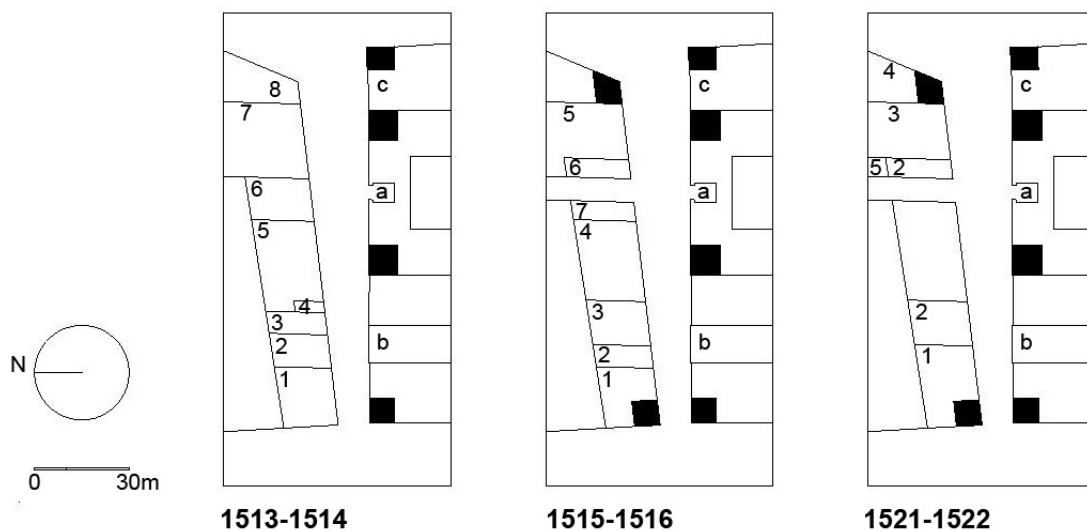


Fig.8.
Evolução da frente de casas
oposta à fachada
do *colegio Mayor de San Ildefonso*
(fonte: Antonio de la Torre /
AHNM, *Universidades*, libs.744F-747F)

1513-1514

Alquiles de 1513-1514. Cargo a «Francisco Fernandes de Toledo» - 744f., fol.490v.

1. «La casa que fue de Caçeres no se alquila este año, porque se labra»;
2. «la casa frontero a santo Elifonso tienela el bachiller Francisco Lopes de Hita e su hermano», en 1000 maravedís hasta san Miguel;
3. «otra casa e camara alli junto, a Lope Loazas, estudiante, vesino de Murcia», hasta san Miguel, en 610 maravedís;
4. «una casa baxa çerca desta, a Juan Navarro, encuadernador», en 136 maravedis hasta San Miguel.
5. «la casa que fue del bachiller Loranca, que tenia gratis Mestre Conçalo Gil, tienela agora el maestro Lebrixa, gratis»;
6. «la casa tiendadelante del colegio, a Pedro Rigao, librero», en 1125 maravedís hasta San Miguel;
7. «a maestre Pedro de Salamanca, la casa de Truillos», en 3000 maravedís hasta San Miguel;
8. «la casa siguiente, que tenía gratis Martin, tapeador, derribose del todo».

1515-1516

Alquiles de 1515-1516 – 745f., fol.195.

1. «Del bachiller Bartolome Corral, bachiller de don Pedro de Sylva», 2812 y medio maravedís «de una casa frontero de la yglesia del colegio, la del açutea», hasta San Miguel;
2. «del bachiller Juan de Torres», 750 maravedis, «de una casa junto a la suso dicha», hasta San Miguel;
3. «de Pedro Calleja, librero», 1300 maravedís, «de una casa y tienda, junto a las casas del maestro Lebrixa [4]» hasta San Miguel;

5. «del reverendo maestro Antonio de la Fuente» 3200 maravedís, «de unas casas en la calle del colegio, que fueron de Troylos», hasta san Miguel;
6. «de Francisco de Mejorada, librero», 1500 maravedís, «de una casa y tienda a la esquina de la calle nueva del colegio, junto a las dichas casas», hasta San Juan de junio;
7. «de Juan Lopes de Seron», 1200 maravedís, «de una casa y tienda ala otra esquina de la dicha calle nueva, frontero de la puerta del colegio», hasta San Miguel.

1521-1522

Alquiles de 1521-1522 - 746f., fol.132.

«Calle de la yglesia del colegio, con las quatro cales nuevas».

1. «Del doctor Miguel Carrasco y del doctor Hernando de Balbas», 3750 maravedis, «de las casas del açutea, frontero de la puerta de la yglesia del colegio», hasta San Miguel;
2. «de Pierres, librero», 2625 maravedís, «de la casa que mora junto a la suso dicha, e por la casa tienda que asy mismo tiene junto a las casas que mora el padre fray Bernaldino», hasta San Miguel; [Não se mencionam as casas de Nebrija, que faleceu a 5 de Julho de 1522]
3. «las casas junto a las suso dichas morales el padre fray Bernaldino, gratis»; [São as antigas casas de Troylos]
4. «las casas del açutea, a la esquina de la plaça de san Francisco, es colegio de Santa Balbina»;
5. «de Christoval de Ribera, desta villa», 612 maravedís, «de una casa al lado de las casas que mora el padre fray Bernaldino, la primera de la calle nueva», hasta San Miguel.

- a. Colegio Mayor de San Ildefonso (entrada)
b. Igreja de San Ildefonso
c. Colegio de San Pedro y San Pablo

que se prolongou à metade norte da fachada nascente da *plaza del Mercado*, o tratamento arquitectónico que vimos aplicado à metade sul.

Mas não é tudo. Veja-se, por exemplo, a mencionada relação de rendas da frente norte da *calle del Colegio* para o ano de 1521-1522 que refere que “*las casas del açutea, a la esquina de la plaça de san Francisco, es colegio de Santa Balbina*”.²⁴⁸ Para além de sermos informados da localização rigorosa de outro dos colégios de estudantes pobres (o colégio programado para lógicos e sumulistas) estaremos certamente em presença de mais uma torre-açoteia, do género das que temos visto até agora. Essa torre-açoteia, apesar de mencionada pela primeira vez nesta ocasião (1521), foi certamente levantada alguns anos antes como demonstra o facto de que a casa que existia anteriormente no mesmo local “*que tenia gratis Martin, tapeador, derribose del todo*” durante o ano lectivo de 1513-1514.²⁴⁹ A nova torre ter-se-á, pois, levantado simultaneamente com a outra torre da esquina da *plaza del Mercado* (levantada entre 1513 e 1515, como acabamos de ver) pelo que podemos afirmar que também esta frente norte da *calle del Colegio* foi sujeita a uma operação de regularização, culminada pela colocação de duas torres-açoteias nas extremidades. Lembremos, a este propósito, que na escritura da casa de Nebrija em 1514 se previam obras a realizar de forma a que “*los salidisos de los corredores se na de quitar para que tiene que yr toda la delantera rrasa, syn saledisos, conforme a lo que nuevamente se labra, com sus atajaros*”.²⁵⁰

Finalmente, e chegados a este ponto, notemos ainda (na documentação sistematizada há mais de meio século por António de la Torre) a referência a uma outra torre-açoteia no espaço conjunto dos quatro pequenos quarteirões a norte da porta de *San Ildefonso*, rasgados pelas “*quatro calles*” – precisamente no ângulo ainda “em falta” nesta nossa análise, o ângulo a nordeste, situado entre a *calle Mayor* e a “*calle que va a Sant Francisco*”. Não pode haver dúvidas quanto à efectiva localização de uma torre-açoteia nesta esquina, em

²⁴⁸ Antonio de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.206.

²⁴⁹ *Ibidem*, p.204. A nova casa-torre destinou-se ao colégio de pobres pelo que, não se cobrando renda, se justifica a sua ausência nas listagens de arrendamentos dos anos subsequentes.

²⁵⁰ *Ibidem*, p.185

meados da década de 1510, confirmada na seguinte passagem de Antonio de la Torre:

*“En la acera (...) de la izquierda [da calle Mayor] entrando por la Puerta de Guadalajara, había «unas casas de la otra parte de la calle que va a san Francisco, que tienen un açutea», «a la esquina de la calle»; las ocupaba hasta 1515-1516 Diego López de Çuniga, y desde 1516-1517 «el maestro Pedro Çiruelo», catedrático de Teología...”.*²⁵¹

Miguel Ángel Castillo Oreja foi, julgamos, o primeiro investigador a aperceber-se de uma provável sistematização de alçados regulares enquadrados por pequenas torres nas extremidades, aplicada ao bairro universitário de Alcalá de Henares. Não obstante, a interpretação que propõe (**fig.10**)²⁵² é, talvez, demasiado abrangente.²⁵³ Resulta da transposição directa de uma interessante

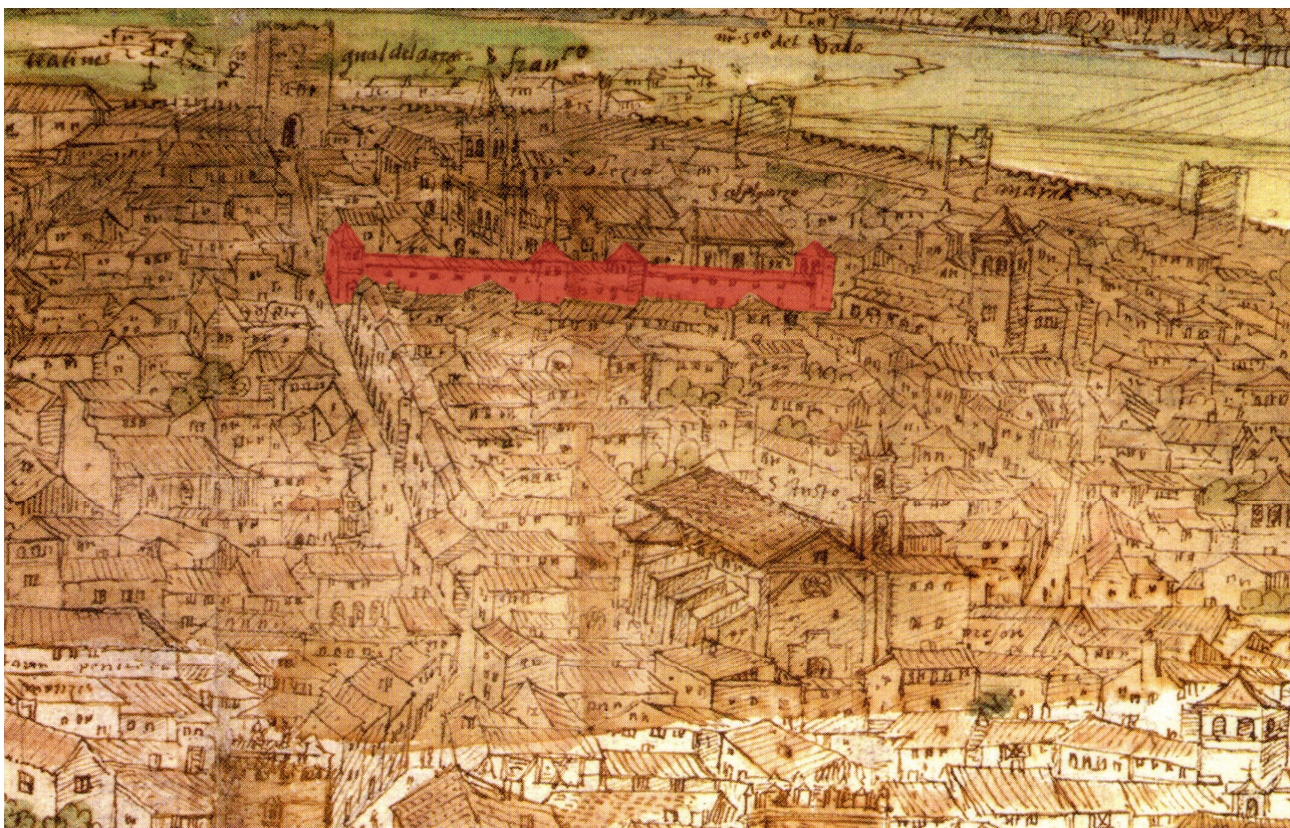


Fig.9. Anton Van den Wyngaerde: Alcalá de Henares em 1565 (detalhe)

²⁵¹ *Ibidem*, p.180. A localização exacta desta casa do Mestre Ciruelo confirma-se de uma outra passagem do artigo de de la Torre, *ibidem*, p.182.

²⁵² Miguel Àngel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.41.

²⁵³ Não foram publicados, até à data (e de que nos tenhamos apercebido), registos documentais que permitam comprovar a existência de parte importante das torres-açoteias propostas.

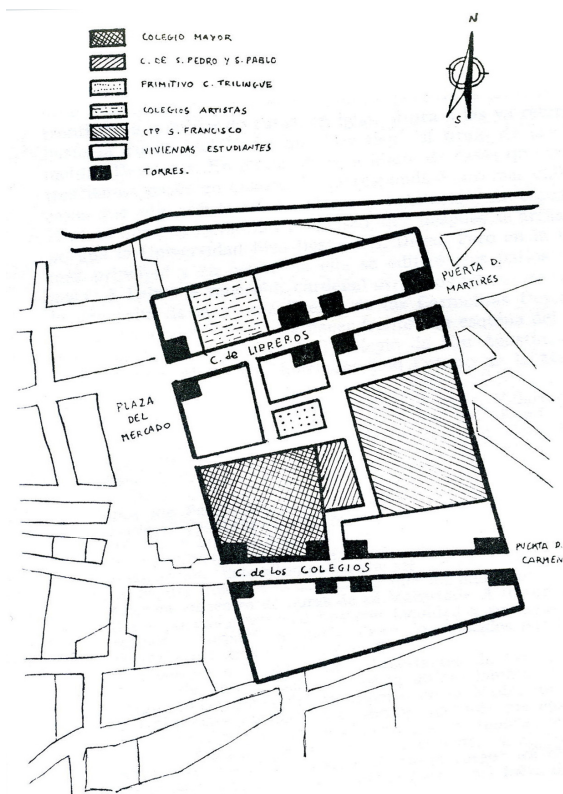


Fig.10.
Bairro universitário
de Alcalá de Henares:
Delimitação com torres-açoteias.
Proposta de Miguel Ángel Castillo
Oreja (de acordo com o texto de
Pedro de Quintanilla)

passagem do texto de Pedro de Quintanilla,²⁵⁴ escrita numa época em que já despontavam uma série de novos edifícios de colégios na frente norte da *calle Mayor* (os *del Rey*²⁵⁵ ou *de León*²⁵⁶, seculares) ou na frente sul da *calle de las Tenerias* (o dos mercedários calçados,²⁵⁷ de religiosos, ou o *colegio de Málaga*²⁵⁸, secular) que apresentavam fachadas baseadas no mesmo esquema, compostas por um corpo ao baixo (de dois pisos) relativamente alongado, marcado nos extremos por torreões.²⁵⁹

²⁵⁴ Miguel Àngel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso ...*, 1980, p.42-44, excerto retirado de Pedro QUINTANILLA Y MENDOZA, *Archetipo de virtudes...*, 1653, p.178-179.

²⁵⁵ A fachada do *colegio del Rey*, de desenho atribuído a Juan Gómez de Mora, levantou-se entre 1607 e 1613. José Luís SANCHO, “El Colegio del Rey de Alcalá de Henares”, *Reales Sitios*, 89, 1986, p.65-74.

²⁵⁶ Colégio fundado em 1586. Veja-se Pedro M. ALONSO MARAÑÓN, Manuel CASADO ARBONIÉS, Francisco J. CASADO ARBONIÉS, *El Concilio de Trento y los Colégios de las «Naciones» de la Universidad de Alcalá de Henares: el Colegio Menor «de León» (1586-1843)*, Madrid, Dykinson, 2004.

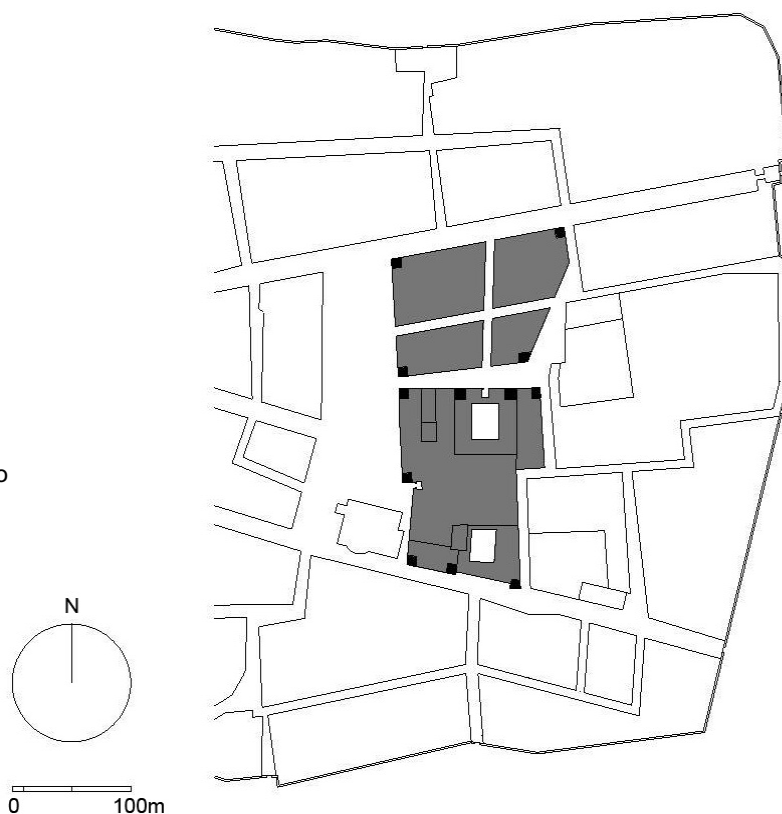
²⁵⁷ Edifício novo erguido entre 1596 e cerca de 1607, segundo traça “civil” de Juan Andrea Rodi. Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p. 169-177. e p.255-256.

²⁵⁸ Levantado a partir de 1623, de desenho também atribuído a Juan Gómez de Mora, sem confirmação documental. Luís Miguel GUTIÉRREZ TORRECILLA, *El Colegio de San Ciriaco y Santa Paula o “de Málaga”*, Madrid/Alcalá, Fundación Colegio del Rey, 1988, p.65-77

²⁵⁹ Aliás, caberia talvez indagar até que ponto o esquema de fachadas proposto no bairro universitário de Cisneros terá, ou não, influenciado o próprio curso da arquitectura civil

A conclusão a que chegamos agora é que este tratamento arquitectónico não seria, de facto, tão abrangente como sugere o texto Quintanilla, nem tão restrito no sentido de se limitar apenas ao quarteirão central onde se implantavam o *colegio Mayor de San Ildefonso* e todas as restantes estruturas associadas, incluindo a capela colegial, os colégios de *San Pedro Y San Pablo* e da *Madre de Dios*, o teatro académico e o *colegio Nuevo* – estes últimos em construção, desde 1516, no limite sul do quarteirão.²⁶⁰ Assim, a atenção particular dada aos alçados do quarteirão principal tinha um prolongamento (como aqui propomos) no conjunto dos quatro pequenos quarteirões fronteiros à porta principal do *colegio Mayor*, configurando um esquema geral do bairro universitário alcaláino conforme se apresenta na **figura 11**.

Fig.11.
Bairro universitário
de Alcalá de Henares:
Reconstituição do núcleo
central, em 1518
(proposta do autor)



espanhola, tão marcada por este tipo de composição, precisamente a partir de meados do século XVI. O próprio Quintanilla parece aperceber-se da novidade do esquema ao referir-se à “*fachada del Mercado que está a mediodia [sic] con otra hilera de casas, de la misma traza de las primeras, hasta Santa María, galanteada de otras cuatro torres, obra en aquellos tiempos de mucho lustre, aunque en éstos tiene algo de novedad y no parece tanto*”. Pedro QUINTANILLA Y MENDOZA, *Archetypo de virtudes...*, 1653, p.178-179, citado por Miguel Àngel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.43.

²⁶⁰ *Ibidem*, p.54-57. Falaremos do teatro académico, também designado de «paraninfo» no capítulo 2.10 dedicado à tipologia arquitectónica do *Colegio Mayor de San Ildefonso*.

A marcação destas novas frentes urbanas, regularizadas, uniformizadas, e arquitectonicamente compostas comporta, a nosso ver, uma explicação natural, do ponto de vista do seu significado urbano. No caso do quarteirão do *Colégio Mayor de San Ildefonso*, estamos em presença da “ilha” central de todo o bairro universitário, onde se localiza o edifício também central de todo o esquema académico pensado pelo cardeal Cisneros. Relativamente ao conjunto dos quatro pequenos quarteirões fronteiro à fachada do *colegio Mayor*, a sua inclusão nesta espécie de “núcleo” do bairro universitário justificar-se-ia por servir de residência aos principais mestres e professores da universidade²⁶¹ e por constituir (como vimos) zona de estabelecimento preferencial dos livreiros que abasteciam a universidade (para além de que acolhia ainda o referido *colegio de Santa Balbina*, de estudantes pobres). O bairro universitário, como temos vindo a chamar-lhe,²⁶² estaria assim hierarquizado, ou “zonificado” (termo usado por Consuelo Gómez López²⁶³), destacando-se no seu interior um núcleo central (uma espécie de “reserva moral”) da sapiência irradiada pelo *Colegio Mayor*, pelos seus professores e mestres, pelas publicações que o mesmo colégio produzia e consumia. Uma verdadeira “cidadela do saber”, cabeça do bairro universitário, identificável pelo seu contorno contínuo e uniforme, marcada por uma série de casas-torre nos seus ângulos e num ou outro ponto mais significativo.

Importa ainda notar que a frente de maior impacto, na delimitação arquitectónica desta “cidadela”, se confundia com a fachada do próprio bairro universitário, entendido como toda a área urbana a nascente da *plaza del Mercado*. Resultaria do extenso alçado tratado e regularizado que o citado núcleo central universitário apresentava face a essa mesma *plaza del Mercado* e, logo, face à própria vila de Alcalá, tal qual podemos visualizar na

²⁶¹ Para além do professor mais famoso da universidade, Antonio de Nebrija, viveram neste sector vários docentes da universidade, como os mestres Gonçalo Gil, Miguel Pardo, Pedro de Salamanca, Antonio de la Fuente ou Pedro Ciruelo, ou ainda os doutores Hernando de Balbas ou Miguel Carrasco, entre outros. Veja-se Antonio de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.180, p.182 e p.202-205.

²⁶² Outros autores recentes, que temos vindo a citar, empregaram a expressão “cidade universitária”, inserta na própria vila de Alcalá. Preferimos o termo “bairro”.

²⁶³ Veja-se as páginas que esta autora dedica a esta questão, destacando precisamente a instalação dos livreiros e dos mestres e professores em áreas preferenciais do bairro universitário. Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.44-49.

mencionada imagem de Anton van der Wyngaerde (**fig.9**) – uma ampla frente de unidade, de ordem e de clareza de espírito, face ao tumulto da paisagem urbana pós-medieval; uma alegoria à já de si alegórica “Cidade de Deus” de Santo Agostinho, como propôs Ramón González Navarro.²⁶⁴

Dentro do bairro académico, mas fora deste centro, ficariam, aparentemente, os colégios de gramáticos e o convento de São Francisco, tal como ficariam de fora os colégios das ordens religiosas implantados, depois de 1518, preferencialmente sobre a antiga *calle de Tenerias* (que em conformidade se passaria a chamar *calle de Colégios*), ou ainda os colégios seculares instalados, mais tarde, um pouco por todo o bairro universitário, talvez com maior pendor sobre a mais civil *calle de Libreros / calle Mayor*.

h) Desenvolvimentos posteriores ao falecimento de Cisneros

Francisco Jimenez de Cisneros, arcebispo de Toledo, faleceu em Roa, povoação do norte de Castela, a 8 de Novembro de 1517, quando se deslocava ao encontro do Imperador Carlos V, para o receber como novo monarca de Espanha.²⁶⁵ Apenas três semanas antes havia redigido umas constituições revistas e melhoradas (já mencionadas) para os colégios de estudantes pobres.²⁶⁶ Também o texto das constituições originais do *colegio Mayor de San Ildefonso* (22 de Janeiro de 1510) terá sido anotado e pontualmente alterado durante a fase final da vida do cardeal, pelo que o colégio mandou preparar novos documentos orientadores, em 1519-1520.²⁶⁷ Assim, e com a morte do prelado, seria o próprio *colegio Mayor* a tomar em mãos a continuidade do projecto universitário cisneriano, consagrando os estatutos e dispondo dos rendimentos que lhe haviam sido atribuídos.

O edifício colegial de *San Ildefonso* (que não é o que chegou até hoje) encontrava-se levantado na sua estrutura mais elementar. Compunha-se

²⁶⁴ “La ciudad universitaria de Alcalá expresa su contenido universal en franco paralelismo con algunos aspectos de la idea que San Agustín expone en su Ciudad de Dios”. Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.248.

²⁶⁵ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.26.

²⁶⁶ Mais precisamente a 17 de Outubro de 1517. Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.38.

²⁶⁷ “...tanto este ejemplar [AHNM, Universidades, lib.1089-F] como el 674-F, nacidos de una misma mano, realizados entre 1519-1520, fueron la copia definitiva y clarificada del original primitivo”. *Ibidem*, p.44.

(como já referimos) de um quadrângulo principal de dois pisos de altura, dotado de pátio aberto no seu interior. Havia sido construído em materiais baratos, adobe, madeira e tijolo, de forma a garantir uma construção rápida e eficaz.²⁶⁸ Alvar Gómez de Castro, vendo Cisneros perante Fernando II, o católico,²⁶⁹ e diante do novo *colegio Mayor*, colocou-lhe na boca as seguintes palavras:

*“Soy viejo y he procurado acelerar la obra antes que me sobrecoja la muerte. Creo poder asegurar que estas paredes de tierra algún día serán de mármol”.*²⁷⁰

Com efeito, em 1537, iniciava-se a construção da nova (e actual) fachada monumental – em pedra – do *colegio Mayor de Santo Ildefonso*, obra a cargo de Rodrigo Gil de Hontañón, mas sob provável desenho de Luís de Vega (como propõe Fernando Marías²⁷¹), que se prolongaria até 1553.²⁷² Já quanto ao prosseguimento da instauração de novos colégios para pobres, a que o cardeal por várias vezes se referira, terá sido o colégio-universidade menos diligente. Poucos mais seriam criados, casos do *colegio Trilingüe* (ou de *San Jerónimo*), que funcionou a partir de 1528, do efêmero colégio de gramáticos de *San Leandro*,²⁷³ estabelecido em 1538,²⁷⁴ ou ainda dos colégios de físicos e metafísicos de *San Ambrosio* e de *San Dionísio* (que funcionavam em 1564²⁷⁵). Mais profícua, a médio prazo, foi a instalação de institutos das ordens religiosas à sombra do colégio-universidade, que se foi fazendo, a partir de 1518, sob o minucioso controlo deste último.²⁷⁶ A antiga *calle de las Tenerías* –

²⁶⁸ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.65.

²⁶⁹ Fernando II, o católico, terá visitado o *colegio Mayor de San Ildefonso* na companhia do cardeal Cisneros em Abril ou Setembro de 1510. Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.73.

²⁷⁰ Alvar GÓMEZ DE CASTRO, *De rebus gestis...*, 1569, tomo I, p.508 citado por **Vicente DE LA FUENTE**, *Historia de las Universidades, Colegios y demás establecimientos de enseñanza en España*, Madrid, Fuentenebro, Tomo II, 1885, p.74.

²⁷¹ Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomía...”, 1980.

²⁷² Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.68-70.

²⁷³ Colégio que em 1553 se situava a sul da *calle de las Tenerías* como se infere de uma passagem documental citada por Carmen Román Pastor. Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.215-216.

²⁷⁴ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.223-224.

²⁷⁵ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.149, nota 119.

²⁷⁶ Recordemos, a este propósito, nova doação de Cisneros ao *colegio Mayor*, realizada no ano anterior (10 de Julho de 1517), de um conjunto de casas e censos situados na área universitária. Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía...*, 1998, p.259.

que passaria a designar-se, com propriedade, *calle de los Colegios*²⁷⁷ – transformar-se-ia no enquadramento urbano preferencial destas fundações. É provável que a abertura do projecto universitário alcalaíno às ordens religiosas tenha constituído um desenvolvimento previsto ainda em vida de Cisneros. Não obstante, e excepção feita ao caso dos mercedários calçados, não parece que o colégio de *San Ildefonso* tenha estado particularmente activo na sensibilização junto das ordens religiosas, de modo a que estas se instalassem em Alcalá.²⁷⁸

A primeira ordem religiosa que se implantou no bairro universitário (para além dos franciscanos, que antecederam a própria academia) foi precisamente a dos mercedários, a convite do *colegio Mayor* (feito em 1518) no pressuposto de que o superior do novo colégio-convento assumisse o cargo de “juiz apostólico conservador” da universidade.²⁷⁹ Para que se instalassem, cedeu o *colegio Mayor* um conjunto de casas novas²⁸⁰ sobre a *calle de las Tenerias*, justamente defronte do edifício do convento feminino de *Santa Librada*. Fez-se a igreja colegial, modesta, reconvertendo e reorganizando os imóveis existentes de tal modo que funcionava já em 1520, ano em que entraram os primeiros colegiais.²⁸¹

O acolhimento não foi, aparentemente, tão atencioso para os agostinhos calçados, que apesar de terem fundado colégio, “no papel”, também em 1518, apenas conseguiram um terreno efectivo em 1533.²⁸² Já os monges

²⁷⁷ “La puerta de las Tenerias es la llamada posteriormente de Aguadores, al final de la calle, dicha en el XVII de los Colegios”. Antonio de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.182.

²⁷⁸ Diz-nos Carmen Román Pastor que “después de la muerte del Cardenal Cisneros, el colegio Mayor de San Ildefonso pidió a algunos institutos religiosos que fundaran en la Universidad, dándoles toda clase de facilidades para ello” (Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.165) Se esta afirmação é verdadeira para o caso dos mercedários (no sentido em que foi o *colegio Mayor* a contactar os frades) julgamos que não é evidente para o caso do estabelecimento em Alcalá de outras ordens religiosas.

²⁷⁹ *Ibidem*, p.165.

²⁸⁰ “Estas casas (...) eran nuevas; formaron parte de la política inmobiliaria y constructiva que tuvo el Cardenal Cisneros al fundar su ciudad universitaria, de adquirir solares y casas y construirlas de nuevo, con el fin de que el Mayor las alquilara o vendiera para tener saneadas rentas perpetuas”, Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.166.

²⁸¹ *Ibidem*, p.166-167. Tratava-se do *colegio de Nuestra Señora de la Concepción*. Um edifício de nova construção (projecto de Juan Andrea Rodi e hoje desaparecido) seria levantado entre 1596 e cerca de 1607. *Ibidem*, p.169-177 e p.255-256.

²⁸² Em 1538 estava o colégio em construção. Do edifício colegial subsiste apenas a igreja, perpendicular à frente sul da *calle de Colégios* (antiga *calle de las Tenerias*). *Ibidem*, p.195-208.

cistercienses, por sua vez, conseguiram do *colegio Mayor* (em 1525) a cedência do convento de *Santa Librada* (a metade sul do lote) cuja comunidade feminina havia sido transferida para outra zona da vila em 1516, como referimos.²⁸³

“El colegio de San Ildefonso les cedió esta propiedad con una serie de condiciones que tenían que cumplir. En primer lugar, se comprometieron los frailes a pagar 11.000 mrs. al año, perpetuamente, obligándoles a poner el escudo de Cisneros junto al de su Orden, en las puertas principales de sus edificios”

*Así mismo, se comprometieron a contribuir al ‘ornato’ del recinto universitario teniendo que reparar y edificar el colegio hasta treinta y cinco cámaras,...”*²⁸⁴

Pensa-se que a igreja conventual não terá sido demolida e que acabaria por ser aproveitada na fábrica do *colegio de San Bernardo*.²⁸⁵ Das 35 câmaras mencionadas, apenas 10 se deviam destinar a estudantes da ordem religiosa, sendo que as restantes 25 se reservavam para estudantes seculares da universidade.

Mencionemos ainda o estabelecimento dos trinitários calçados, no sentido em que foi a própria ordem religiosa a solicitar um terreno para construir um colégio, em Junho de 1525, junto das autoridades do *colegio Mayor*.²⁸⁶ Foram-lhes concedidas umas casas e pátio situados na frente norte da *calle de Tenerias*, para nascente do antigo convento de *Santa Librada*. Aí tiveram instalados até terem recursos suficientes para construir um novo edifício, na terceira década do século XVII.²⁸⁷ Não avançaremos mais nesta breve elencagem de fundações, que nos serviu apenas para dar ideia dos desenvolvimentos imediatamente posteriores (veja-se, mais à frente, a **fig.14**) ao ordenamento original cisneriano.

²⁸³ Juan MESEGUER FERNÁNDEZ, *El Cardenal Cisneros...*, 1982, p.80. Cabe talvez perguntar porque este edifício não foi logo cedido aos mercediários, em primeiro lugar, pois já se encontrava desocupado em 1518, quando estes se instalaram em Alcalá.

²⁸⁴ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.178.

²⁸⁵ *Ibidem*, p.178-182.

²⁸⁶ *Ibidem*, p.189.

²⁸⁷ *Ibidem*, p.189-192.

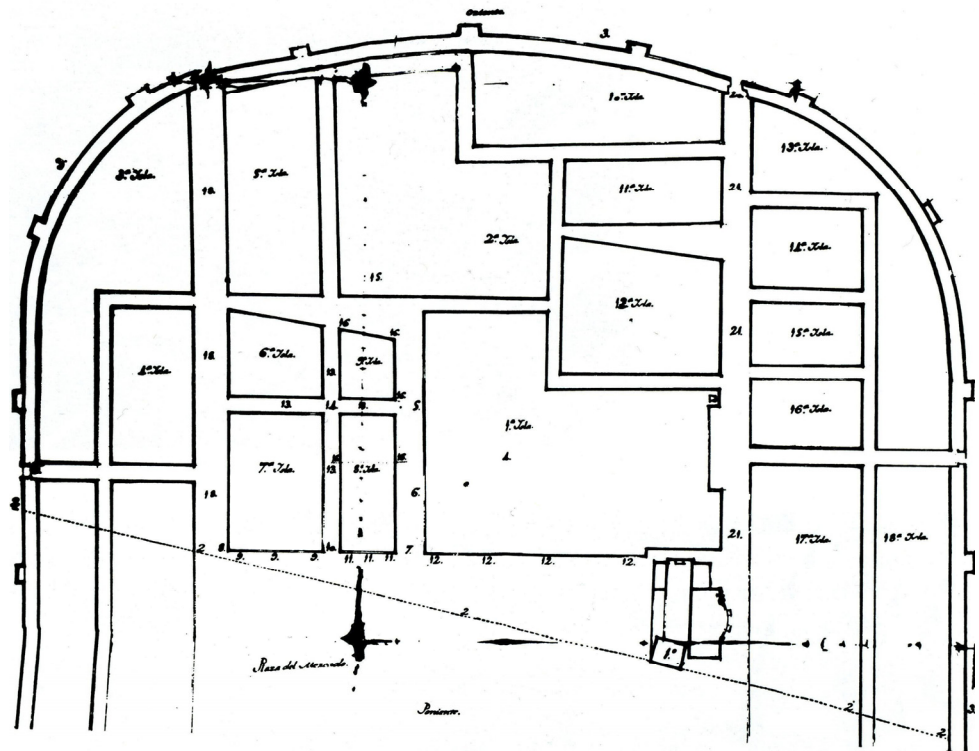


Fig.12. Planta do bairro acadêmico de Alcalá de Henares em 1564
(cópia do século XVIII - AHNM)

i) As plantas de Alcalá de 1564/1768 e de 1836: uma interpretação crítica

Será talvez o momento de ensaiarmos uma revisão possível do conjunto das primeiras implantações do bairro universitário alcalaíno. Façamo-lo a partir da planta Setecentista (1768), publicada por Miguel Ángel Castillo Oreja (**fig.12**),²⁸⁸ cópia de um outro plano realizado a par do relatório de Juan de Ovando, visitador da universidade em 1564. Para além do desenho de Pedro de Gumiel, já apresentado, é esta a planta mais antiga do bairro universitário de Alcalá, peça de tanto mais valor quanto apresenta uma visão global deste mesmo sector urbano. É também afortunada a correspondência do tempo a que se refere a reconstituição planimétrica, com o da imagem de Alcalá de Henares de Van der Wyngaerde, produzida, como se disse, em 1565.

²⁸⁸ Plano (...) “conforme con el que de orden del Sr. Ldo. Don Juan Ovando, Visitador y Reformador, que fue desta Universidad en el año 1564, se hizo y arregló al estado y planta que entonces tenía la parte de los colegios y Universidad”, AHNM, Consejos, MPD 1429, publicado por Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Ciudad, funciones y símbolos...*, 1982, p.73 e p.133, nota 70. Veja-se também Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.82 e seguintes.

Destaquemos, sobretudo, dois conceitos estruturadores. O primeiro é a linha virtual que delimita o bairro universitário relativamente à restante vila de Alcalá – a *“línea recta que divide la pertenencia del Colegio y Univd. del resto de la dcha ciudad de Alcalá”*.²⁸⁹ Trata-se de uma translação do limite “físico” de frente poente de casas e torres-açoteias da *plaza del Mercado*, visível na gravura de Van der Wyngaerde, para um outro alinhamento, diagonal em planta, que permitia incorporar a igreja de *Santa Maria la Mayor* no bairro universitário.²⁹⁰

A segunda noção relevante é a das “ilhas”, ou *“manzanas”*, ou *“barrios”* – em português, os quarteirões – em que se subdividia o bairro universitário, na medida em que foi este ordenamento que passou a vigorar nos levantamentos subsequentes à referida visitação e reforma. Veja-se, desde logo, a listagem de um memorial de 1571, resumida e publicada por Consuelo Gómez López,²⁹¹ que estabelece uma correspondência completa entre as ilhas do plano e os edifícios e programas que cada quarteirão, á época, albergava. A ilha primeira era a do *Colegio Mayor de San Ildefonso* e incluía:

“Patio principal de San Ildefonso, Colegio de San Pedro y San Pablo, aulas, refectorio, oficinas, patio de lenguas, capilla de San Ildefonso. Patio de los camaristas, un aposento para las audiencias del conservador, una caballeriza, ocho aposentos para estudiantes pobres, patio del teatro, doce aposentos, cámaras, recámaras y cuatro entresuelos, casa de personal del Colegio, cárcel y Colegio Teólogo”.²⁹²

Já as ilhas 6^a até à 9^a correspondiam aos quatro pequenos quarteirões rasgados em 1514-1515 pelas *“cuatro calles”*. Albergavam *“casas de doctores de la Universidad”* (ilha 6^a), *“casas (una de ellas librería)”* (ilha 7^a), *“casas de maestros del Colegio, de un librero y de un encuadernador”* (ilha 8^a) e ainda o *Colegio Trilingue*, na ilha 9^a.²⁹³ Podemos constatar, em relação a esta última

²⁸⁹ Da legenda da figura (AHNM, *Consejos*, leg.466, exp. num. 5).

²⁹⁰ Veja-se, sobre as implicações do traçado desta linha, Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, **“La instrumentalización de los espacios urbanos en los siglos XVI y XVII: El Ejemplo de la Plaza del Mercado de Alcalá de Henares”**, *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie VII, t.5, Madrid, UNED, 1992, p.159-183, p.170

²⁹¹ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.84-85.

²⁹² *Ibidem*, p.84

²⁹³ *Ibidem*, p.84-85.

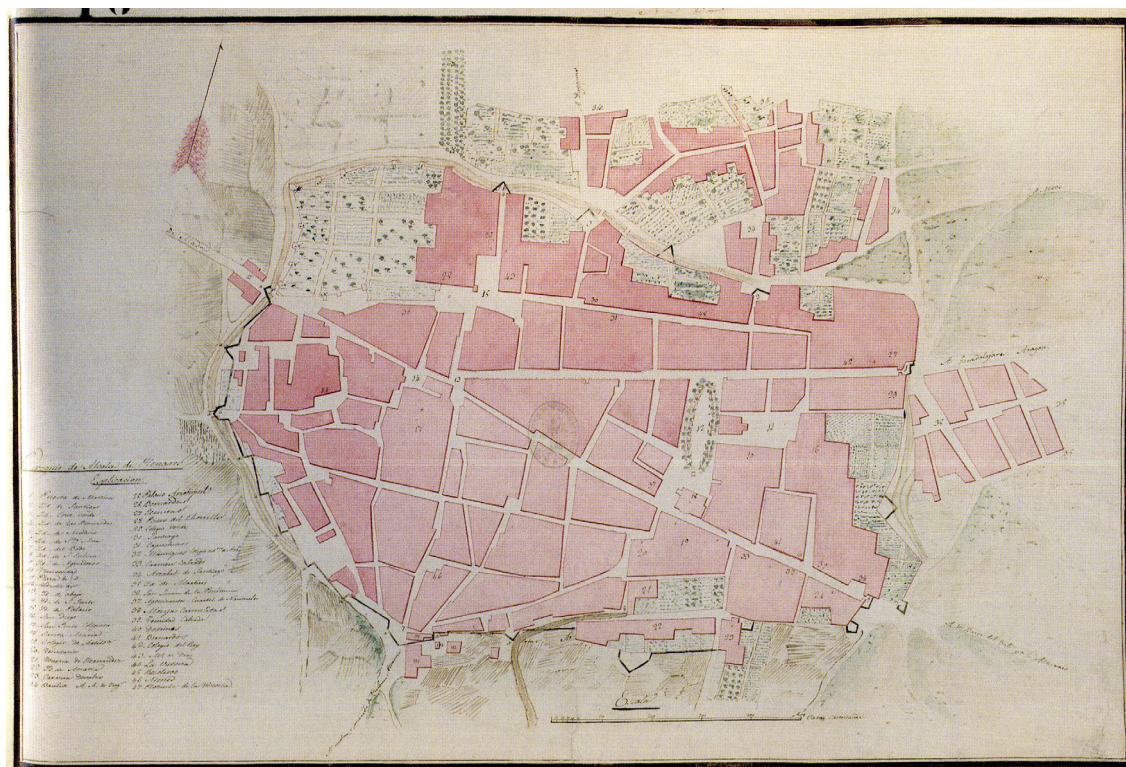


Fig.13. Planta de Alcalá de Henares em 1837.
Pedro Ortiz de Pinedo, copiado por Antonio Serra - AGMM

referência, como o *Colegio Trilingue* ocupava o lote que inicialmente atribuímos ao *colegio de Santa Balbina*. Este por sua vez encontra-se referenciado na ilha segunda, que continha o “*Monasterio de San Francisco, una cocina, cuatro casas, Colegios de San Dionísio, Lógicos,*²⁹⁴ *Santa Balbina y San Isidro*”.²⁹⁵

As referências com que nos cruzamos sobre os colégios de estudantes pobres e de gramáticos, em diversa bibliografia, são pouco claras no que se refere à sua localização específica, em particular no que diz respeito ao quarteirão do convento franciscano. Parágrafos atrás, citámos um documento de 1517 que situava o colégio de gramáticos de *San Isidoro* diante de “*tres patios de casas (...)* *que llegan desde la calle de Trás Santa Librada hasta la calle que [va?] a la puerta de las Tenerías, junto con las casas que estan a par de la cerca*”.²⁹⁶

Daqui resulta, a nosso ver, que o colégio de *San Isidoro* se implantava, de

²⁹⁴ Trata-se provavelmente, a nosso ver, do *colegio de Santa Catalina*, que em 1564 se destinava 24 estudantes lógicos Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.149, nota 119) e que terá sido transferido da sua localização original no quarteirão do antigo convento de Santa Librada – *vide supra* nota 233.

²⁹⁵ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.84

²⁹⁶ José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.218.

facto, na ilha segunda (**fig.14**, nº5), aparentemente no sector sudeste da mesma, fazendo frente para a rua que passava por detrás (a norte) de *Santa Librada* (convento que ocupou, até 1516-1525, o espaço correspondente à 12ª ilha). O mesmo documento informa que as casas fronteiras a *San Isidoro* (em princípio, na ilha 11ª) se prolongavam, pelas traseiras, até à *calle de las Tenerias*, e que eram vizinhas das que se encostavam à cerca, aparentemente junto à *puerta de las Tenerías* – o que leva a crer que as ilhas 10ª e 11ª não se encontravam separadas no tempo de vida de Cisneros (**fig.7**).²⁹⁷

Esta última informação é relevante pois permite ampliar o campo de uma outra referência topográfica relativa à implantação do *colegio de San Isidoro*: - a da “*calle tras la yglesia de San Francisco*”, que genericamente seria a mesma que a “*calle de las espaldas de la huerta de San Francisco*”,²⁹⁸ que contornaria toda a ilha 2ª pelo nascente, ligando-se depois à *calle de las Tenerías* por entre as ilhas 11ª e 12ª, em arruamento que mais tarde se conheceria (sugestivamente) por “*calle del colegio de los gramaticos de San Ysidoro*” ou simplesmente por *calle de Gramáticos*.²⁹⁹ Julgamos, pois, que tanto o colégio de gramáticos de *San Isidoro*, como o mais tardio colégio de estudantes pobres “metafísicos” de *San Dionísio* (mencionado por Carmen Román Pastor, aproximadamente, nesta mesma localização³⁰⁰) se terão situado na referida frente sudeste do quarteirão de São Francisco, como possivelmente outros colégios, caso do de *Santa Balbina*, este numa segunda fase da sua existência. A análise da planta de Alcalá de Henares (**fig.13**) de 1836 (ano da incorporação das ordens religiosas em Espanha) corrobora, a nosso ver esta hipótese, afastando interpretações demasiado literais de alguns documentos que propõem uma localização exactamente por detrás da igreja de São Francisco – em terrenos

²⁹⁷ Pelo que nos é dado ver, parece ter sido prática abrirem-se ruas em torno das novas fundações de colégios religiosos, fazendo corresponder (tendencialmente) cada colégio a um quarteirão do bairro universitário, fenómeno que foi particularmente visível na frente sul da *calle de Tenerías / calle de Colegios*.

²⁹⁸ Veja-se Antonio de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.182 e Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “El Colegio Trilingüe...”, 1992, p.235.

²⁹⁹ Veja-se Antonio de la TORRE, “La casa de Nebrija...”, 1945, p.183.

³⁰⁰ “En esta calle [“*calle detrás de la Trinidad calzada*”, que não era outra senão a antiga rua por detrás de Santa Librada] estaban los colégios menores de *San Isidoro de los gramáticos* e de *San Dionísio*”. Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.191.

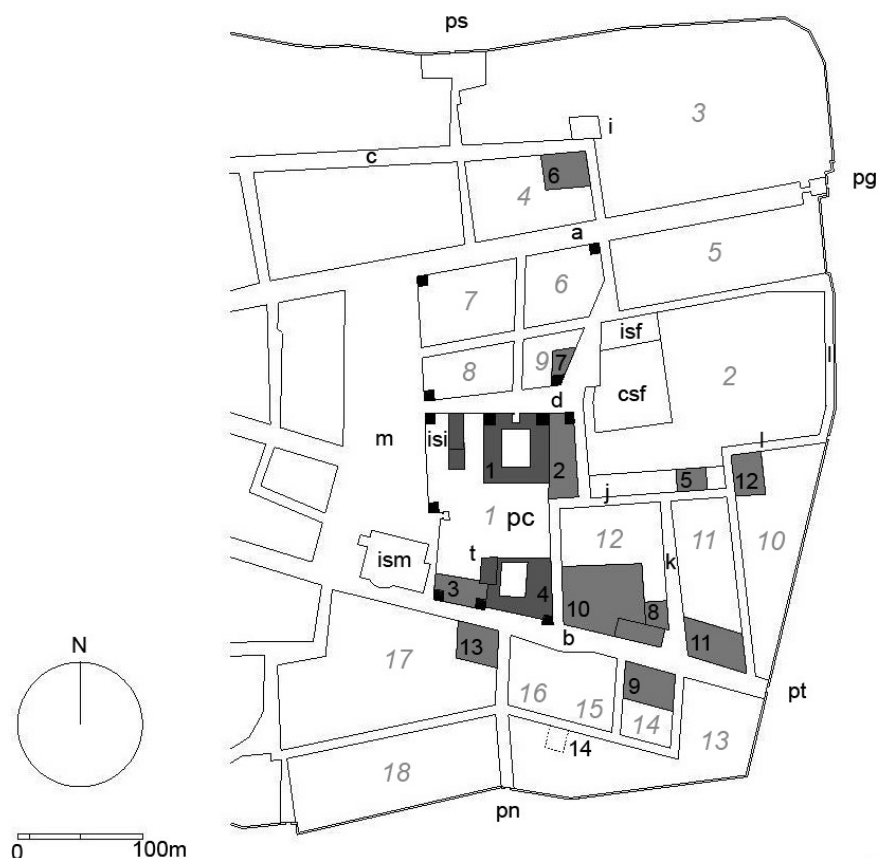


Fig.14.
Bairro universitário
de Alcalá de Henares.
Reconstituição hipotética em 1537.

- a. *calle Mayor / calle de Libreros*
- b. *calle de Colegios* (antiga *calle de las Tenerías*)
- c. *calle de Santiago*
- d. *calle del Colegio*
- i. *imprensa da Universidade*
- j. *"calle de Trás Santa Librada"*
- k. *calle de Gramaticos*
- l. *"calle de las espaldas de la huerta de San Francisco"*
- m. *plaza del Mercado*
- t. *teatro académico*
- pc. *patio de Continuos*
- ps. *puerta de Santiago*
- pg. *puerta de Guadalajara*
- pt. *puerta de las Tenerías*
- pn. *Puerta de las Tenerías Nuevas*
- csf. *convento de São Francisco*
- isf. *igreja de São Francisco*
- isi. *igreja de San Ildefonso*
- ism. *Igreja de Santa María la Mayor*
- 1. *colegio Mayor de San Ildefonso – quadrângulo principal*
- 2. *colegio de San Pedro y San Pablo*
- 3. *colegio de la Madre de Dios*
- 4. *colegio Nuevo*
- 5. *colegio de San Isidoro* (localização provável)
- 6. *colegio de San Eugenio*
- 7. *colegio de Santa Balbina*
- 8. *colegio de Santa Catalina* (localização hipotética)
- 9. *casas do colegio de N.S. de la Concepción (mercediários)*
- 10. *colegio de San Bernardo* (antigo convento de Santa Librada)
- 11. *patio de la cruz - casas do colegio de la Santísima Trinidad.*
- 12. *colegio Trilingue – implantação original* (localização hipotética)
- 13. *casas do colegio de San Agustín*
- 14. *colegio de San Leandro* (localização provável, a partir de 1538)

A cinza claro estão indicados os
números das ilhas,
de acordo com o relatório de 1564.

da horta conventual, que a planta mostra não estarem ainda urbanizados, ou sequer pontualmente ocupados, em meados de Oitocentos.³⁰¹

Do mesmo modo, parece-nos que alguns destes colégios de estudantes pobres (construções que se aproximavam dos “*patios de vecindad*” alcalaínos, como vimos) constituíam algumas das “casas arruinadas” que foram integradas na propriedade do *colegio de la Santísima Trinidad*, quando este conseguiu ampliar o seu terreno, passado mais de um século, em 1661.³⁰² Recordemos que os trinitários se haviam instalado em 1525, a nascente do antigo convento de *Santa Librada*, ou seja na ilha 11^a.³⁰³ A operação seiscentista voltou a juntar esta última ilha com a ilha 10^a, a nascente, por meio da supressão de duas ruas públicas – a “*calle de la doctrina cristiana*” (perpendicular à *calle de las Tenerias* ou *calle de Colégios*) e o *callejón de la Virgindad*.³⁰⁴

Falemos, finalmente, de um outro colégio estabelecido pelo *colegio Mayor*, o *colegio Trilingue* ou de *San Jerónimo*, criado em 1528 com o intuito de nobilitar e de elevar o nível dos estudos das línguas clássicas, que já eram ministrados nos colégios de gramáticos.³⁰⁵ Segundo González Navarro, em 1530-31, “*en la calle detrás de la Iglesia de San Francisco el patio cabero de la outra acera de la dicha calle es el colegio de San Jeronimo*”,³⁰⁶ o que colocará o colégio primitivo, a nosso ver, no topo norte da ilha 10^a (**fig.14**) – ou, com menos probabilidade, na frente sul da ilha 5^a. De qualquer modo, em 1564, o colégio fora já transferido para a casa de esquina dotada com torre-açoteia, fronteira à fachada principal do colégio-universidade, na 9^a ilha, onde esteve o primitivo *colegio de Santa Balbina*.

³⁰¹ Ainda que a planta de 1836 mostre uma situação três séculos posterior aos desenvolvimentos que temos vindo a estudar, não parece crível que não existisse nem um vestígio construído, na horta conventual, de uma operação construtiva tão concertada como foi certamente o caso da construção dos colégios pobres ordenada por Cisneros.

³⁰² Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.193-195.

³⁰³ A nosso ver, é muito provável que a própria ilha, como unidade independente, tenha sido definida com a primeira instalação dos trinitários.

³⁰⁴ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.194 e p.262 (fig.37).

³⁰⁵ Previu-se albergue para 30 bolseiros, doze que estudavam latinidade e retórica, outros doze estudando grego, e seis estudando hebreu. Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “El Colegio Trilingüe...”, 1992, p.240.

³⁰⁶ *Ibidem*, p.240.

Esta ilha 9ª, bem como a parte nascente da ilha 8ª, foram demolidas a partir de 1601-1602³⁰⁷ de modo a abrir-se a actual praça diante do *Colegio Mayor de San Ildefonso*, permitindo o merecido desafogo e respiro à monumental fachada renascentista que Cisneros não planeou nem viveu para ver (veja-se novamente a **fig.13**). Perdeu-se nessa ocasião – à custa de uma outra lógica de afirmação arquitectónica do colégio-universidade – a integralidade e coerência intrínseca do projecto original cisneriano (que julgamos ter revelado) no quadro urbano do bairro universitário de Alcalá.

³⁰⁷ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Ciudad, funciones y símbolos...*, 1982, p.106-107. Com anterioridade, o colegio Trilingüe havia passado para o pátio remodelado (1564-1570) da zona posterior do *colegio Mayor de San Ildefonso*, junto do teatro académico. *Idem*, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.77-78.

2. Colégios e Sedes do Estudo

2.1. Tipos arquitectónicos: colégios e sedes do estudo

Até ao final da Idade Moderna foram dois os tipos de edifícios normalmente associados às universidades europeias, os de habitação – **os colégios** – e outros que procuravam responder às necessidades funcionais do ensino – **as sedes do estudo**.

Rashdall apontou o século XV como “a era dos edifícios universitários”, referindo-se sobretudo às novas sedes das escolas construídas para o efeito, um pouco por toda a Europa nesse período.¹ Pevsner, num artigo inaugural dedicado à arquitectura universitária europeia, baseando-se no exemplo da Sorbonne (que antes de ser sede da Universidade de Paris começou por ser um colégio de fundação privada), pôde por outro lado intuir que “...a special university architecture starts not with teaching quarters but with living quarters”.² De acordo com Michael Kiene, que tratou em profundidade este tema (sobretudo nos âmbitos inglês, francês e italiano), as primeiras construções colegiais – levantadas integralmente de raiz – surgiram graças à generosidade privada, cerca de 1360-1380, nas universidades mais antigas, de Bolonha, Paris, Toulouse, Cambridge e Oxford.³ Para o mesmo autor, as novas sedes de estudo, enquanto edifícios dotados de determinada escala, terão surgido (na linha do proposto por Rashdall) a partir da primeira metade de Quatrocentos.⁴

¹ “It is curious to observe how universally the fifteenth century is the era of ‘university buildings’. About the year 1440 the universities all over Europe were endeavouring to provide themselves with buildings of their own. It is more than an accidental coincidence that this was about the period at which the universities began to lose their independence and to fall more and more under the control of their respective governments. In their poverty had been their strength”. **Hastings RASHDALL, *The Universities of Europe in the Middle Ages*** (1895, II, 2, p.463), Edição de **F.M. Powicke** e **A.B. Emden**, Oxford, Oxford University Press, 3 Vols, 1936, Vol.3, p.167, citado por Filipe Pereda, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenários de Felipe II y Carlos V, 2000, p.22.

² **Nikolaus PEVSNER, “Universities yesterday”, *Architectural Review*, n.122, 1957, p.234-239**

³ **Michael KIENE, “Piccole e grandi università a confronto: insediamenti universitari in Europa dal XVI al XVIII sec.”**, in **Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger (Eds), *Le Università minori in Europa (secoli XV-XIX)***, Catanzaro, Rubbettino Editore, 1998. p.289-300. Iremos citando outros textos deste autor, da extensa lista dedicada ao tema, à medida que se for revelando oportuno.

⁴ Pode ver-se ainda um outro resumo destes dados em **Aleksander GIEYSZTOR, “Gestão e recursos”, in *Walter Rugg, Hilde de Ridder Symoens (Coord.), Uma História da Universidade na Europa***, Lisboa, CRUP-FEAA-INCM, Vol.I, p.107-141 (sobretudo nas p.115-118 e 135-138).

Revisitaremos alguns destes edifícios universitários nas páginas seguintes para uma necessária visão geral, indispensável ao enquadramento da arquitectura universitária ibérica e à avaliação informada do seu contributo, em contexto mais alargado.

a) Colégios

O termo “*collegium*”, derivado da antiguidade, designava originalmente uma congregação de pessoas com a mesma profissão⁵ ou, já num contexto universitário, uma associação de mestres e/ou de estudantes.⁶ As comunidades de estudantes começaram por habitar casas e edifícios pré-existentes, como já fizemos referência ao tratar das origens do fenómeno universitário e da sua implantação urbana. Em Bolonha e Paris estas casas de estudantes designavam-se por “*hospicia*” (no singular “*hospicium*”)⁷ não se distinguindo, em termos arquitectónicos, das habitações correntes. Em Oxford tomaram o nome de “*hall*” (em latim, “*aula*”)⁸ e em Cambridge de “*hostel*” (em latim, “*hospitium*”).⁹ Tal como sucedia com os “*hospicia*” das cidades universitárias continentais, também em Oxford “*a hall must have been indistinguishable from a private house in its general layout*”, como observou W.A. Pantin.¹⁰

⁵ Michael KIENE, “Die Grundlagen der europäischen Universitätsbaukunst”, *Zeitschrift für Kunstgeschichte*, Munchen, n.46, 1983, p.63-114 (p.63), citando a *La Grande Encyclopédie. Inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts*, Paris, Vol. 11, s.d., p.950-951.

⁶ Hastings RASHDALL, *The Universities of Europe...*, Vol.I, 1936, p.5, citado por Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.63. Em Portugal, Bluteau, na sua definição de colégio de inícios do século XVIII, conserva ainda esta noção: “*Collegio. Lugar, em q se ensinao as humanidades, & as sciencias. Mas, os que vivem juntos no mesmo lugar, & que observão as mesmas leys, para instruir, & ensinar moços estudantes, são propriamente, o que os Latinos chamarão «Collegium»*”. Raphael BLUTEAU, *Diccionario Portuguez e Latino*, Coimbra, Colégio das Artes, Tomo II, 1712, p.375.

⁷ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977, p.78-79 e p.95

⁸ O termo *Hall* correspondia a uma dependência específica (uma sala) da arquitectura doméstica inglesa. Tomando-se a parte pelo todo, o mesmo termo acabaria por designar, em Oxford, as casas que albergavam estudantes. Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna e dell’Archiginnasio. Esame comparato dell’architettura universitaria bolognese con quella europea”, *Annali di storia delle università italiane*, Bologna, Clueb, 1997, p.97-107 (p.101).

⁹ Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.69.

¹⁰ W.A. PANTIN, “The halls and schools of medieval Oxford: an attempt at reconstruction”, *Callus Studies*, Oxford, Oxford Historical Society, 1964, citado por J.H. HARVEY, “Architecture in Oxford, 1350-1500”, J.I.Catto; Ralph Evans (eds.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. II, 1992, p.747-768 (p.752).

Os “*hospicia*” eram, pois, instituições cuja persistência no tempo não estava garantida, uma vez que estavam dependentes da constante renovação do acordo entre os proprietários dos imóveis (e seus herdeiros) e os arrendatários. Já os **colégios**, que em certo modo lhes sucederam, eram instituições criadas por um fundador, que os dotavam de estatutos e, sobretudo, de rendimentos próprios, o que garantia a sua sobrevivência em tempo longo – no Reino Unido, ainda hoje subsistem grande número de colégios de fundação medieval. No entanto, só em determinada fase a palavra “colégio” passaria a empregar-se para designar, especificamente, a construção ou o complexo edificado que albergava a comunidade, como sucedeu em 1324 nos primeiros estatutos do Oriel College de Oxford.¹¹ O fenómeno de substituição progressiva dos “*hospicia*” pelos colégios é evidente em Paris, Oxford e Cambridge. Em Oxford, foi em meados do século XVI que passou a haver mais *colleges* que *halls*,¹² ainda que em 1552 os oito *halls* subsistentes garantissem alojamento para um número considerável de estudantes – um quarto dos cerca de mil alunos da universidade.¹³

Aspecto central para o nascimento de uma arquitectura universitária foi que **os colégios passaram a ser proprietários da casa e do terreno onde estavam instalados**. O colégio mais antigo de Paris foi o *Collège des Diz-Huit*, fundado originalmente em 1180 em determinada área de um “*Hotel de Dieu*”, que servia de zona de dormir. Segundo Michael Kiene, em 1231 possuía já casa própria, embora se desconheça como era a organização interna do imóvel.¹⁴ Este autor refere ainda a primeira construção de raiz (de que se desconhecem os contornos) destinada a um colégio, o *collège des Bons Enfants de Saint Honoré*, fundado em 1208 na margem direita (!) do Sena, conformando, por

¹¹ Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p. 63; J.R.L. HIGHFIELD, “The Early Colleges”, T.H. Aston; J.I. Catto (eds.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. I, 1984, p.225-263 (p.228).

¹² A.B. COBBAN, “Colleges and Halls 1380-1500”, in J.I.Catto; Ralph Evans (eds.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. II, 1992, p.581-633 (p.630-631). Para termo de comparação, veja-se a lista de *colleges* e *halls* existentes em 1444, no mapa 2 do mesmo volume desta obra.

¹³ O censo de 1552 contabilizava 13 *colleges* para os mencionados 8 *halls*. Idem, obra citada, p.631.

¹⁴ Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen. Universitätsbaukunst zwischen Sakralisierung und Säkularisierung*, Münster, 1981, p.13-14 e Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.64-65.

estes dois motivos, um caso excepcional em Paris.¹⁵ De facto, quase todos os colégios subsequentes se instalariam no *quartier latin*, na margem esquerda, ocupando conjuntos de casas pré-existentes.

Em **Paris**, existiam já quase 20 colégios no final do século XIII.¹⁶ No século XIV fundaram-se mais 37, todos no *quartier latin*, e ainda mais 11 no século XV, totalizando cerca de 70 colégios por volta de 1500.¹⁷ Para Michael Kiene, apesar de todas estas fundações colegiais que se registaram até aos meados do século XVI, não se desenvolveu à beira Sena uma tipologia colegial própria.¹⁸ A arquitectura colegial parisiense (e excluindo à partida os “colégios” das ordens religiosas, que eram antes de tudo, e do ponto de vista arquitectónico, conventos) não logrou diferenciar-se da arquitectura urbana corrente por, na maior parte das vezes, partir da adaptação de casas pré-existentes.

Nos colégios parisienses pode verificar-se, contudo, um conjunto de mais-valias funcionais que vão sendo acrescentadas e afinadas, mas cuja disposição recíproca não é fixada.¹⁹ De realce é a possibilidade de ostentar uma capela própria, como foi o caso com o *collège de St. Thomas du Louvre*, situado na *rive droite*, também instalado num conjunto de várias casas, e que foi autorizado a ter uma capela por Inocêncio III, em 1210.²⁰ Esta, consagrada a São Nicolau, implicou a mudança da designação do colégio para *collège de St. Nicolas du Louvre*, pois continuou a existir a pequena igreja de São Tomás (que dera o nome originalmente à instituição) localizada do outro lado da rua.²¹ Em colégios posteriores de maior dimensão, a capela colegial – que nos colégios mais pequenos não era sequer “obrigatória” – ganharia as dimensões de igreja, elemento arquitectónico de destaque, quase sempre em posição

¹⁵ *Idem*, obras citadas, p.14-15 e p.65-66, respectivamente.

¹⁶ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, fig. 7.

¹⁷ *Ibidem*, p.96 e fig. 9.

¹⁸ Michael KIENE, *Die englischen und französischen...*, 1981 p.78; Veja-se também **Simone ROUX**, *La Rive Gauche des Escholiers*, Paris, Editions Christian, 1992, p. 48. É esta, também, a conclusão (embora um pouco mais matizada) do recentíssimo estudo de **Aurélie PERRAUT**, *L'architecture des collèges parisiens au Moyen Age*, Paris, Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2009, p.267-269.

¹⁹ Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.80.

²⁰ Segundo Kiene, a mais antiga capela documentada para um colégio na Europa – “*Diese ist mithin die früheste bezeugte kapelle eines europäischen Kollegiums*”. *Ibidem*, p.14.

²¹ *Ibidem*, p.14.

relativamente autónoma e com acesso directo a partir da rua, como foi o caso das capelas dos colégios de Sorbon (sagrada em 1347²²) e de Beauvais (levantada entre 1375 e 1380).²³ Excepção a esta última regra foi a capela do *collège de Navarre*, a maior de todos colégios seculares, construída a partir de 1309 e com cerca de 47 metros de comprimento, implantada, não obstante, no interior do quarteirão.²⁴

Podemos notar outras valências que virão a ser recorrentes – o refeitório, a biblioteca, salas para as disputas internas ou mesmo aulas externas. O **collège de Sorbon**, fundado em 1257 por Robert de Sorbon (1201-1274), capelão do Rei Luís IX (São Luís de França, 1214/15-1226-1270) para estudantes teólogos (já graduados em artes), começou também com uma organização em torno de casas de dois andares previamente adquiridas. Em 1258 existia um total de 23 quartos, pelo menos um para cada colegial.²⁵ Faseadamente, mas sem obedecer a uma organização formal evidente, são acrescentadas casas novas, um imóvel para a cozinha e outro para a “*grande salle*”, que servia simultaneamente para refeitório e para as disputas interna. Estaria construído já em 1267 (**figs.1,2**) com uma biblioteca sobreposta, a primeira biblioteca colegial da Europa.²⁶ Falámos já da capela (**fig.3**) iniciada na década de 1320 e terminada em 1347, com acesso autónomo a partir da *rue Coupe-Gueule*, hoje *rue de Sorbonne*, e implantada em posição perpendicular à via.²⁷ No final do

²² Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.46, citando Palemon Jean GLORIEUX, *Aux origines de la Sorbonne*, Vol. II («*Études de philosophie médiévale*», 54), Paris, 1965, p.28. Já a data de início da sua construção não é aparentemente consensual – depois de 1326 para Kiene e Glorieux, e 1322 para Aurélie PERRAUT, *L'architecture des collèges parisiens...*, 2009, p.239.

²³ Aurélie PERRAUT, *L'architecture des collèges parisiens...*, 2009, p.240. Sobre este último colégio, fundado em 1373, veja-se também Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.75-77 e Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.75-76.

²⁴ Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.48. Segundo este autor a capela estaria terminada apenas antes de 1373. Veja-se também Aurélie PERRAUT, *L'architecture des collèges parisiens...*, 2009, p.124-125, 158 e 239.

²⁵ Segundo Rückbrod, Robert de Sorbon havia fundado o seu colégio para um total de 16 estudantes, número que seria alargado pouco depois para 36. Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.44-45.

²⁶ Sobre a evolução arquitectónica do *Collège de Sorbon* é importante o confronto dos trabalhos de Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.44-49 e p.116-123, de Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.43-51 e novamente de Michael KIENE, “L'architettura del Collegio di Spagna e dell'Archiginnasio...”, 1997, de onde retirámos este último dado, relativo à biblioteca (p.100).

²⁷ A capela medieval foi destruída no final da década de 1620 para dar lugar à actual capela barroca, terminada em 1642, obra de Lemercier e mandada executar pelo Cardeal Richelieu.

século seguinte, cerca de 1480, terá sido construído um edifício autónomo para a livraria.²⁸

Na organização interna dos colégios parisienses, aspecto importante foi a cada vez mais frequente atribuição de quartos individuais a cada bolseiro. Quando isso não era possível, haveria pelo menos pequenos gabinetes de estudo anexos a quartos onde dormiam vários colegiais.²⁹ Também nos conventos e colégios monásticos parisienses (pertencentes às ordens religiosas ou, simplesmente, colégios “regulares”) se desenvolveu esta tendência, pois os grandes dormitórios passaram a estar subdivididos em células separadas por tabiques e acessíveis por um corredor central, permitindo o estudo individualizado.³⁰

Regressando ao *collège de Sorbon*, surgem documentadas em meados do século XV as *écoles extérieures*, situadas em casas do outro lado da *rue Coupe-Gueule*, justamente defronte do complexo colegial. As classes eram garantidas pelos professores de teologia do instituto. Neste sentido, a Universidade de Paris solicitou o apoio de alguns colégios mais importantes na tarefa do ensino (os “*grands collèges*”³¹ que se distinguiram dos “*petits collèges*”, simplesmente residenciais). Estes (os *grands collèges*) apoiavam a universidade, que por sua vez controlava os colégios.³² Como consequência, a universidade de Paris não teve necessidade de estabelecer, até ao século XVIII, edifícios para a instrução.

Outro *grand collège* importante era o ***collège de Navarre***, fundado em 1305 pela Rainha Joana de Navarra (mulher de Filipe o Belo) para nada menos que 70 bolseiros, graduados e não graduados.³³ A aposta no ensino próprio neste

²⁸ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.121.

²⁹ Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.58-59 e Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.66.

³⁰ Sobre os conventos e colégios monásticos de Paris veja-se novamente Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.17-42, e Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.71-74.

³¹ Também designados de “*collèges de plein exercice*”.

³² O colégio de Sorbon transformou-se, com o tempo, na sede da faculdade de teologia. Veja-se André TUILIER, *Histoire de la Université de Paris et de la Sorbonne*, Paris, G.-V. Labat Éditeur, 2 Tomos, 1994.

³³ Que deveriam estudar teologia (os graduados), gramática e artes (os não graduados) A.B. COBBAN, “Colleges and Halls...”, 1992, p.594.

Fig.1

Collège de Sorbon (f.1257)
Reconstituição de Rückbrod
(1977) a partir da vista de
Paris de Truchet e Hoyau, de
1530.

- a. casas pré-existentis na
rue Coupe Gueule
- b. aula, refeitório e biblioteca
(1259-1267)
- c. cozinha, oratório e quartos
(antes de 1271)
- d. casas do *college de Calvi*
(1271)
- e. capela (1322-1326) [?]
- f. novo edifício da biblioteca
(antes de 1480)

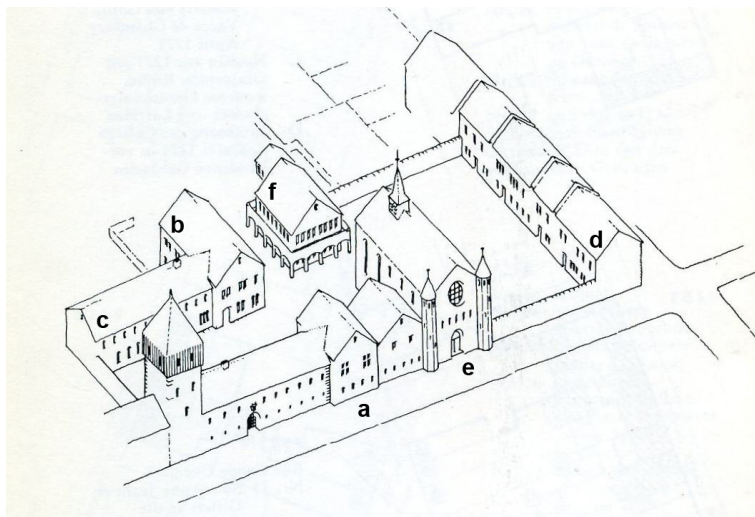


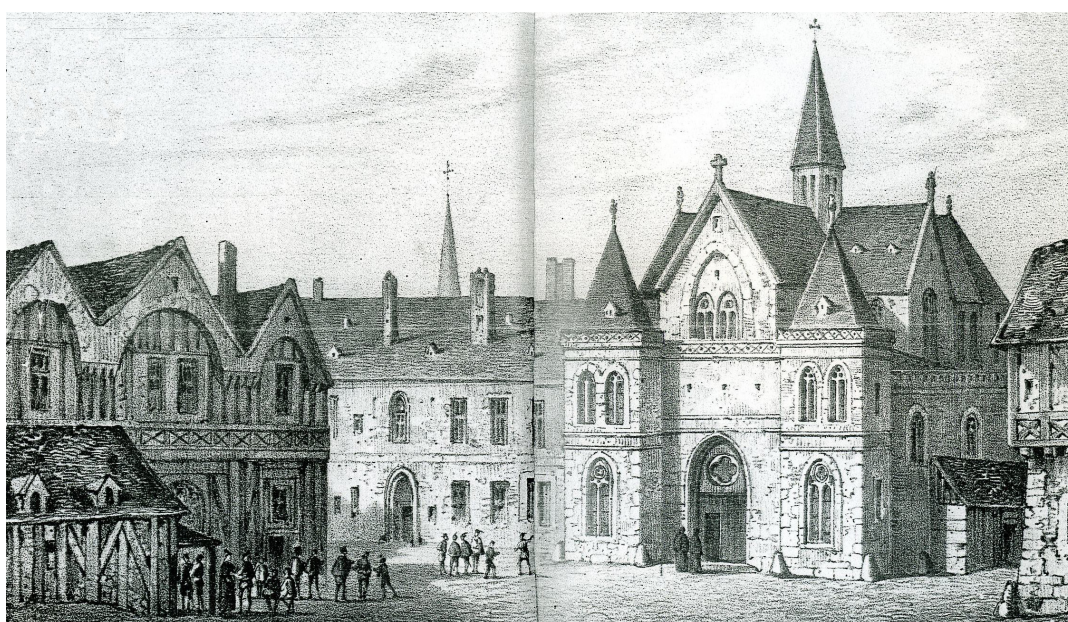
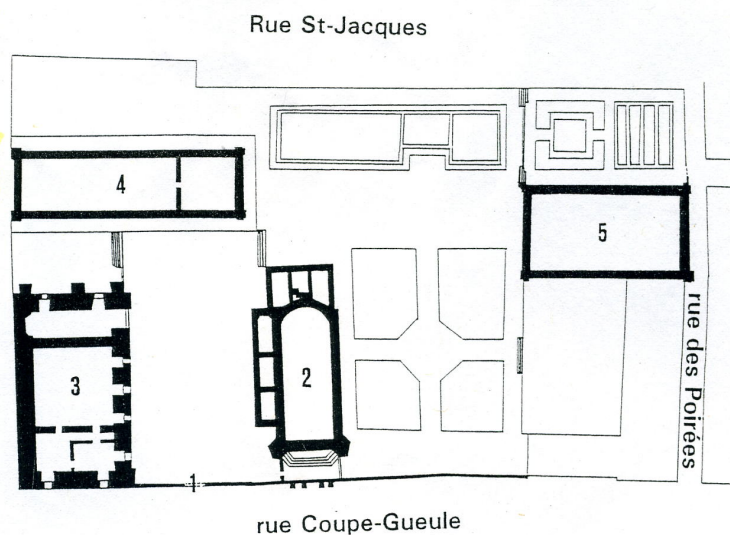
Fig.2

Collège de Sorbon (f.1257)
Reconstituição de Kiene
(1997) com base nas
escavações de 1897

- 1. ingresso
- 2. capela (1326-1347)
- 3. casas permutadas e
doadas pelo Rei Luís IX
(1255-1259)
- 4.cozinha, oratório e
dormitório (1271)
- 5. aula, refeitório e biblioteca
(1259-1267)

Fig.3

Collège de Sorbon, capela.
Gravura anterior à reforma
de Richelieu, do séc. XVII.
(fonte: Tuillier, 1994)



colégio verificou-se logo deste o primeiro momento,³⁴ tendo-se antecipado, neste aspecto, ao *collège de Sorbon*. As dependências colegiais desenvolveram-se por detrás de um conjunto de quatro casas geminadas com frente para a *rue de la Montagne de Ste. Geneviève* (no sudeste do *quartier latin*, **fig.4**), por onde se fazia o ingresso principal. Este estava marcado por um portal com as armas do casal real, elemento que se distinguia na frente de rua, por entre as fachadas de casas ordinárias dotadas de lojas no rés-de-chão, como se vê ainda no postal de Martinet, publicado em 1731 (**fig.5**).³⁵ Também neste caso, e pelo exterior, não se distinguia o edifício colegial face à arquitectura urbana corrente.

A já referida capela, de grandes dimensões (iniciada em 1309), estava implantada de modo autónomo no interior do quarteirão, tal como o volume da biblioteca, de finais do século XV.³⁶ De facto, e nos colégios maiores (vejam-se novamente os colégios de Sorbon e de Beauvais, já mencionados), a capela não se integrava volumetricamente no conjunto dos edifícios habitacionais. Como notou Michael Kiene, “*The chapel is not integrated in the living range, but confronted to it and separately (...) One cannot determine the development of the quadripartite closed yard plant in Paris*” – “*differently than in England or Italy the arrangement remains indefinite*”.³⁷ Neste sentido, pôde Michael Kiene concluir pela não existência de uma tipologia colegial parisiense. Facto que também se ficou a dever, em última análise, à dificuldade em estabelecer organizações formais comuns e recorrentes no âmbito de uma grande quantidade de casos e de situações diversas – recordemos os cerca de 70

³⁴ Aurélie PERRAUT, *L'architecture des collèges parisiens...*, 2009, p.38-39.

³⁵ M. PONCELIN, *Histoire de Paris et description de ses plus beaux Monuments*, Tomo III, Paris, 1781 (ilustrado por F.N. Martinet).

³⁶ A capela subdividia o interior do quarteirão em três pátios internos. A biblioteca ocupava completamente o primeiro andar de um outro volume longilíneo, implantado nos terrenos internos do colégio. No piso inferior estava a sala de aula. Sobre o *collège de Navarre* veja-se Michael KIENE, *Die englischen und französischen...*, 1981 p.68-72 e, sobretudo, Aurélie PERRAUT, *L'architecture des collèges parisiens...*, 2009, p.124-125, 144-146, 155 e 237-241.

³⁷ O caso único italiano a que o autor se refere é o *collegio di Spagna*, de Bolonha. Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, p.76 e 77. Tradução livre para inglês do texto original em alemão: “*Anders als in den im folgenden zu besprechenden gleichzeitigen englischen Kollegien wird die Kapelle nicht in den Wohnbereich integriert, sondern ihm gegenübergestellt und abgesondert (...)*”. “*Anders als in England oder Italien bleibt die Anordnung unbestimmt*”.

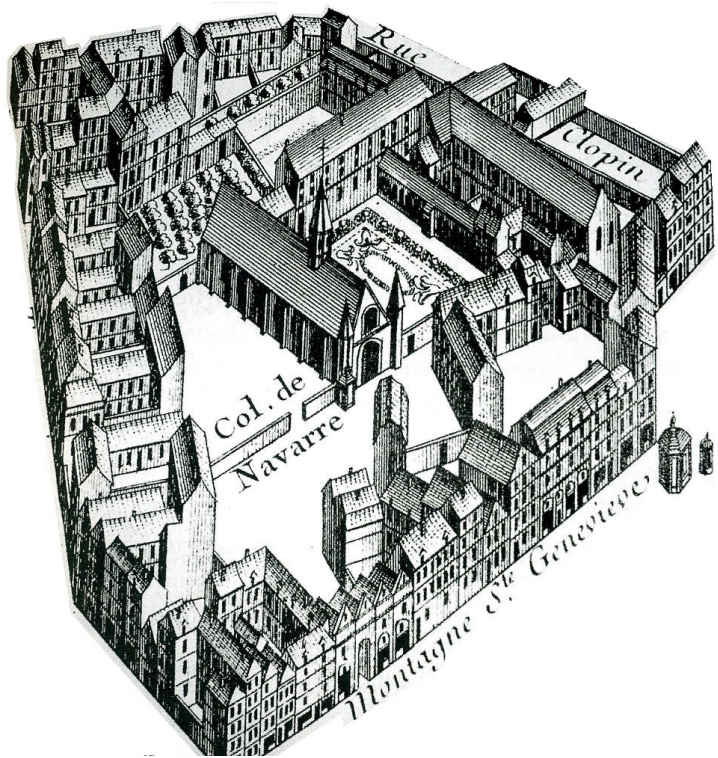
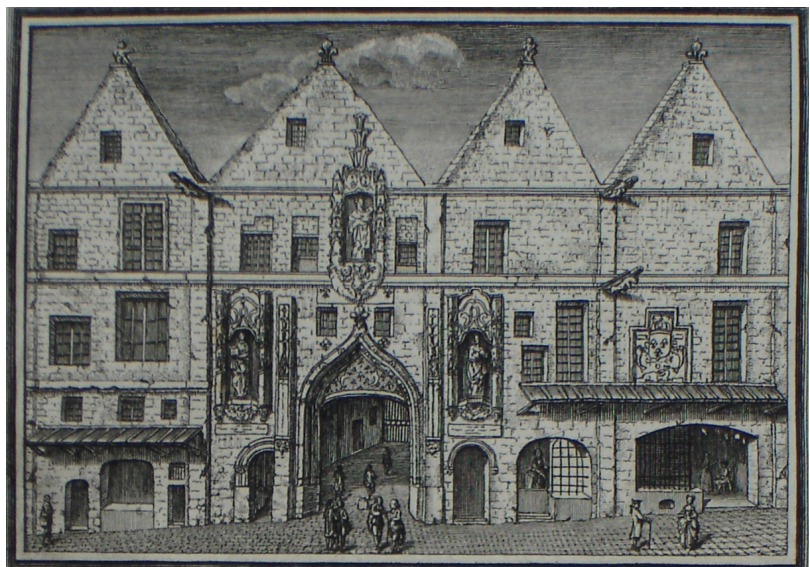


Fig.4
Collège de Navarre (f.1305)
 Vista de Paris de Turgot, 1739.

Fig. 5
Collège de Navarre (f.1305)
 Frente sobre a *rue Montagne*
Ste. Geneviève, gravura de Martinet
 (M. Poncelin, 1781)



colégios existentes, de dimensão muito variável, na viragem de Quatrocentos para Quinhentos.

Não obstante, o mesmo autor, a partir da noção de que *“non è però nello stile che va cercato un comune elemento di associazianza dei collegi, ma nella disposizione spaziale”*,³⁸ logrou identificar algumas linhas tipológicas de colégios europeus – os colégios de Oxford, de Cambridge, de Toulouse e escoceses – casos que pôde apresentar e desenvolver em diversos trabalhos, a partir do estudo original contido na sua tese de doutoramento, *Die englischen und französischen Kollegientypen. Universitätsbaukunst zwischen Sakralisierung und Säkularisierung*, de 1981, já por diversas vezes citado.³⁹ Kiene (como fizera antes Rückbrod⁴⁰) realça ainda a importância de alguns exemplares prototípicos, construídos de uma só vez, como sejam o *Collegio di Spagna* de Bolonha (fundado pelo Cardeal espanhol Egídio Albornoz, a primeira concepção *ex-novo* de uma tipologia universitária, concretizada entre 1365 e 1367), ou ainda o New College de Oxford (cuja construção se iniciou em 1379/80).⁴¹

Referimos já os *halls* e os *hostels*, casas urbanas pré-existentes que serviam de acolhimento aos estudantes na primeira fase da vida das universidades de Oxford e Cambridge, respectivamente. Nestas academias, desenvolveram-se, a partir de finais do século XIII, os *colleges*, um conjunto de novas fundações dotadas de rendimentos próprios (como tivemos ocasião de sublinhar) e que originalmente albergavam, sobretudo, colegiais já graduados. Tanto em Oxford como em Cambridge, os primeiros edifícios universitários relevantes foram, de facto, os colégios. A universidade propriamente dita não se tornou proprietária de edifícios lectivos centrais até mais tarde.

³⁸ Michael KIENE, “Piccole e grandi università...”, 1998, p.290.

³⁹ Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981. Referimo-nos, em particular, aos estudos Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983 e **Michael KIENE**, “L’università nelle città europee: l’architettura universitaria”, in Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger (Eds.), L’Università dell’Europa. Gli Uomini e i Luoghi. Secolo XII-XVIII, Milano, Silvana Editoriale, 1993, p.21-49, entre outros.

⁴⁰ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977.

⁴¹ Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna...”, 1997, p.101.

Não obstante, o *college* inglês não teve relevância como tema arquitectónico até meados do século XIV.⁴² Os primeiros colégios de **Oxford**, como o *University College* (que começou a funcionar em 1280⁴³) ou o *Balliol College* (fundado em 1284⁴⁴), foram originalmente instalados em casas urbanas correntes. A excepção a este quadro inicial modesto foi o **Merton College**, o maior e mais importante dos primeiros colégios de Oxford, fundado em 1262 por William de Merton, Chanceler do Reino, para 20 *scholars*, colegiais com bacharelato que pretendiam alcançar o grau de Mestre em Artes ou o doutoramento.⁴⁵ Ainda antes de 1277 foi erigido o primeiro “*hall*”, *ex-novo*, de um colégio inglês, termo adoptado da arquitectura doméstica (como referimos) e que passaria a designar a grande sala que se tornaria o espaço de referência dos colégios britânicos:

- “*there the scholars could eat, give lectures or be taught*”.⁴⁶

Servia pois de refeitório e de aula para o colégio. Neste caso, tratava-se de um edifício autónomo, na área posterior (meridional) do lote, paralelo à fila de casas do colégio que fazia frente para a *Merton Street*. A poente foi iniciada uma grande capela, em 1290, apenas parcialmente concluída até 1297.⁴⁷ Desta forma, os volumes principais do colégio organizavam-se, de forma relativamente solta e sem continuidade entre si, em torno de um pátio

⁴² “*The colleges (...) had no existence as an architectural theme until after the middle of the fourteenth century...*”. J.H. HARVEY, “Architecture in Oxford...”, 1992, p.747-768 (p.752).

⁴³ O *University College* apenas começou a funcionar em 1280 numa das várias casas doadas à universidade pelo benemérito William of Durham, em 1249. Só em 1332 e 1343 se adquiriram casas no terreno do actual edifício sobre a frente sul da High Street e só mais tarde, no tempo de Henrique VI, se reorganizaram as construções em torno de um primeiro quadrângulo, mais pequeno, contudo, que a quadra seiscentista actual. **Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history of the University of Cambridge***, Cambridge, University Press, 4 Vols, 1886 (Vol. III, p.248).

⁴⁴ A co-fundadora (mulher do fundador) do *Balliol college* comprou em 1284 uma casa, *St Mary's hall*, onde instalou os colegiais, e a partir da qual se foi desenvolvendo o colégio, pela adição de várias valências, entre as quais um refeitório, uma cozinha e, em particular, uma capela, iniciada em 1309. Todo o conjunto foi demolido e reorganizado segundo um quadrângulo regular no reinado de Henrique VI. A capela actual foi lançada em 1521. IDEM, obra citada, Vol. III, p.249. Veja-se também, **J.R.L. HIGHFIELD, “The Early Colleges”, T.H. Aston; J.I. Catto (eds.), *The History of the University of Oxford***, Oxford, The Clarendon Press, Vol. I, 1984, p.225-263 (p.256).

⁴⁵ Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.132.

⁴⁶ J.R.L. HIGHFIELD, “The Early Colleges...”, 1984, p.255.

⁴⁷ Projectara-se como uma capela de três naves. A capela incompleta, com entrada pelo coro atravessado, a poente, conformava assim a característica planta em “T”, retomada mais tarde na capela do New College.

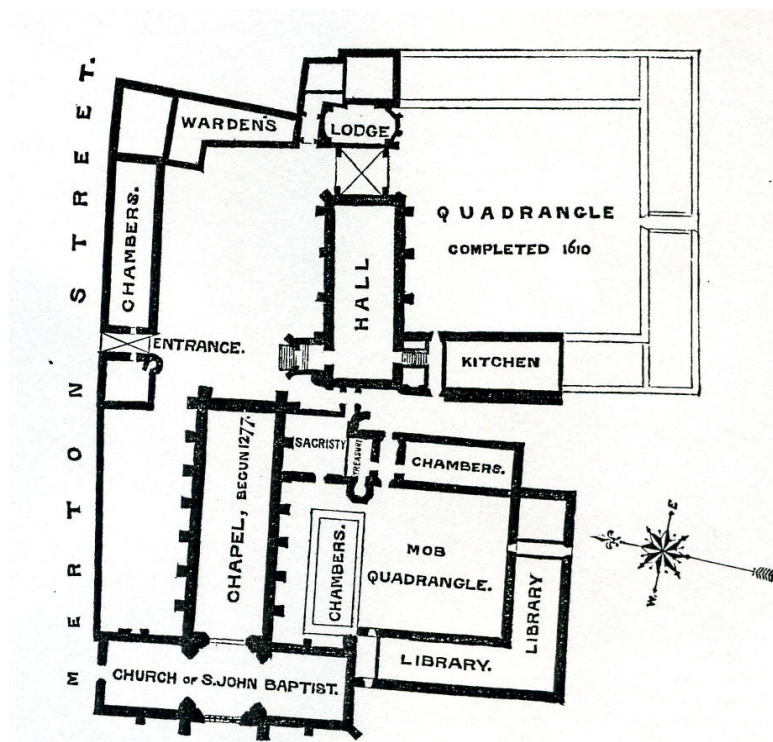


Fig.6
Merton College, Oxford (f.1262).
Planta
(fonte: Willis & Clark, 1886).

quadrangular, mais ou menos definido (**fig.6**), no que Willis e Clark designaram por “*detached system*”.⁴⁸ Um segundo recinto, residencial, o *Mob quad*, de dois pisos, iniciou-se a sul da capela, em 1304.⁴⁹ Seria completado como quadrângulo (desta feita, cercado de forma contínua) cerca de 1371-79 com a construção (entre outras valências) da livraria, situada no primeiro andar.⁵⁰ A contribuição do *Merton College* para a formação de uma arquitectura colegial revela-se, pois, na escala dos componentes programáticos principais (corpo dos quartos, *hall*, capela e livraria) e, sobretudo, na disposição tendencial dos mesmos em torno de pátios de planta quadrangular

Esta tendência organizativa das várias valências dos colégios em torno de um pátio quadrangular observou-se também, a partir de meados do século XIV,⁵¹ em **Cambridge**. Michael Kiene destacou a transformação particular da casa

⁴⁸ Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol.III, p.252.

⁴⁹ J.R.L. HIGHFIELD, “The Early Colleges...”, 1984, p.256

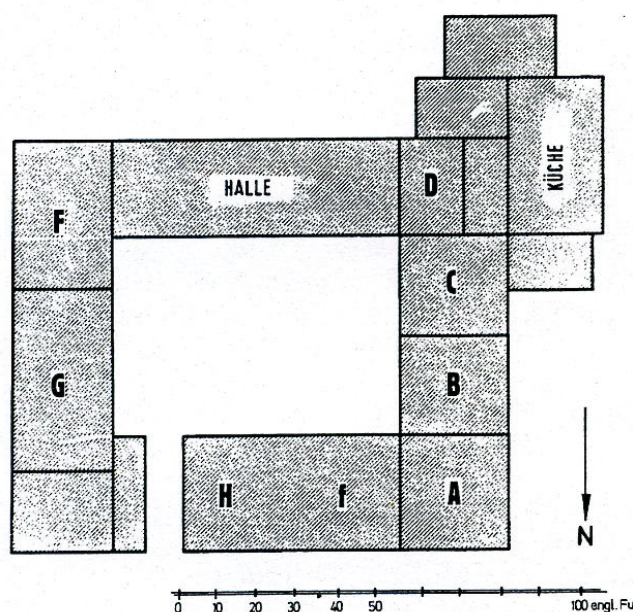
⁵⁰ J.H. HARVEY, “Architecture in Oxford...”, 1992, p.752.

⁵¹ Tal como em Oxford, os primeiros colégios de Cambridge (Peterhouse, fundado em 1286, Michaelhouse, Clare Hall) instalaram-se em casas urbanas correntes. Os que sobreviveram só mais tarde, por influência dos novos colégios, se organizaram, com novas valências, em torno de pátios quadrangulares. Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol.III, p.247-282.

nobre onde se instalou o **King's Hall** (fundado pelo Rei Edward II, em 1317⁵²) em 1337. O imóvel seria convertido num quadrângulo pela construção de uma quarta ala (a norte, **fig.7**) em 1342. Para aquele autor, tratava-se do primeiro pátio quadrangular fechado (ainda que modesto, com cerca de 50 pés de lado) de um colégio inglês,⁵³ hoje desaparecido.⁵⁴

Outros colégios que importa referir são o **Corpus Christi College** (fundado em 1352) cujo primeiro quadrângulo, irregular em planta e sem capela integrada, foi levantado entre 1352 e 1377.⁵⁵ E o **Pembroke College** (fundado em 1346), que terá produzido o primeiro quadrângulo colegial fechado de Cambridge a incluir numa das alas a capela (com acesso externo), autorizada pelo Papa em 1355 e levantada mais tarde, em data incerta.⁵⁶

Fig.7
King's Hall, Cambridge.
Reconstituição hipotética
da distribuição em 1342
(fonte: Cobban, 1969,
reproduzida por Kiene, 1983)



⁵² Criado para os rapazes coristas da corte era um colégio original, destinado a não graduados (1 mestre e 32 *scholars*). Em termos de vagas era o maior colégio do tempo, correspondendo a cerca de 40% das bolsas colegiais de Cambridge. Michael KIENE, "Die Grundlagen...", 1983, p.70.

⁵³ *Ibidem*, p.70-71

⁵⁴ O *King's Hall*, juntamente com o colégio de Michaelhouse deu origem, em 1546, ao *Trinity College*, o maior colégio de Cambridge. Apenas parte muito reduzida das dependências daqueles colégios foi adaptada ou integrada no novo conjunto.

⁵⁵ Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886. Vol. III, p.256. Os colegiais celebravam missa na vizinha igreja paroquial de St Benett's.

⁵⁶ Os terrenos para construção do colégio foram adquiridos antes de 1351. Desconhece-se as datas de construção das diversas partes em torno do quadrângulo. *Ibidem*, Vol. III, p.255.

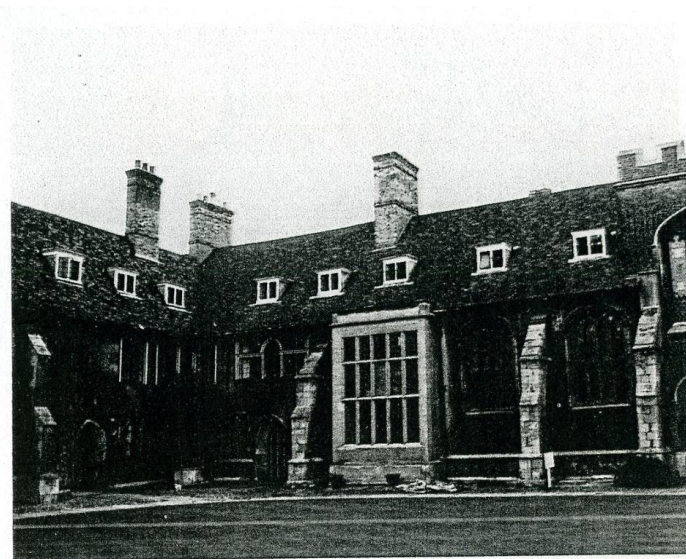


Fig.8
Corpus Christi College, Cambridge,
(f.1352) Old Court. (Kiene, 1983).

A partir destes exemplares começou a ganhar forma a tipologia do colégio de Cambridge, na qual o *hall*, ou refeitório, ostentando no alçado do pátio uma janela “*bay window*”⁵⁷ (veja-se o colégio de *Corpus Christi*, **fig.8**) se passou a situar recorrentemente na ala oposta, e defronte, da entrada no quadrângulo. Nascia assim o característico eixo *entrada do colégio - hall* (marcado pela respectiva *bay window*) que “cruza” as quadras colegiais de Cambridge. Nos colégios subsequentes passou-se também a incluir tendencialmente a capela numa das alas do quadrângulo.

Em **Oxford**, pelos finais de Trezentos, um importante e novo colégio iria ter influência arquitectónica marcante. Falamos do **New College**, fundado em 1379 e construído em duas campanhas subsequentes, em 1380-1386 (capela, *hall* e pátio) e 1390-1403 (claustro e torre sineira),⁵⁸ por iniciativa de William of Wykeham (1324-1404) Bispo de Winchester. Tratou-se do primeiro colégio inglês a ser integralmente levantado segundo um plano unitário,⁵⁹ tendo sido destinado a albergar o número extraordinário de 70 colegiais, com a

⁵⁷ Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.84. Trata-se de uma janela de grandes dimensões, formada por vários panos de vidro e saliente em relação ao pano de fachada em que se insere. Nos colégios de Cambridge servia para iluminar o refeitório e em particular a zona onde se colocava o púlpito, para leituras da bíblia em voz alta, durante as refeições.

⁵⁸ J.I. CATTO, Ralph EVANS (eds.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. II, 1992 (nota explicativa das plantas dos colégios, s/ página).

⁵⁹ “...il New College, primo a essere alzato secondo un piano unitario”, Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna e dell’Archiginnasio...”, 1997, p.101.

particularidade destes serem não graduados.⁶⁰ Representou, pois, um novo conceito de colégio que ganharia relevância ao longo do século XV – o *undergraduate college*.⁶¹

Evidentemente, representou também um aumento de envergadura e de monumentalidade da arquitectura universitária inglesa (**fig.9**). Em termos tipológicos, o *New College* marcou a definição de uma série colegial que se repetiria em colégios subsequentes de Oxford, outra vez a partir da organização do imóvel em torno de um quadrângulo principal fechado, desta feita de grandes dimensões – mais de 50 metros no lado mais extenso. A grande capela (dotada de um grande antecapela transversal, que lhe dava uma peculiar planta em “T”) e o *hall* foram colocados em sequência, ocupando integralmente uma das alas (a ala norte) do quadrado (**fig.10**). Nas restantes alas, todas de dois andares, situaram-se algumas dependências comuns: - o arquivo e a biblioteca (esta no piso superior), na ala nascente; os quartos dos colegiais, na ala sul; as dependências do Reitor (*Warden*)⁶², na ala poente, na zona de entrada no colégio. Esta marcava-se por um novo elemento que fazia também a sua aparição na arquitectura colegial inglesa: uma porta-torre.

Relativamente à organização das dependências residenciais devemos destacar, sobretudo, as consequências de um embrionário sistema tutorial proporcionado pelo *undergraduate college*. Neste sistema, um colegial mais adiantado nos estudos (designado para o efeito) servia de tutor a um pequeno grupo de dois ou três colegiais mais novos. Assim, a ala sul do quadrângulo constituiu-se por uma sequência de módulos habitacionais, cada um composto por grupos de quatro quartos (dois em cima, dois em baixo) servidos por um acesso comum associado a uma caixa de escadas. Cada colegial mais velho partilhava um quarto de dormir com o grupo de colegiais mais novos à sua

⁶⁰ Poderiam ser, por vezes, bacharéis em Artes. Os colegiais do *New College* estudavam para obter o grau de mestre em Artes (daí a designação de não graduados) de forma a seguirem para padres ou a frequentarem as faculdades superiores.

⁶¹ Veja-se **James McCONICA**, “**The Rise of the Undergraduate College**”, in James McConica (ed.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. III, 1986, p.1-68.

⁶² O título dos directores dos colégios de Oxford era (e ainda é) muito variável (ao longo do tempo e de colégio para colégio) desde *Rector*, *Provost*, *Warden*, *President*, *Censor*, *Principal*, etc... O *New College*, era regido por um *Warden*. J.R.L. HIGHFIELD, “The Early Colleges...”, 1984, p.230-233

guarda.⁶³ Nos cantos de cada quarto montaram-se pequenos gabinetes (quatro em cada quarto de baixo, três no de cima), de modo a permitir o estudo individual (**fig.11**).

A residência do Reitor, na ala poente, dispõe de cozinha e sala de jantar própria, tal como no anterior *Merton College*, no que se constituiu como uma característica própria dos colégios de Oxford. Pelo contrário, em Cambridge, estes aposentos estavam dispostos na proximidade do *hall* pois o Reitor comia no refeitório colegial, acedendo exclusivamente por um dos topos da sala, onde estava colocada a *high table*.

Último elemento a ser construído foi um claustro – no verdadeiro sentido do termo – de planta rectangular, autónomo, disposto aos pés da capela colegial (a poente do colégio, portanto) e provido de uma torre sineira adjacente, montada sobre um dos contrafortes da muralha da cidade. Tem-se discutido a finalidade deste espaço, não totalmente esclarecida. O pendor monástico deste sector do colégio (com claustro e torre sineira) terá tido a ver com uma reacção “arquitectónica” e disciplinadora face às correntes contestatárias do wycliffismo. Por outro lado, J.H. Harvey (tal como fizera antes Michael Kiene⁶⁴) lembrou que “*It may be relevant that in medieval Spain cloisters were the normal place for teaching...*”,⁶⁵ fazendo certamente alusão aos primeiros tempos de funcionamento da universidade em Salamanca. Kiene, mencionou também a descrição de Vitróvio das escolas da antiguidade, que segundo o autor romano funcionavam nas antigas *Palestrae* e estavam organizadas em redor de um pátio, limitado por galerias colunadas, dotadas de bancos de pedra nos quais os estudantes se sentavam para discutir e aprender.⁶⁶

Escusado será dizer que o *New College* causou grande impacto no seu tempo. Desde logo em Oxford, onde os colégios subsequentes lhe copiaram o modelo arquitectónico, com uma ou outra alteração, independentemente da natureza ou da escala, um pouco menor, das fundações. Tal sucedeu em dois colégios

⁶³ Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886. Vol. III, p.300. Veja-se também Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.128-132 e fig. 20.

⁶⁴ Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.94.

⁶⁵ J.H. HARVEY, “Architecture in Oxford...”, 1992, p.760.

⁶⁶ Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.94 e nota 116. Aparentemente um manuscrito do tratado de Vitróvio terá chegado a Inglaterra no século VIII.

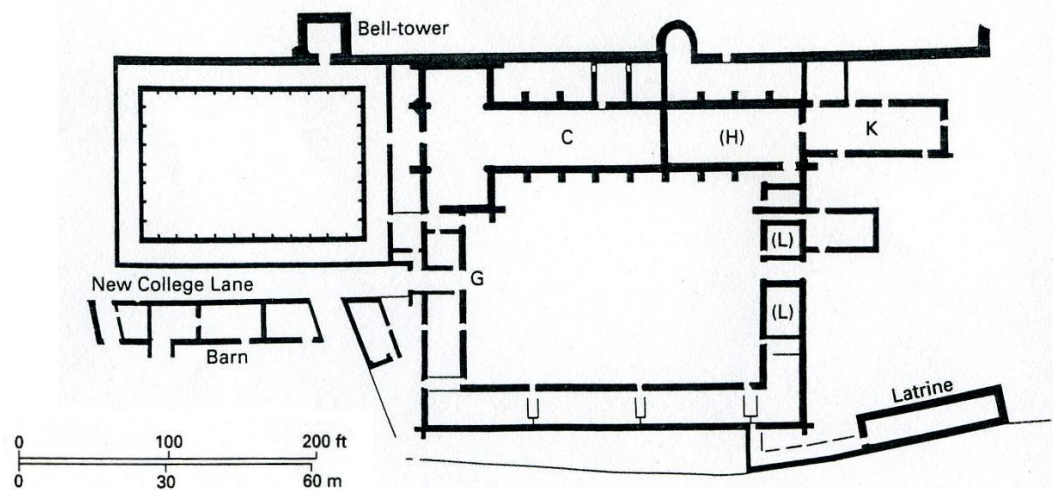
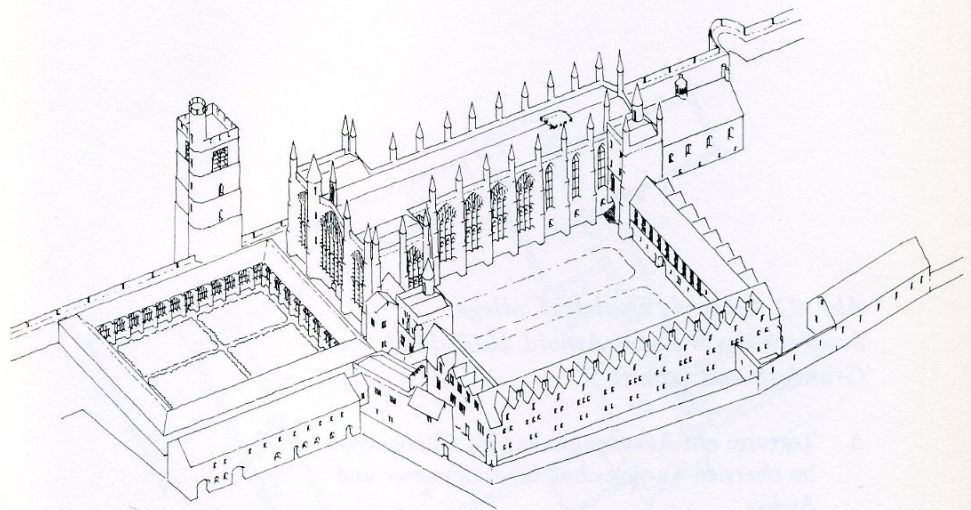


Fig.9

New College, Oxford (f.1379).

Fonte: Rückbrod, 1977.

Fig.10

New College, Oxford (f.1379).

Planta original (Catto & Evans, 1992)

C. capela

H. *hall*

K. cozinha

G. torre de entrada (*gateway*)

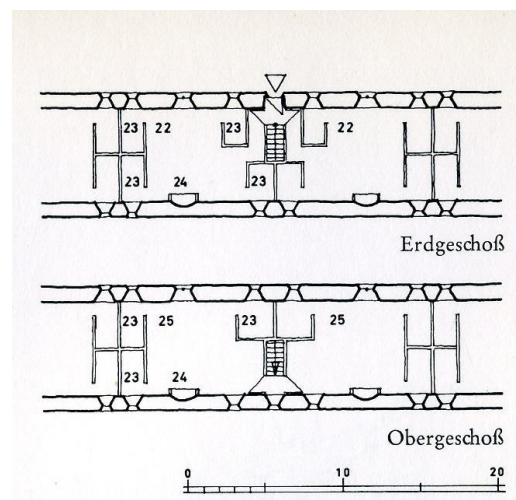
L. biblioteca (primeiro andar)

Fig.11

New College, Oxford.

Esquema dos quartos

(fonte: Rückbrod, 1977).



fundados no reinado de Henrique VI pelo Arcebispo de Cantuária, William Chichele. O *St. Bernard's College* (mais tarde *St. John's*), fundado em 1436 para os monges cistercienses.⁶⁷ E o **All Souls College**, destinado apenas a estudantes graduados, começado a levantar em 1437 e terminado logo cinco anos depois. Este último repetia o mesmo alinhamento de *hall* e capela na ala norte – com o *hall* novamente a nascente, o que permitia à capela colegial desenvolver novamente uma planta em “T”, com a antecapela transversal, característica de Oxford (**fig.12**). Este colégio em particular, com entrada por meio de uma porta-torre na ala sul do quadrângulo sobre a *High Street* (**fig.13**), chegou a ter também um claustro objectual e autónomo, a norte, terminado mais tarde (em 1491) e hoje desaparecido.⁶⁸

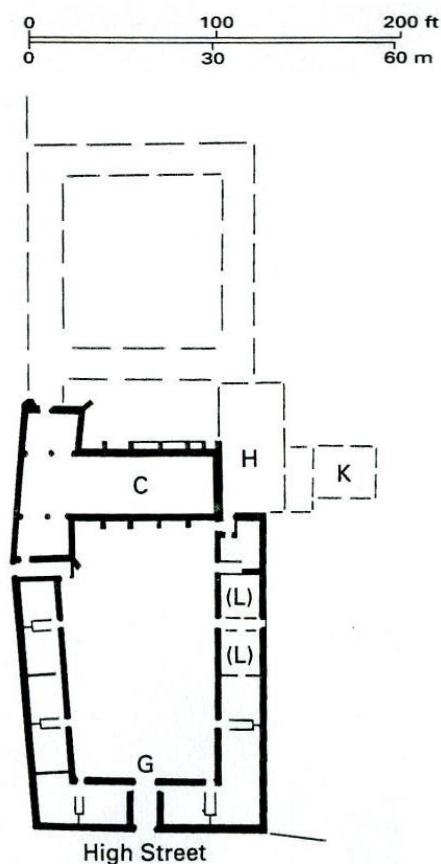
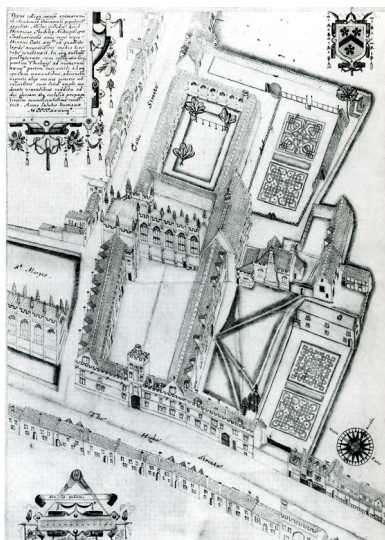


Fig.12
All Souls College, Oxford (f.1437)
Planta original (Catto & Evans, 1992)
C. capela
H. *hall*
K. cozinha
G. torre de entrada (*gateway*)
L. biblioteca (primeiro andar)

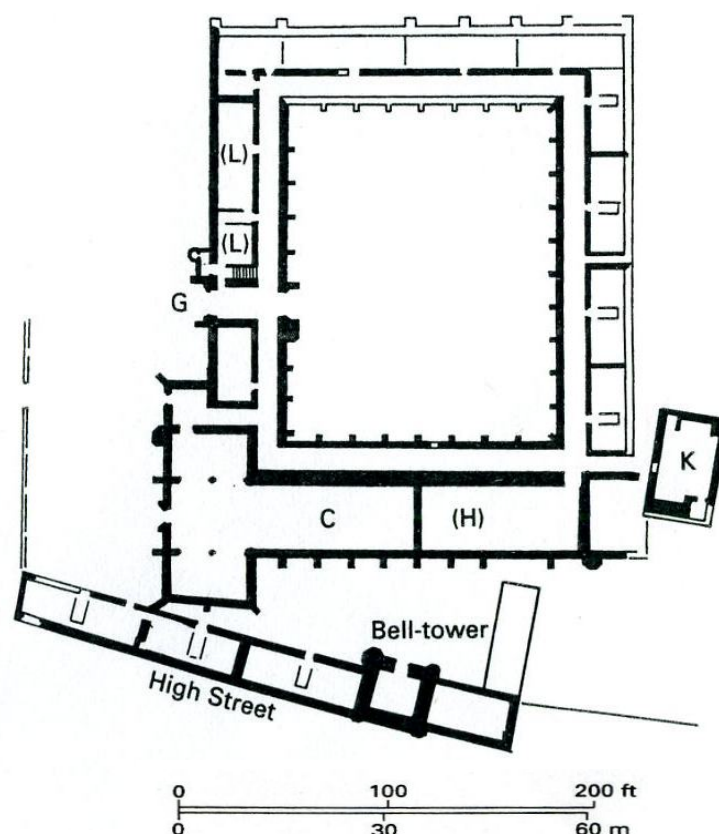
Fig.13
All Souls College, Oxford
Vista em finais de Quinhentos



⁶⁷ O edifício colegial, levantado de raiz segundo uma planta sensivelmente quadrada, retomava o alinhamento da capela e do *hall* na ala norte do quadrângulo tal como no *New College*, mas desta feita com o *hall* a poente da capela. Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol.III, p.259-260.

⁶⁸ Foi substituído pelo quadrângulo novo, maior, construído a partir de 1720 e projectado por Hawksmoor. *Ibidem*, p.260-261.

Fig.14
Magdalen College, Oxford
 (f.1458)
 Planta original
 (Catto & Evans, 1992):
 C. capela
 H. *hall*
 K. cozinha
 G. torre de entrada (*gateway*)
 L. biblioteca (primeiro andar)



No **Magdalen College**, fundado por outro Bispo de Winchester, William of Waynflete, um par de décadas mais tarde (1458) e construído entre 1467 e 1490,⁶⁹ retomou-se o programa do *New College* para 70 colegiais não graduados.⁷⁰ O edifício, realizado pelo arquitecto William Orchard,⁷¹ repetia, pois, a grande escala deste colégio e dispunha novamente a capela e *hall* em sequência, numa das alas do quadrângulo, desta feita a sul. O quadrângulo acedia-se pelo poente também por uma porta-torre. No entanto, o aspecto mais interessante deste colégio é que o quadrângulo não é um pátio – é um claustro, cujas galerias serviam também de distribuição às várias dependências e quartos do colégio (**fig.14**).⁷² De facto, em Magdalen tentou-se a síntese dos dois espaços distintos do *New College*, o pátio quadrangular residencial e o

⁶⁹ J.H. HARVEY, "Architecture in Oxford...", 1992, p.765.

⁷⁰ Veja-se novamente a nota 61.

⁷¹ Que completaria, na mesma época, o imóvel da escola teológica ou *Divinity School*.

⁷² As alas dos quartos são mais largas no primeiro andar pois incluíam, na sua largura total, a largura das galerias de circulação do claustro do piso inferior.

claustro, dominados pela majestosa torre sineira que se eleva a sul do conjunto sobre a *High Street*.⁷³

Regressemos a meados do século XV, e a **Cambridge**, para registarmos a fundação de um novo colégio régio, na senda do anterior e já mencionado *King's Hall*. De facto, a casa real favoreceu normalmente Cambridge em detrimento de Oxford, face à reputação menos recomendável desta última como "*the University of Heresies*".⁷⁴ Falamos do **King's College**, fundado por Henrique VI (1421-1471) e começado a construir em 1441, de acordo com um primeiro esquema, modesto, de que resultaria um primeiro núcleo edificado – o *Old Court*.⁷⁵

Porém, cinco anos mais tarde, em 1446, começou-se a construção de uma nova e grandiosa capela, já de acordo com um ambicioso novo projecto para o qual se derrubaram uma série de casas entre a *High Street* e rio, e que pressupunha uma réplica do modelo do *New College* oxfordiano – "*King's was designed to be a larger New College by the Cam*".⁷⁶ Destinava-se também maioritariamente a estudantes não graduados e pensou-se organiza-lo, do mesmo modo, em torno de um grande quadrângulo. O novo projecto (**fig.15**),⁷⁷ não passaria, contudo, da concretização (setenta anos depois) da magnífica "capela", a maior de todos os *colleges* ingleses, ponto alto do "*perpendicular style*", com abobada construída entre 1512 e 1515. De dimensões absolutamente extraordinárias para os *colleges* de Cambridge (nesse sentido pouco representativa) veio a ocupar todo o lanço norte. Já o *hall* foi

⁷³ Importa referir ainda um terceiro grande colégio para não graduados, destinado a um ainda maior número de alunos (cem no total, dos quais 60 bacharéis e 40 juniores, mais 13 capelães, 12 seminaristas, 16 coristas, etc...), que começou a ser levantado na década de 1520, em torno de um quadrângulo claustral, como o de *Magdalen*, ainda mais amplo – o maior de Oxford, apenas parcialmente completado na sua versão original. Falamos do *Cardinal College* (hoje *Christchurch College*), lançado pelo Cardeal Wolseley a partir de 1525 e até 1529, ano em que este caiu em desgraça ante Henrique VIII. O projecto, que não foi retomado, previa a colocação de *hall* e capela (não construída) em alas diferentes do quadrângulo claustral, sul e norte, respectivamente. J.H. HARVEY, "Architecture in Oxford...", 1992, p.766-768. Veja-se também, para uma síntese evolutiva dos grandes colégios de Oxford (*Merton, New, Magdalen, e Cardinal College*), Michael KIENE, "Die Grundlagen...", 1983, p.88-97.

⁷⁴ A.B. COBBAN, "Colleges and Halls...", 1992, p.599.

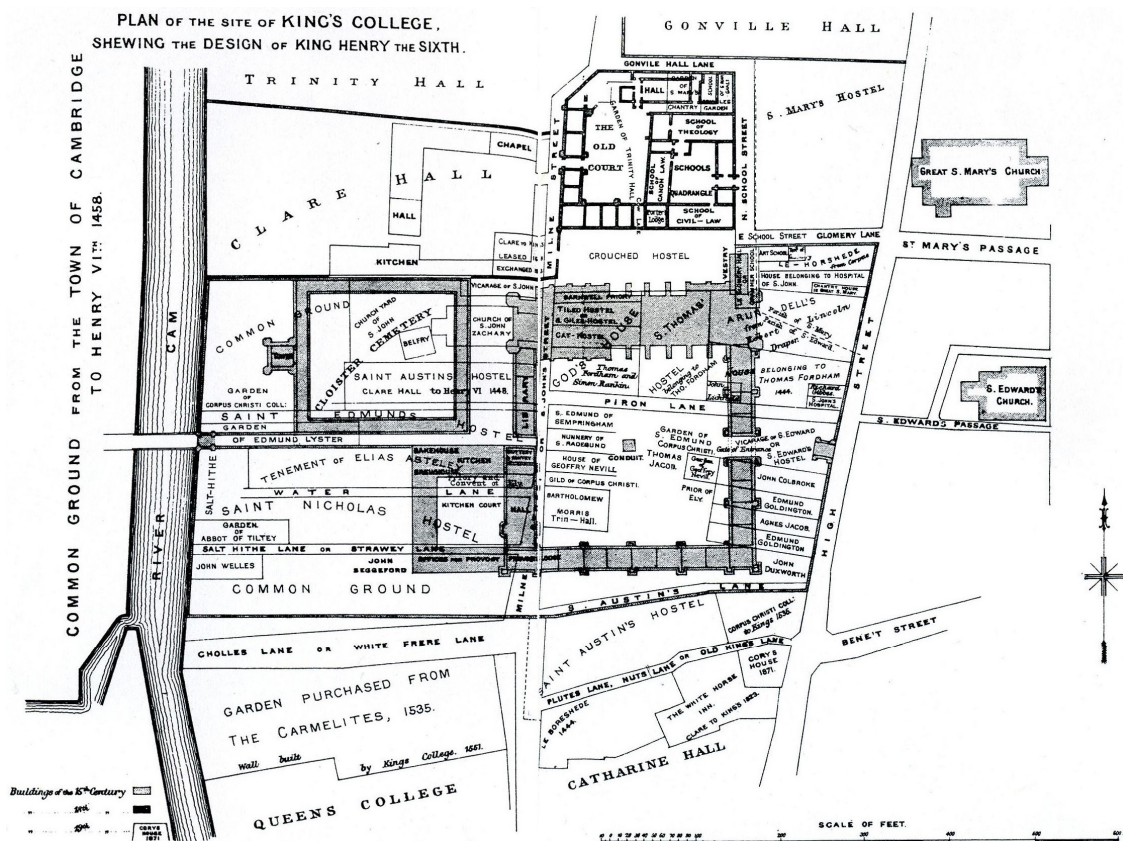
⁷⁵ Sobre o *King's College*, veja-se Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol. I, p.313-533.

⁷⁶ Christopher BROOKE, "The buildings of Cambridge", in Victor Morgan, *A History of the University of Cambridge*, Cambridge, University Press, Vol.II (1546-1750), 2004, p.13-62, (p.15)

⁷⁷ Reconstituição do novo projecto do *King's College*, retirada de Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol. IV, fig.13.

equacionado para o lanço poente, em face da ala de entrada do colégio (sobre a *High Street*, a nascente), de acordo com a tipologia colegial de Cambridge, então em processo de definição. Os apartamentos do *Provost* (Reitor), estariam pensados para um pátio mais pequeno por detrás, e na proximidade, do mencionado refeitório ou *hall*.⁷⁸ Um claustro autónomo, para servir de espaço de discussão dos estudantes e dotado de torre sineira, foi também ponderado (tal como no *New College*) para os terrenos atrás do quadrângulo principal, junto do rio.

Fig.15
King's College, Cambridge
 Projecto não concretizado de Henrique VI
 C^a. 1446 (Willis & Clark, 1886)



⁷⁸ Nos colégios de Cambridge o Reitor comia em companhia dos colegiais, sentando-se na *high table* situada num dos topos do refeitório. Deste modo os seus aposentos situavam-se em zona recuada do complexo, mas sempre na proximidade do *hall*. Em Oxford, e como vimos para o *New College*, a residência reitoral situava-se normalmente em zona oposta do colégio (relativamente ao *hall*) pelo que dispunha de sala de jantar própria.

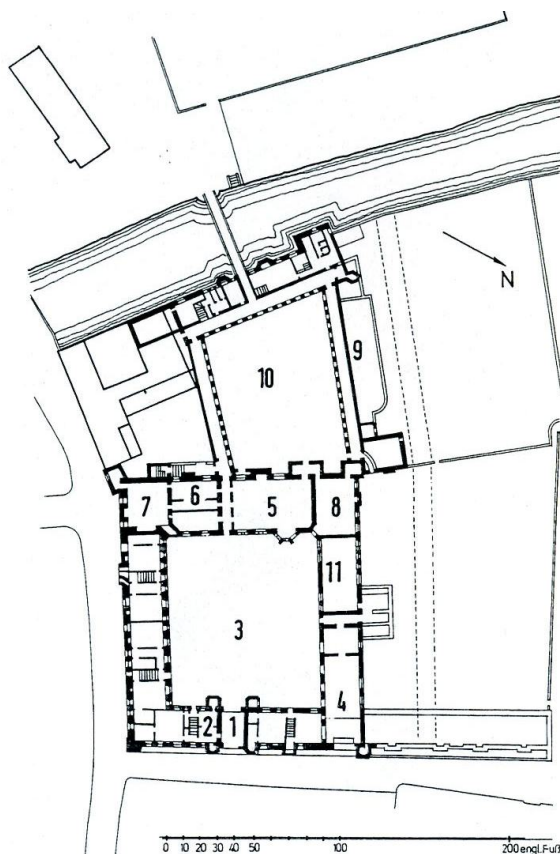


Fig.16

Queens' College, Cambridge (f.1448).

Planta (Kiene, 1983):

- 1. porta-torre
- 2. porteiro
- 3. pátio
- 4. capela
- 5. *hall*
- 6. dispensa
- 7. cozinha
- 8. "combination room"
- 9. apartamento do Reitor (1º andar)
- 10. pátio de trás
- 11. biblioteca (1º andar)

O **Queens' College**, fundado com o apoio da rainha Margarida de Anjou, mulher de Henrique VI, em 1448, deu pleno contributo à consolidação do esquema quadrangular típico do colégio de Cambridge, com o *hall*, dotado de *bay window*, disposto na ala defronte da entrada do colégio (que se fazia por uma porta-torre, acessível desde a *Queens' Lane*) e com a capela colegial original integrada na ala norte (**fig.16**).⁷⁹ Os apartamentos do Reitor estavam em posição recuada, junto do *hall*.⁸⁰

Colégios subsequentes repetiram este esquema, casos do *St John's* e de *Trinity* (ambos resultantes da adaptação e ampliação de estruturas pré-existentes) de acordo a mesma lógica de orientação e de disposição de *Queen's*, decorrente da implantação recorrente sobre a frente poente da *High Street*, via que bem se poderia designar como a rua dos colégios de Cambridge. As entradas colegiais passaram também a marcar-se

⁷⁹ Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol. II, p.1-60.

⁸⁰ Sobre o Queens' College de Cambridge, e em particular, os aposentos do Reitor, veja-se também Michael KIENE, "Die Grundlagen...", 1983, p.85-87.

sistematicamente com as *gatetowers*,⁸¹ que se tornaram elemento formal indispensável na imagem dos colégios.

Depois de 1500, tanto em Cambridge como em Oxford, tenderam a surgir também as ampliações dos colégios em função do acolhimento cada vez mais frequente de colegiais de estratos sociais elevados, os *commoners*, que pagavam para residir. Estes necessitavam de dependências de acordo com a condição social, pelo que as existentes tiveram de ser, naturalmente, acrescentadas. Surgiram, pois, as sucessões de quadrângulos colegiais que marcam hoje, de modo tão reconhecível, o esquema de ocupação do solo das duas seculares cidades universitárias inglesas.

Em jeito de balanço, podemos notar o surgimento de dez colégios seculares em Oxford até finais de quatrocentos (três no séc. XIII, quatro no séc. XIV, três no séc. XV), e ainda cinco outros fundados pelas ordens religiosas,⁸² e de doze colégios seculares em Cambridge (um no séc. XIII, sete no séc. XIV e quatro no séc. XV),⁸³ para além de um colégio regular, beneditino. Neste curto estudo que agora encerramos, dedicado aos colégios ingleses (com base em análises anteriores de outros autores) pudemos, pois, observar a definição de duas linhas tipológicas interligadas (os colégios de Oxford e de Cambridge) compostas de elementos comuns, mas também dotadas de esquemas próprios, relativamente bem codificados, de organização desses mesmos elementos – o *hall*-refeitório, a capela, as dependências do reitor, a porta-torre, entre outros. Elemento base de ambas era o *quadrangle*, o grande pátio quadrangular fechado, em torno do qual todas as outras peças se organizavam. Com os novos grandes colégios de Oxford (*New College*, *All Souls* e *Magdalen*) e de Cambridge (o *King's* e o *Queens' College*) assistimos

⁸¹ A cronologia das *gatetowers* colegiais, que terão o seu primeiro exemplar no *New College* de Oxford (depois de 1380), inclui, para Cambridge, as do *King's Hall* (1427), do *old court* do *King's College* (1441), do *Queens' College*, (1448), do *Christ's College* (1505), *St Johns* (1510), *Trinity* (1518), e ainda o *Queen's Gate* de *Trinity* (1597). Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol. III, p.283-296 (p.289).

⁸² *University, Balliol, Merton* (século XIII), *Exeter, Oriel, Queen's, New College* (século XIV) e *Lincoln, All Souls, e Magdalen* (séc. XV), para referirmos apenas os colégios seculares. J.I. CATTO, Ralph EVANS (eds.), *The History of the University of Oxford...*, 1992.

⁸³ *Peterhouse* (século XIII), *Michaelhouse, Clare, King's Hall, Pembroke, Gonville, Trinity Hall, Corpus Christi* (século XIV) e *Godshouse, King's, Queens' e St Catherine's* (século XV). **Damian Riehl LEADER, A History of the University of Cambridge**, Vol.I (The University to 1546), Cambridge, University Press, 1988, p.58-88 e p.225-232.

também ao surgimento de uma monumentalidade arquitectónica, que aplicada aos colégios quinhentistas e seiscentistas subsequentes⁸⁴ tornará cada vez mais efectiva a presença da universidade sobre a paisagem urbana.

Finalmente importa referir um aspecto funcional dos colégios modernos de Oxford e de Cambridge, e que tem a ver com a instituição de classes públicas, complementares às da universidade, dentro dos colégios. Em Oxford, isso sucedeu de início no *Magdalen College* e nos colégios quinhentistas subsequentes como os de *Corpus Christi* (fundado em 1517) e o *Cardinal College* (construção iniciada em 1525).⁸⁵ Contudo, não se equiparam salas de aula dentro dos colégios ingleses.⁸⁶ Não obstante, desenvolveu-se, assim, um sistema de repartição mais “democrática” do ensino pelos colégios (comparativamente com o sistema parisiense dos *grands* e dos *petits collèges*) que permitiu a existência paralela das instalações lectivas universitárias e, simultaneamente, uma maior autonomia dos colégios perante a universidade.⁸⁷

Nos **colégios escoceses** deu-se uma evolução funcional particular que foi consequência, precisamente, da resolução dos espaços próprios para aulas, que acabamos de referir. As universidades escocesas – as três primeiras, St. Andrews, Glasgow, Aberdeen, estabelecidas no século XV (em 1411, 1451 e 1495, respectivamente) e uma quarta (Edimburgo) no final do século XVI – eram agremiações relativamente pequenas quando comparadas com as suas congéneres inglesas, que eram apenas duas e dispunham de um campo de atracção bastante maior.

⁸⁴ Veja-se, para o caso de Oxford, **John NEWMAN**, “**The Physical Setting: New Building and Adaptation**”, in James McConica (Ed.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. III, 1986, p.597-632.

⁸⁵ James McCONICA, “The Rise of the Undergraduate College”..., 1986, p.7, 21 e 32.

⁸⁶ “*Wenngleich auch nun an den Kollegien Lehrstühle gestiftet worden sind und den Unterricht abgehalten wird, so wird dennoch in keinem Fall in englischen Kollegien ein eigener Unterrichtsraum gebaut*”. Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.105.

⁸⁷ “*L’architettura universitaria francese pare comunque essersi limitata quasi esclusivamente (come quelle inglese) agli edifici d’abitazione, cioè al collegi. Ma mentre a Oxford e Cambridge furono proprio il collegi che verso 1500 diedero vita alle università, in Francia essi finirono con il cadere sotto il controllo di queste. In essi prese corpo la differenza tra i “grands collèges”, in cui venivano impartite lezioni accademiche, e i “petits collèges”, che fornivano “solo” l’alloggio. (...) Dal punto di vista architettonico, la conseguenza fu che i “grands collèges” ebbero bisogno di grande aule*”. Michael KIENE, “Piccole e grandi università...”, 1998, p.293.

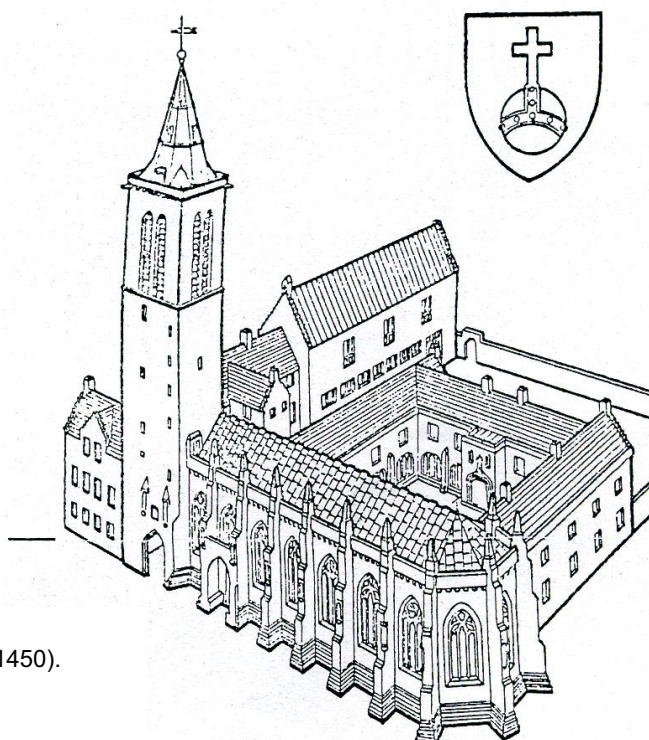


Fig.17
St. Salvator's College, St. Andrews (f.1450).
 Reconstituição do edifício original
 (fonte: R.G. Cant).

Neste sentido não espanta que o **St. Salvator's College**, fundado pelo Bispo Kennedy em 1450,⁸⁸ tenha tomado em mãos a tarefa de garantir nas suas instalações o funcionamento das aulas da própria universidade, uma vez que esta não dispunha de meios suficientes para conseguir espaços lectivos condignos.⁸⁹ A tipologia adoptada pelo fundador para o imóvel do seu colégio, pressupunha a sua organização em torno de um pátio-claustro quadrangular, fechado por um contínuo edificado de dois andares – a mesma evolução que iria ocorrer (como vimos) no *Magdalen College* de Oxford,⁹⁰ a partir do modelo comum do *New College*. A torre sineira fez-se também, como em *Magdalen*, sobre a rua, mas desta feita transformada simultaneamente em porta-torre do colégio (**fig.17**). Em torno do claustro (hoje desaparecido) a igreja dispunha-se na ala sul adjacente à rua, novamente como em Oxford. Já o *hall*, tal como a residência do Reitor, estava numa situação recuada com acesso a partir de um outro pátio. Nas restantes três alas em torno do claustro estavam os quartos

⁸⁸ A confirmação papal data do ano seguinte (1451).

⁸⁹ Michael KIENE, *Die Grundlagen...*, 1983, p.97-98. Veja-se também **Ronald Gordon CANT**, **The University of St. Andrews**, Edinburgo/Londres, Scottish Academic Press, 1970, p.23-28.

⁹⁰ Michael KIENE, "L'università nelle città europee...", 1993, p.39.

dos tutores e dos colegiais, no primeiro andar, ao passo que no piso térreo se dispunham as salas para as repetições e disputas, tanto internas do colégio como externas da universidade, funções para a qual as próprias galerias do claustro também serviriam.⁹¹

Em Aberdeen, o **King's College** (construído aproximadamente entre 1500 e 1512) levaria mais longe as consequências da assunção da funcionalidade central do colégio no âmbito da universidade local (**fig.18**). Assim, em torno do quadrângulo organizador do edifício estavam apenas dispostas dependências de uso comum: a portaria (a poente), a capela (com torre integrada, a norte), o *hall* e escola pública (a nascente), e a biblioteca sobrelevada e mais salas de aula (a sul, estas últimas servidas pela única galeria porticada do pátio).⁹² Como resultado imediato já não existiam quartos para estudantes, não se praticava o sistema tutorial, e apenas os professores tinham direito a residência, numas casas retiradas do conjunto. Neste colégio, todas as matérias universitárias eram leccionadas. Como notou Kiene, **a sede universitária era, de facto, um colégio**,⁹³ na acepção arquitectónica (que nos interessa) do termo.

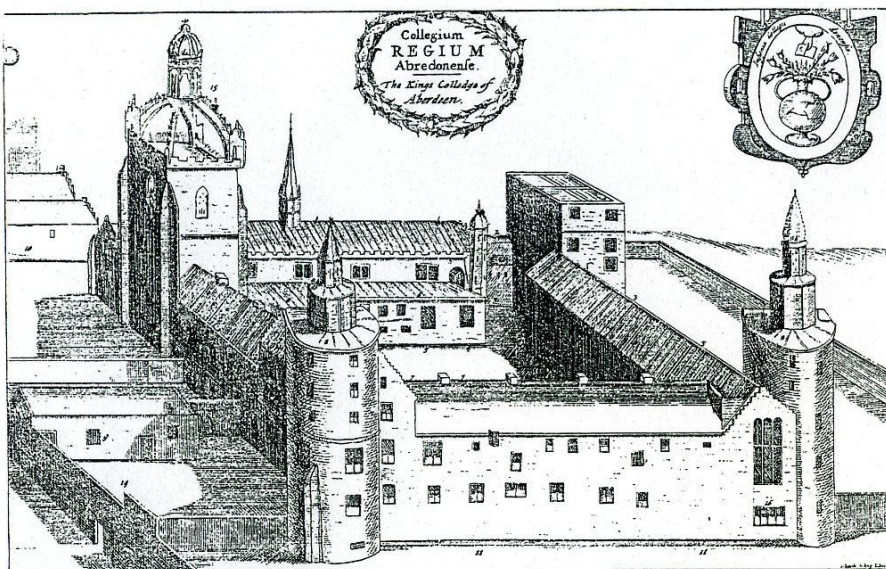


Fig.18
King's College, Aberdeen
(construído em 1500-1512).
Gravura de James Gordon
Rothiemay, 1661
(Kiene, 1983)

⁹¹ Michael KIENE, "Die Grundlagen...", 1983, p.98.

⁹² *Ibidem*, p.98-99.

⁹³ "Der Universitätsbau besteht de facto aus einem Kollegium", *Ibidem*, p.99

Mais tarde, também o *Old College* de Glasgow⁹⁴ funcionaria como sede da universidade, sem espaço para a residência de colegiais, apenas para os professores. Estes colégios centrais escoceses eram, pois, “*college-universities*”, na designação de Fletcher, que a foi buscar aos “*colegios-universidad*”⁹⁵ espanhóis, colégios que eram simultaneamente sedes de pequenas universidades e que se sucederam a partir do caso original de Sigüenza (1489), ainda que com particularidades distintas, como sejam a da manutenção da residência dos estudantes, como veremos mais adiante neste trabalho.

Visualizemos, de seguida, a evolução tipológica dos colégios das universidades da Europa meridional extra ibérica, ao longo dos séculos XIV e XV, observação que tem interesse acrescentado para o caso das universidades peninsulares, quadro de fundo para o estudo da presente dissertação.

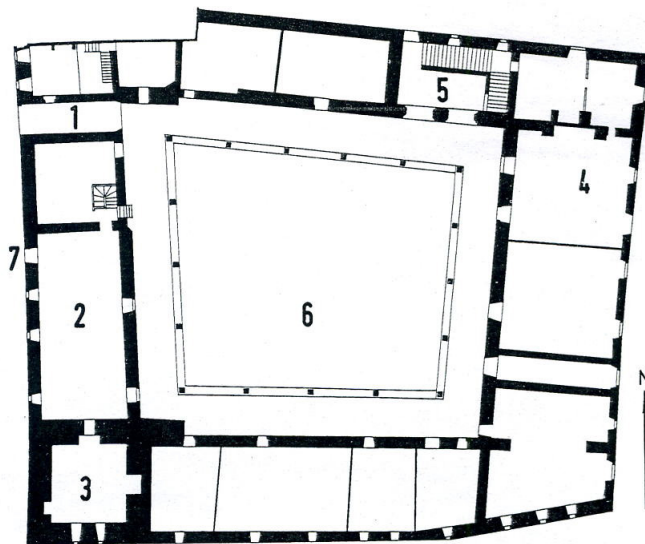
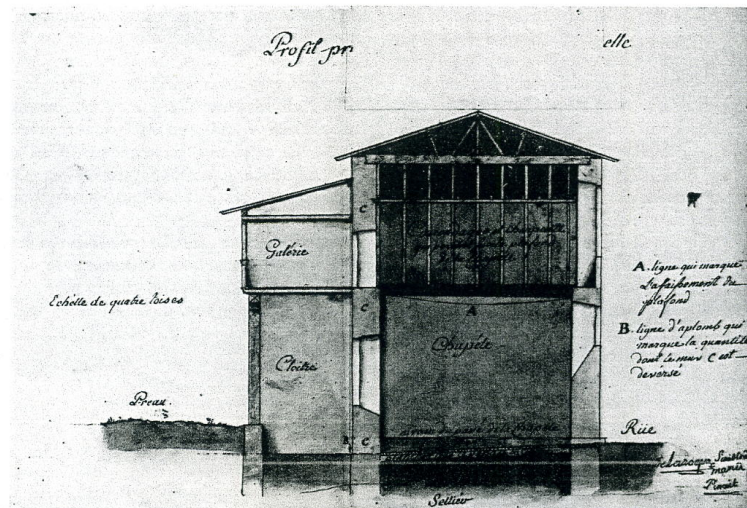
Distintamente de Paris, e como notou Michael Kiene, os colégios de **Toulouse** desenvolveram uma tipologia própria baseada em dois factores fundamentais: - a organização das dependências colegiais em torno de um pátio tendencialmente quadrangular e rodeado de galerias em dois níveis; - e a expressão arquitectónica dos imóveis em colagem à arquitectura senhorial local, pela integração de uma torre ou de um corpo edificado desenvolvido em altura, na senda do tradicional “*donjon*”.⁹⁶ Estes aspectos são claramente visíveis no ***collège de Perigord*** (fundado em 1363) que era, de facto, uma antiga casa senhorial com torre, cedida pelo fundador, e no qual o pátio quadrangular surge rodeado por galerias de madeira, ao nível dos dois andares (figs. 19, 20).⁹⁷

⁹⁴ Edifício construído em meados de Seiscentos (1632-56), Michael KIENE, “L’università nelle città europeee...”, 1993, p.32 e p.39.

⁹⁵ John M. FLETCHER, “The College-University: its development in Aberdeen and Beyond”, in Jennifer J. Carter; Donald J. Withrington (Eds.), *Scottish Universities: Distinctiveness and Diversity*, Edinburgo, John Donald Publishers, 1992. Antes também Michael KIENE (“Die Grundlagen...”, 1983, p.99) chamou a atenção para esta relação.

⁹⁶ Sobre a arquitectura dos colégios de Toulouse, veja-se sobretudo Michael KIENE, *Die englischen und französischen...*, 1981, p.83-111, Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.66-68, p.77-78 e p.82-83, e ainda Michael KIENE, “L’università nelle città europeee...”, 1993, p.25-27.

⁹⁷ Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.67.



1. Eingang
2. Kapelle
3. Sakristei, darüber Archiv-
und Verwaltungsraum

4. alter Speisesaal
5. Treppenhaus
6. Hof
7. Rue du Taur

Fig.19
Collège de Périgord, Toulouse
(f.1363).
Corte mostrando as galerias
em madeira do pátio
(Kiene, 1983).

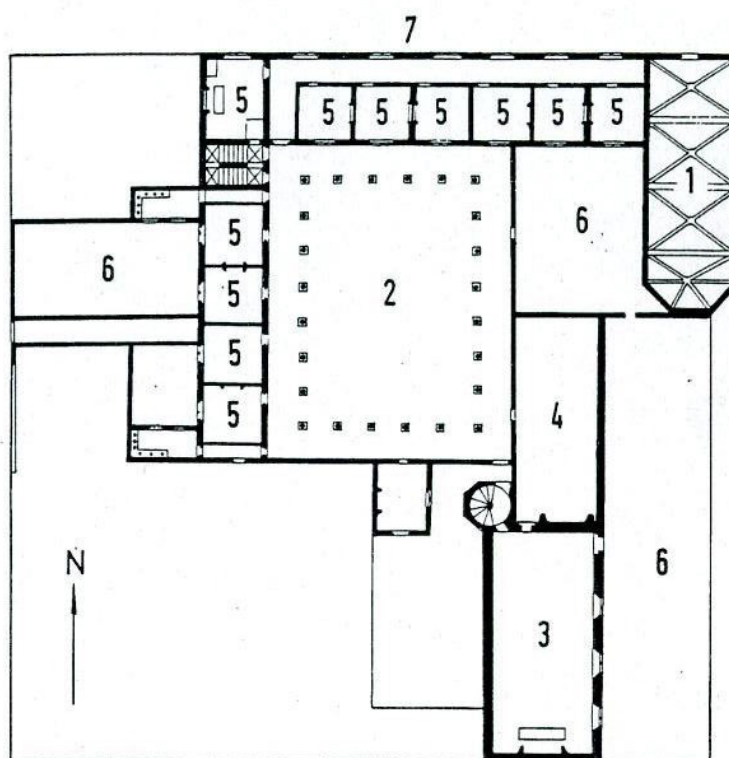
Fig.20
Collège de Périgord, Toulouse.
Planta
(Kiene, 1983).

Destaque deve ser dado ao já desaparecido **collège de St. Martial** fundado pelo Papa Inocêncio VI (1352-1362) em 1359. Aqui, o pátio quadrado, de dois níveis, torna-se um elemento formal *de per si* uma vez que não se encontra totalmente rodeado por um contínuo edificado (**fig.21**). Em dois dos lados (norte e poente) estão os quartos – para 24 estudantes – ao passo que os dois restantes lados do pátio não se encontram directamente apoiados em massas edificadas, excepto no ângulo sudeste onde arrancam os corpos associados da cozinha e do refeitório. Este último espaço seria base de um desenvolvimento

vertical (por cima encontrava-se a biblioteca), à maneira de torre senhorial, como se infere das paredes grossas e da escada em caracol representadas na planta do colégio de 1540. A igreja encontrava-se um pouco afastada do lado norte do pátio, com acesso directo a partir da rua. Aspecto importante é o de que as galerias do pátio já não eram definidas por estruturas de madeira, mas sim por colunas de pedra sustentando arcarias.⁹⁸

Também o **collège de Foix** (fundação confirmada por Eugénio IV em 1440) ostentava a referida torre de grande presença no conjunto (**fig.22**), composto também por um pátio anexo, rodeado por arcadas e galerias em dois níveis. O colégio era também dotado de uma capela com acesso exterior, hoje perdida.⁹⁹

Fig.21
Collège St. Martial,
Toulouse (f.1359).
Reconstituição do
edifício original
(Kiene, 1983).



- | | |
|---------------|-----------------------------|
| 1. Kapelle | 5. Wohneinheit |
| 2. Hof | 6. Garten |
| 3. Speisesaal | 7. rue de la Maison commune |
| 4. Küche | |

⁹⁸ Michael KIENE, "Die Grundlagen...", 1983, p.77-78.

⁹⁹ Michael KIENE, "Die Grundlagen...", 1983, p.82-83.

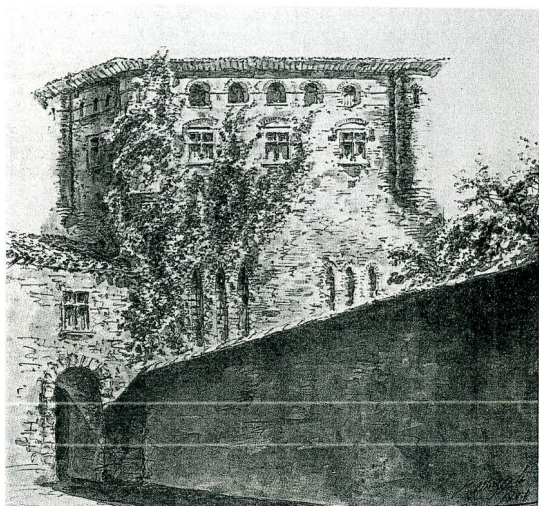


Fig.22

Collège de Foix, Toulouse (f.1440).
Torre-mirador. As janelas estreitas,
na base da torre, ao nível do primeiro
andar, pertencem à biblioteca.
(Kiene, 1983)

Vejamos, finalmente, **os colégios italianos**. Foi em Itália, e mais precisamente em Bolonha, que surgiu o primeiro colégio universitário da Europa levantado integralmente de raiz segundo um projecto unitário e acabado. Trata-se do *colegio de San Clemente*, mais tarde também conhecido por **collegio di Spagna**, pois foi fundado pelo legado papal e Cardeal espanhol Egídio Albornoz para albergar estudantes ibéricos da universidade bolonhesa. Foi construído entre 1365 e 1367. Nesse sentido é anterior mesmo ao *New College* de Oxford, embora se destinasse a menos alunos, 24 no total (contra os 70 do colégio inglês), aos quais se atribuíam, no âmbito do colégio, quartos individuais. Trataremos do *collegio di Spagna* em capítulo particular da presente dissertação, por se tratar, em bom rigor, de um colégio espanhol, ainda que tenha tido como mestre construtor o *inginerius* Matteo Gattapone, italiano de Gubbio. Por agora limitamo-nos a descrever as suas linhas gerais: edifício de dois pisos de planta quadrada, disposto em torno de um pátio também quadrado, dotado de arcadas e galerias nos dois andares (**fig.23**). A capela colegial integrou-se como elemento principal do conjunto, com volumetria saliente, colocando-se ao centro de uma das alas, em disposição perpendicular, e defronte da entrada no quadrângulo colegial, na ala oposta. Nas alas laterais, ocupando os dois pisos, ficavam os quartos, doze a cada lado, portanto. Salas comuns situavam-se precisamente no lanço de acesso ao quadrângulo.

Por outro lado, é interessante notar como o *collegio de San Clemente* não teve repercussão imediata noutros colégios italianos (à excepção, talvez do **collegio Pratense de Pádua, figs. 24-25**).¹⁰⁰ De facto, teve-a mais rapidamente sobre os colégios espanhóis que apareceram subsequentemente, em Lérida e Salamanca, como também veremos. Nas cidades universitárias italianas mais importantes, Bolonha, Pádua, Roma, proliferaram os colégios,¹⁰¹ mas raramente com a clareza arquitectónica daquele fundado pelo Cardeal Albornoz. Na sua maior parte, partiam de situações de adaptação de casas

Fig.23
Collegio di Spagna, Bolonha
 (construído em 1365-1367).
 Pátio na actualidade
 (Colomer/Serra Desfilis, 2006)



¹⁰⁰ O *collegio Pratense* foi fundado em 1394 pelo Cardeal Pileo da Prato, Bispo de Pádua. Em 1408 procedia-se à compra do terreno para o levantamento de uma nova sede para onde entraram os primeiros colegiais em 1420. Sobressaem duplas arcarias na fachada e no pátio interno. De acordo com Kiene, a distribuição interna não é hoje reconhecível: “*La fonte più importante per conoscerne l’originaria fisionomia resta pertanto la descrizione del Savonarola, che chiama il collegio «palatio» e ricorda che le camere degli studenti erano fornite di nicchie per i libri (gymnosiolis). La sala più conspícua era la «capella», oggi non più identificabile*”. Michael KIENE, “*L’architettura del Collegio di Spagna di Bologna: organizzazione dello spazio e influssi sull’edilizia universitaria europea*”, *Il Carrobbio*, Bologna, Ed. Luigi Parma, Anno IX, 1983, p.233-242 (p.238-239 e p.242, notas 55-60).

¹⁰¹ Um importante colégio de Bolonha, anterior ao de San Clemente, o *Collegio Bresciano* (foi fundado em 1326) não tinha pátio dotado de com arcadas. Outros, mais tardios, como o *Collegio Castiglione* (Pavia, fundado em 1429) ou o *Collegio Capranica* (Roma, fundado em 1457), “*seguono ancora la tradizione costruttiva locale*”. Michael KIENE, “*L’architettura del Collegio di Spagna...*”, 1983, p.240. Sobre os colégios italianos tardo-medievais (incluindo o *collegio di Spagna* e o *collegio Pratense*), veja-se Michael KIENE, “*Die Bautätigkeit in den Italianischen Universitäten von der mitte des Trecento bis zur mitte des Quattrocento*”, *Mitteilungen des Kunsthistorischen Institutes in Florenz*, nº 30, 1986, p.433-492.

urbanas. Neste sentido pode dizer-se também que não há uma tipologia definida de colégio nas grandes universidades italianas:

*“Nel caso dei numerosi e poco appariscenti collegi italiani è invece evidente che qui semplicemente mancava la volontà di un'autorappresentazione architettonica, una situazione constatabile nelle grandi università comme in quelle piccole. Forse risiede proprio nella riluttanza ad assumere un aspetto monumentale il motivo per cui con la secularizzazione i collegi italiani si dissolsero nel tessuto urbano quasi senza lasciar tracce Della loro originaria destinazione. Ancor oggi si possano rinvenire a Bologna, Padova e Roma le sedi di numerosi collegi che sono inserite quasi inavvertitamente nell'architettura profana locale”.*¹⁰²

O *Collegio di Spagna* teve porém influência directa para a conformação dos edifícios-sede das universidades transalpinas, os *Palazzi della Sapienza*, como demonstrou outra vez Kiene – voltaremos um pouco mais à frente a este assunto.



Fig.24

Collegio Pratense, Pádua
(construído em 1408-1420).

Fachada
(Kiene, 1983).

Fig.25

Collegio Pratense, Pádua.

Pátio
(Kiene, 1983).

¹⁰² Michael KIENE, “Piccole e grandi università...”, 1998, p.294-95.

Para terminar, há ainda um aspecto transversal às várias tipologias colegiais elencadas, que interessa mencionar. Trata-se da questão da derivação das referidas tipologias arquitectónicas a partir de modelos civis ou monásticos. Rückbrod, no seu trabalho pioneiro, havia colocado os dois mais importantes protótipos colegiais medievais *ex-novo*, o *Colegio de San Clemente* de Bolonha e o *New College* de Oxford, claramente na senda das construções monásticas. No caso bolonhês, Winkelmann,¹⁰³ e depois Kiene, reagiram com algum vigor a esta associação, demonstrando o ascendente de modelos civis e/ou castrenses para o caso. Regressaremos, em devido tempo, a esta questão, na análise a este colégio em particular.

Já para o *New College* parece ser incontornável o contributo de alguns elementos monásticos evidentes, caso do claustro com a torre sineira anexa, e a que não seriam estranhos a necessidade de impor uma noção de disciplina mais rigorosa (associada naturalmente à imagem da disciplina monástica) em função das heresias que, em Oxford, e como referimos, haviam sido combatidas e debeladas. Não obstante, como vimos, tem sido também possível defender a associação do claustro autónomo e apartado com os pátios das palestras da idade clássica (um tipo “mítico” de edifício civil) destinados à função do ensino.¹⁰⁴ Por outro lado, vários autores apontaram também a precedência do tipo de associação entre o *hall* e a capela do *New College*, alinhados numa ala do quadrângulo colegial, com o mesmo tipo de disposição montado num dos pátios do palácio/castelo real de Windsor, de construção pouco anterior.¹⁰⁵

Para o caso dos primeiros colégios de Cambridge, Willis e Clark apontaram, há mais de 120 anos atrás, a influência tipológica dos “*halls*” da nobreza inglesa organizados precisamente em torno do espaço mais amplo da sala de jantar, dependência de que haviam tomado, por sinédoque, o próprio nome.¹⁰⁶

¹⁰³ Jürgen WINKELMANN, “*Universitá e Collegi. Sviluppo e modelli architettonici. Nota su un recente libro*”, in Evelio Verdura y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. V («*Studia Albornotiana*», XXXVI) Real Colegio de España, Saragoça-Bolonha, 1979, p.29-42

¹⁰⁴ Vide *supra* nota 66.

¹⁰⁵ J.H. HARVEY, “*Architecture in Oxford...*”, 1992, p.757.

¹⁰⁶ Veja-se o exemplo do quatrocentista *Haddon Hall*, já dotado de capela interna (vimos que em Cambridge a capela só numa segunda fase viria a ganhar protagonismo no âmbito da

Também em Toulouse eram as construções da aristocracia local que davam o mote para a arquitectura colegial.

Em Paris, caso por onde começamos esta análise, era a arquitectura urbana corrente que servia de base à grande maioria dos colégios seculares, de pequena e média dimensão. Mesmo aqueles que ostentavam uma pequena capela externa, mais não faziam que repetir a fórmula da casa urbana aristocrática. Também os grandes colégios, Sorbon, Navarre e Beauvais, como vimos, se socorriam de conjuntos mais ou menos amplos de arquitectura civil, que haviam sido transformados de acordo com as necessidades programáticas da vida colegial, e aos quais se acrescentavam, normalmente, uma peça de maior expressão e simbolismo, a capela colegial. Esta capela – nestes colégios de maior escala, quase sempre uma já bastante apreciável igreja – seria, de facto, responsável por uma imagem que remetia, evidentemente, para a arquitectura monástica e que dela seria, em parte devedora. Não obstante, podemos também notar como não terá sido estranha a influência dos modelos palacianos régios, como se depreende pelo antecedente da *Sainte-chapelle*, construída em entre 1243 e 1248 e implantada como anexo (tal como nos colégios) ao palácio real da *Cité*.¹⁰⁷

b) Sedes dos estudos

As primeiras universidades não dispuseram, regra geral, de edifícios próprios para as aulas, nos primeiros tempos. Nas universidades ditas espontâneas, era vulgar serem os professores a arrendarem espaços lectivos em casas urbanas correntes. Naturalmente, e de modo a fazerem face às despesas, os professores cobravam as classes aos alunos. Outras situações recorrentes, como vimos, eram as classes terem lugar nos claustros das sés catedrais ou conventuais (em particular, os dos dominicanos e franciscanos) ou ainda em igrejas paroquiais. Também os municípios poderiam, por vezes, ceder espaços aos grémios universitários. Por vezes ainda, as aulas tinham lugar ao ar livre, em determinadas praças ou ruas.

arquitectura colegial local). Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol. III, p.270-273.

¹⁰⁷ Aurélie PERRAUT, *L'architecture des collèges parisiens...*, 2009, p.230-243.

Vimos como em Bolonha, em finais do século XII, foi o município que acorreu às crescentes necessidades de espaços lectivos da universidade, garantindo o uso do antigo palácio comunal, junto da igreja de *San Ambrogio*, para as aulas mais concorridas – estabeleceram-se assim as “*Scolae Sancti Ambrosi*”, na primitiva *piazza Maggiore*, onde deram aulas professores de direito famosos como Alberico ou Odofredo.¹⁰⁸ Vimos também como cerca de 1450 se estabeleceu um novo edifício para as escolas dos juristas, as escolas de *San Petronio*, também mencionadas como “*Scuole grande*” ou “*nuove i grandi Scuole*”, na mesma zona central da cidade. Desconhecem-se, aparentemente, os aspectos arquitectónicos e tipológicos destes imóveis. No entanto, o já citado Boncompagno da Signa, na sua descrição de cerca de 1235, dá-nos pelo menos uma ideia bastante clara de como devia dispor-se a sala de aulas ideal:

*“Tenha igual o comprimento e a largura. Seja a quantidade de janelas disposta de tal forma, que não haja mais ou menos luz do que a própria natureza requer. (...) Esteja limpa de pó e de toda a degradação. Não haja nela retratos ou quaisquer pinturas; a não ser, por acaso, aquelas que através da representação, isto é por formas imaginárias e figuras famosas, façam voltar a memória sobre as ciências nas quais se exercitam os espíritos. Mas todas as paredes do consistório sejam ornadas ou iluminadas de cor verde. Haja uma só entrada e não sejam fatigantes as escadas para subir. Esteja a cadeira dos professores fixada num degrau mais alto, e apresente-se de tal modo acima que os doutores, ao entrarem, possam ver directamente e ser vistos. Por outro lado, estejam de tal modo dispostas duas ou três janelas que o professor possa, de quando em vez, sobretudo quando o tempo está bom, contemplar o exterior: as árvores e os jardins e os arredores, uma vez que a memória se robustece com a contemplação das coisas deleitáveis da natureza”.*¹⁰⁹

¹⁰⁸ Veja-se novamente o capítulo 1.1, p.61-64.

¹⁰⁹ Agradecemos ao Professor José Luis Brandão (FLUC) a tradução do texto latino original para português. A tradução integral pode ver-se no **anexo I**, no final da presente dissertação, tal como o original latino extraído de **Anneliese MAIER**, “**Un manuale per gli studenti di diritto in Bologna del sec. XIII-XIV**”, *Archiginnasio*, Bolonha, n.44-45, 1949-1950, p.161-169.

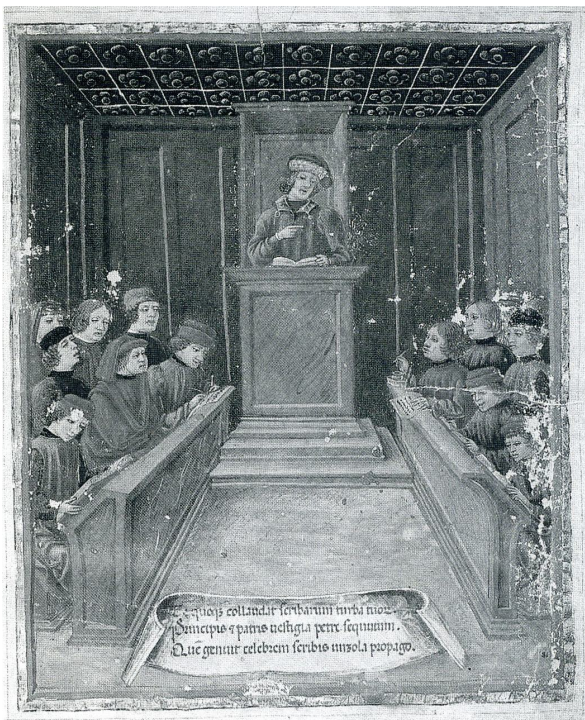


Fig.26
Lição universitária
(Bolonha, *Museo Civico Medievale*).

Fig.27
Santo Agostinho ensinando em Roma.
Quadro de Benozzo Gozzoli (1420-1497),
igreja de Santo Agostinho, San Gimignano.

Fig.28
Aula no *collège de Navarre*
(1487)



Poderemos continuar a observar, no decorrer desta dissertação, como no caso das universidades ibéricas (tanto medievais, como as da Idade Moderna) se procurou acondicionar as salas de aula, em grande medida, a esta disposição tipo, consagrada pelo uso desde tempos mais recuados e que fez literalmente escola, um pouco por toda a Europa.

A Universidade de Paris não dispôs de edifícios próprios até ao século XVIII, como também tivemos ocasião de verificar. Vimos como as classes das várias faculdades decorriam em espaços arrendados ou ainda nas igrejas e conventos, em determinadas áreas específicas do *quartier latin*. Finalmente, foram os colégios mais importantes, os *grands collèges*, que acabaram por compor uma rede alargada de locais para as aulas (**fig.28**) no âmbito das suas dependências.

Em Inglaterra, a situação não foi distinta nos primeiros anos de existência das suas duas importantes universidades – “*For more than a century **Oxford University** had no buildings of its own*”.¹¹⁰ A primeira construção erguida especificamente para a universidade de Oxford foi a *Congregation House*, adossada à parede lateral norte de *St. Mary the Virgin*, igreja de adopção dos universitários e onde decorriam as principais cerimónias públicas como as disputas e as atribuições dos graus. A nova estrutura, erguida em data posterior a 1320, albergava um espaço destinado às reuniões da universidade, no pavimento térreo, ao qual se sobrepunha uma primeira biblioteca universitária, no piso superior.¹¹¹

Em 1421 iniciava-se a recolha de fundos para a construção de um segundo (e autónomo) edifício universitário, a ***Divinity School*** ou escola teológica (**fig.29**).¹¹² Foi implantada nos terrenos mais a norte de *St. Mary the Virgin*, frente às escolas de artes, instaladas em casas arrendadas pertencentes à abadia de Oseney. Em 1444, ainda com a *Divinity School* em construção, a universidade decidiu sobrepor-lhe uma nova biblioteca para albergar os livros do Duque Humphrey (actual *Bodleian Library*). O edifício resultante foi um paralelepípedo alongado com cerca de 30 metros de comprimento (composto por cinco tramos) e de dois pisos de altura, terminado cerca de 1488 pelo

¹¹⁰ **Geoffrey TYACK**, “**The Architecture of the University and the Colleges**”, in John Preist (Ed.), *The Illustrated History of Oxford University*, Oxford/New York, Oxford University Press, 1993, p.84-122 (p.85)

¹¹¹ As cerimónias públicas, como a atribuição de graus e as disputas tinham lugar na nave da igreja. O novo edifício destinava-se a permitir as reuniões do claustro universitário. No primeiro andar guardavam-se os livros propriedade da universidade. J.H. HARVEY, “Architecture in Oxford...”, 1992, p.749.

¹¹² *Ibidem*, p.749-750.

mestre arquitecto William Orchard.¹¹³ A *Divinity school* ainda hoje subsiste como edifício central da universidade, se bem que acrescentado de um novo quadrângulo de três andares, levantado nos inícios do século XVII no seu topo nascente.

A edificação da escola teológica impulsionou uma série de outras obras paralelas no âmbito da universidade. Em 1440, a abadia de Oseney decidiu reconstruir as suas casas da *School Street* (hoje desaparecidas) de forma a adapta-las exclusivamente para as aulas de faculdade de artes.¹¹⁴ As escolas jurídicas, situadas em edifício doutra paróquia (*St. Edward's*) a sudoeste da igreja de *St. Mary*, foram também dotadas de um novo imóvel (construído de raiz, cerca de 1488-1490) aparentemente de dois andares, que terá albergado as classes de direito canónico no piso térreo e as de direito civil no piso superior.¹¹⁵ Finalmente, a própria igreja de *St. Mary* seria renovada pela reconstrução integral da sua nave principal e respectiva abóbada, entre 1488 e 1503.¹¹⁶

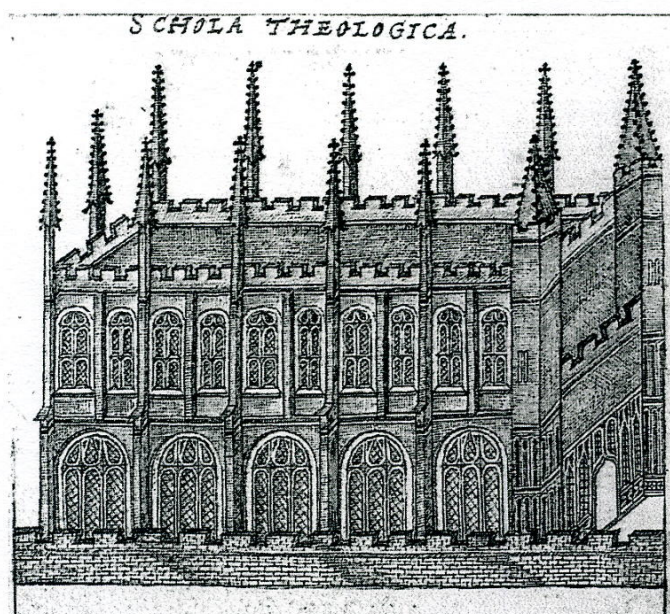


Fig.29
Divinity Schools, Oxford
(construídas em 1421-1448, com
biblioteca no piso superior).
Gravura de John Bereblock, 1566.

¹¹³ *Ibidem*, p.750.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.751. Estas escolas sofreriam uma modernização em meados do século XVI (1557-59) antes de serem demolidas para darem lugar ao mencionado quadrângulo das escolas acrescentado à extremidade nascente da *Divinity School* nos primeiros anos de Seiscentos. Veja-se John NEWMAN, "The Physical Setting ...", 1986, p.599-600

¹¹⁵ *Ibidem*, p.598-599.

¹¹⁶ *Ibidem*, p.599.

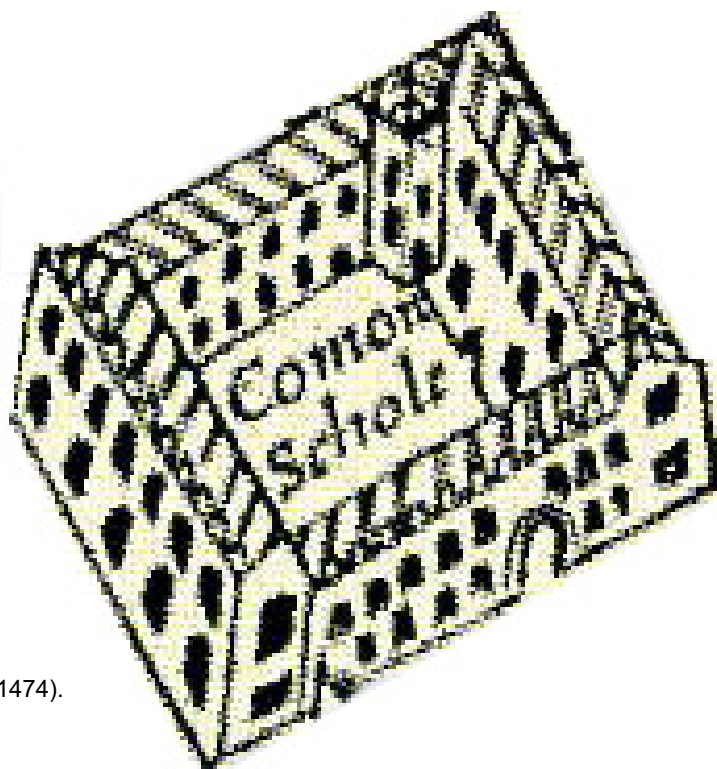


Fig.30

Common Schools, Cambridge
(iniciadas no séc XIV, concluídas em 1474).
Detalhe da vista da cidade
de John Hammond, 1592.

Por sua vez, a universidade de **Cambridge** foi talvez das primeiras universidades europeias a mandar construir um edifício central próprio com locais para as aulas. Com efeito, a *Divinity School* local foi levantada na segunda metade do século XIV (*"between c.1351 and c.1400"*)¹¹⁷ aparentemente segundo a fórmula de pavilhão repetida mais tarde em Oxford. Esta construção, originalmente isenta, daria origem a um complexo quadrangular, as **Common schools** (fig.30), que hoje subsistem em parte, conhecidas como *Old schools*. De facto, acrescentou-se uma ala nova em 1430-60 (a ocidente, para o direito canónico), outra em 1457-70 (a sul, para o direito civil, filosofia e biblioteca, esta já desaparecida) e ainda outra em 1470-74 (a oriente, hoje substituída pela fachada neopalladiana de meados do século XVIII). Assim, em meados do século XV, o edifício constituía-se por um contínuo de dois andares em redor de um pátio quadrangular.¹¹⁸

Em França (para além do caso de Paris, já observado) houve universidades que lograram levantar construções próprias. A mais conhecida, que chegou até

¹¹⁷ Nikolaus PEVSNER, "Universities yesterday"..., 1957, p.236.

¹¹⁸ *Ibidem*, p.236. Para um estudo completo, veja-se Robert WILLIS, John Willis CLARK, *The architectural history...*, 1886, Vol. III, p.1-33.

nós, deverá ser a antiga **Librairie**, actual *Salle des thèses*, de **Orléans** (fig.31). Foi iniciada em 1411, teve a obra interrompida entre 1415 e 1444, tendo sido terminada cerca de 1455.¹¹⁹ Trata-se de um edifício dotado de duas frentes públicas opostas, integrado num quarteirão urbano alongado da Orléans medieval. O espaço da biblioteca, que servia também para actos solenes da universidade, é um espaço alongado, alto, abobadado, dividido por uma linha de três delgadas colunas, iluminado por duas grandes janelas góticas a cada topo, e que se encontra sobrelevado sobre dependências utilitárias, nas quais terá funcionado (entre outros usos) uma imprensa associada à universidade.¹²⁰ Do lado do acesso principal, sobre a antiga *Rue de l'Escrivannerie*, existia a casa do livreiro, funcionário que tomava conta do edifício, demolida no início do século XIX.¹²¹ Deste mesmo lado, adossada à parede do topo poente da sala, elevava-se uma torre esguia (demolida em 1757) onde, em 1540, se colocou um relógio.¹²²

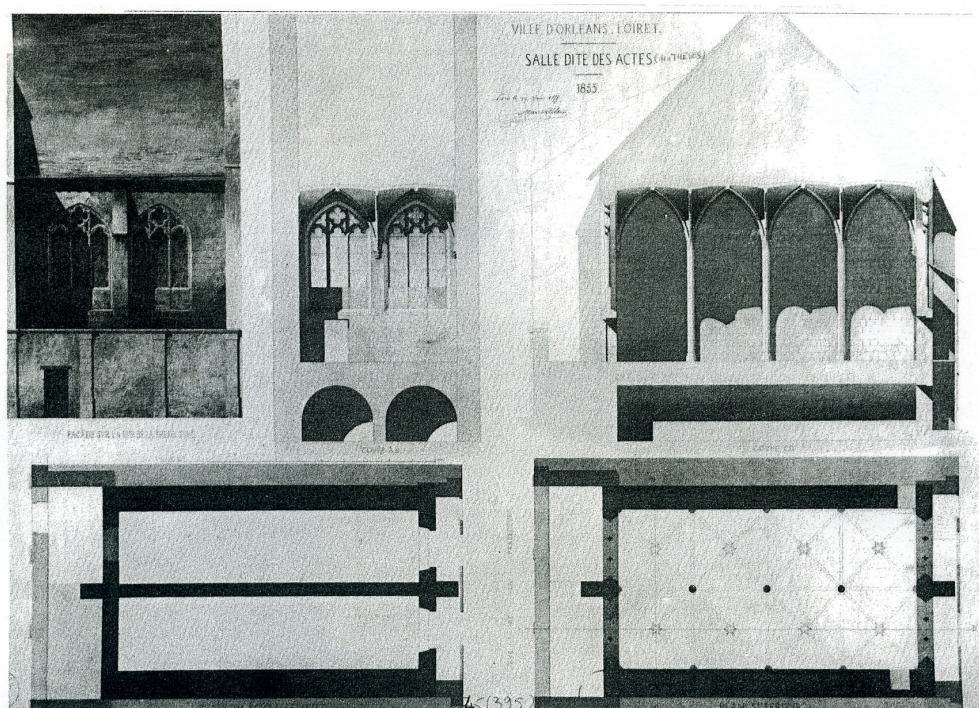


Fig.31
Salle des thèses,
 Orléans (1411-1455).
 Desenho do arquitecto
 Delton, 1855
 (Nivet, 1982).

¹¹⁹ Jean NIVET, *La Salle des Thèses de l'Université d'Orléans*, Orléans, Société Archéologique et Historique de l'Orléanais, 1982, p.5-8.

¹²⁰ *Ibidem*, p.14.

¹²¹ *Ibidem*, p.38.

¹²² *Ibidem*, p.37.

Fig.32
Grandes Écoles, Orléans
 (construídas em 1498-1507).
 Aguarela de Ch. Pensée, 1825
 (Nivet, 1982).



Um edifício semelhante, destinado às aulas, as **Grandes Écoles**,¹²³ foi levantado em 1498-1507, em área próxima do centro urbano (**fig.32**). Compunha-se de duas salas sobrepostas, cada uma iluminada por quatro janelas (também de arco apontado) do lado da rua. Nada resta do edifício, demolido em 1826.¹²⁴

De resto, havia *Grandes écoles* noutras universidades francesas importantes como Caen e Poitiers¹²⁵ No entanto, parece que se tratavam de adaptações de edifícios pré-existentes. Na de Caen (fundada em 1432 por Henrique VI de Inglaterra) as classes de direito, de teologia e de medicina tinham lugar, desde meados do século XV, num conjunto de casas sobre a *rue de Cordeliers*, na zona central da cidade. Este complexo incluía ainda uma dependência, ao nível

¹²³ Existam escolas de direito em Orléans desde cerca de 1235, reconhecidas oficialmente como *studium generale* em 1306. Tratava-se, pois, de uma universidade essencialmente jurídica.

¹²⁴ Jean NIVET, *La Salle des Thèses...*, 1982, p.6-10. Curiosamente, e apesar da aparente elegância do imóvel (**fig.32**), um teólogo inglês, que o visitou em 1625, referiu-se-lhe em termos pouco abonatórios: "*Les Grandes Ecoles ne sont rien autre chose qu'une vaste grange devenue propre aux écoles par cinq rangs de bancs et une chaire au milieu: jamais édifice ne répondit moins à sa pompeuse dénomination*".

¹²⁵ Sobre esta última universidade, veja-se **AAVV, L'Université de Poitiers 1431-1981**, Poitiers, Université de Poitiers, 1981

térreo, para a biblioteca.¹²⁶ As assembleias universitárias, no entanto, tinham normalmente lugar no convento franciscano próximo.

Também algumas faculdades lograram erguer novos edifícios-sede de forma independente. Foi justamente em Caen, mesmo em frente às escolas da universidade, do outro lado da rua, que a faculdade de artes local comprou uma outra série de casas (em 1460 e 1480) onde pôs a funcionar o “*collège des Arts*”. Houve certamente alguma intervenção arquitectónica pois segundo Beaurepaire (que cita a descrição de Bourgueville, de 1588) tratava-se de «*un magnifique bâtiment construit sur arches et porches, avec chambres, offices et grande salles. La façade était particulièrement soignée. “On y voyoit esleuez en bosses de grands images ou simulacres representans les sept arts liberaux”. Ces statues étaient parfaitement sculptées. “Mais (...) elles furent abbatues (...) par les protestants de ce malheureux an 1562”*».¹²⁷

Caso interessante parece ser também o das instalações lectivas da universidade de **Toulouse**, a que nos referimos parcialmente no capítulo 1.1. Importa recordar que desde 1327 existiu um edifício próprio para o ensino da teologia levantado pelos *capitouls* (os representantes locais) na rue Deville e hoje desaparecido.¹²⁸ Havia também uma rua das escolas de decreto (direito canónico) e existe ainda hoje uma *rue des Lois* onde se situariam, portanto, várias salas de aulas adstritas a estas matérias.¹²⁹ Um novo e alongado edifício das escolas de direito foi levantado já no século XVI, entre 1518 e 1522,¹³⁰ sobre a frente da via mais tarde conhecida como *rue de l'Université*, sempre na mesma zona da cidade. Seriam reconstruídas em 1540-1541, após incêndio ocorrido no primeiro destes anos – para os *capitouls*, depois de refeitas, eram

¹²⁶ **Henri PRENTOUT, *La Vie de l'Étudiant a Caen au XVIe Siècle***, Caen, H. Delesques, 1905, p.3-6. O conjunto das *Grands Écoles* foi demolido em 1694 para dar lugar a um novo imóvel, Veja-se também, sobre estes edifícios **Eugène ROBILLARD de BEAUREPAIRE, *Caen Illustré. Son Histoire, ses Monuments***, Caen, F. le Blanc-Hardel, 1896, p.400-402.

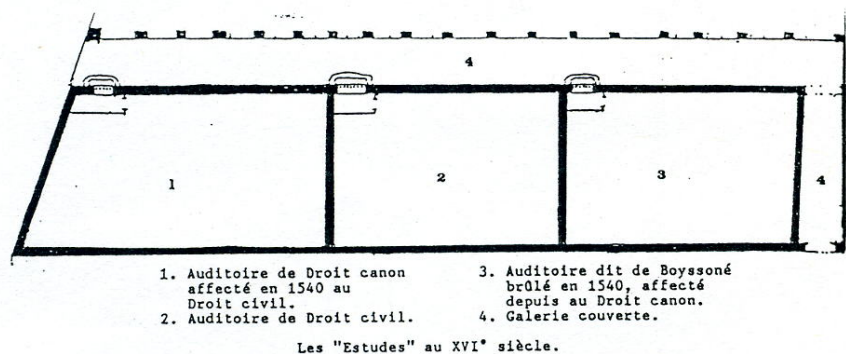
¹²⁷ *Ibidem*, p.393. Sobre o desaparecido *collège des Arts* veja-se também **Charles-H. POUTHAS, *Les Collèges de Caen au XVIIIe Siècle***, Caen, Louis Jouan Editeur, 1911, p.29-40 – o conjunto comportava uma série de salas de aula (a maior das quais, a de filosofia, servia também de capela), uma casa para o Principal, e quartos para os mestres, no primeiro andar.

¹²⁸ **Henri GILLES, *Université de Toulouse & enseignement du droit. XIIIème-XVIème siècles***, Toulouse, SEDUSS, 1992, p.341.

¹²⁹ *Ibidem*, p.342-343.

¹³⁰ *Ibidem*, p.346-349.

Fig.33
 Les "Estudes",
 Toulouse
 (1518-1522).
 Reconstituição do
 imóvel original
 (Gilles, 1992).



"les plus belles écoles de la Chrétienté".¹³¹ O imóvel albergava três auditórios (dois para o direito civil, um para o canónico – **fig.33**), dispostos em sequência, acessíveis desde um pátio posterior ao qual se acedia, desde a rua, por uma passagem.¹³² A descrição do mobiliário que equipava as salas e da sua organização interna, citada por Henri Gilles, é elucidativa de como funcionavam os espaços lectivos da Idade Moderna.¹³³

Feita uma primeira abordagem, que conclusões poderemos retirar de todos estes casos que acabamos de ver? Evidentemente, e como seria de esperar, não há regras fixas, nem modelo universais. Podemos, pois, confirmar a ideia de que as primeiras escolas universitárias foram instaladas em espaços arrendados, no âmbito de casas urbanas. Gradualmente as universidades (ou as faculdades) foram-se tornando proprietárias desses imóveis, introduzindo-

¹³¹ *Ibidem*, p.364. "Ses dimensions étaient d'environ 80 mètres de longueur sur 16 mètres de large. Elles sont donnés d'après le plan levé en mai 1807 par Pascal Virebent". *Ibidem*, p.360, nota 107.

¹³² Veja-se os desenhos em *Ibidem*, p.406-407. O imóvel, reformado em diversas épocas (foi acrescentado de um andar superior no início de Setecentos) persistiu até inícios do século XX como sede da Faculdade de Direito.

¹³³ A descrição é datada de 1610: "A l'intérieur des trois salles, la chaire du maître était adossé au mur longeant la rue. C'était un meuble imposant, comportant un dossier s'élevant jusqu'à 4m.50 du sol et surmonté d'un plafond muni d'une corniche, frise et architrave supportant deux vases, au dessous duquel étaient suspendues deux lampes. Le siège du docteur, haut de quatre-vingt-dix centimètres, reposait sur un plancher placé à une hauteur de deux mètres trente au dessus du sol. En avant, et solidement liée à la première, une deuxième chaire, plus basse, était destinée au «répondant» appelé à intervenir dans l'exercice particulier de la «dispute». Cette deuxième chaire avait son plancher placé à une mètre et vingt cinq du sol et son appui s'élevait à une mètre au-dessus. (...) Devant elles étaient alignés les bancs et pupitres des écoliers, solidement fixés à la plateforme de bois, elle-même reposant sur des chevrons de bois posés sur le sol, qui recouvrait le pavement de briques de la salle; entre eux, des allées étaient aménagées pour permettre l'accès aux diverses places". A primeira sala, junto ao cunhal do edificio, dispunha de três grupos de bancos separadas pelas alas de acesso. A segunda sala, dois. *Ibidem*, p.362-363.

lhes alterações arquitectónicas significativas de modo a melhor se adaptarem às funções lectivas. Outras vezes, tomavam a iniciativa de levantar novos edifícios, na maior parte dos casos destinados ao ensino de matérias específicas: as escolas teológicas, as escolas de direito, ou as escolas de artes. Este é também o caso de algumas *grandes écoles* de universidades francesas que se especializaram no ensino e estudo de determinadas matérias, como a de Órleans, que se dedicou às matérias jurídicas.

A concentração das salas de aula para todas as matérias num único organismo central, sede da universidade, foi o passo seguinte. Sucedeu, por exemplo, em Cambridge, em finais do século XV, com a construção das *Common Schools* e mais pausadamente em Oxford, processo este que teria epílogo apenas no século XVII. A evolução registada parece comportar consequências arquitectónicas e tipológicas. Podemos notar, nos casos referidos, que para as escolas construídas de raiz, contendo uma ou mais salas dedicadas a apenas uma matéria geral (teologia, direitos, artes) se erguia normalmente um bloco paralelepípedo, quer se tratasse de uma situação de implantação isenta ou ainda da plena integração em determinado quarteirão urbano, paredes-meias com casas urbanas vizinhas.

A concentração do ensino de todas as faculdades num único complexo central comportou naturalmente a conformação de edifícios maiores, tendencialmente mais representativos, mas sobretudo dispostos em torno de um espaço central amplo, cada vez mais frequente – o quadrângulo – que permitia o acesso fácil e equitativo a todas as dependências lectivas.

Percebe-se, pois, que a disposição orgânica das novas escolas se tenha aproximado da dos novos colégios. Estes tinham atingido mais cedo uma maior complexidade programática e arquitectónica, para a qual a opção tipológica quadrangular se havia revelado resposta adequada, sempre que se havia equacionado o levantamento de um novo edifício. Neste sentido percebe-se também melhor como alguns colégios, no século XV, foram facilmente adaptados a edifícios-sede da universidade, mantendo inclusivamente a designação de “colégio” – como no caso, já visto, dos colégios escoceses.

Regressando a **Itália**, deve destacar-se, do ponto de vista da história da arquitectura, um importante colégio medieval – o já mencionado *collegio de San Clemente* de Bolonha, levantado de raiz em 1365-67, e que influenciou fortemente a formação dos modelos das sedes universitárias, como mostrou Michael Kiene.¹³⁴ Este processo terá tido início nos finais do século XV (período que nos interessa particularmente para o nosso trabalho), não tendo produzido impacto imediato, pois prolongou-se por todo o século XVI e inícios de Seiscentos.¹³⁵

Olhando para o caso Italiano, pôde Pevsner dizer que “*The architectural type for the university as against the college is a square large block with a square courtyard with cloister galleries on one or two floors*”.¹³⁶ Porém Pevsner não conheceria o *collegio di Spagna*, desde logo porque não o cita neste seu pioneiro artigo dedicado à arquitectura universitária europeia.¹³⁷ Deste modo, talvez se perceba melhor que as sedes universitárias italianas se tenham designado por *collegi della Sapienza* antes de merecerem para si próprias a designação mais corrente de *palazzi della Sapienza*.

Uma das primeiras sedes universitárias de construção nova, ou parcialmente nova, a de **Pisa**,¹³⁸ revela alguns pontos particulares de contacto com o colégio dos estudantes espanhóis de Bolonha. O obra, começada provavelmente na década de 1480, terá integrado estruturas pré-existentes do mercado do grão, pelo que se organizou em torno de um pátio quadrangular, irregular (trapezoidal) e alongado, quando a primeira intenção parece ter sido a de levantar uma sede totalmente nova, aparentemente de planta quadrada.¹³⁹ A (re)construção do edifício terá sido atribulada, não sendo claro quando foi

¹³⁴ Michael KIENE, “Der Palazzo della Sapienza – Zur Italienischen Universitätsarchitektur des 15. und 16. Jahrhunderts”, *Römisches Jahrbuch für Kunstgeschichte*, Roma/Tübingen, nº23/24, 1988, p.219-271.

¹³⁵ *Ibidem*.

¹³⁶ Nikolaus PEVSNER, “Universities yesterday”..., 1957, p.237.

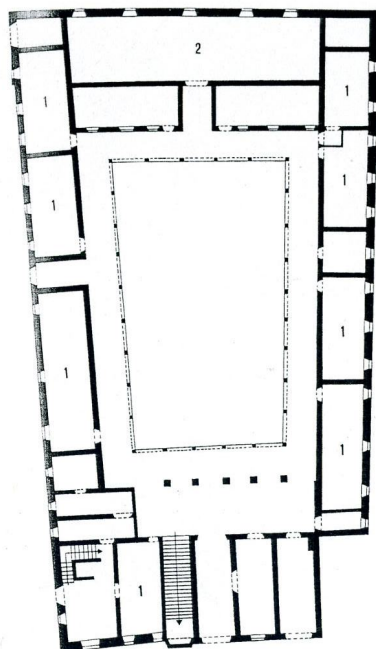
¹³⁷ *Ibidem*.

¹³⁸ A Universidade de Pisa teve um primeiro período de existência entre 1343 e cerca de 1360. Em 1472, Lorenzo de Médicis transferia a Universidade de Florença para Pisa, reiniciando assim uma segunda vida da universidade local. Datas em Jacques VERGER, “Modelos”, in Walter Rüegg, Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.I, Lisboa, CRUP/FEAA/INCM, 1996, p.33-71 (p.59).

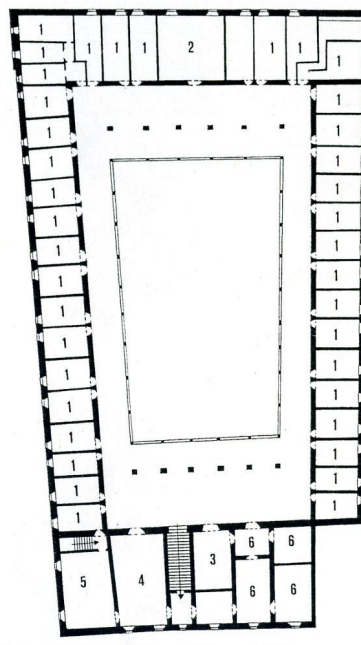
¹³⁹ De acordo com um esboço de Giuliano da Sangallo. Michael KIENE, “Der Palazzo della Sapienza...”, 1988, p.228-229.

acrescentado o piso superior.¹⁴⁰ Sabe-se apenas que algumas décadas depois, integrava-se na sua estrutura um conjunto de quartos para 40 estudantes resultantes do estabelecimento, em 1542, de um colégio ducal “enxertado” na sede universitária. A entidade resultante manteria a designação de *collegio della Sapienza*.¹⁴¹

Assim, as galerias do pátio desenvolviam-se em dois níveis (colunas e arcarias em baixo, colonelos e arquitrave em cima) servindo sobretudo salas de aula no rés-de-chão e quartos de estudantes no piso superior. Tal como no *Collegio di Spagna*, o eixo principal de organização no conjunto ligava a entrada no recinto com uma dependência relevante na ala oposta, neste caso a *scola magna* ou aula principal (**fig.34**). A pequena capela situava-se no piso superior sobre a entrada (**fig.35**). Uma pequena torre com relógio, introduzida em 1591, em paralelismo posicional evidente com o relógio da empena da capela do colégio bolonhês, aproximaria a imagem interna do pátio da *Sapienza* de Pisa com a do *collegio di Spagna*.¹⁴²



6. Pisa, Sapienza, Erdgeschoß, nach 1591–vor 1613?
(Umzeichnung)
1 schola, 2 schola magna



7. Pisa, Sapienza, erstes Obergeschoß, nach 1591–vor 1613?
(Umzeichnung)
1 camera, 2 biblioteca, 3 sacellum, 4 refectorium, 5 cucina,
6 domicilium D. ...

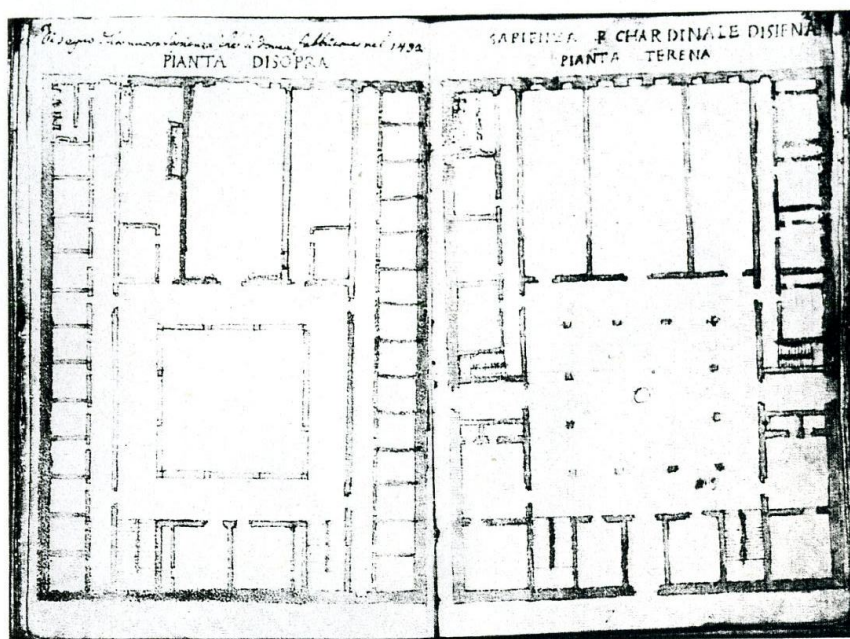
Fig.34
Sapienza, Pisa
(iniciada c^a 1480).
Reconstituição da
planta do piso térreo
em 1591-1613?
(Kiene, 1988).
Fig.35
Sapienza, Pisa.
Reconstituição da
planta do primeiro andar
em 1591-1613?
(Kiene, 1988).

¹⁴⁰ Em 1493, a construção estaria “*imperfecta*”. *Ibidem*, p.228.

¹⁴¹ *Ibidem*, p.228 e p.230.

¹⁴² *Ibidem*, p.231-233.

Fig.36
Sapienza, Siena.
 Projecto não
 construído de
 Giuliano da Sangallo
 (c.ª. 1481-1494).
 Plantas dos pisos
 superior e térreo
 (Kiene, 1988).



Apesar da *décalage* temporal na introdução da zona residencial em Pisa, Michael Kiene notou que o projecto de uma outra sede universitária italiana incluía no seu programa inicial espaços residenciais para alguns estudantes universitários (tal como nos colégios). Falamos do caso da *Sapienza* de **Siena** que não passou, infelizmente, do papel.¹⁴³

O projecto de Giuliano da Sangallo (**fig.36**), de que se conhecem três versões aproximadas, correspondentes a outros tantos esboços, terá sido concebido entre 1481, data em que o conselho municipal decidiu levantar o novo imóvel, e 1494, ano em que finalmente se adquiriram as casas e terrenos necessários.¹⁴⁴

Aspecto importante era a organização do imóvel em torno de um pátio central quadrado dotado de galerias (rodeado de salas de aula no rés-de-chão) e o posicionamento da capela a eixo da entrada principal do edifício, tal como no *collegio di Spagna* (no projecto de Siena com o refeitório sobre a capela, no primeiro andar).¹⁴⁵ Outro paralelismo evidente com o colégio bolonhês é a tentativa de organização simétrica das escadas principais de acesso ao piso superior, a cada lado do átrio de acesso à nova universidade. Neste pavimento superior situavam-se 28 quartos, provavelmente duplos, pois em 1481 pensara-

¹⁴³ *Ibidem*, p.237-242.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p.240.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p.240.

se a inclusão no programa de dependências suficientes para um total de 50 estudantes.¹⁴⁶ Obviamente, os estudantes residentes já não eram estudantes pobres mas estudantes vindos de fora da cidade e que pagavam uma pensão para poderem residir na sede universitária, um processo evolutivo que Kiene designou de “*Aristokratisierung*”.¹⁴⁷

Já para as sedes universitárias italianas subsequentes, do século XVI e XVII (que não trataremos, aqui, em detalhe) como a Sapienza de Roma (iniciada em 1497 e terminada apenas em 1670), o *Pallazo d'il Bò* de Pádua (adaptação de um palácio pré-existente com construção de um novo pátio entre 1546 e 1587), ou o Archiginnasio de Bolonha (construído em 1562-63), pôde Michael Kiene identificar uma série de evoluções tipológicas.¹⁴⁸ Registe-se, sobretudo, como a biblioteca é uma valência praticamente ausente das sedes universitárias italianas, até ao século XVII,¹⁴⁹ situação que interessará particularmente para a comparação com o caso de Espanha e da Península Ibérica em geral. De facto tanto as sedes das escolas universitárias ibéricas (Salamanca, Lisboa) como os principais colégios espanhóis ostentam, desde relativamente cedo, espaços de biblioteca importantes e com posição de destaque no âmbito de uma já embrionária arquitectura universitária, como veremos. Outro fenómeno importante que se dá conta é o da eliminação dos quartos para os estudantes nas sedes universitárias quinhentistas. Enquanto em Roma subsistem ainda dependências residenciais, apenas para os professores, ao nível de um

¹⁴⁶ *Ibidem*, p.241.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p.237.

¹⁴⁸ Todas estas sedes seguem o modelo do pátio quadrangular (alongado em Roma) rodeado por galerias delimitadas por pilares (Roma) ou colunas (Pádua e Bolonha), suportando arcarias (em Roma e Bolonha) ou uma arquitrave (como nos dois pisos do pátio de Pádua). Existem sempre dois conjuntos de escadas em posição simétrica relativamente à entrada no pátio, situação que se prestava a uma subdivisão das salas de aula em dois grupos, um para cada uma das “universidades” em que se subdividiavam as universidades das cidades italianas – a dos juristas e a dos médicos e artistas. Frente à entrada principal, tal como no *Collegio di Spagna*, surge também sempre um programa de referência: A igreja de *Sant'Ivo* de Borromini (1642-1660) na Sapienza romana, a aula magna em Pádua, ou ainda a capela (sobrepota pelo teatro anatómico de 1638-49) no archiginnasio de Bolonha. *Ibidem*, p.247-271.

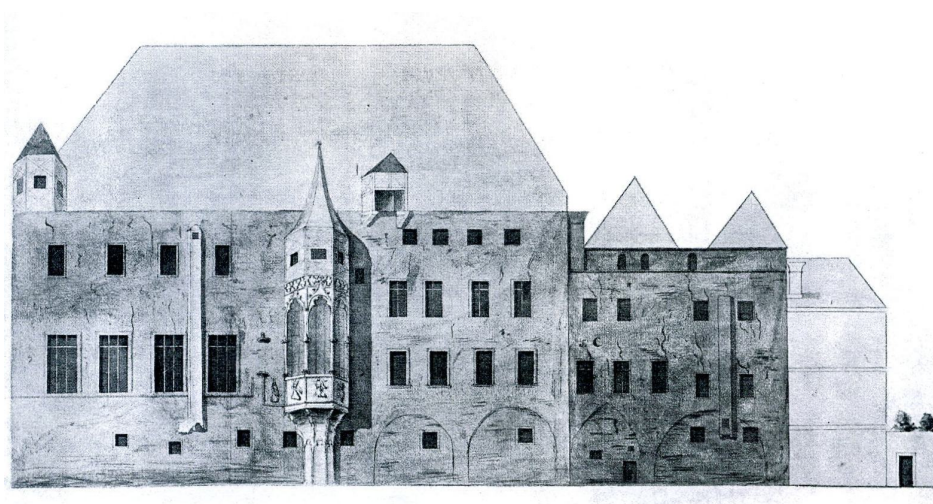
¹⁴⁹ A *Biblioteca Alessandrina* foi colocada no primeiro andar da ala norte, por iniciativa do Papa Alexandre VII (1665-1667). “*Es handelt sich mithin um eine des frühesten Universitätsbibliothek Italiens*” – “*It therefore concerns one of the earliest university libraries of Italy*”. Os exemplos anteriores mencionados são a livreria da Sapienza de Pisa, de 1611, e a do novo palácio universitário de Nápoles, edifício traçado por Giulio Cesare Fontana e terminado em 1615. *Ibidem*, p.261 e fig.40.

terceiro piso (desprovido de galeria para o pátio), tanto em Pádua como em Bolonha as dependências residenciais desaparecem totalmente.

Esta situação, constituiu também um dado de partida para os edifícios-sede das universidades do **centro e leste da Europa**. Com efeito tanto o *Collegium Maius* de Cracóvia, como o **Karolinum de Praga (fig.37)**¹⁵⁰ ou o *Collegium Ducale* de Viena¹⁵¹ (originalmente sedes das faculdades de artes locais e que passaram com o tempo a sedes das respectivas universidades), serviam apenas para residência dos mestres de artes (e nalguns destes casos dos de teologia), estando excluída a habitação de estudantes, excepto para aqueles que eram criados dos mencionados mestres.

Fig.37

Karolinum, Praga
(no actual edificio desde 1383).
Alçado com a janela do refeitório
(Chaloupecký, 1948).



¹⁵⁰ Fundado em 1366, para residência de 12 mestres da faculdade de Artes, foi transferido para o imóvel actual, uma antiga casa aristocrática urbana, em 1383 (veja-se o capítulo 1.1). Sobre o *Collegium Carolinum* consultamos Václav CHALOUPECKÝ, *La Université Charles a Prague*, Praga, 1948, e Michael SVATOS, Jan HAVRANEK, “University colleges at Prague from the fourteenth to the eighteenth centuries”, in Domenico Maffei, Hilde de Ridder-Symoens, *Collegi Universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo*, Milano, Guiffre Editore, 1991. p.143-154: “...the first college foundations were intended for the masters. (...) The Karolinum became the exclusive place for university educational activity and at the same time most of Prague professors lived there”, p.154.

¹⁵¹ Fundado por Alberto III em 1384 para os mestres das faculdades de teologia e de artes (2 doutores em teologia e 12 mestres de artes, estudantes de teologia – veja-se o capítulo 1.1). Sobre o *Collegium Ducale*, ou *Herzogskolleg*, veja-se Kurt MÜHLBERGER, “Die Gemeinde der Lehrer und Schüler”, in Peter Csendes, Ferdinand Opll, *Wien. Geschichte einer Stadt*, Vol I, Wien-Köln-Weimar, Böhlau, 2001, p.319-410 (p.376-382).



Fig.38
Halles, Lovaina
(sede da universidade desde 1432).
Gravura de J.B. Gramaye,
1610.

Em **Lovaina**, nem estudantes, nem mesmo mestres, foram residir para o imóvel do antigo mercado dos tecidos (**fig.38**) cedido pelo município à universidade (fundada em 1425) em 1432, primeiro parcialmente, depois (em 1678) na totalidade. Neste magnífico e peculiar edifício, localizado no coração da cidade, dispuseram-se salas para as quatro faculdades superiores, para além de espaços de assembleia e das dependências da administração central da universidade.¹⁵²

Em conclusão prévia, e na sequência desta primeira síntese, parece verificar-se que o modelo construído “colégio” antecedeu (na grande maioria dos contextos) o modelo de “edifício sede da Universidade”, tendo-o influenciado tipologicamente, em particular na adopção do esquema planimétrico centrado no pátio quadrangular. Isso é notório, como vimos, em Oxford e Cambridge e, sobretudo, nas universidades italianas. Por outro lado, na Escócia, e por exemplo em **Cracóvia**, foram “colégios” que se estabeleceram como sedes das universidades.

Na cidade polaca constituiu-se o **Collegium Maius** (destinado às classes e à residência dos mestres de Artes e também dos professores de teologia¹⁵³) desde 1400 a partir de um conjunto de casas urbanas pré-existentes (**fig.39**).¹⁵⁴

¹⁵² **AAVV, Leuven University 1425-1985**, Leuven, Leuven University Press, 1990, p.57-65. A faculdade de artes foi instalada numa casa pertencente à Universidade (o *Vicus Artium*) também no centro da cidade.

¹⁵³ Os estudantes habitavam um outro colégio, o *Collegium Minus* (datado possivelmente de 1449) ou ainda um dos vários “*hospicia*” (ou “*bursae*”) da cidade. **Jerzy WYROZUMSKI**, “Les

Fig.39

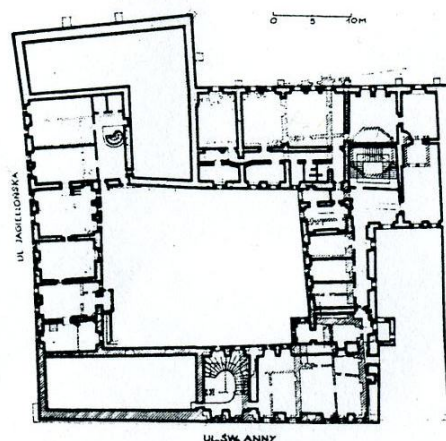
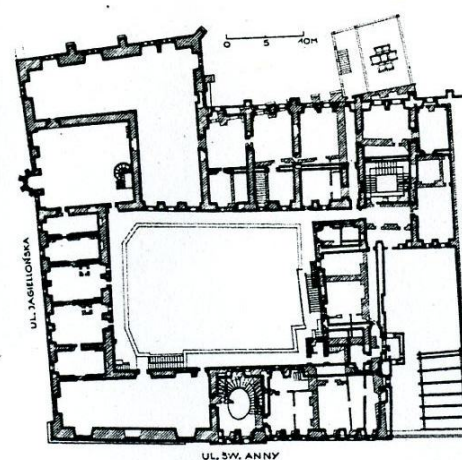
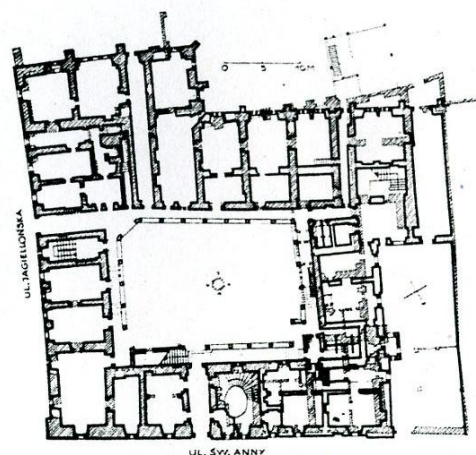
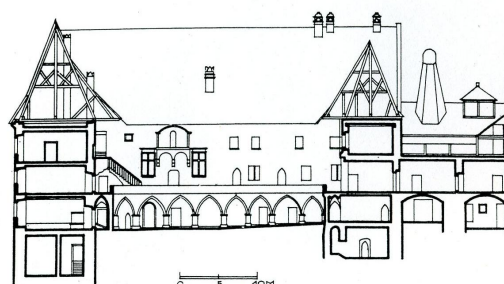
Collegium Maius, Cracóvia
(f. 1400, reconstruído a partir de 1493).
Fachada da rua Jagielonska.

Fig.40

Collegium Maius, Cracóvia.
Corte pelo pátio
(Fonte: Estreicher, 1971).

Figs.41-43

Collegium Maius, Cracóvia.
Plantas do piso térreo,
primeiro andar e piso superior
(Fonte: Estreicher, 1971).



collèges et les internats de l'Université Jagellonne aux XVe et XVIe siècles", in Domenico Maffei, Hilde de Ridder-Symoens, *Collegi Universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo*, Milano, Guiffrè Editore, 1991. p.131-142.

¹⁵⁴ A primeira foi doada pelo Rei Wladyslaw II Jagiello em 1400. Uma segunda casa comprou-se em 1415, outra em 1417. *Ibidem*, p.134-135. Veja-se também, sobre a evolução do imóvel do *Collegium Maius*, **Karol ESTREICHER**, *Collegium Maius. Uniwersytetu Jagiellońskiego w Krakowie*, Warszawa, Wydawnictwo Interpress, 1971.

Estas e outras casas foram conformadas em torno de um pátio central após a importante reconstrução e reorganização do complexo de finais do século XV, subsequente à destruição parcial resultante do grande incêndio de 1493. As aulas (*“lectoria”*) situavam-se em redor do pátio ao nível do rés-de-chão (**fig.41**). O refeitório, com a sua particular janela saliente sobre a rua Jagielonska, situava-se no primeiro andar. As residências dos mestres ocupavam os dois pisos superiores (**figs.42-43**).¹⁵⁵ Independentemente destas particularidades, um modelo de referência para esta renovação parece ter sido outra vez o *Collegio di Spagna* de Bolonha¹⁵⁶ (note-se bem, um colégio e não outro tipo de edifício), tanto pela introdução de um arcaria e galerias em redor do pátio central quadrangular (ainda que com desenvolvimento apenas pelo andar térreo, **fig.40**), como pelo emprego do mesmo tipo de materiais – revestimento em tijolo para o arcaboijo colegial, elementos em pedra calcária nas arcadas do pátio.¹⁵⁷ Vejamos, então, com atenção – no subcapítulo seguinte – o caso do colégio dos estudantes espanhóis em Bolonha, central para o nosso estudo.

¹⁵⁵ Veja-se ainda, sobre a arquitectura do *Collegium Maius*, Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.231-237, Michael KIENE, “Die Grundlagen...”, 1983, p.80-82 e Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna...”, 1983, p.239.

¹⁵⁶ Karol ESTREICHER, *Collegium Maius...*, 1971, p.18 e p.21, e também Michael KIENE, obras citadas.

¹⁵⁷ O acabamento actual do imóvel, neo-gótico, resulta da intervenção de “restauro” estilístico, de Oitocentos.

2.2. O collegio di Spagna, em Bolonha.

O primeiro edifício colegial «ex-novo» da Europa

a) Fundação

É conhecido, nos seus aspectos fundamentais, o processo de estabelecimento e construção do colégio de *San Clemente*, ou *collegio di Spagna*, colégio dos estudantes espanhóis da universidade de Bolonha.¹ Não faremos mais que recapitular alguns aspectos essenciais, nomeadamente a sua caracterização arquitectónica e distribuição funcional original, apontando, por outro lado, certos aspectos não totalmente esclarecidos.

Primeiro exemplar de uma primeira tipologia referente a edifícios universitários e colegiais, como propôs Rückbrod (*“la prima costruzione ‘ex-novo’ di un collegio in cui la disposizione dei vani architettonici abbia assunto una inequivocabile struttura formale e funzionale”*²), o *collegio di Spagna*

¹ É vasta a bibliografia sobre o *Collegio di Spagna* enquanto entidade arquitectónica. Devemos destacar, entre outras contribuições, e por ordem cronológica, Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977; Giuseppe MARCHINI, “Il Collegio di Spagna, edificio monumentale”, in Evelio Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. V («*Studia Albornotiana*», XXXVI), Saragoça-Bolonha, Real Colegio de España, 1979, p.7-28; Pierfranco AGRESTINI, “Gli interventi edilizi nel Collegio di Spagna negli ultimi 100 anni”, in Evelio Verdera y Tuells (Ed.), *obra citada*, p.349-361; Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen. Universitätsbaukunst zwischen Sakralisierung und Säkularisierung*, Tese de Doutoramento, Münster/Westf, 1981; Michael KIENE, “Die Grundlagen der Europäischen Universitätsbaukunst”, *Zeitschrift für Kunstgeschichte*, Vol.46, Munique-Berlim, 1983, p.63-114; Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna in Bologna: organizzazione dello spazio e influssi sull’edilizia universitaria europea”, *Il Carrobbio*, Vol.9, Bolonha, 1983, p.233-242; Michael KIENE, “Zur Bautätigkeit in den italienischen Universitäten von der Mitte des Trecento bis zur Mitte des Quattrocento”, *Mitteilungen des Kunsthistorischen Instituts in Florenz*, Vol.30, Florença, 1986, p.433-490; Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto del Colegio de España*, Real Colégio de España, Saragoça-Bolonha, 1992; e mais recentemente Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBÁÑEZ, *Dietro il muro del Collegio di Spagna*, Bolonha, Clueb, 1998; e Amadeo SERRA DESFILIS, “El Colegio de España en Bolonia y la arquitectura universitaria del primer Renacimiento en Italia y España”, in José Luís Colomer, Amadeo Serra Desfilis (Dir.), *España y Bolonia. Siete siglos de relaciones artísticas y culturales*, Madrid, Fundación Carolina / Centro de Estudios Europa Hispánica, 2006, p.17-30.

² Citação traduzida do original em alemão (Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, p.124: “*Der erste Neubau eines Kollegiums, in dem das Raumprogramm eine eindeutige funktionelle und formale Gestalt annahm, ist das Spanische Kollegium in Bologna*”) para italiano, por Jürgen WINKELMANN, “*Università e Collegi. Sviluppo e modelli architettonici. Nota su un recente libro*”, in Evelio Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. V («*Studia Albornotiana*», XXXVI) Real Colegio de España, Saragoça-Bolonha, 1979, p.29-42 (p.31). Foi, de facto, Rückbrod que, através de

confirma a hipótese, já antevista por Pevsner, de que o tipo arquitectónico “colégio” antecedeu e deu origem ao tipo “universidade” – **“So a special university architecture starts not with teaching quarters but with living quarters”**.³ É curioso notar, porém, que Pevsner desconhecia o edifício – pelo menos não lhe faz referência no seu pioneiro artigo dedicado à arquitectura das antigas universidades europeias.⁴

O *collegio di Spagna* foi uma criação pessoal do cardeal Gil Carrillo de Albornoz (Cuenca, 1302 – Viterbo, 1367) que o estabeleceu por testamento escrito em 29 de Setembro de 1364. Albornoz (**fig.1**), que estudara direito canónico numa universidade do sul de França (possivelmente Montpellier ou Toulouse), regressou depois a Espanha onde, de capelão e conselheiro na corte de Afonso XI, chegou a arcebispo de Toledo (em 1338) e a chanceler do reino de Castela. Não obstante, passou a exilado político após o início do



Fig.1
Cardeal Gil Carrillo
de Albornoz

exame comparado da arquitectura universitária europeia, primeiro destacou a originalidade do *Collegio di Spagna*.

³ Nikolaus PEVSNER, “Universities Yesterday”, *Architectural Review*, n.122, 1957, pp. 235-239.

⁴ *Ibidem*. Pevsner começa por recordar (p.236) que a Sorbonne, antes de ser sede da Universidade de Paris, não era mais que um colégio, fundado em 1256, por Robert de Sorbonne, capelão de Luís IX.

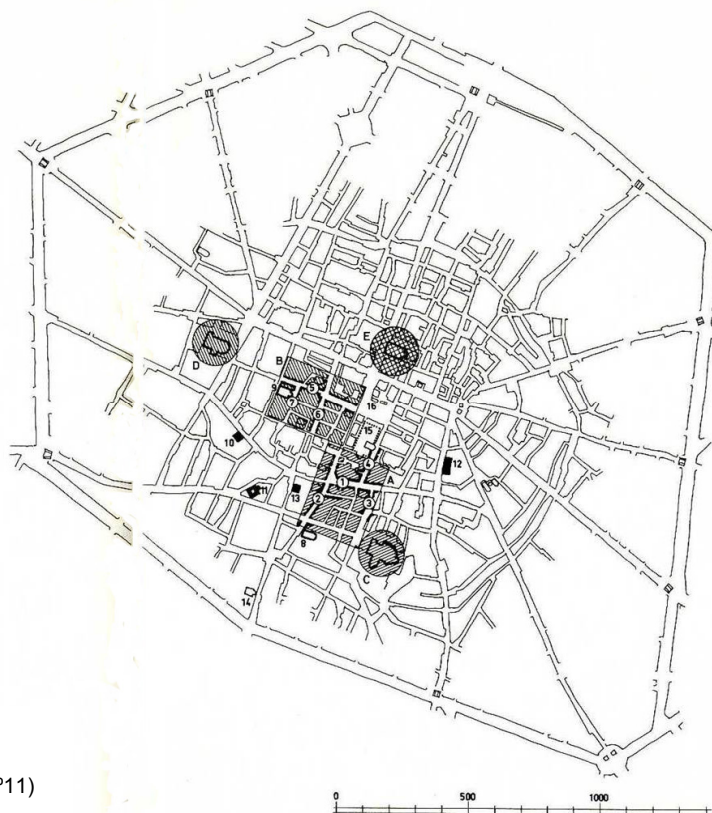


Fig.2
Bolonha: implantação
do *collegio di Spagna* (nº11)
Fonte: Rückbrod

reinado de Pedro I, o Cruel (1334-1350-1369), refugiando-se na cúria papal em Avignon, onde foi feito cardeal por João XXII, em 1350.⁵

Na qualidade de legado papal em Itália, indigitado por Inocêncio VI, e revelando grande competência militar, restaurou a soberania dos Estados Pontifícios sobre a cidade de Bolonha (**fig.2**), em 1359. Nesta cidade, e paralelamente à criação do seu instituto, acrescentou à universidade, centro famoso pelos estudos jurídicos, uma faculdade de teologia de forma a complementar o leque formativo da academia – que passava, assim, a poder atrair um corpo discente de vocação eclesiástica.⁶ Tentava estabelecer, ao

⁵ Sobre os dados biográficos e percurso inicial de Albornoz, veja-se **Emilio SÁEZ, José TRENCHS, Carmen BAÑARES**, “La etapa española de don Gil de Albornoz (1302-1336)”, in Evelio Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. IV («*Studia Albornotiana*», XXXV), Real Colegio de España, Saragoça-Bolonha, 1979, p.7-36.

⁶ Em 1360 obtivera Albornoz o assentimento do Papa Inocêncio VI à fundação da nova faculdade de teologia, que se estabeleceu de facto a partir de 1364. **J. M. FLETCHER**, “The Spanish College – Some observations on its foundation and early statutes”, in Evelio Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. II («*Studia*

mesmo tempo, uma referência alternativa à preponderância da universidade parisiense no ensino teológico do tempo.

No testamento, passado em Ancona, a 29 de Setembro de 1364,⁷ destacava o sobrinho Fernando Alvarez de Albornoz e o tesoureiro Alfonso Fernandez para a criação e supervisão⁸ de uma nova fundação – um “*Collegium domus Hispanica*” – a implantar em Bolonha. O colégio destinava-se a acolher os estudantes originários dos reinos ibéricos (Castela e Leão, Navarra, Aragão e também Portugal⁹), associados à maneira das outras “nações” do *studium* bolonhês, num total de 24 estudantes e dois capelães. Teria uma capela dedicada a São Clemente, devendo situar-se na proximidade das escolas. Estas características terão sido reafirmadas nos primeiros estatutos da instituição,¹⁰ redigidos ao mesmo tempo que se realizavam a compra do terreno e os preparativos para a construção.

O projecto do edifício estaria pronto a 5 Abril de 1365, dia em que se assinou contrato entre Fernando Alvarez de Albornoz (o futuro primeiro reitor) e os mestres pedreiros, Andrea di Pietro, Mino de Panfilo e Zanone di Tura, para a edificação do colégio.¹¹ Estes deveriam submeter-se à disposição geral do

Albornotiana», XII), Saragoça-Bolonha, Real Colegio de España, 1972, p.73-91. Veja-se também, sobre este assunto, Etienne DELARUELLE, “La politique universitaire des papes d’Avignon – spécialement d’Urbain V – et la fondation du Collège Espagnol de Bologne”, in Evelio Verdera y Tuells (Ed.), *obra citada*, p.7-39.

⁷ Arquivo do Colégio de Espanha, *Documentos Albornozianos*, Vol. IX, c.1, citado por Amadeo SERRA DESFILIS, Matteo Gattapone, *arquitecto...*, 1992, p.87-88. Um excerto do testamento pode ler-se em Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.177.

⁸ Tratava-se fundamentalmente do processo de compra dos terrenos e da preparação de todos os aspectos que garantissem a subsistência, nomeadamente a consignação de rendimentos próprios. *Idem*, *obra citada*, p.87-88

⁹ Sobre os estudantes portugueses no *Collegio di Spagna* veja-se António Domingues de Sousa COSTA, *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante e Século XV* («*Studia Albornotiana*», LVI), Saragoça-Bolonha, Real Colegio de España, 1990.

¹⁰ Desconhece-se o documento com as primeiras constituições do colégio. Sobre o texto latino de uma primeira revisão estatutária, posterior ao falecimento de Albornoz e aprovada em 1377, veja-se Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, “*Primeros estatutos del colégio español de San Clemente en Bolonia*”, *Hispania Sacra*, XI, 1958, p.187-224. Veja-se ainda, sobre as implicações e alcance dos estatutos, Berthe M. MARTI, *The Spanish College at Bologna in the Fourteenth Century*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1966 (que sugere que a revisão estatutária pouco diferiria das disposições originais) e ainda J.M. FLETCHER, “The Spanish College...”, 1972. Para uma pequena síntese desta questão dos estatutos, veja-se Amadeo SERRA DESFILIS, Matteo Gattapone, *arquitecto...*, 1992, p.91, nota 14.

¹¹ Pode consultar-se o texto integral do contrato em Francesco FILIPPINI, “Matteo Gattapone da Gubbio, architetto del Collegio de Spagna”, *Bollettino d’Arte*, II, 1922-23, p.77-93;

imóvel delineada pelo Cardeal e às instruções dos seus representantes e do *ingegnerius* Matteo “Gattapone”.¹² O *collegio di Spagna* devia organizar-se em torno de um pátio quadrangular, rodeado de lanços de arcarias sobrepostas que enquadravam galerias de acesso às várias dependências, ao nível dos dois andares do edifício. No contrato fazia-se referência específica ao levantamento de quatro *palatii*, correspondentes às quatro alas de duas alturas cada que rodeariam o pátio quadrangular (de cerca de 20 metros de lado), elemento compositivo central do novo edifício. A disposição da capela é especificada, com a frente alinhada por uma das paredes do pátio e com a cabeceira da nave prolongando-se para fora da quadratura. O salão principal deveria situar-se noutra ala, sobre o ingresso do colégio, surgindo também mencionadas as duas escadas de acesso às galerias superiores.

Notaram já vários autores,¹³ a propósito da terminologia empregue neste e noutros documentos (recordemos o termo “*domus*” usado no testamento), que o conceito de “colégio” não tinha ainda correspondência numa tipologia arquitectónica. Vimos como foi utilizado o termo “*palatii*”, no contrato, na referência às quatro alas do novo edifício. Já o conjunto edificado surge designado como “*unum caxamentum seu palacium*”. Veremos, pois, como o *collegio di Spagna* se constituirá em marco incontornável na associação do termo “colégio” a um determinado tipo construtivo.

b) Organização funcional

A construção processou-se a ritmo elevado, levantado que estava o colégio, na sua essência, em Maio de 1367, um ano antes da entrada dos primeiros colegiais em 1368.¹⁴ Aspecto fundamental é o eixo de simetria marcado pela disposição da entrada principal (e salão sobreposto, ao centro do lanço poente) e da capela (ao centro do lanço oposto), disposta na continuidade do referido eixo, perpendicularmente à ala nascente do colégio. Se Amadeo Serra Desfilis

Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, arquitecto...*, 1992, p.197-206 (que nos dá, na p.89, a localização do documento original: Arquivo do Colégio de Espanha, *Instrumenta praediorum urbanorum*, caixa 1 doc. 35); e também Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.177-179.

¹² Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, arquitecto...*, 1992, p.89.

¹³ Desde logo Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna ...”, 1983, p.235.

¹⁴ Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, arquitecto...*, 1992, p.89-90

destaca a “configuração definitiva” do edifício realizado por Matteo Giovanelli, dito “*Il Gattapone*”, de Gubbio, arquitecto de confiança do prelado,¹⁵ outros autores têm insistido na preponderância do conceito, traçado pelo próprio Albornoz, no resultado final obtido.¹⁶

Também os estatutos do colégio detalham com rigor a distribuição dos espaços estabelecida – quatro corpos em redor do pátio porticado, a localização da capela no lanço oposto ao da entrada, a existência de diversas estâncias de uso comum (refeitório/*tinellum*, sala magna, biblioteca), de duas escadas para acesso ao andar superior, de 24 quartos para o mesmo número de colegiais (16 estudantes de cânones, 4 de medicina e 4 teólogos), de câmaras para o reitor e para os dois capelães, e ainda de diversos espaços de serviço, casos de um armazém (*canopa*), cozinha, latrinas e alojamento de funcionários e criados.¹⁷

Importa pois reconstituir o funcionamento dos diversos espaços do colégio (espaços que na essência ainda hoje se mantêm) fazendo notar, desde já, que não estamos perante uma estrutura funcional rígida – antes estamos perante um edifício com mais de seiscentos anos de história, que foi sofrendo ajustes na distribuição funcional dos espaços e em alguns aspectos construtivos. Em particular, foi objecto de uma série de acrescentos importantes no século XVI, de que destacaremos o levantamento de uma nova cerca ameada, envolvendo a área fronteira ao imóvel (que era pública) e a construção da nova galeria de acesso ao colégio (e de corpo sobreposto) sobre a primitiva frente do colégio.¹⁸ Foi também alvo de profunda intervenção de “restauro”, realizada entre 1903 e 1931, sob critério da época, no sentido de tornar o edifício mais regular e com

¹⁵ “...la configuración definitiva de la arquitecta del Colégio se debe a Matteo Gatapone”, *ibidem*, p.114. Ainda que diga também que “*debió ser el Cardenal quien propusiese el plan general de conjunto*”.

¹⁶ “*Il disegno del Collegio fu fatto dall’Albornoz*”, Francesco FILIPPINI, “Matteo Gattaponi da Gubbio...”, 1922-23, p.81. “*Per questo motivo siamo partiti considerando l’edificio come una realtà architettonica derivata da tante componenti intellettuali e morfologiche differenti che ruotano attorno alla figura, in primo luogo, del Cardinale Don Gil de Albornoz e poi da Gattapone*”, Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.67.

¹⁷ Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, arquitecto...*, 1992, p.92. Os funcionários do colégio incluíam um ecónomo, um *canaparius* para cuidar do armazém e da adega, um cozinheiro e ajudante, *ibidem*, p.95.

¹⁸ Sobre as intervenções quinhentistas, veja-se Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.87-97.

expressão “ajustada” à de um edifício gótico. Foram modificados, entre outros aspectos, funcionalidades de algumas das divisões, fenestrações, acabamentos e revestimentos exteriores do edifício primitivo. A visualização de fotografias anteriores à intervenção faz luz sobre algumas das transformações mais significativas.¹⁹

Embora Rückbrod tenha feito uma proposta de reconstituição funcional do colégio original, devidamente acompanhada das plantas dos dois pavimentos legendadas,²⁰ seguiremos as análises mais recentes e completas de Michael Kiene e Serra Desfilis (das quais retiramos as peças gráficas das **figuras 5-6 e 7-8**, respectivamente). O edifício desenvolve-se em torno do pátio, elemento compositivo central de todo o esquema, por sólida estrutura abobadada de dois andares. O emprego da estrutura abobadada nos dois pisos parece constituir medida preventiva contra os incêndios (aparentemente, havia uma lareira em cada quarto individual²¹). As arcadas do pátio, cinco em cada lado e em cada pavimento, são em tijolo, bem como os pilares de secção oitavada de rés-de-chão e primeiro andar, apoiados sobre bases de pedra calcária (*macigno*). Os capitéis destes pilares, que apresentam volutas à maneira de uma ordem jónica estilizada (diferem conforme o nível das galerias), são também em *macigno*. Pelo exterior, o colégio reveste-se de tijolo.

A entrada no bloco quadrangular faz-se por um vestíbulo ou átrio a eixo do lanço poente, como se disse. Tratava-se do acesso directo a partir da rua, situação que hoje não se verifica, pois desapareceu o largo que se situava frente ao colégio. O edifício é tangente, pelo seu lado norte, à *Via del collegio di Spagna*, encontrando-se o lote de terreno actual encerrado por um muro ameado (**fig.3**) construído entre 1518 e 1525.²² A entrada pelo exterior

¹⁹ Veja-se, sobretudo, Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, e Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, “Que todas las cosas sean nuevas. La restauración del Colegio de España (siglos XIX e XX)”, in José Luís Colomer, Amadeo Serra Desfilis (Dir.), *España y Bolonia. Siete siglos de relaciones artísticas y culturales*, Madrid, Fundación Carolina / Centro de Estudios Europa Hispánica, 2006, p.17-30. Veja-se também, sobre este assunto, Pierfranco AGRESTINI, “Gli interventi edilizi nel Collegio di Spagna...”, 1979 e Michael KENE, “Zur Bautätigkeit in den italienischen Universitäten...”, 1986.

²⁰ Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977, fig.18.

²¹ “Jedes Zimmer hat einen Kamin...”, Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.224.

²² Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.89-90.

assinala-se por um portal renascentista,²³ colocado na frente norte do muro, e permite acesso ao actual jardim. Em 1564-65 foi levantada a galeria ligando a nova entrada ao vestíbulo primitivo.²⁴ A edificação do piso alto sobre esta passagem implicou o acrescentamento de uma nova frente sobre a antiga fachada do colégio (**fig.4**).

À direita do vestíbulo de entrada encontrava-se a portaria, logo seguida de um espaço conformado por dois tramos de abóbada nervurada em cruz – parte do qual funciona, desde tempos mais recentes, como cozinha. Não era esta, contudo, a função primitiva deste espaço, pois a **cozinha** situava-se no ângulo sudeste do bloco, como sugere a descrição de Juan Ginés de Sepúlveda, escrita cerca de 1522²⁵ (veja-se o **anexo V** no final da dissertação). Terá pois funcionado neste espaço o **refeitório** colegial, após 1506, de acordo com a mesma descrição.²⁶ À esquerda do vestíbulo de entrada encontra-se uma outra sala coberta por outros dois tramos de abóbada, cuja função original também não é clara, embora suspeitemos que se tratasse da **sala de aula**, mencionada na descrição seiscentista de Malo de Briones – “*Luego enfrente del Tinello [refeitório] esta el Aula donde se leen las Cathedras, una de Theologia, otra de Canones, otra de Leyes*”.²⁷

²³ Datado de 1525-1526, realizado pelo mestre Bernardino Tallaprede. *Ibidem*, p.90.

²⁴ Desenhada por Antonio Morandi, *Il Terribilia*. *Ibidem*, p.94-96.

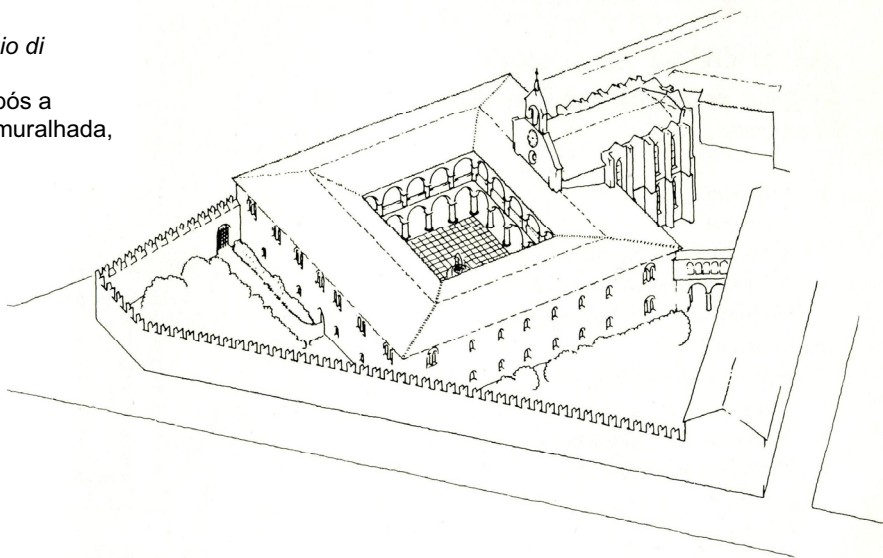
²⁵ “...coquina, quae ad oriente iacet parte inferior...”, Juan GINÉS DE SEPÚLVEDA, *Historia de Bello Administrato in Itália per annos XV et confectu ab (...) Aegidio Albernotio ...*, Bolonha, 1542. Na descrição, considera-se a capela como estando a norte, quando está virada, na realidade, mais para nascente. A partir deste dado torna-se necessário inferir as outras orientações, rodando-as 90° face ao quadrante referido na descrição. O texto latino está integralmente transcrito em Ennio CORTESE, “*Descripciones del Colegio*”, in Evelio Verderra y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. V («*Studia Albornotiana*», XXXVI), Saragoça-Bolonha, Real Colegio de España, 1979, p.549 e seguintes; e em Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.180-185.

²⁶ “*Quod lumen a meridie duabus fenestris admittit: ad oriente focum habet...*” – recordemos que, para o autor da descrição, o sul corresponde ao poente da nossa análise. Juan GINÉS DE SEPÚLVEDA, *Historia de Bello Administrato...*, 1542. A interpretação recente de Ignacio Gonzalez-Varas parece confirmar esta ideia: “...la sala da pranzo, che era stata trasferita dal piano superiore al piano terreno, a destra dell'ingresso”. Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.92. De acordo com uma outra descrição, de Malo de Briones, de 1630, era dotado de mesas e bancos de madeira e de uma cátedra sobrelevada “*para leer la sagrada escritura mientras se come*”.

²⁷ Juan Malo de BRIONES, *Descripción al illustrissimo y reberendiss. Principe y Señor Don Gil de Albornoz*, Bolonha, 1630, transcrita em Ennio CORTESE, “*Descripciones del Colegio*”..., 1979, p. 561-570; e em Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.185-189.

Fig.3

Axonometria do *Collegio di Spagna* (Rückbrod).
Situação conjectural após a
construção da cerca amuralhada,
terminada em 1525.



Na galeria do pátio, colocadas em simetria relativamente à entrada, encontravam-se duas escadas de pedra, de acesso à galeria do pavimento superior, substituídas em 1524 por escadas de menor inclinação,²⁸ e refeitas novamente em 1744.²⁹

No piso superior, sobre a entrada, uma sala principal de três tramos abobadados (a “*Sala Magna*” dos estatutos), funcionava como **salão nobre**³⁰ e também como **refeitório original** (designada por “*Triclinium*” e/ou por “*Coenaculum*”, no texto latino de Sepúlveda³¹). Esta função, como referimos, passou às dependências do piso inferior da mesma ala, nos inícios de Quinhentos – aparentemente, a comida chegava sempre fria ao primeiro andar. A norte e a sul do salão nobre encontravam-se duas salas, de dois tramos abobadados cada, cuja função original não é clara. São hoje uma sala de recepção e de eventos e a actual sala de refeições do colégio. Deste modo, no alçado externo, a ocidente, haveria correspondência entre o número de tramos abobadados das salas do piso nobre e o número de vãos, pelo que as três janelas da sala central se fariam acompanhar por um par de janelas a cada lado.³²

²⁸ Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto...*, 1992, p. 101.

²⁹ Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.92.

³⁰ Rückbrod chama-lhe “*Grosser Saal*”, Konrad RÜCKBROD, *Universität und Kollegium...*, 1977

³¹ “*Triclinium contra sacellum [oposto à capela] in parte superiore (...) meridiem spectans a quo per tres fenestras, quandiu virent agri, in Appeninum montem amoenissimum prospectus est*”. Juan GINÉS DE SEPÚLVEDA, *Historia de Bello Administrato...*, 1542.

³² Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto...*, 1992, p.93 e p.100.



Fig.4
Collegio di Spagna.
Vista aérea.

Nos lanços norte e sul do pátio estão seis celas individuais em cada piso, que totalizam 24 “**câmaras**” para 24 colegiais. Cada quarto dispunha de uma janela (na parede externa) e de um nicho escavado na parede para os livros, para além da já referida lareira. As portas de acesso (de verga em arco apontado no rés-de-chão e de volta redonda no primeiro andar) situavam-se junto ao ângulo de cada cela. Em cada galeria, as seis portas das celas davam vida a um ritmo desfasado da sequência dos arcos, em número de cinco, como notou Serra Desfilis.³³

Já no lanço nascente do pátio, o número ímpar de arcos permitia centrar o acesso e o volume da **capela** no eixo de simetria do colégio. A capela de altura superior à do restante volume edificado do colégio, tem presença decisiva sobre o pátio, sobre o qual se eleva o pano de parede frontal, dotado de óculo (elemento novo, acrescentado em 1911³⁴), de relógio e encimado por campanário de duplo sino. A presença de um campanário ou de torre sineira, e mais tarde de um relógio, será uma presença constante na arquitectura universitária, como veremos, regulando uma intensa actividade diária com horário preciso.

³³ *Ibidem*, 1992, p.96.

³⁴ Pierfranco AGRESTINI, “Gli interventi edilizi...”, 1979, p.353.

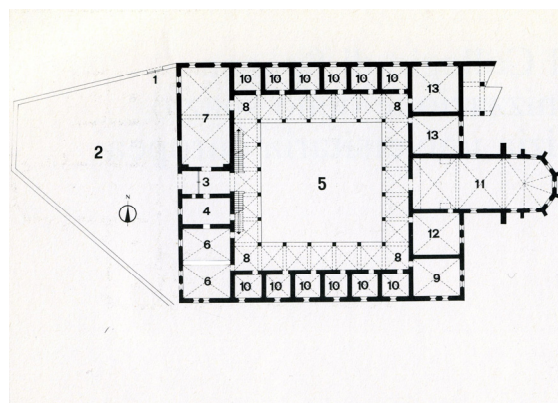
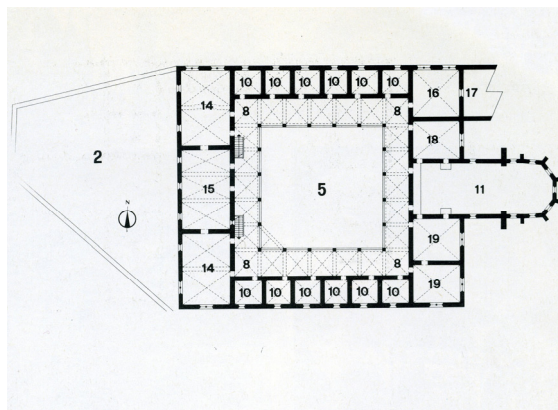
Figs.5.6

Collegio di Spagna.

Plantas de reconstituição do primeiro andar e do pavimento térreo, c^a.1530

(fonte: M. Kiene, 1983, com alterações):

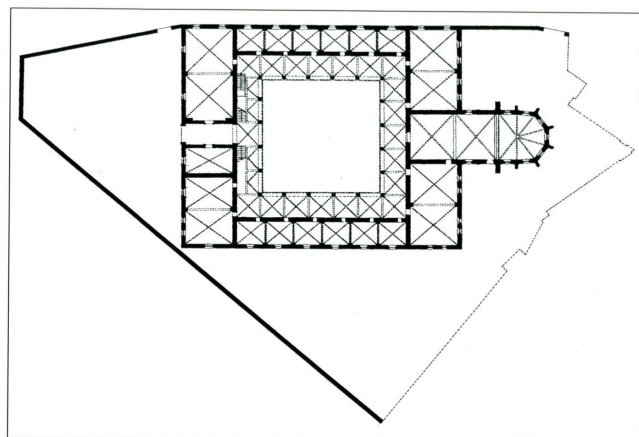
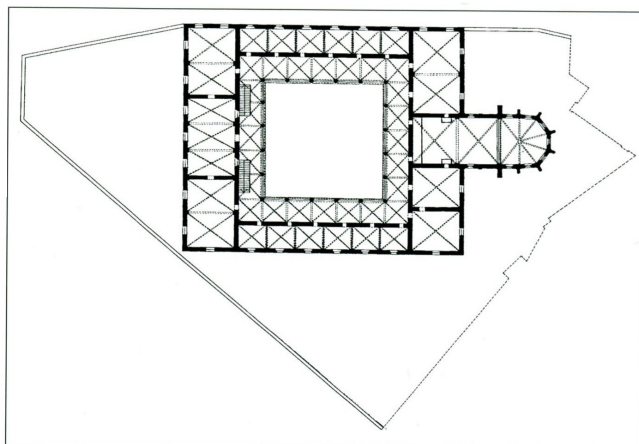
1. acesso desde a *Via del Collegio di Spagna*
2. jardim
3. vestibulo
4. portaria
5. pátio
6. refeitório após 1506 (actual cozinha)
7. aula (?)
8. galerias
9. cozinha original
10. quartos dos colegiais
11. capela de *San Clemente*
12. sacristia
13. administração (?)
14. salas de função original incerta – aulas?
(sala sul, actual sala de refeições)
15. sala magna e refeitório original
16. biblioteca
17. biblioteca setecentista (biblioteca actual)
18. câmara do Imperador
19. dependências do reitor



Figs.7.8

Collegio di Spagna.

Reconstituição conjectural dos espaços originais (fonte: Serra Desfilis, 1992, 2006)



A sul da capela, no pavimento térreo, encontramos a actual sacristia e a provável primitiva cozinha.³⁵ A norte da capela situam-se outros dois espaços, provavelmente adstritos à administração do colégio.³⁶ Serra Desfilis sugere, como hipótese alternativa, terem servido para quartos dos capelães.³⁷ Por um deles se fez, em tempos mais recentes, o corredor de acesso às dependências utilitárias (estábulo, armazéns, graneiros) a nordeste do edifício.³⁸

Ao nível do primeiro andar encontramos a **sala reitoral** (ou estúdio) e o **quarto do reitor**, que tinha assim direito a dois compartimentos.³⁹ Do lado norte, contíguo à capela, estava o quarto de hóspedes, ou a *Camera del Imperatore*, assim nomeado após uma estância de Carlos V no colégio.⁴⁰ Seguiu-se a **biblioteca** colegial (que incluiria o arquivo) e que terá absorvido, no século XVII, o compartimento referido anteriormente.⁴¹ A actual biblioteca, setecentista (**fig.6**, nº17), situa-se em corpo adjacente a nascente, ao longo da frente de rua, apoiado em pilares e sobreposto a um pequeno espaço exterior coberto.

As dependências do Reitor dispunham de uma *tribuna* própria sobre a capela, donde se podia assistir à missa sem se baixar ao nível inferior.⁴² Tanto as dependências reitorais quanto o quarto de hóspedes dispunham de acesso directo (entretanto tapado) ao coro alto, sobre a entrada da capela, como notou Michael Kiene, que sugeriu que o reitor pudesse talvez aceder directamente ao arquivo/biblioteca sem sair à galeria do pátio.⁴³

³⁵ Terão formado, segundo a interpretação dos elementos construtivos feita por Serra Desfilis, um ambiente uno de dois tramos. Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto...*, 1992, p.94.

³⁶ Michael KIENE, "L'architettura del Collegio di Spagna ...", 1983, p.235.

³⁷ Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto...*, 1992, p.94.

³⁸ Veja-se, por exemplo, a planta de finais do século XIX (c.1890-1900) publicada por Pierfranco AGRESTINI, "Gli interventi edilizi...", 1979, desenho n.4, que aqui reproduzimos (**fig.10**).

³⁹ Em 1664 (de acordo com Francesco Savaro) o Reitor dispunha já de quatro compartimentos, descritos em 1695 (por Salvador de Velasco Herrera) como antecâmara, sala de recebimento, dormitório e estúdio. Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.194 e p.199. Suspeitamos que os primeiros dois espaços correspondessem às duas câmaras de colegiais imediatas, na ala sul, adaptadas à nova função.

⁴⁰ Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.227.

⁴¹ Como se depreende pelas descrições da biblioteca seiscentista, Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.194 e p.199.

⁴² Uma tribuna idêntica foi aposta ao quarto de hóspedes por razão de uma pretendida simetria interna da capela, nos restauros da década de 1910. Michael KIENE, "L'architettura del Collegio di Spagna...", 1983, p.236.

⁴³ Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.227. Esta situação ocorria, de facto, no final do século XVII: "(...) el Señor Rector viene por puerta

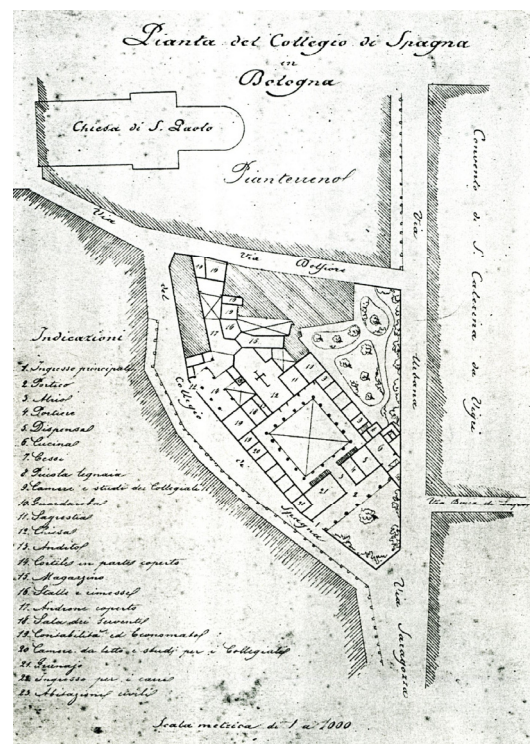


Fig.9 Collegio di Spagna. Pátio (fonte M. Kiene, 1986)

Fig.10 Collegio di Spagna. Planta cª.1890-1900 (fonte: Agrestini)

Para além de algumas questões em aberto na descrição que acabamos de resumir (funcionalidades originais da salas dos extremos do primeiro andar da ala poente, ou a localização dos quartos dos capelães, por exemplo) existem ainda aspectos importantes não totalmente esclarecidos. Uma primeira questão tem a ver com os estatutos revistos, de 1377, pelos quais os colegiais passariam para um total de 30 (18 canonistas, 4 médicos e 8 teólogos) e os capelães para um total de quatro (em vez dos dois inicialmente previstos), em desajuste evidente com a estrutura pensada inicialmente para o instituto.⁴⁴

Outra questão tem a ver com a existência, de origem, de salas de aula. No colégio não residiam professores, apenas colegiais. O próprio reitor era um colegial eleito pelos seus pares. Parece provável, no entanto, que houvesse um

secreta desde su quarto Rectoral". Salvador de VELASCO y HERRERA, *Compendio de la Nobilissima Fundación y Privilegios del Colegio Mayor de Señor San Clemente de los Españoles de Bolonia...*, 1695, transcrita em Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.196-200 (p.199).

⁴⁴ Os novos estatutos, retocados por Fernando Alvarez de Albornoz, sobrinho do fundador e primeiro Reitor do colégio, e pelo tesoureiro Alfonso Fernandez, foram aprovados pelo Papa em 1377. *Vide supra*, nota 10.

espaço destinado às *disputationes y repetitiones* mencionadas nos estatutos.⁴⁵

Por outro lado, é possível (à semelhança do que por vezes se passava nos colégios maiores espanhóis de quinhentos) que se tivesse recorrido a professores da universidade para ministrar aulas dentro do próprio colégio. Ou, simplesmente, que os colegiais mais velhos ajudassem os mais novos na aprendizagem de certas matérias. De facto, a já mencionada passagem da descrição seiscentista (1630) de Malo de Briones refere explicitamente a “...Aula donde se leen las cátedras”.⁴⁶ Michael Kiene refere ainda que na reelaboração estatutária do *collegio Castiglione*, de Pavia, logo em 1437, se indica expressamente que a cátedra de teologia se estabelecia à imagem e exemplo da do *collegio di Spagna*.⁴⁷

A ideia de um edifício de nova planta para alojamento e estudo de estudantes, associada à regularidade impecável do projecto, constituía sem dúvida uma novidade para a arquitectura universitária europeia, que vivera desde sempre da adaptação ao uso lectivo e residencial de infra-estruturas arquitectónicas pré-existentes. Serra Desfilis refere que “*rara vez se logró un proyecto tan definido, coherente e esmerado*”.⁴⁸ Kiene, por sua vez, eleva o *collegio di Spagna* à categoria de um dos **Objects premiers** (recorrendo à feliz expressão de Kubler) da arquitectura universitária,⁴⁹ realçando as capacidades do “arquitecto”, na particular colocação da capela e na definição de um eixo de simetria subsequente.⁵⁰ Destacou ainda a colocação das escadas a cada lado do acesso ao pátio: o arranjo simétrico é novo e tem carácter pré-renascentista.⁵¹

⁴⁵ As disputas eram exercícios de confrontação de argumentos. Nas repetições repetia-se a matéria leccionada nas aulas da Universidade.

⁴⁶ *Vide supra*, nota 27.

⁴⁷ Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna...”, 1983, p.238 e 242 (nota 49).

⁴⁸ Amadeo SERRA DESFILIS, “El Colegio de España en Bolonia...”, 2006, p.20.

⁴⁹ Michael KIENE, “L’architettura del Colegio di Spagna...”, 1983, p.239. Neste particular, e para a arquitectura universitária europeia, antecipou-se ao New College de Oxford (1380-1400)

⁵⁰ Este autor notou que a colocação da capela a eixo do pátio e a definição subsequente de uma linha de simetria para o colégio, antecipam uma fórmula que podemos ver aplicada posteriormente no *Ospedale Maggiore* de Filarete, em Milão, no modelo de Giuliano da Sangallo para o palácio do Rei de Nápoles ou no projecto de Bramante para o Palácio da Justiça de Roma. Michael KIENE, “Zur Bautätigkeit in den italienischen Universitäten...”, 1986, p.470.

⁵¹ Michael KIENE, *ibidem*, p.458.

Daí ter influenciado, como veremos, as fundações universitárias castelhanas a partir de meados do século XV. De facto, os *Colegios Mayores* espanhóis apresentarão como elemento estruturante um pátio quadrangular rodeado de arcarias e galerias sobrepostas. Do mesmo modo foi modelo de referência (como demonstrou Kiene⁵²) na idealização dos *Palazzi della Sapienza* italianos que tenderão a perder progressivamente a função residencial, para servirem exclusivamente âmbitos escolares.

c) Um exemplar de architectura civil

Rückbrod viu no pátio rodeado por arcadas e galerias, dominado pela presença da empena principal da capela (**fig.9**), um paralelismo com os claustros conventuais e, subseqüentemente, uma possível origem monástica para o esquema adoptado. Esta hipótese seria rejeitada por Winkelmann, em recensão crítica à publicação do livro de Rückbrod, para quem se **“tratta nel Collegio di Spagna di un palazzo e non di un edificio ecclesiastico del tipo collegio-convento”**.⁵³ Levantou também a hipótese de um paralelismo entre as galerias e arcadas do pátio e as galerias e arcadas públicas de Bolonha, que se tinham tornado elementos característicos da cidade na época.

Michael Kiene insistirá no filão da origem civil da arquitectura colegial europeia⁵⁴ (já apontado por Pevsner para os casos espanhol e italiano⁵⁵)

⁵² Michael KIENE, “Der Palazzo della Sapienza – zur italienischen Universitätsarchitektur des 15. und 16. Jahrhunderts”, *Römisches Jahrbuch für Kunstgeschichte*, Roma-Tübingen, Vol.23/24, 1988, p.219-271.

⁵³ “Che si tratta nel Collegio di Spagna di un palazzo e non di un edificio ecclesiastico del tipo collegio-convento, risulta inoltre dai documenti pubblicati dal Filippini, ove se apprende che l'edificio era chiamato sin dall'origine «palatium»”. Jürgen WINKELMANN, “Università e Collegi...”, 1979, p.38.

⁵⁴ Os colégios medievais de Paris (que acabaram por não definir uma tipologia própria - segundo Kiene - por não lograrem diferenciar-se da arquitectura urbana corrente) resultavam quase sempre de adaptações feitas a partir de conglomerados de casas adquiridas para o efeito. O mesmo autor faz derivar os colégios de Cambridge, de nova planta, dos *Halls* da nobreza britânica. A excepção aos antecedentes “civis” dos colégios europeus parece ser o protótipo de índole monástica do *New College* de Oxford (1380-1400), concebido em forte ambiente de disputa religiosa, como resposta às correntes contestatárias do wycliffismo. Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981; e Michael KIENE, “Die Grundlagen der Europäischen Universitätsbaukunst”..., 1983.

⁵⁵ N. Pevsner, “Universities Yesterday”..., 1957, p.238: “The architecture distinction between university and religious college would in fact not always be easy at this time in Catholic countries, if it were not for the fact that Jesuit colleges and other seminaries were residential, and universities are not. **The type in any case, architecturally speaking, was simply that of the Renaissance palace**”.

procurando ainda um possível antecedente imediato para o *collegio di Spagna* no *collège de Saint Martial* de Toulouse (capítulo 2.1, fig.21), ainda que sem a clareza prototípica da sede do instituto bolonhês.⁵⁶ Também o paralelismo organizativo com o paço fortificado ou *Rocca* da cidade umbria de Spoleto que o mesmo Matteo Gattapone fazia para o cardeal Albornoz pelos mesmos anos (1362-1367) servia a esta tese⁵⁷. Trata-se de uma estrutura com programa militar e residencial cujo corpo principal também se organizava em torno de um pátio (desta feita rectangular) com galerias e arcadas sobrepostas (embora ao longo de apenas três dos lados e com proporções compositivas distintas) e que evidencia algumas correspondências funcionais com o esquema do colégio bolonhês.⁵⁸

Quanto à disposição peculiar da capela do *collegio di Spagna* relativamente ao pátio, também se puderam encontrar antecedentes na arquitectura civil, em particular no palácio dos Reis de Maiorca, em Perpignan.⁵⁹ Já as galerias e

⁵⁶ O já desaparecido *Collège de St. Martial* de Toulouse, foi fundado pelo Papa Inocêncio VI em 1359, e destinava-se a 24 colegiais (cada um com o seu cubículo), tal como o *Collegio di Spagna* estabelecido por Albornoz. Não se tratava contudo de um edifício de raiz, não obstante as casas preexistentes terem sido sujeitas a importantes obras de adaptação. Embora se organizasse em torno de um pátio quadrado de dois andares, com galerias em redor nos dois pisos, o edifício não apresentava a clareza formal do instituto bolonhês. Nem todas as galerias do pátio se apoiavam em lanço construído do edifício e a capela tinha uma disposição distinta do *Collegio di Spagna*, pois era adjacente ao volume do colégio e tinha acesso exclusivo pelo exterior (pela rua). Michael KIENE, *Die englischen und französischen Kollegientypen...*, 1981, p.85-90 e Michael KIENE, “Die Grundlagen der Europäischen Universitätsbaukunst”..., 1983, p.77-78. Em ambas as referências apresenta plantas do *Collège de St. Martial*.

A hipótese de uma influência directa do *Collège de St. Martial* foi relativizada por Serra Desfilis, que refere não estar provada a permanência de Albornoz em Toulouse como estudante, (Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto...*, 1992, p.113 e Amadeo SERRA DESFILIS, “El Colegio de España en Bolonia...”, 2006, p.29, nota 9) referindo ainda que a planta que serviu de base à descrição do colégio é de 1540, pelo que não se pode inferir, por este elemento, a forma do colégio em tempos mais recuados. De qualquer modo considera provável que Albornoz conhecesse a fundação do seu amigo Inocêncio VI, classificando o colégio tolosano como um “antecedente significativo”. *Ibidem*, p.20)

⁵⁷ Sobre a *Rocca* de Spoleto e a sua relação com o *Collegio di Spagna* ver, entre outros, Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna...”, 1983; Gottfried KERSCHER, “**Pallazzi prerinascimentale: la rocca di Spoleto e il Collegio di Spagna a Bologna. Architettura del cardinale Aegidius Albornoz**”, *Annali di Architettura*, 3, 1991, p.14-25; e Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto...*, 1992.

⁵⁸ Serra Desfilis nota ainda um paralelismo na disposição da sala grande sobre o átrio de entrada (tanto na *Rocca* como no *Collegio di Spagna*) com os palácios privados italianos da época, tal como o florentino Palazzo Davanzati. Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto...*, 1992, p.67

⁵⁹ Neste palácio, construído no início do século XIV, “*se formula con claridad la idea de un pátio cuadrangular com la capilla en el extremo opuesto del eje de acceso*”, Amadeo SERRA DESFILIS, “El Colegio de España en Bolonia...”, 2006, p.21. Veja-se, sobre o palácio, Gottfried KERSCHER, “*Pallazzi prerinascimentale:...*”, 1991.

arcarias sobrepostas derivariam, possivelmente, por mediação de Albornoz (segundo Kerscher), de outra residência coeva da monarquia de Maiorca, o castelo de Bellver.⁶⁰ Convém lembrar, no entanto, que “*en la arquitectura civil italiana del siglo XIV la idea de un cortile cuadrangular porticado habia tomado forma en palacios comunales (el Bargello de Florencia) y en residencias de corte*”, dos quais se pode referir o exemplo do castelo dos Visconti em Pavia.⁶¹ Aspecto importante era a novidade das celas individuais para os estudantes. Embora no século XIV se possam já constatar a atribuição de celas individuais para os frades em casas religiosas como as cartuxas (onde a posição da igreja tem, aliás, um paralelismo possível com a da capela do *collegio di Spagna*)⁶² ou mesmo nos conventos dominicanos, nos quais os *fratres studentes* tinham, desde o século XIII, uma cela própria para estudar separada do dormitório comum,⁶³ na década de 1360 não estavam ainda sistematizadas nos conventos as celas individuais associadas a claustros com galerias e arcarias em pisos sobrepostos.⁶⁴ Por outro lado, como que a confirmar o carácter civil da instituição, os membros do colégio, segundo os estatutos, teriam de ser seculares (quer laicos, quer religiosos). Estava, pois, vedada a admissão aos frades das ordens regulares.

Sobressaem ainda a expressão *palatti* com que são designadas as quatro alas em redor do pátio, no contrato de 1365, ou a designação de *casa* ou *domus hispanica* atribuída à nova estrutura, nos primeiros estatutos.⁶⁵ É esta última referência que originou nova indagação de Michael Kiene sobre as possíveis origens clássicas do modelo, baseadas na descrição da casa romana do

⁶⁰ Amadeo SERRA DESFILIS, “El Colegio de España en Bolonia...”, 2006, p.21, citando Gottfried KERSCHER, “Pallazzi prerinascimentale...”, 1991, p.19-22.

⁶¹ Amadeo SERRA DESFILIS, “El Colegio de España en Bolonia...”, 2006, p.21

⁶² Este paralelismo foi notado por Marchini (Giuseppe MARCHINI “Il Collegio di Spagna...”, 1979, p.13) e por Kiene (Michael KIENE “Zur Bautätigkeit in den italienischen Universitäten...”, 1986, p.468). No entanto, como explica este último autor, a capela/igreja tem nas cartuxas uma maior presença no claustro, avançando sobre o espaço central.

⁶³ *Idem*, obra citada, p.20, nota 13, citando G. BARONE, “Les couvents des Mendians, des collèges déguisés?”, in O. Weijers, *Vocabulaire des collèges universitaires (XIIIe-XIVe siècles)*, Actes du colloque, Leuven 9-11 avril 1992, Turnhout, 1992, p.149-157.

⁶⁴ “Celle cingole attorno a un chiostro a doppio loggiato nell’architettura claustrale non son conosciute prima del 1433”, Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna...”, 1983, p.237 e nota 39, citando Wolfgang BRAUNFELS, *Abendländische klosterbaukunst*, Köln, 2, 1976, p.187.

⁶⁵ Vicente BELTRÁN DE HERÉDIA, “Primeros estatutos...”, 1958.

tratado de Vitrúvio – sabe-se da existência de um exemplar do tratado clássico em Bolonha, no tempo em que se construiu o colégio.⁶⁶ Realçam-se a simetria do conjunto e a colocação do pátio diante da capela, tal como fra Giocondo interpretaria o esquema da casa romana (**fig.11**) na primeira versão ilustrada do famoso tratado, sem 1511.⁶⁷ Também as arcadas e galerias constituem um provável elo de ligação reproduzindo, no ambiente repousado do colégio, as galerias cobertas públicas (como as da própria cidade de Bolonha) que os clássicos usavam para os debates e conclusões. Voltaremos ao tema da casa vitruviana a propósito da descrição do edifício central da universidade de Salamanca, que o humanista Lúcio Marineo Sículo interpretou, conforme notou Felipe Pereda, em termos semelhantes.⁶⁸

Destacaremos finalmente, como fez Serra Desfilis, as galerias porticadas do pátio, que mais do que meros elementos de distribuição, constituem “verdaderos ámbitos de la vida colegial, destinados al paseo y la reflexión”.⁶⁹

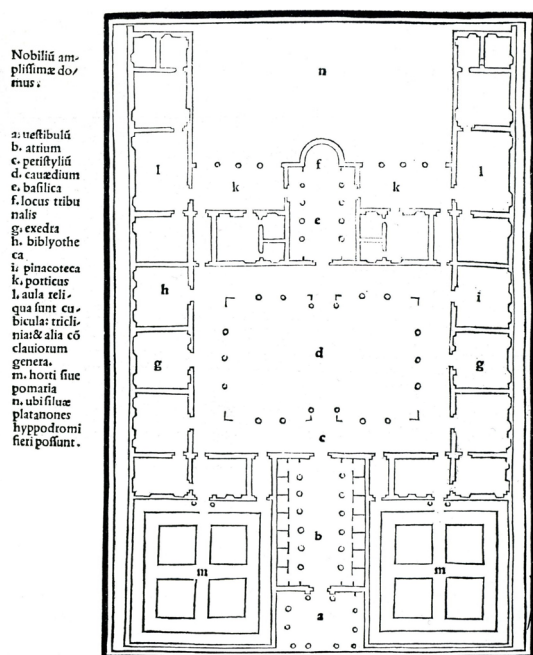


Fig.11
Fra Giocondo
Tratado de Vitruvio:
Domus.

⁶⁶ O exemplar pertencia a Giovanni Calderini, “canonico e lettore dell’università”. Veja-se sobre este assunto, Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBÁÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.62.

⁶⁷ **Marcus VITRUVIUS POLLO**, *De Architectura* (edição ilustrada de fra Giocondo), Veneza, 1511.

⁶⁸ Veja-se o capítulo 2.5.

⁶⁹ Amadeo SERRA DESFILIS, *Matteo Gattapone, architetto...*, 1992, p.117.

No entanto, a consonância plena do *collegio di Spagna* com as recomendações de Boncompagno, relativamente ao recolhimento e tranquilidade dos estudantes,⁷⁰ seria conseguida apenas em 1518-25, com a eliminação do largo defronte do colégio e com a construção do muro ameado em volta que o protegeria, definitivamente do bulício da cidade.⁷¹

⁷⁰ Veja-se o capítulo 1.1., ou o anexo I (Boncampagno da Signa, *Retorica Novíssima*).

⁷¹ GONZÁLEZ-VARAS IBÁÑEZ, *Dietro il muro del Collegio...*, 1998, p.89-90.

2.3. O colégio de Santa Maria ou de Domingo Pons.

Um colégio construído de raiz em Lérida

Heinrich Denifle foi o primeiro a destacar, logo em 1885, o colégio fundado por Domingo Pons, chantre da sé de Lérida, como “*el más antiguo existente en unos Estudios Generales Españoles*”.¹

Domingo Pons (Benavarre/Huesca, 1330² - Barcelona?, 1417) fora chantre da sé de Huesca antes de passar à de Lérida, em 1364, quando o Papa Urbano V lhe concedeu a “*canonjia, prebenda y precentoria*” da diocese, cargo muito ambicionado.³ Em 1370 ou 1371 o colégio estaria já a funcionar.⁴ Isso mesmo confirma um documento de Gregório XI dirigido ao bispo de Lérida, datado de Fevereiro de 1372, reportando-se a uma petição anterior do próprio Pons, na qual diz ter fundado um colégio para doze clérigos pobres em Lérida – o *Collegium Beatae Mariae Virginis*,⁵ ou colégio de Santa Maria Virgem – instalado em casa adquirida pelo próprio, e que seria dotado de várias rendas.⁶ Outro documento atesta que nesse mesmo ano de 1372 se trabalhava já na construção de um novo edifício para o colégio.⁷

¹ Heinrich DENIFLE, *Die Universitäten des Mittelalters bis 1400*, Berlim, Weidmannsche Buchhandlung, 1885, p.126.

² Josefina MATEU IBARS, *Statuta Domus Collegii Sanctae Mariae Civitatis Ilerdae*, Lérida, Instituto de Estudios Ilerdenses, 1973, p.7

³ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, “Domingo Pons (1300-1417), fundador del Colegio de la Asunción de Lérida”, *Hispania Sacra*, Vol. 9, num.18, 1956, p.281-319. O título de *praeceptor* com que é referido em documentos relativos ao colégio tinha correspondência, em outras dioceses espanholas, com o cargo de *capiscol* ou *caput scholae* ou ainda arcediogo. Veja-se Buenaventura DELGADO (Coord.), *El cartulario del Colegio Universitario de Santa Maria de Lérida (1376-1564)*, Barcelona, Departamento de Historia de la Educació / Universidad de Barcelona, 1982, p.50.

⁴ Denifle propõe 1371 como ano da fundação (Heinrich DENIFLE, *Die Universitäten des Mittelalters...*, 1885, p.505, citado por Buenaventura DELGADO, *El cartulario...*, 1982, p.52), enquanto Delgado admite mesmo a hipótese da fundação ter ocorrido ainda antes, em 1370 (*ibidem*).

⁵ Heinrich DENIFLE, *Die Universitäten des Mittelalters...*, 1885, p.127.

⁶ As rendas estabelecidas pelo fundador para o colégio incluíam os rendimentos de várias terras, em particular as da torre de Fontanet, e ainda rendas anuais no valor de 150 libras jaquesas. Estes elementos constam do Ms 2002 da Biblioteca da Universidade de Barcelona, *Privilegia Collegii Beatae Mariae Virginis civitatis Ilerdae*, citado por Buenaventura DELGADO, *El cartulario...*, 1982, p.53-54 (veja-se também, sobre o referido manuscrito, as páginas 87-88).

⁷ Ramón GAYA MASSOT, “Apostillas monográficas al Colegio de Domingo Pons”, *Ilerda*, Enero-Junio, año III-1945, Lérida, Instituto de Estudios Ilerdenses, p.7-17 (p.9), citando um documento municipal publicado por Elias SERRA RÁFOLS, *Discurso: acerca de una Universidad Medieval*, Madrid, Libreria General de Victoriano Suárez, 1931, p.87.

De facto, em 7 de Setembro de 1376, fez Domingo Pons (em Avignon, onde residia desde 1373) uma escritura de doação ao colégio “*de un suntuoso edificio construído por él de nueva planta, dotándole a la vez com vários bienes que describe detalladamente*”.⁸ Na escritura, Domingo Pons recorda que a instituição fora anteriormente fundada e que se instalara numa casa “*construída con pobres materiales, vieja, ruinosa y estrecha*”,⁹ de sua propriedade, na paróquia de S. Pedro da Sé, na *Plaza de la Suda*.

Buenaventura Delgado, citando a acta oficial de aprovação canónica do colégio (de 14 de Setembro de 1376)¹⁰ acrescenta que Domingo Pons

“*compró unas cuantas casas de «muchos y distintos dueños», junto a la escalinata de la iglesia ilerdense, y «junto a la sede del Ardiaca y Precentoria de Lérida donde, demolidos los antiguos edificios y excavados los cimientos, hice levantar, construir y edificar una casa completamente nueva y amplia, casi cuadrada, con su capilla y otras dependencias pertinentes, en cuyo centro tiene un espacio abierto al cielo con su pozo».* Hasta el día de la fecha lleveba ya gastados más de 4500 florines de oro de Aragón”,¹¹

O novo edifício, situado sobre a escadaria da catedral e próximo das primeiras e provisórias instalações da *Plaza de la Suda*, construíra-se expressamente para residência dos doze estudantes. Este aspecto é essencial para a síntese que pretendemos fazer: o *colegio de Santa Maria Virgen*, instalava-se não em casas adaptadas à nova função estudantil, como era usual para a época, mas sim num novo e espaçoso edifício construído propositadamente para o efeito.

Pela descrição, não cabe dúvida que apresentava uma planta relativamente regular (“*casi cuadrada*”¹²) e que se organizava em torno de um pátio central. Estas duas características são as fundamentais dos colégios e universidades

⁸ Ramón GAYA MASSOT, “Apostillas monográficas...”, 1945, p.9. O documento original encontra-se no Arquivo da Universidade de Barcelona, Sección Cervera, *Escritura de dotación del Colegio*.

⁹ *Ibidem*, p.9.

¹⁰ Escrita em Avignon, in Biblioteca da Universidade de Barcelona, Ms. 2002, *Privilegia Collegii Beatae Mariae Virginis civitatis Ilerdae*, citada por Buenaventura DELGADO, *El cartulário...*, 1982, p.52.

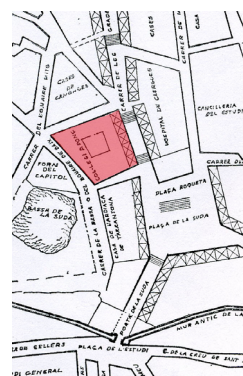
¹¹ *Idem*, obra citada, p.52.

¹² Gaya Massot refere o que “*el edificio nuevo, (...) era cuadrado y de sillería*”, Ramón GAYA MASSOT, “Apostillas monográficas...”, 1945, p.10.

espanhóis posteriores. Já quanto ao desenvolvimento do colégio por dois níveis ou por um único piso, a documentação disponível, e já divulgada, não é totalmente esclarecedora. Josep Lladonosa i Pujol refere um “*claustro de dos sostres*”,¹³ e foi com base nesta volumetria, de dois andares, que foi recriado o colégio em desenho perspectivado de reconstituição do bairro universitário de Lérida (**fig.1**).¹⁴ Refere ainda que ostentava na fachada, sobre as escadas da sé, o selo em pedra do colégio – a virgem Maria com o menino ao colo – ladeado por dois escudos da cidade.¹⁵



Fig.1 Colégio de Domingos Pons: detalhe do desenho de Garsaball (fonte: J. Lladonosa i Pujol, 1983). **Fig.2** Detalhe da planta de reconstituição do bairro da Suda em 1382 (fonte: J. Lladonosa i Pujol, 1976).



¹³ Josep LLADONOSA I PUJOL, *L'Estudi General de Lleida del 1430 al 1524*, Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, 1970, p.17.

¹⁴ *Lleida Medieval*, imagem de Garsaball, publicada em Josep Lladonosa i Pujol, *Els carrers i places de la Lleida actual amb més pès històric*, Lleida, Ajuntament de Lleida, 1983.

Em 1976 este autor havia publicado uma planta (**fig.2**) do *Barri de la Suda* (Jose LLADONOSA PUJOL, *Las Calles y Plazas de Lérida a través de la Historia*, Vol.4, Ayuntamiento de Lérida, 1976, p.256-257) que serviu de base à imagem citada. Anteriormente, em 1970, descrevera a implantação do colégio: “*Els censos del 1429 ens precisen ben bé la seva situació entre la plaça de la Suda, el carrer de les Grades de la Seu i un carreró «apellat del Col·legi» que comunicava amb el Bonaire, via que travessava de cap a cap el barri levític fins a la Porta de San Berenguer (ala nord de la catedral vella). El Col·legi doncs, donava a três carrers, i només tenia un alberg afrontant, el del beneficiat Nicolau de Poyo. Davant hi havia un carreró sense eixida amb les cases del canonge Sanç de Luzán i de la Capellania de sant Antoni. Al davant s'alçava també l'Hospital de Clergues o Casa de la Caritat de la Seu. L'edifici era tot de pedra picada, amb un claustre de dos sostres, capella i dependències espaioses i suficients*” (Josep LLADONOSA I PUJOL, *L'Estudi General de Lleida...*, 1970, p.14-17). Veja-se também, sobre a implantação, Ramón GAYA MASSOT, “Apostillas monográficas...”, 1945, p.10, ainda que descrevendo uma situação com algumas diferenças.

¹⁵ “*El segell de la institució ténia la imatge de Santa Maria, seient en un soli i amb el Nen Jesús a la falda, sota un doser gòtic, la mateixa imatge que apareixia damunt el portal principal de la façana, amb l'escut de Lleida a una i altra banda*”, Josep LLADONOSA I PUJOL, *Història de Lleida*, Vol.I, Tàrraga, F. Camps Calmet, 1972, p.542.

Relativamente às dependências internas, uma acta de uma assembleia da *paeria* (Câmara Municipal), de 21 de Novembro de 1383, refere um requerimento do “*honorable y prudente varón Domingo Pons, canónigo y precentor de la Sede de Lérida*”, director e responsável do “*notable Colégio llamado de Santa Maria siempre Virgen, con su capilla, biblioteca, aula y doce habitaciones, bodega, cocina y otras dependências adecuadas*”.¹⁶

A capela, de que se desconhece a posição relativa no interior do edifício (Lladonosa apenas refere que se acedia pelo claustro¹⁷), fora contemplada com a doação do fundador de um conjunto de alfaias, nomeadamente uma ara ornamentada, um oratório, um cálice dourado e o seu missal pessoal.¹⁸ Também para a biblioteca cedera Domingo Pons cerca de 25 a 30 livros.¹⁹ Aspecto importante era o facto de estar atribuído a cada colegial um quarto individual. A marca do colégio de *San Clemente* de Bolonha, acabado de construir apenas quatro ou cinco anos antes de se iniciar a construção do colégio de Lérida, parece estar aqui presente. Para mais, é sabido que Domingo Pons estanciou regularmente em Roma e Avignon,²⁰ pelo que é legítimo conjecturar que conheceria a nova obra do *Collegio di Spagna*. Essa provável influência foi já estabelecida, no plano dos estatutos, por Buenaventura Delgado. Este último autor, no entanto, tem o cuidado de

¹⁶ Biblioteca da Universidade de Barcelona, Ms 2002, *Privilegia Collegii Beatae Mariae Virginis civitatis Ilerdae*, folio 8v, citado por Buenaventura DELGADO, *El cartulário...*, 1982, p.84. O requerimento em causa destinava-se a solicitar à *Paeria* a isenção de tributo sobre as possessões do próprio Domingo Pons, pedido que foi atendido. Para além do colégio incluiu-se na petição a torre de Fontanet (com os seus terrenos de cultivo) que estava agregada aquele, como fonte de rendimento.

¹⁷ Josep LLADONOSA I PUJOL, *Història de Lleida ...*, Vol.I, p.542.

¹⁸ Buenaventura DELGADO, *El cartulário...*, 1982, p.53.

¹⁹ Sobre os livros de Domingo Pons e a biblioteca do colégio ver Buenaventura DELGADO, *El cartulário...*, 1982, p.63-67.

²⁰ Ainda enquanto chantre da sé de Huesca, fora nomeado procurador dos bispos de Barcelona e de Lérida, junto do Papa, em Junho de 1361 e Novembro de 1362, respectivamente. Em Novembro de 1370 (já após a conclusão do *Collegio di Spagna* em Bolonha) é novamente nomeado procurador junto do Papa, desta vez do bispo de Urgel. Em 1373 vai residir para Avignon (V. Beltrán de Heredia, 1956) ainda que em 1374 é nomeado outra vez procurador em Roma de um Arnaldo Ferrer, bacharel em decretos da sé de Urgel. Após o início do Cisma (em 1378) é ainda nomeado procurador do arcebispo de Tarragona junto de Clemente VII, por documento de Junho de 1380. Em 1383 é nomeado por Clemente VII como núncio na Sardenha. Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, “Domingo Pons (1300-1417)...”, 1956. Veja-se também José RIUS SERRA, “*Aportación documental al Colegio de Domingo Pons*”, *Miscellanea de trabajos sobre el Estudio General de Lerida*, Lérida, Instituto de Estudios Ilerdenses, 1949, Vol.I, p.57-63.

ressalvar que “los estatutos no fueron redactados en ambas instituciones por los fundadores sino por otras personas”.²¹ De facto, para o colégio catalão, existiram primeiro umas normas e disposições verbais dadas pelo fundador,²² alteradas pelo próprio em 1407 quando já era arcediogo maior da sé de Barcelona.²³ Só em 1430 o bispo de Lérida Domingo Ram redigiu os primeiros estatutos “oficiais” da instituição²⁴

Delgado refere que, embora o colégio de Lérida não tenha tido originalmente um código claro e preciso como o colégio de Albornoz²⁵ (entre outros aspectos, o fundador reservava-se o direito de propor Prior, Procurador e de escolher os colegiais...), “en las reformas y reajustes de 1407 cita Pons expresamente el modelo boloñés”.²⁶ A escala do instituto era, contudo, mais comedida. Os doze colegiais clérigos que, segundo as disposições originais, deveriam estudar teologia e os direitos canónico e civil no estudo geral,²⁷ passariam a apenas nove em 1407.²⁸ Sete estudariam direito canónico e os restantes dois poderiam estudar sucessivamente gramática e lógica e ainda filosofia natural e moral.²⁹ Deixava de haver estudantes de teologia, uma vez que ainda não existia a faculdade respectiva no estudo geral - teria pretendido criar Domingo Pons uma faculdade de teologia em Lérida, tal como fizera Albornoz em Bolonha? À frente do colégio mantinha-se um prior, eleito de entre os estudantes (em vez do “reitor” de Bolonha), e ainda um procurador, que administrava os rendimentos e bens do colégio. O prior tinha o primeiro lugar na mesa,

²¹ Buenaventura DELGADO, *El cartulario...*, 1982, p.67-68. Relativamente aos estatutos do *Collegio di Spagna*, e como vimos no subcapítulo anterior, foi em 1369, dois anos depois da morte de Albornoz, que estavam prontos os estatutos redigidos por Pedro de Cuenca, Bispo de Osma, e pelo Arcebispo de Sevilha, ambos familiares do fundador.

²² *Ibidem*, p.68.

²³ Não se sabe ao certo em que ano passou a ocupar o lugar na sé barcelonesa. Em 1383 era ainda cónego em Lérida, mas é provável que em 1386 já fizesse parte do cabido da cidade condal. Ramón GAYA MASSOT, “Apostillas monográficas...”, 1945, p.8.

²⁴ Buenaventura DELGADO, *El cartulario...*, 1982, p.71 e seguintes, destaca o extremo rigor dos estatutos do bispo Domingo Ram, no intuito de fazer impor a disciplina face à situação de desleixo em que o colégio entretanto caíra. Veja-se também, sobre os vários estatutos do colégio de Domingo Pons, Josefina MATEU IBARS, *Statuta Domus Collegii...*, 1973.

²⁵ Buenaventura DELGADO, *El cartulario...*, 1982, p.63.

²⁶ A propósito da escolha de um hábito comum para os colegiais. Veja-se *ibidem*, p.69.

²⁷ *Ibidem*, p.52-53.

²⁸ Sobre a reorganização de 1407 veja-se *ibidem*, p.56-63.

²⁹ Os canonistas podiam prolongar a estadia desejando prosseguir estudos em direito civil. *Ibidem*, p.56.

enquanto o procurador deveria ter reservado para si um quarto, auferindo um salário oito vezes superior ao do prior.³⁰

Finalmente é a partir da comparação dos primeiros estatutos redigidos do colégio de Domingo Pons (1430) e do *collegio di Spagna* (1369), que Buenaventura Delgado reforça as semelhanças na organização dos dois institutos.³¹ Conclui ainda que o colégio de Lérida “*fue el más madrugador de los colégios universitários españoles y el primero, por tanto, que quiso imitar al bolonés*”.³²

Dos estatutos de 1430, e com implicações na conformação física do edifício e na sua organização funcional, destacaremos a existência de um campanário (tal como em Bolonha, o toque do sino deveria assinalar os diferentes actos comunitários) e a manutenção de cinco criados para o número reduzido de nove estudantes.³³ O único capelão do colégio fazia as vezes de ecónomo ou de mordomo.³⁴

O colégio de Domingo Pons, ao qual o fundador sempre se referiu em vida por *colegio de Santa Maria Virgen*, foi mais tarde conhecido em Lérida por *collegi Vell* (desde a fundação do colégio de la Concepción ou *Collegi Nou* em 1559) ou por *collegi de la Assumpta* (a partir dos estatutos de 1686).³⁵ Não teve, contudo, um final feliz. O edifício próprio do colégio, assim como parte importante do antigo bairro universitário, foram destruídos na guerra de independência da Catalunha, de 1640-48.³⁶ A reforma do bispo Miguel de Escartín, de 1664,³⁷ instalou provisoriamente os colegiais numa casa

³⁰ “*No cabe duda de que, según esta reorganización de Domingo Pons, el prior queda totalmente eclipsado por el procurador*”. *Ibidem*, p.58.

³¹ Tudo gira em torno da eleição, realizada segundo procedimento idêntico, do reitor/prior pelos colegiais (de entre eles), para um mandato de um biénio. Em ambos os colegiais são obrigados a ouvir missa diária e a comer comunitariamente. As “*becas*” ou bolsas (correspondentes a um lugar na instituição) são destinadas a seguir determinados tipos de estudo e em ambos colégios deveria haver um hábito comum para os colegiais. Veja-se a comparação sistemática dos estatutos em *ibidem*, pags.67-83.

³² *Ibidem*, p.68.

³³ As obrigações dos criados repartiam-se entre a guarda dos livros, a limpeza das dependências, a cozinha, a portaria, entre outras. *Ibidem*, p.79.

³⁴ *Ibidem*, p.82.

³⁵ *Ibidem*, p.85-86.

³⁶ **Josep LLADONOSA I PUJOL**, *Historia de la Ciutat de Lleida*, Barcelona, Curial, 1980, p.255.

³⁷ Depois dos estatutos do bispo Domingo Ram, de 1430, podem-se contabilizar ainda as reformas do bispo António Cerda, de 1455, do cônego Juan Jusseau, de 1553, do bispo

propriedade do colégio, reduzindo o seu número de nove para seis. Apesar de se terem destinado todos os recursos disponíveis a “*a la reconstrucción, no solo de la antigua sede, en la forma antigua y de acuerdo con los planos que conservaba el archivo colegial, sino de la torre de Fontanet com sus estábulos y apriscos*”,³⁸ não se logrou o restabelecimento da sede do instituto.

A decadência progressiva do estudo geral llerdense, após as guerras da independência catalã (1640-48) e da sucessão espanhola (1701-1714), levaram à transferência do colégio para Cervera, a nova e a partir de então única universidade da Catalunha, em 1717. Nesta cidade foi o instituto finalmente extinto em 1842.³⁹ Estes factores levaram a que hoje pouco mais saibamos sobre o edifício original do colégio de Domingo Pons. Tudo leva a crer, porém, que foi um digno antecessor do Colégio de *San Bartolomé* de Salamanca, o primeiro dos seis *Colegios Mayores* espanhóis. Num aspecto parece que se distinguia: o facto de só admitir clérigos tonsurados como colegiais. Daí que Gaya Massot se lhe tenha referido como o “*precedente más antiguo que hay en España de los Seminarios Conciliares*”.⁴⁰

António Agustín, de 1567, do bispo Miguel de Escartín, de 1664 e ainda uma última, do bispo Miguel de Molina, de 1686. **Buenaventura DELGADO**, “**El Colégio de Santa Maria de Lérida en la Segunda Mitad del Siglo XVII**”, *Miscellània «Les Terres de Lleida» al Segle XVII*, Lleida, Institut d’Estudis Ilerdencs, 1984, p.153-163 (p.153).

³⁸ Buenaventura DELGADO, “El Colégio de Santa Maria...”, 1984, p.160.

³⁹ *Ibidem*, p.153.

⁴⁰ Ramón GAYA MASSOT, “Apostillas monográficas...”, 1945, p.16.

2.4. O colegio de San Bartolomé, de Salamanca

O primeiro dos Colegios Mayores espanhóis.

A universidade de Salamanca, a mais antiga da Península ibérica ainda em actividade, tornou-se também, com o avançar do tempo, na mais importante, em função do numeroso e qualificado corpo docente, do número de alunos, das suas infra-estruturas físicas (as escolas), e fundamentalmente em função do número de colégios que se fundaram na cidade, sob a sua dependência.

“O século XV é universalmente a era dos edificios universitários”, como notou Hastings Rashdall.¹ Em Salamanca essa afirmação é particularmente verdadeira. Foi precisamente no princípio de Quatrocentos que se construíram quase simultaneamente os edificios, de nova planta, do *colegio de San Bartolomé* e das novas escolas da universidade. Ainda no século anterior, havia-se fundado um outro colégio, o de “*Pan y Carbón*”, o primeiro colégio salmantino. Contudo, este instituto não promoveu a construção de um edificio *ex-novo*, antes se instalando num conjunto de casas pré-existentes. Daí a importância do *colegio de San Bartolomé*, que analisaremos agora, na sequência das sínteses já estabelecidas para os colégios de *San Clemente* de Bolonha e de Domingo Pons de Lérida. Das escolas, em particular das novas *Escuelas Mayores* salmantinas, e porque se inserem em linha tipológica e evolutiva paralela e interligada à dos colégios (enquanto estruturas arquitectónicas de raiz), falaremos em capítulo seguinte.

Fundamental para o processo evolutivo que pretendemos refazer, foi sem dúvida a contribuição arquitectónica do *Colegio de San Bartolomé*, fundado por D. Diego de Anaya e Maldonado (Salamanca, 1357 – Sevilha, 1437), bispo de Salamanca e futuro arcebispo de Sevilha.²

¹ **Hastings RASHDALL**, *The Universities of Europe in the Middle Ages* (1895, II, 2, p.463), Edição de F.M. Powicke e A.B. Emden, Oxford, Oxford University Press, 3 Vols, 1936, Vol.3, p.167.

² D. Diego de Anaya e Maldonado foi perceptor do futuro Rei Enrique III de Castela (1379-1390-1406), bispo de Tuy (1384), de Ourense (1390), de Salamanca (1392), presidente do Conselho Real de Castela (1402-08), bispo de Cuenca (1407), representante castelhano no Concílio de Constança (1414-1417), obtendo o arcebispado de Sevilha, de Martinho V, em 1418. **Quentin ALDEA VAQUERO**, **Tomás MARÍN MARTÍNEZ**, **José VIVES GATELL**,

Já desde 1401 que Diego de Anaya (**fig.1**) mantinha à sua custa um grupo de estudantes junto ao paço episcopal.³ Segundo Felipe Pereda,⁴ que cita o biógrafo seiscentista do prelado,⁵ “*ya entonces había «garabateado» el obispo una primera idea de la fábrica*”, o que o levou a equacionar que se terá pensado, desde início, construir um edifício de raiz para o colégio – em alternativa ao reaproveitamento de casas pré-existentes, como sucedera para o colégio de “*Pan y carbón*”.

Em 1413 mandava D. Diego de Anaya comprar várias casas ao cabido, que ocupavam o local da antiga igreja de *San Bartolomé*, no terreno onde se levantaria o colégio.⁶ Ainda nesse ano começavam as obras,⁷ e logo no seguinte, Bento XIII – o Papa aragonês Pedro de Luna - desde Avignon, confirmava a fundação.⁸ Anaya, o fundador, terá dado os primeiros estatutos entre 1414 e 1416.⁹

Em 1414 partia D. Diego para a Alemanha como representante de Castela no importante concílio de Constança (1414-1417) que pretendeu pôr fim ao Cisma do Ocidente, o que efectivamente se logrou, com a eleição do novo Papa Martinho V, em 1417. Na viagem de ida pôde D. Diego “*contemplar la que entonces era la más importante biblioteca de Europa, la conocida como*

Diccionario de Historia Eclesiástica de España, Madrid, Instituto Enrique Flores / CSIC, Vol.I, 1972, p.62.

³ Ana María CARABIAS TORRES, **Colegios Mayores: centros de poder. Los Colegios Mayores de Salamanca durante el siglo XVI**, Ediciones Universidad de Salamanca / Diputación Provincial de Salamanca, Vol.II, 1986, p.400

⁴ Felipe PEREDA, **La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V**, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, p.28.

⁵ D. Francisco RUIZ DE VERGARA Y ALAVA, **Vida del ilustrísimo señor don Diego de Anaya Maldonado, arzobispo de Sevilla, fundador del Colegio Viejo de San Bartolomé y noticia de sus varones excelentes...**, Madrid, D. Carrera, 1661, edição corrigida e aumentada por Don José DE ROXAS Y CONTRERAS, MARQUÈS DE ALVENTOS, **Historia del Colegio Viejo de S. Bartolomé, Mayor de la celebre Universidad de Salamanca**, Madrid, Andrés Ortega, 3 Tomos, 1766-1770 (Tomo I, p.28).

⁶ Ana María CARABIAS TORRES, **Colegios Mayores...**, Vol. II, 1986, p.400.

⁷ *Ibidem*, p.402.

⁸ Luis SALA BALUST, **Constituciones, estatutos y ceremonias de los antiguos colegios seculares de la Universidad de Salamanca**, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Patronato «Menéndez Pelayo», Tomo I, 1962, p.18.

⁹ *Ibidem*, Universidad de Salamanca, Tomo III, 1964, p.9.

Fig.1
D. Diego de Anaya y
Maldonado (1357-1437),
fundador do *colegio de*
San Bartolomé
(fonte: M^a. Nieves
Rupérez)



«*magna libraria*»” que Bento XIII (logo deposto no referido concílio) havia reunido em Peñíscola, Castellón.¹⁰ Veremos como a biblioteca ganharia importância no novo colégio salmantino. Antes de regressar a Espanha teve ainda oportunidade de visitar o colégio de *San Clemente* em Bolonha – “*Passé, dice él mismo, por Bolonia (...), por la Academia de todas las ciencias que allí florecen (...); vi el Colégio y resolví no solo imitarle en el intento, sino aventajarle en lo que pudiese....*”.¹¹

Em 27 de Dezembro de 1418, após chegar de Constança, inaugurava finalmente o seu colégio.¹² Passados alguns anos, fez aprovar (em 1435 e 1437) modificações às primitivas constituições, de forma a adapta-las às do colégio bolonhês.¹³ O colégio abria-se para quinze colegiais¹⁴ (dez canonistas

¹⁰ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.28. Nesta biblioteca efêmera, localizada numa das torres da sua fortaleza de Peñíscola, reuniu Bento XIII, desde 1408, mais de 2000 manuscritos (Pascual GALINDO ROMERO, *La biblioteca de Benedicto XIII*, Zaragoza, 1929).

¹¹ Don José DE ROXAS Y CONTRERAS, MARQUÈS DE ALVENTOS, *Historia del Colegio Viejo de S. Bartolomé...*, Madrid, Tomo I, 1766, p.40.

¹² Ana María CARABÍAS TORRES, *Colegios Mayores...*, Vol. II, 1986, p.404.

¹³ Sobre este assunto veja-se, sobretudo, Francisco MARTÍN HERNÁNDEZ, “Influencia del colegio de San Clemente de Bolonia en los Colégios Mayores españoles”, *Studia Albornotiana*, Bolonha-Saragoça, Real Colegio de España, n.12, 1972, p.239-259 (p.242-246). Os vários estatutos encontram-se publicados em Luis SALA BALUST, *Constituciones, estatutos y ceremonias...*, Tomo III, 1964, p.7 e seguintes.

e cinco teólogos, mas logo se admitiram também juristas)¹⁵ e dois capelães (ampliados posteriormente a quatro) para além de que albergava ainda cinco ou seis “familiares”¹⁶ e outros criados. O reitor era eleito anualmente de entre os colegiais, sendo que outros cargos de responsabilidade (“*consiliario*”, “*contador*”, “*procurador*”, “*despenseiro*”) eram distribuídos pelos outros membros do instituto.¹⁷

Graças às dotações e rendimentos deixados pelo fundador e a outras que se foram adquirindo, tornou-se o colégio mais rico de Salamanca tendo albergado sucessivamente, em imóvel adjacente a nascente, e a partir de inícios do século XVI, outros dois institutos colegiais autónomos.¹⁸ Tornou-se também o primeiro dos *Colegios Mayores*, dos seis que seriam universalmente reconhecidos com esse estatuto em Espanha: para além do *Colegio de San Bartolomé*, eram “*Mayores*” o de *Santa Cruz* de Valladolid, o de *San Ildefonso* de Alcalá de Henares e os de *Oviedo*, *Cuenca* e do *Arzobispo Fonseca*, também em Salamanca.¹⁹

O antigo *colegio de San Bartolomé* foi totalmente destruído no século XVIII, substituído por nova construção neoclássica, pelo que não resta na actualidade nenhum vestígio físico da construção primitiva. Apesar de que os estatutos, na sua versão revista, seguissem as normas do *colegio de San Clemente* de Bolonha, não se afigurava evidente, para Felipe Pereda, “*en qué medida el colégio boloñés fue seguido también en la disposición arquitectónica*”.²⁰ Não obstante, este autor pôde aclarar alguns pontos prévios que o aproximavam do

¹⁴ “...queriendo simbolizar, según la tradición, la casa de la Sabiduría, ya que el templo de Salomón se sustentaba sobre quince columnas”. Ana María CARABÍAS TORRES, *Colegios Mayores...*, Vol. II, 1986, p.405.

¹⁵ **María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO**, *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003, p.13.

¹⁶ Tratava-se de jovens que estudavam e que serviam os colegiais simultaneamente. *Ibidem*, p.15.

¹⁷ *Ibidem*, p.15.

¹⁸ Tratava-se dos colégios menores de *San Pedro y San Pablo* fundado em 1530 para dezasseis colegiais, e extinto este, cerca de 1600, do colégio de Burgos (que já existia desde 1520 noutra localização) para seis clérigos, *Ibidem*, p.15 e p. 57.

¹⁹ “Un colegio mayor, durante el siglo XVI, es un centro docente en régimen de internado que se caracteriza por la importancia de los privilegios de que goza, por estar acogido a la protección real y por requerir específicas condiciones físicas (edad, salud), intelectuales (ser bachiller al menos en una de las facultades mayores), económicas (pobreza), morales (vida intachable y limpieza de sangre) y determinada procedencia regional de sus miembros”. Ana María CARABÍAS TORRES, *Colegios Mayores...*, Vol. II, 1986, p.369 e seguintes.

²⁰ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.28-29.

protótipo do *collegio di Spagna*, como sejam a organização do edifício em torno de um pátio central, a sua distribuição por dois andares, a existência de uma capela interna, a existência de pelo menos quinze quartos (um para cada colegial admitido, “*además de un outro mas que probable para el rector*”) distribuídos por ambos os pisos do edifício.²¹

Pôde assim intuir que o *colegio de San Bartolomé* “*es, por tanto, el verdadero origen de la arquitectura universitaria española, el eslabón de una cadena de edificios construidos alrededor de patios con galerías, un modelo palaciego que, como ya intuyera Pevsner, habría de desarrollarse en España antes de seguir haciéndolo en Italia durante la segunda mitad del siglo XVI*”.²²

Conclusões ainda mais significativas foram destacadas em estudo posterior, de María Nieves Rupérez, datado de 2003.²³ Esta autora avança novos dados que lhe permitem refazer, com bastante rigor, a distribuição interna do colégio primitivo. Reforça novamente o aspecto fundamental do levantamento de um edifício de raiz, no que se distinguia do caso anterior em Salamanca do *colegio de “Pan y carbón”*, fundado em 1386.²⁴ O edifício de planta quadrangular, de dois pisos e com pátio central, tinha entrada ao centro do lanço sul, voltada para a catedral. À direita do acesso situava-se a capela, provavelmente de pé direito duplo,²⁵ ao passo que “*la biblioteca se emplazó en el piso superior del ala meridional, desde la entrada principal hasta la esquina del lienzo occidental, sobre varios cuartos destinados más tarde [em 1557] a hospedaria*”.²⁶ A referida autora esclarece, citando o *Cronicón* de Pedro de la Torre, de c^a 1514,

²¹ *Ibidem*, p.30.

²² *Ibidem*, p.31. Tanto Lampérez e Romea (Vicente LAMPÉREZ Y ROMEA, *Arquitectura civil española*, T. II, Saturnino Calleja, Madrid, 1922, p.135-191) como César Martinell (César MARTINELL, “Las antiguas universidades y colegios españoles como monumentos arquitectonicos”, *Cuadernos de Arquitectura*, 9, 1948, p.3-20) haviam referido o *Colegio de San Bartolomé* nos seus ensaios pioneiros sobre os edifícios universitários espanhóis, mas sem lhe darem a importância que hoje lhe podemos, de facto, atribuir.

²³ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé...*, 2003.

²⁴ *Ibidem*, p.19.

²⁵ “*La Capilla, dedicada a San Bartolomé, estaba situada en el claustro bajo, «como se entra a mano derecha», según consta en las obligaciones del capillero [nos estatutos]. Su altura debia elevarse hasta el segundo piso pues disponía de coro y estaba abovedada*”. *Ibidem*, p.22.

²⁶ *Ibidem*, p.24. As hospedarias são um fenómeno dos *colegios mayores* do século XVI que surgiram da permanência dos colegiais nas instalações dos institutos, mesmo depois de terem acabado os cursos (ao arrepio dos estatutos...) até conseguirem algum tipo de colocação em cargo da administração pública ou eclesiástico. Esta situação levaria mesmo à construção de edifícios anexos, de dimensões aproximadas às dos edifícios principais.

que a biblioteca data da primeira época de edificação do colégio, pois “se *construyó en tiempos del primer rector, el maestro Guillén*”.²⁷

Este parece ser, pois, um dado de grande relevância. Na ala sul, a da entrada principal, situavam-se a capela e a valiosa livraria, no que se consubstanciava como disposição alternativa à do *colegio de San Clemente de Bolonha*.²⁸ De facto, este esquema de capela e biblioteca no lanço da fachada seria posteriormente imitado, até à exaustão, em outros colégios castelhanos subsequentes. Desde logo, no de *Santa Cruz* de Valladolid, construído a partir de 1486 (onde, como veremos²⁹, se repetiria rigorosamente o esquema do *colégio de San Bartolomé*, com a capela em pé-direito duplo à direita do átrio de entrada e a biblioteca ocupando o restante primeiro andar, sobre a fachada do colégio) e ainda nos outros *colegios mayores* salmantinos de inícios do século XVI.³⁰

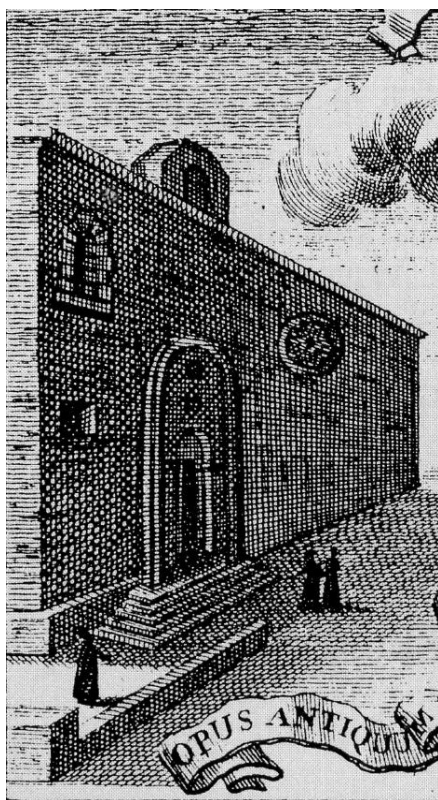


Fig.2

Antigo *colegio de San Bartolomé*.

Detalhe da gravura de 1766
(fonte: Roxas y Contreras)

Fig.3

Pintura do friso da sala reitoral do novo colégio, representando o novo colégio e construção e o antigo (?) em ruína
(fonte: M^a Nieves Rupérez)

Fig.4

O antigo e o novo *colegio de San Bartolomé*.

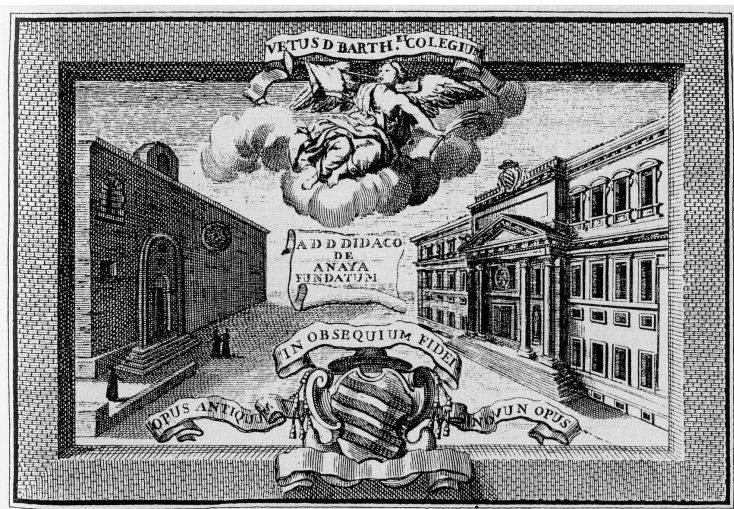
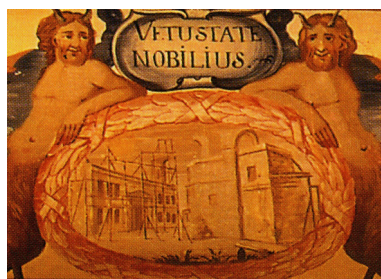
Gravura de 1766
(fonte: Roxas y Contreras)

²⁷ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé...*, 2003, p.24.

²⁸ *Ibidem*, p.22.

²⁹ Veja-se, mais à frente, o capítulo 2.7.

³⁰ Colégios de Oviedo (1522), de Cuenca (1523) e do Arcebispo Fonseca (1525).



É conhecido apenas um elemento gráfico, setecentista, que intenta reproduzir a fachada do primeiro *colégio de San Bartolomé*. Trata-se de uma figura (**fig.4**) da edição da *Historia del Colegio Viejo de San. Bartolomé* do Marquês de Alventos,³¹ na qual a frente do antigo colégio surge face a face com a do novo edifício que o substituiu.³² No entanto, se o desenho da fachada do colégio neoclássico é reproduzido com rigor, já a representação do colégio antigo levanta mais problemas de interpretação. Esta imagem, segundo Nieves Rupérez, terá sido feita de modo descuidado – “*en él [grabado] debió empobrecerse intencionadamente la realidad para justificar la nueva obra. Los vanos eran de hecho mucho más amplios y numerosos y, como en el edificio de la Universidad, varios contrafuertes construídos a mediados del siglo XVI contribuían al adorno del muro, a la vez que cumplían una función sustentante*”.³³ A mesma autora refere que a biblioteca do colégio, situada no piso superior à esquerda da entrada, teria três janelas de mais de dois metros

³¹ Don José DE ROXAS Y CONTRERAS, MARQUÊS DE ALVENTOS, *Historia del Colegio Viejo de S. Bartolomé ...*, Tomo I, 1766, frontespício.

³² Resta saber se uma outra imagem setecentista, representada no friso da sala ante-reitoral do novo colégio neoclássico, com a tarja “*Vetustate Nobilis*” (**fig.3**) não representará também o antigo colégio e o novo, novamente em confronto, face a face, com a nuance que um está em demolição enquanto se vai construindo o outro. Ainda que a representação do alçado do novo edifício não seja fidedigna, não são demasiado flagrantes as diferenças para poder colocar de parte esta hipótese. Se assim for poderemos visualizar o ângulo sudeste do antigo colégio e o que parece ser o corpo da primitiva capela de *San Bartolomé*, já com a abóbada desfeita, mas em que estão ainda de pé dois arcos torais sequentes, um dos quais se prolonga em contraforte pelo pano de parede da fachada. Sobre esta gravura veja-se María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé...*, 2003, p.27 e 54.

³³ *Ibidem*, p.21.

de altura, duas sobre a fachada principal (na imagem só aparece uma e de pequenas dimensões...) e outra sobre o beco a poente do colégio.³⁴ Evidentemente, a existência de estas duas janelas na frente do edifício permitem conjecturar que a entrada no colégio não estaria tão descentrada do eixo da fachada como sucede na representação do Marquês de Alventos, pelo que a frente do colégio antigo teria certamente uma composição mais equilibrada. Faltam ainda na fachada da gravura uma série de contrafortes, construídos em meados do século XVI “*como en el edificio de la Universidad*”,³⁵ para além de elementos decorativos, casos do escudo do fundador e ainda de dois medalhões representando figuras de ex-colegiais de renome,³⁶ que existiam a um lado e outro da porta principal.

Sobre o claustro, afirma Nieves Rupérez que teria “*dos pisos*” e que era “*de menores dimensiones que el actual, provisto de arquerías sobre machones al menos en la planta baja*”.³⁷ Relativamente à restante distribuição funcional do edifício, os dados revelados pela autora que temos vindo a citar, correspondem a uma época posterior à da construção da nova escada principal, renascentista, de três tiros, no arranque do lanço poente do colégio – levantada em 1551-1556 por Alonso de Covarrubias, sob encomendada do cardeal D. Juan Martinez Silíceo, arcebispo de Toledo e ex-colegial.³⁸ Não é claro, por isso, se a distribuição relatada³⁹ correspondia à do colégio quatrocentista original ou se resultou fundamentalmente da reforma de Covarrubias sobre o colégio – embora seja provável, a nosso ver, que não tivesse sido alterada, nas suas linhas gerais.

Questão relevante parece ser a falta de referências a uma sala de aulas ou a uma sala de actos, e à sua eventual localização no interior do edifício primitivo.

³⁴ *Ibidem*, p.24, citando o *Cronicón* de Pedro de la Torre (c. 1514).

³⁵ *Ibidem*, p.22. A referência é ao edifício das *Escuelas Mayores* após a importante intervenção concluída na terceira década de Quinhentos.

³⁶ San Juan de Sahagun e Afonso de Madrigal – “*El tostado*” – figuras conservadas no Museu de Salamanca, *Ibidem*, p.22.

³⁷ *Ibidem*, p.21.

³⁸ *Ibidem*, p.20.

³⁹ A seguir à cozinha, “*completaban la línea occidental hacia el Norte el refectorio con las comunes o letrinas detrás, y en el piso superior otras letrinas y dos cuartos con su dormitorio y sala de estudio. Las dependências rectorales ocupaban gran parte de la ala oriental, quedando la septentrional para la mayoría de las habitaciones de colegiales, familiares y criados.*” *Ibidem*, p.25.

Isto porque o colégio “no era (...) una simple residencia, sino un centro educativo con autonomía propia respaldada por su enorme potencia económica”,⁴⁰ que a partir de determinado momento passou a albergar classes, alternativas às da universidade, chegando mesmo a conseguir o direito de atribuir graus académicos dentro do próprio instituto.⁴¹ Também por isso, e entre outros aspectos, se tratava de um “*colegio mayor*”.⁴²

O confronto com o *colegio de San Clemente* de Bolonha (que não era menos que um “*colegio mayor*” peculiar, em função da sua localização geográfica fora de Espanha) não deixa de ser interessante, pois neste colégio a “*sala magna*” situava-se no primeiro andar a eixo do lanço sobre a entrada do colégio, como vimos.⁴³ Aparentemente, o protagonismo dado em Bolonha à capela e à sala de actos, sobre o eixo de simetria do colégio, foi transferido para o conjunto formado por capela e biblioteca no lanço da fachada do *colegio de San Bartolomé* de Salamanca. Neste último, para as classes e para os actos, um espaço de medianas dimensões e medianamente equipado terá servido.

Finalmente, podemos notar como a volumetria regular do antigo edifício colegial sai comprovada, tanto na sua representação gráfica (a do Marquês de Alventos), como ainda pelos variadas referências (na bibliografia consultada) que confirmam a existência de quatro lanços de dois andares. Não obstante, o edifício nunca foi uma construção totalmente isenta relativamente à envolvente, pelo que esteve sempre ladeado de estruturas de menores dimensões,

⁴⁰ *Ibidem*, p.15.

⁴¹ “*Privilegios importantes fueron los concedidos por Paulo II e Inocencio VIII en sus Bulas de 8 de octubre de 1469 y 19 de marzo de 1490, autorizando al Colegio de San Bartolomé a usar de los mismos privilegios de la Universidad, que los estudiantes, oyendo sus lecturas en sus aulas, pudiesen conseguir el grado de manos de su rector, en todas las facultades*”. Ana María CARABÍAS TORRES, *Colegios Mayores...*, Vol. II, 1986, p.411; “*Los colegiales y familiares de San Bartolomé tenía obligación de acudir a las Escuelas, aunque en el colegio también se impartió docencia hasta mediados del siglo XVI en competencia con la Universidad. Es más, gozaba de facultad concedida por los papas para que sus becarios pudiesen ganar curso en la propia casa e incluso para otorgar grados*”. María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé...*, 2003, p.16.

⁴² *Vide supra* nota 19.

⁴³ Já no colégio de Domingo Pons, em Lérida, anteriormente estudado, a “aula” surgia logo a seguir à capela e à biblioteca e imediatamente antes dos quartos dos colegiais na hierarquia da elencagem das várias dependências do edifício, não sendo possível precisar a sua localização espacial relativa.

adjacentes ao corpo principal.⁴⁴ Situação que as obras de reforma setecentistas, anteriores à demolição definitiva do colégio primitivo, não fizeram mais que recompor e reorganizar com a construção da nova hospedaria, a nascente (iniciada em 1707), e da nova igreja de *San Sebastian* (1730-1744), a poente.⁴⁵

Na planta de Salamanca de 1784, de Jerónimo Garcia de Quiñones (**fig.5**),⁴⁶ surgem já os contornos destes dois imóveis ladeando o espaço preenchido pelo novo colégio neoclássico, projecto de José de Hermosilla, executado por Juan de Sagarbinaga entre 1760 e 1779.⁴⁷ Curiosamente, pode notar-se, ainda na planta, a presença da antiga igreja paroquial de *San Sebastián* (2) defronte do novo imóvel colegial. Estava adstrita ao antigo colégio desde 1440 e era volumetricamente autónoma deste⁴⁸ – seria demolida, em inícios de Oitocentos, para desafogo da actual *plaza de Anaya*.

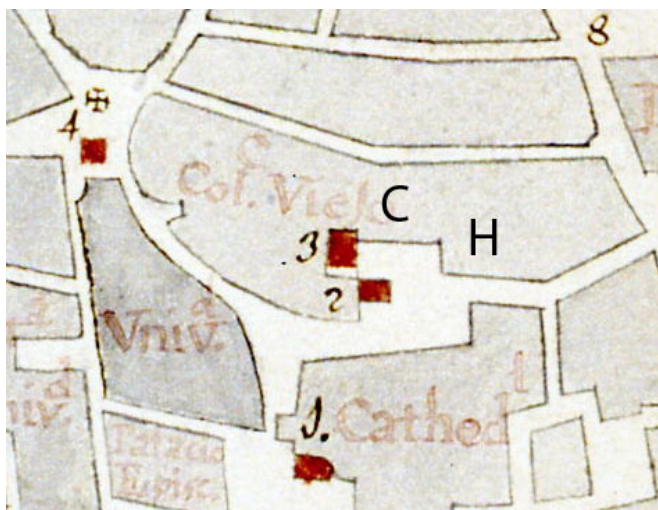


Fig.5

Detalhe da planta de Salamanca de 1784, de Jerónimo Garcia de Quiñones, com a área do colegio de San Bartolomé:
C. colégio;
H. hospedaria;
1. catedral velha;
2. antiga igreja de San Sebastián (depois demolida);
3. nova igreja de San Sebastián;

⁴⁴ “Debía formar un bloque más o menos regular, al que se habían añadido construcciones de menor altura en la parte occidental, que se aprovecharán después para dar a la planta mayor amplitud”, María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé...*, 2003, p.21. Mais adiante refere-se “una casa contigua al lienzo oriental, provista de pátio y jardín, donde se alojaban también los colegiales de San Pedro y San Pablo y los de Burgos”, *ibidem*, p.57.

⁴⁵ *Ibidem*, p.57-71.

⁴⁶ Planta do Archivo Historico Nacional de Madrid (AHNM, Sección Estado - Mapas, Planos y Dibujos, Sig.^a 1063), publicada por **María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO**, *Urbanismo de Salamanca en el Siglo XVIII*. Delegación en Salamanca del Colegio Oficial de Arquitectos de León, 1992, p.87, lamina 30.

⁴⁷ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé...*, 2003, p.33-51.

⁴⁸ *Ibidem*, p.23.

2.5. As Escuelas Mayores de Salamanca (I)

O edifício anterior à reforma de inícios de Quinhentos

a) Origem da actual sede da universidade

A bibliografia sobre o edifício das *Escuelas Mayores*, estrutura central da universidade de Salamanca é, como seria de esperar, extensa. Devemos destacar, de entre várias contribuições recentes, os trabalhos de levantamento e sistematização documental realizados por Ángel Vaca Lorenzo (1999¹ e 2007²) que permitiram a este autor avançar conclusões importantes sobre a evolução física do imóvel das *Escuelas Mayores* ao longo do século XV, período que por agora nos interessa. Destacaremos ainda as abordagens de síntese de Filipe Pereda (2000³) e de José Ramón Nieto González (2002⁴) e ainda o artigo de Ana Castro Santamaría (1998⁵) dedicado às obras da sacristia e biblioteca quinhentistas – que embora ultrapassem o quadro temporal que definimos para esta primeira aproximação às *Escuelas Mayores*, contem informação relevante relativa ao estado do imóvel no dealbar de Quinhentos.

As *Escuelas Mayores* de Salamanca constituíram, ao longo da primeira centúria da sua existência, “*un edificio en casi permanente estado de reconstrucción*”,⁶ e até praticamente aos dias de hoje, um edifício “*en perpétua metamorfose*”.⁷ Em consequência, subsistem problemas não resolvidos e

¹ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus de la Universidad de Salamanca: las Escuelas Mayores”, *Salamanca – Revista de Estudios*, 1999, n.43, p.143-169.

² Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque au Moyen Âge: besoins fonctionelles et réponses immobilières”, in Patrick Gilli, Jacques Verger, Daniel Le Blévec (Eds.), *Les universités et la ville au Moyen Âge*, Brill, Leiden/Boston, 2007, p.9-53.

³ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000.

⁴ José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores, Menores y Hospital del Estudio, siglos XIII-XX”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Estructuras y Flujos – Vol. II*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, p.375-455.

⁵ Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea y Juan de Álava en la Universidad de Salamanca. Las obras de la sacristía y la biblioteca”, *Boletín del Museo e Instituto «Camón Aznar»*, Zaragoza, num. LXXI, 1998, p.65-112.

⁶ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.160.

⁷ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.18.

interpretações divergentes relativamente ao processo construtivo do edifício e à sua evolução física, que só trabalho arqueológico futuro poderá definitivamente esclarecer. Com base na documentação recolhida e sistematizada por Ángel Vaca Lorenzo, passaremos a desenvolver uma leitura pessoal da evolução do imóvel das *Escuelas Mayores*, que tenta esclarecer algumas das dúvidas recorrentes e que difere, em alguns aspectos, do que tem sido até agora avançado.

Abordamos já, no capítulo 1.3., o início do processo de conformação do novo núcleo universitário salmantino (que incluía, para além de sede universitária, as *Escuelas Menores* e o hospital do estudo), que se prolongou por todo o século XV e que entraria em fase monumentalizante (como veremos mais à frente neste trabalho) pela primeira metade do século XVI. Como vimos anteriormente, não teve o estudo geral salmantino um edifício próprio, construído de raiz, onde estivessem centralizadas as classes, antes do início do século XV.

Vimos também que as escolas de decretais se situavam, em finais de Trezentos, num imóvel, propriedade do cabido, sobre a ala oriental da actual sede universitária.⁸ Em Agosto de 1378, o arrendatário, o bedel Alfonso Fernández, propôs-se fazer umas primeiras obras de adaptação no edifício, de modo a acomodar mais convenientemente as concorridas classes de decretais. Comprometeu-se a “*cubrir el suelo del sobrado com tablas «aserradaças»*” e a dotar as salas “*del mobiliário adecuado (bancos y pupitres) para impartir clase a más de doscientos escolares*”.⁹ O acordo entre o bedel e o cabido¹⁰ (que em contrapartida por estes melhoramentos baixaria a renda do imóvel) permite perceber que se tratava de uma casa com uma grande sala, que se propunha sobradar e mobilar, com bancos fixos nas paredes em redor e com filas de bancos pregadas ao chão, a meio do espaço. Disporia ainda de uma cadeira

⁸ Na sequência destas escolas, para norte, situava-se ainda a escola de decreto: “*De leur côté, les cours de décret avaient lieu, en 1383, dans une «chambre» propriété di chapitre cathédral qui était louée au prébendier Pedro Gómez, puis au chanoine Pedro Fernández de Cuenca*”. Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.31.

⁹ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.146.

¹⁰ *Ibidem*, p.146, nota 11 (o original está no Arquivo da Catedral de Salamanca, *Actas capitulares*, livro 1, fol.49).

Fig.1
Aula da universidade de
Salamanca. Pintura de Martín
de Cervera, 1614
(Biblioteca da Universidade
de Salamanca)



elevada – a cátedra, ou púlpito – para o mestre. Como notou Vaca Lorenzo, tratava-se já do “*modèle de salle de classe qui se maintiendrait a l’université pendant longtemps*”,¹¹ tal como mostra o quadro de Martín Cervera, de 1614 (**fig.1**), gravado na porta duma das estantes-armário da biblioteca.¹²

Vimos ainda que, em 1383, a escola de decreto era uma câmara também pertencente ao cabido, situada na proximidade das escolas anteriores, e que fazia parte de umas casas situadas “*a do venden los peçes*”,¹³ provavelmente em frente dessa mesma venda dos peixes.¹⁴

b) A conformação de um edifício tendencialmente quadrado

Foi o antipapa Bento XIII (1394-1417), o aragonês Pedro López de Luna, que primeiro impôs ao estudo o levantamento de novas instalações, de raiz, ao fazer constar, nas constituições que redigiu para a universidade, em 1411, a construção de um conjunto de sete auditórios, a saber, quatro dedicados aos estudos jurídicos, e os restantes três para a teologia, medicina e filosofia, com

¹¹ Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.31. Como notou este autor, ainda hoje existe, com esta disposição, a sala Fray Luís de León, antigo geral de teologia resultante da remodelação de 1569-1574.

¹² *Ibidem*, p.31.

¹³ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.146.

¹⁴ Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.31

os dinheiros restantes do pagamento dos salários dos mestres.¹⁵ Não deixa de ser significativo, por sua vez, que os rendimentos sobrantes deveriam ainda ser aplicados na compra de livros, para os quais se deveria reservar um espaço no interior da sede do estudo – uma biblioteca – e que o estacionário do estudo deveria viver no interior do imóvel universitário “*para así cuidar mejor de sus libros*”.¹⁶

Tivemos já ocasião de referir neste trabalho a importância capital da intervenção do cardeal Pedro de Luna / antipapa Bento XIII, na revitalização do estudo salmantino. No aspecto infraestrutural, foram as constituições de 1411 que marcaram, de facto, a origem do novo edifício central. Foi em claustro pleno, reunido a 1 de Dezembro de 1414, que a universidade escolheu manter as casas das escolas de cânones sobre a *plaza de Santa María* (as escolas de decretais mencionadas e a de decreto, em casa próxima, a norte) como base para a implantação do **novo complexo central da universidade**. Com vista à construção de novos gerais e à ampliação das escolas, foram elencadas para aquisição várias casas sobre a *Rua Nueva*, e os respectivos terrenos, situados por detrás das escolas¹⁷ – propriedades maioritariamente pertencentes ao cabido (caso das *casas de la Parra*)¹⁸ ou à paróquia de *San Isidro*,¹⁹ tendo sido nomeada uma comissão para tratar da compra das mesmas.²⁰ Veremos como

¹⁵ As constituições de 1411 encontram-se reproduzidas em **Vicente BELTRÁN de HEREDIA, *Cartulario de la Universidad de Salamanca (1218-1600)***, Universidad de Salamanca, Vol II, 1970, p.4 (doc.444) tendo sido traduzidas, mais recentemente, por **Pilar VALERO GARCÍA e Manuel PÉREZ MARTÍN, “Pedro de Luna y el Estudio salmantino”, *Studia Histórica / Historia Moderna***, Salamanca, VIII, 1990, p.131-149. A disposição relativa aos gerais que se deviam construir corresponde ao artigo 3º.

¹⁶ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.34. A recomendação está nas constituições de 1411, artigo 4º.

¹⁷ Ángel Vaca (Ángel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque...”, 2007, p.31) sugere que em 1414 as escolas de cânones se estendiam já até à *Rúa Nueva*, pois uma suposta parte das escolas era já vizinha de uma *casa de la Parra*, situada sobre a referida *Rúa Nueva*. No entanto, a fonte documental mencionada apenas refere, segundo julgamos perceber, as “*casas de la Parra, (...) de que son linderos las escuelas de los canones*” (Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.147, nota 16), o que poderia simplesmente significar uma vizinhança de traseiras com traseiras, como julgamos ser mais provável.

¹⁸ “*Las casas do agora mora el chantre de Salamanca, con otras dos casas siguientes e con otras casas que llaman de la Parra, con otras entradas de otras casas que salen a la Rúa Nueva*”. *Ibidem*, p.156.

¹⁹ *Ibidem*, p.156.

²⁰ Comissão constituída pelo mestre-escola da universidade, doutor António Ruiz, e pelo administrador universitário Fernando Alfonso. *Ibidem*, p. 157.

Fig.2

Reconstituição da envolvente das escolas de cânones em inícios do século XV

(a partir da planta de J. González y González):

1. Sé românica

2a. Escolas de decretais

2b. Escola de decreto

c. Colégio de *San Bartolomé* (1415)

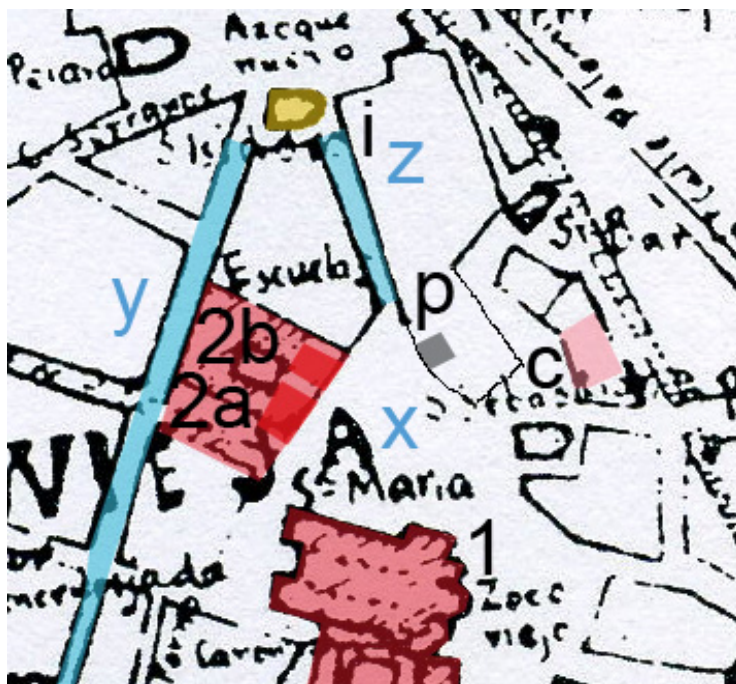
i. Igreja de *San Isidro*

p. Casa dos peixes

x. Açougue velho (*Plaza de Santa Maria*)

y. *Rúa Nueva*

z. *Calle publica del Rey*



as **Escuelas Nuevas** (como se passaram a designar) ocupariam tendencialmente toda a parte central do quarteirão situado entre a *plaza de Santa Maria*, a nascente (onde se implantou a imponente catedral renascentista a partir de 1513), uma rua que julgamos tratar-se da antiga *calle publica del Rey*, a nordeste, a igreja de *San Isidro* a norte, a *Rúa Nueva* (mais tarde *calle Libreros*) a poente e as casas do bispo, a sul (**fig.2**).²¹

Entre 1414 e 1418 avançou a referida comissão na obtenção dos imóveis necessários para a ampliação do espaço das escolas, na vizinhança próxima, não sendo claro se conseguiu, nesta primeira fase, a aquisição de todas as casas e terrenos almejados. Em Dezembro de 1415 tinham-se comprado pelo menos umas casas na *Rua Nueva*,²² mas certas casas do cabido, como as

²¹ *Ibidem*, p.155-156. Nessa época não existia ainda a travessa que delimita o actual edifício das *Escuelas Mayores* pelo norte, nem tão pouco a actual *calle Calderón de la Barca*, antiga *calle Nueva* (não confundir com a *Rúa Nueva*), aberta entre 1598 e 1602 e paralela à ala sul da sede universitária.

²² “*Tres casas pequeñas, las dos fechas e la outra derribada*”, que um tal Arias Fernández possuía “*aquí, en dicha çibdat, en la Rúa Nueva, enfrente de las casas en que mora Joana Rodríguez, de que son linderos: de la una parte, casas de Santa María de la Se desta dicha çibdat e, de la otra parte, casas del beneficio de Pero Alonso, clérigo de la dicha iglesia de Sant Ysidro e la calle del rey*”. *Ibidem*, p.157-158.

A compreensão da situação descrita neste relato foi de grande importância uma vez que nos permitiu reconstituir (julgamos que com algum rigor) a topografia local. Defendemos que estas três casas compradas a Arias Fernández estavam na parte noroeste do terreno das actuais *Escuelas Mayores*. De uma parte (provavelmente a sul) eram vizinhas de casas da sé ou do

casas de la Parra, em Fevereiro de 1416 não estavam ainda em poder do estudo.²³ Outras casas da *Rúa Nueva*, pertencentes a Diego García, arcipreste de Uclés, terão sido também (possivelmente) integradas, a partir de 1418, no complexo das escolas²⁴ (fig.3).

Entretanto, haviam começado as obras logo em 1415.²⁵ Em 1420 parte do novo imóvel estaria concluído – em documento de 25 de Maio, o Rei Juan II (1405-1406-1454) referia como a “*Universidat ha hedificado las escuelas en que leen las çiencias en çierto anbitu o circulo con su claustra en médio en esa dicha çibdad*”.²⁶ Esta citação documental é evidentemente relevante para registo do que terá sido a planta geral da primeira fase das *Escuelas Nuevas* – um conjunto de gerais novos ou reaproveitados, abertos maioritariamente em casas urbanas pré-existentes (a nascente e poente) e dispostos em torno de um pátio quadrangular (de desenho irregular) rodeado de galerias,²⁷ conforme se infere do documento. Porém, a quadratura pretendida em redor das galerias do pátio, estaria ainda grandemente incompleta, como sugerem vários autores, e como tentaremos mostrar.

Em 1420, parece que a totalidade das obras previstas não estaria ainda, de facto, concluída, uma vez que as novas constituições da universidade, redigidas pelo Papa Martinho V, em 1422, propõem novamente o encaminha-

cabido, muito provavelmente as já mencionadas *casas de la Parra*, que ainda não estavam na posse da Universidade. De outra parte (certamente a norte) davam para casas de Pedro Alonso (que outros documentos mostram que estavam na *Rua Nueva*) clérigo de *San Isidro*, igreja paroquial situada justamente a norte do quarteirão das escolas. A faixa de terreno propriedade das casas dava ainda, pensamos que nas traseiras, a nordeste, com a citada *calle (pública) del Rey* (veja-se fig.3).

²³ *Ibidem*, p.157-158.

²⁴ *Ibidem*, p.159. Estas casas davam, por um de três lados (provavelmente para trás) para as “*Escuelas Nuevas*”, e situar-se-iam, a nosso ver, a sul das *casas de la Parra*. Um dos proprietários de casas vizinhas – don Mosé Monçoniego – era aparentemente judeu e a judiaria situava-se ao fundo da *Rúa Nueva*, para sul. Outras casas vizinhas eram as de Ferrand Garcia Calvylo.

²⁵ *Ibidem*, p.160, citando uma passagem de **Gil GONZÁLEZ DÁVILA, *Theatro eclesiástico de la iglesia y ciudad de Salamanca***, Salamanca, 1618, p.117-118: “*En el año 1415 reynava en Castilla y Leon el Rey don Iuan de edad de diez años... E en este tie[n]po gano el Rey de Portugal à Zebra del Rey de Bellamarin, è fazia el Estudio de Salamanca casas para leer las ciencias...*”.

²⁶ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.160, citando um documento real publicado por José Maria ONIS, *Archivo. Documentos Reales*, Salamanca, Memoria de la Universidad. Curso 1883-84, doc. XLIX.

²⁷ Não é possível aferir se estas galerias estavam limitadas por colunas de pedra, suportando ou não arcarias, ou se estavam simplesmente definidas por estruturas de madeira, como era também comum na época – vejam-se os colégios de Toulouse estudados por Michael Kiene.

Fig.3

Reconstituição conjectural das escolas de cânones de Salamanca (a partir dos dados sistematizados por Ángel Vaca Lorenzo), em 1414-1418:

a. *Rua Nueva*

b. *Calle pública del Rey*

c. *Azogue Viejo*

edo. Escola de decreto

eds. Escolas de decretais

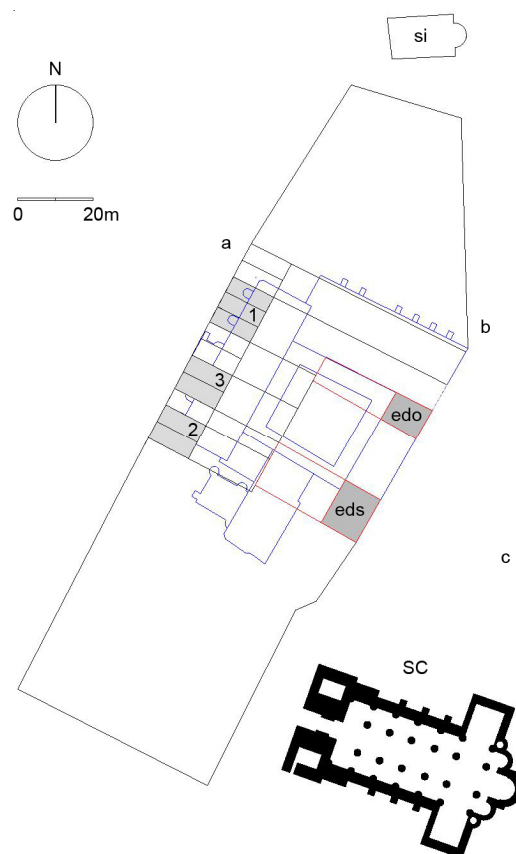
1. Casas de Árias Fernández (compradas em 1415) (?)

2. Casas de la Parra (?)

3. Casas de Diego García (compradas em 1418) (?)

si. Igreja de *San Isidro*

SC. Catedral românica



mento dos rendimentos sobranes dos salários dos professores e oficiais do estudo para “*la conclusión y reparación de las clases de juristas, teólogos, médicos e filósofos*”.²⁸ Esta primeira fase construtiva só estaria terminada um pouco mais tarde, em 1433, de acordo com a inscrição do friso (hoje desaparecido) que circundava o compartimento central do lanço nascente das *Escuelas Nuevas* – espaço que ainda se conserva, coberto por um tecto em “*artesoado*” de madeira mudéjar, e ao qual se tem atribuído a função original de oratório/capela do estudo.

A função primitiva deste espaço, constitui precisamente um dos problemas por esclarecer na análise das escolas quatrocentistas. Desde que Pedro Chacón transcreveu a inscrição do friso na sua *Historia de la Universidad de Salamanca*, em 1569, tem-se localizado a capela primitiva nesta dependência, que servia – já no tempo do cronista – de átrio de acesso ao estudo, a meio do

²⁸ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.161, citando o texto das constituições de Martinho V, publicadas por **Pilar GARCÍA VALERO e Manuel PÉREZ MARTÍN**, *Constituciones de Martín V*, Universidad de Salamanca, Salamanca, 1991, p.153-154.

lanço nascente.²⁹ Aparentemente, o friso e a respectiva inscrição encontravam-se interrompidos pelo vão de acesso aberto posteriormente.³⁰ Dizia então o texto:

*“Año del nacimiento de Nuestro Señor Jesuchristo de 1433, y comenzáronse en el año de 1415, e fizolas edificar António Ruiz de Segovia, doctor en Decretos, Maestre Escuela de la Iglesia de Salamanca, Canciller por la autoridad apostólica de la Universidad del Estúdio de la dicha ciudad. Edificaronse a expensas de la dicha Universidad, por Alonso Rodriguez Carpintero, maestro de la obra; siendo administrador Juan Fernández de Rágama, Chantre de Badajoz [...] E la dicha capilla se edificó el año de...”*³¹

Porém, o facto da inscrição se referir à capela do estudo (argumento central na hipotética correspondência entre o espaço e a função religiosa) não implica, a nosso ver, que o espaço em causa fosse necessariamente o da capela. Note-se que o tema da inscrição é objectivamente o da construção das *Escuelas Nuevas* (logo no início se refere que *“comenzaron-se en el año de 1415”*), pelo que nos parece fazer mais sentido estarmos perante o átrio de acesso original ao novo recinto, local talvez mais próprio para uma tarja com o conteúdo mencionado. A referência à data de construção da capela poderia tratar-se de simples informação complementar relativa a um dos espaços mais significativos do novo imóvel – a capela – possivelmente situada na proximidade, ou mesmo com acesso directo a partir deste também hipotético átrio. Recentemente, no *Plan Director del edificio de Escuelas Mayores*, foi já colocada a hipótese de que o espaço onde se lia aquela inscrição teria sido, com maior probabilidade, e desde início, *“un lógico, desde el punto de vista*

²⁹ Este átrio é hoje servido pela *“puerta de las cadenas”*, alternativa à actual entrada principal da ala poente das *Escuelas Mayores* – entrada poente que, a nosso ver, só passou a ser a entrada principal do estudo após a importante intervenção, da segunda década de Quinhentos, e de que resultaram a imponente biblioteca renascentista e a não menos notável fachada rica.

³⁰ Explicação possível para esta interrupção do friso (registada em 1569) teria de ver com uma possível ampliação posterior do hipotético vão de acesso original (1415-1433).

³¹ **Pedro CHACÓN**, *Historia de la Universidad de Salamanca*, 1569, Ed. de Ana María Carabias Torres, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1990, p.94. O original é um manuscrito da Biblioteca da Universidade de Salamanca (B.U.Sa., Ms.465)

arquitectónico, zaguán".³² A nosso ver, nada menos que o acesso principal das *Escuelas Nuevas*, mais tarde conhecidas pelas *Escuelas Mayores* de Salamanca.

No mesmo sentido, julgamos que o lanço nascente seria o lanço da fachada do novo imóvel pensado em 1414, aspecto que teremos que levar em mente para a correcta análise da sede do estudo que vigorou até início do século XVI. De resto, trata-se de uma situação que terá de se considerar natural face à implantação das anteriores escolas de decretais (as mais concorridas do estudo), face ao espaço ainda amplo e desimpedido da fronteira *plaza de Santa María* (onde só mais de meio século depois se levantaria a catedral nova), e face à relação com a catedral românica e respectivo claustro, onde decorriam as cerimónias dos graus.

Por outro lado, sabe-se, de facto, que uma primeira capela do estudo, dedicada a São Jerónimo, se situou "*entre la escuela del decreto e la casa [del] bedel*" (residência que, portanto, se incluía no conjunto primitivo), segundo consta de uma confirmação dada em 1429 pelo bispo de Salamanca, D. Sancho.³³ Este excerto documental, em princípio, faz situar a primeira capela do estudo no lanço oriental das escolas, se atendermos à situação da antiga escola de decreto, ainda que nesta época pudessem já ter ocorrido alterações. De qualquer modo, podemos talvez assumir também que a casa do bedel dava para a frente nascente e principal das escolas.³⁴ Face ao exposto anteriormente, parece-nos possível que a capela tivesse sido montada no

³² **Alberto GARCÍA GIL, *Plan Director del Edificio de Escuelas Mayores***, Universidad de Salamanca / Junta de Castilla y León, s/d. (Assessor: José Ramón Nieto González), citado por José Ramón NIETO GONZÁLEZ, "*Escuelas Mayores...*", 2004, p.405.

³³ Confirmação dada pelo Bispo de Salamanca, D. Sancho, "*para que la casa que fue hedificada en las S[cuelas] Nuevas de la universidad del Studio de Salamanca a honra de señor sant Jerónimo, que es entre la escuela del Decreto e la casa [del] bedel, de aquí adelante e para sienpre sea capilla; e ... se puedan en ella decir missas e los ofícios divinales publica y secretamente*" em 28 de Abril de 1429, **Ángel VACA LORENZO, *Diplomatario de la Universidad de Salamanca. La documentación privada de época medieval***, Ediciones de la Universidad de Salamanca, 1996, doc. 16 (citada em Ángel VACA LORENZO "*Origen y formación del primitivo campus...*", 1999, p.162).

³⁴ É provável que se tratasse de uma casa preexistente adaptada para casa daquele oficial do Estudo. Veja-se o edifício das escolas de Valladolid, de finais do século XV, que incluía uma casa preexistente adaptada a casa do bedel, justamente no lanço nascente da quadra, por onde também se processava a entrada na sede universitária. A casa do bedel salmantina localiza-se actualmente, e pelo menos desde o século XVIII, imediatamente a sul do quadrângulo das escolas, do lado da catedral (José Ramón NIETO GONZÁLEZ, "*Escuelas Mayores...*", 2004, p.407).

compartimento adjacente ao espaço que defendemos ser o átrio de entrada (provavelmente a norte), tal qual sucedia, como vimos, com a capela do *colegio de San Bartolomé*, implantada à direita de quem entra (**fig.4**)

Note-se finalmente – e este é também um argumento importante – que a capela primitiva do estudo, em determinado período, teve de coexistir no lanço nascente das escolas com a entrada principal do imóvel, o que quer dizer que as duas funções não poderiam coincidir no mesmo espaço. De facto, em documento datado de 1469, fala-se de uma “**puerta de las Escuelas**”, aparentemente oposta à nova porta de poente³⁵ (a actual entrada principal), em período anterior à deslocação da capela para o lanço sul, onde ainda hoje se mantém. Assim, a capela teria que se situar necessariamente noutro espaço, que não o compartimento em causa, nesta fase.

Relativamente aos outros lanços das escolas em torno do pátio, é provável que em 1433 existissem já salas de aula acomodadas em novas construções a norte e/ou a poente do pátio.³⁶ Já a ala a sul do pátio deveria estar – como veremos mais à frente – quase integralmente por levantar (**fig.4**).

c) A reforma conduzida pelo mestre-escola Alfonso de Madrigal, “El tostado”

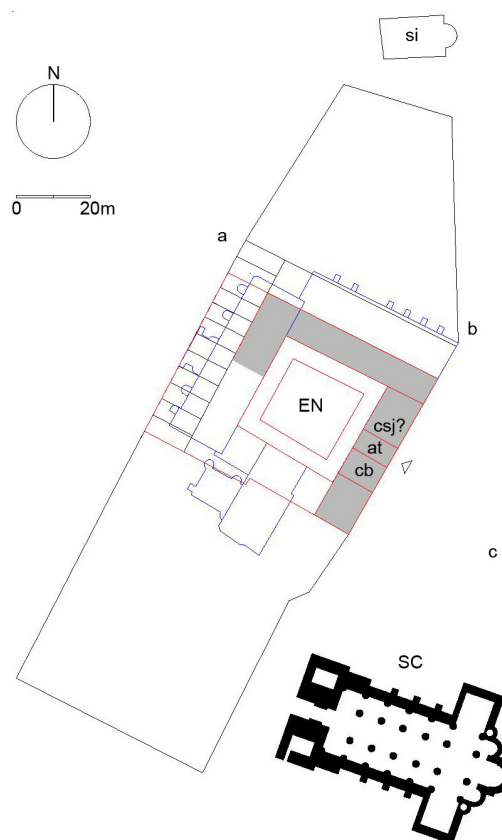
Em 1443 o edifício que temos vindo a tratar surge pela primeira vez designado como “**Escuelas Mayores**”,³⁷ por oposição às escolas de gramática e de lógica (as *Escuelas Menores*). Foi durante o mandato, como mestre-escola da universidade (1446-1454), de Alfonso de Madrigal, o famoso “*El Tostado*”, que se terá tentado dar início a **uma segunda importante campanha de obras** na sede do Estudo salmantino – “*El Tostado siendo maestrescuela de Salamanca*

³⁵ Documento de 1469, publicado em Florencio MARCOS RODRÍGUEZ, *Extractos de los libros de claustros de la Universidad de Salamanca, Siglo XV (1464-1481)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1964, claustro num. 455, citado por Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.165.

³⁶ Nesta fase, e caso já estivesse começado, só existiria a metade do lanço poente para norte do novo acesso a *Rua Nueva*, actual *calle Libreros*, como deixa entender o documento já mencionado de 8 de Novembro de 1469 (veja-se mais à frente a p.422, nota 45). Note-se ainda que o lanço poente antigo seria mais estreito que o actual (que foi alargado por motivo da construção da biblioteca quinhentista no piso superior – que trataremos mais tarde), pelo que pode ter coexistido com as casas que haviam sido compradas sobre a antiga *Rúa Nueva*.

³⁷ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.162.

Fig.4
 Reconstituição conjectural das
Escuelas Nuevas de Salamanca
 (a partir dos dados
 sistematizados por Ángel Vaca
 Lorenzo), em 1433:
a. *Rua Núeva*
b. *Calle pública del Rey*
c. *Azogue Viejo*
EN. *Escuelas Nuevas*
at. Átrio de entrada
cb. Casa do bedel (?)
csj. Capela de *San Jerónimo* (?)
si. Igreja de *San Isidro*
SC. Catedral românica



cercó las escuelas de piedra y las exentó que ninguna casa llegase a ellas, y hizo reedificar los generales y están allí sus armas".³⁸

Documentadamente, sabe-se apenas que se compraram umas casas ao cabido, em 1449, junto das *Escuelas Mayores*³⁹ (provavelmente a sul destas) e ainda dois pares de casas "*que conjuntan e lindan las unas com las otras*", as quais "*son linderos: de la una parte e da la otra, casas de la yglesia mayor de Santa Maria la See desta dicha çibdat e, de la outra parte, la calle publica del rey*", e que se encontravam "*en la Rua Nueva desta dicha çibdat*".⁴⁰ Casas que, a nosso ver, se situavam a norte das escolas (**fig. 5**).⁴¹ Deste modo, foi

³⁸ Citação do *Cronicon* do reitor Pedro de Torres (c.1514), em Vicente BELTRÁN DE HERÉDIA, *cartulário...*, Vol.III, 1971, p.66.

³⁹ "*Unas casas quel dicho Cabido avia, tenía e poseya en esta çibdat, juntas com las escuelas mayores...*", adquiridas a 15 de Setembro de 1449, por 50.000 maravedís. Ángel VACA LORENZO, *Diplomatario...*, 1996, doc. 25, citado em Ángel VACA LORENZO "Origen y formación del primitivo campus...", 1999, p.165.

⁴⁰ Compradas por 50.500 maravedís, a 31 de Dezembro de 1449. Ángel VACA LORENZO, *Diplomatario...*, 1996, doc. 26, citado em Ángel VACA LORENZO "Origen y formación del primitivo campus...", 1999, p.165.

⁴¹ É provável que estas casas e esta faixa de terreno fossem as que pertenceram ao clérigo de *San Isidro*, Pedro Alonso, citadas em documentos de 1414 e 1415 – veja-se a **fig.3**.

possível limitar as *Escuelas Mayores* por uma cerca de pedra – que, aparentemente, não é a que subsiste hoje (da década de 1520⁴²) recortada de ameias que simbolizavam a autonomia da jurisdição universitária.⁴³ Esta operação implicou, como se infere, a demolição das casas preexistentes que foram adquiridas. Ter-se-ão também reedificado alguns gerais (como refere a citação) face à maior área disponível.

d) A construção da biblioteca sobre a nova capela e a conclusão do pátio

Continuaram pequenas obras pela década de 1460. Os dados sistematizados por Ángel Vaca permitem verificar que em Janeiro de 1468 se mandavam caiar as janelas da escola de decreto (a antiga, no ângulo nordeste?) e fazer bancos, soalhos e uma cátedra na sala “*que esta en medio de las escuelas de cânones de Prima (...) para que se pueda leer*”.⁴⁴

Mais importante, porém, é a notícia de que em 8 de Novembro de 1469 os deputados do claustro universitário “**cometieron la obra que se há de faser de la puerta de las Escuelas hasta la otra puerta de la Rua Nueva**”.⁴⁵ Trata-se de uma informação verdadeiramente relevante para a história das *Escuelas Mayores* salmantinas. Pode, pois, comprovar-se que a porta principal do estudo era de facto a de nascente (“**la puerta de las Escuelas**”), enquanto que a de poente seria um acesso alternativo ou secundário – “**la otra puerta de la Rua Nueva**”. Julgamos que é possível, também, admitir que, em 1469, estava ainda por construir, ou remodelar, praticamente metade do recinto das *Escuelas* entre as duas portas de acesso às escolas – muito provavelmente toda a ala a sul (onde de facto surgiriam, passado pouco tempo, as novas capela e biblioteca) e parte das alas oriental (a remodelar) e ocidental.

⁴² Felipe Pereda refere-se a esta segunda muralha, da década de 1520, observando “*que no es sin duda alguna la misma que había mandado construir El Tostado*”. Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.160.

⁴³ José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.377. Também o trecentista *collegio di Spagna* em Bolonha receberia, nesta período (mais precisamente entre 1518 e 1525) uma nova cerca ameada em torno do imóvel.

⁴⁴ Florencio MARCOS RODRÍGUEZ, *Extractos de los libros de claustros...*, 1964, claustro num. 305, citado por Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.165.

⁴⁵ Florencio MARCOS RODRÍGUEZ, *Extractos de los libros de claustros...*, 1964, claustro num. 455, citado por Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.165.

Fig.5

Reconstituição conjectural das *Escuelas Mayores* de Salamanca (a partir dos dados sistematizados por Ángel Vaca Lorenzo), em 1479:

a. *Rua Nueva*

b. *Calle pública del Rey*

c. *Azogue Viejo*

1. Casas compradas ao cabido (?)

2. Casas compradas a Gonzalo García Castro (?)

EM. *Escuelas Mayores*

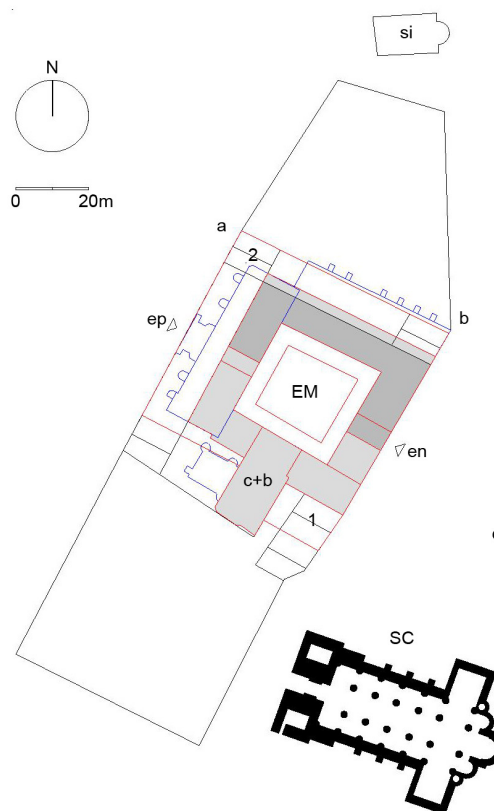
en. Entrada nascente (principal)

ep. Entrada poente (secundária)

c+b. Capela de *San Jerónimo* e biblioteca (sobrelevada)

si. Igreja de *San Isidro*

SC. Catedral românica



Terá sido, pois, logo no início da década de 1470, que se deu a importante campanha de obras que permitiu completar a quadratura das escolas, aproximando a sede do estudo da que conhecemos actualmente. Do mesmo modo, terá sido nesses mesmos anos que se terá levantado a nova capela de *San Jerónimo* (antecedente da actual), da qual se desconhecem notícias da construção, e que seria disposta no sentido norte-sul, a meio desta nova ala sul do pátio (**fig.5**).

A nosso ver, é também deste período (início da década de 1470) que deverá datar o termo da construção de umas novas galerias do pátio, dotadas de arcadas, obra que terá acompanhado a erecção desta metade sul das escolas. É possível que este conjunto de novas galerias e arcarias tivesse sido iniciada anteriormente, nos tempos do mestre-escola *El tostado*, como defende Felipe Pereda,⁴⁶ necessariamente sobre os quadrantes nascente e norte. A arquitectura destas arcarias do piso térreo constitui, aliás, um dos temas mais

⁴⁶es necesario pensar que el patio y la galería inferior de arcos pertenecen a una reforma llevada a cabo en estos años". Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.160, p.33.

incertos da sede da universidade salmantina, pois tem-se admitido que as actuais são as reminiscentes do imóvel do século XV – o que não é (a nosso ver) o caso. De facto, julgamos que os arcos quatrocentistas terão desaparecido integralmente com a reforma das *Escuelas Mayores* conduzida ao longo da década de 1870 pelo arquitecto José Secall, projecto cujo processo documental desapareceu.⁴⁷

Com efeito, Pereda refere que os actuais “*sobrios arcos de medio punto, reposando directamente sobre pilares de sección oblonga, sin la mediación de capitel o moldura alguna, son de um tipo desconocido en la arquitectura de cuatrocientos en Salamanca*”,⁴⁸ lembrando, não obstante, e face aos dados históricos, que a obra “*debería ser datada a mediados de la centúria*” – ou parte dela de um pouco mais tarde. Também Nieto González se refere às arcadas térreas actuais, cuja “*ausencia de caracterización choca con lo que era frecuente en el siglo XV en España*”.⁴⁹ Por outro lado, há aqui uma aparente continuidade com a descrição do pátio feita por Modesto Falcón, em 1867, que contava 24 arcos (em vez dos actuais 23!) “*pero tan pobres y sencillos, que faltas de basas y capiteles sus cuadradas pilastras, ni una moldura ni un medallón viene a cubrir su desnudez*”.⁵⁰ Sendo esta descrição anterior à reforma de Secall, parece difícil admitir uma alteração radical nos elementos arquitectónicos em causa, neste período.

Porém, julgamos que a gravura de Parcerisa que mostra a “fachada rica” quinhentista da universidade (de que falaremos mais adiante neste trabalho), datada de 1865,⁵¹ dá conta de uma situação diversa. A gravura (veja-se o capítulo 2.9, fig.3) é de extremo rigor iconográfico, registando com detalhe os elementos decorativos e arquitectónicos da referida “fachada”, que não é mais que o monumental portal das escolas. Sucede que no desenho (ao qual deve

⁴⁷ “*Desgraciadamente no se conserva el proyecto de intervención – sólo los dibujos –, lo cual es una verdadera lástima porque su contenido hubiera ayudado mucho a comprender el viejo edificio, que llegó al siglo XIX...*”. José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.436. Publicamos um dos desenhos do projecto de renovação (que mostra basicamente o edifício da universidade como está hoje) no capítulo 2.9, fig. 8.

⁴⁸ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.160, p.33.

⁴⁹ José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.393.

⁵⁰ **Modesto FALCÓN, *Salamanca artística y monumental*, Salamanca, 1867 (ed. de José Antonio Bonilla Hernández, caja Duero, 2000) p.201.**

⁵¹ Publicada em **José María QUADRADO, Francisco Javier PARCERISA, *Recuerdos y Bellezas de España* (tomo 11, *Salamanca, Ávila y Segovia*), Barcelona, 1865.**



Fig.6: Gravura de F.J. Parcerisa, 1865 (detalhe). Note-se, ao fundo, por detrás de dois estudantes, um dos arcos quatrocentistas originais do pátio das *Escuelas Mayores*, arcos que seriam removidos na década de 1870 e substituídos pelos actuais, no âmbito da profunda reforma do imóvel, conduzida pelo arquitecto J. Secall.

ser atribuído valor documental⁵²) uma das duas portas da universidade está aberta deixando entrever o interior do recinto, pelo que é possível vislumbrar, precisamente, um dos arcos do antigo pátio (em sector da imagem que ampliamos - **fig.6**), o mesmo pátio que Modesto Falcón descreveria dois anos depois. A sobriedade e a falta de ornamentação dos pilares e das arcadas são notórios, ajustando-se à caracterização do historiador oitocentista. Porém, é também evidente o facto de que os arcos existentes em 1865 eram abatidos, claramente distintos dos arcos de volta inteira actuais. A conclusão não pode ser outra senão a de que estes últimos foram necessariamente introduzidos nos anos seguintes por Secall, no âmbito de uma intervenção que, mantendo a ausência decorativa, terá substituído todos os pilares e arcarias do piso térreo das escolas.⁵³ Daí que também se explique a alteração do número de arcos de

⁵² Inclusivamente dá ideia de ter sido feito sobre fotografia.

⁵³ Projecto que terá tido um antecedente não concretizado cem anos antes (em 1775) pela mão de Juan de Sagarbinaga. Com efeito julgamos que este projecto não se limitava apenas a uma reformulação da ala norte do edifício (projecto específico de que se conhece um desenho

24 (registados por Falcón) para os actuais 23, que terá resultado da supressão de um dos arcos abatidos, de modo a se regularizar o alçado de um dos lados do pátio.⁵⁴

Feita esta incursão breve a tempos mais recentes (em ordem a esclarecermos realidades mais antigas) regressemos, pois, ao século XV, e a uma obra importante, que avançou ainda na década de 1470. Falamos da construção da nova biblioteca da universidade.

As primeiras referências à existência de uma biblioteca do estudo datam de 1465, ano em que foi aberta aos estudantes com os livros “*ya (...) colocados en sus pupitres, encadenados para ser consultados «in situ» como era entonces habitual*”.⁵⁵ Vimos que foi nas constituições de 1411, dadas por Pedro de Luna/Bento XIII, que se sugeria instituir um local para a guarda dos livros do estudo. Esta instrução correspondia a um avanço importante relativamente à simples dotação de um lugar de “estacionário”, nas constituições de 1254 de Alfonso X, funcionário que deveria garantir o fornecimento de livros aos estudantes. Como vimos também, este teria tido a sua primeira loja (ou “estação”) nas proximidades da catedral românica,⁵⁶ quando as classes decorriam ainda no respectivo claustro. O local de trabalho do estacionário era portanto uma loja de livros e não propriamente uma biblioteca. Não se sabe ao certo onde se situou esta nova e primeira biblioteca,⁵⁷ embora Vaca Lorenzo adiante que “*...bien pudeira haber estado en alguna dependência de los inmuebles adquiridos al Cabildo en 1449, en el lado meridional del edificio*”.⁵⁸ Em 1467, dois anos após a sua abertura, regulava-se o horário da consulta:

publicado por José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.410), mas que pressupunha ainda a renovação integral do pátio das escolas. Os arcos que surgem no alçado (parecidos com os actuais – mas distintos!) constituíam, a nosso ver, uma nova intervenção que substituíam integralmente os arcos quatrocentistas. Já a nova galeria do primeiro andar seria marcada por janelas de sacada, uma sobre cada arco. Note-se que tão pouco subsistiria a famosa “*galería de los enigmas*” (conforme se pode observar em corte e na planta), que daria lugar ao novo desenho, seco e racional, próprio do espírito iluminista.

⁵⁴ Só com um estudo métrico rigoroso (que não temos condições para levar aqui a cabo) se poderá perceber em qual dos lados se terá retirado um dos arcos.

⁵⁵ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.35, citando Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Cartulário...*, Vol.I, 1970, p.209.

⁵⁶ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Los orígenes de la Universidad...*, 1953, p.48

⁵⁷ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.166.

⁵⁸ *Ibidem*, p.167.

“cada uno de los dias lectivos, dos horas despues de prima e hora e media despues de las tres de la tarde para que puedan estudiar los que quisieren”.⁵⁹

Não obstante, passado pouco tempo, falava-se já na construção de uma outra biblioteca de raiz, obra pela qual se aguardava, em 1472, há já algum tempo. Com efeito, na reunião de claustro de 13 de Junho daquele ano refere-se *“que por quanto ha mucho que está ordenado e mandado que se faga la librería del Estudio, e non se comenzaba, lo qual era grand danno e obprobio e vergüença de la Universidad, por ende que mandavan e mandaron que comenzase luego a edificar a obra”*.⁶⁰ Esta segunda biblioteca, também já desaparecida, viria a ser levantada sobre a recém-construída capela do estudo,⁶¹ a meio da ala meridional das *Escuelas Mayores* (tendo sido removida pouco tempo depois, em 1506,⁶² de forma a ampliar-se o pé-direito da mencionada capela do estudo situada, ainda hoje, naquele local). Neste sentido, afigura-se como bastante provável que a nova biblioteca fizesse parte integrante, e desde o início, do plano de construção/reformulação de toda a metade sul da quadratura das escolas, consignado, como vimos, em Novembro de 1469.⁶³

A construção da biblioteca teria lugar, de facto, a partir do verão de 1474. De acordo com as actas do claustro universitário de 29 de Junho deste último ano, concertava-se com os mestres construtores mouros Yuça, Alí e Abrayme a sua construção, de *“boveda bien labrada”*,⁶⁴ abóbada que estaria concluída cinco

⁵⁹ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.35, citando Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Cartulário...*, Vol.I, 1970, p.209.

⁶⁰ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus...”, 1999, p.167, citando Florencio MARCOS RODRÍGUEZ, *Extractos de los libros de claustros...*, 1964, claustro num. 618..

⁶¹ Esta premissa, que nos parece seguramente mais provável, não é consensual entre os investigadores. Alguns têm defendido que a biblioteca nova era térrea e dotada de pé-direito duplo e que pouco tempo depois (entre 1494 e 1496) se terá dividido o espaço, por meio da construção de uma abóbada intermédia, ficando a biblioteca acima e uma nova capela por baixo. Esta interpretação resulta de uma eventual discrepância de duas descrições coevas do imóvel, de Jerónimo Münzer (1494, que não se refere à capela e que louva a grandeza da livraria) e de Lúcio Marineo Sículo (1496, que já menciona a capela). Alinhamos, porém, pela hipótese defendida por Filipe Pereda para quem *“la suposición anterior no encaja en lo que sabemos sobre el desarrollo de las bibliotecas en estas fechas, además de que es poco probable que la universidad hubiera emprendido una nueva obra en tan corto espacio de tiempo”*. Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.41. Também Nieto González sustenta esta hipótese. José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.407.

⁶² Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea y Juan de Álava...”, 1998, p.68, nota 15.

⁶³ Vide supra nota 45

⁶⁴ Florencio MARCOS RODRÍGUEZ, *Extractos de los libros de claustros...*, 1964, claustro num. 749.

anos depois, em 15 de Setembro de 1479, para depois de pintarem os magníficos frescos representando os signos do Zodíaco e as artes liberais.⁶⁵ Como notou Felipe Pereda, a biblioteca daria assim resposta às exigências de uma biblioteca moderna (na verdadeira acepção do termo), entre as quais a disposição no sentido norte-sul (que permitia a entrada de luz matinal, de nascente) e a protecção dos livros em relação à humidade (estava sobre-elevada) e ao fogo (tanto o chão como a cobertura eram estruturas abobadadas). As estantes, onde se arrumavam os livros acorrentados, estariam dispostas perpendicularmente, a um lado e outro do sentido de entrada no espaço.⁶⁶

e) A descrição das escolas por Lúcio Marineo Sículo

Foi este novo edifício das *Escuelas Mayores*, dotado de um pátio rodeado de novas arcadas, de uma nova capela, e de uma preciosa e altaneira livraria, por onde passou, no final do século, o viajante alemão Jeronimus Münzer (em 1494) e que foi também retratado pelo humanista italiano, e professor de poética e retórica na universidade, Lúcio Marineo Sículo, em 1496.

Da descrição do primeiro,⁶⁷ mais sintética, devemos destacar a referência ao facto do imóvel ter sido recentemente construído, o que vem confirmar uma data pós-1469 para as importantes obras de conclusão do quadrângulo em torno do pátio. Centremo-nos, porém, no texto do segundo personagem (publicado no seu livro, *De hispaniae laudibus*⁶⁸), mais exaustivo:

⁶⁵ Pintados sob a direcção do catedrático de Filosofia Natural Pascual Ruiz de Aranda e possivelmente pela mão de Fernando Gallego. Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.41, citando Gisela NOEHLES-DOERCK, "Die Universitätsbibliothek von Salamanca im 15. Jahrhundert und ihr kosmologisches Ausmalungsprogramm", AAVV, *Ikonomographie der Bibliotheken*, Carsten-Peter Warncke ed., Wiesbaden, 1992, p.11-34. Parte dos frescos conservam-se ainda (depois da sua transferência em 1951) no edifício actual das escolas menores.

⁶⁶ Sobre a evolução das bibliotecas no final da idade média, em particular em Espanha, veja-se um excelente resumo em Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.37-43.

⁶⁷ "Tiene un bellissimo colegio recientemente construido a expensas del rey, de piedra de sillaría, a la manera de los claustros de los monasterios, con amplias, luminosas, y bien adornadas cátedras. Posee también una gran librería abovedada y pintados en su parte superior los signos del Zodiaco y las artes liberales". Jerónimo MÜNZER, *Viaje por España y Portugal*, 1494, Madrid, Polifemo, 1991, p.217.

⁶⁸ Lúcio MARINEO SÍCULO, *De Hispaniae laudibus*, Burgos, S./d., f.21.

“Es una casa hermosa, de forma cuadrada, como tambien el atrio, es decir, el deambulatorio, llamado xystus, que asimismo es cuadrado. Los techos del atrio tienen arte elaborada y dorada y variada pintura por mayor adorno. Los arcos son treintauno de brillante piedra como soportes que gobiernan y sustentan. Después de los arcos y de los vestíbulos, que quedan expuestos a la lluvia, está el impluvium. Dentro están las aulas, es decir, la casa de leer y estudiar, en numero de ocho, suficientemente capaces para muchos oyentes, dotadas y ornamentadas con asientos fijos. Hay en la universidad un recinto o lugar sagrado, notable por sus artesones dorados, donde se celebra el culto divino y el santo sacrificio de la misa y donde se guarda, como un erario, el dinero de la Universidad y donde se celebran las juntas o reuniones de rectores, consiliarios y administradores de la Universidad.

*Sobre este lugar está una biblioteca hermosísima, en cuya bóveda puede contemplarse, con gran deleite de los espectadores, el cielo estrellado y la bóveda celeste con todas las constelaciones del zodiaco. Esta bóveda se halla cerrada y como envuelta por todas partes de una construcción de piedra. Suministran o dan luz a la biblioteca unas ventanas cerradas con cristales. Ante la puerta de la biblioteca se halla una especie de deambulatorio largo y hermoso, lugar a propósito para pasear; y un corredorcillo, al que se sube desde los vestíbulos por una pequeña escalera. Hay en todo el edificio de la Universidad dos puertas, de las cuales una se abre al occidente y la otra al oriente”.*⁶⁹

⁶⁹ *“Domus est magna pulchraque et formae quatriangularis, ideoque et atrium quoque ipsum, id est deambulatorius locus, qui etiam xystus dici potest, quadratum habetur. Tecta aucta ipsius atrii arte elaborata politiori atque variaque pictura. Arcus ex candido lapide unus et triginta veluti sustentacula quaedam torquent et fulciunt. Post autem arcus et huiusmodi vestibula iusdem formae sub jovae [Jove?] impluvium est. Intus vero sunt auditoria, id est, legendi audiendique domus, numero octo, plurimorum audientium capaces, quae subgestis et pulpitis fixisque subsellis ornantur. Est et sacer additus et sacrificandi locus valde illustris et laquearibus aureis conspicuus, ubi et res divina fit et gymnasii pecunia velut aerario custoditu, et rectorum atque consiliorum aliorumque gubernatorum concilium habetur. Supra vero hunc locum est pulcherrima [bibliothecae], in cuius tecto caelum stelliferum ac sydera cunctaque signa caelestia summa cum voluptate spectantium cernuntur. Tectum autem ipsum totum undique lapideo clauditur aedificio. Lucem tamen fenestrae specularibus clausuae lapidibus praebent. Ante quoque bibliothecae januam deambulandi et longior et pulchrior est locus, et curriculum ad quem ex inferioribus vestibulis scalis ascenditur. Totius autem domus ipsius academiae sunt geminae portae, quarum altera orientem, et occidentem altera spectat”.* Agradecemos a

A tradução para castelhano do primeiro parágrafo é da responsabilidade de Felipe Pereda, ao passo que a da segunda parte é de Ángel Riesco Terrero.⁷⁰ Podemos notar que este último, na derradeira frase, inverteu a ordem pela qual são apresentadas as entradas das escolas no original latino, no que parece ser um preconceito da leitura do edifício actual. De facto, julgamos ser fundamental continuar a ter presente a noção de que a entrada principal era ainda (neste período e segundo a hipótese que defendemos⁷¹) a de nascente, e não a de poente. Situação que, em nossa opinião, apenas se inverteria, definitivamente, com a construção da nova biblioteca e da fachada rica sobre a *Rua Nueva / calle Libreros*, a partir de 1510,⁷² como tentaremos demonstrar mais adiante.⁷³ Segundo Felipe Pereda, “*la terminología que utiliza Lúcio Marineo en su descripción del Estudio procede sin lugar a dudas de Vitruvio*”, em particular da descrição da casa romana.⁷⁴ Como seria natural, interessou ao humanista siciliano forçar a correspondência da planta da sede da academia a que pertencia, com a descrição da domus romana, que pôde retirar da edição príncipe, sem figuras, de Vitrúvio, publicada pelo seu conhecido Giovanni Sulpicio da Veroli em Roma, em 1486, texto que segundo Pereda era seguramente do seu conhecimento.⁷⁵ Tal como Vitrúvio, Lúcio Marineo descreve o imóvel de dentro para fora,⁷⁶ começando com o pátio ao qual se refere como *atrium*, ou *deambulatorium* ou *xystus*.⁷⁷ Deste pátio diz que é quadrado, tal como a “casa” – no que

Professor José Luis Brandão, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o apoio na interpretação deste texto.

⁷⁰ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.19-20, e Ángel RIESCO TERRERO, *Proyección histórico social de la Universidad de Salamanca a través de sus colegios*, Salamanca, 1970, p.36-37.

⁷¹ A partir da informação do já citado documento de Novembro de 1569. *Vide supra* nota 45.

⁷² Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea y Juan de Álava...”, 1998, p.72 e seguintes.

⁷³ Veja-se, mais adiante, o capítulo 2.9.

⁷⁴ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.161. Veja-se o interessantíssimo desenvolvimento deste argumento entre as páginas 160 e 175.

⁷⁵ “*Marineo había recorrido Itália antes de trasladarse a España en 1483-1484: primero Catania, luego Palermo y, por último, Roma, donde – según el testimonio de su discípulo Alonso de Segura incluido en el su Epistolario – el humanista siciliano se sumergió en los estudios de la antigüedad de la mano de dos de las figuras más importantes del renacimiento del Lacio: Pomponio Leto y Sulpicio da Veroli*”. *Ibidem*, p.160.

⁷⁶ *Ibidem*, p.162

⁷⁷ “*La oscuridad del texto de Vitruvio la soluciona el Siciliano identificando correctamente el átrio com el cavedio – ofreciendo de este modo una imagen bastante convincente de lo que podría ser una casa romana*”. *Ibidem*, p.162

corresponde a uma “regularização” da realidade, uma vez que tanto o edifício como o pátio são trapezoidais. Acrescenta ainda que os tectos do *atrium* (das galerias do pátio, supõe-se) eram ricamente decorados.

Já o significado do termo *vestibula* oferece-nos particulares dúvidas. Pereda julga tratarem-se dos dois tramos abobadados (supostamente em construção) da actual entrada poente.⁷⁸ Não obstante depara (como o próprio reconhece) com a dificuldade cronológica de que estes, aparentemente, terão sido construídos mais tarde, em 1510-1511.⁷⁹ Julgamos que o autor quatrocentista se refere aos *vestibula* no sentido de serem as galerias do pátio, consideradas individualmente. Parece ser esse o significado lógico do termo quando diz que “*después de los arcos y de los vestíbulos, que quedan expuestos a la lluvia, está el impluvium*”. Aqui, a dificuldade reside no facto de que as galerias do pátio, que teriam tectos de “*arte elaborada*”, estariam simultaneamente (e segundo o texto) a céu aberto. Trata-se, a nosso ver, de uma gralha da escrita latina, visto que a galeria sul estaria já certamente coberta (de modo a se poder aceder à biblioteca ao nível do primeiro andar) sendo que o espaço exposto às intempéries seria simplesmente, e como seria óbvio, o *impluvium*. Parece-nos ser esta a hipótese de interpretação mais provável.⁸⁰

Voltando à descrição da *Escuelas Mayores*, podemos verificar que os arcos do pátio eram 31, o que não corresponde aos 24 arcos contabilizados por Modesto Falcón, em 1867 (veja-se novamente as páginas 424-426), certamente em referência às galerias do rés-de-chão. A explicação possível é a de que Lúcio Marineo tenha incluído na soma dos arcos os que se situariam no nível superior, sobre a galeria sul (que, assim, seriam sete) e que estruturavam o acesso à biblioteca, como refere o próprio latinista: “*Ante la puerta de la biblioteca se halla una especie de deambulatorio largo y hermoso, lugar a*

⁷⁸ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.21.

⁷⁹ Ana CASTRO SANTAMARIA, “Pedro de Larrea y Juan de Álava...”, 1998, p.72 e p.82.

⁸⁰ Também neste sentido se pode perceber melhor a referência à escada de acesso ao “deambulatório” defronte da biblioteca “*al que se sube desde los vestíbulos por una pequeña escalera*”. Não nos parece provável que estas escadas pudessem partir dos vestíbulos (note-se o plural) do átrio da entrada poente (Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.40), pois como se infere da documentação da primeira década de Quinhentos, mencionada por Pereda (*ibidem*, p.67) e por Ana Castro (Ana CASTRO SANTAMARÍA, *Pedro de Larrea y Juan de Alava ...*, 1998, p.69-73), o lanço poente da sede do Estudo não dispunha ainda, nesta fase, de um andar sobreposto.

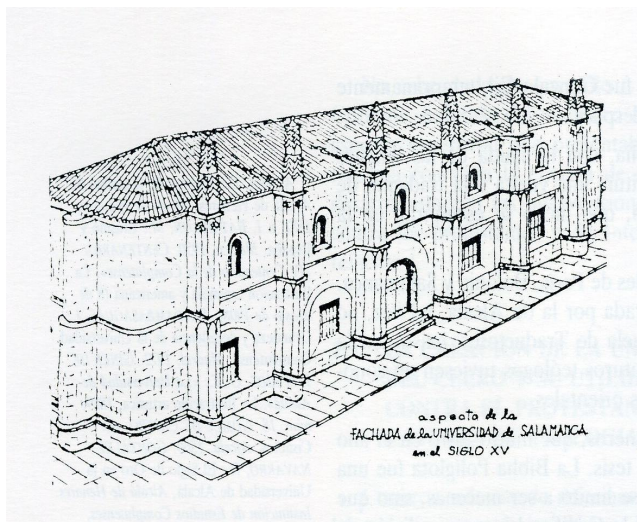


Fig.7
Reconstituição conjectural da fachada ocidental das *Escuelas Mayores* nos finais do século XV (desenho de D. Echevarría). Porém, nesta fase, não deveria existir piso superior ao longo desta frente.

propósito para pasear".⁸¹ Note-se, também, que o termo (*"deambulatório"*) é o mesmo que emprega para se referir ao conjunto das galerias do pátio.

Os gerais eram oito (mais um do que os previstos por Bento XIII, no já distante ano de 1411) sabendo-se, por documentação do início do século seguinte, que no lanço poente se situavam os gerais de medicina, de filosofia e de leis, sequência que era interrompida, a meio, pelo já mencionado acesso desde o exterior, a partir da *Rúa Nueva*.⁸² É possível que o geral de teologia estivesse já na sala da ala norte onde veio a estar em meados do século XVI, próxima do ângulo noroeste,⁸³ e que as restantes salas desta ala (sobretudo para nascente) fossem as de cânones.

Também segundo a descrição, umas escadas (anteriores à actual escadaria, começada em 1512) davam acesso ao *"deambulatório"* do primeiro andar, não

⁸¹ Esta galeria com arcos do primeiro andar da ala sul terá sido tapada no final de Setecentos, aquando da construção do salão de claustros (1791-1794), e conforme se pode ver em fotografia panorâmica oitocentista de Venancio Gombau (capítulo 2.9, fig.2) José Ramón NIETO GONZÁLEZ, *"Escuelas Mayores..."*, 2004, p.434-435.

⁸² *"El 21 de Marzo de 1509 el claustro de la Universidad acuerda hacer la librería en la ala oeste «sobre los generales de leyes e filosofía e sobre la entrada y sobre el general de medicina, de tal manera que llegue de una pared a outra» es decir, ocupando toda la crujía, que sería situación definitiva"*. Ana CASTRO SANTAMARÍA, *Pedro de Larrea y Juan de Alava...*, 1998, p.70, citando o documento original (Arquivo da Universidade de Salamanca. 5, fol.191) mencionado por Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *Cartulario de la Universidad de Salamanca*. Universidad de Salamanca, Vol. II, 1970, p.214). Pereda propõe a seguinte sequência de norte para sul: geral de medicina, de filosofia, átrio de acesso e geral de leis (direito civil). Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.67.

⁸³ Vicente BELTRÁN DE HEREDIA, *"La construcción de los nuevos generales de Cánones y de Teología en la Universidad de Salamanca (1569-1574)"*, *El Museo*, Salamanca, num. II, 1959, p.15-31.

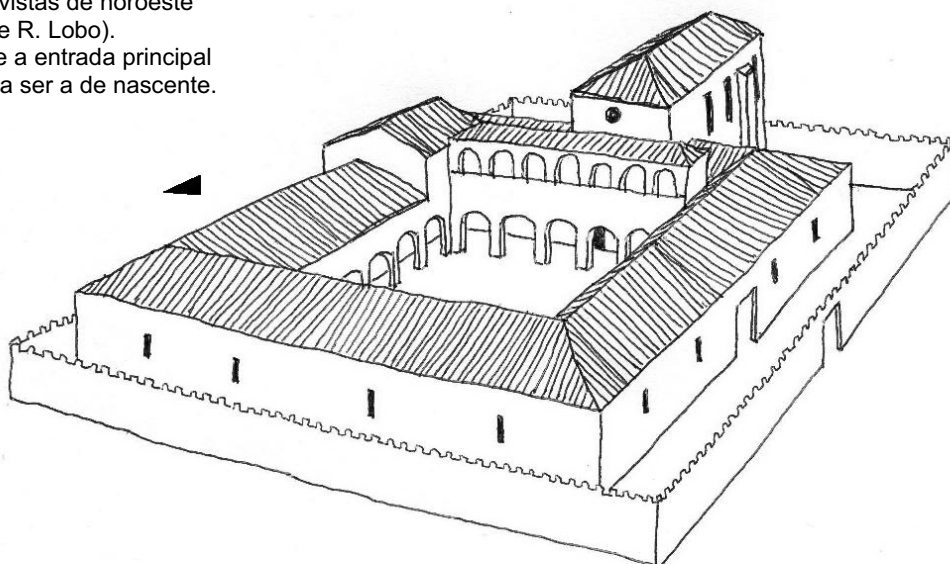
sem antes se passar por um pequeno corredor. Teriam acesso a partir das galerias do pátio (se estas eram de facto, como nos parece, os *vestibula* que o texto refere) sendo difícil precisar onde se localizavam – talvez, e por exclusão de partes, na ala sul, junto do ângulo sudeste das escolas.

Importará ainda acrescentar que, em nossa opinião, não existiria um primeiro andar sobre a ala poente (e posterior) das escolas, nos finais do século XV, como sugere a conhecida **figura 7**. Julgamos que nada o permite comprovar, consultando a documentação disponível. Antes pelo contrário, a aparente facilidade com que se pretendia (em Novembro de 1508) colocar a nova biblioteca sobre os gerais de medicina e de filosofia⁸⁴ (ou com que se reconstruíram efectivamente estes gerais e o de leis para erguer a biblioteca quinhentista⁸⁵), faz pensar que não haveria qualquer construção superior.

É este o edifício, descrito por Lúcio Marineo Sículo, que nos interessa reter por ora (**fig.8**). Note-se, sobretudo, o paralelismo do esquema planimétrico das *Escuelas Mayores* salmantinas, de finais de Quatrocentos, com a do bolonhês *colegio de San Clemente* ou *collegio di Spagna*, em particular na disposição

Fig.8

Reconstituição conjectural das *Escuelas Mayores* nos finais do século XV, vistas de noroeste (desenho de R. Lobo). Note-se que a entrada principal continuava a ser a de nascente.



⁸⁴ *Ibidem*, p.69.

⁸⁵ Reconstrução terminada em 1511-1512. *Ibidem*, p.72-73.

relativa da capela bolonhesa e do conjunto capela/biblioteca da sede da universidade castelhana. Diferença importante, desde logo, era a situação deste elemento arquitectónico de referência em relação ao lanço de entrada no imóvel (na ala oposta à da entrada em Bolonha, em lanço lateral, em Salamanca). Outra diferença também importante, obviamente, era a de que o quadrângulo salmantino era, originalmente, só de um nível, face aos dois andares de raiz do colégio transalpino.

Regressaremos, mais adiante neste trabalho (capítulo 2.9) às *Escuelas Mayores*, para analisarmos a obra da nova e terceira biblioteca, sobre um renovado lanço poente. Mencionaremos também a famosa *fachada rica*, que implicaria a mudança da entrada principal do imóvel de nascente para poente e que marcaria indelevelmente – daí para a frente – a imagem da sede da universidade salmantina.

2.6. O colégio de Santo Antonio Portaceli em Sigüenza: o primeiro “colegio-universidad”.

Conforme referimos nas linhas finais da secção e) do subcapítulo 1.8, nada resta do primitivo *colegio de San Antonio Portaceli*, nem do convento jerónimo anexo dedicado ao mesmo santo, levantados nos finais da década de 1470 por iniciativa do arcediogo e provisor da sé de Sigüenza, D. Juan López de Medina (1410?-1488). Situavam-se ambos na base da encosta frente à cidade, do outro lado do Henares, rio que não muito longe tem a sua nascente. O convento era dotado de uma casa contígua onde se leccionavam algumas cátedras, sendo que o colégio servia de residência a treze colegiais seculares pobres e a quatro familiares. Como veremos, albergava também salas de aula e um pequeno hospital.

Com a instituição do funcionamento de uma universidade no colégio, autorizada pelo Papa em 1489, deu-se origem, como também mencionámos, ao modelo de *colegio-universidad*,¹ tão recorrente em Espanha ao longo de todo o século XVI. Daí a importância de analisarmos com alguma atenção este caso, tarefa dificultada pelo facto de que tanto o edifício do colégio como o do convento há já alguns séculos que não existem. Teremos de recorrer, na medida do possível, aos testemunhos coevos que chegaram até nós.

Com efeito, a decadência económica do *colegio de San Antonio Portaceli* ao longo de finais de Quinhentos e da primeira metade de Seiscentos levou também, por falta de obras de manutenção de fundo, à decadência física do imóvel que estava “*ruinoso*” e tinha “*apeada y apuntalada una gran parte del pátio y de la casa*”, pois “*estando entonces à la falda de un cerro, padecía mucho com las avenidas y filtraciones de las aguas y con los escombros que acumulaban los torrentes que bajaban de los cerros*”.² Em Março de 1643 pensava-se avançar com a demolição do edifício (parcialmente arruinado) e

¹ Candido Maria AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas*, Madrid, Vol.I, 1957, p.332.

² José Júlio DE LA FUENTE, *Reseña histórica del Colegio-Universidad de San Antonio de Portaceli en Sigüenza con algunas noticias acerca de su fundador D. Juan López de Medina*, Madrid, Fuentenebro, 1877 (reedição de Librería Rayuela, Sigüenza, 1996), p.31.

com a construção simultânea de um novo colégio, mais próximo da cidade,³ operação que teve de esperar mais alguns anos para ser começada. Seria o ex-colegial e novo bispo de Sigüenza Bartolomé Santos de Risoba (1650-1657) a ter um papel decisivo na muito aguardada transferência, escrevendo ao município, em finais de Agosto de 1651, para que este lhe cedesse um terreno, já seleccionado, junto dos muros da cidade.⁴ Alcançado um acordo *“demolióse entonces el edificio antiguo para aprovecharse sus materiales, y la obra nueva se empezó a expensas del citado señor obispo”*.⁵ O antigo colégio desapareceu efectivamente nesta época, porquanto se refere, a propósito de desavenças havidas com os colegiais, que se paralisou a obra *“quedando así el antiguo edificio demolido y el nuevo sin concluir”*.⁶ Seria terminado mais tarde, já depois de pronto o convento paralelo dos jerónimos, iniciado também em 1651, que *“se acabó, menos la iglesia, en pocos años”*, e cuja construção fora paga pela ordem hieronimita.⁷ São estes o colégio e convento que hoje se podem visitar à entrada de Sigüenza.

O que se pode dizer, então, do primitivo conjunto, e sobretudo, do antigo colégio? Há três aspectos principais que nos interessa esclarecer. Partindo do geral para o particular, o primeiro será o da efectiva localização topográfica do conjunto do convento, casa contígua e colégio. Segunda questão será a da disposição relativa dos três edifícios mencionados. Finalmente tentaremos perceber (na medida do possível, como referimos) como se organizava internamente o *colegio de San Antonio Portaceli*, imóvel com maior interesse para a nossa dissertação.

³ *Ibidem*, p.31. Sobre o estado de ruína do colégio pudemos consultar um documento, no *Archivo Histórico Nacional* de Madrid, datado de 16 de Março de 1643. AHNM, *Seccion Universidades, Universidad de Sigüenza, legajo 584, caja 2, num. 63*: *“Informacion que se hizo por pedimto del colegio de los daños y ruinas ocasionadas del lugar donde estaba sito en su primera fundacion con las aguas y tierra movedizas, hizose ante Pedro de Altarriba Alcalde por el stado de Hijos de algo”*.

⁴ No ano anterior, escrevera aos jerónimos sugerindo a cedência da igreja de *Nuestra Señora de los Huertos* para que estes se transferissem também para a cidade. **Isidoro MONTIEL**, *Historia de la Universidad de Sigüenza*, Maracaibo, Universidad del Zulia, 1963, p.424.

⁵ *Ibidem*, p.426.

⁶ *Ibidem*, p.426.

⁷ *Ibidem*, p.427. A igreja nova, para onde se transferiram os restos do fundador, seria construída no bispado de D. Francisco Alvarez de Quiñones, entre 1698 e 1710. *Ibidem*, p.428.

Sobre a localização, diz-nos um documento de 1597, publicado por Eduardo Juliá Martínez, que o colégio de *San Antonio* “*está fundado en un cerro bien apartado de la (...) ciudad, poco menos de médio quarto de légua*”,⁸ o que seriam cerca de 750 metros.⁹

Javier Davara refere que o conjunto de convento e colégio “*se comunicaba con la ciudad por un camino, el llamado camino de los frailes, que partiendo de la puerta de Medina, dejaba a la izquierda la iglesia de Santa Maria de los Huertos, cruzaba el rio y ascendía hasta el colegio*”.¹⁰ A *puerta de Medina* era o acesso à cidade situado diante da sé catedral, ficando a igreja de *Santa Maria de los Huertos* (1508-1512) em linha recta para norte, donde se depreende que a ponte antiga se encontrava a montante (nascente) da actual ponte sobre o Henares.

Segundo Juliá Martínez, “*del colegio antiguo sólo queda el recuerdo; hoy atraviesa el ferrocarril la meseta en que estaba clavado; en parte de lo que fue colegio se encuentra ahora [1928] el depósito de mercancías; el resto son campos cultivados*”,¹¹ informação valiosa que permite precisar, com algum rigor, a localização do colégio primitivo. Tivemos oportunidade, no decorrer da presente investigação, de nos deslocarmos à biblioteca da *Fundación de los Ferrocarriles Españoles*, em Madrid. Consultámos documentação do projecto de traçado da linha de caminho de ferro entre Madrid e Saragoça, na sua

⁸ Eduardo JULIÁ MARTÍNEZ, *La Universidad de Sigüenza y su Fundador*, Madrid, 1928, Documento num.20, p.179 (AHNM, *Universidad de Sigüenza, legajo* 589)

⁹ No século XV a légua castelhana seriam cerca de 20.000 pés castelhanos, ou seja 5914 metros. Gastão de Matos atribui à légua itinerária (do séc. XVI) um valor de 5,5 a 6 quilómetros. Em qualquer caso, meio quarto de légua corresponderia a uma extensão entre 700 a 750 metros. Veja-se **Gastão de Melo de MATOS, “Contribuição para o estudo de antigas medidas portuguesas”**, *Revista Las Ciências*, Madrid, Ano XVIII, num.4, 1953, p.849-865 (p.856). Note-se, por outro lado, que esta distância era a do caminho a percorrer para se atingir o colégio e convento a partir da cidade (na realidade, julgamos que a distância a cumprir era até ligeiramente maior). Este caminho não era em linha recta. Repartia-se em dois tramos com orientações sensivelmente perpendiculares, que se encontravam à saída da antiga ponte sobre o Henares, bastante mais para montante que a pequena ponte actual. Sobre estes dados, veja-se a **fig.4**.

¹⁰ **Francisco Javier DAVARA, “El Colegio Universidad de San Antonio Portaceli”**, *Anales Seguntinos*, num.3, 1986, p.189-199 (p.191).

¹¹ Eduardo JULIÁ MARTÍNEZ, *La Universidad de Sigüenza...*, 1928, p.25-26.

passagem por Sigüenza, e da implantação da estação ferroviária local. A linha, em si, foi efectivamente assente entre 1860 e 1862.¹²

Como seria, talvez, de esperar, em planta de levantamento da situação realizada pela companhia dos caminhos de ferro (de 1860, **fig.1**¹³) não consta nenhuma ruína dos antigos colégio e convento, prova cabal de que estes foram integralmente demolidos em meados do século XVII, para aproveitamento dos materiais construtivos, quando se procedeu à transferência dos institutos para junto da cidade. Efectivamente, a base do monte na qual se situavam os dois imóveis, surge completamente livre de construções.

Numa segunda planta que seleccionamos, datada de 25 de Junho de 1860 (**fig.2**¹⁴), está já definida a implantação da estação em projecto – aproximadamente, a que seria definitiva – que implicaria um ligeiro desvio do curso do Henares. No mesmo desenho pode ver-se também representado o antigo caminho que ia “*al puente de los frailes*”, ou seja, o *camino de los frailes* que foi mencionado anteriormente, que de facto passava a nascente da igreja de *Santa Maria de los Huertos*. A ponte dos frades, por onde se passava a caminho do colégio e convento de *San Antonio Portaceli*, surge pois no sector superior direito da figura, sendo que se situava algo mais para montante (para oriente) relativamente à ponte nova, ou “*punte nuevo*”, que a mesma imagem também mostra, na sua área central.¹⁵ Note-se também neste desenho a implantação dos edifícios seiscentistas do convento e colégio, legendados como “*San Geronimo*” e “*San Antonio*”.

Um terceiro desenho, de 1875 (**fig.3**¹⁶) e que parece ser uma planta geral da estação já construída, mostra o edifício principal, dos “*viajeros*” (que, julgamos,

¹² “Se inicia la línea M.Z.A [Madrid-Zaragoza-Alicante] en 1857, según el informe encargado al ingeniero-jefe de segunda clase José Almazán, y el primer tramo, Madrid-Guadalajara, estuvo terminado en dos años (...). El segundo tramo, Guadalajara-Jadraque, fue inaugurado el 5 de octubre de 1860; (...) en julio de 1862, la línea queda concluida hasta Medinaceli, llegando en el 1864 a Zaragoza”. Juan A. MARTÍNEZ GÓMEZ-GORDO, “El ferrocarril en Sigüenza (Siglo XIX): sus repercusiones socioeconómicas y urbanísticas”, *Anales Seguntinos*, num. 17, 2001, p.7-23 (p.15).

¹³ *Fundación de los Ferrocarriles Españoles*, refª B-0091-002/1, de 1860.

¹⁴ *Fundación de los Ferrocarriles Españoles*, refª B-0088-003/4, de 1860.

¹⁵ Não conseguimos encontrar referência à época de construção desta ponte, embora suspeitemos que seja contemporânea do *Paseo de la Alameda*, jardim neoclássico à beira-rio, de inícios de Oitocentos. A partir de 1864, a ponte terá sido substituída por outra nova, quando do início das obras de abertura da avenida da estação – veja-se a nota 17.

¹⁶ *Fundación de los Ferrocarriles Españoles*, refª C-0496-001/15, de 1875.

hoje subsiste) alinhado com a nova alameda da estação (refez-se o “*punte nuevo*” a partir de 1864¹⁷). Vê-se também a plataforma (ou “*muelle*”) e edifício de mercadorias mencionados por Juliá Martínez (em 1928) como local da implantação do antigo colégio e convento. Assim, e a partir do conjunto de dados que fomos recolhendo, pudemos realizar uma planta de reconstituição de Sigüenza no século XVI com indicação da localização, mais ou menos precisa, dos antigos convento e colégio de *San Antonio Portaceli* – **fig.4**.

Sobre a disposição relativa dos dois imóveis, e como notou Cândido Ajo a partir do documento latino de 1 de Dezembro de 1477, de aprovação do colégio, assinado pelo Cardeal Mendoza (conforme mencionámos no capítulo 1.8), “*se pasó (...) del primitivo proyecto [apenas o convento] a dos centros universitários: el convento – para religiosos – y el colegio – para clérigos – y ambos habían de asistir a un sitio comum para los cursos [a casa contígua ao primeiro] – Palatium Scholarum*.”¹⁸

Informa-nos Isidoro Montiel, a partir de um relato local, que a obra do colégio “*estaba tan próxima al monasterio que, según dice el padre Sigüenza, los individuos de una y otra podían hablarse desde las ventanas*”.¹⁹ O mesmo autor, cita a *Historia de la Orden de San Jerónimo*, de fray Francisco de los Santos, na qual se menciona, em acta de um capítulo geral de 1561, a “*Universidad y el Colegio que llaman de enfrente pegado al nuestro*”,²⁰ o que nos diz alguma coisa sobre a relação topográfica entre os edifícios primitivos. Também os colegiais de *San Antonio Portaceli* eram conhecidos pelos frades jerónimos do convento anexo como os “*colegiales de enfrente*”. Após a trasladação do complexo para junto da cidade, e tal como no conjunto primitivo abandonado, se “*acomodaron las aulas al modo que estaban en el Colegio antiguo [quer dizer-se convento], contiguas a la fabrica para que sin salir de*

¹⁷ “El 16 de febrero de 1864 se coloca la primera piedra del Puente llamado “Nuevo”, que pasará a denominarse de la “Infanta Eulália”. Ibidem, p.17. Trata-se, porém, de uma obra de substituição, visto que uma ponte designada de “*punte nuevo*” já existia em 1860 no mesmo sítio, conforme se pode ver nas figuras 1 e 2.

¹⁸ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.I, 1957, p.330.

¹⁹ Isidoro MONTIEL, *Historia de la Universidad de Sigüenza*, Maracaibo, Universidad del Zulia, 1963, p.17.

²⁰ Ibidem, p.426.



Fig.1

Sigüenza. Levantamento topográfico com o traçado da futura linha de caminho-de-ferro Madrid-Saragoça, 1860. (Fonte: *Fundación de los Ferrocarriles Españoles*)

Fig.2 (página seguinte)

Sigüenza. Projecto de implantação da linha de caminho-de-ferro e da estação, 1860. Note-se o caminho antigo "al puente de los frailes", a ermida de *Nuestra Señora de los Huertos*, o "puente nuevo" (antes do traçado da nova avenida) e a situação do armazém de mercadorias em proposta, bloco mais à esquerda estação, onde se situava, antes de 1651, o antigo complexo de *San Antonio Portaceli*. Veja-se ainda, na cidade, a implantação do convento de *San Geronimo* e do colégio de *San Antonio* seiscentistas. (Fonte: *Fundación de los Ferrocarriles Españoles*)

*casa oyese los Religiosos las lecciones y viniesen allí a oírlas los Colegiales de enfrente y oyentes de la Universidad y los Catedráticos a leerlas”.*²¹

Regressando ao conjunto primitivo, é novamente Isidoro Montiel que nos informa que:

- *”junto a los trascorales del Monasterio de Jerónimos, unido a la fábrica del mismo, en la pendiente de una curva, de poca altura, estrecha, estaba el «general» o aula donde se celebraban los ejercicios de la Universidad. Por élla pasaba la cañería de la cloaca o lugar común del monasterio, por cuya causa estaba indecente para el propósito a que se destinaba”.*²²

Pode depreender-se que o geral ou “*general*”, onde aparentemente tinham lugar alguns actos públicos e algumas aulas do colégio-universidade, em particular as frequentadas pelos religiosos jerónimos, era uma construção ou casa, certamente não muito grande (o mencionado *palatium* [sic] *scholarum*), levantada paredes-meias com o convento, para que os frades não tivessem que sair para o exterior, de modo a assistir às classes. Podemos também inferir, para efeito de uma hipotética reconstituição, e em função da referência à cloaca, que o geral contíguo se devia localizar entre o convento e o rio, ou seja, encostado à parede sul daquele.

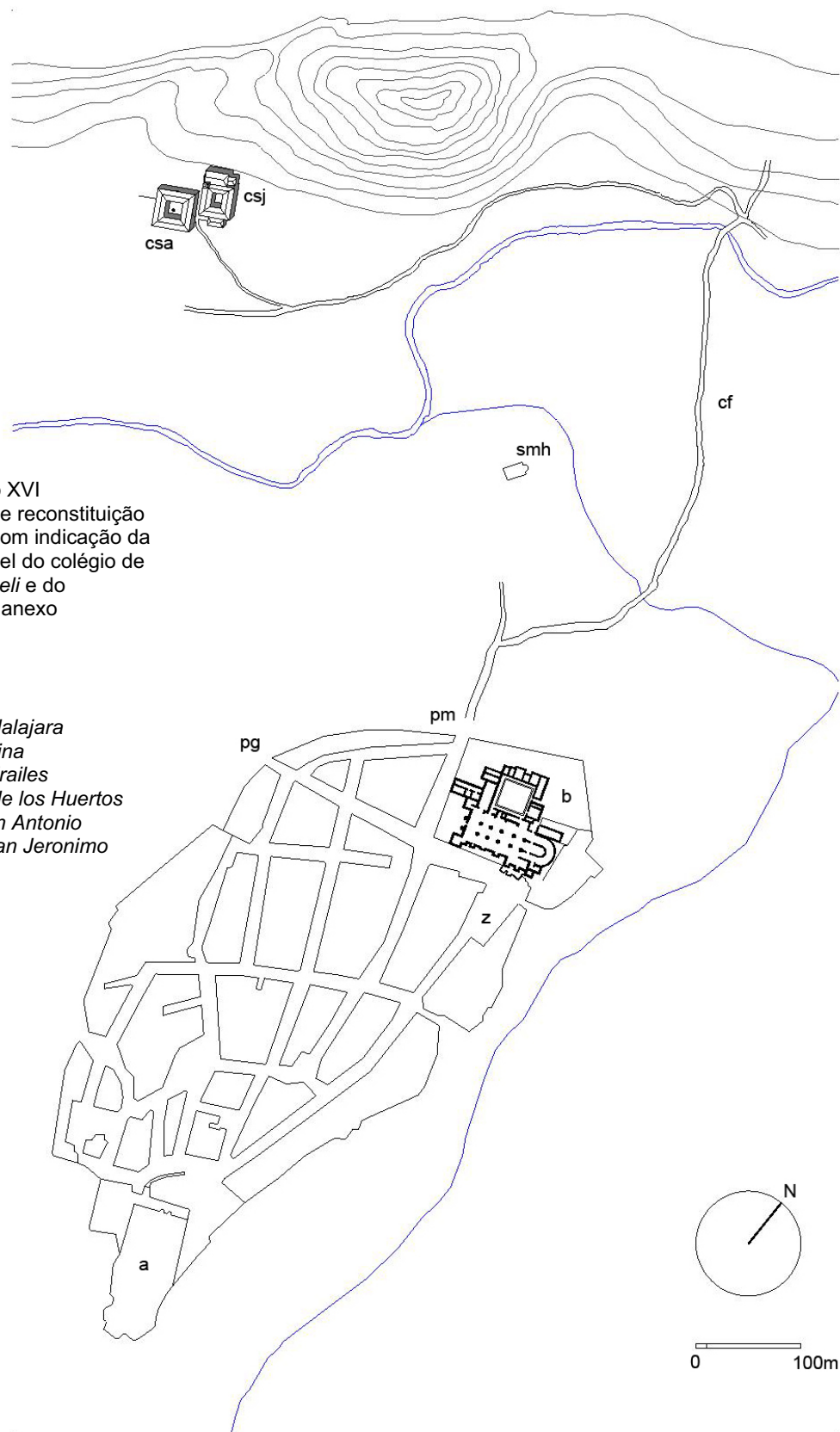
Por outro lado, julgamos que a igreja do convento jerónimo, que teria a cabeceira para nascente, como seria canónico, se situava do lado oposto do convento, a norte, com o flanco exposto para a encosta, pois em 1651 encontrava-se praticamente destruída, em função do desgaste do tempo e dos já mencionados aluviões:

- *“hallandose muy mal tratado en la fábrica (...) y amenazando ruina con eminente peligro de los moradores y la iglesia sin uso alguno demolida la*

²¹ *Ibidem*, p.427. Os dois imóveis modernos situam-se na mesma rua de Sigüenza, e lado a lado.

²² *Ibidem*, p.77. O autor cita, como fonte desta informação os *legajos* 584 e 586, da Secção de Universidades (*Universidad de Sigüenza*), no *Archivo Historico Nacional* de Madrid, documentação que pudemos consultar sem, porém, localizarmos este trecho específico de informação.

Fig.4
 Sigüenza no século XVI
 (a partir da planta de reconstituição
 de Javier Davara) com indicação da
 implantação provável do colégio de
San Antonio Portaceli e do
 convento Jerónimo anexo
 (Rui Lobo):
 a: Castelo
 b: Sé catedral
 z: *Plaza Mayor*
 pg: *Puerta de Guadalajara*
 pm: *Puerta de Medina*
 cf: *Camiño de los Frailes*
 smh: *Santa María de los Huertos*
 csa: Colégio de *San Antonio*
 csj: Convento de *San Jeronimo*



mayor parte de ella (...) propusose en (...) en Abril de 1651 la necesidad que havia de repararle o edificarle de nuevo en otro sitio”.²³

Passemos, por fim, à organização interna do edifício colegial. É outra vez Isidoro Montiel que nos dá informações preciosas:

- *“Disponia el Colegio-Universidad de un gran pátio com una hermosa fuente redonda en el centro (...). Rodeando el patio central se hallaban las aulas, la sala destinada a biblioteca y archivo, el refectorio, la cocina y otras dependencias, y en la planta alta la sala rectoral, capilla, aposentos de los colegiales, etc...”*.²⁴

Temos assim um conjunto de dependências que se podem considerar normais num esquema colegial, inseridas (como também era normal) num edifício quadrangular de dois pisos, disposto em torno de um pátio. Não é claro se o pátio era rodeado, ou não, por arcarias e galerias, mas a verdade é que estas não são mencionadas na documentação que consultamos.²⁵

Devemos ainda chamar a atenção para alguns outros aspectos importantes. Primeiro, de que havia no próprio edifício colegial salas de aula, que complementavam assim o geral autónomo, em construção própria, paredes-meias com o convento vizinho. Segundo, que o colégio não tinha uma capela própria, com destaque arquitectónico (com ou sem acesso directo pelo exterior), visto que a capela existente, certamente modesta, se situava no primeiro andar em complemento dos dormitórios. De resto, confirma esta ideia o relatório da visitaçao do doutor Juan de Llanos de Valdés, de 1591, publicado por Juliá Martínez, que, entre outros itens, insiste no cumprimento do estatuto 18 das constituições, segundo a qual se impunha aos *“dichos Rector y colegiales”* que *“oyesen misa cada dia en el monasterio de San Antonio luego de mañana”*.²⁶

²³ *Ibidem*, p.426. E, com efeito, em capítulo de 9 de Agosto desse ano, presidido pelo geral da ordem, resolveu-se pela trasladação da comunidade para o novo imóvel junto da cidade. *Ibidem*, p.427.

²⁴ *Ibidem*, p.77. O autor cita novamente os *legajos* 584 e 586, da Secção de Universidades (*Universidad de Sigüenza*), no *Archivo Historico Nacional* de Madrid. Não é mencionada a data da descrição.

²⁵ Como, por exemplo, o já mencionado relatório de 1643, citado na nota 3.

²⁶ Eduardo JULIÁ MARTÍNEZ, *La Universidad de Sigüenza...*, 1928, documento num.14, p.167. (*Archivo Histórico Nacional* de Madrid, *Sección Universidades, Universidad de Sigüenza, legajo 588*).

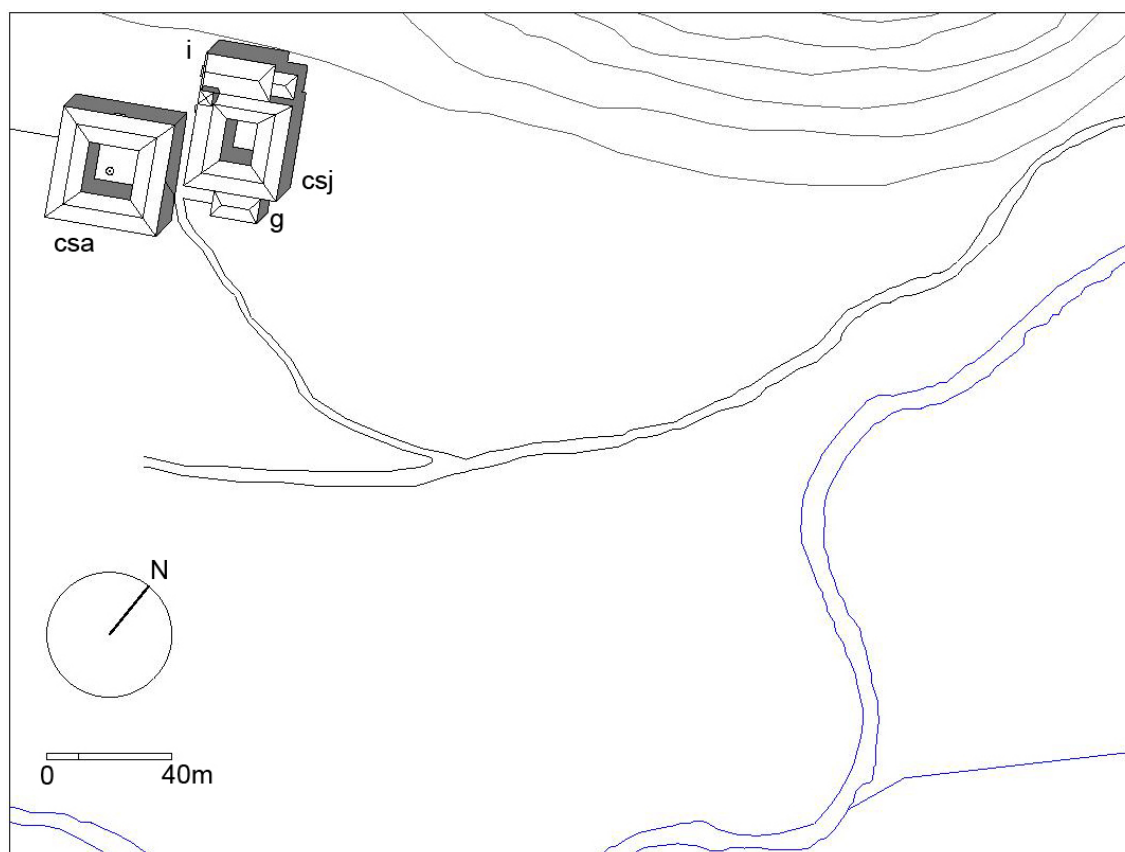


Fig.5. Planta de reconstituição hipotética do conjunto de *San Antonio Portaceli*, extramuros da cidade de Sigüenza, antes da demolição de meados do século XVII: csa: Colégio de *San Antonio Portaceli*; csj: Convento de *San Jerónimo*; g: Geral contíguo ao convento; i: Igreja de *San Jerónimo*;

Por outro lado o “hospital”, que existia no colégio, não era mais que um dormitório para quatro idosos pobres que viviam com os colegiais, como se depreende do relatório de um pleito sobre as rendas do mesmo hospital, datado de 1607. O mesmo documento faz referência aos gerais de teologia, de artes, e de actos públicos, dando a entender (aparentemente) que funcionavam dentro do colégio.²⁷

²⁷ O deão e cabido da catedral argumentavam que “*la casa deste colegio era mas sola de quatro quartos en la forma de otros colégios y en el un quarto avia aposentos para los quatro familiares que llamavan donados sin aver outra cossa distinta que se llamasse hospital antes en el mesmo quarto donde ellos estaban habitavan los demas colegiales y Officilaes sin distinction de habitacion de servicios y la puerta donde dezian estava el Metrero(?) estava en médio de la escalera principal del colégio y correspondía a un recibo o descanso q llamavan de la escalera por donde entravan y salian los que yban al colegio en especial los Generales a oyr Theologia y Artes y a los actos públicos que todo era muy diverso de cassa contigua*”. Já o reitor e os colegiais contrapunham que “*desde el principio de la dicha fundacion hasta entonces siempre avia avido y avia y se avia guardado y guardava actual hospitalidad teniendo el dho. Hospital distinto y conocido en el dho. Collegio con su habitacion y dormitorio y recogimiento a parte com su puerta particular en q siempre avia avido y havia quatro Pobres viejos...*”. Archivo Histórico Nacional de Madrid, Sección Universidades, Universidad de

Feito o balanço da informação disponível, e de outra que pudemos de modo próprio indagar, estaremos porventura em condições de poder avançar com uma proposta esquemática de reconstituição do primitivo conjunto de convento, geral anexo e colégio de *San Antoni Portaceli*, extramuros da cidade de Sigüenza (**fig.5**). É um desenho que se limita à tentativa de reconstituição da disposição planimétrica dos vários imóveis, no local em que se julga que estiveram implantados, entre a década de 1470 e a de 1650. Não passa necessariamente de uma hipótese especulativa, mas que julgamos razão de ser, face aos factos descortinados. Alguns aspectos foram naturalmente estimados, como sejam a dimensão absoluta e relativa dos edifícios em causa, que não têm qualquer base documental estabelecida.

Do mesmo modo, os elementos que se conseguiram sistematizar para análise, não foram suficientes para refazer a organização interna do colégio de *San Antoni Portaceli*. Ficamos apenas com a elencação dos diversos espaços e valências funcionais que o compunham.

A fórmula de colégio-universidade, experimentada pela primeira vez no *colegio de San Antonio Portaceli*, viria a revelar-se um modelo de fundação adequado e eficaz sempre que os recursos disponíveis escasseavam – ou seja, a maior parte das vezes – na montagem de um centro educativo de nível superior. Com efeito, o colégio-universidade proporcionava o agrupamento, num só edifício, das salas de aula próprias de uma sede universitária, com a função residencial dominante dos estabelecimentos colegiais. Por outro lado, tratando-se de fundações mecenáticas, garantia-se a constituição e sobrevivência de uma primeira comunidade académica de base. Daí o seu relativo sucesso (como mencionámos) na Espanha do século XVI.

Não se julgue, porém, que o esquema limitava à partida uma eventual expansão da universidade, como o caso subsequente de Alcalá veio a mostrar. A própria universidade de Sigüenza, embora nunca tenha ultrapassado uma dimensão modesta, chegou a ter uma estrutura de faculdades completa

Sigüenza, legajo 584, caja 2, num. 56 Madrid, 19 de Junio de 1607: “Executoria librada en el Consº de cruzada en favor del Rector y colesiales de st. Antonio de Portaceli extramuros de la Ciudad de Sigüenza en el pleyto que han tratado con el Dean y Cabildo de la Cathedral y estado eclesiástico de la dha Cuid.”

(incluindo as de direito e medicina²⁸ para além das três, de teologia, cânones e artes, com que entrou em funcionamento), antes de ter sido suprimida em 1807, reaberta em 1814, e finalmente extinta, em 1837.

²⁸ Foram criadas duas cátedras de direito e de medicina em 1551, aprovadas por bula de Júlio III do ano seguinte. Veja-se Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.II, 1958, p.367-373 (p.369); e **Jesus DE LAS HERAS MUELA**, “La Universidad de Sigüenza, obra de la Iglesia”, *Anales Seguntimos*, Num.6, 1990, p.51-68 (p.61). Veja-se, sobre a faculdade de medicina, **Francisco Javier SANZ SERULLA**, *Historia de la Facultad de Medicina de la Universidad de Sigüenza*, Guadalajara, 1987.

2.7. O colégio de Santa Cruz de Valladolid.

A magnífica obra do Cardeal Mendoza

O *colegio de Santa Cruz* de Valladolid, fundado pelo cardeal Pedro González de Mendoza e construído entre 1486 e 1491, tem ocupado na historiografia da arte espanhola e das construções universitárias castelhanas, um lugar central. Tal protagonismo deve-se fundamentalmente a dois factores. O primeiro tem a ver com o facto do edifício colegial representar, para muitos, a introdução da arquitectura renascentista em Castela, ainda que sobre uma estrutura construtiva original de base tardo-gótica. Outro factor, não menos importante, relaciona-se com o protagonismo dado à biblioteca, que ocupa actualmente quase todo o primeiro andar da ala da fachada (a poente), desenvolvendo-se em pé-direito duplo. Ainda que se desconheça documentalmente a época de construção da abóbada que actualmente cobre este espaço (pela análise estilística, não corresponde a obra de finais de Quatrocentos, nem tão pouco do século XVI) tem-se admitido sem grandes reservas que o espaço da biblioteca actual era o que existia em 1492-93, quando Pedro de Gumiel pintava as suas paredes. Neste sentido tem-se visto na magnífica biblioteca do colégio vallisoletano o antecedente directo (e único) da não menos notável biblioteca das *Escuelas Mayores* de Salamanca que foi edificada na década de 1520, em dupla altura, sobre a entrada da sede universitária salmantina.

Existe, naturalmente, a noção de que o edifício colegial que podemos ver hoje não corresponde, nalguns aspectos, ao que estava terminado no final do século XV. As modificações mais relevantes apontadas, porém, têm-se limitado às que foram operadas na década de 1760, ao nível das fenestraçãoes da fachada, ainda que mantendo-se elementos renascentistas originais da frontaria, como o portal clássico e a platibanda de balaústres que a remata superiormente. Também os restantes alçados do imóvel foram, neste período, transformados e regularizados. Contudo, o estudo que apresentamos de seguida demonstra, a nosso ver, que o edifício original do colégio de Santa Cruz comportava diferenças mais relevantes do que se julga, relativamente ao imóvel que actualmente conhecemos.

Desde logo a biblioteca que, pensamos, era mais curta que a actual. Estendia-se apenas pelos três tramos mais a norte da ala dianteira do colégio, pois dava lugar, no tramo seguinte, a sul – o tramo mais largo de toda a frontaria – ao **pé-direito total da capela primitiva**. Neste sentido, a organização do corpo da fachada do colégio de Santa Cruz de Valladolid copiava rigorosamente a disposição que verificámos para o *colegio de San Bartolomé* de Salamanca. Defendemos, pois, que a actual biblioteca – mais extensa que a original – e respectiva abóbada, são obras de finais de Setecentos.

Outro aspecto relevante tem a ver com as arcadas que rodeiam o pátio quadrangular que, julgamos, **se desenvolviam primitivamente por apenas dois andares**, e não pelos actuais três níveis. Tentaremos, também, demonstrar esta tese. A ideia de que o próprio edifício se desenvolvia, quando foi erigido, apenas por dois andares nos lanços sul, nascente e norte, é também proposta, ainda que ao nível de hipótese, pois não são conhecidos documentos que a possam reforçar decisivamente.

Deste modo, o lugar que o colégio mayor de Santa Cruz de Valladolid ocupa na evolução da arquitectura universitária espanhola, certamente relevante, terá de ser re-equacionado. A chave das teses que aqui formulamos é a interpretação cuidada de dois documentos de meados do século XVIII, que mencionaremos oportunamente.

a) Fundação

Referiremos, novamente, as datas fundamentais do processo de instauração do *colegio de Santa Cruz* de Valladolid, um dos seis colégios universitários espanhóis a merecer o epíteto de “*Mayor*”, a partir do século de Quinhentos.

Foi seu fundador o cardeal Pedro González de Mendoza (Guadalajara, 1428-1495; **fig.1**), conhecido, na época, como “*terzero rey de España*”, tal o seu poder e influência nos anos finais da sua carreira junto da corte dos Reis Católicos. Antigo bispo de Calahorra (designado por Juan II no último mês do seu reinado, em 1454, tomando posse do cargo já no reinado de Enrique IV), bispo de Sigüenza (a partir de 1468, tendo apoiado a fundação da universidade

local, como vimos), cardeal e “chanceler do reino” em 1473 (ainda durante o tempo de Enrique IV), chegaria a arcebispo de Sevilha, em 1475, e ao cargo mais alto da hierarquia eclesiástica espanhola, arcebispo primaz de Toledo, em 1482.¹

Por esta altura havia já conseguido uma bula de Sisto IV, datada de 29 de Maio de 1479, autorizando-o a fundar **um colégio com capela**,² tal como o de *San Bartolomé* de Salamanca, sem contudo especificar cidade ou vila.³ A emulação do antecedente salmantino, presente desde o primeiro momento, é um aspecto central para a análise a realizar, tanto à nova instituição que o Cardeal criou como, evidentemente, à sua arquitectura – aspecto que aqui sobretudo nos interessa. Não será estranha a esta admiração o facto de Pedro de Mendoza, enquanto jovem, ter estudado cânones e leis em Salamanca, em casa própria, durante sete preenchidos anos, entre 1446 e 1452.⁴

Em Julho de 1483, a Rainha Isabel a Católica ordenava ao prior da colegiada de Valladolid que desse posse a Pedro de Mendoza como abade da colegiada vallisoletana (logo, e por inerência, como cancelário do estudo geral), sinal de que previamente se havia decidido por Valladolid (em detrimento de Salamanca) como local de implantação do seu colégio.⁵ Depois dos seus representantes terem acertado com a universidade (em Setembro de 1483) o

¹ Sobre o percurso de vida de Pedro González de Mendoza, veja-se sobretudo, **Luís CERVERA VERA**, *Arquitectura del Colégio Mayor de Santa Cruz en Valladolid*, Valladolid, Ediciones de la Universidad, 1982, p.27-33, e **Salvador ANDRÉS ORDAX**, *Santa Cruz, arte e iconografía. El Cardenal Mendoza, el colegio y los colegiales*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2005, p.15-24.

² **Filemon ARRIBAS ARRANZ**, “El Colegio Mayor Santa Cruz de Valladolid en sus primeros años”, *Santa Cruz*, Valladolid, Año XVI, Num.21, 1961, p.5-14 (p.7); **Salvador ANDRÉS ORDAX**, *Santa Cruz, arte e iconografía...*, 2005, p.25.

³ **Juan AGAPITO Y REVILLA**, “El Colegio mayor de Santa Cruz, en Valladolid”, *Boletín de la Real Academia de Bellas Artes de Valladolid*, 1934, p.75-93 e p.125-142 (p.76).

⁴ “...con la renta del arcedianato de Guadalajara «y con lo que su padre le añadió» montó una casa muy lucida de criados y se trasladó a Salamanca para estudiar en su Universidad. En esta Universidad durante cinco años «oyó» cursos de Cánones y Leyes y, durante las vacaciones, tradujo «con harto primor y elegancia» la *Odisea* de Homero, la *Eneida* de Virgilio y algunas obras de Ovidio (...). Terminados los anteriores cinco años fue, durante los dos siguientes, «passante» en aquella Universidad”, **Luís CERVERA VERA**, *Arquitectura del Colegio Mayor de Santa Cruz...*, 1982, p.27

⁵ “La reina Isabel la Católica, mediante cédula suscrita el 17 de Júlio de 1483 (...) ordenaba al Prior y Cabildo de la Colegiata de Valladolid que atendiendo a la Bula papal que le nombraba Abad de dicha casa religiosa, se diera al Prelado oportuna posesión”, **Salvador ANDRÉS ORDAX**, *Santa Cruz, arte e iconografía...*, 2005, p.26. Aparentemente, D. Pedro teria direito ao cargo desde 1469, **Juan AGAPITO Y REVILLA**, “El colégio mayor de Santa Cruz...”, 1934, p.78

enquadramento do instituto que pretendia criar e de se terem acordado com o município os privilégios jurídicos e fiscais para os colegiais, mandou o cardeal redigir, em 21 de Novembro, estando em Vitória, o documento fundacional do colégio de Santa Cruz.⁶

Em finais de Fevereiro do ano seguinte, 1484, instalavam-se os primeiros vinte colegiais provenientes da Universidade de Salamanca⁷ em casas compradas pelo cardeal, no bairro de *San Estebán* de Valladolid, dando-se início ao funcionamento do colégio, definitivamente, na então vila castelhana. Destes vinte primeiros colegiais, nove eram estudantes de cânones, seis de teologia, três de medicina, contando-se ainda dois capelães. Passariam, oito anos depois (em 1492), ao novo edifício mandado fazer na proximidade da sede da universidade, e que teremos oportunidade de analisar seguidamente.



Fig.1

Retrato (de finais de Seiscentos ou princípios de Setecentos) do cardeal D. Pedro González de Mendoza, fundador do *colegio Mayor de Santa Cruz* (*Museo de Valladolid*).

Note-se a representação do colégio, anterior à introdução dos vãos de cariz neoclássico na fachada, da segunda metade do séc. XVIII. Pode ver-se, no tramo à direita do portal de entrada, a janela da capela colegial, capela que se desenvolvia em toda a altura.

Veja-se, por contraste, o tramo oposto, à esquerda, com duas janelas, uma por cima da outra. Note-se ainda a posição original do campanário, distinta da actual.

⁶ Sobre estes desenvolvimentos veja-se sobretudo as sínteses de Juan AGAPITO Y REVILLA, “El Colegio mayor de Santa Cruz...”, 1934, p.75 e seguintes, de **María Ángeles SOBALER SECO**, “El Colégio Mayor de Santa Cruz (1484-1793)”, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. I, p.335-354 (p.335-336), e de Salvador ANDRÉS ORDAX, *Santa Cruz, arte e iconografia...*, 2005, p.25-27. Depois de acertada a fundação do colégio com a universidade e com o concelho, o Papa Sisto IV, por bula 17 de Julho de 1484, concedeu ao colégio a faculdade de atribuir graus superiores autonomamente. A carta de privilégio dada pelos Reis Católicos a 20 de Dezembro desse mesmo ano, confirmaria benefícios e isenções para os membros do novo instituto.

⁷ María Ángeles SOBALER SECO, “El Colégio Mayor de Santa Cruz...”, 1989, Vol. I, p.336.

O instituto reger-se-ia pelos estatutos do colégio salmantino de *San Bartolomé* até 31 de Agosto de 1494, data em que foram redigidas e aprovadas as primeiras constituições oficiais do colégio,⁸ um ano antes do falecimento do grande cardeal. Compostas de 93 artigos, previam a permanência de um total de 27 colegiais, treze dos quais canonistas, seis teólogos, três leigos, dois médicos e três capelães⁹ – donde se nota a tentativa de reforço da especialização em direito (cânones e leis) relativamente à composição da comunidade inicial. Os colegiais deveriam ter mais de 21 anos e eram obrigados a demonstrar a sua condição de pobreza, pois a fundação destinava-se, originalmente, a estudantes desfavorecidos. Era exigido aos colegiais que fossem bacharéis e que tivessem já alguns anos de estudo no momento de entrada no colégio. A exclusividade de admissão a estudantes graduados seria, de resto, e como veremos, uma das características fundamentais dos “*Colégios Mayores*”.¹⁰

Observava-se também uma admissão por cotas de acordo com as dioceses de Castela e Leão de onde deveriam provir os estudantes, para além de se excluírem judeus e cristãos-novos. Os colegiais tinham direito a permanecer no colégio ao longo de oito anos. Elegiam anualmente um reitor e ainda três “*consiliarios*”, que deveriam apoiar o Reitor no governo da casa.¹¹

Dentro do colégio, onde se devia falar em latim, havia lugar, diariamente, a aulas de repetição da matéria leccionada na universidade e de preparação para os actos académicos. As constituições previam ainda a existência de uma cátedra pública no colégio, cujas lições seriam dadas pelos colegiais.¹²

⁸ Guardam-se vários exemplares das constituições, reproduzindo o texto original, no Arquivo do Colégio de Santa Cruz (secção 8ª, Livros 7 a 11 e 17), *Idem, Obra citada*, p.336 e 353 (nota 9).

⁹ *Ibidem*, p.336.

¹⁰ Sobre a definição de *colegio Mayor* veja-se o capítulo 3.3., secção c).

¹¹ Sobre o texto das constituições, veja-se María Ángeles SOBALER SECO, “El Colégio Mayor de Santa Cruz...”, 1989, Vol. I, p.336 e seguintes.

¹² *Ibidem*, p.340 – ainda que a mesma autora vá referindo, mais adiante, que “*Los testimonios de Pérez Bayer (Por la libertad de la literatura española) a mediados del XVIII, y los estudios recientes sobre la institución colegial parecen coincidir en que, a pesar de las disposiciones constitucionales, los colegios mayores carecían en la práctica de las cátedras con que sus fundadores les habían dotado inicialmente*”. *Ibidem*, p. 353, nota 19.

Este capítulo, revisto, sairá publicado como artigo na revista *Goya* em 2015.

2.8. O colégio de San Gregorio e a arquitectura autónoma de colégio religioso regular

a) Fundação

Em meados de Seiscentos, já o dominicano Gonzalo de Arriaga se referia ao “*insigne Colegio de San Gregorio de Valladolid*” como o “**primero en las religiones y de los primeros y mayores de España**”.¹ Paredes-meias com o convento dominicano de *San Pablo* o colégio de *San Gregorio* foi, efectivamente, o primeiro colégio adstrito a uma ordem religiosa a surgir na Península Ibérica – e logo dotado de um notável imóvel próprio.

Foi seu fundador *fray* Alonso de Burgos (falecido em 1499), bispo de Palência (1486), capelão-Mor e confessor dos Reis Católicos. Segundo Arriaga,² os motivos da escolha de Valladolid para sede da nova instituição foram três: – 1) por ser lugar insigne do reino, de residência frequente da corte, para mais pertencente à diocese palentina; 2) por estar em Valladolid a segunda universidade do reino; 3) por ficar junto ao convento de *San Pablo*, que o próprio *fray* Alonso, na mesma época, se encarregava de reedificar.³

O sítio onde se implantou o colégio era pertencente ao convento de *San Pablo*, sobre parte do terreno que desde inícios do século XV pertencia às “*casas del Rey*”. Esta residência real (mandada fazer pela rainha-mãe de Juan II, em 1411, como vimos⁴) esteve cedida ao condestável D. Álvaro de Luna antes de ter revertido para a posse do convento, por ordem de Enrique IV, em 1467.⁵

¹ **Gonzalo de ARRIAGA**, *Historia del Colégio de San Gregorio de Valladolid* (c.1647), editada, corregida e aumentada por Manuel Maria Hoyos, Valladolid, 1928, p.62.

² *Ibidem*, p.80-81.

³ A obra da fachada da igreja conventual encomendou-se ao famoso escultor alemão Simão de Colónia, bem como o novo retábulo principal. Veja-se **Filemón ARRIBAS**, “**Simón de Colónia en Valladolid**”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, 1933-34, p.153-166.

⁴ Veja-se o capítulo 1.4., secção c).

⁵ Juan II cedeu as «*casas del Rey*» ao condestável D. Álvaro de Luna, em 1432. Depois deste ter caído em desgraça, foram recuperadas pela coroa. Reverteriam para o convento, por testamento do próprio Juan II (falecido em 1454) sendo a disposição executada pelo seu filho e sucessor, Enrique IV. **Juan AGAPITO Y REVILLA**, “**El Colegio de San Gregorio**”, *Boletín de la Sociedad Castellana de Excursiones*, Vol.V, 1911-1912, p.240-243, p.253-260, p.269-279 (p.255), e **Adeline RUCQUOI**, *Valladolid en la Edad Media* (1987), 2 vols, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1997, Vol. II, p.24-26.

Temos, pois, que o convento doou o terreno necessário ao bispo de Palência, por documento de 9 de Janeiro de 1487, tendo este tomado posse do mesmo a 30 do mesmo mês. O convento, reconhecido pela contribuição de *fray* Alonso na reformulação da sua fábrica (que ainda decorria à época) doou também a capela *del Crucifijo*, acessível a partir do braço sudeste do transepto da igreja conventual, para capela do colégio.⁶ Nela mandou colocar *fray* Alonso o seu sepulcro, cuja peça original, realizada pelo famoso escultor Simão de Colónia,⁷ infelizmente se perdeu.

O colégio foi instituído para que dezasseis religiosos da ordem de São Domingos aperfeiçoassem o estudo da teologia e da doutrina do tomismo. A fundação foi confirmada por bula de Inocêncio VIII de 15 de Dezembro de 1487 e no ano seguinte (9 de Setembro de 1488) o mesmo Papa autorizava o aumento do número de colegiais para vinte.⁸

O edifício construiu-se entre 1488 e 1496⁹ (**fig.1**), sendo por isso praticamente contemporâneo do colégio de Santa Cruz (que estudámos antes), embora terminado posteriormente. Nesse ano de 1496 foram admitidos os primeiros colegiais. Só três anos depois, a 3 de Novembro de 1499, se prepararam uns primeiros estatutos. Aí se definia que conventos dominicanos castelhanos contribuíam com colegiais para o colégio de *San Gregório*.¹⁰ De entre os colegiais elegia-se o reitor (o primeiro deles perpétuo) e três conselheiros. Estabelecia-se também a residência de nada menos que doze capelães para servir na capela.

As constituições seriam revistas logo em 1502, já falecido *fray* Alonso, por iniciativa do seu sucessor *fray* Diego de Deza, também bispo de Palência. Eram suprimidos os capelães porque “*daban mucha turbacion é impedimento*

⁶ e Juan AGAPITO y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio”..., 1911-1912, p.255, nota 1.

⁷ A estátua jacente terá sido realizada numa segunda fase, em 1531, pelo artista Filipe de Borgonha. Filemón ARRIBAS, “Simón de Colónia en Valladolid”..., 1933-34, p.163-164

⁸ Uma outra Bula, de Alexandre VI (2 de Maio de 1495) aumentou a renda anual. Gonzalo de ARRIAGA, *Historia del Colégio de San Gregório...* (c.1647), 1928, p.68-79, e Juan AGAPITO y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio”..., 1911-1912, p.283-284.

⁹ Gonzalo de ARRIAGA, *Historia del Colégio de San Gregório...* (c.1647), 1928, p.67.

¹⁰ Dois de *San Pablo* de Burgos, de *San Pablo* de Córdoba, da cidade ou diocese de Cuenca, de *San Pablo* de Palencia e de *San Pablo* de Valladolid. Um dos mosteiros de Toro, Zamora, Medina del Campo, Segóvia, Ávila, de Toledo. Um ainda da Galiza, da Extremadura, da Andaluzia e de Granada. Juan AGAPITO y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio”..., 1911-1912, p.254.

al estúdio de dichos colegiales” aumentando-se, todavia, o número de colegiais para trinta,¹¹ decisões que seriam confirmadas por breve de Júlio II, de 3 de Junho de 1505. Nesse mesmo ano de 1502 incorporou-se o colégio na ordem de São Domingos.¹²

b) Os dominicanos e a Universidade

Ainda que o colégio de *San Gregorio* de Valladolid tivesse sido fundado por um dominicano não era, porém, uma emanção directa da ordem dos pregadores. Tratava-se, na origem, de um instituto de carácter particular que só alguns (poucos) anos depois da sua fundação seria acolhido, de facto, na ordem, como acabamos de ver.

Não obstante, importa recordar a atenção precoce dada à formação dos próprios membros por parte dos dominicanos, bem como a preponderância destes (na Península Ibérica e de entre as outras ordens religiosas) no que toca ao desenvolvimento de relações estreitas com as universidades.¹³



Fig.1: Vista geral do *colegio de San Gregorio* de Valladolid.
Ao fundo pode ver-se a igreja conventual de *San Pablo* (fonte: M^{el}. Maria Hoyos, 1928).

¹¹ A proveniência dos colegiais seria também revista, passando a ser admitidos dois colegiais do convento de *San Pablo* de Valladolid, outros dois de *San Esteban* de Salamanca e um colegial cada de outras 26 casas dominicanas de Espanha. *Ibidem*, p.255.

¹² No capítulo da congregação reformada de Espanha, celebrado a 25 de Setembro desse ano. *Ibidem*, p.256.

¹³ Veja-se, mais à frente, o capítulo 3.3, secção i).

São Domingos de Guzmán (1170-1221), fundador da ordem dos dominicanos, estudara artes e teologia no estudo capitular de Palência, que Alfonso VIII de Castela transformaria, “cerca de 1212”, no primeiro (e efêmero) estudo geral da Península Ibérica.¹⁴ Segundo Ramón Hernández Martín, “*la predicación que Santo Domingo establecía como misión específica para su Orden, denominada desde el principio por los documentos papales «Orden de Predicadores», era una predicación doctrinal, que exigía una fuerte preparación en materia de estudios*”.¹⁵ Foi neste sentido que São Domingos, nos inícios do século XIII, enviou um primeiro grupo dos seus seguidores a Paris, “*para que terminasen su preparación intelectual en aquella universidad y tomaran contacto con el mundo universitario*”.¹⁶ Dois grupos de dominicanos seriam também enviados a Bolonha e a Salamanca, outras renomadas universidades do tempo.

Em Salamanca, em 1299, o convento de *San Esteban* seria elevado à condição de estudo geral da ordem dominicana,¹⁷ recebendo frades estudantes de mais de 40 conventos da Península Ibérica, que desejavam completar a sua formação, desde os campos da gramática e da lógica até à teologia. Paralelamente, e dado que a universidade de Salamanca careceu da cadeira de teologia até finais de Trezentos, esta era dada no convento de *San Esteban* para os estudantes seculares.¹⁸ Segundo o mesmo Ramón Hernández Martín, “*la enseñanza abierta de la Teología se dio siempre en los dominicos*”.¹⁹

¹⁴ “Fuera de los claustros monásticos, fue la escuela de la catedral de Palencia la única en enseñar teología en España hasta mediados del siglo XIV, en que se inicia esta enseñanza en Salamanca”. Ramón HERNÁNDEZ MARTÍN, “Contribución de los dominicos”, *AAVV, Historia de la Educación en España y América*, 3 Vols., Fundación Santa Maria / Ediciones SM, Madrid, 1992, Vol.I, p.487-499 (p.487).

¹⁵ *Ibidem*, p.487. A ordem de São Domingos foi aprovada verbalmente pelo Papa em 1215, tendo sido oficialmente comprovada no ano seguinte.

¹⁶ *Ibidem*, p.487.

¹⁷ *Ibidem*, p.490. Em 1344, também o estudo do convento de Santiago foi elevado a estudo geral interno da ordem, *Ibidem*, p.493.

¹⁸ Como vimos (no capítulo 1.3) foi em 1381 que o legado papal Pedro de Luna (futuro Antipapa Bento XIII) concedeu na constituição de cátedras teológicas na universidade, tendo-se organizado uma faculdade de teologia em 1416. Das três cátedras, uma permaneceu em *San Esteban*, enquanto que as outras duas (de prima e de véspera) se davam na universidade. Os estudantes dominicanos mais avantajados assistiam na academia. Ramón HERNÁNDEZ MARTÍN, “El convento y Estudio de San Esteban”, in *Luis Enrique Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), Historia de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, Vol.I, p.589-612 (p.594-596).

¹⁹ Ramón HERNÁNDEZ MARTÍN, “El convento y Estudio de San Esteban”..., 2002, p.593

Quando se fundou o colégio de *San Gregorio* já a teologia era uma das matérias leccionadas na universidade vallisoletana, desde 1418. Por isso mesmo era também conhecido como “*segunda universidad*” de Valladolid,²⁰ numa alusão simultânea aos cursos teológicos dos dominicanos e à sua implantação afastada, relativamente ao conjunto formado pela sede universitária e pelo colégio de Santa Cruz.

A já mencionada instituição particular do colégio de *San Gregório*, por iniciativa própria de *fray* Alonso, terá contribuído decisivamente para a **autonomização do imóvel colegial** relativamente ao vizinho convento de *San Pablo*, situação que deveremos reter. Com efeito, o desenvolvimento “normal” no âmbito dominicano teria sido a constituição de um grupo particular de frades dedicados aos estudos superiores – um “colégio”, na acepção original do termo – dentro de determinada estrutura conventual, como sucederia, em inícios do século

Fig.2

Interior da capela do *colegio de San Gregorio*. Vista para o coro alto (fonte: M^{el}. Maria Hoyos, 1928).

Fig.3

Portal monumental do *colegio de San Gregório* (fonte: M^{el}. Maria Hoyos, 1928).



²⁰ Juan AGAPITO y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio”..., 1911-1912, p.259

XVI, nos conventos de *San Esteban* de Salamanca²¹ e no próprio convento de *San Pablo* de Valladolid.²² Ou ainda a definição acrescida de dependências colegiais próprias no interior dos complexos conventuais (o colégio de São Tomé nas instalações de São Domingos de Lisboa²³), que quase sempre viriam a constituir o embrião de novas universidades dominicanas, casos das de Santo Domingo (nada menos que a primeira universidade americana), de Ávila e da já mais tardia Orihuela. Excepções a este registo, na primeira metade do século XVI, terão sido o colégio sevilhano de *Santo Tomás*, que se constituiu também em universidade, mas que esteve originalmente instalado em casas não associadas ao convento (e que depois foi dotado de edifício próprio²⁴) e o efémero colégio salmantino de *Santo Domingo de la Cruz*²⁵

Em Valladolid, o colégio de *San Gregorio*, levantado por *fray* Alonso de Burgos, assumiu, no seu aspecto exterior, um carácter assumidamente civil, desde logo

²¹ Em 1515 o geral da ordem dominicana, Tomás de Vio Cayetano, estabeleceu um regime especial para doze frades – o “colégio” de Cayetano – no interior do convento salmantino de *San Esteban*. O Geral García Loasa aumentaria o número de colegiais para 25, em 1520. “Se trataba, pues, de crear un grupo de estudiantes que, exentos de algunos de los rigores de la observancia, pudiera dedicarse completamente al estudio. Era pues un colegio solo para los miembros del convento (...) pero no implicaba, al parecer, ningún lugar físico diferente del que ocupaban los frailes no nominados”. Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “El colegio de Santo Domingo de la Cruz, una fundación dentro del convento de San Esteban de Salamanca”, *Archivo Dominicano*, XVII, 1996, p.187-207, (p.191-192)

²² No convento de *San Pablo* de Valladolid estabeleceu-se um regime próprio para um “colégio” de dez frades estudantes, em 1532. *Ibidem*, p.192, nota 14.

²³ Como vimos (capítulo 1.5.), em 1517, e por iniciativa do Rei D. Manuel, estabeleceu-se o colégio de São Tomé em dependências anexas ao convento de São Domingos de Lisboa. Destinava-se à frequência de catorze dominicanos e seis jerónimos, que quisessem estudar artes e teologia. Após a transferência da universidade de Lisboa, o colégio passou ao mosteiro dominicano da Batalha, com o nome de São Tomás, em 1538-39, antes de passar a Coimbra, onde acabou por receber um imóvel próprio, distinto do convento, construído a partir da década de 1550.

²⁴ Aparentemente por razões que tinham a ver com a falta de salubridade dos terrenos do convento dominicano da capital andaluza. O colégio-universidade de *Santo Tomás* de Sevilha fundou-se em 1517 (veja-se capítulo 3.3, secção g).

²⁵ O colégio de *Santo Domingo de la Cruz* teve funcionamento estável entre 1535 e 1551, data em que os estatutos foram aprovados pelo geral dominicano e a partir do qual o instituto terá decaído. Tratou-se de uma iniciativa pessoal do dominicano *fray* Domingo de Baltanás (com o apoio da duquesa de Bejar), posteriormente integrada na ordem, e que se destinava sobretudo a dominicanos andaluzes que quisessem completar a sua formação. Dispôs de um relativamente modesto imóvel próprio (ainda que vizinho do convento de *San Esteban*), de apenas andar térreo, que ainda hoje subsiste – embora o “open space” actual não corresponda evidentemente à planta primitiva. Motivos que terão contribuído para o fim do funcionamento do colégio “andaluz” em Salamanca terão sido os privilégios concedidos ao colégio de *Santo Tomás* de Sevilha, em 1541, por Carlos V (dando aos seus colegiais todas as graças de que dispunham os eclesiásticos universitários em Salamanca e Valladolid) e a queda em desgraça dos seus fundadores na década de 1560. Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “El colegio de Santo Domingo de la Cruz...”, 1996, p.187-207, (p.192-201). Veja-se o capítulo 3.3, secção f).

porque se encostou à imponente igreja conventual de *San Pablo* – o que fazia dispensar a necessidade de qualquer “expressividade” eclesiástica. Também neste sentido, a leitura exterior da capela colegial, embora distingável, seria limitada, pois esta não dispunha de acesso directo a partir da rua – o acesso desde o exterior faz-se hoje pela antiga sacristia.²⁶ A presença urbana da nova instituição garantia-se pela singular empena sobrelevada (e sobre-decorada) que enquadrava o portal de entrada do colégio (**fig.2**), sensivelmente a meio de uma longa frontaria de pedra, com quase noventa metros de comprimento.

c) Distribuição dos espaços do colégio

O colégio de *San Gregorio* desenvolveu-se ao longo da *calle de las cadenas de San Gregorio*, que saía da *plaza de San Pablo* em direcção à porta de *San Benito*, porta pertencente à segunda muralha da cidade. O ponto de arranque do novo imóvel foi a antiga capela do crucifixo da igreja conventual, convertida em capela colegial. A partir desta, estendia-se o longo pano de parede, de cerca de quinze metros de altura, ao centro do qual despontava a imponente empena que enquadrava o portal colegial. Não obstante a platabanda trabalhada – a “*crestería*” – que remata superiormente toda esta frente, “*el contraste de los muros lisos con la trabajada portada es notado en seguida, y como estudiado para fijar la atención entera del curioso en puerta tan monumental*”.²⁷ Referiu Arriaga que “*no conoce España mayor curiosidad*”.²⁸ Profusamente decorada, “*levanta en la parte superior un árbol, cuyas próceres ramas divide un grandioso escudo de armas reales mantenido en dos fornidos leones, asido de una águila imperial coronada*”.²⁹

Fray Alonso de Burgos, no seu testamento (24.10.1499), solicitou a abertura de uma praça em frente da empena-portal do colégio,³⁰ o que veio a suceder, ainda que a praça actual seja de dimensões modestas (capítulo 1.4., fig.8). No mesmo testamento encomendava que o colégio ficasse sob protecção real,

²⁶ Esta dependência de acesso já não funciona como sacristia: é a actual ante-capela.

²⁷ Juan AGAPITO y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio”..., 1911-1912, p.271

²⁸ Gonzalo de ARRIAGA, *Historia del Colégio de San Gregorio...* (c.1647), 1928, p.85

²⁹ *Ibidem*, p.86.

³⁰ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, p.50.

situação que, garantindo-lhe o futuro, lhe limitava, ao mesmo tempo, a autonomia. A presença do escudo real na área central da empena esclarece a mensagem da fachada, relevando, segundo Pereda, os inequívocos vínculos do colégio com a monarquia.³¹

A planta geral do *colegio de San Gregorio* (**fig.4**) acabou por se desenvolver de forma peculiar, “*atípica*”,³² visto que a área de implantação mais a sudoeste – uma estreita faixa de terreno – se encontrava limitada pela cabeceira da igreja conventual de *San Pablo*. Deste modo resultou uma organização assimétrica relativamente ao eixo de entrada no colégio: – a um pequeno pátio central, atrás da porta de acesso, segue-se, a nordeste, o pátio mais desafogado do imóvel com cerca de dezoito metros de lado. Desenvolve-se por dois pisos de altura, com aliás todo o edifício principal.

Curiosamente, o pátio mais pequeno (**fig.6**), o da entrada (e ao contrário do que seria talvez expectável), funcionava como “pátio dos estudos”. Com efeito, por este pequeno recinto (dotado de um único espaçamento do lado da entrada

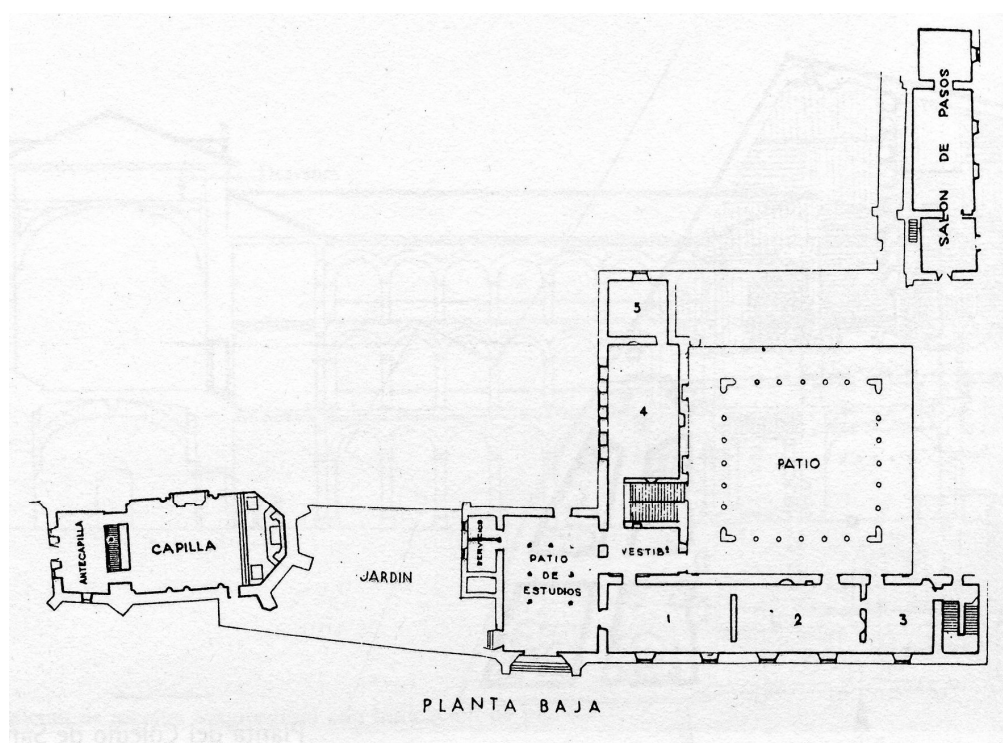


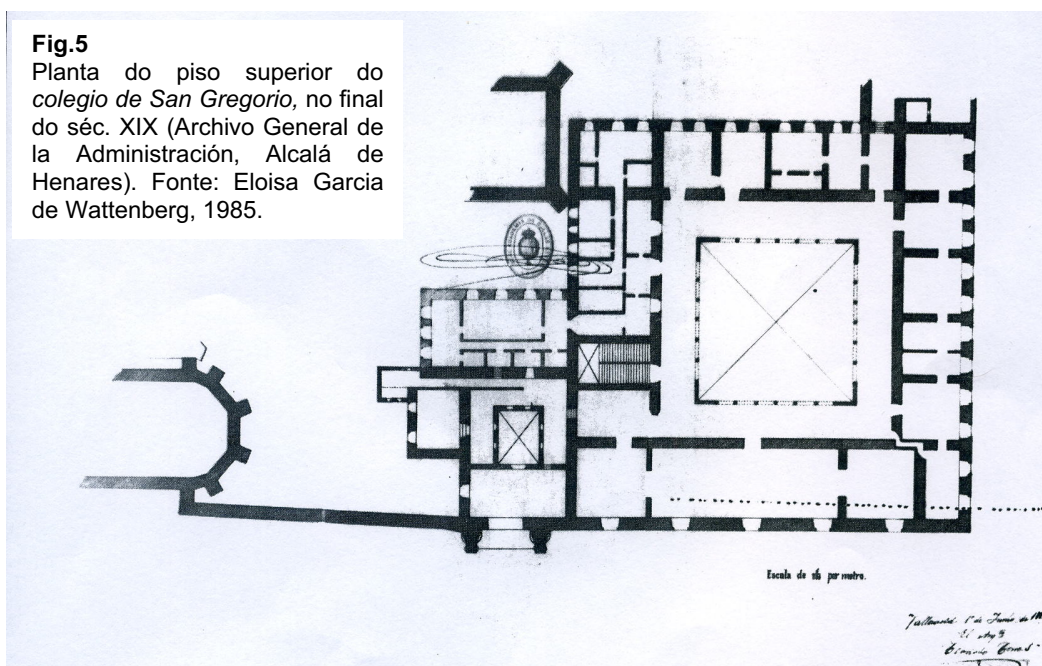
Fig.4: Planta do piso térreo do *colegio de San Gregorio* de Valladolid
(fonte: E. García Chico, reproduzida em F. Pereda, 2000)

³¹ *Ibidem*, p.51.

³² *Ibidem*, p.49.

e de dois nos restantes lados, sobrepostos por janelas de moldura clássica), tinha-se acesso às salas de aula, em particular dois gerais de teologia e artes, à direita de quem entra, dispostos em sequência e ao longo da linha de fachada do colégio.³³ Também do lado direito de quem entra, mas mais para o interior do colégio, situava-se o vestíbulo que dava acesso ao mencionado pátio maior que organizava as dependências comunitárias (veja-se novamente a **fig.4**). Deste vestíbulo também se acedia directamente a uma provável “sala de graus”, possivelmente de pé-direito duplo:

*“Patio y sobrepatio encierran la mejor habitación del Colegio; tiene el patio una sala para ejercicios literarios domésticos, como dicen, «de a puerta cerrada», [para] conclusiones y conferencias, su largo cincuenta y siete pies, ancho treinta. Su altura es proporcionada; cúbrenla cuarenta y ocho vigas gruesas, bañadas en oro, estofadas de lises, de leones y otras labores; entre viga y viga corren artesones tarjas y tarjetas de azul y oro”.*³⁴



³³ “Encuentra luego esta puerta [a porta do colégio] con el patio primero, fabricado para los estudios, bastante capaz. Tiene en dos paños dos Generales o Aulas muy hermosas, adornada la techumbre de mucha pintura y oro, en [las] que se leen la Sagrada Teología y Artes; repartidos los Maestros y Lectores en diferentes horas; de suerte, que casi las más del día ocupan[en] ejercicios literarios”. Gonzalo de ARRIAGA, *Historia del Colegio de San Gregorio...* (c.1647), 1928, p.86.

³⁴ *Ibidem*, p.96. As medidas citadas correspondem a 15,8 por 8,3 metros.

Importa talvez esclarecer que pouco resta das divisões que temos vindo a identificar pois o edifício foi bastante transformado após a sua desafecção, no século XIX, sendo hoje ocupado por salas e dependências do Museu Nacional de Escultura. Para o lado esquerdo do pátio de entrada (ou “dos estudos”), e segundo a descrição de Arriaga, havia ainda uma outra “*sala larga de noventa y seis pies*”,³⁵ hoje totalmente desaparecida. Era ladeada por um corredor (provavelmente tangente à fachada) que permitia o acesso à capela do colégio – acesso que coexistia com a referida passagem desde o cruzeiro da igreja de *San Pablo*.

O pátio maior, sensivelmente quadrado, “*amplio y hermoso*”,³⁶ de cariz ainda gótico, compunha-se de seis arcos abatidos a cada lado, apoiados em esguias colunas torsas (**fig.7**). Na galeria alta, ricamente decorada, de pé direito inferior ao da galeria térrea, agrupavam-se as aberturas duas a duas. Por razões estruturais, foi completamente reedificado em 1885-87.³⁷ Em seu redor desenvolviam-se algumas dependências comunitárias, sendo que algumas das salas que referimos anteriormente, com acesso principal pelo pátio dos estudos, se prolongavam pelos seus lanços. É provável que o refeitório estivesse numa das alas sobranceiras do piso térreo, a noroeste ou a nordeste. No piso superior estariam os quartos mas nada se pode adiantar, até agora, sobre os compartimentos dos colegiais.

No piso superior, na ala sudeste deste pátio e sobre a fachada, desenvolvia-se a biblioteca colegial, ladeada por duas antecâmaras, a cada topo daquele espaço. Repetia-se no colégio de *San Gregorio*, a disposição da biblioteca sobre o primeiro andar da fachada que constatamos para os colégios de *San Bartolomé* de Salamanca e para o vizinho de Santa Cruz, só que desta feita à direita do acesso principal do imóvel (conquanto nos dois exemplos anteriores,

³⁵ *Ibidem*, p.87. A sala teria cerca de 26,7 metros de comprimento (um pé castelhano equivale a 27,8 cms). Deve referir-se que algumas medidas dadas pela transcrição do texto de Arriaga devem ser vistas com alguma relatividade. Veja-se por exemplo o caso do pátio grande que supostamente teria 48 pés (13, 3 metros) por cada lado (p.94) quando a medida correcta é de cerca de 18 metros. Por outra parte, outras medidas dadas, como as do espaço interno da capela (p.87), parecem ajustar-se à realidade.

³⁶ Juan AGAPITO y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio”..., 1911-1912, p.274.

³⁷ Obra que esteve a cargo do Arquitecto Teodósio de Torres. **Eloisa GARCÍA de WATTENBERG**, *Las obras de restauración y adaptación llevadas a cabo en el Colegio de San Gregorio, de Valladolid, hasta la instalación del Museo Nacional de Escultura en el edificio*, Valladolid, Real Academia de Bellas Artes de la Purísima Concepción, 1985, p.17-41.

se situava sobre a esquerda da entrada colegial). Verifica-se, porém, a diferença evidente na disposição planimétrica peculiar do colégio dominicano, que como vimos, não reproduz a fórmula do colégio disposto em torno de um único e amplo pátio central, com acesso a eixo do mesmo.

Na ala sudoeste do pátio grande, junto à sala dos “exercícios literários”, provável sala de actos, desenvolve-se a bela escadaria (**fig.8**) que Wethey considera precursora das escadarias renascentistas espanholas do século XVI, embora caracterize a disposição em dois lanços (de ida e volta) como medieval.³⁸



Fig.6
Colegio de San Gregorio.
Pátio menor ou “de estúdios”
(fonte: M^{el}. Maria Hoyos,
1928).

Fig.7
Colegio de San Gregorio.
Pátio maior (fonte: M^{el}. Maria
Hoyos, 1928).



³⁸ “Un precursor de la escalera renacentista de tres tramos en un hueco abierto es el ejemplo en el patio de San Gregorio, de Valladolid. En éste edificio de los últimos tiempos del gótico (hacá 1488-1496) toda la escalera está dentro de un espacio rectangular cubierto con sola bóveda mudéjar de madera. Los escalones suben en dos tramos paralelos con un descansillo solamente en la mitad, donde se tuerce la dirección. En los edificios españoles del siglo XVI reaparece algunas veces esta misma disposición medieval...” H.E. WETHEY, “Escaleras del Primer Renacimiento Español”, *Archivo Español de Arte*, Madrid, 1964, tomo 37, p.295-305 (p.295-296).



Fig.8
Colegio de San Gregorio.
 Escada pré-renascentista
 (fonte: M^{el}. Maria Hoyos,
 1928).

No seu interior convivem as paredes de almofadado italianizante, ostentando vários escudos com a divisa do fundador, com lambris de desenho gótico (decorados por linhas diagonais cruzadas) próximo do dos anteparos da galeria alta do pátio.³⁹ Os anteparos intermédios da escadaria, originalmente em madeira, haviam sido substituídos por outros de pedra na década de 1860.⁴⁰

d) Conclusão

Sobre o colégio de *San Gregorio* de Valladolid, e para as conclusões do presente trabalho, pudemos registar o facto de estarmos, efectivamente, em presença do primeiro colégio adstrito a uma ordem religiosa a surgir na Península Ibérica.

O colégio de *San Gregorio*, contudo, nasceu de uma solicitação exterior ao convento dominicano local, por iniciativa individual de um dominicano influente – *fray* Alonso de Burgos – que soube criar as condições necessárias para a adopção (célere) do colégio por parte da ordem. Pode dizer-se, contudo, que a predisposição dos pregadores para a criação destes institutos estava latente,

³⁹ Como notou Juan AGAPITO y REVILLA, “El Colegio de San Gregorio”..., 1911-1912, p.274.

⁴⁰ “Simultáneamente a los trabajos de la Capilla se plantearon los de reparación del artesonado de la escalera principal y de su barandilla que, siendo de madera, presentaba «un aspecto desagradable» (...): había de hacerse en piedra, con dibujo como el del zócalo general de la caja”. Eloísa GARCÍA de WATTENBERG, *Las obras de restauración y adaptación...*, 1985, p.14.

como mostra a subsequente instituição de uma série de “colégios” dominicanos nos primeiros anos de Quinhentos – ainda que em moldes que não repetiam o sucedido em Valladolid. Como vimos, o colégio de *San Gregorio* dispôs de um edifício próprio e autónomo, apesar de encostado à igreja e ao convento de *San Pablo*.

Finalmente, realçámos o carácter sobretudo civil do imóvel (ainda que dotado de capela interna) e que se apresentava à cidade por meio de uma empena-portal sobrelevada e ricamente decorada, antecedente directo de uma outra peça notável da arquitectura civil castelhana: – a majestosa e monumental fachada avançada das renovadas *Escuelas Mayores* de Salamanca.⁴¹

⁴¹ Renovação das décadas de 1510-1520, de que falaremos já de seguida, no capítulo 2.9.

2.9. As Escuelas Mayores de Salamanca (II)

A nova biblioteca e a “portada rica” de poente.

Acompanhámos anteriormente, no capítulo 2.5, a conformação das *Escuelas Mayores*, edifício-sede da universidade de salmantina, ao longo do século XV. Referimos uma primeira intervenção integradora do conjunto das antigas escolas de cânones num único imóvel, tendencialmente disposto em torno de uma “claustra”, que teve lugar entre 1415 e 1433. Mencionámos ainda a reforma conduzida pelo mestre-escola Alfonso de Madrigal *El tostado* (1446-1456) que logrou isolar as escolas relativamente ao casario envolvente. Finalmente, acompanhámos as importantes campanhas da década de 1470 que, a nosso ver, conduziram à conclusão do quadrângulo escolar com a erecção de uma nova capela e biblioteca sobreposta, a meio da ala sul.

A partir das descrições coevas de Jeronimus Münzer (1494) e, sobretudo, de Lúcio Marineo Sículo (1496) pudemos propor uma reconstituição hipotética do imóvel que chegou à viragem do século (capítulo 2.5., fig.8). Registámos, na altura, e de acordo com a interessantíssima análise de Felipe Pereda,¹ a tentativa do humanista siciliano de fazer corresponder a descrição da sede da academia salmantina com a casa romana vitruviana. De acordo com o mesmo autor, deveremos continuar a ter presente este paralelismo com o tratado vitruviano (como veremos) para melhor entender a nova reforma de inícios do século XVI que pretendemos, de seguida, estudar.

Cabe, desde logo, explicar porque decidimos separar, em capítulo próprio esta transformação do início de Quinhentos. A razão principal foi a de que desta nova campanha resultou a criação de um novo modelo de edifício universitário, baseado no anterior, é certo, mas que introduzia dois novos elementos estruturais de grande impacto. Uma nova biblioteca (a terceira) construída sobre a totalidade da ala poente, e ainda, uma nova e monumental fachada do imóvel, sobre este mesmo lanço que, julgamos, invertia em 180 graus a anterior lógica de orientação das escolas.

¹ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000, p.160-162.

Assim, no curto intervalo de tempo que separou a campanha da década de 1470 da intervenção quinhentista, tivemos oportunidade de tratar de dois edifícios, entretanto surgidos, fundamentais para o entendimento de nova reforma das escolas salmantinas. Pudemos, pois, confirmar que a biblioteca do *colegio Mayor de Santa Cruz* de Valladolid não ocupava, originalmente, todo o primeiro andar da fachada – sendo que a extensão da biblioteca primitiva foi uma obra de meados de Setecentos (capítulo 2.7). Pudemos também acompanhar a construção do portal monumental do colégio de San Gregório de Valladolid (capítulo 2.8), modelo evidente para a obra da “*portada rica*”, o actual portal monumental da universidade de Salamanca.

a) Uma ampliada capela das escolas

A nova reforma das *Escuelas Mayores*, que agora pretendemos analisar, terá começado no verão de 1503 com a encomenda de um novo retábulo para a capela, a Juan de Flandres e Felipe Bigarny.² Em reunião do claustro universitário de 20 de Junho de 1504 decidiu-se derrubar parte do tecto da capela e chão da livraria, de forma a se poder colocar o referido retábulo ao fundo daquele espaço.³ E ano e meio depois, a 28 de Janeiro de 1506, decidia-se pela demolição total do pavimento (de madeira?) da biblioteca, “*para que todo sea capilla desde el suelo hasta arriba, e que la libreria se haga en otro lugar*”.⁴ Assim, e como notou Felipe Pereda, “*el techo con las constelaciones que admiró Münzer, pasó de estar en la librería a convertirse en la bóveda de la capilla misma*”.⁵

Também por volta de 1503⁶ se havia encomendado um novo e curioso relógio, que seria colocado no ano seguinte, aparentemente no exterior do volume composto ainda pela capela e biblioteca, dando sobre o pátio.⁷

² Sobre este retábulo veja-se *ibidem*, p.57.

³ *Ibidem*, p.65.

⁴ *Ibidem*, p.66, citando o documento original (AUSa. 4, fol. 173)

⁵ *Ibidem*, p.66.

⁶ **José Ramón NIETO GONZÁLEZ**, “*Escuelas Mayores, Menores y Hospital del Estudio, siglos XIII-XX*”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Estructuras y Flujos* – Vol. II, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, p.375-455 (p.411).

⁷ “*En estas Escuelas hay un redox que es cosa notable, cuya campana es muy grande y encima della un negro que da las horas. Están también dos carneros que dan las medias*

Paralelamente à realização do retábulo, que estaria concluído em finais de 1507,⁸ avançou-se, a partir de Setembro de 1504, com a construção de uma nova sacristia, em edifício anexo à capela. Com efeito, a 18 desse mês assinou-se contrato entre a universidade e um mestre “Michel” (provavelmente Miguel de Algoibar, ao qual se juntaria Juan de Álava, em Dezembro) para que se realizasse o projecto de acordo com a traça do arquitecto Pedro de Larrea.⁹ Esta sacristia, que é a actual, estaria terminada passado um ano, dotada de uma abóbada de pedra em que todas as nervuras são rectilíneas, *“lo cual nos habla de un cierto primitivismo”*.¹⁰

A desmontagem da recém-instituída biblioteca não pode deixar de nos causar alguma surpresa, pois havia sido levantada na década de 1470,¹¹ como vimos, correspondendo a um anseio e a uma necessidade real da universidade. Pode perceber-se, no entanto, que o motivo condutor desta nova reforma era o da conformação de uma capela do estudo mais majestosa. Como nos explica Pereda, *“la capilla era uno de los corazones de la vida universitaria (...)”, “un ámbito religioso pero también civil”*, onde para além do serviço eucarístico, se celebrava a festa do início do ano, se reunia frequentemente o claustro universitário, e onde vieram mais tarde a ter lugar as cerimónias de atribuição dos graus e também certas representações teatrais.¹² Lembremos, a este propósito, que os graus académicos continuavam a ser atribuídos, por estes tempos, na capela de Santa Bárbara do claustro da catedral. É possível, julgamos nós, que a decisão de aumentar a capela e de edificar uma sacristia

horas, arremetiendo cada uno de su parte y topando en la campana, de manera que cuando el uno se arremete el otro se aparta y al contrario. Encima del mostrador del redox está una ymagen de Nuestra Señora y debaxo de la ymagen de los tres Reyes Magos y dos ángeles, los quales todos se humillan a Nuestra Señora dando las nueve horas de la mañana. Assí mesmo está la luna, que por sus puntos haze su movimiento, creciendo o menguando, donde se vee conforme cada día parece en el cielo”. Pedro de MEDINA, *Libro de grandezas y cosas memorables de España*, Sevilla, 1549, citado por

⁸ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.60.

⁹ Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea y Juan de Álava en la Universidad de Salamanca. Las obras de la sacristía y la biblioteca”, *Boletín del Museo e Instituto «Camón Aznar»*, Zaragoza, num. LXXI, 1998, p.65-112 (p.65-66).

¹⁰ *Ibidem*, p.67.

¹¹ Como referimos no capítulo 2.5., é pouco crível (na opinião de uma série de autores e também na nossa) a hipótese aventada de que se terá colocado a capela por debaixo da biblioteca no intervalo entre 1494 e 1496, baseada apenas na ausência de referência à capela na descrição de Münzer e à sua caracterização subsequente, no relato de Lúcio Marineo.

¹² Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.55.

tivesse a ver, precisamente, com um primeiro projecto de construção de uma nova sé catedral. De acordo com a planta das diferentes propostas de implantação (que se foram equacionando até 1512), avançada por Chueca Goitia, esse primeiro projecto pressupunha a demolição da antiga catedral românica, bem como do claustro e da mencionada capela de Santa Bárbara (**fig.1**).¹³ Em 1497, e segundo estudo de Ana Castro Santamaría,¹⁴ já se preparava pedra para a nova sé, tendo-se mesmo derrubado algumas casas. Contudo, este projecto, conduzido pelo cabido, ganharia a oposição do novo bispo, Juan de Castilla, pois avançava para cima das casas do paço episcopal.¹⁵ Deste modo, interrompeu-se a obra, em 1503, com vista a repensar-se o projecto. Independentemente desta paragem nos trabalhos, afigura-se como bastante provável que o previsível desaparecimento, a breve trecho, do espaço onde tinham lugar alguns importantes actos académicos fosse, assim, a razão principal pela qual se havia decidido aumentar o pé-direito da capela de *San Jeronimo*, às custas da deslocação da biblioteca para sítio a definir. Tenhamos também presente que a universidade, por esta época, contava já com cerca de 2700 membros, entre mestres, funcionários e alunos,¹⁶ pelo que é natural que algumas cerimónias fossem muito concorridas de público. Só com a análise mais detalhada da documentação se poderá estabelecer seguramente esta relação de causa-efeito mas a hipótese fica aqui, e desde já, formulada.

¹³ A figura reporta-se às propostas de implantação discutidas na reunião entre nove mestres-de-obras e elementos do cabido e da universidade, tida a 26 de Agosto de 1512. Uma das propostas recusadas era a que afectava o paço episcopal, e que havia sido posta em causa em 1503, com a interrupção do primeiro arranque das obras. **Fernando CHUECA GOITIA, *La Catedral Nueva de Salamanca. Historia documental de su construcción***, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1951, p.31.

¹⁴ **Ana CASTRO SANTAMARÍA, “La «prehistoria» de la catedral nueva de Salamanca”,** in José Antonio Bonilla y José Barrientos (Coord.), *Estudios históricos salmantinos – homenaje al P. Benigno Hernández Montes*, Salamanca, Universidad / Caja Duero / Ayuntamiento / Diputación Provincial, 1999, p.113-127.

¹⁵ *Ibidem*, p.116.

¹⁶ “*El censo de 1504 arroja unas cifras de 18.489 personas [em Salamanca] de las cuales 2.694 eran «doctores e maestros o oficiales e estudiantes e personas del dicho estudio»*, *Ibidem*, p.114, citando Clara Isabel LÓPEZ BENITO, *Bandos nobliarios en Salamanca*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1983, p.43.

b) O projecto definitivo para a “Catedral Nueva” de Salamanca

Vejamos, por outro lado, como se pretendeu resolver o problema do desaparecimento efectivo da biblioteca. A acta da já mencionada reunião do claustro de Janeiro de 1506 estipula, de facto, “...que la librería se haga en otro lugar”.¹⁷ Só dois anos depois, em 1508, se pediram opiniões a alguns mestres pedreiros sobre o modo e lugar de construção de uma nova biblioteca universitária. Juan de Ruesga propôs, em Novembro desse ano, duas alternativas. A primeira seria a de construir a biblioteca sobre os gerais de filosofia ou de medicina. A outra, era de a levantar no piso térreo, no lugar do geral de leis.¹⁸ Todos estes gerais se situavam na ala poente das escolas, sendo que o de medicina era o situado mais a norte e o de leis, o mais a sul (com o de filosofia pelo meio, junto da entrada poente das escolas) segundo ordenamento proposto por Pereda.¹⁹ O claustro universitário, após várias reuniões, ter-se-á mostrado mais inclinado para a segunda hipótese.²⁰ Porém, a 21 de Março do ano seguinte (1509), e um tanto surpreendentemente, a universidade decidia fazer a nova biblioteca na ala poente, “sobre los generales de leyes e philosophia e sobre la entrada y sobre el general de medicina, de tal manera que llegue de una pared a otra”.²¹ Decidia-se, pois, colocar a nova valência sobre todo o primeiro andar da ala poente das escolas, situação que seria a definitiva. Como nos diz Ana Castro, “se determininó que la bóveda fuera de ladrillo, la pared de mampuesto y las ventanas, puertas, arcos y escalera de sillería. Se nombra veedor al doctor Carrera”.²² E no dia seguinte, 22 de Março, começava-se a obra.

Para melhor entender estes desenvolvimentos importa retornar à questão da nova catedral em projecto. Aparentemente, em Julho de 1508, havia já uma nova implantação definida, desta feita a norte da antiga catedral românica.²³

¹⁷ Vide *supra*, p.502 e nota 4.

¹⁸ Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea..”, 1998, p.69.

¹⁹ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.67.

²⁰ “Entro los miembros del claustro hubo división de pareceres y se reunieron varias veces para dirimir sobre este asunto, resultando que la mayoría optaba por situarla abajo”. Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea..”, 1998, p.69-70.

²¹ *Ibidem*, p.70, citando o documento original (AUSa. 5, fol. 191).

²² *Ibidem*, p.70.

²³ Ana CASTRO SANTAMARÍA, “La «prehistoria» de la catedral nueva...”, 1999, p.116-117, citando o documento original (AUSa 5, fol. 246).

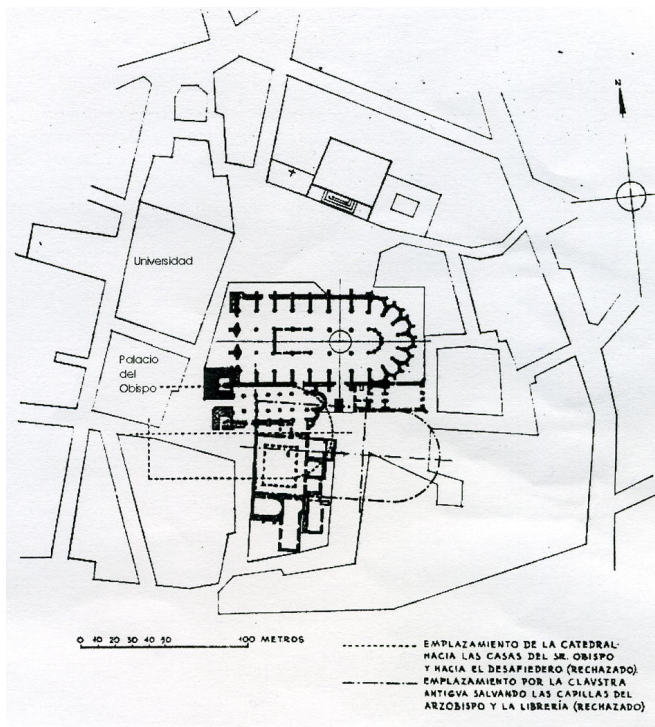


Fig.1
Implantação definitiva da *Catedral Nueva* de Salamanca e implantações alternativas propostas, segundo Fernando Chueca Goitia.

Fig. 2 (página seguinte)
Fotografia panorâmica do século XIX, (Archivo Oronoz), mostrando a catedral nova e as *Escuelas Mayores* anteriores à intervenção de José Secall.

Como é fácil observar, esta nova disposição (aproximadamente a actual) que salvaguardava o paço episcopal vinha, em sentido contrário, prejudicar o edifício-sede da universidade (veja-se novamente a **fig.1**). A universidade apercebeu-se, em boa medida, das consequências deste novo projecto e procurou enfrentar o problema.

A primeira reacção terá sido precisamente, e a nosso ver, a determinação que acabamos de mencionar (de 21 de Março de 1509) de se edificar a nova biblioteca na frente oposta à da catedral, sobre a totalidade dessa mesma frente.²⁴ Com isto, julgamos nós, pretendiam-se atingir dois objectivos principais que vieram, de facto, a concretizar-se: - aumentar a escala do edifício das *Escuelas Mayores*, cuja dignidade arquitectónica estaria em causa face à dimensão prevista para a nova e monumental sé catedral (**fig.2**); - e reorientar todo o complexo escolar no sentido do poente, para a *Rua Nueva / Calle Liberos*, pois a antiga fachada principal ficava seriamente ameaçada pela proximidade da catedral em projecto.

²⁴ Nieves Rupérez refere-se já a esta provável relação de causa-efeito, entre a prevista construção da nova catedral e a programação da nova biblioteca para a ala poente das *Escuelas Mayores*. Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, "La Universidad de Salamanca en la Ciudad: aspectos urbanísticos (siglos XV-XVIII)", *Miscelánea Alfonso IX* (2002), Salamanca, 2003, p.115- 150 (p.122).



Ainda assim, em reunião do claustro universitário de 17 de Novembro de 1509, refere-se claramente que “...si se hesiese fazia donde está comenzado [a nova sé] se echarían a perder las escuelas”,²⁵ pelo que se nomeava uma comissão para convencer o cabido a alterar o projecto. Apenas no verão de 1512, e após uma famosa reunião que juntou nove mestres-de-obras e arquitectos, pôde a universidade ficar um pouco mais descansada, conseguindo que a implantação da *catedral nueva* (cuja construção arrancaria no ano seguinte²⁶) se afastasse um pouco mais para nascente, de 10 para 22 pés de distância.²⁷

c) A obra da nova biblioteca da ala poente

Vejamos, então, o desenrolar da obra da ala poente das escolas. Como nos informa Ana Castro Santamaría, que estudou em maior detalhe esta campanha, “la edificación de la biblioteca en el piso alto del ala oeste implicó una remodelación también del piso bajo. Así en 1510 hubieron de derrocar a

²⁵ *Ibidem*, p.117.

²⁶ *Ibidem*, p.113.

²⁷ *Ibidem*, p.124-125.

algunos generales o aulas".²⁸ Antes, em Abril, a universidade informara Juan de Castro, vedor da obra da reconstrução do lanço poente das escolas, de que os arcos da entrada de poente (os que hoje existem) deveriam ser "*de piedra e de bóveda*".²⁹ E em Julho decidiu-se colocar os escudos reais, os dos mestres Guillen e *El tostado* e o do bispo D. Sancho, "*en el arco nuevo de la librería*",³⁰ ou seja no novo arco da entrada poente. Na mesma ocasião, deliberou-se colocar na porta da fachada este, os escudos dos pontífices que haviam apoiado a universidade,³¹ em clara correspondência com o pendor eclesiástico do espaço urbano que se reformulava a nascente.

Ao iniciar-se o ano lectivo de 1511-1512, estaria parcialmente terminada a planta térrea da ala poente,³² agora mais larga do que a que existia anteriormente. A nova entrada das escolas, um "*zaguán*" composto por duas abóbadas em sequência, estaria também pronto. As restantes salas cobriam-se por estruturas de madeira que serviriam de pavimento à nova biblioteca. Os contrafortes desta começavam a tomar forma pelo lado de fora.³³ E em 1512 começava-se, aparentemente, a obra da nova escadaria que ligaria ao piso superior,³⁴ sendo que no final do ano a obra da biblioteca propriamente dita estaria já adiantada.³⁵

É a partir desta fase que surgem várias lacunas na documentação que têm dificultado o entendimento do progresso das obras, pois perderam-se os livros dos claustros realizados entre 1512 e 1526.³⁶ Mas terá sido nos anos seguintes a 1512 (como sugere, entre outros, Felipe Pereda³⁷) que se terão concluído a nova biblioteca, a escada ampla e ainda a nova galeria do primeiro

²⁸ "...es menester para que la obra de la Liberia an de derrocar los generales de Medicina e del doctor Benavente", Ana CASTRO SANTAMARÍA, "Pedro de Larrea...", 1998, p.72 citando o documento original (AUSa, 5, fol. 274 rvº, 10 de Maio de 1510).

²⁹ *Ibidem*, p.72 e nota 38 (AUSa, 5, fol.278, 9 de Abril de 1510).

³⁰ *Ibidem*, p.72 e nota 39. Mestre Guillén foi mestre-escola em 1442-1446 antes, pois, de *El tostado* (1446-1454).

³¹ *Ibidem*, p.72.

³² Segundo o cronista Pedro de Torres: "*Anno Domini 1511. Antes de San Lucas leyeron y estaban hechos todos los generales que están entre el general de teología y la puerta de occidente*". *Ibidem*, p.73.

³³ *Ibidem*, p.76.

³⁴ *Ibidem*, p.78. Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.69-71.

³⁵ *Ibidem*, p.67.

³⁶ Ana CASTRO SANTAMARÍA, "Pedro de Larrea...", 1998, p.73. Alguma informação, contudo, foi possível retirar da análise dos livros de contas da universidade. *Ibidem*, p.73-75.

³⁷ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.67-68.

andar poente do pátio – a “*galeria de los enigmas*” – que se articulava, assim, com a galeria pré-existente sobre a ala sul (veja-se novamente o capítulo 2.5, fig. 8). A biblioteca, sobrelevada em relação às galerias do pátio, tinha acesso central pelo portal que hoje subsiste, dotado de degraus, que vencem, na espessura da parede, o desnível de cerca de um metro.

A biblioteca quinhentista não corresponde à actual, pois abateu em 1664, tendo sido substituída pela que hoje existe, traçada provavelmente por Andrés García de Quiñones, e levantada a partir de 1749.³⁸ A verdade é que ameaçava ruína, logo em 1527, pelo que se sabe que ocupava o mesmo espaço da biblioteca moderna a partir dos relatórios dos vários técnicos que se pronunciaram, na altura, sobre o problema. Tratava-se de um longo salão coberto por uma abóbada de meio-canhão em tijolo, com 160 pés de comprimento por 44 de largura, sendo que a parede do lado do pátio contava 7 pés de espessura,³⁹ medidas que são, grosso modo, as actuais (43 por 12 metros, em planta). Segundo os mesmos documentos a altura seria de cerca 100 pés (cerca de 28 metros) medida claramente exagerada, considerando que a actual tem cerca de 14 metros de pé-direito (ainda que seja mais baixa por dentro que por fora – veja-se a **fig.10**). Era iluminada pelas quatro janelas altas de poente e por dois grandes óculos, sobre a galeria do pátio, a poente, entretanto tapados e substituídos por uma pequena janela central.⁴⁰ Deste modo, sabemos que a biblioteca quinhentista ocupava todo lanço do piso superior da nova fachada poente das *Escuelas Mayores*, o que constitui uma inovação tipológica para a arquitectura universitária castelhana, como julgamos ter demonstrado, após a análise realizada ao *colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid* (capítulo 2.7). A nova escada, de três lanços, inseriu-se em compartimento quadrado, alto e abobadado, construído entre a capela e o novo volume da biblioteca, junto do ângulo sudoeste das escolas. Seguiu, segundo Pereda, o modelo do claustro

³⁸ José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.429-430. Este autor propõe Andrés García de Quiñones como autor do projecto, normalmente atribuído a Manuel de Larra Churriguera.

³⁹ Relatórios de *fray* Eugenio e Juan Gil *el Mozo* (AUSa, 8, fº 47vº e 50), citado por Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea...”, 1998, p.75.

⁴⁰ *Ibidem*, p.69.

de San Juan de los Reyes, em Toledo, traçada por Enrique Egas, em 1504.⁴¹ Nas *Escuelas Mayores* a escada ganhava definitivamente um papel tipológico de primeira ordem na arquitectura universitária castelhana, na senda da escadaria do já aqui tratado *colegio de San Gregorio* de Valladolid e, provavelmente, de uma primitiva escada, já desaparecida, do *colegio Mayor de Santa Cruz* da mesma cidade. Já a “*galeria de los enigmas*” constituiu-se por meio de sete arcos contracurvados (**fig.8**), recurso arquitectónico frequente na obra de Juan de Álava (que se supõe tenha dirigido os trabalhos), embora quase sempre empregue em galerias do piso inferior.⁴² Entre os arcos, foram colocados anteparos (em pedra, tal como as arcadas) que do lado de fora ostentam imagens retiradas do incunábulo de Franceso Colonna, *Hypnerotomachia Poliphili* (Veneza, 1499).

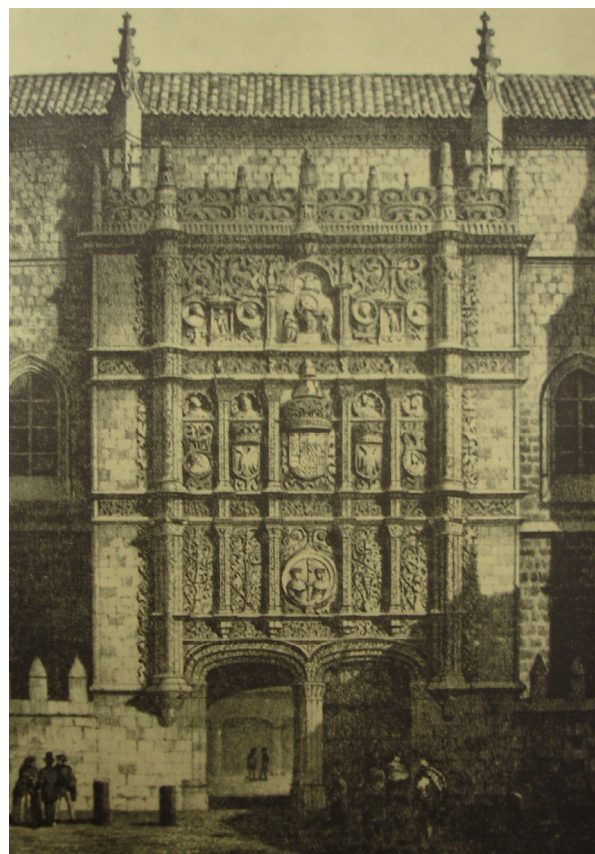
d) A monumental “portada rica”, nova fachada da universidade

Dito o essencial sobre a obra da nova biblioteca, prestemos agora atenção a uma obra que decorreria nos últimos anos do intervalo de tempo (1512-1526) em que desapareceram os livros de claustros. Falamos do monumental portal da universidade, imagem de referência do edifício das *Escuelas Mayores* que chegou até hoje, e que terá sido realizado no final daqueles anos (**fig.3**). Podemos descrevê-lo como uma espécie de ecrã arquitectónico encostado ao volume da nova biblioteca e sobreposto à nova entrada poente, sobre o qual se desenvolveria uma complexa composição escultórica plateresca. De facto, e de acordo com a análise realizada por Felipe Pereda aos livros de contas da universidade, terá sido entre 1519 e 1520 que os “*entalladores*” começaram a

⁴¹ “La escalera del rincón nordeste del claustro de San Juan de los reyes, en Toledo, también está colocada dentro de un espacio cuadrangular cerrado, de modo que no es visible desde fuera”. Harold E. WETHEY, “Escaleras del primer renacimiento español”, *Archivo Español de Arte*, Madrid, XXXVII, 1958, p.295-305 (p.296-297), citado por Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.71. “A nuestro juicio tampoco está demostrado que no sea éste el primer ejemplo de esta tipología construido en Salamanca, ya que las fechas de la escalera de la Casas de las Conchas distan mucho de estar completamente claras”. *Ibidem*, p.71.

⁴² Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea...”, 1998, p.80.

Fig.3
A “portada rica” da
universidade de Salamanca.
Gravura de Francisco
Parcerisa, 1865.



trabalhar na decoração da nova fachada-portal das escolas.⁴³ Esta estaria acabada ou praticamente concluída em 1528, pois o arquitecto Juan de Álava refere-se, em Maio desse ano, à pequena capela “*que está sobre la portada rica de las escuelas...*”.⁴⁴

Segundo Felipe Pereda, a nova fachada rica, relacionava-se directamente com duas obras anteriores. Com o retábulo maior da catedral de Palência (realizado em 1505 por Bigarny), do ponto de vista da sua semelhança com um retábulo suspenso em altura. E, no âmbito específico da arquitectura universitária, com a fachada do recente e já analisado *colegio de San Gregorio* de Valladolid, apostado também à parede da biblioteca do primeiro andar, de onde terá tomado “*la concentración decorativa entre los dos robustos contrafuertes apilastrados que la enmarcan*”.⁴⁵

⁴³ “Lo que sí puede desprenderse de los Libros de Cuentas es que entre octubre de 1519 y octubre de 1520 los entalladores habían empezado a trabajar en la fachada”. Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.74.

⁴⁴ Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea...”, 1998, p.74, nota 48 (citando documento do AUSA, 9, fol.56, de 15 de Maio de 1528).

⁴⁵ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.177-178.

O debate sobre o verdadeiro significado da mensagem gravada neste portal tem sido vivo, com várias interpretações, nem sempre coincidentes.⁴⁶ A mais consensual parece ser a de um programa iconográfico montado em torno da exaltação do novo Imperador Carlos V, cujo escudo imperial é peça central da composição. Menos segura é a identificação do casal de monarcas do medalhão central do portal (por baixo do escudo imperial), que tanto podem ser o casal imperial (Carlos V e Isabel de Portugal) ou os pais de Carlos V (Filipe o Formoso e Juana a Louca, que foi protectora do estudo), ou ainda (com menos probabilidade) os Reis Católicos.

Ana Castro Santamaría observou que a construção da nova biblioteca, ao afectar toda a ala oeste das escolas, “*determinaría la colocación de una gran portada*”.⁴⁷ Felipe Pereda afirma, no mesmo sentido, que “*no cabe duda que ambas operaciones estaban efectivamente conectadas*”,⁴⁸ ideia com a qual estamos, naturalmente, de acordo. Não obstante, convém talvez aclarar que quando se começou a reformular a ala poente das escolas, e a levantar a nova biblioteca, ainda não se pensava na construção da “*portada rica*”. A proposta (de 1510) de colocação dos escudos dos Reis e dos mestres Guillen e *El Tostado* no arco de entrada, que depois ficou tapado pelo átrio definido pelo novo portal, parece dar fundamento a esta noção. Ainda assim, o projecto da portada monumental deve ter avançado pouco depois.

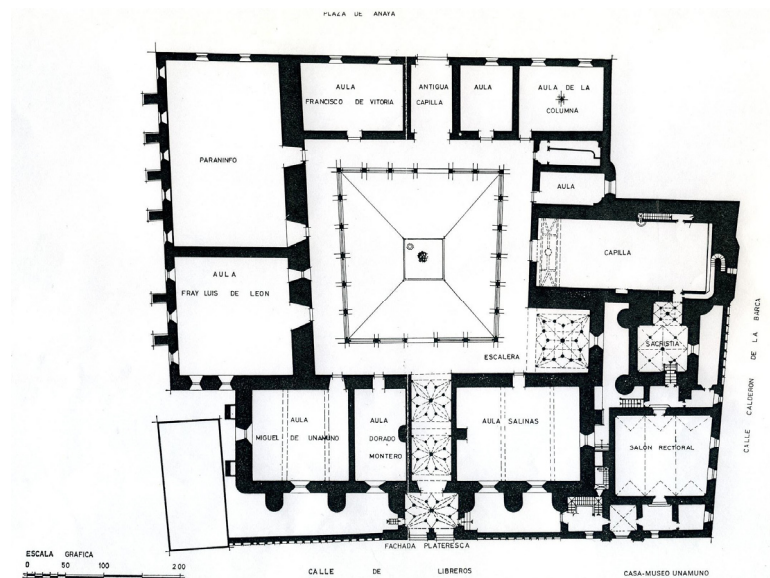
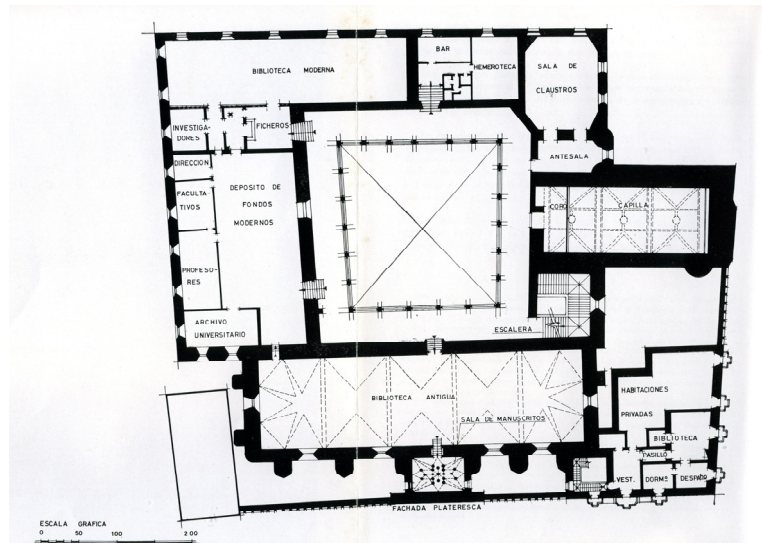
A propósito do projecto da fachada rica cabe ainda referir um interessante paralelismo, proposto por Felipe Pereda, entre a planta das *Escuelas Mayores* resultante da reformulação da ala poente, que agora analisamos (**fig.5**), e uma das duas figuras da casa, ou da *Domus* romana (**fig.6**), da primeira edição ilustrada do tratado de Vitruvio publicada por Fra Giocondo em 1511, em Veneza.⁴⁹ Aquele autor notou que num exemplar da edição veneziana de Fra

⁴⁶ Para uma boa síntese desta questão, veja-se José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.382-389. Citam-se as contribuições de Sánchez Reyes, Santiago Sebastián e Luís Cortés, Juan Esteban Llorente, Paulette Gabaudan, Felipe Pereda e Cirilo Flórez (veja-se a bibliografia no final da tese).

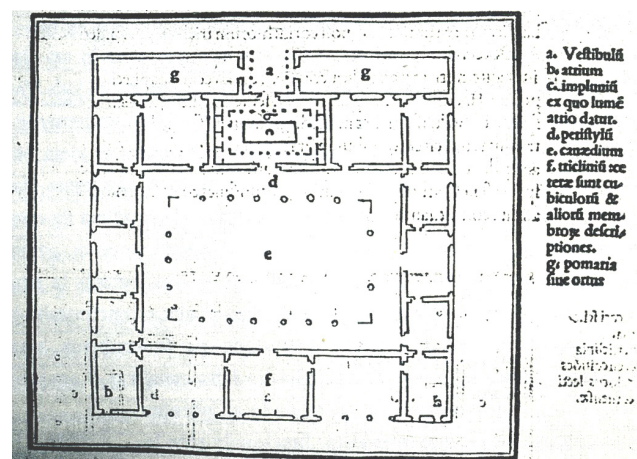
⁴⁷ Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Pedro de Larrea...”, 1998, p.82.

⁴⁸ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.75.

⁴⁹ Recordemos que Michael Kiene propusera a correspondência da planta do *collegio di Spagna* com a planta da outra figura da domus vitruviana do tratado ilustrado de Fra Giocondo, realçando em particular, a posição relativa da capela, a eixo da entrada, em posição central e transversal na ala do pátio onde se insere (veja-se capítulo 2.1, **fig.X**). Trata-se,



Figs.4-5
Plantas alta e do piso térreo
das *Escuelas Mayores* no
século XX (Ildefonso Gago)
Fig. 6
"Casa Romana",
De Architectura de Fra
Giocondo, 1511
Filipe Pereda notou que a
figura do exemplar da
Biblioteca da Universidade
de Salamanca tem anotada
a seguinte inscrição:
"Hic ignographia est inversa"
– compara-se com a fig.5



evidentemente, de uma correspondência *a posteriori*, pois o edifício trecentista precedeu a figura.

Giocondo pertencente à biblioteca da universidade salmantina, a referida figura surge acompanhada de uma anotação escrita à mão segundo a qual “*Hic ignographia [ichnographia] est inversa*”. Pereda atribui este comentário a Fernán Pérez de Oliva, “*profesor presente en cualquier trabajo sobre el renacimiento en Salamanca*”,⁵⁰ e a razão pela qual a imagem estaria invertida teria a ver com a provável correspondência da figura rodada com a planta da sede da universidade, semelhança que, de facto, se verifica (confronte-se as **figs.5 e 6**). Para além desta leitura retroactiva do edifício-sede da universidade sob um ponto de vista antiquário,⁵¹ aquele autor propõe mesmo a hipótese de a planta vitruviana ter servido de referência, a partir de determinada fase, à campanha de obras quinhentista. Em particular, relaciona o avanço do novo portal monumental face à linha da parede de biblioteca (de tal modo que a “*portada rica*” se veio a apoiar sobre a cerca do estudo), com o ensejo de reproduzir o espaço do “*vestibulum*” da casa romana vitruviana.⁵²

e) Conclusões

Face ao que temos vindo a expor sobre os vários aspectos relacionados com as intervenções na sede da universidade salmantina, de início de Quinhentos, julgamos poder defender as seguintes interpretações.

A primeira é a de que a ampliação do pé-direito da capela das escolas, e a subsequente desmontagem da biblioteca que se lhe sobrepunha (1504-1506) terá sido consequência directa, a nosso ver, do primeiro projecto de construção da nova sé catedral, conduzido pelo cabido entre 1497 e 1503, plano de acordo

⁵⁰ Felipe PEREDA, *La arquitectura elocuente...*, 2000, p.167.

⁵¹ *Ibidem*, p.173. O próprio Fernán Pérez de Oliva terá chegado a Salamanca apenas em 1524, *ibidem*, p.174.

⁵² Por cima deste novo átrio ter-se-á colocado uma capela, associada à biblioteca, mencionada por Juan de Alava no documento em que se refere à “*portada rica*” – *vide supra* nota 44. No final do século XVIII, e no local desta capela, existia apenas um espaço vazio, a descoberto, por cima da abóbada do primeiro átrio da entrada poente. Foi este espaço vazio (que a nosso ver, terá resultado do aluimento da abóbada da biblioteca de 1664) que o mestre-de-obras e arquitecto Juan de Sagarbinaga voltou a cobrir com uma abóbada neo-gótica, em 1775, para albergar a sala de manuscritos. **Eduardo AZOFRA AGUSTÍN, *El arquitecto Juan de Sagarbinaga (1710-1797)***, tese doutoral inédita, Facultad de Geografía y Historia, Salamanca, 2002. Veja-se ainda o resumo do mesmo autor **Eduardo AZOFRA AGUSTÍN, “El critério de unidad de estilo en la arquitectura española de la segunda mitad del siglo XVIII. El ejemplo de la Sala de Manuscritos de la Biblioteca en el edificio de las Escuelas Mayores de la Universidad de Salamanca”**, <http://www.euskonews.com/044zbnk/gaia44203es.html>.

com o qual se chegou a preparar a obra, incluindo a realização de algumas demolições de casas.⁵³ Este projecto, conforme deixam entender Chueca Goitia⁵⁴ e Ana Castro Santamaría,⁵⁵ deveria implicar a demolição da antiga catedral românica, do claustro, e de muitas das dependências anexas a este, nomeadamente, e provavelmente, a capela de Santa Bárbara, espaço onde tinham lugar os actos solenes da universidade, entre os quais a eleição do reitor e a atribuição dos graus académicos.⁵⁶ A perspectiva de desaparecimento deste espaço a curto prazo, terá levado, muito provavelmente, à necessidade de se ampliar a altura interna da capela do piso térreo das *Escuelas Mayores*, decisão que terá sido tomada cerca de 1503, quando se decidiu encomendar um novo e maior retábulo.⁵⁷ Julgamos que só assim se entende o sacrifício da nova biblioteca, que havia sido levantada sobre a capela, pouco mais de vinte anos antes.

A segunda ideia que queremos aqui relevar parte da premissa (que pensamos ter demonstrado no capítulo 2.5.) de que a entrada principal das *Escuelas Mayores* era ainda, quando teve início o século XVI, a entrada de nascente. Recordemos, a este propósito, o texto da deliberação do claustro universitário de 8 de Novembro de 1469 em que se menciona a “*puerta de las Escuelas*” e “*la otra puerta de la Rua Nueva*”, por esta ordem, e o próprio texto latino de Lúcio Marineo Sículo, que em 1496, refere ainda a porta de oriente antes da de ocidente. Neste sentido, a construção da biblioteca, primeiro, e da “*portada rica*”, depois, implicava, na nossa opinião, a rotação em 180° na lógica de orientação urbana das *Escuelas Mayores*. Note-se, desde logo, como a colocação dos escudos dos monarcas junto da renovada porta poente foi uma das deliberações mais relevantes do claustro universitário, em Julho de 1510.⁵⁸ Outro aspecto importante, associado à construção da nova biblioteca e da nova

⁵³ Ana CASTRO SANTAMARÍA, “La «prehistoria» de la catedral nueva...”, 1999, p.113-116.

⁵⁴ Fernando CHUECA GOITIA, *La Catedral Nueva...*, 1951, p.31.

⁵⁵ Ana CASTRO SANTAMARÍA, “La «prehistoria» de la catedral nueva...”, 1999.

⁵⁶ Ángel VACA LORENZO “Origen y formación del primitivo campus de la Universidad de Salamanca: las Escuelas Mayores”, *Salamanca – Revista de Estudios*, 1999, n.43, p.143-169, p. 145. Veja-se também, sobre esta matéria, Daniel SÁNCHEZ Y SÁNCHEZ, “Catedral y Universidad, una relación secular”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Trayectoria y Vinculaciones – Vol. I*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p.405-433 (p.414-420).

⁵⁷ Vide supra nota 2.

⁵⁸ Vide supra nota 29.

fachada poente, foi o aumento da escala do edifício e da sua monumentalidade. Julgamos que estes dois aspectos, a reorientação das *Escuelas Mayores* e o acrescento da sua visibilidade urbana, tiveram um factor original comum – precisamente o da construção da nova e imponente *Catedral Nueva* cuja construção paralela, a norte da catedral românica, se começou a prever a partir de 1508 e que avançaria, de facto, em 1513, a escassos 22 pés para nascente do ângulo sudeste das escolas. O contraste com o panorama a poente não poderia ser maior, tendo-se imposto facilmente a “*portada rica*” sobre o casario modesto da outra banda. Ainda assim, não havia nenhum espaço urbano aberto para receber a nova fachada. A sua conformação foi sendo protelada ao longo dos anos, pois apesar da construção do portal das *Escuelas Menores* a partir de 1532,⁵⁹ e da reformulação da nova fachada do hospital do estudo em 1539-1542,⁶⁰ só no início do século XVII se logrou constituir o actual *Patio de Escuelas* (fig.7).⁶¹

Conclusão importante, que resulta sobretudo das conclusões do capítulo 2.7 dedicado ao *colegio Mayor de Santa Cruz* de Valladolid, é a de que foi a biblioteca (setecentista!) do colégio vallisoletano que reproduziu a disposição da biblioteca quinhentista salmantina. Esta, ao estender-se sobre a totalidade da nova fachada da universidade, conformou um novo modelo para a arquitectura universitária castelhana.

Devemos recordar, finalmente, que foi da campanha de obras realizada entre 1510 e 1528 que resultou parte significativa do edifício que podemos hoje reconhecer. Obras posteriores foram a reconstrução dos gerais de cânones e de teologia da ala norte (entre 1569 e 1574) que implicou a compra de casas

⁵⁹ Ana CASTRO SANTAMARÍA, *Juan de Álava. Arquitecto del Renacimiento*, Salamanca, Caja Duero, 2002, p.432

⁶⁰ Teresa SANTANDER, *El Hospital del Estudio*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1993, p.31-34.

⁶¹ Sobre a conformação do *Patio de las Escuelas* seiscentista veja-se Ricardo ESPINOSA MAESO, *El patio de Escuelas. Historia de su construcción (discurso de apertura)*, 1956; Emilia MONTANER LOPEZ, “Aportaciones a la historia del urbanismo de Salamanca en el siglo XVII”, *Salamanca, revista provincial de estudios*, num.24-25, Abril-Setembro de 1987; e, sobretudo, Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad...”, 2003, p.123-137.

contíguas e o alargamento daquela ala das escolas.⁶² Em 1664 (como referimos) desabou a abóbada da biblioteca, tendo sido refeita apenas a partir de 1749.⁶³ A capela seria também reformada no século XVIII, entre 1761 e 1767, tendo-se refeito a abóbada e realizado novos retábulo e púlpito.⁶⁴ Antes, no final do século XVII (em 1699), havia-se acrescentado uma monumental “*espadana*”, ou campanário, sobre a frontaria da capela, que é a que hoje se vê.⁶⁵ Intervenção importante foi ainda a construção da sala de claustros, de planta oitavada, no ângulo sudeste do piso alto, entre 1791 e 1794.⁶⁶ Finalmente, e a partir da década de 1870, teve lugar a significativa remodelação levada a cabo pelo arquitecto José Secall que acrescentou um piso superior à alas nascente e norte, completando assim o andar alto, das galerias, do pátio. No piso baixo, conforme pensamos ter demonstrado, ter-se-ão substituído os 24 arcos abatidos originais, quatrocentistas, por novos arcos (23) de volta perfeita (fig.8).⁶⁷



Fig.7
Pátio de Escuelas
no principio do século XX
(fotografia Archivo Oronoz)

⁶² **Vicente BELTRÁN DE HEREDIA**, “La construcción de los nuevos generales de Cánones y de Teología en la Universidad de Salamanca (1569-1574)”, *El Museo*, Salamanca, num. II, 1959, p.15-31.

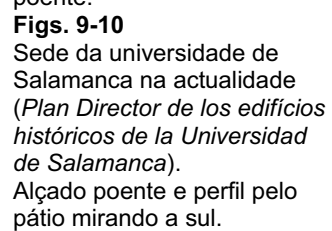
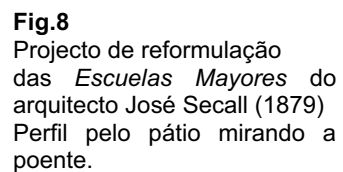
⁶³ José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “Escuelas Mayores...”, 2004, p.430.

⁶⁴ *Ibidem*, p.412.

⁶⁵ *Ibidem*, p.416.

⁶⁶ *Ibidem*, p.434-435.

⁶⁷ Veja-se novamente o capítulo 2.5., p.406-408



2.10. O colegio Mayor de San Ildefonso, em Alcalá de Henares. O primeiro edifício e o notável teatro académico.

a) A construção do colégio-universidade

No último capítulo (1.9.) da primeira parte desta dissertação, tivemos oportunidade de tratar do processo de criação e de implantação da universidade promovida pelo cardeal Cisneros na então vila de Alcalá de Henares. Como vimos, tratou-se de um projecto verdadeiramente extraordinário para a época, que se constituiu na criação *ex-novo* de um bairro universitário anexo à vila de Alcalá, ponto alto do urbanismo universitário europeu.

Esta ambiciosa operação girou em torno do estabelecimento de um colégio central, o *colegio Mayor de San Ildefonso*, que era ao mesmo tempo residência de um grupo restrito de 33 colegiais e sede da universidade. Dava-se, assim, continuidade ao modelo de colégio-universidade que havia sido criado alguns anos antes em Sigüenza (em finais da década de 1470), com o *colegio de San Antonio Portaceli* (veja-se o capítulo 2.6.), fundação do clérigo Juan López de Medina e na qual o próprio Jiménez de Cisneros terá estado envolvido.¹ Não obstante, o *colegio Mayor de San Ildefonso* era um colégio-universidade muito particular, dada a grande escala do projecto de que participava e de que constituía peça chave. Nesse sentido, distinguiu-se dos outros colégios-universidades que vieram a proliferar em Espanha ao longo do século XVI, característicos das fundações universitárias de pequena dimensão.

Fomos já enunciando, ao longo do referido capítulo 1.9, alguns aspectos relacionados com a primeira época de existência do edifício, desde as datas da sua construção até aspectos relacionados com a arquitectura e organização funcional do imóvel. Com efeito, pudemos já adiantar que entre 1496 e 1499 se procedeu às aquisições dos terrenos necessários para o colégio² e uma série

¹ Referimos já que Jimenez de Cisneros terá residido em Sigüenza, onde foi capelão-mor da sé catedral, entre 1477 (ou 1480) e 1484, período em que terá apoiado o seu amigo arcediogo Juan López de Medina no seu projecto universitário. Veja-se **José GARCIA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares en la etapa fundacional (1458-1578)***, Santiago de Compostela, Independência Editorial, 1992, p.158, nota 4.

² Veja-se o capítulo 1.9.

de dependências anexas que, como vimos, conformavam um novo e integral quarteirão urbano, com cerca de 120 por 160 metros de lado, “ilha” central do novo bairro universitário. A construção ter-se-á iniciado cerca de 1499, ano do reconhecimento papal da universidade, de acordo com a traça do arquitecto Pedro Gumiel. A cerimónia de lançamento da primeira pedra decorreria ainda em 1499, ou um pouco mais tarde, com a obra já iniciada, em 1501.³

Recapitulemos o faseamento das obras. Em 1501-1502 trabalhava-se na escada do átrio de entrada,⁴ escada que actualmente não existe. Os trabalhos terão continuado a bom ritmo pois no verão de 1508 entravam os primeiros colegiais e universitários a residir no colégio.⁵ Nesta fase, segundo Castillo Oreja, estariam realizados cerca de 2/3 do quadrângulo principal.⁶ Em 1510, de acordo com González Navarro (e como também mencionámos), trabalhava-se numa das alas do pátio, e no ano seguinte pavimentava-se o chão deste recinto e branqueavam-se as paredes.⁷

O colégio de *San Pedro y San Pablo*, mais pequeno, paredes-meias com o *colegio de San Ildefonso*, a nascente, levantou-se nas suas linhas gerais entre 1508 e 1511.⁸

Do lado oposto, para poente, situou-se a capela de *San Ildefonso*, autónoma em relação ao quadrângulo colegial, e cuja construção terá decorrido em simultâneo com a deste último. Em 1512 concluíam-se a capela-mor, sendo que continuaram os trabalhos na fachada e na nave, cuja decoração terminaria um pouco mais tarde, em 1516. Fez-se a sacristia entre 1515 e 1517.⁹

Vimos ainda que se renovaria a frente para a *plaza del Mercado*, entre 1510 e 1515, através da construção de um conjunto de casas para arrendar,

³ Veja-se o capítulo 1.9, nota 78.

⁴ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares. Génesis y desarrollo de su construcción, siglos XV-XVIII*, Madrid, Edascal, 1980, p.42.

⁵ José GARCIA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.193.

⁶ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.47.

⁷ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones a medio siglo de construcción universitaria en Alcalá de Henares (1510-1560)”, *Anales Complutenses*, Vol.I, 1987, p.135-166 (p.147).

⁸ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares y las Artes. El patronazgo artístico de un centro del saber. Siglos XVI-XIX*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2007, p.59. Os primeiros colegiais franciscanos entraram a residir em 1513.

⁹ *Ibidem*, p.28-32 e p.40-43.

enquadradas por torres-açoteias nos extremos.¹⁰ Torres deste tipo marcavam, aliás, todos os ângulos do quarteirão do *colegio Mayor de San Ildefonso*. Marcariam também as esquinas do conjunto de quatro quarteirões pequenos situados a norte da fachada colegial. Definia-se assim uma espécie de cidadela mais restrita, no âmbito mais vasto do bairro universitário, como tivemos ocasião de propor na **fig.11** do capítulo 1.9.

Finalmente, assinalamos também as obras mais a sul do quarteirão colegial, como sejam o pátio do *colegio Nuevo* e o teatro académico, a sudeste, e ainda o colégio de teólogos, ou da *Madre de Dios*, a sudoeste, intervenções que tiveram início em 1516 e que estariam praticamente terminadas em 1518.¹¹

Feito este apanhado da evolução física inicial do *colegio Mayor de San Ildefonso* e estruturas anexas, importa recentrar a discussão no tema principal deste capítulo, o último dedicado à tipologia dos edifícios universitários mais relevantes da Ibéria, do período que estudamos. Interessa-nos, sobretudo, perceber o modelo de edifício efectivamente construído, de forma gradual, ao longo da primeira fase da sua existência, ou seja no período de vida do cardeal Cisneros (falecido a 8 de Novembro de 1517) e nos anos imediatamente subsequentes. Devemos, evidentemente, recordar que, para maior adiantamento da obra, havia o cardeal mandado levantar o edifício original em adobe, tijolo e outros materiais pobres, em plena consciência de que o conjunto necessitaria de reformas e melhoramentos importantes nos anos vindouros. Terá dito Cisneros perante Fernando II o Católico: “...soy viejo y he procurado acelerar la obra antes que me sobrecoja la muerte. Creo poder asegurar que estas paredes de tierra algún día serán de mármol”...¹²

Primeira dessas reformas importantes foi a reformulação integral da fachada, substituída por uma monumental composição pétrea, ordenada pelo próprio colégio, e que se realizou entre 1537 e 1553. Não estudaremos em detalhe esta operação (que nos servirá de limite temporal para abordagem mais

¹⁰ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, “Nuevas aportaciones...”, 1987.

¹¹ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.54; José GARCIA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.221-222.

¹² Alvar GÓMEZ DE CASTRO, *De rebus gestis...*, 1569, tomo I, p.508 citado por **Vicente de LA FUENTE**, *Historia de las Universidades, Colegios y demás establecimientos de enseñanza en España*, Madrid, Fuentenebro, Tomo II, 1885, p.74. Veja-se no capítulo 1.9. a nota 269.

aprofundada) uma vez que existe já um rigoroso estudo sobre a mesma, realizado pelo professor Fernando Marias, que nos servirá de referência.¹³

b) Organização funcional e tipologia

Os dados que temos vindo a mencionar foram sobretudo retirados da monografia de Miguel Ángel Castillo Oreja dedicada ao *colegio Mayor de San Ildefonso*.¹⁴ Outra obra, mais recente, aprofundou algumas questões fundamentais relativas aos espaços do antigo edifício, como veremos – falamos do livro de Roberto González Ramos dedicado à encomenda artística do colégio-universidade.¹⁵

Vejamos, pois, quais as particularidades tipológicas do *colegio de San Ildefonso*. O colégio propriamente dito constituía-se por um quadrângulo com cerca de 52 metros de largura por 56 metros de profundidade, de dois pisos de altura, dotado de um pátio central. Como nos diz Miguel Ángel Castillo Oreja,

*“constaba este patio de dos pisos. El piso bajo de arcos de medio punto trasdosados, que cargaban, a través de zapatas y traviesas de madera, sobre unos pilares ochavados con bases de piedra tallada. Toda su fábrica era de ladrillo enlucido con arena y cal, excepto la rosca y salmeres del arco y las basas de los pilares. El piso superior lo formaba una galería de pies derechos y arcos escarzanos [arcos abatidos], de idéntica fábrica que el de abajo, del que le separaba una cornisa o tejeroz de ladrillo cortado y teja”.*¹⁶

Não existem registos gráficos destas arcarias originais, mas presume-se que o projecto de renovação do pátio, proposto por Juan de Atienza em 1607 (não concretizado, **fig.12**), seguisse, em linhas gerais, o pátio anteriormente

¹³ Fernando MARIAS, “Orden arquitectónico y autonomía universitaria: la fachada de la Universidad de Alcalá de Henares y Luis de Vega”, *Goya - Revista de Arte*, Madrid, Nº217-218, Julho-Outubro de 1990, p.28-40.

¹⁴ Miguel Angel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980.

¹⁵ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007. Agradecemos ao professor Felipe Pereda a referência à existência desta dissertação na Universidade Autónoma de Madrid, ainda antes da sua publicação em livro.

¹⁶ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.47.

existente – segundo o professor Fernando Marias, se “*ideó como una estructura que dependiera formalmente de la obra original*”.¹⁷

Informa-nos ainda Castillo Oreja que no pátio “...se acomodaron las aulas mayores – de paredes encaladas en blanco, desnudas de todo ornato, con una alta y estrecha cátedra y unos toscos bancos –, el refectorio y diversas dependencias...”.¹⁸ Aspecto importante era, desde logo, a integração deste quadrângulo principal num aglomerado mais vasto de edifícios, que se organizariam tendencialmente, e com o passar do tempo, em torno de outros pátios. Disso mesmo nos dá conta o autor que temos vindo a citar, ao afirmar que o colégio de *San Ildefonso* “*nunca se pensó, como en el Colegio Mayor de Valladolid, como una estructura «exenta»*”.¹⁹

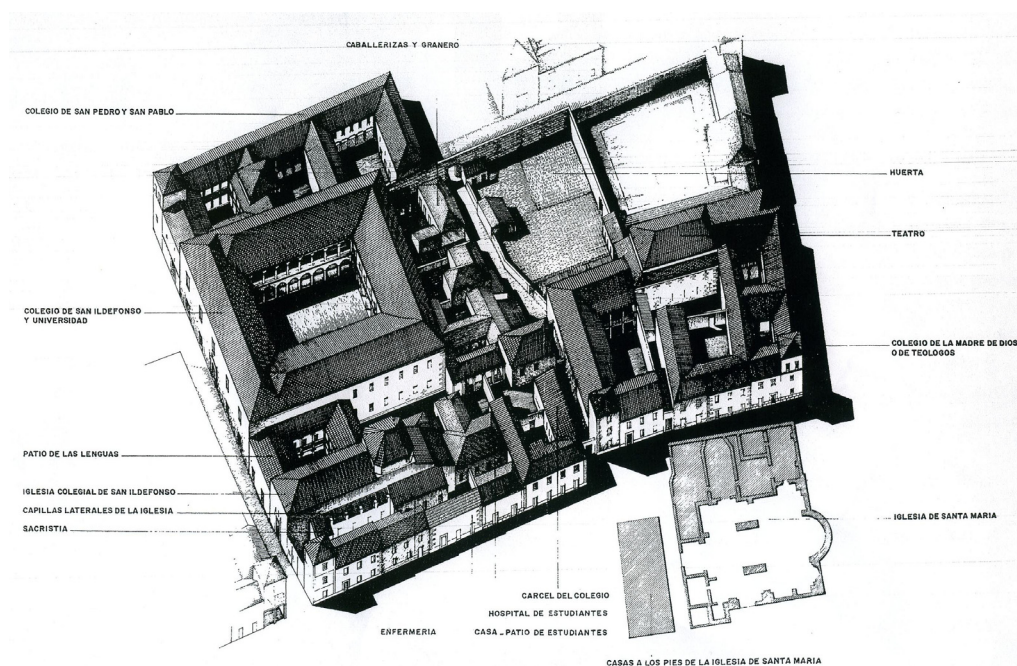


Fig.1: *Colegio Mayor de San Ildefonso* cerca de 1518-1520.

Desenho de F. Bedoya, fonte: Ramón González Navarro.

Importa considerar dois aspectos não representados:

- as duas torres, uma a cada lado da fachada do quadrângulo principal;
- o pátio do *colegio Nuevo* que estaria já edificado por esta época.

¹⁷ **Fernando MARÍAS**, “El arquitecto de la Universidad de Alcalá de Henares”, *La Universidad Complutense y las Artes*, Madrid, Universidad Complutense, 1995, p.125-135 (p.133). O pátio original terá sofrido uma primeira reforma, logo a partir de 1532 por Martín de Raxas, que “*mantuvo la estructura de ladrillo – con nuevas piezas de piedra – de su predecesor*”, Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomía...”, 1990, p.31.

¹⁸ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.47-48.

¹⁹ *Ibidem*, p.48, nota 20.

A frente principal rematava-se lateralmente com duas torres, que constituem os actuais corpos laterais da frontaria, como notou Fernando Marías.²⁰ Estão hoje mais baixos que o corpo central, resultante da construção da nova fachada em pedra e do acrescento da extensa *loggia* de arcos superior. O *colegio Mayor de San Ildefonso* apresentava, assim, e originalmente, um tipo simples de fachada que se tornaria recorrente na arquitectura civil castelhana, com um corpo central baixo ladeado por dois volumes mais altos nos extremos.

Marcava-se a entrada por um pequeno portal do tipo toledano, “*con frontispício de vuelta redonda, flanqueada por dos columnas talladas «a la antigua»*”.²¹ O átrio de acesso dava comunicação ao pátio e à escada (de pedra? em caracol?²²) que ligava ao primeiro andar, escada que terá desaparecido na já mencionada reforma da fachada e de toda a ala norte, de meados do século XVI, ou talvez mais tarde, no século XVII. Não é claro quais as dependências que se encontravam à direita ou à esquerda deste átrio ou “*zaguán*” de entrada, ou sequer se tinham ligação directa a partir deste espaço.

Ao nível do piso superior da fachada deviam situar-se os espaços que aí se encontravam mais tarde, a biblioteca mais para nascente (à esquerda de quem entra) e as dependências reitorais, mais para poente. Estas compunham-se de várias estâncias entre as quais a “*cámara donde duerme el dho rector*”, uma sala, a “*quadra de fuera*” – que parece ser já o pequeno claustro existente entre o quadrângulo principal e a capela – e ainda uma “*cámara más afuera donde están los criados del Rector*”, de acordo com o inventário realizado em 1526, divulgado por Roberto González Ramos.²³

²⁰ Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomia...”, 1990, p.34.

²¹ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.47.

²² *Vide supra*, nota 4.

²³ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007, p.101. Importa referir, porém, um dado aparentemente contraditório, mas que reporta a uma condição provavelmente anterior a 1526. Segundo Ramón González Navarro, no capítulo XVII das constituições originais cisnerianas, especifica-se que “*por el honor del oficio del Rector queremos que haya una cámara determinada para el Rector, a saber, aquella que está inmediatamente sobre el lugar del depósito*”. De acordo com aquele investigador, “*se refiere al depósito del grano*”, que daria para os anexos do colégio a sul (anteriores à construção do pátio de contínuos), pelo que conclui “*que su habitación [do reitor] estaría en la crujía que separa [actualmente] los dos patios, el de Santo Tomás [o pátio principal] y el de filósofos [de contínuos]*”. **Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, Universidad Complutense. Constituciones Originales Cisnerianas**, Alcalá de Henares, 1984, p.84, nota 66.

Assim, e no que toca à disposição de uma eventual biblioteca primitiva, podemos notar como se retomava a disposição genérica daquele espaço – no primeiro andar, à esquerda do eixo da entrada – patente no colégio salmantino de *San Bartolomé*, e nos colégios vallisoletanos de *Santa Cruz* e *San Gregorio*. Aspecto notório (face aos colégios de *San Bartolomé* e de *Santa Cruz*) era a ausência da capela, ou igreja, ao longo da secção restante do lanço da entrada – no seu “lugar”, promovidas a lugar de destaque na arquitectura do *colegio Mayor de San Ildefonso*, estariam aparentemente as dependências reitorais (ao nível do primeiro andar, como dissemos) incluindo a sala onde reuniam as “*capillas*” académicas, que regiam a vida do colégio e da universidade.

A capela (**figs.2-3**) levantou-se como equipamento autónomo do quadrângulo central, um pouco mais para poente, e com acesso directo a partir da rua, no que se constitui como um caso relativamente excepcional no quadro da tipologia dominante dos colégios universitários espanhóis do tempo. As razões para esta situação podem ter sido várias, entre as quais a mais evidente parece ter sido o facto do cardeal Cisneros se ter feito sepultar na capela-mor da mesma igreja. O *colegio mayor* encomendaria, em 1518, um sepulcro de mármore ao artista italiano Domenico Fancelli, que acabaria por ser realizado pelo burgalês Bartolomé Ordoñez por falecimento do primeiro. Colocou-se na capela-mor no dia de corpo de Deus de 1524 (**fig.2**).²⁴ O público poderia assim venerar o fundador da academia complutense e refundador da vila de Alcalá a partir das grades que separavam a nave da capela-mor.

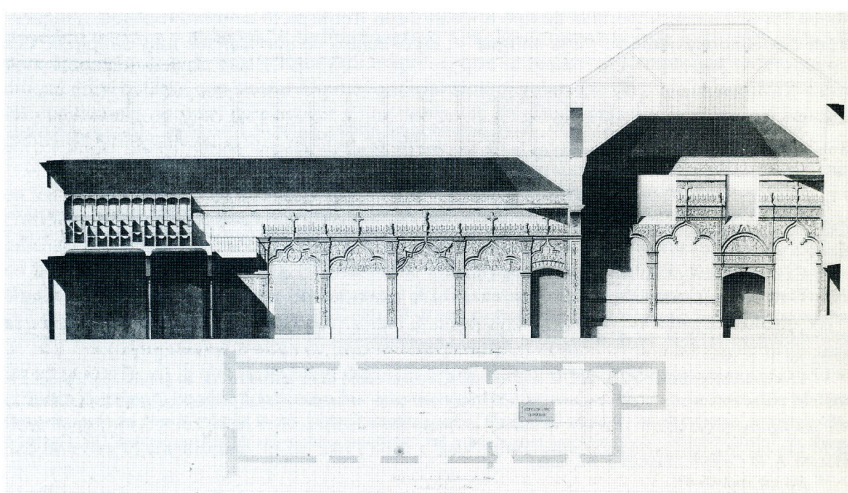
Outro factor que poderá ter contribuído para esta disposição particular da igreja é o antecedente seguntino do colégio de *San Antonio Portaceli* – vimos como a igreja colegial era, efectivamente, a vizinha igreja do convento jerónimo homónimo. A este propósito é também curioso notar o paralelismo entre o geral dos actos públicos seguntino, separado do colégio, e um novo equipamento que começaria a surgir no âmbito próximo do *colegio de San Ildefonso* a partir de 1516 – falamos naturalmente do teatro académico, espaço a que voltaremos um pouco mais adiante.

²⁴ Sobre o sepulcro do cardeal Cisneros, veja-se Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007, p.67-85.



Fig.2.
Igreja de *San Ildefonso*,
interior da capela-mor
com o sepulcro de Cisneros.
(gravura de Villa-Amil, fonte:
Patricio de la Escosura)

Fig.3.
Igreja de *San Ildefonso*,
corte longitudinal
(desenho de Ortiz de Villajos,
fonte: Pedro de Madrazo)



Regressando ao quadrângulo principal importa referir que no rés-de-chão em torno do pátio se situariam os vários gerais de teologia, cânones e medicina²⁵ e o refeitório colegial, este último disposto ao longo de toda a ala poente e dotado de pé-direito duplo. No piso superior, nas alas nascente e sul, situavam-se as câmaras dos colegiais e fâmulos do colégio.

A sul do quadrado principal existiam uma série de valências utilitárias e de espaços mais ou menos sobrantes, sem organização aparente. Só mais tarde, a partir de finais da década de 1520, se ergueria aqui um novo e amplo recinto, conhecido como *pátio de Continuos*. Antes, e ainda mais para sul, levantara-se o chamado *colegio Nuevo* que não era mais que um pátio rodeado por galerias de arcos, em dois níveis, e que organizava uma série de dependências residenciais. Associado a este pátio implantou-se um novel equipamento

²⁵ Vide *supra*, nota 18.

universitário – o teatro académico ou *paraninfo*, espaço central em qualquer sede universitária ibérica subsequente, e que teve aqui em Alcalá, a nosso ver, o primeiro exemplar concreto.

c) Um novo equipamento universitário: o teatro académico ou “paraninfo”

Em 1516, por vontade de Cisneros, começou-se a levantar o pátio do *colegio Nuevo*, na área sudeste do quarteirão urbano ocupado pelo *colegio Mayor*. O desenho do pátio terá sido, mais uma vez, de Pedro de Gumiel. A obra correria a cargo de Gutierre de Cardenas em colaboração com Pedro de Villarroel.²⁶ Segundo Castillo Oreja, era “...de menores proporciones que el [pátio] principal”, e “...tuvo una disposición similar a éste, como quedó estipulado en las condiciones dictadas para la realización de su fábrica, terminándose la misma aproximadamente, dos años después”, ou seja, cerca de 1518.²⁷

O teatro académico, cuja construção se terá iniciado ao mesmo tempo que a do pátio teria um andamento um pouco mais atribulado. Com efeito, interrompeu-se a obra, a cargo dos mesmos mestres Cardenas e Villarroel, a meados de 1517 devido a uma derrocada parcial.²⁸ Retomados os trabalhos, avançou-se para a decoração interna (incluindo os gessos e o mobiliário) logo no ano seguinte. Realizou-se um magnífico tecto em artesoadado mudéjar, com retoques renascentistas, dirigido por Andrés de Zamora.²⁹ A obra terminaria cerca de 1520, sem que Cisneros pudesse contemplá-la pois havia falecido nos finais de 1517, como referimos. Em Agosto de 1520 adquiria o colégio onze tapeçarias ou panos, que Roberto González Ramos³⁰ julga serem os que se vieram a colocar sob as tribunas do teatro (**fig.5**).

O teatro académico constitui um bloco de planta rectangular, com volumetria própria, adjacente à ala poente do antigo pátio do *colegio Nuevo* (o pátio actual data de 1570). Conformam um rectângulo de ouro em planta, se incluirmos a

²⁶ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.54. Veja-se, também, a transcrição de dois documentos originais, de Dezembro de 1516 (AHNM, *Sección Universidades*, liv. 1222-F, fol.129 e fol.129 rvº), em *ibidem*, documentos 7 e 8, p.127-130.

²⁷ *Ibidem*, p.54.

²⁸ Fizeram vistoria Pedro de Gumiel e Francisco de Carabaño, *mestre mayor* das obras do colégio a partir desse mesmo ano de 1517. *Ibidem*, p.55.

²⁹ *Ibidem*, p.56 e Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007, p.35.

³⁰ *Ibidem*, p.91.

espessura das paredes exteriores. A organização funcional da sala parece basear-se no esquema da sala de aula frequente nas universidades medievais e modernas, com uma cátedra sobrelevada ao centro de um lado maior, e um banco corrido ao longo das restantes três faces. Ao nível superior, circunda uma galeria (acessível desde umas escadas situadas a norte) que se abre sobre a sala por intermédio de uma série de 18 tribunas (6+3+6+3), uma por cada tramo das faces internas da sala (**fig.5**). Destas tribunas, o público podia assistir aos actos universitários, atribuições de graus, e representações teatrais que teriam lugar neste novo e magnífico espaço.³¹

Os alçados internos ostentam uma composição e linguagem arquitectónica plenamente renascentista. De acordo com Fernando Marias destaca-se a coerente organização de todo o recinto e a ortodoxia dos detalhes arquitectónicos. Os capitéis das pilastras seguem modelos diversos inspirados no capitel coríntio de Fra Giocondo (Veneza, 1511).³²

*“Todo ello parece indicar que tras la desaparición de Cisneros (...) se dio una efímera tendencia estilística anticuaria y culta en el uso de los rasgos definitorios de la arquitectura romana que habría de atribuir a la dirección de los trabajos por el bachiller Carabaño [Francisco de Carabaño, mestre mayor das obras do colégio desde 1517] e incluso a la influencia del bachiller Sagredo, tan interesado en cuestiones de la misma línea”.*³³

Falamos já dos eventos a que se destinava este novo teatro académico ou *paraninfo*. Alguns desses eventos (as atribuições de graus) haviam tido lugar, anteriormente, na igreja de *San Justo e Pastor*,³⁴ no centro da vila.

³¹ É interessante observar a adopção deste tipo de dispositivo arquitectónico nas igrejas jesuítas portuguesas da década de 1560, nomeadamente S. Roque de Lisboa e Espírito Santo de Évora.

³² Fernando MARIAS, “Pedro de Gumiel, Francisco de Carabaña, la Universidad de Alcalá y el mito del «estilo Cisneros»”, in *Boletín del instituto y Museo Camón Aznar*, num.LVIII, 1994, p.49-80.

³³ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007, p.37-38. Este bacharel Diego de Sagredo, que foi estudante em Alcalá entre 1512-1518 (Fernando MARIAS, “El arquitecto de la Universidad...”, 1995, p.128), seria, evidentemente, o famoso autor do *Medidas del Romano*, primeiro tratado ibérico de arquitectura do renascimento, publicado pela primeira vez em Toledo em 1526.

³⁴ O exame das licenciaturas, bem como do exame do grau de magistério, “se realizaba en la Colegiata de San Justo y Pastor. Allí presentes Rector y Canciller presidiendo el acto, y todo el cuerpo universitario en pleno, se iniciaba la ceremonia...”, Ramón GONZÁLEZ NAVARRO

A necessidade de um equipamento adequado e mais próximo do *colegio Mayor* terá levado à construção deste novo salão, ordenada pelo próprio Cisneros, como vimos. Como também já tivemos ocasião de propor, estaremos, muito provavelmente, perante **o primeiro equipamento universitário do género** (com a possível excepção do teatro – seguramente mais modesto – de Sigüenza) em toda a península Ibérica.

Fig.4.

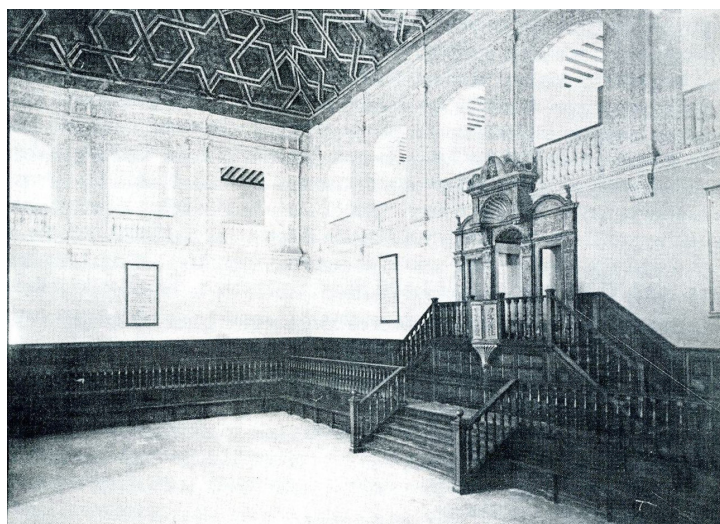
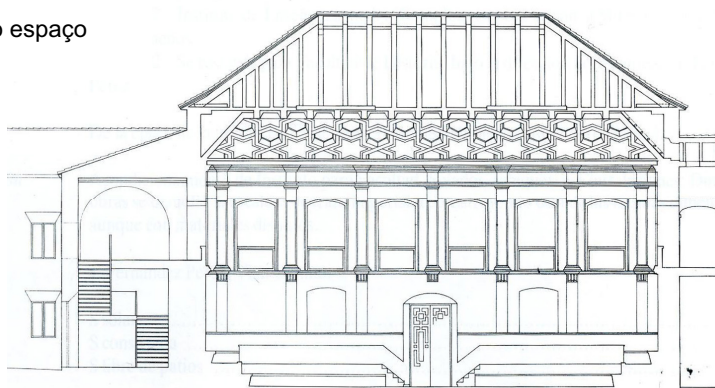
Teatro académico, corte longitudinal, projecto de restauro (Universidad de Alcalá)

Fig.5.

Teatro académico, gravura de Villa-Amil (fonte: Patricio de la Escosura).

Fig.6.

Teatro académico, fotografia antiga.
Note-se a diferença das proporções do espaço entre a gravura e a fotografia.



(Ed.), *Universidad Complutense. Constituciones...*, 1984, p.138. Veja-se, também, José GARCÍA ORO, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 1992, p.72.

Note-se como em Salamanca, o reitor Fernán Pérez de Oliva (eleito em 1529) pretendeu realizar, sem sucesso, um teatro idêntico “*para celebrar representaciones y comedias y para acoger el ejercicio de las oposiciones*”,³⁵ equipamento que se chegou a programar (em 1547 e 1561) para a definição do *patio de Escuelas*, na sua frente norte, propósito que resultaria novamente gorado.³⁶ Note-se também como o teatro académico de Alcalá foi a primeira obra definitiva em todo o conjunto do *colegio Mayor de San Ildefonso* e dependências anexas, a única da primeira fase que chegou até nós.

d) O pátio de *continuos*

*“En efecto, a partir de 1530 y durante al que resto del siglo, rectores y colegiales del Colegio Mayor de San Ildefonso emprendieron la noble tarea de convertir lo que antes eran modestas construcciones de ladrillo y tapial en sólidas y suntuosas construcciones de piedra.”*³⁷

Logo no início de 1532, chegou a pensar-se fazer uma reforma importante no pátio principal, sob o desenho de Luís de Vega.³⁸ Os trabalhos que se seguiram, contudo, terão mantido a estrutura base do pátio em tijolo, tendo-se apenas introduzido alguns elementos novos em pedra.³⁹

Obra nova e relevante, programada em finais da década de 1520 e que avançou, de facto, nos primeiros anos da década seguinte, foi a do “*patio de continuos y camaristas*”, levada a cabo pelo mestre de cantaria Juan de la Riba. Em 1532 estaria o pátio já adiantado, pois nesse mesmo ano fez-se uma avaliação da obra.⁴⁰ O *patio de Continuos* era o que se situava a meio da ilha colegial de *San Ildefonso*, entre o quadrângulo principal, mais a norte, e o

³⁵ Filipe PEREDA, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000,, p.55

³⁶ Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad: aspectos urbanísticos (siglos XV-XVIII)”, *Miscelánea Alfonso IX* (2002), Salamanca, 2003, p.115- 150 (p.124-125 e notas 30 e 31).

³⁷ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.65.

³⁸ Veja-se o documento 11 (“*Posturas de la obra de los pilares y arcos del patio. 4 a 11 de enero de 1532*”) em *ibídem*, p.132-133.

³⁹ De acordo com Fernando Marías, refere-se a esta obra o pagamento, em Setembro de 1535, de 30.000 maravedís a Juan de la Riba pelos “*ylares y calaraboyas de las açuteas del patio del Colegio*”. Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomia...”, 1990, p.31.

⁴⁰ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.65-66. Veja-se o documento 12 (AHN, *Sección Universidades*, liv.1222-F, fol 122 e 287), *ibídem*, p.133-135.

colegio Nuevo e teatro académico, mais para sul. De acordo com Miguel Ángel Castillo Oreja:

“...debía de estar formado por u doble patio [de dois níveis] de grandes proporciones, donde se ubicaban las salas de audiencia del Rector, escribano, notario y procuradores, los alhelíes del grano, la cárcel, los almacenes de leña, carbón y petrechos, además de las llamadas aulas menores, que posteriormente fueron trasladadas al Patio del Colegio Trilingüe”.⁴¹

Todas estas valências públicas e de abastecimento do colégio, certamente muito concorridas, pressupõem uma serventia directa, a partir do exterior, para esta área central das instalações académicas, que se fazia pelo poente, directamente a partir da *plaza del Mercado*. As aulas menores constituíam os estudos de base em artes e humanidades, que tinham sempre muitos alunos locais. Assim, as escolas menores vieram a estar associadas, por norma, a amplos recintos ao ar livre que permitiam o recreio dos estudantes.⁴² Como nos informa Roberto González Ramos, *“este patio tuvo desde el principio bastante más amplitud que los demás”*.⁴³

Castillo Oreja, baseando-se na documentação da obra quinhentista, e particularmente nos gastos da obra, defende que o recinto ter-se-á concluído com galerias ao longo dos seus quatro lados.⁴⁴ Não obstante, Antonio Ponz, que visitou o colégio em finais do século XVIII, relata a existência de apenas uma dessas galerias, aventando que o pátio completo *“ó no se concluyó, ó se há destruido despues grande parte de él”*.⁴⁵ Ponz descreve a única galeria como tendo dois corpos, composta de 32 colunas, 16 em cada nível. Eram *“de orden compuesto, y entre los arranques de los arcos estaban colocadas algunas cabezas de mayor tamaño que el natural trabajadas en mármol de*

⁴¹ *Ibidem*, p.66.

⁴² Veja-se, sobre esta matéria, Rui LOBO, **“Jesuit school courtyards at Évora and Coimbra and their secular origin and function”**, in *Archmod*, Num.9 (*«Public buildings in Early Modern Europe»*, Krista de Jonge; Piet Lombaerde, Eds.), Turnout, Brepols Publishers, no prelo.

⁴³ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007, p.123.

⁴⁴ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.67.

⁴⁵ **Antonio PONZ**, *Viaje de España*, Madrid, Vda. de Ibarra, 1787 (3ª ed.), Vol.I., p.287. A primeira edição (Madrid, Joaquín Ibarra) é de 1772.

carácter grandioso".⁴⁶ Pela amostra, considerava Ponz tratar-se do mais rico dos pátios do colégio. Tão pouco resta hoje a galeria observada por Ponz, pois foi demolida em meados de Oitocentos – já não surge representada na planta de Melchor Fernández de 1871 (**fig.16**). Llaguno Y Amirola, que a terá visto na mesma época que Ponz (Llaguno faleceu em 1799), diz, porém, que se compunha de 36 colunas e não de 32,⁴⁷ o que poderá ter explicação possível nas hipóteses de ter incluído na contagem quatro meias-colunas dos extremos (duas por piso), ou quatro colunas que tenham restado de algum outro lanço do pátio (do lanço poente?).

Tudo indica que a galeria em causa era a que se situava ao longo da face norte do recinto, pois surge aparentemente representada em pelo menos duas plantas – do piso térreo e do piso nobre (**figs.7 e 8**) – do projecto de ampliação do *colegio Mayor de San Ildefonso* traçado pelo arquitecto Ventura Rodriguez, encomendado em 1762.⁴⁸ O problema com esta explicação é o de que a galeria desenhada tem apenas 11 suportes (como notou Fernando Marias⁴⁹), o que não coincide, portanto, com a descrita por Ponz (c.^a de 1772) e por Llaguno. Contudo, importa notar que em ambas as plantas a galeria é cortada a poente por um novo lanço do projecto de Ventura Rodriguez, pelo que, na realidade, poderia continuar com alguns tramos mais naquele sentido – estamos, pois, perante desenhos de projecto e não de um levantamento *tout-court*. Ainda assim, não é provável (observando a planta de 1871 – **fig.16**) que a mesma galeria tivesse muito mais espaço para prosseguir para ocidente, pelo que se terá de admitir que prosseguisse também em sentido contrário, um pouco mais para oriente, e que se pudessem ainda ver colunas no interior do pequeno anexo que interrompe a galeria naquele quadrante, permitindo a contabilidade a Ponz. Deste modo, e como aqui propomos, ficaria a galeria

⁴⁶ *Ibidem*, citado por Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007, p.124.

⁴⁷ Eugenio LLAGUNO Y AMIROLA, Juan Agustín CEÁN BERMÚDEZ, *Noticias de los arquitectos y arquitectura de España*, Madrid, Imprenta Real, 1829, Vol. II, p.18.

⁴⁸ As peças gráficas do projecto de Ventura Rodriguez guardam-se na *Escuela Superior de Arquitectura de Madrid*. Estão publicadas em AAVV, *Uma hora de España. VII Centenário de la Universidad Complutense*, Madrid, Centro Cultural de la Villa, 1994, p.250-259. Sobre o projecto em si, pode ler-se o artigo de Virginia TOVAR MARTÍN, "Ventura Rodríguez: Restauración y renovación de espacios universitarios de Alcalá", *Ibidem*, p.37-48.

⁴⁹ Fernando MARIAS, "Orden arquitectónico y autonomia...", 1990, p.31.

Fig.7.

Projecto de ampliação do *colegio Mayor de San Ildefonso*, Ventura Rodríguez, c^a 1762 (*Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid*).

Planta do piso térreo (parcial).

O antigo *patio de Contínuos* é onde está a indicação do norte, ostentando uma galeria de 11 colunas no seu lado setentrional.

Fig.8.

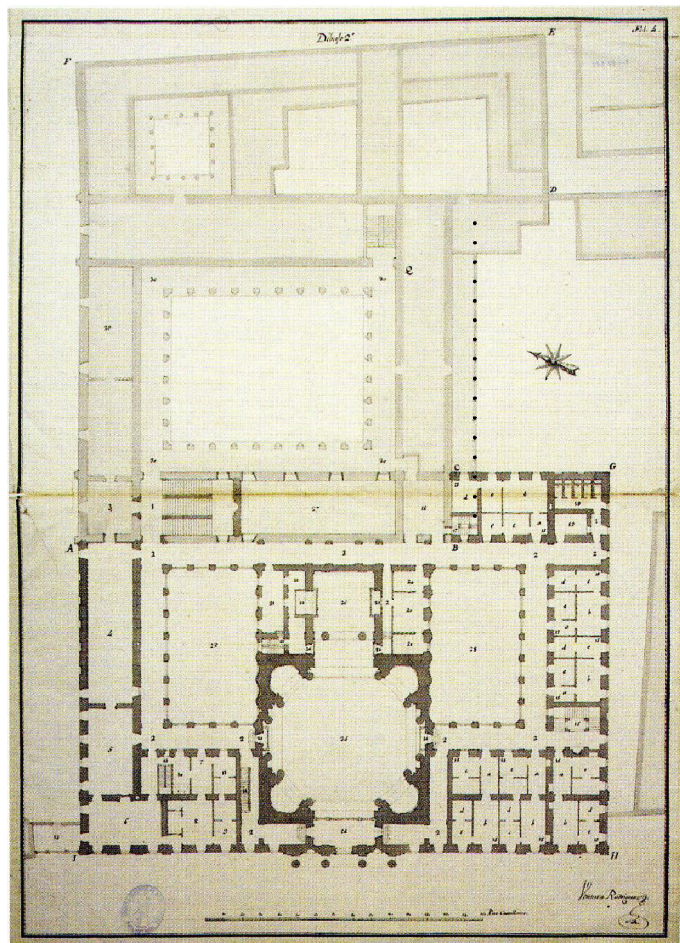
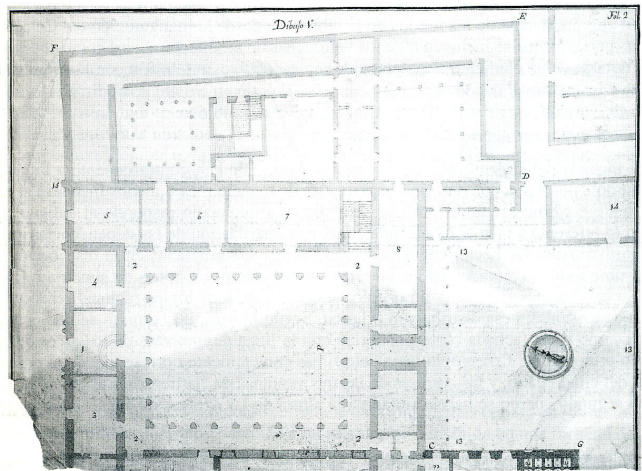
Projecto de ampliação do *colegio Mayor de San Ildefonso*, Ventura Rodríguez, c^a 1762 (*Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid*).

Planta do piso nobre (completa).

O projecto propunha um novo e grandioso templo universitário, cuja frente se inseria numa fachada monumental a levantar sobre a *plaza del Mercado*.

Sobre a galeria norte do *patio de Contínuos* inserimos a nossa proposta de interpretação das 16 colunas (a negro) que terão sido contabilizadas por Ponz.

Note-se que mantendo a métrica das 11 colunas existentes (veja-se a fig.7), o encaixe é quase perfeito em relação ao alinhamento das paredes laterais do quadrângulo principal do colégio quinhentista.



limitada pelos dois grandes muros correspondentes aos alinhamentos exteriores, nascente e poente, do quadrângulo principal do *colegio mayor*, que têm correspondência, por sua vez, com os limites externos do recinto *colegio Nuevo* e teatro académico (veja-se outra vez a **fig.16**). A proposta de reconstituição desenhada é talvez mais convincente que a explicação escrita, pelo que damos conta desta hipótese interpretativa, sobre a **fig.8**.⁵⁰

e) A nova fachada de pedra

*“El 8 de junio de 1537, el rector Martín Malo (...) recibió de la capilla colegial la petición de que se discutiera sobre la obra de la «delantera del colegio» y, el 24 de agosto, el poder para concertar con «Rodrigo Gil maestro de obras de cantería o con cualquier otro maestro para que se encargue de hacer la dicha delantera»”.*⁵¹

Fernando Marías faz referência particular e esta última passagem documental para sustentar a tese de que o projecto da nova fachada de pedra do *colegio Mayor* não se deveria atribuir ao mencionado Rodrigo Gil de Hontañón, como chegou a estar estabelecido pela historiografia da arte. Atribuí-o antes à mão do arquitecto Luís de Vega, justamente *maestro mayor* das obras do colégio de *San Ildefonso* desde 1531.⁵²

Segundo aquele renomado investigador, duas motivações principais levaram à realização da nova obra da fachada. Uma primeira, de índole funcional, teria a ver com o melhoramento do espaço da biblioteca, que havia registado um incremento no número de livros desde a entrada em funcionamento dos cursos universitários, em 1508. Uma segunda motivação era a da afirmação do colégio

⁵⁰ Uma questão final se põe, em relação a esta hipótese que agora colocamos. Se o pátio vislumbrado por Ponz era de facto, e como parece, o *patio de Continuos* quinhentista, a sua amplitude deixaria pouco espaço livre para albergar, em redor, todas as funções que teria adstritas. Apenas para poente, para o lado da *plaza del Mercado*, poderia haver dependências que pudessem albergar as funções mencionadas por Castiillo Oreja. Poderia também acontecer que dependências que construtivamente fizessem parte dos quadrângulos principal e do *colegio Nuevo*, a norte e a sul, respectivamente, se abrissem para este *patio de Continuos*. Ainda assim, talvez se perceba melhor porque as escolas menores acabaram por passar para o pátio a sul, mais tarde conhecido como do *colegio Trilingüe*.

⁵¹ Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomia...”, 1990, p.32. A acta encontra-se publicada por Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, documento 14 (AHN, *Sección Universidades*, liv. 5-F, fol. 309), p.135.

⁵² Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomia...”, 1990, p.32.

Fig.9.
Colegio Mayor de San Ildefonso.
Fachada principal,
construída entre
1537 e 1553
(fotografia antiga)



e da sua identificação com uma nova política, através da montagem de uma peça central, que exaltava as armas dos Imperador Carlos V, novo protector do colégio-universidade, na senda da *portada rica* da universidade de Salamanca – ainda que com um desenho sóbrio, de composição clássica erudita.

Os trabalhos terão começado ainda em 1537 ou na primavera de 1538 (a 26 de Setembro de 1537, Rodrigo Gil, recebia 500 ducados adiantados para começar a sua tarefa⁵³) sendo que a primeira pedra da nova frente foi oficialmente colocada apenas em Junho de 1542, num processo construtivo que se arrastou mediante conflitos do colégio com pelo menos dois sucessivos arcebispos de Toledo, Alonso de Fonseca e o cardeal Tavera, e que só terminaria em 1553.⁵⁴

A renovação da fachada e de toda a ala norte do colégio terá mantido, ao nível do primeiro andar, a disposição relativa de biblioteca, mais a nascente, e dependências reitorais mais a poente. Fernando Marías sugere que este piso nobre tivesse recebido uma abóbada contínua de meio canhão nesta operação:

“El interior de la librería (...) supera ampliamente la cornisa del segundo piso del interior, para poder voltear su bóveda interna y dotar a su espacio de mayor altura e magnificencia, aunque su altura total exterior,

⁵³ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, documento 15 (AHN, Sección Universidades, leg. 373-3), p.136.

⁵⁴ Fernando MARÍAS, “Orden arquitectónico y autonomia...”, 1990, p.36-39.

*en la fachada, queda marcada por la de las cornijas de las viejas torres”.*⁵⁵

As velhas torres, de acordo com o mesmo autor, e como já mencionamos, são os actuais corpos laterais do alçado principal (**fig.9**). Neste sentido, era agora o corpo central o mais elevado, marcado por uma galeria superior tipo *loggia*, de dez arcos, separados a meio pela faixa central da fachada, ostentando o escudo imperial e rematada superiormente por um frontão triangular clássico.

A hipótese de se ter coberto o piso nobre por uma abóbada leve, de tijolo, em meados de Quinhentos é, porém, pouco provável, porquanto em 1709 a hipotética abóbada não existia.⁵⁶ Nesta época, o salão da biblioteca encontrava-se coberto por um tecto de artesoado de madeira como explica Roberto González Ramos, ao analisar o projecto de transferência da biblioteca para o segundo andar (**fig.10**). O interessantíssimo desenho permite ver a disposição das dependências reitorais em projecto. A biblioteca (que se pretendia passar ao piso superior) ocuparia na altura o espaço que se destinava, no desenho, ao “*salón*” (à direita na figura) e às novas escadas que se queriam introduzir, bem no centro do lanço. Estas garantiriam o acesso privativo, desde as dependências reitorais, para a nova livraria.⁵⁷

Os documentos revelados até agora não esclarecem, por outro lado, quando se terá levantado a escada principal, de dois lanços, situada na ala poente junto do ângulo noroeste do quadrângulo colegial (veja-se outra vez a **fig.10**) entre as câmaras do reitor e o refeitório.⁵⁸ É possível que datasse, precisamente, da reforma da fachada principal, de 1537-1553, que agora revisitamos – ou talvez do período posterior da obra do novo claustro principal, em meados do século XVII. Será de supor que tivesse desaparecido simultaneamente a escada de pedra que partia do “*zaguán*” de entrada, que se construía na primeira fase das obras, logo em 1502.

⁵⁵ *Ibidem*, p.34.

⁵⁶ Evidentemente, resta a eventualidade de se ter destruído esta abóbada hipotética quando da construção do novo pátio de três pisos, em 1656-1670.

⁵⁷ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007, p.403-405. O projecto, aparentemente, realizou-se, mas durou pouco tempo a permanência de biblioteca no piso superior, pois em 1731 aprovavam-se os gastos de “*baxar la librería y de la Poslibrería nueva*”. *Ibidem*, p.405.

⁵⁸ Disposição relativa, face ao ponto de entrada no edifício, que repetia, curiosamente, a da escada das *Escuelas Mayores* salmantinas.

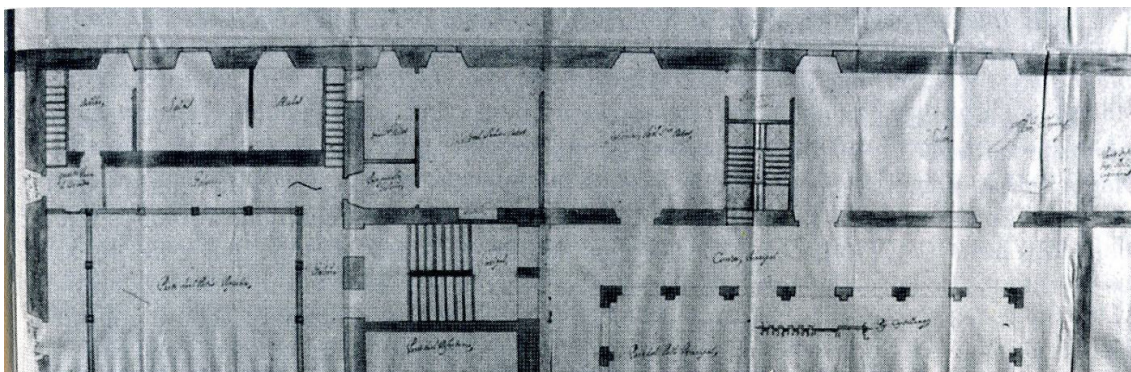


Fig.10: Planta do projecto de reformulação das dependências reitorais.
Piso nobre do lanço da fachada do *colegio Mayor de San Ildefonso*, 1709.
(Fonte: *Archivo Histórico Nacional* / Roberto González Ramos)

f) Outros desenvolvimentos posteriores

Registemos, finalmente, e para melhor entendimento do edifício actual, algumas intervenções importantes ocorridas ao longo dos séculos XVI e XVII.

Desde logo, a colocação de um conjunto de 16 colunas em frente ao *colegio Mayor*, em 1553-1554, ligadas por correntes (realizadas em 1561),⁵⁹ que definiam um espaço público próprio do colégio-universidade – a “*lonja*” – e que marcavam a jurisprudência universitária.

Procedeu-se, também, à reconstrução do pátio do *colegio Nuevo*, que havia sido levantado em 1516-1518,⁶⁰ e que em 1530 apresentava já sérios problemas estruturais.⁶¹ A reconstrução seria empreendida alguns anos mais tarde, entre 1564 (ou talvez antes, em 1557⁶²) e 1570, tendo corrido a cargo de Pedro de la Coteria, que levantou um pátio de novo desenho, com arcadas no pavimento térreo, mas fechado no primeiro andar, ao nível do qual se abrem janelas de recorte clássico. As dependências em redor deste pátio serviriam para o *colegio Trilingue*, após a demolição das casas onde este esteve instalado, cerca de 1602, frente à fachada principal do colégio.

Abriu-se, pois, no princípio de Seiscentos, a praça que surge hoje diante do *colegio Mayor*. Um pouco antes (e dando início a nova operação concertada para renovar a imagem exterior da universidade) tratara-se da remodelação da

⁵⁹ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.77

⁶⁰ *Ibidem*, p.54.

⁶¹ *Ibidem*, p.77

⁶² Roberto GONZÁLEZ RAMOS, *La Universidad de Alcalá de Henares...*, 2007, p.142

frente da igreja de *San Ildefonso*, tendo-se levantado um novo campanário (1599-1601, **fig.11**) que substituiu um anterior, demolido em 1594.⁶³ Paralelamente, pensou construir-se uma torre do relógio na ala sul do pátio principal (**fig.12**), cuja obra se iniciou (1599) mas que se abandonou logo de seguida (1602) dada a falta de recursos e o mau estado do pátio.⁶⁴ Acabou por fazer-se uma torrezinha bem mais modesta, que se terminou em 1615⁶⁵ e que depois desapareceu, com a reformulação do referido pátio, cinquenta anos depois.

Em 1604 encontrava-se o pátio original do colégio em más condições estruturais, dada a pobreza dos materiais empregues, pelo que se começou a equacionar substituir o pátio primitivo, de estrutura de tijolo, por um novo pátio, totalmente de pedra. Em 1607, o *mestre mayor* das obras do colégio Juan García de Atienza realizava um desenho para a reformulação do pátio (**fig.13**), do qual se chegou a levantar parte (apenas oito pilares, na ala da entrada no colégio) em 1613.⁶⁶ Não obstante os colegiais decidiram parar a obra e mudar de projecto, encomendando novo desenho, no ano seguinte, ao arquitecto régio Juan Gómez de Mora, desenho que se desconhece. Tão pouco se terá realizado, porém, esta nova obra, consequência provável das dificuldades económicas por que passava o colégio na época.⁶⁷

O pátio seria finalmente reedificado a partir de 1656, quando o mestre burgalês José de Sopeña ofereceu condições para a sua execução mediante uma nova traça (de sua autoria) para um pátio de dois níveis, como revelou Roberto González Ramos.⁶⁸ Aceite esta proposta, pediram o reitor e colegiais que José de Sopeña “*hiçiese outra traza de tres cuerpos en alto porque el ultimo sirva de abrigo a los quartos prinçipales, y que en el quarto bajo se ha de poner unas columnas relebadas de una pieça*”.⁶⁹

⁶³ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.100.

⁶⁴ *Ibidem*, p.102-104.

⁶⁵ Veja-se sobre este novo projecto *ibidem*, p.104-106 e os desenhos respectivos.

⁶⁶ *Ibidem*, p.63.

⁶⁷ *Ibidem*, p.64.

⁶⁸ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, “José de Sopeña: El Patio Mayor de Escuelas del Colegio Mayor de San Ildefonso”, *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*, Madrid, Universidad Autónoma, Vol.XII, 2000, p.61-73.

⁶⁹ *Ibidem*, p.65 (citação de um documento do AHNM, *Sección Universidades*, liv. 57, fol.686 rº e seguintes).

Fig.11.
Fachada da igreja de San
Ildefonso.
Projecto de Juan de Ballesteros
executado em 1599-1601

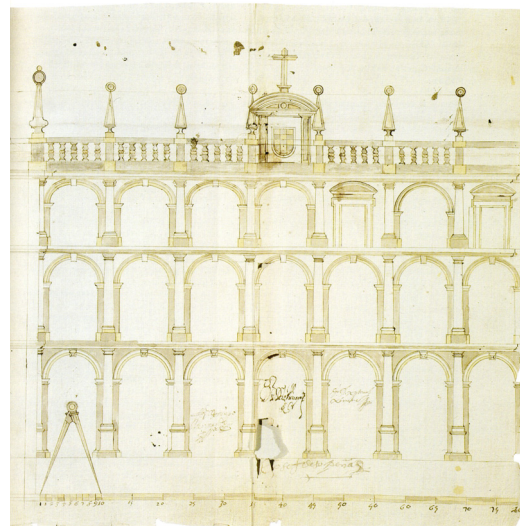
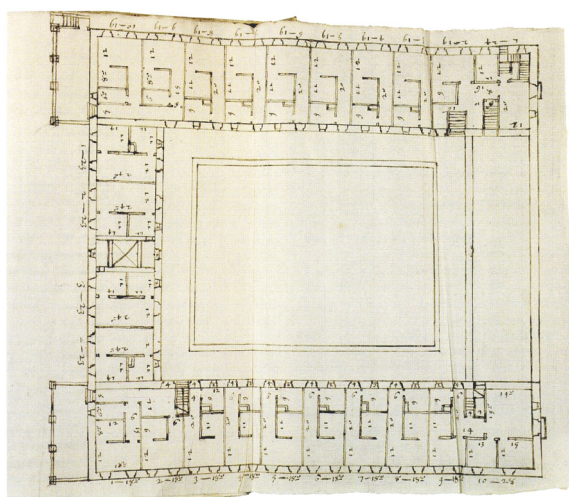
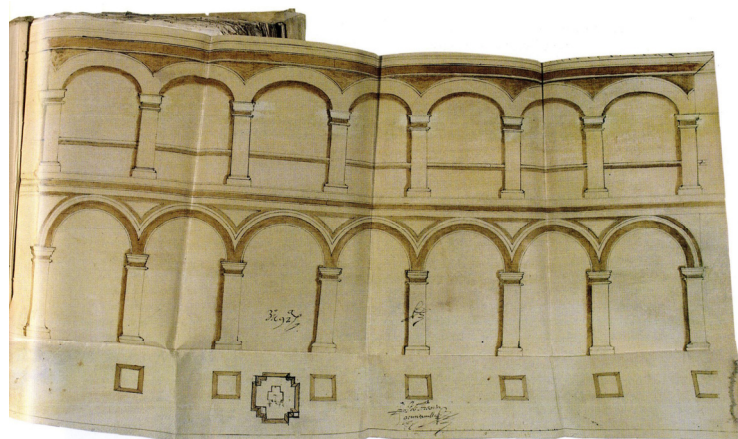
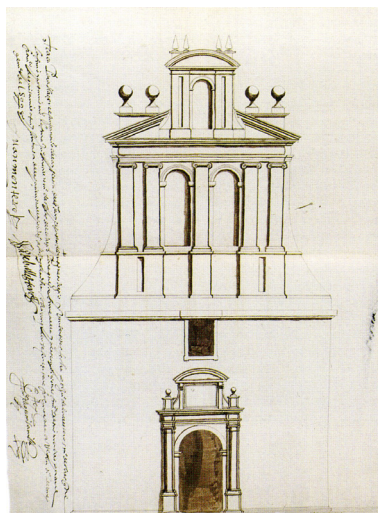
Fig.12
Torre do relógio para o pátio
principal do *colegio Mayor de San
Ildefonso*.
Projecto abandonado, de Juan de
Ballesteros, 1598.

Fig.13.
Pátio principal do *colegio Mayor
de San Ildefonso*.
Projecto não concretizado de
Juan de Atienza, 1607.

Fig.14.
Projecto de reformulação (?) do
segundo andar
do *colegio Mayor de San
Ildefonso*.

Fig.15.
Pátio principal do *colegio Mayor
de San Ildefonso*.
Terceira traça (realizada) de José
de Sopeña, 1657-1670.

(Fonte das figuras: *Archivo
Historico Nacional de Madrid*;
M.A. Castillo Oreja, 1980;
R. González Ramos, 2000;
AAVV, 2008)



Este novo desenho, ou “segunda traza”, que dotava a galeria térrea de uma elegante arcaria e os dois pisos superiores de janelas clássicas (sobrepostas por frontão triangular as do primeiro andar, e por frontão curvo, as do último),⁷⁰ seria substituído por novo e definitivo desenho (**fig.15**), já com a obra começada, em 1657. É este o pátio, dito de *Santo Tomas de Villanueva*, terminado em 1670, que hoje podemos contemplar no *colegio Mayor de San Ildefonso*. Naturalmente, também o quadrângulo principal do colégio passaria a ter três andares, pelo que o mesmo José de Sopeña desenharia a curiosa planta do novo piso dos quartos altos (**fig.14**).⁷¹

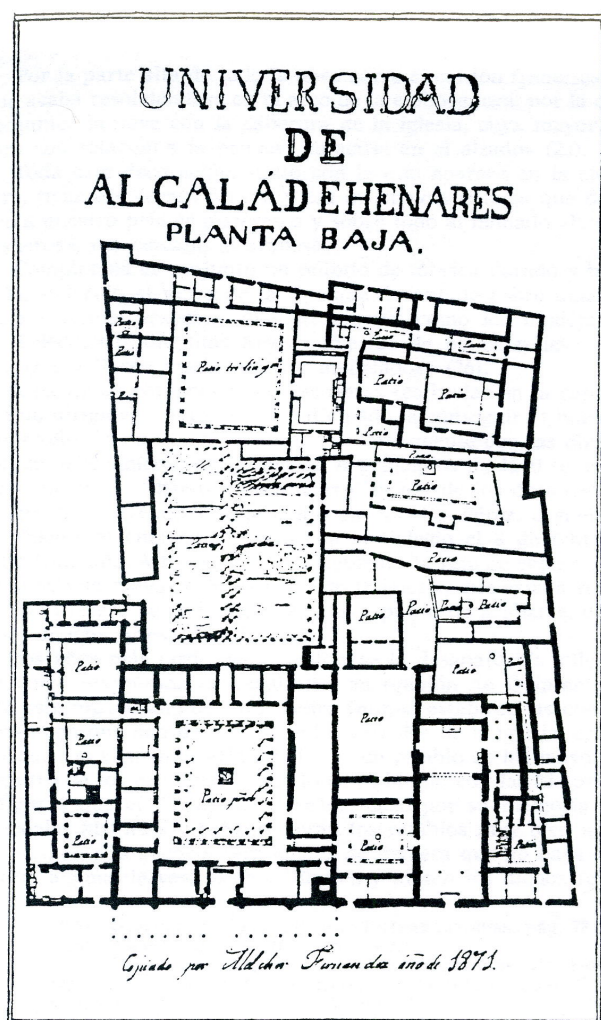


Fig.16.
Colegio Mayor de San Ildefonso.
Planta desenhada por Melchor Fernández, em 1871, a partir de um desenho anterior (fonte: Miguel Ángel Castillo Oreja).

⁷⁰ *Ibidem*, p.65.

⁷¹ Existem dois desenhos deste novo nível superior (AHN, *Sección Universidades*, lib. 57), uma delas publicada em **AAVV, Alcalá, una ciudad en la historia**, catálogo de exposição, Madrid, Comunidad de Madrid, 2008. Leia-se, neste catálogo, o artigo de explicação dos desenhos de Sopeña por Félix DÍAZ MORENO, p.278-281.

3. Os séculos XVI e XVII, uma síntese.

3.1. Universidades Ibéricas fundadas nos séculos XVI e XVII

Antes de avançarmos para as conclusões da presente dissertação, que já vai longa, pretendemos fazer uma síntese das transformações ocorridas na realidade universitária durante o século XVI, justamente conhecido em Espanha como o *Siglo de Oro*. Tentaremos, acima de tudo, dar uma visão geral e resumida dos desenvolvimentos nos campos do urbanismo e da arquitectura universitários, posteriores ao período que temos vindo a estudar com maior detalhe – sobretudo os séculos XIV e XV – período que englobou ainda (nalgumas situações específicas) os primeiros anos do século de Quinhentos, a todos os títulos central para a história ibérica.

Com efeito, bastará atentar para o facto de que em finais do século XV eram apenas oito as universidades ibéricas em funcionamento (Salamanca, Valladolid, Lisboa, Lérida, Perpignan, Huesca e Sigüenza) ou em processo de fundação (Alcalá de Henares e Valência) e que ao longo do século XVI, foram fundadas nada menos que 22 novas universidades (sem contar com a transferência definitiva da primeira universidade portuguesa de Lisboa para Coimbra, operada em 1537).

Como refere Luís Rodríguez San-Pedro Bezares, as causas deste fenómeno foram variadas e complexas, embora se possa destacar, como pano de fundo, a necessidade de formação de quadros para uma cada vez mais exigente e centralizada burocracia do estado e também para uma igreja que se encontrava em pleno processo de renovação das suas instituições seculares e regulares.¹ A estes factores, como sintetizou o mesmo investigador, deve juntar-se o desejo de promoção local e de perpetuação do nome de uma série de prelados e de homens do clero, que tomaram a iniciativa da criação de novos centros docentes de nível superior.² Com efeito, muitas das novas

¹ Luis Enrique RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES, “Las Universidades de Castilla”, *Historia de una cultura: La singularidad de Castilla*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1995, Tomo II, p.411-459. Veja-se também Richard L. KAGAN, *Universidad y Sociedad en la España Moderna*, Madrid, Tecnos, 1981.

² Luis Enrique RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES, “Las Universidades de Castilla”..., 1995, p.411-459.

universidades eram, de facto, pequenas universidades, ou “universidades menores”, com raio de influência geográfica e social bastante limitada.

Para além da simples questão da escala ou da importância regional ou nacional, outro tipo de aspectos se podem mencionar de forma a enquadrar estas fundações universitárias num conjunto de categorias que têm a ver com distintos tipos de organização e de funcionamento. Com efeito, muitos destes novos institutos eram – na senda do *colegio de San Antonio Portaceli* de Sigüenza – “colégios-universidades”, ou seja, universidades que basicamente se resumiam a um edifício central, onde se situavam as dependências administrativas, onde se davam as aulas e onde eram outorgados os graus académicos, e que acolhiam também a função residencial para um conjunto de colegiais bolseiros, cuja subsistência era garantida pelos rendimentos da fundação original e que, simultaneamente, administravam a fazenda da instituição.

Podemos, pois, contabilizar ao longo do século XVI um total de seis fundações deste tipo (*Santa Maria de Jesus* de Sevilha, *Santa Catalina* de Toledo, *Sancti Spiritus* de Oñate, *Purísima Concepción* de Osuna, *Santa Catalina* de Burgo de Osma) para além de outras duas (Santiago de Compostela e Granada) que se fundaram a partir de um colégio central, mas que acabaram por desenvolver um tipo de organização, dito de claustral, semelhante ao das universidades mais antigas, em que professores e alunos regiam a universidade. Houve ainda uma universidade, de maior dimensão, a de Oviedo, que foi criada, logo de início, na continuidade deste último modelo.

A leste, no reino de Aragão, o modelo dominante, já desde tempos medievais, era o das fundações municipais (Lérida, Perpignan, Huesca). Ao longo do século XVI acrescentaram-se as universidades de Valência, Barcelona, Girona, Saragoça e Vich, sempre neste formato, em que eram as autoridades concelhias que dirigiam, em última instância, os destinos dos estudos.

Paralelamente aos colégios-universidades fundaram-se também uma série de conventos-universidades, promovidos ou acolhidos pelas ordens religiosas, e que se centravam no ensino da teologia e das artes e humanidades. Estas instituições, como o próprio nome indica, não eram mais que conventos nos

quais se davam cursos superiores com possibilidade de frequência externa, em espaços próprios destinados para o efeito, organizados normalmente em torno de um claustro adicional. Do conjunto das ordens religiosas devem-se destacar os dominicanos, que fundaram um total de cinco conventos-universidades na Península, ao longo do século XVI (Santo Tomás de Sevilha, Almagro, Tortosa, Orihuela e Ávila) e mais duas (Solsona e Pamplona) em inícios do século XVII; e uma nova ordem que iria também desempenhar um papel relevante no ensino – os jesuítas, que fundariam dois centros universitários autónomos (Gandía e Évora) para além dos grandiosos colégios que levantaram junto das universidades mais antigas e renomadas. Também beneditinos (Irache) e jerónimos (no mosteiro do Escorial) fundaram institutos que atribuíam graus com universalidade.

Aspecto que a que não dedicaremos mais que umas breves linhas, mas que importa registar, é o da exportação do fenómeno universitário para a Novo Mundo, precisamente durante o século XVI, sobretudo no caso da América Espanhola, já que no caso do Brasil, a universidade de Coimbra conseguiu sempre anular as iniciativas de criação de uma universidade ultramarina, em particular, em Salvador da Bahia.³ Desse processo expansivo são testemunhas as fundações de Santo Domingo, primeira universidade surgida em toda a América, reconhecida pelo Papa em 1538, com os privilégios das de Alcalá e de Salamanca. Seguiram-se as universidades da Cidade do México e de Lima, ambas de fundação régia e ambas criadas em 1551, com os privilégios da salmantina.⁴

Tanto a universidade dominicana com a peruana vieram a constituir-se como conventos-universidades, pois foram acolhidas nos conventos dominicanos locais. Este foi, aliás, um modelo que se implantou com grande sucesso por todas as colónias espanholas como mostram as fundações dominicana de Santa Fé de Bogotá (1580) e agostinha de *San Fulgencio* de Quito (1586), e

³ Fernando CASTELO-BRANCO, “Tentativa de criação de uma universidade no Brasil, no século XVII”, in *Anais da Academia Portuguesa da História*, II Série, Vol.21, 1972, p.621-631.

⁴ Veja-se, sobre este assunto, Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas*, Vol.II (*El Siglo de Oro Universitario*), Ávila, 1958, p.133-176. Um bom resumo desta matéria encontra-se em Águeda María RODRÍGUEZ CRUZ, *La Universidad de Salamanca en Hispanoamérica*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2005.

ainda uma série de outras instituições deste tipo (dominicanas, jesuítas, agostinhas) criadas ao longo do século XVII.⁵

Universidades ibéricas fundadas antes de 1500:

1218/19: Salamanca

ante 1293: Valladolid

1290: Lisboa / Coimbra

1300: Lérida

1350: Perpignan

1354: Huesca

1489: Sigüenza

1499: Alcalá

Universidades Ibéricas fundadas no século XVI:

1501: Valência

1505: Sevilha / Stª Maria de Jesus (*“colegio-universidad”*)

1516: Sevilha / Stº Tomás (*“colegio-universidad”* dominicano)

1520: Toledo (*“colegio-universidad”*, depois universidade)

1526: Santiago de Compostela (*“colegio-universidad”*, depois universidade)

1531: Granada (*“colegio-universidad”*, depois universidade)

1533/36: Barcelona

1540: Oñate (*“colegio-universidad”*)

1542: Baeza (*“colegio-universidad”*)

1547: Gandía (jesuíta)

1548: Osuna (*“colegio-universidad”*)

cª1549: Irache (benedictina)

1550: Almagro (dominicana)

1550: Burgo de Osma (*“colegio-universidad”*)

1559: Évora (jesuíta)

1569: Orihuela (dominicana)

(continua na p.548)

⁵ Candido María AJO GONZÁLEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas...*, Vol.II, 1958, p.133-176.



Fig.1.
Universidades ibéricas em funcionamento em finais do séc. XVII

1572/75: Gerona

1574: Oviedo

1574: Tarragona (seminário-universidade)

1576: Ávila (dominicana)

1542/83: Saragoça

1587: El Escorial (jerónima)

1599: Vich

Universidades ibéricas fundadas nos séculos XVII e XVIII:

1614: Solsona (dominicana)

1619 Pamplona (dominicana)

1673/97 Palma de Maiorca

1701: La Laguna (agostinha)

1714/17: Cervera

3.2. As universidades ibéricas na cidade (1531-1650)



Fig.1.
Luís Vives (1492-1540)

a) A localização ideal das escolas, por Juan Luís Vives

Em de Julho de 1531 concluiu o famoso humanista espanhol Juan Luís Vives (1492-1531) a dedicatória do seu livro *De Disciplinis*,¹ dirigida a D. João III “Rey Ilustre de Portugal”. Entre as razões da dedicatória contava-se a admiração de Vives pela empresa ultramarina dos portugueses, não só pela efectiva expansão da fé cristã mas também pelas notáveis descobertas de novos mundos e de novas gentes. Relevava também o humanista valenciano “*El favor que dispensas [D. João III] a los literatos y a las letras*”, referindo-se aos “*nutridos grupos de estudantes*”, sobretudo em Paris, “*mantenidos a tus expensas*”. Falava obviamente dos bolseiros que o Rei português mantinha à sua custa no colégio de Santa Bárbara em Paris, na continuação da política de bolsas no estrangeiro promovida pelo seu pai D. Manuel. É possível, também, que a iminência de uma reforma profunda no sistema universitário português (que de facto veio a acontecer, passados apenas seis curtos anos) tivesse

¹ Consultamos a tradução para castelhano do original latino (publicado em Antuérpia) em **Juan Luís VIVES, Obras Completas (Edição de Lorenzo Riber)**, Madrid, Aguilar, Tomo II, 1948, p.337-687.

levado Vives a dedicar o seu trabalho ao monarca luso na hipotética esperança de o poder influenciar.

O *De Disciplinis* divide-se em três partes principais. Uma primeira dedicada a uma avaliação crítica dos programas das diversas matérias ensinadas num sistema de nível superior. Uma segunda parte, que trata da “arte de ensinar”, referindo-se, entre outros aspectos, aos locais onde devem estar instaladas as escolas, ao modo como se deviam seleccionar os professores, à pedagogia e ao método de aprendizagem dos estudantes. E uma terceira parte final, na qual se refere à “*vida y costumbres del humanista*”, fazendo um balanço da conduta e das qualidades a cultivar pelos homens de letras.

Naturalmente, destacaremos aqui os aspectos mais importantes elencados por Vives no que toca à localização ideal das escolas,² devedores das disposições de Alfonso X e das de Buocompagno, a que já nos referimos anteriormente nesta dissertação. “*Lo primero que há de precaverse es la salubridad del lugar*”, de modo a se evitarem as epidemias. Seguidamente, “*hase luego mirar que haya fácilmente asequible abundancia de alimentos sanos*”. Referia ainda que as escolas se deviam instalar em “*lugar apartado de toda concurrencia, especialmente de artesanos, que en sus faenas respectivas hacen grandes estrépitos y ruidos...*”. Devia-se também procurar afastar as escolas da ociosidade “*de la corte y de la vecindad de mujeres mozas*”. Por outro lado não deviam estar em “*sitio totalmente despoblado*”, por razões óbvias de isolamento:

“*Lo más cuerdo seria instalar el colegio fuera de la ciudad, especialmente se fuere marítima o sus moradores se dedicaren al comercio [como Lisboa?] (...) ni tampoco esté a la vera de un camino publico, porque la atención de los escolares no se distraiga con la cambiante novedad de los yentes y de los venientes. Ni tampoco esté en sitios fronterizos, que suelen estar ocasionados a guerras, porque esa alarma y sobresalto continuo no les roben la quietud necesaria para el estudio*”.³

² Para o excerto completo dedicado a esta questão veja-se o **anexo VII** no final da dissertação.

³ *Ibidem*, p.551.

Finalmente, referia-se à distribuição geográfica das escolas preconizando que se estabelecesse “*en cada provincia una, digamos «academia»*”.⁴

Registemos, pois, mais esta elaboração teórica sobre o espaço físico da universidade, em muito devedora de elaborações anteriores.

b) O «patio de Escuelas» e a conformação do bairro universitário de Salamanca

Ao longo do século XVI ganhariam presença urbana relevante, nas respectivas cidades de implantação, as duas mais importantes universidades castelhanas, a de Salamanca, de origem medieval, e a recém-criada universidade de Alcalá. Este protagonismo resultaria do impacto arquitectónico crescente dos edifícios universitários e da afectação de áreas urbanas cada vez mais significativas à função universitária, fruto do grande número de fundações colegiais registadas, algumas também de grande monumentalidade.

Em Salamanca, os dois aspectos mais relevantes para a história do urbanismo universitário salmantino do século XVI foram certamente o início da conformação do *patio de Escuelas* e, sobretudo, a constituição informal de um considerável bairro universitário, onde se implantaram a maioria dos colégios, na zona envolvente das escolas, a poente das catedrais.⁵ Em ambos os casos estamos perante processos de desenvolvimento em tempo longo, que se prolongaram por inícios do século seguinte.

Falámos já das implantações prévias das *Escuelas Mayores*, do hospital do estudo e das *Escuelas Menores* (capítulo 1.3) que remontam, na origem, aos inícios do século XV.⁶ Vimos também como, na sequência da reorientação das *Escuelas Mayores* (e por motivo da construção da nova catedral), se procedeu à dignificação da frente poente daquele imóvel pela construção da nova biblioteca e da nova “*portada rica*”, operação terminada cerca de 1528.

⁴ *Ibidem*, p.551.

⁵ Seguimos fundamentalmente, para este resumo, **Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO**, “**La Universidad de Salamanca en la Ciudad: aspectos urbanísticos (siglos XV-XVIII)**”, *Miscelánea Alfonso IX* (2002), Salamanca, 2003, p.115- 150 (p.122).

⁶ **Ángel VACA LORENZO**, “**Origen y formación del primitivo campus de la Universidad de Salamanca: las Escuelas Mayores**”, *Salamanca – Revista de Estudios*, 1999, n.43, p.143-169.

A poente da sede universitária reformulou-se o edifício das *Escuelas Menores*, entre 1526 (ou talvez um pouco antes) e 1533, ano em que se concluiu o novo portal renascentista, composto de dois arcos apoiados em colunas, situado sobre a entrada norte daquele recinto escolar.⁷ Seguir-se-ia a reforma do hospital do estudo. Com efeito, entre 1539-1542, integrou-se o portal (resultante de uma campanha de obras anterior) numa fachada renovada e alargada, que se estendia desde a nova entrada das *Escuelas Menores* até à esquina frente às *Escuelas Mayores*,⁸ rematada superiormente por uma “*crestería*” em pedra trabalhada. Estes novos elementos, a fachada do hospital e o portal das *Escuelas Menores* (**fig.3**), davam para um pequeno largo e rua travessa fronteiros à mencionada “*portada rica*”, dando já a entender a futura conformação do mais amplo *pateo de Escuelas*, “*conjunto excepcional en la arquitectura universitaria española y incluso europea*”, nas palavras de José Ramón Nieto González.⁹

Ainda em meados do século XVI, e por mais que uma vez, se programou a conclusão deste pátio representativo da universidade. Com efeito, e sobre a sua frente norte, ainda ocupada por casas pré-existentes, pensou-se instalar um novo teatro ou “sala grande para os actos públicos”, programa pela primeira vez ideado em 1529 pelo reitor Pérez de Oliva,¹⁰ que se tentou implementar novamente em 1547 e 1561,¹¹ mas, em última instância, abandonado.

⁷ Ana CASTRO SANTAMARÍA, *Juan de Álava. Arquitecto del Renacimiento*, Salamanca, Caja Duero, 2002, p.429-435.

⁸ Ampliou-se o imóvel mais para nascente à custa da aquisição de casas. Refizeram-se as três janelas da capela (cuja renovação interna terminaria em 1546) ao passo que se introduziram novas janelas, de cariz renascentista, ao nível do andar elevado do imóvel. Estas aberturas iluminavam uma nova enfermaria, ou dormitório, em forma de uma extensa sala que ocupava todo o piso superior – haviam-se suprimido os quartos do antigo hospital, mais adequados ao conceito de hospedaria, que foi abandonado. Teresa SANTANDER, *El Hospital del Estudio 1413-1810*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1993, p.21-41. Veja-se também uma boa síntese em José Ramón NIETO GONZÁLEZ, “*Escuelas Mayores, Menores y Hospital del Estudio, siglos XIII-XX*”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*. Ediciones Universidad de Salamanca, Vol. II (*Estructuras y Flujos*), 2004, p.375-455 (p.450-455).

⁹ *Ibidem*, p.375. Veja-se também, sobre este conjunto, Julián ÁLVAREZ VILLAR, *Universidad de Salamanca. Arte y tradiciones* (1972) Salamanca, Universidad de Salamanca, 1985 (3ª ed).

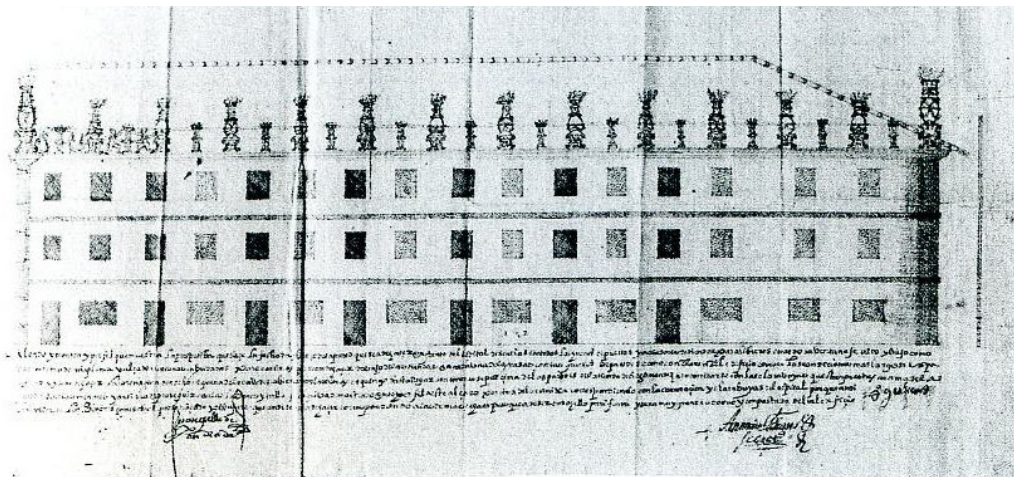
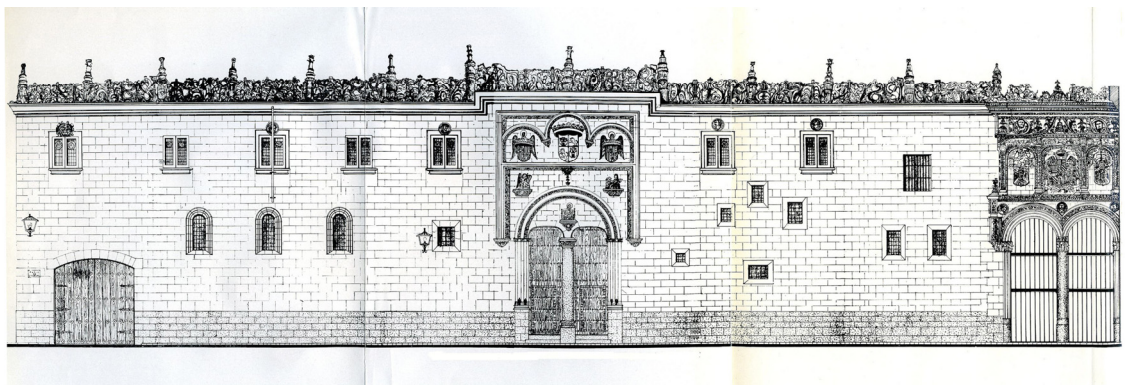
¹⁰ Ana CASTRO SANTAMARÍA, *Juan de Álava...*, p.428.

¹¹ Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad...”, 2003, p.122.

Fig.2.
Pátio de Escuelas
no princípio do século XX
(fotografia Archivo Oronoz)

Fig.3.
Hospital do estudo e portal
das *Escuelas Menores*.
Desenho de Valeriano
Hernández

Fig.4.
Projecto de Pedro Gutierrez
para a frente norte do *pateo*
de Escuelas, 1609



A universidade lograria a concretização de uma nova frente norte do *patio de Escuelas* apenas a partir de 1609, após ter colaborado com o cabido na abertura prévia da actual *calle Calderon de la Barca*, fronteira à catedral nova, e imediatamente a sul da sede universitária. Foi projectista da intervenção do pátio o canteiro Pedro Gutiérrez que idealizou, originalmente, um interessantíssimo bloco contínuo (**fig.4**) “*de once casas de tres altos con mostradores en cada una de ellas para tienda y cantinas o bodegas bajo ésta y el portal, destinadas fundamentalmente a encuadernadores y libreros, que eran también arrendatarios de las anteriores y acabarían dando nombre a la calle,*”¹² referência, evidentemente, à antiga *Rua Nueva* que passou, por este tempo, a designar-se por *calle de Libreros*. Neste primeiro projecto destacava-se o remate superior do bloco, uma “*crestería*”, que prolongava o mesmo tipo de remate trabalhado da fachada do hospital do estudo, dando unidade a todo o conjunto – A versão efectivamente construída, entre 1611 e 1622,¹³ acabou por resultar mais anódina e de menor interesse arquitectónico (**fig.2**)

Observemos, por outro lado, e em breves linhas, o desenvolvimento do bairro universitário. Demos conta no capítulo 1.3. como, no final da Idade Média, o centro comercial da cidade, originalmente localizado na *plaza de Santa Maria* ou do Açougue Velho, a norte da catedral românica, se foi deslocando progressivamente mais para norte, no sentido do antigo largo de *San Martín* (actual *Plaza Mayor*) em função da expansão urbana naquela direcção e das maiores facilidades de acesso desta última localização. Assim, foi ficando mais “disponível” o alto do chamado “*cerro de las catedrales*” (correspondente ao núcleo principal da cidade alto-medieval) para a conformação do bairro universitário salmantino, processo que ocorreu sobretudo a partir dos inícios do século XVI.

De facto, em finais do século XV existiam apenas dois ou três colégios seculares em Salamanca (o de “*Pan y carbón*” e o *colegio Mayor de San Bartolomé*, e talvez o do arcebispo de Toledo) para além de alguns poucos conventos das ordens religiosas, situados em zonas mais periféricas da cidade (veja-se o capítulo 1.3., fig.4) e que albergavam estudos próprios, enquadrados

¹² *Ibidem*, p.131-133.

¹³ *Ibidem*, p.134-135.

no âmbito do cursos da universidade. Ao longo de todo o século XVI surgiram três novos colégios “*mayores*”, 22 colégios “*menores*”,¹⁴ para além de quatro outros colégios das ordens militares e mais sete novos colégios regulares, no âmbito de outras tantas casas de religiosos. No século XVII fundaram-se ainda mais três colégios seculares e cinco regulares.¹⁵ Salamanca “*fue el centro universitario español que mayor número de fundaciones colegiales registró, y uno de los más importantes de Europa*”.¹⁶

Este incremento exponencial no número de fundações colegiais acompanhou, naturalmente, o aumento do número de escolares da universidade (mestres e alunos) cujos valores terão passado de cerca de 500, em meados do séc. XV, para cerca de 3000 no início do séc. XVI, atingindo cifras da ordem dos 5000 a 7000, no decorrer da segunda metade da centúria.¹⁷ A população da própria cidade terá evoluído de cerca de 18.500 habitantes registados no censo de 1504 para cerca de 25.000, em 1561.¹⁸

Nieves Rupérez, em excelente artigo que temos vindo a acompanhar, dedicado ao urbanismo universitário salmantino, sublinha a “*ausencia total de planificación*” – nos antípodas, portanto, do esquema prefigurado da Alcalá cisneriana – referindo que esta falta de regra “*no fue óbice para la configuración de un auténtico barrio universitario*”.¹⁹ A mesma autora chama ainda a atenção para a destruição de alguns importantes colégios durante a guerra peninsular, destruição que impede, hoje, uma noção da verdadeira

¹⁴ Veja-se, sobre os colégios salmantinos seculares, Luis SALA BALUST, ***Constituciones, estatutos y ceremonias de los antiguos colegios seculares de la Universidad de Salamanca***, Salamanca, Universidad de Salamanca, 4 Vols., 1962-1966, em particular a introdução geral do primeiro volume (p.9-70).

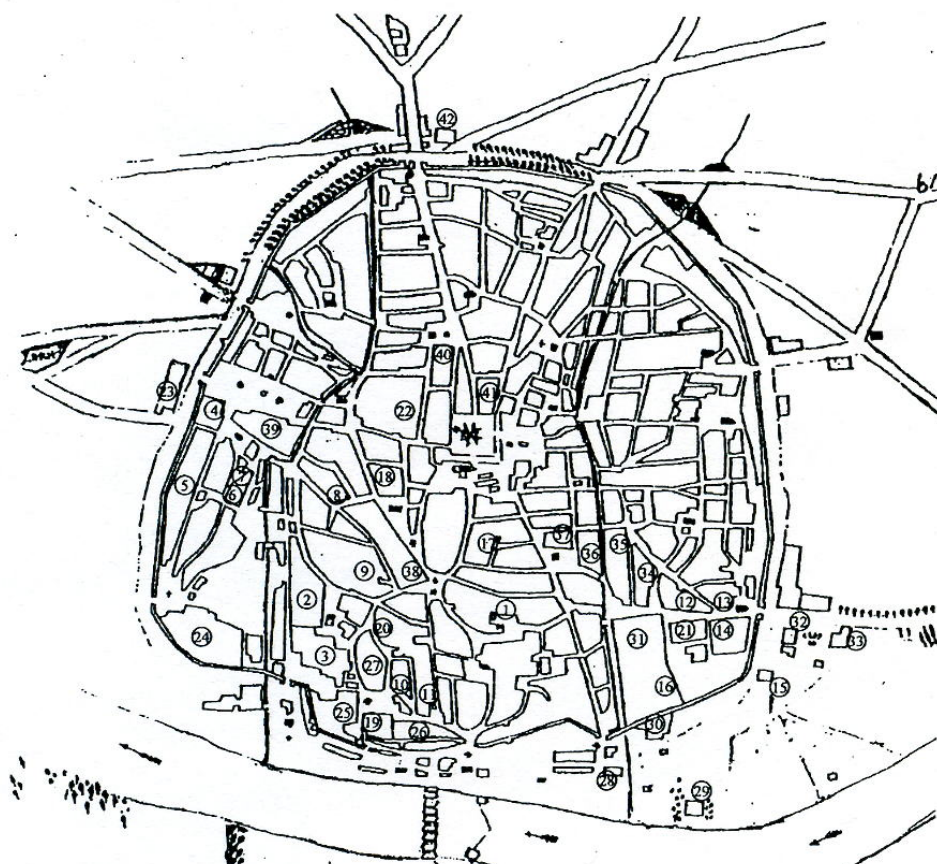
¹⁵ Números retirados de Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad...”, 2003, p.138-139 (veja-se a localização dos mesmos na **fig.5**).

¹⁶ Ana María CARABÍAS TORRES, “La Universidad de Salamanca en la Edad Moderna”, *Historia de Salamanca III. Edad Moderna*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1999, p.376 e segs. (p.382), citada por Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad...”, 2003, p.137

¹⁷ Richard L. KAGAN, ***Universidad y sociedad en la España Moderna***, Madrid, Tecnos, 1981, p.240-242.

¹⁸ Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad...”, 2003, p.118. A tendência nos inícios do século seguinte seria para uma diminuição relativa destes números.

¹⁹ *Ibidem*, p.139.



COLEGIOS SECULARES Y RELIGIOSOS

COLEGIOS MAYORES

1. Colegio de San Bartolomé
2. Colegio de Oviedo
3. Colegio de Cuenca
4. Colegio del Arzobispo

COLEGIOS MENORES

5. La Magdalena
6. Los Angeles
7. San Patricio
8. Cañizares
9. San Pelayo
10. Trilingüe
11. San Millán
12. Santa Catalina
13. San Ildefonso
14. Santo Tomás
15. Huérfanos
16. Monte Olivete
17. Pan y Carbón
18. Niños de la Doctrina

COLEGIOS MILITARES

19. Del Rey
20. Alcántara

21. Calatrava
22. San Juan de Jerusalén

COLEGIOS REGULARES

23. San Bernardo
24. San Vicente
25. San Cayetano
26. Merced Calzada
27. Agustinos Calzados. San Guillermo
28. San Norberto de Premostratenses
29. Canónigos Regulares de la Vega
30. San Andrés de Carmelitas Calzados
31. San Esteban de Dominicos
32. Merced Calzada
33. Jerónimos: Nuestra Señora de la Victoria y de Guadalupe
34. Basilio
35. Agustinos Descalzos
36. Trinitarios Descalzos
37. San Carlos Borromeo de Clérigos Menores
38. Jesuitas
39. San Francisco
40. Carmelitas Calzados
41. Trinitarios Calzados.
42. Mínimos de San Francisco de Paula

Fig.5: Colégios de Salamanca, 1784 (fonte: M^a. Nieves Rupérez)



Fig.6: Plano de Salamanca, de Jerónimo García de Quiñones, 1784 (AHNM)

expressão que teve aquele bairro.²⁰ Ponto de referência para a instalação dos novos colégios seria o renovado edifício central das *Escuelas Mayores* “en el centro mismo de la ciudad vieja, junto a la Catedral”.²¹

Papel decisivo na conformação deste bairro foi o dos novos *colegios Mayores*, em particular os de Oviedo (fundado em 1522) e de Cuenca (fundado em 1523²²), ambos implantados a sudoeste da sede da universidade, e que constituem, precisamente, dois dos colégios infelizmente desaparecidos. O terceiro colégio deste tipo, o do Arcebispo Fonseca (fundado em 1525) foi estabelecido em zona um pouco mais afastada, para poente.

Outros colégios importantes que viriam a ostentar edifícios de grande ou média escala, com impacto notório na paisagem urbana, foram o *colegio Del Rey* (da ordem militar de Santiago) ou o *colégio Trilingue*, colégio pertencente à universidade e que, para além de dependências residenciais, albergava espaços lectivos destinados ao ensino da gramática e das línguas. Ou ainda o *colegio de San Pelayo* (ou *de los Verdes*), que não era “*Mayor*”, mas que os próprios colegiais designavam como colégio “*Insigne*”, e que se situava bem no centro do casario medieval. Todos colégios levantados “de nova planta” na zona poente da cidade antiga, na proximidade dos dois citados *colegios Mayores*, de Oviedo e de Cuenca (**fig.5**), e que tão pouco hoje subsistem – com excepção da capela do de *San Pelayo* integrada no edifício actual da faculdade de geografia e história. Outros colégios de escala intermédia, eram

²⁰ Sobre a destruição da cidade em inícios de Oitocentos veja-se **Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO**, “La Guerra de la Independência y su incidência en el patrimonio arquitectónico y urbanístico salmantino”, *Salamanca, Revista de Estudios*, 40, 1997, p.255-305.

²¹ Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad...”, 2003, p.139.

²² Datas de fundação retiradas de **Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO**, **Ana CASTRO SANTAMARÍA**, “Colegios desaparecidos”, in Luís Enrique Rodríguez-San Pedro Bezares (Ed.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, Vol.II (*Estructuras y Flujos*), p.471-485 (p.476).

os de *la Magdalena* (também auto-intitulado de “*Insigne*”)²³ e os de *Monte Olivete* e de *Huérfanos*.²⁴

Quanto aos restantes colégios menores, “*su repercusión en el urbanismo salmantino fue mucho más escasa que la de los colegios mayores o la de los regulares, ni gozaron tampoco de su monumentalidad y calidad artística*”.²⁵

Com efeito, estas fundações de menores recursos, instalaram-se em casas urbanas pré-existentes, adaptadas e pontualmente transformadas, pelo que não se destacaram na paisagem urbana, tendo-se instalado maioritariamente nas zonas mais a sudoeste ou mais a sudeste da cidade.

Aspecto muito interessante (de entre vários sistematizados por Nieves Rupérez na análise da conformação do bairro universitário salmantino) foi o da progressiva demolição do antigo casario, paulatinamente substituído pelas moles edificadas dos novos colégios, cuja dimensão relativa se pode atestar, justamente, pelo número de casas adquiridas aquando dos processos de implantação dos mesmos.²⁶ Processo paralelo de transformação da morfologia urbana foi a da supressão de vias, ocasionada pela aquisição de dois ou mais quarteirões inteiros. Este fenómeno, associado à introdução de novas praças e largos, normalmente defronte dos novos colégios, veio a resultar numa ampla regularização e simplificação do traçado viário.²⁷

Um terceiro efeito foi o de uma maior rarefacção habitacional na “área” universitária e a natural mono-funcionalização das actividades. Desapareceram casas correntes, casas nobres e inclusivamente igrejas paroquiais, algumas substituídas pelas igrejas e capelas colegiais. Um verdadeiro bairro académico, portanto, sobreposto ao núcleo inicial e mais elevado da urbe – a imagem da universidade confundia-se com a da própria cidade. Como nos diz a mesma

²³ Que aproveitou para sede uma casa nobre pré-existente (incluindo uma torre) que se situava na zona mais ocidental da cidade, Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Ana CASTRO SANTAMARÍA, “colégios desaparecidos...”, 2004, p.474.

²⁴ Ambos de nova construção e afastados do bairro universitário, implantados na zona oriental da cidade, o último dos quais chegou aos dias de hoje. Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad...”, 2003, p.143.

²⁵ *Ibidem*, p.144.

²⁶ Segundo Nieves Rupérez, o *colegio de Huérfanos*, levantou-se no espaço de 18 casas, o de Cuenca, no espaço de 35 (e de três antigos quarteirões) e o dos Jesuítas ocuparia o terreno correspondente a um número ainda maior de habitações, a partir das primeiras aquisições, em 1614. *Ibidem*, p.145-146.

²⁷ *Ibidem*, p.146-147.

autora, “*el dominio colegial en todo este sector (...) se constata claramente en los planos de Jerónimo García de Quiñones y Juan Marcelino de Sagarvinaga*”,²⁸ planos de 1784 e 1804, respectivamente, o primeiro dos quais mostramos na **fig.6**, e que constitui a mais antiga representação planimétrica conhecida de Salamanca.

Cabe ainda antevermos o grande acontecimento urbano do século seguinte – o da construção do monumental colégio dos jesuítas, implantado a meio caminho entre as *Escuelas Mayores* e o centro da cidade,²⁹ e cuja igreja, com as suas duas torres altaneiras da fachada e cúpula, de tambor octogonal, teria um impacto fortíssimo sobre a fisionomia salmantina.

c) Operações urbanas para a instalação da universidade portuguesa em Coimbra

No campo do urbanismo universitário ibérico cabe destacar a transferência da universidade portuguesa de Lisboa para Coimbra, em 1537, que levaria à conformação de nada menos que duas operações urbanas paralelas e de certa dimensão, nas zonas baixa e alta desta última cidade, ambas destinadas à implantação das escolas e de uma nova rede de colégios.

Os motivos da transferência da universidade portuguesa já foram, nas suas linhas gerais, explanados no estudo de referência sobre o tema, de Silva Dias.³⁰ Os principais terão sido o acomodamento do corpo docente e o desfasamento do programa de estudos da universidade lisbonense face às linhas de força do humanismo cristão de vanguarda, com as quais o Rei se identificava. Esse desfasamento reflectia-se, também, na grande quantidade de estudantes nacionais que buscavam formação superior fora do país, nos renomados centros universitários do tempo, casos de Salamanca, Alcalá, Paris,

²⁸ *Ibidem*, p.139-141.

²⁹ Veja-se, sobre o processo de implantação do colégio novo dos jesuítas, **Alfonso RODRIGUEZ G. DE CEBALLOS**, *Estúdios del Barroco Salmantinos* (1969), Salamanca, Centro de Estúdios Salmantinos, 2ª ed. 1985; **Fernando MARIAS**, “*El primer proyecto de Juan Gómez de Mora para el Colegio de «La Clerecía» de Salamanca*”, in *AAVV, Homenaje al Professor Antonio Bonet Correa*, Madrid, Editorial Complutense, 1994, p469-480.

³⁰ **José Sebastião da Silva DIAS**, *A política cultural da época de D. João III*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2 Vols., 1969.

Bolonha, e Florença.³¹ Reconhecendo este problema pretendeu D. João III fazer de Coimbra “*um dos grandes centros culturais da Península*”.³²

Outro aspecto importante era a inexistência (ao fim de 160 anos de permanência contínua e estável da universidade em Lisboa) de uma rede de colégios de apoio, sobretudo para os estudos propedêuticos, sistema que nunca se conseguiu estabelecer (como vimos no capítulo 1.5). A constituição de uma rede destes institutos, tanto seculares como regulares, foi precisamente um aspecto fundamental da reforma levada a cabo nos anos seguintes.

Em 1527, ao mesmo tempo que dava andamento à reforma, tanto espiritual como material,³³ do importante convento de Santa Cruz de Coimbra (**figs. 7 e 8**), o Rei obteria para a sua gestão parte dos abundantes rendimentos dos cônegos regrantes, que aplicaria num novo projecto universitário a desenvolver nesta cidade.³⁴ Para mais, já havia colocado um reformador, o jerónimo e homem de letras Frei Brás de Barros (ou de Braga),³⁵ à frente dos destinos do cenóbio crúzio.³⁶

Factor relevante, como notou também Silva Dias, terá sido a publicação em Antuérpia, em 1531, do *De Disciplinis*, de Luís Vives,³⁷ obra já aqui

³¹ *Ibidem*, p.567. O próprio D. João III apoiou a estadia de alguns desses estudantes no estrangeiro através da concessão, em 1526, do número extraordinário de 50 bolsas para que aprendessem humanidades no Colégio de Santa Bárbara em Paris (onde era principal Diogo de Gouveia, *o velho*) e para que seguissem depois a teologia na Sorbonne. *Ibidem*, p.347-351.

³² *Ibidem*, p.499.

³³ Sobre a reforma material do convento (na igreja do qual se encontram sepultados os dois primeiros Reis de Portugal) veja-se, sobretudo, **Pedro DIAS, *A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença***, Coimbra, Epartur, 1982, p.103-192, **Rui LOBO, *Santa Cruz e a Rua da Sofia. Arquitectura e urbanismo no século XVI*** (1999), Coimbra, Edarq, 2006, p.25-63, e **Maria de Lurdes CRAVEIRO, *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas arquitectónicos***, dissertação de doutoramento em História da Arte, FLUC, 2002, p.106-149.

³⁴ Segundo António Filipe Pimentel, o Rei programara com anterioridade a estadia em Coimbra com o intuito de dar início ao projecto. **António Filipe PIMENTEL, *A Morada da Sabedoria. O Paço Real de Coimbra das origens ao estabelecimento da Universidade*** (2002), Coimbra, Almedina, 2005, p.30.

³⁵ Frei Brás de Barros havia acabado de regressar da Europa onde havia estudado teologia (1517-1525) nas universidades de Paris e de Lovaina, academia onde se terá graduado. Sobre a biografia de Frei Brás de Barros, veja-se José Sebastião da Silva DIAS, *A política cultural...*, 1969, p.333-337 e **Cândidos dos SANTOS, “De Reformador dos Estudos a Bispo de Leiria ou o itinerário de um contemplativo: Frei Brás de Barros”**, *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol.XXXVI, 1991, p.317-326.

³⁶ Foi nomeado a 8 de Outubro de 1527.

³⁷ José Sebastião da Silva DIAS, *A política cultural...*, 1969, p.582-586.

referenciada, e que o humanista espanhol dedicava precisamente a D. João III. Na reflexão dedicada aos locais onde deveriam estar instalados, idealmente, os estudos, Vives referiu-se negativamente às cidades portuárias e comerciais. Defendia também que a universidade não se instalasse em cidade da Corte, aspectos estes que tinham correspondência evidente com o caso de Lisboa. Os contornos políticos e pedagógicos do processo de instalação da universidade em Coimbra foram já alvo de renovadas abordagens, na senda do estudo mais antigo de Silva Dias, entre as quais se destacam as teses de doutoramento de Walter Rossa³⁸ e de António Filipe Pimentel.³⁹ Também na aproximação aos aspectos relacionados com a história do urbanismo, e com o desenhar da infra-estrutura necessária para o projecto, se registaram desenvolvimentos recentes (nem sempre coincidentes) entre os quais devemos citar um nosso contributo⁴⁰ e o já citado trabalho de Walter Rossa. Neste campo, e a partir da sistematização do manancial de dados disponíveis julgamos poder avançar novos dados para o problema, das quais aqui tentaremos, de forma sucinta, dar conta.⁴¹

Tentemos resumir, em linhas gerais, o evoluir, complexo, deste processo. Em 1528, estaria já a funcionar, o *studium particulare* do convento, para os cónegos regrantes,⁴² embrião de um futuro estudo de nível superior. Seis anos depois, em 1534-1535, começou a funcionar um estudo público de artes no âmbito do convento crúzio.⁴³ Paralelamente, avançara-se na preparação de um conjunto de novos gerais no interior do convento (na sua área dianteira e apartados da clausura), os “colégios” de Stº Agostinho e de São João

³⁸ **Walter ROSSA, *Diversidade – urbanografia de espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade***, dissertação de doutoramento em Arquitectura, FCTUC, 2001, policopiada.

³⁹ António Filipe PIMENTEL, *A Morada da Sabedoria...*, 2005.

⁴⁰ Rui LOBO, *Santa Cruz e a Rua da Sofia. Arquitectura e urbanismo no século XVI*, relatório de síntese apresentado para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, FCTUC, 1999 (edição policopiada), trabalho depois editado em **Rui LOBO, *Santa Cruz e a Rua da Sofia. Arquitectura e urbanismo no século XVI***, Coimbra, Edarq, 2006.

⁴¹ Uma revisitação mais aprofundada destes temas, que temos alinhavada, ficará para uma próxima oportunidade.

⁴² José Sebastião da Silva DIAS, *A política cultural...*, 1969, p.489-490.

⁴³ **Cândidos dos SANTOS, “Estudantes e constituições dos colégios de Santa Cruz de Coimbra (1534-1540)”**, *Revista da Faculdade de Letras – Série de História*, Universidade do Porto, Vols.IV-V, 1973-74, p.89-189. Nesse primeiro ano lectivo matricularam-se nada menos do que 86 alunos. *Ibidem*, p.15.

Baptista.⁴⁴ Para estes mesmos colégios se prepararam umas constituições, em 1536,⁴⁵ “à imagem e semelhança da escola parisyense” que, na prática, equiparavam o estudo crúzio a uma “*universydade*”, como as próprias constituições assumem, “*circunscrito embora o seu ensino às Artes, Teologia e Medicina*”.⁴⁶ Paralelamente, a faculdade de atribuir graus foi solicitada ao Papa, de modo a escudar juridicamente o novo estudo – pretensão que seria atendida por bula de Paulo III, de 23 de Março de 1537.

Em inícios de 1535 começara-se também a pensar numa infra-estrutura urbana para os estudos a criar junto do convento. O conceito espacial desenvolvido seria o da abertura de uma rua nova (a futura rua de Santa Sofia) que se implantava em direcção ao norte. O traçado desta nova via foi discutido por correspondência entre D. João III e o reformador, com a participação do arquitecto do Rei em Coimbra, Diogo de Castilho.⁴⁷ Uma primeira hipótese de implantação da rua, proposta por frei Brás e por Castilho, foi deslocada (por ordem do Rei) mais para poente, de modo a que arrancasse do largo de Sansão fronteiro ao convento.⁴⁸ No seu troço inicial (?) pretendia D. João III

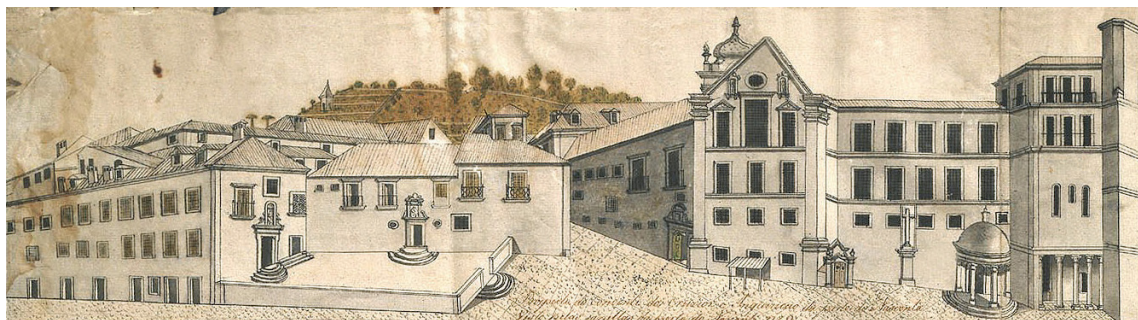
⁴⁴ “Colégios” constituídos apenas por salas de aula (sem função residencial portanto), e que se situavam a norte (Stº Agostinho) e a sul (S. João Baptista) da igreja de Santa Cruz (**Mário BRANDÃO, O Colégio das Artes**, Coimbra, Imprensa da Universidade, Vol. I, 1924, p.39). Não estariam ainda prontos quando se abriram os cursos públicos, uma vez que se contratavam importantes obras de carpintaria em Fevereiro de 1535. Contrato com o carpinteiro João Afonso, 26 de Fevereiro de 1535. **Mário BRANDÃO, “Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III”**, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1937, p.174-175.

⁴⁵ “*Primeiramente instituímos e ordenamos que do collegio de sam Joam e do collegio de nosso padre santo Augustinho que ElRey Dom Joam terceiro nosso senhor mandou fazer em este seu moesteyro de santa cruz...*”. Cândido dos SANTOS, “Estudantes e constituições...”, 1973-74, p.159.

⁴⁶ *Ibidem*, p.101-102.

⁴⁷ Diogo de Castilho era “mestre dos Paços Reais de Coimbra”, desde 1524 e “mestre das obras de pedraria e alvenaria do mosteiro de Santa Cruz”, desde 1531. Sobre o seu percurso e obra veja-se **Maria de Lurdes CRAVEIRO, Diogo de Castilho e a arquitectura da Renascença em Coimbra**, dissertação de Mestrado, FLUC, 1990, edição policopiada da autora.

⁴⁸ “*Eu vy o debuxo da ordenança do collegio que trouxe diogo de Castilho e posto que me parecece boa por que daquela maneira ficava pequeno chão pera o que queria mandar fazer mandey fazer outra ordenança em que fica a obra lançada mais abaixo pera a cidade lançar a rua do tavoleiro da praça*”. Carta do Rei para frei Brás, 17 de Abril de 1535, in **Mário BRANDÃO, Documentos de D. João III**, Coimbra, Universidade de Coimbra, Vol.I, 1937, p.5-6. Deste modo seria a cidade a abrir a rua (Walter ROSSA, *Diversidade...*, 2001, p.677) e a ter de pagar toda a operação.



erguer um colégio da ordem de São Jerónimo (facto que tem passado despercebido⁴⁹) e, aparentemente (segundo Walter Rossa) um edifício lectivo central.⁵⁰

Em Setembro de 1535 estava já definida a implantação definitiva do novo arruamento pois procedera-se à colocação de balizas e fizeram-se as avaliações dos chãos necessários para o projecto, que se destinava “*pera os estudos q sua a. quer mǎdar ffazer...*”.⁵¹ Para os “estudos” e também para os “colégios” são designações que se repetem em vários documentos subsequentes.

A transferência da universidade de Lisboa para Coimbra ocorreria a 1 de Março de 1537, mas com uma mudança aparente de planos. O Rei nomeava um reitor independente de Santa Cruz, D. Garcia de Almeida,⁵² em casa do qual teriam lugar as aulas, durante os primeiros meses. Sobretudo, o edifício sede da universidade já não se construiria na cidade baixa.⁵³ Tratava, assim, D. João III de preservar a autonomia da corporação universitária.

⁴⁹ Veja-se a carta anterior, do Rei para frei Brás de Barros, de 20 de Fevereiro de 1535, Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III...*, Vol.I, 1937, p.4-5: “*Eu tenho determinado de com ajuda de nosso Sōr fazer hum colegio nessa çidade da ordem de sam Jeronimo (...). Diego de castilho vos dara comta da ordenamça e maneira que quero que se tenha no edefiço e obras do dito colegio*”. Demonstraremos mais à frente que não poderia tratar-se nem do colégio de São Miguel nem do de Todos-os-Santos.

⁵⁰ Walter ROSSA, *Diversidade...*, 2001, p.728.

⁵¹ “*Esta avaliaçã ffizemos nos Lc^o Roiz e luis Eanes das erças q elRey nosso sor mǎdou avaliar para os estudos q sua a. quer mǎdar ffazer...*”. Mário BRANDÃO, “Alguns documentos...”, 1937, p.176-180. Os terrenos eram pertencentes, na maioria, a particulares ou a entidades que não o convento, pelo que deveriam ser cambiados por outros, de valor equivalente, pertencentes ao património crúzio.

⁵² Alvará 1 de Março de 1537, Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III...*, Vol.I, 1937, p.25.

⁵³ “*Padre frey bras de braga (...) per outra carta vos envio a resposta das cartas que mescrevestes sobre as obras deses estudos. E por que em huu capitollo dela diz que vos envio o debuxo das ditas obras e huus ltees em que vay a declaraçã da largura e altura das*



Figs.7 e 8

Coimbra: o arranque da rua da Sofia, os colégios de São Miguel e de Todos-os-Santos, e o convento de Santa Cruz (desenho de Magni, 1796. MNMC)

Em Setembro desse ano deliberava o monarca que as novas escolas gerais se instalassem na cidade alta,⁵⁴ ainda que tivesse de ceder nalguns aspectos, e provisoriamente, ao reformador crúzio, visto depender dos dinheiros do convento para o projecto universitário e porque não dispunha ainda do aparato legal necessário à atribuição de graus pela universidade transferida.⁵⁵ Assim, enquanto a maior parte dos estudos se instalava provisoriamente nos paços reais da cidade alta,⁵⁶ ensinar-se-ia teologia em Santa Cruz, a partir de Julho, juntamente com os estudos de artes.

Insolitamente, e nesta situação, avançariam simultaneamente dois projectos urbanos de envergadura, a rua nova na cidade baixa, fruto do maior empenho de frei Brás,⁵⁷ e um novo bairro universitário no topo da *Almedina*, em torno do terreno destinado à nova universidade, processo conduzido essencialmente pelos funcionários régios.

paredes e portaes e depoi soçedeeo caus pera loguo nam irem vos nã mamdo o dito debuxo e itees. Carta, 1 de Março de 1537, do Rei para frei Brás, *ibidem*, p.26.

⁵⁴ “...eu tenho determinado (...) mǎdar logo comeęar A obra das escolas geraes nessa çidade Junto da Igja de sã p^o...”, carta do Rei para a universidade, 24 de Setembro de 1537, *ibidem*, p.42.

⁵⁵ Já a “universidade” conventual tinha atribuída uma bula (Paulo III, 23 de Março de 1537) que reconhecia universalmente os graus académicos. A universidade de Lisboa em Coimbra, ainda não, em particular para os graus de teologia e cânones. Veja-se sobre este assunto, António Filipe PIMENTEL, *A morada da sabedoria...*, 2005, p.73-75.

⁵⁶ “...E pera q la em cyma se comece logo povoar Ey por bem & vos mamdo que os estudos se mudem logo pear os meus paços pera la se comeęar ler. Agora Na fym das vacães...”. carta do Rei para a universidade, 24 de Setembro de 1537. Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III...*, Vol.I, 1937, p.42. Os estudos que passaram aos paços da alcaçova foram os de leis, cânones, medicina (que passaria para Santa Cruz em Janeiro de 1538), e os de matemática, retórica e música, estes últimos do curriculum das artes.

⁵⁷ Quem dirigiu as operações originais de loteamento, de um lado e do outro da rua, foi sempre frei Brás. “Não era também sem razão, que a essa rua se dava o nome do Reformador” [“Rua Frei Brás”], Mário BRANDÃO, *O Colégio das Artes...*, Vol.I, 1924, p.44 e p.440.

Na primavera de 1538, avançaria o loteamento de uma das frentes da nova artéria da baixa, a “*rua nova que ora se faz e que se chama de Santa Sofia*”.⁵⁸ Esta frente, a do lado poente, não se destinava aos colégios, mas sim à construção de prédios de rendimento, onde se pudessem também albergar mestres e estudantes e ainda uma série de actividades de apoio ao quotidiano da universidade, que frei Brás mantinha a esperança de fixar na cidade baixa. No estudo deste loteamento que tivemos oportunidade de realizar (em 1999, revisto em 2006⁵⁹), pudemos avançar algumas conclusões. Desde logo, a de que a rua teria um comprimento pré-determinado, pois um dos primeiros contratos assinados faz especificamente referência “*ao cunhal da dita rua contra o norte*”.⁶⁰ Pudemos também actualizar (em 2006) a reconstituição gráfica desse loteamento, em função da divulgação de mais dados, como o contrato com Diogo de Castilho,⁶¹ cujo lote correspondia, sem margem para dúvidas, à parte norte do actual colégio de São Boaventura. Em investigação própria que realizamos entretanto, encontramos outros documentos que confirmam esta ancoragem ao cadastro actual,⁶² e a extensão proposta do loteamento (**figs. 9 e 10**) até ao actual limite norte da rua.⁶³ Os prédios, a levantar em prazos pré-definidos, deveriam ser todos de três andares e ter as

⁵⁸ Contrato de frei Brás de Barros com mestre Fernando, de 20 de Março de 1538. AUC, *Santa Cruz, Livros de notas*, tomo 8, liv.16, f.28vº-30.

⁵⁹ Rui LOBO, *Santa Cruz...*, 2006, p.75-77.

⁶⁰ AUC, *Santa Cruz, Livros de notas*, tomo 8, liv.16, f.34-36.

⁶¹ Contrato de renovação do aforamento de casas na rua da Sofia, 9 de Dezembro de 1542. AUC, *Santa Cruz, Livros de Notas*, tomo 9, liv. 20, fls. 183vº-186vº, transcrito por Maria de Lurdes CRAVEIRO, *O Renascimento em Coimbra...*, 2002, Vol. II, Documento XX, p.61-64.

⁶² Por contrato mais tardio, de 1 de Outubro de 1563, o foreiro do lote situado entre as casas de Diogo de Castilho e do pedreiro Pedro Luís – António Tenreiro cavaleiro da ordem de Cristo – trocava as suas casas na rua da Sofia por um olival em Vale de Figueira, precisamente para permitir a construção do colégio de São Boaventura (“*Antonio Tenreiro desta cide. fes troca em q deu huas cazas foreiras do Mostrº pª se fundar o Collegio de S. Boaventura...*”, AUC, *Santa Cruz, Livros de notas*, tomo 14, liv.37, f.41vº-44vº). Também Diogo de Castilho faria escambo das suas casas com o mosteiro de Santa Cruz, embora onze anos mais tarde, a 24 de Março de 1574 (AUC, *Santa Cruz, Livros de notas*, tomo 15, liv.44, f.55vº-58vº).

⁶³ Com efeito, logramos localizar a renovação do contrato de aforamento de casas entre o convento de Santa Cruz e Duarte de Sá, “*cavaleiro Fydalguo da casa del Rey*”, celebrada em 2 de Agosto de 1542, que refere a extensão do lote de terreno inicialmente atribuído a este interveniente (que estava em falta na nossa proposta), nada menos que nove braças ao longo da rua da Sofia. A confrontação sul do terreno (“*Simão Roiz çapatº*”) é a que tínhamos proposto. AUC, *Santa Cruz, Livros de notas*, tomo 9, liv.20, f.143-146. A divulgação completa destes elementos terá de esperar por outra ocasião, no futuro próximo. De qualquer modo, o original cunhal norte da rua (em 1538) situava-se, como tudo indica, sobre a esquina actual entre a Rua da Sofia e a Rua João Machado.

portas e janelas da fachada com ombreiras e vergas em pedra, no que Walter Rossa classificou como “arquitectura de programa”.⁶⁴

Já o loteamento da frente oposta, reservada para os colégios, avançou decididamente a partir de finais de 1541. Nessa altura, tinha frei Brás “fundado” alguns colégios seculares (ainda que apenas estivessem marcados os terrenos): - o colégio do Espírito Santo do infante D. Henrique (irmão do Rei e arcebispo de Évora), outro patrocinado pelo bispo do Porto D. Baltazar Limpo (dedicado a Nossa Senhora da Conceição) e, no arranque da via, um terceiro colégio, o de Todos-os-Santos, e ainda um outro, o de São Miguel, cujo processo construtivo estaria a começar (“*que ora novamente se faz*”).⁶⁵ Estes dois colégios, foram instituídos “no papel” cerca de 1539 (e não antes, como tem sido admitido⁶⁶). Eram iniciativa própria do convento crúzio e, julgamos

⁶⁴ Walter ROSSA, *Diversidade...*, 2001, p.680.

⁶⁵ Carta de frei Brás para D. João III, 14 de Dezembro de 1541, **Mário BRANDÃO**, “**Cartas de Frei Brás de Braga para os priores do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra**”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Vol. XIII, 1937, p.1- 214 (p.180).

⁶⁶ Com efeito, tem-se admitido, até agora, que a instituição e mesmo o arranque da construção destes colégios fosse anterior. A leitura atenta da documentação já publicada revela, porém, que não foi bem assim.

A primeira referência documental conhecida ao colégio de Todos-os-Santos é de uma carta régia de 15 de Dezembro de 1539: “*E mando que das portas a dentro do dito Mosteiro, & da sua Capella de São João, & de todos os seus Collegios, a saber do Collegio de São João, & do Collegio de Santo Agostinho, & do Collegio de Todos os Santos...*” (Carta do Rei determinando que o prior do mosteiro de Santa Cruz fosse cancelário da universidade, Mário BRANDÃO, Documentos de D. João III..., Vol.I, 1937, p.226-229). Depreende-se que o colégio de Todos-os-Santos já existia, mas no interior das dependências conventuais. Não se refere o colégio de São Miguel. Por um outro documento podemos confirmar que o colégio de Todos-os-Santos continuava a funcionar no interior do convento em Outubro de 1542 (!): “*Manuel dalmd^a me Escreveo sobre hu collegial de todos os St^{os} q se chama gaspar pinheiro (...). O dito manoeal dalmd^a me pede liç^a para lhe vire~ dar liç^a de tãger manycordio aa sua cella (...) dizeylhe q o collegio he para Estudar e ão para aprender a tãger, & **mormte estão dentro Em o mr^o**” (Mário BRANDÃO, “Cartas de frei Brás....”, 1937, p.65-66). Conclui-se que, por essa altura (1542), o novo edifício colegial (embora já estivesse em construção) ainda não estava acabado, porquanto os colegiais prosseguiram habitando dentro do mosteiro.*

Quanto ao colégio de São Miguel, atentemos ao episódio particular de um tal Manoel da Fonseca a quem Frei Brás de Braga mandara retirar a vaga neste colégio, por este ser casado, segundo carta de 13 de Novembro de 1542 para o prior de Santa Cruz: “*O portador desta [carta] he António lopez ao qual Eu promety huã collegiatura Em o **collegio de sã miguel ao tpo que Elle se instituyo** & por Esquecimto inda ate o presente ão Entrou em o collegio / agora fuy certificado que esta collegiatura esta vaga por q se casou manoeal daffonseca (...). Eu promety Esta collegiatura ao tpo que dey as primeyras **estão Em sã vice~te**” (Mário BRANDÃO, “Cartas de frei Brás....”, 1937, p.70-71). Torna-se claro, por esta missiva, que o Colégio de São Miguel foi instituído quando frei Brás esteve em S. Vicente de Fora, em Lisboa, o que terá ocorrido, segundo o que conseguimos apurar, entre o início de 1539 e o final de 1540. Outra passagem relativa a este mesmo assunto, de uma outra carta subsequente (de 3*

Fig.9.

Loteamento da rua da Sofia, 1538

(frente poente).

Tabela com acertos pontuais (a negrito) em relação à que apresentámos em 2006.

O lote 29 não surgiu na tabela então publicada por gralha da edição.

Fig.10.

Loteamento da rua da Sofia, 1538-1547. Planta esquemática do autor.

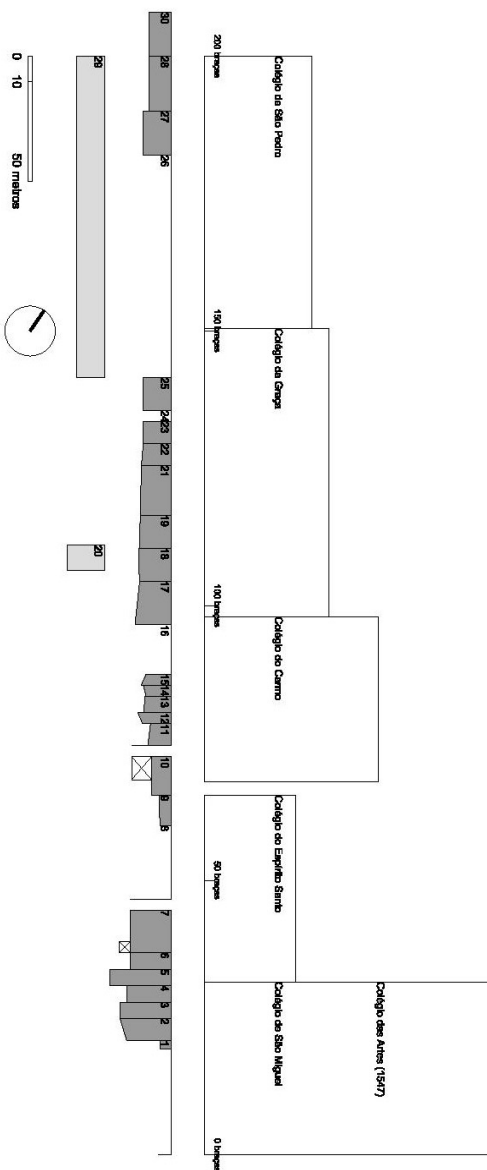
Fig.11 (página seguinte):

Coimbra, rua da Sofia

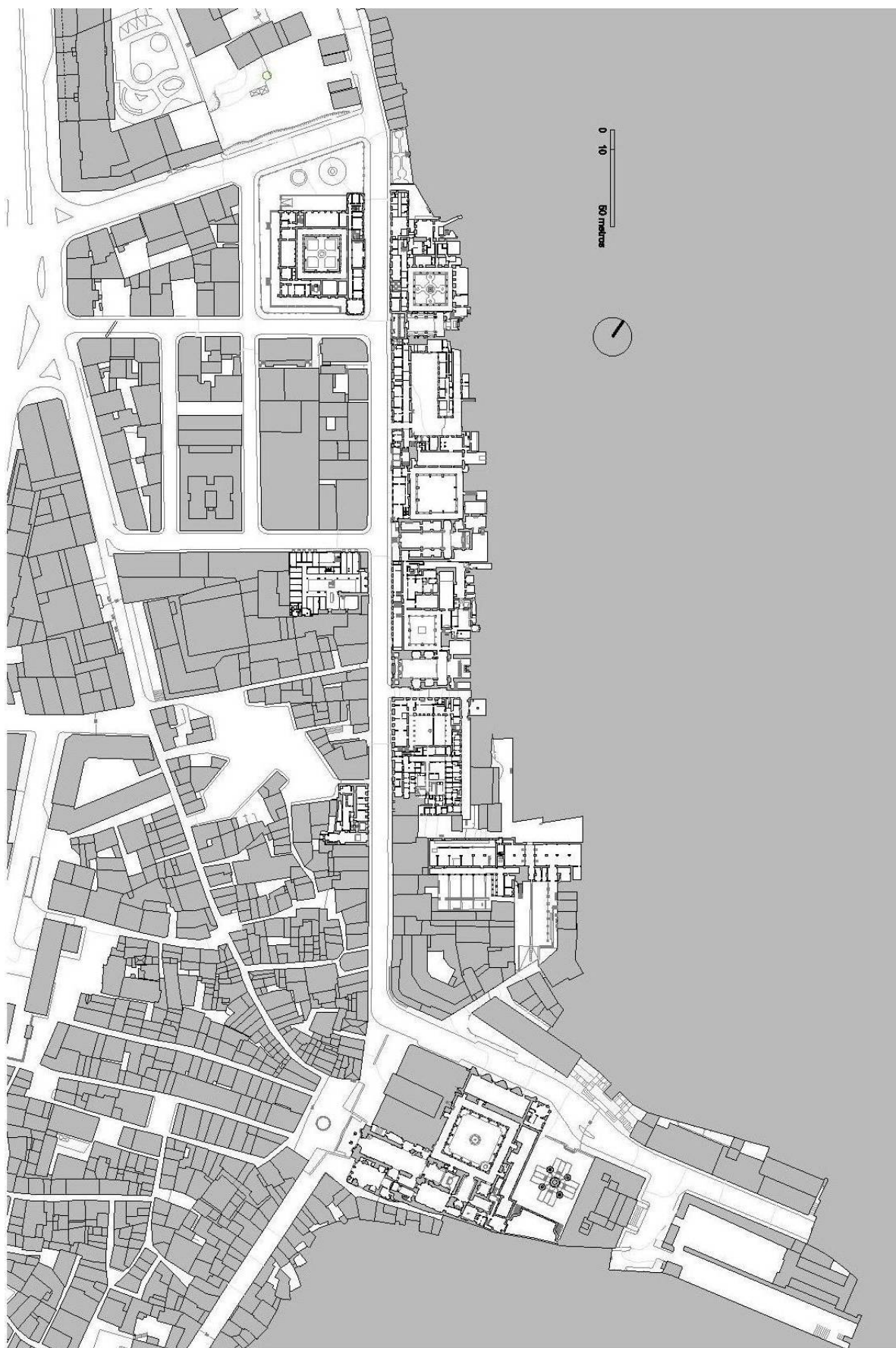
(levantamento coordenado por Alexandre Alves Costa e Rui Lobo)

Nº	terreno aforado a	data	livro	frente de rua	profundidade	confrontação norte	confrontação sul
1	Mestre Fernando (...)	20.03.1538	16 p.28v	1.5 braças	2 braças	Simão Dias	
2	Simão Dias (bacharel)	04.04.1538	16 p.54	4 braças	3 braças+2p 8 braças	Manuel Tomás	Mestre Fernando
3	Manuel Tomás (cavaleiro da Casa do Cardeal)	04.04.1538	16 p.59	3 braças	4 braças+3.5p 4 braças+6.5p	Ayres Fernandes	Simão Dias
4	Ayres Fernandes (tratante/posador)	20.03.1538	16 p.32	3 braças	8 braças	Pedro Luis	Manuel Tomás
5	Pedro Luis (pedreiro)	10.05.1538	16 p.30v	3 braças	11 braças	António Tenreiro	Ayres Fernandes
6	António Tenreiro (cavaleiro da Ordem de Cristo)	16.11.1538	16 p.155	3 braças	7 braças+3p	Diogo de Castilho	Pedro Luis
7	Diogo de Castilho	16.05.1538	-	15 varas + 2 palmos	10 varas + 4 palmos	Azinhaga que vay (...) para o adro de Santa Justa	António Tenreiro
8	Gaspar Fernandes (Chantre do Bispo)	(?)	(?)	13.5 braças	(?)		
9	Gongalo Pires (sarrador)	02.04.1538	16 p.51	5.5 braças	2 braças 2 braças+1.5p	Mestre Vicente Fabricio	Gaspar Fernandes
10	Mestre Vicente Fabricio (catedrático)	03.04.1538	16 p.52v	7 braças	3.5 braças	Rua q vay para o adro de S. Justa e Francisco Pedrosa	Gongalo Pires
11	Francisco Pedrosa (bacharel)	04.04.1538	16 p.55v	4 braças	4 braças+6.5p 3 braças+7p	João Velho	Mestre Vicente Fabricio
12	João Velho (sapateiro)	05.04.1538	16 p.63	2 braças	5 braças+1.5p 5 braças+3.5p	Alvaro Gonçalves	Francisco Pedrosa
13	Alvaro Gonçalves (sapateiro)	04.04.1538	16 p.57v	3 braças	4 braças+3.5p 4 braças+6.5p	Simão Pires	João Velho
14	Simão Pires (sapateiro)	05.04.1538	16 p.64v	2 braças	4.0 braças 5 braças+1p	Agostinho Fernandes	Alvaro Gonçalves
15	Simão Rodrigues (sapateiro)	07.04.1538	16 p.66v	2 braças	5 braças+4p 4.5 braças	Duarte de Sá	Simão Pires
16	Duarte de Sá (cavaleiro/cidadão)	02.08.1542 (r)	20 p.143-146	9 braças	(?)		Simão Rodrigues
17	Diogo Rodrigues (mercador)	27.04.1538	16 p.74	8 braças	6.5 braças 5 braças+6.5p	Sebastião da Silva	Duarte de Sá
18	Sebastião da Silva (cidadão)	10.04.1538	16 p.76	6 braças	5 braças+7p 5 braças+9p	Alonso Álvares	Diogo Rodrigues
19	Alonso Álvares (do castelo da Sé)	27.04.1538	16 p.78	6 braças	5 braças+5.5p 5 braças+7p	Eitor Fernandez	Sebastião da Silva
20	Francisco Lorete (servidor do Mosteiro)	19.11.1538	16 p.157	4.5 braças	6 braças+7p	Eitor Fernandez	Sebastião da Silva
21	Eitor Fernandez (tabelião)	23.03.1538	16 p.49	9 braças	5 braças+3.5p 5 braças+5.5p	Brás Eanes	Alonso Álvares
22	Brás Eanes (sapateiro)	07.04.1538	16 p.68v	4 braças	5 braças 5 braças+3.5p	Domingos Vasquez	Eitor Fernandez
23	Domingos Vasquez (sapateiro)	10.04.1538	16 p.70	4 braças	5 braças	Francisco da Silva	Brás Eanes
24	Francisco da Silva (cidadão)	(?)	(?)	2 braças (?)			
25	Francisco Vasquez (ourives)	10.04.1538	16 p.72	6 braças	5 braças	Gabriel Ribeiro	Francisco da Silva
26	Gabriel Ribeiro (...)	(?)	(?)	40.5 braças (?)	(?)		
27	Jorge Vasquez (cidadão)	21.03.1538	16 p.34	8 braças	5 braças		Gabriel Ribeiro
28	Jorge Vasquez (cidadão)	21.03.1538	16 p.34	10 braças	4 braças	Cunhal da rua (?)	
29	Jorge Vasquez (cidadão)	31.10.1538	17 p.57v	58.5 braças	(?)		Francisco Vasquez
30	Diogo de Baja (cavaleiro e fidalgo da Casa do Rei)	04.04.1538	16 p.60v	8 braças	(?)	Contra S. Lázaro	Jorge Vasquez

(r) : renovação de contrato



de Dezembro de 1542), vem apontar a fundação para o final de 1539. Frei Brás aconselhava o prior como deveria resolver a questão do lugar de Manoel da Fonseca: - “*nõ vos cõtenteys da forma do juramtº q Elle faz dizendo que tã solteyro he agora como o dia q Entrou no collegio ne~ que tã casado he agora como oje há três anos*” (Mário BRANDÃO, “Cartas de frei Brás....”, 1937, p.70-71). Frei Brás concedera, pois, a colegiatura a Manoel da Fonseca três anos antes, o que remete a data de fundação do mesmo, “no papel”, para o final de 1539. Já a construção do novo edifício começava apenas em Dezembro de 1541, como vimos.



nós, vieram a ocupar os espaços destinados, no projecto inicial, ao edifício sede da universidade e ao colégio de São Jerónimo.

Entretanto, e desde o Verão de 1539, avançavam os funcionários régios na estruturação viária do novo bairro universitário da cidade alta, que se deveria organizar a partir de uma nova praça, ou “terreiro”, que se colocava diante da “*quadratura das escolas*”,⁶⁷ a sede da universidade a levantar. A área escolhida era a plataforma nordeste da cidade alta, para nascente do paço do bispo (actual Museu Machado de Castro), zona que se encontrava em grande medida despovoada,⁶⁸ dado o desenvolvimento urbano mais premente da zona baixa e comercial, extramuros. Recentemente, Walter Rossa fez uma primeira tentativa de interpretação espacial do projecto urbano joanino, em torno do mencionado terreiro ou praça (que daria origem ao largo da Feira), articulado por três ruas principais em disposição próxima de um “H” (**fig.12**).⁶⁹ O próprio Rei promoveria, à sua custa, a construção de novas casas para os estudantes e professores, na rua nova de São Sebastião, actual rua dos Estudos, que doaria à universidade, em Julho de 1541.⁷⁰

Em 1543, porém, haveria novos desenvolvimentos. Como notaram já vários autores, o projecto universitário régio entraria numa nova fase.⁷¹ Em Novembro desse ano, D. João III dava posse como reitor da universidade a frei Diogo de Murça,⁷² também frade Jerónimo e antigo colega de frei Brás de Barros – a coincidência não deve por isso estranhar-se.

No ano seguinte, a 22 de Outubro de 1544, ordenava D. João III a passagem de todos os lentes (de teologia, medicina, artes e latinidade) que ainda ensinavam em Santa Cruz para os paços reais da alta.⁷³ Unificavam-se,

⁶⁷ Como dá a entender a carta de D. João III para o reitor acerca de duas ruas e do terreiro da universidade, de 6 de Agosto de 1539. Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III...*, Vol.I, 1937, p.164-165.

⁶⁸ **António de OLIVEIRA, A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640**, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 Vols, 1971-1972 (Vol.1, p.152 e seguintes); Walter ROSSA, *Diversidade...*, 2001, p.767.

⁶⁹ Walter ROSSA, *Diversidade...*, 2001, p.795 e p.801.

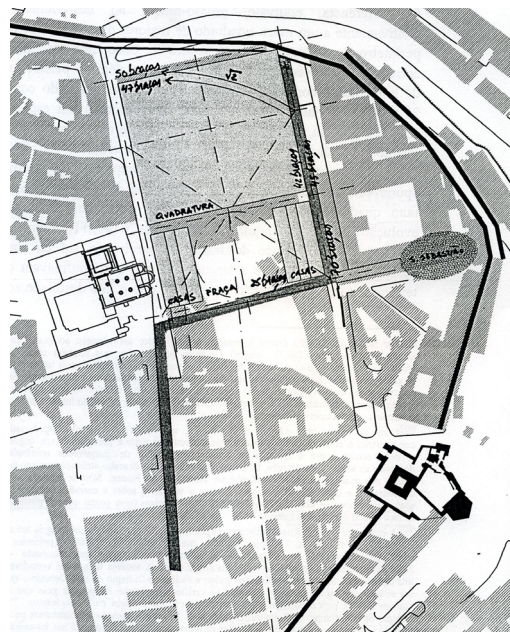
⁷⁰ Cartas de doação de 18 de Julho de 1541, Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III...*, Vol.II, 1938, p.39-44. Estas casas seriam posteriormente demolidas para a construção dos colégios jesuítas.

⁷¹ Desde logo José Sebastião da SILVA DIAS, *A política cultural...*, 1969, p.616.

⁷² Carta de D. João III para a Universidade, de 5 de Novembro de 1543. Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III...*, Vol.II, 1938, p.142.

⁷³ *Ibidem*, p.210-215.

Fig.12.
Proposta de implantação da
sede da universidade e de
urbanização da cidade alta de
Coimbra, c. 1539, segundo
Walter Rossa.



finalmente, as duas universidades (a do convento de Santa Cruz e a transferida de Lisboa) em uma.⁷⁴

Estava em andamento, desde justamente o ano anterior, um novo projecto acertado entre o monarca e André de Gouveia, principal do *collège de Guyenne* de Bordéus,⁷⁵ segundo Montaigne “*le plus grande principal de France*”.⁷⁶ Tratava-se da criação de uma nova estrutura junto do convento crúzio, nada menos que um colégio central onde se leccionassem os cursos propedêuticos de artes e humanidades. O quadro mais alargado era o de radicar o ensino superior na alta e o ensino propedêutico na baixa. A construção deste novo colégio – o “colégio das Artes” – resgatava o projecto da rua da Sofia dando-lhe, efectivamente, novo sentido funcional. A partir desse momento, deveria acolher, sobretudo, colégios das ordens religiosas, pois

⁷⁴ A universidade da alta dispunha já, desde Fevereiro de 1539, da autorização papal que permitia a outorga de graus de teologia e cânones, que se juntava à autorização régia para outorga dos graus de leis e medicina, dada em 1537. António Filipe PIMENTEL, *A morada da sabedoria...*, 2005, p.75. Por outro lado, em Novembro de 1543 começara o embaixador do Rei em Roma a negociar a extinção do priorado-mor de Santa Cruz e a anexação de parte dos bens à universidade (que tomaria posse dessa parcela em 1546). *Ibidem*, p.87-88 e p.95, nota 341.

⁷⁵ “Não tardou, com efeito, que André fosse chamado a Portugal e encarregado de assumir a responsabilidade do ensino preparatório oficial. Aqui se demorou, pelo menos, a maior parte do segundo semestre de 1543, ficando então assente o seu estabelecimento em Coimbra com uma equipa de lentes e pedagogos recrutada nos colégios de França”. José Sebastião da SILVA DIAS, *A política cultural...*, 1969, p.533.

⁷⁶ MONTAIGNE, *Essais*, Livro I, Capítulo 26, citado em Jules QUICHERAT, *Histoire de Sainte-Barbe*, Paris, Hachette, 1860, Vol.I, p.130..

estas tinham especial interesse na formação de base que se iria ministrar no novo instituto.

E, de facto, podemos verificar como os colégios seculares que estavam em processo de instalação na nova via foram transformados, entretanto, em colégios das ordens religiosas. O do infante D. Henrique destinou-se aos monges cistercienses de Alcobaça em 1546-49,⁷⁷ e o do bispo do Porto cedeu-se exclusivamente aos carmelitas calçados em 1547.⁷⁸

Colégio regular era já, de origem, o colégio da Graça (dos eremitas calçados de St^o. Agostinho), cujos terrenos se limitavam em finais de 1542⁷⁹ e cuja construção avançaria logo no ano seguinte (1543).⁸⁰ Apenas persistiu como secular o colégio de São Pedro, situado no último lote da frente nascente, fundado pelo futuro bispo de Miranda, doutor Rui Lopes de Carvalho, e que surge pela primeira vez documentado em Maio de 1544 estando já em construção. De qualquer modo o colégio seria transferido para a alta em 1572 tendo passado o edifício da baixa à terceira ordem regular de São Francisco em 1584, que operou a sua reconstrução.⁸¹

O novo colégio das Artes, de iniciativa régia, e que era simultaneamente uma escola pública, deveria ser bem provido de salas de aulas e de dependências residenciais que albergassem jovens estudantes provenientes de vários estratos da sociedade civil. Haveria também muitos alunos em regime de externato. A construção teria início em 1547, sobre as estruturas dos já mencionados colégios de S. Miguel e de Todos-os-Santos, pertencentes ao

⁷⁷ Em 26 de Junho de 1546 o Cardeal Infante D. Henrique escrevia para Diogo de Castilho de modo a aumentar o número de aposentos do colégio em construção de 13 para 20, “*porque agora ordeno esse collegio pera os frades de Alcobaça*”, Maria de Lurdes CRAVEIRO, *O Renascimento em Coimbra...*, 2002, Vol. II, Documento XXI. p.65. Os frades apenas tomariam posse do colégio em inícios de 1549, tendo ocorrido uma entrada solene em 1550. **António Nogueira GONÇALVES**, *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1947, p.131.

⁷⁸ Em 1544 estava ainda por levantar o colégio. Em 1547 fez-se doação do mesmo à ordem religiosa. O claustro e igreja actuais são obra nova de finais do século XVI. Veja-se António Nogueira GONÇALVES, *Inventário Artístico...*, 1947, p.132-133; e **Manuel Maria WERMERS**, “*Os primeiros estatutos do colégio carmelita de Coimbra*”, *Carmelus*, Vol. 9^o, 1962, p.96-159 (p.106, nota 46)..

⁷⁹ Carta de frei Brás para o prior de Santa Cruz, de 28 de Novembro de 1542. Mário BRANDÃO, “*Cartas de frei Brás...*”, 1937, p.73-74.

⁸⁰ Sobre o processo de fundação e construção deste colégio veja-se sobretudo a contribuição mais recente de Maria de Lurdes CRAVEIRO, *O Renascimento em Coimbra...*, 2002, Vol. I, p.236-272.

⁸¹ António Nogueira GONÇALVES, *Inventário Artístico...*, 1947, p.151-152.

convento, e situados no arranque da rua da Sofia – estruturas em grande medida destruídas para dar lugar a um novo e grandioso desenho de João de Ruão, dotado aparentemente de mais do que um pátio, o maior dos quais quadrado, rodeado de galerias de arcadas e de aulas, com cerca de 36 metros de lado, segundo hipótese que avançámos.⁸² O início de funcionamento aconteceria logo no ano seguinte, com menos de metade do novo projecto implementado.⁸³ A afluência de alunos foi um êxito, cerca de 800 no primeiro ano, tendo atingido cifras de mil e quinhentos jovens (a maioria alunos externos) um pouco mais tarde.⁸⁴

Cinco anos antes, em 1542, Simão Rodrigues e um grupo de companheiros fundavam aquele que seria o primeiro colégio jesuíta em todo o mundo,⁸⁵ instalado provisoriamente numas casas da Alta. E em 1545 o Rei surpreenderia tudo e todos (mais uma vez) ao fazer doação dos terrenos que havia destinado à nova sede da universidade, aos jesuítas.⁸⁶ Estes dariam início, em 1547, ao processo de construção do imponente colégio de Jesus, processo que decorreria ao longo dos seguintes 150 anos. A universidade ficava assim adstrita, *sine die*, ao notável edifício dos paços reais. A dissertação de António Pimentel tratou o edifício do antigo paço real da Alcáçova, desde a sua origem (em tempos mais remotos) até aos primeiros anos da sua adaptação a sede da

⁸² Só dois dos lados desse pátio se terão concluído. Rui LOBO, *Santa Cruz...*, 2006, p.101-109 e p.157-173.

⁸³ Sobre o colégio das Artes, e o seu inacabado edifício, a bibliografia é longa. Veja-se sobretudo, Mário BRANDÃO, *O Colégio das Artes...*, 2 Vols., 1924-1933; José Sebastião da SILVA DIAS, *A política cultural...*, 1969, Vol.I, p.528-565; José Eduardo HORTA CORREIA, **“A importância dos colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses”**, *Universidade(s) – história, memória, perspectivas. Actas do Congresso História da Universidade*, Coimbra, 1991, Vol.II, p.269-290; RUI LOBO, *Santa Cruz...* (1999), 2006, p.101-109 e p.157-173; WALTER ROSSA, *Diversidade...* 2001, p.718-742; e MARIA DE LURDES CRAVEIRO, *O Renascimento em Coimbra...*, 2002, p.186-224.

Num artigo nosso, de que aguardamos a publicação, divulgaremos a planta do desaparecido *collège de Guyenne* de Bordéus, referência importante para o partido arquitectónico do colégio coimbricense – Rui LOBO, “Jesuit school courtyards at Évora and Coimbra and their secular origin and function”, in *Archmod*, Num.9 (Krista de Jong; Piet Lombaerde Eds, *Public Buildings in Early Modern Europe*) Turnhout, Brepols Publishers (no prelo).

⁸⁴ José Sebastião da SILVA DIAS, *A política cultural...*, 1969, Vol.I, p.539.

⁸⁵ **Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal***, Porto, Apostolado da Imprensa, 4 Vols., 1931-1950 (Tomo.I, Vol.I, p.304 e p.428)

⁸⁶ “... vy a carta que me espvestes sobre os chãos & sytio De que tenho feita doaçam aos padres do colegio De Jhuu (...) ey por be~ que os padres tome~ a pose dos ditos chãos & os ajão como lhos tenhos dados...”. Carta de d. João III para o reitor da universidade, de 15 de Junho de 1545. Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III...*, Vol.II, 1938, p.252.

universidade, no período pós-1537.⁸⁷ Veremos, um pouco mais adiante, as alterações realizadas para a instalação da universidade, estudadas por aquele autor.

Quisemos resumir, nestas linhas, a complexa situação da instalação da universidade portuguesa em Coimbra. Quanto aos desenvolvimentos posteriores, são também, nos seus contornos gerais, conhecidos. Na cidade baixa, a história do colégio das Artes seria pouco afortunada. O principal André de Gouveia expirava logo em Junho de 1548. Falecido o principal ideólogo do projecto seguir-se-ia um período conturbado, marcado pela disputa entre mestres “bordaleses”, companheiros de Gouveia, e os mestres “parisienses”, mais conservadores na visão do mundo e nos métodos de ensino. Em pleno período de viragem das políticas joaninas, no sentido de um maior integrismo religioso face aos desenvolvimentos na Europa, não é difícil perceber que sairiam vencedores os segundos.⁸⁸ O colégio, apenas parcialmente levantado, seria cedido à direcção pedagógica dos jesuítas pouco depois (1555), que o decidiram transferir, dez anos passados, para a cidade alta, para um novo edifício a levantar junto do colégio de Jesus, que se encontrava ainda (e passados alguns anos) em fase inicial da sua construção.⁸⁹

A rua da Sofia (**fig.11**) perdia, assim, todo e qualquer sentido funcional, do ponto de vista universitário, uma vez que todos os cursos, tanto superiores como intermédios, se encontravam agora instalados na cidade alta. Seriam terminados, ao longo das décadas seguintes, os imóveis colegiais ainda por concluir. Já os colégios de fundação subsequente instalar-se-iam, por sistema, no bairro académico da cidade alta.

Façamos, por fim, um balanço dos desenvolvimentos que acabamos de relatar. Tivemos já oportunidade, em trabalhos anteriores, de caracterizar a rua de

⁸⁷ António Filipe PIMENTEL, *A morada da sabedoria...*, 2005.

⁸⁸ José Sebastião da SILVA DIAS, *A política cultural...*, 1969, Vol.I, p.563-565.

⁸⁹ Far-se-ia um novo plano de conjunto integrando o colégio de Jesus e o colégio das Artes. Uma primeira(?) versão desse projecto (guardada na *Bibliothèque Nationale de France*) pode ver-se em Fausto Sanches MARTINS, *A arquitectura dos primeiros colégios jesuítas em Portugal, 1542-1579*, tese de doutoramento policopiada, Porto, FLUP, 1994, Vol.II, e em Rui LOBO, *Os colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo. Evolução e transformação no espaço urbano* (1994), Coimbra, Edarq, 1999, p.18-19.

Santa Sofia como um *campus* universitário linear,⁹⁰ noção potenciada pela sua largura notável para a época, de cerca de 6 braças, ou 13.2 metros, e pelo seu não menos extraordinário comprimento (de 200 braças, ou 440 m, medidos desde o cunhal do colégio de São Miguel até ao limite norte da rua). Levantamos ainda a hipótese de que a organização de um conjunto de colégios e de casas ao longo de um eixo singular pudesse ter a ver com algumas ruas universitárias do *Quartier Latin* parisiense (onde Frei Brás de Barros havia estudado), casos da *rue du Fouarre* (onde se implantaram as “nações” da faculdade de artes) ou da *rue de Sorbonne*, rua semi-particular daquele importante colégio, sede da faculdade de teologia.⁹¹

Walter Rossa defendeu também a função da rua da Sofia como novo eixo viário de entrada e saída da cidade pelo quadrante norte, embora esta valência, que o mesmo autor demonstrou,⁹² possa ter resultado da alteração a um projecto original que se desenvolveria, como vimos, um pouco mais acima, contra a encosta.⁹³

A disposição dos diversos edifícios ao longo da rua da Sofia, como também tivemos ocasião de referir, fez-se de forma a tirar partido das potencialidades topográficas do sítio. Na frente poente, sobre terreno plano, edificaram-se as casas e prédios de rendimento. Na frente oposta, de nascente, implantaram-se os colégios, que puderam assim dispor canonicamente as suas igrejas, ficando com as fachadas voltadas para a rua.⁹⁴ O arranque da encosta, que subia no sentido de nascente, implicou também a construção de embasamentos de

⁹⁰ Alexandre ALVES COSTA, “Sem a algazarra dos colegiais, nem cidade, nem sabedoria”, Prefácio a Rui Lobo, *Santa Cruz...*, 2006, p.13, e também Rui LOBO, “Rua da Sofia: um *campus* universitário em linha”, *Monumentos*, nº25, Lisboa, 2006, p.24-31.

⁹¹ Rui Lobo, *Santa Cruz...*, 2006, p.67-85. Observamos que a rua da Sofia teria, aproximadamente, o dobro da extensão e da largura da antiga *rue de Sorbonne*.

⁹² Walter ROSSA, *Diversidade*, 2001, p.749-750. Não obstante o acesso da rua Direita manter-se-ia activo como demonstra o projecto de implantação da nova igreja de São Domingos (nunca terminada) que virava a frente para um adro a abrir sobre aquela rua.

⁹³ “Fica a obra lançada mais abaixo pera a cidade lançar a rua do tavoleiro da praça”, *Vide supra*, nota 48. Neste sentido era a cidade que pagaria a obra de abertura da via (Walter ROSSA, *Diversidade*, 2001, p.677). O projecto original (aparentemente traçado por Diogo de Castilho em Coimbra, sob a supervisão de frei Brás) correria mais sobre a encosta, provavelmente (a nosso ver) à cota do actual pátio da Inquisição.

⁹⁴ O facto das igrejas colegiais serem públicas permitia que vários mecenas promovessem a construção das mesmas, escolhendo-as para nelas se fazerem sepultar.



Fig.13

Planta de Coimbra dos irmãos Goullard, 1873-74:

- a. Convento de Santa Cruz
- b. Rua da Sofia
- c. Colégio das Artes I
- d. Paço real / universidade
- e. Colégio de Jesus
- f. Colégio das Artes II

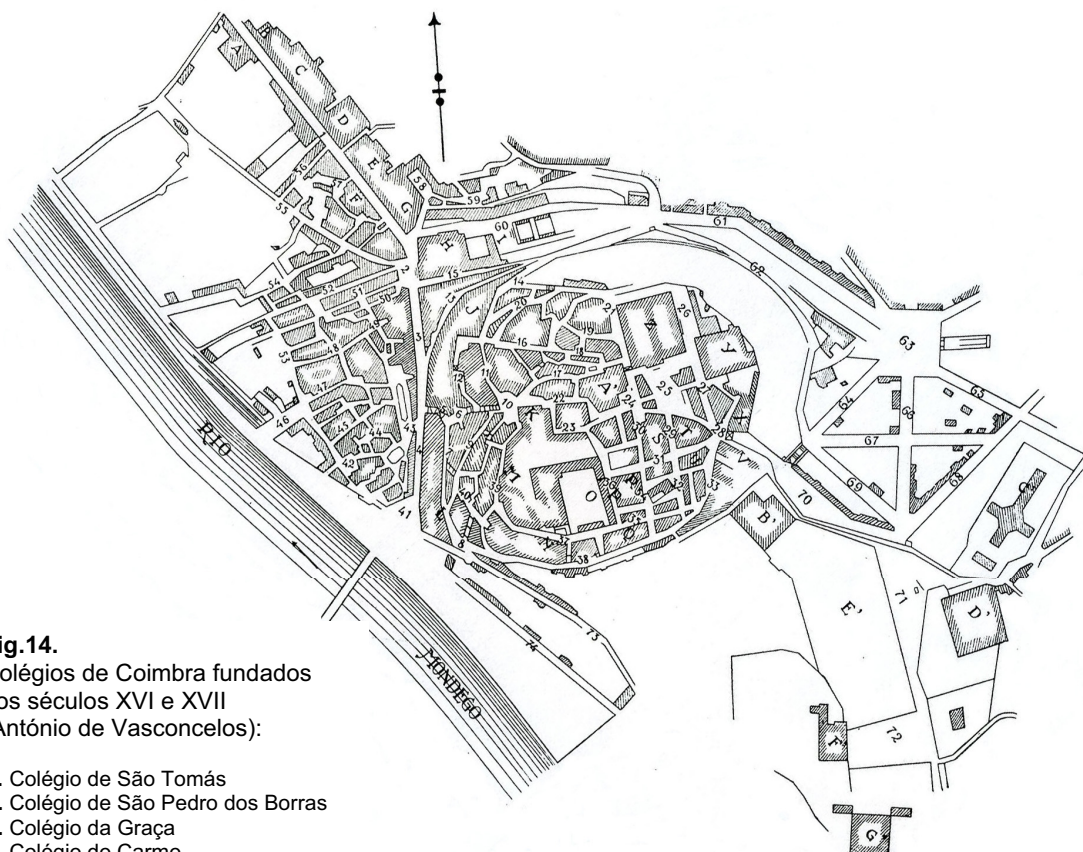


Fig.14.
Colégios de Coimbra fundados
nos séculos XVI e XVII
(António de Vasconcelos):

- A. Colégio de São Tomás
- B. Colégio de São Pedro dos Borras
- C. Colégio da Graça
- D. Colégio do Carmo
- E. Colégio de São Bernardo
- F. Colégio de São Boaventura I
- G. Colégios de São Miguel
e de Todos-os-Santos
- J. Colégio Novo de Santo Agostinho
- L. Colégio de Santo António
da Estrela
- M. Colégio de Santa Rita
- N. Colégio de Santo António
da Pedreira
- P. Colégio Real de São Pedro
- Q. Colégio da Trindade
- R. Colégio Real de São Paulo
- S. Colégio de São Boaventura II
- T. Colégio dos Lóios
- U. Colégio de São Paulo Eremita
- V. Colégio dos Militares
- X. Colégio de Soa Jerónimo
- Y. Colégio das Artes II
- Z. Colégio de Jesus
- B' Colégio de São Bento
- C' Colégio de Tomar
- F' Colégio de São José

modo a nivelar os claustros e os pavimentos das igrejas, relativamente profundas. Estes embasamentos tiveram várias consequências positivas para os colégios: permitiram-lhes retirar dividendos económicos do arrendamento (para funções comerciais) dos espaços baixos resultantes, preservar uma certa privacidade face à vida da rua e, sobretudo, potenciaram uma monumentalidade arquitectónica acrescida, que seria também valorizada pela alternância sistemática de igrejas e de colégios ao longo da rua.⁹⁵

Estes colégios eram, de sul para norte, o colégio de São Miguel (que daria lugar à infra-estrutura inacabada do colégio das Artes),⁹⁶ o cisterciense do Espírito Santo (cuja construção começara como colégio secular), o colégio do Carmo (também secular de início, dotado de nova igreja e de novo claustro no final de Quinhentos) o colégio da Graça (dos agostinhos descalços, iniciado em 1543 e ostentando um bela igreja levantada entre 1548 e 1555) e o colégio de São Pedro (também dotado de igreja, levantada a inícios de Seiscentos).⁹⁷

Alteração ao projecto original foi, de facto, a implantação de um novo convento de São Domingos (e do colégio adstrito, de São Tomás) sobre toda a metade norte de frente poente, a partir de 1543. Ainda no século XVI implantou-se também nesta frente (aproveitando umas casas que se haviam levantado aquando da abertura da rua) o colégio franciscano de São Boaventura.⁹⁸

Na cidade alta o princípio estruturante da implantação universitária foi totalmente diferente. Montava-se em torno do terreno destinado às escolas (depois para o colégio de Jesus) e da praça em frente (depois largo da Feira) e compunha-se, como vimos, de três ruas principais, sensivelmente paralelas e perpendiculares entre si, num esquema definidor de uma grelha, mas que se ajustava a algumas referências topográficas pré-existentes.⁹⁹ Neste sentido,

⁹⁵ Rui Lobo, *Santa Cruz...*, 2006, p.93.

⁹⁶ O colégio de Todos-os-Santos, imediatamente a sul do de São Miguel, não estava propriamente sobre a rua, pois encontrava-se recuado em relação ao seu alinhamento (**fig.X**)

⁹⁷ Veja-se sobre estes colégios **António de VASCONCELOS, *Os colégios universitários de Coimbra***, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1938, António Nogueira GONÇALVES, *Inventário Artístico...*, 1947, e Rui Lobo, *Santa Cruz...*, 2006, p.87-109.

⁹⁸ *Vide supra* nota 62.

⁹⁹ Cabe, evidentemente, distinguir (na alta que subsistiu até aos anos 30 do século passado, destruída para a construção das novas faculdades do Estado Novo) entre a área mais a norte, em redor do largo da Feira (o lote originalmente destinado às escolas, onde está hoje o colégio de Jesus), e a área mais a sul, de ruas paralelas e perpendiculares, mais próxima da rua Larga, e que terá feito parte de uma possível cidadela de origem medieval (proposta por Walter

julgamos que são evidentes as proximidades com o tipo de bairro universitário programado por Cisneros em torno do *colegio Mayor de San Ildefonso*, na zona oriental de Alcalá de Henares.

Na alta conimbricense foram edificados logo de início, e da fazenda do próprio monarca, uma série de prédios de rendimento destinados aos escolares. Outros, de iniciativa particular, se seguiriam. Também os colégios, tanto regulares (São Jerónimo, Trindade, Lóios) como seculares (São Paulo, Amiclense, São Pedro), fariam a sua estreia na cidade alta. Assim, em finais do século XVI, já existiam em Coimbra cerca de 16 colégios, repartidos entre a rua da Sofia (seis colégios¹⁰⁰) e a alta (dez colégios¹⁰¹), quase todos regulares, uma vez que o modelo das fundações seculares não vingou em Portugal. Isto no âmbito de uma universidade que atingia a cifra de cerca de 1000 estudantes, em finais de Quinhentos,¹⁰² e numa cidade que havia duplicado a população, de cerca de 5000-6000 habitantes, em 1537, para cerca de 10000-12000 habitantes, em 1560.¹⁰³

A escala dos dois projectos urbanos, que aqui revisitamos, a rua de Santa Sofia e o bairro universitário da cidade alta de Coimbra, faz dos mesmos, certamente, as mais importantes concretizações do urbanismo universitário planeado, na Península Ibérica da Idade Moderna, logo a seguir ao pioneiro plano cisneriano para Alcalá.

ROSSA *Diversidade...*, p.190). Não é claro, contudo, qual a origem deste traçado viário, para além do previsível percurso antigo da rua Larga, sendo até provável que o esquema joanino de implantação da universidade tenha implicado a reestruturação viária de toda esta zona.

¹⁰⁰ Colégios do Espírito Santo, Carmo, Graça, São Pedro dos religiosos terceiros (do lado nascente) e São Tomás e São Boaventura (do lado poente).

¹⁰¹ Colégios de Jesus, de São Jerónimo, de São Paulo, Amiclense, Tomar (instalado em casas da alta) Trindade, São Bento, São Pedro, Santo Agostinho (a meia-encosta, sobre Santa Cruz) Lóios, a que se seguiram mais dois, logo no início do século XVIII (Militares e São Boaventura II).

¹⁰² António de OLIVEIRA, *A vida económica...*, Vol. I, 1971, p.187.

¹⁰³ **António de OLIVEIRA, “Estrutura social de Coimbra no século XVI”, in *AAVV, A sociedade e a cultura de Coimbra no Renascimento*, Coimbra, Epartur, 1982, p.57-87 (p.57-58).** Seguiu-se um período de estagnação populacional até ao final do século.

d) Alcalá de Henares

O desenvolvimento urbano da universidade de Alcalá de Henares, durante o seu primeiro período de existência – o primeiro terço do século XVI – ficou já completamente tratado no capítulo 1.9. Com efeito, apresentamos no final desse capítulo uma reconstituição da implantação urbana do bairro universitário alcalaíno (fig.14) referente ao ano de 1537, ano em que se começou a reconstrução, em pedra, da fachada do *colegio Mayor de San Ildefonso*.

Vimos que o cardeal Cisneros havia concebido um plano de uma série de 18 colégios para estudantes pobres (dos quais seis para estudantes “gramáticos”) em torno do colégio central de *San Ildefonso* que funcionava, simultaneamente, como edifício sede da universidade. No seu período de vida, logrou Cisneros (que faleceu em 1517) fundar ou iniciar a construção de alguns desses colégios – cinco colégios para pobres¹⁰⁴ e dois para gramáticos.¹⁰⁵ O *colegio Mayor de San Ildefonso*, como herdeiro do cardeal, instituiria ainda o colégio Trilingue (1528), o colégio gramático de *San Leandro* (1538) e os colégios de *San Ambrósio* e de *San Dionísio* (que funcionavam em 1564).

Vimos ainda como e quando se instalaram os primeiros colégios de ordens religiosas em Alcalá, que se implantaram preferencialmente sobre a antiga *calle de Tenerias*, via que durante o século XVI receberia justamente o nome de *calle de Colegios*. Referimos os colégios dos mercediários (que reconstruíram um conjunto de casas em 1518-1520) de *San Bernardo* (dos cistercienses, que readaptaram o antigo convento de *Santa Librada* a partir de 1525), dos trinitários calçados (provisoriamente instalados numas casas da frente norte da rua a partir de finais da década de 1520) e dos agostinhos calçados (instalados em 1533, com igreja em construção a partir de 1538).¹⁰⁶

Para a reconstituição do bairro universitário original servimo-nos (no referido capítulo 1.9.) de um elemento gráfico que, em bom rigor, diz directamente

¹⁰⁴ Os colégios de *san Pedro y San Pablo* (franciscano), de *la Madre de dios*, de *Santa Balbina*, de *Santa Catalina*, e o colégio-hospital de *San Lucas*.

¹⁰⁵ Os colégios de *San Isidoro* e de *San Eugenio*, fundados logo em 1513-1515.

¹⁰⁶ Veja-se o capítulo 1.9 da presente dissertação, p.308-310, e **Carmen ROMÁN PASTOR**, *Arquitectura conventual de Alcalá de Henares*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1994, p.163-182 e p.189-208.

respeito aos últimos dois terços do século que agora pretendemos resumir. Falamos, evidentemente, da cópia setecentista (1768) da planta original do bairro universitário realizada durante a visita de Juan de Ovando, em 1564 (fig.12).¹⁰⁷ Tivemos oportunidade de destacar a organização do bairro por uma série de quarteirões ou “ilhas”, num total de 18, ordenação também registada num memorial de 1571,¹⁰⁸ documento que estabelece a correspondência entre os edifícios colegiais já levantados e as “ilhas” respectivas que ocupavam. Nesse ano, para além dos colégios já aqui mencionados contavam-se também o *de Nuestra Señora de la Victoria* dos frades mínimos (instalado em casas pré-existentes depois de 1553)¹⁰⁹ e o colégio de *Manriques* (1570), outra vez sobre a *calle de Tenerias / de Colegios*. Este último colégio era secular, constituindo uma primeira excepção aos colégios das ordens religiosas que se instalaram maioritariamente sobre aquela via, de tal forma que Consuelo Gómez López se referiu a uma “sacralização” da mesma.¹¹⁰ Até ao fim do século instalaram-se ainda sobre este arruamento o colégio dominicano de *San Tomas* (a partir de 1592, no lote do “colégio” dos mínimos) para além da casa franciscana feminina de Santa Úrsula (1573) no troço mais poente da rua.¹¹¹ Uma segunda excepção ao carácter religioso regular da *calle* seria, evidentemente, a construção do maior colégio secular de Alcalá, o de *San Ciriaco y Santa Paula* ou de Málaga, a partir de 1623 (os terrenos foram comprados em 1610, o colégio fundado em 1611),¹¹² na frente sul da rua, com frente para a igreja paroquial de Santa Maria e para a *plaza del Mercado*. Por outro lado, sobre a *calle de Guadalajara* ou de *Libreros* (prolongamento da *calle Mayor*), via que irrigava a metade norte do bairro universitário, instalaram-

¹⁰⁷ Planta do AHNM (*Consejos*, MPD 1429), publicada por Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Ciudad, funciones y símbolos. Alcalá de Henares, un modelo urbano de la España Moderna*, Alcalá de Henares, Ayuntamiento, 1982, p.73.

¹⁰⁸ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá de Henares en los siglos XVI y XVII: El planteamiento de una idea de ciudad*, Madrid, UNED, 1998, p.84-85.

¹⁰⁹ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.215. O lote foi vendido aos carmelitas descalços em 1587 e posteriormente aos dominicanos em 1592.

¹¹⁰ Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.122.

¹¹¹ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.209-215 e p.128-135.

¹¹² Luis Miguel GUTIERREZ TORRECILLA, *El Colegio de San Ciriaco y Santa Paula o “de Málaga” de la Universidad de Alcalá*, Alcalá de Henares/Madrid, Fundación Colegio del Rey, 1998, p.49, p.60-62 e p.71.

se sobretudo colégios seculares,¹¹³ como sejam o modesto *colegio de San Juan Bautista* ou de *Vizcaya* (1563), situado numas casas da frente sul, ou, na frente norte, o *colegio del Rey* (fundado em 1554, instalado sobre a rua a partir de finais da década de 1560) e o *colegio de León*, fundado em 1586.¹¹⁴ Tal como na *calle de colégios*, também aqui haveria uma excepção significativa à regra. Referimo-nos ao amplo *Colegio Máximo* dos jesuítas, instalado na frente norte da rua junto à *puerta de Guadalajara*, a partir de 1550, e cujo processo construtivo decorreu, sobretudo, em inícios do século XVII.¹¹⁵

Em jeito de balanço, e ao longo de todo o século XVI, podemos contabilizar 11 colégios “de pobres” e de “gramáticos” fundados nas proximidades do *colegio Mayor de San Ildefonso*,¹¹⁶ 9 colégios de ordens religiosas, e 8 colégios seculares (**fig.15**).¹¹⁷ Considerámos apenas os colégios que tiveram alguma continuidade no tempo. Podemos ainda verificar que em Alcalá (ao contrário de Salamanca) se registaria um número relevante de fundações ao longo do século XVII – pelo menos 4 de colégios regulares e 6 de colégios seculares.

Relembremos, para finalizar, a importante operação que representou a abertura da praça diante da nova fachada do *colegio Mayor de San Ildefonso*, fachada em pedra que se levantou entre 1537 e 1553, como vimos.¹¹⁸ Esta operação, realizada já nos primeiros anos de Seiscentos (1601-1602) à custa da demolição da “ilha” 9 e de parte da “ilha” 8, terá implicado a subversão do esquema cisneriano original (conforme defendemos no capítulo 1.9, fig.11) de forma a proporcionar ao colégio-universidade alcalaíno um novo e necessário espaço de representação urbana e arquitectónica.

¹¹³ Veja-se o subcapítulo, “*El carácter secular de la calle de Guadalajara*”, Consuelo GÓMEZ LÓPEZ, *El urbanismo de Alcalá...*, 1998, p.131.

¹¹⁴ Sobre estes colégios e respectiva bibliografia veja-se, adiante, o capítulo 3.3, secção d).

¹¹⁵ **Virginia TOVAR MARTIN**, “**El Colegio Maximo complutense y sus edificios**”, in AAVV, *La Compañía de Jesús en Alcalá de Henares (1546-1989)*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1989, p.25-35; Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.224-229.

¹¹⁶ Incluímos nesta contagem o colégio franciscano de *San Pedro y San Pablo* que pode, evidentemente, ser considerado como um colégio regular.

¹¹⁷ Veja-se Luís CERVERA VERA, *Los dispersos colegios...*, 1994, e também **Luís CERVERA VERA**, “**Modificaciones introducidas en el conjunto urbano medieval de Alcalá de Henares por las fundaciones universitarias iniciadas por Cisneros**”, in AAVV, *La Universidad Complutense y las artes*, Madrid, Universidad Complutense, 1995, p.41-62.

¹¹⁸ Capítulo 2.10, p.534-536.

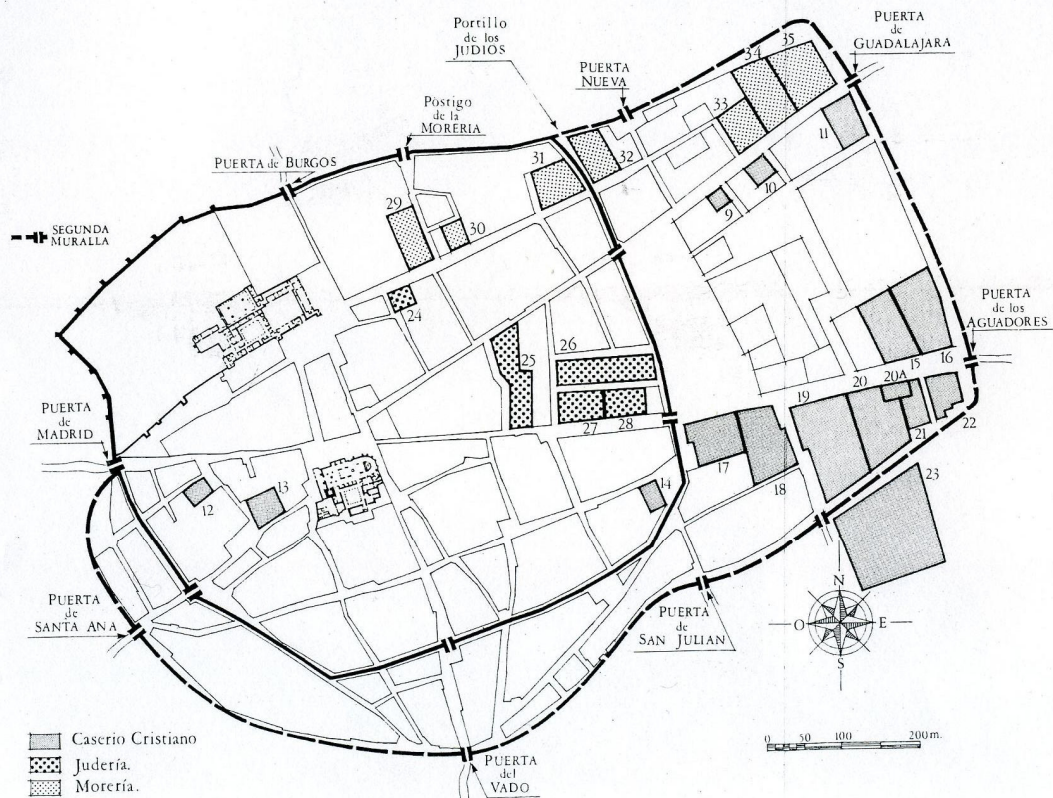


Fig.15.

Alcalá de Henares. Colégios seculares e regulares fundados nos séculos XVI e XVII (desenho de Cervera Vera):

- 19. *Colegio de NS de la Concepción* (mercediários, 1518)
- 15. *Colegio de San Bernardo* (cisterciences, 1525)
- 16. *Colegio de la Trinidad Calzada* (1525)
- 18. *Colegio de San Agustín* (agostinhos calçados, 1533)
- 35. *Colegio de Jesus* (jesuítas, 1550)
- 19. *Colegio de Nuestra Señora de Victoria* (Minimos, 1553)
- 10. *Colegio de San Juan Bautista ou de Vizcaya* (secular, 1563)
- 34. *Colegio del Rey* (secular, 1554, na *calle de Guadalajara* a partir de finais dos anos 1560)
- 20. *Colegio de Santiago ou de Manriques* (secular, 1570)
- 27. *Colegio del Carmen calzado* (1577)
- 24. *Colegio de San Jeronimo ou de Lugo* (secular, 1578)
- 14. *Colegio de San Cosme y Damian ou de Magnes* (secular, 1582)
- 33. *Colegio de Leon* (secular, 1585)
- 28. *Colegio de San Clemente Martir ou de Manchengos* (secular, 1589)
- 12. *Colegio de Tuy* (secular, 1582)
- 19. *Colegio de San Tomas* (dominicano, 1592)
- 23. *Colegio del Carmen Descalzo* (neste local, desde 1592)
- 32. *Colegio de San Nicolás Tolentino* (agostinhos descalços, 1604)
- 13. *Colegio de Santas Justa y Rufina* (secular, 1607)
- 17. *Colegio de Málaga* (secular, 1611)
- 31. *Colegio de San Martín y Santa Emerenciana ou de Aragon* (secular, 1611)
- 11. *Colegio de Santa Catalina Mártir ou de Verdes* (secular, 1626)
- 25. *Colegio de San Patricio ou de Irlandeses* (secular, 1645)
- 26. *Colegio de San Carlos Borromeo* (agonizantes, 1652)
- 22. *Colegio de San Basilio Magno* (basílios, 1660)

Datas de fundação foram corrigidas e actualizadas



Figs.16 e 17

Maqueta de reconstituição de Alcalá de Henares
no final do século XVII (Universidad de Alcalá)

Vista sobre o *colegio Mayor de San Ildefonso* desde o
norte e sobre a *plaza del Mercado* desde poente.



Fig.18
Maqueta de reconstituição de Alcalá de Henares
no final do século XVII (Universidad de Alcalá)
Vista da *calle de los Colegios* desde o sudeste.
Em primeiro plano, a antiga *puerta de Tenerias*.

e) Evolução urbana das restantes universidades medievais

As universidades de Valladolid, Lérida, e Valência, cujos primeiros tempos de existência foram já tratados nesta dissertação, registariam também o aparecimento, ao longo do século XVI, de alguns colégios. Não lograram, contudo, atingir o número de fundações das congéneres salmantina, conimbricense ou alcalaína, nem os colégios lhes vieram conferir uma expressão urbana dominante.

Para a história arquitectónica da universidade de **Valladolid**, a época mais notável foi sem dúvida o último quartel do século de Quatrocentos, que já analisámos. Recordemos que nesse período se iniciou a construção da nova sede da universidade (que se prolongou pelo início do século seguinte) e se levantaram os notáveis colégios de Santa Cruz (secular) e de San Gregório (dominicano). Percebe-se que esta breve afirmação da universidade vallisoletana cedo foi ultrapassada pelo notável desenvolvimento da universidade salmantina de inícios de Quinhentos e pelo surgimento, não menos brilhante, da academia cisneriana de Alcalá, em 1499.

Assim, podemos apenas fazer referência ao surgimento do colégio agostinho de *San Gabriel* (que apesar de instituído em 1540, somente começou a funcionar em 1578, no convento daqueles religiosos) e sobretudo, ao colégio jesuíta de San Ambrósio, que se estabeleceu em casas próprias, no bairro de San Estebán (a sul da universidade e de colégio de Santa Cruz), a partir de 1567.¹¹⁹ A igreja colegial levantou-se entre 1594 e 1648, enquanto a construção do novo edifício colegial se prolongou até meados do século XVIII.¹²⁰ Os mesmos padres jesuítas fariam levantar um colégio de raiz para católicos ingleses, o primeiro da Península, fundação instituída pelo Rei Felipe II em 1589 e aprovada pelo Papa em 1592. Previsto para 20 colegiais era mais um seminário que propriamente um colégio, embora tivesse autoridade para

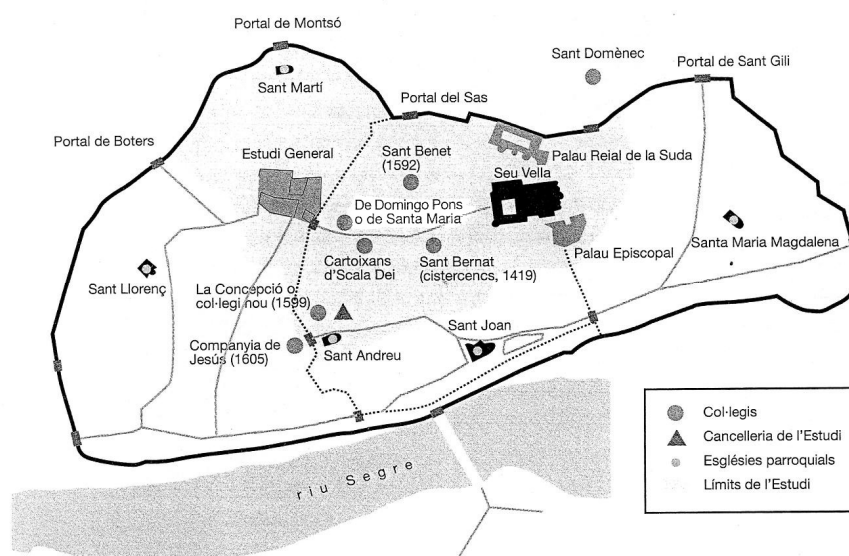
¹¹⁹ Para uma visão geral sobre os diversos colégios de Valladolid, veja-se **Maria Ángeles SOBALER SECO**, “**Otros colégios universitarios vallisoletanos**”, in Jesus María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, Vol. I, 1989, p.355-366, e **Juan José MARTIN GONZÁLEZ**, “**Valladolid, ciudad universitaria**”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Tomo LXI, Valladolid, 1995, p.467-482.

¹²⁰ Sobre o *colegio de San Ambrosio*, veja-se **Luis FERNANDEZ MARTÍN**, *Raíces Loyoleas del colegio de San Ambrosio de Valladolid*, Valladolid, edição policopiada do autor, 1985, em particular p.23-32.

outorgar graus universitários.¹²¹ No princípio do século seguinte surgiriam ainda dois pequenos colégios seculares, de *los Velardes* (1616) e o de médicos de *San Rafael* (1628).¹²²

Ao longo do século XVI foram também, sobretudo, colégios regulares que se fundaram em **Lérida** (**fig.19**). Vieram juntar-se ao colégio dos cartuxos de *Scala Dei*, citado nos censos paroquiais de 1429.¹²³ Em 1505 converteu-se em colégio universitário o estudo teológico (1314) do convento de São Domingos.¹²⁴ Também o colégio de *San Bernat* (dos cistercienses dos mosteiros de Poblet e de Santes Creus) só se consolidou nos finais de Quinhentos.¹²⁵ Nesse mesmo período, em 1592, estabeleceu-se um colégio dos beneditinos de *San Cugat del Vallès* em casas velhas da *suda*, a zona alta da cidade. Só a partir de 1639 teriam edifício próprio.¹²⁶ Do mesmo modo foram concedidas umas casas aos jesuítas em 1603 sobre as quais se levantaria um novo edifício. Em 1605 estavam as classes a funcionar, após acordo com a universidade para o ensino das humanidades e da gramática.¹²⁷

Fig.19
Lérida. Implantação
do estudo geral
e dos colégios
(séc. XVII). A cinza,
o bairro escolar.
(fonte J. Busqueta,
2004)



¹²¹ Maria Ángeles SOBALER SECO, "Otros colégios...", 1989, p.361-362.

¹²² *Ibidem*, p.362-363.

¹²³ Josep LLADONOSA Y PUJOL, *Història de Lleida*, Vol. II, Tarrega, Camps Calmet, 1974, p.425.

¹²⁴ Maria José VILALTA, *Historia de Lleida*, Vol. 4 (*El segle XVI*), Lleida, Pagès editors, 2003, p.276.

¹²⁵ Fora autorizado por bula de 1429. Josep LLADONOSA Y PUJOL, *Història de Lleida...*, 1974, p.423-424.

¹²⁶ *Ibidem*, p.424.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 420-423.

A exceção a estas fundações das ordens religiosas foi o estabelecimento, em 1559, e por iniciativa do bispo Miguel Despuig, do *collegi de la Concepció* ou *collegi Nou*, secular, para 12 colegiais pobres,¹²⁸ que se levantou em posição dominante sobre o restante bairro universitário. Por estes anos, o colégio medieval de *Santa Maria* ou de Domingo Pons (cujo imóvel já estudamos) passou também a conhecer-se por *collegi Vell*.

Em **Valência (fig.20)** foram principalmente colégios seculares aqueles que se estabeleceram no tempo que temos vindo a considerar, todos na proximidade do edifício do estudo geral (que vimos no capítulo 1.8), “*un area un poc desplaçada aleshores del centre comercial i civic de la València de l’Etat Moderna*”.¹²⁹

Entre 1525 e 1560 existiu o *collegi del Estudi General*, em casas adjacentes à sede da universidade, e em 1540 estabeleceu-se um hospital de estudantes pobres, também em casas pré-existentes na vizinhança das escolas. Outros colégios lograram ostentar, com o tempo, edifícios com alguma presença arquitectónica, como sucedeu com o *collegi de la Presentació* ou de *Sant Tomas Villanueva*, fundado por este arcebispo valenciano, em 1550. Outros ficaram-se por simples obras de adaptação, mais ou menos profundas, nas casas onde se haviam instalado, casos dos de *l’Assumpció* ou *Na Montforta*, estabelecido em 1552, e do *collegi de la Purificació de la Mare de Déu* ou *collegi de la Ciutat* estabelecido em 1572.¹³⁰ Registe-se ainda o surgimento de um colégio de uma ordem militar, caso do *collegi de Sant Jordi*, da ordem de Santa Maria de Montesa, instalado numas casas sujeitas a obras e que começou a funcionar em 1606.¹³¹

Instituição e edifício a que devemos fazer referência é ao *Real Colegio Seminari de Corpus Christi*, também conhecido por *collegi del Patriarca*, fundado em 1583 pelo arcebispo valenciano Juan de Ribera. A localização

¹²⁸ *Ibidem*, p.233-234.

¹²⁹ Amadeo SERRA DESFILIS, “Els antics collegis de l’Estudi General de València”, *Vicenc M. Rosselló i Verger (Dir.), La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001, p.323-338.

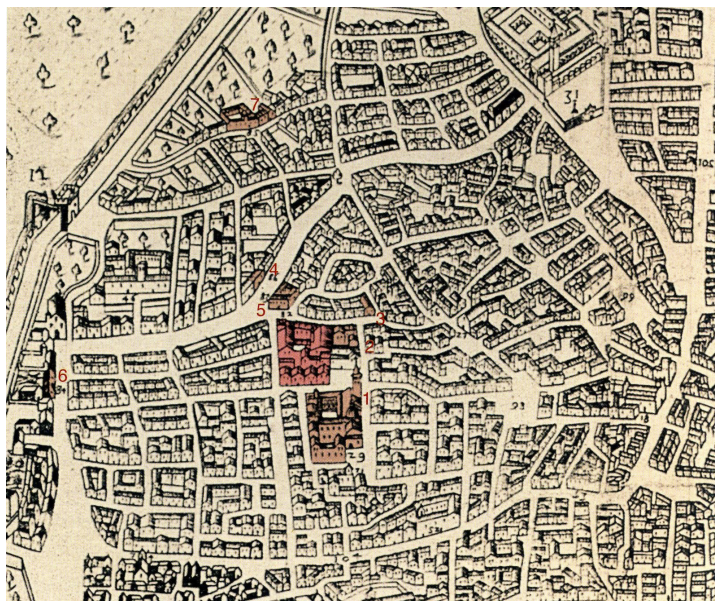
¹³⁰ *Ibidem*, p.328-334. Fundou-se ainda mais um colégio secular, em 1643, o *collegi dels Reis Mags* ou *del Doctor Villena*, que seria dotado de um novo e amplo edifício novo, de planta quadrangular e com pátio de dois níveis ao centro. *Ibidem*, p.334.

¹³¹ Em 1664-1667 o edifício foi renovado e ampliado. *Ibidem*, p.334-335.

Fig.20

Colégios de Valência:

1. *Collegi de Corpus Christi*
 2. *Collegi de l'Estudi*
 3. Hospital de estudantes pobres
 4. *Collegi de La Presentación*
 5. *Collegi de L'Assumpció*
 6. *Collegi de La Presentació*
- Detalhe da planta de António Mancelli, 1608
(fonte: A. Serra Desfilis, 2001)



junto da universidade foi deliberada “a fi que els collegials seminaristes pogueren assistir amb comoditat a les classes...”.¹³² O seminário, cujo edifício veio a superar em monumentalidade o da vizinha universidade, começou a levantar-se em 1586, tendo-se construído a igreja entre 1590 e 1603, de planta em cruz latina e com tambor e cúpula sobre o cruzeiro. O elegante claustro de arcarias de composição renascentista, distribuídas por dois pisos, iniciou-se em 1599 para, em 1610, estar a obra geral do seminário terminada.¹³³

Mencionemos ainda o caso de **Huesca**, onde também se fundaram alguns colégios a partir do século XVI, tanto seculares como regulares. Citem-se os de Santiago (fundado em 1534, e para o qual se levantou um novo edifício junto da sede municipal e frente à sé), de Santa Cruz (colégio-seminário, 1571), *San Vicente* (fundado em 1587), de Santa Orosia (transferido de Jaca para Huesca em 1634), ou ainda os colégios regulares dos mercediários (incorporado na universidade em 1578) e dos cistercienses (erigido em 1617).¹³⁴

¹³² **Fernando BENITO DOMÉNECH**, “El Real Colegio Seminario de Corpus Christi”, in *Vicenç M. Rosselló i Verger (Dir.), La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001, p.305-322.

¹³³ *Ibidem*.

¹³⁴ Sobre os colégios de Huesca veja-se, entre outra bibliografia, **Antonio NAVAL MAS e Joaquín NAVAL MAS**, “Transformación y etapas de la estructura y función de la ciudad de Huesca”, in *AAVV, Urbanismo y historia urbana en el mundo hispano*, actas do segundo simpósio (1982), Madrid, Universidad Complutense, 1985, p.789-822 (em particular as p.805 e 807-812), ou ainda **Macario OLIVERA VILLACAMPA**, *La Universidad de Huesca entre la memoria y el futuro*, Huesca, S/ed, 2000, p.92-101.

f) Implantação urbana das novas universidades quinhentistas

Como já tivemos ocasião de mencionar, o século XVI assistiu ao surgimento de uma série de novas universidades na Península Ibérica. Vimos também, no capítulo anterior, que essas novas fundações eram de variada natureza do ponto de vista da sua gestão e organização. De facto, podemos registar o surgimento quer de universidades do tipo claustral, em que a administração era conduzida pelo “claustro” académico, quer de universidades municipais, regidas pelas autoridades locais, ou ainda de colégios-universidades ou conventos-universidades, estabelecidos por personagens ilustres da Igreja ou pelas ordens religiosas, mas que se limitavam ao edifício-sede onde foram instaladas.

Evidentemente, as universidades dos tipos claustral e municipal (sobretudo as primeiras) tenderiam a desenvolver-se em cidades de maior dimensão e a serem rodeados de vários colégios, que tiravam partido das lições dadas pelos mestres num edifício central. Não obstante, a dimensão dos meios urbanos em que se implantavam constituía um óbice a que estas novas fundações tivessem expressão urbana comparável às academias de Salamanca, Alcalá ou Coimbra.

Já os colégios-universidades ou conventos-universidades se instalaram quase sempre em localidades mais pequenas, dando origem às designadas “universidades menores”, que seriam extintas com as reformas do iluminismo e do liberalismo. O impacto urbano destas instituições particulares compostas, na maior parte dos casos, de um único imóvel, seria também normalmente limitado à monumentalidade do edifício sede da instituição e à sua implantação em lugar mais ou menos simbólico. Houve porém casos de colégios-universidades ou de conventos-universidades implantados em grandes urbes ou cidades importantes, como sejam, desde logo, os casos das duas universidades de Sevilha ou ainda da de Toledo. Como seria talvez expectável, estas universidades, dada a sua natureza, teriam relevância urbana muito limitada, no primeiro século das suas existências.

Não pretendemos fazer aqui uma análise detalhada de todas as situações, dada a pluralidade das mesmas e dada a fase de desenvolvimento da presente

dissertação. Registaremos sobretudo, neste subcapítulo, os casos de universidades instaladas em cidades de maior dimensão e que tiveram continuidade funcional até à actualidade. Destacaremos, naturalmente, os desenvolvimentos com maior impacto urbano.

O colégio de Santa Maria de Jesus de **Sevilha**, fundado por *Maese* Rodrigo Fernández de Santaella (que estudara no *colegio de San Clemente* de Bolonha¹³⁵) teve reconhecimento papal por bula de Júlio II, datada de 12 de Julho de 1505. Porquanto não avançou a universidade, de iniciativa municipal, que os Reis católicos haviam autorizado por cédula real de 1502, tratou o próprio *Maese* Rodrigo de pedir ao Papa a elevação do seu instituto a universidade, o que foi concedido por nova bula, de 16 de Junho de 1508. Tratava-se, a partir deste momento, de um colégio-universidade. Seria edificado sobre casas compradas pelo fundador a sul da sé catedral, junto à *Puerta de Jerez*. O edifício, apenas começado a levantar ainda em vida de Rodrigo Fernández, seria concluído sob a supervisão dos testamentários, a partir de 1509. Os primeiros colegiais, seculares, entrariam em 1518, ano em que o colégio começou, propriamente, a funcionar.¹³⁶

Nesse mesmo ano de 1518 começava também a actividade, num edifício novo levantado na proximidade, o instituto dominicano de Santo Tomas, fundado pelo arcebispo Don Diego de Deza dois anos antes (em 1516) e que se destinava à formação de 16 elementos de todas as ordens religiosas. O ensino abrir-se-ia aos seculares em 1539, transformando-se num convento-universidade, reconhecido por provisão régia em 1541.¹³⁷ Resultou, assim, a insólita situação de funcionarem duas universidades distintas e concorrentes no mesmo bairro de Sevilha, junto à porta sul da cidade – “*el Colegio de San*

¹³⁵ Para um resumo biográfico de *Maese* Rodrigo Fernández de Santaella, veja-se **Francisco AGUILAR PIÑAL**, *La Universidad de Sevilla en el siglo XVIII*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1969, p.21-28 ou **José Antonio OLLERO PINA**, *La Universidad de Sevilla en los siglos XVI y XVII*, Sevilha, Universidad de Sevilla/Fondo de Cultura de Sevilla, 1993, p.31-36.

¹³⁶ Sobre a fundação do colégio-universidade de *Santa Maria de Jesus*, veja-se Francisco AGUILAR PIÑAL, *La Universidad de Sevilla...*, 1969, p.28-37; José Antonio OLLERO PINA, *La Universidad de Sevilla...*, 1993, p.37-48

¹³⁷ Francisco AGUILAR PIÑAL, *La Universidad de Sevilla...*, 1969, p.41.

*Tomas, donde se enseñaba Filosofía y teología; el Colegio de Maese Rodrigo, que era de colegiales juristas”.*¹³⁸

Apesar do facto, a função universitária teve sempre uma expressão marginal na Sevilha do período moderno.¹³⁹ De resto, e exceptuando a instalação dos jesuítas (1558), que ergueram um colégio próprio a partir de 1579 (o de *San Hermenegildo*, separado da casa professa), não surgiram mais colégios universitários em Sevilha para além do dos ingleses de San Gregorio (fundado em 1592), do de *San Patricio* para irlandeses (c. 1614), e o de *La Purísima Concepción* (seminário, c.1615), todos regidos pelos jesuítas.¹⁴⁰

Do mesmo modo, em **Toledo**, os estudos superiores ganharam forma no âmbito de um colégio-universidade, o de *Santa Catalina* que, segundo Ajo, “*sigue la traza inaugurada por Sigüenza*”.¹⁴¹ O colégio propriamente dito fora fundado pelo mestre-escola da catedral, Francisco Alvarez de Toledo, em 1485, mas só em 1520 receberia de Leão X a autorização para conceder graus, com a qual se erguia a universidade. Esta, com o tempo, lograria um certo nível de autonomia institucional face ao colégio (veja-se, mais adiante, o capítulo 3.3, secção g). Surgiria ainda um outro colégio, secular, o de *San Bernardino*, que abriu portas em 1581.¹⁴² Ambos se situavam na zona antiga da cidade entre a catedral e o Tejo.¹⁴³

¹³⁸ *Ibidem*, p.46. Veja-se mais à frente, sobre a arquitectura destes dois colégios-universidade, o capítulo 3.3., secção g).

¹³⁹ **José Antonio OLLERO PINA**, “Clérigos, universitarios y herejes. La Universidad de Sevilla y la formación académica del cabildo eclesiástico”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, Juan Luis Polo Rodríguez (Eds.), *Universidades Hispánicas. Modelos Territoriales en la Edad Moderna (I)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 2007, p.107-195 (p.128). Para uma visão até à actualidade, veja-se **Francisco Javier TEJIDO JIMÉNEZ**, “Las sedes universitarias en la construcción de la ciudad”, in AAVV, *Universidad y ciudad. Arquitectura de la universidad hispalense*, Sevilha, Universidad de Sevilla, 2002, p.19-31.

¹⁴⁰ Francisco AGUILAR PIÑAL, *La Universidad de Sevilla...*, 1969, p.46-47.

¹⁴¹ **Candido Maria AJO GONZÁLEZ Y SAINZ DE ZUÑIGA**, *Historia de las Universidades Hispánicas*, Vol. II (*El Siglo de Oro Universitario*), Avila, 1958, p.72.

¹⁴² Sobre as fundações colegiais de Toledo veja-se **Florentino GÓMEZ SANCHEZ**, *El sistema educativo de los colegios seculares de la Universidad de Toledo*, Toledo, Ayuntamiento de Toledo, 1982, p.19-24

¹⁴³ Para a localização dos colégios na cidade veja-se **J. Carlos VIZUETE MENDOZA**, “Universidad de Toledo. Historiografía, fuentes documentales y líneas de investigación”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, Juan Luis Polo Rodríguez (Eds.), *Universidades Hispánicas...*, 2007, p.65-106 (p.103-104).

As universidades de Santiago de Compostela e de Granada tiveram também origem num colégio-universidade, tendo depois evoluído para uma universidade do tipo claustral.¹⁴⁴

A Universidade de **Santiago** ganhou forma com a fundação do *colegio de Santiago Alfeo*, diligenciada pelo arcebispo de Santiago (e depois de Toledo) Alonso de Fonseca III (1475-1534)¹⁴⁵ a partir de 1522. Nesse mesmo ano estabeleceu-se um colégio – uma comunidade de estudantes – no antigo *hospital da Acibechería* (situado onde estão hoje os jardins dianteiros de São Martinho Pinário).¹⁴⁶ Os colegiais frequentariam, aparentemente, o curso de gramática do *Estudio Vello*,¹⁴⁷ na esquina da *rua Nueva*, dado pelo Bacharel Pedro de Vitoria. Quatro anos depois, em 1526, Clemente VII outorgava a bula pontifícia autorizando o ensino das matérias universitárias e a atribuição de graus académicos no futuro instituto. Após um período de indefinição, a obra de um novo edifício colegial avançaria apenas em 1532-1533,¹⁴⁸ segundo projecto de Juan de Álava (revisto por Alonso de Covarrubias) que seguia o modelo de dois recém-levantados *colegios mayores* salmantinos.¹⁴⁹ O novo edifício, levantado na *Rua do Franco* no local de antigas casas, umas das quais do fundador, estaria praticamente terminado em 1544 (data de uma lápide do pátio), alguns anos depois do falecimento de Fonseca, ocorrido em 1534.

¹⁴⁴ “*Si en un principio el caso santiagués semeja los seguntino-complutense-sevillano, pronto la dirección y administración propiamente universitaria quedó en manos del claustro*”, Candido María AJO GONZÁLEZ Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.77.

¹⁴⁵ Foi arcebispo de Santiago, em 1507 (após renúncia do pai, Alonso de Fonseca II, a seu favor), e de Toledo, a partir de 1524.

¹⁴⁶ **Antonio FRAGUAS FRAGUAS, O Colexio Fonseca**, Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago / Instituto “Padre Sarmiento” / Universidad de Santiago de Compostela, 1995, p.19.

¹⁴⁷ O *Estudio Vello* resultara de uma primeira tentativa de estabelecimento de um estudo geral em Compostela, iniciativa do notário Lope Gómez de Marzoa e de Diego de Muros III, deão de Santiago, em 1501 (autorizada por bula de Júlio II, de 1504). **María del Pilar RODRÍGUEZ SUÁREZ, La Universidad de Santiago en el Siglo XVI. Los libros de claustro, 1566-1600**, La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Tomo I, 1996, p.15-19; **Xosé Ramón BARREIRO, “A fase fundacional (1495-1550)”**, in **Xosé Ramón Barreiro (Coord.), Historia da Universidade de Santiago de Compostela**, Universidade de Santiago de Compostela, Vol.I (*Das orixes ó século XIX*), 1998, p.37-54.

¹⁴⁸ Antonio FRAGUAS FRAGUAS, *O Colexio Fonseca...*, 1995, p.123-127; Ana CASTRO SANTAMARIA, *Juan de Álava...*, 2002, p.458-460.

¹⁴⁹ Falamos dos colégios de *Santiago Zebedeo*, ou de *Cuenca*, fundado pelo bispo de Cuenca Diego Ramírez de Villaescusa (1523), e do *del Arzobispo*, iniciativa do mesmo fundador do colégio central galego, o arcebispo Alonso de Fonseca III (1525). *Ibidem*, p.462

O arcebispo Fonseca havia explicitado no seu testamento “*que en el dicho collegio no se puedan resçibir ni resçiban los collegiales fasta tanto que del todo sea acabado e puesta en perfiçion la dicha casa*”.¹⁵⁰ Não é claro quando começou a funcionar o novo edifício. Álvaro de Cadaval, que redigiria a referida lápide do pátio, e que sucedeu a Pedro de Vitoria no ensino da gramática (após a morte deste, em finais de 1541 ou inícios de 1542), passou a leccionar no antigo hospital.¹⁵¹ De tal forma que em 1550, segundo informação recolhida por Antonio Fraguas, “*estaba entón deshabitado e inútil o Colexio de Fonseca*”.¹⁵² Os arcebispos de Santiago sucessores de Fonseca, patronos do colégio, residiram muito tempo fora da Galiza, o que terá atrasado a sua entrada em funcionamento.¹⁵³ O outro patrono da fundação, o conde de Monterrey negociava, em 1552, a entrega do colégio-universidade aos jesuítas,¹⁵⁴ altura em que já se leccionavam cursos de gramática e de retórica na nova sede, a cargo de Juan del Cano (contratado em Salamanca¹⁵⁵), Álvaro de Cadaval e Lorenzo Pérez.¹⁵⁶

O projecto jesuíta não avançaria face à oposição do cabido da catedral, que acabou por definir umas primeiras ordenanças (1553) que consagravam um modelo de gestão universitária ao estilo salmantino,¹⁵⁷ no qual o colégio se subordinava à academia, gerida pelos representantes dos estudantes e dos professores. A partir de 1554-1555 interessar-se-ia pelo projecto o príncipe

¹⁵⁰ Testamento de 23 de Dezembro de 1531. Veja-se Antonio FRAGUAS FRAGUAS, *O Colexio Fonseca...*, 1995, p.22, nota 11; María del Pilar RODRÍGUEZ SUÁREZ, *La Universidad de Santiago...*, 1996, p.21, nota 29.

¹⁵¹ “*La muerte del bachiller Pedro de Vitoria en 1542, único catedrático del Estudio Viejo, supuso el fin de la docencia en este centro. La enseñanza se trasladaba al antiguo Hospital y las rentas del Estudio se incorporaban definitivamente al Colegio-Universidad*”. *Ibidem*, p.22

¹⁵² Embora o mesmo autor comente que “*o dinamismo que se aprecia no colegio fainos suponer un pouco esaxeradas as palabras*”. Antonio FRAGUAS FRAGUAS, *O Colexio Fonseca...*, 1995, p.28.

¹⁵³ Tão pouco residia na Galiza o outro patrono da fundação o conde de Monterrey. Xosé Ramón BARREIRO, “A fase fundacional...”, 1998, p.73-74.

¹⁵⁴ María del Pilar RODRÍGUEZ SUÁREZ, *La Universidad de Santiago...*, 1996, p.23-24.

¹⁵⁵ No contrato assinado em Salamanca, no verão de 1550, “*Juan del Cano xa confesa que dará clases no Colexio novo, es decir, que aparece en escena xustamente cando se iniciaron os estudios na nova sede*”. Xosé Ramón BARREIRO, “A fase fundacional...”, 1998, p.75. Não obstante, já depois de ter estado um mês em Santiago, “*vendo que non lle sinalaban clases nin horas, o día 27 de Novembro de 1550, fai un requerimento e protesta. (...) A cuestión fundamental que obstaculizaba a posesión do Mestre das aulas de Salamanca era o salario*”. Antonio FRAGUAS FRAGUAS, *O Colexio Fonseca...*, 1995, p.26-27

¹⁵⁶ María del Pilar RODRÍGUEZ SUÁREZ, *La Universidad de Santiago...*, 1996, p.22.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p.26.

regente Filipe II, que nomearia um comissário, o doutor Cuesta, para pôr em marcha a universidade. Este formularia umas novas constituições em Novembro de 1555, assumindo a distinção definitiva entre o colégio e a universidade.¹⁵⁸ Ambos começariam a funcionar regularmente nos anos seguintes.

Data deste período de agitação intensa (1551-1555) o projecto de ampliação do *colegio de Santiago Alfeo* prevendo o prolongamento do edifício para norte, até atingir a praça da catedral, através de um segundo pátio para o *colegio de San Jerónimo*, destinado aos estudos de gramática.¹⁵⁹ Uma nova fachada daria para referida praça, com uma entrada principal alternativa. Esta seria uma operação do maior alcance pois faria a universidade participar da praça mais importante e representativa da cidade, a actual *Plaza del Obradoiro*. Para esta praça, e do lado oposto (a norte), dava também a fachada do recente hospital real (levantado pelo arquitecto régio Enrique Egas, entre 1501 e 1511), enquanto a poente era encerrada pela cerca da cidade.

O projecto acabaria por ser levado a cabo cerca de cem anos depois (a partir de 1652) mas com uma alteração importante. O *colegio de San Jerónimo* já

Fig.21
Santiago de Compostela
Plano atribuído
a Francisco Ferreiro,
primeira metade
do séc. XVIII:
A: Catedral
D: *Colexio*
de San Xerome
E: *Colexio*
de Santiago Alfeo
F: *Colexio*
de San Clemente
H: *Colexio*
dos Jesuitas
(Fonte: Instituto de
Estudios Galegos
"Padre Sarmiento")



¹⁵⁸ *Ibidem*, p.32-38.

¹⁵⁹ Veja-se a planta do projecto no próximo capítulo, fig.69.

não se levantava como uma extensão do colégio central, antes se constituía como um novo bloco quadrangular, volumetricamente autónomo do primeiro.¹⁶⁰ Destinou-se, fundamentalmente, a albergar os estudos da faculdade de artes. Desta forma a universidade viu-se representada na praça mais simbólica da capital galega (“*de las mejores que tiene España*”¹⁶¹) a par da catedral e do hospital real (**fig.21**¹⁶²). Noutro registo, a universidade de Santiago não disporia de uma rede colegial relevante. Para além do colégio dos jesuítas (chegados a Santiago em 1574) apenas um outro colégio teria expressão arquitectónica e urbana, o de *San Clemente*, fundado pelo arcebispo Juan de San Clemente nos primeiros anos do século XVII (em 1607 estava em obras). Situava-se fora de muralhas, frente à porta sudoeste da cidade¹⁶³ (veja-se, de novo, a **fig.21**). Foram também preocupações de representação urbana que influíram na decisão de implantar o *colegio de Santa Cruz de la Fe*, projectada sede da universidade de **Granada**, no ponto central da cidade baixa, entre a nova sé catedral e a *plaza de Bibarrambla*.¹⁶⁴ Com efeito, uma primeira hipótese de localização em local mais tranquilo (na franja da cidade baixa, junto ao mosteiro de São Jerónimo), defendida pelo cabido, foi recusada pelo arcebispo Pedro de Alba que pretendia exercer maior controlo sobre os estudantes. Pretenderia, sobretudo (a nosso ver), dar maior visibilidade à iniciativa (**fig.22**). Não obstante, “*para contentar al Cabildo se ordenaba que la puerta se abriera*

¹⁶⁰ A ideia de construir um bloco autónomo remonta ao projecto (de cerca de 1635) de Bartolomé Fernández Lechuga. **Antonio BONET CORREA, *La arquitectura en Galicia durante el siglo XVII***, Madrid, CSIC, 1984, p.305-308. Antes, a universidade avançara com a construção da torre da universidade projectada por Mateo López, em 1598. *Ibidem*, 113-114.

¹⁶¹ Segundo o arquitecto barroco José de Vega y Verdugo, *ibidem*, p.307.

¹⁶² Sobre o plano de Santiago atribuído a Francisco Ferreiro, da primeira metade do século XVIII, veja-se **J.M. MONTEROSO MONTERO, “Plano de Santiago de Compostela”**, in *AAVV, Los Arzobispos de Toledo y la Universidad Española*, Toledo, Universidad de Castilla-La Mancha, 2002, p.204-205.

¹⁶³ Sobre a arquitectura deste interessante colégio (com a capela a eixo da entrada do outro lado do pátio, perpendicular à ala, como no *colegio de San Clemente*, de Bolonha!) veja-se Antonio BONET CORREA, *La arquitectura en Galicia...*, 1984, p.127-130.

¹⁶⁴ A universidade de Granada foi gerada durante a estadia do Imperador Carlos V na cidade, que por cédula real de 7 de Dezembro de 1526, dirigida ao arcebispo Pedro Ramiro de Alba, esboçava a fundação de um estudo geral de lógica, filosofia, teologia e casos de consciência, cânones, gramática. Seria estruturado por um colégio principal, de *Santa Cruz de la Fe* e por uma escola para cem meninos mouriscos. **Maria del Carmen CALERO PALACIOS, *La Universidad de Granada. Los documentos fundacionales***, Granada, Universidad de Granada, 1995, p.15-17. A universidade seria reconhecida por Clemente VII por bula de 14 de Julho de 1531, concedendo os mesmos privilégios das de Bolonha, Paris, Salamanca e Alcalá, e nomeando o arcebispo de Granada como protector. *Ibidem*, p.19.

Fig.22.

Granada. Detalhe da vista de Ambrosio de Vico, de 1596:

A. Sé catedral, em construção

1. Convento de *San Jeronimo*

A rosa: *calle de San Jeronimo*

Fig.23

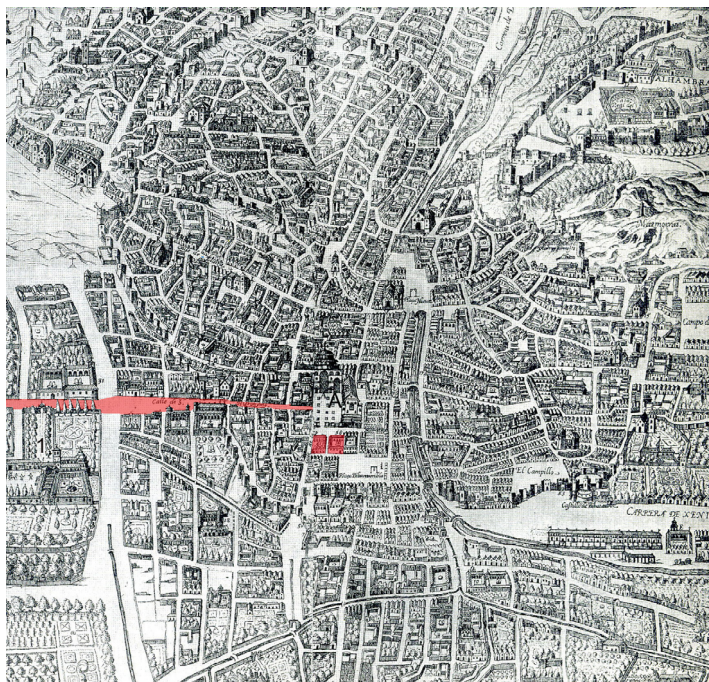
Detalhe da figura anterior:

58. *Colegio Real*

[*Colegio de Santa Cruz de la Fe*]

59. *Colegio de Santa Catalina*

61. *Colegio de San Miguel*



frente a la Catedral y que no existieran puertas ni ventanas a la plaza de Bibarrambla".¹⁶⁵

A nova sede, levantada pelo novo arcebispo Gaspar de Ávalos, seria um edifício quadrangular, disposto em torno de um pátio central, construído entre 1529 e 1540.¹⁶⁶ Paralelamente criava-se um colégio de gramática para 100 meninos mouriscos, o *colegio de San Miguel*, situado em casa vizinha, do outro lado da rua, ao qual se passava por um passadiço.¹⁶⁷ Paredes-meias com este colégio, uma outra fundação colegial surgiria, a partir de 1537, o colégio de teólogos de *Santa Catalina Mártir*,¹⁶⁸ dando assim corpo a um pequeno núcleo universitário situado em pleno coração da cidade (**fig.23**).¹⁶⁹ Apesar da dimensão limitada (reduzida a este núcleo arquitectónico durante o século XVI)

¹⁶⁵ Rafael LÓPEZ GUZMÁN, Cristina RODRÍGUEZ-ACOSTA, "El edificio de la Antigua Universidad", in *AAVV, Universidad y Ciudad. La universidad en la historia y la cultura de Granada*, Granada, Universidad de Granada, 2ª ed., 1997, p.49-53 (p.49).

¹⁶⁶ Miguel LÓPEZ, "El edificio de la antigua universidad ¿obra de Siloe?", *Cuadernos de Arte de la Universidad de Granada*, XII, 24, 1975, p.113-124 (p.114-115).

¹⁶⁷ Este colégio, para jovens mouriscos, acabaria por fracassar. Reabriu-se em 1580 para hospício de estudantes universitários e outros. Acabou destinando-se (ainda antes de 1596) a colégio da faculdade de artes. Rafael LÓPEZ GUZMÁN, *Tradición y clasicismo en la Granada del XVI. Arquitectura civil y urbanismo*, Granada, Diputación Provincial, 1987, p.247. Veja-se também, Rafael LÓPEZ GUZMÁN, Cristina RODRÍGUEZ-ACOSTA, "Los Colegios Mayores y Eclesiásticos", in *AAVV, Universidad y Ciudad...*, 1997, p.55-59 (p.55)

¹⁶⁸ *Ibidem*, p.57.

¹⁶⁹ Ambos os colégios, os de *San Miguel* e de *Santa Catalina*, foram derrubados em tempos mais recentes. Estavam sobre a actual *Plaza de las Pasiegas*, defronte da catedral

a universidade afirmava-se – graças à sua localização – como um dos novos equipamentos urbanos da Granada cristã.¹⁷⁰ Outras fundações associadas à universidade, como o colégio dos jesuítas de *San Pablo* (futura sede da universidade iluminista e actual faculdade de direito) ou o colégio secular de *San Bartolomé y Santiago*, ganhariam forma em períodos subsequentes (a partir de 1574 e de 1649, respectivamente), ambos implantados sobre a *calle de San Jerónimo*, a noroeste da catedral.

Observemos outro caso. Vimos anteriormente (no capítulo 1.8, secção c) como em Agosto de 1536 os conselheiros municipais de **Barcelona** haviam tomado a decisão de edificar uma sede para a nova universidade após a confirmação dos privilégios dada por Carlos V, em 1533.¹⁷¹ Vimos também que a nova sede, de construção relativamente modesta, se levantou no topo noroeste da *rambla*, antiga linha de água, encanada e coberta em 1364.¹⁷² Desta operação infra-estrutural resultou a definição de uma faixa de espaço nivelado e livre, adjacente, pelo exterior, à segunda muralha da cidade (de finais do século XIII), com mais de um quilómetro de comprimento e mais de trinta metros de largura. Constituíam-se, simultaneamente, como charneira entre o núcleo urbano consolidado (cercado pela segunda muralha) e a expansão extramuros, o *raval*, ou arrabalde, limitado pela cerca do século XV (**fig.24**).¹⁷³

A implantação particular da nova sede revelou-se uma opção de grande sensibilidade urbana marcando, desde logo, o ascendente da função universitária sobre o topo superior da *rambla*. Com efeito, a partir da entrada em funcionamento da universidade, no verão de 1539, foram-se instalando vários colégios, sobretudo das ordens religiosas, ao longo da frente sudoeste

¹⁷⁰ Veja-se, sobre esta questão, **Consuelo GÓMEZ LÓPEZ**, “La «*Renovatio Urbis*»: poder, ciudad y universidad en el siglo XVI”, in *Espacio, Tiempo y Forma, Serie VII – Historia del Arte*, 9, Madrid, 1996, p.53-76 (p.68-70).

¹⁷¹ “Este espaldarazo legal y la favorable predisposición del Emperador debieron animar al gobierno municipal a llevar a cabo el viejo proyecto de fundar una universidad completa”, **António FERNÁNDEZ LUZÓN**, *La Universidad de Barcelona en el siglo XVI*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2005, p.39.

¹⁷² **Luis ALMERICH**, *La Rambla de Barcelona, su historia urbana y sentimental*, Barcelona, Librería Millá, 1945, p.18.

¹⁷³ Sobre a *rambla* e o seu enquadramento na cidade pode ver-se, para além da obra anteriormente citada, **Jaume CARRERA I PUJAL**, *La Barcelona del Segle XVIII*, Vol. II, Barcelona, Bosch, 1951; e **Albert GARCIA I ESPUCHE**, **Manuel GUÀRDIA I BASSOLS**, “**Barcelona**”, in **AAVV**, *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, CCCB/Salvat, 1994, p.63-93.

daquela via – “Además de su convento las órdenes más importantes de Cataluña tenían para instrucción de sus jóvenes sobresalientes un colegio separado”.¹⁷⁴

Para além do colégio (secular) de *Cordelles*, fundado em 1538 (que em 1593 receberia o título de “Imperial” e que em 1659 revertia para os jesuítas¹⁷⁵), podemos contar o colégio dos jesuítas de *Belén*, fundado em 1550 e dotado de estudo de teologia e de artes próprio.¹⁷⁶ Também a partir dessa data se construiu uma primeira igreja.¹⁷⁷ Outros colégios das ordens, que se instalaram



Fig.24.
Planta de Barcelona de finais do séc. XVII, ou ligeiramente posterior, com representação da *Rambla*, de “*Los Estudios*”, e dos vários colégios e conventos (*Arxiu Històric de la Ciutat de Barcelona*).

Fig.25.
Barcelona. Edifício do antigo *estudi general*, no topo da *Rambla*, em 1840 (fonte: Almerich).



¹⁷⁴ Cayetano BARRAQUER Y ROVIRALTA, *Las casas de religiosos en Cataluña durante el primer tercio del siglo XIX*, Barcelona, Francisco Altés y Alabart, 1906, Tomo I, p.404.

¹⁷⁵ Jaume CARRERA I PUJAL, *La Barcelona del Segle XVIII...*, Vol.II, 1951, p.6

¹⁷⁶ O número de estudantes, a grande maioria externos, ascendia a cerca de 200 em 1573. Antoni BORRAS I FELIU, “La fundació del col·legi de Betlem de la Companya de Jesús de Barcelona”, *Pedralbes*, Barcelona, num.13, Vol.II, 1993, p.203-211 (p.211).

¹⁷⁷ A primeira pedra da igreja de *Belén* (mais pequena e modesta do que a iniciada em 1681) foi posta em 1550, tendo sido aberta ao culto, ainda inacabada, em 1556. *Ibidem*, p.205.

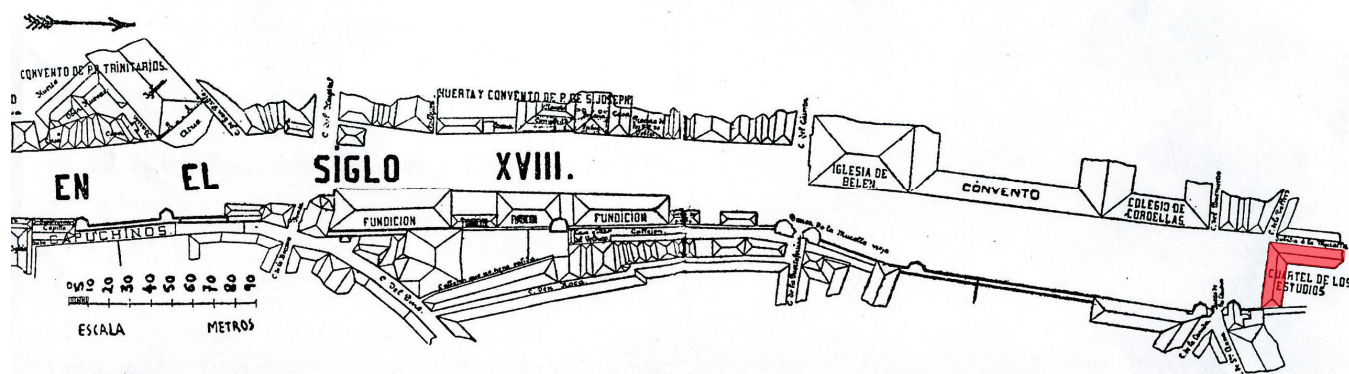


Fig.26: A Rambla de Barcelona no século XVIII, segundo Almerich.

melitas descalços instalado em 1586 e dotado em 1593 de uma nova igreja) ou, já bem entrado o século XVII, o de *Santa Mónica* (dos agostinhos descalços, instalado em 1619) e de *Nuestra Señora de la Buena Nueva* (dos trinitários descalços, com igreja levantada em 1633-39) ou, ainda mais tarde, o convento dos capuchos (implantado em 1714-1723 na frente oposta da *rambla*, encostado à antiga muralha).¹⁸³ Importa mencionar ainda e reconstrução da igreja jesuíta de *Belén*. A primeira pedra do novo templo (hoje desaparecido) lançava-se em 1681. De imediato, o município avançaria com a renovação da sede do estudo, levantando uma nova ala entre 1682 e 1684.¹⁸⁴

Tal como nas cidades de maior dimensão que temos vindo a analisar, a função universitária não atingiria expressão dominante em **Évora**, pequena cidade do sul de Portugal. A universidade local, a segunda do reino e também a segunda da Península a ser regida pelos jesuítas (a primeira foi a de Gandia, fundada por Francisco de Borja em 1545), nasceu do projecto pessoal do irmão do Rei, cardeal infante D. Henrique (1512-1580), que fundou e começou a construir um colégio para formar os futuros padres do arcebispado, cerca de 1550.¹⁸⁵ Foi entregue aos jesuítas em 1553. Uma primeira tentativa de criação da universidade seria recusada pelo monarca, empenhado em salvaguardar os privilégios da “sua” universidade de Coimbra, a nível nacional.

¹⁸³ Todos estes dados foram retirados de Cayetano BARRAQUER Y ROVIRALTA, *Las casas de religiosos...*, Tomos. I e II, 1906.

¹⁸⁴ Luís ALMERICH *La Rambla de Barcelona...*, 1945, p.33.

¹⁸⁵ **Túlio ESPANCA**, *Inventário Artístico de Portugal, tomo VII – Concelho de Évora*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1966, Vol. I, p.71.

Com o falecimento de D. João III, em 1557, pôde a universidade jesuíta de Évora ganhar vida. O reconhecimento papal, logo solicitado, seria concedido em Setembro 1558 e confirmado em Abril de 1559, ano em que foi “inaugurada” (a 1 de Novembro) a universidade – tal como a de Alcalá, especializada em estudos teológicos. Consequentemente, o colégio-universidade do Espírito Santo foi acrescentado de um magnífico e amplo pátio dianteiro, rodeado de várias salas ou gerais, que serviam sobretudo para as lições dos cursos de artes.¹⁸⁶ O desenvolvimento posterior do edifício prendeu-se, sobretudo, com acrescentos mais ligados às necessidades dos jesuítas, do que propriamente da universidade. Não obstante, viria a tornar-se, ao longo do século XVII, na mais extensa construção da cidade.¹⁸⁷ A implantação do colégio-universidade no rebordo de Évora, junto da muralha, recolhido em relação aos principais eixos de circulação (**fig.27**) minorou, talvez, o impacto urbano da construção. Na vizinhança imediata (para noroeste) levantou-se, entre 1577 e 1605, o colégio-seminário da purificação, único a ser concretizado de um projecto de estabelecimento de quatro novos colégios em redor da universidade, gizado pelo fundador, cerca de 1573.¹⁸⁸ Cento e cinquenta metros para sudeste levantou-se ainda o hospital da universidade (a partir de 1584), parte integrante do mesmo plano.

Em Évora, estabeleceram-se ainda dois colégios (o de São Paulo, regular, dos eremitas da Serra de Ossa, e o da Madre de Deus, secular) implantados em zonas distintas da cidade, e que vieram ostentar edifícios novos a partir dos primeiros anos de Seiscentos.¹⁸⁹ Não se logrou, porém, o estabelecimento de

¹⁸⁶ Rui LOBO, *O colégio-universidade do Espírito Santo de Évora*, Évora, CHAIA / Universidade de Évora, 2009, p.33-38.

¹⁸⁷ Sobre a evolução do colégio-universidade jesuíta veja-se, sobretudo, Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico...*, 1966, Vol. I, p.71; Fausto Sanches MARTINS, *A Arquitectura dos primeiros colégios jesuítas em Portugal, 1542-1579*, Porto, tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada do autor, 1994; e ainda Rui LOBO, *O colégio-universidade do Espírito Santo...*, 2009.

¹⁸⁸ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Porto, Apostolado da Imprensa, Tomo II, Vol. I, 1938, p.85-89.

¹⁸⁹ O colégio de São Paulo foi fundado em 1578, sendo que o imóvel actual data dos anos finais do século XVI. A capela, aberta ao exterior, fez-se a partir de 1605. Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico...*, 1966, Vol. I, p.236. Por sua parte, o colégio da Madre de Deus, fundação de particulares, foi autorizado por bula papal em 1595 e dispôs de um novo imóvel em 1608. *ibidem*, p.91-92.

Fig.27

Planta de Évora (Túlio Espanca, 1966) com as localizações universitárias:
a. Colégio-universidade do Espírito Santo
b. Colégio da Purificação
c. Hospital da universidade
d. Colégio de São Paulo
e. Colégio da Madre de Deus



uma rede de colégios como a que se havia desenvolvido, por exemplo, em Coimbra.

Vejamos, finalmente, duas das últimas universidades quinhentistas. A universidade de **Oviedo** foi criada por disposições testamentárias (1566 e 1568) do asturiano D. Fernando de Valdês e Salas (1490?-1568), arcebispo de Sevilha.¹⁹⁰ Seriam os testamentários a elegerem o local para implantar a sede da nova fundação, que se devia organizar “ao modo de Salamanca”¹⁹¹ – reitor e conciliários eram estudantes e tanto alunos como professores participavam dos claustros de deputados e dos claustros plenos. Escolheram um local às portas da cidade, fora de muros, no caminho para o convento de São Francisco e frente ao colégio de *San Gregório*, fundação prévia de D. Fernando (1557), destinado a cursos de gramática e latinidade.¹⁹² Deste modo, como notaram alguns autores, ficava a universidade instalada de acordo com as premissas do

¹⁹⁰ Já havia fundado um colégio em Salamanca, o de *San Pelayo* ou de Verdes, em 1556 (construído entre 1575 e 1609). Faleceu em 9 de Dezembro de 1568.

¹⁹¹ Candido María AJO GONZÁLEZ Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.124.

¹⁹² Algumas casas vizinhas foram adquiridas em 1561 e 1568, permitindo a regularização do conjunto num novo edifício unitário. Foi demolido em finais do século XIX. **Eloy BÉNITO RUANO**, “La fundación del Colegio de «San Gregório» de Oviedo”, in *Actas del Simposio Valdês-Salas* (1968), Oviedo, Universidad de Oviedo, 1968, p.233-252.

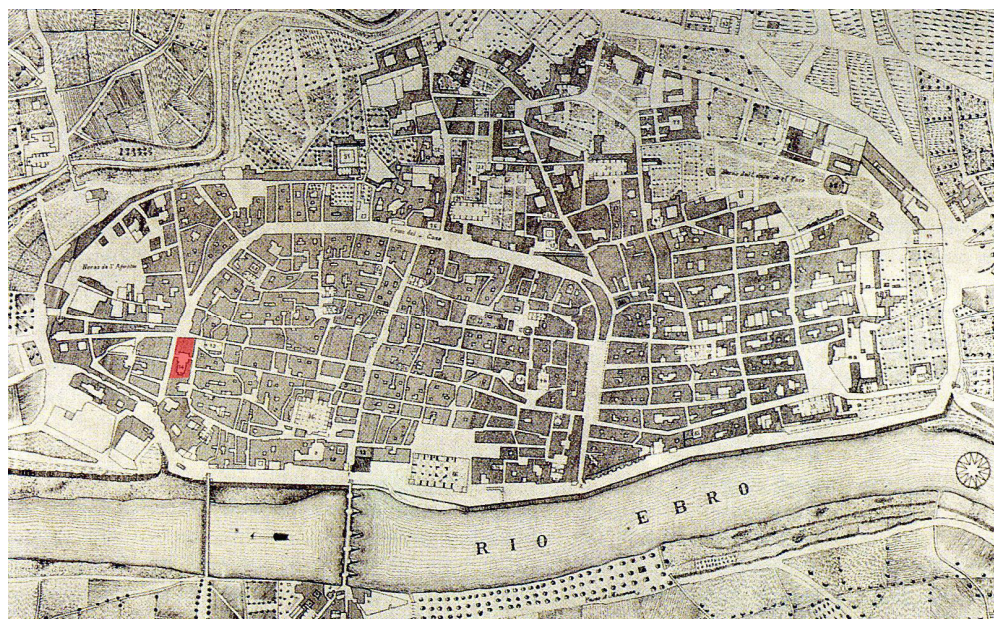


Fig.29: Planta de Saragoça, de Casanova (1769)
com a localização do edifício da universidade, a nascente da cidade.

Em **Saragoça**, em 1582, o município concedia as *escuelas viejas*, na paróquia de *La Magdalena* (a nascente da cidade, **fig.29**) a Pedro Cerbuna, cônego e vigário geral do arcebispado, para que este pusesse a funcionar a nova universidade.¹⁹⁶ As autoridades locais estavam já, desde há muito, na posse dos necessários privilégios papal (Sisto IV, 1474, Paulo IV, 1555) e real (Joan II, 1477; Carlos V, 1542), mas por diversos motivos, entre os quais a recorrente oposição da universidade de Huesca, o projecto nunca havia avançado para além do estabelecimento de um estudo de artes.

As aulas tiveram início a 24 de Maio de 1583¹⁹⁷ antes mesmo de se proceder à reconfiguração das *escuelas viejas* (a partir de 1589). Após um período de interrupção das obras (1594) fez-se um teatro, levantou-se uma torre, reconstruiu-se a capela (a primitiva era de inícios do século XV) e montou-se o novo pátio rodeado por colunas apoiando um entablamento recto.¹⁹⁸

A universidade de Saragoça revelaria uma dinâmica bastante interessante nos anos subsequentes, levando à fundação de um razoável número de colégios,

¹⁹⁶ **Fernando SOLANO COSTA** “Pedro Cerbuna y el funcionamiento de la nueva universidad”, in *AAVV, Historia de la Universidad de Zaragoza*, Madrid, Editora Nacional, 1983, p.101 e seguintes (p.102-103).

¹⁹⁷ *Ibidem*, p.104.

¹⁹⁸ **Angel SAN VICENTE**, *Monumentos diplomáticos sobre los edificios fundacionales de la universidad de Zaragoza y sus constructores*, Saragoça, Diputación Provincial / Instituto «Fernando el Católico», 1981, p.4.

tanto regulares como seculares, em redor da sede universitária. Diego Fraylla, que foi reitor da universidade, dá-nos conta, nos primeiros anos de Seiscentos,¹⁹⁹ da existência de vários colégios. O primeiro a surgir foi o *colegio de la Trinidad*, dos trinitários, que surgiu ao mesmo tempo que começou a funcionar a universidade.²⁰⁰ Dois foram fundados pelo mercador Jerónimo Ferrer, um secular, de *San Jeronimo*, e outro regular, de *San Vicente Ferrer*, cedido aos dominicanos, ambos criados em 1584. Funcionavam ainda os de *San Vicente Mártir*, estabelecido pelo deão de Tarragona, Miguel Ximénez, em 1596, também na paróquia de *La Magdalena*, e o franciscano de *San Diego*, fundado em 1601, numas casas atrás do convento da ordem.²⁰¹

Outros colégios que surgiram ao longo dos séculos XVII e XVIII foram os de *San Nicolás Tolentino* (dos agostinhos descalços, 1605²⁰²), o dos carmelitas descalços, dos mercediários (*San Pedro Nolasco*), e de *Santo Tomas Villanueva*, dos agostinhos calçados.²⁰³ Quanto a colégios seculares (e para além dos de *San Jeronimo* e de *San Vicente*, já citados) foram estabelecidos os de *Torrejón* (fundado pelo médico do Rei em 1606) e ainda o de *San Juan Bautista*, ou de navarros, criado em 1621 e que se fixou justamente em frente da sede universitária.²⁰⁴ Deste modo, e em número de colégios, a universidade de Saragoça afirmar-se-ia como uma universidade de dimensão intermédia, na senda de outras universidades catalano-aragonesas, como Lérida, Valência e Barcelona.

¹⁹⁹ **Diego FRAYLLA**, *Lucidiario de la Universidad y Estudio General de la Ciudad de Zaragoza*, Edição de Angel Canellas Lopez, Saragoça, Diputación Provincial / Instituto «Fernando el Católico», 1983, p.61-63. O manuscrito original foi dedicado em 1603 aos cinco jurados da cidade.

²⁰⁰ *Ibidem*, p.61.

²⁰¹ Diego de Fraylla refere ainda um colégio em projecto, o de Santiago, da comunidade de Catalayud. Menciona também o convento de Santo Agostinho, pois havia já bastantes destes religiosos a frequentar os estudos. *Ibidem*, p.62-63. Sobre os

²⁰² **Manuel GARCIA GUATAS**, **Teresa MARTIN ROYO**, “El Colegio Universitario de San Nicolás de Tolentino en Zaragoza”, *Artigrama*, Saragoça, Num.2, 1985, p.111-130.

²⁰³ **Manuel JIMÉNEZ CATALÁN**, **José SINUÉS URBIOLA**, *Historia de la Real y Pontificia Universidad de Zaragoza*, Zaragoza, La academia, Tomo II, 1923, p.315-328 (p.326). Veja-se também **Maria Dolores PALÚ**, “La vida académica: los colegios mayores, la docencia y la investigación”, in *AAVV*, *Historia de la Universidad de Zaragoza*, Madrid, Editora Nacional, 1983, p.183-203 (p.188-189).

²⁰⁴ *Idem*, obras citadas, p.326-327 e p.189-190, respectivamente.

g) O impacto dos jesuítas – tema para o urbanismo universitário ibérico do século XVII

Os finais do século XVI registaram também o início de um fenómeno transversal às mais importantes universidades ibéricas, com evidentes repercussões ao nível urbano. Falamos da implementação e desenvolvimento dos grandes colégios de uma nova ordem religiosa que dedicaria especial atenção ao ensino, a Companhia de Jesus.

Coimbra, Alcalá, Salamanca, Évora, entre outras, foram cidades onde se desenvolveram colégios jesuítas particularmente imponentes em função da sua ligação à universidade. Para além da formação própria dos seus membros, os jesuítas garantiam, por sistema, cursos teológicos abertos ao público e, sobretudo, os cursos de artes, que tinham sempre grande afluência de alunos externos. Os padres da Companhia souberam também conseguir, quase sempre, implantações ideais em termos do impacto urbano desejado para as fundações. A grande escala dos edifícios era uma outra imagem de marca (**figs.30 e 31**). Não obstante, a afirmação plena destes novos imóveis foi sobretudo um acontecimento do século XVII – talvez o mais relevante do urbanismo universitário ibérico desta centúria – pelo que não dedicaremos especial atenção (no âmbito desta dissertação) a este aspecto, que não quisemos, no entanto, deixar de mencionar.

Fig.30: Colégio de Jesus de Coimbra (do lado esquerdo), começado a levantar em 1547. Igreja construída entre 1598 e 1698. Gravura de Carlo Grandi, 1732 (Biblioteca Nacional de Portugal)





Fig.31: *Colégio Real de la Compañía de Jesús* de Salamanca, visto desde o ponte. Colégio fundado em 1611. Igreja construída entre 1617 e 1665.
(fonte: A.Rodriguez de Ceballos / foto Mas)

3.3. Arquitectura universitária – colégios e sedes dos estudos

É objectivo deste último capítulo dar uma ideia geral da arquitectura universitária ibérica ao longo dos dois últimos terços do século XVI e dos inícios de Seiscentos. Serve, sobretudo, para ensaiar uma seriação programática e tipológica dos diversos edifícios universitários que surgiram no *Siglo de Oro*, paralelamente ao processo de consolidação urbana das universidades mais antigas e ao surgimento de um número elevado de novas academias – mais de vinte – neste período.

Referimos já que grande parte destas novas academias, estabelecidas normalmente por mecenas da igreja, se centrava num único edifício, com função lectiva e residencial, o colégio-universidade. Normalmente, era a comunidade residente que geria os destinos da instituição com base nos rendimentos legados pelo fundador. Também as ordens religiosas fundaram algumas universidades, por si administradas, em novos edifícios ou em novos sectores de alguns conventos, no que se designou como convento-universidade.

Evidentemente, continuaram a criar-se universidades cuja administração recaía num conjunto de representantes de um corpo mais amplo de estudantes e também de professores, ao modo de Salamanca. Neste caso, o edifício central – a sede universitária – tendia a não albergar a função residencial, como sucedia, por exemplo, com as *Escuelas Mayores* de Salamanca ou com a sede da universidade de Valladolid, edifícios que já analisámos, de construção inicial anterior ao período que agora veremos. Sucedeu ainda que algumas universidades de fundação anterior a 1500 foram dotadas (no período que agora observamos) de edifícios antigos que haviam servido para outras funções, subsequentemente adaptados à função universitária. Estão neste último caso as sedes da universidade portuguesa em Coimbra e da de Huesca, que foram instaladas nos antigos paços régios daquelas localidades.

Deve referir-se ainda o desenvolvimento, nas universidades maiores, de tipos específicos de edifícios lectivos para os estudos de artes e de humanidades – o nível propedêutico de acesso aos estudos superiores – sempre muito

concorridos pelos alunos, pelo que se tratava de escolas organizadas em redor de pátios mais amplos.

Temos ainda a registar o desenvolvimento das tipologias dos colégios criados à sombra das universidades, quer para estudantes seculares, quer para elementos de ordens religiosas específicas –os colégios regulares. A estes dois tipos de colégios, seculares e regulares, corresponderam normalmente dois tipos distintos de edifício, um mais civil, outro claramente relacionado com a arquitectura conventual. Não obstante, e neste último caso, não foi sempre assim. Podemos ainda notar, no âmbito dos colégios seculares, diferentes graus de grandeza dos edifícios, de acordo com a importância e a capacidade financeira dos fundadores. Houve mesmo, em Castela, a distinção entre *colégios Mayores* e colégios menores, distinção que tinha a ver, sobretudo, com aspectos formais (como a capacidade dos primeiros para leccionar cursos próprios ou de atribuir graus) mas que teve reflexo numa arquitectura mais monumental ou mais corrente, conforme os casos.

Analisámos já, detalhadamente, na segunda parte da presente dissertação, o desenvolvimento dos principais edifícios universitários ibéricos dos séculos XIV e XV, tanto colégios como sedes do estudo. Constituíram uma espécie de “tronco-comum”, sustentando a variedade – a “copa da árvore” – que tentaremos sintetizar agora. Julgamos que a visão desta ajudará a aferir melhor a importância daquele.

Importa esclarecer, finalmente, que as categorias de edifícios que a seguir propomos se prendem mais com o enquadramento programático dos edifícios do que com o enquadramento arquitectónico. Julgamos que é importante perceber primeiro o programa para se entender depois a tipologia do imóvel, desde logo porque não há uma correspondência ou separação total das arquitecturas em função da variação dos programas.

Assim, podemos notar, por exemplo, como o mesmo tipo de edifício civil – o colégio secular – corresponde, evidentemente, ao programa de um simples colégio secular, construído de raiz, mas corresponde também ao programa de colégio-universidade, ou seja, de um colégio que é ao mesmo tempo sede central de uma universidade, normalmente de pequena dimensão. Neste caso,

serão eventualmente acrescentados algumas valências próprias de uma sede universitária, mas que não alteram a essência do tipo arquitectónico.

Noutro sentido, podemos observar como dentro do mesmo programa – o do colégio religioso – se podem enquadrar dois tipos distintos de edifício. O colégio conventual, que pertencerá ao campo da arquitectura monástica, mas também, por vezes, o do colégio secular, tipo pertencente ao ramo da arquitectura civil. Em resumo, pretende-se, com a seriação aqui proposta, traçar linhas de investigação para o futuro.

a) Edifícios sede dos estudos

Dedicamos dois capítulos anteriores (da segunda parte deste trabalho) à evolução das **Escuelas Mayores** de Salamanca, sem dúvida o mais significativo edifício sede de uma universidade ibérica. Pudemos verificar como o edifício original surgiu da remodelação de construções pré-existentes e da construção gradual de novas alas em torno de um pátio quadrangular, rodeado de arcadas. Contrariamente ao contemporâneo colégio próximo de *San Bartolomé*, de dois andares, importa notar como o primeiro edifício das *Escuelas Mayores* se programou apenas com um piso. A diferença fundamental era, naturalmente, a não existência de dependências residenciais (excepto a casa do bedel) no âmbito da sede da universidade. A construção de uma nova biblioteca (sobre uma nova capela) acabaria por introduzir um primeiro andar numa das alas, incluindo uma galeria sobrelevada dando sobre o pátio.¹ Já no início do século XVI, a erecção de uma segunda nova biblioteca (antecedente da actual) implicaria a definição de um segundo lanço superior.²

Também a já mencionada sede da universidade de **Valladolid** (portal oriental da década de 1480, arcadas do pátio de c.ª. 1528), e à qual não dedicámos um capítulo específico, seguia o esquema geral (edifício térreo em torno de um pátio rodeado de galerias) das primeiras *Escuelas Mayores* salmantinas.

¹ Veja-se o capítulo 2.5.

² Veja-se o capítulo 2.9.

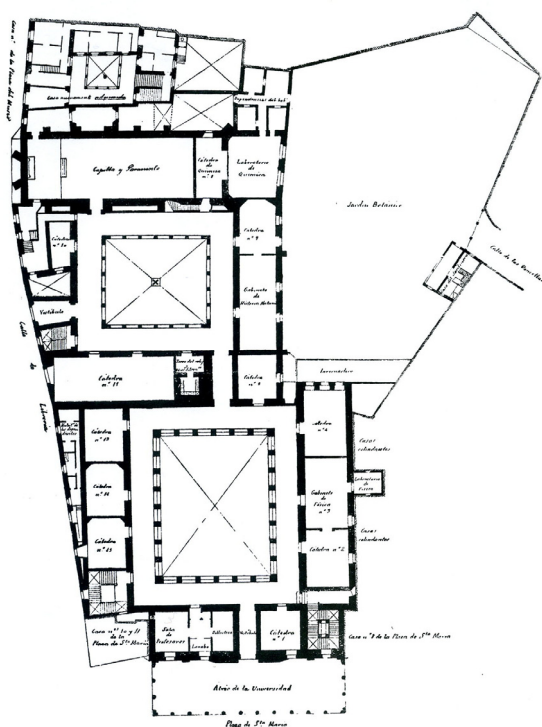


Fig. 1
Valladolid. Planta da antiga sede da universidade, anterior à demolição de 1909 (desenho do Arqtº. Teodosio Torres, publicado por Leon Corral). O primeiro pátio, a sul, de inícios do século XVI, é o que está acima na figura, ladeado pela capela. A norte (em baixo na imagem) pode ver-se o segundo pátio, da ampliação barroca, com o novo átrio de acesso a partir da *plaza de Santa María*.

A capela, mais alta, ocupava o lado sul (capítulo 1.4, fig.5). Foi construída entre 1509 e 1517 e seria reformada no século XVII.³ Um segundo pátio, rodeado por arcarias e também de um nível de altura, seria acrescentado no século XVIII (1715-1724), ao qual se “colava” o bloco da nova fachada principal, barroca,⁴ que dava para a *plaza de Santa María* (**fig.1**). Apenas esta nova fachada resta da demolição generalizada do início do século passado.

Já a sede da universidade de **Valência**, levantada a partir de 1498 (como vimos⁵), era um imóvel quadrangular, de dois andares, organizado em torno de um pátio interno relativamente amplo. Pelo que é dado ver, por gravuras antigas da cidade, este pátio não dispunha, aparentemente, de galerias abertas em redor nem das correspondentes arcarias ou porticados (**fig.2**)⁶, ainda que pudessem existir “galerias”, arcadas ou “pórticos” (citadas no contrato de obras original e numa descrição de Luis Vives) no lanço da entrada, dando para o pátio, ao nível do piso alto e no pavimento térreo. Em 1515-1517 fez-se a

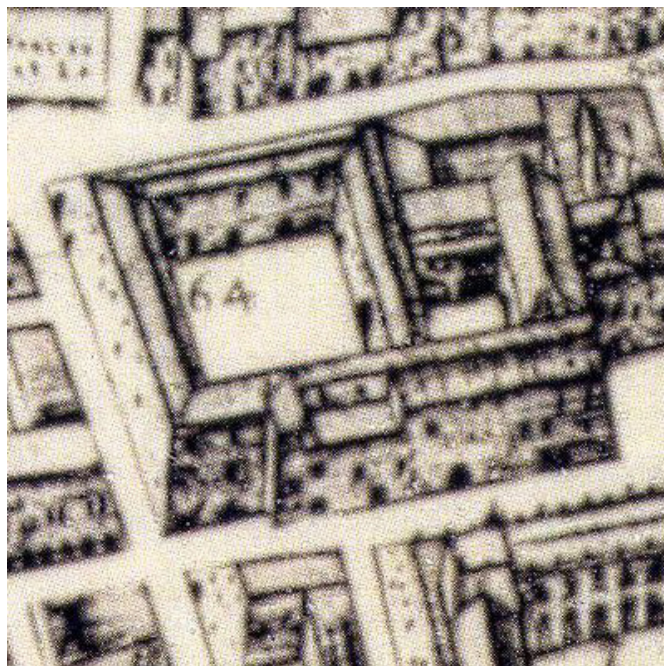
³ Entre 1622 e 1627. Veja-se, sobre a construção da sede universitária vallisoletana, **Maria José REDONDO CANTERA, Una Casa para la Sabiduría. El Edificio Histórico de la Universidad de Valladolid**, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2002.

⁴ Sobre a ampliação barroca veja-se *ibidem*, p.31-34.

⁵ Veja-se capítulo 1.8, secção f).

⁶ Veja-se ainda, no capítulo 1.8, as figs. 14 e 15.

Fig. 2
Valência. Detalhe da vista da cidade do Padre Tosca (1704) reformulada em 1738, com a sede da universidade (fonte: M^a. de Jesus Teixidor).



capela, no espaço do antigo geral de cânones, recuada em relação ao pátio, terminada em 1517. Em 1515 fizera-se também a sacristia e havia-se pago o relógio. O *paraninfo* ou teatro académico (adaptação do *general mayor de las escuelas*) menciona-se a partir de 1599 (seria remodelado em 1732).⁷ Como referimos, o actual pátio porticado data do século XIX (1845-1846).⁸

Na sequência da criação definitiva da universidade de **Barcelona**, mencionámos a construção da nova sede, decidida pelas autoridades municipais em Agosto de 1536 e localizada no topo superior da *Rambla* (capítulos 1.8 e 3.2). A primeira pedra lançava-se em 18 de Outubro desse ano, estando concluídas as obras em 1539.⁹ Do edifício, demolido em meados do século XIX, e do qual restam uma planta com as divisões interiores (**fig.3**) e algumas representações em gravuras antigas (**fig.4**), pode dizer-se que era relativamente modesto, que tinha dois andares e que se organizava em torno

⁷ A capela também seria alvo de remodelação em 1736-1737. Para estes dados veja-se **Daniel BENITO GOERLICH**, “De l’Estudi General a la Universitat de València”, in **Vicenç M. Rosselló i Verger (Dir.)**, *La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001, p.275-304 (p. 280, 281, 283, 287 e 289) e o capítulo 1.8.

⁸ *Ibidem*, p.298.

⁹ **António FERNÁNDEZ LUZÓN**, *La Universidad de Barcelona en el siglo XVI*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2005, p.39-41

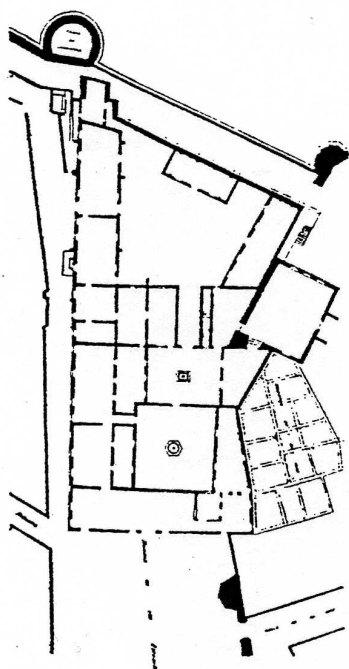


Fig.3
Barcelona. Planta da antiga sede da universidade (fonte: J. Carrera i Pujal, 1951).

Fig.4
Barcelona. Antiga sede da universidade, no topo norte da *Rambla*, em meados do século XIX, quando funcionava como caserna militar (fonte: J. Carrera i Pujal, 1951).



do que parecem ser dois pátios sequenciais, separados por um muro, ambos sensivelmente quadrados, um maior que o outro. Eram ambos desprovidos de galerias ou de arcarias em redor. A sede, que se encostava à muralha ducentista da cidade, seria dotada de uma capela própria em 1581¹⁰ (o espaço representado com paredes grossas na planta?). O imóvel foi melhorado no final do século XVII (1682-1684), tendo sido levantada uma nova aula para a cátedra de leis,¹¹ provavelmente situada no lanço sul, o mais extenso e regular das escolas.

Vejamos agora um caso particular, com uma história totalmente diferente. Acompanhámos, no capítulo anterior, entre outros temas, a complexa história do processo de instalação da universidade em **Coimbra**, após a sua trasladação de Lisboa, por decisão régia, em Março de 1537. Uma primeira hipótese de construir uma nova sede na cidade baixa, junto do convento de Santa Cruz, foi abandonada pelo monarca, face à necessidade de manter a autonomia da renovada universidade. Em Setembro desse mesmo ano, o Rei afirmava que as escolas gerais se deveriam levantar na cidade alta junto à

¹⁰ Luis ALMERICH, *La Rambla de Barcelona, su historia urbana y sentimental*, Barcelona, Librería Millá, 1945, p.29.

¹¹ *Ibidem*, p.33.

igreja de São Pedro, pelo que instalava a universidade, provisoriamente, no paço real da alcáçova, amplo edifício quadrangular (com um pátio interno) que dominava a plataforma mais elevada da cidade.

Este antigo alcácer muçulmano (datável da viragem dos séculos X-XI¹²), que havia servido de residência principal a muitos dos reis da primeira dinastia, fora recentemente alvo de uma profunda campanha de obras de renovação, no reinado de D. Manuel, pai de D. João III.¹³ A 15 de Outubro a academia fazia a sua entrada solene no paço. Ainda assim, e num primeiro momento, nem todas as faculdades se vieram a concentrar na cidade alta, visto que o ensino das artes se manteve em Santa Cruz. Juntou-se-lhe, no convento, o ensino da teologia e depois da medicina. Na universidade “de cima”, colocou-se o relógio (trazido de Lisboa) sobre a entrada do paço real, em finais de 1539 – como notou António Pimentel.¹⁴

Entretanto, no verão de 1538, fizera-se o reconhecimento e a marcação dos terrenos para a nova sede da universidade, desta feita na zona nordeste do planalto da alta (capítulo 3.2, fig.12). O próprio Rei pagaria do seu bolso a construção de casas para os estudantes (1541) de modo a fomentar o bom andamento do plano. Não obstante parece que o dinheiro se extinguiu, acabando D. João III por ceder o terreno em que havia pensado levantar as escolas aos jesuítas (em 1544) para nele edificarem o seu colégio. Afinal, o paço real ia ter de funcionar, durante mais tempo que o previsto, como sede da universidade. E em meados desse mesmo ano de 1544 começavam as obras para albergar convenientemente o funcionamento das várias faculdades, reunificadas na cidade alta, por decreto de 22 de Outubro.¹⁵ São estas obras que justamente nos interessam.

Uma intervenção a que se deu mais importância foi a adaptação da sala grande do paço manuelino, na ala norte, para teatro “*donde se fazem os autos pubricos*”, e que servia também para as reuniões dos conselhos universitários. Falamos, naturalmente da actual “sala dos capelos”, que ainda hoje mantém a

¹² **António Filipe PIMENTEL, *A morada da sabedoria*, Coimbra, Almedina, Vol.I, 2005, p.189-190.**

¹³ Veja-se *ibidem*, p.312-444.

¹⁴ *Ibidem*, p.449.

¹⁵ *Ibidem*, p.449-450.



Fig. 5

Coimbra, paço das Escolas.
A torre do relógio levantada por
Juão de Ruão (1561), segundo
António Filipe Pimentel.
Imagem em pedra sobre porta da
actual torre da universidade.

Fig. 6

Coimbra, paço das Escolas.
Reconstituição hipotética.
Desenho de José Luís Madeira
baseada na investigação
de António Filipe Pimentel.
Note-se, à esquerda, a capela; ao
fundo a torre do relógio; e por detrás
desta o volume da sala dos actos
(actual sala dos Capelos). À direita,
o acesso ao recinto.

função principal para que foi destinada nessa campanha de 1544. Por outro lado preparavam-se uma série de gerais, com um acesso comum, na zona da residência da rainha, no lanço poente do palácio.¹⁶

Outra operação significativa foi a da recolocação do relógio, desta feita sobre um cubelo interno, que dava sobre o pátio, no seu ângulo noroeste, adaptado para o efeito por Jerónimo Afonso. Este mestre-de-obras, como notou António Pimentel, “*por esse modo inaugurava, sem saber, a (escassa) tradição das torres horárias escolares*”.¹⁷ Esta primeira torre-relógio teria existência efémera neste formato pois foi reconstruída a partir de 1561, com desenho de João de Ruão (**fig.5**).

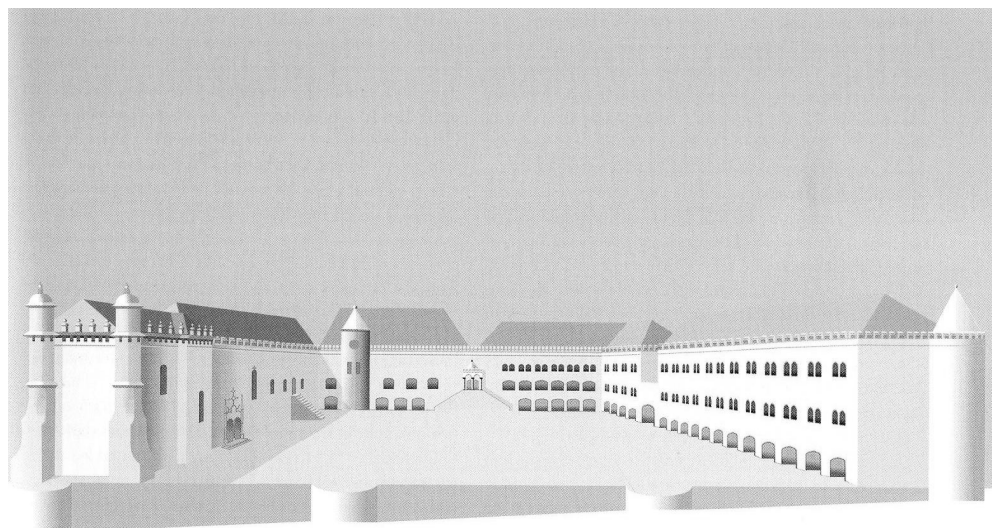
Estabelecimento que não avançou foi o de uma livraria ou biblioteca. Esta situação parece ter-se devido à renitência dos monarcas em ceder definitivamente o edifício. Este só reverteria para a propriedade da universidade após operação de venda e compra em 1597, no final do reinado de Filipe II de Espanha. Em 1556, uma das tarefas de que estava incumbido o visitador Baltazar de Faria era, justamente, a procura de novos sítios para se levantarem finalmente, e *ex-novo*, as escolas.¹⁸

Em balanço geral, pode dizer-se que a universidade se foi instalando num edifício de arquitectura civil, um paço, que se adaptava razoavelmente bem à

¹⁶ *Ibidem*, p.451-452.

¹⁷ *Ibidem*, p.454.

¹⁸ *Ibidem*, p.457.



sua imagem e às suas necessidades. Como vimos, eram de planta sensivelmente quadrada os edifícios universitários ibéricos construídos de raiz. Do mesmo modo, o antigo paço régio desenhava um perímetro exterior que era também, grosso modo, um grande quadrado, dispondo-se em redor de um pátio por todos os lados excepto por um, o lado sul, cujo projectado preenchimento por uma nova ala (no tempo de D. Manuel) não se chegou a realizar.¹⁹ Ficou assim conformada a plataforma (mais curta que a actual) com a magnífica vista sobre a paisagem do Mondego. Havia também arcarias rodeando o pátio em dois dos lados e no terceiro flanco, ocupando metade da ala poente, situava-se a formosa capela,²⁰ equipamento central em qualquer sede universitária. Outras valências necessárias foram adaptadas como acabamos de ver – a sala dos actos no espaço da sala grande do paço; as salas de aula em dependências da ala poente, a norte da capela. Por fim, a nova torre do relógio, levantada a partir de 1561, conferia uma nova imagem ao antigo paço real manuelino (**fig. 6**).²¹ Faltou apenas uma biblioteca decente,²²

¹⁹ Veja-se *ibidem*, p.324, 326 e 409.

²⁰ Capela manuelina realizada por Marcos Pires, à qual se reformou a capela-mor e a cabeceira exterior, em intervenção conduzida por João de Ruão e concluída em 1545. *Ibidem*, p.466-477.

²¹ Torre actual, projectada por Antonio Canevari, foi levantada entre 1728 e 1733. **António Filipe PIMENTEL**, “Antonio Canevari e a torre da Universidade de Coimbra”, in *AAVV*, *Artistas e artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa*, Porto, FLUP, 2005, p.49-58.

equipamento esse que teria de esperar quase dois séculos para despontar – diga-se que em grande estilo.²³

Importa, finalmente, notar que a ocupação que descrevemos se cingia praticamente à metade poente do edifício. A metade nascente, por onde se acedia desde o exterior, manteria as funções residenciais, primeiro como garante da funcionalidade paçã e depois, na sua secção mais a sul, como colégio de São Pedro, um dos dois colégios seculares de Coimbra, instalado por ordem de D. Sebastião em 1574 (seria extinto em 1834).

Depois de termos observado as novas sedes universitárias de Valência e de Barcelona, e desta incursão pelo caso especial do *paço das Escolas* conimbricense, regressemos à área catalano-aragonesa para observarmos outras duas sedes de novas universidades estabelecidas pelas dinâmicas autoridades municipais.

Vejamos, desde já, o caso de **Girona**, no norte da Catalunha. A cidade havia conseguido, em meados do século XV (1446), um diploma do Rei de Aragão Alfons V, *O Magnânimo*, para a criação de um estudo geral. Não obstante, várias incidências inviabilizaram a concretização do projecto. Nova tentativa de o pôr em marcha, na década de 1480, tão pouco resultou – não se logrou obter a pretendida bula papal.²⁴

Foi apenas volvidos oitenta anos que se deram novos passos concretos. Desta feita os jurados começaram por conseguir dinheiro e terrenos, junto ao convento de *Sant Domenèc* para avançar com a construção de um edifício. Em 4 de Dezembro de 1561 procedeu-se à cerimónia de colocação da primeira pedra.²⁵ Em 1568 compravam-se mais propriedades para ampliar a sede do estudo.²⁶ E em 1572 estava o edifício apto para se iniciarem as primeiras aulas,

²² Os livros guardavam-se, em meados do século XVI, em estância situada entre os gerais e a sala de actos, no ângulo noroeste do complexo. António Filipe PIMENTEL, *A morada da sabedoria...*, 2005, p.460-461.

²³ Falamos, naturalmente, da magnífica biblioteca joanina levantada por ordem de D. João V, entre 1717 e 1728. António Filipe PIMENTEL, “*Domus Sapientiae. O Paço das Escolas*”, Revista *Monumentos*, Lisboa, Num.8, 1998, p.35-39.

²⁴ Joan B. TORROELLA, *El Estudi General ó Universitat Literària de Girona*, Girona, Librería de P. Torres, 1906, p.29-36. Veja-se também Jaume SOBREQUÉS I CALLICÓ, *Els estudis universitaris a Girona al llarg de la història*, Girona, Col·legi Universitari de Girona, 1978, p.5-6.

²⁵ Joan B. TORROELLA, *El Estudi General...*, p.42.

²⁶ *Ibidem*, p.44.

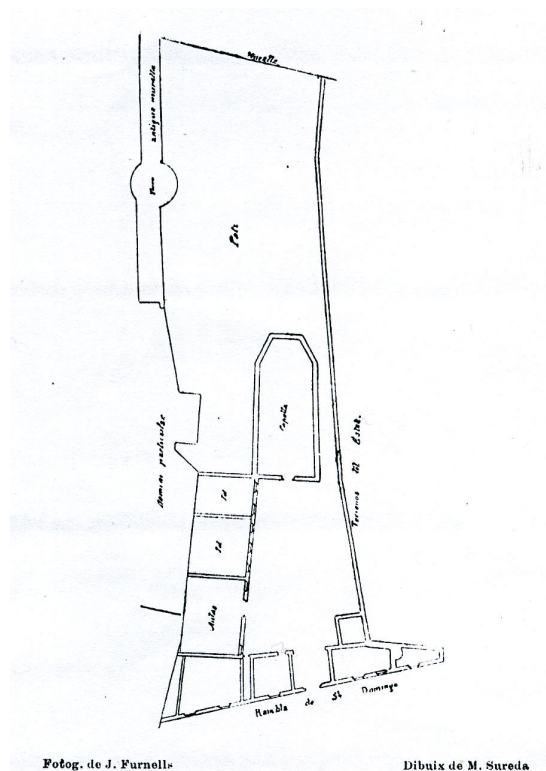
que tiveram lugar a partir de 1 de Setembro desse ano.²⁷ Os aspectos jurídicos da fundação seriam tratados seguidamente. Filipe II ratificava o privilégio do seu antecessor aragonês (1575). Já a bula papal seria atrasada pela morte de Sisto V em 1590. Foi finalmente expedida por Paulo V em 16 de Maio de 1605. O edifício da universidade (que ainda subsiste, ainda que alterado) seria acrescentado de uma capela, nos primeiros anos do século XVII. Foi consagrada em 1609. Observando uma planta de princípios do século passado (**fig.8**), pode notar-se a organização das escolas em torno de um pátio irregular, trapezoidal, com a capela frente ao átrio de entrada, do lado oposto do pátio. Apenas se levantou uma ala lateral, expondo-se o pátio à luz do sul. Tal como nas sedes universitárias de Perpignan (veja-se o capítulo 1.8), de Valência, e de Barcelona, o pátio não dispunha de galerias de distribuição em redor, nem de arcarias ou pórticos. Esta parece ser, de facto, uma característica das primeiras sedes universitárias da Catalunha e do Levante.

Fig.7

Girona. Fachada da universidade e a rambla de Sant Domenèc. Ao fundo, o convento dos dominicanos (fonte: Jaume Fabre).

Fig.8

Girona, planta da universidade (fonte: Joan Torroella).



²⁷ "Las primeras classes que s'hi donaren sigueren de las de gramática y teología. Las de filosofía, y arts, canon ó lleys y medicina s'obriren més tart", *Ibidem*, p.51.

O corpo com frente para a rua alberga dois andares e sobre a porta de entrada colocou-se o brasão real e as armas da cidade (**fig.7**). A rua que passava frente ao estudo geral, a *Rambla de Sant Domenéc*, foi sendo sucessivamente alargada e aplanada pelas autoridades municipais, desde 1607 até 1701. Era também conhecida como a *Rambla de l'Estudi*.

A bela, e infelizmente já desaparecida, sede do estudo geral de **Saragoça** foi estabelecida (como tivemos ocasião de referir no capítulo anterior) no local das *escuelas viejas*, o estudo de artes quatrocentista, na zona oriental da cidade. Com efeito, em 1582, o município cedia as referidas escolas a Pedro de Cerbuna, prior da Seo e futuro bispo de Tarazona (1585), para que este levasse a bom termo o há muito ambicionado projecto de uma nova universidade. Existiam já várias cartas de privilégio, as últimas de Carlos V (de 1542) e do Papa Paulo VI (de 1555). As aulas teriam início logo em Maio de 1583. Contudo, só passado algum tempo, em 1589, se discutiam as traças para um novo edifício. As obras terão começado nesse mesmo ano.²⁸

A construção parece ter decorrido em duas fases.²⁹ Uma primeira entre 1589 e 1592, em que se terá levantado a metade sul das escolas. Uma segunda, depois de 1594, aparentemente após se ter procedido à demolição das *escuelas viejas* e de se terem adquirido mais umas casas necessárias para ampliar a sede de estudo.³⁰ Nesta etapa ergueu-se a parte norte, que incluía uma nova capela (**fig.11**)³¹ e o teatro, ou *paraninfo*, salão rectangular de 26 metros de profundidade por 16 metros de largura.³²

²⁸ Manuel JIMÉNEZ CATALAN, José SINUÉS URBIOLA, *Historia de la Real y Pontifica Universidad de Zaragoza*, Saragoça, La Académica, 1922, Tomo I, p.272-273.

²⁹ *Ibidem*, p.274. Veja-se também Ángel SAN VICENTE, *Monumentos diplomáticos sobre los edificios fundacionales de la Universidad de Zaragoza y sus constructores*, Saragoça, Diputación Provincial / Institución «Fernando el Católico», 1981, p.3-4.

³⁰ De acordo com Diego de Fraylla, tomaram-se umas casas “*que decían de Serena*” no ano de 1593, e outras casas vizinhas “*que eran del rector Monterde*”, em 1594, casas que se derrubaram para a obra. Diego de Fraylla, *Lucidario de la Universidad y Estudio General de la Ciudad de Zaragoza* (1603), edição de Ángel Canellas López, Saragoça, Institución «Fernando el Católico» / Diputación Provincial, 1983, p.38-39.

³¹ Segundo Diego de Fraylla, uma capela anterior (que foi derrubada) era usada há mais de 150 anos, desde cerca de 1450. *Ibidem*, p.74.

³² Manuel JIMÉNEZ CATALAN, José SINUÉS URBIOLA, *Historia de la Real...*, Tomo I, 1922, p.278. O *paraninfo* primitivo seria alvo de uma remodelação importante no início da década de 1670. *Ibidem*, p.275.

Segundo Diego de Fraylla, primeiro vice-reitor da universidade (1583-1593) e depois reitor (1595-1596):

*“hiciéronse las escuelas mayores con sus corredores bajos, todos los generales a un suelo, que son ocho, muy suntuosos, los fundamentos y hondos de cal y canto, las paredes de ladrillo y cubiertas de los tejados con mucho artificio; y se hizo un teatro muy principal; pusieron las armas del dicho señor obispo [Pedro de Cerbuna] en las puertas principales y en las que están hacia la portaza; hiciéronse más corredores y una torre para el reloj, y se puso con sus cuatro cuartos muy suntuosamente. Lo cual todo se prosiguió siempre con dinero del señor obispo”.*³³

De facto, e de acordo com Jiménez Catalan e Sinués Urbiola, em 1593 “...el Cabildo de La Seo dió a la Universidad el reloj de su iglesia (...) para colocarlo en la torre en (...) 1596”.³⁴ Nesse ano, as escolas não estariam ainda terminadas porquanto em 1597 “llevaban adelante la obra de capilla y claustros”.³⁵ Como se vê por um desenho de levantamento oitocentista (**fig.9**), a pequena torre do relógio situava-se entre o teatro e a nova capela, dependências dispostas lado a lado na ala norte do pátio, e que sobressaíam volumetricamente de todo o conjunto. As salas de aula ocupavam praticamente todo o restante perímetro do pátio não existindo, de origem (como nos informa Fraylla em 1603), pisos sobrelevados. Havia pelo menos duas entradas desde o exterior. A entrada principal mais antiga parece que se fazia pelo poente, por um átrio em que se descia um conjunto de degraus, tal como nas *Escuelas Mayores* de Salamanca (veja-se novamente a **fig.9**). De resto, era deste lado que passava a *calle de la Universidad* e era também sobre a frente desta rua que se situava a casa do bedel.³⁶ Por ocasião da construção de uma nova fachada sobre o *Coso Bajo* (datável do século XVIII) o ingresso principal terá passado a fazer-se pelo lado nascente.

³³ Diego de Fraylla, *Lucidario...*, (1603), 1983, p.39.

³⁴ Manuel JIMÉNEZ CATALAN, José SINUÉS URBIOLA, *Historia de la Real...*, Tomo I, 1922, p.274.

³⁵ *Ibidem*, p.274.

³⁶ *Ibidem*, p.279.

Como se pode perceber pela figura, o pátio, quadrangular, era rodeado por uma galeria, ao nível do piso térreo, delimitada por colunas jónicas³⁷ que suportavam um entablamento contínuo e recto. A existência desta galeria coberta parece constituir a grande diferença arquitectónica da sede saragozana em relação às sedes das universidades congéneres, de gestão municipal, da zona oriental da Península. É possível falarmos, neste caso, de uma influência castelhana, que a documentação parece comprovar. Com efeito, ainda na fase de projecto o reitor Pedro Torrellas, em carta para Cerbuna, referia-se a uma primeira “traza” na qual:

“Los patios son muy grandes o muy poco menos que los de Salamanca, porque han enviado de Salamanca todas las medidas; el general de Teología y Cánones son tan grandes como el de Teología de Salamanca, el que se amplió en mi tiempo, que se creció un tercio más que como V.S. la dejó,”³⁸ tengo por cierto que en la obra y edificio será de lo bueno que habrá.”³⁹

Como mencionámos, o edifício da universidade de Saragoça já não existe. Começou por ser parcialmente destruído em consequência dos cercos e bombardeamentos da cidade, durante as guerras peninsulares, em 18 de Fevereiro de 1809. Pode ver-se o resultado desses eventos na gravura de uma medalha evocativa (**fig.10**). O edifício, antes de ser danificado, contava com uma nova fachada principal (setecentista), de dois andares, e que dava para nascente, para o *Coso Bajo*. O primeiro andar devia servir quase integralmente para a biblioteca:

“A la derecha de la puerta principal se hallaba la gran escalera que subía al piso superior, en donde en ocho enormes salas se había instalado la numerosa y nada despreciable Biblioteca.”⁴⁰

Contava ainda, debaixo da biblioteca e no lanço da fachada principal, com “diversas salas destinadas a rectoral”.⁴¹

³⁷ *Ibidem*, p.278.

³⁸ Refere-se Torrellas aos novos gerais de cânones e teologia de Salamanca, ampliados em 1570-1574 e que Pedro de Cerbuña não terá visto, pois doutorara-se em Salamanca, em teologia, em 1563.

³⁹ Manuel JIMÉNEZ CATALAN, José SINUÉS URBÍOLA, *Historia de la Real...*, Tomo I, 1922, p.273.

⁴⁰ *Ibidem*, p.278.

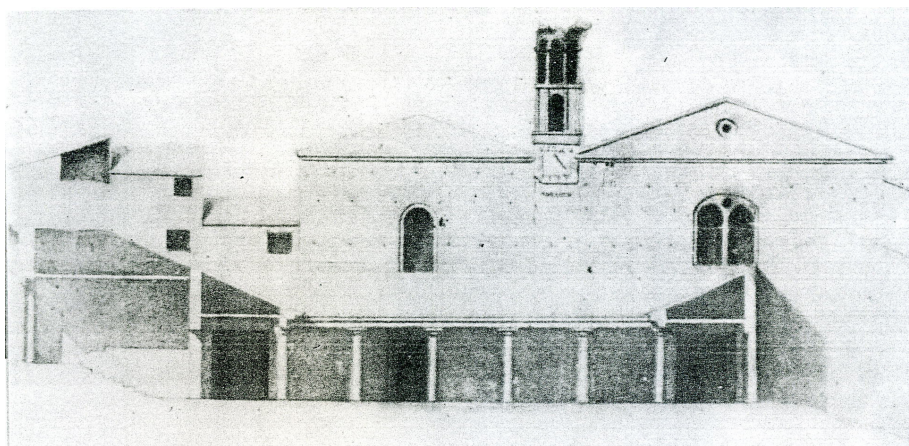


Fig.9

Saragoça. Universidade.
Corte pelo pátio, em
meados do século XIX
(fonte: A. San Vicente).

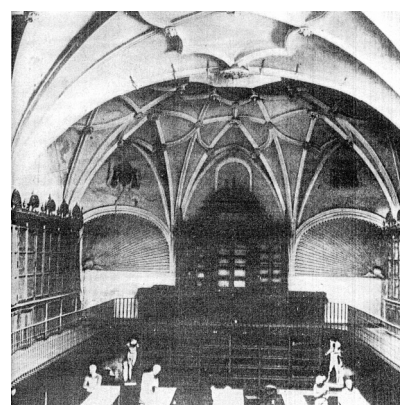
Fig.10

Saragoça. Medalha
novecentista mostrando a
destruição da universidade,
após o cerco de 1809
(fonte: A. San Vicente).



Fig.11

Saragoça. Universidade
Interior da capela, antes da
derrocada e demolição da
década de 1970
(fonte: A. San Vicente).



Fez-se um primeiro projecto de recuperação do imóvel em 1839, e outros dois em 1845-46. Em 1858-1863 fizeram-se finalmente obras que incluíram a construção de fachadas novas e a regularização do perímetro do edifício. Em 1906, reconstruiu-se novamente a fachada principal, e fez-se um novo *paraninfo*.⁴² Não obstante estes melhoramentos, deixou-se desmoronar a capela, depois de ter sido declarada monumento histórico-artístico em 1969. A antiga sede universitária saragoçana seria ingloriamente demolida nos anos subsequentes.

A sede da universidade de **Oviedo** começou a levantar-se em 1574, cumprindo-se assim a vontade do fundador (então já falecido), o arcebispo de Sevilha Fernando de Valdés e Salas (1490?-1568). O projecto fora solicitado pelos testamentários a Rodrigo Gil de Hontañón,⁴³ a quem já haviam entregue

⁴¹ *Ibidem*, p.279.

⁴² *Ibidem*, p.281-282.

⁴³ **Antonio CASASECA CASASECA, Rodrigo Gil de Hontañón (Rascafría 1500 -Segovia 1577)**, Salamanca, Junta de Castilla y León, 1988, p.238.

a obra do colégio salmantino de *San Pelayo*,⁴⁴ também instituído por D. Fernando. No ano seguinte Rodrigo Gil passaria a responsabilidade da obra a um mestre-de-obras local, Juan del Ribero. A visita do agente dos testamentários, D. Juan de Osorio, em 1578, terá provocado uma paragem no bom andamento das obras.⁴⁵ Estas seriam retomadas a partir de 1584, fase em que se levantaram as galerias e arcadas do pátio, pavimentado em 1590. Apesar de estar o edifício pronto, a universidade apenas abriu as portas dezoito anos depois, a 21 de Setembro de 1608, depois de se ter levantado um campanário sobre o lanço da capela.⁴⁶

A configuração da sede ovetense (que chegou aos nossos dias, apesar de diversas vicissitudes) aproxima-se bastante da de um bom colégio universitário salmantino (**fig.12**). Com planta quadrada, com mais de 50 metros de lado, organiza-se em torno de um pátio também quadrado, rodeado de galerias e arcadas, de sete arcos por lado (**fig.14**). O edifício original dotava-se de dois níveis, mas apenas em duas das alas, precisamente aquelas que confrontavam com vias públicas, nos quadrantes norte e nascente. Completou-se o primeiro andar nestes lados em 1760, quando foi necessário construir uma biblioteca.⁴⁷ Os arcos do pátio apoiam-se em colunas toscanas, enquanto as varandas do piso superior são ritmadas por colunas jónicas (em número a dobrar, pois os vãos têm metade da largura dos de baixo) sustentando um entablamento recto (**fig.13**).

Os ingressos são dois, um para cada uma das vias públicas que delimitam o edifício. O portal principal, discreto, vira-se para norte, para a *calle de San Francisco*. À esquerda do átrio principal, situa-se a capela, actualmente com pé-direito normal o que, a julgar por outros colégios e colégios-universidades (em que a capela tem quase sempre pé-direito duplo), pode não corresponder à situação original. Já o actual “*paraninfo*”, à direita do átrio ou “*zagueira*”, não

⁴⁴ Veja-se, sobre este colégio, também conhecido por *colegio de Verdes*, a secção d), mais adiante no presente capítulo.

⁴⁵ Sobre a sede da universidade, veja-se **Maria Isabel PASTOR CRIADO, *La arquitectura clasicista en Asturias 1570-1640***, Oviedo, 1993, tese doutoral inédita apresentada à Universidade de Oviedo, p.113-139 e p.178-209. Sobre a referida paragem das obras veja-se, em particular, as p.128-139.

⁴⁶ *Ibidem*, p.191.

⁴⁷ **Ana QUIJADA ESPINA, Sara VÁZQUEZ-CANÓNICO COSTALES (Coord.), *Bienes culturales de la Universidad de Oviedo***, Oviedo, Universidad de Oviedo, 2004, p.35-36.

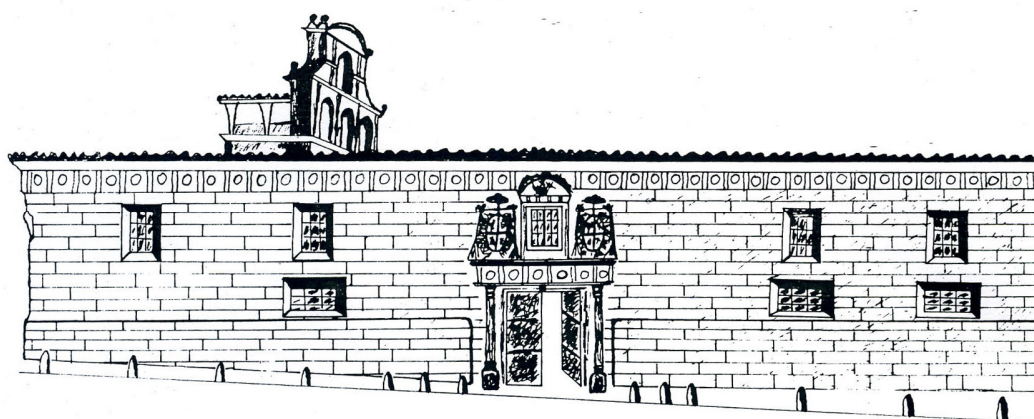
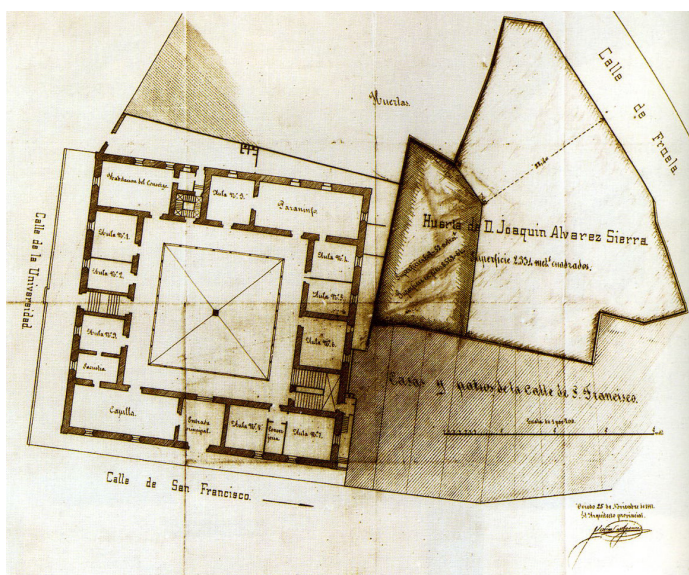


Fig.12
Oviedo. Universidade.
Desenho do século XVIII
(fonte: M^a.Isabel Pastor Criado).

Fig.13
Oviedo. Pátio da universidade
(fonte: Universidade de Oviedo).

Fig.14
Oviedo. Universidade.
Planta do piso térreo
antes do incêndio de 1934
(fonte: Universidade de Oviedo).



parece corresponder à função original do espaço onde está instalado, pois em finais do século XIX sitiava-se na ala sul, junto do ângulo sudoeste.⁴⁸

Em redor do pátio situavam-se as salas de aula, e a escada actual, de acesso ao piso superior, situa-se junto do ângulo noroeste. De resto, não se conhece muito mais acerca da distribuição original dos espaços. Não encontramos referida, na bibliografia consultada, a ocupação dada aos primitivos dois lanços do primeiro andar – entre outras, talvez as dependências do reitor. Por outro lado, diz-nos Ramón Rodríguez Álvarez (referindo-se aos primeiros tempos) que *“no podemos precisar en que parte de la universidad estaba la*

⁴⁸ *Ibidem*, p.28. O edifício foi muito danificado por um incêndio em 1934.

biblioteca”,⁴⁹ não sendo claro, sequer, se esta dependência, em tempos mais remotos, existia. Finalmente, o facto de não se ter levantado, de início, um nível superior completo em redor do pátio parece dever-se a estarmos perante uma sede universitária, não obstante o aspecto “colegial” do imóvel – não havia, na sede da universidade de Oviedo, uma comunidade residente.

Regressando a Aragão, vejamos, por fim, o caso de **Huesca**. Como fomos adiantando no capítulo 1.8., haviam-se feito obras para diversas salas de aula, entre 1513 e 1516, na modesta sede universitária,⁵⁰ imóvel situado na antiga *plaza de la Zuda*, junto ao também relativamente modesto palácio real da cidade. Não obstante, uma carta do visitador Muñoz à universidade, de 1599, intimava esta última a melhorar as suas instalações. De acordo com Cândido Ajo

*“manda levantar «las aulas para leer artes y philosophia adonde ya se començaran a edificar los años pasados enfrente de las escuelas, al lado del seminario: porque se puedan luego ampliar las de teología y cánones, con la de medicina que está en medio de las dos: tomando para ésta una de las que agora leen las artes, de las tres que están en lo alto de la universidad, y assi mismo otra para la librería, y la tercera para oficina a la sala del examen». Hecho esto, se construiría el teatro «en el espacio y patio que ay entre las escuelas y el palacio del rey; juntamente con una capilla incorporada dentro dél, para celbrar missas que las escuelas tienen de obligación y otras festividades de su devoción»”.*⁵¹

Como mencionámos anteriormente, parece que a sede da universidade seria um bloco compacto, com três salas de aula no piso térreo e outras tantas no piso superior (na senda dos “*Estudes*” de Toulouse – veja-se o capítulo 2.1, fig.33). As obras solicitadas pelo visitador só se terão levado a efeito alguns anos depois, a partir de 1611, quando foi contratada com o mestre local Juan

⁴⁹ **Ramón RODRÍGUEZ ÁLVAREZ**, *La biblioteca de la Universidad de Oviedo 1765-1934*, Oviedo, Universidad de Oviedo, 1993, p.30.

⁵⁰ É possível que este edifício tenha servido anteriormente de estudo de artes, como dá a entender Federico Balaguer. **Federico BALAGUER**, “*La universidad y la cultura en la Edad Moderna*”, in Carlos Laliena Corbera (Coord.), *Huesca. Historia de una ciudad*, Huesca, Ayuntamiento de Huesca, 1990, p.273-292 (p.275).

⁵¹ **Candido Maria AJO GONZÁLEZ Y SAINZ DE ZUÑIGA**, *Historia de las Universidades Hispánicas, Vol. III (Periodo de los pequenos Austrias)*, Madrid, 1959, p.223.

Fig. 15
Huesca. Universidade.
Sala grande onde
esteve o teatro
académico ou *paraninfo*
(século XVII).



Martinez a construção das novas aulas de artes e filosofia, junto do mencionado seminário, e a ampliação dos citados gerais de teologia, cânones e de medicina.⁵²

Nesse mesmo ano, Felipe III cedia o vizinho paço real à universidade para que se construísse o teatro académico, ou *paraninfo*, com a condição de se conservar a torre hexagonal como “*memoria de su famosa antigüedad*”.⁵³ A sua concretização só se levaria a cabo mais de vinte cinco anos depois, a partir de Abril de 1636, data do contrato assinado com o mestre-de-obras Pedro de Rueda. A obra principal era a construção de uma grande abóbada de tijolo estucada, que hoje subsiste (fig.15). Como nos relata Macario Olivera,

*“...de los dos edificios del palacio real, el más grande y alargado se transformó en su interior suprimiendo las plantas. Así surgió una gran sala, que fue destinada a paraninfo, o teatro como se llamaba entonces. En la torre hexagonal (...) la sala superior, llamada de Doña Petronilla, es un espacio vistoso y sugerente, rodeado de arcos ciegos”.*⁵⁴

⁵² Ricardo DEL ARCO Y GARAY, *Memorias de la Universidad de Huesca*, Saragoça, Imp. de Pedro Carra, Vol.II, Tomo XI, 1916 p.225-233, citado por **Maria José PALLARÉS FERRER, Maria Auxiliadora ESQUIROZ MATILLA, Maria José HIJÓS LAVIÑA**, “El teatro de la Universidad Sertoriana de Huesca”, *Argensola*, Num.101, Huesca, 1988, p.225-236 (p.226).

⁵³ Dyego de AYNSA, *Fundación, excelências y grandezas de la antiquísima ciudad de Huesca*, Huesca, 1619, p.640-641, citado por *Ibidem*, p.225-226.

⁵⁴ **Macario OLIVERA VILLACAMPA**, *La Universidad de Huesca. Entre la memoria y el futuro*, Huesca, 2000, p.90.

O teatro seria originalmente rodeado de uma tribuna sobrelevada, como dá a entender o referido contrato.⁵⁵ O primeiro acto público na nova sala celebrou-se no Domingo de Ramos de 1639.⁵⁶

A universidade de Huesca procederia ainda a uma importante transformação infra-estrutural no final do século XVII. Apesar de estarmos para além do tempo que nos propusemos tratar nesta síntese, não quisemos deixar de referir o novo imóvel octogonal (que hoje podemos admirar) projectado pelo catedrático de matemática da universidade, Francisco Antonio de Artigas. Para a sua construção foi necessário demolir-se toda a fábrica antiga, excepto o teatro.

A obra decorreria entre 1690 e 1695.⁵⁷ O edifício novo encostava-se à parede do teatro académico, tendo-se equipado uma pequena capela na confluência das duas estruturas. Em redor de um pátio octogonal, rodado por 32 colunas, dispunham-se as salas de aula (**fig.16**). A fachada (**fig.18**) voltada para a *plaza de la Universidad* (antiga *plaza de la Zuda*), foi simplificada em relação ao projecto original de Artigas (**fig.17**) de inspiração classicista. Não obstante, a nova sede, no quadro cultural da época, era uma herdeira à altura do renome mítico da antiga escola sertoriana de Huesca,⁵⁸ como nos revela uma pintura de Juan Andrés Merclein⁵⁹ que retrata Minerva entregando a Sertório os planos da (nova) universidade (**fig.19**).

Nas palavras de Federico Balaguer, a nova universidade de Huesca constitui – sem dúvida, e como acabamos de ver – “*una de las estructuras más bellas y sorprendentes de la arquitectura docente española*”.⁶⁰

⁵⁵ “*Ytem se ha de obligar el official a levantar una pared de medio ladrillo alderredor del teatro, y dende la pared al medio ladrillo tapiarlo de tierra, y hechar su capa de yeso que tenga dos dedos de yeso y assentar los Balastrados y Vancos haciendo sus gradas para subir a los asientos como parece por la traza*”. Do contrato de 1636 reproduzido em Maria José PALLARÉS FERRER..., “El teatro de la Universidad...”, 1988, p.229.

⁵⁶ *Ibidem*, p.228.

⁵⁷ Sobre a sede seiscentista da universidade de Huesca veja-se sobretudo **Antonio NAVAL MAS, Joaquín NAVAL MAS, *Inventario Artístico de Huesca y su Provincia***, Ministério de Cultura, Madrid, 1980, p.207-210 e **Laura ALINS RAMI, “La nueva fabrica de la Universidad Sertoriana (1690)”**, *Argensola*, Num.92, Huesca, 1981, p.267-277.

⁵⁸ O general romano Sertório fundara em Osca (a Huesca romana), cerca de 77 a.C., uma escola, ou academia, para o ensino das línguas e culturas romana e grega, aberta aos filhos dos iberos. Veja-se, sobre este tema, Macario OLIVERA VILLACAMPA, *La Universidad de Huesca...*, 2000, p.20-37.

⁵⁹ Agradecemos ao director do Museu Arqueológico Provincial de Huesca, Doutor Vicente Baldellou, a informação sobre a autoria deste quadro.

⁶⁰ Federico BALAGUER, “La universidad y la cultura...”, 1990, p.284.

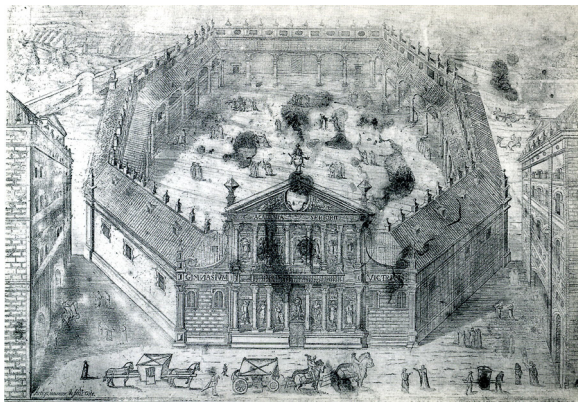
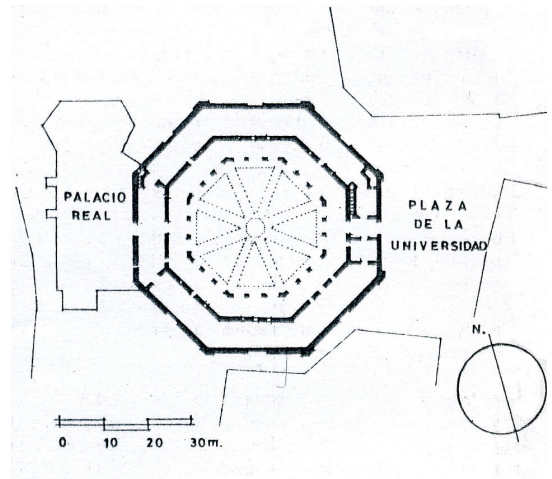


Fig.16
Huesca. Planta da nova universidade, levantada entre 1690 e 1695.

Fig.17
Huesca. Universidade. Projecto de Francisco Antonio Artigas (1690).

Fig. 18
Huesca. Fachada actual da universidade.

Fig. 19
Minerva oferecendo a Sertório o plano da universidade, detalhe. Quadro de Juan Andrés Merclein (Museo Arqueológico Provincial de Huesca).



b) Escolas menores e colégios das artes

Nas universidades com maior número de estudantes surgiram, paralelamente às suas sedes principais, outras infra-estruturas lectivas destinadas exclusivamente à faculdade de artes, que ministrava um ensino preparatório às outras faculdades, ditas superiores.⁶¹ Organizavam-se em torno de um amplo pátio rodeado por numerosos gerais ou salas de aulas, face ao grande número de alunos que as frequentavam. Algumas destas infra-estruturas incluíram também funções residenciais. Nestes casos distinguíam-se dos colégios por terem uma função lectiva dominante e central, no âmbito da universidade que serviam, pois as suas aulas eram também frequentadas por grande número de estudantes externos.

Em Salamanca, este equipamento, herdeiro das antigas escolas de gramática, designou-se por *Escuelas Menores*. Segundo Angél Vaca Lorenzo, as primitivas escolas de gramática situavam-se, em 1413, numas casas da actual *calle de la Plata*, na proximidade do recinto onde hoje se encontram as escolas menores.⁶² Em 1428 as escolas resultavam inadequadas, possivelmente em função do aumento do número de alunos.⁶³ Segundo o mesmo autor, ter-se-ão construído umas novas escolas, mais amplas, em meados de Quatrocentos, que estariam terminadas cerca de 1463, quando surgem pela primeira vez designadas de *Escuelas Menores*, distinguindo-se, assim, da vizinha e recém-levantada sede da universidade, as *Escuelas Mayores*.⁶⁴ Estas novas instalações deviam ter uma conformação aproximada à do recinto actual, pois possuíam já dois acessos opostos, um pela mencionada *calle de la Plata*, outro pela *calle de las Cadenas*, antecedente do actual pátio da Universidade.⁶⁵

⁶¹ Veja-se, sobre o papel da faculdade de artes no contexto da universidade espanhola (e ibérica), o muito interessante artigo de Ana María CARABIAS TORRES, “Evolución del concepto de facultad de artes en España (siglos XIII al XVII)”, *Actas del IV Seminario de Historia de la Filosofía Española* (1984), Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca / Diputación Provincial de Salamanca, 1986, p.303-333.

⁶² Angel VACA LORENZO, “Origen y formación del primitivo campus de la Universidad de Salamanca: las Escuelas Mayores”, *Salamanca, Revista de Estudios*, Num.43, 1999. p.143-169 (p.149).

⁶³ *Ibidem*, p.150.

⁶⁴ Angel VACA LORENZO, “Le campus de l’Université de Salamanque au Moyen Âge”, in Patrick Gili, Jacques Verger, Daniel le Blévec, *Les universités et la ville au Moyen Âge*, Leiden-Boston, Brill, 2007, p.9-53 (p.47).

⁶⁵ *Ibidem*, p.47, nota 114.

No entanto, e passado meio século (em 1510), as escolas estavam em más condições, ameaçando ruína.⁶⁶ Decidiu-se adiar a sua reconstrução face às obras que então decorriam para a construção da nova fachada da universidade, “*porque no haya dos obras comenzadas*”.⁶⁷ A lacuna nos livros de claustros universitários entre os anos de 1512 e 1526 não tem permitido a noção exacta de quando se iniciou a construção das actuais *Escuelas Menores*. Nesse mesmo ano de 1526 fazia-se já um lanço novo. Segundo Ana Castro Santamaría, os trabalhos estariam próximos de terminar em 1531, quando se puseram a pregão as obras para a pavimentação do pátio e para o remate superior do entablamento das arcadas, a *crestería*.⁶⁸ E em Agosto de 1532 começou a levantar-se a actual porta norte das escolas, fachada-écran renascentista composta por dois arcos de volta redonda separados por uma coluna central.⁶⁹ Tal como hoje, era adjacente à fachada do hospital do estudo, que por esses anos também se reformulava. Davam ambas as frontarias sobre a *calle de las Cadenas*, transformada posteriormente em praça da universidade. Concluíram-se as novas *Escuelas Menores* (e o hospital) em 1533, de acordo com Pedro Chacón.⁷⁰

As escolas menores organizam-se em torno de um pátio trapezoidal, de cerca de 26 metros por 20, rodeado por galerias e por salas de aula (**fig.20**). As galerias são delimitadas por colunas que suportam arcos de curvas e contracurvas (oito no lados mais longos, seis nos mais curtos), comuns na arquitectura salmantina (**fig.21**). O complexo desenvolvia-se originalmente apenas pelo pavimento térreo, desde logo porque não dispunha de função residencial. As salas mais importantes eram as da ala norte, mas pouco mais se sabe sobre a funcionalidade específica de cada uma das salas do recinto.

⁶⁶ Ana CASTRO SANTAMARIA, *Juan de Alava...*, 2002, p.429.

⁶⁷ *Ibidem*, p.429.

⁶⁸ *Ibidem*, p.431.

⁶⁹ *Ibidem*, p.432-435.

⁷⁰ **Pedro CHACÓN**, *Historia de la Universidad de Salamanca*, 1569, Biblioteca da Universidad de Salamanca, Ms. 465, fol.87.

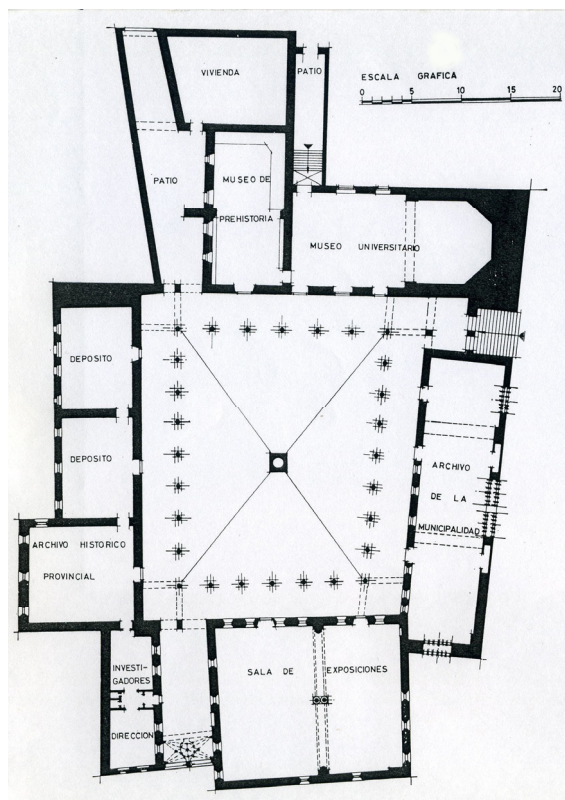
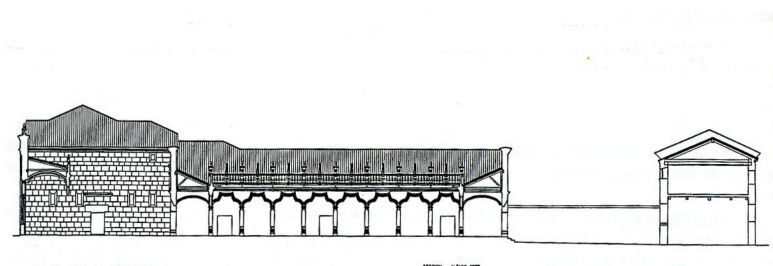


Fig.20
Salamanca, planta
das *Escuelas Menores*
(desenho de Ildefonso
Gago).

Fig.21
Salamanca, perfil
pelas *Escuelas Menores*
(fonte: Alberto García Gil,
Plan Director, Junta de
Castilla y León).



Em Alcalá de Henares não surgiu um edifício próprio para as escolas menores ou para os cursos de artes. Vimos como no projecto do cardeal Cisneros se havia previsto a constituição de seis de colégios de gramática, para além de doze colégios de estudantes pobres. Numa primeira fase, cerca de 1515, estabeleceram-se dois destes colégios de gramática, os de *San Isidoro* e de *San Eugénio* (a que se juntou, mais tarde o de *San Leandro*), onde havia lugar a cursos próprios de latim e grego, ministrados aos colegiais residentes, bolseiros ou “porcionistas” (que pagavam a habitação e comida no colégio), e também a alunos externos.⁷¹

⁷¹ Veja-se o capítulo 1.9, p.292-297. Veja-se novamente **Ramón GONZÁLEZ NAVARRO**, *Universidad Complutense. Constituciones Originales Cisnerianas*, Alcalá de Henares, 1984, p.150 e p.157-164. Por outro lado, e nestes primeiros anos, o geral público de gramática

Por outro lado, as restantes matérias que faziam parte do curso das artes, como a filosofia, tinham lugar em dependências situadas na zona de serviço por detrás (a sul) do quadrângulo principal do *colegio Mayor de San Ildefonso*. Neste espaço veio a erguer-se em finais da década de 1520 e inícios da década seguinte, pelo menos uma ala de um novo pátio, o *patio de filósofos*,⁷² ou *patio de contínuos* (que já mencionámos nesta dissertação), destinado, entre outras valências, às aulas menores.⁷³

Referimos também o surgimento do *colegio de San Jeronimo*, ou *colegio Trilingue*, em 1528, e que pressupunha uma valorização e um aprofundamento do estudo das línguas antigas. Localizado originalmente na rua por detrás do convento de São Francisco, como vimos,⁷⁴ passaria para as casas em frente ao *colegio Mayor de San Ildefonso* (c.1564) para lhe ser finalmente destinado o pátio sul do quarteirão do *colegio mayor* (o do teatro académico), cerca de 1599, pátio que havia sido reconstruído por Pedro de la Coteria anos antes, entre 1564 e 1570.⁷⁵ Ainda hoje é designado de *patio trilingüe*, para onde foram também deslocadas as escolas menores do adjacente *patio de filósofos*.⁷⁶

O pátio do *colegio trilingue* tem dois andares. As galerias do pavimento térreo são limitadas por colunas jónicas que apoiam arcos ligeiramente abatidos, enquanto o piso superior é fechado, compassado por pilastras coríntias e onde se abrem janelas de recorte clássico a eixo dos arcos que lhes ficam por baixo. Para além do teatro académico (do lado poente), deveriam existir salas de aula nas alas sul e nascente. O primeiro andar deveria comportar os quartos dos estudantes internos. E é provável que, tal como nos colégios de gramática

ou ginásio, que funcionava como sala de actos, situava-se no quadrângulo principal do *colegio Mayor de San Ildefonso*, encostado ao colégio franciscano de *San Pedro y San Pablo*. *Ibidem*, p.164.

⁷² Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, *Universidad y Economía. El Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares (1495-1565)*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 1998, p.285.

⁷³ "...donde se ubicaban las salas de audiencia del Rector, escribano, notario y procuradores, los alhelies del grano, la cárcel, los almacenes de leña, carbón y pertrechos, además de las llamadas aulas menores, que posteriormente fueron trasladadas al Patio del Colegio Trilingüe", Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares*, Madrid, Edascal, 1980, p.66.

⁷⁴ Ramón GONZÁLEZ NAVARRO, "El colegio Trilingüe o de San Jeronimo: aproximación a la historia de sus comienzos en el siglo XVI", *Actas del III Encuentro de Historiadores del Vale del Henares*, Guadalajara, 1992, p.231-250.

⁷⁵ Miguel Ángel CASTILLO OREJA, *Colegio Mayor de San Ildefonso...*, 1980, p.77-89.

⁷⁶ *Ibidem*, p.89.

mencionados, houvesse ainda estudantes externos que frequentavam as aulas.⁷⁷ De resto, este pátio tinha acesso autónomo pelo sul, a partir da *calle de Tenerias*.

A conclusão que se retira é a de que as escolas menores da universidade de Alcalá, ou seja do *colegio Mayor de San Ildefonso*, se integraram em pátios próprios do quarteirão universitário presidido, justamente, pelo quadrângulo do *colegio Mayor* (veja-se, no capítulo 2.10, a fig.15) Neste sentido, não se autonomizaram em edifício próprio, como acontecera em Salamanca⁷⁸ e como sucedeu também em Coimbra.

Na cidade portuguesa, vimos como os cursos de artes e de línguas antigas funcionavam já, aquando da fixação da universidade em 1537, num conjunto de gerais e de colégios estabelecidos no interior do convento de Santa Cruz. Esta situação perdurou até 1544, quando as faculdades que funcionavam no cenóbio crúzio (artes, teologia e medicina) passaram todas, por ordem régia, para os paços reais da cidade alta. Em 1547, contudo, o Rei ordenava a construção de um novo colégio – o colégio das Artes – no início da rua da Sofia, sobre os edifícios dos colégios de São Miguel e de Todos-os-Santos, que deveriam ser destruídos para dar lugar à nova infra-estrutura. Deste modo, como tivemos oportunidade de sublinhar, resgatava-se alguma da funcionalidade da rua da Sofia e dos colégios das ordens religiosas que se levantavam ao longo da via, face ao estabelecimento definitivo da universidade na cidade alta de Coimbra.

⁷⁷ Não logramos aferir estes dados no âmbito da presente investigação.

⁷⁸ Resta dizer que em Salamanca, e para além das *Escuelas Menores*, existiu também um *colegio Trilingüe*, fundado em 1554 à imagem do colégio homónimo alcalaíno, e que a universidade salmantina começou a levantar em 1556. Aparentemente, e na sequência de uma primeira interrupção das obras em 1565, nunca se concluiu. Não obstante, tratava-se de “*un suntuoso edificio renacentista, con las armas reales grabadas en el frontispicio*”. **Ana María CARABIAS TORRES**, “*Evolución histórica del Colegio Trilingüe de Salamanca, 1550-1812*”, *Studia Histórica / Historia Moderna*, Salamanca, Vol.I, Num.3, 1983, p.143-168 (p.153, nota 28). Não conseguimos apurar se o *colegio Trilingue* de Salamanca era um colégio com aulas apenas para os residentes, ou se as classes se abriam à frequência dos alunos externos. Pelos estatutos de 1555, deveria haver um vice-reitor e apenas dois regentes para 12 colegiais e 20 porcionistas, todos residentes (*ibidem*, p.150). Este esclarecimento é, a nosso ver, essencial para perceber se o *colegio Trilingüe* deve ser considerado como um equipamento central da universidade, ou se se resume a um colégio, ainda que com funcionalidade específica, pertencente à própria universidade.

No âmbito deste plano duplo (universidade na alta, escolas menores na cidade baixa) começou a construção do novo colégio que o Rei, D. João III, entregava à gestão de mestre André de Gouveia, e de seus companheiros, que haviam sido recrutados do *collège de Guyenne* de Bordéus. André, a quem Montaigne classificou como “*le plus grand principal de France*”,⁷⁹ tornara-se famoso pelo seu espírito aberto e pelo método pedagógico assente num tipo de ensino que podemos classificar de tutorial, que combinava a “educação” com a simples “instrução” dos jovens.⁸⁰

O colégio das Artes teria, pois, dependências residenciais onde os filhos das famílias nobres e de outras classes sociais, poderiam receber a referida educação de base, apoiada nos valores do humanismo cristão. Não obstante, os cursos e o recebimento de graus eram abertos aos colegiais de outros colégios (em particular das ordens religiosas) e a estudantes externos, estudantes que vinham em bastante maior número que o dos colegiais residentes.⁸¹

O novo edifício começou a levantar-se segundo um projecto concertado entre o principal e o arquitecto renascentista francês, radicado em Coimbra, João de Ruão. Não se conhece o projecto, desde logo porque o novo edifício não foi concluído. Pode apenas depreender-se como seria a partir de alguma documentação, que já foi por diversas vezes analisada, e a partir das partes efectivamente realizadas. Destas, merece realce o denominado “lanço novo”, do lado norte, e que incluía um conjunto de sete salas de aula, levantadas entre 1548 e 1550.⁸²

⁷⁹ Michel de MONTAIGNE, *Essais*, livro I, capítulo 26, perto do fim.

⁸⁰ José Sebastião da Silva DIAS, *A política cultural da época de D. João III*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1969, Vol.I, Tomo II, p.543.

⁸¹ “Em Março de 1548, quando mal acabava de se estabelecer em pleno, contava mais de oitocentos jovens nas aulas, passando já o seu número de dois mil a seguir à Páscoa, dos mil e duzentos por cerca do fim do ano, e de mil e quinhentos um pouco mais tarde. O arranjo das instalações não acompanhava porém, o ritmo das necessidades escolares”. *Ibidem*, p.539. “A população interna orçava por cento e seis unidades em fins de 1548”. *Ibidem*, p.544.

⁸² Sobre o edifício do colégio das Artes veja-se sobretudo MÁRIO BRANDÃO, *O Colégio das Artes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, Vol.I., 1924, p.339-361 (em particular as p.348-350 dedicadas ao “lanço novo”); RUI LOBO, *Santa Cruz e a Rua da Sofia. Arquitectura e urbanismo no século XVI* (1999), Coimbra, Edarq, 2006, p.101-109 p.157-173; Walter ROSSA, *Diver[s]idade, urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Coimbra, dissertação de doutoramento apresentada à FCTUC, 2001, p.718-742; Maria de Lurdes CRAVEIRO, *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas*

A partir da análise destes dados, e ainda da observação das plantas seiscentistas das instalações da inquisição, que vieram a ocupar o colégio mais tarde (a partir de 1565), propusemos que o projecto original do colégio das Artes se compunha de dois pátios, em que pelo menos um desses pátios (para onde se abriam os referidos sete gerais do “lanço novo”) seria um amplo recinto de planta quadrada, com cerca de 35 metros de lado,⁸³ rodeado por colunas e arcarias (arrumadas aos pares por entre contrafortes) que delimitavam as galerias de acesso às classes. No andar superior ficaram as dependências de professores e colegiais, que André Gouveia terá querido organizar segundo um esquema tutorial, como sucedia no *collège de Guyenne*⁸⁴ e como parece deduzir-se das suas palavras, ao comentar o parecer negativo dado ao projecto pelos arquitectos régios Miguel de Arruda e João de Castilho:

- “... bem sei que todos elles entendem tam pouquo em fazer collegio como o eu quero & deve de ser como aquelles que nunca fizera outro senã para frades...”.⁸⁵

Outras dependências que fariam parte do plano era um grande refeitório e uma grande capela, não levantada, e à qual de sobreporia uma livraria.

Para além da interpretação que realizamos, e no seguimento da mesma, outras leituras foram apresentadas, genericamente na mesma linha, embora nem sempre totalmente coincidentes.⁸⁶ Não obstante, é consensual que este pátio (de que restam ainda partes de duas das alas) seria um pátio do género do das *Escuelas Menores* de Salamanca, com séries de salas de aula organizadas em

arquitectónicos, Coimbra, dissertação de doutoramento apresentada à FLUC, 2002, p.186-224. **Maria de Lurdes CRAVEIRO**, “O colégio das Artes”, Revista *Monumentos*, Num.25, Lisboa, 2006, p.46-53; **Paulo RODRIGUES**, *(Depois do...) Colégio das Artes*, Coimbra, Prova final de licenciatura em Arquitectura, FCTUC, 2007.

⁸³ Hipótese que formulámos em Rui Lobo, *Santa Cruz e a Rua da Sofia...* (1999), 2006, p160.

⁸⁴ Está em publicação uma comunicação que realizámos em Utreque, em 2008, em que divulgaremos (ao fim de cerca de oitenta anos de discussão sobre a matéria) a planta original do *collège de Guyenne*, que lográmos resgatar numa pesquisa realizada em Bordéus – **Rui LOBO**, “Jesuit school courtyards at Évora and Coimbra and their secular origin and function”, in *Archmod*, Num.9 (Krista de Jong; Piet Lombaerde Eds, *Public Buildings in Early Modern Europe*) Turnhout, Brepols Publishers (no prelo).

⁸⁵ Carta de André de Gouveia para D. João III, 13 de Março de 1548, publicada em **MÁRIO BRANDÃO**, *Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III*, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1937, p.131.

⁸⁶ Veja-se os trabalhos citados (nota 79) de Walter Rossa e de Maria de Lurdes Craveiro.

redor, ao nível do pavimento térreo. E é essa ideia que deixa transparecer a imagem do colégio das Artes representada na gravura de Coimbra, desenhada por Hoefnagel, cerca de 1567, e publicada por Braun na sua *Urbium Praecipuarum Mundi Theatrum Quintum*, em Colónia, em 1599 (fig.22).⁸⁷

O colégio das Artes da baixa de Coimbra teria uma história inglória. Ainda que as aulas tivessem começado logo em 22 de Fevereiro de 1548, André de Gouveia morreria logo no mês de Junho seguinte. O seu desaparecimento redundaria numa disputa sobre o controlo do colégio entre os seus companheiros bordaleses e os mais conservadores e ortodoxos mestres parisiños, que se concertaram com o tio de André, Diogo de Gouveia o velho, principal do *collège de Sainte Barbre*, em Paris, para tomarem, de facto, o poder. As obras prosseguiriam até cerca de 1555, ano em que o Rei entregaria o colégio à nova ordem dos Jesuítas. Como é sabido, os padres da Companhia acabaram por decidir transferir o colégio das Artes para junto do seu colégio de Jesus, que por esses tempos construía no topo da colina da cidade alta, pelo que venderam a infra-estrutura da baixa à inquisição (em 1566) e trataram de projectar e começar a erguer um novo edifício (iniciado em 1568⁸⁸) que

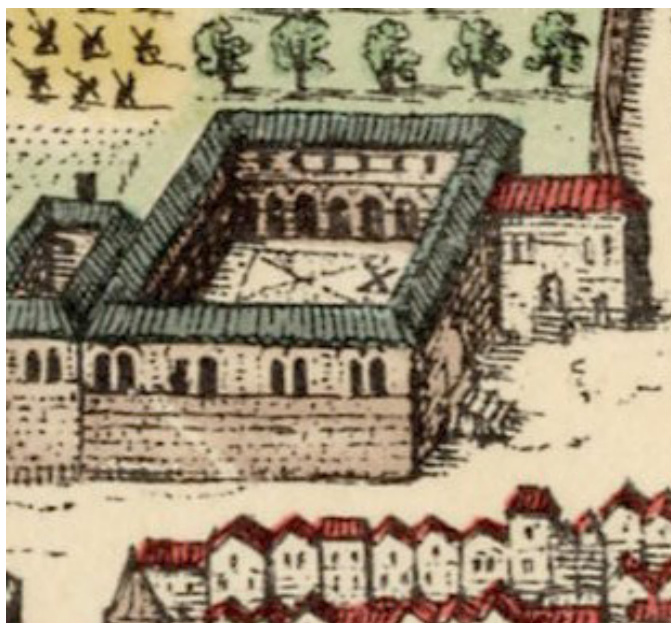


Fig.22
Coimbra,
colégio das Artes I,
detalhe da gravura
de Hoefnagel (c.1567)

⁸⁷ Sobre esta gravura veja-se **Armando Carneiro da SILVA**, *Estampas Coimbrãs*, Coimbra, Câmara Municipal, Vol.I, 1964, p.1-33.

⁸⁸ **MÁRIO BRANDÃO**, *O Colégio das Artes...*, Vol.II, 1933, p.377.

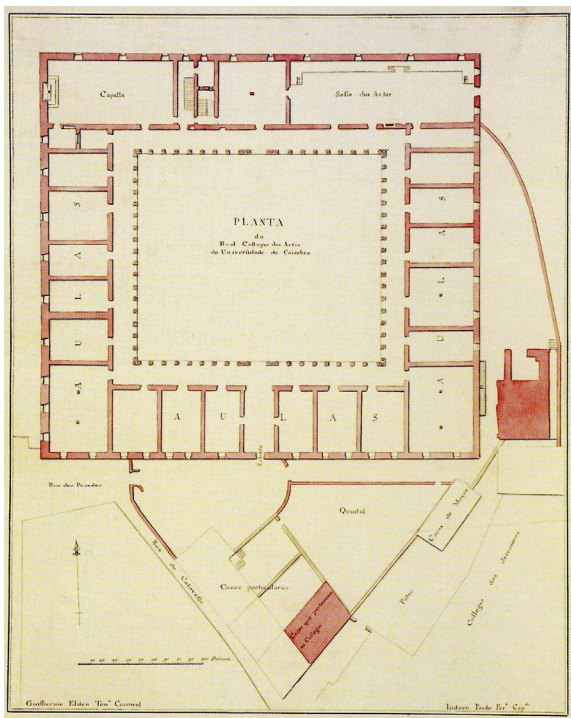
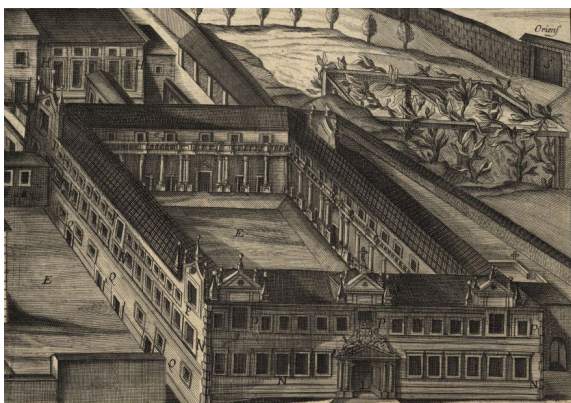


Fig.23
Coimbra, colégio das Artes II.
Detalhe da gravura de Carlo
Grandi, 1732 (fonte: Biblioteca
Nacional de Portugal).

Fig.24
Coimbra, colégio das Artes II
Planta em 1773
(fonte: Biblioteca Geral da
Universidade de Coimbra).

actualmente subsiste (**fig.23**). Importa referir que o novo colégio se concretizou como estrutura autónoma do vizinho colégio de Jesus contra a vontade dos jesuítas que o pretendiam integrar no seu colégio. Foi o cardeal D. Henrique, irmão do já falecido D. João III, e regente do reino, que impôs aos jesuítas que mantivessem no colégio os estudantes porcionistas – laicos – situação que inviabilizava a referida integração. Não obstante, podemos observar como no colégio-universidade de Évora, cujo pátio foi levantado em 1559-1561, essa síntese (entre um colégio jesuíta e uma escola de artes), de facto, ocorreu.⁸⁹

⁸⁹ Trataremos um pouco mais adiante deste caso por constituir um colégio-universidade pertencente a uma companhia religiosa. Foi o segundo colégio-universidade jesuíta ibérico, mas que teria, a nosso ver, grande significado arquitectónico.

Sobre o segundo colégio das Artes de Coimbra interessa objectivamente dizer que funcionou sempre, desde a sua entrada em actividade em 1616⁹⁰ e até às reformas iluministas, como a sede da faculdade de artes da universidade, obviamente controlada pelos jesuítas. Por isso, e para além das salas de filosofia e para o ensino das línguas latina, grega e hebraica, havia uma sala de actos, ou teatro académico, que ocupava, juntamente com a capela, toda a ala norte do colégio (**fig. 24**).

c) Colégios Mayores

Ao longo da presente dissertação, temos frequentemente mencionado alguns colégios que ostentavam o título de “*colegio mayor*”. Vejamos, em rigor, o que era um *colegio mayor*. Segundo Ana María Carabias Torres, que escreveu uma tese de doutoramento sobre o tema:

*“Un colegio mayor, durante el siglo XVI, es un centro docente en régimen de internado, que se caracteriza por la importancia de los privilegios de que goza, por estar acogido a la protección real y por requerir específicas condiciones físicas (edad, salud), intelectuales (ser bachiller al menos en una de las facultades mayores), económicas (pobreza), morales (vida intachable y limpieza de sangre) y determinada procedencia regional de sus miembros. Los colegios que gozaron legalmente de ese título durante el siglo XVI fueron los de San Bartolomé, Cuenca, Oviedo y el Arzobispo en Salamanca; el de Santa Cruz de Valladolid; el de San Ildefonso de Alcalá de Henares y el de San Clemente de los Españoles de Bolonia”.*⁹¹

Mais à frente na referida tese, a mesma autora sintetiza as notas características dos “*colegios mayores*” face aos restantes colégios seculares, ditos “menores”, e que passavam: 1) pela importância dos privilégios reais e pontifícios que possuíam; 2) pelas condições de acesso definidas em requisitos muito específicos que incluíam, entre outros, que o candidato fosse já

⁹⁰ Fausto Sanches MARTINS, *A arquitectura dos primeiros colégios jesuítas em Portugal: 1542-1759*, Porto, dissertação de doutoramento apresentada à FLUP, 1994, p.100.

⁹¹ Ana María CARABIAS TORRES, *Colegios Mayores: centros de poder. Los Colegios Mayores de Salamanca durante el siglo XVI*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca / Diputación Provincial de Salamanca, 1986 (3 Vols), Vol. II, p.369.

graduado; 3) por atentarem escrupulosamente ao estatuto de *“limpieza de sangre”* (que excluía os estudantes judeus e de famílias conversas), pelo que as informações relativas aos candidatos, e aos seus ascendentes, eram levadas com extrema minuciosidade; 4) pelo valor acrescentado que representava a simples frequência destes colégios para ascender aos cargos da igreja e da administração real – que requeriam este estatuto de “limpeza do sangue”; 5) pela protecção régia; 6) e, não menos importante, por desfrutarem do direito de concederem, autonomamente, graus académicos.⁹² Pode enquadrar-se ainda, nesta última característica, a possibilidade que estes colégios tinham de administrar cursos próprios, distintos dos leccionados na universidade, aspecto em que também se distinguiram dos colégios menores.⁹³

Como nos diz outra vez Ana Carabias Torres, *“lo que era verdad es que los colegios mayores, quizá efectivamente como consecuencia de su título, gozaban de un cúmulo de privilegios considerablemente mayor que los colegios menores”*.⁹⁴ Daí que não deve estranhar-se que outros colégios por toda a Espanha tenham tentado para si o mencionado título, no que contaram com a oposição dos que já o ostentavam.

Em Salamanca, onde havia já quatro colégios principais, os colegiais de *San Pelayo*, fundado pelo arcebispo de Seviha e inquisidor-geral, Fernando de Valdés (que fundou também a universidade de Oviedo, como vimos) auto-denominaram o seu instituto de *“mayor”*, mas acabaram por conformar-se com título de *“insigne”*, designação que também adoptaram os colegiais do de *la Magdalena*. No resto do país acabariam por alcançar o almejado título o colégio-universidade de *Santa Maria de Jesus* de Sevilha, e o colégio de *Santiago Alfeo* (ou *de Fonseca*) de Santiago de Compostela, por cédulas régias passadas em 1623 e 1731,⁹⁵ respectivamente – ou seja, com um importante desfasamento temporal em relação ao usufruto dos privilégios por parte dos primeiros colégios daquele nível.

⁹² *Ibidem*, p.372-373.

⁹³ Neste campo particular, ocorria o mesmo género de distinção registado entre os *“grands collèges”* (ditos também *“de plein exercice”*) e os *“petits collèges”* franceses.

⁹⁴ Ana María CARABIAS TORRES, *Colegios Mayores...*, 1986, Vol.II, p.370-371.

⁹⁵ *Ibidem*, p.371

Da citada listagem “oficial” de sete *colegios mayores*, tivemos já oportunidade de analisar quatro, do ponto de vista da arquitectura e no âmbito da presente dissertação. De facto, aos *colégios mayores* de *San Clemente* de Bolonha, de *San Bartolomé* de Salamanca, de *Santa Cruz* de Valladolid e de *San Ildefonso* de Alcalá de Henares, corresponderam edifícios incontornáveis e da maior relevância, no quadro da evolução da arquitectura universitária castelhana. Os restantes três, surgiram em Salamanca no primeiro terço do século XVI. Falamos dos colégios *de Oviedo*, *de Cuenca* e *del Arzobispo*. Tentaremos resumir os aspectos gerais destes edifícios nas linhas que se seguem. Importa mencionar que os dois primeiros já não existem, pois foram demolidos pelos franceses em 1812; e que o segundo, o colégio de Cuenca teve um processo construtivo particularmente longo pois, nessa época, ainda se encontrava inacabado.

Começamos pelo ***colegio Mayor de San Salvador*** ou ***de Oviedo***, fundado pelo prelado galego Diego de Muros III (1450-1524) então bispo de Oviedo. Em 1522, recebeu uma bula de Adriano VI, autorizando a fundação do seu colégio em Salamanca, e concedendo-lhe o privilégio de outorgar graus académicos no colégio, os quais “*tengan el mismo valor como si fueran conferidos por la misma universidad*”.⁹⁶ O fundador destinaria o colégio para 16 colegiais, 2 capelães e 4 familiares.

Como referimos anteriormente (no capítulo 3.2.) o *colegio de Oviedo* implantou-se a ocidente das *Escuelas Mayores*,⁹⁷ no âmbito do novo bairro universitário que se ia estabelecendo, por essa época, naquela área de Salamanca. Segundo Nieves Rupérez e Ana Castro, as obras terão tido início cerca de 1524.⁹⁸ De acordo com outra autora, Ana Carabias Torres, “*tardo cuatro años en ser construido*”.⁹⁹ Este dado deve ser considerado com alguma reserva pois é possível que o imóvel não tenha sido totalmente concluído, numa primeira

⁹⁶ *Ibidem*, p.441.

⁹⁷ A localização concreta corresponde, hoje, aos terrenos onde está edificado o palácio de congressos.

⁹⁸ **María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Ana CASTRO SANTAMARÍA**, “**Colégios desaparecidos**”, in **Luís Enrique Rodríguez-San Pedro Bezares (Ed.)**, *Historia de la Universidad de Salamanca*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, Vol.II (*Estructuras y Flujos*), p.471-485 (p.476).

⁹⁹ Ana María CARABIAS TORRES, *Colegios Mayores...*, 1986, Vol.II, p.442. A autora não refere a fonte desta informação.

fase. De resto, existem poucas informações sobre o aspecto do edifício, cuja fábrica “no era tan suntuosa y artística como la de Cuenca, pero si sólida, elegante y cómoda”, nas palavras de Vicente de la Fuente.¹⁰⁰

No século XVII, destacavam-se na fachada os “hermosos balcones de la rectoral”.¹⁰¹ Este dado é interessante pois indica que a ala fronteira do colégio incluía as dependências do reitor, situação de que apenas tínhamos visto um antecedente no *colegio Mayor de San Ildefonso* de Alcalá, dada a ausência da capela na frente do quadrângulo colegial (face à sua implantação autónoma em relação ao mesmo). Quer isto dizer que não haveria capela na fachada do quadrângulo do *colegio de Oviedo*, tal como em *San Ildefonso* de Alcalá? Não necessariamente, já que os vizinhos colegiais de Cuenca edificariam a frente do seu colégio a partir de inícios do século XVIII, incluindo, no programa de espaços, a ampla capela e as não menos grandiosas dependências reitorais, para além de uma biblioteca.

Seja como for, o colégio de Oviedo ergueria, de facto, uma capela paralela ao colégio, com acesso autónomo pela rua, na década de 1690. Traçada por José de Churriguera, dotada de zimbório sobre o cruzeiro (coberto por um “*chapitel provisto de linterna y aguja*”), viria a constituir a peça arquitectónica mais notável do conjunto.¹⁰²

Vejamos também o caso do **colegio Mayor de Santiago**, mais conhecido por **colegio Mayor del Arzobispo Fonseca** pois foi fundado pelo arcebispo de Santiago (1507) e depois de Toledo (1524) Alonso de Fonseca III (1475-1534). A bula de fundação (Clemente VII) data de 1525, embora as obras tenham começado com anterioridade, cerca de 1521.¹⁰³ O estaleiro encarregou-se a

¹⁰⁰ Vicente da LA FUENTE, *Historia de las universidades, colégios y demás establecimientos de la enseñanza en España*, Vol.II, Madrid, Fuentenebro, 1885, p.89.

¹⁰¹ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Colégios desaparecidos”..., 2004, p.476.

¹⁰² Esta capela fez-se na sequência da beatificação, em 1679, de Toribio Alfonso de Mogrovejo (1538-1606) ex-colegial e Arcebispo de Lima. Como esclarece Nieves Rupérez, “por encima de su finalidad religiosa, este templo se va a erigir en el símbolo más elocuente de la imagen que el Colegio quiere ofrecer de sí mismo al exterior: un «palacio de las ciencias», al mismo tiempo que un «seminario de virtud». María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “La capilla del Colegio de Oviedo, templo de la ciencia y de la virtud”, *Archivo Español de Arte*, Madrid, Tomo LXXV, Num.300, 2002, p.397-405 (p.398).

¹⁰³ Sobre a arquitectura do colégio do arcebispo Fonseca veja-se, sobretudo, Manuel SENDIN CALABUIG, *El Colegio Mayor del Arzobispo Fonseca en Salamanca*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1977, Ana CASTRO SANTAMARIA, *Juan de Álava. Arquitecto*

Juan de Álava, que por esta altura trabalhava também na “*portada rica*” da universidade. O colégio implantou-se já fora do bairro universitário, para poente, do outro lado do *arroyo de los Milagros*. Numa primeira fase ter-se-á levantado a ala sudoeste dos quartos (o instituto destinava-se para 22 colegiais) e só depois a ala da frente do colégio, que se virava à cidade e a sudeste.

Como notou Ana Castro Santamaría,¹⁰⁴ a frente do *colegio del Arzobispo* seguia a disposição tipológica da frente do *colegio Mayor de San Bartolomé* (e da do *colegio Mayor de Santa Cruz* de Valladolid) repetindo, rigorosamente, a situação relativa das dependências mais importantes: - à direita do “*zaguán*” encontrava-se a capela de pé-direito duplo (concluída em 1527), enquanto à esquerda, e ao nível do primeiro andar, se situava a biblioteca, desta feita por cima da sala ou “*general*” grande (**fig. 28**).

Uma segunda fase de obras, após 1529, incluiu a colocação do portal da fachada (**fig.25**) e a erecção do amplíssimo claustro (**fig.29**), ambos traçados pelo famoso arquitecto Diego de Siloe e pelo primeiro reitor do colégio, o humanista Fernán Pérez de Oliva,¹⁰⁵ “*encaminados a dotar de aspecto plenamente renascentista al edificio*”.¹⁰⁶ Neste sentido, o portal do colégio del Arzobispo tem sido apontado como “*el primer esfuerzo purista realizado en Salamanca*”.¹⁰⁷ Ao pátio, composto por dois andares, de oito arcos por lado em cada nível, foram associadas duas amplas “caixas” de escadas, situadas em pontos opostos (veja-se as plantas do colégio, **figs.26 e 27**), e que se articulam com as galerias claustrais por meio de generosos vãos de arco de volta inteira, dois em baixo, três em cima.¹⁰⁸ A escada da ala sudoeste estava terminada em

del Renacimiento, Salamanca, Caja Duero, 2002, p.435-452 ou ainda, da mesma autora, **Ana CASTRO SANTAMARIA, El Colegio Mayor del Arzobispo Fonseca o de los Irlandeses**, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p.20.

¹⁰⁵ Ana CASTRO SANTAMARIA, *Juan de Alava...*, 2002, p.443-444.

¹⁰⁶ Ana CASTRO SANTAMARIA, *El Colegio Mayor del Arzobispo...*, 2003, p.29.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p.31

¹⁰⁸ Esta articulação espacial era devedora da solução encontrada para a escada do hospital de Santa Cruz de Toledo, realizada por Alonso de Covarrubias. De tal modo que Fernando Marías atribui a introdução simultânea, em Salamanca, de duas escadas deste género ao próprio Alonso de Covarrubias que trabalhava, ao tempo, em outras obras do arcebispo toledano Fonseca (desde logo o palácio arcebispal de Alcalá de Henares, onde fez uma outra escada do mesmo tipo). Veja-se Ana CASTRO SANTAMARIA, *Juan de Alava...*, 2002, p.450.

1527, enquanto que a de nordeste estava ainda em obras em 1553-34.¹⁰⁹ A montagem desta segunda escadaria inseria-se, naturalmente, na construção mais vasta da ala nordeste (das oficinas e cozinhas) começada em 1531.

Importa ainda mencionar duas obras importantes. A primeira, que alterou o aspecto original e mais compacto do edifício, foi a construção de um zimbório sobre o cruzeiro da capela do colégio (sustentado por uma abóbada gótica de combados) e também de novos transepto e capela-mor. Estes trabalhos, conduzidos por Rodrigo Gil de Hontañon entre 1540 e 1549, destinavam-se a acolher o sepulcro do fundador, que não se chegou a realizar e tão pouco se colocou no centro do cruzeiro e da capela.¹¹⁰

O mesmo Rodrigo Gil levantaria uma hospedaria em edifício independente, de planta rectangular, adjacente ao colégio pelo nordeste, a partir de 1557. foi substituída pelo imóvel da actual hospedaria, levantada nos anos seguintes a 1677. Falaremos, um pouco mais adiante, deste fenómeno das hospedarias dos colégios maiores, de que a do *colegio del arzobispo* parece ser a primeira a estabelecer-se em edifício anexo e autónomo.¹¹¹

O ***Colegio de Santiago el Cebedeo*** ou ***de Cuenca***, foi fundado pelo bispo de Málaga, e depois de Cuenca, Diego Ramírez de Villaescusa (1459-1537). Deixamos a memória deste colégio desaparecido para o fim pois, embora não tenha sido o último dos *mayores* a fundar-se, foi o que teve um processo construtivo mais demorado, dada a elaboração e “riqueza” decorativa que se pretendeu para o projecto.

Antes mesmo de mandar construir o colégio, manteve o fundador, durante alguns anos, doze estudantes pobres em Salamanca, numas casas da cidade.¹¹² Desde, pelo menos, 1510 que o bispo tinha a ideia de levantar um colégio em Salamanca, e a licença real terá sido outorgada com anterioridade,

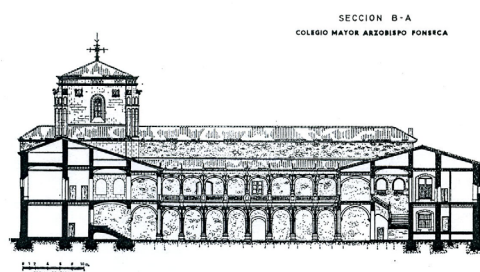
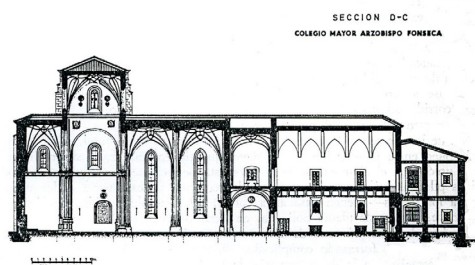
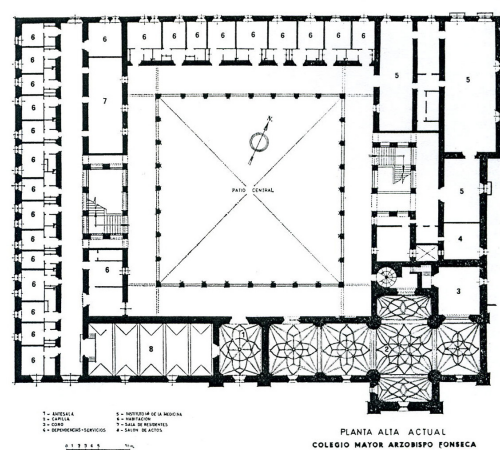
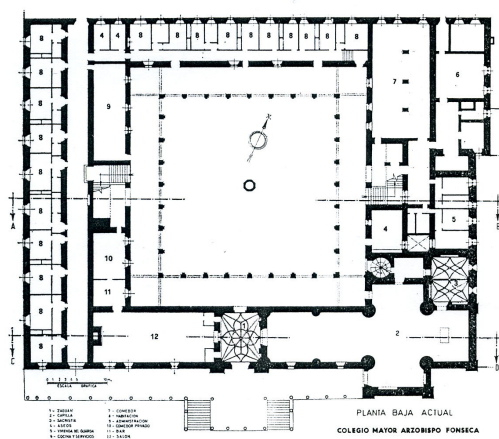
¹⁰⁹ *Ibidem*, p.450; Ana CASTRO SANTAMARIA, *El Colegio Mayor del Arzobispo...*, 2003, p.53.

¹¹⁰ No seu testamento, de Dezembro de 1523, Alonso de Fonseca desejava fazer-se sepultar numa capela autónoma, junto ao colégio a traçar por Siloe. Os testamentários acabaram por resolver adaptar a capela colegial a este fim, sem que, no entanto, tivessem levado a cabo a encomenda de um sepulcro. O arcebispo seria depositado numa das paredes do braço do cruzeiro. Veja-se *ibidem*, p.39-47.

¹¹¹ *Ibidem*, p.61.

¹¹² Ana CASTRO SANTAMARÍA, María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, ***Monumentos salmantinos desaparecidos. El Colegio de Cuenca***, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1993, p.18-19.

Fig.25
 Salamanca. *Colegio Mayor del Arzobispo Fonseca*. Fachada.
Figs.26-27
 Plantas baixa e alta
 (fonte: Sendin Calabuig).
Figs.28-29
 Corte longitudinal pela
 ala da fachada;
 Corte pelo pátio
 (fonte: Sendin Calabuig).



antes de 1508.¹¹³ Não obstante, só alguns anos mais tarde avançaria o projecto. A bula papal de fundação do colégio foi concedida por Adriano VI em 1523. Procedeu-se à compra de casas e terrenos logo de seguida:

*“El solar elegido para la construcción del Colegio era un lugar privilegiado para una institución docente, pues estaba situado a escasos metros de la Universidad, en una zona densamente poblada y cercana a otros edificios notables: junto al Colegio de Oviedo y frente al Convento de San Agustín – que se estaban construyendo en estas mismas fechas...”*¹¹⁴

A maior parte das casas e terrenos adquiriram-se até 1531, embora as compras tenham prosseguido até ao século XVIII. Segundo Ana Castro e Nieves Ruperez, foram transaccionados 29 conjuntos de casas entre 1524 e 1588,¹¹⁵ para além de terem sido incluídas varias vias públicas no lote destinado ao colégio.¹¹⁶ Ia ganhando forma, deste modo, o bairro universitário de Salamanca, a que fizemos já referência por várias vezes.

Segundo Ana Carabias Torres, *“el edificio debió de ser una maravilla arquitectónica, el más suntuoso y caro de los cuatro colegios [mayores] de Salamanca”*.¹¹⁷ Remetemos para o trabalho já citado das investigadoras Ana Castro e Nieves Ruperez a reconstituição detalhada da evolução construtiva do colégio de Cuenca, bem como da sua arquitectura e organização espacial.¹¹⁸

Façamos aqui, apenas, um breve resumo – a construção começou em 1527 a cargo (mais uma vez) de Juan de Álava. Antes, fora feita uma maqueta de madeira do edifício, que adoptava a planimetria quadrangular típica de um colégio universitário. Este destinava-se a albergar 20 colegiais, dois capelães e quatro familiares.¹¹⁹ Em 1537, ano da morte do fundador, *“la obra estaba simplemente comenzada”*.¹²⁰ Aparentemente, estavam apenas levantados os

¹¹³ *Ibidem*, p.21.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.29.

¹¹⁵ *Ibidem*, p.36.

¹¹⁶ Veja-se, sobre o processo de conformação do lote do colégio, *ibidem*, p.29-38.

¹¹⁷ Ana María CARABIAS TORRES, *Colegios Mayores...*, 1986, Vol.II, p.429.

¹¹⁸ Ana CASTRO SANTAMARÍA, María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *Monumentos salmantinos...*, 1993.

¹¹⁹ Ana María CARABIAS TORRES, *Colegios Mayores...*, 1986, Vol.II, p.431.

¹²⁰ Ana CASTRO SANTAMARÍA, María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *Monumentos salmantinos...*, 1993, p.42.

embasamentos das alas oeste e sul (necessários face ao desnível do terreno naqueles quadrantes) e parte dessas duas alas e da ala este, ao nível do rés-de-chão do pátio.

A sul ficariam as cozinhas (no embasamento) e o refeitório. A oeste ficavam sobretudo os quartos, nos diversos níveis. Uma primeira capela (provisória?) seria edificada nessa mesma ala oeste, a partir de 1544 (só seria terminada em meados do século seguinte).

Em 1544-45 Pedro de Arce levantaria as galerias do pátio, ao nível do rés-de-chão, compostas por cinco arcos de volta inteira a cada lado, segundo informação setecentista do viajante Antonio Ponz.¹²¹ Em 1547 o mesmo Pedro de Arce levantava com Pedro de Ibarra (filho de Álava, falecido em 1537) as galerias superiores do pátio, que em 1552 estavam ainda incompletas.¹²² Segundo um acordo prévio, cada corredor alto devia fazer-se “*de zapatas y linteles, conforme a la traza que esta en casa de esta obra*”.¹²³ As referências às “*zapatas*” e aos “*linteles*” dão a entender que se previa o remate em entablamento recto da galeria alta.¹²⁴

Pelo que nos é dado perceber, uma primeira fase das obras do edifício terá chegado ao fim neste período dada a escassez de recursos. Estavam parcialmente construídas três das alas do colégio, estariam levantados dois níveis das galerias pátio,¹²⁵ e estava totalmente por erguer a ala norte, que

¹²¹ “*Fórmase, pues una galería baja con veinte arcos en cuyas enjutas hay medallas con medias figuras casi del todo relevadas*”. **Antonio PONZ (1772-78), Viaje de España**, Madrid, Aguilar, 1947, p.1098.

¹²² Ana CASTRO SANTAMARIA, *Juan de Alava...*, 2002, p.455.

¹²³ Ana CASTRO SANTAMARÍA, María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *Monumentos salmantinos...*, 1993, p.48.

¹²⁴ “*...parece estar describiendo un segundo piso arquitrabado y sostenido por capiteles con zapatas, al estilo, por ejemplo, del patio de las Dueñas*”.

¹²⁵ É pouco provável, a nosso ver, que nesta fase (meados do século XVI) existisse já o pátio de três níveis descrito por Ponz na década de 1770 (Antonio PONZ (1772-78), *Viaje de España...*, 1947, p.1098-1099). Não obstante, a descrição deste ilustre personagem, que nos habituou a apontamentos rigorosos, deve ser tomada em devida conta. Sucede que o relato é no mínimo desconcertante pois, depois de descrever as galerias baixa e alta, que se prolongariam pelos quatro lados do pátio (como nos dá a entender Ponz ao referir-se aos 20 arcos da galeria térrea, 5 por cada lado, e às 40 medalhas do piso superior, 10 em cada ala), refere que entre as duas “*hay otra intermedia, que sigue las tres caras del claustro, con otro grandísimo número de adornos como los que quedan referidos*”. O lado que dispensava esta galeria intermédia era, naturalmente, o lado norte, da fachada do colégio. Como entender que houvesse galerias baixas e altas nos quatro lados do pátio e galeria intermédia apenas em três? A galeria alta da ala norte não poderia estar, evidentemente, suspensa no ar. A explicação possível, a nosso ver, é de que a galeria intermédia se desenvolvia por detrás dos

seria a da entrada principal. Em 1574, havia cerca de 15-16 quartos no colégio.¹²⁶

Em inícios do século XVII (a partir de 1610) fez-se um novo refeitório na ala sul, que serviria *“tanto de comedor como de lugar para celebrar los «actos de conclusión»”*.¹²⁷ Em 1650-53 acondicionava-se a capela da ala oeste. E em 1685-86 preparavam-se as dependências reitorais (que não seriam as definitivas) em piso intermédio da ala sul sobre o ante-refeitório¹²⁸ (veja-se a **fig.30**). É possível que tivesse sido durante o século XVII que se colocaram as galerias intermédias nos três lados do pátio já levantados – apoiadas, a nosso ver, nos pilares da galeria térrea, ou em novos pilares situados por detrás destes. Esta é apenas uma hipótese interpretativa que não quisemos deixar de apresentar (**fig.31**).¹²⁹

No que diz respeito às obras setecentistas, as autoras que temos vindo a citar referem três fases principais de intervenção. Uma primeira etapa entre 1723 e 1738 em que se levantou uma nova e formosa escadaria na ala este, pela mão de Alberto de Churriguera. Fizeram-se ainda, finalmente, os alicerces da fachada principal.¹³⁰ Uma segunda campanha, realizada entre e 1754 e 1770, incluiu a construção da metade ocidental da nova fachada, com um geral e livraria no piso térreo e uma ampla residência reitoral por cima destas dependências.¹³¹ A nova capela, cuja construção apenas tinha começado em 1772, deveria ocupar a metade nascente desta nova ala principal. Corresponde a sua construção parcial a uma terceira etapa, entre 1778 e 1780, na qual se levantaram os arcos torais. A capela, de pé-direito duplo, ficaria virtualmente inacabada dada a recorrente falta de recursos.¹³²

Façamos ainda uma referência ao primeiro de todos os *colégios mayores* de Salamanca – o **colegio de San Bartolomé**, levantado em inícios de Quatrocentos (como não é demais sublinhar) – e à sua transformação gradual

arcos da galeria térrea, ao nível dos capitéis ou do arranque dos arcos, e apoiada nos seus pilares, ou noutros pilares adjacentes, colocados por detrás dos da galeria baixa.

¹²⁶ *Ibidem*, p.45.

¹²⁷ *Ibidem*, p.51.

¹²⁸ *Ibidem*, p.52.

¹²⁹ *Vide supra*, nota 93

¹³⁰ *Ibidem*, p.53-58.

¹³¹ *Ibidem*, p.62-67.

¹³² *Ibidem*, p.67-68.

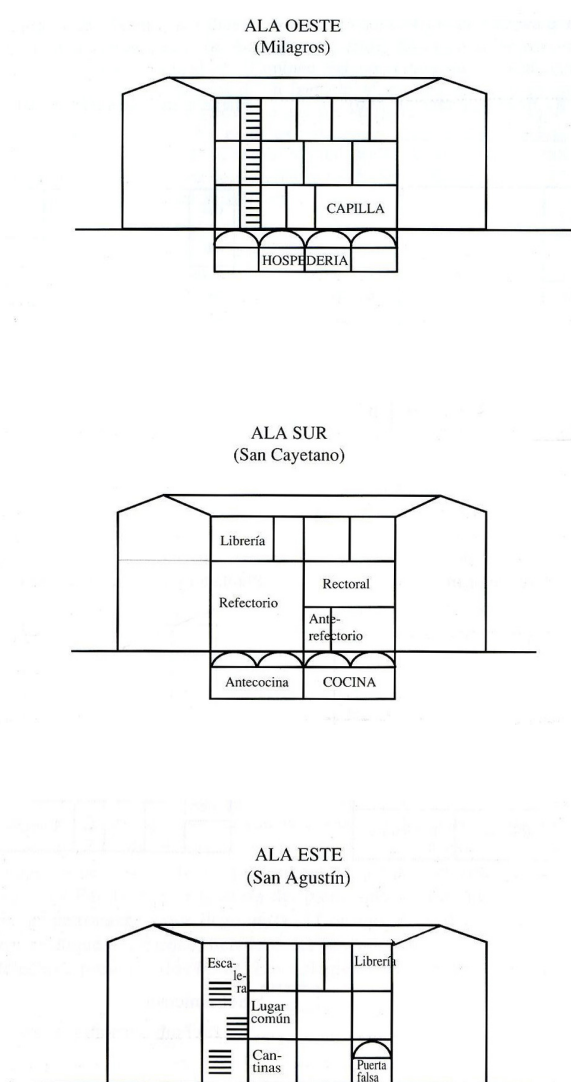
nos séculos XVI e XVII. Recordemos a construção de uma peça arquitectónica imprescindível para um colégio quinhentista – falamos da nova e ampla escadaria, executada por Alonso de Covarrubias, nos anos de 1551-56. Esta situar-se-ia na ala poente, junto do ângulo sudoeste, paredes-meias com a biblioteca da fachada.¹³³

Fig.30

Colegio Mayor de Santiago ou de Cuenca.

Reconstituição da organização funcional do colégio ao longo das três alas que estavam levantadas em 1740

(fonte: Ana Castro Santamaria e M^a. Nieves Rupérez Almajano).



¹³³ **María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003, p.20.**

Em 1697 iniciou-se a reconstrução das alas nascente e norte do colégio e em 1730-1734 fazia-se uma nova igreja paroquial de São Sebastião, adjacente ao colégio pelo poente. É a actual capela colegial. Estas obras abriam caminho para a reconstrução completa do colégio, por um novo edifício de recorte neoclássico (o colégio actual), desenhado por José de Hermosilla e levantado por Juan de Sagarbinaga entre 1760 e 1779.¹³⁴

Registemos, por, fim, um fenómeno que ocorreu nos *colégios mayores* a partir de meados do século XVI – o fenómeno da hospedagem. Em traços gerais, sucedia que os colegiais que se tinham graduado continuavam a residir nos colégios, por vários anos, até conseguirem um lugar na hierarquia da igreja ou na administração régia. Para se albergarem estes colegiais, foram-se reservando determinadas áreas dentro dos colégios, as **hospedarias**, até que se tornou necessário edificar hospedarias autónomas em edifícios próprios, adjacentes aos colégios principais. Pelo que nos é dado ver pelas hospedarias que chegaram até nós, eram sempre de planta quadrangular, organizadas em dois andares e dispostas em redor de um pátio central, rodeado por arcarias. Eram uma espécie de colégios anexos ao *colegio mayor* a que serviam.

Como refere Ana Castro Santamaría, a primeira hospedaria autónoma do colégio principal parece ter sido a do colegio del Arzobispo, “*de planta rectangular*”, cuja construção foi contratada a Rodrigo Gil de Hontañon em 1557.¹³⁵ Foi substituída pela hospedaria actual, iniciada por Juan de Setien Güemes, em 1677.¹³⁶

Um pouco antes, começara também a construção de uma nova hospedaria do *colegio Mayor de Santa Cruz* de Valladolid. A obra decorria em 1675, sob a direcção de Francisco de la Torre. Sabe-se que esta substituíra uma hospedaria anterior que já era separada do colégio.¹³⁷

¹³⁴ *Ibidem*, p.27-51.

¹³⁵ Ana CASTRO SANTAMARIA, *El Colegio Mayor del Arzobispo...*, 2003, p.61.

¹³⁶ *Ibidem*, p.61-63.

¹³⁷ Veja-se **Felix ANTONIO GONZÁLEZ**, “La Hospedería de Santa Cruz en Valladolid”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Tomo IX, 1942-43, p.165-169; e **Juan José MARTÍN GONZÁLEZ**, “El actual Colegio Mayor de «Santa Cruz», in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. II, p.739-742.

Regressando a Salamanca, nem o *colegio de San Salvador* ou de *Oviedo*, nem o *colegio de Santiago* ou de *Cuenca* tiveram construções independentes para albergarem os colegiais hóspedes, talvez pela falta de espaço disponível em redor. No de *Oviedo* sabe-se que em 1675 Juan de Setien Guêmes dava traças para obras nos lanços poente e sul, que incluíam a instalação de uma hospedaria.¹³⁸ No *colegio de Cuenca*, a hospedaria veio a localizar-se no embasamento da ala poente.¹³⁹ No *colegio de San Bartolomé* não houve hóspedes antes de 1557.¹⁴⁰ Uma primeira hospedaria funcionou no lanço da fachada, à esquerda do átrio principal e debaixo da livraria.¹⁴¹ Passou depois para uma casa contígua, a oriente do colégio, onde esteve juntamente com os colégios anexos de *San Pedro y San Pablo* e o de *Burgos*.¹⁴² Finalmente, levantou-se uma hospedaria de raiz (a actual) no mesmo local, a partir de 1707, pela mão de Pantaleón del Pontón. Seria terminada por Joaquín de Churriguera cerca de 1715.¹⁴³ Mais uma vez, tratava-se de um edifício quadrangular compacto, de dois andares, disposto em redor de um pátio. A cada lado do pátio interno levantava-se uma galeria de cinco arcos no rés-de-chão sobrepostos de outros tantos arcos no nível superior.

d) Colégios seculares

É objectivo desta secção proporcionar uma visão geral sobre os colégios seculares de média dimensão construídos ao longo do século XVI e inícios do século seguinte nas três principais cidades universitárias peninsulares, Salamanca, Alcalá e Coimbra. No caso das duas cidades castelhanas pretendeu-se ter uma noção mais alargada de como as evoluções tipológicas registadas nos colégios mais importantes – os *colégios mayores* – influíram, ou não, na arquitectura dos restantes colégios seculares, levantados de raiz.

¹³⁸ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Colégios desaparecidos”..., 2004, p.476.

¹³⁹ Ana CASTRO SANTAMARÍA, María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *Monumentos salmantinos...*, 1993, p.60.

¹⁴⁰ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio Mayor de San Bartolomé...*, 2003, p.57.

¹⁴¹ *Ibidem*, p.24.

¹⁴² *Ibidem*, p.57.

¹⁴³ *Ibidem*, p.58-59.

Tentaremos, por outro lado, perceber se podemos falar, ou não, de tipologias colegiais salmantina, alcalaína ou conimbricense.

Começamos por **Salamanca**, lembrando que grande parte dos colégios menores, criados ao longo do século XVI e depois, foram instalados em casas urbanas pré-existentes “*que no solían tener más distintivo externo respecto a otras viviendas que un pequeño escudo o una inscripción donde de indicaba su nueva función*”.¹⁴⁴ Dos que foram construídos *ex-novo* podemos talvez destacar os de *Monte Olivete*, de *San Millan*, de *Huérfanos*, de *Santa Maria Magdalena* ou ainda o de *San Pelayo*, dos quais apenas o de *Huerfános* subsiste integralmente. O de *San Millan* subsiste parcialmente e do de *San Pelayo* sobrou apenas a capela.

Destes colégios, os primeiros a estabelecer-se dotaram-se de imóveis novos, mas relativamente modestos. Isso é particularmente notório no **colegio de Monte Olivete**, também designado de *Santa Maria y Todos los Santos*, cujo imóvel se deve ter levantado pouco tempo depois da fundação, em 1514. Situava-se na zona oriental da cidade, por detrás do convento dominicano de *San Esteban*. O edifício, levantado de raiz, era um bloco quadrangular compacto de dois níveis e de modestíssimas dimensões (**fig.32**) – tinha, em planta, 79 por 80 pés.¹⁴⁵ O pátio central, de tão curto, não era, aparentemente, dotado de galerias. O colégio teve sempre poucos colegiais.¹⁴⁶

O **colegio de San Millan** fundou-se em 1518. O edifício “*debió hacerse de nueva planta en el momento de su fundación pues su fachada pertenece al gótico tardío de principio del siglo XVI y en 1515 Pedro Nieto se obligaba a hacer los corredores del patio*”.¹⁴⁷ Implantado sobre a frente poente da *calle Libreros*, no seu extremo sul, juntou-se-lhe a igreja paroquial do mesmo santo, que lhe ficou associada. O edifício seria de dois andares. A fachada do colégio

¹⁴⁴ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Colégios desaparecidos”..., 2004, p.472.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p.473.

¹⁴⁶ Em 1731 reformou-se todo o interior (incluindo escadas, quartos do reitor, dormitório, refeitório, capela, sacristia e pátio) e reconstruiu-se a fachada, voltada a oriente, que passou a ostentar quatro janelas de sacada no primeiro andar, correspondentes às dependências reitorais. O edifício foi derrubado em 1804, por encontrar-se arruinado. **Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Salamanca en el siglo XVIII: aspectos urbanísticos**, Salamanca, 1991, tese de doutoramento policopiada, p.950-955.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p.940, citando Antonio CASASECA CASASECA *Rodrigo Gil...*, 1988, p.262-264.

ainda se conserva em grande parte (**fig.33**) marcando-se o corpo central, alteado (no séc. XVIII?), por uma porta de arco de volta inteira sobreposta de uma porta de sacada setecentista (e respectivo balcão em ferro) e por elementos decorativos tardo-góticos.

Mais imponente resultou, sem dúvida, o **colegio de Huérfanos** que, como referimos, ainda subsiste, alcandorado sobre uma pequena elevação, junto da antiga porta de *San Tomás*, com frente voltada para o rio e fora dos muros da cidade (veja-se a implantação no capítulo 3.2, fig.5). O colégio foi fundado para órfãos,¹⁴⁸ em 1542, mas a construção do novo edifício só teria início a partir de 1550.¹⁴⁹ As obras começaram pela ala sul, a da fachada, desenhada por Rodrigo Gil. Em 1560, celebrava-se a primeira missa na capela (situada na ala poente) e entraram a viver os colegiais. O edifício, quadrangular, de dois pisos, disposto em redor de um pátio, foi sendo progressivamente completado nas décadas e séculos seguintes. Em 1560-73 levantava-se a ala nascente. Apesar das suas dimensões razoáveis, acabou por realizar-se em versão mais reduzida do que a originalmente prevista, pois a fachada é um pouco mais larga que o bloco colegial (**fig.34**). Assim, a entrada no colégio ficou descentrada em relação ao pátio.¹⁵⁰ Este pátio, de alguma monumentalidade, com cinco arcos por piso em cada lado, edificou-se apenas (de acordo com Nieves Rupérez) no primeiro terço do século XVIII. A ala norte concretizou-se depois de 1753, concluindo-se, assim, o longo processo construtivo.¹⁵¹

Podemos observar que a distribuição dos espaços não seguiu nenhuma “regra” tipológica particular, em função de disposição da capela na ala lateral poente. Nesta mesma ala ficavam a escadaria (de dois lanços) e a sacristia. Na ala da frente do colégio, a sul, situava-se o geral de gramática o *zaguán* de entrada, enquanto no piso superior desta ala ficavam as dependências reitorais e o

¹⁴⁸ O fundador, don Francisco de Solís Quiñones, médico e secretário do Papa Paulo III, criou o colégio como “hospital” para 30 órfãos com mais de dez anos de idade, alguns dos quais, mais velhos, deveriam frequentar a universidade (no total, 10 deviam ser canonistas, 10 gramáticos, 4 teólogos e 6 artistas, admitindo-se também que pudesse haver um legista, um médico e um matemático. **Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO**, “*El Colegio de Niños Huérfanos*”, *Estudios Históricos Salmantinos – Homenaje al Padre Benigno Hernández*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1999, p.129-156 (p.130-131).

¹⁴⁹ *Ibidem*, p.137.

¹⁵⁰ Antonio CASASECA CASASECA *Rodrigo Gil...*, 1988, p.273.

¹⁵¹ Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, “*El Colegio de Niños...*”, 1999, p.146.

arquivo. Sobre a capela ficavam quartos dos colegiais, dependências que também se encontravam na ala nascente, em ambos os pisos. A ala norte era a das oficinas, cozinha e refeitório. *“El colegio tenía también un cuarto dedicado a “enfermería” y outro a librería, sin que se pueda precisar su localización”*.¹⁵²

Por sua vez, o **colegio “insigne” de Santa Maria Magdalena**, formalizado cerca de 1545, foi instalado nas casas do nobre Juan de Figueroa, compradas pelo fundador em 1561. Como era próprio da arquitectura paçã, a “casa grande” era de dois pisos e dotada de pátio central, pelo que se adaptava bem a uma infra-estrutura colegial:¹⁵³ Segundo Nieves Rupérez, a capela *“estaba situada en el claustro bajo «luego que se entra por la puerta principal segunda» en una disposición similar a la de otros colegios”*.¹⁵⁴ A casa principal ostentava a torre senhorial, que se manteve como imagem do colégio até ter sido derrubada no século XVIII.¹⁵⁵ O colégio de Santa Maria Magdalena seria amplamente reformado (e reconstruído) no século XVIII.¹⁵⁶

O **colegio “insigne” de San Pelayo**, ou de Verdes, foi talvez o que logrou aproximar-se mais da arquitectura dos *colégios mayores* no decorrer do século XVI. Foi fundado em 1556,¹⁵⁷ pelo arcebispo de Sevilha, Fernando Valdés e Salas, que havia sido colegial de *San Bartolomé*. A obra começou, no actual local (por detrás do colégio jesuíta seiscentista), em 1577, já depois do falecimento do fundador, segundo desenho de Rodrigo Gil de Hontañón,¹⁵⁸ que abandonaria a obra ainda nesse ano. O colégio estaria praticamente concluído em 1596.¹⁵⁹

¹⁵² *Ibidem*, p.149-150.

¹⁵³ *“Una vez traspasado el zaguán, en la planta baja se dispusieron el refectorio, el general grande, la capilla, la antecapilla y la sacristía, además de la cocina, la despensa y otros cuartos de servicio (...). La planta principal se distribuía entre la sala rectoral y anterectoral, la librería, el general alto (...) y las habitaciones de colegiales y familiares”*. Instalou-se ainda uma hospedaria numa casa anexa. **Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO**, “**Monumentos salmantinos desaparecidos: el Insigne Colegio de Santa Maria Magdalena**”, Salamanca, Revista de Estudios, Num.37, 1996, p.105-132 (p.110)

¹⁵⁴ *Ibidem*, p.119.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p.109.

¹⁵⁶ Sobre estas reformas veja-se o artigo que temos vindo a citar. *Ibidem*, p.111-132.

¹⁵⁷ No dia 8 de Julho. **Javier CORTAZAR ESTIVALIZ**, *Historia y arte del Colegio Menor de San Pelayo de Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p.33.

¹⁵⁸ Antonio CASASECA CASASECA, *Rodrigo Gil...*, 1988, p.264-269.

¹⁵⁹ Javier CORTAZAR ESTIVALIZ, *Historia y arte...*, 2002, p.51.

A capela, de pé-direito duplo coberto por abóbada gótica (e que ainda hoje subsiste), situava-se à direita do átrio de entrada, tal como sucedia nos *colégios Mayores de san Bartolomé* e do *Arzobispo Fonseca*. À esquerda do referido átrio, ou *zaguán*, estaria uma aula grande.¹⁶⁰ Na fachada (que também subsiste, embora parcialmente – **fig.36**), voltada a nascente, existem ainda os dois acessos ao colégio, a porta principal, simples e de verga recta, e uma porta para os carros, de verga redonda. Sobre a porta principal (que não está a eixo do alçado) está a janela do aposento reitoral,¹⁶¹ ladeada pelos escudos do fundador, encimada pela figura de *San Pelayo*. Na linha superior parece que existiam duas torres, uma a cada lado (**fig.35**),¹⁶² ao modo da fachada primitiva do *colegio Mayor de San Ildefonso* de Alcalá de Henares. Estas surgem mencionadas em diversa documentação relativa à obra.¹⁶³ Entre as torres, e de acordo com Javier Cortazar, é provável que existisse uma *loggia* corrida de vários arcos, solução corrente na obra de Rodrigo Gil (desde logo, na nova fachada que executou para o colégio maior alcalaíno; ou ainda no palácio de Monterrey em Salamanca).¹⁶⁴

Do pátio primitivo, e das restantes três alas do colégio, nada resta. O pátio teria galerias em redor, definidas por arcarias apoiadas em colunas, no pavimento térreo, e por colunas (em número a dobrar) suportando um entablamento recto, no primeiro andar.¹⁶⁵ A ala norte (à direita de que entra) destinava-se às cozinhas e armazéns do colégio enquanto a ala sul se destinava aos quartos dos colegiais, no andar superior. Como referimos, sobre o átrio de entrada (na ala sul), situava-se o aposento do reitor e outras dependências que lhe estavam adstritas.¹⁶⁶

Num primeiro balanço, podemos verificar que os colégios menores salmantinos, no seu conjunto (e dada a heterogeneidade dos edifícios), não contribuíram para uma tipologia arquitectónica bem definida. O tipo de colégio salmantino foi dado, sobretudo, pelos *colegios mayores*, em particular pelos de

¹⁶⁰ *Ibidem*, p.53.

¹⁶¹ *Ibidem*, p.60.

¹⁶² *Ibidem*, p.61

¹⁶³ *Ibidem*, p.48, p.51, p.61.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p.61.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p.75, fi.41.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p.51-54.

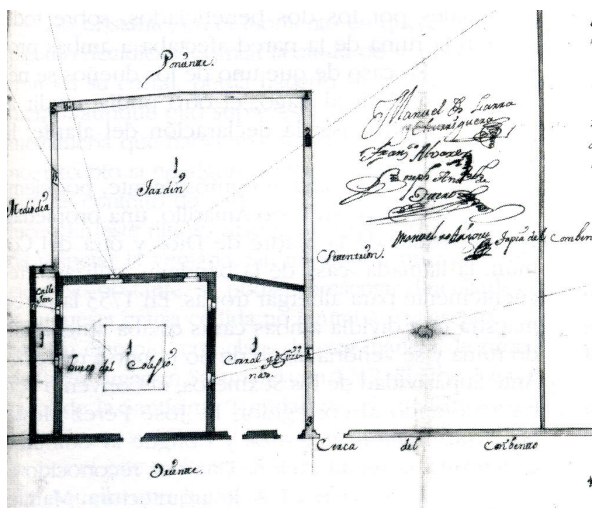


Fig.32
Salamanca. *Colegio de Monte Olivete*
Planta do século XVIII
(fonte: Nieves Rupérez, 1992)

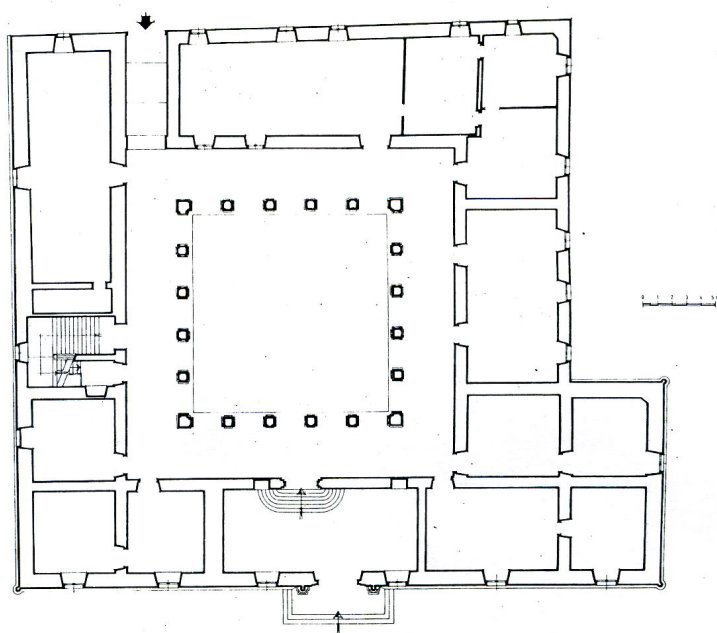


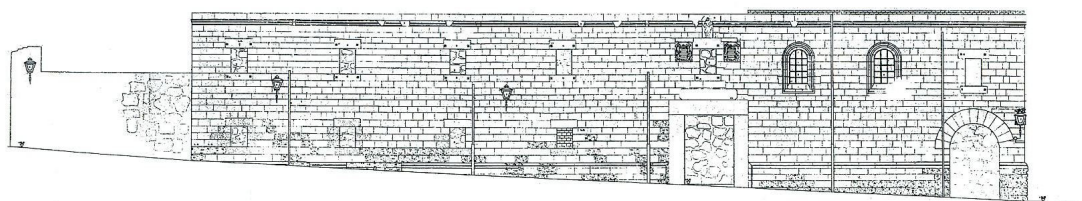
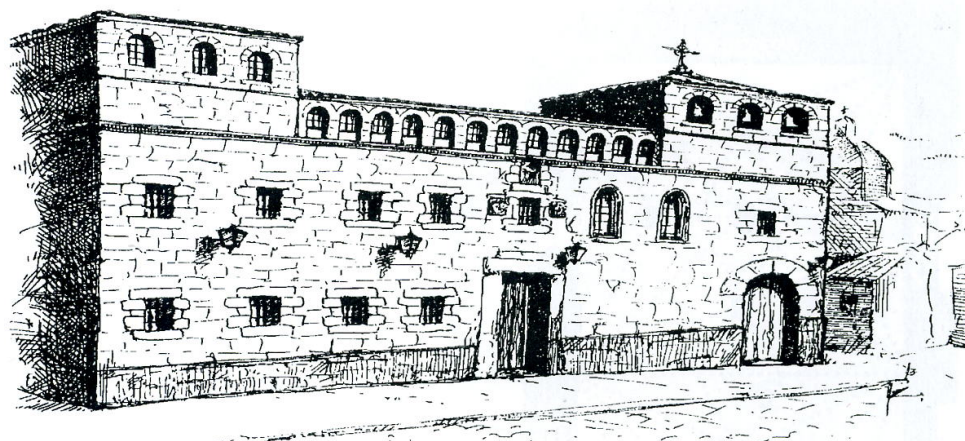
Fig.33
Salamanca. *Colegio de San Millán*
e cabeceira da igreja paroquial
do mesmo santo

Fig.34
Salamanca. *Colegio de Huérfanos*.
Planta (fonte: A. Casaseca, 1988)

Fig.35
Salamanca. *Colegio de San Pelayo*.
Reconstituição da fachada original
(fonte: J. Cortazar).

Fig.36
Salamanca. *Colegio de San Pelayo*.
Levantamento da fachada anterior
à construção da faculdade de
geografia e história
(fonte: J. Cortazar).





San Bartolomé e do *Arzobispo Fonseca*, que estabeleceram o esquema organizativo do lanço da fachada com a capela disposta longitudinalmente a um dos lados da entrada – esquema que se repete no colégio menor de *San Pelayo* (como acabamos de ver) ainda que com uma composição de fachada particular.

Em **Alcalá de Henares**, e em sentido contrário, podemos defender a existência de um tipo específico de colégio menor secular alcalaíno, definido sobretudo pelo esquema de composição da fachada, que tinha como referência a primitiva fachada do *colegio mayor de San Ildefonso*, já por diversas vezes mencionada – um largo corpo central de dois pisos rematado nos extremos por duas torres de três andares de altura. Interpretámos também esta fórmula como consequência da imposição de um tipo de fachada particular, definido para os quarteirões do plano urbano cisneriano.¹⁶⁷

¹⁶⁷ Veja-se o capítulo 1.9.

Pode ainda dizer-se que a tendência foi a do desaparecimento da capela do lanço da fachada colegial, conformando-se um tipo de colégio de carácter mais civil, com evidentes proximidades com outros tipos contemporâneos, como sejam a casa nobre quinhentista ou a *casa consistorial*, casa de câmara e cadeia castelhana.

A observação de vários colégios menores alcalaínos permite confirmar estas ideias. Caso muito interessante é, desde logo, o do desaparecido *colegio de Santiago* mais conhecido como ***colegio de los Manriques***, fundado em 1570.¹⁶⁸ O terreno, cedido anteriormente pelo colégio de *San Ildefonso* (em 1567-68), situava-se sobre a frente sul da *calle de Tenerías*, na ilha 15ª (veja-se o capítulo 3.2, fig. 15). O colégio criou-se para 12 colegiais (embora estes números devam ter decaído com o tempo¹⁶⁹) e a construção foi relativamente célere, pois em 1576 a obra estava bastante adiantada, faltando levantar apenas um dos lados do pátio.¹⁷⁰

Como mostram umas plantas do colégio que se conservam (**fig.37**, de 1803), a capela colegial situava-se sobre a fachada, à esquerda do átrio de entrada. Garantia-se uma das torres da fachada por meio, justamente, de uma capela-mor sobrelevada. A existência de uma outra torre-açoteia, no extremo oposto, surge sinalizada na planta do piso superior, por uma escada que segundo a legenda “*sube a los quradores*”. Como refere Carmen Román, tratava-se de “*lugar idóneo para «qurar» jamones y embutidos*”.¹⁷¹ O relato de Demetrio Calleja confirma a existência das duas torres. Segundo este autor “*el edificio era suntuoso (...). Su fachada tenía 120 pies de frente, y constaba de dos cuerpos de gran elevación...*”.¹⁷²

O edifício organizava-se em torno de um pátio com galerias abertas, com cinco vãos a cada lado em cada um dos dois pisos. Na ala norte, da entrada,

¹⁶⁸ Por testamento de Don García Manrique de Luna, clérigo da diocese de Burgos e capelão do Rei. **Cármén ROMÁN PASTOR**, “**El Colegio de Santiago o de los Manriques de Alcalá de Henares**”, *Anales del Instituto de Estudios Madrileños*, Madrid, Tomo XVII, 1980, p.73-83 (p.73).

¹⁶⁹ Em 1803 os únicos habitantes do colégio parecem ser o reitor, os seus familiares e o capelão e os criados.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p.78.

¹⁷¹ *Ibidem*, p.79.

¹⁷² **José Demetrio CALLEJA CARRASCO**, *Bosquejo histórico de los colegios seculares de la universidad de Alcalá de Henares*, Madrid, Hijos de M.G. Fernández, 1900, p.28.

encontrava-se a capela, a um lado do átrio, e a habitação do capelão no verão, do outro. No primeiro andar estava a tribuna da capela (que dava sobre a capela- mor) e algumas dependências residenciais. O reitor ocupava toda a ala lateral nascente, com dependências de inverno no primeiro andar, e de verão no rés-de-chão. A sul, nas traseiras do edifício, situavam-se as cozinhas, dispensas, cavalaria e outras áreas e dependências deste tipo, em redor de um “*corralito*”. A escada estava a eixo da ala poente.

Pela data da sua fundação, 1554, e como notou José Luís Sancho, o **colegio del Rey**, fundado por Felipe II (ainda enquanto príncipe), era “*el primero, cronológicamente, de los seculares en Alcalá*”.¹⁷³ No entanto, a construção do edifício actual teria de esperar pelo início do colégio XVII – razão pela qual observámos o *colegio de los Manriques* em primeiro lugar.

Como também notou o mesmo autor, tratava-se do “*único colegio universitario en sentido estricto de fundación real en España*”,¹⁷⁴ e fora estabelecido para servir aos filhos dos criados maiores da casa real. O número inicial de vagas era de 16. O colégio funcionou em instalações provisórias nos primeiros anos, até que se instalou na casa de Ambrósio de Morales, na frente norte da *calle de Guadalajara*,¹⁷⁵ no final da década de 1560. É provável que se tenham realizado algumas obras de adaptação nesta casa, “*una de las típicas alcalaínas del siglo XVI, con patio renascentista*”,¹⁷⁶ mas só no reinado de Felipe III se dotaria o colégio de um imóvel praticamente novo.

A fachada nova (**figs.38 e 39**), cujo desenho se tem atribuído (desde Ponz, e sem base documental) a Juan Gómez de Mora, foi levantada entre 1607 e 1613¹⁷⁷ e repete a fórmula que temos vindo a destacar, do corpo central relativamente largo, de dois pisos, ladeado por dois pequenos torreões, com três andares, a cada extremo. Como nos diz o autor que temos vindo a citar,

“el edificio, de buena calidad arquitectónica, es muy representativo del tipo de colegio alcalaíno y, junto con el de Málaga, supera con mucho al

¹⁷³ José Luís SANCHO, “El Colegio del Rey de Alcalá de Henares”, *Reales Sitios*, Madrid, Ano XXIII, 1986, Num. 89, p.65-74 (p.66).

¹⁷⁴ *Ibidem*, p.66.

¹⁷⁵ Veja-se novamente o capítulo 3.2, fig.15.

¹⁷⁶ José Luís SANCHO, “El Colegio del Rey...”, 1986, p.67.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p.67

resto de los seculares, que en Alcalá son por lo general modestos y resultan empequeñecidos por el Mayor y los grandes conventos de religiosos".¹⁷⁸

Só mais tarde, a partir de 1662, se operou a reconstrução do restante colégio, para trás do lanço de entrada. Apenas em 1698 de concluíram as arcarias do pátio (cinco por lado, em cada piso) e a escada de ligação entre os dois pavimentos. A capela, de planta central e sobreposta por uma cúpula, ter-se-á terminado no final de Seiscentos ou mesmo no início do século seguinte.¹⁷⁹ Situava-se, sensivelmente, a eixo da entrada no colégio, no lanço posterior (norte) do pátio (**fig.40**).

Esta posição da capela, afastada do lanço sobre a rua, parece ser a grande diferença em relação à disposição interna do *colegio de los Manriques* que vimos anteriormente. Sobre a fachada, no primeiro andar situavam-se as dependências do reitor, desde logo a sala reitoral, ao centro, onde tinham lugar as "capelas" ou "juntas".¹⁸⁰ Sabe-se ainda que uma aula na planta baixa servia para os actos académicos.¹⁸¹

Paredes-meias com o *colegio del Rey*, levantou-se o **colegio de León**, fundado pelo bispo daquela cidade, Fernando de Trujillo, em 1586. De facto, e depois do decreto do Concílio de Trento sobre a instauração obrigatória de seminários nas dioceses (15 de Julho de 1563), muitos bispos optaram por criar esses seminários, sob a forma de colégios, nas cidades universitárias, em particular em Alcalá. Nasceram assim os colégios "de nações" de Alcalá.¹⁸²

Sobre o colégio de León, são poucos os dados sobre a construção do edifício. Em 1595 albergava 21 colegiais (no novo edifício?). Sabe-se também pouco

¹⁷⁸ *Ibidem*, p.67. Resta talvez observar que alguns outros colégios, como o *de Manriques*, ou os *de León* ou *de Aragón* não eram muito mais pequenos que este *colegio del Rey*.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p.67-68.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p.71.

¹⁸¹ *Ibidem*, p.71.

¹⁸² O primeiro dos quais foi o *colegio de Vizcaínos*, fundado nesse mesmo ano de 1563 (embora a efectivação deste instituto só tenha ocorrido mais de trinta anos depois, em 1594). Sobre estes colégios "de nações", normalmente de pequenas dimensões, veja-se **Pedro Manuel ALONSO MARAÑÓN, Manuel CASADO ARBONIÉS, Francisco Javier CASADO ARBONIÉS, El Concilio de Trento y los colégios de las «naciones» de la Universidad de Alcalá de Henares: el colegio menor «de León» (1586-1843)**, Madrid, Dykinson, 2004, p.55-141. A lista inclui os colégios *de Vizcaínos* (1563), *de Lugo* (1569), *de León* (1586), *de Manchegos* (1589), *de Mages* (1593), *de Sevillanos* (1607), *de Málaga* (1611), *de Aragón* (1612) e *de Tuy* (1619). *Ibidem*, p.54.

sobre a sua disposição interna – embora o edifício subsista na actualidade, encontra-se bastante alterado. Em planta, era um edifício “*con tres crujias conformando un pátio...*”.¹⁸³ “*Al parecer, el Colegio de León perdió sus torreones y ganó altura con la ampliación decimonónica y terminó dedicado a casa de vecinos con diferentes viviendas particulares*”.¹⁸⁴ A existência dos dois torreões, que ainda se adivinham na fachada (**fig.41**), é novamente o aspecto a destacar. O mesmo tipo de fachada apresentava o *colegio de Aragón*, situado na frente norte da calle de Santiago.¹⁸⁵

Vejamos ainda o maior de todos estes colégios, o *de San Ciriaco y Santa Paula*, mais conhecido como **colegio de Málaga**. Foi fundado pelo bispo desta cidade don Juan Árias de Moscoso, em 1611, e dotado de um novo edifício sobre a frente sul da *calle de Tenerías* (ilha 17ª] com frente para a *plaza del Mercado*. O colégio, que se levantou ao longo de três etapas construtivas (1623-1643, 1647-1664 e 1666-1684¹⁸⁶) era o maior dos colégios “menores” seculares alcalaínos, desenvolvendo-se em dois pisos, segundo uma planta rectangular, de dois pátios, ao longo de referida rua. Na fachada voltavam a aparecer as duas torres, uma em cada extremo (**fig.42**). Não é conhecido o autor do projecto, surgindo novamente o nome de Juan Gómez de Mora como possibilidade (mais uma vez não documentada).¹⁸⁷

O pátio principal era o de poente, sendo o segundo pátio de serviço. A meio dos dois surge a peça arquitectónica mais notável, a majestosa escadaria em “T” de ligação entre os dois pavimentos do colégio, coberta por uma cúpula, escada que estaria já bastante adiantada quando faleceu Sebastián de la Plaza (1643-1644), primeiro mestre-de-obras do colégio. Sobre a porta principal de entrada, junto do torreão poente, ficavam as dependências reitorais que

¹⁸³ *Ibidem*, p.177

¹⁸⁴ *Ibidem*, p.177

¹⁸⁵ “*En cuanto al edificio ambos [colegios de Lugo e de Aragón] perdieron sus torres y se convirtieron en casas de vecinos*”. *Ibidem*, p.170.

¹⁸⁶ **Luís Miguel GUTIERREZ TORRECILLA**, *El Colegio de San Ciriaco y Santa Paula o “de Málaga” de la Universidad de Alcalá (1611-1843)*, Alcalá de Henares / Madrid, Fundación Colegio del Rey, 1988, p.71-94.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p.65-70 A construção levou-se a cabo por Sebastián de la Plaza, depois por José de Ocaña e, finalmente, Francisco González Bravo.

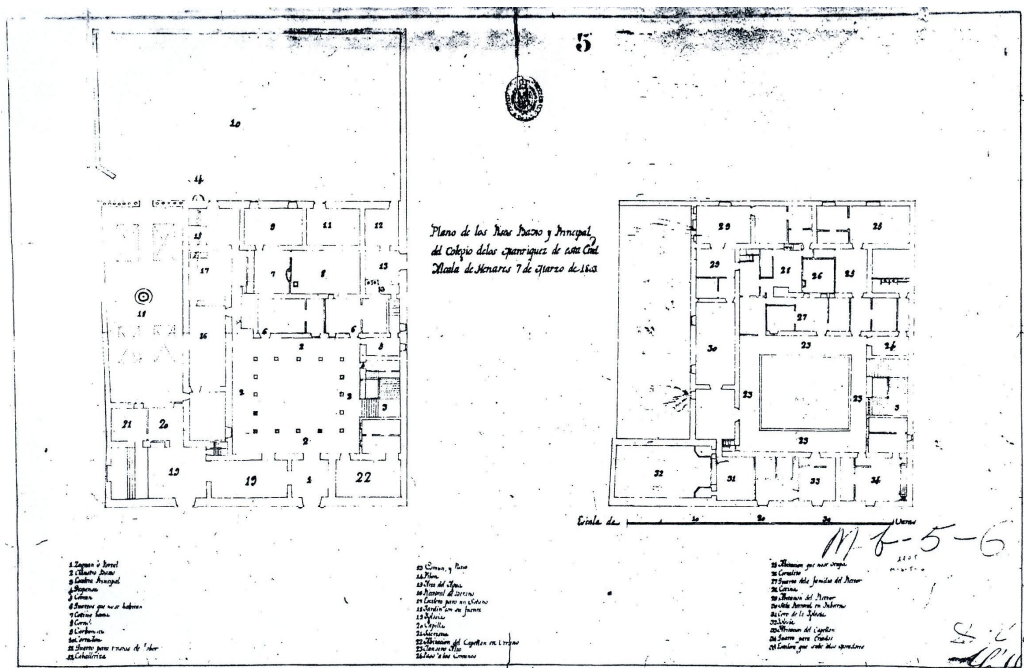


Fig.37
Alcalá de Henares.
Colegio de Santiago ou de Manriques. Plantas dos dois pisos, em 1803 (fonte: Carmen Román Pastor, 1980).

Fig.38
Alcalá de Henares.
Colegio del Rey.
Mural de Eduardo Santonja Rosales, anterior a 1920 (fonte: José Luis Sancho).

Figs.39 e 40
Alcalá de Henares.
Colegio del Rey.
Alçado principal e corte transversal pelo pátio.
Desenhos de Javier Larrañaga Rubio (fonte: José Luis Sancho).

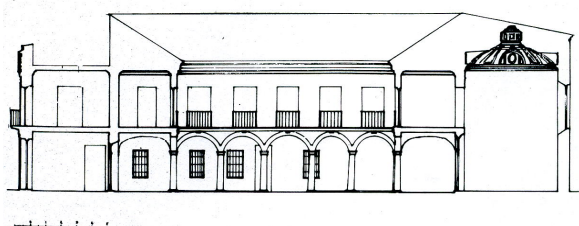
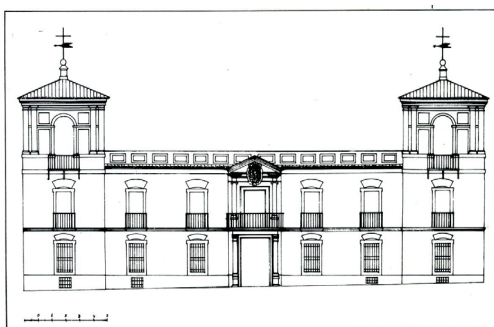


Fig.41
Alcalá de Henares.
Colegio de Leon
(fonte: *Universidad de Alcalá de Henares*).

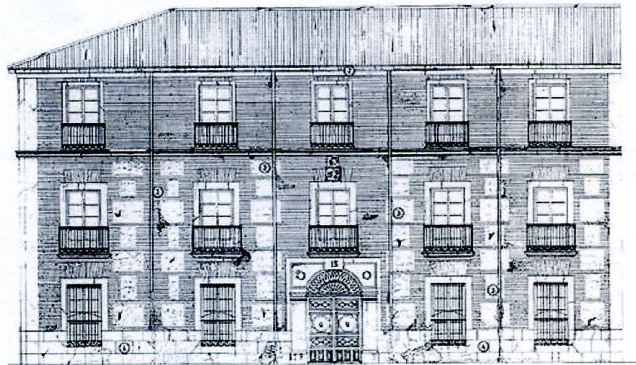


Fig.42
Alcalá de Henares.
Colegio de Málaga.
Fotografía de 1951
(fonte: L.M. Gutierrez Torrecilla).



ocupavam também a referida torre.¹⁸⁸ Uma segunda porta, idêntica à principal, situava-se no extremo oposto e funcionava como acesso de serviço ao segundo pátio. Não havia, por isso, uma porta central. Finalmente, a capela, de que nada resta, devia situar-se no lanço posterior do primeiro pátio do colégio, que era onde estava em 1860.¹⁸⁹ Confirma-se, assim, a perda de protagonismo da capela nas fachadas dos colégios seculares alcaínos.

Vejamos ainda os colégios seculares da terceira cidade universitária ibérica, **Coimbra**. Como já tivemos ocasião de mencionar, não se desenvolveu na cidade do Mondego uma rede de colégios seculares – foram sobretudo os colégios das ordens religiosas a implantar-se. Não obstante, vimos que os dois colégios erguidos no arranque da rua da Sofia por frei Brás de Braga, os de Todos-os-Santos e de São Miguel, eram seculares (veja-se no capítulo anterior, a fig.7). Foram extintos quando se cederam os edifícios para a construção do novo colégio das Artes, em 1547.

Referimos também que uma série de prelados haviam começado a construir colégios seculares na rua da Sofia, no início da década de 1540, mas que estes haviam sido revertidos para as ordens religiosas a partir de 1544, em função da fixação definitiva da universidade e das faculdades superiores na cidade alta. Destes colégios seculares da baixa, apenas o colégio de São Pedro, fundado pelo futuro bispo de Miranda Rui Lopes de Carvalho, vingaria. Ainda assim, seria transferido para a ala nascente do paço real e para junto da universidade, em 1574, por ordem de D. Sebastião.¹⁹⁰ Enquanto o edifício original foi demolido e reconstruído pelos franciscanos da ordem terceira nos primeiros anos do século XVII, as novas instalações do colégio não eram mais que um braço do antigo paço real adaptado, pelo que não terão demasiado interesse para o nosso estudo.¹⁹¹

¹⁸⁸ *Ibidem*, p.113.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p.122.

¹⁹⁰ “Nesta mudança passou para a mais elevada categoria, vindo porém só a ter os estatutos definitivos e correspondentes em 1599”, **Vergílio CORREIA, António NOGUEIRA GONÇALVES, Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra**, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1947, p.113.

¹⁹¹ O portal do colégio colocou-se junto da porta de acesso ao paço real (a actual porta férrea) à sua esquerda. A capela colegial situava-se no andar nobre, por cima deste acesso. *Ibidem*, p.113-114.

Assim, e em termos arquitectónicos, o mais significativo colégio secular de Coimbra era o colégio “real” de São Paulo, que se começou a levantar em 1548-49 sobre o antigo estudo geral do Rei D. Dinis, que foi demolido.¹⁹² O colégio foi instituído pelo próprio D. João III, em acção concertada com o reitor da universidade, frei Diogo de Murça, de modo a compensar o desaparecimento dos colégios seculares da baixa.¹⁹³ Inaugurou-se solenemente em 2 de Maio de 1563 e destinava-se a 24 colegiais já graduados, segundo os estatutos de 1559.¹⁹⁴

Conhece-se o edifício (hoje desaparecido e que se situava, justamente, a nascente do paço real das escolas, onde hoje está a biblioteca geral), por meio de uma série de desenhos de levantamento setecentistas, incluindo vistas e plantas, realizados após o terramoto de Lisboa de 1755, que danificou bastante o colégio.¹⁹⁵ Era um bloco quadrangular compacto, de dois pavimentos (**fig.43**) de planta irregular e que se organizava em torno de um pátio sensivelmente alongado (**figs.44 e 45**¹⁹⁶).

A entrada principal marcava-se por um portal renascentista a eixo da fachada, voltada a norte, que dava acesso ao átrio. Ao nível do pavimento térreo, e nesta ala, não havia outras dependências que não fossem secundárias (dispensas, armazéns), marcadas por pequenas aberturas no alçado. Deste modo garantia-se a necessária reserva do colégio face à movimentada rua Larga que lhe passava em frente. Como já tivemos ocasião de mencionar num

¹⁹² Veja-se **Margarida BRANDÃO, O Colégio de S. Paulo**, Coimbra, edição da autora, 1973, Vol.I, p.69 e seguintes.

¹⁹³ “Era, pois, premente a necessidade de estabelecer junto da Universidade um instituto que preenchesse o vazio deixado pelos dois colégios de Santa Cruz...”, *ibidem*, p.60.

¹⁹⁴ Os estatutos, aprovados pelo rei em 15 de Março de 1559, podem ver-se em *ibidem*, Vol.II, p.3 e seguintes.

¹⁹⁵ As vistas foram originalmente publicadas por **António de VASCONCELOS, Os colégios universitários de Coimbra**, Coimbra, Coimbra Editora, 1938, p.80-87. Vistas e plantas pertencem ao espólio do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra. Fez-se mesmo um projecto para um colégio totalmente novo, da autoria do arquitecto italiano Giacomo Azzolini, que não se realizou. Veja-se **Rui LOBO, “Os colégios universitários de Coimbra. Enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica”**, Revista *Monumentos*, Lisboa, Num.25, 2006, p.32-45 (p.42-43).

¹⁹⁶ Existem pelo menos duas plantas setecentistas do colégio. Ambas sobrepõem a representação dos dois níveis, o rés-do-chão e o primeiro andar, perdendo-se, no processo, uma leitura clara das divisões do pavimento térreo. Por isso realizamos estas duas plantas separadas, que foram também adaptadas aos irregulares contornos do terreno dados pela planta de Coimbra dos irmãos Goullard, de 1873-1874. As legendas foram retiradas dos desenhos originais, ainda que não tenhamos conseguido confirmar cabalmente uma ou outra correspondência.

artigo de 2006,¹⁹⁷ o aspecto mais notório era a ausência de galerias em redor do pátio, no piso térreo. Tão pouco havia comunicação directa entre os vários sectores funcionais do colégio. Deste modo, para se ir do átrio de entrada no colégio para a “sala da sapiência” ou para capela (esta, na ala poente), tinha de se atravessar o pátio a céu aberto ou à chuva. O mesmo sucedia para se aceder ao refeitório e cozinhas, ambos na ala sul.

A nosso ver esta particularidade insólita só se pode entender à luz de uma afirmação da “secularidade” deste colégio, por contraste evidente com os claustros dos colégios “monásticos” das ordens religiosas. Nem se poderá pensar que umas eventuais galerias térreas do pátio tenham ficado por fazer, pois existiam corredores de serviço ao longo dos quatro lanços do pavimento superior. Este nível servia exclusivamente para os quartos dos colegiais. Acedia-se a estes corredores superiores, por uma escadaria dupla que saía debaixo de um pórtico subsequente ao átrio do colégio, pórtico que sustentava uma varanda (veja-se novamente as plantas).

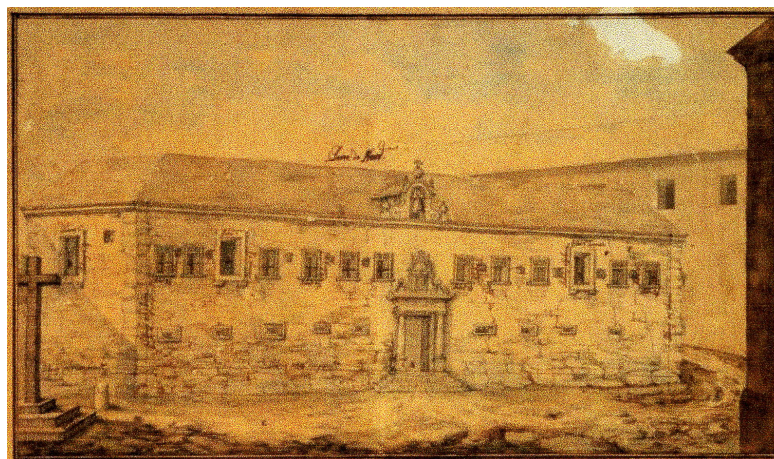
Aproveitaram-se as casas por detrás do colégio para acomodar a livraria, ao nível do piso superior das mesmas, e à qual os colegiais acediam por meio de uma escada-ponte, sobre um arco.

Resta acrescentar que em Coimbra se deu um fenómeno curioso. A partir do século XVII muitos dos colégios de ordens religiosos instalados na alta da cidade (lórios, franciscanos “pimentas”, eremitas da serra d’Ossa, entre outros) passaram a preferir a adopção de tipologias de colégios civis, “palacianas”, mais adaptadas ao tipo de inserção urbana dos quarteirões do bairro universitário. Mencionaremos estas fundações, de forma resumida, um pouco mais adiante.¹⁹⁸ No entanto fica o registo de que a conformação arquitectónica genérica do colégio secular teve, em Coimbra, mais repercussão que o seu modelo programático.

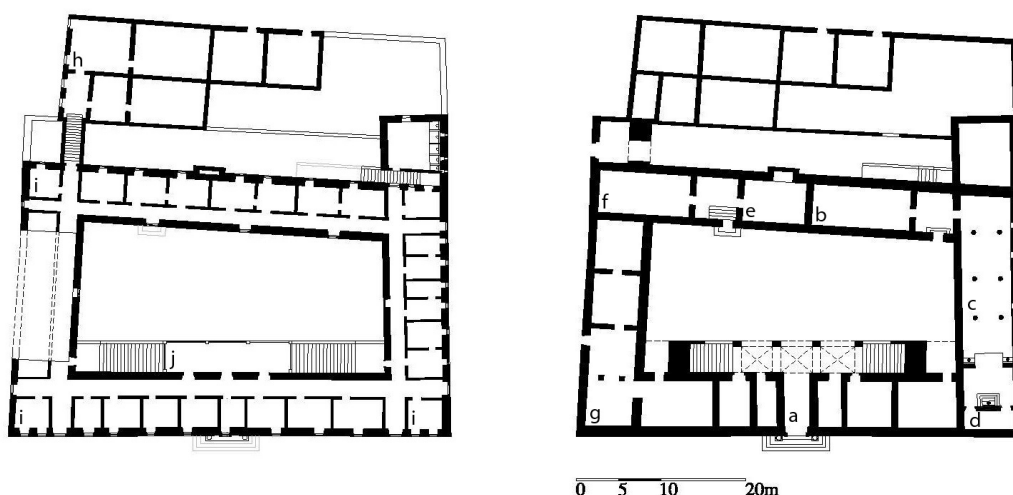
¹⁹⁷ Rui LOBO, “Os colégios universitários de Coimbra...”, 2006, p.40-41.

¹⁹⁸ Veja-se a secção f) do presente capítulo.

Fig.43
Coimbra, Colégio
de São Paulo.
Fachada no séc. XVIII
(desenho do MNMC).



Figs.44-45
Coimbra, Colégio
de São Paulo.
Plantas do primeiro andar
e do pavimento térreo:
a. átrio; b. sala; c. capela;
d. sacristia; e. cozinha
f. refeitório; g. casas dos
fâmulos; h. livreria; i. quartos
dos colegiais; j. varanda
(desenhos do autor).



e) colégios de ordens militares

Para além dos *colégios Mayores* e dos colégios seculares, surgiu ainda um outro tipo de colégio, nas universidades ibéricas, que escapa à classificação sumária entre colégio secular e colégio regular. Falamos dos colégios das ordens militares, que se implantaram sobretudo em Salamanca e em Coimbra.¹⁹⁹

Em Salamanca, a maioria dos colégios destas ordens estiveram instalados, durante muito tempo, em casas arrendadas. Quando foi possível, ou relevante, erguerem-se edifícios novos, normalmente em época tardia (apenas um destes

¹⁹⁹ Em Alcalá, o colégio da ordem militar de Santiago teve existência efémera entre 1525 e 1535, ano em que se trasladou a Salamanca. Em Valência existiu, desde inícios do século XVII, o *collegi de Sant Jordi*, da ordem militar de Santa María de Montesa.

novos edifícios seria começado ainda no século XVI), foram levantados colégios de grandes dimensões e de expressão marcadamente civil.

Com efeito, as quatro principais ordens militares espanholas enviaram colegiais para Salamanca, em meados de Quinhentos, tendo gozado do apoio de Carlos V. O *colegio de San Juan*, da ordem de *San Juan de Jerusalén*, e estabelecido em 1534, nunca dispôs de um edifício de nova planta. Nos finais do século XVIII situava-se em casas urbanas a poente da *plaza Mayor*.²⁰⁰

Já o colégio da ordem militar de Santiago, conhecido também como *colegio del Rey*, teve uma história diferente. Inicialmente havia-se instalado, não em Salamanca, mas em Alcalá, onde funcionou numas casas da *calle de Santiago* entre 1525 e 1534, data em que se transferiu para a cidade do Tormes. Passou por vários locais até que se começou um edifício novo, em 1566, com projecto (mais uma vez) de Rodrigo Gil de Hontañón,²⁰¹ no extremo sudoeste do monte das catedrais, em posição dominante sobre o rio. A fachada não se virava para a paisagem, orientando-se antes no sentido do bairro universitário, para norte.

Não se conhece como era o projecto de Rodrigo Gil. A evolução da obra foi lenta. Segundo Casaseca, até 1577, data do falecimento daquele mestre, estaria levantado o pavimento térreo do sector nordeste do colégio, incluindo parte da fachada norte, e uma ou duas alas do pátio principal.²⁰² A capela ainda não se tinha começado. Em 1588 dão-se conta de umas primeiras intenções de alterar a disposição da capela/igreja no âmbito da planta do colégio.²⁰³ Neste sentido, julgamos que o novo projecto da fachada, de Juan Gómez de Mora, *arquitecto mayor* das obras reais, de 1623, dava resposta a modificações operadas na planta original.

A fachada desenhada por Gómez de Mora (**fig.46**) era a de um edifício imponente, com uma frente alongada de três pisos (sendo o piso superior uma

²⁰⁰ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Colégios desaparecidos”..., 2004, p.475 (veja-se o capítulo 3.2 da presente dissertação, figura 7).

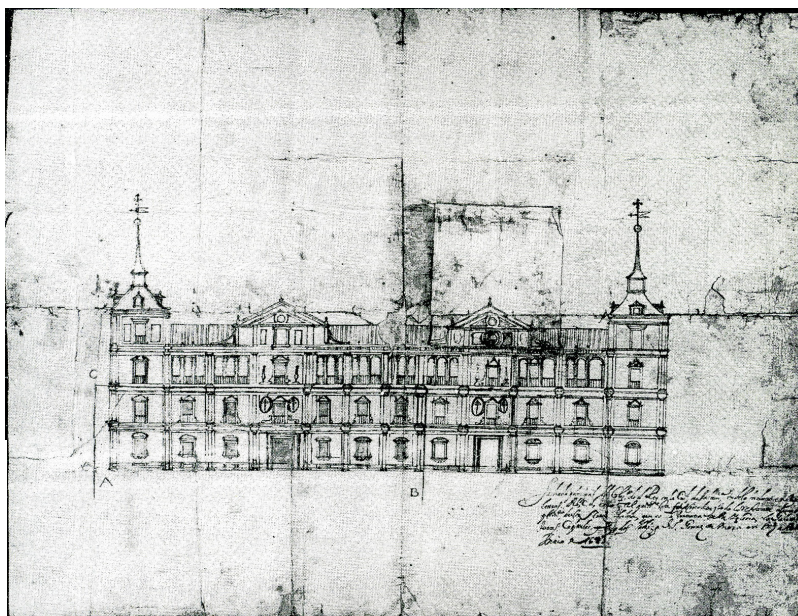
²⁰¹ Virginia TOVAR MARTÍN, “El Colegio de la Orden Militar de Santiago en Salamanca”, *Archivo Español de Arte*, Madrid, Tomo XLIX, Num. 196, 1976, p.417-434 (p.420).

²⁰² Antonio CASASECA CASASECA, *Rodrigo Gil...*, 1988, p.255-256. Por uma descrição de 1791, o pátio principal seria sensivelmente quadrado (34 passos de profundidade por 28 de largura), de dois pisos, e para o qual se abriam galerias delimitadas por colunas altas, definindo 30 vãos de dintel em cada nível (7+8+7+8), Virginia TOVAR MARTÍN, “El Colegio de la Orden Militar...”, 1976, p.428. Veja-se uma fotografia antiga do pátio na p.432.

²⁰³ *Ibidem*, p.421 e 422.

varanda) rematada nos extremos por duas torres cobertas pelos recorrentes “chapiteles” escorialescos. O colégio não ostentava uma porta, mas duas, idênticas e dispostas simetricamente (tal como no *colegio de Málaga* de Alcalá), uma que dava acesso ao já mencionado pátio principal (à esquerda) e outra por onde se entrava para a igreja colegial, sem que esta se distinguisse por entre a neutralidade “civil” do alçado. Na prumada das portas, ao nível de um quarto piso, deveriam surgir áticos, rematados por frontões triangulares. Desde logo, parece pouco crível que Rodrigo Gil tivesse abandonado o esquema de uma única entrada no colégio, em posição central, que havia empregue noutros edifícios universitários por ele projectados (*colegio de San Pelayo*, universidade de Oviedo, entre outras obras do mesmo género em que participou). A disposição da capela também não é a “canónica”, ao longo do lanço da fachada (embora no *colegio de Huérfanos*, não tenha aparentemente, repetido este esquema). Já as torres, é possível que se previssem de início. Seja como for, a ideia que perpassa, a nosso ver, é a de uma ampliação do projecto original, no sentido do ocidente.

Fig.46
Salamanca. *Colegio del Rey*.
Projecto de Juan Gómez
de Mora para a fachada.
(Archivo Historico
Nacional de Madrid)



A igreja só estaria terminada cerca de 1738, quando se encomendaram retábulo, altares e ornamentos.²⁰⁴ Não obstante, o colégio estava ainda incompleto quando o visitou António Ponz, que o classificou de “obra seria e majestuosa”, “de lo mejor que hay en Salamanca”.²⁰⁵ Houve ainda uma intervenção de monta entre 1786 e 1790.²⁰⁶ Na fachada, parece que nunca se chegaram a levantar as duas torres. O colégio destruiu-se na ocupação francesa de Salamanca, em 1812.

As outras ordens militares, de Alcântara e de Calatrava tiveram também colégios em Salamanca, ambos estabelecidos em 1552, em casas pré-existentes, o primeiro na casa nobre dos Abarca Alcaraz,²⁰⁷ o segundo em casas perto da actual *plaza Mayor*.²⁰⁸ Só no século XVIII é que estas duas ordens militares decidiram avançar para a construção de novos e imponentes colégios, a levantar de raiz, que não trataremos aqui por já ultrapassarem o período de tempo que nos propusemos abordar. Podemos apenas referir que o primeiro a concretizar-se foi o de Calatrava, que se ergueu a nascente do convento dominicano de *San Esteban* a partir de 1717, de acordo com um projecto de Joaquín de Churriguera. O edifício inaugurou-se provisoriamente em 1736. A construção, contudo, só terminaria em 1790.²⁰⁹ O imóvel ainda subsiste. O novo e grandioso colégio de Alcântara começou a levantar-se no campo de São Francisco, na zona ocidental da cidade, em 1790, segundo um projecto neoclássico do arquitecto Ramón Durán, discípulo de Ventura Rodríguez. As obras foram interrompidas em 1801, não restando nenhum vestígio do edifício actualmente.²¹⁰

²⁰⁴ *Ibidem*, p.425-426.

²⁰⁵ Antonio PONZ (1772-78), *Viaje de España...*, 1947, p.1100, citado por Virginia TOVAR MARTÍN, “El Colegio de la Orden Militar...”, 1976, p.427.

²⁰⁶ *Ibidem*, p.427 e seguintes.

²⁰⁷ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Colégios desaparecidos”..., 2004, p.477 (veja-se novamente o capítulo 3.2, figura 7).

²⁰⁸ Alfonso RODRÍGUEZ G. DE CEBALLOS, *Estudios del barroco salmantino. El Colegio de la Orden Militar de Calatrava de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantnos, 1972, p.11.

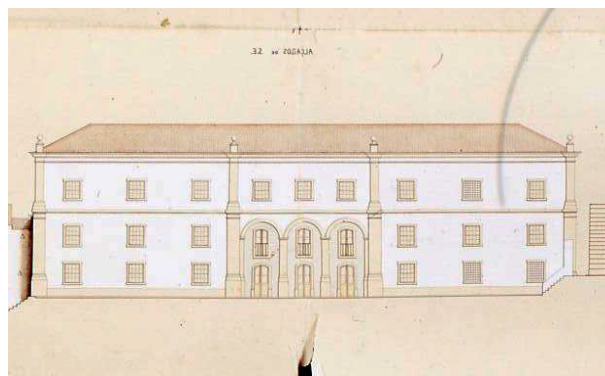
²⁰⁹ *Ibidem*, p.16, 23 e 39.

²¹⁰ Sobre este edifício veja-se Virginia TOVAR MARTÍN, “Don Melchor Gaspar de Jovellanos y el Arquitecto Don Ramon Duran en la obra del Colegio de la Orden de Alcántara en Salamanca (1790)”, *Academia, Boletín de la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando*, Madrid, Num.51, 1980, p.41-105; e Itziar ASENSIO ZAN, “Nuevos datos

Em Coimbra instalaram-se dois grupos de colegiais de ordens militares, o da ordem de Cristo e o das ordens de Santiago e de São Bento de Avis. Entre elas havia uma distinção clara, que veio a reflectir-se na arquitectura, já que a ordem de Cristo (sediada em Tomar, herdeira em Portugal dos templários) obedecia, desde a sua reforma em 1527, à regra de Cister. O colégio de Tomar organizou-se, por isso, de acordo com uma disposição conventual, com uma igreja de grandes dimensões, ostentando duas torres na fachada, ladeando o quadrângulo do claustro. Seria levantado na plataforma a nascente da alta, fora dos muros da cidade, entre 1566 (lançamento da primeira pedra) e 1713 (quando se sagrou o novo templo).²¹¹ Foi totalmente demolido no final do século XIX.

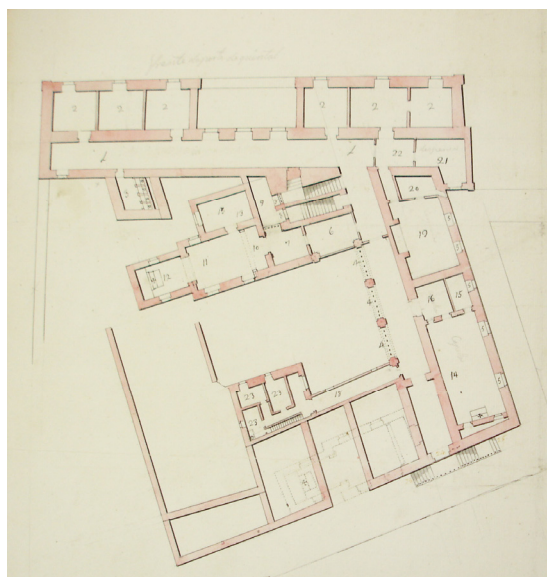
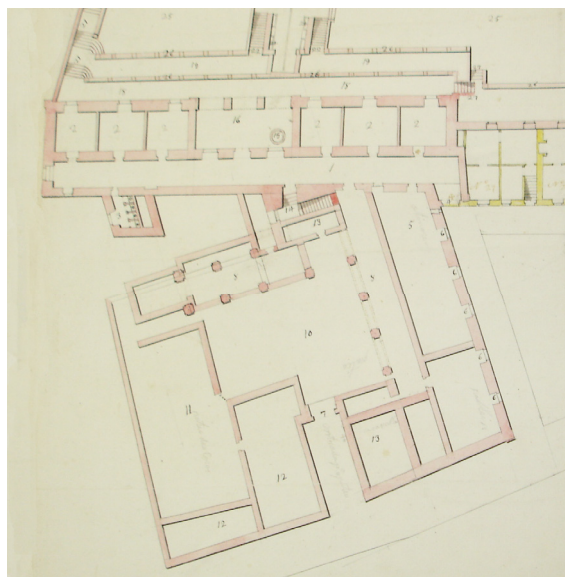
Fig.47

Coimbra. Colégio dos Militares.
Fachada principal no século XVII
(Fonte: Biblioteca Geral da
Universidade de Coimbra)



Figs.48-49

Coimbra. Colégio dos Militares.
Plantas do rés-do-chão e do
primeiro andar no século XVII
(Fonte: Biblioteca Geral da
Universidade de Coimbra)



sobre la obra desaparecida en Salamanca: el Colegio de la Orden Militar de Alcantara”,
Salamanca, Revista Provincial de Estudios, Salamanca, Num.27-28, 1991, p.73-95.

²¹¹ Veja-se J. de Brito e SILVA, *O Colégio de Tomar (1556-1713)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929.

O colégio das restantes duas ordens, que ficou conhecido como colégio dos Militares, foi fundado em 1615, mas só em 1627 se começou um novo edifício, traçado por Diogo Marques Lucas.²¹² Implantou-se junto ao antigo castelo da cidade, junto da porta nascente da cidade alta (a porta do Sol ou do Castelo). A obra seria levada a cabo por outro arquitecto, Mateus do Couto. A fachada, de três pisos (**fig.47**), era a de um palácio urbano. Umas plantas do final do século XVIII (**figs.48 e 49**) dão a entender que o edifício se terá projectado de modo a organizar-se em torno de um pátio quadrangular (enviesado em relação à fachada) que nunca se completou.

f) Colégios regulares

Como facilmente se poderá verificar, foram numerosas as ordens religiosas que se estabeleceram nas cidades com universidade, em particular nas três cidades universitárias que temos vindo a acompanhar com maior atenção, Salamanca, Alcalá e Coimbra, a partir de inícios do século XVI.

Não é nosso objectivo fazer aqui a análise e listagem sistemática dos edifícios que essas comunidades levantaram, cuja tipologia deve mais à arquitectura conventual, do que propriamente à arquitectura universitária. De facto, muitos desses imóveis eram conventos, ou colégios-conventos, concebidos a partir do tipo arquitectónico conventual corrente, composto por uma igreja (normalmente de média dimensão) à qual se adossava, a um dos lados, um volume compacto organizado em torno um claustro – esquema que a partir da segunda metade do século XVI pôde ganhar alguma maior complexidade com o surgimento de conjuntos com mais de um claustro, por vezes a um lado e outro da igreja.

Sucedeu, porém, que algumas ordens religiosas, em determinados locais, optaram por levantar colégios de carácter assumidamente civil, pelo que deram um inusitado contributo à arquitectura universitária, que pretendemos analisar nesta dissertação. De resto, já observamos um desses edifícios (ao qual dedicámos o capítulo 2.8.), o colégio dominicano de *San Gregório* de Valladolid, que se levantou paredes-meias com o importante convento

²¹² Sobre este colégio veja-se **Pedro DIAS**, “As obras de construção do colégio conimbricense das ordens militares, durante o século XVII”, *Alta de Coimbra. História – Arte – Tradição*, Coimbra, 1988, p.231-245.

dominicano de *San Pablo*. Levado a cabo entre 1487 e 1496, constituiu o primeiro colégio universitário regular provido de um edifício próprio. A vizinhança com o referido convento, e a sua fundação por iniciativa individual de um dominicano mais activo (*Fray Alonso de Burgos*, então bispo de Palência), terá propiciado a opção por um edifício que se distinguía pelo seu carácter arquitectónico. Com efeito, e apesar de possuir uma pequena capela legível desde o exterior, o *colegio de San Gregório* afirmou-se por meio do fantástico portal trabalhado, que se elevava mais alto do que a céntrica do edifício, ao centro da sua extensa fachada de pedra. Neste sentido, aproximava-se mais da expressão de um equipamento público urbano, como por exemplo de um grande hospital.

Em **Salamanca**, no convento dominicano de *San Esteban*, foram estabelecidos dois colégios, embora um deles não nos interesse particularmente. O *colegio De Cayetano* não era bem um colégio. Programado pelo geral da ordem, Tomás de Vio Cayetano, em 1515, não era mais do que um regime especial concedido a 12, e depois 25, frades do convento de modo a que pudessem dedicar mais tempo aos estudos. Como nos diz Clara Inés Ramírez, “*era pues un colegio solo para los miembros del convento. Ser colegial constituía, ante todo, una condición jurídica, con sus privilegios y obligaciones, pero no implicaba, al parecer, ningún lugar físico diferente del que ocupaban los frailes no nominados*”.²¹³

Diferente carácter teve o *colegio de Santo Domingo de la Cruz*, criado à ilharga do convento dominicano a partir de 1532. Foi seu fundador *fray Domingo de Baltanás Mexia*, que contou com o apoio da duquesa de Béjar para o projecto. Segundo os estatutos, das trinta prebendas previstas, vinte destinavam-se a frades de conventos andaluzes e dez a frades de conventos castelhanos, dois dos quais de *San Esteban*.²¹⁴ O colégio estabeleceu-se num edifício de tipo

²¹³ Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “El colegio de Santo Domingo de la Cruz, una fundación dentro del convento de San Esteban de Salamanca”, *Archivo Dominicano*, Num. XVII, 1996, Salamanca, 1996, p.187-207 (p.192).

²¹⁴ “Los pocos datos existentes sobre el tema del gobierno no permiten saber quién era el rector. Por lo demás, el colegio quedaba sometido, en primer lugar, al provincial, encargado de la visita anual, y en última instancia a los consiliarios, frailes del convento de San Esteban; uno de ellos actuaría como vicerrector. El gobierno del colegio quedaba, así, fuera de sus propios



Fig.50
Salamanca. *Colegio de Santo Domingo de la Cruz.*

pavilionar, de apenas um piso, que ainda subsiste (**fig.50**), embora não seja evidente como se organizaria o espaço interior.²¹⁵

O colégio teve um período de funcionamento estável entre 1535 e, pelo menos, 1551, após o qual escasseiam as referências. Influíram para o fim deste instituto a falta de pagamento de rendas, a caída em desgraça de ambos os fundadores (cerca de 1560) e, sobretudo, a outorga de privilégios ao colégio dominicano de *Santo Tomás* de Sevilha, por Carlos V, equiparando-o às universidades de Salamanca e Valladolid.²¹⁶ Transformou-se, pois, o colégio sevilhano em “colégio-universidade”,²¹⁷ deixando de viajar os colegiais andaluzes até Salamanca. Importa ainda mencionar que *Santo Domingo de la Cruz* era um pequeno colégio, que não tinha a mesma categoria que os mencionados de *San Gregorio* de Valladolid ou *Santo Tomás* de Sevilha, colégios gerais da ordem.²¹⁸

Em Salamanca sugeriram outros colégios de ordens religiosas a par dos respectivos conventos. O convento de *San Agustín* de Salamanca (dos agostinhos calçados) funcionou, desde finais da Idade Média, como estudo geral da ordem agostinha na província de Castela. O estabelecimento do respectivo colégio agostinho resultaria do testamento de uma benfeitora (outra

miembros, pero además, era ejercido por miembros de la provincia castellana, pese a tener una mayoría de colegiales andaluces”. Ibidem, p.197. Sobre os estatutos veja-se as p.195-196.

²¹⁵ Actualmente, não existe compartimentação interna pois encontra-se adaptado a um grande *open-space* de uma galeria de exposições.

²¹⁶ Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “El colegio de Santo Domingo...”, 1996, p.200.

²¹⁷ Em Sevilha existia já um convento dominicano, o de *San Pablo*, em zona distinta da cidade.

²¹⁸ Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “Las órdenes religiosas en la Edad moderna. El contexto”, in Luís Enrique Rodríguez-San Pedro Bezares (Ed.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, Vol.I (*Trayectoria histórica e instituciones vinculadas*), p.563-588 (p.570).

vez a duquesa de Bejar), datado de 1533. O colégio destinava-se, aparentemente, a 50 religiosos pobres e só em 1542 se confirmou a reversão do testamento a favor da ordem. E apenas em 1566 se inaugurou o *colegio de San Guillermo*, cujo edifício “*debía ser distinto del convento*”.²¹⁹ Pouco mais conseguimos retirar, da informação publicada recentemente, sobre este colégio, destruído (tal como o convento) em inícios de Oitocentos.

Também já não subsistem o convento jerónimo de *Nuestra Señora de la Victoria* (fundado em 1510 a oriente da cidade) e o colégio anexo. Sobre este colégio, *de Guadalupe*, apenas se sabe que “*se construyó a mediados del siglo XVI*” e que “*se organizaba en torno a un claustro y poseía una capilla concluida en 1578*”.²²⁰

Estes são casos relativamente excepcionais. Ainda assim (e apesar da autonomia estrutural que tendemos a verificar), pode discutir-se até que ponto estes colégios “anexos” se afirmavam enquanto edifícios isolados, face à sua integração em estruturas conventuais mais complexas.

De resto, e como referimos anteriormente, as restantes ordens religiosas que começavam a chegar a Salamanca a partir dos inícios de Quinhentos, tenderam a levantar “conventos”, de acordo com as tipologias da arquitectura conventual, sujeitas às eventuais particularidades de cada ordem.²²¹ A estas, devem ainda juntar-se os jesuítas, membros de uma congregação particular. Os seus membros eram padres, e não frades, e fundavam “colégios” em vez de “conventos”, apesar de que os seus edifícios fossem, de facto, e na maior parte dos casos, verdadeiros conventos.

²¹⁹ Teófilo VIÑAS ROMÁN, “El convento de San Agustín y el colegio de San Guillermo”, in Luís Enrique Rodríguez-San Pedro Bezares (Ed.), *Idem*, p.635-666 (p.643-644).

²²⁰ María Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, Ana CASTRO SANTAMARÍA, “Colegios desaparecidos”..., 2004, p.479.

²²¹ A lista de conventos surgidos durante os séculos XVI e XVII em Salamanca é extensa. Para além de alguns conventos fundados no período medieval estabeleceram-se, atraídos pela universidade, os carmelitas calçados, jerónimos, cistercienses, mínimos, premonstratenses, trinitários calçados, agostinhos recolectos, basílios, trinitários descalços, clérigos menores de *San Carlos*, teatinos, carmelitas descalços, mercediários descalços, franciscanos descalços de Santo António. *Ibidem*, p.478-484. Veja-se também Julián ALVAREZ VILLAR, “Colegios y conventos, siglos XIII-XX”, in Luís Enrique Rodríguez-San Pedro Bezares (Ed.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, Vol.II (*Estructuras y Flujos*), p.457-469. Sobre os muitos colégios-conventos que entretanto desapareceram pode ainda ver-se Joaquín de VARGAS AGUIRRE, *Dibujos salmantinos* (inícios do século XX), Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1974.

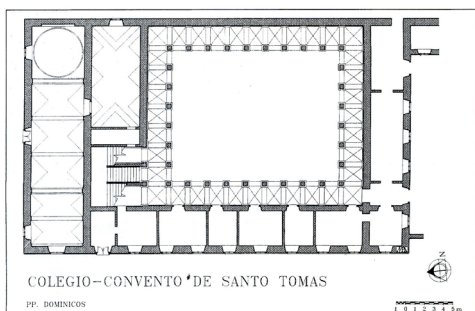


Fig.51
Alcalá de Henares.
Planta do colégio-convento
de Santo Tomas, levantado
a partir de 1604
(fonte: Carmen Román, 1994)

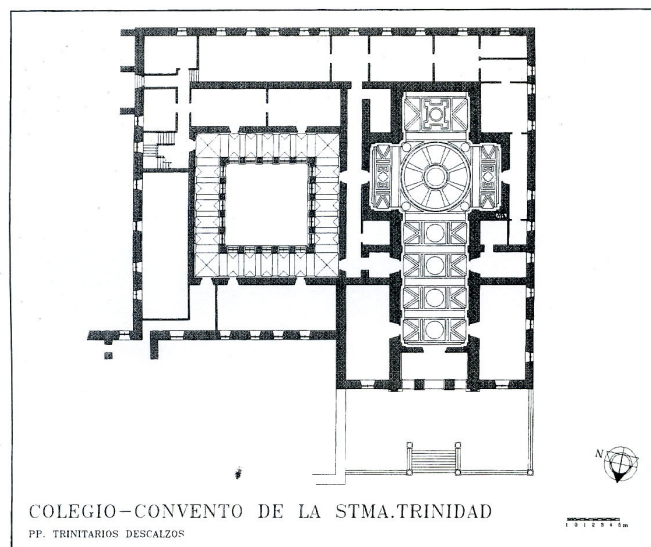


Fig.52
Alcalá de Henares.
Planta do colégio-convento
de la Santísima Trinidad,
levantado a partir de 1626
(fonte: Carmen Román, 1994)

Já os edifícios ou casas das ordens religiosas estabelecidas anteriormente, durante o final da Idade Média, e cujos institutos estavam associados à universidade, foram quase totalmente reconstruídos e ampliados (no registo de uma arquitectura conventual renovada) a partir de inícios do século XVI, casos dos dominicanos de *San Esteban*, dos agostinhos, dos beneditinos de *San Vicente*, dos cônegos regrantes de *Santa María de la Vega* ou dos mercediários.

Tal como em Salamanca, também em **Alcalá de Henares** a grande maioria das ordens religiosas fizeram levantar edifícios de tipo conventual, marcados por uma igreja de média dimensão, legível exteriormente, com acesso directo desde a rua, e à qual se associava um corpo lateral mais discreto (o colégio-convento propriamente dito) organizado em torno de um claustro (**figs.51 e 52**). Estas igrejas, bem como os *chapiteles* de remate dos torreões de alguns colégios seculares, contribuíam para o notável perfil da cidade, assente sobre uma extensa planura. Como notou o viajante iluminista Antonio Ponz, a aproximação a Alcalá era digna de nota “*pues, conteniendo en su recinto*

treinta y ocho iglesias y diecinueve colegios, sobresale un número de cúpulas y torres que forman un razonable espectáculo”.²²² A tese de Carmen Román Pastor, dedicada à arquitectura conventual de Alcalá de Henares,²²³ dá-nos uma visão geral e aprofundada dos vários colégios-conventos fundados junto da universidade cisneriana, ao longo dos séculos XVI e XVII – cerca de 16.²²⁴ A exceção à fórmula arquitectónica que temos vindo a enunciar, foi o colégio de *Nuestra Señora de la Concepción*, dos mercedários calçados, que se levantou com recurso ao modelo civil dos colégios seculares alcalaínos. Instalados, desde 1518, numas casas novas da frente sul da antiga *calle de tenerías*, depois *calle de los colégios*, na “ilha” 14, os mercedários fariam erguer um novo edifício a partir de 1596, que estaria terminado pouco depois de 1607.

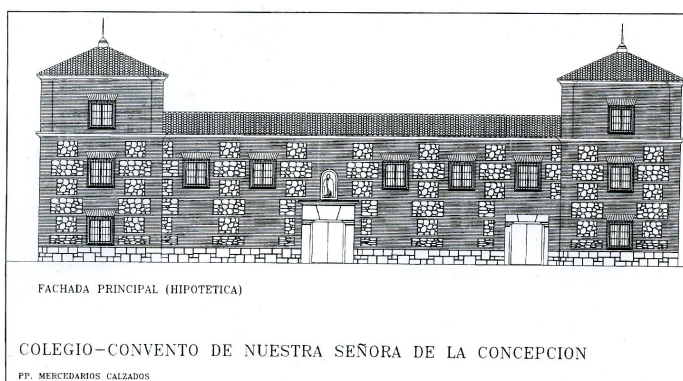
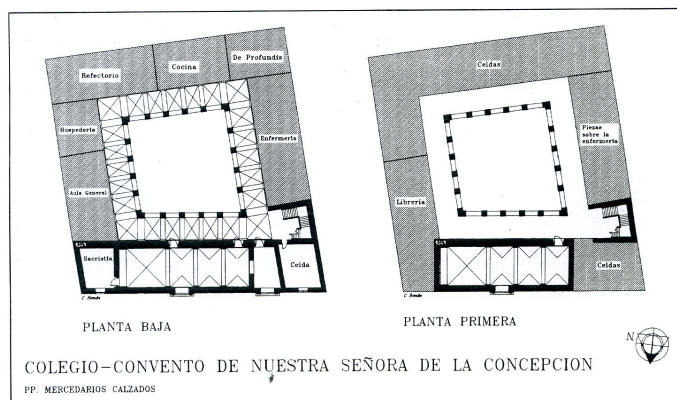


Fig.53

Alcalá de Henares.
Reconstituição conjectural da fachada do desaparecido colégio de *Nuestra Señora de la Concepción*, levantado a partir de 1596 (Fonte: Carmen Román)

Fig.54

Alcalá de Henares.
Reconstituição conjectural da planta do desaparecido colégio de *Nuestra Señora de la Concepción* (Fonte: Carmen Román)



²²² Antonio PONZ (1772-78), *Viaje de España...*, 1947, p.109.

²²³ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual de Alcalá de Henares*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1994. A tese inclui ainda a sistematização das fundações religiosas femininas, que não tratamos neste trabalho.

²²⁴ Colégios-conventos dos mercedários calçados, de *San Bernardo* (cisterciense), de carmelitas descalços de *San Cirilo*, dos trinitários calçados, dos agostinhos, dos dominicanos, dos mínimos, dos jesuítas, dos carmelitas calçados (ainda no século XVI). E os dos trinitários descalços, mercedários descalços, agostinhos descalços, capuchinhos, clérigos menores de São Francisco, de *San Carlos Borromeo*, e basílios (no século XVII).

De acordo com a proposta de reconstituição de Carmen Román (o edifício já não subsiste) o lanço da fachada compunha-se pelo habitual corpo horizontal de dois pisos, rematado nos extremos por dois torreões (**fig.53**). Terão influenciado a tomada desta opção a existência prévia de outros alçados do mesmo tipo já levantados ao longo da mesma rua, como a frente do *colegio nuevo*, pertencente ao complexo do *colegio Mayor de San Ildefonso* (do outro lado da via) ou a do vizinho *colegio de Manriques*, a que já nos referimos, na ilha 14^a. A porta principal do colégio mercediário situava-se ao centro, dando para o *zaguán*. A capela inseria-se no lanço da fachada, à direita deste átrio, com pé-direito duplo. Dispunha de uma acesso autónomo, lateral, a partir da rua. O restante colégio organizava-se em torno de um pátio quadrangular, irregular, pátio limitado por pilares e arcarias, de cinco arcos a cada lado e por piso (**fig.54**).²²⁵

Em **Coimbra**, a larga maioria dos colégios que se estabeleceram a partir de meados do século XVI (e até meados do século XVIII) foram colégios regulares, fundados pelas diversas ordens religiosas. Foram poucos os colégios seculares, como vimos. Os primeiros colégios regulares, seguiram também as tipologias arquitectónicas conventuais. Neste enquadramento, ocorreu, porém, o desenvolvimento de um novo tipo de claustro e de um novo tipo de igreja de carácter renascentista (marcada sobretudo pelo espaço interior), específico da cidade, e que se fariam repetir nos vários “colégios” das distintas ordens.

O processo de definição destes modelos originais de igreja e de claustro teve uma primeira etapa na construção do colégio da Graça, dos eremitas calçados de Santo Agostinho (**figs.55 a 57**), levantado entre 1543 e 1555 na rua da Sofia, pela mão de Diogo de Castilho, e onde se adivinha a influência classicizante de João de Ruão.²²⁶ Modelos que foram retomados e aperfeiçoa-

²²⁵ Carmen ROMÁN PASTOR, *Arquitectura conventual...*, 1994, p.169-177.

²²⁶ O claustro pré-renascentista (ainda com traços medievalizantes como sejam a separação dos vários tramos por meio de contrafortes), levantado entre 1543 e 1548, compõe-se por pares de arcos de volta inteira suportados por colunas protoclassicas. No primeiro andar (hoje transformado) existia uma varanda de peitoril de pedra, colunelos e entablamento recto. As galerias do pavimento térreo são cobertas por abóbadas de meio canhão, apoiadas em finos arcos torais de recorte romano. Nos claustros desta série subsequentes, desenvolver-se-iam colunas de capitéis jónicos e abóbadas de caixotões sobre as galerias.

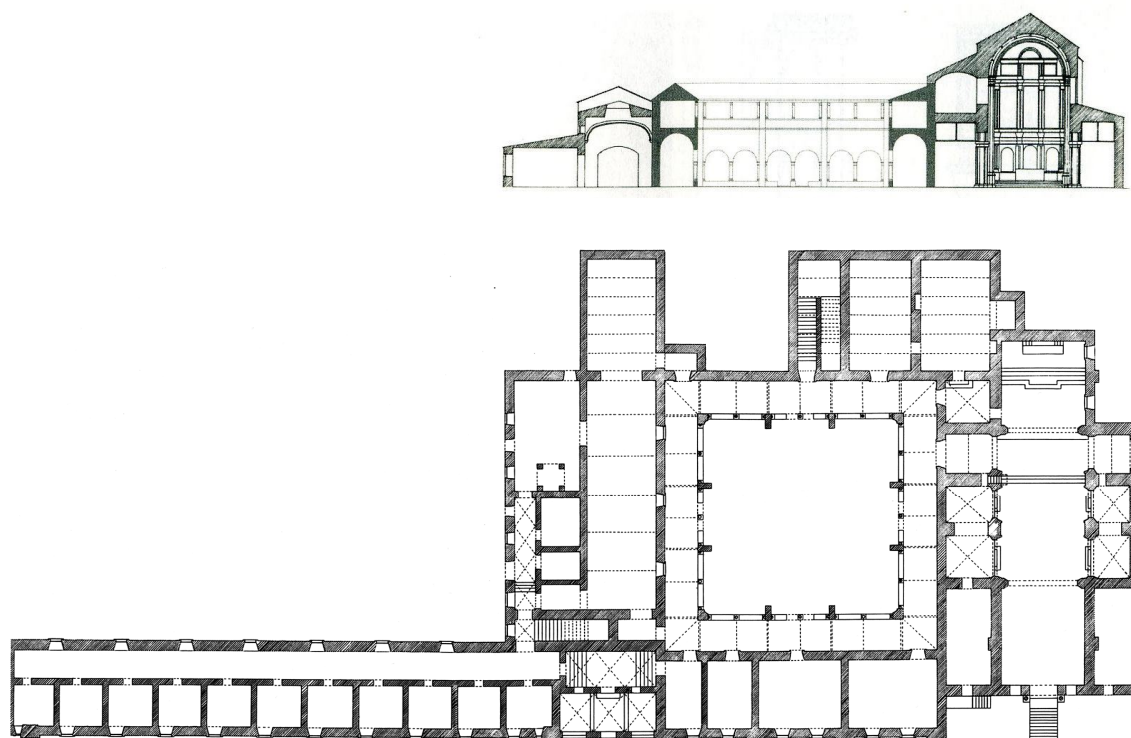
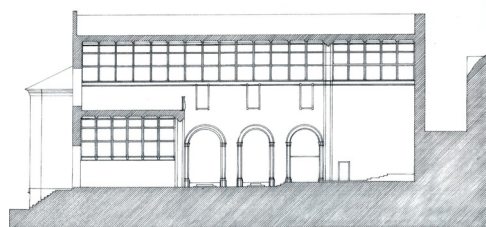


Fig. 55
Coimbra. Colégio da Graça (1543-1555).
Perfil com reconstituição do claustro
original (desenho do autor).

Fig. 56
Coimbra. Colégio da Graça (1543-1555).
Planta (desenho coordenado pelo autor).

Fig. 57
Coimbra. Igreja da Graça (1549-1555)
Corte longitudinal (desenho coordenado
pelo autor).



A belíssima igreja da Graça, erguida entre 1549 e 1555, tem a nave coberta por uma abóbada contínua de meio canhão, recoberta por caixotões clássicos e que se prolonga desde a linha da fachada até à testeira da capela-mor. Existe um coro alto sobre a entrada, e dispõem-se três capelas laterais a cada lado da nave. Marca-se a passagem da nave para a capela-mor por meio de um elegante arco triunfal. Na fachada, que dispõe de uma pequena torre-campanário lateral, sobressaiem o modesto portal clássico e a janela que ilumina o coro alto e a nave. Remata-se por meio de um frontão pouco canónico. Veja-se, sobre o colégio da Graça, entre outros trabalhos, os mais recentes Rui LOBO, *Santa Cruz e a Rua da Sofia...* (1999), 2006, p.133-143 e p.175-188; e Maria de Lurdes CRAVEIRO, *O Renascimento em Coimbra...*, 2002, p.236-240 e p.247-255.

dos noutros colégios da baixa e da alta da cidade, com maior longevidade o tipo de igreja que o do claustro.²²⁷

Houve ainda um colégio regular que seguiu a tipologia secular patente no colégio de São Paulo da cidade alta, que já observámos nesta dissertação. Falamos do colégio dominicano de São Tomás (**fig.58**), levantado na frente ocidental rua da Sofia entre 1546 e 1566, à ilharga do também novo convento dominicano. Esta particularidade, de se situar paredes-meias com o convento da mesma ordem, terá justificado a opção construtiva por um edifício de tipo distinto – um bloco quadrangular dotado de uma muito provável capela interna, disposto em torno de um pátio central, cujos alçados se baseavam formalmente no citado claustro da Graça.

Fenómeno curioso que ocorreu a partir de inícios do século XVII no desaparecido bairro universitário da cidade alta – e que, a nosso ver, distingue o caso conimbricense dos casos salmantino e alcalaíno – foi o da construção sistemática de edifícios de tipo civil, ou “palaciano”, para albergarem os colégios das novas ordens religiosas que se iam instalando à sombra da universidade.²²⁸ Enquadram-se neste registo os colégios dos Lóios (ou de São João Evangelista, **fig.59**), de São Boaventura (franciscano), de São Paulo Eremita (dos eremitas da serra d’Ossa) ou de Santa Rita (dos agostinhos descalços).²²⁹ Como observamos num artigo recente,²³⁰ as grandes fundações de tipo conventual levantadas na mesma época (colégios-conventos de São Bento, de São José dos Marianos, e o colégio da ordem militar de Cristo)

²²⁷ . Outros claustros do género foram os dos colégios das Artes (um pátio, e não um claustro), de São Tomás, do Carmo (todos na baixa) e do colégio de São Jerónimo (na alta). Este modelo seria substituído por outro, “maneirista”, no final do século XVI – o do colégio Novo de Santo Agostinho. Sobre estes claustros veja-se o artigo fundamental de **José Eduardo Horta CORREIA**, “A importância dos colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses”, *Actas do Congresso História da Universidade – 7º centenário*, Vol.II, Coimbra, 1991, p.269-290.

Igrejas que seguiram o modelo da igreja da Graça, com alterações pontuais, foram as de São Jerónimo e da Trindade (na alta), do Carmo e de São Pedro dos franciscanos (na baixa) e a capela interna do colégio Novo de Santo Agostinho. Importa referir que as duas igrejas citadas da baixa da cidade, na rua da Sofia, dispunham já de nártex e de duas torres sobre a fachada, fórmula que se tornou mais comum em Portugal a partir da segunda metade do século XVI.

²²⁸ Rui LOBO, “Os colégios universitários de Coimbra...”, 2006, p.32-45.

²²⁹ E também o colégio Novo de Santo Agostinho, levantado pelos cónegos regrantes de Santa Cruz, na encosta noroeste da cidade. Veja-se, sobre estes colégios, António de VASCONCELOS, *Os colégios universitários de Coimbra...*, 1938, e Vergílio CORREIA, António NOGUEIRA GONÇALVES, *Inventário Artístico...*, 1947.

²³⁰ Rui LOBO, “Os colégios universitários de Coimbra...”, 2006, p.32-45.



Fig.58

Coimbra. O desaparecido colégio de Santo Tomás (1546-1566), na rua da Sofia. Atrás vê-se a igreja inacabada do convento de São Domingos (detalhe de fotografia, colecção Alexandre Ramires).

Fig.59

Coimbra. O desaparecido colégio dos Lóios (1631-1638), na cidade alta (fonte: associação dos antigos estudantes de Coimbra).



tenderam a situar-se fora da cidade alta murada, onde tiveram mais espaço para se implantarem, rodeados das suas cercas.

g) Colégios-universidade

Na segunda parte desta dissertação acompanhamos o surgimento (no final do século XV e princípios do século seguinte) dos dois primeiros colégios-universidade, o de *San Antonio Portaceli* de Sigüenza e o *colegio Mayor de San Ildefonso* de Alcalá de Henares. Em termos programáticos, um colégio-universidade era um edifício simultaneamente colegial (isto é, albergava uma

comunidade residente de colegiais) e sede da universidade (pois, no seu âmbito, existiam as salas de aulas, capela, sala de actos públicos e livraria, próprios da universidade). Neste quadro era normalmente a comunidade residente, o colégio de estudantes e o seu reitor, que geriam e administravam a vida académica.

Pudemos ver também, desde logo, que os dois casos acima apontados eram muito distintos em termos de escala das fundações e das infra-estruturas com que foram dotados. O colégio seguntino era um pequeno edifício quadrangular implantado junto a um também novo convento jerónimo, que albergava o templo universitário. Já o *colegio Mayor de San Ildefonso*, peça central do ambicioso projecto universitário do cardeal Cisneros, se integrava numa “ilha” ou quarteirão urbano totalmente ocupado por outros pátios e dependências que circundavam o quadrângulo principal, o colégio propriamente dito.

Fomos já referindo ao longo da presente dissertação que o modelo de fundação do colégio-universidade teve grande sucesso na Espanha do século XVI, em particular nas pequenas cidades de província, sobretudo pela simplificação de meios que representava, pois permitia a criação de uma nova universidade apoiada num único edifício. Como é bom de ver, falamos de colégios-universidades que se aproximavam mais da pequena escala do modelo seguntino que da do mega-complexo alcaláino.

Foi o caso do ***colegio de Santa María de Jesus de Sevilha***, fundado por Maese Rodrigo Fernández de Santaella (1444-1509), protonotário da Santa Sé, cónego da catedral, e ex-colegial de *San Clemente* de Bolonha. Em 1505, uma bula de Júlio II autorizava a fundação do seu colégio em Sevilha,²³¹

Perante o não andamento do projecto de uma nova universidade municipal (para a qual o conselho de Sevilha havia conseguido uma cédula real de autorização em 1502) conseguiu Maese Rodrigo a elevação do seu instituto a

²³¹ Bula de 12 de Julho de 1505. Sobre o processo de fundação do *colegio de Santa María de Jesus*, veja-se, entre outros trabalhos, **Francisco AGUILAR PIÑAL, *La Universidad de Sevilla en el siglo XVIII***, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1969, p.39; **Francisco AGUILAR PIÑAL, *Historia de la Universidad de Sevilla***, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1991; e **José Antonio OLLERO PINA, *La Universidad de Sevilla en los siglos XVI y XVII***, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1993.

universidade, por outra bula do mesmo Papa de 1508.²³² Os terrenos para o colégio, junto à porta de Jerez, no extremo meridional da cidade,²³³ haviam-se comprado em 1503. Dedicou-se a capela em 17 de Maio de 1506. Tratava-se, muito provavelmente, da colocação da primeira pedra pois quando faleceu o fundador, em 1509, Anton Ruiz construía ainda o edifício.²³⁴ Em 1514 concertava-se a execução do portal de pedra.²³⁵ E só em 1517 se publicitava o edital para se prover o colégio com quinze colegiais e cinco familiares.²³⁶ O anúncio do nome dos primeiros bolseiros fez-se a 27 de Abril de 1518 na capela do colégio, que já estaria terminada.²³⁷ Logo de seguida, os colegiais tomavam posse dos bens e rendas do colégio, legados pelo fundador, de modo a poderem pagar aos professores.²³⁸ Como nos diz José Antonio Ollero, *“dentro de su modestia inicial de sus comienzos, Santa María de Jesús emprendió pronto las lecciones y las otras funciones que le correspondían como Estudio. El edificio era estrecho, tenía pocos aposentos, los que lo habitaban carecían de sitio donde recrearse...”*.²³⁹

Frequentavam as aulas estudantes da cidade e de outras partes (entre os quais os colegiais, que não podiam ser sevilhanos), *“por quanto el estúdio e universidad de Sevilla era e es universidad e collegio en el qual se graduán doctores e licenciados e maestros e doctores en todas facultades e para ello hazen sus cursos según y como en esta universidad se hazen...”*.²⁴⁰

²³² Bula de 16 de Junho de 1508. *“Este segundo instrumento pontificio implicaba el establecimiento de un estudio general”*, José Antonio OLLERO PINA, *La Universidad de Sevilla...*, 1993, p.41

²³³ Situavam-se na proximidade da catedral e do antigo alcazar – junto do qual, no século XIII, Alfonso X havia tentado pôr a funcionar o seu estudo geral.

²³⁴ **Teófilo FALCÓN MARQUEZ**, *“El patrimonio monumental”*, in *AAVV, Universidad de Sevilla. Patrimonio monumental y artístico*, Sevilla, Universidad de Sevilla. 1986, p.21-59 (p.23).

²³⁵ *Ibidem*, p.23.

²³⁶ Abria-se vaga para cinco dos colegiais canonistas e dez teólogos, sendo que quatro deles deveriam ser sacerdotes, para servir como capelães. Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.267.

²³⁷ José Antonio OLLERO PINA, *La Universidad de Sevilla...*, 1993, p.48.

²³⁸ Em 26 de Junho de 1518. **José Antonio OLLERO PINA**, *“Clérigos, universitarios y herejes”*, in *Luís Rodríguez-San Pedro Bezares, Juan Luís pólo Rodríguez (Eds.), Universidades hispánicas: modelos territoriales en la Edad Moderna (I) – Miscelánea Alfonso IX 2006*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2007, p.107-195 (p.113).

²³⁹ *Ibidem*, p.115

²⁴⁰ Testemunho de um estudante, Francisco Suárez, de Junho de 1523, citado em *ibidem*, p.114. Uns estatutos “universitários” haviam sido promulgados em 1517, obra de mestre Alonso de Campos, amigo do fundador, *ibidem*, p.108.

Do edifício do colégio-universidade sobra apenas a capela, já que foi quase totalmente demolido, nos primeiros anos do século XX, para a abertura do primeiro troço da actual *avenida de la Constitución*. Restam, contudo, alguns elementos gráficos. Desde logo, a representação de *Maese Rodrigo*, de joelhos, oferecendo uma maqueta do edifício à virgem (**fig.60**), patente no retábulo da capela do colégio, realizado por Alejo Fernández, cerca de 1520, e que ainda subsiste. Não se trata de uma fonte totalmente rigorosa já que a imagem do colégio foi distorcida em função do enquadramento mais conveniente na pintura. Percebe-se, não obstante, que era um bloco quadrangular compacto de dois andares, rematado por ameias, com um pátio interno rodeado por arcarias nos dois níveis. O edifício, que tinha uma planta próxima de um quadrado, como se vê numa planta da cidade antiga (**fig.62**), surge nesta imagem como um bloco alongado sobre a sua profundidade, ostentando uma fachada principal significativamente encurtada. Nela despontam, esquematicamente, a porta de arco de volta inteira a um lado, e a janela gótica da capela, do outro.



Fig.60
Maese Rodrigo oferece a maqueta do seu colégio à virgem.
Detalhe do retábulo da igreja do *colegio de Santa María de Jesús*, Alejo Fernández, c.1520

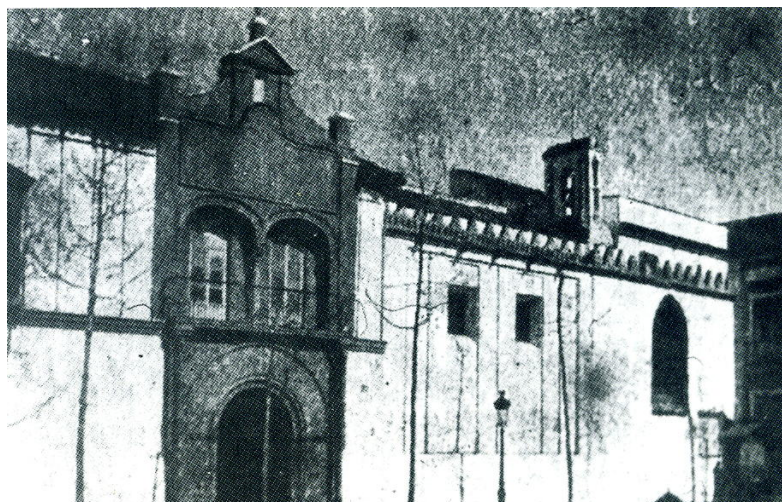


Fig.61

Sevilha. O colégio-universidade de Santa María de Jesús antes da demolição parcial de inícios do século XX. Fotografia de 1899 (fonte: F.J. Tejido Jiménez).

Fig.62

Sevilha. Detalhe da planta da cidade de 1891, com a catedral e os colégios de Santo Tomás (201) e de Santa María de Jesús (203). Fonte: F.J. Tejido Jiménez.

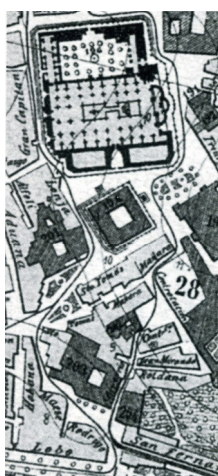


Fig.63

Sevilha. Detalhe da vista da cidade de Guesdon, de 1855. O colégio-universidade de Santa María de Jesús está em primeiro plano. Atrás, e com o seu campanário, está o colégio-universidade de Santo Tomás (fonte: F.J. Tejido Jiménez).



Estas duas peças podem distinguir-se, de facto, na representação do colégio na vista de Sevilha de Guesdon, de 1855 (**fig.63**), ou numa fotografia antiga do colégio (**fig.61**), de 1899.²⁴¹ Com efeito (e pela observação da vista de 1859) parece que a entrada no colégio não se encontrava a eixo do lanço da fachada, lanço que era quase integralmente ocupado pela capela, tardogótica e de pé-direito duplo, situada à direita do vestíbulo de entrada – como se ia tornando habitual (desde o *colegio de San Bartolomé* de Salamanca) nos colégios espanhóis. Joaquín Hazañas, poucos anos depois da demolição parcial, pôde fazer uma pequena descrição dos espaços internos do colégio:

“Maese Rodrigo no vio terminado el edificio del Colegio, como lo revela claramente su testamento (...), en el que encarga à sus albaceas

²⁴¹ Elementos gráficos recolhidos por Francisco Javier TEJIDO JIMÉNEZ, “Las sedes universitarias en la construcción de la ciudad”, in AAVV, *Universidad y Ciudad. Arquitectura de la Universidad Hispalense*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 2002, p.19-31.

*continúen la obra «fasta que sea acabada según orden que Anton Ruiz, cantero, dirá, que yo tenía dado», por donde sabemos también quién fue el maestro director de esta obra y acaso autor de sus planos. La portada del Colegio no ofrece gran interés como monumento arquitectónico, pero acaso sea la única que de su tiempo queda en Sevilla. (...) Penetrando en el porta, a mano derecha, y separada de él por una reja de hierro, está la Capilla (...). Frente a esta puerta existía otra, también hoy tapada, que daba paso à la Universidad, y en el fondo otra por la que se entraba al Colegio. Entrando por ésta ultima puerta se encontraba un patio claustrado con columnas de mármol en ambos pisos: por el ángulo posterior de la izquierda, donde estaba la amplia escalera, se pasaba a otro patio menor y al jardín, el cual tenía puerta a la calle”.*²⁴²

O edifício teria ainda uma livraria (sobre a porta de entrada?) pois consta que o fundador cedeu a sua biblioteca ao colégio.²⁴³

O colégio de *Santa María de Jesus* não foi o único colégio-universidade a surgir em inícios do século XVI na capital andaluza. Paralelamente, e no mesmo bairro da cidade, o arcebispo de Sevilha, frei Diego de Deza (1444-1523, patrocinador da viagem de Colombo), levantava o **colégio-universidade dominicano de Santo Tomás**. Uma bula do Papa Leão X, de 14 de Abril de 1516, autorizava frei Diego a estabelecer o seu colégio junto do convento de *San Pablo*, na zona ocidental da cidade, junto do rio. *“Pero por motivos de solidez y salubridad cambió de sitio, escogiendo un emplazamiento muy cercano al Colegio de Santa María de Jesús, enfrente del postigo del Corral de Xerez”.*²⁴⁴ Por nova bula, de 14 de Novembro, ficava constituída uma universidade eclesiástica, autorizando-se a concessão de graus em artes e teologia, sendo o cancelário o arcebispo sevilhano. O edifício levantou-se de modo célere, pois em Novembro do ano seguinte (1517) fez frei Diego doação

²⁴² Joaquín HAZAÑAS DE LA RUA, *Maese Rodrigo 1444-1509*, Sevilla, Librería de Izquierdo, 1909, p.118-119. É possível que o que o autor designa por “universidade” seja uma sala de aulas ou de actos situada à mão esquerda do átrio do colégio; e/ou talvez o corpo edificado a poente da entrada (a fachada volta-se para sul), dotado de três janelas altas, e que parece ser um acrescento ao edifício original – veja-se novamente a fig.62.

²⁴³ *“En su testamento ordena Maese Rodrigo que se vendan sus bienes muebles «excepto los libros que ya doné e agora de nuevo dono al Colegio...”*, *ibidem*, p.138.

²⁴⁴ Francisco AGUILAR PIÑAL, *La Universidad de Sevilla...*, 1969, p.39.

do imóvel ao colégio, designando, ao mesmo tempo, os primeiros 16 colegiais do instituto.²⁴⁵ Em 1539, o que seria programaticamente um convento-universidade transformou-se definitivamente em colégio-universidade, pois conseguiu-se, de Roma, a extensão da outorga dos graus a seculares, tanto clérigos e leigos, que aí quisessem estudar.²⁴⁶ E em 1541 o *Consejo de Castilla* aprovava a criação da “universidade”, título que os colegiais de Santo Tomás de Sevilha desde então empregaram.²⁴⁷

O colégio-universidade de *Santo Tomás* foi também demolido para a abertura da mesma *avenida da la Constitución*, desta feita alguns anos mais tarde, em 1927. O antigo colégio dominicano surge também representado na planta e na vista de Sevilha já apresentadas (figs.61 e 62, embora nesta última os contornos do imóvel não sejam evidentes). Segundo Aguilar Piñal era mais amplo que o colégio-universidade vizinho de *Santa María de Jesus*, não muito, pelo que nos é dado ver. “*Dexó labrado el Sr. Fundador con toda curiosidad el primer claustro alto y bajo, capilla donde fue sepultado, librería, tres clases, rectorio y sacristía. Sobre cuyos edificios quedaron labradas once celdas un mirador muy espacioso*”.²⁴⁸ Outra descrição, mais completa, é-nos dada por Felix González de León:

“El Colegio de PP. Dominicos dedicado a Santo Tomás de Aquino, situado en esta plaza, era bastante capaz para si instituto. Su iglesia no era pública y estaba dentro del claustro. Se entraba por un pequeño zaguán, y al lado derecho se hallaba un pequeño patio y en él la puerta de la iglesia que era poco más que una sala particular, aunque tenía coro alto. Todo lo destruyeron los franceses invasores, pero renovado en el año 1815, se volvió a colocar en su altar principal la hermosa pintura de Zurbarán, que pasa (y con razón) por una de las mejores de este autor, si acaso no es la primera (...). Por el mismo zaguán se entraba al patio principal, grande, cuadrado y claustrado en los pisos bajo e alto, con arcos sobre ricas columnas de mármol blanco. Por un corto

²⁴⁵ *Ibidem*, p.39.

²⁴⁶ *Ibidem*, p.41. Dez anos depois, em 1551, o município cedia a cédula real de 1502, que tinha em seu poder, ao colégio-universidade de Santa Maria de Jesus,

²⁴⁷ *Ibidem*, p.41

²⁴⁸ *Ibidem*, p.41.

*pasadizo se entra en el otro patio igual en todo aunque algo más pequeño. En uno y otro había en la parte baja grandes salones para clases publicas de gramática, retórica, filosofía, teología y matemáticas que eran las ciencias que se cursaban en este colegio, que siempre tenía número muy crecido de estudiantes y excelentes catedráticos, religiosos de la orden se Santo Domingo, colegiales de esta casa, cuyo número era de veinte y cuatro. En el piso alto estaban las habitaciones o celdas de los colegiales, con mucha diafanidad y comodidades. Había una abundante y selecta librería, cual convenía a una casa de estudios, y universidad”.*²⁴⁹

Aspecto que cabe destacar é o facto de que “*Su iglesia no era pública y estaba dentro el claustro*”. A expressão arquitectónica do edifício para o exterior era, pois, a de uma estrutura civil, de um colégio, e não a de um convento, ainda que aparecesse o campanário no alçado principal, como se vê numa pouco esclarecedora fotografia do princípio do século XX (**fig.64**).²⁵⁰ O pátio principal tinha, aparentemente, cinco arcos por piso e por cada lado como sugere uma fotografia aérea do mesmo período (**fig.65**).



Fig.64
Sevilha. Antigo colégio-
universidade *de Santo Tomás*,
antes da demolição de 1927.

²⁴⁹ **Felix GONZÁLEZ DE LEÓN**, *Noticia artística de Sevilha*, Sevilla, Imprenta de José Hidalgo y Compañía, 1844.

²⁵⁰ Segundo a descrição que transcrevemos, a capela estava à direita do *zaguán* de entrada. Essa situação devia de facto verificar-se, pois assim ficaria com a capela-mor devidamente “orientada”, no verdadeiro sentido do termo. No entanto, e pela fotografia, o campanário estava colocado sobre a extrema esquerda da fachada. Este desfasamento entre igreja e campanário deveria justificar-se em função da implantação do campanário sobre a antiga *plaza de Santo Tomás*.

Fig.65

Sevilha. Vista aérea da área a sul da catedral anterior a 1927. Podem ver-se cinco arcos do piso superior do pátio do antigo colégio-universidade de *Santo Tomás*, atrás da vegetação da praça homónima (fonte: *Diario de Sevilla*).



Outro colégio-universitário precoce foi o de **Santa Catalina de Toledo**, fundado pelo mestre-escola da catedral Francisco Alvarez de Toledo y Zapata (falecido em 1523). O colégio pré-universitário, para ensino de artes, gramática, lógica e direito, foi autorizado por bula de Inocêncio VIII, de 7 de Maio de 1485, mas só cerca de 1490 se terá efectivado o seu estabelecimento, numas casas junto da paróquia de San Andrés,²⁵¹ na zona sul da cidade antiga. Por umas primeiras constituições, dotou-se o instituto de vinte colegiaturas, para doze colegiais e oito capelães presbíteros.²⁵²

Trinta anos depois o mesmo Francisco Álvarez conseguiu do Papa Leão X a elevação do seu colégio a universidade, por bula de 22 de Fevereiro de 1520. Só a partir deste momento podemos falar, de facto, de um colégio-universidade. Como nos diz Ramón Parro, “*de este modo fue creada la Universidad de Toledo, y así continuó formando un solo cuerpo con el Colegio de Santa Catalina*”.²⁵³ Diz ainda Candido Ajo que a nova fundação “*sigue la traza inaugurada por Sigüenza, pero con más Pujanza*”.²⁵⁴ O reconhecimento régio seria dado por cédula de Carlos V, de 12 de Maio de 1529, na qual se aprovavam umas primeiras constituições dos graus universitários.²⁵⁵

²⁵¹ Sisto RAMÓN PARRO, *Toledo en la mano*, Toledo, Imprenta y librería de Severiano López Fando, Tomo II, 1857, p.464.

²⁵² Florentino GÓMEZ SÁNCHEZ, *Biografía de la Universidad de Toledo*, Toledo, Diputación Provincial, 1980, p.9.

²⁵³ Sisto RAMÓN PARRO, *Toledo en la mano...*, Tomo II, 1857, p.454.

²⁵⁴ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades Hispánicas, Vol. II (El Siglo de Oro universitario)*, 1958, p.72.

²⁵⁵ Elaboradas pelo sobrinho do fundador, e cancelário, Bernardino Zapata. Florentino GÓMEZ SÁNCHEZ, *Biografía de la Universidad...*, 1980, p.12-13.

Quando da elevação a universidade, Francisco Alvarez havia logrado passar o colégio para umas instalações novas noutra paróquia, mas na mesma zona da cidade – *“la casa del fundador, con las del Conde de Belalcázar D. Alonso de Sotomayor y de Doña María Velasco mujer del Almirante Alonso Enríquez (convenientemente reformadas las tres para constituir un solo edificio), fueron el local del Colegio desde principios del siglo XVI, hasta los primeros años del actual”*.²⁵⁶ O colégio-universidade tinha fachada e porta para a *plaza de Santa Catalina*, à qual terá dado o nome.

Em 1576 fizeram-se reformas importantes no edifício, que lhe terão dado uma conformação arquitectónica mais consonante com a sua função, aproximando-o do tipo colegial que temos vindo a observar. De acordo com dados revelados por Fernando Marias,

“...bajo trazas de Nicolás Vergara “el mozo” se reformaron dos patios, posiblemente existentes ya en las casonas donde se instaló la entidad. Para uno de ellos se tallaron ocho columnas dóricas para el primer piso y otras tantas jónicas para el segundo; en otro patio (...) cinco dóricas y dos medias columnas para la planta baja, y otras tantas, jónicas como en él anterior, en el alto, ambas con basa y capitel”.²⁵⁷

Ramón Parro, já depois de desaparecido o edifício, descreve-o na sua última fase:

“En primer lugar el patio principal rodeado de galerías ostenta cuarenta columnas de mármol, blanco (...). Hay artesonados magníficos, especialmente el del techo de la capilla y la sacristía (...); en la escalera se encuentra mezclado el gusto gótico con el plateresco”.²⁵⁸

O colégio tinha ainda uma sala reitoral e uma livraria que, no século XIX, tinha cerca de 5000 volumes.²⁵⁹

²⁵⁶ Sisto RAMÓN PARRO, *Toledo en la mano...*, Tomo II, 1857, p.466. Um ou outro destes edifícios terá sido uma casa nobre e principal da Toledo muçulmana, *ibidem*, p.466-467.

²⁵⁷ Fernando MARÍAS, *La Arquitectura del Renacimiento en Toledo (1541-1631)*, Toledo, Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos, 1983, 2 Vols., dados citados por **Julio PORRES MARTÍN-CLETO**, *Historia de las calles de Toledo*, Toledo, Ediciones Bremen, 2002, 4ª edição revista e aumentada, p.1106.

²⁵⁸ Sisto RAMÓN PARRO, *Toledo en la mano...*, Tomo II, 1857, p.468.

²⁵⁹ *Ibidem*, p.469.

Como referimos o edifício do *colegio de Santa Catalina* já não existe. Foi destruído em consequência da guerra peninsular. Nesta altura já a universidade se tinha autonomizado face ao colégio, tendência que começou a desenhar-se ainda no século XVI, com as constituições revistas de 1557, que lhe concediam uma efectiva autonomia formal – “*la Universidad (...) desde entonces quiso aparecer, en voz de su Claustro general, como mero inquilino del Colegio*”.²⁶⁰ Paralelamente, na segunda metade do século XVI, surgiu também em Toledo um novo colégio universitário, o *colegio de San Bernardino*.²⁶¹ A universidade acabaria por sair e separar-se fisicamente do *colegio de Santa Catalina* em 1771. Depois de ter estado provisoriamente instalada no antigo colégio dos jesuítas e no convento dos dominicanos,²⁶² viu o arcebispo e cardeal Lorenzana mandar levantar o magnífico edifício neoclássico, projectado por Ignacio Haan (1790), construído entre 1795 e 1799, e que hoje subsiste, bem no centro da cidade histórica.²⁶³

Instituições que também nasceram como colégios-universidade, mas que depois evoluíram para uma autonomia estatutária face ao colégio onde estavam sediadas, foram as academias de Santiago de Compostela e de Granada. Falamos já, no capítulo anterior, do processo de nascimento e de desenvolvimento destas universidades.

Conforme mencionámos anteriormente (capítulo 3.2), o edifício do ***colegio de Santiago Alfeo***, sede da universidade compostelana, foi começado a levantar por ordem do arcebispo de Santiago, e depois de Toledo, Alonso de Fonseca

²⁶⁰ Florentino GÓMEZ SÁNCHEZ, *El sisema educativo de los colegios seculares de la Universidad de Toledo*, Toledo, Ayuntamiento de Toledo, 1982, p.17.

²⁶¹ Por testamento de Bernardino de Zapata, sobrinho do fundador da universidade, de 19 de Agosto de 1565, que incluía as constituições do novo colégio. No ano seguinte, Pio V concedia a bula autorizando a fundação que só se tornaria realidade em 1581 – neste mesmo ano nomearam-se os oito primeiros colegiais que deviam ser juristas e teólogos. Florentino GÓMEZ SÁNCHEZ, *Historia del colegio universitario de San Bernardino de Toledo*, Toledo, Caja de Ahorro Provincial de Toledo, 1992, p.33-35. “*El colegio se fundó en unas casas de S. Salvador, situadas hoy en la calle de Santo Tomé*”, no centro de Toledo. Tinha capela, “*galería alrededor del patio central, para el paseo y los recreos dentro del colegio*”, biblioteca, refeitório e sala reitoral. *Ibidem*, p.77-78.

²⁶² Florentino GÓMEZ SÁNCHEZ, *Biografía de la Universidad...*, 1980, p.16-21.

²⁶³ Sobre este magnífico edifício (que escapa definitivamente ao arco temporal que definimos para este trabalho) veja-se Carlos SAMBRICIO, *La Arquitectura Española de la Ilustración*, Madrid, Consejo Superior de los Colegios de Arquitectos de España / Instituto de Estudios de Administración Local, 1986, p.172-184. Veja-se, também, Isidro SÁNCHEZ SÁNCHEZ (Coord.), *El Cardenal Lorenzana y la Universidad de Castilla-La Mancha*, Ciudad Real, Universidad de Castilla-La Mancha, 1999.

III (1475-1534), nos anos finais da sua vida. Como vimos, o colégio propriamente dito estava já criado desde 1522 (em instalações provisórias) e reconhecido pelo papa, com nível universitário, desde 1526, embora os cursos superiores só tenham começado efectivamente depois de pronto o novo imóvel, na década 1550. Como vimos também, o fundador, Alonso de Fonseca, foi igualmente o promotor de um dos *colégios Mayores* de Salamanca, o *colegio de Santiago o del Arzebispo Fonseca*, levantado a partir de 1521.

Pelo seu testamento de 23 de Dezembro de 1531, Fonseca explicava as razões da fundação, destinando o colégio a dezoito colegiais teólogos, dois capelães, quatro familiares e a mais alguns oficiais necessários.²⁶⁴

Em 1532, Juan de Álava (que por esse ano edificava o colégio salmantino) fez um primeiro projecto do novo edifício, que seria ainda revisto, em Toledo, por Alonso de Covarrubias. Preparou-se um caderno de encargos que, entre outros aspectos, definia os materiais a empregar e fazia já referência às principais dependências do imóvel – desde logo uma capela (com sacristia), acessível desde o *zaguán* de entrada, e um *general grande* também acessível desde aquele átrio.²⁶⁵ Não se faz referência ainda ao pátio, a às suas arcadas, cuja obra terá sido contratada com o arcabouço colegial já preparado.

O colégio levantou-se sobre o lote da casa onde nasceu o fundador, na *rua do Franco*, ao qual se juntaram outros lotes de casas em 1529 e 1534,²⁶⁶ este já com a obra a decorrer. O edifício mal estaria começado quando faleceu Fonseca. Álava tão pouco acompanhou a obra pois estava em Salamanca, onde faleceu em 1537. A construção terá decorrido até 1544, data da lápide do pátio com o texto latino de Álvaro de Cadaval.²⁶⁷ E em 1545, os mestres canteiros recebiam o último pagamento pela obra do portal de entrada (**fig.67**), que se pintou mais tarde, em 1548.²⁶⁸

²⁶⁴ Ana CASTRO SANTAMARÍA, *Juan de Álava...*, 2002, p.457-458 e nota 148.

²⁶⁵ Fechou-se o caderno de encargos em Alcalá de Henares, a 17 de Outubro de 1532. *Ibidem*, p.458-459.

²⁶⁶ *Ibidem*, p.458.

²⁶⁷ Transcrito em **Antonio FRAGUAS FRAGUAS, O Colexio Fonseca**, Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago / Instituto “Padre Sarmiento” / Universidad de Santiago de Compostela, 1995, p.121.

²⁶⁸ Ana CASTRO SANTAMARÍA, *Juan de Álava...*, 2002, p.464 e nota 167. Portal que tem óbvias semelhanças com o do colégio salmantino do arcebispo Fonseca. *Ibidem*, p.465.

Como refere Ana Castro Santamaría, o *colegio de Santiago Alfeo* repete a disposição tipo dos colégios salamantinos (**fig.66**), em particular a do *colegio del Arzobispo*.²⁶⁹ O lanço da fachada, a oriente (dada a sua implantação sobre a rua), inclui a capela de pé-direito duplo (coberta por abóbada ogival, de dois

Fig.66

Santiago. *Colegio de Santiago Alfeo / de Fonseca*. Planta:

1.Porta principal; 2.Átrio; 3.Capela;
4.Sacristia; 6.Torre do relógio;
7.Geral de teologia; 8.Refeitório antigo;
10.Cozinha; 13.Refeitório novo;
16,18 e 21.Gerais; 17,19 e 25.Aposentos;
20. Pátio; 23. Escada;

(fonte: A. Fraguas).

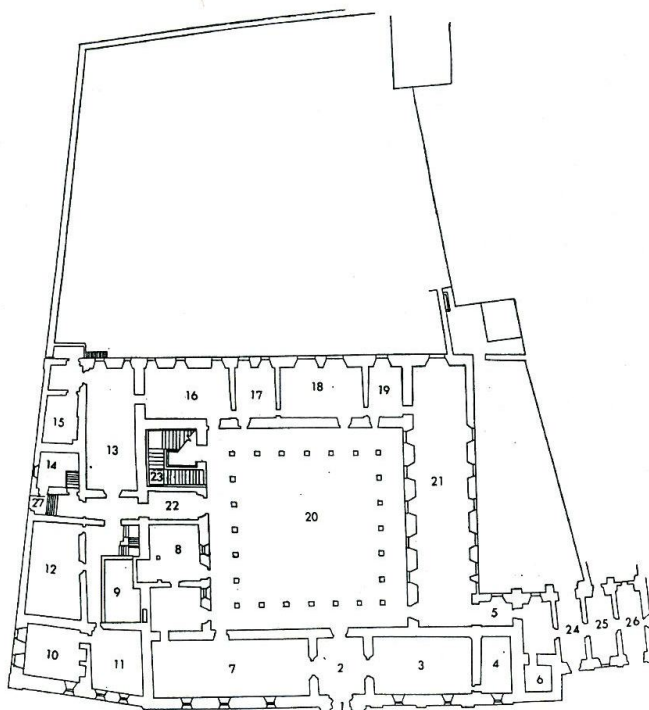
Fig.67

Santiago. *Colegio de Santiago Alfeo / de Fonseca*.

Fachada, portal e torre.

Fig.68

Santiago. *Colegio de Santiago Alfeo / de Fonseca*. Pátio.



²⁶⁹ *Ibidem*, p.462.

tramos) à direita do vestíbulo de acesso ao colégio, também abobadado. Este não se encontra ao centro da ala, o que pode pressupor uma alteração dos planos iniciais, como já foi notado.²⁷⁰ A capela dispõe ainda de uma sacristia abobadada, por detrás da capela-mor, e de uma tribuna, sobre o átrio do colégio, coberta por um tecto artesoadado de madeira. À esquerda do átrio estava (e ainda está) o geral grande, mencionado no caderno de encargos, e que se cobre também por um tecto trabalhado de madeira. Por cima estaria, provavelmente, a biblioteca colegial.

O pátio compõe-se de seis vãos a cada lado e por piso, de arcos apoiados em delgados pilares clássicos no piso térreo, e de arcos rebaixados no nível superior (**fig.68**). Remata-se por uma platibanda trabalhada, ou *crestería*, que percorre todo o recinto.

Outras dependências dignas de registo são a escada de pedra, de três lanços, situada em compartimento quadrado do lanço sul, junto ao ângulo sudoeste, coberta por tecto de madeira. Ou o antigo refeitório situado nesse mesmo lanço sul. Já a ala ocidental “*llamada de la bodega*”,²⁷¹ incluía várias pequenas dependências, como se vê na planta de um projecto de ampliação do colégio, de meados do século XVI. Na mesma planta pode ver-se que a ala norte deveria incluir dois amplos gerais dotados de cátedras (ou “*predicatórios*”), tal como o “*general grande*”, cátedras que deveriam estar encastradas na parede e às quais se subia por escadas, conforme se refere no caderno de encargos.²⁷²

A interessantíssima planta de que falamos (**fig.69**²⁷³), de que se desconhece a data exacta, mas que se atribui ao período entre 1551 e 1555, comporta a representação do *colegio de Santiago Alfeo* então existente e o projecto de acrescentamento de um novo pátio, a norte, que se destinava ao *colegio de San Xerome*, onde deveriam decorrer os cursos de artes e humanidades. Como já referimos nesta dissertação, este novo corpo implicava uma renovada

²⁷⁰ *Ibidem*, p.462.

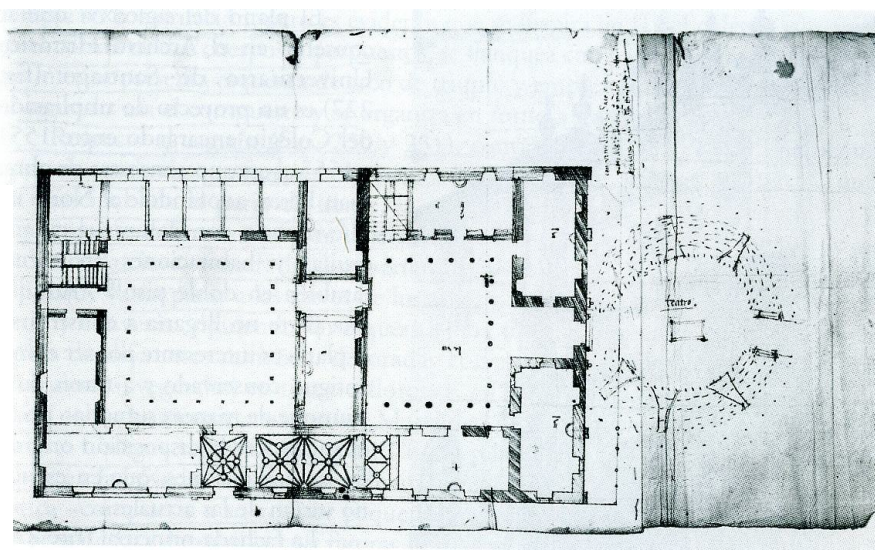
²⁷¹ *Ibidem*, p.460.

²⁷² *Ibidem*, p.459.

²⁷³ Projecto de ampliação em **Antonio BONET CORREA, *La arquitectura en Galicia durante el siglo XVII***, Madrid, CSIC, 1984, lamina 32, ou em Ana CASTRO SANTAMARIA, *Juan de Álava...*, 2002, p.463

afirmação urbana da universidade, pois teria fachada para a praça da catedral, com acesso próprio desde o mais simbólico espaço público de Santiago. Por esta mesma época, como já mencionámos, consagrava-se a separação entre o colégio e a universidade.²⁷⁴ Aspecto a que ainda não se deu a devida atenção era a surpreendente proposta de teatro académico ao ar livre, implantado diante do novo colégio, escavado em plena praça da catedral – sem dúvida um projecto original, mas de insegura funcionalidade face ao clima chuvoso da Galiza. Este projecto de ampliação do *colegio de Santiago Alfeo*, traçado por Juan Pérez, não se concretizou.²⁷⁵ Um novo projecto de extensão, do mestre português Mateus Lopes, de 1598, designado de “*colegio nuevo*”, também não se realizou.²⁷⁶ Este já devia considerar o *colegio de San Xerome* como um quadrângulo autónomo, como de facto se realizou mais tarde. Entre os dois quadrados situar-se-ia a nova torre do relógio (**fig.70**), esta sim, que se construiu, “*destinada al nuevo colegio y no al de Fonseca*”.²⁷⁷ Como notou António Pimentel, era esta uma peça arquitectónica que repetia a primeira torre

Fig.69
Santiago. *Colegio de Santiago Alfeo / de Fonseca*.
Projecto de ampliação,
1551-1555.
(Arquivo universitário
de Santiago de
Compostela)



²⁷⁴ Veja-se capítulo 3.2, p.594-595. Segundo as novas constituições da universidade e dos colégios (de *Santiago Alfeo* e de *San Xerome*) do doutor Cuesta, de 1555, o *colegio de Santiago*, simultaneamente sede da universidade, destinava-se a colegiais teólogos e artistas, todos galegos, cinco da igreja compostelana e dois de cada diocese galega (num total de oito), totalizando treze colegiais, a que se acrescentavam dois capelães. Os quartos situavam-se no piso superior.

²⁷⁵ Antonio BONET CORREA, *La arquitectura en Galicia...*, 1984, p.113.

²⁷⁶ *Ibidem*, p.113.

²⁷⁷ *Ibidem*, p.113.

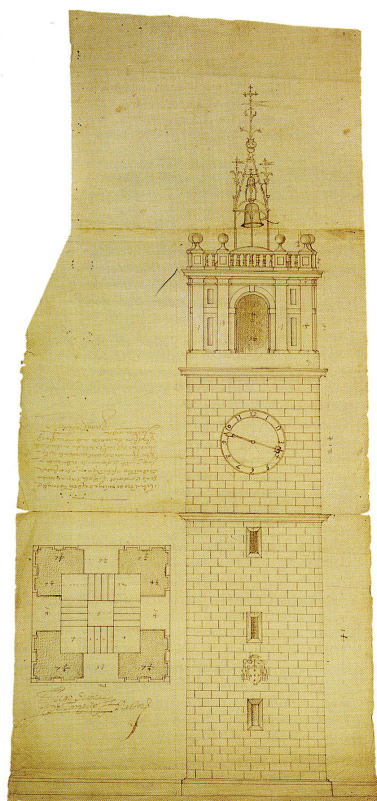


Fig.70

Santiago. *Colegio de Santiago*

Alfeo / de Fonseca.

Projecto de torre do relógio,

Mateus Lopes, 1598.

(Arquivo universitário de Santiago de Compostela)

Fig.71

Santiago. *Colegio de San*

Xerome, na *Plaza del Obradoiro*.



do relógio da universidade de Coimbra (desenhada por João de Ruão e levantada a partir de 1561, fig.5), que Mateus Lopes provavelmente conhecia, “a despeito da sua afinidade morfológica com modelos valisoletanos, difundidos a partir das torres concebidas por Juan de Herrera para a respectiva *catedral*”.²⁷⁸ Peça arquitectónica mais própria de uma sede universitária que de um colégio.

O quadrângulo com pátio do *colegio de San Xerome* levantar-se-ia em meados do século XVII, entre 1651 e 1656,²⁷⁹ com fachada sobre a actual *plaza del Obradoiro* (**fig.71**), na qual se aplicou o portal do antigo *hospital da Acibechería* onde funcionava, há cerca de cem anos, este mesmo colégio.

Também a **universidade de Granada** partilhou o seu edifício, desde o início, com um colégio, o ***colegio de Santa Cruz de la Fe***, pelo que o seu imóvel foi concebido à partida como o de um colégio-universidade (**fig.73**). Depois de resolvido o problema da sua implantação, decidida no centro da cidade, a

²⁷⁸ António Filipe PIMENTEL, *A morada da sabedoria...*, 2005, p.454 e p.484, nota 1259.

²⁷⁹ Antonio BONET CORREA, *La arquitectura en Galicia...*, 1984, p.305-306.

construção avançaria sob o novo arcebispo da cidade Gaspar de Ávalos, que tomou posse do cargo a 2 de Abril de 1529, depois de cerca de um ano de sede vacante.²⁸⁰ De tal modo que em 1533 o prelado podia dizer que *“Hemos edificado una casa (...) en la cual hay aposentos para doze colegiales y un rector y muchos de los maestros y doctores y alumnos, y familiares y copia de generales donde se les lean las otras cosas e oficinas que para el colegio y escuelas se requieren”*.²⁸¹

A obra, porém, não estava ainda concluída. Em 1532 haviam-se contratado a colunas de mármore para o claustro, para dois anos depois, em 1534, se começarem a assentar as mesmas, altura em que se solicitou o apoio do arquitecto renascentista da vizinha catedral, Diego de Siloé – *“Acudió Diego de Siloée. Hizo un nuevo planteamiento de la traza del patio y modifico la composición de los arcos”*.²⁸² Diz-nos ainda Miguel López que *“la intervención del maestro Siloée en el patio no fue sólo en su replantamiento, sino en toda su arquitectura”*.²⁸³ O pátio rectangular compõe-se de quatro arcos de volta inteira (nos lados mais compridos) por três (dos lados mais curtos) nos dois primeiros pisos, apoiados em elegantes e finas colunas de mármore (**fig.72**). Uma galeria superior, ao nível do segundo andar, compunha-se de dobro dos arcos, tendo pé-direito significativamente mais baixo. De facto, o edifício parece que se levantou de origem com três pisos, provavelmente face ao pouco espaço disponível. Pelo menos uma citação documental confirma esta situação,²⁸⁴ que só se tornou comum em edifícios deste tipo com as reformas de ampliação do século XVII e XVIII – como vimos para os colégios de *San Ildefonso* de Alcalá e *Santa Cruz* de Valladolid. Para além do pátio, Siloé já

²⁸⁰ Após o falecimento do seu predecessor Pedro Ramiro de Alba, em 21 de Junho de 1528. Foi este prelado que comprou as casas para edificar o novo estudo, junto ao palácio arcebispal, entre a catedral e a *plaza de Bibarrambla*. **Miguel LÓPEZ**, *“El edificio de la antigua universidad ¿obra de Siloe?”*, *Cuadernos de Arte de la Universidad de Granada*, XII, 24, 1975, p.113-124 (p.114).

²⁸¹ Carta de Gaspar de Ávalos para o Rei, citado por *ibidem*, p.114-115.

²⁸² *Ibidem*, p.119.

²⁸³ *Ibidem*, p.119.

²⁸⁴ *“...en XX de Septiembre de 1536 años se libró a los susodichos tres ducados de las demasías de los balaustres de los corredores bajos que tasó R. Fernández y el maestre Siloé”*. A referência aos balaústres dos corredores baixos (no primeiro piso elevado) implica a existência de uns corredores altos, ao nível do segundo andar. *Ibidem*, p.120. Miguel López refere-se ainda especificamente a um contrato com os canteiros para *“los corredores más altos”*, *ibidem*, p.119.

havia intervindo na construção da escada de dois lanços, realizada entre 1533 e 1534. Fez também apontamentos para as janelas da fachada.²⁸⁵

Sobre o remate da obra, “*a partir del año de 1537 se puede considerar terminada la estructura material del edificio y comienza el embellecimiento y ornamentación interior*”.²⁸⁶ Fizeram-se bancos e assentos para as aulas e decoraram-se a capela, a aula maior e outras dependências.²⁸⁷ A universidade abriria as portas no ano lectivo de 1538-39.²⁸⁸ Prosseguiram pequenos trabalhos de alvenaria até 1540.²⁸⁹

A fachada é de três pisos, com janelas maiores trabalhadas ao nível do primeiro andar. O portal de entrada, realizado por Juan de Marquina,²⁹⁰ encontra-se ligeiramente deslocado para a esquerda. Quanto à organização interna, programou-se uma aula maior, com tectos trabalhados, para teatro ou *paraninfo*, que se situava na ala posterior e face à entrada. A já citada escada situa-se no ângulo noroeste do quadrângulo. Outras dependências da planta baixa eram a sala de claustros e os gerais, no total de cinco (dois para gramática e três para leis, cânones, medicina e teologia), sendo que o geral de teologia funcionava também como capela.²⁹¹ No primeiro andar situavam-se a biblioteca e as câmaras do reitor do colégio de *Santa Cruz*, para além de outras dependências colegiais. O segundo piso elevado pertencia ao colégio e servia para os quartos dos estudantes.²⁹² Estes chegaram a ser quinze, treze teólogos e dois canonistas.²⁹³ A universidade de Granada funcionou neste edifício até 1769, quando se transferiu para o *colegio de San Pablo* que havia pertencido aos jesuítas – serve actualmente como sede da curia diocesana.

²⁸⁵ *Ibidem*, p.116-118.

²⁸⁶ *Ibidem*, p.120.

²⁸⁷ *Ibidem*, p.120.

²⁸⁸ *Ibidem*, p.120.

²⁸⁹ *Ibidem*, p.114.

²⁹⁰ Rafael LÓPEZ GUZMÁN, *Tradición y clasicismo en la Granada del XVI. Arquitectura civil y urbanismo*, Granada, Diputación Provincial de Granada, 1987, p.641.

²⁹¹ María del Carmen CALERO PALACIOS, Inmaculada ARIAS DE SAAVEDRA, Cristina VIÑES MILLET, *Historia de la Universidad de Granada*, Granada, Universidad de Granada, 1997, p.62. Não tivemos oportunidade de visitar o edifício, actual cúria eclesiástica, e a bibliografia que consultamos não esclarece a posição específica do geral de teologia / capela na planta baixa do edifício, embora se possa suspeitar que se situava à direita do átrio de entrada. Não encontramos publicadas plantas do imóvel.

²⁹² *Ibidem*, p.62. Tão pouco logramos situar a capela e as dependências reitorais ao nível do primeiro andar

²⁹³ Rafael LÓPEZ GUZMÁN, *Tradición y clasicismo...*, 1987, p.646.

Fig.72

Granada. Pátio da antiga universidade (fotografia: José Torres / Universidad de Granada).

Fig.73

Granada. Antiga universidade e *colegio de Santa Cruz de la Fe*, em 1873 (fonte: Rafael López Guzmán, 1987).



Podemos verificar como os colégios-universidades que temos vindo a observar se situavam todos em cidades de média e grande dimensão, e que não tinham uma actividade universitária consolidada até começar o século XVI. O modelo do colégio-universidade (ainda que por vezes modificado posteriormente, no sentido de uma autonomização da universidade face ao colégio onde fisicamente se estabelecia) mostrou-se uma solução adequada para reparar, em curto espaço de tempo, a falta sentida de uma instituição de ensino superior. Seria também, como já referimos, o modelo apropriado e possível para fundações registadas em pequenas cidades de província como veremos nos quatro casos seguintes.

O ***colegio-universidad de Sancti Spiritus de Oñate*** tem sido considerado, simultaneamente, “*la obra civil más notable*”²⁹⁴ e “*el conjunto artístico más representativo en el Renacimiento del País Vasco*”.²⁹⁵ A sua fundação deve-se ao prelado local Rodrigo de Mercado y Zuazola (falecido em 1548) que fez toda

²⁹⁴ Salvador ANDRÉS ORDAX, “Arte”, in *AAVV, País Vasco*, Madrid, Fundación Juan March, 1987, p.217.

²⁹⁵ Jesús María GONZÁLEZ DE ZÁRATE, Mariano RUIZ DE AEL, *Humanismo y arte en la Universidad de Oñate*, Vitoria-Gasteiz, Ayuntamiento de Vitoria-Gasteiz, 1989, p.17.

uma vida ao serviço da igreja e da coroa.²⁹⁶ Teve como primeiro momento a carta de 24 de Setembro de 1534 dirigida ao conselho municipal de Oñate, em que o mecenas declarava (desde Valladolid) querer estabelecer “*un collegio en que haya maestros y studiantes que sean naturales de esa villa y de toda la tierra vazcongada adonde se lea gramatica y artes y canones e aya exercicio de letras*”.²⁹⁷ Dois anos volvidos, em Dezembro de 1539, acertavam-se as condições do projecto de construção de “*un colegio de unibersidad y estudio todo junto a donde se leyesen todas facultades de ciências e unibersidad de letras segun lo hay en la cibdad de Salamanca y de las villas de Valladolid e alcala de henares*”.²⁹⁸ O Papa Paulo III reconheceria o colégio-universidade por bula de 13 de Abril de 1540.²⁹⁹

As obras não começaram antes de 1542,³⁰⁰ ano em que um primeiro grupo de colegiais passou a habitar instalações provisórias. E em 1545 estavam suficientemente adiantados os trabalhos para o fundador se dirigir ao Imperador, dizendo-lhe ter “*hedificado un colegio e universidad*” e solicitando a protecção régia para a mesma, concedida por real cédula de 19 de Dezembro de 1549.³⁰¹

Datam de 1545 e de 1546 dois contratos assinados entre o fundador e o arquitecto-artista francês Pierres Picart para se fazerem quatro contrafortes decorativos ou “*pilastrones*” na fachada (dois centrais e dois angulares, a 45 graus, nos extremos)³⁰² à imagem dos do *colegio de Santa Cruz de Valladolid*, que Rodrigo de Mercado, residindo então em Valladolid, tomava como modelo

²⁹⁶ Graduou-se em Salamanca em direito civil e canónico, tendo-se doutorado em Valência em 1499. Foi conselheiro do Rei Fernando II o Católico. Passou a Nápoles em 1506 antes de ser nomeado bispo de Maiorca, em 1511, e depois de Ávila, em 1519, cargo que ocupou até falecer. Foi ainda presidente da Real Chancelaria de Granada (nomeado em 1522). Nessa posição opôs-se sem êxito (em 1527-28, ao lado do cabido local) ao projecto do arcebispo Pedro de Alba de implantar o novo colégio-universidade no centro da cidade baixa. Viveu desde inícios da década de 1530, e até falecer, em Valladolid. Sobre os aspectos principais do percurso de Mercado y Zuazola, veja-se *ibidem*, p.19-26.

²⁹⁷ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.90.

²⁹⁸ *Ibidem*, p.91.

²⁹⁹ *Ibidem*, p.91.

³⁰⁰ Jesús María GONZÁLEZ DE ZÁRATE, Mariano RUIZ DE AEL, *Humanismo y arte...*, 1989, p.33.

³⁰¹ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.93.

³⁰² **Maria Asunción ARRÁZOLA ECHEVERRÍA**, *El Renacimiento en Guipúzcoa*, San Sebastián, Diputación Provincial de Guipúzcoa, 1967, Tomo I, p.372

para o seu colégio. Com efeito, no segundo desses contratos especificava que tudo “*debería estar muy bien labrado, ni más ni menos de como parece estar hecho el colegio del cardenal de esta villa de Valladolid*”.³⁰³

Como notou Asunción Arrázola, “*Picart encontró construída la Universidad. Pero parece que no satisfacía del todo a las aspiraciones de Don Rodrigo Mercado de Zuazola, por lo que éste contrató a Pierres para los pilastrones y para que levantara las torres*”³⁰⁴ – refere-se às duas torres, uma em cada extremo da fachada.

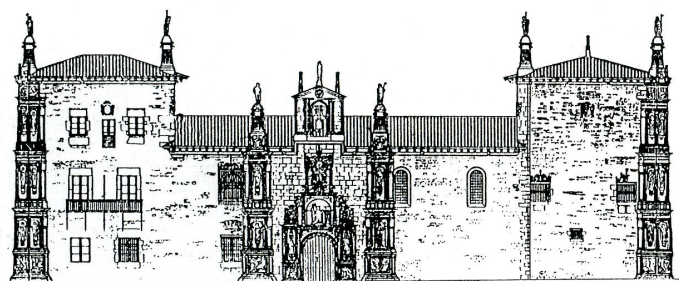
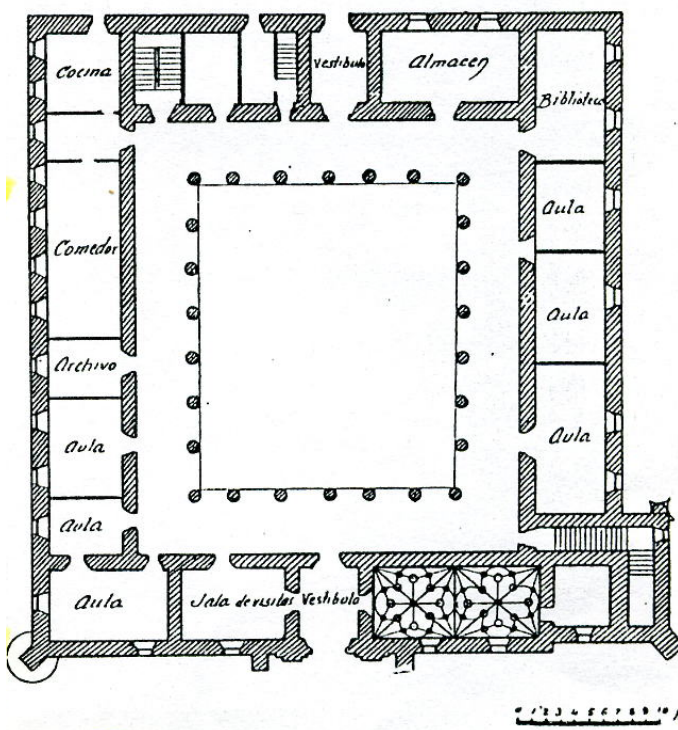


Fig.74
Oñate (país Basco). Colegio-universidad de Sancti Spiritus. Fachada.

Fig.75
Oñate (País Basco). Colegio-universidad de Sancti Spiritus. Planta de 1884 (fonte: Lampérez y Romea).



³⁰³ *Ibidem*, p.368.

³⁰⁴ *Ibidem*, p.377.

Os contrafortes em estilo renascentista, mais imponentes que os de Valladolid, prolongam-se na vertical para cima da cércea da fachada, rematados por figuras escultóricas, em fórmula que parece ficar a dever-se ao tratado do italiano Filarete, a que o fundador terá tido acesso.³⁰⁵ Para além dos contrafortes, também os ângulos das torres dispunham deste tipo de remate superior, que são dez em todo o edifício. Cada contraforte incluía, na base, três painéis com imagens dos trabalhos de Hércules e nos sectores centrais um conjunto de figuras femininas cada, representando santas e as virtudes, num programa iconográfico destinado a exaltar a universidade como “casa do saber cristão”.³⁰⁶ Ao centro, o portal inclui figuras de Santo Agostinho e de São Jerónimo, uma estátua orante do fundador (por cima da porta), a que se sobrepunha o escudo imperial e o campanário do colégio (**fig.74**).

Tipologicamente, o edifício segue a fórmula dos colégios castelhanos, em particular a do colégio vallisoletano de *Santa Cruz*, com a capela de altura dupla à direita do átrio de entrada, e dois gerais (em vez de um) à esquerda (**fig.75**). Atrás da capela situa-se a sacristia cuja caixa está envolta pela escadaria principal, numa disposição original. A caixa da escada ocupa todo o torreão nascente, com tecto trabalhado de madeira. Outras salas de aula rodeavam o pátio sendo que o refeitório e a cozinha se situavam aparente na metade norte da ala poente. Não é claro onde estava a biblioteca original. É possível que se situasse na disposição “habitual”, no primeiro andar, ocupando a metade poente da ala da fachada (voltada a sul) pois tinha “*una ventana (...) anzia e rio*”,³⁰⁷ no que parece ser uma janela de topo, voltada a poente.

*“El pátio es un magnífico ejemplar, del tipo de columnas aisladas, arcos finamente moldurados, capiteles y medallones de puro «Renacimiento»”.*³⁰⁸

³⁰⁵ Veja-se Jesús María GONZÁLEZ DE ZÁRATE, Mariano RUIZ DE AEL, *Humanismo y arte...*, 1989, p.89 e seguintes.

³⁰⁶ Sobre o programa iconológico da fachada veja-se Jesús María GONZÁLEZ DE ZÁRATE, *Arquitectura e iconografía en la Universidad de Oñate*, Pamplona, Sendoa Argitaletxea, 1992, em particular as p.79-160 (p.155).

³⁰⁷ María Asunción ARRÁZOLA ECHEVERRÍA, *El Renacimiento en Guipúzcoa...*, 1967, p.366.

³⁰⁸ Vicente LAMPÉREZ Y ROMEA, *Arquitectura civil española de los siglos I al XVIII*, Madrid, Editorial Saturnino Calleja, 1922, Tomo I, p.168.

Apresenta sete arcos por piso, nos lados mais extensos, e seis, nos mais curtos.³⁰⁹

Em 1548 celebravam-se os primeiros actos no colégio-universidade, ainda inacabado.³¹⁰ Em 1551 davam-se as constituições definitivas, destinando-se o colégio a doze bolseiros, quatro canonistas, quatro juristas e quatro teólogos ou artistas.³¹¹ E em 1552-53 teve início o primeiro ano lectivo regular.³¹² Cem anos depois, a nova universidade, edificada com toda a sumptuosidade, mal tinha rendas para se sustentar...³¹³

Na Andaluzia, e para além de Sevilha e de Granada, também as pequenas cidades de Baeza e Osuna ostentaram o seu colégio-universidade. A escola de **la Santísima Trinidad de Baeza** foi fundada pelo clérigo local Rodrigo López, ex-notário do Papa Paulo III, em 1538. Foi elevada a universidade por bula daquele Papa, de Novembro de 1542.³¹⁴ Instalou-se inicialmente na casa solarenga dos Acuña (que se dotou de uma nova capela) fora das muralhas da cidade antiga.³¹⁵ Recebeu uns primeiros estatutos do beato San Juan de Ávila (1500-1569), que apoiou os estudos. Leccionavam-se todos os níveis de ensino, desde as primeiras letras, passando à gramática, e depois às artes e à

³⁰⁹ Sobre a autoria do pátio Asunción Arrázola apresenta várias hipóteses plausíveis, desde Diego de Siloé, que estave em Oñate a realizar o sepulcro de Don Rodrigo, na igreja de *San Miguel*, ou Rofrigo Gil. O mestre-de-obras Domingo Guerra esteve à frente dos trabalhos, admitindo-se ainda a colaboração de Picart na execução dos trinta e dois medalhões, nas enxutas dos arcos. Maria Asunción ARRÁZOLA ECHEVERRÍA, *El Renacimiento en Guipúzcoa...*, 1967, p.380.

³¹⁰ Jesús María GONZÁLEZ DE ZÁRATE, Mariano RUIZ DE AEL, *Humanismo y arte...*, 1989, p.33.

³¹¹ Candido María AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.94.

³¹² Jesús María GONZÁLEZ DE ZÁRATE, Mariano RUIZ DE AEL, *Humanismo y arte...*, 1989, p.33.

³¹³ María Asunción ARRÁZOLA ECHEVERRÍA, *El Renacimiento en Guipúzcoa...*, 1967, p.362.

³¹⁴ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.96.

³¹⁵ “De ese edificio se conserva, además del extenso lienzo de sillería de la fachada posterior (...), la antigua portada renacentista de la capilla, de arco de medio punto, de gran dovelaje, sobre jambas, flanqueado por columnas estriadas con capiteles corintios. Encima del arco, el entablamento lleva una inscripción en la que reza la dedicación de la Universidad a la Santísima Trinidad”. Juan CRUZ CRUZ, *La Catedral de Baeza y su entorno monumental*, Eurograf, Mutilva (Navarra), 1998, p.17.

teologia.³¹⁶ Em 1565, criaram-se novas cátedras de retórica, gramática, grego, filosofia e teologia.³¹⁷

Falecido San Juan de Ávila, o cónego Pedro Fernández de Córdoba, administrador da universidade, dispendo de rendimentos, decidiu fazer erguer um novo edifício para as escolas juntando-lhe um colégio para 12 residentes.³¹⁸

Para esse efeito, em 1571, o município cedeu um terreno situado no centro da cidade.³¹⁹ O imóvel estaria pronto em 1593, embora as obras da capela e da fachada se tenham terminado já bem entrado o século XVII. Apenas abria portas dois anos volvidos, em 1595, após entendimento entre o patrono da antiga universidade e o novo benemérito.³²⁰

A 18 de Outubro deste ano, às oito da manhã, *“se reunían «en el teatro» universitario los dos patronos, el rector y el claustro de treinta y seis doctores y maestros para hacer la translación con toda solemnidad”*.³²¹ Fez.-se ainda o elogio a Pedro Fernández de Córdoba, que havia custeado o novo imóvel, *“un tan principal edificio de Schuelas, Capilla y Collegios”*, e que tinha *“augmentado renta de cathedras, erigido otras de nuevo y edificado la otra capilla del arcediano de Campos, incorporada con las dichas Schuelas con tanto numero de capellanes y ministros”*.³²²

Entretanto, Felipe II havia confirmado a fundação, por real cédula de 19 de Fevereiro de 1583.³²³ O seu filho, Filipe III, confirmaria os novos estatutos em 1609, depois de assinada uma concórdia (em 1605),

“donde quedara bien claro que la universidad, cátedras y capilla de estudiantes y claustro que ocupaban los bajos no habrían de confundirse con la capilla y colegio de artistas y teólogos cursantes y pasantes que

³¹⁶ **Francisco ESCOLANO**, “Documentos y noticias de la Antigua Universidad de Baeza”, *Hispania, Revista Española de Historia*, Madrid, Tomo V, Num.XVIII, 1945, p.38-71 (p.44-45).

³¹⁷ Juan CRUZ CRUZ, *La Catedral de Baeza...*, 1998, p.17.

³¹⁸ Francisco ESCOLANO, “Documentos y noticias...”, 1945, p.47-49.

³¹⁹ *Ibidem*, p.49.

³²⁰ *Ibidem*, p.49-50. Juan CRUZ CRUZ, *La Catedral de Baeza...*, 1998, p.18 e p.115.

³²¹ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.98.

³²² *Ibidem*, p.98.

³²³ *Ibidem*, p.98-99.

«*habitan los altos*» – *aquella de R. López, esto de P. Fernández; con diversos patronos y hacienda...*»³²⁴

Assim, as duas instituições, universidade e colégio, mantiveram-se independentes, embora partilhando o mesmo imóvel. Este compõe um imponente bloco quadrangular de três andares de altura pelo exterior.³²⁵ A fachada, orientada a sul, dá sobre uma rua estreita (a *calle San Juan de Ávila*, **fig.76**) e ostenta dois portais clássicos, um (sensivelmente a meio) para o colégio, outro (mais abaixo) para a majestosa capela colegial. Esta capela, de *San Juan Evangelista*, ocupa toda a ala poente, em pé direito total, dispondo de cúpula sobre o cruzeiro. Sobre o ângulo sudoeste da capela e do colégio, eleva-se um alto campanário de planta octogonal (**figs.76 e 77**).

Internamente, o colégio-universidade organiza-se em torno de um pátio quadrado, de dois níveis, com cinco arcos de volta inteira a cada lado, e por piso (**fig.78**). Frente ao *zaguán* de entrada, e na ala oposta, situa-se a escada colegial, e neste mesmo lanço, o antigo *paraninfo*. No piso superior, situavam-se, como se viu, os quartos dos colegiais.

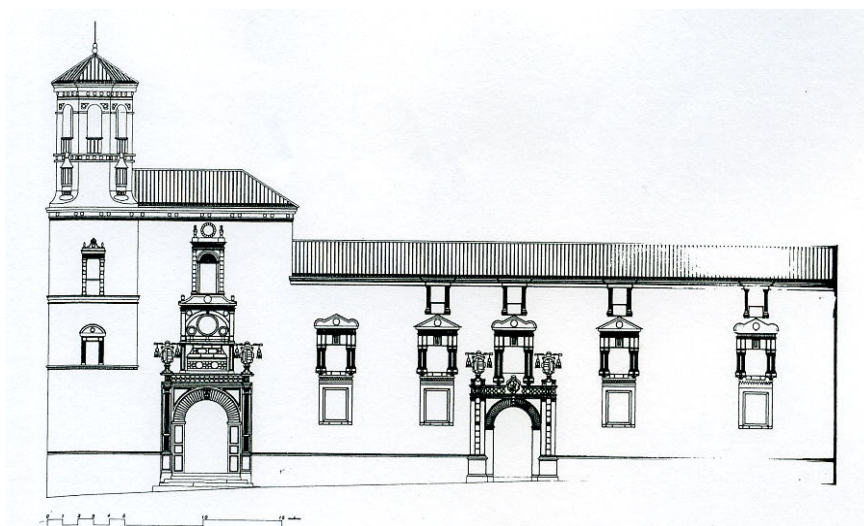


Fig.76

Baeza. Colegio-universidad de la Santísima Trinidad.
Fachada (fonte: J.M. Martín Clabo; M. Sánchez Ruiz).

³²⁴ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1959, p.317-318.

³²⁵ Sobre o edifício do colégio-universidade consultámos Juan CRUZ CRUZ, *La Catedral de Baeza...*, 1998, p.115-121; e **Jesús María MARTÍN CLABO; Marcelino SÁNCHEZ RUIZ (Coord.)**, *Guía de Úbeda y Baeza*, Jaén, Universidad de Jaén, 2ªed. 2000, p.236-242.

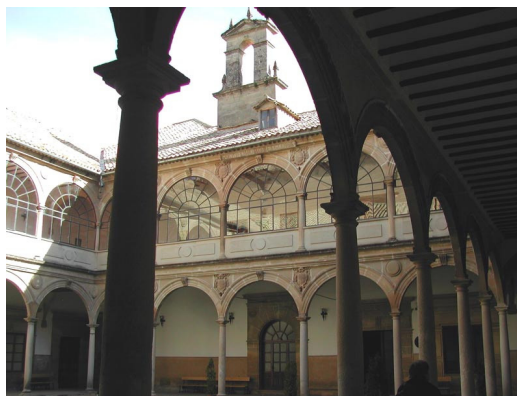


Fig.77

Baeza. *Colegio-universidad de la Santísima Trinidad*. Fachada e torre (fonte: Panoramio).

Fig.78

Baeza. *Colegio-universidad de la Santísima Trinidad*. Pátio (fonte: Panoramio).



O **colegio-universidad de la Purísima Concepción de Osuna**, não longe de Sevilha, foi estabelecido por Juan Téllez Girón, IV conde de Ureña (1494-1558), após súplica e posterior reconhecimento papal de Paulo III, de 10 de Outubro de 1548.³²⁶ A 8 de Dezembro desse ano o bispo de Marrocos, D. Sancho Trujillo, benzia a capela.³²⁷ Não é claro se o colégio já estaria levantado ou se se realizava (como noutros casos semelhantes) a cerimónia de lançamento da primeira pedra do edifício, situação que parece mais provável. Nesse mesmo dia fazia a escritura de fundação do colégio, que instituía com dezoito cátedras teológicas, duas de direito, cânones e medicina, três de artes, uma de língua grega, outra de gramática e latinidade, outra ainda de retórica e oratória, para além de oito cátedras menores.³²⁸ Ordenava ainda que nele residissem vinte colegiais, que tivessem cursado, ou iniciado a cursar, noutras universidades. Mandava também dar comida diária e calçado a 36 estudantes pobres, doze gramáticos, doze artistas e doze teólogos. Em Agosto do ano seguinte o Papa autorizava que se elegessem três religiosos dominicanos para ministrarem os cursos teológicos. Nesse mesmo ano de 1549 o fundador

³²⁶ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.101.

³²⁷ **María Soledad RUBIO**, *El Colegio-Universidad de Osuna (Sevilla) 1548-1824*, Sevilla, 1976, p.7.

³²⁸ As cátedras teológicas eram quinze de prima e de vésperas, duas de teologia e uma de sagrada escritura. *Ibidem*, p.8-9.

elaborava os estatutos. Universidade e colégio utilizariam o mesmo edifício e tinham o mesmo reitor, mas bens e rendas encontravam-se autonomizados.³²⁹

O edifício implantou-se entre o já desaparecido palácio fortaleza do conde e a igreja colegiada, numa pequena elevação sobre a cidade (**fig.79**), com a fachada a sul:

“Don Juan, haciendo él mismo, segundo la tradición, los planos, levanta una fábrica de planta cuadrangular, rematad en los ángulos con torres pinaculares, hecha en sillares de piedra de color dorado para formar el cuerpo del edificio. Contrasta toda ella, bella y alegremente, con la cerámica multicolor de las cubiertas y de las cúpulas de los torreones”.³³⁰



Fig.79

Osuna. Colegio-universidad de la Purísima Concepción. Fachada

(fonte: Maria Soledad Rubio).

Fig.80

Osuna. Colegio-universidad de la Purísima Concepción. Pátio

(fonte: Maria Soledad Rubio).



³²⁹ *Ibidem*, p.10

³³⁰ *Ibidem*, p.12.

Organiza-se em redor de um pátio quadrado, de seis arcos de volta inteira de cada lado e em cada piso (**fig.80**). Tal como em todos os outros colégios andaluzes que temos vindo a observar, o portal renascentista de entrada não se encontra a eixo da fachada, mas um pouco deslocado para a esquerda, no que parece ser uma característica regional. À direita do átrio de entrada situa-se a capela, de apenas uma altura, coberta por tecto de madeira trabalhada. À volta do pátio, no pavimento térreo, estavam as salas de aula, “*que tenían sus cátedras, balaustres y gradas*”.³³¹ Também na planta baixa estavam a sala reitoral e a sala dos graus.³³² Esta última, conhecida por “*girona*”, situa-se no ângulo sudoeste do edifício, com acesso directo desde o vestíbulo de entrada no colégio-universidade. Sala com tecto de madeira, tem as paredes pintadas com representações, a cor, dos doutores da igreja e da virgem.³³³

No piso alto estavam os quartos dos colegiais e a biblioteca. Esta “*...ocupaba en un principio, al parecer, toda la pieza que había en la parte alta, a lo largo de la fachada principal del edificio. Más adelante, ésta sería la sala rectoral alta y hoy el salón de actos*”.³³⁴

Passemos novamente a Castela, e à pequena cidade de **Burgo de Osma**, onde o bispo local, o português Pedro Álvares da Costa (bispo desde 1539, faleceu em 1563), fundou o **colegio-universidad de Santa Catalina**, reconhecido por bula de Júlio III, a 5 de Agosto de 1550.³³⁵ Destinava-se a estudos de gramática, dialéctica, teologia, direito civil e canónico, e artes liberais.³³⁶ Por essa época já estava o edifício levantado, extramuros da cidade, a nordeste. Havia-se levantado entre 1541 e 1549.³³⁷ “*Todo ello forma un conjunto sólido y perfecto de modo que un manuscrito de la catedral señala que el Colegio de Santa Catalina «puede compararse en su fábrica con el de*

³³¹ *Ibidem*, p.13

³³² Não encontramos referência ao refeitório e cozinhas, que também deveriam situar-se no rés-do-chão.

³³³ Diz-se que o próprio conde realizou algumas das figuras. María Soledad RUBIO, *El Colegio-Universidad de Osuna...*, 1976, p.13.

³³⁴ *Ibidem*, p.13.

³³⁵ **Bernabé BARTOLOMÉ MARTÍNEZ**, *La Universidad de Santa Catalina*, Burgo de Osma, Ayuntamiento de El Burgo de Osma, 1989, p.19,

³³⁶ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.115.

³³⁷ **Bernabé BARTOLOMÉ MARTÍNEZ**, *La Universidad de Santa Catalina...*, 1989, p.19.



Fig.81
Burgo de Osma. *Colegio-universidad de Santa Catalina*.
Portal.

Fig.82
Burgo de Osma. *Colegio-universidad de Santa Catalina*.
Fachada.

Fig.83
Burgo de Osma. *Colegio-universidad de Santa Catalina*.
Pátio
(fonte: B. Bartolomé Martínez).



San Bartolomé de Salamanca».³³⁸ De resto, a bula de fundação fazia já referência a este modelo.³³⁹

Felipe II confirmaria a fundação por real cédula de 31 de Janeiro de 1562, para depois aprovar umas novas constituições submetidas pelo bispo Tello de Sandoval, em 1 de Agosto de 1573. Por este documento o colégio deveria albergar 17 estudantes residentes (oito teólogos e nove canonistas) e 3 capelães.³⁴⁰

Na fachada, voltada a sul, destaca-se o portal renascentista, ao centro, com a figura de Santa Catarina sobre a porta, ladeada pelos escudos da universidade. Rematando a composição estão as armas reais (**fig.81**). O edifício é um bloco horizontal quadrangular, de dimensões consideráveis, de aparelho de pedra rústico (**fig.82**) organizando-se em torno de um pátio renascentista, de arcos de

³³⁸ *Ibidem*, p.19-20.

³³⁹ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.115.

³⁴⁰ *Ibidem*, p.116.

volta inteira suportados por colunas no piso térreo, e de arcos rebaixados no piso alto (**fig.83**). Internamente dispunha de capela, salas de aula, refeitório, biblioteca e quartos para os colegiais entre outros espaços.³⁴¹ No lanço de entrada, a cada lado do átrio, deve situar-se a capela (de uma altura apenas) e alguma sala de maiores dimensões, como deixam a entender as fenestraçãoes da fachada.³⁴²

Em inícios do século XVII, e pouco mais de meia centena de quilómetros mais para sul, extramuros da cidade de Sigüenza, o original **colegio-universidad de San Antonio Portaceli** seguia, com dificuldade, a sua existência. As rendas escasseavam para pagar aos mestres e para fazer face às contínuas despesas de reparação que o imóvel (frequentemente fustigado pelas enxurradas dada a sua situação na base de uma colina) exigia.³⁴³ De tal modo que quando se decidiu avançar para a demolição e trasladação do instituto para junto da cidade, em 1643, foi necessário suspender a operação devido à falta de fundos.³⁴⁴

A situação resolver-se-ia com a chegada, em 1650, de um novo bispo, Bartolomé Santos de Risoba (1582-1657), que havia sido colegial de *San Antonio* antes de prosseguir os estudos em Salamanca, no *colegio Mayor de Oviedo*.³⁴⁵ De facto, a sua primeira preocupação foi a da construção de um novo colégio junto dos muros da cidade. Disso nos dá conta a acta capitular do cabido pleno de 20 de Junho desse ano de 1650:

“Su Ilustrísima refirió como se hallaba en determinación e resolución de bajar a la Universidad y Colegios, por cuanto los edificios de las casas de San Antonio y de los frailes amenazaban ruina irreparable, y que la

³⁴¹ Como especificam as constituições. Bernabé BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, *La Universidad de Santa Catalina...*, 1989, p.19.

³⁴² Deslocamo-nos a Burgo de Osma, mas não logramos entrar no edifício, que se encontra grande parte do tempo encerrado. Tão pouco conseguimos obter material gráfico de levantamento publicado.

³⁴³ Veja-se sobre a fundação e implantação deste primeiro colégio-universidade, os capítulos 1.8., secção e) e 2.6., respectivamente.

³⁴⁴ **Isidoro MONTIEL**, *Historia de la Universidad de Sigüenza*, Maracaibo, Universidad del Zulia, 1963, p.421.

³⁴⁵ *Ibidem*, p.423.

*iglesia del monasterio de los frailes jerónimos se había caído, de suerte que no se podía usar de ella...”*³⁴⁶

Solicitou à cidade, seguidamente, parte dos terrenos onde pretendia levantar o novo imóvel, não muito longe da cerca seguntina. Paralelamente, apoiou também a trasladação do *convento de San Jeronimo* vizinho do colégio, para terrenos contíguos ao do novo colégio. Os trabalhos começaram de seguida, não sem contratempos:

*“Demolióse entonces el edificio antiguo para aprovecharse sus materiales, y la obra nueva se empezó a expensas del citado señor Obispo. Más tarde, con motivo de algunos rozamientos que tuvo con los colegiales, se paralizó ésta con grave perjuicio para la enseñanza, llegando en estas circunstancias el fallecimiento del señor Obispo, y quedando así el antiguo edificio demolido y el nuevo sin concluir”*³⁴⁷

Parece que os colegiais já viviam em Sigüenza em 1651, provavelmente em instalações provisórias até que se acabasse o edifício, o que só sucedeu, como

Fig.84

Sigüenza. Novos *convento de San Jeronimo* e *colegio-universidad de San Antonio Portaceli*.

Ao fundo, a sé catedral
(fonte: Martínez Gómez-Gordo, 1978).

Fig.85

Sigüenza. Novo *colegio-universidad de San Antonio Portaceli*. Fachada
(foto Editorial Escudo de Oro).

Fig.86

Sigüenza. Novo *colegio-universidad de San Antonio Portaceli*. Pátio
(foto Editorial Escudo de Oro).



³⁴⁶ *Ibidem*, p.424. Decidiu também a construção de um novo colégio-seminário, de *San Bartolomé*, na proximidade da sé catedral.

³⁴⁷ *Ibidem*, p.426.

vimos, depois do falecimento de Santos de Risoba em 1657. Mais célere terá sido a obra do vizinho convento de *San Jeronimo*, financiada pela própria ordem, e que se fez “*en pocos años*”.³⁴⁸ A igreja conventual fez-se mais tarde (**fig.84**), no tempo do bispo Francisco Alvarez de Quiñones, entre 1698 e 1710, tendo-se depositado o corpo do fundador do convento e do colégio-universidade, Juan López de Medina, na capela-mor.³⁴⁹

Quanto ao novo colégio-universidade segue a fórmula usual do bloco quadrangular de dois andares, com portal de entrada a eixo da fachada (**fig.85**), e dotado de um pátio porticado interno. As arcarias do nível superior são idênticas às do pavimento térreo e apoiam-se ambas em robustas colunas toscanas, num frio classicismo próprio da época (**fig.86**). Tal como em Osma, não logramos entrar no edifício, actual palácio episcopal, pelo que não conseguimos apurar a sua distribuição interna. Seria bastante interessante aferi-la, de modo a perceber como se continuou, ou não, em pleno século XVII, o modelo tipológico do colégio-universidade quinhentista.

Vejamos, finalmente, dois casos em que se levantaram colégios potencialmente destinados a serem sedes universitárias, mas que acabaram por não dar origem a nenhuma universidade. Os edifícios, contudo, corresponderam ao modelo genérico de colégio-universidade que temos vindo aqui a sistematizar.

O **colegio de San Nicolás de Burgos** foi levantado pelos testamentários do cardeal e bispo D. Iñigo López de Mendoza, falecido em Setembro de 1535.³⁵⁰

Estes compraram um terreno fora da cidade, na margem oposta do rio Arlanzon, a sul. As obras começaram em 1538, mas decorreriam a um ritmo

³⁴⁸ “Acomodaron las aulas de modo que estaban en el Colegio antiguo contiguas a la fábrica para que sin salir de casa oyesen los Religiosos las lecciones y viniesen allí a oírlas los Colegiales de enfrente y oyentes de la Universidad y los Catedráticos a leerlas. De la iglesia no edificaron nada, sólo señalaron el sitio a la parte de Occidente”. Fray Francisco DE LOS SANTOS, *Historia de la Orden de San Jerónimo*, citado por Isidoro MONTIEL, *Historia de la Universidad de Sigüenza...*, 1963, p.427.

³⁴⁹ *Ibidem*, p.428.

³⁵⁰ Os testamentários eram os dois irmãos do bispo, que morreu jovem, D. Francisco de Zuñiga III, conde de Miranda, e D. Juan de Zuñiga, comendador-mor de Castela, e ainda D. Diego Avellaneda, bispo de Tuy. Após o falecimento de D. Francisco, em 1537, sucedeu-lhe como testamentário D. Pedro Fernández de Velasco, “*Condestable de Castilla, primo del finado, quien mostrará un gran interés por la empresa...*”. Concepción PORRES GIL, “**El colegio de San Nicolás de Burgos, reflexiones a su estudio**”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, Tomo LXIII, 1997, p.349-358 (p.351).

muito lento, dada a escassez das rendas, de tal forma que só se concluiria o imóvel em 1570, com pequenas obras a decorrer até 1579³⁵¹ – e só no início do século XVII começaria o seu funcionamento.³⁵²

A falta de rendimentos foi também o motivo pelo qual esta fundação não se chegou a elevar a universidade, como comprova a tentativa falhada de 1582.³⁵³

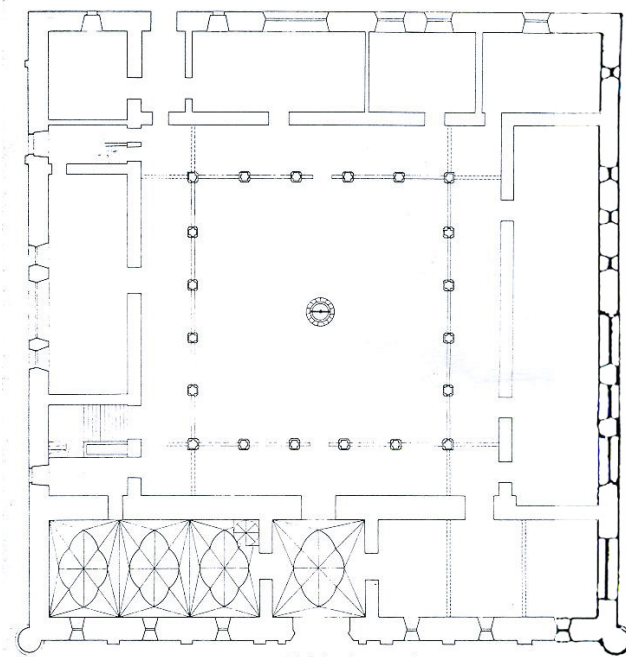
Parece que, a certo ponto, esse passou a ser objectivo final da empresa pois logo em 1543 o mestre-de-obras Pedro de Rasines, ao tomar posse do cargo de seu falecido pai (Juan de Rasines) à frente da obra do colégio, declarava que o fundador havia “*mandado que se hiziese un colegio e universidad en la ciudad de Burgos*”.³⁵⁴

Fig.87

Burgos. Colegio de San Nicolás.
Fachada
(fonte: A. Ibañez Pérez).

Fig.88

Burgos. Colegio de San Nicolás.
Planta
(fonte: A. Ibañez Pérez).



³⁵¹ 1570 é a data da lápide do portal de entrada (“*Acabose el año MDLXX*”), mas parece que os trabalhos prosseguiram até 1579. **Alberto C. IBAÑEZ PÉREZ, *Arquitectura civil del siglo XVI en Burgos***, Burgos, Caja de Ahorros Municipal de Burgos, 1977, p.251 e p.257.

³⁵² Concepción PORRES GIL, “El colegio de San Nicolás...”, 1997, p.356.

³⁵³ “*En 1582, se intentó la conversión del colegio (...) en Universidad, para lo cual se requería un notable aumento de las rentas del mismo, a cuyo fin se dictó por el Arzobispo de Burgos, D. Cristóbal Vela, una carta pidiendo a todos los cabildos del Arzobispado, así como a los particulares, concurrir con su limosna para el aumento de las rentas y conversión del Colegio en Universidad*”. Alberto C. IBAÑEZ PÉREZ, *Arquitectura civil...*, 1977, p.258.

³⁵⁴ Contrato de Pedro de Rasines com D. Pedro Fernández de Velasco, de 4 de Março de 1543. **María Luz ROKISKI LÁZARO, “Juan de Rasines, tracista del convento de Santa Clara de Briviesca y del colegio de San Nicolás de Burgos”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología***, Valladolid, Tomo LXII, 1996, p.317-320 (p.319). A declaração não correspondia totalmente à verdade, pois o que o bispo deixara estipulado no testamento foi fazer-se um colégio ou hospital, em Burgos. Alberto C. IBAÑEZ PÉREZ, *Arquitectura civil...*, 1977, p.256.

O edifício apresenta algumas semelhanças com o *colegio de Santa Cruz* de Valladolid (o bispo falecido e os irmãos testamentários eram familiares do grande cardeal Mendoza) em particular na planta, “*observándose en ambos casos una modulación basada en la «proporción áurea», consiguiendo a través de ella, la coherencia unitária del espacio arquitectónico*”.³⁵⁵ A fachada difere da do colégio vallisoletano, embora também se organize em panos de parede modulados por contrafortes, sete panos (**fig.88**) em vez dos cinco do *colegio de Santa Cruz*. A composição é mais horizontal (conforma um triplo quadrado ao baixo³⁵⁶) e apresenta um carácter robusto e austero, para o qual contribui a ausência decorativa (com excepção para o portal principal) e os contrafortes angulares cilíndricos, que não ultrapassam em altura a cornija superior.

A disposição interna inclui, no lanço principal da fachada (**fig.87**) e à esquerda do *zaguán* de entrada, uma capela. A colocação à esquerda e não à direita, como era mais comum, justifica-se face à orientação canónica da cabeceira da capela e à situação da fachada colegial, voltada a norte. A capela, coberta por abóbada tardo-gótica, é de pé direito duplo e dispõe de seis janelas (três em baixo e três em cima) para a frente colegial. Dispõe ainda de tribuna, sobre o átrio de entrada no colégio, à qual se acede por uma escada de pedra em caracol. À direita do *zaguán*, está um antigo geral, e sobre este estava a biblioteca. A escada, de dois lanços, encontra-se junto à cabeceira da capela, no ângulo nordeste do imóvel. Em redor do pátio quadrado (ladeado por arcarias de arcos rebaixados em cada um dos pisos), nos outros lanços ou alas, situavam-se mais três gerais, a cozinha e o refeitório, na planta baixa, e os quartos dos colegiais, no piso superior.³⁵⁷ O colégio, que recebeu umas constituições em 1603, serviria para a formação de clérigos, destinando-se a não mais de doze colegiais e três familiares.³⁵⁸

Instituto que tão pouco se constituiu em universidade foi o ***collegi de Sant Jaume i Sant Maties de Tortosa***, no sul da Catalunha, estabelecido em 1544, por Carlos V, como colégio para educação de moços mouriscos (**fig.89**).

³⁵⁵ Concepción PORRES GIL, “El colegio de San Nicolás...”, 1997, p.353.

³⁵⁶ *Ibidem*, p.354.

³⁵⁷ Veja-se Alberto C. IBÁÑEZ PÉREZ, *Arquitectura civil...*, 1977, p.253-256.

³⁵⁸ Concepción PORRES GIL, “El colegio de San Nicolás...”, 1997, p.356.

Fig.89

Tortosa. *Collegi de Sant Jaume i Sant Maties*. Fachada
(fonte: Panoramio).

Fig.90

Tortosa. *Collegi de Sant Jaume i Sant Maties*. Pátio
(fonte: Panoramio).



Curiosamente, o edifício apresenta algumas semelhanças (na volumetria e no pátio, **fig.90**) com o colégio-universidade de Granada, que também se começou a construir como colégio para mouriscos. Tanto Lampérez³⁵⁹ como Martinell³⁶⁰ incluem este colégio (e respectivas imagens) nos seus ensaios de síntese sobre a arquitectura universitária espanhola.

h) Seminário-universidade

Ainda no sul da Catalunha, na sequência do último edifício que analisamos na secção anterior, observemos o caso – único na Península – de um seminário que se fundou também como universidade. Falamos do **seminário-universidade de Tarragona**, primeiro seminário conciliar de Espanha, instituído pelo novo arcebispo D. Gaspar de Cervantes Gaeta (1511-1575)³⁶¹.

Com efeito, mal fora nomeado arcebispo de Tarragona, em 1568, tratou logo de conseguir rendas para o novo seminário (confirmadas por Pio V em 12 de Março de 1569) que desejava criar, na senda do decreto tridentino (de 15 de

³⁵⁹ Vicente LAMPÉREZ Y ROMEA, *Arquitectura civil española...*, 1922, Tomo I, p.168.

³⁶⁰ César MARTINELL, “Las antiguas Universidades y Colegios españoles, como monumentos arquitectónicos”, *Cuadernos de Arquitectura*, Barcelona, Ano 5, Num. 9, Julho de 1948, p.13-14.

³⁶¹ Sobre o percurso deste prelado, natural da Extremadura e que antes fora arcebispo de Messina e de Salerno, veja-se Eduardo SERRES SENA, “Historia de los edificios de la Universidad y Seminario Conciliar de Tarragona (1572 a 1881)”, *Boletín Arqueológico de la Real Sociedad Arqueológica Tarraconense*, Tarragona, Ano 51, Época IV, Enero-Marzo 1951, p.21-75 (p.20, nota 3).

Julho de 1563) que advogava a criação destes novos institutos em cada uma das sedes episcopais.

Só em Maio de 1572 entraria na cidade como arcebispo e já como cardeal. Alguns dias depois, a 5 de Julho fazia a escritura pública de doação de doze mil libras barcelonesas à “*Universidad del estudio*”,³⁶² sinal de que o prelado pensava num programa mais complexo. Segundo Cândido Ajo, a quantia destinava-se a pagar os professores, enquanto que a cidade se comprometia a levantar o imóvel universitário.³⁶³ Seguidamente, solicitava o reconhecimento pontifício da universidade, que seria concedido por bula de Gregório XIII, de 15 de Dezembro de 1574, autorizando a outorga de graus em teologia, filosofia e artes.³⁶⁴ Na letra apostólica publicada cinco anos mais tarde (10 de Junho de 1579), já depois do falecimento do cardeal-arcebispo, “*resultan (...) plenamente diferenciados, la erección del Seminario Conciliar y los beneficios que se conceden a la Universidad, coexistentes ambas instituciones en el mismo edificio, mejor dicho, en edificios adyacentes que formaron luego un todo*”.³⁶⁵

Sobre a construção do edifício da universidade, levada a cabo pela cidade depois do acordo de 1572, existem poucos dados documentais pois desapareceram as actas municipais do período entre 1569 e 1580. Neste último ano o imóvel já estaria levantado, pois em Setembro de 1577 o novo arcebispo, Antoni Agustín, inaugurava oficialmente os cursos.³⁶⁶ Do edifício do seminário, sabe-se apenas que foi começado depois de 1575, desconhecendo-se quando se concluiu.³⁶⁷

Implantou-se o conjunto fora das muralhas antigas da cidade, a sul, junto ao convento de São Francisco, dando corpo à nova *rambla* (**fig.91**), que seria conhecida também por *rambla de los Jesuítas*, pois estes padres também aí se instalaram na mesma época (a nascente do seminário-universidade e do lote

³⁶² *Ibidem*, p.28.

³⁶³ Candido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.126.

³⁶⁴ *Ibidem*, p.126.

³⁶⁵ Eduardo SERRES SENA, “Historia de los edificios...”, 1951, p.29. O reconhecimento régio só se faria a 27 de Novembro de 1588, por real cédula de Felipe II. *Ibidem*, p.30.

³⁶⁶ Enric OLIVÉ SERRET, Josep M. PRATS BATET, *Història del estudis universitaris a Tarragona: un trajecte de vuit-cents anys*, Tarragona, Universitat Rovira i Virgili, 1998, p.49.

³⁶⁷ O arcebispo Cervantes, no seu testamento de 6 de Outubro de 1575, refere objectivamente “...el edificio del seminario que se ha de labrar...”. Eduardo SERRES SENA, “Historia de los edificios...”, 1951, p.44.

destinado ao hospital de Santa Tecla, levantado em 1588³⁶⁸), a instâncias do arcebispo Cervantes. Ficou assim constituída uma plataforma pública, ao longo da muralha da cidade, onde já estavam, e se vieram a instalar, vários complexos dedicados ao ensino, à assistência pública, e à espiritualidade, numa espécie de recriação da *Rambla dels Estudis* de Barcelona. Alguns anos mais tarde, a *Rambla* e edifícios adjacentes acabariam por ficar inseridos dentro do perímetro da nova muralha abaluartada (**fig.92**).

Em 1591, face ao desenvolvimento da universidade,³⁶⁹ foi necessário fazer uma significativa obra de ampliação:

*“El creixent nombre d’estudiants i el fet que «ya molts estudiants desacomodats per haver en la ciutat an pocas casas que donen lit perquè no ha prou espay» imposaren al Consell el 1591 la construcció de cambres damunt les aules. El 1593 intervenia en l’ampliació de l’edifici l’arquitecte Pere Blai, que el projectà amb dos patis, un dels quals sera un claustre porxat amb les dependències distribuïdes al voltant seu”.*³⁷⁰

A ideia com que se fica é a de que o quadrângulo universitário era apenas, originalmente, um recinto de salas de aula sem aposentos no piso superior. A função residencial estaria assim reservada aos seminaristas no imóvel adjacente, sobre a *Rambla*, disposição que veremos já de seguida.

A reconstrução citada, levada a cabo pelo conselho municipal, não terá sido de grande qualidade pois em 1636 os arcos do pátio da universidade já ameaçavam ruína.³⁷¹ Por outro lado, e com a *guerra dels Segadors*, pela independência da Catalunha (1640-1652), o seminário foi parcialmente destruído (veja-se novamente a **fig.91**). Seria reconstruído em 1665-1674, tendo sofrido novas obras de reformulação, a partir de 1846 – quando já não existia a universidade (foi extinta, como todas as outras da Catalunha, em

³⁶⁸ Enric OLIVÉ SERRET, Josep M. PRATS BATET, *Història del estudis universitaris...*, 1998, p.49.

³⁶⁹ “Segons el jesuïta reusenc Pere Gil, a les acaballes del segle XVI l’Estudi de Tarragona tenia mariculats només 200 alumnes, al costat dels 600 que hi havia a Lleida i dels quasi mil inscrits a Barcelona”. *Ibidem*, p.38.

³⁷⁰ *Ibidem*, p.51.

³⁷¹ Eduardo SERRES SENA, “Historia de los edificios...”, 1951, p.40.

1717³⁷²) – que o tornaram apto a receber 110 seminaristas, e que incluíram a reconstrução da igreja de modo a ter capacidade para 400 escolares.³⁷³

É a esta última fase que reporta a planta do piso térreo do complexo, entretanto já desaparecido (**fig.93**). Compõe-se de dois quadrângulos justapostos, o do seminário a norte, sobre a *Rambla*, e o da antiga universidade, em posição recuada, a sul. É interessante notar como o quadrângulo universitário faz uso da tipologia universitária castelhana, com a entrada a eixo, uma capela à esquerda (em vez de ser à direita, em função da orientação da cabeceira a nascente) e um geral do lado oposto, e ainda outras salas de aula em redor do pátio, para além de uma escada de três lanços de ligação ao piso superior dos quartos. A capela era de uso exclusivo da universidade pois, como notou Serres Sena, parece que sempre co-existiram duas capelas, uma da universidade, e outra do seminário.³⁷⁴

O original complexo do seminário-universidad de Tarragona já não existe. Foi outra vez parcialmente destruído (desta feita a capela nova do seminário) com a revolução de 1868,³⁷⁵ após o que foi vendido em 1881, e demolido no ano seguinte, de modo a dar lugar a um novo quarteirão urbano.³⁷⁶

i) Conventos-universidade

Façamos finalmente uma breve referência aos conventos-universidade que foram sete na Península, fundados ao longo do século XVI – contando com as duas universidades jesuítas de Gandía e de Évora, instaladas em “colégios” e não em “conventos”. Esta é uma mera questão de nomenclatura pois os jesuítas não designavam as suas casas por “conventos”, empregando antes os termos “colégio” ou “casa professa”. Neste sentido, podemos verificar que aquelas duas universidades citadas (Gandía e Évora) estavam instaladas paredes-meias, e sem autonomia arquitectónica, com as casas religiosas locais. Feita esta consideração prévia deve talvez observar-se que este tema

³⁷² Centralizadas na nova universidade borbónica de Cervera, que não trataremos neste estudo.

³⁷³ Eduardo SERRES SENA, “Historia de los edificios...”, 1951, p.45-47.

³⁷⁴ *Ibidem*, p.52.

³⁷⁵ *Ibidem*, p.47.

³⁷⁶ *Ibidem*, p.56-60.

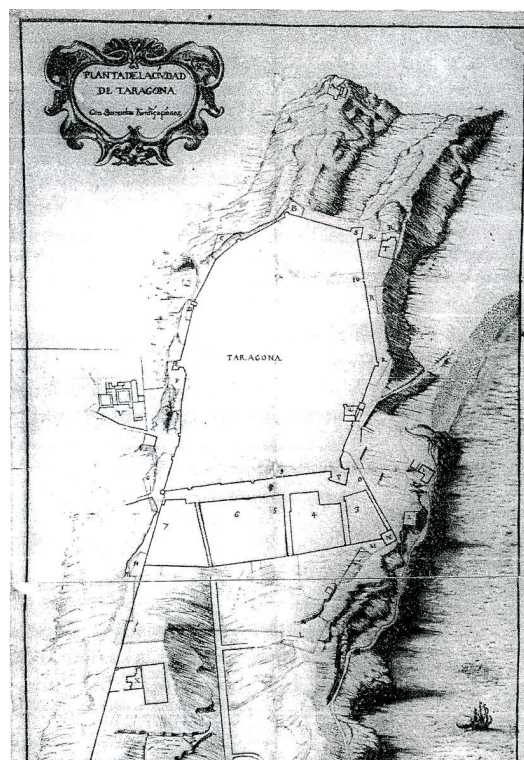
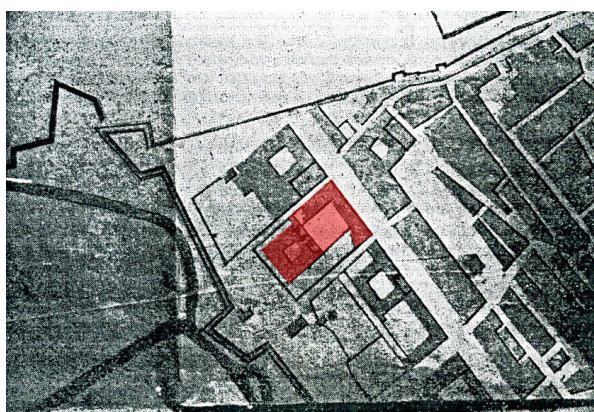


Fig.91

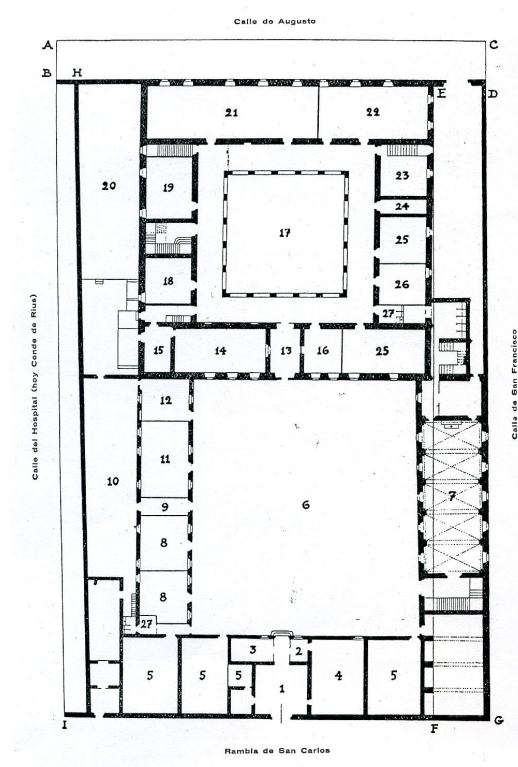
Tarragona. Detalhe de planta da cidade (de data desconhecida, provavelmente da segunda metade do século XVII) com o sector ocidental da *Rambla*. O seminário-universidade é o segundo imóvel, logo a seguir ao convento de São Francisco (fonte: E. Serres Sena).

Fig.92

Tarragona. Planta da cidade em 1642: 3.*Monjas de Santa Clara*; 4.*Convento da la Compañia de Ihs*; 5.*el hospital*; 6.*la Casa de la Universidad*; 7.*Convento de San Francisco*; 8.*la Rambla*; (fonte: I. Negueruela / Archivo General de Simancas).

Fig.93

Tarragona. Planta do Seminário, antes da destruição parcial de 1868: 1.Vestíbulo do seminário; 7.Capela nova do seminário; 13.Vestíbulo da universidade; 14.Capela da universidade; 15.Sacristia; 18,19,25. Aulas; 21.Salão de actos literários; 22.Biblioteca; (fonte: E. Serres Sena)



dos conventos–universidade por vezes estará mais próximo do campo da arquitectura religiosa e conventual do que da universitária. Ainda assim, não deixaremos de o tentar sintetizar nas linhas que se seguem.

Começemos com os **dominicanos**, que foram a ordem que mais conventos-universidade fundou em Espanha, e que seriam também responsáveis pelo funcionamento das primeiras duas universidades do Novo Mundo, em Santo Domingo, na ilha *Hispaniola* (1538), e em Lima (1548).³⁷⁷

A ordem dominicana mostrara-se interessada no ensino e formação dos seus membros praticamente desde a sua fundação, (reveja-se a secção *b* do capítulo 2.8), estabelecendo relações duradouras e frutuosas com algumas das mais renomadas universidades ibéricas, integrando os seus docentes e discentes nas academias e garantido o ensino de cátedras de teologia. Por outro lado, e na Espanha de inícios do século XVI (em 1511), instituíram uma rede oficial de quatro estudos gerais próprios da ordem, exclusivamente para a formação superior dos seus membros: *San Esteban* de Salamanca, *San Pablo* de Valladolid, *San Pablo* de Sevilha e *Santo Tomás* de Ávila.³⁷⁸ Em Portugal seria o colégio lisbonense de São Tomás a estabelecer-se como estudo geral da ordem, em 1517, na órbita da universidade de Lisboa.

Paralelamente, existiam os colégios gerais da ordem abertos a alunos externos, como o de San Gregório de Valladolid (1487) e de Santo Tomás de Sevilla (1517).³⁷⁹ O primeiro, a cuja arquitectura e organização espacial dedicamos o capítulo 2.8, não era um *colegio-universidad* pois estava integrado na universidade de Valladolid. Já o segundo (reveja-se mais atrás, a secção *g* deste capítulo) constituiu-se, desde logo, como *colegio-universidad*³⁸⁰

³⁷⁷ Para uma visão geral das universidades ibero-americanas deste período veja-se Cándido María AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.132-175; e Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, *La Universidad de Salamanca en Hispanoamérica*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2005.

³⁷⁸ Clara Inés RAMÍREZ GONZÁLEZ, “Las órdenes religiosas en la Edad Moderna. El contexto”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca (Vol.I: Trayectoria histórica y instituciones vinculadas)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p.563-588 (p.569-570).

³⁷⁹ *Ibidem*, p.570.

³⁸⁰ A comunidade dos pregadores em Sevilha residia no convento de *San Pablo*, localizado em zona distinta da cidade. Por esse motivo o edifício de *Santo Tomás* era um *colegio-universidad* (destinado exclusivamente a colegiais) e não um convento-universidade.

concorrendo com o de *Santa Maria de Jesus*, fundado na mesma cidade poucos anos antes.

Segundo Cândido Ajo, foi em **Ávila** que se criou o “tipo hispânico” de convento-universidade.³⁸¹ Embora este autor considere que, do ponto de vista jurídico (face ao estipulado nas *Siete Partidas*), a instituição da universidade date apenas de 1576 quando Gregório XIII emitiu a respectiva bula,³⁸² não deixa de atentar para o facto de que o funcionamento como centro de estudos superiores terá sido anterior.

Com efeito, em 1504, o estudo particular do então recém-levantado cenóbio havia sido elevado a estudo geral da ordem pelo geral Vicente Bandello,

*“juzgando oportunos los deseos manifestados por la reina Isabel sobre este particular y las condiciones materiales y cualitativas que se ofrecían: excelente edificio, amplio, alejado de la ciudad, con surtida biblioteca (...) y, sobre todo, muy estimado por los reyes, quienes habían sepultado a su hijo en la iglesia”.*³⁸³

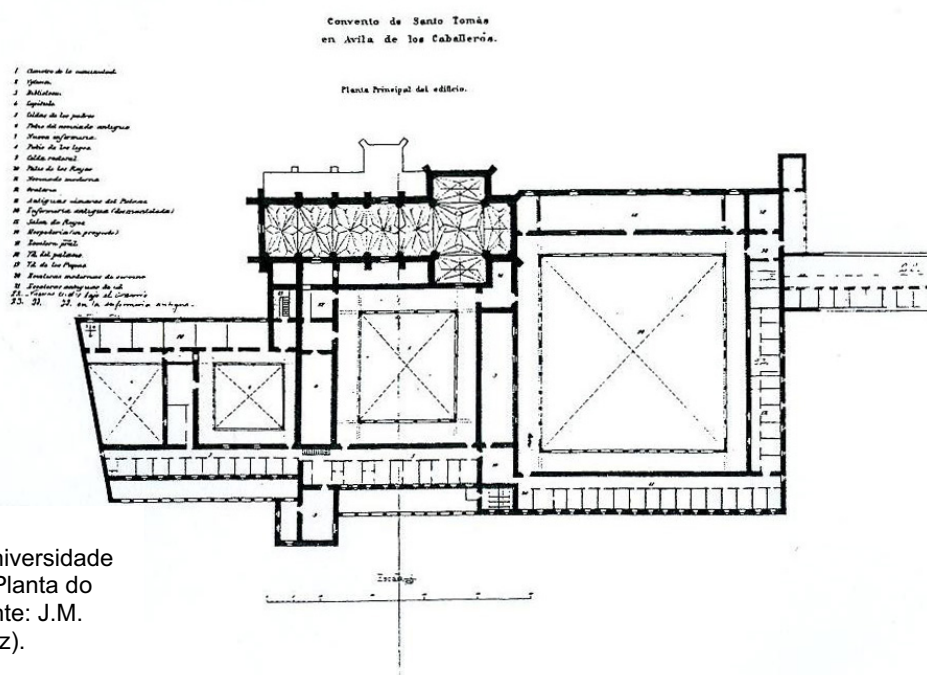


Fig.94
Ávila. Convento-universidade de *Santo Tomás*. Planta do primeiro andar (fonte: J.M. Herráez Hernández).

³⁸¹ Cândido María AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.106.

³⁸² De 4 de Abril. *Ibidem*, p.105.

³⁸³ José María HERRÁEZ HERNÁNDEZ, *Universidad y Universitarios en Ávila durante el Siglo XVII. Análisis y Cuantificación*, Ávila, Institución «Grande Duque de Alba», 1994, p.61-62.

A construção do convento, implantado fora de muros, a sudeste da cidade, ocorrera entre 1482 e 1493 debaixo do patrocínio dos Reis Católicos que escolheram a igreja para nela depositarem os restos mortais do infante D. Juan. Decidiram também estabelecer, agregada ao convento, uma residência de verão.³⁸⁴

Bandello nomeou três leitores de artes e dois de teologia para o estudo dominicano, que seria confirmado algum tempo depois (em data incerta) pelo legado e núncio apostólico cardeal Giovanni Poggio, que tomou a iniciativa suplementar de o erigir em universidade. Estudo e universidade seriam novamente confirmados pelo núncio papal em Espanha, Leonardo Marino, em 1553³⁸⁵ – embora para Ajo, estes núncios não tivessem autoridade nem legitimidade para estabelecerem a universidade.

Independentemente desta questão interessa-nos sobretudo olhar para o edifício conventual. Compunha-se da Igreja e de três claustros em sucessão (**fig.94**), a saber, e de poente para nascente, o do noviciado (o mais pequeno), o do silêncio (o principal claustro conventual), e o mais amplo de todos, o *claustro de los reyes*, na zona recuada do convento, ao qual se associava a hospedaria real. Era em redor deste último recinto que se acolhiam também as cátedras universitárias.

*“Siguen existiendo las aulas en la parte baja del lateral sur aunque ya sin el pulpito y sin el banco corrido que se mantuvieron hasta algunas décadas. En 1863, una guía de la ciudad se refería a ellas en estos términos: «En sus patios se conservan aunque deterioradas, muchas cátedras y la sala de grados, por cierto muy pobre y de mal gusto, que a la verdad forma un extraño contraste con las demás partes del edificio...». Veinte años después, V. de la Fuente observaría que esas cátedras «son en general de escasa luz, pues la recibían por la puerta, cosa rara en un país tan frío como Ávila. La de actos mayores tiene mejores condiciones»”.*³⁸⁶

³⁸⁴ Manuel GÓMEZ-MORENO, *Catalogo Monumental de la Provincia de Avila*, Avila, Institución «Grande Duque de Alba» / Dirección General de Bellas Artes y Archivos, 1983, Vol.I, p.184-185.

³⁸⁵ José María HERRÁEZ HERNÁNDEZ, *Universidad y Universitarios en Ávila...*, 1994, p.62.

³⁸⁶ *Ibidem*, p.57.

Outro convento-universidade dominicano estabeleceu-se em **Almagro**, em Castela – La Mancha, edifício do qual não recolhemos dados arquitectónicos. Em 1539, os dominicanos tomavam posse do convento de *Nuestra Señora del Rosario* erguido pelo *clavero mayor* da ordem de Calatrava, frey Fernando Fernández de Córdoba. O mesmo dignatário, por testamento (faleceu em 1550), e na posse de um documento assinado pelo cardeal penitenciário da Santa Sé em Roma, outorgava a criação de um colégio universitário no seio do convento, que seria aprovado pelo príncipe herdeiro Felipe (futuro Felipe II), em nome do Imperador Carlos V, em 1552. Segundo os estatutos, de 1553, devia fazer-se primeiro o edifício do colégio, destinado a vinte colegiais dominicanos e a seis professores da ordem militar de Calatrava. Finalmente, em 1574 e com as dependências colegiais adiantadas, começaram as aulas das faculdades de teologia, artes e filosofia.³⁸⁷

Em **Orihuela** (ou Oriola, em valenciano), o grandioso convento dominicano – “*quizá el monumento artístico de mayores proporciones con que cuenta la Comunidad Valenciana*”³⁸⁸ – desenvolve-se por três pátios (tal como em Ávila, embora em disposição diferente), sendo que num deles funcionava a universidade. O projecto universitário foi iniciativa de D. Fernando de Loazes (1483-1568)³⁸⁹, que em 1546, enquanto bispo de Lérida, pretendeu dotar a sua cidade natal de Orihuela com um centro de estudos superiores.³⁹⁰ Escolheu para sediar o novo instituto um modesto convento dominicano que se havia instalado intramuros, em 1510, junto a uma das portas da cidade.³⁹¹

Aceite a pretensão pelo capítulo geral da ordem em 1547, iniciou-se a construção de um novo convento em 1553, após a concessão da bula de Júlio

³⁸⁷ Dados retirados de Cándido Maria AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.106-114.

³⁸⁸ **Javier SANCHEZ PORTAS**, “**El Colegio de Santo Domingo de Orihuela (I – trazas, portada y claustro de la universidad)**”, *Archivo de Arte Valenciano*, Valencia, Ano LXVI, 1985, p.47-53 (p.47).

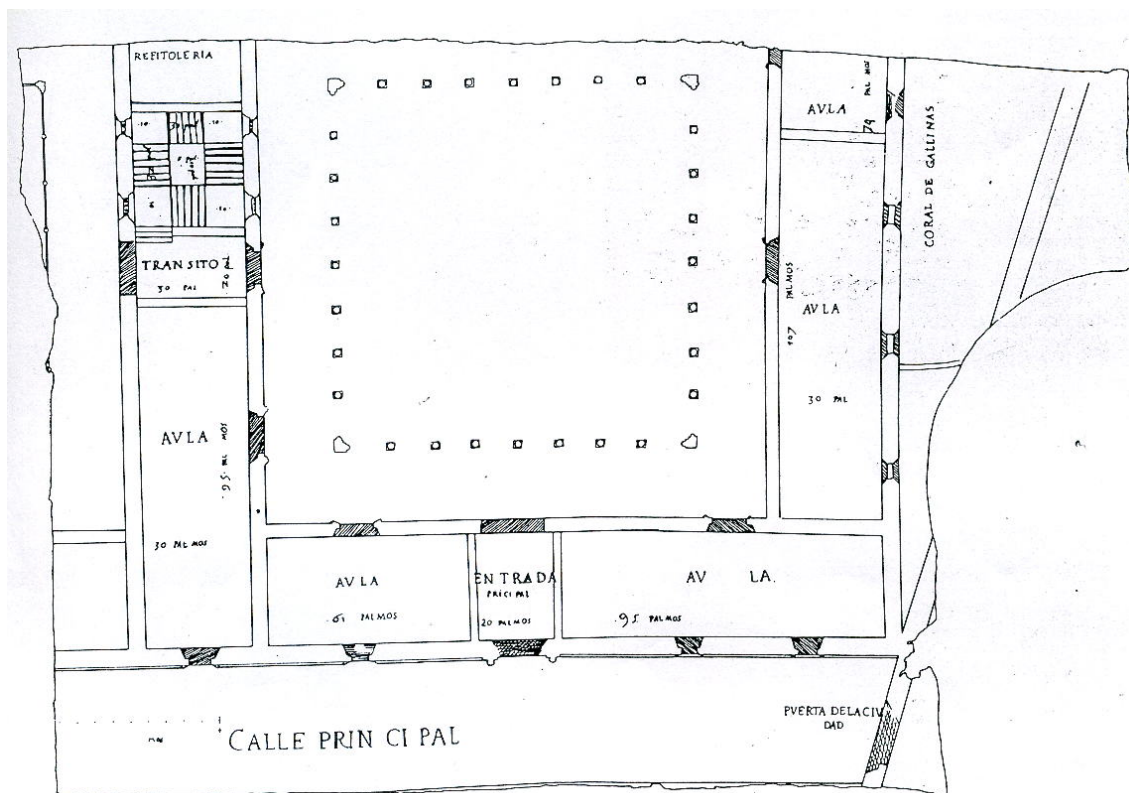
³⁸⁹ Antes fora bispo de Elna (1542-43). Seria depois bispo de Tortosa (1553), arcebispo de Tarragona (1560) e a arcebispo de Valência (1567, até falecer).

³⁹⁰ **Mario MARTÍNEZ GOMIS**, “**La Universidad de Orihuela**”, in Mario Martínez Gomis, Pilar García Trobat, *Historia de las Universidades Valencianas*, Alicante, Instituto de Cultura «Juan Gil-Albert», 1993, Vol. II, p.7.

³⁹¹ “*La causa de su predilección por esta orden parece ser que, al margen de su favorable concepto sobre los padres predicadores en el campo de la docencia, radicaba en la presencia de un sobrino suyo en el seno de aquella comunidad: fray Juan de Loazes, a quien el mitrado no tardó en contagiar su entusiasmo por el proyecto*”. *Ibidem*, p.19.

III (1552) aprovando a criação do respectivo colégio.³⁹² O bispo Loazes entregou o projecto do novo edifício conventual ao arquitecto Jerónimo Quijano. Levantou-se a igreja (na capela-mor da qual ficaria o túmulo de D. Fernando), o claustro principal conventual e um pátio de serviço na zona posterior. Ao lado do claustro principal, e sobre a linha da frente do convento, fez-se o pátio dedicado à universidade, com acesso autónomo desde o exterior. Como nos esclarecem Joaquín Berchez e Francesc Jarque, *“de los dos claustros trazados por Quijano, tanto el del colegio como el del convento, de dos pisos, organizados por columnas y arcos, ninguno há llegado a nuestros días”*.³⁹³

Fig.95: Orihuela. Cópia do fragmento da planta do colégio com a “traça” de Jerónimo Quijano para o pátio da universidade (década de 1550?, fonte: J. Sanchez Portas).



³⁹² Permitia que se outorgassem graus de artes e de teologia aos colegiais dominicanos. *Ibidem*, p.19.

³⁹³ **Joaquín BÉRCHEZ, Francesc JARQUE, *Arquitectura Renascentista Valenciana (1500-1570)***, València, Bancaixa Obra Social, 1994, p.70. O novo claustro conventual foi reconstruído após o terramoto de 1636, tal como a igreja, refeita a partir de 1662. Veja-se também **R. NAVARRO, J. VIDAL, “Convento de Santo Domingo”** in **Joaquín Bérchez, Gómez (Coord.), *Catálogo de monumentos y conjuntos de la Comunidad Valenciana***, València, Conselleria de Cultura, Vol.I, 1983, p.672-676.

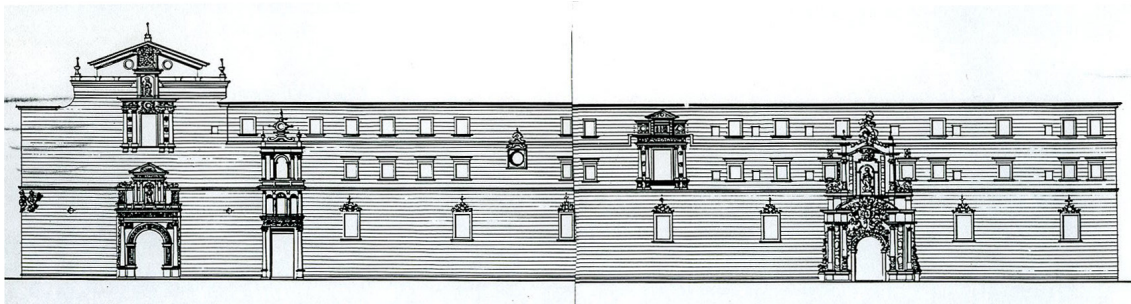


Fig.96: Orihuela. Fachada do convento de *Santo Domingo* com os portais renascentistas da igreja e do conento, e o barroco da universidade (fonte: R. Navarro, J. Vidal, 1983).

O claustro (em rigor, um pátio) das escolas primitivo, tinha o mesmo número de vãos que o actual, oito de cada lado, como se vê num fragmento de uma traça de Quijano que se recuperou (**fig.95**) e que representa, justamente, a área universitária. Em redor do pátio situavam-se as diversas salas de aula. Na ala intermédia entre as escolas e o claustro conventual ficava a escadaria (que se construiu já depois de falecido Quijano – em 1563 – entre 1566 e 1568³⁹⁴), associada ao trânsito entre os dois sectores do complexo. Paredes-meias com as escadas, pode ver-se o arranque do refeitório comum realizado ainda em vida do arquitecto, em 1561.³⁹⁵

Com o edifício adiantado, criava-se a universidade, por bula de 1569, de Pio V, autorizando todas as faculdades, e permitindo a outorga de graus tanto a religiosos como a seculares. No entanto só em 1610 se abriram as portas a alunos externos. O funcionamento da universidade completa teve também de ser adiado por razões económicas, e porque o Rei não reconheceu a academia, num primeiro momento, em função das pressões da universidade valenciana. Estes contratempos seriam finalmente solucionados com a colaboração da cidade (que financiaria os cursos de medicina e direito civil e canónico) e com o privilégio régio concedido por Felipe IV, a 30 de Novembro de 1646.³⁹⁶

O actual pátio das escolas resultou do projecto do frade trinitário Francisco Raymundo e realizou-se entre 1727 e 1737. Este mesmo personagem havia desenhado o portal barroco da universidade (1723) que se colocaria na

³⁹⁴ Joaquín BÉRCHEZ, Francesc JARQUE, *Arquitectura Renascentista...*, 1994, p.74.

³⁹⁵ *Ibidem*, p.72.

³⁹⁶ Mario MARTÍNEZ GOMIS, “La Universidad de Orihuela...”, 1993, p.31.

extensa fachada de 110 metros de todo o conjunto (**fig.96**), na qual marcavam também presença os portais renascentistas da igreja e do convento.

Outras duas universidades regidas pelos dominicanos, ou fundadas num dos seus conventos, criadas já no século XVII, foram as de Solsona, na Catalunha (em 1614),³⁹⁷ e a do convento de Santiago em Pamplona (em 1619),³⁹⁸ das quais não trataremos aqui.

Ordem religiosa que também estabeleceu uma universidade num seu convento, no século XVI, foram os **beneditinos** de Santa Maria la Real de **Irache**, junto ao povoado de Ayegui, não muito longe da cidade de Estella – foi a primeira instituição universitária do reino de Navarra. Um colégio próprio da ordem beneditina havia sido reconhecido pelo Papa Bento XIII, em 1403, tendo sido posto a funcionar no mosteiro de Sahagun, no noroeste de Castela.³⁹⁹ Uma nova bula de 1534, passada por Clemente VII, permitia ao colégio beneditino outorgar graus, com os privilégios e direitos da universidade salmantina.⁴⁰⁰ Esta nova universidade acabaria por ser posta a funcionar em outro mosteiro da ordem, justamente o de Irache, em Navarra. De acordo com um relato das negociações com a universidade de Salamanca, para que esta reconhecesse os graus de Irache, tidas em 1568-1569, refere-se o argumento utilizado de que

*“en el colegio y monasterio de Santa Maria la Real... se leen las facultades de Artes y Theologia y cátedras fundadas por más de veinte años por dha. Orden y confirmadas por su Santidad, a las cuales cátedras y lecturas concurren a las oyr muchos religiosos de la dha. Orden y otros muchos seglares (...).”*⁴⁰¹

³⁹⁷ Sobre esta universidade pode consultar-se **J. SERRA VILARÓ**, *Universidad Literaria de Solsona*, Tarragona, 1953.

³⁹⁸ Sobre esta universidade pode consultar-se **José SALVADOR Y CONDE**, *La Universidad en Pamplona (proyectos y realidades)*, Madrid, CSIC / Instituto jerónimo Zurita, 1949; **José SALVADOR Y CONDE**, *La Universidad de Pamplona en el siglo XVII*, Pamplona, Diputación Foral de Navarra, 1977; e também **Javier VERGARA CIORDIA**, *Colegios seculares en Pamplona (1551-1734)*, Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, 1991.

³⁹⁹ Cándido María AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.85.

⁴⁰⁰ *Ibidem*, Vol.II, p.86.

⁴⁰¹ *Ibidem*, Vol.II, p.86.

Donde resulta que a universidade deveria funcionar efectivamente desde cerca de 1548 ou de 1549. Sobre os espaços físicos em que funcionava o estudo no âmbito do convento, não tivemos ocasião de obter informação relevante.⁴⁰²

Por sua vez, também a recém-criada Companhia de Jesus (aprovada pelo Papa Paulo III a 27 de Setembro de 1540) regeria um par de universidades na Península Ibérica. Os **jesuítas**, que tinham como missão principal e original a missionação católica contra-reformista, cedo se aperceberam das potencialidades de associarem o ensino e a educação ao seu projecto. No quadro universitário, preferiram instalar colégios nas cidades com academias renomadas, a criar eles próprios, novas universidades. Sucedeu assim em Coimbra (onde fixaram um primeiro colégio, logo em 1542), em Salamanca e Alcalá, onde os colégios da Companhia viriam a transformar-se, com o tempo, em enormes estruturas de grande impacto urbano.

Não obstante, tomariam conta de dois projectos universitários que lhes foram oferecidos por outros tantos mecenas poderosos. O primeiro deles levaria à criação da universidade de **Gandia**, por iniciativa do duque desta cidade valenciana, São Francisco de Borja (1510-1572). O primeiro plano do duque para fundar uma casa de ensino de mouriscos levou à ideia de fundar um colégio da Companhia, que seria aprovado pelo Papa, em 1544, e pelo fundador dos jesuítas, Inácio de Loyola (1491-1556), no ano seguinte.⁴⁰³ Com a chegada dos primeiros padres, e após colocar a primeira pedra na obra do novo edifício, pensou o fundador em solicitar a elevação do colégio a universidade, que foi aprovada por bula de Paulo III, de 4 de Novembro de 1547, e autorizada pelo Imperador Carlos V em 1550.

O colégio original, segundo propôs Serra Desfilis, era relativamente modesto, aproveitando algumas construções pré-existentes e organizando-se em torno à ermida de *San Sebastian* que o duque doara ao colégio em 1548. Situava-se junto à porta de Valência, encostando-se ao muro da cidade pelo lado interno.

⁴⁰² Consultamos **Javier IBARRA**, *Historia del Monasterio y de la Universidad literaria de Irache* (1938), Pamplona, Ediciones Artesanales Luis Artica Asurmendi (edição fac-simile), 1999, que não se alonga por estes aspectos.

⁴⁰³ **Amadeo SERRA DESFILIS**, “Casa, iglesia y patios: La construcción de la sede de la Universidad de Gandia (1549-1767)”, in *AAVV*, *Gandia, 450 anys de tradició universitària*, Gandia, Ajuntament de Gandia, 1999, p.179-189 (p.179).

Diz-nos este investigador que *“las construcciones acabadas en 1549 no parecen haber sido muy ambiciosas y es dudoso que respondieran a un tipo arquitectónico preciso”*,⁴⁰⁴ reafirmando que *“al parecer, no existió nunca un plan de conjunto preciso y orgánico”*.⁴⁰⁵ Uma primeira organização funcional

“se reflejaba en cierto modo en la existencia de dos patios (el de servicio, más antiguo, con entrada para las caballerías; y el de las aulas que formaban las nuevas construcciones al sur y oeste de la capilla), quedando la iglesia como eje del conjunto, con su entrada en el lado oriental y un amplio atrio ante ella”.⁴⁰⁶

Esta primeira sede tinha capacidade para 30 colegiais. Nela o próprio duque se doutorou em 1550, antes de partir para Roma a fim de se incorporar na Companhia, renunciando a títulos e bens materiais. Chegaria a geral dos jesuítas em 1565.

Dada a modéstia das primeiras instalações, pensou-se em reformar e ampliar o edifício em finais do século XVI. Com efeito, em 1594, o V duque de Gandia, Carlos de Borja e Castro, compraria um novo terreno para construção de uma nova e bastante maior igreja onde queria ser sepultado.⁴⁰⁷ Entre 1603 e 1605 fizeram-se os preparativos para a construção do templo, na horta, a poente do conjunto primitivo. A construção, começada nesse último ano (1605), só terminaria em 1642.⁴⁰⁸ Dotou-se assim o colégio e a universidade com uma igreja (a actual) mais de acordo com os modelos jesuítas.

Entretanto fizera-se também o *cuarto nuevo*, *“es decir, el cuerpo de fábrica levantado en el lado oriental del conjunto”*,⁴⁰⁹ cujos trabalhos terão começado cerca de 1598-1600. A construção deste lanço fez-se à custa do derrube das estruturas originais.

“Este cuerpo estaba cubierto con una azotea y tenía dos torres en sus extremos cuando se acabó en 1604. Las torres debían de conferir a la fachada oriental, que era entonces la principal del conjunto, una

⁴⁰⁴ *Ibidem*, p.180.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p.180.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p.183.

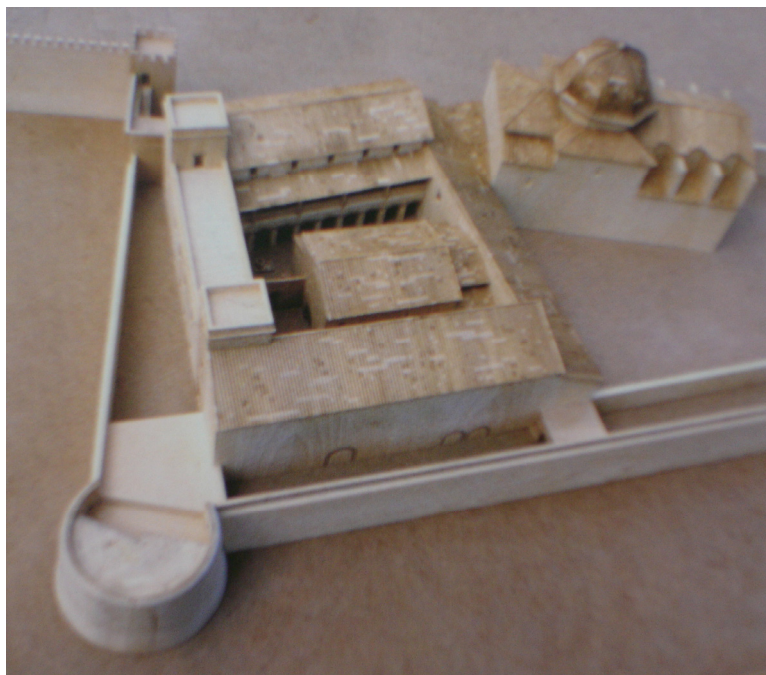
⁴⁰⁷ *Ibidem*, p.185.

⁴⁰⁸ *Ibidem*, p.187.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p.185.

Fig.97

Gandia. Maqueta de reconstituição do colégio em meados do século XVII. Do núcleo original restava apenas a ermida de *San Sebastián* (ao centro), entre dois apertados pátios. Sobranceiro à muralha pode ver-se o *cuarto nuevo* com as suas duas torres (1598-1604) junto da porta da cidade. A igreja nova e actual levantara-se entre 1605 e 1642 (maqueta de Carlos Martínez Pérez e de José García Paredes, *Museu Arqueològic de Gandia*).



*apariencia más monumental y acorde con los modelos entonces vigentes en la arquitectura civil de la época, si bien este frente quedaba casi unido al portal de Valencia de la muralla (...) y en definitiva condicionado por las defensas de la ciudad”.*⁴¹⁰

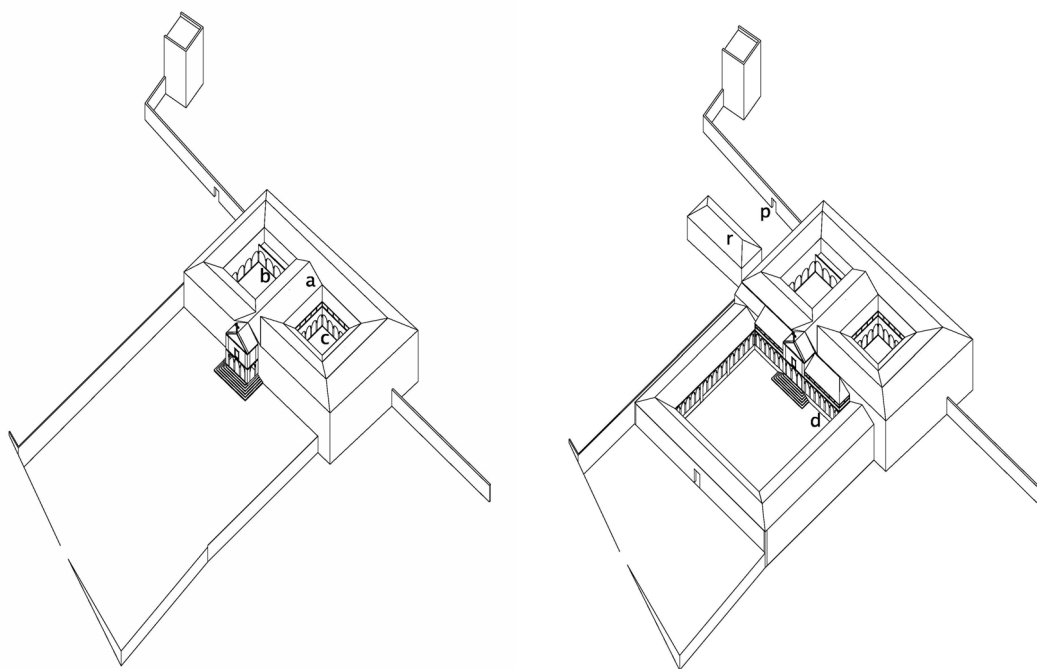
O aspecto do conjunto em meados do século XVII, ou seja, depois destas reformas, é o que se pode ver na fotografia da maqueta de reconstituição que apresentamos (**fig.97**). Obras importantes foram também a construção de uma escada interna mais ampla, o alteamento do corpo ocidental, a reforma do refeitório, entre outras.⁴¹¹ Finalmente, em 1701, derrubou-se a antiga ermida de *San Sebastián*, para a construção do novo teatro. Depois da expulsão dos jesuítas de Espanha, foi o edifício muito alterado, tendo sido quase totalmente reconstruído em meados do século XIX.⁴¹² Apenas subsiste a igreja.

Também a universidade de **Évora**, começou num colégio instituído por um fundador particular, nada menos que o irmão do Rei, o cardeal infante D. Henrique (1512-1580) destinado à formação do clero secular do arcebispado. Dedicado ao Espírito Santo, iniciado em 1550-51, deveria compor-se inicialmente por uma igreja central ladeada por dois pequenos pátios, um a

⁴¹⁰ *Ibidem*, p.185.

⁴¹¹ *Ibidem*, p.186.

⁴¹² *Ibidem*, p.189.



cada lado⁴¹³ (tal como em Gandia?⁴¹⁴). Foi cedido aos jesuítas em 1554 (**fig.98**) que aí fixaram uma comunidade. Uma primeira tentativa, por parte do fundador, de elevar o colégio a universidade foi recusada por D. João III (1502-1521-1557), empenhado em proteger a exclusividade de Coimbra. No entanto, logo que o Rei faleceu, conseguiu D. Henrique a elevação do colégio a universidade (com as faculdades de teologia e de artes), confirmada por bulas de Paulo III e solenemente inaugurada no dia 1 de Novembro de 1559. Nessa altura estaria já em construção um novo grande pátio, defronte da igreja e do colégio primitivo, rodeado por arcarias (em três dos seus lados) e destinado às aulas da nova universidade, que se concluiria em 1561 (**fig.99**). Este pátio seria provavelmente devedor do pátio em construção no primeiro colégio das Artes de Coimbra, que nunca se terminou (veja-se atrás neste capítulo a fig.22) e do qual repete as dimensões (cerca de 36 metros de lado / vão livre).⁴¹⁵

⁴¹³ Rui LOBO, *O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora*, Évora, CHAIA, 2009, p.32.

⁴¹⁴ Recorde-se que Francisco de Borja, que se tornou amigo do cardeal D. Henrique, estadiou em Évora pela primeira vez (de três) em Outubro de 1553. José Maria QUEIRÓS VELOSO, *A Universidade de Évora. Elementos para a sua história*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1949, p.92-107.

⁴¹⁵ Rui LOBO, *O Colégio-Universidade do Espírito Santo...*, 2009, p.64-65 e Rui LOBO, "Jesuit school courtyards...", no prelo.

Fig.98

Évora. Colégio do Espírito Santo. Reconstituição conjectural do edifício original em 1556

Fig.99

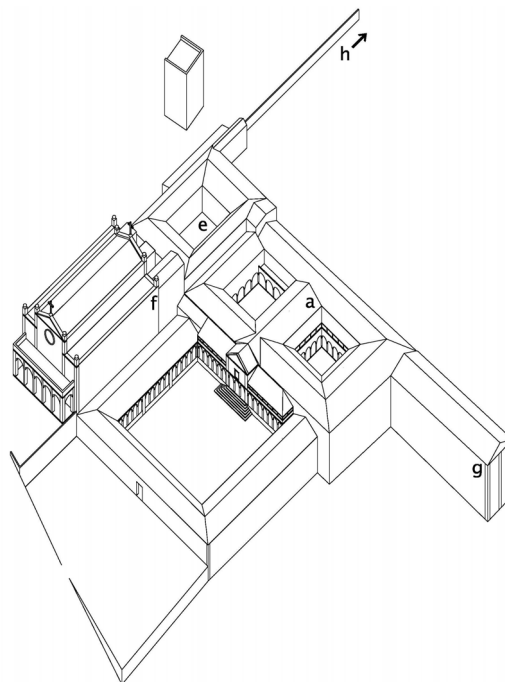
Évora. Colégio-universidade do Espírito Santo. Reconstituição conjectural do edifício após a construção do primitivo pátio das escolas em 1561

Fig.100

Évora. Colégio-universidade do Espírito Santo. Reconstituição conjectural do edifício em 1580:

a. capela primitiva, depois sala de actos; e. noviciado;
f. igreja do Espírito Santo;
g. braço do refeitório.

(Fonte Rui Lobo, 2009)



A fórmula seria repetida no segundo colégio das Artes de Coimbra (figs.23 e 24), levantado pelos próprios jesuítas na parte alta desta cidade a partir de 1568.

Porém, ao contrário do que sucederia em Coimbra, onde o novo colégio das Artes se levantava autonomamente em relação ao imponente colégio principal de Jesus (capítulo 3.2, fig.30), em Évora o pátio escolar e o convento vieram a estar amalgamados no mesmo edifício. Com efeito, após a construção do grande pátio das escolas (originalmente com apenas um piso de altura), construíram-se dependências que interessavam sobretudo à comunidade jesuíta, como sejam o noviciado (1564-1568), uma nova igreja com acesso directo desde o exterior (1567-1574), e o novo braço do refeitório e dormitório (1575-1578). A primitiva capela foi revertida em sala de actos públicos da universidade. Era este o imóvel que se encontrava levantado (**fig.100**) quando em 1580 faleceu o seu fundador.⁴¹⁶

Obras posteriores foram a nova portaria de acesso directo às dependências jesuítas, os andares superiores das alas laterais do pátio grande (concluídas

⁴¹⁶ Veja-se, sobre o edifício da universidade de Évora, **Túlio ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal, tomo VII – Concelho de Évora***, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1966, Vol.I, p.71-91; Fausto SANCHES MARTINS, *A arquitectura dos primeiros colégios...*, 1994; e Rui LOBO, *O Colégio-Universidade do Espírito Santo...*, 2009.



Fig.101
Évora. Fotografia aérea do antigo colégio-universidade do Espírito Santo, na actualidade (fotografia de Manuel Ribeiro)

em 1596), e o braço da enfermaria (1649-1655) na zona posterior do complexo. No final do século XVII (c^a 1687) reformou-se o lanço de entrada no pátio da universidade, dotando-o com um lanço de arcadas sobre o pátio (que não as tinha) e com um piso alto (ao nível do primeiro andar).⁴¹⁷ Já do século XVIII é a nova fachada da sala de actos, de carácter palaciano (concluída em 1718) que substituiu a frontaria da capela primitiva do conjunto (**fig.101**).

Vejamos, finalmente, o caso do grandioso mosteiro **jerónimo** e palácio régio de **San Lorenzo del Escorial**, edificado por ordem por Felipe II, entre 1563 e 1584, na serra a noroeste de Madrid e que incluiu no programa arquitectónico efectivamente levado a cabo, para além do convento, do palácio régio e da basílica com o panteão dos Habsburgos, nada menos que um colégio e seminário, institutos que deveriam ficar sujeitos à autoridade do prior hieronimita.

Catherine Wiilkinson-Zerner sublinha o papel central do monarca na conformação funcional do edifício, totalmente submetido à sua visão pessoal – “*it was Philip who brought different functions (...) together in the Escorial and so created something new*”⁴¹⁸ – não sem salientar, face aos modelos de referência

⁴¹⁷ Vide supra, nota 416.

⁴¹⁸ Catherine WILKINSON-ZERNER, *Juan de Herrera. Architect to Philip II of Spain*, New Haven / London, Yale University Press, 1993, p.86.

apontados para o projecto, que *“the college was the (...) most radical programmatic feature”*.⁴¹⁹

Centremo-nos, pois, na valência colegial, que é a que mais nos interessa, e que aparentemente não estaria prevista no esquema original do mosteiro-palácio, pois não constaria dos primeiros projectos elaborados por Juan Bautista de Toledo, entregues ao Rei em 1561. Efectivamente, a primeira vez que surge citado o colégio parece ter sido no rascunho da carta fundacional, em 1565, quando já se havia começado a obra dois anos antes (1563).

O primeiro projecto previa, desde logo, a repartição do enorme quadrângulo do complexo em três faixas no sentido este-oeste, a mais a norte maioritariamente destinada ao palácio e dependências de serviço complementares (a noroeste), a central para a basílica e respectivo pátio fronteiro, e a mais a sul para o convento. Como refere novamente Catherine Wilkinson-Zerner, *“at some point between 1561 and 1564, the program was changed. The service quarters were moved out of the north-west quadrant, which was instead reserved for the college”*.⁴²⁰ O novo programa substituíra, assim, uma série de dependências de apoio ao palácio, como cozinhas, estábulos, graneiros, e outros, no referido ângulo noroeste do complexo.

Os jerónimos não apreciaram a ideia do funcionamento paralelo do colégio,⁴²¹ pois ainda nesse ano de 1565 o geral da ordem tentava convencer o Rei a fazê-lo antes em Alcalá.⁴²² Em vão, pois na versão final da carta fundacional do convento, assinada em 1567, marcavam presença tanto o colégio como uma biblioteca.⁴²³ O mais que os hieronimitas conseguiram foi duplicar o número de frades de 50 para 100, evitando assim que o colégio-seminário albergasse mais elementos (54, entre 24 colegiais, sobretudo jerónimos, e 30 seminaristas⁴²⁴) que o convento. Esta alteração da capacidade do mosteiro

⁴¹⁹ *Ibidem*, p.90.

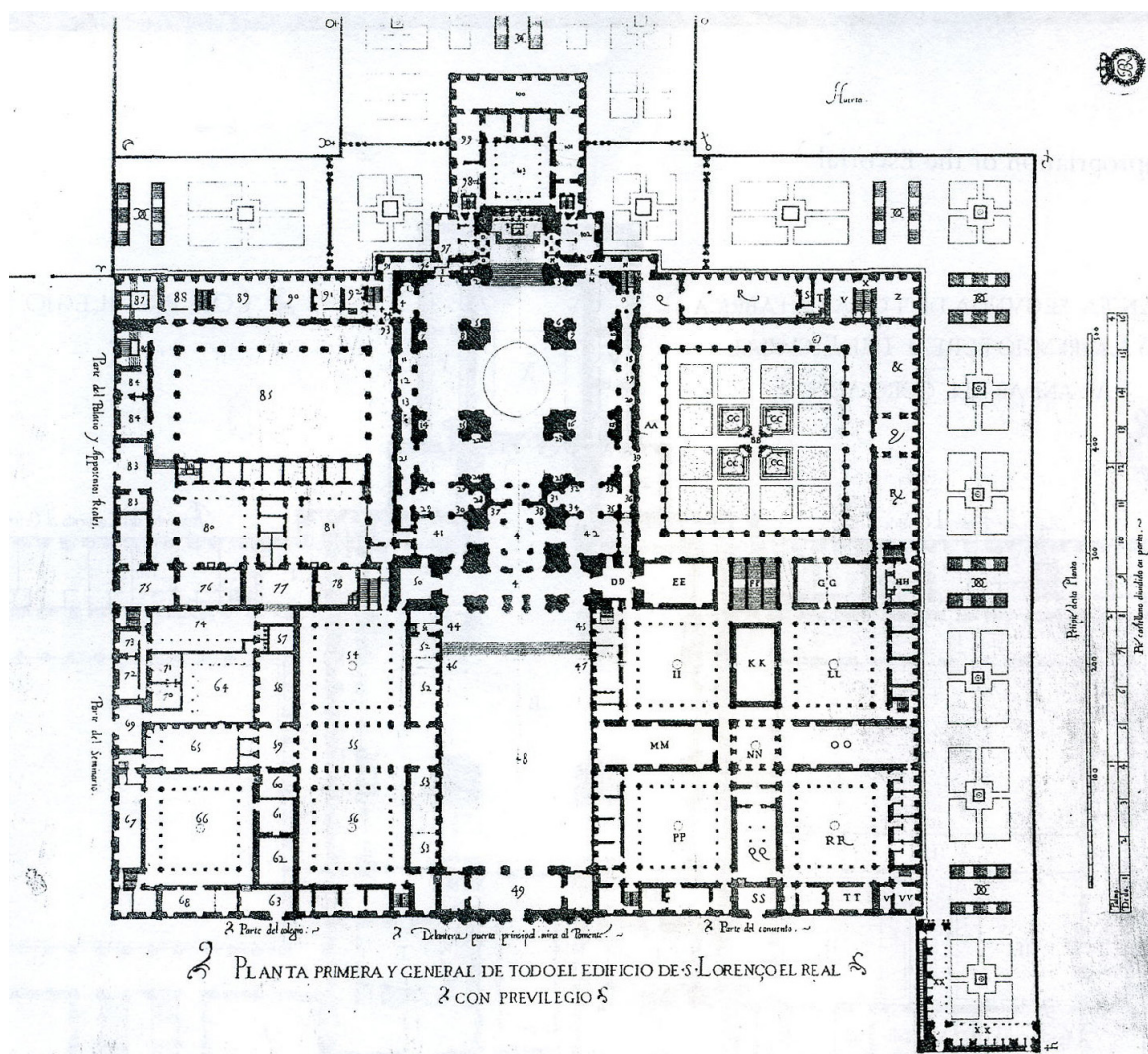
⁴²⁰ *Ibidem*, p.89.

⁴²¹ *“The Hieronymite order was known for its devotion to cult celebrations; the members spent at least eight hours a day in choir, and while they engaged in almsgiving, teaching played no part in their activities”*. *Ibidem*, p.86.

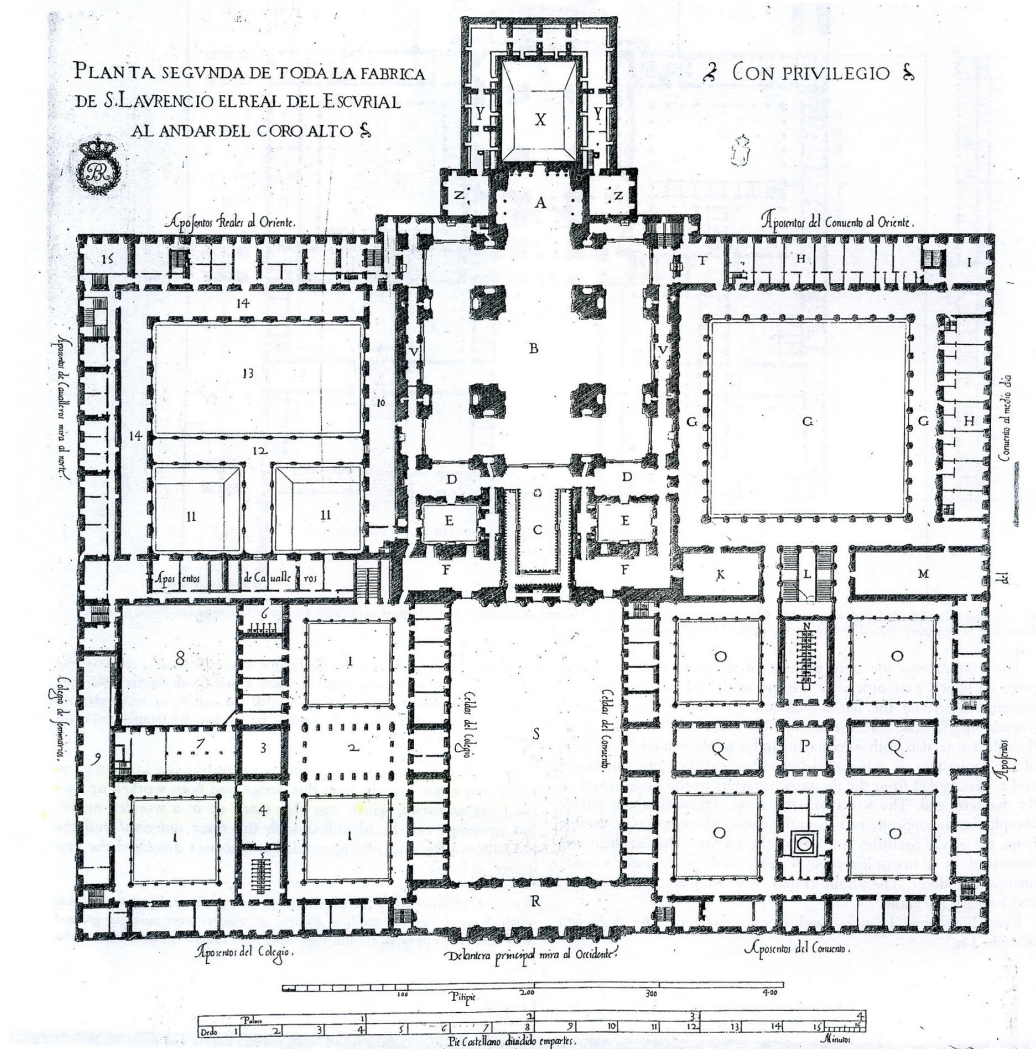
⁴²² *Ibidem*, p.86.

⁴²³ *Ibidem*, p.86.

⁴²⁴ Doze colegiais estudariam artes liberais e outros doze teologia, vindos de outras casas hieronimitas, sendo que do próprio convento escorialense viriam oito. **George KUBLER**, *Building the Escorial*, Princeton, Princeton University Press, 1982, p.93. Catherine Wilkinson



refere que o colégio “was open to secular students as well”. Catherine WILKINSON-ZERNER, *Juan de Herrera...*, 1993, p.86 (veja-se as referências bibliográficas na p.187, nota 13).



Figs.102 e 103
Mosteiro real de *San Lorenzo del Escorial*.
Plantas primeira e segunda em 1589
(Madrid, Biblioteca Nacional):

Colegio (piso baixo)

- 50. portaria;
- 51. portaria "por donde sale el seminario";
- 52 e 53. aulas de teologia e artes;
- 54 e 56 pátio do colégio;
- 55. "público paseadero de los colegiales";
- 57 e 62. necessárias;
- 58. refeitório dos colegiais;
- 59. átrio do refeitório;
- 60. serviço do refeitório;
- 61. lareira comum para o seminário;
- 63. "zaguán" do colégio e seminário;
- 64. pátio, corral e serviço da cozinha
- 65. cozinha
- 66. pátio do seminário
- 67. refeitório do seminário
- 68. aula de gramática do seminário
- 69. portaria de serviço da cozinha do colégio

Colegio (piso alto)

- 1. patios e corredores do colégio;
- 2. paseadero;
- 3. claro do átrio do refeitório;
- 4. lareira comum para os colegiais;
- 5 e 6. necessárias;
- 7. aposentos do seminário;
- 8. pátio de serviço;
- 9. dormitório do seminário;

R. "Librería... de 185 pies de largo y 32 de ancho... Tiene encima de sí otra pieza de la misma grandeza para servicio de la librería".

obrigou a acrescentar mais um nível a toda a metade poente do conjunto, que originalmente se previa mais baixa que toda a outra metade posterior.

Como se pode observar (**fig.102**), as dependências colegiais submeteram-se à organização pretendida desde o início para a área noroeste, formatada por meio de uma planta de tipo hospitalar, cruciforme, que definia um conjunto de quatro pátios ou claustros. Repetia-se, assim, o esquema idêntico patente na metade poente da área conventual (a sul do pátio principal, de acesso à basílica) garantindo, desde logo, a simetria do conjunto na sua zona dianteira.

Assim, no quadrante noroeste do Escorial, os dois pátios mais a sul destinavam-se ao colégio e às salas de aula dos cursos de teologia e de artes. Entre os dois pátios situou-se a peça arquitectónica mais notável do sector colegial, o “*publico paseadero*”, espaço coberto e arejado, de pé-direito duplo, que servia de recreio aos colegiais em dias de intempérie. Já os pátios mais a norte destinavam-se ao seminário (a noroeste) e a serviço da cozinha. Esta servia tanto o refeitório dos colegiais como o dos seminaristas que eram distintos. No piso superior (**fig.103**) ficavam as celas dos colegiais e o dormitório dos seminaristas.⁴²⁵

A universidade de *San Lorenzo del Escorial* seria reconhecida por diploma de Sisto V, a 31 de Outubro de 1587, outorgando a validade dos graus em teologia e artes.⁴²⁶ Nesse ano, o número de colegiais e de seminaristas seria aumentado para 32 e 40, respectivamente, quando já ocupavam o novo edifício.⁴²⁷

Façamos, por fim, referência à biblioteca, comum tanto ao colégio (a norte) como ao convento (a sul), e que se colocou ao centro da extensa fachada, sobre a porta principal de todo o complexo (**fig.104**), entre a praça pública fronteira e o pátio interno da basílica. Este esquema e o seu desenho final terão sido, em grande medida, responsabilidade de Juan de Herrera, sucessor

⁴²⁵ Plantas do complexo publicadas por Kubler (George KUBLER, *Building the Escorial...*, 1982, figs.1 e 2) e por Wilkinson-Zerner (Catherine WILKINSON-ZERNER, *Juan de Herrera...*, 1993, p.87-88) provenientes de Juan de HERRERA, *Las Estampas de la Fábrica de San Lorenzo el Real del Escorial*, 1589 (Biblioteca Nacional de España, Madrid).

⁴²⁶ Cándido María AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAINZ DE ZUÑIGA, *Historia de las Universidades...*, Vol.II, 1958, p.131.

⁴²⁷ George KUBLER, *Building the Escorial...*, 1982, p.93.

de Juan Bautista na direcção do projecto e da obra escorialense. Como nos explica Kubler,

*“Thus the library building was like a bridge between monastery and college above the traffic at the door, of which the towers were not only the pylons but also the stairways and portals. The whole entrance portico was a traffic center among basilica, college and monastery, bridged by the vignolian façade under its wide roof”.*⁴²⁸

Aplicava-se, assim, na fachada do mais notável dos edifícios levantados até à data na Ibéria – o mosteiro e palácio régio de *San Lorenzo del Escorial* – uma solução em muito devedora da arquitectura universitária castelhana.



Fig.104

Mosteiro real de *San Lorenzo del Escorial*. Fachada principal, voltada a poente. Note-se o volume da biblioteca, ao centro, sobre a entrada, disposição relativa que repete a de algumas sedes universitárias e colégios castelhanos (fonte: Panoramio).

⁴²⁸ *Ibidem*, p.96. O contrato de execução desta obra assinou-se Dezembro em 1575.

Conclusões

A presente dissertação, que concluímos agora, não tem propriamente uma conclusão – ou uma tese. A nosso ver, contém várias conclusões e várias teses. Interessou-nos, sobretudo, fazer uma síntese relativamente aprofundada (que, em certa medida, faltava) do fenómeno universitário ibérico, nos seus primeiros quatro séculos, centrada no urbanismo e na arquitectura. Essa síntese é esta própria dissertação. Evidentemente, podemos repartir as conclusões por dois temas centrais, interligados, mas relativamente autónomos, que percorrem todo o trabalho – o urbanismo e a arquitectura universitários.

a) Urbanismo universitário ibérico

1. No quadro do primeiro destes temas, o urbanismo universitário, podemos constatar a permanência de uma teoria urbanística universitária ibérica de tempo longo, na sequência do texto “fundacional” das *Siete Partidas* de Alfonso X, de meados do século XIII. Com recurso a várias fontes literárias, tentámos recapitular a origem das disposições alfonsinas no que toca à observação das características ideais da cidade que albergasse o “estudo” (e em particular um estudo geral) e no que diz respeito à boa disposição das escolas no âmbito urbano. Em relação ao primeiro aspecto, o Rei Sábio terá elaborado a sua teoria com base na observação das boas condições de Salamanca para acolher um estudo geral.¹ Já a noção da boa disposição das escolas, parece ser devedora do código do direito romano (que as diversas escolas se localizassem em proximidade umas das outras) indo buscar também, provavelmente, referências a outros textos mais recentes como o do mestre bolonhês Boncompagno da Signa, como vimos. Estará neste caso a ideia de que as escolas se devem situar “*en un logar apartado de la villa*”.²

Dada a particularidade da existência deste substrato teórico e face ao facto de que todos os estudos gerais peninsulares foram de criação *ex-novo*,³ o

¹ Águeda RODRÍGUEZ CRUZ, “La Universidad de Salamanca en el alba de su historia”, AAVV, *Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1998, p.29-42 (p.35). Veja-se o capítulo 1.2, p.100.

² Veja-se o capítulo 1.2, p.104.

³ Deve-se este facto, segundo Verger (como vimos) à forte centralização administrativa vigente nos diversos reinos peninsulares, resultante do longo processo da Reconquista. Veja-se

contexto ibérico será particularmente adequado para se perceber como se passou de processos de implantação mais ou menos casual das escolas e das habitações dos estudantes, para situações cada vez mais programadas, deste ponto de vista.

Para além de algumas implantações intencionalmente “periféricas” que se podem registar – desde logo a da sede ducentista da universidade de Lisboa, mandada levantar por D. Dinis, neto de Alfonso X – um dos primeiros indícios de uma programação urbana foi sem dúvida a constituição dos “bairros de escolares”, que se destinavam, sobretudo, a definir zonas da cidade onde a universidade, por intermédio dos “conservadores”, teria capacidade para fixar os valores das rendas das casas, travando assim a natural escalada dos preços. Foram criados bairros deste género, por decreto, pelo menos em Lérida, Coimbra e Lisboa.

Regressando ao texto das *Partidas*, e fazendo notar que a opção de levantamento de um bairro universitário de raiz não está aí registada, preto no branco, importa observar que essa operação estaria, porém, implícita. Ainda assim, a passagem a um urbanismo universitário complexo e planificado teria de esperar dois séculos e meio pela iniciativa do cardeal Jimenez de Cisneros de fundar uma nova universidade, e um novo bairro universitário, na vila castelhana de Alcalá de Henares, a partir de 1499. Parece possível, não obstante o hiato temporal, a correspondência entre o discurso das *Partidas* sobre a localização ideal das escolas e a implantação excêntrica do bairro universitário de Alcalá. A nota dissonante foi a já relevada questão da falta de salubridade do sítio escolhido por Cisneros.

Outra operação planificada que mencionámos foi a da transferência da universidade portuguesa de Lisboa para Coimbra, e a da sua instalação nesta cidade, em 1537. Como vimos, no traslado da capital portuguesa para a mais pacata Coimbra parece ter influído um novo texto teórico, dedicado precisamente ao rei de Portugal, D. João III, e que de algum modo revisita as linhas de força do texto alfonsino. Falamos evidentemente do excerto do *De*

Jacques VERGER, “Modelos”, in Walter Rüegg; Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), *Uma história da Universidade na Europa*, Vol.I, CRUP/FEAA/INCM, 1996, p.51 (ou o capítulo 1.1, da presente dissertação, p.59).

Disciplinis, do humanista valenciano Juan Luís Vives (1531), dedicado à localização ideal das escolas,⁴ e que dava como pouco adequadas para albergar os estudos tanto as cidades portuárias como as capitais do reino, dupla condição que assentava directamente sobre a (desse ponto de vista) pouco auspiciosa universidade de Lisboa.

Evidentemente, importa referir que estas relações de influência (entre as *Siete Partidas* e a situação do novo bairro universitário de Alcalá, e entre o texto de Vives e a transferência da universidade portuguesa de Lisboa para Coimbra) foram já apontadas por vários autores,⁵ pelo que não será por esta via que o presente trabalho contribuirá com informação nova. No entanto, interessou-nos sistematizar estas frutuosas relações entre a teoria e a prática

2. Uma segunda conclusão é a de que a Península Ibérica alberga os dois mais notáveis casos do urbanismo universitário planeado europeu da Idade Moderna. Falamos precisamente do já mencionado bairro universitário de Alcalá de Henares, resultante do processo de criação da academia complutense, promovida pelo cardeal Cisneros a partir de 1499; e do duplo projecto urbano da baixa (a rua de *Santa Sophia*) e da alta (o bairro das escolas) de Coimbra, resultante da instalação da universidade portuguesa nesta cidade, decidida por D. João III em 1537.

É interessante notar como os dois casos destacados foram resultado, precisamente, de duas fortes acções centrais promovidas pelo titular do arcebispado de Toledo, o mais importante prelado das “Espanhas”, e pelo Rei de Portugal, que reformava assim a então única universidade portuguesa. Estes dois protagonistas tiveram, pois, capacidade para canalizar importantes recursos humanos e financeiros para a concretização das suas empresas, de escala verdadeiramente inusitada, no âmbito geral das universidades europeias, e para aquele tempo. De facto, pudemos verificar como noutras paragens do velho continente não se logrou repetir esta combinação de

⁴ Veja-se o anexo VII.

⁵ Entre os quais **Consuelo GÓMEZ LÓPEZ**, *El urbanismo de Alcalá de Henares en los siglos XVI y XVII: El planteamiento de una idea de ciudad*, Madrid, UNED, 1998, p.16; e **José Sebastião da SILVA DIAS**, *A política cultural da época de D. João III*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1969, p.582-586, respectivamente.

patrocínio mecénático e urbanismo universitário, no sentido de se produzirem outras operações significativas e equiparáveis aos dois casos estudados.⁶

3. Um terceiro conjunto de dados que queremos aqui salientar prende-se ainda com estes dois projectos universitários para Alcalá e Coimbra. Desde logo, queremos salientar uma nova proposta de interpretação do projecto do núcleo do bairro académico cisneriano (pontuado por uma série de pequenas torres nas esquinas dos quarteirões e dos edifícios mais importantes), cujo desenho propusemos no capítulo 1.9, fig. 11. Julgamos que esta poderá ser uma importante contribuição do nosso trabalho. Do mesmo modo pudemos adiantar mais alguns dados novos no âmbito da proposta de reconstituição do cadastro original da rua da Sofia, na baixa de Coimbra, que havíamos proposto em 1999 e revisto em 2006 (capítulo 3.2., figs.9 e 10).

4. Em quarto lugar, julgamos que o estudo sistemático e conjunto do enquadramento urbano das universidades ibéricas, tanto no período medieval como nos primeiros tempos da era moderna, é um dado novo desta dissertação, valendo o exercício por si mesmo.

No quadro dos estudos de caso devemos ainda destacar o estudo sobre as várias localizações do estudo geral de Lisboa, anteriores a 1537 (data da definitiva transferência da academia para Coimbra) que actualizam, a nosso ver, o estado do conhecimento sobre a matéria.

Já no século XVI, e na sequência das operações de Alcalá e de Coimbra, pudemos ainda observar como a usual falta de recursos motivou o aparecimento de algumas inteligentes estratégias de implantação urbana da universidade, que potenciavam o seu protagonismo na cidade. São disso exemplo as criteriosas implantações das sedes universitárias de Granada, Barcelona e, numa segunda fase, de Santiago. Naturalmente, e nestes casos, a localização central da universidade, e a sua capacidade de representação, passou a ser um valor mais relevante que a sua implantação em

⁶ De período bastante posterior (c^a1713) podem mencionar-se os projectos barrocos de Nicholas Hawksmoor (1661-1736) para reformulação dos núcleos universitários de Oxford e Cambridge, contudo, não concretizados (ou apenas pontualmente realizados, se atentarmos à construção subsequente da *Radcliffe Library* de Oxford, por Gibbs). Sobre estes projectos veja-se **S. LANG**, “**Cambridge and Oxford reformed: Hawksmoor as town planner**”, in *Architectural Review*, 1948, p.157-160; e **David ROBERTS, Gordon CULLEN**, *The town of Cambridge as it ought to be Reformed*, Cambridge, edição própria dos autores, 1955.

enquadramentos urbanos mais periféricos e tranquilos testemunhando, assim, uma primeira revisão das leis das *Partidas*.

5. Finalmente, resta ainda destacar as três localidades onde a universidade passou a ser, de facto, a actividade dominante, e que se afirmaram, até aos dias de hoje, como cidades universitárias europeias, as mais notáveis de Espanha e de Portugal – falamos naturalmente de Salamanca, Alcalá e Coimbra. Estas três universidades afirmaram-se pelo seu corpo docente, pelos seus estudantes e, sobretudo, pelas suas infra-estruturas lectivas e redes de colégios, incrementadas decisivamente desde finais do século XV (Salamanca) e inícios do século XVI. Com efeito, e para além das novas áreas universitárias de Alcalá e Coimbra, devemos salientar a conformação do notável bairro universitário quinhentista salmantino que dava corpo à mais renomada cidade universitária da Península – bairro cujos colégios foram, em grande número, destruídos nos inícios de Oitocentos.

b) Arquitectura universitária ibérica

Sobre a arquitectura universitária ibérica, propomos uma revisão da cadeia de evolução tipológica, actualmente estabelecida, na historiografia da arte, para a arquitectura universitária castelhana. Esta revisão – que constitui, talvez, a principal contribuição da presente dissertação – é consequência directa, em particular, de novas interpretações que avançamos em relação a dois edifícios centrais da arquitectura universitária de Espanha, as *Escuelas Mayores* de Salamanca, e o *colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid*. Ao primeiro destes edifícios dedicamos dois capítulos próprios (um para cada reforma significativa) e ao segundo dedicamos um outro.

Antes de recapitularmos as conclusões mais importantes destas análises pudemos verificar outros aspectos relevantes, no âmbito mais lato da Península, e recuando a tempos anteriores. Constatámos (como notou Walter Rossa) como a primeira sede do estudo geral português em Lisboa, estabelecido por D. Dinis em 1290, foi instalada em casas mandadas fazer

especificamente para o efeito, no lugar extramuros da Pedreira.⁷ O mesmo Rei, na sequência da transferência do estudo para Coimbra (em 1308) terá mandado fazer o que parece ser o primeiro palácio universitário da Península Ibérica, que se organizava (aparentemente) em torno de um “claustro” central, de que restam ainda hoje alguns capitéis das suas colunas.⁸

Não dedicamos capítulos próprios a estas duas sedes universitárias, dada a pouca abundância de dados concretos. Em registo oposto à instalação (relativamente excepcional) do estudo português nestas novas construções, as pesquisas de Ángel Vaca Lorenzo mostram como as aulas no estudo geral de Salamanca se instalaram em várias casas pré-existentes, arrendadas, na área em redor da catedral. Como é do conhecimento geral, foram-lhe também atribuídas duas capelas do claustro catedralício para as cerimónias e actos públicos.⁹ Só em inícios de Quatrocentos se avançou para a conformação de uma sede própria da universidade salmantina. Observamos também como o estudo geral de Valladolid não teve sede própria, nem locais de ensino de que fosse locatário ou titular, até aos finais do século XV. Vimos ainda como as aulas do estudo geral de Lérida tiveram lugar, desde o século XIV e até à supressão desta universidade em 1717, em dois pavilhões utilitários, adaptados pelas autoridades municipais às actividades lectivas.¹⁰

1. Quanto à análise tipológica, caso a caso, da arquitectura universitária propriamente dita, foi iniciada com uma revisitação ao *colegio de San Clemente*, o colégio dos estudantes espanhóis em Bolonha (o *collegio di Spagna*) mandado levantar pelo cardeal castelhano Egídio Albornoz entre 1365 e 1367. Como tivemos ocasião de salientar, o *colegio de San Clemente* constitui o primeiro colégio construído de raiz para o efeito na Europa, um dos *objects premiers* da arquitectura universitária.¹¹ Edifício de planta sensivelmente quadrada, de dois andares, organiza-se em torno de um pátio

⁷ Walter ROSSA, *Diver[s]idade. Urbanografia do espaço urbano de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Coimbra, Tese de Doutoramento apresentada à FCTUC. 2001, p.498. Veja-se, atrás, o capítulo 1.5, p.155-160.

⁸ Veja-se o capítulo 1.7.

⁹ Veja-se o capítulo 1.3.

¹⁰ Veja-se o capítulo 1.6.

¹¹ Michael KIENE, “L’architettura del Collegio di Spagna: organizzazione dello spazio e influenze sull’edilizia universitaria europea”, *Il Carrobbio*, Vol.9, Bologna, 1983, p.239.

rodeado por arcarias nos dois pisos. Na ala oposta à da entrada salienta-se o volume da capela principal disposta perpendicularmente em relação à ala onde se insere. Embora este edifício – que continua hoje a funcionar como colégio dos estudantes espanhóis – tenha sido alvo de um razoável número de investigações ao longo das últimas décadas, julgamos ter avançado com uma nova interpretação, com base nos textos de Ginés de Sepúlveda e de Malo de Briones, relativa à organização de alguns espaços internos originais. Em particular a posição do refeitório primitivo (ao centro, sobre a entrada, e que era utilizado também como salão nobre) e do refeitório utilizado a partir de 1506 (no piso térreo do ângulo sudoeste), e ainda a identificação da sala de aula principal, no piso térreo, à esquerda do átrio de acesso (veja-se o capítulo 2.2., figs. 5 e 6)..

2. Como é conhecido, o modelo do *colegio de San Clemente* teve dois focos de implantação imediatos na Península Ibérica. O primeiro deles foi em Lérida, pela mão do chancre Domingo Pons (que conheceria o colégio bolonhês) que fundou e mandou levantar o *colegio de Santa Maria* (hoje desaparecido) que repetia as mesmas características arquitectónicas genéricas do colégio clementino, ao dispor-se em volume quadrangular de dois andares com um pátio central. Não é claro, porém, se este pátio teria arcadas em redor. Tão pouco se conhece a disposição particular da capela. De qualquer modo tivemos ocasião de ordenar, no capítulo 2.3., toda a informação que conseguimos recolher sobre este importante imóvel.

Não existem evidências que este edifício tenha dado origem a uma linhagem de outros colégios catalães ou aragoneses, desde logo porque foram menos frequentes e menos significativos os colégios seculares das universidades do levante ibérico, particularmente em Lérida.¹²

O outro foco de implantação do modelo de *San Clemente* de Bolonha foi Salamanca, onde o bispo D. Diego de Anaya fez erguer o *colegio Mayor de San Bartolomé* a partir de 1413. Sabe-se que o maior impulso construtivo teve lugar a partir de 1418 quando o fundador regressou da Suíça e de Itália onde teve ocasião de visitar o colégio de *San Clemente*.

¹² É talvez possível que um outro colégio secular de Lérida, mas bastante posterior (1599), como o *Collegi Nou*, tenha repetido o modelo do precedente colégio local.

O colégio salmantino repetia também a fórmula do edifício quadrangular de dois pisos, organizado em torno de um pátio rodeado de arcadas e galerias. No entanto, e como demonstrou Nieves Rupérez,¹³ o colégio ostentava uma organização particular no seu lanço de entrada, com a capela (de pé-direito duplo) à direita do átrio ou “*zaguán*” e um novo equipamento – a biblioteca colegial – disposta ao nível do primeiro andar, ocupando o lanço sobranceiro da fachada, sobre o átrio e sobre as dependências à esquerda deste mesmo átrio. Esta nova disposição revelar-se-ia de grande continuidade na arquitectura universitária castelhana.

3. Paralelamente à construção deste novo e significativo colégio, a própria universidade de Salamanca levava a cabo a erecção de uma nova sede unificada para os estudos, as *Escuelas Mayores*. Importa certamente mencionar que todos estes dados, que temos vindo a resumir, estão estabelecidos pela historiografia. Já sobre a conformação original das *Escuelas Mayores* salmantinas subsistem algumas dúvidas. Como vimos, o edifício original, que surgiu da reconversão de um conjunto de casas gradualmente adquiridas pela universidade, tendeu também a organizar-se em torno de um pátio quadrangular rodeado pelas galerias de circulação, e pelas novas salas de aula. Acresce que a diferença principal em relação ao colégio de *San Bartolomé* era a falta de dependências residenciais, pelo que a nova sede da universidade se desenvolvia, fundamentalmente, pelo piso térreo. De facto, tivemos sempre presente a diferença programática e arquitectónica entre um colégio e uma sede do estudo. Esta distinção, contudo, não nos deve fazer perder de vista que a evolução dos dois tipos de edifício tenha andado, normalmente, interligada.

Defendemos, na nossa interpretação das *Escuelas Mayores* originais, que a entrada principal se fazia pelo quadrante nascente (o lado da catedral) muito provavelmente por meio do átrio ao qual se tem atribuído a função de primitiva capela do estudo.¹⁴ Defendemos igualmente (a nosso ver, fundadamente) que as arcadas quatrocentistas, levantadas provavelmente no tempo do mestre-

¹³ Maria Nieves RUPÉREZ ALMAJANO, *El Colegio de San Bartolomé o de Anaya*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.

¹⁴ Veja-se novamente o capítulo 2.5.

escola *El tostado*, foram as que permaneceram até ao último quartel do século XIX (capítulo 2.5, fig.3), época em que foram substituídas pelas actuais, no âmbito da intervenção do arquitecto José Secall.

Por ocasião da construção de uma nova capela com uma biblioteca sobreposta em 1474-79, no centro da ala sul, as *Escuelas Mayores* passaram a ter uma ala com dois andares de altura que se abria para o pátio por uma nova galeria sobrelevada (capítulo 2.5, fig.8). Uma nova biblioteca seria levantada poucos anos volvidos (já entrado o século XVI), desta feita sobre a totalidade do lanço poente. Propusemos também uma interpretação para as causas destes desenvolvimentos. Com efeito, o alteamento do pé-direito da capela, feito à custa da primeira biblioteca, parece dever-se à perspectiva da perda da capela de *Santa Catalina* do claustro da catedral (onde tinham lugar as cerimónias académicas), em função da implantação prevista para a nova catedral renascentista. Por outro lado, a opção de construir a biblioteca sobre a totalidade do lanço poente deve considerar-se como uma reacção da universidade face à construção da monumental *catedral nueva* na sua implantação definitiva (que acabaria por não afectar o claustro românico) poucos metros a sudeste das escolas. Em paralelo, veio a decisão de inverter a orientação do complexo escolar, que só neste momento, a nosso ver, passou a ter a sua entrada principal a poente, marcada pela construção (no intervalo de tempo entre 1519? e 1528) da nova fachada universitária, ou “*portada rica*”, uma “fachada-écran” muito trabalhada e avançada em relação ao alinhamento do imóvel – elemento formal e arquitectónico já testado no *colegio de San Gregorio* de Valladolid.

4. Sobre o *colegio Mayor de Santa Cruz*, mandado edificar pelo cardeal Mendoza em 1486, chegamos a duas importantes conclusões que alteram significativamente a leitura estabelecida de como seria edifício original. A primeira é a de que a capela original do colégio (situada à direita do átrio de entrada no colégio e com um pé-direito simples) teria, de início, um pé-direito duplo (capítulo 2.7., figs.1 e 5). É isso que a leitura atenta da documentação das obras setecentistas conduzidas por Domingo de Ondategui leva a concluir, como vimos. Esta situação implica necessariamente que a biblioteca original não ocupava toda a extensão da ala da fachada, ao nível do piso superior. Era

mais pequena, cingindo-se a um extensão correspondente a metade do lanço fronteiro do colégio. Por outro lado, julgamos que data também do século XVIII o acrescento de um terceiro nível de arcarias no pátio, como parece depreender-se da análise que fizemos da documentação original. Deste modo – e apesar da roupagem decorativa inovadora – pode ainda concluir-se que o *colegio de Santa Cruz* era tipologicamente (ao nível da volumetria e de organização interna dos espaços mais significativos, em particular na ala de entrada) uma réplica do *colegio de San Bartolomé* salmantino.

Pode ainda concluir-se que não foi a actual e longa biblioteca de Santa Cruz de Valladolid que influenciou a biblioteca quinhentista da sede universitária salmantina, como é corrente ler-se. Foi antes a original e ampla biblioteca de Salamanca que veio a servir de modelo, duzentos e cinquenta anos depois, à extensão da biblioteca vallisoletana.

5. Salientámos também o facto do *colegio de San Gregorio* de Valladolid ter sido o primeiro colégio regular da Península, sobretudo por ter sido dotado com um edifício próprio, de aspecto secular, autónomo do vizinho convento de *San Pablo*. Sobre o primeiro andar do lanço da fachada dispunha-se a biblioteca (tal como nos colégios de *San Bartolomé* de Salamanca e de *Santa Cruz*) programa que consolidava, assim, um importante protagonismo na arquitectura universitária do tempo.

Para este e para os outros edifícios fomos referindo, sempre que possível, a posição relativa das dependências e espaços, como capela, biblioteca, salas de aula, escadarias, refeitórios, dependências reitorais e os dormitórios dos colegiais, compostos por fiadas de quartos individuais.

6. Passando a uma outra universidade castelhana, podemos também observar como o *colegio Mayor de San Ildefonso* de Alcalá, segue aparentemente, e em linhas gerais, a linha tipológica estabelecida pelos colégios antecedentes de *San Bartolomé* de Salamanca e de *Santa Cruz* de Valladolid, ainda que com uma diferença importante. A capela foi feita em construção autónoma, uma dezena de metros para poente do quadrângulo principal do colégio, e com acesso próprio a partir da rua. Esta situação parece dever-se ao desejo do fundador de se fazer sepultar na capela-mor da capela colegial. Deste modo a

autonomia de acesso da capela em relação ao colégio permitiria ao público prestar homenagem a Cisneros sem incomodar o quotidiano colegial.

Importa lembrar que o cardeal Cisneros fez rodear o *colegio Mayor de San Ildefonso* de uma série de outros pátios (que albergavam outras dependências lectivas e utilitárias) e de uma série de outros colégios menores, dentro do mesmo quarteirão urbano, isto no âmbito do seu ambicioso projecto universitário, como vimos. Não era por isso uma construção isenta como, por exemplo, o bloco do colégio vallisoletano de *Santa Cruz*.

Regressando ao quadrângulo principal, podemos observar que a biblioteca colegial se situava, tal como nos colégios castelhanos anteriores, no primeiro andar da linha da fachada. Dada a ausência da capela na ala da frente do colégio foram as dependências reitorais (do reitor do colégio e da universidade) que vieram ocupar o restante espaço do primeiro andar, à direita do alinhamento do átrio de entrada. A fachada original, construída em tijolo e noutros materiais pobres, compunha-se (como notou Fernando Marias) de um corpo central de dois andares ladeado a cada flanco por uma torre com mais um andar de altura rematada por um telhado de quatro águas, fórmula simples que teria grande sucesso na subsequente arquitectura civil espanhola. Já a fachada de pedra, levantada em substituição da primitiva a partir de 1537, conferiria um novo registo de monumentalidade ao colégio-universidade alcalaíno. O quadrângulo principal organizava-se em torno de um pátio que tinha também dois níveis de arcadas em redor. Só no século XVII, mais precisamente em 1657-70, seria substituído por um novo pátio com mais um andar, projectado e executado por José de Sopeña.¹⁵ A nosso ver, esta operação terá antecedido intervenção semelhante no *colegio de Santa Cruz* de Valladolid, realizada em meados do século seguinte.

No âmbito das dependências externas ao quadrângulo principal, mas que faziam parte do complexo colegial, chamámos a atenção para um novo equipamento, iniciado ainda em tempo de vida de Cisneros. Referimo-nos ao notável teatro académico, ou *paraninfo*, levantado no pátio do *colegio Nuevo* a

¹⁵ Roberto GONZÁLEZ RAMOS, “José de Sopeña: El Patio Mayor de Escuelas del Colegio Mayor de San Ildefonso”, *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*, Madrid, Universidad Autónoma, Vol.XII, 2000, p.61-73.

partir de 1516, valência que a partir deste exemplo original faria o seu aparecimento progressivo nas restantes sedes universitárias ibéricas. Devemos lembrar, a propósito do teatro académico, que o *colegio Mayor de San Ildefonso* não era um colégio comum. Tratava-se de um “colégio-universidade” pois para além de albergar uma comunidade de colegiais, estabelecida pelo fundador, constituía simultaneamente a sede da universidade, onde decorriam as aulas principais das várias faculdades, e onde tinham lugar os actos académicos. Não obstante, e se nos cingirmos ao quadrângulo principal, podemos observar que o colégio-universidade alcalaíno é, arquitectonicamente falando, um colégio, dispondo de todas as dependências – câmaras do reitor, quartos dos colegiais, refeitório – que distinguem um colégio de uma sede universitária *strictu sensu*, não residencial.

7. Como é conhecido, o *colegio Mayor de San Ildefonso* teve, ele próprio, um antecedente, o *colegio de San Antonio Portaceli* de Sigüenza. Não logramos, porém, reconstituir integralmente a estrutura interna deste edifício, o primeiro colégio-universidade castelhano, face ao seu desaparecimento total em data precoce, em meados do século XVII. Ainda assim, procedemos à recolha possível dos dados. Pudemos ainda ensaiar reconstituir a sua implantação original, no sopé da colina frente à pequena cidade de Sigüenza (capítulo 2.6., figs.4 e 5).

8. Paralelamente à evolução tipológica dos mais notáveis imóveis universitários castelhanos (sobretudo colégios), fomos mencionando, ao longo da dissertação, outros exemplos merecedores de alguma atenção (ainda que não lhes tenhamos dedicado capítulos próprios) e que constituem “ramificações” da citada cadeia de edifícios. Em bom rigor, poderíamos falar de uma “ramificação” ou de uma “linhagem” específica, pois todos estes casos paralelos, pertencendo ao período anterior a 1530, se encaixam na tipologia dos edifícios-sede das universidades.

Neste outro olhar, destacámos as sedes dos estudos gerais de Lisboa, Valladolid e Valência. Com efeito, tivemos oportunidade de analisar como as sedes henriquina (1431) e manuelina (c^a.1503) do estudo geral de Lisboa¹⁶ se

¹⁶ Veja-se o capítulo 1.5.

organizavam tendencialmente em torno de uma “*crasta*” ou pátio. Vimos como os espaços lectivos da sede henriquina (adaptada a partir de um conjunto de casas pré-existent) se situavam tanto em casas térreas como em outras com mais de um piso. O pátio, por sua vez, não estaria totalmente rodeado de construções.

Já a sede manuelina (como vimos) implantou-se nos “paços” do infante D. Henrique (adaptados de um conjunto anterior de casas “*com seu quintall e çircuito*”) o que permitiu, aparentemente, que fossem melhor “*edificadas em forma e disposiçam de scollas geraes*”.¹⁷ A julgar pela gravura de Lisboa publicada por Braun (que se reporta a 1566-67) o edifício tinha mais que um andar, o que deve considerar-se natural, pois havia servido anteriormente como casa nobre. Valência nova desta sede em relação à anterior era a capela do estudo, levantada de raiz. Ter-se-á pretendido erguer uma livraria nova e sobrelevada, em 1535 (uma influência provável das *Escuelas Mayores* salmantina), que provavelmente não se chegou a fazer.

A sede do estudo geral de Valladolid, começada a levantar em finais de Quatrocentos, organizou-se em torno de um pátio, rodeado por arcarias e galerias (levantadas a partir de 1528) apenas ao nível térreo, à imagem da primeira fase das *Escuelas Mayores* de Salamanca. Algumas dependências da ala da entrada (a nascente), como a casa do bedel, tinham dois andares de altura. Também a capela, levantada entre 1509 e 1517, era de volumetria mais elevada, adossando-se ao pátio pelo lado sul (capítulo 1.4, figura 5).

Observamos por outro lado como a primeira sede do estudo geral de Valência resultou sobretudo de uma campanha de obras de reconstrução de infra-estruturas pré-existent (entre as quais, aparentemente, uma casa nobre) iniciada em 1498. O imóvel resultante organizava-se em torno de um pátio principal sensivelmente quadrado, em dois andares. Aspecto marcante era a ausência de galerias de distribuição, de arcarias e porticados em redor desse pátio, no que parece ser (hipótese que levantamos) uma das características comuns às sedes das universidades municipais levantinas. Para além da sede valenciana, e como vimos, tão pouco as sedes universitárias quinhentistas de

¹⁷ *Ibidem*.

Barcelona ou de Girona ostentavam galerias abertas em torno dos seus pátios centrais. O mesmo já não se passava na sede de Saragoça, levantada em finais do século XVI.

9. Com efeito, e depois de termos acompanhado a origem e o “tronco-comum” da arquitectura universitária ibérica, composto por colégios e edifícios-sede do estudo, propusemos uma seriação dos diversos tipos programáticos de imóveis universitários surgidos a partir do primeiro terço do século XVI, quase sempre com base naqueles dois modelos arquitectónicos e nas suas possíveis interacções (veja-se o capítulo 3.3). São eles os edifícios-sede dos estudos; as escolas menores ou colégios de artes; os colégios seculares (que podem ser subdivididos em colégios maiores e menores); os colégios de ordens militares; os colégios regulares (das ordens religiosas e que na maior parte dos casos se encaixam, com mais propriedade, na arquitectura conventual); para além dos colégios-universidades, colégios de facto (baseados no modelo de *San Bartolomé – Santa Cruz*) que, como vimos, serviram simultaneamente de sede para as numerosas e pequenas academias surgidas um pouco por toda a meseta ibérica central, ao longo do século XVI. Pretende ser esta uma proposta de enquadramento para futuras investigações.

c) Um comentário final

Foi objectivo deste trabalho proporcionar uma visão de síntese geral, suficientemente aprofundada, do urbanismo e da arquitectura universitários, nos primeiros quatro séculos da universidade na Península Ibérica. Deste modo, julgamos ter tornado possível uma melhor comparação com outras realidades paralelas, que já foram alvo de estudos parcelares, como as da França, da Inglaterra e da Escócia, da Itália e, em certa medida, da Alemanha e sua esfera de influência na Europa central. Esta nova possibilidade é tanto mais estimulante quanto julgamos ter demonstrado a relevância e a diversidade do tema no contexto ibérico. Bastará, de facto, recordar a origem hispânica do *colegio de san Clemente* de Bolonha, primeiro colégio edificado de raiz, enquanto tal, e protótipo para uma série de colégios e sedes de estudo posteriores, fundamentalmente em Itália e em Espanha. Ou recordar ainda o

bairro universitário de Alcalá de Henares e a rua da Sofia de Coimbra, primeiros exemplos, na Europa, de um urbanismo universitário planeado e levado a efeito a uma escala abrangente. Ou relembrar, finalmente, o extraordinário número de novas universidades surgidas em Espanha ao longo do século XVI, cerca de 15, dotadas de novas sedes, de colégios-sede ou de novos colégios (sem contar com a meia dúzia de conventos-universidade que foram criadas no mesmo período). Não fazia sentido, pois, que este estudo – que agora terminamos – continuasse em falta.

Bibliografia

Sequência das bibliografias:

Universidades europeias

Arquitectura universitária europeia, sedes do estudo, colégios

Collegio di Spagna

Espanha – universidades, colégios, arquitectura e urbanismo

Salamanca / Universidade de Salamanca

Valladolid / Universidade de Valladolid

Universidade Portuguesa / Lisboa e Coimbra

Lérida / Universidade de Lérida

Perpignan, Huesca, Barcelona, Palma de Maiorca

Sigüenza

Alcalá de Henares / Universidade de Alcalá

Valência, Sevilha, Toledo, Santiago de Compostela, Granada,

Oñate, Baeza, Gandia, Irache (Navarra), Osuna, Burgo de Osma

Évora / Jesuítas em Portugal

Orihuela, Girona, Ávila, Tarragona, Saragoça

El Escorial, Burgos

Nota: as obras assinaladas com o sinal [*] não foram consultadas. No entanto, foi utilizada informação das mesmas por via de fontes indirectas. Tratando-se de referências importantes, optou-se por incluir estas fontes originais na bibliografia.

Universidades europeias

Dicionários, listagens, fontes impressas

AAVV, *Bibliographie internationale de l'histoire des universités*, Genebra, 1973, pp.1-100

FLETCHER, John M., **UPTON**, Christopher A., "Publications of University History since 1977: A Continuing Bibliography", *History of Universities*, Oxford, VII, 1988, p.371-468.

GUENÉE, Simonne, *Bibliographie de l'histoire des universités françaises des origines à la Révolution*, Paris, A. et J. Picard, 2 Vols, 1978-1981.

Histórias gerais da Universidade

BAYEU, Maurice, *Histoire des Universités*, Col. «Que Sais-je?», Paris, Presses Universitaires de France, 1973.

DENIFLE, Heinrich, *Die Universitäten des Mittelalters bis 1400*, Berlim, Weidmannsche Buchhandlung, 1885.

D'IRSAY, Stefan, *Histoire des universités françaises et étrangères des origines à nos jours*, Paris, Auguste Picard, 2 vols. 1933-35.

RASHDALL, Hastings, *The Universities in Europe in the Middle Ages* (1886), edição de F.M. Powicke e A.B. Emdem (1936), Oxford University Press, 3 vols., 1997.

RÜEGG, Walter e **SYMOENS**, Hilde de Ridder (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.I (As Universidades na Idade Media), Ed. Portuguesa CRUP/Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 1996

RÜEGG, Walter e **SYMOENS**, Hilde de Ridder (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.II (As Universidades na Idade Moderna, 1500-1800), Ed. Portuguesa CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 2002.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História das Universidades*, Porto, Lello & Irmão, 1983.

Colectâneas e obras conjuntas

AAVV, *Les Universités européennes du XIVe au XVIIIe siècle. Aspects et problèmes. Actes du colloque international à l'occasion du Vie centenaire de l'Université Jagellone de Cracovie*, Genève, 1967.

AAVV, *Les Universités du Languedoc au XIIIe siècle – Cahiers de Fanjeaux*, 5, Toulouse, Edouard Privat, 1970.

AAVV, *L'Université de Louvain 1425-1975*, Louvain-la-Neuve, Presses Universitaires de Louvain (UCL), 1976.

AAVV, *L'Université de Poitiers 1431-1981*, Poitiers, Université de Poitiers, 1981.

AAVV, *Leuven University 1425-1985*, Leuven, Leuven University Press, 1990.

BRIZZI, Gian Paolo ; **VERGER**, Jacques (eds.), *Le Università dell'Europa. Dal Rinascimento alle Reforme Religiose*, Milano, Silvana Editoriale, 1991,

BRIZZI, Gian Paolo; **VERGER**, Jacques (eds.), *Le Università dell'Europa. Dal Rinnovamento Scientifico all'Età dei Lumi*, Milano, Silvana Editoriale, 1992.

BRIZZI, Gian Paolo; **VERGER**, Jacques (eds.), *Le Università dell'Europa. Gli Uomini e i Luoghi*, Milano, Silvana Editoriale, 1993.

BRIZZI, Gian Paolo; **VERGER**, Jacques (eds.), *Le Università dell'Europa. Le Scuole e i Maestri – Il Medioevo*, Milano, Silvana Editoriale, 1994.

BRIZZI, Gian Paolo; **VERGER**, Jacques (eds.), *Le Università dell'Europa. Le Scuole e i Maestri – L'Età Moderna*, Milano, Silvana Editoriale, 1995.

BRIZZI, Gian Paolo; **VERGER**, Jacques (Coord.), *Le Università Minori in Europa (secoli XV-XIX), Convegno Internazionali di Studi, alghero, 1996*, Catanzaro, Rubbettino Editore, 1998.

CATTO, J.I., **EVANS**, Ralph (eds.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. II, 1992.

GILLI, Patrick; **VERGER**, Jacques; **LE BLÈVEC**, Daniel (Coord.), *Les universités et la ville au Moyen Age*, Leiden / Boston, Brill, 2007.

LEADER, Damian Riehl (Ed.), *A History of the University of Cambridge*, Vol.I (The University to 1546), Cambridge, University Press, 1988.

MAFFEI, Domenico; **SYMOENS**, Hilde de Ridder (Eds.), *I collegi universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo (Atti del Convegno di Studi della Commissione Internazionale per la Storia delle Università, Siena-Bologna, 1988)*, Milano, Guiffre Editore, 1990.

McCONICA, James (Ed.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. III, 1986

MORGAN, Victor (Ed.), *A History of the University of Cambridge*, Vol.II (1546-1750), Cambridge, University Press, 2004.

STONE, Lawrence (Ed.), *The University in Society*, 2 Vols. Princeton, Princeton University Press, 1975.

Bibliografia geral e específica

ALLEN, Percy Stanley, "The Trilingual Colleges of the Early Sixteenth Century", in Allen, P.S. (ed.) *Erasmus. Lectures and Wayfaring Sketches*, Oxford 1934, pp. 138-163.

ARIÈS, Philippe, *L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime*, Paris, Editions du Seuil, 1973

BARONE, G., "Les couvents des Mendiants, des collèges déguisés?", in O. Weijers, *Vocabulaire des collèges universitaires (XIIIe-XIVe siècles), Actes du colloque, Leuven 9-11 avril 1992*, Turnhout, 1992, p.149-157.

BORIES, Marcel, "Les origines de l'Université de Montpellier", *Cahiers de Fanjeaux* 5 – *Les universités du Languedoc au XIIIe siècle*, Toulouse, E. Privat Editeur, 1970, p.92-107.

CANT, Ronald Gordon, *The University of St. Andrews*, Edinburgh / London, Scottish Academic Press, 1970.

CHALOUPECKÝ, Václav ; *La Université Charles a Prague*, Praga, Orbis, 1948.

- FLETCHER**, John M., "The History of Academic Colleges: Problems and Prospects", in Domenico Maffei, Hilde de Ridder Symoens (Eds.), *I collegi universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo*, Milano, Guiffre Editore, 1990, p.13-22.
- FRIJHOFF**, Willem, "Modelos", in Walter Rüegg, Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.II, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 2002, p.39-102.
- GIEYSZTOR**, Aleksander; "Gestão e recursos", in Walter Ruegg, Hilde de Ridder Symoens (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, Vol.I, 1996, p.107-141.
- GILLES**, Henri; *Université de Toulouse & enseignement du droit. XIIIème-XVIème siècles*, Toulouse, SEDUSS, 1992.
- LE GOFF**, Jacques, *Les Intellectuels au Moyen Age*, Paris, Editions du Seuil, 1957.
- ROUX**, Simone, *La rive gauche des escoliers (XVe siècle)*, Paris, Editions Christian, 1992.
- RÜEGG**, Walter, "Temas", in Walter Rüegg, Hilde de Ridder Symoens (Coord), *Uma História da Universidade na Europa*. Vol.I, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 1996, p.3-31.
- RÜEGG**, Walter, "O Alvorocer do Humanismo", in Walter Rüegg, Hilde de Ridder Symoens (Coord), *Uma História da Universidade na Europa*. Vol.I, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 1996, p.445-470.
- RÜEGG**, Walter, "Temas", in Walter Rüegg, Hilde de Ridder Symoens (Coord), *Uma História da Universidade na Europa*. Vol.II, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 2002, p.3-37
- PRENTOUT**, Henri; *La Vie de l'Étudiant a Caen au XVIe Siècle*, Caen, H. Delesques, 1905.
- ROSSETTI**, Lucia; *L'Università di Padova. Profilo Storico*, Milano, Fratelli Fabbri Editori, 1972.
- SIMEONI**, Luigi, *Storia della Università di Bologna. Vol.II – L'Età Moderna*, Bolonha, Zanichelli, 1940.
- SORBELLI**, Albano, *Storia della Università di Bologna. Vol.I – Il Medioevo*, Bolonha, Zanichelli, 1944.
- SYMOENS**, Hilde de Ridder, "A mobilidade", in Walter Rüegg, Hilde de Ridder Symoens (Coord), *Uma História da Universidade na Europa*. Vol.I, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 1996, p.279-303.
- SYMOENS**, Hilde de Ridder, "Gestão e recursos", in Walter Rüegg, Hilde de Ridder Symoens (Coord), *Uma História da Universidade na Europa*. Vol.I, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 2002, p.147-200.
- TULLIER**, André, *Histoire de l'Université de Paris et de la Sorbonne*, Paris, G.-V. Labat Éditeur, 2 tomos, 1994.
- VERGER**, Jacques, *Les universités au Moyen Age*, Paris, PUF, 1973.

VERGER, Jacques, “Collegi i università tra Medio Evo ed Età Moderna“, in Domenico Maffei, Hilde de Ridder Symoens (Eds.), *I collegi universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo*, Milano, Guiffrè Editore, 1990, p.1-12.

VERGER, Jacques; “Studenti e maestri nella vita cittadina“, in Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger, *Le Università dell'Europa. Gli Uomini e i Luoghi – secoli XII-XVIII*, Milano, Silvana Editoriale, 1993, p.51-79.

VERGER, Jacques, “Modelos“, in Walter Rüegg, Hilde de Ridder-Symoens (Coord.), *Uma História da Universidade na Europa*, Vol.I, Lisboa, CRUP / Fundação Engº. António de Almeida / INCM, 1996, p.33-71.

Arquitectura universitária europeia, sedes do estudo, colégios

Dicionários, listagens, fontes impressas

BUONCOMPAGNO DA SIGNA, *Rethorica Novíssima*, Manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana, Borghese 97 (de cerca de 1235). [*]

MAIER, Anneliese, “Un manuale per gli studenti di diritto in Bologna del sec. XIII-XIV“, *Archiginnasio*, Bolonha, n.44-45, 1949-1950, p.161-169.

PINON, Pierre; **LE BOUDEC**, Bertrand, *Les plans de Paris. Histoire d'une capitale*, Paris, Le Passage / BNF / Atelier parisien d'urbanisme / Paris bibliothèques, 2004.

PONCELIN, M.; *Histoire de Paris et description de ses plus beaux Monuments*, Tomo III, Paris, 1781 (ilustrado por F.N. Martinet).

Bibliografia geral e específica

BARRAL, Marcel; *Les noms des rues a Montpellier. Du Moyen Age a nos jours*, Montpellier, Espace Sud Éditions, 1989.

BONET CORREA, Antonio, “Arquitectura y urbanismo: la Universidad como «Palacio de las Musas» y «Ciudad del Saber»“, in AAVV, *La Universidad de Alcalá*, Madrid, Universidad de Alcalá de Henares / Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, Vol. II, 1990, p.91-121.

BONET CORREA, Antonio, “De la Ciudad del Saber a la isla universitaria“, in AAVV, *La Ciudad del Saber. Ciudad, Universidad y Utopía 1293-1993*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1995, p.49-61.

BROOKE, Christopher; “The buildings of Cambridge“, in Victor Morgan, *A History of the University of Cambridge*, Cambridge, University Press, Vol.II (1546-1750), 2004, p.13-62.

BURCKHARDT, Jacob, *The Architecture of the Italian Renaissance*, Chicago, The University of Chicago Press, 1985.

CARBONARA, Pasquale, *Architettura Pratica*, Vol. III, Tomo II, «Composizione degli Edifici» (Sezione 7^a, «Gli edifici per l'istruzione e la cultura») Unione Tipografico-Editrice Torinese, Turin, 1958.

COBBAN, A.B.; "Colleges and Halls 1380-1500", in J.I.Catto, Ralph Evans (eds.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. II, 1992, p.581-633.

DE MAESSCHALCK, Edward, "The relationship between the University and the City of Louvain in the Fifteenth Century", *History of Universities*, Vol. IX, Oxford, 1990, p.45-71.

ESTREICHER, Karol, *Collegium Maius. Uniwersytetu Jagiellońskiego w Krakowie*. Warszawa, Wydawnictwo Interpress, 1971.

FAURY, Jean, "Les Collèges a Toulouse au XIIIe Siècle", in AAVV, *Les Universités du Languedoc au XIIIe siècle – Cahiers de Fanjeaux*, 5, Toulouse, Edouard Privat, 1970, p.274-293.

FLETCHER, John M.; "The College-University: its development in Aberdeen and Beyond", in Jennifer J. Carter; Donald J. Withrington (Eds.), *Scottish Universities: Distinctiveness and Diversity*, Edinburgo, John Donald Publishers, 1992.

GARDEN, Maurice; "Paris", in Jean Luc Pinol (Dir.), *Atlas historico de ciudades europeas - Francia*, Barcelona, Salvat / Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1996, p.27 e seguintes.

HARVEY, J.H.; "Architecture in Oxford, 1350-1500", J.I.Catto; Ralph Evans (Eds.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. II, 1992, p.747-768.

HIGHFIELD, J.R.L.; "The Early Colleges", T.H. Aston; J.I. Catto (eds.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. I, 1984, p.225-263.

KIENE, Michael, *Die englischen und französischen Kollegientypen. Universitätsbaukunst zwischen Sakralisierung und Säkularisierung*, Münster/Westf., Tese de Doutoramento, 1981

KIENE, Michael, "Die Grundlagen der europäischen Universitätsbaukunst", *Zeitschrift für Kunstgeschichte*, Munique-Berlin, n.46, 1983.

KIENE, Michael, "Zur Bautätigkeit in den italienischen Universitäten von der Mitte des Trecento bis zur Mitte des Quattrocento", *Mitteilungen des Kunsthistorischen Instituts in Florenz*, vol.30, 1986, p.433-490.

KIENE, Michael, "Der Palazzo della Sapienza – Zur italienischen Universitätsarchitektur des 15. und 16. Jahrhunderts", *Römisches Jahrbuch für Kunstgeschichte*, Roma-Tubingen, Vol.23/24, 1988, p.219-271.

KIENE, Michael, "L'università nelle città europee", in Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger (Eds.), *Le Università dell'Europa. Gli Uomini e i Luoghi*, Milano, Silvana Editoriale, 1993, p.21-49.

KIENE, Michael, "Der italienische Universitätspaläste vom 14. bis 18. Jahrhundert", *Stadt und Universität*, Münster/Westf., 1994, p.51-84.

KIENE, Michael, "Piccoli e grandi università a confronto: insediamenti universitari in Europa dal XVI al XVIII sec.", in Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger (Eds.), *Le Università minori in Europa (secolo XV-XIX)*, Catanzaro, Rubbettino Editore, 1998.p.289-300.

KIENE, Michael, "La sede del Sapere. I progetti per la Casa della Sapienza da Giuliano da Sangallo a Francesco di Giorgio Martini", in Gabriele Morolli (Coord.), *Le dimore di Siena*, Firenze, Alinea, 2002, p.139-144.

KIENE, Michael, "Palaces of Wisdom: College and University Buildings in Italy, 1300-1800", in *s/A, Record of Activities and Research Report, June 2007 – May 2008*, Washington, National Gallery of Art, Center for Advanced Study in the Visual Arts, 2008, p.116-119..

LACAVE, Mireille; **VOLLE**, Jean-Paul; "Montpellier", in Jean Luc Pinol (Dir.), *Atlas histórico de ciudades europeas - Francia*, Barcelona, Salvat / CCCB, 1986, p.205-229.

LANGE, Hermann, *Sculbau und Schulverfassung der frühen Neuzeit. Zur Entstehung und Problematik des modernen Schulwesens*, Weinheim-Berlin, Verlag Julius Beltz, 1967.

MARCONIS, Robert, "Toulouse", in Jean Luc Pinol (Dir.), *Atlas histórico de ciudades europeas - Francia*, Barcelona, Salvat / CCCB, p.231-255.

McCONICA, James; "The Rise of the Undergraduate College", in James McConica (ed.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. III, 1986, p.1-68.

MÜHLBERGER, Kurt; "Die Gemeinde der Lehrer und Schüler", in Peter Csendes, Ferdinand Oppl, *Wien. Geschichte einer Stadt*, Vol I, Wien-Köln-Weimar, Böhlau, 2001, p.319-410.

NEWMAN, John; "The Physical Setting: New Building and Adaptation", in James McConica (Ed.), *The History of the University of Oxford*, Oxford, The Clarendon Press, Vol. III, 1986, p.597-632.

NIVET, Jean; *La Salle des Thèses de l'Université d'Orléans*, Orléans, Société Archéologique et Historique de l'Orléanais, 1982, p.5-8.

PERRAUT, Aurélie; *L'architecture des collèges parisiens au Moyen Age*, Paris, Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2009.

PEVSNER, Nikolaus, "Universities Yesterday", *Architectural Review*, 1957, pp. 235-239

PEVSNER, Nikolaus, *A History of Building Types* (1976), Princeton, Bollingen, 4^a Ed, 1989.

POUTHAS, Charles-H.; *Les Collèges de Caen au XVIIIe Siècle*, Caen, Louis Jouan Editeur, 1911.

ROBILLARD de BEAUREPAIRE, Eugène; *Caen Illustré. Son Histoire, ses Monuments*, Caen, F. le Blanc-Hardel, 1896.

RÜCKBORD, Konrad, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.

SVATOS, Michael, **HAVRANEK**, Jan; "University colleges at Prague from the fourteenth to the eighteenth centuries", in Domenico Maffei, Hilde de Ridder-Symoens (Eds.), *I collegi universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo*, Milano, Guiffrè Editore, 1991. p.143-154.

TYACK, Geoffrey; "The Architecture of the University and the Colleges", in John Preist (Ed.), *The Illustrated History of Oxford University*, Oxford/New York, Oxford University Press, 1993, p.84-122.

WILLIS, Robert; **CLARK**, John Willis, *The architectural history of the University of Cambridge*, Cambridge, Cambridge University Press, 3 vols., 1886.

WINKELMANN, Jürgen (1979), "Universit  e Collegi. Sviluppo e modelli architettonici. Nota su un recente libro", in Verdera Y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol.V («Studia Albornotiana», XXXVI), Bolonha-Saragoça, Real Colegio de España, 1979, p.29-42.

WOJAK, Slawomir (Ed.), *Cracow. A Journey in the Past – Kazimierz*, Vars via-Cracóvia, Panstwowe Wydawnictwo Naukowe, 1987.

WYROZUMSKI, Jerzy; "Les collèges et les internats de l'Universit  Jagellonne aux XVe et XVIe siècles", in Domenico Maffei, Hilde de Ridder-Symoens (Eds.), *I collegi universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo*, Milano, Guiffr  Editore, 1991. p.131-142.

Fontes em suporte electrónico

CECCHI, Patrizia; "Boncompagno da Signa", in <http://www.comune.signa.fi.it> consultado em 22.05.2009.

Collegio di Spagna

Listagens e fontes impressas

BELTRÁN DE HEREDIA, Vicente, "Primeros estatutos del colegio español de San Clemente en Bolonia", *Hispania Sacra*, XI, 1958, p.187-224.

CORTESE, Ennio, "Descripciones del Colegio", in E. Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. V («Studia Albornotiana», XXXVI), Bolonia-Zaragoza, Real Colegio de España, 1979, p.549 e segs..

GINÉS DE SEPÚLVEDA, Juan, *Historia de Bello Administrato in Itália per annos XV et confectu ab (...) Aegidio Albernotio ...*, Bolonia, 1542. [*]

MALO DE BRIONES, Juan, *Descripción al illustrisimo y reberendiss. Principe y Señor Don Gil de Albornoz*, Bolonia, 1630. [*]

VELASCO y HERRERA, Salvador de, *Compendio de la Nobilissima Fundación y Privilegios del Colegio Mayor de Señor San Clemente de los Españoles de Bolonia...*,1695. [*]

VITRUVIUS POLLO, Marcus, *De Architettura* (edição ilustrada de fra Giocondo), Venezia, 1511.

Colectaneas e obras conjuntas

VERDERA y TUELLS, Evelio (Ed.); *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. V («*Studia Albornotiana*», XXXVI) Real Colegio de España, Bolonia-Zaragoza, 1979,

Bibliografía específica

AGRESTINI, Pierfranco, “Gli interventi edilizi nel Collegio di Spagna negli ultimi 100 anni”, in E. Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. V («*Studia Albornotiana*», XXXVI), Bolonia-Zaragoza, Real Colegio de España, 1979, p.349-361.

COSTA, António Domingues de Sousa, *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante e Século XV* («*Studia Albornotiana*», LVI), Bolonia-Zaragoza, Real Colegio de España, 1990.

DELARUELLE, Etienne, “La politique universitaire des papes d’Avignon – spécialement d’Urbain V – et la fondation du Collège Espagnol de Bologne”, in E. Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. II («*Studia Albornotiana*», XII), Bolonia-Zaragoza, Real Colegio de España, 1972, p.7-39.

FILIPPINI, Francesco, “Matteo Gattaponi da Gubbio. Architetto del Collegio de Spagna”, *Bollettino d’Arte*, II, 1922-23, p.77-93.

FLETCHER, John M., “The Spanish College – Some observations on its foundation and early statutes”, in E. Verdera Y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. II («*Studia Albornotiana*», XII), Real Colegio de España, Bolonia-Zaragoza, 1972, p.73-91.

GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, Ignacio, *Dietro il muro del Collegio di Spagna*, Bologna, Clueb, 1998.

GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, Ignacio, “Que todas las cosas sean nuevas. La restauración del Colegio de España (siglos XIX e XX)”, in J.L. Colomer, A. Serra Desfilis, *España y Bolonia. Siete siglos de relaciones artisticas y culturales*, Madrid, Fundación Carolina / Centro de Estudios Europa Hispánica, 2006, p.17-30.

KERSCHER, Gottfried, “Pallazzi prerinascimentale: la rocca di Spoleto e il Collegio di Spagna a Bologna. Architettura del cardinale Aegidius Albornoz”, *Annali di Architettura*, 3, 1991, p.14-25.

KIENE, Michael, “L’architettura del Collegio di Spagna in Bologna: organizzazione dello spazio e influssi sull’edilizia universitaria europea”, *Il Carrobbio*, Ed. Luigi Parma, Bologna, vol.9, 1983, p.233-242.

KIENE, Michael, “L’architettura del Collegio di Spagna e dell’Archiginnasio. Esame comparato dell’architettura universitaria Bolognese con quella europea”, *Annali di storia delle Università italiane*, 1, Bologna, Clueb, 1997, p.97-107.

LEONET, Juan Maria, “Albornoz, Gil Alvarez Carrillo de”, *Gran Enciclopèdia Rialp*, Madrid, 1971, Tomo I, p.489-490.

MARCHINI, Giuseppe, "Il Collegio di Spagna, edificio monumentale, in E. Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. V («Studia Albornotiana», XXXVI), Bolonia-Zaragoza, Real Colegio de España, 1979, p.7-28.

MARTI, Berthe M.: *The Spanish College at Bologna in the Fourteenth Century*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1966.

MARTÍN HERNÁNDEZ, Francisco, "Influencia del colegio de San Clemente de Bolonia en los Colégios Mayores españoles", E. Verdera y Tuells (Ed.), *Studia Albornotiana*, Vol.XII, Bolonha-Saragoça, Real Colegio de España, 1972, p.239-259.

SÁEZ, Emilio, **TRENCHS**, José, **BAÑARES**, Carmen, "La etapa española de don Gil de Albornoz (1302-1336)", in E. Verdera y Tuells (Ed.), *El Cardenal Albornoz y el Colegio de España*, Vol. IV («Studia Albornotiana», XXXV), Bolonia-Zaragoza, Real Colegio de España, 1979, p.7-36.

SERRA DESFILIS, Amadeo, *Matteo Gattapone, arquitecto del Colegio de España*, Real Colégio de España, Bolonia-Zaragoza, 1992.

SERRA DESFILIS, Amadeo, "El Colegio de España en Bolonia y la arquitectura universitaria del primer Renacimiento en Italia y España", in José Luis Colomer; Amadeo Serra Desfilis (Dir), *España y Bolonia. Siete siglos de relaciones artísticas y culturales*, Fundación Carolina / Centro de Estudios Europa Hispánica, Madrid, 2006, p.17-30.

Espanha – universidades, colégios, arquitectura e urbanismo

Dicionários, listagens e fontes impressas

AAVV, *Diccionario de la Lengua Española*, Madrid, Real Academia Española, 19ª ed., 1970.

AAVV, *Enciclopedia de la Religión Católica*, Barcelona, Dalmau y Jover SA, 7 vols., 1950-56.

ALDEA VAQUERO, Quentin; **MARÍN MARTÍNEZ**, Tomás; **VIVES GATELL**, José; *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, Instituto Enrique Flores / CSIC, 4 vols., 1972-1975.

ALFONSO X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alonso el nono, nuevamente glosadas por el licenciado Gregório Lopez* (1555), 4 Tomos, Valladolid, Casa de Diego Fernandez de Cordova, 1587-1588;

ALFONSO X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alonso el nono, nuevamente glosadas por el licenciado Gregório Lopez* (1555), 4 Tomos, Mainz, Balthasarus Lippius / Madrid, Casa de Juan Hasrey, 1610-1611.

GIBERT SANCHEZ, R., "Bibliografía sobre universidades hispanicas", *Bibliographie internationale de l'histoire des universités*, Genebra, 1973, pp.1-100

GUTIERREZ DEL ARROYO, Consuelo, *La Sección de Universidades del Archivo Histórico Nacional*, Madrid, Ministerio de Educación Nacional, Madrid, 1952.

KAGAN, Richard L. (Dir.), *Ciudades del Siglo de Oro. Las vistas españolas de Antón van den Wyngaerde*, El Viso, Madrid, 1986.

LLAGUNO Y AMIROLA, Eugenio, **CEÁN BERMÚDEZ**, Juan Agustín, *Noticias de los arquitectos y arquitectura de España*, Madrid, Imprenta Real, 4 vols., 1829.

MAGALOTTI, Lorenzo, *Viaje de Cosme de Médicis, de España y Portugal (1668-1669)*, 2 Vols., Madrid, Centro de Estudios Históricos – Junta para Ampliación de Estudios y Investigaciones Científicas, 1933.

MÜNZER, Jerónimo, *Viaje por España y Portugal (1494)*, Madrid, Polifemo, 1991.

QUADRADO, José María; **PARCERISA**, Francisco Javier, *Recuerdos y Bellezas de España* (tomo 11, *Salamanca, Ávila y Segovia*), Barcelona, 1865.

PONZ, Antonio; *Viaje de España (1772-78)*, Madrid, Aguilar, 1947, p.1098.

CARMONA DE LOS SANTOS, María, *Guía de Fondos de Instituciones Docentes*, Madrid, Ministerio de Educación y Cultura, 1999.

VIVES, Juan Luís; *Obras Completas* (Edição de Lorenzo Riber), Madrid, Aguilar, Tomo II, 1948, p.337-687.

Histórias e obras de referência

AAVV, *Historia de la educación en España y América. La educación en la Hispania Antigua y Medieval*, Madrid, Fundación Santa María, 1992.

AJO GONZALEZ DE RAPARIEGOS Y SAENZ DE ZÚÑIGA, Cándido María, *Historia de las universidades hispánicas, Orígenes y desarrollo desde su aparición a nuestros días*, 11 vols., Madrid / Ávila, 1957-1979.

CHUECA GOITIA, Fernando, *Arquitectura del Siglo XVI, Ars Hispaniae – Historia Universal del Arte Hispânico*, Vol. XI, Madrid, Editorial Plus-Ultra, 1953.

DE LA FUENTE, Vicente, *Historia de las Universidades, Colegios y demás establecimientos de enseñanza en España*, 4vols., Madrid, Imprenta Viuda e Hija de Fuentenebro, 1884-1889.

DELGADO CRIADO, Buenaventura (Coord.), *Historia de la educación en España y América. La educación en la España Moderna*, Madrid, Fundación Santa María, 1993.

GARCIA DE CORTÁZAR, Fernando, **GONZÁLEZ VESGA**, José Manuel, *Breve historia de España*, Madrid, Alianza Editorial, 1ª ed., 6ª re-impressão, 1994.

JIMÉNEZ FRAUD, Alberto, *Historia de la Universidad Española*, Madrid, Alianza Editorial, 1971.

LAMPÉREZ Y ROMEA, Vicente, *Arquitectura civil española*, 2 Tomos, Madrid, Saturnino Calleja, 1922 (“Edifícios de Enseñanza”, Tomo II, p.135-191).

MONTERO VALLEJO, Manuel, *Historia del Urbanismo en España*, Vol.I «Del Eneolítico a la baja Edad Media», Madrid, Cátedra, 1996.

Colectâneas e obras conjuntas

AAVV, *Urbanismo y historia urbana en el mundo hispano*, actas do segundo simpósio (1982), Madrid, Universidad Complutense, 1985.

AAVV, *Estudios sobre los orígenes de las Universidades españolas*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1988.

BONET CORREA, Antonio (Ed.), *Urbanismo y historia urbana en España*, Madrid, Universidad Complutense, 1979.

CLEMENTE, Carlos, **IBÁÑEZ**, Joaquín (Coord), *La Ciudad del Saber. Ciudad, Universidad y Utopía 1293-1993*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1995.

COLOMER, José Luis; **SERRA DESFILIS**, Amadeo (Dir.), *España y Bolonia. Siete siglos de relaciones artísticas y culturales*, Madrid, Fundación Carolina / Centro de Estudios Europa Hispánica, 2006.

GARCÍA Y BELLIDO, A.; **TORRES BALBÁS**, Leopoldo; **CERVERA VERA**, Luis; **CHUECA GOITIA**, Fernando; **BIDAGOR**, P., *Resumen histórico del urbanismo en España*, Madrid, Instituto de estudios de Administración Local, 2ª ed., 1968.

GUARDIÀ, Manuel; **MONCLÚS**, Francisco Javier; **OYÓN**, José Luís (Dir.), *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona / Salvat, 1994.

OLIVÉ SERRET, Enric (Coord.), *Cataluña y sus universidades*, Barcelona, Generalitat de Catalunya, 2003.

PESET, Mariano (Ed.), "Universidades Españolas y Universidades Europeas", *Ius Commune*, 12, 1984, pp. 71-89.

PESET, Mariano (Ed.), *Universidades españolas y americanas. Época colonial*, València 1987.

PESET, Mariano; **ALBIÑANA**, Salvador (Eds.), *Claustros y Estudiantes – Congreso internacional de historia de las universidades americanas y españolas en la edad moderna*, 2 Vols., Valencia, Facultad de Derecho – Universidad de Valencia, 1988.

RODRIGUEZ SAN PEDRO BEZARES, Luis E. (Ed.), *Las Universidades Hispánicas: de la monarquía de los Austrias al Centralismo Liberal (V Congreso Internacional sobre Historia de las Universidades Hispánicas. Salamanca 1998)*, Salamanca, Universidad de Salamanca / Junta de Castilla y León, 2 Vols., 2000.

RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES, Luís E.; **POLO RODRÍGUEZ** Juan Luís (Eds.), *Universidades clásicas de la Europa Mediterránea: Bolonia, Coimbra y Alcalá. Miscelánea Alfonso IX 2005*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006;

RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES, Luís E.; **POLO RODRÍGUEZ** Juan Luís (Eds.), *Universidades hispánicas. Modelos territoriales en la Edad Moderna (I): Santiago, Toledo, Sevilla, Barcelona y Huesca. Miscelánea Alfonso IX 2006*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2007;

RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES, Luís E.; **POLO RODRÍGUEZ** Juan Luís (Eds.), *Universidades hispánicas. Modelos territoriales en la Edad Moderna (II): Valencia, Valladolid,*

Oñate, Oviedo y Granada. Miscelánea Alfonso IX 2007, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2008;

RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES, Luís E.; **POLO RODRÍGUEZ** Juan Luís (Eds.), *Universidades hispánicas: colegios y conventos universitarios en la Edad Moderna (I)*. *Miscelánea Alfonso IX 2008*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2009

VALDÉS FERNANDEZ, Fernando (Coord.), *Codex Aquilarensis*, n.15 («El urbanismo de los estados cristianos peninsulares»), Aguilar de Campoo (Palencia), Fundación Santa María la Real, 1999.

Bibliografía geral e específica

ALVAREZ DE MORALES, A., “La Universidad y sus denominaciones”, in Peset, Mariano (ed.), *Universidades españolas y americanas. Época colonial*, Valência 1987.

BARCALÁ MUÑOZ, A., “Las Universidades Españolas durante la Edad Media”, *Anuario de Estudios Medievales*, Barcelona, num.15, 1985, pp. 83-126.

BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, Bernabé, “Universidades y colégios universitários”, in AAVV, *Historia de la educación en España y América. La educación en la Hispania Antigua y Medieval*, Madrid, Fundación Santa María, 1992, p.554-604.

BELTRÁN DE HEREDIA, Vicente, “El Estudio general de Calatayud. Documentos referentes a su institución”, *Revista Española de Teología*, n. XVII, Madrid, 1957, p.205-230.

BONET CORREA, Antonio, “Arquitectura y Urbanismo: la Universidad como «Palacio de las Musas» y «Ciudad del Saber»”, in Luis Miguel Gutierrez Torrecilla (Coord), *La Universidad de Alcalá*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, Universidad de Alcalá de Henares, 1990, Vol. II, p.91-121;

BONET CORREA, Antonio, “De la Ciudad del Saber a la isla universitaria”, in Carlos Clemente, Joaquín Ibañez (Coord.), *La Ciudad del Saber. Ciudad, Universidad y Utopía, 1293-1993*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1995, p.49-61.

CAMÓN AZNAR, José, “Arte del Renacimiento en España”, in Gustav Glück, *Historia del Arte* (t.X, *Arte del Renacimiento fuera de Italia*), Barcelona, Labor, 1936.

CARABIAS TORRES, Ana María; “Evolución del concepto de facultad de artes en España (siglos XIII al XVII)”, *Actas del IV Seminario de Historia de la Filosofía Española (1984)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca / Diputación Provincial de Salamanca, 1986, p.303-333.

CASASECA CASASECA, Antonio; *Rodrigo Gil de Hontañón (Rascafría 1500 -Segovia 1577)*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 1988.

CASTRO SANTAMARIA, Ana; *Juan de Álava. Arquitecto del Renacimiento*, Salamanca, Caja Duero, 2002.

CERVERA VERA, Luis, “La ciudad ideal concebida en el siglo XV por el humanista Sanchez de Arevalo”, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Tomo CLXXIX, Madrid, Janeiro-Abril 1982.

- CLARAMUNT**, Salvador, "Origen de las universidades catalanas medievales", in AAVV, *Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Valladolid, Servicio de publicaciones de la Universidad, 1988, p.97-111.
- CRADDOCK**, Jerry, "La cronología de las obras legislativas de Alfonso X el Sábio", *Anuario de Historia del Derecho Español*, tomo LI, Madrid, 1981, p.365-418.
- GARCÍA GALLO**, Alfonso, "La obra legislativa de Alfonso X: hechos y hipótesis", *Anuario de Historia del Derecho Español*, tomo LIV, Madrid, 1984, p.97-161.
- GAYA NUÑO**, Juan Antonio, *La arquitectura española en sus monumentos desaparecidos*, Madrid, Espasa-Calpe, 1961.
- GOMEZ LOPEZ**, Consuelo, "La «renovatio urbis»: poder, ciudad y universidad en el siglo XVI", *Espacio, Tiempo y Forma. Serie VII: Historia del Arte*, 1996, p.53-76.
- GOMEZ MORENO**, Manuel, "Sobre el Renacimiento en Castilla", *Archivo Español de Arte y Arqueología*, I, Madrid, 1925, p.1-40.
- GÓMEZ MORENO**, Manuel, "Hacia Lorenzo Vázquez", *Archivo Español de Arte y Arqueología*, Madrid, Tomo I, 1925, p.7-40.
- GONZÁLEZ JIMENEZ**, Manuel, *Alfonso X el Sábio*, Palencia, Diputación Provincial / Editorial La Olmeda, 1993, p.262.
- HERNANDEZ MARTÍN**, Ramón, "Contribución de los dominicos", in AAVV, *Historia de la educación en España y América. La educación en la Hispania Antigua y Medieval*, Madrid, Fundación Santa María, 1992, p.487-499.
- IGLESIA FERREIRÓS**, Aquilino, "La labor legislativa de Alfonso X el Sabio", in *España y Europa. Un pasado histórico común*, Murcia, 1986, p.275-599.
- KAGAN**, Richard L., "Universities in Castille 1500-1800", in Lawrence Stone (Ed.), *The University in Society*, Vol. II, Princeton, Princeton University Press, 1975, p. 355-405.
- KAGAN**, Richard L., *Universidad y Sociedad en la España Moderna*, Tecnos, 1981.
- MARIAS**, Fernando, "Las ciudades del siglo XVI y el urbanismo renacentista", in Richard L. Kagan (Dir.), *Ciudades del Siglo de Oro. Las vistas españolas de Antón van den Wyngaerde*, El Viso, Madrid, 1986.
- MARIAS**, Fernando, *El largo siglo XVI. Los usos artísticos del Renacimiento Español*, Madrid, Taurus, 1989
- MARTÍN HERNÁNDEZ**, Francisco, "Los colegios universitarios españoles como signo de reforma (siglos XIV-XVI)", in Domenico Maffei, Hilde de Ridder Symoens (Eds.), *I collegi universitari in Europa tra il XIV e il XVIII secolo. (Atti...)* Milão, Guiffrè Editore, 1990, p.81-100
- MARTINELL**, César, "Las antiguas universidades y colegios españoles como monumentos arquitectónicos", *Cuadernos de Arquitectura*, 9, Barcelona, 1948, p.3-20..
- NAVAL MAS**, Antonio, "La ciudad española del XVI (aportaciones para un estudio urbanístico)", in Antonio Bonet Correa (Ed.), *Urbanismo y historia urbana en España*, Madrid, Universidad Complutense, 1979.

NIETO ALCAIDE, Víctor, “Renovación y identificación estilística 1488-1526”, *Arquitectura del Renacimiento en España, 1488-1599*, Madrid, Cátedra, 1989, p.13 e segs.

OTERO VARELA, Alfonso, “Las Partidas y el Ordenamiento de Alcalá en el cambio del ordenamiento medieval”, *Anuario de Historia del Derecho Español*, tomos LXIII-LXIV, Madrid, 1994, p.451-547.

PESET, Mariano, “Modelos y estatutos de las Universidades españolas y portuguesas (siglos XIII-XVIII)”, in Andrea Romano (Ed.), *Dall'Università degli Studenti all'Università degli Studi*, Messina, 1991, pp.65-106.

PESET, Mariano, “La organización de las universidades españolas en la edad moderna”, in Andrea Romano (Coord.), *Studi e diritto nell'area mediterranea in età moderna*, Catanzaro, Rubbettino, 1993. p.73-122.

RAMÍREZ GONZÁLEZ, Clara Inés, “Las órdenes religiosas en la Edad Moderna. El contexto”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca, Trayectoria histórica e instituciones vinculadas – Vol.I*, 2002, p.563-588.

RODRÍGUEZ CRUZ, Águeda, *La Universidad de Salamanca en Hispanoamérica*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2005.

RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES, Luís E., “Las universidades hispanas en la Edad Moderna. Un balance”, in Luis E. Rodríguez San Pedro Bezares (Ed.), *Las Universidades Hispánicas: de la monarquía de los Austrias al Centralismo Liberal (V Congreso Internacional sobre Historia de las Universidades Hispánicas. Salamanca 1998)*, Salamanca, Universidad de Salamanca / Junta de Castilla y León, 2 Vols., 2000.

TORREMOCHA, Margarita, *La vida estudiantil en el Antiguo Régimen*, Madrid, Alianza Editorial, 1998.

TORREMOCHA HERNÁNDEZ, Margarita, “Valladolid y Salamanca: dos universidades «mayores» del Antiguo Régimen”, in Luís Enrique Rodríguez – San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, Vol.III, 2006, p.1029-1040.

WETHEY, H.E., “Escaleras del Primer Renacimiento Español”, *Archivo Español de Arte*, Madrid, 1964, t.37, p.295-305

ZURITA CUENCA, Rafael, “Títulos de las Siete Partidas y del Corpus Iuris Civilis”, *Revista de la Facultad de Derecho Universidade Complutense*, Madrid, Julio 1985, p.129-155.

Fontes em suporte electrónico

http://es.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_de_las_Siete_Partidas, consultado em 22.05.2009.

Salamanca / Universidade de Salamanca

Fontes desenhadas

Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Consejos / Mapas, planos y dibujos*, N° 1063, plano de Salamanca de Jerónimo García de Quiñones (1784).

Dicionários, listagens, fontes impressas

AAVV, *Salamanca. Plan Especial de Protección y Reforma...*, Madrid, Instituto del Territorio y Urbanismo - MOPU / Ayuntamiento de Salamanca, 1987.

BELTRÁN DE HEREDIA, Vicente, *Bulario de la Universidad de Salamanca (1219-1549)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 3 Vols., 1966-1967.

BELTRÁN DE HEREDIA, Vicente, *Cartulário de la Universidad de Salamanca (1218-1600)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 6 vols., 1970-1973.

CHACÓN, Pedro, *História de la Universidad de Salamanca (1569)*, edição de Ana María Carabias Torres, Universidad de Salamanca, 1990.

GARCIA GIL, Alberto, *Plan Director del Edificio de Escuelas Mayores*, Universidad de Salamanca / Junta de Castilla y León, assessoria de J.R. Nieto González, s.d.

GONZÁLEZ DAVILA, Gil, *Theatro eclesiástico de la iglesia y ciudad de Salamanca*, Salamanca, 1618. [*]

MARCOS RODRÍGUEZ, Florencio, *Extractos de los libros de claustros de la Universidad de Salamanca, Siglo XV (1464-1481)*, Universidad de Salamanca, 1964.

MARINEO SICULO, Lucio, *De Hispaniae laudibus*, Burgos, S/d. [*]

ROXAS Y CONTRERAS, Don Jose de, Marquès de Alventos, *Historia del Colegio Viejo de S. Bartolomé, Mayor de la celebre Universidad de Salamanca*, Andres Ortega, Madrid, 3 vols, 1766-1770.

RUIZ DE VERGARA Y ALAVA, D. Francisco, *Vida del ilustrisimo señor don Diego de Anaya Maldonado, arzobispo de Sevilla, fundador del Colegio Viejo de San Bartolomé y noticia de sus varones excelentes...*, D. Carrera , Madrid, 1661.

SALA BALUST, Luis, "Las primeras constituciones del Colegio de S. Bartolomé de Salamanca, copia de los primeros estatutos del Colegio de S. Clemente de Bolonia", *Estudios Eclesiasticos*, 35, 1960, p.253-263.

SALA BALUST, Luis, *Constituciones, estatutos y cerimonias de los antiguos colegios seculares de la Universidad de Salamanca - Edición crítica*, Universidad de Salamanca, 4. vols., 1962-1966.

VACA LORENZO, Ángel, *Diplomatario de la Universidad de Salamanca. La documentación privada de época medieval*, Ediciones de la Universidad de Salamanca, 1996.

VALERO GARCIA, Pilar y **PÉREZ MARTIN**, Manuel, *Constituciones de Martin V*, Universidad de Salamanca, Salamanca, 1991.

VARGAS AGUIRRE, Joaquín de; *Dibujos salmantinos* (inícios do século XX), Salamanca, Centro de Estudos Salmantinos, 1974.

Histórias e obras de referência

FERNANDEZ ALVAREZ, Manuel (Dir.), *La Universidad de Salamanca*, 2 vols., Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1989-1990.

RODRÍGUEZ SAN PEDRO BEZARES, Luis E. (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, 3 vols., Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002-2006.

VILLAR Y MACÍAS, Manuel, *Historia de Salamanca* (1887), Salamanca, Librería Cervantes, 9 Vols., 1973-1975.

Bibliografia geral e específica

AAVV, *La Universidad de Salamanca. Ocho siglos de Magisterio*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1991.

ALVAREZ VILLAR, Julián, *La Universidad de Salamanca. Arte y tradiciones*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1973.

ALVAREZ VILLAR, Julián, "La introducción del Renacimiento en Salamanca", *Actas do colóquio «a Universidade e a Arte, 1290-1990»*, Coimbra, IHA - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993, p.87-104.

ÁLVAREZ VILLAR, Julián; "Colegios y conventos, siglos XIII-XX", in Luís Enrique Rodríguez-San Pedro Bezares (Ed.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, Vol.II (*Estructuras y Flujos*), p.457-469.

AZOFRA AGUSTÍN, Eduardo, *El arquitecto Juan de Sagarbinaga (1710-1797)*, tese doutoral inédita, Facultad de Geografía y Historia, Salamanca, 2003.

BELTRÁN DE HEREDIA, Vicente, *Los orígenes de la Universidad de Salamanca*, Universidad de Salamanca, 1953.

BELTRÁN DE HEREDIA, Vicente, "La construcción de los nuevos generales de cánones y de teología en la Universidad de Salamanca (1569-1574)", *El Museo*, Salamanca, num. II, 1959.

BENET, Nicolás; **SÁNCHEZ GUINALDO**, Ana I.; "Urbanismo medieval de Salamanca: ¿continuidad o reconstrucción?", *Codex Aquilarensis*, 15, Aguilar de Campoo (Palencia), 1999, p.119-152.

CARABIAS TORRES, Ana María; "Evolución histórica del Colegio Trilingüe de Salamanca, 1550-1812", *Studia Histórica / Historia Moderna*, Salamanca, Vol.I, num.3, 1983, p.143-168.

CARABIAS TORRES, Ana María, *Colegios Mayores: centros de poder. Los Colegios Mayores de Salamanca durante el siglo XVI*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca / Diputación Provincial de Salamanca, 3 vols, 1986.

CHUECA GOITIA, Fernando, *La catedral nueva de Salamanca. Historia documental de su construcción*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1951.

- CASTRO SANTAMARÍA**, Ana, "Pedro de Larrea y Juan de Álava en la Universidad de Salamanca. Las obras de la sacristía y la biblioteca", *Boletín del Museo e Instituto «Camón Aznar»*, Zaragoza, n.LXXI, 1998, p.65-112.
- CASTRO SANTAMARÍA**, Ana, "La «prehistoria» de la Catedral Nueva de Salamanca", *Estudios Históricos Salmantinos – Homenaje al Pe. Benigno Hernández Montes*, Universidad de Salamanca / Caja Duero / Ayuntamiento de Salamanca / Diputación Provincial de Salamanca, Salamanca, 1999, p.113-127.
- CASTRO SANTAMARÍA**, Ana; *El Colegio Mayor del Arzobispo Fonseca o de los Irlandeses*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.
- CASTRO SANTAMARÍA**, Ana, **RUPÉREZ ALMAJANO**, María Nieves; *Monumentos salmantinos desaparecidos. El Colegio de Cuenca*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1993, p.18-19.
- CORTAZAR ESTIVALIZ**, Javier; *Historia y arte del Colegio Menor de San Pelayo de Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002.
- ESTEBAN L.**, Juan F., "La fachada de la Universidad de Salamanca: Crítica e interpretación", *Artígrama*, Zaragoza, num.2, 1985, p.77-94.
- FALCÓN**, Modesto, *Salamanca artística y monumental* (1867), ed. de José Antonio Bonilla Hernandez, Salamanca, caja Duero, 2000.
- GABAUDAN**, Paulette, *El mito imperial: programa iconográfico de la Universidad de Salamanca*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1998.
- GABAUDAN**, Paulette, "Reflexiones en torno al libro de Felipe Pereda, *Una arquitectura elocuente*", in *Salamanca, Revista de Estudios*, num.48, 2002, p.129-153.
- GARCIA Y GARCIA**, Antonio, "Génesis de la Universidad, siglos XIII-XIV", in Luis Enrique Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*, Ediciones Universidad de Salamanca, Vol. I, 2002, p.21-38
- GONZÁLEZ**, Julio, "Notas sobre los orígenes de la Universidad de Salamanca", *Boletín de la Biblioteca Menedez Pelayo*, XII, Santander, 1946.
- GONZÁLEZ GARCIA**, Manuel, *Salamanca: la repoblación y la ciudad en la Baja Edad Media*, 2ª ed. corregida y aumentada, Centro de Estudios Salmantinos, Salamanca, 1988 (1ª ed. 1973)
- GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ**, Julio, "Repoblación de la Extremadura Leonesa", *Hispania*, III, 1943, p.195-273.
- HERNÁNDEZ MARTÍN**, Ramón, "El convento y Estudio de San Esteban", in Luis E Rodríguez-San Pedro Bezares. (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca...*, Vol.I, 2002, p.589-612
- MACARRO ALCALDE**, Carlos, "Evolución de la ciudad hasta el siglo XIX", Pablo Nuñez Paz, Pablo Redero Gómez, Juan Vicente García, *Salamanca, Guía de Arquitectura*, Colegio Oficial de Arquitectos de León – Delegación de Salamanca, Salamanca, 2001, p.12-35.

- MARIAS**, Fernando; "El primer proyecto de Juan Gómez de Mora para el Colegio de «La Clerecía» de Salamanca", in AAVV, *Homenaje al Professor Antonio Bonet Correa*, Madrid, Editorial Complutense, 1994, p.469-480.
- MARTÍN HERNÁNDEZ**, Vicente, *Fragmentos de una historia sociourbanística de la ciudad de Salamanca*, Centro de Estudios Salmantinos, Salamanca, 1982.
- MARTÍN MARTÍN**, José Luis, "Estructura demográfica y profesional de Salamanca a finales de la Edad Media", *Revista Provincial de Estudios*, Nº.1, p.15-33.
- MARTÍN VALLS**, R., **BENET**, N., **MACARRO ALCALDE**, C., "Arqueología de Salamanca", *Actas del I Congreso de Historia de Salamanca*, Salamanca, 1992, tomo I, p.98.
- MONSALVO ANTÓN**, José María, "El Estudio y la Ciudad en el período medieval", Luis E. Rodríguez San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Trayectoria histórica e instituciones vinculadas* – Vol. I, 2002, p.435-465.
- MONTANER LOPEZ**, Emilia, "Aportaciones a la Historia del Urbanismo de Salamanca en el Siglo XVII", *Salamanca. Revista Provincial de Estudios*, num.24-25, 1987, p.9-28.
- NIETO GONZÁLEZ**, José Ramón, "Escuelas Mayores, Menores y Hospital del Estudio, siglos XIII-XX", in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Estructuras y Flujos* – Vol. II, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, p.375-455.
- NOGALEDO ALVAREZ**, Santiago, *El Colegio Menor de "Pan y Carbón", primero de los Colegios Universitarios de Salamanca (1388-1780)*, Universidad de Salamanca, 1958
- NUÑEZ PAZ**, Pablo; **REDERO GÓMEZ**, Pablo; **VICENTE GARCÍA**, Juan, *Salamanca, Guía de Arquitectura*, Colegio Oficial de Arquitectos de León – Delegación de Salamanca, Salamanca, 2001.
- PEREDA**, Felipe, *La arquitectura elocuente. El edificio de la Universidad de Salamanca bajo el reinado de Carlos V*, Madrid, Sociedad Estatal para la Conmemoración de los Centenarios de Felipe II y Carlos V, 2000
- RAMÍREZ GONZÁLEZ**, Clara Inés, "El colegio de Santo Domingo de la Cruz, una fundación dentro del convento de San Esteban de Salamanca", *Archivo Dominicano*, XVII, 1996, p.187-207.
- RIESCO TERRERO**, Ángel, *Proyección histórico social de la Universidad de Salamanca a través de sus colégios*, Salamanca, 1970.
- RODRÍGUEZ CRUZ**, Águeda María, *El oficio de rector en la Universidad de Salamanca y en las Universidades Hispanoamericanas*, Universidad de Salamanca, 1979.
- RODRÍGUEZ CRUZ**, Águeda María, "La Universidad de Salamanca en el alba de su historia" *Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Universidad de Valladolid, 1988.
- RODRIGUEZ G. DE CEBALLOS**, Alfonso; *Estudios del barroco salmantino. El Colegio de la Orden Militar de Calatrava de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 1972.

- RODRIGUEZ G. DE CEBALLOS**, Alfonso; *Estudios del Barroco Salmantino* (1969), Salamanca, Centro de Estudios Salmantinos, 2ª ed. 1985;
- RODRÍGUEZ-SAN PEDRO BEZARES**, Luís E. (2002), *Bosquejo histórico de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2ª ed. 2004.
- RUPÉREZ ALMAJANO**, María Nieves; *Salamanca en el siglo XVIII: aspectos urbanísticos*, Salamanca, tese de doutoramento policopiada, 1991.
- RUPÉREZ ALMAJANO**, María Nieves, *Urbanismo de Salamanca en el Siglo XVIII*, Salamanca, Delegación en Salamanca del Colegio Oficial de Arquitectos de León, 1992
- RUPÉREZ ALMAJANO**, María Nieves; “Monumentos salmantinos desaparecidos: el Insigne Colegio de Santa María Magdalena”, Salamanca, Revista de Estudios, num.37, 1996, p.105-132.
- RUPÉREZ ALMAJANO**, María Nieves; “La Guerra de la Independência y su incidência en el patrimonio arquitectónico y urbanístico salmantino”, *Salamanca, Revista de Estudios*, 40, 1997, p.255-305.
- RUPÉREZ ALMAJANO**, María Nieves; “El Colegio de Niños Huérfanos”, *Estudios Históricos Salmantinos – Homenaje al Padre Benigno Hernández*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1999, p.129-156.
- RÚPEREZ ALMAJANO**, María. Nieves, “La Capilla del Colegio de Oviedo, templo de la ciencia y de la virtud”, *Archivo Español de Arte*, 75 (300), 2002, p.397-405.
- RÚPEREZ ALMAJANO**, María. Nieves, “La Universidad de Salamanca en la Ciudad: aspectos urbanísticos (siglos XV-XVIII)”, *Miscelánea Alfonso IX 2002*, Salamanca, 2003.
- RUPÉREZ ALMAJANO**, María Nieves, *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.
- RUPÉREZ ALMAJANO**, María. Nieves; **CASTRO SANTAMARÍA**, Ana, “Colegios desaparecidos” in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca*. Vol.II - *Estructuras y Flujos*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, p.471-485.
- SÁNCHEZ IGLESIAS**, Jose Luis, *Salamanca y su alfoz en la Edad Media (siglos XII y XIII)*, Diputación de Salamanca, Salamanca, 2003.
- SANCHEZ Y SANCHEZ**, Daniel, “Catedral y Universidad, una relación secular”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Trayectoria y Vinculaciones* – Vol. I, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p.405-433.
- SANTANDER**, Teresa, *El Hospital del Estudio*, Centro de Estudios Salmantinos, CSIC, Salamanca, 1993.
- SEBASTIÁN LÓPEZ**, Santiago, *La Universidad Renacentista como palacio de la virtud y del vicio*, València, Universitat de València, 1991.
- SERRANO-PIEDecasas FERNÁNDEZ**, Luis, **MUÑOZ-GARCIA**, M.A., “Aproximación arqueológica a las cercas medievales de la ciudad de Salamanca», *Actas del V Congreso de Arqueología Medieval Española*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 2001, Vol.1, p.407-414.

SENDIN CALABUIG, Manuel; *El Colegio Mayor del Arzobispo Fonseca en Salamanca*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1977.

TOVAR MARTÍN, Virginia; “El Colegio de la Orden Militar de Santiago en Salamanca”, *Archivo Español de Arte*, Madrid, Tomo XLIX, num. 196, 1976, p.417-434.

VACA LORENZO, Ángel, “Origen y formación del primitivo campus de la Universidad de Salamanca: las Escuelas Mayores”, *Salamanca – Revista de Estudios*, 1999, num. 43, p.143-169

VACA LORENZO, Ángel, “La Vía de la Plata a su paso por Salamanca”, *Salamanca, Revista de Estudios*, nº.48, 2002, p.13-50

VACA LORENZO, Ángel, “Capacidad docente y necesidades funcionales de la nueva feria de los estudios y letras. La Universidad de Salamanca en la Edad Media”, in *La Península en la Edad Media, treinta años después. Estudios dedicados a José-Luís Martín*, Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca, 2006, p.347-369.

VACA LORENZO, Ángel, “La puerta del río (o de Anibal) de Salamanca y sus inciertos orígenes”, *Papeles del Novelty*, Salamanca, n.15, 2006, p.9-30.

VACA LORENZO, Angel, “Le campus de l’Université de Salamanque au Moyen Âge: besoins fonctionelles et réponses immobilières”, in Patrick Gilli, Jacques Vergé, Daniel Le Blévec (Coord.), *Les universités et la ville au Moyen Âge*, Brill, Leiden/Boston, 2007, p.9-53.

VALERO GARCIA, Pilar y **PÉREZ MARTÍN**, Manuel, “Pedro de Luna y el Estudio salmantino”, *Studia Historica. Historia Moderna*, VIII, 1990, pp.131-149.

VÁZQUEZ JANEIRO, Isaac, “El convento y Estudio de San Francisco”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca. Trayectoria y Vinculaciones* – Vol. I, Ediciones Universidad de Salamanca, 2002, p.613-633

VIÑAS ROMÁN, Teófilo, “El convento de San Agustín y el colegio de San Guillermo”, in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, (Coord.), *Historia de la Universidad de Salamanca...*, Vol.I, 2002, p.635-666

VIÑAYO GONZÁLEZ, Antonio, “El colégio asturiano de Pan y Carbón”, *Boletín del Instituto de Estudios Asturianos*, nº20, 1953, p.10 e seguintes,

Fontes em suporte electrónico

AZOFRA AGUSTÍN, Eduardo, “El critério de unidad de estilo en la arquitectura española de la segunda mitad del siglo XVIII. El ejemplo de la Sala de Manuscritos de la Biblioteca en el edificio de las Escuelas Mayores de la Universidad de Salamanca”, <http://www.euskonews.com/044zbn/gaia44203es.html>, consultado em 29.04.2010.

Valladolid / Universidade de Valladolid

Fontes manuscritas

Archivo Historico Provincial de Valladolid, Legajo 3.416, f.580-583.

Archivo Historico Provincial de Valladolid, Legajo 3.417, 01.04.1754.

Dicionários, listagens, fontes impressas

AAVV, *Informe que hizo el Arquitecto de S.M. D. Ventura Rodríguez, en el año de 1768, de la Santa Iglesia de Valladolid*, Valladolid, Colegio Oficial de Arquitectos de Valladolid, 1987,

ANDRÉS ORDAX, Salvador (Ed.), *El Cardenal y Santa Cruz – catálogo da exposição*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1995,

ARRIAGA, Gonzalo de, *Historia del Colégio de San Gregório de Valladolid* (c.1647), editada, corregida e aumentada por Manuel Maria Hoyos, Valladolid, Tipografía Cuesta, 1928.

Biblioteca Pública Municipal do Porto, *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924,

CALDERÓN, Basilio; **SAINZ GUERRA**, José Luís; **MATA**, Salvador; *Cartografía Historica de la Ciudad de Valladolid*, Valladolid, Ayuntamiento de Valladolid, 1991.

Histórias e obras de referência

AAVV, *Historia de Valladolid*, 10 vols, 1977-1988

PALOMARES IBAÑEZ, Jesús María (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2 vols., 1989.

Colectâneas e obras conjuntas

ANDRÉS ORDAX, Salvador, e **RIVERA**, Javier (Coord.), *La Introducción del Renacimiento en España. El Colegio de Santa Cruz (1491-1991)*, Valladolid, Instituto Español de Arquitectura / Universidades de Alcalá y Valladolid / Colegio Oficial de Arquitectos de Valladolid, 1992.

Bibliografia geral e específica

AGAPITO y REVILLA, Juan “El edificio antiguo de la Universidad de Valladolid”, *Boletín de la Sociedad Castellana de Excursiones*, Ano VIII, n.ºs.89-91, 1910, p.389-393, 413-417, 437-444.

AGAPITO Y REVILLA, Juan, “El Colegio de San Gregorio”, *Boletín de la Sociedad Castellana de Excursiones*, V, 1911-1912, p.240-260; p.269-279.

AGAPITO Y REVILLA, Juan, “El Colegio mayor de Santa Cruz, en Valladolid”, *Boletín de la Real Academia de Bellas Artes de Valladolid*, 1934, p.75-93 e p.125-142.

- ALVAREZ MORA**, Alfonso; **ALCORTA**, Carmen, "Valladolid", in Manuel Guardia, Francisco Javier Monclús, José Luis Oyon (Dir.), *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, Salvat / CCCB, 1994, p.267-288;
- ALVAREZ MORA**, Alfonso, *La construcción histórica de Valladolid. Proyecto de ciudad y lógica de clase*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2005.
- ANDRÉS ORDAX**, Salvador, *Santa Cruz, arte e iconografía. El Cardenal Mendoza, el colegio y los colegiales*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2005
- ARA GIL**, Clementina Julia, "Escultura gótica en el Colegio de Santa Cruz", in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. II, p.731-737
- ARRIBAS**, Filemón, "Simón de Colón en Valladolid", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, 1933-34, p.153-166.
- ARRIBAS ARRANZ**, Filemón, "El Colegio Mayor Santa Cruz de Valladolid en sus primeros años", *Santa Cruz*, Valladolid, Año XVI, num.21, 1961, p.5-14
- AZOFRA AGUSTÍN**, **Eduardo**, "Arquitectura universitaria. El colegio mayor de Santa Cruz de Valladolid. Obras, proyectos y informes de los arquitectos Domingo de Ondátegui y Juan de Sagarbinaga", AAVV, *Estudios de historia del arte en memoria de la profesora Micaela Portilla*, Vitoria-Gasteiz, Diputación Foral de Álava, 2008, p.169-180.
- CERVERA VERA**, Luis, *Arquitectura del Colegio Mayor de Santa Cruz en Valladolid*, Valladolid, Ediciones de la Universidad de Valladolid, 1982.
- CERVERA VERA**, Luís, "El antiguo Colegio Mayor de Santa Cruz", in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Vol.II, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, p.701-719.
- CERVERA VERA**, Luís, "La construcción del Colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid", in S. Andrés Ordax, J. Rivera, *La Introducción del Renacimiento en España. El Colegio de Santa Cruz (1491-1991)*, Valladolid, Instituto Español de Arquitectura / Universidades de Alcalá y Valladolid, 1992, p.101-123.
- CHUECA GOITIA**, Fernando, *La Catedral de Valladolid*, Madrid, Instituto Diego Velázquez / CSIC, 1947
- CORRAL**, León, *El derribo de la Universidad de Valladolid en 1909*, Valladolid, Imprenta Castellana, 1918.
- FERNANDEZ MARTÍN**, Luis; *Raíces Loyoleas del colegio de San Ambrosio de Valladolid*, Valladolid, edición policopiada do autor, 1985.
- FERREIRA**, J. Augusto, *Memorias Archeologico-historicas da Cidade do Porto*, Braga, Cruz e Comp^a. Editores, 1923.
- GARCIA CHICO**, Esteban, "El claustro del Colegio de Santa Cruz de Valladolid", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Tomo XXXIV-XXXV, 1969, p.351-355.

GARCÍA DE WATTENBERG, Eloisa, *Las obras de restauración y adaptación llevadas a cabo en el Colegio de San Gregorio, de Valladolid, hasta la instalación del Museo Nacional de Escultura en el edificio*, Valladolid, Real Academia de Bellas Artes de la Purísima Concepción, 1985, p.17-41.

GARCIA FERNANDEZ, J., *Crecimiento y estructura urbana de Valladolid*, Barcelona, Los Libros de la Frontera, 1974.

GONZÁLEZ LASALA, Diego, "La Plaza y el Colegio de Santa Cruz en el espacio urbano de Valladolid", in S. Andrés Ordax, J. Rivera, *La Introducción del Renacimiento en España. El Colegio de Santa Cruz (1491-1991)*, Valladolid, Instituto Español de Arquitectura / Universidades de Alcalá y Valladolid, 1992, p.159-175.

GONZÁLEZ, Félix Antonio, "La Hospedaría de Santa Cruz, en Valladolid", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte e Arqueología*, Valladolid, Tomo IX, 1942-43, p.165-169.

MARQUES, José, "A Universidade de Salamanca e o Norte de Portugal, nos séculos XV-XVI", *Península – Revista de Estudos Ibéricos*, Porto-FLUP, nº.0, 2003, p.87-105.

MARTIN GONZALEZ, Juan José, *Monumentos civiles de la ciudad de Valladolid* (1976), Valladolid, Diputación General, 1983.

MARTIN GONZÁLEZ, Juan José; "El actual Colegio Mayor de «Santa Cruz», in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. II, p.739-742.

MARTIN GONZÁLEZ, Juan José; "Valladolid, ciudad universitaria", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Tomo LXI, Valladolid, 1995, p.467-482.

MOYA BLANCO, Luis, *Las proporciones del patio del Colegio Mayor de Santa Cruz en Valladolid*, Madrid, Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, 1984.

PRIETO CANTERO, Amalia, "El antiguo edificio de la Universidad", in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. II, p.645-648.

REDONDO CANTERA, María José, "El edificio de la Universidad durante los siglos XVII y XVIII, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. II, p.649-672

REDONDO CANTERA, María José, *Una Casa para la Sabiduría. El Edificio Histórico de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2002.

RIVERA, Javier, "El Colegio de Santa Cruz de Valladolid y la arquitectura civil española entre la edad media y el renacimiento", in Salvador Andres Ordax, Javier Rivera (Coords.), *La introducción del Renacimiento en España. El Colegio de Santa Cruz (1491-1991)*, Valladolid, Instituto Español de Arquitectura, Universidades de Alcalá y Valladolid, Colegio Oficial de Arquitectos de Valladolid, 1992, p.77-99.

RUCQUOI, Adeline, *Valladolid en la Edad Media* (1987), 2 vols, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1997.

SÁNCHEZ MOVELLÁN, Elena, “Los Inciertos Orígenes de la Universidad de Valladolid (S.XIII)”, in AAVV, *Estudios sobre los orígenes de las Universidades Españolas*, Valladolid, Servicio de Publicaciones de la Universidad, 1988, p.11-30;

SÁNCHEZ MOVELLÁN, Elena, “La Epoca medieval”, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. I, p.25-71.

SAINZ GUERRA, José Luís, *Cartografía y ciudad. Las huellas de la ciudad en la cartografía de Valladolid hasta el siglo XIX*, Valladolid, Ayuntamiento de Valladolid, 1990;

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Portugueses no Estudo de Salamanca I (1250-1550)*, Lisboa, 1962.

SOBALER SECO, María Ángeles, “El Colegio Mayor de Santa Cruz (1484-1793)”, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. I, p.335-354

SOBALER SECO, María Ángeles; “Otros colégios universitários vallisoletanos”, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, Vol. I, 1989, p.355-366,

URREA, Jesus, “Las reformas del Colegio de Santa Cruz en el siglo XVIII”, in Jesús María Palomares Ibañez (Coord.), *Historia de la Universidad de Valladolid*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1989, Vol. II, p.721-729

VILLALOBOS, Daniel, “El proyecto de Ventura Rodríguez para la reforma del Colégio Mayor de Santa Cruz en Valladolid: el inicio de un debate”, AAVV, *Informe que hizo el Arquitecto de S.M. D. Ventura Rodríguez, en el año de 1768, de la Santa Iglesia de Valladolid*, Valladolid, Colegio Oficial de Arquitectos de Valladolid, 1987,

VILLALOBOS, Daniel, “Proyectos de V. Rodríguez, J. Sagarvinaga y M. Godoy para la reforma del colégio en el siglo XVIII: en defensa de V. Rodríguez”, in Salvador Andrés Ordax, Javier Rivera (Coord.), *La Introducción del Renacimiento en España. El Colegio de Santa Cruz (1491-1991)*, Valladolid, Instituto Español de Arquitectura / Universidades de Alcalá y Valladolid, 1992, p.145-157.

Universidade Portuguesa / Lisboa e Coimbra

Fontes manuscritas e desenhadas

Arquivo da Universidade de Coimbra, *Livro Verde da Universidade de Coimbra* (cartulário do século XV).

Arquivo da Universidade de Coimbra, *Livros de Notas de Santa Cruz*, livros 15 a 20.

Dicionários, listagens e fontes impressas

d'ASSUNÇÃO, Fr. Bernardo, *Mosteiro de Celas. Index da Fazenda*, (s/d), publicado por J. Teixeira de Carvalho, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

BLUTEAU, Raphael; *Vocabulario Portuguez, e Latino*, Coimbra, Colégio das Artes, 8 vols. 1712-1721.

BRANDÃO, Mário; “Cartas de Frei Brás de Braga para os priores do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Vol. XIII, 1937, p.1- 214.

BRANDÃO, Mário; “Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III”, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1937, p.174-175.

BRANDÃO, Mário, *Documentos de D. João III*, 4 Vols., Coimbra, Universidade, 1937-1941.

BRANDÃO, Mário (Ed.), *Actas dos Conselhos da Universidade de 1505 a 1537*, Vol.I, Coimbra, 1968.

CORREIA, Vergílio e **GONÇALVES**, António Nogueira, *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1947

D. PEDRO, Infante, **VERBA**, Frei João, *Virtuosa Benfeitoria* (S/d), Edição Crítica de A. de Almeida Calado, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1994

Estatutos da Universidade de Coimbra (1653), Coimbra, Universidade de Coimbra, 1987.

FERREIRA, Francisco Leitão, *Notícias chronologicas da Universidade de Coimbra* (1729), 5 vols., Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937-56.

GÓIS, Damião de, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, Nova edição, conforme a primeira, anotada e prefaciada por Joaquim Teixeira de Carvalho e David Lopes, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, Vol. IV.

FIGUEIROA, Francisco Carneiro de, *Memórias para a história da Universidade de Coimbra* (1ª metade do século XVIII), Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937.

MADAÍL, A.G. da Rocha (Ed.), *Livro Verde da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1940

RODRIGUES, Manuel Augusto (Ed.), *Livro Verde da Universidade de Coimbra*, Coimbra, AUC, 1990.

RODRIGUES, Manuel Augusto (Ed.), *Os Primeiros Estatutos da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1991.

SÁ, Artur Moreira de, “A ‘Carta de Bruges’ do Infante D. Pedro”, *Biblos*, XXVIII, 1952, p.33-54.

SÁ, Artur Moreira de; **GAMA CAEIRO** Francisco da (Coord.), *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, 14 vols., Lisboa, Instituto de Alta Cultura / INIC / JNICT, 1966-2001.

SANTANA, Francisco, **SUCENA**, Eduardo (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994.

SILVA, Armando Carneiro, *Estampas Coimbrãs*, 2 Vols., Coimbra, Câmara Municipal, 1964.

VASCONCELOS, António de, “Um documento precioso”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, Vol.I, 1912, p.364-365.

VIEGAS, Inês M., **TOJAL**, Alexandre A. (Coord.), *Atlas da Carta Topographica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque (1856-1858)*, Lisboa, Câmara Municipal, 2000.

Histórias e obras de referência

AAVV, *História da Universidade em Portugal*, Lisboa-Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian / Universidade de Coimbra, 2 tomos., 1997.

BRAGA, Teófilo, *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Pública Portuguesa*, 4 vols., Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1892-1902.

BRANDÃO, Mário, **d’ALMEIDA**, Manuel Lopes, *A Universidade de Coimbra – esboço da sua história*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937

CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

Colecções e obras conjuntas

VASCONCELOS, António de, *Escritos Vários relativos à Universidade Dionisiana*, 2 Vols., Coimbra, Universidade de Coimbra, 1938-1941.

Bibliografia geral e específica

ALARCÃO, Jorge, *Coimbra. A montagem do cenário urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2008.

ANTUNES, José, “A Teologia”, in **AAVV**, *História da Universidade em Portugal*, Lisboa-Coimbra, FCG / UC, 1997, p.237-269.

BIRG, Manuela, “Menino Deus (Igreja do)”, in **Francisco Santana**, **Eduardo Sucena** (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994, p.574-575.

BARBOSA, Inácio Vilhena, “Paços da Universidade”, *Archivo Pittoresco*, Lisboa, Vol.5, 1862, p.334-336.

BRANDÃO, Margarida, *O Colégio de S. Paulo*, Coimbra, edição da autora, 2 vols, 1973.

BRANDÃO, Mário, *O Colégio das Artes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2 vols., 1924-1933.

CALADO, Maria; **FERREIRA**, Vítor Macias; **SOUZA LOBO**, Margarida; “Lisboa”, in **Manuel Guardião**, **Francisco Javier Monclús**, **José Luis Oyon** (Dir.), *Atlas histórico de Ciudades*

Europeas – Península Ibérica, Barcelona, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona / Salvat, 1994, p.95-125.

CARITA, Hélder, *Bairro Alto. Tipologias e Modos Arquitectónicos*, Lisboa, Câmara Municipal, 1990.

CARITA, Hélder, *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

CARVALHO, Joaquim, “Instituições de Cultura”, in Damião Peres (Dir.), *História de Portugal*, Barcelos, Portucalense Editora, Vol.IV, 1932, p.241-277.

CARVALHO, Joaquim, “Instituições de Cultura”, in Damião Peres (Dir.), *História de Portugal*, Barcelos, Portucalense Editora, Vol. V, 1933, p.555-568.

CARVALHO, Joaquim Teixeira de, “Pedro de Mariz e a Livraria da Universidade de Coimbra”, *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, Vol.I, p.534.

COELHO, Maria Helena Cruz, “Coimbra Trecentista. A Cidade e o Estudo”, *Biblos*, Vol. 68, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992, p.335-356.

COELHO, Maria Helena Cruz, “Condições materiais de funcionamento - as Finanças”, in AAVV, *História da Universidade em Portugal*, Lisboa-Coimbra, FCG-UC, 1997, Vol I. Tomo I, p.39-67.

COELHO, Maria Helena Cruz, “Coimbra et l’université: complémentarités et oppositions”, in Patrick Gilli, Jacques Vergé, Daniel Le Blévec (Coord.), *Les universités et la ville au Moyen Âge*, Brill, Leiden/Boston, 2007, p.309-326.

CORREIA, José Eduardo Horta; “A importância dos colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses”, AAVV, *Actas do Congresso História da Universidade*, Coimbra, Comissão Organizadora do Congresso «História da Universidade», 1991, Vol.II, p.269-290.

COSTA, Alexandre Alves, “A Cidade e a Acrópole”, *Monumentos*, num.8, Lisboa, 1998, p.100-102

COSTA, António Domingues de Sousa “Hospitais e albergarias na documentação pontifícia da segunda metade do século XV”, in AAVV, *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a idade média (Actas das 1^{as} Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval)*, Lisboa, 1972, p.259-327.

COSTA, Mário Alberto Nunes, *Reflexão acerca dos locais ducentistas atribuídos ao Estudo Geral*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1991.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes; *Diogo de Castilho e a arquitectura da Renascença em Coimbra*, dissertação de Mestrado, FLUC, edição policopiada da autora, 1990.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes; *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas arquitectónicos*, dissertação de doutoramento em História da Arte, FLUC, edição policopiada da autora, 2002.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes; “O colégio das Artes”, *Revista Monumentos*, Num.25, Lisboa, 2006, p.46-53.

DIAS, Pedro; *A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença*, Coimbra, Epartur, 1982.

DIAS, Pedro; “As obras de construção do colégio conimbricense das ordens militares, durante o século XVII”, in AAVV, *Alta de Coimbra. História – Arte – Tradição*, Coimbra, 1988, p.231-245.

DIAS, Pedro, “Espaços escolares”, in AAVV, *História da Universidade em Portugal*, Lisboa-Coimbra, FCG/UC, 1997, Vol I. Tomo I, p.33-38.

DIAS, Pedro, “Um novo poder, uma nova arquitectura. Os humanistas do Renascimento Coimbrão e a sua cidade”, in AAVV, *Propaganda e Poder* (actas), Lisboa, Colibri, 2001, p.169-198.

FERREIRA, Gustavo Matos, *O Carmo e a Trindade*, Lisboa, Câmara Municipal, 1939, Vol.I.

GOMES, Paulo Varela e **ROSSA**, Walter, “A rotunda de Santa Maria de Celas, um caso tipológico singular”, *Monumentos*, nº4, Lisboa, Março 1996, p.56-65.

GOMES, Saul António, “Escolares e Universidade na Coimbra Medieval”, *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, p.511-530.

GONÇALVES, António Nogueira, “Sapiência – Identificação da lápide da Sapiência”, *Biblos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1993, vol. LXIX, p.363-365

LOBO, Rui, *Os colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo. Evolução e transformação no espaço urbano* (1994), Coimbra, Edarq, 1999.

LOBO, Rui, *O colégio da Trindade; estudo do edifício e levantamento da situação actual*, edição policopiada do autor, 1999.

LOBO, Rui, *Santa Cruz e a Rua da Sofia. Arquitectura e urbanismo no século XVI*, Coimbra, Edarq, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, edição policopiada do autor, 1999.

LOBO, Rui, *Santa Cruz e a Rua da Sofia. Arquitectura e urbanismo no século XVI*, Coimbra, Edarq, 2006.

LOBO, Rui, “Rua da Sofia: um *campus* universitário em linha”, *Monumentos*, num.25, Lisboa, 2006, p.24-31.

LOBO, Rui, “Os colégios universitários de Coimbra. Enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica”, *Revista Monumentos*, Lisboa, num.25, 2006, p.32-45.

MACEDO, Francisco Pato de, *A Arquitectura Gótica na Bacia do Mondego nos séc. XIII e XIV*, Coimbra, Prova de Capacidade Científica - FLUC, 1988.

MARQUES, A.H. de Oliveira, “Os valores culturais e artísticos. I – A Cultura”, in A.H. de Oliveira Marques (Coord.), *Nova História de Portugal, Vol.IV – Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, Lisboa, Presença, 1987, p.400-430.

MATOS, Gastão de Melo de, “Contribuição para o estudo de antigas medidas portuguesas”, *Revista Las Ciencias*, Madrid, Ano XVIII, num.4, 1953, p.849-865.

MATTOSO, José, “A universidade portuguesa e as universidades europeias”, in José Mattoso (Coord.), *História da Universidade em Portugal*, Lisboa-Coimbra, FCG/UC, 1997.

MORUJÃO, Maria do Rosário (1991), *Um Mosteiro Cisterciense Feminino. Santa Maria de Celas (Séculos XIII a XV)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2001, p.31-34.

OLIVEIRA, António de; *A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vols, 1971-1972.

OLIVEIRA, António de; “Estrutura social de Coimbra no século XVI”, in AAVV, *A sociedade e a cultura de Coimbra no Renascimento*, Coimbra, Epartur, 1982, p.57-87.

OLIVEIRA, António Resende de, “As instituições de ensino”, in Maria Helena da Cruz Coelho; Armando Luís de Carvalho Homem (Coord.), *Nova História de Portugal, Vol.III – Portugal em definição de Fronteiras*, Lisboa, Presença, 1996, p.635-659.

PARRO, Joaquim, “A Universidade medieval portuguesa e a sua localização em Lisboa”, *Diário de Notícias – suplemento Cultura*, 15.11.1984, p.32-33.

PARRO, Joaquim, “Escolas Gerais (Sítio das)”, in Francisco Santana, Eduardo Sucena (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994, p.348-349.

PEREIRA, António Santos, “A Universidade do período dos descobrimentos: aspectos do quotidiano no bairro dos escolares em Lisboa de finais de quatrocentos e primórdios de quinhentos”, AAVV, *Actas do Congresso «História da Universidade»*, Coimbra, Comissão Organizadora do Congresso «História da Universidade», 1991, Vol.3, p.217-231.

PIMENTEL, António Filipe; “Domus Sapientiae. O Paço das Escolas”, *Revista Monumentos*, Lisboa, num.8, 1998, p.35-39.

PIMENTEL, António Filipe, *A Morada da Sabedoria* (2002), Coimbra, Almedina, 2005, Vol. I.

PIMENTEL, António Filipe; “Antonio Canevari e a torre da Universidade de Coimbra”, in AAVV, *Artistas e artífices e a sua mobilidade no mundo de expressão portuguesa*, Porto, FLUP, 2005, p.49-58.

RODRIGUES, José Maria, “A Universidade de Lisboa-Coimbra. Capítulo de uma obra alemã”, *Congresso Pedagógico Hispano-Portuguez-Americano (Secção Portuguesa)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1892, p.3-28.

RODRIGUES, José Maria, “O Infante D. Henrique e a Universidade”, *O Instituto*, Vol. XLI (1893-1894), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1894, p.485-508.

RODRIGUES, Manuel Augusto, “O Infante D. Pedro e a Universidade”, *Biblos*, Vol. LXIX, Coimbra, 1993, p. 345-365.

RODRIGUES, Paulo; *(Depois do...) Colégio das Artes*, Coimbra, Prova final de licenciatura em Arquitectura, FCTUC, 2007.

ROSSA, Walter, *Diversidade, Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Coimbra, Tese de Doutoramento, edição policopiada do autor, 2001.

ROSSA, Walter, “a Sofia. Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa”, *Monumentos*, num.25, Lisboa, 2006, p.16-23.

SÁ, Artur Moreira, *O Infante D. Henrique e a Universidade*, Lisboa, Comissão Estatal para as Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960

SANTANA, Francisco (?), “S. Jorge (Igrejas de)”, Francisco Santana, Eduardo Sucena (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994, p.805-806.

SANTOS, Cândido dos; “Estudantes e constituições dos colégios de Santa Cruz de Coimbra (1534-1540)”, *Revista da Faculdade de Letras – Série de História*, Universidade do Porto, Vols.IV-V, 1973-74, p.89-189.

SANTOS, Cândidos dos; “De Reformador dos Estudos a Bispo de Leiria ou o itinerário de um contemplativo: Frei Brás de Barros”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol.XXXVI, 1991, p.317-326.

SANTOS, Cândidos dos, *Os Jerónimos em Portugal: das origens ao fim do século XVII*, Porto, INIC, CHUP, 1980.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, 16 Vols, Lisboa, Editorial Verbo.

SILVA, Augusto Vieira da, *A Cerca Moura de Lisboa* (1899), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 3^a.ed, 1987.

SILVA, Augusto Vieira da, *Locais onde funcionou em Lisboa a Universidade dos Estudos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.

SILVA, Augusto Vieira da, *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal, 2^a.ed., 2 vols, 1940-1941.

SILVA, Augusto Vieira da, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2 vols, 1949 (1^a ed.).

SILVA, J. de Brito; *O Colégio de Tomar (1556-1713)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929.

SOARES, Torquato de Sousa, “Origem do antigo claustro do mosteiro de Celas”, *Actes du XVI Congrès International d’Histoire de l’Art*, Lisboa, Vol.I, ano II, 1953.

SUCENA, Eduardo, “S. Tomé (Igreja de)”, in Francisco Santana, Eduardo Sucena (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas e Associados, 1994, p.825-826

VASCONCELOS, António de, “Estabelecimento primitivo da Universidade em Coimbra”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol.II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913, p.604-636.

VASCONCELOS, António de, “Génese e evolução histórica do fôro académico da Universidade Portuguesa” (1917), in António de Vasconcelos, *Escritos vários relativos à Universidade Dionisiana*, Vol.I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1938, p.297-334.

VASCONCELOS, António de, *Os Colégios Universitários de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1938.

WERMERS, Manuel Maria; “Os primeiros estatutos do colégio carmelita de Coimbra”, *Carmelus*, Vol. 9º, 1962, p.96-159.

Lérida / Universidade de Lérida

Dicionários, listagens e fontes impressas

BUSQUETA RIU, Joan J. (Ed.), *Llibre de les Constitucions i Estatuts de l'Estudi General de Lleida. Els Estatuts Fundacionals* (1300), Lérida, Universitat de Lleida, 2000.

BUSQUETA RIU, Joan J., **GONZÁLEZ COSO**, Elena (Coords.), *L'Estudi General de Lleida. Ciutat i Universitat en els documents de l'Arxiu Municipal de Lleida*, Lérida, La Paeria – Ajuntament de Lleida / Universitat de Lleida, 2000.

CATTLE, Bernat e **ARMENGOL**, Pere, *Atlas de Lleida, S.XVIII-XX*, Lérida, Col·legi d'Arquitectes de Lleida, 1987.

DELGADO, Buenaventura (Coord.), *El cartulario del Colegio Universitario de Santa Maria de Lérida* (1376-1564), Departamento de Historia de la Educació, Universidad de Barcelona, 1982.

MATEU IBARS, Josefina, *Statuta Domus Collegii Sanctae Mariae Civitatis Ilerdae*, Instituto de Estudios Ilerdenses, Lérida, 1973.

RIUS SERRA, José, “Aportación documental al Colegio de Domingo Pons”, *Miscellanea de trabajos sobre el Estudio General de Lerida*, Instituto de Estudios Ilerdenses, Lérida, 1949, Vol.I, p.57-63.

Histórias e obras de referência

BUSQUETA RIU, Joan J., *Història de Lleida*, Vol. III (Baixa edat mitjana), Lleida, Pagès Editors, 2004.

LLADONOSA I PUJOL, Josep, *Història de Lleida*, Tàrraga, Camps Calmet Editor, 2 vols, 1972-1974.

LLADONOSA I PUJOL, Josep, *Història de la Ciutat de Lleida*, Barcelona, Curial, 1980.

VILALTA, Maria José, *Historia de Lleida*, Vol. IV (El segle XVI), Lleida, Pagès editors, 2003.

Bibliografia geral e específica

S/autor, “Notas sobre el Estúdio General de Lérida. Extracto traducido del alemán, de la obra de Denifle”, in *Miscelanea de trabajos sobre el Estúdio General de Lérida*, Lérida, CSIC / Instituto de Estudios Ilerdenses, 1949, Vol. I, p.121-128.

BELTRÁN DE HEREDIA, Vicente, “Domingo Pons (1300-1417), fundador del Colegio de la Asunción de Lérida”, *Hispania Sacra*, Vol.9, 1956, p.218-318.

DELGADO, Buenaventura (1984), “El Colegio de Santa Maria de Lérida en la Segunda Mitad del Siglo XVII”, *Miscellània «Les Terres de Lleida» al Segle XVII*, Institut d'Estudis Ilerdencs, Lleida, 1984.

GAYA MASSOT, Ramón, “Apostillas monográficas al Colegio de Domingo Pons”, *Ilerda*, Enero-Junio, año III-1945, Instituto de Estudios Ilerdenses, Lérida, p.7-17.

GAYA MASSOT, Ramón, “El problema de la Vivienda en la Universidad de Lérida”, *Ciudad*, Vol. VI, Cuaderno VIII, Lérida, 1954, p.117.

JULIÀ VIÑAMATA, José-Ramón, “El Estúdio General de Lérida a finales del siglo XIV: las reformas de Martín el Humano”, *Miscellània. Homenatge a Josep Lladonosa*, Lérida, Institut d’Estudis Ilerdencs, 1992, p.346 e seguintes.

LLADONOSA I PUJOL, Josep, “La Zona Universitaria de Lérida”, in *Miscelanea de Trabajos sobre el Estúdio General de Lérida*, Lérida, CSIC / Instituto de Estudios Ilerdenses, 1950, Vol.II, p.9-67.

LLADONOSA I PUJOL, Josep, *L’Estudi General de Lleida del 1430 al 1524*, Barcelona, Institut d’Estudis Catalans, 1970.

LLADONOSA PUJOL, Jose (1961-78), *Las Calles y Plazas de Lérida a traves de la Historia*, 5 vols., Lérida, Ayuntamiento de Lérida, 1961-1978

LLADONOSA I PUJOL, Josep, *Els carrers i places de la Lleida actual amb més pés històric*, Lérida, Ajuntament de Lleida, 1983.

MCVAUGH, Michael, **GARCIA BALLESTER**, Luís, “The Medical Faculty at Early Fourteenth-Century Lérida”, *History of Universities*, Oxford, Vol. VIII, 1989, p.1-26.

Perpignan

CATAFAU, Aymat, “L’Université de Perpignan au Moyen Âge”, in Paul Carmignani (Dir.), *L’Université de Perpignan (1350-2000). Tradition humaniste et modernité scientifique*, Université de Perpignan, 2001, p.25-56.

COLLIN, Bruno; **JOUSSEMET**, Jocelyne ; **BOMBRÉ**, F.; *L’Atelier Monétaire de Perpignan de 1710 à l’époque révolutionnaire*, Perpignan, Musée Joseph Puig, 1989, p.6-7.

SAGNES, Jean (Dir.); *L’Université de Perpignan au XVIIIe siècle*, Université de Perpignan, 1996.

SAGNES, Jean; “L’Université de Perpignan, une institution”, in Raymond Sala, Michelle Ros (Dir.), *Perpignan une et plurielle*, Canet, Editions Trabucaire, 2005.

VIDAL, Pierre; *Histoire de la Ville de Perpignan*, Paris, H. Welter, 1897 (reedición de Marselha, Laffitte, 1975).

Huesca

ALINS RAMI, Laura; “La nueva fabrica de la Universidad Sertoriana (1690)”, *Argensola*, num.92, Huesca, 1981, p.267-277.

BALAGUER, Federico; “La Universidad y la cultura en la Edad Moderna”, in Carlos Lailena Corbera (Coord.), *Huesca. Historia de una ciudad*, Huesca, Ayuntamiento de Huesca, 1990, p.273-292.

BELTRAN ABADIA, Ramón, *La forma de la ciudad. Las ciudades de Aragón en la Edad Media*, Zaragoza, Colegio Oficial de Arquitectos de Aragón, 1992.

NAVAL MAS, Antonio, **NAVAL MAS**, Joaquín; *Huesca Siglo XVIII, reconstrucción dibujada*, Zaragoza, Caja de Ahorros de Zaragoza, Aragón y Rioja, 1978.

NAVAL MAS, Antonio, **NAVAL MAS**, Joaquín; “Transformación y etapas de la estructura y función de la ciudad de Huesca”, in AAVV, *Urbanismo y historia urbana en el mundo hispano*, actas do segundo simpósio (1982), Madrid, Universidad Complutense, 1985, p.789-822.

NAVAL MAS, Antonio, **NAVAL MAS**, Joaquín; *Inventario Artístico de Huesca y su Provincia*, Ministerio de Cultura, Madrid, 1980.

OLIVERA VILLACAMPA, Macario; *La Universidad de Huesca entre la memoria y el futuro*, Huesca, S/ed, 2000.

PALLARÉS FERRER, Maria José, **ESQUIROZ MATILLA**, Maria Auxiliadora, **HIJÓS LAVIÑA**, Maria José; “El teatro de la Universidad Sertoriana de Huesca”, *Argensola*, num.101, Huesca, 1988, p.225-236.

Barcelona

S/autor, *La Universidad de Barcelona*, Barcelona, 1950.

ALMERICH, Luis, *La Rambla de Barcelona, su historia urbana y sentimental*, Barcelona, Libreria Millà, 1945.

BARRAQUER Y ROVIRALTA, Cayetano, *Las casas de religiosos en Cataluña durante el primer tercio del siglo XIX*, Barcelona, Francisco Altés y Alabart, 2 tomos, 1906.

BORRAS I FELIU, Antoni, “La fundació del col·legi de Betlem de la Companya de Jesús de Barcelona”, *Pedralbes*, Barcelona, num.13, Vol.II, 1993, p.203-211.

CARRERA I PUJAL, Jaume, *La Barcelona del Segle XVIII*, 2 vols., Barcelona, Bosch, 1951.

CARRERA I PUJAL, Jaume, *La Universidad, el Instituto, los colegios y las escuelas de Barcelona en los siglos XVIII y XIX*, Barcelona, Bosch, 1957.

CLARAMUNT, Salvador, “La fundación de la Universitat de Barcelona”, in AAVV, *Història de la Universitat de Barcelona, I Simposium (1988)*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 1990, p.639-645.

FERNÁNDEZ LUZÓN, Antonio, *La Universidad de Barcelona en el siglo XVI*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2005.

GALERA, Montserrat; **ROCA**, Francesc; **TARRAGÓ**, Salvador, *Atlas de Barcelona (siglos XVI-XX)*, Barcelona, Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares, 1972.

GARCÍA CÁRCEL, Ricardo; “La Universidad en el Siglo XVI”, in *Estudis*, nº.8 (1979/80), Valencia, 1982, p.23-34.

GARCIA I ESPUCHE, Albert, **GUÀRDIA I BASSOLS**, Manuel; “Barcelona”, in Manuel Guardiola, Francisco Javier Monclús, José Luís Oyón (Dir.), *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, CCCB/Salvat, 1994, p.63-93.

SOBREQUÉS I CALLICÓ, Jaume (Dir.), *Història de Barcelona*, Barcelona, Enciclopedia Catalana / Ajuntament de Barcelona, Vol.4 («segles XVI i XVII»), 1992.

Palma de Maiorca

LLADÓ Y FERRAGUT, Jaime, *Historia del Estudio General Luliano y de la Real y Pontificia Universidad Literaria de Mallorca*, Palma de Maiorca, Ediciones Cort, 1973.

SANTAMARÍA, Álvaro, *La promoción universitaria en Mallorca. Época de Fernando el Católico (1479-1516)*, Palma, Universitat de Palma de Mallorca, 1983.

ZAFORTEZA Y MUSOLES, Diego, *La Ciudad de Mallorca. Ensayo histórico-toponímico*, Palma de Mallorca, Imprenta Soler, 4 vols., 1953-1960.

Sigüenza

Fontes manuscritas e desenhadas

Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Sección Universidades*, Sigüenza, Legajo 584 e 586.

Fundación de los Ferrocarriles Españoles, *Ferrocarril Madrid Zaragoza* (Estación de Sigüenza), refª B-0091-002/1 (1860), refª B-0088-003/4 (1860), refª C-0496-001/15 (1875).

Bibliografia geral e específica

ALONSO MARAÑÓN, Pedro Manuel; **CASADO ARBONIÉS**, Manuel; “Colegiales y Administracion de Justicia: El caso del Colegio Universidad de Sigüenza (Siglo XV)”, *Forensis. Revista de Filosofía Jurídica, Social y Política*, 5:2 (1998), p.9-44.

DAVARA, Francisco Javier, “La ciudad renascentista y barroca”, *Anales Seguntinos*, num.1, 1984, p.77-88.

DAVARA, Francisco Javier, “El Colegio Universidad de San Antonio Portaceli”, *Anales Seguntinos*, num.3, 1986, p.189-199.

DAVARA, Francisco Javier, *Sigüenza. Guía Histórica Ilustrada*, Sigüenza, Ediciones Rayuela, 2003.

DE LA FUENTE, José Julio, *Reseña histórica del Colegio-Universidad de San Antonio de Portaceli en Sigüenza con algunas noticias acerca de su fundador D. Juan López de Medina*, Madrid, Fuentenebro, 1877.

DE LAS HERAS MUELA, Jesus; “La Universidad de Sigüenza, obra de la Iglesia”, *Anales Seguntinos*, Num.6, 1990, p.51-68.

GARCIA FRAILE, Juan Antonio, introdução à reedição da «Reseña histórica del Colegio-Universidad de San Antonio de Portaceli en Sigüenza con algunas noticias acerca de su fundador D. Juan López de Medina», de José Julio de la Fuente (1877), Madrid, Rayuela, 1996.

JULIÁ MARTÍNEZ, Eduardo, *La Universidad de Sigüenza y su Fundador*, Madrid, 1928.

MARTINEZ GOMEZ-GORDO, Juan A., “D. Juan López de Medina, fundador universitario del Renacimiento”, in *Anales Seguntinos*, num.6, 1990, p.37-49.

MARTÍNEZ GÓMEZ-GORDO, Juan A., “El ferrocarril en Sigüenza (Siglo XIX): sus repercusiones socioeconómicas y urbanísticas”, *Anales Seguntinos*, num. 17, 2001, p.7-23

MONTIEL, Isidro, *Historia de la Universidad de Sigüenza*, Universidad de Zulia, 1963, 2 vols.

SANZ SERULLA, Francisco Javier, *Historia de la Facultad de Medicina de la Universidad de Sigüenza*, Guadalajara, 1987.

Alcalá de Henares

Fontes desenhadas

Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Consejos / Mapas, planos y dibujos*, N° 1429: plano “conforme con el que de orden del Sr. Ldo. Don Juan Ovando, Visitador y Reformador, que fue desta Universidad en el año 1564, se hizo y arregló al estado y planta que entonces tenía la parte de los colegios y Universidad”, 1768.

Dicionários, listagens, fontes impressas

AAVV. *Alcalá, una ciudad en la historia*, catálogo de exposición, Madrid, Comunidad de Madrid, 2008.

GÓMEZ DE CASTRO, Alvar. *De rebus gestis a Francisco Ximeno arcyepiscopo toledano*, Alcalá de Henares, 1569. [*]

GÓMEZ DE CASTRO, Alvar. *De las hazãnas de Francisco Jiménez de Cisneros* (séc.XVI), edição, tradução e notas de José Oroz Reta, Madrid, 1984.

GONZÁLEZ NAVARRO, Ramón. *Universidad Complutense. Constituciones Originales Cisnerianas*, Alcalá de Henares, 1984.

MADRAZO, Pedro de; **GIL DORREGARAY**, José, *La Universidad Complutense* (en Alcalá de Henares) / série «Monumentos arquitectónicos de España», Madrid, Calcografía Nacional, 1878.

QUINTANILLA Y MENDOZA, Pedro de. *Archetypo de virtudes: espejo de prelados; el venerable padre y servo de Dios F. Francisco Ximenez de Cisneros*, Palermo, 1653. [*]

Colectâneas e obras conjuntas

AAVV. *Una hora de España. VII Centenario de la Universidad Complutense*, Madrid, Centro Cultural de la Villa, 1994.

GUTIERREZ TORRECILLA, Luis Miguel (Coord), *La Universidad de Alcalá*, Madrid, Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, Universidad de Alcalá de Henares, 2 vols., 1990.

Bibliografia geral e específica

ALONSO MARAÑON, Pedro M., **CASADO ARBONIÉS**, Manuel, **CASADO ARBONIÉS**, Francisco J.; *El Concilio de Trento y los Colégios de las «Naciones» de la Universidad de Alcalá de Henares: el Colegio Menor «de León» (1586-1843)*, Madrid, Dykinson, 2004.

CALLEJA CARRASCO, José Demetrio; *Bosquejo histórico de los colegios seculares de la universidad de Alcalá de Henares*, Madrid, Hijos de M.G. Fernández, 1900.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *Alcalá de Henares en la Edad Media. Territorio, sociedad y administración 1118-1515*, Alcalá de Henares / Madrid, Fundación Colegio del Rey, 1989.

- CASTILLO OREJA**, Miguel Ángel. "Documentos relativos a la construcción de la iglesia magistral de San Justo y Pastor de Alcalá de Henares", *Anales del Instituto de estudios Madrileños*, num.16, 1979, p.69-84.
- CASTILLO OREJA**, Miguel Ángel. *Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares. Génesis y desarrollo de su construcción, siglos XV-XVIII*, Madrid, Edascal, 1980.
- CASTILLO OREJA**, Miguel Ángel. *Ciudad, funciones y símbolos. Alcalá de Henares, un modelo urbano de la España moderna*, Alcalá de Henares, Ayuntamiento, 1982.
- CASTILLO OREJA**, Miguel Ángel. "Alcalá de Henares, ciudad «reformista»", *Actas del Segundo Simposio «Urbanismo e Historia Urbana en el Mundo Hispano» (1982)*, Madrid, Universidad Complutense, 1985, Tomo II, p.727-747.
- CASTILLO OREJA**, Miguel Ángel, "La Universidad de Alcalá en las empresas de Cisneros", *La Universidad Complutense y las artes*, Madrid, Universidad Complutense, 1995, p.27-40.
- CERVERA VERA**, Luís, *Los dispersos colegios mayores y menores en el conjunto urbano de Alcalá de Henares*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1994.
- CERVERA VERA**, Luís, "Modificaciones introducidas en el conjunto urbano medieval de Alcalá de Henares por las fundaciones universitarias iniciadas por Cisneros", in AAVV, *La Universidad Complutense y las artes*, Madrid, Universidad Complutense, 1995, p.41-62.
- GARCÍA FERNÁNDEZ**, Jesus. "Alcalá de Henares. Estudio de geografía urbana", *Estudios Geográficos*, Madrid, nº 47, Maio de 1952, p.299-356.
- GARCÍA ORO**, José. "El primitivo solar académico complutense", *Anales Complutenses*, Vol. II, 1988, p.71-82.
- GARCÍA ORO**, José. *La Universidad de Alcalá de Henares en su etapa fundacional (1458-1578)*, Santiago de Compostela, Independencia Editorial, 1992.
- GÓMEZ LÓPEZ**, Consuelo. *El urbanismo de Alcalá de Henares en los siglos XVI y XVII: El planteamiento de una idea de ciudad*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1998.
- GÓMEZ LÓPEZ**, "La instrumentalización de los espacios urbanos en los siglos XVI y XVII: El Ejemplo de la Plaza del Mercado de Alcalá de Henares", *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie VII, t.5, Madrid, UNED, 1992, p.159-183.
- GONZÁLEZ NAVARRO**, Ramón. "Nuevas aportaciones a medio siglo de construcción universitaria en Alcalá de Henares (1510-1560)", *Anales Complutenses*, Vol. I, 1987, p.135-166.
- GONZÁLEZ NAVARRO**, Ramón. "El Colegio Trilingüe o de San Jerónimo: aproximación a la historia de sus comienzos en el siglo XVI", *Actas del III Encuentro de Historiadores del Vale del Henares*, Guadalajara, 1992, p.231-250.
- GONZÁLEZ NAVARRO**, Ramón, "Los Estudios Generales de Alcalá de Henares", Antonio Castillo Gómez (Coord.), *Alcalá de Henares y el Estudio General*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1996, p.59-101;

GONZÁLEZ NAVARRO, Ramón. *Universidad y Economía: El Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares (1495-1565)*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 1998.

GONZÁLEZ RAMOS, Roberto. "José de Sopeña: El Patio Mayor de Escuelas del Colegio Mayor de San Ildefonso", *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*, Madrid, Universidad Autónoma, Vol.XII, 2000, p.61-73.

GONZÁLEZ RAMOS, Roberto. *La Universidad de Alcalá de Henares y las Artes. El patronazgo artístico de un centro de saber. Siglos XVI-XIX*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2007.

GUTIÉRREZ TORRECILLA, Luís Miguel, *El Colegio de San Ciriaco y Santa Paula o "de Málaga"*, Madrid/Alcalá, Fundación Colegio del Rey, 1988.

MARÍAS, Fernando. "Orden arquitectónico y autonomía universitaria: la fachada de la Universidad de Alcalá de Henares y Luis de Vega", *Goya - Revista de Arte*, Madrid, num.217-218, Julho-Outubro de 1980, p.28-40.

MARÍAS, Fernando. "Pedro de Gumiel, Francisco de Carabaña, la Universidad de Alcalá y el mito del «estilo Cisneros»", in *Boletín del instituto y Museo Camón Aznar*, num.LVIII, 1994, p.49-80.

MARÍAS, Fernando. "El Arquitecto de la Universidad de Alcalá de Henares", *La Universidad Complutense y las artes*, Madrid, Universidad Complutense, 1995, p. 125-135.

MESEGUER FERNÁNDEZ, Juan. *El Cardenal Cisneros y su villa de Alcalá de Henares*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1982.

PÉREZ, Enrique M. "Los estudios Generales de Alcalá de Henares", *Alcalá de Henares, páginas de su historia. XII curso de historia, arte y cultura*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 2003, p.151-161.

ROMÁN PASTOR, Carmen; "El Colegio de Santiago o de los Manriques de Alcalá de Henares", *Anales del Instituto de Estudios Madrileños*, Madrid, Tomo XVII, 1980, p.73-83.

ROMÁN PASTOR, Carmen. "El recinto amurallado de Alcalá de Henares en la Edad Media", *Acervo*, nº3-4, 1993, p.40-44.

ROMÁN PASTOR, Carmen. *Arquitectura conventual de Alcalá de Henares*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1994.

ROMÁN PASTOR, Carmen. "Parámetros urbanísticos medievales", *Alcalá de Henares, páginas de su historia. XII curso de historia, arte y cultura*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 2003, p.191-220.

SANCHO, José Luís, "El Colegio del Rey de Alcalá de Henares", *Reales Sitios*, Madrid, Año XXIII, 1986, num. 89, p.65-74.

TORRE, Antonio de la, "La casa de Nebrija en Alcalá de Henares y la casa de la imprenta de la «Biblia Poliglota Complutense»", *Emerita*, Madrid, Tomo XIII, 1945, p.175-212.

TOVAR MARTÍN, Virginia, "Ventura Rodríguez: Restauración y renovación de espacios universitarios de Alcalá", in *AAVV, Una hora de España. VII Centenario de la Universidad Complutense*, Madrid, Centro Cultural de la Villa, 1994, p.37-48.

TOVAR MARTIN, Virginia, "El Colegio Máximo complutense y sus edificios", in AAVV, *La Compañía de Jesús en Alcalá de Henares (1546-1989)*, Alcalá de Henares, Institución de Estudios Complutenses, 1989, p.25-35.

València

BENITO DOMÉNECH, Fernando, "El Real Colegio Seminario de Corpus Christi", in Vicenç M. Rosselló i Verger (Dir.), *La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001, p.305-322.

BENITO GOERLICH, Daniel (Coord.), *La Capilla de la Universitat de València*, Universitat de València, 1990,

BENITO GOERLICH, Daniel; **PIQUERAS SANCHEZ**, Norberto (Coord.), *Sapientia Aedificavit. Una biografia del Estudi General de la Universitat de València*, València, Universitat de València, 1999.

BENITO GOERLICH, Daniel, "De l'Estudi General a la Universitat de València", in Vicenç M. Rosselló i Verger (Dir.), *La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001, p.275-304.

PERDIGÓN, Luis; **PÉREZ MONTIEL**, Manuel; **PIÑON**, Juan Luis; **ROSSELLÓ I VERGER**, Vicenç M., "Valencia", in Manuel Guardiola, Francisco Javier Monclús, José Luís Oyón (Dir.), *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, CCCB/Salvat, 1994, p.156-181.

ROSSELLÓ I VERGER, Vicenç M. (Dir.), *La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001,

SERRA DESFILIS, Amadeo; "Las escuelas medievales y la primitiva obra del Estudi General (1245-1502)", in Daniel Benito Goerlich (Coord.), *La Capilla de la Universitat de València*, València, Universitat de València, 1990, p.107-123.

TEIXIDOR, Maria de Jesús; "L'entorn geogràfic del barri de la Universitat", in Vicenç M. Rosselló i Verger (Dir.), *La Universitat i el seu entorn Urbà*, Universitat de València, 2001, p.13-42.

VIVES Y LIERN, Vicente, *Las Casas de los Estudios en València*, València, Vd^a. de Emílio Pascual, 1902.

Sevilha

AGUILAR PIÑAL, Francisco, *La Universidad de Sevilla en el siglo XVIII*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1969, p.21-28.

AGUILAR PIÑAL, Francisco, *Historia de la Universidad de Sevilla*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1991.

FALCÓN MARQUEZ, Teófilo, "El patrimonio monumental", in AAVV, *Universidad de Sevilla. Patrimonio monumental y artístico*, Sevilla, Universidad de Sevilla. 1986, p.21-59.

GONZÁLEZ DE LEÓN, Felix, *Noticia artística de Sevilha*, Sevilla, Imprenta de José Hidalgo y Compañía, 1844.

HAZAÑAS DE LA RUA, Joaquín, *Maese Rodrigo 1444-1509*, Sevilla, Librería de Izquierdo, 1909.

OLLERO PINA, José Antonio, *La Universidad de Sevilla en los siglos XVI y XVII*, Sevilha, Universidad de Sevilla/Fondo de Cultura de Sevilla, 1993, p.31-36.

OLLERO PINA, José Antonio, "Clérigos, universitarios y herejes. La Universidad de Sevilla y la formación académica del cabildo eclesiástico", in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, Juan Luis Polo Rodríguez (Eds.), *Universidades Hispánicas. Modelos Territoriales en la Edad Moderna (I)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 2007, p.107-195.

TEJIDO JIMÉNEZ, Francisco Javier, "Las sedes universitarias en la construcción de la ciudad", in AAVV, *Universidad y ciudad. Arquitectura de la universidad hispalense*, Sevilha, Universidad de Sevilla, 2002, p.19-31.

TERÁN SÁNCHEZ, Antonio Collantes; **CRUZ VILLALÓN**, Josefina; **FERNÁNDEZ SALINAS**, Victor, "Sevilla", in Manuel Guardiola, Francisco Javier Monclús, José Luís Oyón (Dir.), *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, CCCB/Salvat, 1994, p.183-209.

<http://www.diariodesevilla.es/article/sevilla/138166/derribos/santo/tomas/y/duenas.html>, consultado em 10.08.2010

Toledo

GÓMEZ SANCHEZ, Florentino, *Biografía de la Universidad de Toledo*, Toledo, Diputación Provincial, 1980.

GÓMEZ SANCHEZ, Florentino, *El sistema educativo de los colegios seculares de la Universidad de Toledo*, Toledo, Ayuntamiento de Toledo, 1982.

GÓMEZ SANCHEZ, Florentino, *Historia del colegio universitario de San Bernardino de Toledo*, Toledo, Caja de Ahorro Provincial de Toledo, 1992.

PORRES MARTÍN-CLETO, Julio; *Historia de las calles de Toledo*, Toledo, Ediciones Bremen, 2002, 4ª edición revista e aumentada.

RAMÓN PARRO, Sisto; *Toledo en la mano*, Toledo, Imprenta y librería de Severiano López Fando, Tomo II, 1857.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ; Isidro (Coord.), *El Cardenal Lorenzana y la Universidad de Castilla-La Mancha*, Ciudad Real, Universidad de Castilla-La Mancha, 1999.

VIZUETE MENDOZA, J. Carlos; "Universidad de Toledo. Historiografía, fuentes documentales y líneas de investigación", in Luis E. Rodríguez-San Pedro Bezares, Juan Luis Polo Rodríguez (Eds.), *Universidades Hispánicas. Modelos Territoriales en la Edad Moderna (I)*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 2007, p.65-106.

Santiago de Compostela

AAVV, *Gallaecia fulget (1495-1995): cinco siglos de historia universitaria*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, 1995.

BARREIRO, Xosé Ramón (Coord.), *Historia da Universidade de Santiago de Compostela*, Universidade de Santiago de Compostela, Vol.I (*Das orixes ó século XIX*), 1998.

BONET CORREA, Antonio, *La arquitectura en Galicia durante el siglo XVII*, Madrid, CSIC, 1984.

FRAGUAS FRAGUAS, Antonio, *O Colexio Fonseca*, Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago / Instituto "Padre Sarmiento" / Universidad de Santiago de Compostela, 1995.

GONZÁLEZ GARCÍA-PAZ, Sebastián, *O colexio de San Clemente de pasantes de Compostela*, Santiago de Compostela, Consorcio de Santiago / Universidad de Santiago de Compostela, 1993.

MONTERROSO MONTERO, J.M., "Plano de Santiago de Compostela", in AAVV, *Los Arzobispos de Toledo y la Universidad Española*, Toledo, Universidad de Castilla-La Mancha, 2002, p.204-205.

RODRÍGUEZ SUÁREZ, María del Pilar, *La Universidad de Santiago en el Siglo XVI. Los libros de claustro, 1566-1600*, La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Tomo I, 1996.

Granada

AAVV; *Universidad y Ciudad. La universidad en la historia y la cultura de Granada*, Granada, Universidad de Granada, 2ª ed., 1997.

CALERO PALACIOS, Maria del Carmen, *La Universidad de Granada. Los documentos fundacionales*, Granada, Universidad de Granada, 1995.

CALERO PALACIOS, Maria del Carmen; **ARIAS DE SAAVEDRA**, Inmaculada; **VIÑES MILLET**, Cristina, *Historia de la Universidad de Granada*, Granada, Universidad de Granada, 1997.

ISAC, Angé, "Granada", in Manuel Guardiola, Francisco Javier Monclús, José Luís Oyón (Dir.), *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, CCCB/Salvat, 1994, p.315-335.

LÓPEZ, Miguel, "El edificio de la antigua universidad ¿obra de Siloe?", *Cuadernos de Arte de la Universidad de Granada*, XII, 24, 1975, p.113-124.

LÓPEZ GUZMÁN, Rafael; *Tradición y clasicismo en la Granada del XVI. Arquitectura civil y urbanismo*, Granada, Diputación Provincial, 1987.

LÓPEZ GUZMÁN, Rafael; **RODRÍGUEZ-ACOSTA**, Cristina, "El edificio de la Antigua Universidad", in AAVV, *Universidad y Ciudad. La universidad en la historia y la cultura de Granada*, Granada, Universidad de Granada, 2ª ed., 1997, p.49-53.

LÓPEZ GUZMÁN, Rafael; **RODRÍGUEZ-ACOSTA**, Cristina, "Los Colegios Mayores y Eclesiásticos", in AAVV, *Universidad y Ciudad. La universidad en la historia y la cultura de Granada*, Granada, Universidad de Granada, 2ª ed., 1997, p.55-59.

OROZCO PARDO, José Luís, *Christianópolis: urbanismo y Contrarreforma en la Granada de Seiscientos*, Granada, Diputación Provincial de Granada, 1985.

Oñate

ARRÁZOLA ECHEVERRÍA, Maria Asunción, *El Renacimiento en Guipúzcoa*, San Sebastián, Diputación Provincial de Guipúzcoa, 2 tomos, 1967.

ANDRÉS ORDAX, Salvador, "Arte", in AAVV, *País Vasco*, Madrid, Fundación Juan March, 1987.

GONZÁLEZ DE ZÁRATE, Jesús María; **RUIZ DE AEL**, Mariano, *Humanismo y arte en la Universidad de Oñate*, Vitoria-Gasteiz, Ayuntamiento de Vitoria-Gasteiz, 1989.

GONZÁLEZ DE ZÁRATE, Jesús María, *Arquitectura e iconografía en la Universidad de Oñate*, Pamplona, Senda Argitaletxea, 1992.

Baeza

CRUZ CRUZ, Juan, *La Catedral de Baeza y su entorno monumental*, Mutilva (Navarra), Eurograf, 1998.

ESCOLANO, Francisco, "Documentos y noticias de la Antigua Universidad de Baeza", *Hispania, Revista Española de Historia*, Madrid, Tomo V, Num.XVIII, 1945, p.38-71.

MARTÍN CLABO, Jesús María; **SÁNCHEZ RUIZ**, Marcelino (Coord.), *Guía de Úbeda y Baeza*, Jaén, Universidad de Jaén, 2ªed. 2000.

Gandia

AAVV, *Gandia, ta casa. I Programa de renovació urbana, 1990-1994*, Gandia, Ajuntament de Gandia, 1991.

AAVV, *Gandia, 450 anys de tradició universitària*, Gandia, Ajuntament de Gandia, 1999.

SERRA DESFILIS, Amadeo, "Casa, iglesia y patios: La construcción de la sede de la Universidad de Gandia (1549-1767)", in AAVV, *Gandia, 450 anys de tradició universitària*, Gandia, Ajuntament de Gandia, 1999, p.179-189.

TROBAT, Pilar García, "La Universidad de Gandia", in AAVV, *Gandia, 450 anys de tradició universitària*, Gandia, Ajuntament de Gandia, 1999, p.173-178.

Osuna

RUBIO, María Soledad, *El Colegio-Universidad de Osuna (Sevilla) 1548-1824*, Sevilla, 1976.

Irache (Navarra)

IBARRA, Javier, *Historia del Monasterio y de la Universidad literária de Irache* (1938), Pamplona, Ediciones Artesanales Luis Artica Asurmendi (edição fac-simile), 1999.

Burgo de Osma

BARTOLOMÉ MARTÍNEZ, Bernabé, *La Universidad de Santa Catalina*, Burgo de Osma, Ayuntamiento de El Burgo de Osma, 1989.

Évora / Jesuítas em Portugal

CABRAL, António Machado de Faria de Pina, “O Colégio da Madre de Deus em Évora”, *IV Centenário da Universidade de Évora, actas do congresso internacional comemorativo*, Coimbra, 1967.

ESPANCA, Túlio, “Subsídios para a História do Antigo Colégio de S. Paulo”, *A Cidade de Évora*, Évora, ano X, nº31-32, Jan-Dez. 1953, p.183-186.

ESPANCA, Túlio; *Inventário Artístico de Portugal, tomo VII – Concelho de Évora*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1966, Vol. I, p.71-91.

FRANCO, António, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra*, Évora, Oficina da Universidade, Tomo I, 1719.

LOBO, Rui; *O Colégio-Universidade do Espírito Santo de Évora*, Évora, CHAIA / Universidade de Évora, 2009.

LOBO, Rui, “Jesuit school courtyards at Évora and Coimbra and their secular origin and function”, in *Architectura Moderna*, num.9 (Krista de Jong; Piet Lombaerde Eds, *Public Buildings in Early Modern Europe*) Turnhout, Brepols Publishers, 2010, p.297-306.

MARTINS, Fausto Sanches; *A Arquitectura dos primeiros colégios jesuítas em Portugal, 1542-1579*, Porto, tese de Doutoramento apresentada à FLUP, edição policopiada do autor, 1994.

RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Porto, Apostolado da Imprensa, 4 vols., 1931-1950.

TELES, Baltasar, *Chronica da Companhia de Iesu da Província de Portugal*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 2 vols., 1645-47.

VELOSO, José Maria Queirós, *A Universidade de Évora. Elementos para a sua história*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1949.

Orihuela

BÉRCHEZ, Joaquin; **JARQUE**, Francesc, *Arquitectura Renascentista Valenciana (1500-1570)*, València, Bancaixa Obra Social, 1994.

MARTÍNEZ GOMIS, Mario, “La Universidad de Orihuela”, in Mario Martínez Gomis, Pilar García Trobat, *Historia de las Universidades Valencianas*, Alicante, Instituto de Cultura «Juan Gil-Albert», 1993, Vol. II, p.7 e seguintes.

NAVARRO, R.; **VIDAL**, J., “Convento de Santo Domingo” in Joaquín Bérchez, Gómez (Coord.), *Catálogo de monumentos y conjuntos de la Comunidad Valenciana*, València, Conselleria de Cultura, Vol.I, 1983, p.672-676.

SANCHEZ PORTAS, Javier, “El Colegio de Santo Domingo de Orihuela (I – trazas, portada y claustro de la universidad)”, *Archivo de Arte Valenciano*, Valencia, Ano LXVI, 1985, p.47-53.

Girona

TORROELLA, Joan B., *El Estudi General ó Universitat Literària de Girona*, Girona, Librería de P. Torres, 1906.

SOBREQUÉS I CALLICÓ, Jaume; *Els estudis universitaris a Girona al llarg de la història*, Girona, Col·legi Universitari de Girona, 1978.

Oviedo

BENITO RUANO, Eloy; "La fundación del Colegio de «San Gregorio» de Oviedo", in *Actas del Simposio Valdés-Salas (1968)*, Oviedo, Universidad de Oviedo, 1968, p.233-252.

PASTOR CRIADO, Maria Isabel; *La arquitectura clasicista en Asturias 1570-1640*, Oviedo, tese doutoral inédita apresentada à Universidade de Oviedo, 1993.

QUIJADA ESPINA, Ana, **VÁZQUEZ-CANÓNICO COSTALES**, Sara (Coord.); *Bienes culturales de la Universidad de Oviedo*, Oviedo, Universidad de Oviedo, 2004.

RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, Ramón; *La biblioteca de la Universidad de Oviedo 1765-1934*, Oviedo, Universidad de Oviedo, 1993.

Ávila

GÓMEZ-MORENO, Manuel, *Catalogo Monumental de la Provincia de Avila*, Avila, Institución «Grande Duque de Alba» / Dirección General de Bellas Artes y Archivos, 3 vols., 1983.

HERRÁEZ HERNÁNDEZ, José María, *Universidad y Universitarios en Ávila durante el Siglo XVII. Análisis y Cuantificación*, Ávila, Institución «Grande Duque de Alba», 1994.

Tarragona

SERRES SENA, Eduardo, "Historia de los edificios de la Universidad y Seminario Conciliar de Tarragona (1572 a 1881)", *Boletín Arqueológico de la Real Sociedad Arqueológica Tarraconense*, Tarragona, Año 51, Época IV, Enero-Marzo 1951, p.21-75.

NEGERUELA, Iván, "Dos importantes planos de Tarragona en el Archivo de Simancas", *Quaderns d'Història Tarraconense V*, Tarragona, Diputació Provincial, num.57, 1985, p.59-75.

OLIVÉ SERRET, Enric; **PRATS BATET**, Josep M., *Història del estudis universitaris a Tarragona: un trajecte de vuit-cents anys*, Tarragona, Universitat Rovira i Virgili, 1998.

Saragoça

AAVV, *Historia de la Universidad de Zaragoza*, Madrid, Editora Nacional, 1983, p.183-203.

BORAO, Geronimo, *Historia de la Universidad de Zaragoza* (1868), edição fac-similada, Zaragoza, Mira, 1987.

FRAYLLA, Diego; *Lucidiario de la Universidad y Estudio General de la Ciudad de Zaragoza*, (c^a 1603), Edição de Angel Canellas Lopez, Saragoça, Diputació Provincial / Instituto «Fernando el Católico», 1983.

GARCIA GUATAS, Manuel, **MARTIN ROYO**, Teresa; "El Colegio Universitario de San Nicolás de Tolentino en Zaragoza", *Artigrama*, Saragoça, num.2, 1985, p.111-130.

JIMÉNEZ CATALÁN, Manuel, **SINUÉS URBIOLA**, José; *Historia de la Real y Pontifica Universidad de Zaragoza*, Saragoça, La Académica, 2 tomos, 1922-1923.

MONCLÚS FRAGA, Francisco Javier, "Zaragoza", in **AAVV**, *Atlas Histórico de Ciudades Europeas – Península Ibérica*, Barcelona, CCCB/Salvat, 1994, p.239-265.

PALÚ, Maria Dolores; "La vida académica: los colegios mayores, la docencia y la investigación", in **AAVV**, *Historia de la Universidad de Zaragoza*, Madrid, Editora Nacional, 1983, p.183-203.

SOLANO COSTA, Fernando, "La Universidad de Zaragoza en la Edad Moderna", in **AAVV**, *Historia de la Universidad de Zaragoza*, Madrid, Editora Nacional, 1983, p.53-238

SAN VICENTE, Angel; *Monumentos diplomáticos sobre los edificios fundacionales de la universidad de Zaragoza y sus constructores*, Saragoça, Diputació Provincial / Instituto «Fernando el Católico», 1981.

El Escorial

KUBLER, George, *Building the Escorial*, Princeton, Princeton University Press, 1982.

WILKINSON-ZERNER, Catherine, *Juan de Herrera. Architect to Philip II of Spain*, New Haven / London, Yale University Press, 1993.

Burgos

IBAÑEZ PÉREZ, Alberto C., *Arquitectura civil del siglo XVI en Burgos*, Burgos, Caja de Ahorros Municipal de Burgos, 1977.

PORRES GIL, Concepción, "El colegio de San Nicolás de Burgos, reflexiones a su estudio", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, Tomo LXIII, 1997, p.349-358.

ROKISKI LÁZARO, María Luz, "Juan de Rasines, tracista del convento de Santa Clara de Briviesca y del colegio de San Nicolás de Burgos", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, Tomo LXII, 1996, p.317-320.

Anexos

ANEXO I (capítulos 1.1. e 2.1)

Boncompagno da Signa, c.1235

Excerto da *Rethorica Novissima*¹

Texto Latino: ²

“Domus scholasticae disciplinae in (aere) libero et puro construatur. Remota sit a frequentationibus mulierum, a clamoribus fori et equorum strepitu, a navigio, a latratu canum, a nocivis rumoribus, a curruum tremore. Longitudinem et latitudinem habeat coaequalum. Fenestrarum quantitas in ea taliter ordinetur, quod non sit ibi plus vel minus luminis quam natura ipsa requirat. Habitaculum autem in superiore parte consistat. Iterum non sit nimis altum neque nimium pavimento incumbat, quoniam utrumque memorialem offendit. Sit a pulvere et ab omni labe mundata. Nec sint in ea imagines aliquae vel picturae, nisi forte illae quae per imaginationem, id est per imaginarias formas et figuras notabiles reductiones faciant ad memoriam super scientiis in quibus ingenia exercentur. Sed omnes parietes consistorii colore vel lumine viridi adornentur. Unicus sit ingressus, et scalae non sit laboriosae ad ascensum. Sedes magistralis in altiori gradu consistat et taliter praemineat quod doctores ingredienti possint directe videri et videri. Duae autem fenestrae vel tres taliter disponantur quod magister interdum, et maxime in amoeno tempore, valeat exteriores partes, arbores et hortos et pomeria intueri, quoniam in visione rerum delectabilium memoria roboratur”.

Tradução para português: ³

“(...) Seja a casa da disciplina escolástica construída ao ar livre e puro. Seja afastada da presença das mulheres, do clamor de fora e do barulho dos cavalos, da navegação, do ruído dos carros. Tenha igual o comprimento e a largura. Seja a quantidade de janelas disposta de tal forma, que não haja mais

¹ **BUONCOMPAGNO DA SIGNA**, *Rethorica Novíssima*, Manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana, Borghese 97, de 1235.

² **Anneliese MAIER**, “Un manuale per gli studenti di diritto in Bologna del sec. XIII-XIV”, Archiginnasio, Bolonha, n.44-45, 1949-50, p.161-169 (p.165).

³ Agradecemos ao Professor José Luís Brandão, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a tradução do texto latino para português.

ou menos luz do que a própria natureza requer. Mas o ‘habitação’ seja reunido na parte superior; e, por sua vez, não seja demasiado alto nem se “debruce” em demasia sobre o pavimento, pois quer uma situação, quer a outra prejudica a memória. Esteja limpa de pó e de toda a degradação. Não haja nela retratos ou quaisquer pinturas; a não ser, por acaso, aquelas que através da representação, isto é por formas imaginárias e figuras famosas, façam voltar a memória sobre as ciências nas quais se exercitam os espíritos. Mas todas as paredes do consistório sejam ornadas ou iluminadas de cor verde. Haja uma só entrada e não sejam fatigantes as escadas para subir. Esteja a cadeira dos professores fixada num degrau mais alto, e apresente-se de tal modo acima que os doutores, ao entrarem, possam ver directamente e ser vistos. Por outro lado, estejam de tal modo dispostas duas ou três janelas que o professor possa, de quando em vez, sobretudo quando o tempo está bom, contemplar o exterior: as árvores e os jardins e os arredores, uma vez que a memória se robustece com a contemplação das coisas deleitáveis da natureza”.

Comentário e tradução parcial para italiano: ⁴

“In questo complesso di consigli vengono date anche norme esatte per l’organizzazione di un collegio, affinché l’ambiente possa garantire le condizioni favorevoli per un Studio fruttuoso [...].

La casa dunque deve sorgere in mezzo ad aria libera e buona, lontana da ogni compagnia femminile e da tutti i rumori che disturbano. La grandezza dei locali, la disposizione delle finestre, l’altezza del soffitto, tutto è esattamente studiato. Poi la casa deve essere linda e senza polvere, non deve contenere quadri, o tutt’al più tali che si riferiscano alle varie scienze. Le pareti dell’auditorio devono essere colorate in verde o illuminate di luce di questo colore, sempre al fine de creare le condizioni migliori per la memoria. Per i professori poi si provvede in modo particolare: la loro cattedra deve essere elevata, in modo che entrando possano vedere ed esser veduti direttamente; le finestre vanno disposte in maniera tale da permettere uno sguardo sui giardini e sui paesaggio vicino, cosa che, specialmente con tempo bello, ha buon influsso sulla

⁴ Anneliese MAIER, “Un manuale...”, 1949-50, p.165-166.

memoria. Insomma abbiamo qui un divertente esempio di igiene edilizia del medioevo”.

Comentário e tradução parcial para castelhano: ⁵

“La casa destinada a servir de escuela debe construirse en sitio donde se goce del aire libre y puro, lejos de la fácil asiduidad de las mujeres, del alboroto de la plaza, del pisoteo de los caballos y del chirrido de los carros, del ladrido de los perros y de cualquier ruido molesto”.

⁵ **Amadeo SERRA DESFILIS, Matteo Gattapone, arquitecto del Colegio de España**, Real Colégio de España, Saragoça-Bolonha, 1992, p.117.

ANEXO II (capítulo 1.2)

Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso⁶

Segunda Partida

Titulo XXXI: *De los estudios en que se aprenden los saberes, e de los maestros: e de los escolares*; [fol 114-116]

De como el rey, e el pueblo deve~ amar e guardar la tierra en q bive~, poblandola, e amparandola de los enemigos, diximos asaz cõplidamente, en los titulos ante deste. E porq de los omes sabios, los omes e las tierras e los reynos se aprovechan, e se guardan, e se guian, por el consejo dellos porende queremos en la fin desta partida, fablar de los estudios, e de los maestros, e de los escolares, q se trabajan de amostrar e daprender los saberes. E diremos primerame~te q cosa es estudio. E quãtas maneras son del, e por cuyo mandado debe ser hecho. E q maestros deven ser los q tiene~ las escuelas en los estudios, e en q lugar deven ser establecidos, e q privilegio, e q honrra deve aver los maestros, e los escolares, q leen e q aprenden cotidianame~te. E despues fablaremos de los estacionarios q tiene~ los libros e de todos los omes e cosas q pertenescen al estudio general.

Ley I. *Que cosa es estudio, e quantas maneras son del, e por cuyo mandado deve ser fecho*. [fol 114-114vº]

“Estúdio es ayuntamie~to de maestros e de escolares que es fecho en algun lugar, cõ volu~tad, e entendimie~to de aprender los saberes. E son dos maneras del. La una es a que dizen estudio general, en q ay maestros de las artes assi como de Gramatica, e de Logica, e de Retorica, e de Aritmetica, e de Geometria, e de Astrologia. E otrosi en que ay maestros de Decretos, e señores de leyes. E este estudio deve ser establecido por mandado del Papa o de Emperador, o del Rey. La ii manera es, a q dize~ estudio particular q qere tãto dezir como quando algun maestro muestra e~ algu~a villa apartadame~te,

⁶ **Alfonso X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso el nono***, nuevamente glosadas por el licenciado Gregório Lopez (1555), 4 Tomos, Valladolid, Casa de Diego Fernandez de Córdova, 1587-1588.

a pocos escolares. E atal como este puede~ mãdar fazer perlado o concejo de algun lugar”.

Ley II. *En que logar se deve ser establecido el estudio, e como devem ser seguros los maestros. [fol 114vº]*

“De buen ayre, e de fermosas salidas, deve ser la villa, do quisieren establecer el estudio, porque los maestros, que muestran los saberes, e los escolares, que los aprienden, vivan sanos en el: e puedan folgar e recibir plazer, en la tarde, quando se levantaren cansados del estudio. Otrosi, deve ser abõdada de pã e de vino, e de buenas posadas, en que puden morar, e passar su tiempo, sin gran costa. Otrosi, dezimos, q los cibdadanos de aquel logar do fuere fecho el estudio, deve mucho guardar, e honrrar, e los maestros e a los escolares, e a todas sus cosas. E los mensajeros que viene~ a ellos, de sus lugares, e no los deve ninguno pre~dar, nin embargar, por debda que sus padres deviessen, nin los otros de las tierras, donde ellos fuessen naturales. E aun dezimos, q por enemistad, nin por mal querencia, q algun ome oviesse contra los escolares, o a sus padres, no los deve fazer deshõrra, nin tuerto, nin fuerça. E pore~de mãdamos, q los maestros, e los escolares, e sus mensajeros, e todas sus cosas seã seguras, e atreguadas, en viniendo a las escuelas, e estando en ellas, e yendo a sus tierras. E esta segurãça los otorgamos, por todos los logares, de nuestro señorio. E qualquier que cõtra esto fiziere, tomándole por fuerça, o robãdole, lo suyo, deve ge lo pechar quatro doblado e si lo firiere, o deshõrrare, o matare, deve ser escarmentado cruelmente, como ome, que quebrãta nuestra tregua, e nuestra segurãça. Mas si por ve~tura, los judgadores ante quien fuesse fecha esta q~rella fuessen negligentes, en fazerlas derecho assi como sobredicho es, de lo suyo lo deve~ pechar, e ser echados de los officios, por enfamados. E si maliciosame~te se moveissen cõtra los escolares, nõ queriendo fazer justicia, de lo que los deshõrrasem, o firiessen, o matassen, estõce, los officiales que esto fiziessen deve~ ser escarmentados, por alvedrio del Rey”.

Ley III. *Quãtos maestros deve~ ser en el estudio general, e a q plazos deve~ ser sus salarios, e de como deven de ser pagados. [fol 114 vº]*

“Para ser el estúdio general cõplido, quãtas son las scientias tãtos dven ser los maestros, q las muestren, assi q cada una dellas, aya un maestro al menos. Pero si para todas las scientias, nõ pudiessen aver maestro, abõda q aya de Gramatica, e de Logica, e de Retorica, e de leyes, e Decretos. E los salarios de los maestros deve~ ser establecidos por el rey señalãdo ciertame~te quãto aya cada uno segu~ la scie~cia que mostrare, e segu~ q fuere sabidor della. E aquel salario que ovieren de aver cada uno dellos, deven gelo pagar ‘en tres vezes’, La una parte les deven dar luego q començaren el estudio. La segu~da por la pascua d ressureciõ. La tercera, por la fiesta de sant Iohan baptista.

Ley IIII. *En que manera deven los maestros mostrar a los escolares los saberes. [fol 114vº-115]*

“Bien e lealmente deven los maestros mostrar sus saberes, a los escolares leyendo los libros, e faziendo gelo ente~der lo mejor que ellos pudieren. E de que començaren a leer, deven cõtinuar el estudio todavía, fasta que ayan acabado los libros, q començaren. E en quanto fuere~ sanos, nõ deven mãdar a otros, q leã en lugar dellos, fueras ende, si alguno dellos mãdasse a otro leer alguna vez, para le honrrar, e nõ por razõ de se escusar el del trabajo de leer. Mas si por ventura, alguno de los maestros enfermasse, después q oviesse come~çado el estudio, de manera, que la enfermedad fuesse tã grãde tan lue~ga, q no pudiesse leer, en ninguna manera, mãdamos, q le de den el salario, tambie~ como si leyese. E si acaesciesse q muriesse de la enfermedad, sus herederos deven aver el salario tambie~ como si leyesen todo el año.

Ley V. *En que logares devem ser ordenadas las escuelas de los maestros, e de los escolares. [fol 115]*

“Las escuelas de estudio general deven ser en un logar apartado de la villa, las unas cerca de las otras. Porque los escolares, que ovieren labor de aprender, ay na puedan tomar dos liciones, o mas si quisieren, e en las cosas que

dubdaren puedan preguntar los unos a los otros. Pero deven ser las unas escuelas tan apartadas de las otras, que los maestros non se embarguen, oyendo los unos, lo que leen los otros. Otrosi dezimos, que los escolares deve~ guardar, que las posadas o las casas, en que moraren los unos, no las loguen los otros en quanto en ellas moraren e ovieren voluntad de morar en ellas. Pero si entendiesse un escolar, q la casa en que morasse outro, non avia voluntad, de fincar mas, de fasta el plazo a que la avia logada, si el oviesse labor de la aver, deve le preguntar al otro que la tiene, si ha voluntad de fincar en ella del plazo adelante. E si le dixere que nõ, estonce puede lo logar, e tomar para si, e non de otra guisa”.

Ley VI. Como los maestros, e los escolares pueden fazer ayuntamiento, e hermandad entre si, e escoger uno que los castigue. [fol 115]

“Ayuntamiento e cofradias de muchos omes, defendieron los sábios antiguos, que non se fiziessen en las villas, nin en los Reynos, porque dello se levanta mas mal que bie~. Pero tenemos por derecho, que los maestros e los escolares, pueden esto fazer, en estudio general, porque ellos se ayuntan con entencion de fazer bien, e son estraños, e de logares departidos. Onde conviene que se ayunten todos a derecho, quando les fuere menester en las cosas que fuere~ a pro de sus estudios, e a amparãça de si mismos, e de lo suyo. Otrosi pueden establecer de si mismos, un mayoral sobretodos, que llamã en latin rector del studio, al qual obedezcã en las cosas convenibles, e guisadas, e derechas. E el rector deve castigar, e apremiar a los escolares, que non levanten vandos nin peleas, con los omes de los logares, do fuere~ los escolares, ni entre si mismos. E que se guarden en todas guisas, que non fagan deshonrra, nin tuerto a ninguno. E defenderles q nõ anden de noche, mas que finquen sosegados en sus posadas, e que punen de estudiar e de aprender, e de fazer vida honesta, e buena. Ca los estudios para esto fueron establecidos, e non para andar de noche, nin de dia armados, trabajandose de pelear, e de fazer otra locura, o maldad, a daño de si, e estorvo de los lugares do biven. E si contra esto fiziessen, estonce, el nuestro juez, los debe castigar, e enderezar, de manera que le quiten del mal, e fagan bien.

Ley VII. *Quales juzees deven judgar a los escolares.* [fol 115-115vº]

Los maestros que muestran las sciencias en los estudios, puedan judgar sus escolares en las demandas, que ovieren unos con otros, e en las otras que los omes les fiziessen, que non fuesen sobre pleyto de sangre e non les deven demandar: nin traer a juicio delante otro alcalde, sin su plazer dellos. Pero si les quisieren demandar, delante de su maestro: en su escogencia es de responder a ella o delante del obispo del logar, o delante del juez del fuero, qual mas quisiesse. Mas si el escolar, oviesse demanda contra otro que non sea escolar, estonce debe le demãdar derecho, ante aquel que puede apremiar al demãdado. Otrosi dezimos, que si el escolar es demandado, ante el juez del fuero, e non alegare su privilejo, diziendo que non debe responder, si non adelante, de su maestro, o ante el obispo, assi como sobredicho es, si respõdiere llanamente a la demanda, pierde el privilejo que avia, quãto en aquellas cosas sobre que respondio, e debe yr por el pleyto adelante, fasta que sea acabado, por aquel juez ante quien lo començo. Mas si por ventura, el escolar se quisiesse ayudar de su privilejo, ante que respondiesse ala demanda, diziendo q non queria, nin debe responder, si non ante su maestro, o delãte el obispo, e el le apremiasse, e le fiziessse responder a la demanda, estonce el que avia la demãda contra el, deve perder pore~de, todo el derecho, que avia en la cosa q le demandava. E el juez que assi lo apremiasse, debe aver pena porende por alvedrio del Rey, fueras si el pleyto fuesse de justicia, o de sangre que fuesse movido, cõtra el escolar, que fuesse lego.

Ley VIII. *Que honrras señaladas devem aver los maestros de las leyes.*

[fol 115 vº]

La ciencia de las leyes es como fuente de justicia, e aprovechase Della el mu~do, mas que otra sciencia. E porende los Emperadores que finieron las leyes, otorgaron privilejo, a los maestros de las escuelas, en quatro maneras. La una, ca luego que son maestros han nome de maestros de cavalleros, e llamaron los Señores de leyes. La segunda es que cada vegada que el maestro de derecho, venga delante de algun juez, q este judgando, debe se levantar a el, e saludarle: e recebirle, que sea cõsigo, e si el judgador contra esto fiziere,

pone la ley por pena, que le peche tres libras de oro. La tercera, que los porteros de los Emperadores, e de los Reyes, e de los principes, non les deven tener puerta, e nin embargarlas, que non entren ante ellos quando menester les fuere. Fuera ende, a las sazones, que estuviessen en grandes poridades. E aun estonce deven gelo dizer, como estan tales maestros a puerta, e preguntar si les mandan entrar o non. La quarta es, que sean sotiles, e entendidos, e que sepan mostrar el saber, e sean bien razonados, e de buenas maneras, e despues que ayan veynte años tenido escuelas d las leyes, deven haver honrra de condes. E pues que las leyes, e los Emperadores, tanto los quisieron honrrar, guisado es, que los Reyes los deven mantener en aquella misma honrra. E porende, tenemos por bien que los maestros sobredichos, ayan en todo nuestro Señorío, las hōrras que desuso diximos, assi como la ley antigua lo manda. Otrosi dezimos, que los maestros sobredichos, e los otros, que muestran los saberes, en los estudios, en las tierras de nuestro Señorío, que deven ser quitos de pecho, e nō son tenidos de yr en hueste, nin en cavalgada, nin de tomar a otro officio sin su plazer.

Ley IX. *Como deven provar al escolar que quiere ser maestro ante que le otorguen licencia. [fol 115 vº]*

Discipulo deve ante ser el escolar, q quiere aver hōrra d maestro. E desque oviesse bie~ aprendido, deve venir ante los mayores de los estudios, q han poder de les otorgar lice~cia para esto. E debe~ catar en poridad, ante que lo otorguen, si aquel que lo demanda, es ome de boa fama, o de buenas maneras. Otrosi, debe dar algunas liciones: de los libros de aquella scie~cia, en q quiere come~çar. E si ha buen entendimie~to del testo, e de la glosa, de aquella scie~cia, e ha buena manera, e desembargada lengua, para mostrarla. E si responde bie~ a las cuestiones, e a las preguntas, que le finieren, deven le despues otorgar publicamente honrra, para ser maestro, tomando jura del, que demuestre bien e lealmente su sciencia, e que nin dio nin prometio, a dar ninguna cosa, aquellos que le otorgaron licencia, nin a otro por ellos, porque le otorgassen poder, de ser maestro.

Ley X. Como todos los escolares del estudio ayan un mensajero a que llaman bedel, e qual es su officio. [fol 115 vº-116]

“La universidad de los escolares, deve aver su mensajero, a que llaman en latin bidellus. E su officio deste a tal non es si non andar por las escuelas, pregonando las fiestas por mandado del mayoral del estudio, e si acaesciesse que algunos quieren vender libros, o comprar, deven gelo dezir. E assi deve el andar, preguntando e diziendo que quie~ quiere tales libros, que vaya a tal estacion en que son puestos, e de que sopiere quien los quiere vender, e quales quieren comprar, debe traer la truxamania entre ellos lealmente. E otrosi pregone este bedel, de como los escolares, se ayunten en un lugar, para ver, e ordenar algunas cosas, de su pro comunalmente, o por fazer esaminar a los escolares, que quieren fazer maestros”.

Ley XI. Como los estúdios generales devem aver estacionarios, que se tengan tiendas de libros para exemplarios. [fol 116]

“Estacionarios ha menester que aya, en todo estudio general, para ser cumplido, que tenga en sus estaciones, buenos libros, e legibles, e verdaderos de testo, e de glosa, que los loguen a los escolares para fazer por ellos libros de nuevo, o para emendar los que tovieren escritos. E tal tienda o estacion como esta, non la debe ninguno tener, sin otorgamiento del rector del estudio. E el rector, ante que le de licencia para esto, debe fazer esaminar primeramente los libros de aquel que devia tener la estacion, para saber si son buenos, e legibles, e verdaderos. E aquel que fallare, que non tiene tales libros, non le debe consentir, que sea estacionario, nin logue a los escolares los libros a menos de ser bien emendados primeramente. Otrosi debe apreciarle el rector, con consejo del estudio, quanto debe recibir el estacionario por cada quaderno, que prestare a los escolares, para escrevir, o para emendar sus libros. E debe otrosi recibir buenos fiadores del, que guardara bien e lealmente todos los libros que a el fueren dados para vender, que non fara engaño ninguno”.

Fin de la segunda Partida.

ANEXO III (capítulo 1.2)

Código, Livro IV, Título XIII⁷

Nueva Constitución de Federico I

Habiendose hecho ciertamente sobre esta materia minucioso examen por los obispos, los abades, y los duques, por todos los jueces y por otros pròceres de nuestro sacro palacio, les concedemos a todos los escolares, que viajan a causa de sus estudios, y principalmente a los profesores de las leyes divinas y de las sagradas, este beneficio de nuestra piedad que vayan a los lugares en que se hacen los estudios literarios, asi ellos como sus mensajeros y habiten con seguridad en los mismos. Porque consideramos digno, que, mereciendo de todos modos nuestra alabanza y protección por hacer todos ellos cosas buenas, defendamos de toda injuria con especial afecto à aquellos con cuya ciencia se ilumina todo el mundo, y se amolda la vida se los súbditos à obedecer à Dios y à nosotros, ministros del mismo. Porque ¿quién no se compadecerá de los que habiéndose desterrado por su amor a la ciencia, y habiéndose convertido de ricos en pobres, se aniquilan à si mismos, exponen su vida a muchos peligros, y, lo que se ha de considerar cosa grave, con frecuencia soportan sin causa injurias corporales de hombres muy viles? Mandamos, pues, por esta ley general y perpetuamente valedera, que en lo sucesivo no haya nadie tan audaz que se atreva à inferir injuria alguna à los escolares, y que tampoco se les cause ningún daño por causa de delito ò de deuda de otrote la misma provincia, lo que hemos oído que por perversa costumbre se ha hecho algunas veces, debiendo saber los infractores de esta sacra constitución, y también los mismo gobernadores de las localidades, que hubieren descuidado castigar esto, que à todos ellos se les ha de exigir en el cuádruplo la restitución de las cosas quitadas, y, quedándoles impuesta de derecho la nota de infamia, sean privados para siempre de su dignidad. Mas si alguien les hubiere querido promover litigio sobre algún negocio, demándelos, habiéndoseles dado à los escolares la elección sobre este particular, ante su señor o maestro, ò ante el obispo de la misma ciudad, à los cuales les hemos

⁷ Ildelfonso GARCIA DEL CORRAL, *Cuerpo del Derecho Civil Romano* (Ed. de Kriegel, Hermann e Osenbrüggenn), Barcelona, Jaime Molinas, "Código", Tomo I, 1892, p.428-429.

dado esta jurisdicción. Pero el que hubiere intentado llevarlos à otro juez, aunque hubiere sido por justísima causa, decaiga de tal empeño. Y mandamos que esta ley sea insertada entre las constituciones imperiales, à saber, en el titulo Ne filius pro patre.

Dada en Roncalias, en el mes de Noviembre, año del Señor 1158.

ANEXO IV (capítulo 1.2)

Código, Livro XI, Título XVIII⁸

De los estudios liberales en la ciudad de Roma y en la de Constantinopla.

1. El Emperador Teodosio, Augusto y Valentiniano, César, à ... Prefecto de la Ciudad – Mandamos que todos los que usurpando para si los títulos de maestros acostumbraron a reunir en escuelas y clases publicas discípulos de cualquier parte recogidos, se separen de su ostentación al publico, de suerte que si alguno de ellos hubiere acaso intentado de nuevo, después de emitidas las resoluciones des esta divina sanción, lo que prohibimos y condenamos, no solamente sufra la nota de la infamia, que merece, sino sepa también que ha de ser expulsado de la misma ciudad en que ilícitamente ejerce. Mas a los que dentro de las casas de muchos acostumbraron à dedicarse privadamente à los mismos estudios no los prohibimos con amenaza alguna de esta naturaleza, si hubieron preferido consagrarse únicamente a los mismos discípulos a quienes enseñan dentro de las paredes de sus casas. Pero si del numero di estos fueren los que se ve que se hallan constituidos dentro de la aula del capitolio, tengan entendido que en absoluto les esta prohibida la enseñanza en las casas particulares, debiendo de saber que si hubieron sido hallados obrando contra estas divinas disposiciones, no conseguirán absolutamente nada de aquellos privilegios que merecidamente les están concedidos à los que se les mandó que enseñaron únicamente en el capitolio.

&1 – Tenga, pues, la escuela especialmente nuestra, en primer lugar, de aquellos à quienes los recomienda su conocimiento de la elocuencia romana, tres oradores y diez gramáticos; y en segundo lugar, de los que se conoce que sobresalen en la oratoria griega, tres sofistas e igualmente diez gramáticos. Y como no deseamos que solamente en estas artes sea instruida la gloriosa juventud, asociamos à los mencionados maestros también autores de más profunda ciencia y doctrina. Así, pues, queremos que se agregue à los ciros uno que inquiera los arcanos de la filosofía, y además dos que expongan las disposiciones del derecho y de las leyes, de suerte que su sublimidad haga que

⁸ Ildefonso GARCIA DEL CORRAL, *Cuerpo del Derecho Civil Romano* (Ed. de Kriegel, Hermann e Osenbrüggen), Barcelona, Jaime Molinas, "Código", Tomo II, 1895, p.614-615.

a cada uno se le asignen locales especialmente destinados, a fin de que los discípulos o los maestros no puedan perturbarse unos con otros, o para que la mezclada confusión de lenguas ó de voces no aparte del estudio de las letras los oídos o la inteligencia de algunos.

Dada en Constantinopla à 3 de las Calendas de Marzo, bajo el undecimo consulado de Teodosio, agosto, y el de Valentiniano [425].

Anexo V (capítulo 2.2)

Juan Ginés de Sepúlveda, *Brevis Collegii Descriptio*

Historia de bello administrato in Itália... 1542.

(Excerto da descrição do *collegio di Spagna*, escrita c^a 1522,⁹ traduzida do original latino para português)¹⁰

*“...O pequeno santuário, que foi dedicado a Clemente, eleva-se acima do resto do edifício: porque foi convenientemente edificado do lado setentrional [na realidade, a nascente] segundo a proporção do próprio (edifício), impõe-se à vista dos que entram na casa a partir da frente. No seu torreão mais elevado [emimentiore, deverá ler-se eminentiore], foi recentemente construído um relógio, que, em cada hora que passa, quer pela sineta, quer pelos ponteiros, adverte não só os estudantes, como um pouco mais amplamente, também a vizinhança. A sala de jantar [Triclinium], em frente ao pequeno santuário, na parte superior, ainda **há dezasseis anos** atrás era usada para as refeições; estando voltada ao meio-dia [poente], de onde, através de três janelas, verdejam os campos por muito tempo, tinha uma vista muito agradável sobre o monte Apenino, que, juncado de todo o tipo de árvores, se começa a elevar suavemente logo a seguir à própria cidade. Mas, pelo incómodo de transportar a comida por circuitos um tanto longos, desde a cozinha, que fica a oriente [sul], na parte inferior, até esta sala de jantar [Coenaculum], à qual se subia por vinte e seis degraus, esta cedeu a função a outras; e outra foi edificada, no ano da graça de **1506**, do mesmo lado, mas um tanto afastada para a direita de quem entra, quase da mesma forma e com o tamanho regular. Esta recebe a luz do meio-dia por duas janelas; do lado oriental, tem uma lareira, que, todo o Inverno, suaviza continuamente com o lume a sala de jantar [Triclinium], húmida e fria pela natureza da região. De resto, está rodeada de mesas de todos os lados, à excepção do lugar por onde se aparta uma despensa recentemente feita. Sob esta sala de jantar foi construída, nos últimos tempos,*

⁹ Reproduzida em Ignacio GONZÁLEZ-VARAS IBAÑEZ, *Dietro il muro del Collegio di Spagna*, Bolonha, Clueb, 1998, p.181-185 (o excerto traduzido encontra-se entre as p.181 e 182).

¹⁰ Agradecemos ao Professor José Luís Brandão, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a tradução do texto latino para português.

com muito trabalho e grande despesa, uma adega, ao mesmo tempo [simulet, deverá ler-se simul et] muito conveniente e muito bela, num lugar subterrâneo, mas coberta com uma abóbada de tijoleira(?): lançada a cloaca, pela via de Caesaraugusta, por onde a água, marejando, pela demora que até aqui tem tido a desejada obra, se derrama; e se vertem as imundícies dos tonéis. Todos os quartos de dormir, construídos em abóbada em baixo e em cima, estão divididos por paredes mais finas, mas de tijolo. Os que foram atribuídos aos teólogos estão voltados para o Oriente [sul], à excepção de um que dá para o Setentrião [nascente]; os dos médicos, para o Ocidente [norte]. Os que estudam direito pontifício [canónico] ou civil, como são de longe os mais numerosos, habitam [tentent, deverá ler-se tenent] assim quartos dispersos por toda a parte, em baixo e em cima, e, do mesmo modo, os mais adequados, indistintamente, segundo relação dos que estão livres. Uma Biblioteca comum, que pega com o pequeno santuário do lado do oriente, está repleta de livros não tão belos como exactos. Com efeito, uma grande parte deles são antiquíssimos, e manuscritos; e consta que de alguns destes o próprio Egídio fez uso, quando tratava das coisas humanas....”

Anexo VI (capítulo 2.7)

Archivo Historico Provincial Valladolid

Protocolos, legajo 3.416

Contrato entre o *colegio Mayor de Santa Cruz* e o mestre-de-obras Domingo de Ondategui, para a “*fabrica de las Galerias y Corredores y demas obra de dicho colexio*” (26 de Junho de 1744).

Entre parêntesis rectos estão excerto não transcritos por E. García Chico.¹¹

f.580.

Domingo Ondategui Maestro Arquitecto residente en esta ciudad

En favor

Del Colexio maior de St^a Cruz desta ciudad para la fabrica de las Galerias y Corredores y demas obra de dicho colexio

Sepaie como yo Domingo de Ontanegui Maestro Arquitecto Vezino de la villa de la Orra residente à el presente en esta Ciudad por mi echo proprio y en nombre de D. Jazinta de la Orra mi lexitima mujer [...]

*Digo, que con el motivo de aberse experimentado conozida quiebra y ruyna en las galerias y corredores principales del colegio mayor de Santa Cruz desta ciudad se me dio orden para rejustar y reconocer el daño ocasionado **desarmar los arcos y demás preciso de las dichas galerías apoiando los suelos con todo cuidado y haciendo planta y condiciones para la nueva obra** que de orden de los señores rector colexiales de dicho colexio mayor se avia de hacer y aviendo tenido varias juntas y conferencias ynformado de todo hize pliegos demonstrandolas y vistas consultadas por el dicho Colexio Maior se acordó quedase en mi...*

f.580v.

*...cabeza la referida obra y que haziendo obligación de levantarla arreglando **dicha traza** y condiciones que se me darian por el Colexio setenta y tres mil y quinientos reales de vellón y después aviendose determinado por dichos señores hazer otras nuevas obras me ofrecieron sobre la expresada cantidad hasta ochenta y cinco mil trescientos reales que es el todo en que de ultimo*

¹¹ **Esteban GARCIA CHICO**, “El claustro del Colegio de Santa Cruz de Valladolid”, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Tomo XXXIV-XXXV, 1969, p.351-355.

estado ofrecí hazer las obras referidas y para ello guardar y cumplir las condiciones siguientes:

- primeramente con condición que arreglado a lo que demuestra la planta y alzado sean de desmontar los texados de las dichas galerías con todo el cuidado que se pueda **y baxar y demoler el segundo cuerpo de dicha galería eszepto las quatro esquinas que estas se recalaran apoyando el primer suelo y el segundo** con todo cuidado (como ya se ha dado principio) y el talus de la primera galeria sea de quitar y poner de nuevo y algunas piedras que estuvieren deterioradas por el bajo de dicho talus aprovechando todas las que salieren de buena calidad y en dicha primera galería sean de poner aplomo todas las columnas que estuvieren desplomadas haziendo y poniendo los apoios que sean precisos y demoler los que fueren necesarios para que se pueda conseguirse la maior firmeza y seguridad.

- It. es condición que **se aian de volver a hazer las columnas del segundo y tercero alto como demuestra la traza siendo toda la pedra de la cantera de Campaspero aprovechando las que saliesen de buena calidad en el tercer alto** asentándolas todas con buena mezcla de cal y arena y el antepecho de los dichos corredores tambien ha de ser de la piedra de Campaspero lisa y con las molduras que muestra la traza abajo y arriba y bien labradas y atrincheradas, como **tambien sea de mudar la cornisa que está sobre la medianeria** y ponerla que sirva de coronación de dichas galerias y limpiándolas como si fueron nuevas y la cornisa que ahora permanece se quitara toda ella por estar demolida y no poderse aprovechar nada.

- It. es condicion que para **asegurar la armadura de la galeria de arriba a la pared de la librería** sean de meter de diez en diez pies unos canes con su quarto bocel y echar en ellos una funda para asentar las soleras y que deste modo sin dificultad quede permanente.

- It. es condicion que sean de hazer las quatro armaduras de buena madera de la tierra aprovechando la que saliere de buena calidad y dichas armaduras han de ser de tixera poniendo sus estrivos bien enfardados en los tirantes para que se estriben los pares todo bien ensamblado y las tixeras con buenos cortes [y bien ajustadas y a los extremos sus espigas y para la seguridad de los pares

por el mucho trecho se meterán unas sopandas a uno y otro lado en toda la circunferencia se cubrirán dichas armaduras con tabla sobradel sentados los pares de quatro y tres entramos. Y estos han de ser de quarta y (sesma?) todo bien afianzado con buen clavazón según (arte?).]

- Y retexando las referidas armaduras a texa doble y coxiendo sus boquillas y caballetes con buena mezcla de cal en buen tiempo [y si el Colexio determinase bolber a poren los colagones a plomo lo cumplise así pero soi de contra no se efectue por el mucho...

f. 581.

... peso y gasto sino que salgan las boquillas afuera que estando bien echas como uno(?) atescta(?) de cal durarian mucho tiempo y enguanto à esto haze lo que el Colexio determinase.]

*- It. es condición **que para subir a la tercera galeria sea de hazer escalera** empezando en el mazizo de la medianería subiendo por encima de la primera haziendo un cañón de media asta de ladrillo y dos pasos de piedra de Campaspero del mismo largo y ancho y alto que los otros metidos que uno y otro lado de las paredes sea de hazer sobre la dicha escalera otro cañón de boveda tabicado dandoles principio y rematandoles en quatro bovedas por arista que han de hazer a plomo de las mesillas y **se abrirá la puerta que a de estar a el desembarco ultimo** del mismo ancho y alto que la otra bien labrada de raso y **enlazada con las paredes antiguas.***

*- It. es condición que **los quartos sean de executar según muestra la planta** y las dimensiones y taviques sean de armar a modo de tixera poniendo dos machones de quarta y seis más de canto que desde los extremos vengán recibiendo el tirante del techo al medio para que nunca pueda blandear la mas lebe cosa y **las divisiones de los quartos de arriba an de ser las mismas y aplomo de las abaxo** y del mismo modo echas como también sean de unir [los últimos suelos de los dichos quartos con los de la última galería para maior seguridad y firmeza y el medianil que hazen los quartos con las galerías] sean de hazer unas raxas de cal y canto **desde el segundo techo asta recibir el tercero** que tenga quatro pies y medio de ancho con el grueso de dicha pared para que afianzen las escaleras de el último techo y las dichas raxas an de*

ponerse de doce en doce pies distantes una de otra y se advierte que **el ultimo suelo de las galerias a de ser de bovedillas** y del ancho de una tercia encascotada y la madera a de ser de quarta y tercia de Soria [Y si callaze en el primer techo y en el segundo algun tirante que tenga las cabezas podridas sea de meter de mi quenta quatro en cada un lienzo y se ubiere necesidad de poner más an de ser de quenta del Colex^o y unos y otros tanto nuevos como antiguos.

- It. Es condición que los rompimientos que se agan en los pisos sean de enladrillar asi en las galerias como en los quartos **y la Galeria nueva** tambien sean de enladrillar y se an de lusir las paredes antiguas con ieso blanco (vivo?) picando adonde ubiere necesidad para que queden iguales y Derechas y los tabiques nuevos sean de ejecutar de yeso (garena?) y sean de maestrar y arrear y lusir con yeso blanco y tambien todas las bobedillas de los quartos **y la misma demostración que ase el Alzado y planta** de uno de los lados sea de entender lo mismo por todos los quatro lienzos.

- It. Es condicion que el espacio de los doze pies que queda entre los pilares que reciben el tercero techo sean de masisar de Cal y ladrillo para que se sienten los nudillos y soleras como tambien se a de quitar toda la broza que saliere de la obra adonde no pueda estorbar en ninguna parte.

- It. Es condicion que aian de ser mi quenta todos los materiales que fueren necesarios para ejectuar dicha obra y reparos como el afianzar compiensa esta circust^a a favor del Colegio.

f.581v.

Asi mismo es condicion que las puertas que fuesen necesarias para dha obra con serraduras asi en las interiores como en las exteriores an de ser de mi quenta.]

- It. Es condicion que aun se advierte que la puerta de la escalera ha de ser lisa ha de tener las molduras correspondientes como la que tiene la del desembarco del primer techo y tambien es condición **que los escudos que están en el primer cuerpo sean de mudar al segundo y las cruces en el primero y tercero.**

*[- It. Es condicion que se haia de hazer de bobedilla **el segundo suelo** poniendo sus bigas de tercia y quarta de la misma forma que esta expresado **el suelo de arriba** y las bigas bien asoladas y repilladas y asi mismo en los costados que tiene la dicha galeria se han de hacer sus arcos de ladrillo de medio punto para que reciben las soleras y se lebantaran las rajas antiguas àsta ànivelar con la solera del techo antiguo.*

- It. Es condicion que qualequieras ventanas que mandasen abrir dichos sres Rector y colegiales àn de ser a el precio de setenta y sinco rs. Esto se entiende en las paredes maestras y se pondra ventana con sus dos (gomes?) Esto de emcargos y si quisieren dichos sres reja y vidriera ha de ser a su costa.

- It. Es condicion que no se haia de aser mejora ninguna sin consentimto del Colegio y ajustando primero cualesquiera que se considerase necesitasse p^a dha obra.]

Asi mismo es condicion que si ubiere alguna ventana que tuviese poca luz sea de abrir lo que fuera necesario como el que todos los quartos que se hicieren han de ser de la forma que està hecho en el quarto inmediato a el rectoral con su alcoba lacerillas y cancela.

*- It. Es condicion aberse **de hazer la escalera de la zerimonia nueva para el ultimo techo de la galeria** y mudar la escalera del refectorio componiendola de modo que el quarto inmediato pueda tener la misma conbeniencia que los demás; [Concuias condiciones su **planta y alzado** aprovechándome de los despojos y materiales y dando Concluida la obra p^a ultimos de Otre. del àno que viene de mill setecientos y cuarenta y zinco y **los quartos que estan en la acera Del rectoral altos y baxos** dandolos concluidos para ultimos de Oct.re deste presente ano de quanda y quatro [1744] e de mi obligaci3n hacerlo todo en Cantidad de ochenta y Zinco mill y trezentos reales de vellon que se me an de dar por dichos señores Rector y Colegiales segùn vaia adelantando la obra con lguadad.*

- Asi mismo es condicion que si por el Colexio pendiente la obra se determinase...

f.582.

...alterar alguna condicion a causa de comprenderse poder ser mas util haciendose en otra forma se ade ejecutar por mi y aumentar a proposion el equivalente que considerarse arreglado à el maior trabaxo ò coste q con la nobedad àcaresiese como en caso de diminucion se a de baxar dicho coste a proporcion.]

It. Y en consecuencia a todo lo que viene referido que apruebo y ratifico yo el dicho Domingo de Ondategui por mi echo propio y en nombre de dicha doña Jazinta de la Orra mi lexitima mujer otorgo que me obligo [con mi persona y bienes y obligo los de dicha mi mujer unos y otros muebles y raices] [...]

a hacer dicha obra y darla perfectamente acabada a satisfacion de los señores Rector y Colexiales del Maior de Santa Cruz desta ciudad arreglado a las condiciones que vienen ynsertas y sin que falte cosa alguna a los tiempos y en la forma que en esta escriptura se declara dandoseme por los dichos señores los referidos ochenta y cinco mil y trescientos reales de vellon de su coste principal en los tiempos que en continuación de dicha obra fueren pidiendo según lo que en ella se experimentase hir adelantando asta que llegue al caso de la perfeccion de ella que a de ser en los ultimos de Octubre de dicho año de mil setecientos y quarenta y cinco por ser conforme lo capitulado [...]

f.582v

[...]

f.583

una y otra parte lo otorgaron ante mi el escribano en este Colexio Maior de Santa Cuz a veinte y seis de junio de mil setecientos cuarenta y quatro siendo testigos Balthasar Prieto Lucas Martinez y Lucas Carredo vecinos y residentes en ella y los señores Rector y Consiliarios otorgantes a quien doy fee conozco lo firmaron conforme a estilo y tambien lo firmó el expressado Domingo de Ondategui Maestro Arquitecto residente en esta ciudad a quien así mismo doy fee conozco.

Anexo VII (capítulo 3.2)

De disciplinis (1531), livro segundo, capítulo primeiro.¹²

“EMPLAZAMIENTO DE LAS ESCUELAS. QUIÉNES DEBEN SER ELEGIDOS PARA LA PROFESIÓN DE LA ENSEÑANZA, CON QUÉ PROCEDIMIENTO SELECTIVO Y CUÁLES HAN DE ALICARLO. RETRIBUCIÓN O SALARIO DE LOS MAESTROS. RÉGIMEN ECONÓMICO DE LAS ESCUELAS”.

“Impónese ya tratar, singularizando, del qué, del como, en qué grado, por quiénes, en qué locales ha de darse cada una de las enseñanzas. En todos estos extremos lo primero que hay que considerar es que la institución de la enseñanza se muestre en toda su pureza, porque las buenas costumbres no se corrompan o se entorpezcan y empañen. Paréceme que de lo primero que debo tratar es del local, pues en el establecimiento de la escuela es lo primero que requiere atención. Lo primero que ha de precaverse es la salubridad del lugar, no sea que muy pronto los escolares tengan que desertar por temor de epidemias. Todos sus discípulos abandonaron a Alexino, filósofo eliense, aun cuando merecía su entusiasta aprobación y era mucha la complacencia con que le oían, porque enseñaba en un local malsano y con una gran penuria de las muchas cosas necesarias para este menester. Pero no por obviar ese inconveniente escogeré yo un lugar de mucha lozanía y amehidad que convide a los escolares a salidas frecuentes, si ya no fuere que se han de cultivar disciplinas de apacible contentamiento, como la poética, la música, la historia. Yo pienso que esa huraña condición del cielo fué adrede buscada por Platón en las cercanías de Atenas; pues si lo que procuró fué la insalubridad, no seré yo quien apruebe su consejo, pues es menester que gocen de buena salud quienes han de poner honradez, diligencia y afán en el estudio de las diferentes disciplinas.

Hase luego de mirar que haya fácilmente asequible abundancia de alimentos sanos, no sea que los talentos bien dotados, por escasez de médios, se vean obligados a renunciar al cultivo de las letras, a las que se consagrarían con

¹² **Juan Luís VIVES, *Obras Completas* (Edição de Lorenzo Riber), Madrid, Aguilar, Tomo II, 1948, p.551-555.**

gran aprovechamiento suyo y de muchos, siendo así que son hartos más los estudiantes pobres que los ricos a quienes la Fortuna loca descamina por aficiones diversas como la montería, el caballismo, la milicia, el juego, la lujuria, la vida regalada, en fin, para cuya consecución piensan tener en las riquezas holgadas posibilidades. Esté además el lugar apartado de toda concurrencia, especialmente de artesanos, que en sus faenas respectivas hacen grandes estrépitos y ruidos, como son los carpinteros, los herreros, los albañiles, todos aquellos, en fin, que blanden martillos o manejan ruedas, tornos y peines en la industria textil; pero no esté en sitio totalmente despoblado porque no carezcan de testigos y aun de espectadores los posibles escolares delincuentes. Yo querría que los moradores de esa población escolar fueran serios, honrados, merecedores del respeto de la grey estudiantil; no taberneros, no maleantes que los empujen a malas artes, no avarientos ni afanosos del pequeño lucro, tales como son aquellos que con una voz griega se denominan micrólogos, que son la polilla peor que puede tener el estudio. Estén también lejos de la corte y de la vecindad de mujeres mozas. Los cortesanos, con su ociosidad y malas artes, tientan los ánimos poco advertidos y fácilmente los arrastran, tiernos como son y flexibles a cualquiera torcedura. Las muchachas, con su atractivo, seducen aquella edad, expuesta a la blanda pestilencia de los amoríos.

Lo más cuerdo sería instalar el colegio fuera de la ciudad, especialmente si fuere marítima o sus moradores se dedicaren al comercio, siempre que no se escogiere el sitio por donde acostumbran los ociosos ir a pasear su aburrimiento. Ni tampoco esté a la vera de un camino público, porque la atención de los escolares no se distraiga con la cambiante novedad de los yentes y de los vinientes. Ni tampoco esté en sitios fronterizos, que suelen estar ocasionados a guerras, porque esa alarma y sobresalto continuo no les roben la quietud necesaria para el estudio. Establézcase en cada provincia una, digamos academia. Cuando digo provincia, entiendo decir no la comarca acotada por límites naturales, como son montes, ríos, mar, sino que esté sujeta a una misma autoridad política, por evitar que los jóvenes, si quedan cerradas las fronteras por una guerra vecina, con peligro personal suyo o con el cuidado

y la ansiedad de los suyos, resulte que estudien en un reino ajeno o se vean obligados a suspender con muy grandes gastos los estudios comenzados en buen agüero. Que nadie se extrañe de que con tanta minuciosidad se busque el lugar donde nazca y crezca la sabiduría, cuando con cuidado tal buscamos el sitio donde poner la colmena a las abejas que nos han de dar su miel, precio harto menor que el de la sabiduría.

Pero muchísima más importancia que el emplazamiento dei edificio escolar tiene el factor hombre. Por esta consideración, posean los Maestros, no sólo la debida competencia para instruir bien, sino que tengan la facultad y destreza convenientes, y brillen por la pureza de sus costumbres. Su primer cuidado debe ser no decir ni hacer cosa que pueda desedificar o escandalizar al que les oyere, ni realizar nada que no pueda imitarse a ojos cerrados. Si tienen algún vicio, o pongan el más enérgico empeño en sacudírselo de sí, o - recurso éste muy por bajo de aquel primero, radical - absténganse de él con diligencia y valentía en presencia del discípulo, pues es cosa inevitable que el discípulo se componga y acomode al ejemplo de su maestro.

No será simplemente de costumbres probadas el maestro, sino. que, además, será prudente. Tenga el ingenio apropiado al arte que profesa y ai linaje de oyentes que recibió para sü instrucción a fin de que cuanto mejor él la enseñe, con tanto mayor aprovechamiento la reciban los alumnos. Verbigracia, no sea el gramático enojadizo; ni sea el médico tan porfiado que no quiera ceder ante quien demuestra saber más que él; ni sea arrogante ni de costumbres desordenadas el filósofo moral. La prudencia, rectora de la vida, posee fuerzas muy válidas y eficaces para la enseñanza recta y para. la corrección de los vicios y para la reprensión y el castigo, cuando el castigo se impone y en el grado que se impone. Mucho consigue el maestra cuando aplica sus recursos en su lugar, en su hora, a su modo. Todo lo intempestivo es odioso y es ineficaz. Bueno sea el maestro y enámorado de las buenas letras, pues como hombre estudioso enseñará con gusto por ejercitarse, y como hombre bueno, para hacer bien a los otros. Tendrá para con sus discípulos un afecto de padre, por manera

que ellos le estén en lugar de hijos y no tendrá cuidado alguns de los rendimientos que le proporcionen ellos o su profesión. No se enseña bien nunca la disciplina que se vende. Dice Jenofonte en sus Comentarios que Sócrates lo que más cuidó de evitar fué esto. Dos son los vicios que deben andar muy lejos de toda erudición y de todo erudito: la avaricia y la ambición de honras, que ai paso que vician las artes, atraen el desdén sobre los letrados y sobre las letras, pues empujan a las personas doctas a verdaderas indignidades, digo, a suscribir ajenos pareceres necios y absurdos; a conceder entrada libre en las disciplinas y en los honores de la doctrina a cosas que son el desdoro y la deshonor de las artes; a sostenerse con pertinacia en la falsedad y a preferir verlo todo trabucado y perdido antes que confesar su vencimiento o su ignorancia de algún punto y, finalmente, a hacer, decir, buscar, cazar, no lo que ayuda a la sana doctrima y a las buenas costumbres, sino las tretas por las cuales puedan cosechar dinero o gloria. De ahí nacen alevosías, riñas, perjurios, odios y, en fin, en último término, partidismos y sectarismos defendidos a capa y espada, desesperada y fanáticamente. ¿Cómo regirá bien a los discípulos quien de ellos esperase alabanzas o pagas pingües?

Arránquese, pues, de las escuelas toda ocasión e incentivo de lucro. Perciban los doctores un saláio del dinero público, medido con tal templanza, que colme los deseos del bueno y los ascos del malo, porque lo resulte que si fuere opíparo, los malos y los presuntuosos se cuelen en la enseñanza, por avidez del logro, y los ilustrados y buenos, que no saben o no quieren ambicionar, sean de ella excluídos. Nada reciben de los escolares, porque no los capten o por la esperanza de su aportación de dinero los traten con mayor flojedad e indulgencia de las debidas, ni adquieran de los maestros, por compra, las subsistencias, sino que, hebdomadariamente, elijase uno de los compañeros que venga a ser como el racionero o mayordomo. Cuidé éste de comprar las subsistencias todos los días y, ai término de la semana, luego que hubiere rendido cuenta de los gastos, compruébelos escrupulosamente, con la añadidura de lo que debe darse a los criados por el servicio. La alimentación sea sencilla, sana, fácil de digerir. Estos alimentos dan salud ai cuerpo y

lozanía al espíritu. Remuévase toda ocasión de jactancia, de arrogancia, de altanero alarde. Para atajar ese inconveniente, sean. muy raras las, discusiones públicas, en las cuales lo que se ventila no es precisamente la verdad, pues no hay nadie que no de la razón a quien la tiene y con mejores argumentos la propugna; la alabanza del ingenio o de la destreza, y nada más, es lo que se busca. En esta porfía por la alabanza se enconan las disensiones, y los baldones, y las rivalidades y, lo que es peor, el ingenio hace armas contra la verdad, y para derribarla excava minas y la ataca con cuanta máquina y batería puede, con el desígnio triste de que la verdad sea por él vencida e igualada con el suelo, por no someterse él de buena gana a su manso y sereno império. Estas pugnas tan malvadas y tan impías no parecen bien en personas buenas simplemente, cuanto menos en sujetos que tengan cristiandad, cuyos afectos conviene que sean purísimos y dócilmente subordinados a la verdad, que es el mismo Cristo. En fin de cuentas, de estas pelamesas son muchos los que salen más cavilosos y más terços; más ilustrado y más mejorado, nadie en absoluto. ¿Será mejor o será peor que en ese colegio ideal que soñamos existan grados y distinciones académicas, según aquel aviso del Señor: No queráis ser llamados rabbi - que suena doctores, en romance-; uno solo es vuestro maestro? ¿Y que la función docente sea más bien cometido temporal que dignidad vitalicia? ¿Convendrá que actúe un tribunal permanente que discierna la aptitud o la ineptitud de los candidatos, midiéndolos con la misma medida? Aquellas palabras de Cristo refiérense a la doctrina del Cielo, de la cual El es el Maestro único. Así es que parece que lo que degeneró en abuso no debe ser extirpado radicalmente, sino corregido y reformado. No existen leyes suficientemente buenas si la malicia de los hombres se empeña en torcerlas a la satisfacción de sus pasiones. Con todo, se deben sancionar, hasta donde se pueda las mejores. Pero sean pocos los admitidos a los honores académicos, no sea que una dignidad de valor tan subido salga, envilecida por la multiplicidad, además de que crece y se engríe más la arrogancia de muchos, quienes, hinchados de una dignidad ficticia, se niegan a aprender de quien sabe más que ellos. Para obviar ese lance, aconseja el apóstol Santiago que no sean muchos los que quieran ser proclamados

maestros. Deténganse todos en cada una de las disciplinas un plazo fijo y razonable, no sea que haya alguno que habiendo degustado no más que a flor de labio la erudición, se atribuya a si mismo la importancia de todo el establecimiento docente y porque ha concluído el período, como se decía en los certámenes de Grécia. A los que son algo más tardos, concédaseles una discreta prórroga, pues no conviene que para todos el plazo sea igual. No habría cosa más desigual que aquella igualdad. Los que aprenden se llamarán estudiantes o aprendices. Luego, pasado un tiempo prudencial y trás de un examen, serán nombrados profesores. Profesarán la asignatura durante algún tiempo, ante un auditório concurrido, entre el cual se mezclarán de cuando en cuando personas que puedan formar juicio de lo que allí se diga. Si son aprobados, dejarán de ser profesores y serán nombrados doctores o maestros. De éstos, enseñarán los que buenamente pudieren; a estos les llamaremos maestros-profesores. Para éstos, en toda la Academia será el honor máximo. Y si alguno, por su impericia o por su vida estragada, aportare .deshonra a su doctorado, será publicamente degradado, no de otra manera que suelen serlo los funcionarios políticos.

Aquellos que sean promovidos al magisterio, séanlo no solamente por consideración de su doctrina, sino también por su moralidad. Toda doctrina a la cual no corresponda la conducta, resulta perniciosa y menguada. La buena conducta, aun no acompañada de doctrina, indudablemente es digna de elogio; pero no por ello es asumida para la enseñanza, pues no es el suyo aquel lugar, sino que lo tiene en otro sitio, y por cierto muy esclarecido y honroso. Los que sean designados para la función docente o reciben los honores académicos, no satisfagan cuota alguna, ni festejen su nombramiento con un banquete, ni con ninguna suerte de soborno capten el favor de los que les han de admitir a los grados honoríficos. Celebren si quieren el plausible motivo con una comida extraordinaria, pagada de sus propias asignaciones, en demostracion de regocijo; pero no se regocijen tanto que lleguen a olvidar que son candidatos a la sabiduría. Hagan profesores y maestros a quienes por su saber, por su juicio, por su moralidad me. rezcan enseñar a los otro y ser aprobados por la generalidad. Esos tales no serán desdoro de la enseñanza, ni

abusarán de ella con perversidad, ni perturbarán la quietud ajena, ni harán más aprecio del lucro, fuere el que .fuere, que gracias a él acarreen daños al bien público, dándole guías que a los que van a su zaga los conduzcan a precipicios y despeñaderos. Compadézcanse del género humano que anda a ciegas y sin valimiento por tan malos pasos y peligros. Acuérdense que el Maestro celestial dice a gritos para ellos: Vosotros sois la sal de la tierra; vosotros sois la luz del mundo, Y si-la lumbre se oscúreciere, ¿ quién podrá ver? Y si la sal perdiere su acrimonia, ¿quién salará con ella? Convivan, pues, los profesores y maestros, con descuido de la ganancia, ajenos a toda ostentación, buenos, doctos, prudentes en santa paz y concordia conscientes, de que llevan entre manos un negocio de Dios, para que se den ayuda mutua. Quien corre en ayuda de su hermano que se afana por la verdad, no ayuda al hombre, sino a la verdad, y muéstrase como ministro de|Dios, de quien deriva toda verdad o, mejor, que es la misma Verdad suma, pura, absoluta. Andarán muy lejos de todo sectarismo, de toda polémica, sabedores como son de que, en la ciencia, casi todo es incierto y oscuro, y que es locura rabiosa sentir aborrecimiento de un hermano tuyo por cosas no suficientemente averiguadas tanto para ti como para él, solo porque no sé qué apagadizo destello de verosimilitud alumbraba un poquito más a los unos que a los otros.

Los profesores no serán elegidos por los escolares, pues en ello ejerce influencia avasalladora la ambición del favor o del dinero. Ni son los estudiantes los más indicados para proponer los más útiles, sino los más simpáticos y los más populares, los más indulgentes, los que dieron o prometieron más o de quienes esperan mayor y más licenciosa condescendencia. ¿ Cuánto menos apruebo lo que me dicen que se hace. en determinadas instituciones docentes, a saber: que a una misma hora explican el mismo tema dos catedráticos a quienes dan el nombre de Concurrentes con demasiada exactitud: concurren, en efecto, y compiten y luchan y riñen con insultos, con amargos sarcasmos, con rabia feroz. Constitúyense en viles esclavos de auditorio, como en las tablas, del público teatral, el cual manifiesta sus preferencias, no por el personaje mejor, sino por el histrión mejor. No pueden los oyentes juzgar de lo que ignoran. Aquí se contiende con frenéticos

aplausos dei auditorio, para quien aquel desedificante pugilato es un espectáculo divertidísimo. Perecen en aquella baraja toda la consideración y el respeto debidos a los bravos contendientes; piérdese la tranquilidad del fecundo y tácito filosofar y el provecho de los estudios. Habitúanse, así maestros como discípulos, a la envidia, ai enojo, a la virulencia de la expresión, al desmandamiento en hechos y en dichos y a otros vicios fuertemente indecorosos para el hombre que se precia a si mismo. Y por toda esta serie de concausas llegan a la administración pública, al gobierno privado, a los consejos; a todas las funciones de la vida, ignorantes e ineptos, por culpa de su cerrilismo, en perpetua exacerbación, como de alimaña montesina. Sean, pues, los profesores elegidos y aprobados, no por los sufragios de la muchachada estudiantil, imperita y sin desbastar, sino por contados y sesudos varones profesionales de la enseñanza, conspicuos por su erudición y la limpieza de su vida”.